UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz
- Recife, junho de 2015 -

Um Teatro Quase Esquecido –
Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Pesquisa, textos e organização geral
Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa
Kátia Ivo e Cleide Silva

Secretariado
Elivânia Araújo

Revisão
Leidson Ferraz e Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação
Claudio Lira

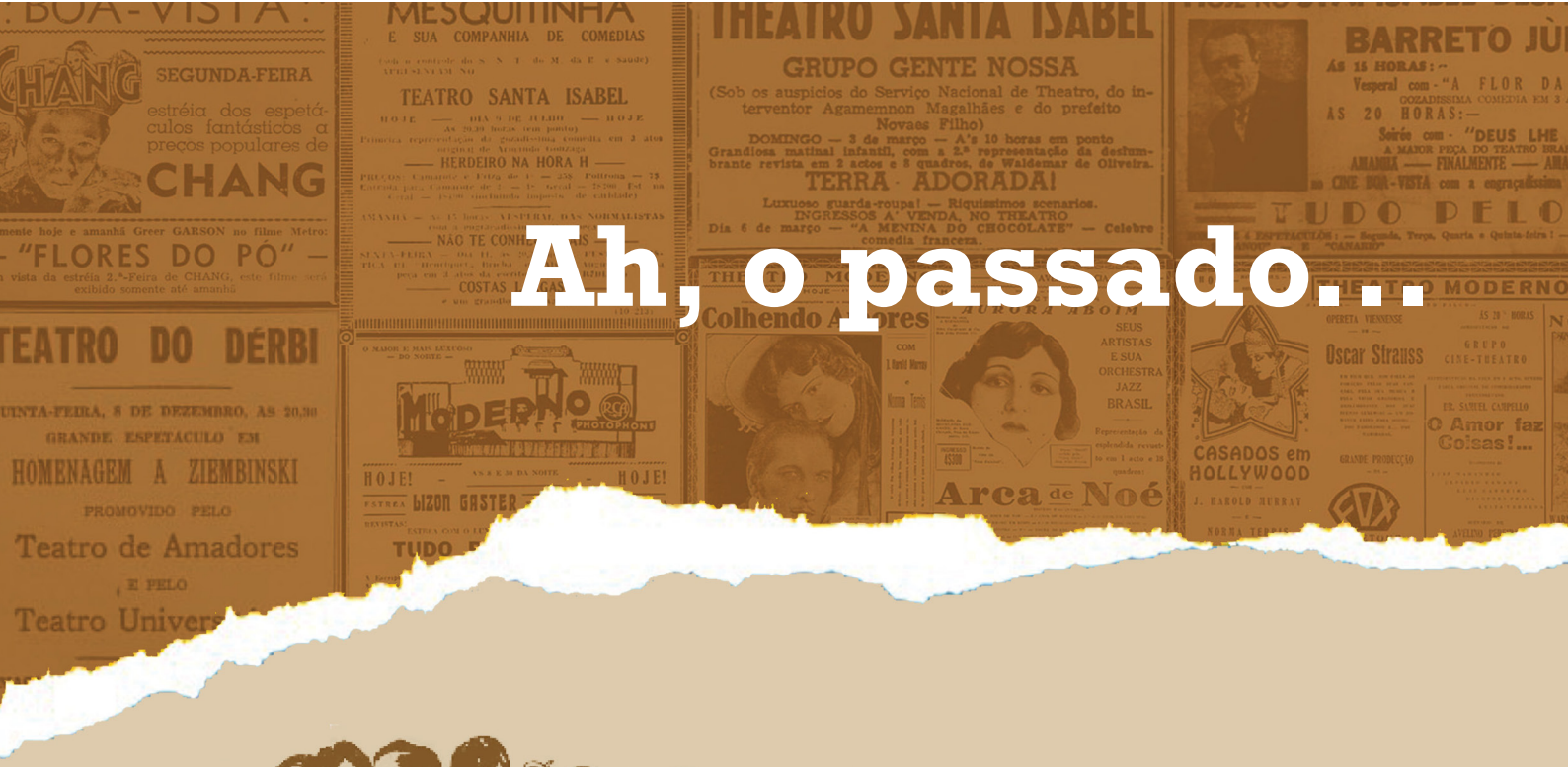
Proponente do projeto cultural ao FUNCULTURA
Paulo André Viana

Elaboração de projeto e administração
Laurecilia Ferraz

Todas as imagens utilizadas nesta pesquisa são do acervo *Projeto Memórias da Cena Pernambucana* ou *Teatro Tem Programa!*, sendo que muitas das fotos e anúncios foram extraídos de jornais antigos. Caso algum fotógrafo, instituição ou empresa jornalística queira ter o seu registro, estamos abertos a fazê-lo.

O passado só se deixa fixar, como imagem
que relampeja irreversivelmente,
no momento em que é reconhecido.

Walter Benjamin
(Sobre o Conceito de História)



Ah, o passado...

Lendo a dissertação de Mestrado de Ana Carolina Miranda, *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*, concluída em 2009 no curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, fiquei bastante curioso para saber mais sobre outras atividades teatrais desenvolvidas na capital pernambucana nas primeiras décadas do Século XX. Surgiu assim a proposta da pesquisa *Um Teatro Quase Esquecido – Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife*, aprovada pelo FUNCULTURA em 2011.

Meu interesse primordial era revelar mais sobre grupos e artistas que atuavam naquele momento, mas, principalmente, as diferenças ocorridas entre os primeiros anos do Século XX e o decênio 1930, período em que o mercado teatral se ampliou consideravelmente pelo surgimento do Grupo Gente Nossa, tendo à frente Samuel Campelo, e os anos 1940, com o aparecimento do Teatro de Amadores sob a liderança de Valdemar de Oliveira. Desta forma, seria possível desvendar como o teatro acontecia esporadicamente nos primeiros dois decênios do século XX, quase sempre com um caráter de benefício social; as mudanças que ocorreram nos repertórios dos grupos teatrais pernambucanos que foram surgindo; a relação que mantiveram com as companhias visitantes, até chegar aos novos procedimentos para a cena pela contribuição dos encenadores convidados.

Tudo isto permeado por notas na imprensa e, especialmente, as resenhas críticas dos jornalistas de então, algo em crescente desenvolvimento no período proposto. Mas não foi nada fácil colher tanta informação, até mesmo porque a maioria dos jornais daquela época já está impossibilitada de uso no Arquivo Público Es-

tadual de Pernambuco e tive mesmo que partir para a microfilmagem, iniciativa louvável da Fundação Joaquim Nabuco, sem a qual não teríamos mais acesso aos periódicos de outrora. Bom lembrar que a Biblioteca Nacional tem feito a sua parte, disponibilizando em seu site (www.memoria.bn.br) jornais recifenses como o *Diario de Pernambuco*, mas, no momento do levantamento de dados para esta pesquisa, isto ainda não havia acontecido.

Rememorar tanto passado é acessar um outro tempo, quando o teatro era, sim, a maior diversão, especialmente no momento em que o cinema falado ainda estava a chegar e o rádio, a TV e os computadores nem existiam. Repensar a importância que tal diversão tinha junto à sociedade (ainda que numa parcela pequena e, de certa maneira, elitista), é saber valorizar a ação daqueles que vieram antes de nós. Com este trabalho, espero dar alguma visibilidade a um teatro que já estava quase esquecido, tido como morto, praticamente nunca lembrado, chamado de "velho" e sem importância, algo que não concordo de forma alguma. Não quero com isso ser saudosista, mas apenas fazer ver que outros, à frente da gente, já lutaram pela arte teatral no Recife com as armas que lhe eram possíveis, enfrentando tantas ou até mais dificuldades que as nossas.

Talvez todos estes exemplos de perseverança possam nos dar ainda mais força de seguir em frente. Eu, com minhas pesquisas de rememoração, tento fazer a minha parte. Para tanto, agradeço a todos os artistas que colaboraram com informações, às equipes do Arquivo Público Estadual de Pernambuco e do setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, sempre muito solícitas, e a todo o corpo de funcionários e, principalmente, à Comissão Deliberativa do FUNCULTURA, que acreditaram ser possível tornar mais real este meu sonho: deixar menos esquecido o teatro dos anos 1930 e 1940.

Viva a memória do teatro brasileiro!

Leidson Ferraz
Jornalista e pesquisador teatral

Recife, junho de 2015.

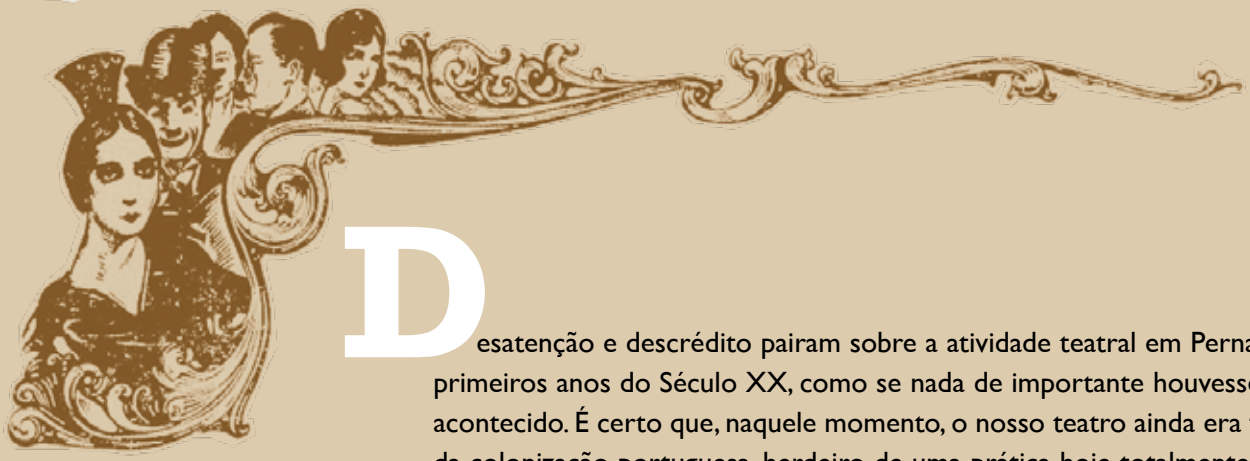
SUMÁRIO

Capítulos:

Ano 1930 ..... pág. 02
Ano 1931 ..... pág. 26
Ano 1932 ..... pág. 58
Ano 1933 ..... pág. 73
Ano 1934 ..... pág. 98
Ano 1935 ..... pág. 116
Ano 1936 ..... pág. 132
Ano 1937 ..... pág. 146
Ano 1938 ..... pág. 164
Ano 1939 ..... pág. 184
Ano 1940 ..... pág. 212
Ano 1941 ..... pág. 229
Ano 1942 ..... pág. 252
Ano 1943 ..... pág. 269
Ano 1944 ..... pág. 285
Ano 1945 ..... pág. 304
Ano 1946 ..... pág. 328
Ano 1947 ..... pág. 354
Ano 1948 ..... pág. 371
Ano 1949 ..... pág. 422
Referências ..... pág. 475

Antes de começarmos nossa viagem no tempo, é preciso esclarecer que muito da escrita daquela época foi preservada nesta pesquisa, especialmente nas referências ao que foi publicado na imprensa, inclusive com seus tantos erros de impressão ou mesmo de português. Por isso, nomes de artistas (constantemente modificados nas matérias dos jornais), títulos de peças teatrais e casas de espetáculos serão aqui encontrados em sua escrita original, a começar da palavra "Theatro", registrada assim até certo momento de nossa história.

1930
ou alguns anos mais cedo...



Desatenção e descrédito pairam sobre a atividade teatral em Pernambuco nos primeiros anos do Século XX, como se nada de importante houvesse realmente acontecido. É certo que, naquele momento, o nosso teatro ainda era fruto direto da colonização portuguesa, herdeiro de uma prática hoje totalmente em desuso, mas que demorou a ser questionada e transformada. Se as novidades cênicas que afloravam em países como França, Inglaterra, Itália, Alemanha e Rússia demoraram a chegar em Portugal, imaginem no Brasil! Em fins do Século XIX, vivia-se no Recife um tempo em que poucos se aventuravam a fazer teatro nos grêmios e sociedades dramáticas, com o uso de prosódia ainda aportuguesada em peças de cunho melodramático ou cômico numa maioria absoluta de dramas aventurescos. Já nos anos 1910 e 1920 as comédias ligeiras imperavam no que se via como programação, sempre esporádica. E claro que a atenção do público era muito mais voltada às companhias profissionais que chegavam de fora, especialmente as francesas, italianas ou do Rio de Janeiro, a então capital da República brasileira.

No entanto, aos poucos, aquele cenário foi mudando até a decantada modernidade inicial, com o surgimento do Grupo Gente Nossa no ano de 1931 e valorização do intérprete e da dramaturgia locais. Se o panorama não fugiu totalmente à chamada "paralisia estética", pelo menos teve ganhos no quesito dramaturgia. Pena que muitos historiadores desprezem totalmente o que aconteceu nas três décadas iniciais do Século XX, considerando o que chegou aos palcos como sinônimo do "atraso teatral" sem ponderar sobre as circunstâncias históricas que levaram a arte cênica a ser aquilo que ela era. Até os anos 1940, fase em que a modernidade teatral instaurou-se no Brasil, vivia-se um teatro de convenção, ainda sem um encenador de fato a reger os elementos cênicos em unidade, com presença do ponto a soprar falas aos intérpretes – a abolição desta função só começou a aparecer na produção pernambucana através do

grupo Teatro de Amadores, com a peça *A Gota Dágua*, de Henry Bordeaux, em 1945 – e atenção voltada às companhias visitantes. Consagrar os primeiros atores (geralmente empresários dos conjuntos) era a bola da vez, como assistir a peças escritas por autores estrangeiros, repertórios formados em sua maioria por comédias do teatro ligeiro, digestivo. Ainda assim, teatro era algo raro de ser oferecido no Recife.

pernambucanos se aventuravam como artistas cênicos. A produção que chegava aos nossos palcos era majoritariamente oriunda do Rio de Janeiro ou de países europeus. Vinha por companhias em trânsito por grandes navios para temporada com dezenas de espetáculos dramáticos ou líricos. Poucas equipes locais ainda resistiam, enfrentando o descrédito e a indiferença do público, receptivo apenas às companhias itinerantes.

Theatro de Santa Isabel em 1910

O início do Século XX foi um momento de profundas transformações para a sociedade pernambucana, mas apreciava-se teatro em doses muito homeopáticas. No livro *A Década 20 em Pernambuco*, o pesquisador Souza Barros afirma que somente a partir de 1921 é que a afluência teatral cresceu no estado, com a visita de sete diferentes companhias às vésperas do primeiro centenário da Independência do Brasil, citando, antes disso, apenas o ano de 1895 por conta do Theatro de Santa Isabel ter sido ocupado por oito companhias distintas. Diz ele também que, em 1922, somente o conjunto profissional de Lucinda Simões, Lucília Simões e Eurico Braga esteve no Recife, celebrado, inclusive, por um grupo de acadêmicos de Direito que chegou a representar em sua homenagem a comédia *A Sogra*, de Aluísio de Azevedo. Na realidade, poucos

Acreditava-se que o teatro de qualidade estava necessariamente vindo de fora (algo não muito diferente dos tempos atuais), e o que havia de melhor e de pior nacional e internacional aportava no Recife. O cenário teatral local, então, era dos amadores, pois com frequência um grupo destes se reunia para apresentar algum espetáculo que sobrevivia a uma ou duas aparições, quase sempre no perfil de peça teatral seguida de um ato com números variados – cantos, danças, recitativos e/ou humorismo. Àqueles que tentavam sobreviver profissionalmente, restava promover algum festival artístico com renda da bilheteria voltada a si próprio, integrar-se aos mais diversos conjuntos e circular por outros municípios e estados. Como o público estava sempre em busca de novidade, no intuito de agradá-lo de todo jeito, as peças das empresas profissionais eram modificadas diariamente, prioritariamente com comédias

de costume em cartaz. E seguindo o que o cinema já oferecia, aos poucos foram aparecendo os teatros por sessão, com duas ou três récitas diárias, muitas vezes entremeadas a exibições cinematográficas.

Sobre o que o teatrólogo, médico e jornalista Valdemar de Oliveira pôde ver na capital pernambucana dos anos 1920 como aguardadas atrações de fora, vale registrar as recordações que ele publicou em seu livro de memórias *Mundo Submerso* (1985, 3.ª edição, p. 122-123.):

> No Recife, sucediam-se companhias italianas, espanholas, portuguesas, de operetas, com Clara Weiss e Sarich, com Léa Candini e Siddivó, com Aida Arce e Enrique Salvador, com Auzenda de Oliveira e Vasco Santana. O forte do elenco estava, precisamente, na primeira figura feminina e no ator cômico. Logo, vinha o tenor, homens de bela voz e boa "presença" [...] Vinham-nos todas as novidades de Lehar, de Leo Fall, de Kalman, de Lombardo, além do velho repertório da *A viuva alegre*, *A casta Suzana*, o *O Conde de Luxemburgo*. Entre 25 e 26, o Parque teve duas temporadas inesquecíveis: a da Velasco [na verdade em 1924] e a da Ba-ta-clã (sic). A Velasco trazia, da Espanha, lindas músicas, belas mulheres, danças excitantes, maravilhoso guarda-roupa. A *Arco-iris*, peça de estréia [2 de agosto de 1924], foi um deslumbramento para olhos e ouvidos provincianos, que pagavam, sem tugir, o escandaloso preço de vinte mil reais, a cadeira. [...] A Ba-ta-clã (sic) já havia sacudido o Rio. Em ânsias, o Recife esperava as meninas de Madame Rasimi com o estupendo cômico Randall. Não podia com-

THEATRO DO PARQUE

Empreza JOSE' LOUREIRO

HOJE— ESTRE'A - HOJE

BA-TA-CLAN

Direcção absoluta de Mme. B. BASIMI

1.ª recita de assignatura

Cachez-Ça

Os espectaculos da companhia BA-TA-CLAN que pela 3.ª vez visita o Brasil são ARTISTICOS e ESTHETICOS

Amanhã Matinée Blanche ás 2 ½. CACHEZ-ÇA.

Soirée ás 8 ¾. CACHEZ-ÇA.

2.ª feira 2.ª recita de assignatura. C'EST PARIS.

PREÇOS - Camarotes, 110$000. Cadeiras, 2$500. Geraes - 3$000 incluido o Imposto.

petir em luxo e beleza cênica com a Velasco, mas, o nu das francesinhas acendia as narinas dos faunos do Recife. Algumas familias recusaram tomar assinaturas [compra antecipada de ingressos] para a temporada [com estreia no dia 18 de setembro 1926], mas, o Parque se encheu noites seguidas [...] A sedução física de Vicente Celestino, aliada aos seus agudos de absoluta segurança, [também] alucinaram muitas jovens do Recife, cada qual mais apaixonada. Sua Companhia era excelente e alguns dos seus espetáculos se repetiam continuamente, como *A mazurca azul* e *Cabocla bonita*. [...] Essa efervescência teatral da década de 20, não se descreve facilmente. Os jovens de hoje não podem sequer imaginá-la, numa época em que as vitrolas apenas começavam e o rádio timidamente espiava. Não têm noção da ansiedade com que as estreias eram aguardadas, as assinaturas cobertas semanas antes.

Em meados do decênio 1920 já havia um desgaste das fórmulas praticadas pelas empresas profissionais nacionais e internacionais que excursionavam no Brasil e na América do Sul. Muitas das companhias estrangeiras, principalmente, foram acusadas de trazer atores decadentes em final de carreira para apresentar um repertório conhecido e sem atrativos. Em parte sendo verdade, o problema é que certos empreendedores das empresas profissionais – que viviam na instabilidade do mercado de trabalho – mostravam-se reticentes às mudanças de renovação da arte dramática, e o que prevalecia era, de fato, o interesse financeiro com o argumento de que precisavam sobreviver. Por isso, oferecia-se entretenimento fácil à audiência, com atores especializando-se em tipos nas comédias de costumes sempre muito apreciadas, pois as plateias queriam rir. Somente rir.

No Recife, poucos reclamavam por mudanças e o fato é que estávamos distantes das produções teatrais europeias modernas. A guinada conceitual demoraria a acontecer, e claro que a falta de continuidade dos espetáculos influía prejudicialmente na frequência do público, desacostumado a marcar presença nas casas de espetáculos. Entre os anos de 1924 e 1925, complementa Souza Barros, é que os teatros pernambucanos passaram a ser mais frequentemente ocupados, principalmente o Theatro do Parque, agora arrendado pelo empresário José Loureiro. Descreve o escritor no seu livro *A Década 20 em Pernambuco* (1985, 2.ª edição, p. 209.), ainda em referência ao que se podia degustar como "prato vindo de outras terras":

THEATRO SANTA ISABEL

Empreza Paschoal Segreto

Grande Companhia Lyrica Villoro—Temporada official de 1924

Estréa -.- Segunda-feira, 25 de agosto --- Estréa

Com a grandiosa opera do genial VERDI

AIDA

Cantada pelos notaveis artistas ANNITA CONTI, JESUS DE CAVIRIA, RHEA TONIOLO, TAGLIABUE e MANFRINI. O grande successo da Companhia.

A assignatura, no Derosto de CANIAS, encerrar-se-á amanhã, sabbado, ás 17 horas. No domingo, o resto de bilhetes á venda no theatro Santa Izabel.

E tivemos a Velasco, de revistas, Léa Candini, de operetas, a Viriato Corrêa, de comédias, e outras boas companhias. Quanto ao teatro lírico, passamos uma grande temporada sem ele e somente em 1924, com as concessões feitas pelo Governador Sérgio Loreto, realizou a Companhia Billoro vários espetáculos a preços reduzidos [com estreia a 25 de agosto de1924].

Segundo ele, contava então o Recife com cinco casas de espetáculos: o Theatro de Santa Isabel (inaugurado em 1850, mas, desde o início do Século XX, com suas portas cada vez mais fechadas), o Cine-Theatro Helvética (inaugurado em 1910, na rua da Imperatriz), "já em decadência e apresentando somente funções cinematográficas e números de variedades, o mesmo que ocorria com o Theatro Moderno (em frente à Praça Joaquim Nabuco desde 1915), Theatro do Parque (inaugurado também em 1915, na rua Visconde de Camaragibe, hoje rua do Hospício), Cine-Theatro Polytheama (de 1916, na rua Barão de São Borja) e Ideal Cinema (ou Cine Ideal, de 1915, na rua Vidal de Negreiros, o Pateo do Terço, no Bairro de São José)". No interior de Pernambuco, Souza Barros destaca as cidades do Jaboatão, Timbaúba e Triunfo, principalmente, porque dispunham de regulares casas de espetáculos.

O teatro pernambucano era, então, todo dos amadores. Profissionais, só aqueles que vinham de fora ou que tentavam vida mambembe. Mas era diminuta a produção local. Apoiado em depoimento de Samuel Campelo, afirmou Souza Barros naquela mesma publicação:

> [...] em meados da Década 20, muitas sociedades teatrais e grupos ambulantes, comuns no Recife e em várias cidades do Interior, não haviam resistido à indiferença da época. O cinema, com as suas exibições de aventuras rocambolescas, dera, finalmente, o golpe de morte naquelas sociedades e previa-se mesmo o desaparecimento da classe dos amadores. Em atividade restavam, é ainda Samuel Campelo quem informa, "Alfredo Rocha, que continuava a fazer caracterizações em espetáculos particulares, Leônidas de Oliveira, que, agora, [em 1925] anda a despertar energias entre os moços de Timbaúba, e Eustórgio Vanderley, um dos mais fecundos de nossos escritores teatrais".

RECIFE Feitoza, 5 de Novembro de 1927 PERNAMBUCO

A RIBALTA

ANNO III | Orgam do Corpo Scenico da Sociedade Dramatica do Feitoza | N.º 9

A RIBALTA

Theatro Livramento

DA

Sociedade Dramatica do Feitoza

463—AVENIDA BERNARDO VIEIRA—463

HOJE! — 5 de Novembro de 1927 — HOJE!

ESPECTACULO SOCIAL

Maldição Paterna

PERSONAGENS:

Actualidade

Acção passa em TOULON

Começará ás 8 e 1/2 horas, depois de uma ouverture por bem sfinada orchestra.

Av. João de Barros, 1958

Importação directa

Pharmacia ANDRADE

Productos chimicos garantidos

PREÇOS MODICOS

Consultas medicas, gratis aos pobres.

VENDE-SE uma casa com terreno proprio, com dois quartos, duas salas, cosinha, terraço, banheiro e apparelho, tendo luz electrica e agua ; cazada á Rua Marechal Deodoro n. 457, a tratar na mesma.

A RIBALTA

Theatro Livramento

DA

Sociedade Dramatica do Feitoza

463—AVENIDA BERNARDO VIEIRA—463

HOJE!—5 de Novembro de 1926—HOJE!

ESPECTACULO SOCIAL

Depois que a orchestra [illegible] executado uma das encantadoras peças do seu bello repertorio, subirá á scena um drama em 4 actos, original do consocio José Austregesilo Filho, com o titulo:

O SEGREDO DO COFRE

DISTRIBUIÇÃO:

Paulo de Sandoval . . . . . *O autor*
Margarida (sua esposa) . . . . . *D. J. Santos*
Eduardo de Sandoval—filho de ambos (com 8 annos) . . . . . *Carmen Costa de Mello*
Heriberto Ferraz . . . . . *A. Luiz Ferreira*
Euphrasio da Cunha . . . . . *Antonio Livramento*
Guilherme (gerente da fabrica) . . . . . *Theotonio Silva*
Eduardo de Sandoval (c/ 20 annos) *O autor*
Helena (filha de Heriberto Ferraz) *Sra Philomena Soares*
Pantaleão . . . . . *Elpidio Camara*
Um agente de policia . . . . . *R. R.*

Curiosos que saem de uma capella, e. .

O 1.º acto passa-se em Recife, O 2.º o 3.º e o 4.º em Fortaleza—capital do Ceará 12 annos depois.

ACTUALIDADE

Começará as 8 1/2 em ponto

Proximo espectaculo, a 4 de Dezembro de 1926, N. S. do PILAR (milagres). Em beneficio do actor Antonio Livramento.

As encommendas devem ser feitas no *Theatro Livramento*, todos os dias de 9 horas da manhã ás 6 da tarde, e na *Pharmacia Democrata* a Encruzilhada, ao sr. Hypolito Braga.

Não percam o ensejo de apreciar uma das mais bellas peças sacras que existem

Ainda assim, a produção dramatúrgica era constante, claro que nem sempre levada à cena. Nomes como Manuel Arão, Bastos Tigre, Domingos Margarinos, Armando de Oliveira, Franklin Seve, Osvaldo de Almeida (com o pseudônimo Paula Judeu), Severino Alves Barbosa, Monte Sobrinho, Mário Magalhães, Lucilo Varejão, Corrêa da Silva, Humberto Santiago, Sabino Pinho, Oliveira Góes, Mário Sette, Jader de Andrade, Frederico Codeceira, Cândido Duarte, Alfredo Gama, Samuel Campelo, Estevão Pinto, Mário Porto, Leônidas de Oliveira e Martinho Silva tiveram peças representadas durante a década de 1920. Já Carlos Porto Carrero, França Pereira, Samuel Martins, Dantas Barreto, Metódio Maranhão e Claudino Lago também aventuraram-se às letras dramáticas, no entanto, com bem menos intensidade.

O que se descreve é que, ainda que considerada uma "década de transformação", especialmente no cinema com o Ciclo do Recife, não se sentiu uma renovação no teatro dos anos 1920. No segmento popular, os irmãos Lundgren mantinham exibições de pastoril na cidade do Paulista, atraindo bastante público da capital, que também tinha fama pelos pastoris de Herotides, no bairro de Santo Amaro, Antônio Gaiola na Torre, e da Velha Marocas no Zumbi. Já os irmãos João e Raul Valença apresentavam, no bairro da Madalena, um pastoril na linha de presépio. A encenação original surgiu em 1865, no sítio pertencente à família, por João Bernardo do Rego Valença e Ana Alexandrina do Rego Valença, avós da dupla de compositores pernambucanos. Outras formas de teatro popular ocorriam no mamulengo e no bumba-meu-boi, expressões também ativas na arte do povo recifense.

Curiosamente, não lembrada pelo autor Souza Barros é a existência do Theatro Livramento, localizado na avenida Bernardo Vieira, n. 463, e pertencente à Sociedade Dramatica do Feitoza. De 1925 a 1927, por exemplo, este corpo cênico – que atuou ainda nos anos 1930 – chegou a editar o jornal/programa *A Ribalta*, em circulação nas noites de espetáculo daquele "theatrinho", voltado aos seus associados e "tendo sempre em mira o bem estar dos espectadores; contando, além do programma da representação, escriptos em genero alegre e que se prendem, principalmente, a assumptos do nosso meio social". Na noite de 4 de setembro de 1926, o cartaz era o "espectaculo social" *Vampiros Sociaes*, "importante drama em 4 actos" apresentado logo após a execução de uma "afinada orchestra", como sempre acontecia. No elenco, Hermínio Silva, Augusto Fischer de Gouveia, Antônio Ferreira, Sebastião Rigaud, José Austregésilo Filho, Elpídio Câmara, Antônio Livramento e D. J. Santos. Os quatro últimos apresentaram, logo em sequência, a "chistosa comedia em 1 acto" *Um Dente Por Amor*. Não há identificação dos autores das obras no programa.

Outras peças levadas à cena pela Sociedade Dramatica do Feitoza, sob coordenação de Antônio Livramento, foram os dramas *Um Emigrado Politico* e *Um Erro Judicial* (de autores portugueses não identificados); *O Segredo do Cofre*, de José Austregésilo Filho; *Abnegação*, "mimoso drama" de Romualdo Pimentel; *Maldição Paterna*; *Pedro, o Idiota (Infamias, Amor e Caridade)*; *Regeneração*; *Luiz, o Engeitado*, seguido da comédia *Uma Bilontragem*; a peça sacra *N. S. do Pilar (Milagres)* e *Jocelyn, o Pescador de Baleias*, sem referência alguma no jornal/programa *A Ribalta* a dramaturgos ou ensaiadores (como eram chamados os coordenadores de cena na época). Ainda constam como intérpretes da equipe, Alcides Lima, Philomena Soares, Eduardo Mello, Hypolito Braga, Ger-

son Vieira de Mello, Júlia Santos, Aluízio Silva e as crianças M. M. e N. N. (só divulgavam suas iniciais).

Também há registro de ter ocupado o Theatro Livramento na noite de 26 de julho de 1927, com pouquíssimo público, um espetáculo promovido por um grupo de senhoritas "de elite", dividido em duas partes. Na primeira, constou a peça *Uma Sogra Modelo*, comédia em três atos de autoria da senhorita Judith Castro, protagonista da montagem, que recebeu elogios junto à atriz Julieta Castro. No segundo momento, um "acto variado", com destaque para a menina cantora Lygia Silveira, além do Dr. Symnarquio Farias interpretando os monólogos *O Rapé* e *O Vergonhoso*, "sem muito brilho", segundo o programa.

Mas, diferente do que propagou Souza Barros no livro *A Década 20 em Pernambuco*, percebe-se neste período uma afluência cada vez maior da atividade nos teatros, seja de companhias visitantes ou mesmo produções locais. Logo a 1 de janeiro de 1920 a imprensa noticiou a chegada da Companhia Lyrica Italiana Juvenil no Theatro do Parque, de onde saía a Troupe Portugueza As Violetas, do ator Manoel A. White. No entanto, antes mesmo da temporada dos artistas italianos, a brasileira Troupe Canhoto aportou naquele palco. Já em dezembro de 1920, podia-se ver no Theatro do Parque a Companhia Nacional de Revistas e Operetas, do Rio de Janeiro, com o ator Brandão Sobrinho entre suas estrelas. No ano seguinte, além do Theatro do Parque, o Theatro de Santa Isabel, o Theatro Moderno e o Cine-Theatro Helvetica também recebiam representações cênicas.

Neste último, por quase dois meses (de 23 de fevereiro até 12 de abril de 1921), cumpriu temporada a Companhia Regional, voltando de turnê pela Paraíba e, como sempre fazia nos cineteatros, dividindo as sessões diárias de tela (com filmes apresentados) e palco (com récitas de espetáculos à noite). No repertório constavam as comédias *A Cara do Pae*, "cheia de fino humorismo", e *Morreu Meu Tio*, "que faz rir ate as proprias pedras", como divulgavam seus anúncios, além da peça sacra *A Morte de Christo* e as farsas *Os Palhaços* e *O 31*. Mas eram as revistas seus maiores destaques, como *Não Se Espante*; *Depois Eu Digo*; *O Que Será da Vacca?*; *Logo Cedo*; *Com Licencia*; *O Cangaço*, "chistosa revista de costumes pernambucanos de fino humorismo"; *O Perereca*, revista de costumes recifenses em dois atos, três quadros e uma apoteose; e *A*

Mão Mysteriosa (sua mais rentável bilheteria, que chegou a fazer três apresentações em sequência, voltando numa quarta récita. O ator A. Rosas, por sinal, recebeu elogios da imprensa no papel do Polícia Secreta).

Quase todas as obras eram de autoria de Armando Oliveira (de codinome "Sem"), com música do professor Marinho Reis. No elenco, além do já citado ator A. [Alexandre] Rosas, diretor da companhia, a estrela Elza Sorriso e os atores Pilar Cardona, Grijó Sobrinho, Ferreira da Silva (Ferreirinha) e Alves Soledade. Estes quatro últimos, pouco depois, seguiram com a carioca Companhia de Comedias e Vaudevilles, do Rio de Janeiro, para turnê, abandonando o grupo. O interessante é que, em meio às representações teatrais da Companhia Regional, às vezes com dois trabalhos diferentes na segunda e terceira parte do programa, podiam-se ver exibições da cançonetista A. Albuquerque, do ventríloquo Argo e Seus Bonecos ou do atleta mundial barão Wladimir Chichklin de Roland, este com números de força (ele chegou a disputar contra três lutadores brasileiros ao mesmo tempo, incluindo o afamado pernambucano Jayme Griz). Os atos de variedades sempre estavam presentes nestas representações de palco, entremeadas a sessões de cinema.

A carioca Companhia de Comedias e Vaudevilles chegou ao Recife para cumprir dois meses em cartaz no Theatro Moderno (de 11 de fevereiro até 12 de abril de 1921), trazendo as atrizes Iracema de Alencar e Ema de Souza em destaque, além do ator Armando Braga. Foi no dia 12 de abril, naquele teatro, que a equipe estreou *As Muralhas de Jericó*, comédia em três atos do até então romancista Lucilo Varejão, integrando um festival em homenagem ao Santa Cruz Foot-Ball Club, time campeão pernambucano, e seguida pela peça em um ato *Rosas de Todo Anno*, de Júlio Dantas. Foi a própria e consagrada artista gaúcha radicada em São Paulo, Iracema de Alencar, quem viveu Heloísa Silvares, a personagem principal do texto. O escritor Lucilo Varejão Filho descreveu o acontecimento no livro *Lucilo Varejão – Teatro... Quase Completo* (1979, p. 13-14.):

> Na realidade constituia-se em grande novidade uma companhia teatral sulista, das muitas que periodicamente visitavam, então, o Recife, incluir em seu repertório peça de autor local. E, dias antes da estréia da Companhia, já o Jornal Pequeno, o Jornal do Recife, A Província (sic), A Noite e o Diário (sic) de Pernambuco anunciavam com destaque que o "jovem e inteligente escritor provinciano fizera a entrega do seu trabalho à *troupe* que se acha no Moderno. [...] Tivéssemos de resumir em poucas palavras *Muralhas de Jericó*, diríamos que a peça é um autêntico exercício de "marivaudage" em que Antelmo e Heloisa se aproximam, se recusam, se analisam e mutuamente se descobrem, chegando finalmente ao reencontro final, tudo de permeio com as diabruras de Sávio e as confusões do Major Ferrabrás, personagens que, por sua vez, parecem refletir no autor uma certa influência de Molière e da *Comédia dell'arte*.

Lucilo Varejão

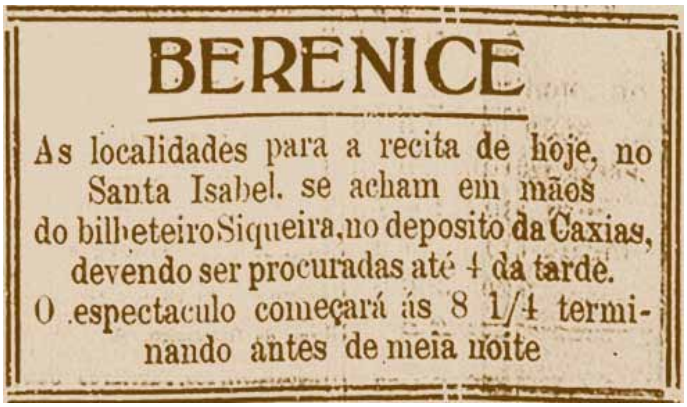
A montagem seguiu, logo depois, para Maceió, sendo também muito bem recebida. Ainda em 1921, vindas do Rio de Janeiro, aportaram no Recife a Companhia Dramatica Nacional, com intérpretes consagrados como Itália Fausta e Antônio Ramos, e, em seguida, a Cia. Alda Garrido, atriz paulistana de origem, que montou no Theatro Moderno, com êxito, *A Honra da Tia*, de Samuel Campelo. Também são deste período, atuando entre as equipes locais, a Companhia Regional de Alexandrino Rosas, ator, dramaturgo e empresário teatral baiano, e a Trupe Eduardo Nunes, ambas contando com o ator Luiz Maranhão no elenco. Saltando um pouco no tempo, em 1924 aportou no Recife a companhia itinerante da atriz portuguesa Conceição Ferreira, que chegou ao Brasil com a Companhia Dramática Maria Castro. Neste mesmo

Parte do elenco de *Berenice*

ano, veio a Companhia Viriato Corrêa, maranhense radicado no Rio de Janeiro, que apresentou peças como *Juriti*, do próprio Viriato Corrêa, contando com a presença dos pernambucanos Vicente Cunha e Leoni Siqueira no elenco, além de Cezar Marcondes (o Graúna) e Norberto Teixeira, entre outros, e tendo Otília Amorim como protagonista.

Foi também em 1924 que surgiu o Gremio Familiar Magdalenense liderado pelos Irmãos Valença, com peças como o melodrama pastoril *Mancheia de Rosas*, com música de Artur Nogueira Lima, a burleta *O Gato Escondido*, a comédia musicada *Cartazes do Amor*, e as operetas *Espinhos de Rosa* e *Coração de Violeiro*, todas com partitura de João Valença e texto de Raul Valença. Já em 1925 o ator pernambucano Elpídio Câmara foi destaque na comédia *Vossa Excelência, Desculpe*, pela Sociedade Dramática do Feitoza, mesmo ano em que a Trupe Leoni, de revistas, excursionava pelo interior de Pernambuco e por todo o "Norte", com Raul Prysthon, Regina Braga e Carmen de Almeida no elenco. Muito comum também era algum intérprete local ser convidado a participar do repertório de companhia visitante, como aconteceu em fins de 1926, quando a companhia de Antonia Denegri veio ao Theatro do Parque e convidou o ator Luiz Maranhão a figurar em seu elenco.

Se a produção teatral pernambucana não era tão diminuta, mas nem tão intensa assim, vale ressaltar que no ano de 1926, com o Teatro de Santa Isabel lotado, foi apresentada a polêmica opereta *Berenice*, escrita por


BERENICE

As localidades para a recita de hoje, no Santa Isabel, se acham em mãos do bilheteiro Siqueira, no deposito da Caxias, devendo ser procuradas até 4 da tarde. O espectaculo começará ás 8 1/4 terminando antes de meia noite

Nelson Paixão, com música de Valdemar de Oliveira e encenação de João Jacques. No elenco, contando com mais de cem (sim, cem!) amadores, todos figuras da alta sociedade, o pernambucano Vicente Cunha consagrou-se no papel principal. A grande questão é que a estreia da obra, no dia 3 de fevereiro, terminou às 2h40 da madrugada, como registrou o jornal *A Provincia* (4 de fevereiro de 1926). Na segunda sessão, no dia 6 de fevereiro, o mesmo jornal conclamou: "Seria necessário, para comodidade dos que deverão assistir hoje á 2.ª da *Berenice*, que o mesmo tivesse inicio ás 8.30 afim de terminar menos tarde do que da primeira vez". Com três longos atos, a montagem começou um pouco antes, às 20h15, e, algum tempo depois, fez novas sessões no Theatro do Parque. Mas, independente do sucesso, os jornais não perdoaram a inexperiência do autor em termos de duração da obra, com piadas como "A peça começou agora e acaba no fim do ano".

No dia 9 de julho de 1926 foi estreada, no Theatro do Parque, a opereta regional *Aves de Arribação*,

primeira parceria da dupla Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, com o elenco da Companhia Vicente Celestino-Ary Nogueira, do Rio de Janeiro, que cumpriu dois meses de temporada na capital pernambucana com enorme repertório de peças. O jornal *A Provincia* (11 de julho de 1926) saldou entusiasticamente o trabalho:

> Assistiu hontem o numeroso publico frequentador do theatro da rua do Hospicio ao melhor espectaculo da presente temporada do applaudido conjunto Vicente Celestino-Ary Nogueira. [...] O sucesso do esplendido espectaculo de hontem deve-se primeiramente, aos autores da peça, que foram grandemente felicitados, apparecendo em scena no final do 2° acto sob estriptosos aplausos da platéa.

Após o Recife, a companhia circulou por todo o "Norte", indo do Amazonas ao Maranhão, sempre com sucesso. Em janeiro de 1927, voltou a fazer *Aves de Arribação* no Recife, no mesmo Theatro do Parque. Ainda no ano de 1926, em novembro, encontramos o Conjuncto Regional em temporada no pequenino palco do Ideal Cinema, no Pateo do Terço, e recebendo elogios por conta da estreia da opereta pernambucana *Mlle. Pirulito*, nos dias 26 e 27 de novembro, tendo o próprio autor da obra, o dramaturgo Umberto Santiago, à frente da equipe. A "enscenação" foi assinada por Norberto Teixeira, com "scenarios" de Modesto de Souza. No elenco, resumidíssimo para o gênero da

THEATRO DO PARQUE

Companhia Nacional de operetas
Vicente Celestino-Ary Nogueira
Hoje — Quinta-feira — Hoje
A opereta pernambucana de grande successo
Aves de arribação
Autores — Samuel Campello e Waldemar de Oliveira.
Bilhetes a venda no DEPOSITO DA CAXIAS

THEATRO DO PARQUE

Companhia Negra de Revistas

Hoje — Domingo — Hoje
Na matinée ás 2 1|2 e Soirée as 8 1|2

Ultimas representações da espirituosa revista
---CAFE' TORRADO---

A matinée é dedicada pelo actor OTHELO ás creanças de Recife, pagando as mesmas 3$000 com direito a cadeira.

Bilhetes a venda na Bilheteria do Theatro aos preços do costume.

Amanhã — Carvão Nacional

montagem, Esther de Souza, Modesto de Souza, Guiomar Teixeira, Norberto Teixeira, Guararema e Ferreira da Graça. Em 1926, atuava também no Recife o Clube Pernambucano, no estilo variedades.

Como curiosidade sobre a relação entre o teatro e a criança, público totalmente esquecido naquele momento, mas que, mesmo assim, marcava presença nas montagens adultas quando ainda não havia nenhuma preocupação de censura ou de cuidados com faixa etária específica, era comum companhias de revistas ou operetas promoverem *matinées* infantis aos domingos, às 14h30, com os mesmos espetáculos vistos pelo público adulto à noite. Provavelmente faziam adaptações, amenizando partes mais "picantes". A carioca Companhia Negra de Revistas, por exemplo, fez isso em sua temporada no Theatro do Parque em abril de 1927, com duas *matinées*, a segunda delas dedicada "ao mundo infantil pernambucano" especialmente pelo "grande" Othelo, artista ainda menino mas com "aquella pôse toda de gente grande", segundo o jornal *A Provincia* (13 de abril de 1927). Foi apresentada a revista *Café Torrado*, com possibilidade das crianças pagarem ingresso "com direito a cadeira". Já a Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro, no mesmo Theatro do Parque, em junho de 1927, programou para a meninada as revistas *A' La Garçonne* e *Meu Bem, Não Chora...*, ambas com farta distribuição de bombons oferecidos pelos senhores Renda, Priori & Irmão.

E enquanto uns ficavam no Recife atuando, outros seguiam em turnê pelo Brasil e, assim, muitas com-

panhias eram desfeitas facilmente. Ainda em 1927 foi fundada no Recife a Cia. Tra-Lá-Lá, dos atores Álvaro Diniz e Leoni Siqueira, composta por artistas profissionais como Maria Amorim, Vicente Cunha e Raul Prysthon. A equipe chegou a dar quase dois meses de espetáculos diários no Cine-Theatro Helvética. Do seu repertório, destaque para *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com música de Sá Pereira, em festival de Álvaro Diniz. Segundo uma publicação do Grupo Gente Nossa, o *Nosso Boletim* (junho de 1936), a Cia. Trá-Lá-Lá foi "uma das mais importantes tentativas para a implantação do teatro permanente no Recife, representando um repertório quasi todo de autores locais". Ainda de acordo com Joel Pontes, no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco* (1966, p.14.), Samuel Campelo foi um grande incentivador deste conjunto e, segundo o próprio, a Cia. Trá-Lá-Lá chegou ao fim em pouco tempo "porque todo o elenco era de profissionais e, por isto, os astros e as estrêlas chocaram-se um dia e houve um cataclisma".

Também em 1927, outra inédita obra pernambucana ganhou a cena pela equipe carioca da Companhia Vicente Celestino-Ary Nogueira, novamente em visita ao Recife, *A Rosa Vermelha*, texto de Samuel Campelo e música de Valdemar de Oliveira, com estreia a 31 de janeiro, no Theatro de Santa Isabel, e apresentada em sequência no Theatro do Parque. No mês de junho, também com o empresário Ary Nogueira à frente, a Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro incluiu em seu enorme repertório de temporada no Theatro do Parque a estreia da revista *Sae, Cartola!*, com duas sessões na despedida de sua

THEATRO DO PARQUE

Companhia Nacional de operetas

Vicente Celestino-Ary Nogueira

Hoje — Penultimo espectaculo — Hoje

A rosa vermelha

Bilhetes a venda no DEPOSITO DA CAXIAS

Amanhã — Despedida da Companhia

Theatro do Parque

Empreza ARY NOGUEIRA & C.

COMPANHIA NACIONAL DE REVISTAS

HOJE---Terça-feira---HOJE

Penultimo espectaculo

Primeira representação da revista local em 2 actos, original de Samuel Campello e José Capibaribe

SAE, CARTOLA!...

Bilhetes a venda no Deposito da Caxias

permanência no Recife, nos dias 21 e 22 de junho. Já conhecido nacionalmente como dramaturgo, Samuel Campelo lançou-se com este texto no gênero teatral das revistas e contou com Valdemar de Oliveira, sob o pseudônimo de José Capibaribe, na assinatura das músicas.

Já a "revistinha local" *Ih! Ih!*, outro texto de Samuel Campelo, com partitura musical de Nelson Ferreira, foi lançada no dia 9 de agosto de 1927, no Cine-Theatro Helvética, pela carioca Companhia Otília Amorim, que alguns dias antes já tinha apresentado o "revuette" *Lantejoulas*, escrito especialmente para a atriz e cantora Otília Amorim por Raul Valença, com música de João Valença (os Irmãos Valença), nos dias 1, 2 e 3 de agosto. *Ih! Ih!* ganhou nova sessão no dia 10 de agosto por conta de um festival em benefício dos lázaros. Em 1928, o Gremio Familiar Magdalenense estreou a burleta *Noites de Novena*, também de Samuel Campelo, que já tinha outros trabalhos seus como dramaturgo lançados, *Peripécias de Um Defunto*, escrita em 1909 (que depois ganhou outro título, *Engano da Peste*) e lançada em 1910 pelo Gremio Dramatico Arraialense; *O Amor Faz Coisas*...., estreada também em 1910 pelo Gremio Dramatico Espinheirense; além da comédia em três atos *A Honra da Tia*, montada em 1921 pelo Conjunto dos Garridos, no Theatro Moderno, com sessões nos dias 29 e 30 de outubro e 8 de novembro daquele ano. Foi esta peça que lhe deu passaporte para ingressar como dramaturgo na SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Theatraes).

Samuel Campelo

Ainda especialmente para Maria Amorim e Ilídio Amorim, Samuel Campelo escreveu o entreato cômico *Os Vizinhos do Jazz-Band*, com estreia em 1928, mesmo ano em que ele se voltou novamente à revista com *Vitraux*, escrita em colaboração com Umberto Santiago e estreada em Belém do Pará pela Companhia Nazaré, dirigida pelo ator pernambucano Leoni Siqueira e com elenco quase todo composto de "figuras nortistas". No dia 22 de novembro de 1928, uma quinta-feira, a Companhia Theatro Mirim, anunciando-se como profissional, estreou no Theatro de Santa Isabel organizada pelo ator carioca Moreno Garcia com artistas quase todos pernambucanos, entre eles Diógenes Fraga e Elpídio Câmara, mas também com profissionais de outros estados que permaneceram no Recife após excursões teatrais. Mesmo com o nome "Mirim", a equipe não tinha a pretensão de montar peças para crianças, pelo contrário. O vaudeville *O Outro André*, de Correia Varella, foi o primeiro trabalho apresentado.

"O desempenho da peça por parte dos artistas foi bem regular, e nem se podia esperar melhor de um conjuncto organisado (sic) aqui mesmo, dentro de pouco tempo e que representou hontem pela primeira vez", testemunhou o resenhista oculto da coluna *Theatros & Cinemas* do jornal *A Provincia* (23 de novembro de 1928). A segunda peça prometida deveria ser de um autor pernambucano, mas esta pesquisa não conseguiu confirmar tal propósito. No entanto, sabe-se que foi encenada a peça de Samuel Campelo *A Honra da Tia*, tendo Elpídio Câmara como galã. O carioca Ari Guimarães, sobrinho de Moreno Garcia, foi outro que atuou na Companhia Theatro Mirim como ponto e ator em pequenos papéis. Em 1929 a equipe teve passagem efêmera pelo Theatro de Santa Isabel, mas circulou ainda por Alagoas, Sergipe e Bahia, onde se dissolveu. No mesmo ano de 1929 surgiu a Companhia Pequeno Teatro, de comédias, burletas e revistas, formada por Raul Prysthon e Umberto Santiago, com dezoito componentes, mas que teve vida ainda mais efêmera. Também em 1929 vê-se registro da Fenix-Trupe, formada por Raul Roulien para circular pelo Nordeste. No elenco, contava com a atriz Ziza Prysthon, entre outros.

Ou seja, este pequeno resumo é só para lembrar os espetáculos e equipes mais afamadas nos anos 1920, sem referências maiores às inúmeras companhias visitantes e festivais artísticos locais que ocuparam os palcos de Pernambuco, numa época que não foi tão minguada assim de atrações para o teatro, como visto. No entanto, se a atividade teatral conseguia paulatinamente mais adeptos à sua linguagem, inclusive no segmento (semi)profissional, o cinema abocanhava cada vez mais apreciadores, o que, de certo modo,

prejudicou e muito o movimento cênico, agora não mais tendo o teatro como principal diversão do público brasileiro. Em 1929, pelo menos dezessete espaços já eram voltados à arte cinematográfica no Recife, como o Theatro Moderno, o Theatro do Parque, o Cine-Theatro Helvética e os cines Guanabara, Royal, Polytheama, Ideal, Gloria, São José, Espinheirense, Real, High-Life, São Miguel, Rio, Arruda, Odeon, Tigipió, Central, Avenida, Olinda (no bairro do Feitoza), Santo Amaro, Pina, Encruzilhada e Campo Grande.

Na imprensa, colunas publicadas quase que diariamente, como *Telas e Palcos*, do *Jornal do Commercio*, *Scenas & Telas*, do *Diario de Pernambuco*, e *Theatros & Cinemas*, do jornal *A Provincia*, uniam as artes cênicas e cinematográficas com roteiro e pontuais críticas dos filmes apresentados dia a dia, além dos destaques do teatro e algum circo visitante quando estes existiam. No dia 1 de janeiro de 1930 o anúncio mais comentado foi a vinda ao Recife da Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss, oriunda da Bahia após êxito de temporada por lá. "Tão escasso anda o Theatro em Pernambuco, que a vinda duma Companhia e duma companhia que traz o repertório da Clara Weiss é motivo para grande contentamento", festejou o crítico M., do *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1930).

O convite para aportar novamente no Theatro de Santa Isabel, há muito fechado às temporadas cênicas mais longas, nasceu curiosamente da Empresa Bandeira & Cia, do Theatro Moderno (a acústica do Theatro de Santa Isabel era infinitamente melhor). No elenco de cinquenta artistas, destacavam-se as sopranos Clara Weiss e Venusta Carlotti, o tenor Emilio Amoroso e o cômico Giuseppe Campili com um repertório de peças líricas aclamadas nos principais centros teatrais do mundo. Os interessados nas "assignaturas" (venda de ingressos antecipada, muito bem acolhida pelo público) deviam procurar o senhor Carlos Lisbôa durante o dia no Depósito da Caxias (armazém que comercializava tecidos em geral) e, à noite, no Theatro Moderno.

A estreia da temporada de sete récitas – numa segunda-feira, com espetáculos modificados diariamente – se deu com *Paganini*, obra-prima do célebre maestro Franz Lehar. A ideia inicial era começar com a luxuosa opereta *Orloff*, original de B. Granitchteten em três atos, ainda desconhecida da plateia pernambucana, mas esta teve que ser adiada porque Clara Weiss encontrava-se acamada. Foram ainda apresentadas *Scugnizza,* de Lombardo, e *Princeza das Czardas* e *A Bayadera*, de Kolman, entre outras operetas. A temporada foi tão bem acolhida pelo público, ainda que com críticas nem tão favoráveis do teatrólogo e músico Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio*, que a Companhia de Operetas Clara Weiss seguiu para novas récitas no Theatro Moderno, desta vez com *Frasquita, de* Franz Lehar, *Duqueza Del Bal Tabarin*, de Lombardo*, Si*, de Mascagni, e *A Casta Suzana*, de Gilbert, devido à ocupação do Theatro de Santa Isabel com concertos musicais anteriormente programados.

Enquanto isso, o *Diario de Pernambuco* (7 de janeiro de 1930) registrou o sucesso que uma peça de autores pernambucanos fez no Ceará. Encenada no Theatro José de Alencar, no dia 23 de dezembro de 1929, pela Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino (que havia estado entre outubro e novembro no Recife), a opereta *A Rosa Vermelha*, da dupla Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, já havia sido elogiada no sudeste do país e, agora, conquistava mais elogios em Fortaleza, sendo considerada a melhor do repertório da companhia carioca. O sucesso foi reprisado em São Luís, no Maranhão. No Recife, para

HOJE!!! THEATRO SANTA ISABEL HOJE!!!
TEMPORADA OFFICIAL
GRANDE COMPANHIA ITALIANA DE OPERETAS, de que faz parte CLARA WEISS
2.ª recita de assignatura com a opereta em 3 actos: de Carlos Lombardo
SCUGNIZZA
PREÇOS: Cadeiras: 12$000 — Frisas e Camarotes: 63$000
—Imposto á cargo do Publico
Bilhetes á venda durante o dia no DEPOSITO DA CAXIAS e a noite no theatro

além das temporadas das companhias visitantes, aqui e ali algum artista pernambucano ou por passagem pela capital do estado promovia um festival artístico, com renda destinada à sua sobrevivência. O primeiro a realizar nos anos 1930 foi o "comediante excêntrico" Julio Villar, artista português bastante conhecido da plateia pernambucana. No roteiro, "números de sensação", constando a parte inicial do programa com *O Inferno Por Dentro*, *O Record da Rapidez* e *A Desapparição de Um Cavallo Vivo*, "com toda a força de luz em scena", lembrou o *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1930). Na segunda parte, *Chrystal Palace*, "em que Julio Villar se apresentará como transformista, ilusionista, imitador, musico excêntrico, equilibrista, etc.", completou o mesmo jornal.

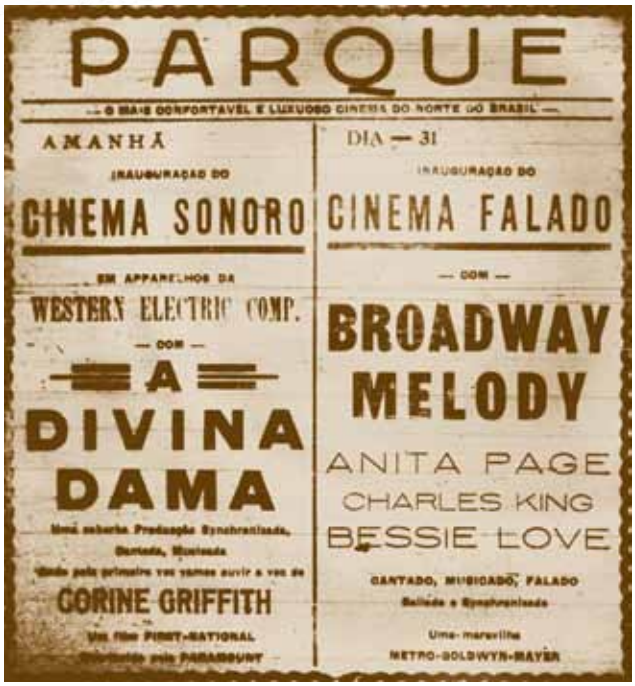
Era muito comum o Theatro de Santa Isabel receber espetáculos assim, de variedades, com números de prestidigitação ou cenas curtas em tom de comicidade, além dos constantes concertos musicais (naquele janeiro, por exemplo, foi anunciado um concerto de teclado da senhorinha Maria de Lourdes Regueira), além de recitais de declamação (a pequenina e galante declamadora Elyette Pereira, com apenas cinco anos, foi outro destaque na programação do mês). Já no Theatro do Parque, no dia 22, em plena quarta-feira, assim como acontecia nos cineteatros dos subúrbios com mesclas de cinema e apresentações teatrais ou de números de variedades em sequência, foi promovido um festival em beneficio da campanha de construção da Casa do Estudante de Pernambuco. A primeira parte do programa constou de uma "matinêe chic", a partir das 14h30, com a exibição do filme mudo da Paramount, *Conquista da Felicidade*, protagonizado por Gilda Gray, Percy Marmont e Warner Baxter. Na segunda parte, foram executadas várias músicas pela Orchestra do Parque, sob a regência do maestro Nelson Ferreira, finalizando com um número variado em que tomaram parte os "senhores doutores" Albino Buarque de Macedo e Samuel Campelo palestrando, a cantora Irene Carvalho e o violonista Alfredo Medeiros, além do ator baiano De Chocolat e alguns artistas da Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss.

No Jardim 13 de Maio (hoje, Parque 13 de Maio), foi a partir de 31 de janeiro que o Circo Internacional ficou armado para curta temporada com artistas em números de trapézio, malabarismo e transformismo, entre outros, incluindo também animais amestrados sob a direção do professor Spinelli. Naquele mesmo dia, houve um concerto de electrola no Theatro do Parque, e iria acontecer, no palco do Theatro de Santa Isabel, a partir das 20h30, a estreia do drama *Der Dybuk (A Obsessão)*, original do escritor Sch Ansky, dirigido por Antonio Morgenstern, com o elenco do Centro Dramatico Israelita de Pernambuco, formado por elementos da comunidade judaica. A peça, apresentada na língua iídiche, acabou sendo transferida por motivos não compartilhados pela imprensa. No entanto, a montagem foi saudada desde cedo pelo *Jornal do Commercio* (23 de janeiro de 1930): "Dado[s] os bons elementos de que dispõe o Centro Dramatico Israelita e o gosto que presidiu a confecção dos scenarios e do guarda-roupa, esse espectaculo está sendo esperado com muito interesse nos circulos israelitas desta capital". As entradas eram vendidas antecipadamente na casa de móveis A Loja da Noiva. Infelizmente, após a única apresentação na noite de 4 de fevereiro, não foram publicados comentários nos jornais.

Paralelo a tudo isso, vinha chamando atenção a maior novidade na área cinematográfica mundial, uma verdadeira revolução surgida nos Estados Unidos e ainda desconhecida no Brasil: o lançamento dos filmes sonoros. Até então, os filmes mudos eram acompanhados por orquestras ou pianistas solistas tocando ao vivo. Naquele mês de estreia dos anos 1930, por exemplo, estavam em cartaz nos cinemas do Recife películas como *Delictos de Amor*, com Corinne Griffith e Edmundo Love, drama da Paramount; *O Fanatico*, romance de amor da Universal, com Sally O'Neill; e *Pharol do Amor*, com Mary Astor em drama da Fox-Film. Todos ainda mudos. Até que, no segundo mês de 1930, surgiu nos jornais o esperado anúncio do Theatro do Parque: "Aguardem!!! No proximo mez inauguração do Cinema Sonoro com o mais perfeito aparelho americano R. C. A.", conforme divulgado no *Diario de Pernambuco* (25 de fevereiro de 1930). Importante dizer que em 1929 aconteceu o advento das "fitas falantes" na indústria cinematográfica britânica, ou seja, o Brasil não demorou a receber tamanha modernidade.

No segmento teatral, a partir de 5 de fevereiro, uma outra equipe visitante, vinda de Maceió e Salvador

(sem muito sucesso por lá, segundo Aninha Franco no livro *O Teatro na Bahia Através da Imprensa Século XX*, de 1994), mas, desta vez, como autêntico fruto do teatro nacional, cumpriu temporada pela primeira vez no Recife: a Companhia de Comédias Palmeirim Silva, pertencente ao Theatro Trianon, do Rio de Janeiro. Para ocupar o Theatro Moderno, chegou com o crédito de "boas montagens" num repertório de peças para rir, em sua maioria inéditas no Recife – *Do Que Ellas Gostam* e *O Chauffeur Millionario*, de Celestino Silva, *O Filho Sobrenatural*, de Cândido Costa, *As Botas do Homem*, de Joracy Camargo, *O Homem do Lampeão*, de Gastão Tojeiro, e *Mulheres Nervosas*, de J. Victor, entre várias –, todas a preços verdadeiramente populares e com elenco homogêneo, além dos cenários caprichados de Jayme Silva e Lazary. A estreia se deu com a comédia em três atos *Oh! As Mulheres*..., do dramaturgo carioca Paulo Magalhães, tendo no elenco nomes como Palmeirim Silva, João Barbosa, Paulo Ferraz, Gervásio Guimarães, Gaspar Bernardo, Ferreira Leite, Fernando Oliveira, Adelaide Coutinho, Palmyra Silva, Dinah Ulles, Cecy Medina e Violeta Ferraz, além de Mario Ulles como ponto. O curioso é que exibições cinematográficas, em horários distintos, ainda eram programadas nos dias de apresentação da equipe, seguindo a oferta tela e palco, com filmes e teatro em sequência.

Ainda em fevereiro, o Polytheama recebeu um festival em benefício ao ator baiano De Chocolat, que se encontrava doente no Recife, com um braço quebrado, e sem poder trabalhar há quase três meses. A proposta reuniu canto, música e dicção. Até que a arte cinematográfica ganhou finalmente som e voz e abocanhou de vez o público na capital pernambucana, primeiro com o filme sonoro *A Divina Dama*, da First National Pictures, no Theatro do Parque, no dia 24 de março, e, no dia 31, com um filme falado, *Broadway Melody*, da Metro-Goldwyn-Mayer (que havia estreado há pouco em Los Angeles, na segunda semana de fevereiro), graças aos aparelhos Western Electric Company, da empresa Luiz Severiano Ribeiro. Este golpe quase mortal fez com que muita gente pensasse que o teatro acabaria de vez, mas ele resistiu. Sentiu uma queda assustadora de público, é verdade, mas continuou a existir ainda que sofregamente. Tanto que, nos meses a seguir, a arte cênica praticamente desapareceu dos jornais da época, simplesmente pela ausência de espetáculos, inclusive de companhias visitantes, provavelmente um reflexo também da situação política do país, prestes a receber um novo presidente em outubro.

O então governador do estado de São Paulo e candidato governista, Júlio Prestes, ganhou as eleições em 1 de março, mas não pôde assumir o cargo devido à chamada "Revolução de 1930", um Golpe de Estado liderado pelo militar gaúcho e candidato oposicionista Getúlio Vargas. Reunindo os estados do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, o objetivo foi, na data 24 de outubro de 1930, depor o presidente da República Washington Luís, impedir a posse do presidente eleito Júlio Prestes e dar cabo, literalmente à mão armada, da chamada República Velha. Esta crise vinha se arrastando desde 1929, quando lideranças de São Paulo romperam a aliança com os mineiros na conhecida política do café-com-leite, e indicaram o paulista Júlio Prestes como candidato à presidência da República. Em reação, o Governador de Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, apoiou a candidatura oposicionista do gaúcho Getúlio Vargas. O Golpe de Estado, então, foi desencadeado a 3 de outubro de 1930, com Júlio Prestes sendo exilado do Brasil. A 3 de novembro de 1930, Getúlio Vargas assumiu a chefia do chamado "Governo Provisório".

Importante registrar que, por desavenças políticas, o jornal *A Provincia* ficou proibido de circular a partir do dia 5 de outubro daquele ano, só retornando em 4 de março de 1932. O empastelamento também pegou a redação do *Jornal do Commercio*, fora de circulação entre outubro de 1930 até o ano de 1934. Ainda em 1930, o Theatro de Santa Isabel já havia servido para reunião da Aliança Liberal que era contra o grupo paulista de Júlio Prestes e queria Getúlio Vargas no poder, tendo como vice o então presidente do estado da Paraíba, João Pessoa, mas este acabou sendo asssasinado em julho daquele ano, no Recife, por conta de conflitos pessoais com o advogado e jornalista paraibano João Dantas. Samuel Campelo descreveu a difícil situação em artigo que foi resgatado pela revista *Contraponto – Edição Especial Centenário do Teatro Santa Isabel* (1950, p.78.):

> João Neves da Fontoura enche inteiramente, superlota o teatro e produz candente discurso. À saida da tradicional casa de espetáculos, capangas e polícia esbordoam um povo inerme derramando-se pelas ruas em perseguição aos que ouviram o ardoroso tribuno. A 3 de outubro, rompe a revolução no Rio Grande do Sul. E, nessa noite, no *Teatro Santa Isabel*, fazia-se ouvir o *Côro dos Cossacos do Don*, composto de ex-oficiais do exército russo foragidos devido ao govêrno comunista de seu país. A assistência que se retirava do teatro não sabia que àquela hora, no Recife, os revolucionários se preparavam para o assalto da madrugada de 4 de outubro. Em pleno período da revolução, os *Cossacos do Don* tiveram de deixar o *Santa Isabel* que estava feito quartel de forças do exército e foram para o *Teatro Moderno*. Alí se exibiram na célebre noite em que o boa-

Getúlio Vargas

Theatro Santa Izabel

Empreza N. Viggiani

HOJE -- Domingo, 28 do setembro --HOJE

Unica MATINÉE ás 3 horas

4a audição do celebre e rondial

CORO DOS COSSACOS DO "DON" PLATOFF

Director N. Kostrukoff

O maior acontecimento artistico do anno !

Formidavel exito em Berlim, Roma, Paris, Londres

Frizas e camarotes 6$000 Cadeiras - 1$500 Entrada exclusiva para camarotes de 2 a 5$000 Geral - 3$000

Imposto de sello a cargo da Empreza

to fazia o general Santa Cruz desembarcar no Recife para repôr o governo decaído. Teatro cheio completamente e o público sem arredar pé, enquanto nas ruas a multidão ululava, adquiria armas e marchava cantando ao hipotético encontro dos soldados legalistas.

Antes mesmo de qualquer reorganização política para aquele ano, o Theatro de Santa Isabel, talvez por ser um espaço do poder público, já havia sofrido depredações por parte de revoltosos, ainda no primeiro mês de 1930, conforme lembrou o jornal *A Provincia* (1 de fevereiro de 1930), em sua coluna do Partido Republicano de Pernambuco:

> Ora, a verdade é que com o testemunho insuspeito de pessoas muito ligadas ao alliancismo, o que se viu ante-hontem no Santa Izabel é que certos individuos mal educados aproveitaram a occasião da sahida dos assistentes á conferencia do illustre sr. João Neves para attentar contra pobres cousas inermes, que constituem um patrimonio, não deste ou daquelle governo, mas do Estado e da collectividade. Ante-hontem, o que se viu á sahida da conferencia do Santa Izabel foi que meia duzia de sujeitos atrabiliarios entraram a rebentar as janelas, as cadeiras e as portas dos camarotes, numa inqualificavel demonstração de selvageria e de brutalidade. Contra os autores dos attentados, [...] a policia teve necessidade de agir. E o fez com a maior moderação possivel, limitando-se a defender da destruição um bem publico, que não podia ficar entregue á sanha de desalmados. Às tropelias, os espancamentos a cidadãos pacificos e inermes, esses só se passaram na cachola dos mystificadores reincidentes, que estão aqui explorando, sem a menor sinceridade, com a actual campanha politica. Não houve um só cidadão pacifico que soffresse um arranhão da policia na noite de ante-hontem, no Santa Izabel. Mas o que não podia se deixar consumar friamente era a depredação de um Theatro que é um monumento da cidade, do Estado e do Brasil, deixando-o entregue aos maus instinctos de certo numero de energumenos.

Paralelo ao crescente rebuliço político que tomou de assalto o Brasil naquele ano, foi fundada a 29 de março de 1930, no Recife, a Sociedade de Concertos Populares, com sócios que passaram a promover diversos recitais de música, especialmente no Theatro de Santa Isabel, como o dos pianistas Maria de Nazareth Vasconcellos e Arnaldo Rebello e dos violinistas Ceição de Barros Barreto e Leônidas Autuori. Naquele primeiro semestre de 1930, a convite da Sociedade de Cultura Musical, o Recife também viu o primeiro concerto do compositor Heitor Villa-Lobos, as apresentações do violinista belga Maurice Raskin e dos pianistas Souza Lima e Lucília Villa-Lobos. Em setembro, as estrelas musicais foram O Côro dos Cossacos do Don, aqui já citado, e o concerto da cantora Vera Janacopulos. Audições de alunas de piano também eram frequentes no Theatro de Santa Isabel, como as do professor Manoel Augusto, além da exposição de quadros.

Em se tratando das apresentações teatrais, a 31 de maio, no Ideal Cinema, aconteceu a estreia da Companhia Regional de Comedias, com a peça *Casa de Maribondos*, de Umberto Santiago, seguida da revista *Só P'rá Você*. Outro trabalho apresentado foi *Flôr da Raça*, ainda no esquema tela e palco em sequência. No dia 5 de junho, a equipe foi para o Cine High-Life, no bairro de Casa Amarela. Alguns dias depois, voltou ao Ideal Cinema, onde permaneceu até julho, desta vez com peças como *O Homem da Gaiola* e *O Noivado de Narcizo*, entre dezenas de montagens modificadas quase que diariamente. Até que a Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino chegou para

cumprir temporada no Theatro de Santa Isabel entre maio e junho. No repertório sem grandes novidades, com maioria de operetas e comédias, constaram *Eva*, *A Mentirosa*, *A Princeza das Czardas*, *A Pequena da Marmita*, *A Casta Suzana*, *Moças de Hoje*, *A Mascotte, O Mano de Minas*, *O Conde de Luxemburgo, A Rosa Vermelha*, *A Cabocla Bonita*, *Aves de Arribação* e *Coração de Violeiro* (as quatro últimas criações pernambucanas), entre outras obras.

A temporada chegou a ser interrompida por conta dos dois primeiros recitais de Heitor Villa-Lobos no Recife, dias 6 e 10 de junho. *A Rosa Vermelha*, um dos momentos mais aplaudidos, fez várias sessões, inclusive uma "matinée chic" dedicada à miss Pernambuco. *Matinées* para as senhoritas também foram programadas. Ainda no mês de junho, depois de passar pelo bairro do Cabanga e aportar no Parque 13 de Maio, o Theatro Circo Wallace chamou a atenção de um público mais popular. Foi também em junho de 1930 que o sainete patriótico *Terra e Mar* foi escrito por Samuel Campelo e levado à cena numa festa da Escola de Aprendizes de Marinheiros do Recife.

Paralelo à toda essa movimentação nos palcos, os anúncios dos cinemas tornaram-se cada vez mais largos na imprensa, com novidades diárias, agora com filmes sonoros ainda mais atrativos às enormes plateias. O Theatro Moderno, por exemplo, que no *Diario de Pernambuco* (4 de julho de 1930) chegou a ser eleito "incontestavelmente o melhor e mais confortavel do norte do paiz, no genero", fez um alarde ao exibir *Jango*, "film todo fallado em portuguez". Nos outros segmentos artísticos, ainda no mês de julho, aconteceram recitais, exposição de caricaturas, concertos da Sociedade de Cultura Musical e da Sociedade de Concertos Populares no Theatro de Santa Isabel, mas nada de apresentações teatrais. A única novidade ligada ao universo cênico foi a inauguração, em 6 de julho, do Cine-Theatro Nossa Senhora da Paz (mais à frente conhecido como o Cine-Theatro da Paz), estabelecimento de diversões no bairro de Afogados, de propriedade do Centro Social Catholico de Afogados, que adquiriu o antigo mobiliário do Theatro Moderno. Naquele vasto salão de festas, com setecentas cadeiras disponíveis, além de filmes apresentados na tela, o evento de lançamento contou no palco com a comédia em um ato *O Marido da Viúva*. Dois dias depois, a atração passou a ser o "sr. Argos, ventriloquo, com os 26 bonecos que cantam, dançam, falam e riem", registrou o jornal *A Provincia* (6 de julho de 1930).

O próprio Theatro de Santa Isabel passou um bom tempo sem aparecer nos jornais, a não ser pelo recital da pianista Isette Fernandes, de apenas sete anos. Até que chegou ao Recife, na segunda quinzena de agosto, a atriz Lucília Peres, com o espetáculo *A Ceia dos Cardeaes*, de Júlio Dantas, sob patrocínio de altas figuras do meio social. Em setembro, para uma temporada curtíssima a convite dos Concertos Viggiani, o Theatro de Santa Isabel também recebeu o já citado O Côro dos Cossacos do Don, composto por trinta e cinco cantores e dançarinos ucranianos, com sessões no Theatro Moderno e no Cine-Theatro da Paz em sequência. Neste antigo e elegante cassino, ainda em setembro, com duas concorridas sessões nos dias 29 e 30, foi lançado o filme pernambucano *No Scenario da Vida*, novela de Jota Soares e Edson Mendonça, produção silenciosa de ficção coordenada por Edson Chagas, com direção de Luiz Maranhão. Divulgado em anúncios no *Diario de Pernambuco* (28 de setembro de 1930) como o primeiro filme pernambucano "synchronisado e dansado", ele foi um dos grandes destaques no término do

chamado Ciclo do Recife. Durante o seu lançamento, foi anunciada ainda a exibição de *Destino das Rosas*, filme dirigido pelo também pernambucano Ary Severo. "Tudo para prestigiar e amparar o trabalho nacional, seja no theatro ou na cinematographia", propagaram na imprensa os administradores do Theatro Moderno.

Um evento chamou a atenção naquele momento: o festival de arte realizado no dia 13 de setembro, às 20 horas, no Cine-Theatro da Paz, em homenagem ao governador do Estado, dr. Estácio Coimbra, e em benefício das escolas paroquiais. A festa foi promovida pelo Centro Social Catholico de Afogados, com apresentação de duas revistas, *A Evolução*, escrita em dois atos por Augusto Wanderley Filho, e *Revista Futurista*, de um ato, criação e encenação de João Jacques, ambas contando com professores da orchestra da Sociedade de Concertos Populares, sob regência do maestro Nelson Ferreira. No elenco, apenas figuras da alta sociedade. Números de variedades encerraram a noite. O crítico P. G. escreveu n'*A Provincia* (16 de setembro de 1930) sobre o evento:

> Excedeu a toda espectativa (sic) o brilhante festival que o "Centro Social Catholico de Afogados" apresentou na noite de sabbado passado, dedicado ao dr. Estacio Coimbra, governador do Estado. A interessante revista de costumes locaes de Augusto Wanderley Filho, foi interpretada com vivacidade e talento. Até mesmo, crianças, como o pequeno Seto Lins, portaram-se admiravelmente no palco do *Theatro da Paz*. Também a *Revista Futurista*, de João Jacques, foi um espectaculo cheio de brilho, destacando a orchestra de professores da *S. C. P.* [Sociedade de Concertos Populares], dirigido (sic) pelo maestro Nelson Ferreira. Os numeros de musicas de autoria de Gaspar Moura são cheios de um suave sentimentalismo. Apenas o que veio tornar a representação um pouco defeituosa foi o palco, demasiadamente pequeno, isto notando-se particularmente nos numeros de bailados da senhorita H. Schoeder. Houve ainda uns numeros extra-programma pelos academicos, Evaldo Altino, Alvaro Lima e Wildy Lowyus e a senhorita Elza Pontual. Os organizadores do interessante festival devem repeti-lo num theatro mais espaçoso e por conseguinte com um palco onde os scenarios de Mario Nunes e Arnaldo Pimentel, tenham maior relevo.

Pouco depois, no *Jornal do Commercio* (21 de setembro de 1930), o jornalista S. C. fez referência à atuação dos amadores teatrais no Recife, gente que "faz arte por brincadeira" e de onde surgem "verdadeiras vocações artisticas", dando destaque à encenação da *Revista Futurista* apresentada no teatrinho do Centro Catholico de Afogados, sob direção de João Jacques, como mais uma das "festas de arte em que senhorinhas e rapazes de nossa melhor sociedade bancam de artistas de theatro e fazem coisas superiores a muitos dos que vivem ganhando a vida nessa profissão cada dia mais desprotegida de todo o mundo". Comentou ainda ele:

> Ter assistido o que ele ali organizou é ter saído convicto de quanto mais bello se pode ainda fazer com aquelles rapazes e principalmente aquellas senhorinhas que tomaram parte nos quatro quadros apresentados na futura revista *Brasilidades*, concebida por João Jacques e a receber musica de Waldemar de Oliveira e Nelson Ferreira, tomando Augusto Wanderley quase toda lettra aos seus cuidados. Autores assim com interpretes como Luis Cavalcanti – que foi outro victorioso da *Berenice* [encenação de 1926] e é uma compleição de artista – e a graça de Oscarlina Guimarães, Eunice Vasconcellos, Maria das Dores Peixoto, Aline Branco, Ceres Wanderley, e todas as outras

> cujos nomes é (sic) impossivel (sic) citar de memoria, mas todas que bem merecem uma citação, serão a garantia do êxito de *Brasilidades*.

Ainda em setembro, no dia 28, o Cine-Theatro da Paz promoveu mais um espetáculo mensal com a volta da encenação da revista em dois atos *Evolução* (agora sem o artigo "A" em seu título), de Augusto Wanderley Filho e música de Gaspar Moura, "terminando com um acto variado, composto de interessantes numeros cantados e dansados", como lembrou o *Jornal do Commercio* (26 de setembro de 1930). A montagem ganhou comentário do anônimo crítico P. G. no jornal *A Provincia* (30 de setembro de 1930):

> A voz melodiosa e forte de Gaspar Rigueira, e os quadros interessantes de Oscarlindo e Glorinha Paiva, Nyette Koury, Esmeraldina Cavalcanti, Ladyclaire Ferreira, Waldinha Barros, Yrandy Lisbôa, Ceres Wanderley, o "numero" de Paulo Carneiro Leão, e muitos outros foram vivados pela selecta platéa. Arnaldo Pimentel e Mario Nunes não só appresentaram novos e bons scenarios como melhor retocaram os anteriores feitos a "toque de caixa". Tambem se deve destacar a encantadora e profusa illuminação do Theatro, prova do bom gosto atistico (sic) de J. Souza. Ainda fez parte do programma, com *Evolução*, diversos e apreciaveis numeros de variedades, a cargo de distinctas senhoritas acompanhadas pela harmonia victorioza do Jazz Band do Jockey Club. Merece destaque especial o numero denominado *Broadway*, critica interessante de João Jacques que fechou distinctamente o programma do espectaculo da noite social de ante-hontem, no Theatro da Paz.

Em outubro, com a chamada "Revolução de 1930", tendo à frente Getúlio Vargas ainda em situação política melindrosa como Governo Provisório, o chefe da firma Avelino & Cia., Avelino Pereira, que administrava o Theatro Moderno, chegou a realizar uma vesperal cinematográfica em benefício da Caixa do Soldado da Revolução. Ainda prometeu apresentar naquele mesmo palco o imponente quadro patriótico em versos, *Os Dezoitos de Copacabana*, de Umberto Santiago, pelo estreante Grupo Cine-Theatro e regência da orquestra pelo maestro Nelson Ferreira, "espectaculo de gala, em regosijo pela victoria da revolução", segundo o *Diario de Pernambuco* (26 de outubro de 1930). A estreia foi programada para 3 de novembro, mas, ao que indicam os jornais, a proposta acabou sendo incluída no espetáculo *Rapa-Côco*, outra das novidades programadas pelo centro de diversões da praça Joaquim Nabuco em dezembro.

A 29 de outubro o modesto cenário teatral recifense recebeu o lançamento deste conjunto próprio, o Grupo Cine-Theatro, que apareceu com a farsa em um ato *O Amor Faz Coisas...*, de Samuel Campelo, seu segundo trabalho escrito para teatro, quando tinha apenas vinte anos, e que em 1910 ganhou versão pelo Gremio Dramatico Espinheirense. A iniciativa desta nova equipe nasceu da empresa Avelino & Cia. que, mesmo enfrentando uma má época para as casas de diversões, quis lançar um grupo profissional de artistas novos da terra para compor a programação do seu Theatro Moderno, com o "proposito de proporcionar sempre novas attrações aos habituaes" do antigo cassino, como reforçou o *Diario de Pernambuco* (29 de outubro de 1930).

Nesta "simples apresentação", contando no elenco com Luiz Maranhão, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Diógenes Fraga e a atriz Lélia Verbena, prometia-se à plateia soltar boas gargalhadas "sem precisar descer a palhaçadas nem licenciosidades", lembrou aquele mesmo jornal. O cenário era assinado por Avelino Pereira, o próprio arrendatário do Theatro Moderno, que pintaria também o cenário da segunda peça já programada pela equipe, para a semana seguinte, a comédia *Cala a Bocca, Etelvina!*, do conhecido escritor carioca Armando Gonzaga. Desta vez, participariam os atores Luiz Maranhão, Elpídio Câmara, Lélia Verbena, Jovelina Soares, Luiz Carneiro, Irene Mariz, Júlio Porto, Pedro de Santa Rosa, Auta Cordeiro e Maria Annunciada, tendo como ponto Emygdio Fancco. No entanto, se a montagem de fato existiu, esta pesquisa não conseguiu confirmação na imprensa.

Após algumas poucas apresentações do Grupo Cine-Theatro com a peça *O Amor Faz Coisas...*, inclusive com uma *matinée* para crianças, a programação do Theatro Moderno, o "ponto chic da nossa

cidade", como era divulgado nos anúncios de jornal, seguiu com filmes na tela como *A Marselhesa*, *No Velho Arizona*, *Destino das Rosas* (produção pernambucana), *Um Sonho Que Viveu*, *O Rio do Romance* e *Loucos Por Paris*, com apresentações do Apa-Jazz no palco, conjunto musical regido por Nelson Ferreira, e da Sociedade de Concertos Populares. Ao final de novembro de 1930, enquanto o Gremio Littero Theatral D. Pedro II, agora com nova diretoria e tendo como presidente Pedro C. de França, preparava-se para voltar à cena, mas sem divulgar com qual espetáculo retornaria no ano seguinte, chegou ao Recife a Grande Companhia Procópio Ferreira, atraindo enorme público ao Theatro Moderno, "a despeito de suas condições de acustica", lembrou o crítico M., no *Diario de Pernambuco* (26 de novembro de 1930).

Além do apreço a uma companhia de comédias, os espectadores estavam ansiosos para conhecer o festejado artista, tudo indica que vindo pela primeira vez à capital pernambucana, assim como aconteceu na Bahia, onde foi aclamado como o ator teatral brasileiro de maior popularidade no século e com os mais altos ingressos cobrados por uma companhia em todo o decênio, como bem lembrou Aninha Franco no livro *O Teatro na Bahia Através da Imprensa Século XX*. A estreia no Recife se deu com a comédia *Um Beijo Na Face*, tradução do texto francês *Embrassez Moi*, de Bernardi Mirande e Quinsson, por Luís Palmeirim, no dia 25 de novembro, com Procópio Ferreira elogiado pelo mesmo crítico M., no *Diario de Pernambuco* (26 de novembro de 1930), como um ator "sóbrio, sem afetação, comico excellente que faz rir com a maior naturalidade".

A companhia, que apresentou também peças como *Que Noite, Meu Deus*, no gênero vaudeville, e a comédia *Carta Anonyma*, entre outras, ainda trouxe no elenco Regina Maura, Carlos Machado, Luísa Nazareth, Elza Gomes, Liana Alba, os irmãos portugueses Abel Pêra e Manuel Pêra (sendo este último o pai da atriz Marília Pêra), José Soares, Albertina Pereira e Delorges Caminha. Os aplausos foram constantes, especialmente pela harmonia no desempenho geral. Outras obras que constaram neste repertório da Grande Companhia Procópio Ferreira foram *O Rei do Petroleo*, peça húngara em três atos de Ladislão Follor, com tradução de Edmundo Lis, *O Amor D'Aqui a 50 Annos*, de Julio Dantas, e *Prompto Soccorro*, de Gavault, peça francesa que concluiu a temporada na quarta-feira, 17 de dezembro.

Um pouco antes desta finalização e após temporada de sucesso em João Pessoa, aportou novamente na capital pernambucana a aclamada atriz paulistana Lucília Peres com *24 de Outubro*, "magestosa peça patriótica em 3 actos" de autoria do escritor maranhense Antônio Pires. A única apresentação se deu a 29 de novembro de 1930, no Theatro de Santa Isabel. Pontuou o *Diario de Pernambuco* (29 de novembro de 1930): "A peça de muita intensidade dramática, representa uma homenagem aos vultos da revolução brasileira que acaba de triumphar". Atuando ao lado do ator Antônio Sampaio, Lucília Peres, que chegou a ser atriz principal da Companhia Dramática fundada por Artur Azevedo na década de 1910 e era considerada

um dos maiores nomes do teatro dramático no país, foi elogiada por estar em um de seus notáveis trabalhos no papel de uma mãe brasileira. O segundo ato da montagem contou, inclusive, com a participação de trinta pessoas de elenco local.

Paralelo à temporada de Procópio Ferreira no Theatro Moderno, a 5 de dezembro estreou no Theatro de Santa Isabel, com grande procura de ingressos, uma montagem recifense que deu o que falar. Foi a revista *Rapa-Côco*, de Musael do Campo (pseudônimo de Samuel Campelo, o mesmo que ele utilizava numa seção diária de humor no jornal *A Provincia*), escrita em dois atos e com vinte quadros diferentes, sendo treze números de música de João Beberibe e José Capibaribe (pseudônimos de João Valença e Valdemar de Oliveira, respectivamente), além do prometido quadro patriótico em versos de Umberto Santiago, *Os 18 de Copacabana*. Os caprichados cenários foram criações de Álvaro Amorim. Vale lembrar que antes de entrar em cena e causar maiores polêmicas, esta "revista de actualidade e critica" foi "submettida e aceita pela censura policial por não conter licenciosidade nem offensas pessoaes, apezar de focalizar figuras conhecidas", lembrou o *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1930).

No elenco, participação especial de Lucília Peres e Antônio Sampaio no quadro patriótico *Mãe Pernambucana*, escrito especialmente para ela por Samuel Campelo, além da presença do ator alagoano radicado no Recife, Luiz de França, "apreciado amador theatral no papel do Corujinha". Outros intérpretes destacados pela imprensa foram o tenor Vicente Cunha, Luiz Cavalcanti, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro, Antônio Miranda, Arnaldo Pimentel, Telêmaco Silva, Benito Magalhães, Luiz Pontes, Walter de Oliveira, Diógenes Fraga, Júlio Braga, Mazil Jurema, Jovelina Soares, Irene Mariz, Cherubina Sampaio, Amália de Souza e Célia Pinho. No repertório das canções, títulos como *A Geladeira*, *Os Papagaios e as Comidas*, *A Mulata e o Beiçola*, *O Rapa-Côco*, *Morena de Pernambuco*, *Canalha da Rua*, *Samba da Pedrada* e um vibrante hino da Revolução Pernambucana.

Das personagens, destaque para "o dr. Elegante, o Braço Forte, o cidadão Beiçola, o professor Escrobu-

te, o deputado Fagundes e o Coruginha (sic)", conforme citou o *Diario de Pernambuco* (18 de novembro de 1930). Nos "quadros de crítica", constavam *O Rebocador E. C. (E' Corredor)*, *Salve-se Quem Puder* e *A' Procura de Um...*, finalizando numa apoteose com exibição de retratos pintados do político paraibano João Pessôa (assassinado a 26 de julho daquele ano, na Confeitaria Glória, no Recife), do marechal cearense Juarez Távora e do tenente pernambucano Cleto Campello, figuras influentes que prepararam no Nordeste o caminho para a "Revolução de 1930". Para ser viabilizada, a montagem recebeu "auxilios espontaneos de algumas casas commerciaes para os preparos de scena", conforme citou o *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1930).

Presépio dos Irmãos Valença

No bairro da Magdalena, assim como acontecia todo final de ano desde o seu surgimento em 1926, o Gremio Familiar Magdalenense, liderado pelos irmãos João e Raul Valença, iniciou em sua sede, a partir de 7 de dezembro, a temporada do seu tradicional *Presépio*. "Além da representação de lindo drama-presepio desempenhado por um grupo de creanças, são apresentados (sic) bem ensaiadas jornadas que brilharão os cordões azul e encarnado", divulgou o *Diario de Pernambuco* (2 de dezembro de 1930). Na data 13 de dezembro, por exemplo, foi oferecida a peça *O Anjo e o Diabo*, com destaque ao garoto Romildo Halliday na pele deste último, além da volta da "graciosa" dupla Enia e Ithamar Valença cantando duetos. As apresentações seguiram, com sucesso, até início de janeiro de 1931, sempre em sessões noturnas, mas atraindo famílias inteiras.

Ainda em 1930, assim que a Grande Companhia Procópio Ferreira saiu de longa temporada no Theatro Moderno, o espaço recebeu a companhia Aurora Aboim, Seus Artistas e Sua Orchestra Jazz-Brasil, estreando a 19 de dezembro com *Arca de Noé*, revuette em um ato e dezoito quadros, divulgado como sendo "sessenta minutos de cousas agradaveis", conforme publicidade no *Diario de Pernambuco* (18 de dezembro de 1930). Mesmo com elogios da imprensa, a tempo-

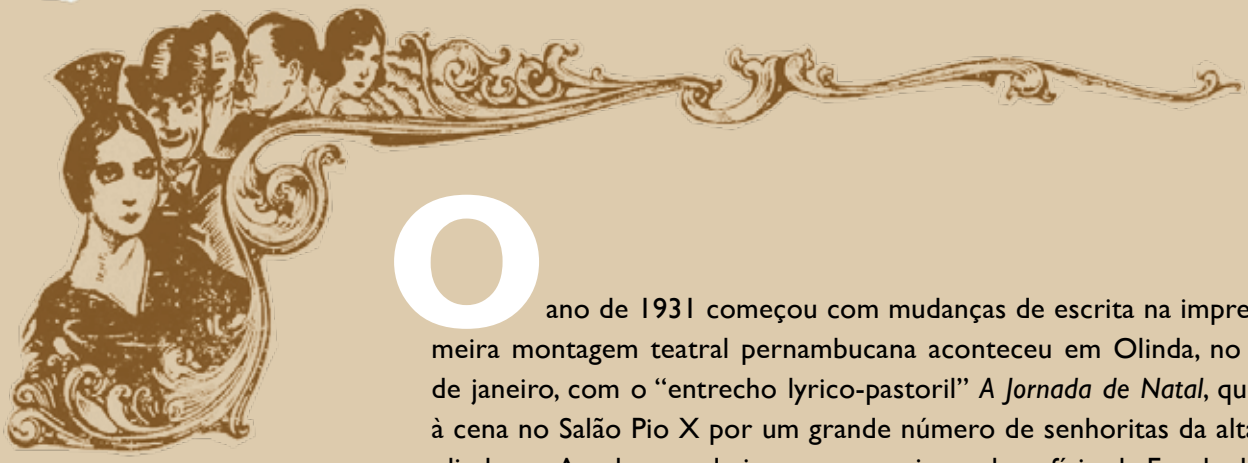
Tuna Portugueza em 1928

rada foi curta, seguindo com a revista em um ato e dezoito quadros, *Jura, Meu Bem!*, e, por fim, *Boas-Festas*, esta com doze quadros. Integravam a equipe os atores Jorge Diniz, Manoel Rocha, Ferreira Maia, Mário Sampaio, Maria Amélia e Lélia Verbena, além da atriz-empresária Aurora Aboim. A 21 de dezembro, outra montagem natalina foi preparada pelo Gremio Familiar Magdalenense, o drama em três atos *Furias Infernaes*, somente com crianças – mesmo com sessão começando às 20h30 – e "ornado com originaes quadros allusivos ao nascimento do Menino Deus", conforme o *Diario de Pernambuco* (21 de dezembro de 1930), seguido de novas jornadas dançadas pelos cordões Azul e Encarnado.

Já no Theatro de Santa Isabel, que há pouco havia recebido os concertos de Hekel Tavares e Ernani Braga, também na data 21 de dezembro aquele palco serviu para um espetáculo organizado "por um grupo de bons elementos do nosso meio artistico" na hilariante peça em três atos *O Homem do Rebocador*, "tendo como assumpto um interessante qui-pró-quo em torno de um caso da mais flagrante actualidade", divulgou o *Diario de Pernambuco* (21 de dezembro de 1930). Em seguida, outra comédia em um ato foi apresentada: *Marquez Por Meia Hora*, com participação dos mesmos intérpretes. Como se vê, era comum um núcleo de artistas, profissionais ou amadores, juntar-se para levar algo à cena, quase sempre uma peça seguida de um ato com números variados, mas com vida reduzida geralmente a uma única ou duas apresentações. Vida efêmera essa do teatro daquele tempo.

A última atração cênica divulgada pela imprensa em 1930 aconteceu na noite de 29 de dezembro, no Theatro de Santa Isabel, com um festival artístico promovido pela Tuna Portugueza, sociedade formada por artistas da colônia lusitana no Recife desde o ano de 1926. O programa constou de três partes, sendo as duas primeiras de música orfeônica. Na última, representação da peça em dois atos *O Mistério do Lenço*, de autoria do amador Alberto Ferreira. "A peça interessante e bem urdida revela os dotes theatraes do seu autor que é um moço intelligente e esforçado", ponderou o *Diario de Pernambuco* (30 de janeiro de 1930), com crítica elogiosa, inclusive, ao desempenho do dramaturgo como intérprete na cena, além dos outros amadores, "todos defendendo bem os seus papeis". A encenação ficou sob a responsabilidade de Arthur Braga, com música escrita pelo maestro Zuzinha (José Lourenço da Silva).

1931



O ano de 1931 começou com mudanças de escrita na imprensa e a primeira montagem teatral pernambucana aconteceu em Olinda, no domingo, 4 de janeiro, com o "entrecho lyrico-pastoril" *A Jornada de Natal*, que foi levada à cena no Salão Pio X por um grande número de senhoritas da alta sociedade olindense. A cobrança de ingressos serviu em benefício da Escola do Apostolado da Oração e, pela ótima repercussão, o espetáculo ganhou segunda sessão no domingo, dia 11 de janeiro, a pedido das famílias de Olinda. Nesta mesma data, a partir das 20h30, no Recife, foi a vez do Gremio Familiar Magdalenense prosseguir com sua temporada de *Presépio*, oferecendo a peça em três atos *Herodes*, cujos principais papéis estiveram confiados às crianças Edysa Cavalcanti (Gelia), Enia Valença (Lihertina), Synesia Barros (Bonina), Romildo Halliday (Lusbel), Ithamar Valença (Argemiro) e Eraldo de Freitas (Herodes). Prometeu-se no *Diario de Pernambuco* (11 de janeiro de 1931), "lindos quadros e uma formidavel apotheose com a morte de Herodes", além de "novas e bem ensaiadas jornadas pelos cordões Azul e Encarnado".

Devido ao sucesso que causou no Theatro de Santa Isabel, a "espectaculosa revista critica de actualidade" *Rapa-Côco*, de Musael do Campo, com vários números de música de João Beberibe e José Capibaribe, voltou a ser apresentada, desta vez no Theatro Moderno, nos dias 20 e 21 de janeiro de 1931, uma terça e quarta-feira, novamente com casa cheia. Nesta repetição, tomaram parte no elenco integrantes da extinta Companhia Nazareth, que haviam trabalhado dois anos antes no Theatro do Parque, com êxito, e se achavam de passagem pelo Recife, vindos do Norte, como Th. Cantuária, irmãs Açucena, Honorina Banhos, Dico Rocha, Urias Raulino e a interessante bailarina Zoé, além de artistas locais como o tenor Vicente Cunha, o barítono Luiz Pontes – pertencentes ao côro da Sociedade de Cultura Musical e com elogios rasgados às suas participações –, Luiz Maranhão, Elpídio Câmara, Luiz de França, Irene Mariz e Célia Pinho, entre outros. O *Diario de Pernambuco* (14 de janeiro de 1931) informou:

> *Rapa-Côco* soffreu modificações para melhor tendo recebido accrescimo de numeros de marcação e bailados para Zoé. *Rapa-Côco* prima pelas musicas todas de effeito, os scenarios vistosos de Alvaro Amorim e agora terá novas peças de guarda-roupa feminino, a estylo ba-ta-clan [refere-se a companhia francesa Ba-Ta-Clan, que chegou ao Brasil no ano de 1922, no Rio de Janeiro, salvaguardando o espírito europeu no Teatro de Revista, mas despertando nossos autores para o luxo desmedido da *feérie*, gênero de espetáculos mágicos e deslumbrantes], sendo as suas criticas leves, espirituosas e sem offensas ás pessoas por ellas attingidas.

Nos anúncios em jornal, divulgava-se: "Musica vibrante – Graça sem pornographia – Critica sem ofensa". Os ingressos foram vendidos a preços populares. O *Diario de Pernambuco* (21 de janeiro de 1931) conseguiu lançar algumas impressões sobre a montagem na coluna *Scenas & Telas*:

> Foi hontem levada á scena no theatro Moderno, a revista *Rapa côco*, escripta dias após a victoria da Revolução para exalsar (sic) as phases mais culminantes desta. A revista está bem arranjada, por ter apanhado flagrantes da epoca, com typos conhecidos. Bordam-na interessantes numeros de musica, uns de compilação outros originaes. Não é possivel dizer com segurança de uma peça representada por elementos heterogeneos nem todos familiares a theatro. O verdadeiro é fechar os olhos para certos pontos e destacar as melhores scenas. Estão no ultimo caso a epopéa de Copacabana, a fuga no rebocador, e a apresentação de barbado, cuja caracterização foi de grande semelhança á do ex-presidente. Vicente Cunha teve [ilegível] palmas nos numeros de canto. Grande publico affluio ao theatro.

A 25 de janeiro, a partir das 19h30, surgiu um novo espetáculo no Recife, no Theatro União, junto à Matriz de São José, como parte de um grande festival em benefício das obras da Igreja dos Martyrios, a alta comédia *Filho de Gato é Gatinho*, de Moacyr Guimarães, cujo desempenho esteve confiado a diversos amadores e senhoritas da sociedade. Houve também um ato variado em seguida, composto por senhoritas, crianças, o professor Alcides Rocha, Moacyr Guimarães, o barítono Rapetete, da Rádio Clube de Pernambuco, Milton Villas-Bôas e o exímio violonista José do Carmo, terminando com uma apoteose que prometia grande efeito. A 8 de fevereiro foi a vez do Gremio Familiar Magdalenense estrear novo espetáculo em seu teatro, às 20h30, desta vez com a conhecida burleta em dois atos *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Sá Pereira, contando no elenco com os amadores Vicente Cunha, Luiz de França, Diógenes Fraga, João Carneiro, Cantuária, A. Valença, José Campos e Luiz Pontes, além das senhoritas Marina Silva, Luizinha Lyra, Odette Souza e Judith Silva.

Curiosamente, nesta mesma noite, a partir das 19 horas, também com cobrança de ingressos, foi apresentado no Theatro Parochial do Barro um festival dramático que contou, inicialmente, com o drama em dois atos e um quadro *Santa Dorothea*. No elenco, Idalice Lyra, Hercília Monteiro, Delphira de Sant'Anna,

Maria José da Luz, Maria da Glória Cardoso, Maria Nilsa Lyra, Lucilla de Sant'Anna, Maria Luiza Barros, Leris Campos Souza e Maria Moraes. Logo após, houve um grande ato de variedades com participação acrescida das senhoritas Maria Sant'Anna, Waldemira Silva, Ceci Bezerra e Lavina de Sant'Anna. Findou o espetáculo a comédia *O Rei Herodes e os Três Reis Magos*, com atuação de Samuel Athayde de Almeida, Ruy Passos, Luís Campello, Luís Martins, Abílio Campello, Sérgio Carneiro da Cunha e Manoel Gondim, além do pequeno Waldomiro Silva e a senhorita Maria Nilsa Lyra. "Far-se-á ouvir ao piano uma senhorita", anunciaram no *Diario de Pernambuco* (8 de fevereiro de 1931).

O mais impressionante foi uma terceira representação acontecendo nesta mesma noite de 8 de fevereiro, data atípica por contar com três opções cênicas para o público recifense, com o Gremio Littero-Theatral D. Pedro II finalmente voltando à cena, desta vez no Lyceu de Artes e Officios com o drama em três atos e três quadros *A Margem do Bosque*, escrito especialmente para o conjunto por Júlio do Carmo, contando com vários números de música, cantos e bailados característicos, pois a trama acontecia nos arredores da Espanha, no século XVIII. No elenco, entre outros, José Rocha, Lectícia Guimarães, Oswaldo Barreto, Maria de Lourdes Alves, Isabel Guimarães, João Amorim e Álvaro Fonseca. Após o drama, seguiu-se uma comédia e um ato de variedades.

Embora com sacrifício devido ao momento de crise aguda no país, mas objetivando receber espetáculos já consagrados na capital da República, mesmo com ingressos a preços populares, a empresa Avelino & Cia., administradora do Theatro Moderno, convidou a Companhia Mulata Brasileira para uma temporada no Recife. Elogiada no Rio de Janeiro, em São Paulo e Santos como exemplo para os revistógrafos das companhias nacionais, pois em seu repertório não recorria às revistas francesas para "preencher com bailados excentricos os numeros de cortina e quadros de fantasia", segundo revelou o *Diario de Pernambuco* (20 de março de 1931), a equipe, toda composta de "gente de cor", chegou da Bahia pelo vapor Pará. O mesmo jornal complementou: "Tudo é nosso, havendo mesmo novidades, pois há um numero que o africano importou para o Brasil, chamado Jongo, desconhecido da nossa platéa, e até hoje ainda não deixou de ser trisado em todos os theatros". A estreia no Recife aconteceu no dia 26 de fevereiro com a revista em dois atos e vinte e três quadros, *Batuque, Catêrêtê e Maxixe*, de K. Boclo, com música dos maestros Vadico (Oswaldo Gogliano) e Alfredo Pires (o hoje conhecido compositor Pixinguinha). Foi apresentada em duas sessões noturnas diariamente, às 19h15 e às 21h15, como mais uma comodidade para o público.

No elenco, trinta artistas mulatos como Avelino Soares, João Phelippe e O. Costa, sendo dezesseis bailarinas, com destaque para as "mulatinhas" Índia do Brasil, Rosa Negra, a "estrella de ebano" que já havia estado no Recife com a Companhia Negra de Revistas; Jacy Aymoré, Mascotte Anih, Dea Goyaz, Barthira Tupinambá e Odete Oliveira. Os elogiados cenários eram de Jayme Silva e Rômulo Lombardi, e havia até uma grandiosa apoteose para o falecido político João Pessôa, assassinado no Recife em 1930. Os ingressos foram vendidos durante o dia no Depósito da Lafayette e, à noite, na bilheteria do Theatro Moderno. Com enorme sucesso, em seguida ainda foram

apresentadas a revista *Deixa Eu Morá Com Você*, de De Chocolat, com música bem brasileira de Alfredo Pires (Pixinguinha); *Flor de Sapoty*, revista-burleta de costumes cariocas, escrita por Luiz Peixoto, com música do maestro Vadico; e a *Revista das Revistas* e *Com Que Roupa?*, ambas dos mesmos K. Boclo, Vadico e Alfredo Pires (Pixinguinha). A temporada prolongou-se, com sucesso, até 7 de abril.

Aos domingos pela manhã, o Theatro Moderno continuou a oferecer para a meninada sua *Matinée Infantil*, sempre às 10 horas, com exibição de filmes como *Tarzan, o Tigre*, em sua quarta série de apresentações, e *Legião de Heroes*, movimentadíssimo drama de aventuras, também da Universal Pictures, protagonizado pelo cowboy Ken Maynard, um dos mais preferidos pela "petizada" do Recife, segundo o *Diario de Pernambuco* (28 de março de 1931). A festa no cassino da praça Joaquim Nabuco terminava quase sempre com sorteio de brindes. Em março, como conceituada sociedade, o Gremio Littero-Theatral D. Pedro II continuou sua intenção de, a cada mês, apresentar um festival artístico no Lyceu de Artes e Officios. No domingo dia 15, dedicado à Sociedade dos Artistas Mechanicos e Liberaes, o programa constou do drama em três atos *Helena*, desempenhado pelos amadores José Rocha, Oswaldo Barreto, Maria de Lourdes Alves e Izabel Guimarães, entre outros, seguido de um ato de variedades com destaque para a participação da senhorita Lectícia Guimarães.

Na mesma data, o Theatro da Matriz do Barro recebeu um festival em benefício do altar da Sagrada Família, com a representação do drama sacro *Esther*. No elenco, Hercília Monteiro como a protagonista, Samuel Atayde, Nilsa de Brito Lyra, Philomena Barros, Maria da Glória Cardoso, Abílio Campello, Luiz Martins Correia, Ruy Passos, Klypper Pinto, José Mello Lins, João Vieira Carvalho e Luiz Barretto. O espetáculo findou com "um grande samba", conforme o *Diario de Pernambuco* (15 de março de 1931). Crianças pagavam meia entrada. A 29 de março foi a vez do Gremio Familiar Magdalenense apresentar a burleta em três atos *Luar do Norte*, com letra de Umberto Santiago e música de João Valença. No desempenho da peça, que abordava como se faziam as

eleições em regimes passados, os amadores Luizinha Lyra, Odette Souza, Grináuria Cavalcanti, "dona" Josephina Rocha, Diógenes Fraga, Benedicto Silva, Luiz de França, José Campos, Mário Domingues e o tenor Vicente Cunha. O *Diario de Pernambuco* (29 de março de 1931) lembrou que, após o espetáculo, com início às 20h30, haveria bonde, o grande meio de transporte da população.

No dia 14 de abril, no Cine-Theatro da Paz, cassino familiar do bairro de Afogados, após a apresentação do filme *Namorando a Propria Esposa*, criação de Lia de Putty, foi representada a revista de assuntos da atualidade *A Canoa Virou*, com letra de Luiz Carneiro e Nilo Vieira. Constando de um ato e oito quadros, com dezenove números de música de Nelson Ferreira, a peça tinha no elenco, além do tenor Vicente Cunha e do jovem Nogueira, os senhores Luiz Pontes, Luiz Carneiro, Elpídio Câmara, Barreto Júnior, Renato Marques, L. Monteiro e A. dos Anjos, e as senhoras Lélia Verbena, Marietta Rocha, Lourdes Monteiro, Jovelina Soares. A montagem ficou a cargo de Lourival Amorim. Cinco dias depois surgiu um outro espetáculo, desta vez com os amadores do Gremio Theatral Olindense fazendo sua estreia no Salão Pio X, em Olinda. A festa constou da representação das comédias *Malditos Visinhos* (sic) e *Cinemania*, esta uma "phantasia critica". Na execução das músicas, participação do maestro Pedro Duarte Filho, que estava em trânsito por Pernambuco, e do barítono Santa Rosa Júnior, tendo ainda nos acompanhamentos Judith Falcão, Ebal Eliel, Euclides Gonçalves, L. Barbosa (Capiba) e Newton Correia de Oliveira.

No primeiro domingo de maio, duas novas opções teatrais foram oferecidas ao público recifense. O festival mensal do Gremio Littero-Theatral D. Pedro II, no Lyceu de Artes e Officios, dedicado ao corpo docente daquele estabelecimento de ensino, apresentou o sentimental drama em três atos *Amor de Pai*, tendo nos principais papéis os amadores Oswaldo Barreto, Alexandrina Correia, Bernardino Alvarez, A. da Silva Câmara e Roosevald Gondim, entre outros. Em seguida, foi a vez de *Os Medrosos*, "chistosa comedia em um ato" com Hermenegildo Diniz e Oswaldo Barreto, entre outros. Ao final, exibição de um ato variado com rapazes e senhoritas associados do Gremio, com destaque para um trecho da ópera *Il Trovatore*, cantada em italiano pelo tenor Moacyr Guimarães. Durante os intervalos, tocou uma jazz-band sob direção do maestro Manoel Rodrigues e do pianista Júlio do Carmo. Já no Theatro da Matriz do Barro, também às 19h30, aconteceu um espetáculo em benefício das obras daquela matriz. Além do drama em três atos *Pena de Morte*, representado por amadores locais – Samuel Athayde, Eduardo Couto, Luiz Martins, João V. Carvalho, Luís Lapa, Hercília Monteiro e Maria Luiza Barros –, pôde ser visto um ato de variedades a cargo de jovens amadores, Maria da Glória Cardoso, João Vieira de Carvalho, Luís Lapa, Delphira de Sant'Anna, Heribaldo Alcoforado, Maria José da Luz, Maria Moraes, Hercília Monteiro e Edivaldo Wanderley.

E eis que, finalmente, surgiu uma *matinée* infantil no domingo 17 de maio, no Theatro de Santa Isabel, como lançamento do grupo Arts Nouveaux, composto por amadores e artistas já reconhecidos no meio. *A Máscara Verde*, de autor e diretor não revelado, foi a peça programada, "magnifico vaudeville que por suas constantes situações ultra-comicas bem merece a expressão de verdadeira fabrica de gargalhadas", ressaltou o *Diario de Pernambuco* (5 de maio de 1931), seguida de um ato variado onde foram cantados números de sucesso do maestro João Valença na voz das senhorinhas Yarba Mello e Enia Valença e de dois elementos de destaque do Gremio Familiar Magdalenense, os senhores Vicente Cunha e Luiz Pontes Fraga. Num dos intervalos foram sorteados brindes às crianças.

No dia seguinte, o jovem padre José Venâncio de Mello promoveu, pelo segundo ano consecutivo, um festival em benefício das "creancinhas" pobres do Instituto Profissional São José, na sede da instituição na rua da Glória. A direção do evento ficou com o diretor do educandário, Cláudio Figueiredo, sob o patrocínio de senhoritas da sociedade. Na programação, uma comédia de título não divulgado e números variados de canções e bailados clássicos. Tudo criação da poetisa e compositora Virgínia Cândida de Figueiredo. Já no dia 20 de maio, com nova diretoria, o Gremio Littero-Theatral D. Pedro II promoveu mais um festival no seu teatro no Lyceu de Artes e Officios, com a peça *A Marcha das Lanternas*, além de um ato de variedades em que tomaram par-

te associados do grêmio e alunos do dr. Pedro de França, o seu presidente de honra, aqui festejando aniversário.

Quem voltou à cena, como cumprimento ao seu "programma pelo theatro pernambucano", foi o Gremio Familiar Magdalenense, com mais um espetáculo social, desta vez apresentando pela primeira vez no estado a comédia em três atos *Uma Senhora Viúva*, de Samuel Campelo, já exibida dezesseis vezes seguidas no Theatro São José, no Rio de Janeiro, "provocando muitos applausos do publico e sendo considerada pela crítica carioca uma das peças de mais comicidade representada nos ultimos tempos naquelle theatro", lembrou o *Diario de Pernambuco* (24 de maio de 1931). No elenco carioca, destaque para dois grandes atores pernambucanos, Manoel Durães e Chaves Filho, este recentemente falecido. Para ser apresentada no Recife, o regente da orquestra do Gremio Familiar Magdalenense, João Valença, acrescentou vários números de música "dando ainda mais alegria á peça de Samuel Campello", registrou aquele mesmo jornal. Do "corpo scenico" do conjunto, participaram o tenor Vicente Cunha, as senhoritas Luizinha Lyra, Marina Silva e Odette Souza, dona Josephina Rocha e os senhores Luiz de França, Diógenes Fraga, Benedicto Silva e Romildo Halliday. A peça foi tão bem recebida, que além de uma nova sessão agendada, por insistentes pedidos do público, ganhou extensa resenha crítica no *Diario de Pernambuco* (26 de maio de 1931):

Samuel Campelo

> Peça leve genero sainete, focalisando com observação typos e costumes da actualidade, com o desenvolvimento passado no Recife, dosada de muita comicidade, *Uma senhora viuva* agradou plenamente aos socios do Gremio da Magdalena, sempre interessado em proporcionar bons espectaculos e a trabalhar pelo não esmorecimento do theatro entre nós. Agora, na Magdalena, o interessante sainete teve, [...] um outro attractivo – a musica, em varios numeros, da autoria do apreciado compositor conterraneo João Valença. Numeros movimentados e bonitos alguns dignos mesmo de figurarem em opereta, como os duettos de "Mario" e "Rosa" bem como um pequeno concertante no 1° acto. O desempenho dado á peça pelo corpo scenico da sympathisada sociedade suburbana foi bom. Seria talvez muito bem si não houvesse algumas falhas, aliás desculpaveis em amadores e peças de primeira representação como: entradas e sahidas demoradas, "deixas" não apanhadas ha tempo, e algumas marcações descuidadas. [...] Vicente Cunha representou bem a parte de "Mario" e cantou para muito agrado. O joven e sympathisado tenor estava com a voz muito limpida e conquistou grandes applausos nos seus tres numeros dois jogados com a graciosa senhorita Luizinha Lyra que deu cabal interpretação ao papel de "Rosa". Marina Silva foi uma melindrosinha em cima do pedido: na desenvoltura e no jogo scenico. Assim Odette Souza que, como sempre lhe acontece, esteve na altura de creadinha. D. Josephina Rocha – dama central de merecimento – apezar de deslocada, pois não é do seu genero, cumpriu o seu dever na carita "Senhorinha". Luiz de França, amador antigo que sabe bem as difficuldas (sic) do palco, em bora (sic) um tanto pesado no "Antoina" conduziu dentro do ridiculo pedido na peça, esse papel de um typo futil que se diz viajado mas commette ratas a todo instante. Benedicto Silva, tambem amador antigo, teve a seu cargo o que se chama em theatro – um presente. O "coronel Ambrigio" estava-lhe talhado, tendo-o feito com toda naturalidade e composto um typo magnifico. Diogenes Fraga, teve uma rabula, mas soube imprimir

> ao gazeteiro "Peteca" a sua vérve de comico apreciado, recebendo por isto muitas palmas principalmente ao entrar em scena e no duetto com a creada. Romildo Halliday que começou a trabalhar nos presepios do Gremio, denotando habilidade, estreou ante-hontem em theatro. Muito jovem, com uma voz digna de aproveitamento, desenvolto, mostrou que tem geito (sic) para a scena e, por isto mesmo, deve ser ensaiado convenientemente para ser mais natural e não repetir alguns exageros da gesticulação e jogo phisionomico. Houve numeros de marcação muito feliz (sic) e outros que devem ser modificados por estarem monotonos. [...] Será, porém, conveniente que o regente, e compositor da peça, providencie afim de que a orchestração não continue tão forte de modo a abafar, por vezes, as vozes dos cantores. [...] *Uma senhora viuva* foi, emfim, um espectaculo que satisfez o publico e provou que com os nossos amadores muito se pode fazer em prol do theatro, já que os nossos poucos profissionaes vivem em desharmonia constante e não saem, por isto, da mambembada.

No dia 6 de junho, no "teatrinho" do Gremio Familiar Magdalenense, a repetição de *Uma Senhora Viúva*, com mais elogios, contou ainda com um grande ato variado em que tomaram parte Vicente Cunha, Luiz Pontes, José Ferraz e as senhoritas Ceres Wanderley, Silene Nery, Marina Silva e Odette Souza, estas duas últimas fazendo com Vicente Cunha e Luiz Pontes o esquete *Frutas Raras*, indicado como sendo de Samuel Campelo. Também foram cantados vários números de João Valença e d. Amélia Brandão Nery, com letras de Raul Valença e Umberto Santiago. "As caracterisações estiveram a cargo do habil artista sr. Alfredo Rocha", lembrou o *Diario de Pernambuco* (11 de junho de 1931). Houve ainda o anúncio da peça *Cartazes de Amor*, dos Irmãos Valença, como próximo trabalho a ser representado pelo grupo. O valor das entradas pagas serviu para fazer melhoramentos no espaço, já necessários naquele momento.

No dia seguinte, houve a inauguração do novo palco remodelado da Tuna Portugueza, que contou com o auxílio dos senhores Manoel Campos, Manoel Meira, Álvaro de Oliveira, o "velho" Cardoso e Alberto Ferreira, aquele grupo cênico. Sob a direção de Alberto Ferreira, apresentou pela primeira vez no Recife a comédia em um ato *A Má Lingua*, do escritor português Eduardo Coêlho. No elenco, dona Alcina Caldas, a senhorita Áurea Gomes, Alberto Ferreira, Alberto Faria, Antônio Almeida e Antônio de Britto. Em seguida, subiu ao palco a encenação de *Rosas e Violetas*, farsa em três quadros de M. Brandão Valle, com música do maestro Zuzinha, "surpreza escripta e musicada por dois importantes elementos da Tuna", lembrou o *Diario de Pernambuco* (24 de maio de 1931). Desta vez, participaram do elenco as senhoritas Ruth R. Barros e Heloiza Lyra e o sr. Alberto Ferreira. Na festa, tomou parte ainda o grupo orfeônico sob a regência do maestro Zuzinha. A direção da sociedade portuguesa prometeu a cada mês fazer nova festa em sua sede para os seus sócios e famílias.

Como companhia teatral em visita ao Recife, por conta de uma turnê pelos "Estados do Norte", a Troupe Bibelot, dirigida pelo também ator Esmeraldo Mattos, foi cumprir temporada no Cine Theatro Ideal, no Largo do Terço, com uma série de espetáculos a partir de 2 de junho. Estreou com "a interessante e moderna revuette em 10 quadros" *Aguenta Firme!*, tendo como interprétes Elisa Mattos (atriz e cantora portuguesa de fados), Anna Pereira, Esmeraldo Mattos, Fernando Mattos (intérprete da personagem cômica Penicolino) e Cícero Vieira. O *Diario de Pernambuco* (30 de maio de 1931) lembrou que a equipe possuía "um vasto repertorio de revuettes, sckets, sainettes, bailados e fantasias, com encantadoras musicas e exhibindo luxuoso guarda-roupa e magnifico scenario". Na programação do cineteatro, a proposta de tela e palco com exibições cinematográficas seguidas por apresentações teatrais modificadas diariamente.

Entre os trabalhos apresentados, sempre com números musicais, humorismo, danças e até ilusionismo, os *revuettes* em dez quadros cada, *Commigo Não!*, *Aguenta Manél!*, *Você Não Me Disse Nada!*, *Cousas da Vida!*, *Que Pirata!*, *Não Mel u Digas!?* (sic), *O Fumo é Forte*, *Tira Uma Linha!*, *É Uma Sopa*, *É Canja!*, *Deixa Correr, Vou P'rá Farra!*, a revistinha em um ato *Entra No Samba*, e as peças *Flor do Sertão* e *Rosas de Nossa Senhora*. Curiosamente, mesmo com alguns títulos bem provocantes no seu repertório, era comum a Troupe Bibelot divulgar nos anúncios de jornal frases de efeito como: "uma fonte inesgotavel de fino humorismo", "provocará formi-

daveis gargalhadas", "Luxuoso guarda roupa – Ricos scenarios – Musicas modernissimas". E sempre havia o lembrete: "Espectaculos puramente familiares" ou "Piadas, ditos com intelligencia que fazem rir, gosadissimamente sem offender a moral". O ator pernambucano Renato Marques chegou a integrar o elenco neste momento. O "quinteto da Bibelot", inclusive, chegou a trazer ao Recife "a grande novidade hoje em scket", conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (28 de junho de 1931), que dava a qualquer espectador a possibilidade de lançar um tema para, após um minuto, ser apresentado como esquete pela equipe, algo parecido com o que fez o grupo recifense Clube de Teatro Infantil, muitos anos depois, na década de 1970, no Teatro do Parque e por escolas do município, com a peça *Uma História Para o Conde Gato*, na qual crianças sugeriam tramas para serem desenvolvidas, na hora, pelo elenco liderado por Otto Prado e Leandro Filho.

Voltando a 1931, também foi promovido numa quarta-feira, dia 3 de junho, um festival artístico no Theatro da Paz em favor da caixa escolar do Grupo Amaury de Medeiros, daquele bairro de Afogados, mantenedor de mais de oitenta crianças pobres. Em parceria

com o Circulo de Paes e Mestres, o evento contou com representação da burleta em um ato de Augusto Wanderley, *O Casamento de Bellinha*, com vários números de músicas regionais de dona Amélia Brandão Nery, esta também tocando ao piano. No elenco, Luiz de França, Ruy Wanderley, Arnaldo Pimentel e a senhorinha Ceres Wanderley no papel de Bellinha, a vitalina. Foram ainda apresentados dois atos de números variados de canto e declamação por Celme Feijó, Elsa Pontual, Ceres Wanderley, Aline Branco, Silene Nery, Luiz Pontes e José Ferraz em dupla cantando emboladas e cocos, João Gilberto, Alberto Paiva e Marcello de Oliveira. Houve um registro crítico do espetáculo *O Casamento de Bellinha* no *Diario de Pernambuco* (9 de junho de 1931):

> Peça ligeira, sem preoccupações literarias, feita com o proposito apenas de divertir, a burleta de Augusto Wanderley conseguiu o seu fim tendo feito a platéa conserva-se (sic) em hilaridade durante toda a representação. O desempenho a contento esteve a cargo de Luiz de França, bem posto no coronel [ilegível]; Ceres Wanderley, na "vitalina" Bellinha, doidinha para casar; Arnaldo Pimentel em um barbeiro pernostico e Ruy Wanderley, num endiabrado moleque.

Ainda no mês de junho, surgiu a notícia no *Diario de Pernambuco* (12 de junho de 1931) que o senhor José Carlos Queirolo, do Rio de Janeiro, popularmente conhecido por "Chicharrão", iria exibir no Cine Theatro da Paz, no bairro de Afogados, por três *matinées* às 15 horas, a começar daquela data, o seu interessante conjunto de animais. "Apresentando sua collecção zoologica a cobra equilibrista, o macaco que dansa maxixe com sua companheira Dondoca, o burro diplomata, a macaca que trabalha na bola e se equilibra no arame e os cachorros acrobatas", lembrou o jornal. Ele prometia um espetáculo inédito no Recife "pela originalidade e perfeição dos trabalhos a se exhibirem". Completavam o seu elenco o pequeno Brasil Queirolo e a senhora Brooklin Queirolo. Na tela, a tragédia chinesa *Metro*.

Curiosamente, dois festivais artísticos foram anunciados na imprensa, mas, ao que tudo indica, deixaram de ser realizados e transformaram-se, dois meses depois, na estreia que marcou o lançamento

Elpídio Câmara

do Grupo Gente Nossa no cenário teatral pernambucano. Primeiro, foi o ator Elpídio Câmara, já conhecido por fazer excursões a outros estados com companhias visitantes, além de fazer parte de elencos locais, quem anunciou o seu festival para o dia 14 de junho de 1931, no Theatro de Santa Isabel, "com o auxílio de outros elementos que, com elle, breve organisarão um grupo para trabalhar naquelle theatro", foi o que divulgou o *Diario de Pernambuco* (4 de junho de 1931). Ou seja, ele já tinha a pretensão de lançar, de fato, um grupo teatral próprio no mercado local. O festival, que mais à frente mudou de data para o dia 21, "foi transferido, por motivo de doença em um dos figurantes das peças para dia que for previamente anunciado", registrou o *Diario de Pernambuco* (20 de junho de 1931), mas o evento não aconteceu. Podeveria contar com duas peças cômicas, o sainete argentino em dois atos *Mamãe Quer Casar,* de Celestino Silva, e o primeiro trabalho escrito para o teatro por Samuel Campelo, *Engano da Peste*.

Já para o dia 26 foi programado um festival de arte patrocinado pela Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT), no mesmo Theatro de Santa Isabel, promovido pela atriz Lélia Verbena, com duas peças agendadas, *Mater Dolorosa*, do escritor lusitano Júlio Dantas, com a beneficiada em papel destaque, e o *revuette Costella de Adão*, de autoria de Humberto Santiago, além de números de variedades. Participariam os conhecidos "actores conterrâneos" Elpídio

Câmara, Renato Marques, Lenita Lopes, Luiz Carneiro, Amália de Souza, Lourdes Monteiro, Jovenilla Soares e José de Souza, além do repentista Minôna Carneiro e do barítono Luiz Pontes. O espetáculo terminaria com uma apoteose à mentora dos Desportos Suburbanos. Uma nova data surgiu, 4 de julho, transferida "por motivo de molestia em alguns artistas que vão tomar parte no festival", confirmou o *Diario de Pernambuco* (27 de junho de 1931). Enquanto isso, falava-se na organização de um novo grupo teatral no Recife, nos moldes do Teatro de Brinquedo, de Álvaro Moreyra, do Rio de Janeiro, ideia de Silvino Lopes junto a Amélia Brandão Néri, Augusto Vanderlei e o crítico teatral do *Diario de Pernambuco*, S. C., sob o título Teatro Daqui Mesmo, mas ficou só no desejo...

Ainda naquele mês de junho, notícias boas para duas casas de espetáculos, pois o administrador do Theatro de Santa Isabel, Samuel Campelo, conseguiu autorização do secretário da Educação e Interior afim de contratar o pintor Álvaro Amorim para restaurar "tres scenarios gabinetes do mesmo theatro, por conta dos saldos que têm deixado as festas e espectaculos ali ultimamente realizados", segundo o *Diario de Pernambuco* (17 de junho de 1931). O mesmo jornal lembrou ainda que ele "mandou pintar, e já inaugurou, um tapete para o palco afim de substituir o velho linoleo[,] que havia tendo ainda concertado grande parte da installação electrica e mudado muitas lampadas queimadas". Ainda "foram caiados e pintados quase todos os camarins e a parte posterior, interna, do theatro, bem como empalhadas muitas cadeiras da platéa, na Casa de Detenção".

Por sua vez, o Theatro Moderno recebeu uma "providencia sobretudo hygienica (...) em proveito dos seus habitués", segundo o *Diario de Pernambuco* (19 de junho de 1931), com a instalação de aparelhos para renovação do ar na sala de espetáculos. "O ar contido no salão de projecção é renovado de 9 1/2 a 9 1/2 minutos. Para a installação desse importante melhoramento a empreza Avelino & C. assignou contracto com a Pernambuco Tramways", destacou o mesmo jornal. Aos domingos, continuavam naquele centro de diversões as *Matinées Infantis* com filme seguido do ventríloquo Argo com sua troupe de bonecos que "falam, cantam, dansam e pintam o sete", conforme o *Diario de Pernambuco* (21 de junho de 1931), além de sorteio de brindes.

Enquanto isso, a Caravana Teatral Recifense programou-se para aportar em Maceió, no dia 19 de julho, contando com o patrocínio do interventor federal Freitas Meira, e o prefeito da cidade, Fernando de Mendonça. Compunham a caravana os atores Barreto Júnior, Elpídio Câmara, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Amália de Sousa, Ari Guimarães, Umberto Padilha, Hugo de Sousa e o repentista Minôna Carneiro, este último em participação especial no ato variado. O programa começava com a comédia *A Moça dos Quinhentos*, de autor não divulgado, e o vaudeville *Vou Para o Acre*, do pernambucano Umberto Santiago. Já no Recife, em homenagem à colônia portuguesa, foi promovido no Cine Teatro da Paz, pela Tuna Portugueza, um festival em prol das Escolas Paroquiais, com exibição das comédias em um ato *A Má Lingua* e *Felisberto e Cia.*, terminando com uma apoteose Portugal-Brasil. A direção ficou com Alberto Ferreira. No elenco, a professora Alcina Caldas, as senhorinhas Áurea Gomes e Maria C. Barros, e os senhores Alberto Faria, Antônio de Brito, Ferreira da Graça e Antônio de Almeida, entre outros.

Na cidade de Palmares, a 30 de julho, sob direção de Miguel Jasseli, o Centro de Cultura de Palmares representou, em sua estreia, a burleta *A Cabocla Bonita*, com participação especial do ator Barreto Júnior, e já anunciou como segundo espetáculo em setembro, o sainete *Uma Senhora Viúva*. Paralelamente, o mágico Delio de Melo Morais fazia sessão de variedades no Theatro de Santa Isabel, e o Theatro do Parque celebrava o seu segundo aniversário de reinauguração como cinema, comandado pela empresa Luiz Severiano Ribeiro. O filme escolhido para a festa foi *Haroldo Trepa-Trepa*, comédia da Paramount sobre um célebre comediande norte-americano. Até que, de uma conversa em banco de jardim com Samuel Campelo, diretor do Theatro de Santa Isabel, finalmente o ator Elpídio Câmara confirmou o seu festival artístico para o dia 2 de agosto, sob o patrocínio da Associação dos Cronistas Desportivos de Pernambuco, com parte da renda revertida para tal. Mas mudou o programa, escolhendo a comédia *A Honra da Tia*, peça do próprio Samuel Campelo, em que ele tinha um "papel salien-

te", conforme ressaltou o *Diario de Pernambuco* (12 de julho de 1931), junto a outros "elementos conhecidos" como Lélia Verbena, Jovelina Soares, Lourdes Monteiro, Diógenes Fraga, Luiz de França, Ferreira da Graça e Irene Mariz. Tornando realidade um velho sonho de Samuel Campelo, que pela imprensa vinha se debatendo há longos anos para fazer um teatro de arte e cultura no Recife, formava-se assim um novo grupo teatral que marcou a história de Pernambuco pelos seus propósitos, lutas e conquistas. Foi o crítico S. C, no *Diario de Pernambuco* (19 de julho de 1931), quem anunciou, para agosto, o surgimento do Grupo Gente Nossa:

> [...] a organização de um grupo de teatro a serio [...] o teatro de farças, de comedias, de burletas, para duas ou duas horas e meia de espetaculo. Com gente que se preocupe somente de teatro e com um programa simpatico para o bolso do publico – teatro a preço barato, a preço de cinema. [...] E ninguem torça o nariz.

Para registrar o surgimento do Grupo Gente Nossa, a mais importante ação do teatro em Pernambuco na década de 1930, nada melhor do que reproduzir o resumo que a própria equipe lançou sobre o início de sua trajetória em 1931. Eis o que o *Nosso Boletim* (agosto de 1936), um informativo mensal do grupo, trouxe sob o título "O 'Gente Nossa' e sua historia":

> Era um velho sonho de Samuel Campêlo: a realização do teatro permanente no Recife. Desde 1921 que, pela imprensa, ele se vinha batendo por esse ideal e foi assim que, em 1927, prestou todo o seu auxilio aos atores Alvaro Diniz e Leoni Siqueira para a fundação da "Companhia Tra-lá-lá" que chegou a dar quasi dois mêses de espetaculos diarios no "Teatro Helvetica". Em 1929, com o ator Moreno Garcia, conseguiu recrutar varios amadores em nossas sociedades dos arrabaldes e assim se fundou a "Companhia Teatro Mirim" que pouco trabalhou no "Teatro Santa Isabel" excursionando depois a Maceió, interior de Alagoas e de Sergipe, Aracaju e interior da Bahia onde se dissolveu. Em começo de 30 pensou na organização do "Conjunto de Artistas Novos" para o qual chegou a dar os primeiros passos, mas devido a certas dificuldades fez apenas estrear, com pecinhas em 1 ato, o "Grupo Cine-Teatro" que somente pôde dar poucos espetaculos no "Teatro Moderno", desta capital, e no "Teatro da Paz", em Afogados. Lutando com empecilhos de toda ordem, sendo o maior deles a falta de um teatro, Samuel Campêlo já estava quase convencido da impossibilidade de atingir os seus fins quando rebentou a revolução de 1930 e ele foi convidado para o logar de diretor do "Teatro Santa Isabel". Conheceu, então, ter surgido o momento propicio e, para experimentar elementos capazes de arcar com a atuação em um elenco, escreveu a revista *Rapa-Côco* que recebeu musicas de João Valença e José Capibaribe e foi levada á cena no "Santa Isabel" no "Teatro Moderno", no "Teatro São Miguel" em Afogados, e no "Teatro Leopoldo Fróes" na Madalena. Alguns elementos que tinham pertecido á "Tra-lá-lá" e ao "Cine-teatro", amadores do "Gremio Madalenense" e outros que pela primeira vez pisavam em cena fazendo um genero complexo como a da revista (e em *Rapa-Côco* havia trechos de musica dificil, numeros de marcações e de canto, quadros dramáticos, etc.) provaram flagrantemente a possibilidade da criação de um corpo cenico permanente entre nós. Mas embora sem deixar a direção do "Santa Isabel" Samuel Campêlo foi chamado a assumir a delegacia do 1.° distrito policial do Recife e os afazeres e a responsabilidade desse cargo não lhe permitiram mais dedicar tanta atenção ás coisas de teatro. Quando porém, em Abril de 1931, renunciou á delegacia de policia, já não encontrou no Recife alguns dos elementos de que precisava e teve de esperar melhor oportunidade. Foi quando Elpidio Camara lhe apareceu solicitando uma peça para realizar um festival no "Santa Isabel". E entraram os dois em combinação para a fundação da companhia tantas vezes sonhada. As experiencias anteriores tinham servido de bôas lições e, assim, lançado o espetaculo com o rotulo de festival – mesmo com os proventos para o atôr festejado – seria disfarçadamente apresentado o futuro conjunto que, desde já, ficou resolvido ter o nome de "Grupo Gente Nossa".

Sobre a estreia, eis o que revelou o *Nosso Boletim* (agosto de 1936):

Escolhida a peça que foi a comedia em 3 atos de Samuel Campêlo: *A honra da tia*, cujo galã já Elpidio Camara fizera na "Companhia Teatro Mirim", puzeram-se (sic) os dois em campo á procura dos demais interpretes. Foram então convidados os seguintes que tinham feito parte do "Teatro Mirim" e trabalharam na *Rapa-Côco*: Ferreira da Graça, atôr português ha muitos anos residente no Recife e aqui perfeitamente identificado, Jovelina Soares, já afeita ao palco, Irene Mariz, que estreara naquele conjunto, e Diogenes Fraga, tambem do corpo cenico do "Gremio Madalenense"; Lelia Verbena, que já estivera no "Grupo Cine-teatro"; Luiz de França, antigo amador de nossos palcos desde a desorganização neste Estado da celebre Companhia Infantil de Umbelino Dias e Lurdes (sic) Monteiro que aparecêra como corista na revista *Rapa-Côco* e ia ter um papel em teatro, pela primeira vez. Para a contra-regra foi chamado Luiz Carneiro antigo amador que já contracenara com artistas de nomeada e para o logar de ponto – Abelardo Cavalcanti, conhecido por "Coleguinha" nas rodas teatrais, onde já exercera varias vezes aquele mistér. Começaram os ensaios e a propaganda e, no dia 2 de Agosto de 1931, com cenarios pertencentes ao teatro, restaurados por Alvaro Amorim, moveis e objetos de cena emprestados, realizou-se no "Teatro Santa Isabel" o festival do atôr Elpidio Camara dedicado á "Associação dos Cronistas Esportivos" e em homenagem á "Embaixada Esportiva Pernambucana" que, naquele ano, iria ao Estado de São Paulo. A festa começou com uma saudação á Embaixada pelo poeta e cronista Hercilio Celso respondendo, em nome daquela, o dr. Carlos Rios e depois houve a representação d'*A honra da tia* pelo "Grupo Gente Nossa". O programa anunciava o Grupo assim, de modo simples, como se não fosse uma estréa de companhia. Era a lição da experiencia.

A Honra da Tia foi assim avaliada pelo *Diario de Pernambuco* (5 de agosto de 1931):

> A estréa do *Grupo Gente Nossa*, domingo ultimo, no Teatro Santa Isabel em espetáculo promovido pelo atôr Elpidio Camara, veiu (sic) demonstrar que bem se póde organizar um pequeno elenco de artistas do palco nesta cidade. Dentro das modestas possibilidades do novel grupo, o espetáculo de domingo agradou inteiramente ao grande publico que ocorreu ao velho teatro da praça da Republica, tanto[s] foram os aplausos nos finais dos átos. E o caso é ter o desempenho excedido a espectativa (sic) de muitos que foram ao teatro pensando ir assistir a uma chinfrineira. Tal não aconteceu, porém. Não foram artistas de nome que pisaram o palco do tradicional teatro, no domingo ultimo, mas houveram-se com muita habilidade descupadas as faltas naturais de quem se não pode arrogar de "astros" e "estrêlas". E' preciso, entretanto, confessar que "canastrões" têm vindo ao Recife cheios de reclamo e não estão no plano de alguns filiados do *Grupo Gente Nossa*. E a nossa opinião aqui vai sem exageros no elogio, para não deitar ninguem a perder e sem mão forte no ataque para não desanimar ninguem. A peça encenada – a comedia em 3 atos *A honra da tia*, original de nosso confrade dr. Samuel Campêlo – já tem sido representada aqui por diversas companhias, sendo, pois, bastante conhecida e não havendo mais necessidade de critica. E' aliás uma peça sempre aplaudida aqui e em varias outras capitais do país. Dos protagonistas se encarregaram Elpidio Camara e Lelia Verbena. Foram-se bem; são dois novos que, si tivessem mestres e vivessem em outro meio, poderiam brilhar. Elpidio tem bôa dição (sic) e um jogo cenico seguro, conduz os seus galãs com acerto e no "dr. Alvaro" manteve uma bôa linha de conduta sem discrepancia até o fim,

Lélia Verbena

maximé contracenando com a ingenua. Lelia Verbena é uma intuição teatral como poucas. Além disso é jovem e graciósa. Deve estudar sempre, caprichar na composição de seus papeis, observar o que lhe é distribuido e terá aplausos constantemente. Na Irene da *Honra da tia*, papel complexo, cheio de transições entre a ingenua e a dama galã, Lelia conduziu-se digna de ecomios. Luiz de França, elemento vindo da companhia infantil do Umbelino Dias que fez partido nos começos deste século, agrada sempre nos centros comicos. Foi um perfeito "comendador Custodio", fazendo ressaltar (sic) a sua frase refrão "justamente o contrario" e jogando as cenas sem o menor exagero. Deveria apenas ter carregado um tantinho mais o sotaque português. Jovelina Soares e Diogenes Fraga foi um interessante casal de creados trazendo a platéa em hilaridade durante minutos. Diogenes é um antigo amador do teatro apontado como um dos mais apreciados. Jovelina, no genero, não tem similar entre nós. Lourdes Monteiro está quasi a começar. Poderia ter dado mais força á cena final do 1° áto mas entretanto não prejudicou o papel. Teve até momentos de felicidade e soube com muita presença de espirito – o que ás vêses falta a velhos artistas – salvar uma entrada falsa que lhe deram. Ferreira da Graça teve a seu cargo um galã central; meio termo de um centro dramatico, quasi se pode definir assim o seu papel. Teve cenas fortes mas levou perto do trágico a cena do 2° áto em que encontrou Alvaro e Irene na casa daquêle quando ali ia em busca da mulher. Deveria não ter carregado tanto na dramaticidade e não perderia nada por isto. Irene Mariz, apesar de bôa estampa e vestir com elegancia, tem contra si uma dição (sic) dificil. Não se lhe perdeu uma palavra porque soube falar alto mas a dição (sic) lhe prejudicou bastante as [in]flexões. Ainda assim não deitou a perder o papel. O espetáculo foi patrocinado pela Associação dos Cronistas Desportivos, tendo em um dos intervalos o nosso confrade Hercilio Celso, presidente da Associação saudado á embaixada desportiva pernambucana que irá a São Paulo no próximo dia 9. Em outro intervalo houve sorteio de premios. Foi, emfim (sic), uma bela festa e uma radiante promessa do *Grupo Gente Nossa* que poderá chegar a dar-nos interessantes espetáculos teatrais. Basta-lhe agora o apoio do publico e da imprensa.

Cética sobre o bom resultado de *A Honra da Tia*, a *Retrospectiva "Grupo Gente Nossa"*, editada em 1940, foi enfática sobre o assunto:

> O espetáculo deixou muito a desejar. A imprensa manifestou-se incentivando apenas. Samuel, inteligentemente, compreendeu que aquele teatro era frequentado pela elite, gente culta e exigente. Resolveu então exercitar mais ainda os artistas nos teatros dos subúrbios, com ensaios rigorosos para dar, mais tarde, com mais treino do pessoal, prova definitiva do "TSI", agregando mais elementos no elenco, e sendo aventada a criação de um corpo de sócios para garantir as despesas com os cenários e indumentária, a fim de satisfazer o público.

Já o *Nosso Boletim* (agosto de 1936), intitulado "O 'Gente Nossa' e sua historia", foi bem mais condescendente com o resultado de *A Honra da Tia*:

> O espetaculo agradou. O teatro apanhou uma concurrencia (sic) bem regular, porque os ingressos foram passados pelos patrocinadores da festa e pelo proprio Elpidio Camara. Houve aplausos e a imprensa manifestou-se carinhosamente começando a animar a iniciativa, especialisando-se o *Diario de Pernambuco* pela pena do autor teatral José Penante e *A Noticia* com Aimbiré Kanimura e Silvino Lopes, escrevendo este a proposito uma das suas apreciadas cronicas "Ver, ouvir e contar". O publico, porem, não confiava no exito da tentativa. Havia quem afirmasse ficar no espetaculo de estréa; outros davam ao *Grupo* apenas um mês de existente e os mais otimistas acrescentavam que "quando muito atingiria ele o fim do ano". Sondando os animos, Samuel Campêlo mudou de tatica. Foi exercitar o elenco em pequenos teatros dos bairros e arrabaldes para dar, mais tarde, combate decisivo no "Santa Isabel". Agregando-se-lhe mais Josefina Rocha, velha atriz pernambucana, Carmem Dolores, paraense de passagem no Recife, e Luiz Maranhão, que andára de norte a sul em companhias teatrais e tambem fôra

IDEAL-CINEMA Largo do Terço, 61

Installação Sonora "Western Electric Company" (Igual ao do Parque) — "Movietone" e "Vitaphone"

HOJE — NA SOIREE PROGRAMMA EXPLENDIDO — HOJE

Duas sessões — Iniciando 1ª sessão ás 18 horas

Na tela — O Programma URANIA apresenta um grande film sonoro todo cheio de scenas de grande movimentação:

MANOLESCO

Um film todo synchronizado e musicado, vivamente arrebatador, com desempenho de um selecto conjuncto de fama, destacando-se a figura querida do astro consagrado IVAN MOSJUNKINE.

No palco — Estréa do applaudido GRUPO GENTE NOSSA, será levado em scena o hilariante suyneté comico em 2 actos: "MAMAE QUER CASAR".

Peça de retumbante successo que provocará formidaveis gargalhadas, puramente familiar.

AMANHÃ — na tela: a estupenda producção sonora da "Urania" — "O DIABO BRANCO", super film synchronizado e musicado com IVAN MOS JOUKINE. No palco: pelo Grupo GENTE NOSSA, será levado em scena a explendida comedia em 3 actos, do conhecido escriptor Samuel Campello: — "A HONRA DA TIA".

dos "Artistas Novos", do "Cine-Teatro" e da *Rapa-Côco*, entrando Luiz Carneiro a trabalhar em cena e passando, então, o logar de ponto a ser ocupado por Amaro Paiva, o *Grupo Gente Nossa* esteve o resto do mês de Agosto e o de Setembro no "Cine-Teatro Livramento", do Feitosa. De volta de uma das suas muitas incursões ao interior do Estado chegou, ao Recife, o ator Barreto Junior com alguns elementos que poderiam ser aproveitados, unindo-se todos ao *Gente Nossa* e sendo aventada a criação de um corpo de socios mantenedores para garantir as despesas de maior vulto tratando-se da volta ao "Teatro Santa Isabel". No "Teatro Leopoldo", pertencente ao "Gremio Familiar Madalenense", deu-se a 4 de Outubro um espetaculo de afinação com a peça que seria a do primeiro espetaculo, chamado "social", na reentrada do "Santa Isabel" a 6 de Outubro e que foi a comedia em 3 atos de Paulo Magalhães: *O Interventor*, na qual trabalharam Elpidio Camara, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, Barreto Junior, Lourival Fraga, Lelia Verbena, Josefina Rocha, Lenita Lopes, sendo a contra-regra feita por José de Sousa e o ponto a cargo de Lourival Amorim. Com estes, e mais, Jovelina Soares, Amalia de Sousa, Diogenes Fraga, Luiz de França e Amaro Paiva, na secretaria, ficou integrado o elenco dando o *Gente Nossa*, em Outubro, ainda as seguintes peças em espetaculos sociais: *A honra da tia*, de Samuel Campelo; *Não me conte esse pedaço*, de Miguel Santos e *Sangue Gaucho*, de Abadie Faria Rosa, que foram repetidas em espetaculos avulsos. O publico começou a aceitar plenamente os espetaculos do *Grupo* e assim decorreram, enchendo-se o "Santa Isabel", os mêses de Novembro e Dezembro de 1931.

Ainda no dia 2 de agosto, na cidade de Ribeirão, no Teatro Radio do município, o Conjunto Artístico Ribeironense apresentou a comédia *Com Mêdo das Mulheres*, seguida de um ato de variedades, objetivando arrecadar fundos para a reconstrução da igreja local. A direção da equipe era de Plácido Uchôa. Após "despertar os aplausos do publico que compareceu á sua estréa", conforme lembrou novamente o *Diario de Pernambuco* (7 de agosto de 1931), o Grupo Gente Nossa decidiu levar a peça *A Honra da Tia* para teatros nos arrabaldes da capital. Com programação inicial para o antigo Theatro Livramento, agora Cinema Olinda, mas transferida na verdade, o fato se deu primeiramente com o sainete argentino *Mamãi Quer Casar*, adaptado à cena brasileira, no Cinema Ideal, no Páteo do Terço, no dia 15 de agosto, tendo no elenco Elpídio Câmara, Luiz de França, Luiz Carneiro, Ferreira da Graça, Lélia Verbena, Josefina Rocha, Jovelina Soares, Lourdes Monteiro e Carmen Dolores. Uma nova sessão aconteceu no dia 16, desta vez com *A Honra da Tia*, iniciativa totalmente vitoriosa nas duas noites. Segundo o *Diario de Pernambuco* (11 de agosto de 1931), o seu programa era o de realizar espetáculos "ao alcance de todas as bolsas".

O grupo ainda programou para o dia 18, no Theatro de Santa Isabel, em benefício da Escola da Liga Protetora da Infância do Brum, dirigida pelo padre Manuel Machado, um espetáculo com o sainete argentino *Mamãi Quer Casar*, em dois atos, e a farsa

Engano da Péste, de Samuel Campelo, em um ato final. No elenco, Elpídio Câmara, Luiz de França, Luiz Carneiro, Ferreira da Graça, Diógenes Fraga, Lourival Fraga, Lélia Verbena, Josefina Rocha, Jovelina Soares e Lourdes Monteiro. O *Diario de Pernambuco* (11 de agosto de 1931) ainda salientou que, no Theatro de Santa Isabel, todas as peças programadas seriam "a preços de cinema", tendo ainda o Grupo Gente Nossa a pretensão de encenar trabalhos de autores pernambucanos, "nomes de nossas letras contribuindo assim para despertar o interesse de escritores da terra pelo teatro".

Enquanto isso, a Sociedade de Cultura de Palmares, que havia estreado no dia 7 de agosto naquele município com a burleta *A Cabocla Bonita*, texto de Marques Porto e Ary Pavão, com partitura musical de Sá Pereira, anunciava para breve o lançamento de *Uma Senhora Viúva*, de Samuel Campelo, novamente sob a orientação do professor Miguel Jasseli; assim como o Gremio Familiar Magdalenense preparava *Cartazes do Amôr*. Novamente com sessão cancelada no dia 22 de agosto para o Cinema Olinda (ex-Theatro Livramento e um dos poucos a não possuir anúncio nos jornais, diferente dos cinemas Gloria, Royal, Cine-Encruzilhada, Theatro Moderno, Theatro do Parque e Ideal Cinema), no bairro do Feitosa, o Grupo Gente Nossa só conseguiu aportar naquele palco a 5 de setembro, agora com elenco reorganizado para a aplaudida comédia em três atos de Samuel Campelo, *A Honra da Tia*, contando com os mesmos atores da estreia, Lélia Verbena, Luiz de França, Elpídio Câmara, Diógenes Fraga e Lourdes Monteiro, além dos novos intérpretes Luiz Maranhão, Amália de Souza e Lenita Lopes. O público foi animador. No domingo, segunda e terça-feira, dias 6, 7 e 8 de setembro, o Grupo Gente Nossa voltou ao Ideal Cinema, no Páteo do Terço, para completar o programa cinematográfico daquele cassino encenando a farsa em um ato de Samuel Campelo, *Engano da Peste*, desta vez contando com Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Barreto Júnior, Elpídio Câmara, Luiz de França, Luiz Carneiro e José de Sousa no elenco. A equipe anunciou como espetáculo da semana seguinte o *vaudeville Trocas* e *Baldrocas*, que parece não ter chegado à cena, pois há registro da farsa em um ato *O Amor Faz Coisas...*, de Samuel Campelo, como o trabalho em sequência levado ao Ideal Cinema. Também foi anunciado para ser representado por lá o melodrama português em dois atos *Rosas de Nossa Senhora*, com todo o elenco do Grupo Gente Nossa, algo que também não aconteceu neste momento.

Curioso é o comentário feito no *Diario de Pernambuco* (5 de setembro de 1931) no dia da estreia no Cinema Olinda, valorando as qualidades da escrita de *A Honra da Tia* e a distribuição dos atores em seus papéis:

> A peça que irá á cena, ali muito esperada, é a linda comedia em 3 atos de Samuel Campêlo – *A honra da tia* peça que tanto contem situações sentimentais como outras de produzir gargalhadas. Si não fosse a grande soma de gargalhadas que produz *A honra da tia* poderia ser considerada alta comedia. É, entretanto, uma comedia ligeira onde ha enredo e linhagem de algumas personagens. O desempenho d'*A honra da tia*, hoje no Feitosa, pelo Grupo Gente Nossa está entregue a Lelia Verbena, Elpidio Camara, Luiz Maranhão e Lurdes (sic) Monteiro, nos papeis que preparam o enredo e Luiz de França, Diogenes Fraga, Amalia de Sousa e Lenita Lopes, nos episodios que são justamente os da parte comica da peça.

Ainda no dia 5, no Cine-Elite, no bairro das Graças, foi promovido um festival em benefício da Matriz da Torre, tendo à frente senhoritas residentes no bairro. Na primeira parte, apresentou-se a comédia em dois atos *Janjão Em Apuros*, seguida de outra comédia em um ato, *O Aniversario da Noiva*, "em que tomarão parte distintas senhoritas de nossa sociedade", lembrou o *Diario de Pernambuco* (4 de setembro de 1931). O programa foi encerrado com um ato variado tendo a participação de Alfredo Medeiros, Ademar Campos, o tenor Vicente Cunha e o barítono Lourival Fraga. No retorno do Grupo Gente Nossa ao Ideal Cinema, o crítico S. C., no *Diario de Pernambuco* (6 de setembro de 1931), deixou claro que existia uma campanha velada contra a equipe liderada por Samuel Campelo, mas deu sua contribuição positiva à mesma:

> O Brasil tem teatro porque tem artistas e autores. [...] Em varios Estados o teatro movimenta-se. [...] Em Pernambuco não se poderá fazer coisa identica? Pode, sim. O *Grupo Gente*

IDEAL-CINEMA Largo do Terço, 61

Installação Sonora "Western Electric Company" (Igual ao do Parque) — "Movietone" e "Vitaphone"

HOJE — NA SOIREE — PROGRAMMA EXTRA — HOJE

Duas sessões de fita. Iniciando-se ás 15 horas — Palco (somente uma sessão) começando ás 20 horas

1º filme:

VALENTES Á FORÇA

Formidavel producção sonora da "Universal Pictures" cheia de scenas de vivo realizamento, toda synchronisada, cantada e dansada, com interpretação impeccavel do engraçadissimo comico de "Sem novidade no front" SLIM SUMMERVILLE, HARRY LANGDON e BESSIE LOVE.

Completará o programma — "PUZARQUITE AGUDA", comedia sonora em 2 actos.

No Palco — Pelo applaudido GRUPO GENTE NOSSA, será levada a scena a explendida chronica em 1 acto, original do conhecido escriptor pernambucano Dr. Samuel Campello: "ATRAPALHAÇÕES DE UM NOIVO", tomando parte todo conjuncto do GRUPO GENTE NOSSA.

SABBADO — "O DOMADOR DE MULHERES", producção toda fallada e cantada em hespanhol, com DON JOSE' MOJICA e MONA MARIS — "Fox-Movietone".

IDEAL-CINEMA Largo do Terço, 61

Installação Sonora "Western Electric Company" (Igual ao do Parque) — "Movietone" e "Vitaphone"

HOJE E AMANHÃ — PROGRAMMA ATTRAHENTE — HOJE E AMANHÃ

Duas sessões de fita. Inicio 1ª ás 17 horas — Palco: 1ª sessão ás 19 horas

Abrirá o programma — "FOX MOVIETONE NEWS", ultimo numero chegado por avião dos Estados Unidos da America, contendo recentes noticias mundiaes.

2º filme — FOX-MOVIETONE apresenta a elegancia audaciosa de um irresistivel

DOMADOR DE MULHERES

Romance musical, fallado e cantado em hespanhol por DON JOSE' MOJICA e MONA MARIS. Lindas canções de amor cantadas por MOJICA — Arrogancia feminina que se curva ao garbo e altivez de um apaixonado trovador.

Completará o programma: — LIA TORA' e JUAN TORENA em "A MEIA NOITE", drama de grandes fortalezas, todo fallado em hespanhol — "Fox Movietone".

No Palco — (Somente uma sessão) Pelo GRUPO GENTE NOSSA será levado em scena o hilariante vaudeville em 1 acto de constantes gargalhadas: — "O AFINADOR DE PIANO", desempenhado por LEILA VERBENA, BARRETO JUNIOR, LUIZ CARNEIRO e LUIZ FRANÇA, ELPIDIO CAMARÃO, LUIZ MARANHÃO e LOURDES MONTEIRO. Peça de estrondoso successo, humorismo fino, satyras intervenções.

> *Nossa* começa modesto fazendo teatro comico nos bairros afastados e nos arrabaldes mas tem animo para maiores tentativas. E então escritores daqui mesmo aperecerão (sic) por sua vez: Pode-se fazer teatro em Pernambuco. E o mais... é deixar que os pessimistas falem. Eles falam sempre das campanhas da bôa vontade.

No interior, a Sociedade de Cultura de Palmares, liderada pelo professor Miguel Jasseli, montou o sainete de Samuel Campelo *Uma Senhora Viúva*, como espetáculo do mês de setembro, no Cine-Teatro Apolo, e já preparava a burleta de Umberto Santiago, *Luar do Norte*, como promessa para outubro, ambos com música de João Valença, assim como estava a programar uma possível viagem do Grupo Gente Nossa e do Gremio Familiar Madalenense àquela cidade. Para o *Diario de Pernambuco* (1 de outubro de 1931), *Uma Senhora Viúva* foi interpretada "por 'marinheiros de primeira viagem' entretanto, graças á direção artistica do professor Jasseli, os tipos escolhidos calharam perfeitamente nos personagens e o desempenho, si não foi magistral, correspondeu ao esforço desenvolvido pelos amadores". Vale registrar que, em agosto, *Aves de Arribação*, opereta de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, fez sucesso em Porto Alegre com a Companhia Brasileira de Operetas, dando destaque ao tenor Vicente Celestino.

Na capital pernambucana, apesar de toda a ciumeira que rondava o Grupo Gente Nossa, a receptividade do público no Ideal Cinema, no bairro de São José, foi tão boa, que a empresa do mesmo resolveu contratar a equipe para uma série de espetáculos no local, completando o programa diário que começava com uma exibição cinematográfica. Por isso, o *Diario de Pernambuco* (9 de setembro de 1931) lembrou que o grupo vinha "adquirindo cada dia mais simpatias do publico pela homogeneidade de seu elenco e escolha das peças encenadas, sem licenciosidades". Com o contrato fechado, voltou à cena a farsa em um ato *O Amor Faz Coisas...*; surgiu ainda a comédia em um ato *Atrapalhações de Um Noivo*, de autor não divulgado, assim como o *vaudeville* em dois atos *O Afinador de*

Pianos, de Américo Azevedo (irmão do teatrólogo Artur Azevedo), divulgado nos anúncios como "Peça de retumbante successo, humorismo fino, satiras interessantes" e contando no elenco com Lélia Verbena, Luiz Maranhão, Barreto Júnior, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro e Lourdes Monteiro. A estreia de *O Afinador de Pianos* "agradou aos habituais do referido ponto de diversões", segundo o *Diario de Pernambuco* (13 de setembro de 1931), que ainda puderam apreciar o melodrama português em dois atos *Rosas de Nossa Senhora*, adaptação de Celestino Silva, pelo mesmo Grupo Gente Nossa.

Quem também lançou um novo espetáculo social foi o Gremio Familiar Madalenense, no seu "teatrinho" no bairro da Madalena, com a inédita peça em três atos *Cartazes do Amor*, letra e música, respectivamente, dos irmãos Raul e João Valença, no dia 13 de setembro, tendo Odete Silva, Luizinha Lira, Marina Silva, Grináura Cavalcanti, Vicente Cunha, Luiz de França, Diógenes Fraga e o estreante Roberto Andrade no elenco. A partir desta mesma data, 13 de setembro de 1931, o *Diario de Pernambuco* passou a publicar a seção dominical *Vida Teatral*, escrita pelo crítico S. C. que, nesta primeira edição, entre várias notícias sobre o teatro especialmente local, fez homenagem ao ator pernambucano Manuel Durães, atuando naquele momento com sucesso no Teatro São José, no Rio de Janeiro. O cinema, que possuía, no mínimo, treze salas divulgadas nos jornais (Parque, Moderno, Royal, Encruzilhada, Ideal, Gloria, São José, Olinda, Real, Avenida, Cine-Teatro do Pina, Cine-Teatro da Paz e Olinda/Feitosa), já possuía sua seção específica naquele jornal, intitulada *Vida Cinematografica*.

Raul Valença

E veio, então, a ótima crítica da peça *Cartazes do Amor*, do Gremio Familiar Madalenense, resenhada por S. C. no *Diario de Pernambuco* (15 de setembro de 1931), com grande satisfação:

> Pode ser considerada com[o] a melhor peça, até agora, de Raul Valença a comedia musicada em 3 atos – *Cartazes do amor* – levada ante-hontem, pela primeira vez, no *Gremio Familiar Madalenense*. Raul Valença não é um estreante, suas peças têm agradado e uma delas já conseguiu ser encenada por uma companhia de operetas mas nos outros trabalhos havia algo de vacilante. Em *Cartazes do amor*, o moço teatrologo – aliás um dos raros esforçados pelo teatro nesta terra – acertou a mão. A nova peça tem tecnica e ambiente. Enredo leve e bem tratado, situações definidas e a tempo, graça que faz rir sem exagero, finais de atos expressivos e ate uma certa dose de malicia que não faz mal a ninguem. [...] O seu irmão João Valença, conhecido compositor é já um nome bastante apreciado. Suas composições gravadas em discos, irradiados no Radio Clube, como partituras de peças teatrais – não só de Raul Valença como de outros libretistas – tem-lhe grangeado simpatias que ele bem merece. *Cartazes do amor* está com seis numeros de sua autoria e tanto os comicos ou liricos são dignos de elogios. Todos lindos e inspirados. [...] A peça está com interessante[s] marcações, principalmente a de um terceto do 2.° ato que o publico obrigou a bisar. Viu-se ali patente o dedo de Raul Valença que, a outras qualidades para teatro, alia a de marcador. *Cartazes do amor* apresentou-se bem vestida, com dois cenarios de efeito e perfeita combinação do mobiliario. O desempenho, por parte do corpo cenico do *Gremio*, não podia ser melhor. No *Gremio* ha amadores que não podem ter inveja de certos artistas. Si fosse possivel destacar alguem talvez esse destaque coubesse á senhorinha Luizinha Lira que, principalmente no 1.° ato, esteve soberba. A'quele carater de viuva moça, rica, explorada por toda a familia, triste, e que se transforma pouco a pouco

> por força de um novo amor, a senhorinha Lira soube emprestar uma sentimentalidade de artista. [...] Vicente Cunha foi um galã brilhante desembaraçado e cantou sua parte de tenor com muita felicidade. A canção e o dueto valeram bem as calorosas palmas que recebeu. Na parte comica Diogenes Fraga esteve na altura de seu merito compondo um tipo hilariante, Luiz de França soube tirar todo o partido da parte que lhe coube – o que mais uma vez vem demonstrar não haver papeis insignificantes mas sim artistas para fazê-los – e a senhorinha Odete Cavalcanti teve mais uma ocasião de provar ser um bom elemento de que o *Gremio* dispõe para papeis de responsabilidade. Os três amadores citados trouxeram a platéa em continuas gargalhadas. As senhorinhas Marina Silva e Grinaura Cavalcanti tambem jogaram muito satisfatoriamente suas cenas. Marina é a vivacidade em pessôa e Grinaura, que se tem apresentado em papeis sem relevancia, teve em *Cartazes de amor* o seu melhor trabalho até agora. Um estreante que ficou para o fim: Roberto Andrade. Si teve falhas foram perfeitamente desculpaveis porque, pela primeira vez, enfrentou o publico a quem alguem já chamou "o monstro de mil cabeças". Coube-lhe um galã comico, entre o ridiculo e o ingenuo. Papel dificil em que têm (sic) naufragado artistas com basofia de notabilidades. De um "almofadinha" gostam os tais artistas de fazer um efeminado. Roberto Andrade, estreante, ia no primeiro ato quasi seguindo o mesmo caminho. Emendou-se nos outros atos e salvou o papel. O jovem estreante tem otimas qualidades para colocar-se em breve no primeiro plano. Figura simpatica, desembaraço e bôa dição (sic). E' não dar ouvidos a elogios rasgados por que elogios á queima roupa, e feitos sem proposito, só fazem estragar. [...] Apesar da chuva o teatrinho do *Gremio* apanhou grande concurrencia (sic) e a platéa aplaudiu com entusiasmo não só os numeros de musica e os finais dos atos como até frases e situações. Autores, interpretes, a diretoria do *Gremio* e a platéa – que se portou como se portam as platéas educadas – tudo merece parabens.

No domingo 20 de setembro, dois festivais em benefício foram realizados. Um, pelo Gremio Dramatico do Barro, que ocupou o seu teatrinho promovendo festival com renda voltada às obras da Igreja Matriz do Barro, apresentando o inédito drama em três atos *Mariana*, original de Luiz Pinto Lapa, seguido de um ato de variedades. A peça contou com oito amadores no elenco: Hercília Monteiro como a protagonista, Maria da Glória Cardoso, Luiz Lapa, Hermínio Silva, José Austregésilo Filho, Cristina Menezes e Maria do Carmo Monteiro, além da conhecida atriz dona Júlia Santos, há anos afastada dos palcos. Trabalho inédito, *Mariana* pôde ser analisada criticamente no *Diario de Pernambuco* (27 de setembro de 1931):

> A peça, além de ter pequenos defeitos de tecnica – o que aliás são desculpaveis num autor novo com suas atividades dedicadas a outros negocios que não os das letras e do teatro – está moldada num genero antigo, ainda eivada de monologos que já se não admitem por inverosímeis (sic) e com um fim acima do dramatico. Tragico. A peça nada perderia si as três mortes havidas no ultimo ato ficassem reduzidas a uma – a da heroina. Entretanto a peça tem bôas qualidades e possue uma dialogação cuidada em linguagem correta e bem estudados conceitos filosóficos. O 1° quadro do terceiro áto, como observação, é o melhor e aquéla entrada das duas criancinhas, que sabemos ter sido censurada, deu ao ambiente um cunho muito natuaral (sic) de cênas de ruas e ainda mais serviu para demonstrar a bôa liga de que era formada a alma de "Paulo Matoso", desiludido de tudo no mundo mas sem perder as suas fibras de sentimentalidade e amôr ao próximo. Emfim (sic), o sr. Luiz Lapa revelou-se capaz de desenvolver com habilidade um têma de teatro num genero dificil como é o dramatico e de nos poder oferecer outros trabalhos de maior fôlego. Merece estimulo e foram-lhe bem cabidos os aplausos que recebeu do numeroso publico que encheu o teatro do Barro. O desempenho tambem teve alguns deslises desculpaveis por se tratar de amadores. Ainda assim o sr. Luiz Lapa fazendo o "Paulo Matoso", apesar de um tanto enfatico, portou-se bem dando-nos a apreciar uma dição (sic) perfeita e sustentando uma linha dificil num tipo de galã brilhante, pauperrimo a lutar com todos os impecilhos da vida e com um doloroso defeito fisico. Pode-se tambem destacar a senhorinha Hercilia Monteiro, estre-

> ante mas demonstrando sensiveis qualidades de "ingenua", sabendo fechar com alma o 2° áto, o sr. Augusto Fischer muito bem posto no "Frei Angelo" e a pequenita Cristina Monteiro no papalinho de "Lúcia". O sr. José Austregesilo Filho e d. Julia Santos, velhos conhecedores dos segredos do palco, que não tiveram margem nos seus papeis, Herminio Silva, Maria da Gloria Cardoso e a pequena Maria do Carmo Monteiro contribuiram para o agrado da péça.

O outro festival promovido nesta mesma noite do dia 20 de setembro aconteceu no Teatro de Santa Isabel em benefício do Liceu de Artes e Oficios, com alunos do próprio estabelecimento de ensino na comédia em três atos *Helêna*, original do 1° tenente Oliveira Góes, havendo em seguida um ato variado sob direção do músico Gaspar Moura. Com o fim do contrato no Ideal Cinema, o Grupo Gente Nossa quis retornar aos "teatrinhos dos arrabaldes", levando à cena, no dia 26 de setembro, no Cinema Olinda (antigo Teatro Livramento), no bairro do Feitosa, com o sainete em dois atos *Mamãi Quer Casar* e a farsa em um ato, *Engano da Péste*. Já no dia 27 foi para o teatro do Gremio Familiar Madalenense – onde ainda não havia representado – com a comédia em três atos *A Honra da Tia*. Vale registrar que a próxima atração a ocupar o Cinema Ideal, após as sessões de tela, foi o atleta Sansão Moderno, considerado o "rival de Ben-Hur", além da bailarina húngara Alice Whitte em números de acrobacia e bailados.

Foi neste momento que o Grupo Gente Nossa propôs a criação de um "corpo de sócios habituais" para poder continuar a levar espetáculos a preços populares para os subúrbios. Estes deveriam pagar uma mensalidade a cada mês, o que lhes dava o direito de assistir, a partir de outubro, com o cartão-recibo correspondente servindo como ingresso mensal, a quatro peças no Teatro de Santa Isabel, cada uma com direito a duas senhoras, senhoritas ou crianças como acompanhante. Isso não impediu também a venda de ingressos avulsos para qualquer localidade do teatro, lembrando que crianças, estudantes e operários pagavam valor menor no ingresso. Os sócios tinham seus nomes publicados na imprensa (da perspectiva de cem pessoas, pelo menos setenta e cinco foram divulgadas no *Diario de Pernambuco*), o que criava certo *status* e ajudava monetariamente ao grupo. Esta possibilidade de popularizar ainda mais o Teatro de Santa Isabel foi saudada pelo crítico S. C. no *Diario de Pernambuco* (27 de setembro de 1931) em artigo intitulado "Teatro para todos":

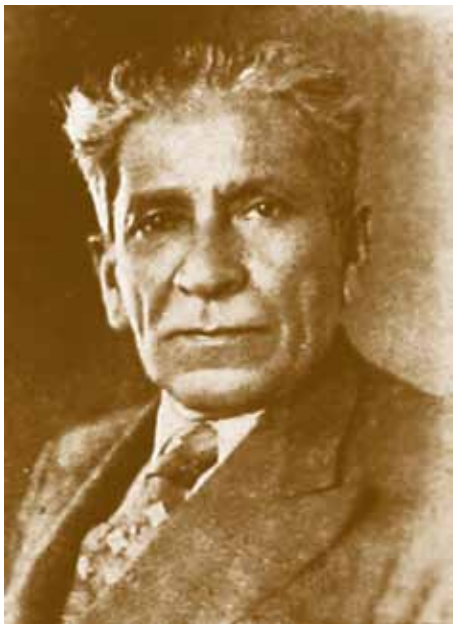
> O *Teatro Santa Isabel* é ainda uma casa aristocratica. Construido em uma época em que só a gente rica se dava ao luxo de frequentar esse genero de arte, quando os espetaculos só podiam começar á chegada de sua excia. o sr. presidente da provincia, ali rebrilhavam os brilhantes no peitilho das casacas e os decótes atrevidos deixavam ver cólos magestosos de damas vestidas magnificamente de sêda. Por isto o povo tinha mêdo de ir ao *Santa Isabel* ou quando muito se encarapitava lá em cima no galinheiro. O império caiu, o país fingiu democratizar-se mas o nosso publico ainda por muito tempo andou cismado com aquêle casarão cheio de camarotes e de dourados. Hoje mesmo ha quem continue a pensar que no *Santa Isabel* só se pode entrar de grande gala. Ainda bem que o sr. interventor federal tem dado o exemplo da democratização. Ele até agora não se aproveitou uma unica vez do camarote oficial e em muitos espetaculos tem ali entrado comprando o seu ingrésso como qualquer particular. [...] O *Grupo Gente Nossa*, que já se pode chamar uma realidade, propos-se a democratizar o Teatro Santa Isabel, a fazê-lo uma casa de diversões em que o povo tambem possa entrar. Não haverá luxo e os ingressos estarão ao alcance de todas as bolsas. O *Grupo Gente Nossa* vai fazer o teatro a preços populares. A preços mais baratos que os cinemas. E é o caso do publico ajudar esse *Grupo* composto de artistas modestos, sem nomes retumbantes nos cartazes, mas de gente toda nossa, daqui mesmo, e onde ha vocações dignas de estimulo e de amparo. [...] Além de ingréssos verdadeiramente populares nos seus espetáculos avulsos, o *Grupo Gente Nossa* vai realizar quatro espetaculos cada mês para os seus socios habituais qua pagarão apenas a mensalidade de 10$000 com direito a se fazerem acompanhar de duas senhoras em cada espetaculo. São, portanto, 12 entradas por 10$000 apenas, tendo ainda o habitual direito a abate se quizer obter outros ingréssos avulsos. E nem se pense que por esse

> preço tão cómodo o *Grupo* vá impingir patacoadas. Seu elenco é modésto mas homogeneo, suas representações são limpas e o repertório é o mesmo que tem obtido aplausos no *João Caetano*, no *Trianon*, no *São José* e outros teatros do Rio de Janeiro. Os autores da terra tambem serão representados. São artistas nossos, autores nossos, teatro nosso, gente nossa... E nós iremos ao Santa Isabel.

Por conta do ator Luiz de França encontrar-se adoentado, a peça *Cartazes do Amor*, do Gremio Familiar Madalenense, só voltou no dia 27 de setembro para o "teatrinho" do bairro da Madalena, tendo Ernesto Fischer o substituído. A volta aconteceu devido aos inúmeros pedidos do público. No dia seguinte, aconteceram dois novos festivais em benefício, um, no Teatro União, da Escola Paroquial da Matriz de São José, com renda voltada para a Capela da Gameleira, numa promoção da União de Moços Católicos de São José, aqui apresentando o drama *Uma Lição ás Filhas*, além de uma comédia e um ato de variedades com apoteose final; e uma festa de arte na Escola Doméstica de Maria Borba, para ajudar as alunas da instituição. O programa constou da representação de um drama sacro em três atos (de título não divulgado) e números de canto e declamação.

Somente a partir de 6 de outubro, exatamente no aniversário da vitória da "Revolução" em Pernambuco, os integrantes do Grupo Gente Nossa retomaram ao Teatro de Santa Isabel com os seus espetáculos sociais, desta vez com a comédia em três atos *O Interventor*, do carioca Paulo Magalhães, e ainda estrearam em sequência as comédias *Não Me Conte Esse Pedaço*, de Miguel Santos, e *Sangue Gaúcho*, de Abadie Faria Rosa. A peça *O Interventor*, primeira das sociais de outubro, foi analisada no *Diario de Pernambuco* (8 de outubro de 1931):

> Pode-se dizer [...] que a verdadeira apresentação do *Grupo Gente Nossa* ao publico recifense foi ante-hontem já porque seu elenco está remodelado [...] entrou agora num caminho mais certo. A peça representada foi a comédia em 3 atos *O Interventor*, de Paulo Magalhães. [...] uma das melhores de sua autoria. No 2° e 3° átos ha cênas de alta comédia e a péça é toda jogada assim com as situações cómicas e sentimentais bem definidas e um perfeito conhecimento do que seja escrever para teatro. O desempenho veiu (sic) mais uma vez provar – e agora cabalmente – que ha, em Pernambuco, gente capaz de trabalhar em cêna sem fazer vergonha. [...] Em *O Interventor*, por exemplo, Lélia Verbêna fez uma "ingenua", sabendo jogar suas cênas e tirando bôas inflexões principalmente no 2° áto, na cêna com "Luiz" e "Rosa", e no 3° áto na cêna final com "Jorge"; Luiz Carneiro, com um papel de responsabilidade, teve transições naturais e mostrou grande habilidade; Elpidio Camara, conduziu com linha o dificil protagonista, e Barrêto Junior, tambem um môço muito aproveitavel e que, felizmente, no *Grupo Gente Nossa* está forçado a abandonar o caipirismo que o estava estragando, teve o melhor papel cómico. Estas, as figuras de mais responsabilidade na péça. Nos outros Luiz Maranhão, cuidadoso no "Paulo", Diogenes Fraga, tirando bom partido da sua ratrula; Lurdes (sic) Monteiro, fazendo progressos; Josefina Rocha, Lenita Lopes, Lourival Fraga e José de Sousa, ajudando a representação. O teatro apanhou bôa casa, havendo muitos aplausos. Emfim (sic) o espetáculo agradou plenamente. Amanhã, a pedido de varios habituais que não assistiram á primeira representação, *O Interventor* será repetido no *Santa Isabel*. O espetáculo começará ás 20 e meia horas em ponto (outra praxe que o *Grupo* adotou e cumpriu no primeiro dia: um horario certo).



Luiz Carneiro

O Interventor ainda ganhou novas sessões no teatro dos Irmãos Valença, na Madalena, no Cine-Teatro da Paz e no Teatro de Santa Isabel. Já o festival em benefício do Hospital Infantil Manuel Almeida, na Jaqueira, transferido de data por duas vezes, aconteceu finalmente no dia 11 de outubro, em celebração ao Dia da Criança na data posterior, com o Gremio Familiar Madalanense fazendo voltar à cena, agora no Teatro de Santa Isabel, *Uma Senhora Viúva*, sainete musical em três atos de Samuel Campelo, com música de João Valença. Ainda neste domingo, dia 11, o *Diario da Tarde* promoveu uma festa infantil no Teatro Moderno com uma parte teatral entregue ao artista Barreto Júnior, contando também com outros elementos do Grupo Gente Nossa – Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Lenita Lopes e Amália de Souza – no *vaudeville* em um ato, *Casa de Maribondos*, de Umberto Santiago, seguido de um ato variado.

Na terça 13, o Grupo Gente Nossa programou o seu segundo espetáculo social do mês de outubro, o *vaudeville Não Me Conte Esse Pedaço*, do carioca Miguel Santos, mas, por conta de uma das atrizes encontrar-se doente, e para não frustrar os espectadores, a peça acabou sendo substituída por outra, *A Honra da Tia*, com os atores Elpídio Câmara, Lélia Verbena, Lenita Lopes, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Luiz Maranhão, Luiz de França e Diógenes Fraga. Sem personagem na montagem, Barreto Júnior contou anedotas nos intervalos. No dia seguinte, levou ao Cine-Teatro da Paz, em Afogados, sessão com *Mamãi Quer Casar* e *Engano da Péste*. Como dois últimos espetáculos sociais de outubro, lançou as peças *Não Me Conte Esse Pedaço*, de Miguel Santos, e a comédia *Sangue Gaúcho*, do escritor Abadie Faria Rosa, então presidente da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). No final de outubro, com o retorno das atividades do Ideal Cinema, que havia fechado por alguns dias, agora apresentando, além dos filmes, Barreto Júnior com o *vaudeville Quero Ser Deputado*, e a orquestra regida pelo maestro Sérgio Sobreira, ainda foi lançado o Gremio Dramatico Familiar de Tigipió, no "teatrinho" do Barro, com a peça *Faustino, o Moleque Descarado*, seguida da revista *O Diabo Em Casa* e da apoteose *A Sombra*, terminando com um ato variado. A iniciativa fez o *Diario de Pernambuco* (11 de outubro de 1931) atestar: "O amadorismo teatral em Pernambuco parece estar voltando ao seu periodo aureo".

Barreto Júnior

Como mais um bom produto do Grupo Gente Nossa e com o Teatro de Santa Isabel recebendo uma "enchente" de gente, a peça *Sangue Gaúcho*, do escritor Abadie Faria Rosa, ganhou elogios no *Diario de Pernambuco* (28 de outubro de 1931).

> Peça com interessantes flagrantes da revolução de Outubro de 1930 em que as situações comicas se encontram com as cenas sentimentais, patrioticas e romanticas, *Sangue Gaucho* constituiu mais uma bôa recomendação para o *Grupo Gente Nossa* que, alem de saber escolher o seu repertorio vem, dia a dia, mais se impondo pelo desempenho e o criterio no cumprimento de seus compromissos. [...] E por isto foi obrigado a aumentar o seu numero de socios. No desempenho de *Sangue Gaucho* notamos com a mesma atuação segura das outras vezes: Luiz Maranhão, agora, em papel de mais responsabilidade sabendo tirar efeitos dos lances dramaticos recebendo palmas por isto duas vezes em céna aberta; Elpidio Camara, sem falhas, num tipinho futil, verdadeiro especimen de uma mocidade ridicula; Lelia Verbena, interessantissima numa viuvinha sapeca e Luiz Carneiro, perfeito no tipo dos legalistas que aderiram. Barreto Ju-

nior fez um cosinheiro (sic) e reservista do exercito, pernostico, arrastando bôas gargalhadas. Sempre nos referimos com agrado ao Barreto, achamo-lo com real habilidade e, por isto, queremo-lo corrigido de certos defeitos. Ele, bem os pode corrigir se quizer. Sabia pouco o papel e salvou-o com os recursos de que dispõe mas ainda assim com um enxerto fóra do ambiente e da ação da peça. Na indumentaria tambem precisa reparar: fez um cosinheiro (sic) de casa rica [...] com um avental sujo e sem esquecer aquela cabeleira cronica dos seus caipiras. Corrija-se Barreto e não lhe dispensaremos elogios, porque é capaz de merecê-los. Lenita Lopes teve frazes (sic) e cenas felizes – sempre sentimental; Lurdes (sic) Monteiro, foi uma graciosa criada e Analia (sic) de Sousa, um tanto fóra do papel mas sem o comprometer, precisando tambem mais cuidado no vestir. Barreto Irmão estreou mas está se vendo que precisa muita coisa ainda para se ombrear com os outros, apezar (sic) do pequeno e facil papel que lhe coube. Alem do mais, a dição (sic) não o ajuda. E para o fim quem deveria estar no principio: Jovelina Soares na "tia Corlinda". Num papel dificil, de 70 anos, dramatico, fóra do genero em que está habituada a ser vista, Jovelina soube conduzi-lo de modo a receber francos elogios. Si tivesse uma cabeleira, em vez dos cabelos branqueados á tinta e uns traços menos carregados na caracterisação (sic) estaria completa. Quanto á interpretação, porem, demonstrou que pode ser uma bôa dama central. A montagem do *Sangue Gaucho* estava a capricho, principalmente o 1.° ato com um lindo cenario de Alvaro Amorim. Os efeitos de luz do 2.° ato, os relampagos, trovões, os ruidos e a passagem de um avião ao longe, tudo concorreu para o brilho da noite [...] em fazer teatro honesto e limpo. O grande publico que foi ao teatro – o maior publico que o *Grupo* já apanhou, publico das bôas casas do *Santa Isabel* – honrou os nossos fóros de povo civilizado e aplaudiu calorosamente a representação.

Um fato curioso aconteceu exatamente na noite de 28 de outubro, quando houve a repetição da peça *Sangue Gaúcho* no Teatro de Santa Isabel, em meio a boatos antigos na cidade de que o 21° Batalhão de Caçadores iria revoltar-se para depor o então interventor federal, Carlos de Lima Cavalcanti, mais à frente governador constitucional do estado de Pernambuco. Com artigo intitulado "Teatro e bala", o *Nosso Boletim* de agosto de 1936 relembrou a dramática situação:

> O boato tomou vulto insistentemente naquele dia 28 mas o *Santa Isabel* apanhou concurrencia (sic) bem regular, apesar das sentinelas postadas na praça da Republica, algumas das quais faziam voltar as pessôas que se encaminhavam para o teatro. E ás 20 ½ horas, o espetaculo começou. Na caixa, os artistas eram avisados por telefonemas de amigos que algo de perigoso ia suceder; na platéa respirava-se um ar de receio e duvida mas ninguem arredava o pé. A peça concorria para o efeito psicologico do publico. Seu entrecho era bordado em torno da revolução de 1930 e as personagens diziam frases como estas: "Vai haver bala muita" ou "Espera-se que rompa um movimento, hoje aqui mesmo, de madrugada". Parece que era uma profecia. Mal terminou o espetaculo, ás 22 horas e 45 minutos, entravam contingentes da força policial, com metralhadoras e cunhetes de munição, para ocupar o teatro. De madrugada romperam as hostilidades entre o 21 revoltado contra o Palacio do Governo e a Força Policial defendendo-o, de dentro da fortalêsa *Santa Isabel*. A luta durou cerca de trinta horas sem interrupção. O *Grupo Gente Nossa* trabalhou assim numa noite cheia de ansiedades não tendo nem tempo para fazer a desmontagem dos cenarios da peça que ficaram armados no palco formando, dessa vez, o ambiente vivo da revolução. Os espetaculos que estavam anunciados, em cartazes no proscenio para os dias 30 e 31 não se realizaram. Os prejuizos foram entretanto, pequenos para o *Grupo*. Apenas o ator Luiz Maranhão teve dois furos de bala no joelho... de umas calças ficadas num camarim da 2.ª ordem.

O clima pesado foi suprimido quando o levante acabou vencido. Mas balas foram cravadas nas paredes do Teatro de Santa Isabel, servido de fortaleza às forças do Governo. *Sangue Gaúcho* ainda foi levada ao

"teatrinho" do Largo da Paz, em sua terceira representação naquele mês de novembro. Com a comédia *Cala a Bôca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, estreada no dia 5 de novembro, o Grupo Gente Nossa voltou ao seu palco de origem, o Teatro de Santa Isabel, agradando bastante, inclusive na repetição do espetáculo. Como programado, os habituais adquiriram seus cartões, assim como outros espectadores puderam comprar entradas avulsas a preços populares. A peça pôde ser apreciada pelo *Diario de Pernambuco* (8 de novembro de 1931):

> A comedia em 3 atos de (sic) sr. Armando Gonzaga, *Cala a bôca, Etelvina!* levada pelo *Grupo Gente Nossa*, na quinta feira e hontem, constituiu mais uma bôa recomendação para o novel conjunto pernambucano. A péça já levada nesta cidade, ha varios anos passados, pela companhia Iracêma de Alencar, é uma comedia alegre, com situações interessantes, e tipos bem observados. Armando Gonzaga é, aliás, um atôr (sic) que observa bem os ambientes familiares. O desempenho esteve afinado, cabendo os principais papeis a Luiz Carneiro e Jovelina Soares – no "Liborio" e "Etelvina". Jovelina, no seu verdadeiro genero, esteve em sua melhor noite – muito á vontade, natural e graciosa. Foi a maior figura do espetáculo. Barrêto Junior conservou-se numa linha segura no "Macario", emendando-se de erros passados. Vai bem nesse andar. Lélia Verbêna, Luiz Maranhão, Elpidio Camara, como sempre; Lenita Lopes fez uma central, bem regularmente; Diogenes Fraga e Lurdes (sic) Monteiro, em papeis pequenos, ajudaram a representação. Hontem, Diogenes foi substituido por Ferreira das Graças que, tambem, fez a contento o seu papel.

Sem dispensar um pouco de ironia, o crítico S. C, no *Diario de Pernambuco* (15 de novembro de 1931), fez questão de reforçar uma caraterística que vinha marcando este início do Grupo Gente Nossa: a não existência de "estrelismos" por parte dos atores, tão comum nas companhias teatrais que chegavam ao Recife:

> A vaidade, a inveja, a presunção de ser maior que todos, a convicção intima de que é uma necessidade imprescindivel em qualquer elenco, e um milhão de coisas futeis e ridiculas, são motivos para as trancinhas. Procura-se deprimir os colegas, jogar uns contra os outros, forgicando mentiras, dando curso a calunias, fazendo emfim um *banzé de cuia*, para brilhar, brilhar sempre, emquanto (sic) os demais podem ir aos diabos que os carreguem. Para desmanchar trancinhas, harmonizar encrencas, conseguir manter a paz entre similhantes (sic) brigões, é preciso ter muita força moral e melhores nervos. O *Grupo Gente Nossa* está vencendo e ha de ser inteiramente vitorioso porque vai conseguindo este milagre: viver sem trancinhas. A principio deu um pouco de trabalho; foi, porem, muito em principio – na organização – quando ainda se estavam congregando os elementos dispersos. Houve exclusões, houve suspensões, houve raiva, houve queixas mas tudo entrou nos eixos porque tambem houve muito bôa vontade por parte dos que queriam fazer teatro decente. Para isto foi decidido o seguinte: não haver astros nem estrelas, a distribuição dos programas ser feita pela entrada dos personagens em cena, nenhum artista ter o nome impresso em caixa alta, e uma porção de coisas miudas de resultado difinitivo (sic). E no regulamento interno do *Grupo*, o art. 5.° ficou resando (sic) assim: "O Grupo considera-se uma familia teatral não se julgando nenhum artista superior a outro e sendo proibidas, entre todos, as chamadas trancinhas e intrigas de bastidores". Transgredir esse artigo é incorrer nas penas disciplinares de outro capitudo (sic) do Regulamento. [...] O *Grupo Gente Nossa* pode ter exemplo de disciplina, de coesão, de bôa vontade a muitos – ou a quase todos – elencos das companhias nacionais.

A fina comédia *Muralhas de Jericó*, de Lucilo Varejão, foi a estreia do dia 11 de novembro, como segundo espetáculo social do mês (marcando a entrada do ator Renato Marques no grupo), seguida da repetição de *Não Me Conte Esse Pedaço*, de Miguel Santos, no dia 13. Esta versão de *Muralhas de Jericó*, comparada à primeira montagem da Companhia Iracema de Alencar, agradou bem mais, e só recebeu elogios no *Diario de Pernambuco* (15 de novembro de 1931):

> Quem assistiu, em 1921, no Teatro Moderno, a representação, pela companhia Iracema de Alencar, da comedia em 3 atos de Lucilo Varejão: *Muralhas de Jericó* e, agora, a assistiu pelo

Lucilo Varejão

TEATRO SANTA ISABEL

Sabado, 21 DE NOVEMBRO DE 1931

Grupo Gente Nossa
G. G. N.

Repetição da comedia em 3 atos do escritor Pernambucano Lucilo Varejão (da Academia Pernambucana de Letras):

Muralhas de Jericó

Destribuição pela ordem das entradas

Heloisa	Lelia Verbena
Antelmo	Luis Maranhão
Salvio	Elpidio Camara
Silvares	Ferreira da Graça
Mme. Silvares	Jovelina Soares
Dr. Mateso	Luis Carneiro
Major Ferrabraz	Renato Marques
Ordenança	José de Sousa

ATUALIDADE

Cenarios de Alvaro Amorim

AMANHÃ 22 - GRANDE VESPERAL

Destribuição de bombons da Fabrica "HELVETICA"

Amanhã 22- Festival da atriz LELIA VERBENA com a comedia, em 3 atos, de Samuel Campelo:

VARIAÇÕES DO VERBO AMAR

Moço em beneficio da Caixa do Estudante.

BREVE-AS TARDES FEMININAS

Aguardem: Onde canta o sabiá

Grupo Gente Nossa foi de parecer ter, desta vez, a peça agradado muito mais. [...] o desempenho da comedia do ilustre escritor pernambucano foi pelos modestos elementos do *Gente Nossa* mais afinado. E' que o *Gente Nossa* acolheu a peça com outro carinho e muito mais amor. Tratava-se de uma produção de autor da terra, mais merecedor, portanto, para artistas também daqui que os vindos de outras plagas. *Muralhas de Jericó* agradou muito e assim deveria ser. Comquanto primeiro trabalho teatral de um escritor, mais dedicado ao romance e á novela, tem a comedia bôas qualidades cenicas: concatenação, qui-pro-quios (sic) bem arranjados, um fio de enredo e sobretudo linguagem polida. Linguagem de quem está habituado a lidar com as letras. Lelia Verbena e Elpidio Camara, detentores dos principais papeis, rivalisaram-se num desempenho homogeno (sic) e cuidadoso. Luiz Maranhão, Luiz Carneiro, Jovelina Soares, Lenita Lopes, e Ferreira da Graça, senhores de seus papeis, representaram sem esforço. Renato Barques (sic), que estreou no *Grupo* e teve de substituir Barreto Junior nas vesperas do espetaculo, mostrou ser um elemento de que o *Grupo* vai contar para papeis de responsabilidade. Casa cheia, muitos aplausos.

No dia 15 de novembro, às 14h30, foi programada a primeira vesperal infantil da equipe liderada por Samuel Campelo aos domingos. Inicialmente contando com o *vaudeville O Afinador de Pianos*, de Américo Azevedo, como atração da tarde, a programação foi modificada para receber o sainete *Mamãi Quer Casar*. O interessante é que crianças acompanhadas da família não pagavam ingresso. A peça conseguiu agradar a "petizada", como se dizia na época, mas ainda não era uma dramaturgia específica para meninos e meninas, e, sim, voltada para toda a família ou mesmo só interessando aos adultos. Uma nova vesperal foi realizada no domingo 22, a partir das 14h30, com distribuição de bombons e apresentação das farsas *Atrapalhações de Um Noivo* e *Engano da Péste*, seguidas de anedotas caipiras por Barreto Júnior e Renato Marques e números de canto com Lélia Verbena, Zuzu Rocha e Armando Lívio. A iniciativa não deu tão certo e ganhou explicação no *Diario de Pernambuco* (28 de novembro de 1931):

Sendo dificil conseguir peças que intéressem á criançada e ao mesmo tempo, as pessôas adultas, o *Grupo Gente Nossa* resolveu acabar com os vesperais infantis. Era desejo do Grupo realizar tambem tardes femininas, o que, entretanto, agora não é possivel fazer. Assim, pois, resolveu dar apenas vesperais aos domingos, sem a denominação de infantis, mas não improprios para crianças em que estas tenham entradas grátis bem como fazer abate nos preços de entradas para senhoras e senhorinhas.

Variações do verbo amar.

Comedia em 3 actos

Parte de Roberto

Recife 17 de Setembro de 1931

Com o projeto das "Tardes Femininas no Santa Isabel" arquivado, foi ainda no dia 18 de dezembro que aconteceu nova estreia com a comédia *O Amigo Terremoto*, de Renato Alvim e Nelson de Abreu (em nova sessão no dia 23), e no dia 20, *Muralhas de Jericó* em repetição. Na noite do domingo 22, a atriz Lélia Verbena promoveu um festival com a estreia de *Variações do Verbo Amar*, de Samuel Campelo (texto que acabou sendo publicado na íntegra na edição de 27 de setembro de 1931 do *Diario de Pernambuco*), com 50% da receita voltada à Casa do Estudante Pobre. Álvaro Amorim assinou o cenário. A peça retornou a pedidos do público no dia 25, com a senhorinha Zuíla Amaral cantando nos intervalos, acompanhada do pianista Gaspar Moura. Não faltaram elogios à montagem no *Diario de Pernambuco* (24 de novembro de 1931):

> Do repertorio desse autor pernambucano a ultima peça, ora representada, é talvez a mais movimentada. No genero pode ser mesmo considerada a de mais efeitos cenicos e que produz mais hilaridade. A platea mantem-se em gargalhadas durante toda a representação, [...] O desempenho foi bom e seria afinadissimo se alguns elementos não demostrassem evidentemente pouco estudo do papel. Barreto Junior, por exemplo, que poderia ter tirado otimo partido do seu "poeta camoneano" escorregou varias vezes no dizer dos versos. Verso não se enxerta; é preciso saber na ponta da lingua. Lelia Verbena, a festejada da noite, manteve o seu nome já conquistado mas deveria ter falado um pouquinho mais alto na cênas com Roberto e Artur, no 3° ato, que, por explicarem muitas coisas da peça, devem ser bem ouvidos pelo publico. Esses dois, a cargo de Luiz Maranhão e Elpidio Camara, foram interpretados em regra conquanto tambem com um diapasão um tanto baixo no 1° ato. Nos outros melhoraram. Parece até que, no espetaculo do domingo, os cochichos contagiaram os comediantes do *Gente Nossa*. A propria Amalia de Souza, com uma dição (sic) sempre clara, disse as suas primeiras falas em surdina – no mais esteve uma correta mme. Bombina, "fabricante de perfumes e de sabão de barba". Luiz de França foi o heroi da noite – com o papel bem sabido, sem se lhe perder uma palavra e aproveitando todos os efeitos comicos do papel, sem precisar colaborar com o autor, Luiz Carneiro, tambem seguro no "reporter-foca" o comum tipo bem apanhado. Os demais papeis de menos responsabilidade estiveram com Lurdes (sic) Monteiro, Jovelina Soares, Lenita Lopes e Diogenes Fraga que corresponderam as exigencias. Guarda roupa[,] mobiliario e cenarios – estes de Alvaro Amorim – cuidadosos; os quadros da parede, de efeito. O 2° ato, na exposição de perfumes e pós de arroz, bem arranjado e marcado com aporte a ponto de fazer crer que a queda de um mostruario tinha sido casual. [...] Nos intervalos Renato Marques e a senhorita Zuila Amaral entretiveram a platéa. Zuila, que acaba de ingressar no *Gente Nossa* canta para muito agrado, tem desenvoltura e graça. O teatro estava cheio, houve aplausos muitos e todas sairam elogiando a peça e o desempenho.

Surpeendentemente, ao final daquele mês, o Teatro de Santa Isabel seria ser palco para uma luta de boxe em festival desportivo com renda voltada à Casa do Estudante Pobre. Após a exibição de quatro amadores, dois deles acadêmicos da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Direito, enfrentariam-se os pugilistas Alípio Santos (Pantera Negra) e David Lusa (Martelo Humano) seguidos de uma luta infantil entre os amadores Alemãozinho e Hildebrando. No entanto, o evento foi cancelado por conta de um acidente com um dos lutadores adultos. Isto prova que de tudo podia agendar pauta na mais importante casa de diversões do Recife. Por sua vez, ainda no final de novem-

bro, o Gremio Litero Teatral D. Pedro II, composto por alunos do Liceu de Artes e Ofícios, viajou em excursão para a cidade de Morenos, levando o drama *Amôr de Pái* e a farsa *Paris na Roça*, com ato variado ao final, tudo sob a coordenação de José Correia. O evento encerrou com um grande baile. Já na cidade de Palmares, a Sociedade de Cultura de Palmares vinha sendo saudada cada vez mais por suas peças, como *Uma Senhora Viúva*, em repetição, e a estreia do melodrama português *Rosas de Nossa Senhora*, adaptado por Celestino Silva. No Recife, o mês de novembro foi concluído com a estreia do Grande Circo dos Irmãos Stevanovich, a partir do dia 28 no Jardim 13 de Maio, trazendo animais domesticados – uma zebra africana em destaque – e um grande corpo de artistas.

Já no dia 29 de novembro, em outra vesperal agora não mais "infantil", o Grupo Gente Nossa reapresentou *A Honra da Tia* para seus espectadores, em substituição ao festival filantrópico organizado em benefício a quatro irmãos órfãos da família Almeida, adiado para dezembro. Naquela mesma data, à noite, Raul

Valença comandou festival em benefício das obras da Igreja de Santa Cecília, no Cine-Teatro Elite, nas Graças, com apresentação das comédias *Janjão Em Apuros*, de Leonor Pessôa, *Consequências de Um Engano*, de Antônio Fernandes S. Carvalho, e um ato musical ao final, dos irmãos João e Raul Valença. Nesta mesma noite, a Tuna Portugueza organizou festa que atraiu grande público ao Teatro de Santa Isabel. O programa começou com concerto do Grupo Musical e do Orfeon da Tuna, sob regência do maestro Zuzinha (José Lourenço da Silva), em repertório somente com músicas portuguesas. Em seguida, apresentação da peça *Mademoiselle Pirulito*, com letra de Umberto Santiago e música de Sérgio Sobreira. A obra ganhou apreciação crítica no *Diario de Pernambuco* (2 de dezembro de 1932):

> A peça, já representada varias vezes na capital por outros elementos, foi agora com outro carinho e melhor montagem levada á cena pela Tuna Portuguêza. O encantador poema de Umberto Santiago – incontestavelmente um dos autores de mais realce do teatro pernambucano – e a linda partitura de Sergio Sobreira, da qual se destaca a valsa motivo, teve cuidadosa interpretação por parte dos principais personagens, auxiliadas por numeroso grupo de figurantes o que foi de magnifico efeito cenico e musical, maxime nos concertantes. As senhorinhas Luizinha Lira e Marina Silva – aquela graciosa e de corretas expressões fisionomicas e essa vivaz e desenvolta, são dois elementos de destaque dos nossos palcos de amadores. Em "Stela" e "Ivete" estiveram á altura do nome que já conquistaram entre nós. Ao sr. Alberto Ferreira coube o centro comico "Epaminondas", ao qual aquele cavalheiro emprestou uma distinta linha de diplomata amigo "das mulheres, da politica e dos bon-bons" Quer na composição do tipo, quer na contracenação o sr. Alberto Ferreira mostrou ser um conhecedor do teatro. O galan (sic) esteve a cargo do sr. Antonio Almeida. Voz desenvolvida e segura, figura insinuante, bôa dição (sic), ao sr. Almeida faltou apenas um pouco de treino do palco para ser o verdadeiro "dr. Roberto". Ainda assim correspondeu a espectativa (sic) obtendo aplausos nos numeros de canto. O sr. Alberto Faria no "Mario" provou ser outro bom elemento da Tuna, nos galãs comicos. Joga as ce-

nas com vivacidade e acerto. O sr. Ferreira da Graça foi um discreto centro nobre. A peça e o desempenho agradaram muito sendo calorosamente aplaudidos. O espetaculo terminou com varios canticos do Grupo Orfeonico sob a regencia de Zuzinha.

No mês de dezembro, o filme cômico *Haroldo Trepa-Trepa*, da Paramount, conforme os seus anúncios "produção toda falada e synchronisada" com o ator Harold Lloyd, seguido do "desenho sonoro" *Minha Sally*, com sessões às 18h30 e 20h15, podendo crianças assistir nestes horários, continuou a fazer sucesso no Cine-Encruzilhada, prometendo "uma gargalhada por segundo!", conforme os anúncios na imprensa, enquanto que Comitre, o grande ilusionista atraía excelente público ao Teatro Moderno, inclusive em *matinée*, apresentando, entre outros números, *As Sombras Agressivas*, uma espécie de 3D nos seus primórdios, pois "graças a oculos especiais que serão distribuidos na platéa, dão a nitida impressão de que êle atira sobre os espectadores um sem numero de objetos, como sejam, pedras colossais, vasilhas cheias dagua, etc.", destacou o *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1931). No Teatro de Santa Isabel, foi promovido um festival de danças clássicas das alunas de Miss Gatis.

Quanto ao Grupo Gente Nossa, o compromisso de realizar quatro espetáculos sociais por mês vinha sendo cumprido à risca. Em novembro, foram *Cala a Bôca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, *Muralhas de Jericó*, de Lucilo Varejão, *O Amigo Terremoto*, de Renato Alvim e Nelson de Abreu, e *Variações do Verbo Amar*, de Samuel Campelo (ou seja, sendo duas das obras de autores pernambucanos), além da repetição de *Não Me Conte Esse Pedaço*, de Miguel Santos, também para os sócios. Para finalizar 1931, já estavam programadas quatro novas montagens, "escolhidas de agrado certo e genero familiar", como bem lembrou o *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1931), além da pontualidade que vinha recebendo aplausos gerais, com todas as peças começando sempre às 20h30.

Toda esta campanha para fazer um teatro de qualidade em terras pernambucanas, vinha chamando a atenção da imprensa cada vez mais, parte dela em franco apoio à iniciativa. O pseudônimo N. B., por exemplo, escreveu longo artigo sobre o caso no *Diario de Pernambuco* (5 de dezembro de 1931):

> Samuel Campêlo, simplesmente, sem a austeridade que as funções e o grao lhe impõe

(sic), tem feito o milagre de ressuscitar o teatro pernambucano. Encenando peças de sua autoria, de um puro regionalismo, ensaiadas com o desvelo de um maniaco, ele nos tem feito gozar deliciosos momentos, ora ali no Santa Isabel, ora noutros palcos da cidade. Na verdade, o *G. G. N.* embrionario ainda, não póde convenhamos, competir com as bôas Companhias que nos têm visitado. Mas, si se atentar na sua composição de elementos amadores, na totalidade, sem recursos financeiros para as grandes montagens, chega-se a conclusão, evidentemente agradavel, de que o *Grupo Gente Nossa* excede a espectativa (sic), dado o desembaraço com que vem se desempenhando de suas atribuições. Infelizmente, a grande parte de nosso publico, não acreditando no milagre de Samuel Campêlo, se abatem de ir ao velho casarão da praça da Republica, numa displicencia enervante e num desamor ao nosso teatro, teatro feito por elementos puramente nossos [...] Verdadeiros artistas escondidos no anonimato da indiferença do publico. Quanto da penultima representação de *Variações do verbo amar*, eu tive uma agradavel surpreza: o Santa Isabel tinha todas as cadeiras e alguns camarotes tomados. Mesmo assim. Podia ser maior a afluencia porque a peça é bôa, de muita verve e, contemporanea, focalisa flagrantes de uma evidencia e realidade a toda a prova. Depois o Gente Nossa conta com elementos como Barrêto Junior, de nome já bastante firmado entre nós; Lelia Verbena, de uma profunda convicção dos papeis que desempenha; Renato Marques, o rei da piada e tantos outros, ou antes, todos os outros, amadores esforçadissimos dentre os quais muito artista perfeito ha de sair. [...] e os incréos [incrédulos] e pessimistas que se preparem para o meu trote de amanhã quando, de vitória em vitória, o G. G. N. se afirmar de vez para triunfo completo de Samuel Campêlo o glaudio dos que presam o teatro nacional, o teatro pernambucano.

O primeiro dos espetáculos sociais do Grupo Gente Nossa naquele mês foi *Onde Canta o Sabiá*, comédia de Gastão Tojeiro, no Teatro de Santa Isabel, no dia 2 de dezembro, com repetição no dia 4, e que se transformou no maior sucesso do Grupo Gente Nossa até então. A equipe continuou a oferecer cartões para os sócios, inclusive abrindo inscrição para outros novos. *Onde Canta o Sabiá* foi louvada no *Diario de Pernambuco* (4 de dezembro de 1931):

> Foi uma das maiores casas que apanhou o velho teatro nestes ultimos tempos. [...] Aliás, *Onde canta o sabiá* é uma das melhores peças de Gastão Tojeiro e das mais interessantes do teatro ligeiro no Brasil. [...] Tudo ali é muito brasileiro – muito familiar. O velho dono da casa, vaporoso e descansado, o genro parasita, o filho vagabundo qual trata sómente de atletismo, as meninas namoradeiras, o chefe da estação de suburbio que toca flauta nas horas vagas, a dona da casa rabujenta com os criados, os criados preguiçosos e cheios de má criação, tudo emfim (sic) respira um ar muito brasileiro. O desempenho que o *Grupo Gente Nossa* deu á peça de Gastão Tojeiro foi deveras interessante. Luiz Carneiro estava muito a vontade no dono da casa que perdia o trem de quando em quando e só se preocupava com o colarinho apertado – Carneiro esteve em uma de suas melhores noites como Elpidio Camara, no pseudo atleta, principalmente no final do 2° ato. Lelia Verbena que, no ultimo espetaculo andou um tanto enlutada, reconquistou hontem a sua linha de artista apreciada; soube jogar as cenas, falar em bom diapasão e manter as expressões fisionomicas. Lenita Lopes e Lurdes (sic) Monteiro, aquela na filha casada, e essa na afilhada, houveram-se muito a contento. Lurdes (sic) esteve naturalissima no 1° ato. Ferreira da Graça no chefe da estação, tirou todo o partido que lhe foi possivel tocando verdadeiramente na flauta a serenata de Schubert. Luiz de França e Jovelina Soares, foram guarda-chave e a criada; Jovelina conservou sua posição de elemento dos mais distinguidos do *Grupo*; França, conquanto um dos de primeira linha, estava parece um pouco deslocado. Poderia tirar melhores efeitos comicos mas não prejudicou o palco e, no 3° ato, conduziu-se com todo o acerto. Renato Marques fez o genro parasita e deu-lhe desempenho satisfatorio, podendo ser aproveitado em outros tipos de igual natureza. Luiz Maranhão, no brasileiro estrangeirado por ter vindo de Paris, teve cabal interpretação precisando sómente mais doçura nas falas de amôr. A montagem da peça foi com todas as exigencias do autor não ficando atras da que lhe deu a companhia

Brandão Sobrinho-Maria Lina. Nos intervalos Zuila Teixeira cantou seus interessantes numeros firmando cada dia mais as suas simpatias na platéa que não cansa de lhe bater palmas. Todo o espetaculo correu debaixo de animação do publico havendo fortes aplausos.

Com a morte do bilheteiro Cristovam Siqueira, o Grupo Gente Nossa resolveu ainda fazer um espetáculo em benefício da família dele com *Variações do Verbo Amar*, de Samuel Campelo, no dia 3 de dezembro, no Teatro de Santa Isabel, que já tinha ganho duas casas cheias anteriormente. Cumprindo turnê pelos países sulamericanos, a dançarina húngara Marta Cari foi vista naquele início de mês no Teatro de Santa Isabel e no Teatro Moderno, com números intercalados pela orquestra dirigida por Nelson Ferreira executando *fox-trots* e sambas. Enquanto isso, o Grupo Gente Nossa participou de um festival de caridade no Cine-Teatro da Paz, oferecido pelo Centro Social Catolico de Afogados em benefício das duzentas crianças pobres mantidas pelo Patronato Nossa Senhora Auxiliadora, no distrito de Gameleira. O conjunto liderado por Samuel Campelo também voltou a se apresentar aos domingos, com vesperais às 14h30, no Teatro de Santa Isabel. A peça escolhida foi *Muralhas de Jericó*, de Lucilo Varejão, com Zuíla Teixeira cantando nos intervalos. O interessante é que, mesmo sendo voltado a adultos, o programa tinha preços diferenciados para cavalheiros, senhoras e senhoritas, operários e estudantes, além de crianças desacompanhadas. Crianças acompanhadas entravam grátis!

Pelo Brasil, a repercussão do Grupo Gente Nossa vinha favorecendo elogios por toda parte, muitos transcritos pela imprensa pernambucana. Grande parte desta simpatia vinha de suas ações beneficentes, como, por exemplo, na sessão de *Não Me Conte Esse Pedaço*, no Cine-Teatro da Paz, no dia 10 de dezembro, em prol das festas de Natal do bairro de Afogados (peça que voltou em vesperal no Teatro de Santa Isabel, no dia 20), ou da comédia *O Afinador de Pianos*, no dia 13 de dezembro, no Teatro de Santa Isabel, em festival organizado por representantes de instituições de ensino como o Ginásio do Recife, Instituto Carneiro Leão e colégios Marista, Nóbrega e Salesiano, com bilheteria voltada às caixas escolares da cidade, sendo 10% da renda líquida para os órfãos Alina, Adebids, Amauri e Artur de Almeida. Claro que tais ações angariavam ainda mais fãs para o conjunto, independente do valor estético de suas montagens.

Já no dia 15, foi a vez do "querido comico pernambucano" Barreto Júnior promover o seu festival de arte, patrocinado pelo capitão Nelson de Melo, secretário da Segurança Pública, com representação de *O Retrato da Bailarina*, texto de um comediógrafo espanhol não divulgado, seguido de ato variado com Zuíla Teixeira cantando e o repentista Minôna Carneiro, para casa cheia, inclusive com presença de oficiais e do interventor Lima Cavalcanti. Ainda no elenco, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro, Lélia Verbena e Amália de Souza, entre outros componentes do Grupo Gente Nossa. Paralelamente, a Tuna Portugueza levou ao seu próprio teatro a peça *Mademoiselle Pirulito*, já anunciando como próxima estreia a cumprir a comédia *É Preciso Casar, Teresa*, de Umberto Santiago, programada para o ano seguinte.

De passagem para a Europa, a Companhia José Clímaco, de Portugal, resolveu fazer parada no Recife a

partir do dia 20 (adiada para o dia 24 posteriormente), com repertório de revistas e operetas regionais, por isso o Grupo Gente Nossa teve que antecipar seus espetáculos socias do mês e escolheu as peças *Mamãe Quer Casar*, de Celestino Silva, com um "ato de canções, duetos, monologos e cenas comicas" em sequência, segundo o *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1931), dando destaque ainda para o ator Barreto Júnior cantar *Café Baratiou*, que foi bisado; a comédia *Graças a Deus*, de Armando Gonzaga, como novo lançamento do conjunto após quatro dias de ensaio apenas; além da estreia de *Casa de Gonçalo*, escrita especialmente por Lucilo Varejão para a equipe. *Graças a Deus* foi dissecada em crítica no *Diario de Pernambuco* (15 de dezembro de 1931):

> Mais uma comédia de Armando Gonzaga, foi representada sexta-feira ultima, no Teatro Santa Isabel, pelo Grupo Gente Nossa. [...] *Graças a Deus* – no terceiro espetaculo social de dezembro – teve igual aceitação da platéa do velho teatro. [...] Obrigado a dar seus quatros espetaculos sociais do mez até o dia 20 para desocupar o *Santa Isabel*, já cedido á companhia de revistas José Climaco, o *Gente Nossa* teve de, em quatro dias, ensaiar *Graças a Deus*. [...] o esforço é digno de nota, principalmente porque a peça teve uma representação bem sofrivel. Conhecemos companhias velhas que não fariam melhor em tão pouco tempo. A peça que é bem feita e muito bem observada – Armando Gonzaga, como já tivemos ocasião de dizer é um autor que sabe jogar com os ambientes familiares – deixou duradoura impressão no auditorio. Agradou completamente. A representação si as vezes correu um tanto arrastada, pelos motivos expostos acima, por vezes nem parecia uma peça com tão poucos ensaios. E, coisa curiosa, dos que costumam aparecer em teatro, o terceiro ato que menos ensaiado foi – estivemos no teatro meia hora antes de começar o espetaculo e ainda se ensaiava – correu melhor que os outros. Luiz de França teve a seu cargo o "Anatolio", o principal papel da peça, e si não fossem as razões que alegamos, teria sido até agora melhor interpretação do apreciado comico nos espetaculos do *Gente Nossa*. Luiz de França prima pela naturalidade de seus desempenhos – sem exageros, sem carêtas, sem falsêtes de voz, simples e conscencioso, consegue agradar a todos. No "Anatolio" teve momentos felicissimos; quando a peça estiver afinada ser-lhe-á esse papel um completo triunfo. Lelia Verbena á vontade, mesmo bem á vontade, na Sinhá – a mulher que chorava quando o marido estava longe e desejava que ele se fosse embora quando estava dentro de casa. Apesar dos poucos ensaios, Lelia estava com o papel sabido e jogou acertadamente suas cenas. Jovelina Soares, pôde ser chamada uma atriz "generica". Em *Cala a bôca*, *Etelvina* estava no seu verdadeiro genero na criada pernostica mas em *Graças a Deus*, na beata Gracinda, não destoou de seus meritos. Hipocrita, bisbilhoteira, intrigante, com todos os caracteristicos do papel. Elpidio Camara, no 1° ato, estava preocupadissimo, nervoso, com mêdo de um fracasso, via-se bem como estava representando, tanto assim que quasi torce a linha do papel, melhorou porém no 2° ato e ficou completamente senhor da cena no 3° ato. Aliás o papel é complexo, de transição – no 1° ato, atarefado, a pensar nos negocios; no 2° ato, calmo e paciente, no 3°, neurastenico, irascivel, furibundo... Luiz Maranhão, fez um bom dr. Dinis – perfeita caracterização – Renato Marques, o que lhe foi possivel no "Paulinho", Amelia (sic) de Souza, na sogra, Lenita Lopes e Lurdes (sic) Monteiro, nas duas normalistas, Luiz Carneiro no padeiro – uma ponta – contribuindo para a salvação geral, ás vezes como nas peças bem ensaiadas, Zuila Teixeira que se apresentou no *Gente Nossa* fazendo variedades nos intervalos, o que ainda vem fazendo com sucesso, tomou parte, pela primeira vez, na representação. Foi a criadinha Julièta e emprestou a sua graça ao pequeno papel. O publico aplaudiu os finais e saio (sic) satisfeito do teatro.

Pela primeira vez, o Teatro de Santa Isabel pôde festejar a data de inauguração do seu atual edifício, em 1876, após terrível incêndio em 1869 que o destruiu quase por completo. A celebração, pelo seu 55° aniversário (só lembrado uma única vez antes, no seu 44° festejo), aconteceu na data ocorrida, dia 16 de dezembro, com um espetáculo de gala dividido em quatro partes: protofonia da ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, por grande orquestra regida pelo maestro Nelson Ferreira; na segunda parte, discurso do doutor Samuel Campelo sobre o teatro em Pernambuco; na terceira parte, execução do hino do estado Pernambuco pela orquestra; e a quarta parte, com

a estreia da comédia em três atos *Agite-se...*, o mais novo texto de Samuel Campelo, que foi antecipadamente comentado na coluna *Vida Teatral*, do *Diario de Pernambuco* (1 de dezembro de 1931):

> *Agite-se...* é uma peça moderna, com ambiente fino, passando o 2° ato em um baile e vestindo as personagens casacas. A contra-regra é cuidadosa vendo-se, a passagem de Zeppelin, nas ultimas cênas do 2° ato. O 1° é um consultorio médico bem montado. As peças tem, ás vezes, laivos de alta-comédia e, outras, situações de muita comicidade sem descer a farsa.

O desempenho da peça ficou a cargo de Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Luiz de França, Luiz Carneiro, Renato Marques, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Jovelina Soares, Amália de Sousa, Lenita Lopes e Carmem Santos. Nos intervalos, apresentaram-se, pela primeira vez compondo a equipe do Grupo Gente Nossa, o tenor Vicente Cunha e Zuíla Teixeira, que interpretaram números musicais de Valdemar de Oliveira, dos Irmãos Valença e de Gaspar Moura. O crítico de pseudônimo M. escreveu sobre o espetáculo teatral no *Diario de Pernambuco* (18 de dezembro de 1931), logo após a estreia:

> *Agite-se* pode enquadrar-se perfeitamente no gênero voudevilêsco, de que é tipico a conhecida *Lagartixa*, com os seus quiproquós e tem coisa que lembra o *Eu arranjo tudo*. E' a história dum médico que preconisava a agitação como a melhor cura para as moléstias, método de que resultou sair-lhe tudo ao inverso, inclusive a pêrda da espôsa que fugira com antigo cliente a quem recomendara o "agite-se"... A peça está bem arranjada e, com alguma lapidação – o 1° ato interessa mais ao espectador do que os dois que se lhe seguem – poderá ficar magnifica. Samuel estudou bem alguns tipos, especialmente um automobilista cuja linguagem e cujas comparações são todas da técnica e da giria automobilistica, tipo a que Luiz Carneiro deu bom desempenho. Elpidio Camara deu mais uma vez demonstração de sua quéda para o teatro, representando como artista seguro, com toda a naturalidade. Lelia Verbena, a espôsa do médico, fez trabalho satisfatorio, embora falasse muito baixo. Lourdes Monteiro regularmente segura do seu papel, apesar de um tanto indecisa no momento critico em que está em julgamento. Amalia Souza, bôa caricata e Lenita Marques á vontade, como menina sapeca. Luiz de França é artista velho, do tempo da Companhia infantil, de modo que, entre amadores, tem naturalmente de destacar-se. Luiz Maranhão e Renato Santos mais ou menos seguros. Bom senário (sic) no 2° ato. A passagem do Zepelin foi um número. O teatro estava completamente à cunha – prova evidente da tese de Samuel Campêlo: a possibilidade de mantêr-se aqui uma companhia permanente.

Por tantos elogios, a imprensa registrava o interesse cada vez mais crescente dos espectadores pelas apresentações do Grupo Gente Nossa, mas, principalmente, a atenção que vinha recebendo dos dramaturgos locais e do Rio de Janeiro, com perspectivas ainda melhores para o seu repertório em 1932. Eis o que publicou o *Diario de Pernambuco* (20 de dezembro de 1931):

> O *Grupo Gente Nossa* continua a atrair a curiosidade das rodas teatrais da capital do país. Ainda não se viu no Brasil um grupo assim, fundado e mantido num Estado com elementos exclusivos do proprio Estado, despertar tanta atenção na metropole. São os jornais quasi todos os dias em simples noticias, são os criticos em artigos assinados, são os parabens enviados, tudo demonstra como o *Gente Nossa* está interessando aos cronistas e teatrologos do Rio de Janeiro. Chega ás vezes a parecer que ali a iniciativa pernambucana está interessando mais do que aqui mesmo. Agora começa a chegar remessas de peças. [...] No ano vindouro o repertorio do *Grupo* estará pois enriquecido de varias peças novas entre elas algumas de autores pernambucanos aqui residentes: Lucilo Varejão, Silvino Lopes, Raul Valença, Samuel Campêlo e outros.

Com a chegada da Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas de José Clímaco ao Recife (segundo Aninha Franco no livro *O Teatro na Bahia Através da Imprensa Século XX*, a equipe saiu da Bahia sem apre-

Beatriz Belmar, atriz da Companhia Portuguesa de Revistas e Operetas de José Clímaco

sentar todas as récitas anunciadas, com ingressos vendidos e nunca ressarcidos ao público. Isto, felizmente, não aconteceu na capital pernambucana), o palco do Teatro de Santa Isabel, a partir do dia 24 de dezembro, foi tomado por artistas em sua maioria portugueses, num total de sete espetáculos apenas, com as revistas-fantasias *Rosas de Portugal* e *Terra de Cantigas*, a patriótica peça *O Dia das Romarias*, a fantasia *A Voz dos Sinos* e a opereta *A Mouraria*. No elenco, nomes como Elisa Carreira, Beatriz Belmar, Maria Amorim, "cantora de belos recursos", como lembrou o *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1931), Dora Vieira, Cinira Cruz, Deodata Sampaio, Jorge Gentil, Santos Carvalho, Otávio Matos, Adolfo Sampaio, Armando Nascimento, Armando Ferreira e Muniz Galvão, entre outros.

As últimas atividades programadas pelo Grupo Gente Nossa para o ano de 1931 foram levar a peça *Graças a Deus*, de Armando Gonzaga, para o Cine-Teatro da Paz, no dia 29 de dezembro, e, naquele mesmo palco, como parte dos festejos de virada do ano, apresentar a burleta em três atos *Miss Atualidade* e a revista fantasia *Pelo Telefone* no dia 31, com os atores Lélia Verbena, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Jovelina Soares e Renato Marques. Encerrou, assim, muito bem, os pouco mais de quatro meses de existência daquele seu primeiro ano de uma promissora existência.

1932

A temporada teatral do Recife foi aberta com a repetição da revista-fantasia *Pelo Telefone*, que fez sucesso no último dia de 1931 e ganhou segunda sessão no Cine Teatro da Paz, em Afogados, a 1 de janeiro. Contando com músicas originais, participavam do elenco os atores Lélia Verbena, Jovelina Soares, Zuíla Teixeira, Luiz Carneiro e Renato Marques. No domingo, dia 3, foi a vez do Grupo Gente Nossa retornar ao palco do Teatro de Santa Isabel apresentando sua primeira vesperal do ano com *Cala a Boca, Etelvina!*, comédia de Armando Gonzaga. Nos intervalos, foram apresentados números de canto com Zuíla Teixeira e Maria Amorim, atriz soprano que abandonou o elenco da Companhia José Clímaco na viagem de volta à Europa, para ficar na capital pernambucana com o marido Ilídio Amorim, paulistano que exercia a função de ponto. Os dois estiveram no Recife em 1926, com a Companhia de Operetas Vicente Celestino, onde se casaram e, em 1927, foram integrantes da Companhia Trá-Lá-Lá, uma das tentativas de teatro permanente em Pernambuco.

Os atores Otávio Matos, Deodata Barros e Adolfo Sampaio também fizeram o mesmo, deixando de voltar à Europa e ficando no Recife, sendo este último contratado como novo ensaiador do Grupo Gente Nossa, permanecendo nele até maio. O primeiro despediu-se da equipe pernambucana ainda em janeiro. No entanto, foi a pequena "black-girl" Little Esther, dançarina negra com doze anos e já afamada em todo o mundo, quem surgiu como a primeira "estrela" a aportar no Teatro de Santa Isabel, numa segunda-feira, 4 de janeiro, acompanhada de sua Breakaway Jazz e do artista cômico brasileiro Valdomiro Lôbo, este em números de canto, declamação e contos humorísticos. A menina norte-americana, uma "endiabrada negrinha", "rival de Josephine Baker", como a chamavam na imprensa, já era conhecida do público recifense por ter sido um dos destaques do filme *Follies 1929*, da Fox-Film. Ela conseguiu fazer várias *matinées* e *soirées* no Teatro de San-

Little Esther

ta Isabel, sempre com casa cheia. Independente desta visita de uma artista estrangeira, o crítico S. C., no *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1932), saldou aquele momento para a produção teatral local:

> O ano que findou trouxe-nos a prova evidente de que o publico pernambucano gosta de teatro! [...] O Teatro Santa Izabel (sic) voltou aos seus belos dias do passado. O *Grupo Gente Nossa* fez o público encaminhar-se, novamente, ao tradicional teatro que já estava considerado urucubaca. E a companhia portuguêsa de revista José Climaco fechou o ano com publico numeroso e entusiasta. [...] O ano de 1932 anuncia-se promissor. [...] Tudo leva a crer que será um ano cheio para o teatro em Pernambuco.

E foi, ainda que com muitos percalços. Com a fina comédia *Aventuras de Um Rapaz Feio*, de Paulo Magalhães, o Grupo Gente Nossa deu a partida para os seus espetáculos sociais no mês de janeiro, em sessão iniciada às 20h45 por ser um sábado, 9 de janeiro, dia em que o comércio fechava mais tarde. No elenco, Lélia Verbena, Jovelina Soares, Lourdes Monteiro, Luiz de França, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro e Renato Marques. Nos intervalos, cantos com Maria Amorim e Zuíla Teixeira, além de variedades com Barreto Júnior. Enquanto isso, o Grêmio Familiar Madalenense também retomou suas atividades com *A Descoberta da América*, de Armando Gonzaga, ainda como espetáculo social do mês de dezembro por este não ter acontecido devido doença em parte do elenco, formado este por Odete Sousa, Marina Silva, Judit Silva, Orináuria Cavalcanti, Josefina Rocha, Ernesto Fischer, Antônio Barbosa, Renato Marques, Luiz de França e o tenor Vicente Cunha.

Também de Armando Gonzaga, *Graças a Deus* foi outra comédia apresentada pelo Grupo Gente Nossa naquele mês de janeiro, assim como a "comedia-farsa" *Casa de Gonçalo*, peça escrita especialmente à equipe por Lucilo Varejão. A obra ganhou elogios no *Diario de Pernambuco* (19 de janeiro de 1932):

> O segundo espetaculo social deste mes do *Grupo Gente Nossa*, sabado ultimo, foi, em materia de representação, talvez o melhor do simpatisado conjunto pernambucano. Veio por em evidencia o que temos proclamado diversas vezes. Dos elementos que fazem teatro nesta terra bastava apenas um ensaiador consciente de sua arte. Habilidade, vocação, boa vontade não faltam aos nossos amadores do palco. Foi contratado um ensaiador – o sr. Adolfo Sampaio, desligado da companhia Jose Climaco – e o resultado já se fez notar satisfatorio apenas em uma semana. Até um restinho de indisciplina de alguns desapareceu; tudo entrou em ordem de companhia a voz de comando do sr. Sampaio que é, de fato, um perfeito conhecedor dos segredos do teatro. Foi uma semana de muito trabalho com ensaios de duas peças – sendo

Armando Gonzaga,

uma com musica – mas o que foi a representação de sabado marcou o maior triunfo para o *Gente Nossa*. Tivemos um desempenho de artistas – ah si todos os artistas que aqui têm aportado dessem-nos representações, como a de sábado, dos modestos elementos do nosso *Grupo*...A marcação movimentadissima dava indicação de mão de mestre. E o caso é que o sr. Sampaio mostrou-se satisfeito com o resultado tanto assim que nas observações da tabela louvou o pessoal de cena declarando ter encontrado em Pernambuco gente capaz de fazer teatro com "muito aproveitamento["]. Outro elemento que contribuio (sic) para o exito da representação foi o ponto, sr. Ilidio Amorim, sustentando os que lá se achavam menos senhores dos papeis, de modo que tal não deu a perceber. A peça levada á cena foi *Casa de Gonçalo*, 3 atos escritos especialmente para o *Gente Nossa* pelo brilhante escritor pernambucano Lucilo Varejão, membro da "Academia pernambucana de Letras" [...] está porém em outro genero – o da farsa – e sabendo-se-lhe tirar os efeitos de encenação dirigida por um mestre como Adolfo Sampaio, causa mais exito e faz rir muito mais por explorar assunto de outras comicidades. E' peça para ir á cena varias noites. O desempenho deus-nos uma revelação: Luiz de França [...] com o geito (sic) e a prosodia do pessoal da Síria. Num papel episodico o França esteve á altura – magnifico. Lelia Verbena e Luiz Maranhão, nos dois galãs principais, muito nos satisfizeram: Lelia que nos ultimos espetaculos estava se descuidando de certas particularidades dos papeis voltou a mostrar a decidida intuição [...]; Luiz Carneiro e Amalia de Souza, no "Gonçalo" e na esposa ranzinza dignos um do outro – Amalia, desta vez, teve de movimentar-se que não foi brincadeira; Elpidio Camara, num galã comico; Barrêto Junior, compondo um tipo de coronel fanfarrão; Jovelina Soares, numa velhota mexeriqueira; Lenita Lopes, numa de suas ingenuas; Lourdes Monteiro, numa pequena intrigante e Renato Marques num mulatinho preguiçoso [...] conduziram-se muito a contento. A contra-regra, a cargo do sr. Antonio Menezes, falhou numa entrada mas esteve cuidadoso nos arranjos de cena. *Casa de Gonçalo* foi caso de parabens para o autor, para o *Grupo Gente Nossa* e principalmente para o ensaiador. Houve muitos aplausos.

Como exemplo do precário registro de nossa história teatral, vale reforçar o que foi escrito por Lucilo Varejão Filho no livro *Lucilo Varejão – Teatro... Quase Completo* (1979, p. 11.), ao revelar a dificuldade em descobrir os originais escritos por seu pai, mesmo após longa procura junto a ex-integrantes dos grupos teatrais em atividade nos anos 1930 e 1940, ou seus familiares, e até mesmo nos arquivos do Teatro de Santa Isabel. Diz o escritor que se frustrou com o que encontrou:

> Obtida autorização oficial para uma pesquisa nos arquivos do próprio Teatro Santa Isabel, apenas encontramos, no que nos indicaram como sendo esses arquivos – um pequeno armário sem vidros e coberto de espessa camada de pó – algumas tiras de papel copiadas a mão e separadas por personagens, dessas que são dadas aos atores para que decorem as réplicas do seu personagem, da peça *Casa de Gonçalo*. Sendo apenas as deixas relativas a dois ou três personagens, elas não permitem a reconstituição de toda a peça.

E, infelizmente, *Casa de Gonçalo* se perdeu para sempre. Voltando a 1932, além de peças declamadas, o Grupo Gente Nossa iniciou aquele ano com a previsão de também montar obras musicadas como operetas e burletas, ainda que dessem muito mais trabalho pelas maiores despesas financeiras e por prescindirem de músicos e intérpretes com boa voz para cantar. A presença de ex-integrantes da Companhia José Clímaco e a entrada definitiva do tenor pernambucano Vicente Cunha em seu elenco, garantiram este desejo. O primeiro dos espetáculos musicados aconteceu no dia 21 de janeiro com a opereta de Samuel Campelo (libreto) e Valdemar de Oliveira (partitura musical), *A Rosa Vermelha*, em festival da atriz/cantora Maria Amorim, protagonista junto a Vicente Cunha. Foi a partir deste trabalho que o grupo começou a mandar confeccionar cenários próprios, sob o comando do cenógrafo pernambucano Álvaro Amorim. A montagem foi saudada por Miguel Jasseli no *Diario de Pernambuco* (24 de janeiro de 1932):

> Creio que não há quem, de boa conciencia (sic), ouse mais afirmar que é impossivel "fazer-se teatro de verdade", no Recife, depois do grande exito que obteve quinta-feira ultima, no

Grupo Gente Nossa

Santa Isabel, a graciosa atriz Maria Amorim, realizando o seu esperado festival de arte. A representação da linda opereta *Rosa Vermelha* por elementos quasi que exclusivamente da "terra", veio provar exuberantemente que, para a vitoria completa do *Gente Nossa*, realização admiravel do formidavel batalhador pelo teatro nacional que é Samuel Campêlo, falta apenas um pouco mais de auxilio por parte do publico. [...] Maria Amorim foi uma Rosalia felicissima. No canto como na dramatização. Vicente Cunha – prata da casa – reafirmou, mais uma vês (sic), os seus dotes artisticos. [...] Voz harmoniosa, rica e representação bem cuidada. Jovelina Soares, a mais risonha promessa do *Gente Nossa*, [...] com um mestre como o Sampaio, vai longe... Elpidio, como de costume, correto e sincero. Maranhão, na linha. Os demais, a contento. [...] Zuilia (sic), figurinha interessante, deve ser cuidada com muito carinho pelo *Gente Nossa*. Outra que vai longe... Em suma, a representação da *Rosa Vermelha* foi um acontecimento teatral de grande repercussão no meio recifense. Parabéns ao dr. Samuel Campêlo. Para a frente!

A Rosa Vermelha fez até vesperal para crianças (com estas entrando gratuitamente se acompanhadas da família), terminando com um ato variado em que Minôna Carneiro cantou emboladas. A festa marcou a despedida do ator português Otávio Matos do elenco do Grupo Gente Nossa, em partida para o Rio de Janeiro. O terceiro espetáculo social do mês de janeiro acabou sendo transferido do sábado, 23 de janeiro, para a terça-feira, 26, no mesmo Teatro de Santa Isabel, por conta de um incômodo súbito da atriz Maria Amorim. Restabelecida, ela integrou o elenco da "comedia-farsa" em três atos *A Descoberta da América*, de Armando Gonzaga, junto a Jovelina Soares, Josefina Rocha, Lenita Lopes, Lourdes Monteiro, Carmen Santos, Elpídio Câmara, Barreto Júnior, Luiz de França, Luiz Maranhão, Renato Marques e José de Souza. Nos intervalos, Lélia Verbena e Zuíla Teixeira cantaram. A peça, que havia sido apresentada alguns dias antes pelo elenco do Gremio Familiar Madalenense, levou desta vez a assinatura do ensaiador Adolfo Sampaio e também ganhou apreciação crítica no *Diario de Pernambuco* (28 de janeiro de 1932):

A peça difere do estilo de quase todas as outras de Armando Gonzaga – não são aqueles ambientes familiares em que o autor e mestre, comquanto não deixe de focalizar costumes no 1° ato, com os processos politicos de candidatos a deputados e nos outros dois com um gerente de pensão de segunda ordem. E' cheia de qui-proquós e confusões que trazem a platea em riso constante. O desempenho que lhe deu o *Grupo Gente Nossa* demonstrou evidentemente o bem que tem proporcionado ao novel conjunto o ensaiador sr. Adolfo Sampaio e a convivencia da distinta atriz Maria Amorim. Desde Outubro o *Grupo*, representa a custa de seus proprios esforços, fazendo muito para amadores mas faltando muito tambem para artistas. Espetaculos que agradaram e deram nome ao elenco mas aos quais sempre faltou um "que" de harmonia. O *Grupo* estava a pedir um mestre. Com Adolfo Sampaio vai atingir a sua finalidade – a formação de um nucleo de bons artistas em Pernambuco. Na representação de ante-hontem, para descanço de Lelia Verbena, coube o papel de protagonista a atriz Maria Amorim. Cremos não ser preciso destacar o seu trabalho num meio de principiantes mas não podemos deixar de assinalar que ela interpretou fielmente o papel da cançonetista "America", metida na péle de senhora casada para engabelar uma cidade do interior de Minas e atrair conquistas faceis. Movimentação de figura, diçã (sic) clara e sonora, expressões fisionomicas, tudo possui Maria Amorim para brilhar entre artistas de verdade como acontece nas companhias onde tem trabalhado. Elpidio Camara, forçado a acompanha-la num papel de igual timbre, não desmereceu dos meritos já adquiridos. Deu bôa interpretação do "Alberto". Assim estiveram os demais, Barreto Junior, á vontade no "dr. Cornelio", Luiz de França, no pirata escrivão de juiz de paz, Josefina Rocha, na dama central, Luiz Maranhão, no amigo de Alberto. Todos se movimentaram e deram vida ás suas cenas, Lenita Lopes, em uma ingenua, Lurdes (sic) Monteiro, numa creadinha, Renato Marques, no gerente da pensão estão aproveitando, talvez mais que os outros, as lições do mestre. Como se portaram bem n'*A descoberta da America*... Progresso notavel. Carmem Santos pela segunda vez veiu á cena. Quando estreou em *Agite-se* quase ninguem a ouve (sic). Agora já melhorou. E' ou não a prova de que o *Grupo* estava a pêdir um ensaiador consciente?

Dois dias depois dessa estreia de *A Descoberta da América*, na quinta-feira, 28 de janeiro, numa iniciativa do agente teatral Américo Rêgo, que programava-se para ir residir em Maceió e lá preparar "praça" para os espetáculos pernambucanos, o grupo liderado por Samuel Campelo retornou ao Teatro de Santa Isabel para reapresentar *Não Me Conte Esse Pedaço*, comédia em três atos do autor carioca Miguel Santos, "a peça que mais gargalhadas tem provocado até hoje nos espetaculos do Grupo", lembrou o *Diario de Pernambuco* (26 de janeiro de 1932). Tanto que o trabalho era reconhecido como "uma fabrica de gargalhadas". Os ingressos continuaram a preços populares. Por fim, como presente aos seus sócios, mesmo diante dos gastos maiores, a comédia musicada *Cartazes do Amor*, dos Irmãos Valença, surgiu como quarto espetáculo social daquele mês. Vicente Cunha e Maria Amorim estiveram em destaque no elenco, acompanhados de Lélia Verbena, Zuíla Teixeira, Jovelina Soares, Elpídio Câmara, Luiz de França e Luiz Carneiro.

À tarde, às 14h30, ainda houve uma vesperal com a fina comédia em três atos de Samuel Campelo, *A Honra da Tia*, seguida de um espetáculo regional com ato variado em que participaram Minôna Carneiro e Manuel Araújo no comando da festa, além de Vicente

Cunha, Barreto Júnior, Eribaldo Alcoforado, Aimbiré Kanimura, Zuíla Teixeira e Teopompo Moreira, entre outros. Ou seja, em janeiro, o grupo seguiu à risca o compromisso firmado na imprensa de realizar quatro espetáculos sociais por mês com peças declamadas ou musicadas. Mas antes mesmo de concluir aquele primeiro mês de 1932, e atendendo aos tantos pedidos do público, fez voltar à cena a opereta *A Rosa Vermelha*, que ganhou sua terceira sessão no domingo, 31 de janeiro, em vesperal e com abatimento nos preços de entrada para os sócios do grupo. Estes, em troca dos seus cartões (com mensalidades pagas), podiam adquirir até três localidades no Teatro de Santa Isabel. A loja Cama Patente cedeu toda a mobília para a cena. Detalhe: crianças acompanhadas entravam gratuitamente.

Naquela noite do dia 31 de janeiro o público do Teatro de Santa Isabel ainda contou com novo espetáculo da Little Esther e sua Breakaway Jazz. A 1 de fevereiro, por conta de festival promovido pelo ator Elpídio Câmara, o Grupo Gente Nossa reapresentou *O Interventor*, comédia de Paulo Magalhães. Já a comédia carnavalesca *O Mimoso Colibri*, peça enviada pelo próprio autor, o carioca Armando Gonzaga, foi o primeiro espetáculo social de fevereiro, na antevéspera do carnaval. Aproveitando o período de festas na capital, e como o objetivo para aquele ano era consolidar definitivamente o Grupo Gente Nossa no conceito público, a equipe programou sua primeira ida ao interior do estado de Pernambuco. Em homenagem à Sociedade de Cultura de Palmares e, especialmente, ao seu gestor, o professor Miguel Jasseli, que irradiava sua "ação construtora" aos municípios vizinhos numa campanha pró-teatro pernambucano, foi escolhida a cidade de Palmares como primeiro polo a visitar.

A breve temporada aconteceu nos dias 13 e 14 de fevereiro com as peças *Cartazes de Amor*, comédia musicada dos Irmãos Valença, *Não Me Conte Esse Pedaço*, de Miguel Santos, e *A Honra da Tia*, de Samuel Campelo. A resposta foi tão positiva que a 9 e 10 de abril uma nova excursão foi feita a Palmares, com sessões no mesmo Cine-Theatro Apolo, desta vez com a burleta *Gente Rústica*, de Umberto Santiago e Sérgio Sobreira, a comédia *A Descoberta da América*, e a opereta *A Rosa Vermelha*, discursando em despedida o ator Adolfo Sampaio, ensaiador do grupo. Aquele ano de 1932 foi bem especial para a Sociedade de Cultura de Palmares, que montou, entre outros trabalhos, *O Mimoso Colibri*, de Armando Gonzaga, sob a coordenação do professor Miguel Jaselli. No elenco de "amadores da Cultura", participavam Lelé Correia, Fausto Freire, Tancredo Acioli, Gercina Araújo, Eulália Barbosa, Cordelita Barbosa, Maria Araújo, Didima Queiroz, Odete Miranda, José Honório e José Alves. A equipe era saudada nos jornais por levar o progresso da arte de representar ao interior de Pernambuco.

Ainda no mês de março, no Recife, o Grupo Gente Nossa continuou sua intensa programação no Teatro de Santa Isabel, com peças como *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com música de Sá Pereira e regência do maestro Gaspar Moura, escolhida para festival da atriz Lélia Verbena, outro evento que dava entrada franca às crianças acompanhadas e que contou com um ato variado em sequência com a participação do repentista Minôna Carneiro, da pianista Isete Fernandes, do barítono Lourival Fraga e do tenor Vicente Cunha, entre outras atrações; *Luar do Norte*, de Umberto Santiago e João Valença, *O Interventor*, de Paulo Magalhães, em "vesperal extraordinária" (com crianças entrando gratuitamente), e várias repetições de *A Rosa Vermelha*, inclusive numa sessão de gala dedicada ao "belo sexo" e em homenagem à data 6 de março de 1817, pela celebração da Revolução Pernambucana, movimento republicano ocorrido no Recife.

Talvez pela constância, todas as sessões ganhavam casa cheia, e o anúncio na imprensa de que ao terminar cada espetáculo haveria "bondes especiais para todas as linhas", conforme saiu no *Diario de Pernambuco* (5 de março de 1932), ajudava muito a atrair ainda mais espectadores. Naquele momento, não foram poucos os festivais promovidos pelos atores do grupo, com renda voltada às suas subsistências. Zuíla Teixeira esteve à frente de um festival com *Cartazes de Amor*, Luiz Carneiro com *Casa de Gonçalo*, Barreto Júnior com uma festa de arte que teve como destaque o *vaudeville O Filho Não é Meu*, de Amaral Dornelas, além de ato variado com números de canto e "caipirismo", gênero de sua especialidade; Deodata Barros com *Gente Rústica*, e Luiz de França com *Agite-se...*, comédia de Samuel Campelo.

Leopoldo Fróes

Ainda em 1932, o Gremio Familiar Madalenense também apresentou um novo trabalho, *No Reino das Mulheres*, de autor não revelado. Naquele mês de março, a Rádio Clube de Pernambuco, ciente do movimento teatral crescente em Pernambuco, inaugurou o seu Tele-Teatro, com irradiação das peças *A Rosa Vermelha* e *Gente Rústica*, tendo Oscar Pinto à frente da coordenação, e Umberto Santiago como diretor. A iniciativa foi louvada pela imprensa. Os dois últimos espetáculos sociais do mês de março pelo Grupo Gente Nossa foram *O Mimoso Colibri*, de Armando Gonzaga, e *A Pena do Frango*, do jornalista pernambucano Célio Meira, comédia que "foi previamente submetida á censura Policial que assistiu tambem o seu ensaio geral, permitindo a representação", lembrou o *Diario de Pernambuco* (31 de março de 1932).

Com a chegada de abril, no dia 2, em nova sessão da opereta *A Rosa Vermelha*, Samuel Campelo discursou no intervalo do segundo para o terceiro ato da peça, como diretor geral do Grupo Gente Nossa e do Teatro de Santa Isabel, relembrando a passagem naquela data do 30° dia de falecimento do grande ator brasileiro Leopoldo Fróes, e inaugurou um retrato do artista no camarim daquele teatro onde ele se vestia quando de sua última visita ao Recife, em 1921. Essa homenagem foi feita perante todo o elenco do Grupo Gente Nossa, do diretor artístico da Companhia Brasileira de Comédias, Celestino Silva, do Rio de Janeiro, de representantes da Rádio Clube de Pernambuco e do Gremio Familiar Madalenense, além de jornalistas e teatrólogos. No dia seguinte, foi representada em vesperal a "comedia-farsa" *O Amigo da Paz*, de Armando Gonzaga.

Com o Teatro de Santa Isabel sendo, então, ocupado pela Companhia Brasileira de Comédias numa longa temporada a partir do dia 5 de abril, tendo Jaime Costa à frente, o Grupo Gente Nossa resolveu viajar, pela primeira vez, para fora do estado, dirigindo-se a Maceió pelo trem interestadual com o seguinte elenco: Maria Amorim, Lélia Verbena, Lenita Lopes, Jovelina Soares, Amália de Sousa, Deodata Barros, Vicente Cunha, Elpídio Câmara, Barreto Júnior, Luiz Carneiro, Renato

João Gama

Jaime Costa

Marques, Aluísio Campêlo e Luiz de França (ator natural das Alagoas). O ensaiador continuou a ser o ator Adolfo Sampaio. A equipe técnica ainda contou com Ilídio Amorim como ponto, José de Sousa como contrarregra, Raul Araújo como o maquinista, e o maestro João Valença, além da participação de cinco músicos, entre eles Gaspar Moura (piano), Alípio Tiago (clarinete), José Lídio (flauta) e João Gama (bateria).

A estreia na capital alagoana aconteceu no dia 16 de abril de 1932, no Teatro Deodoro, com a burleta *Gente Rústica*, dos autores pernambucanos Umberto Santiago e Sérgio Sobreira. Seguiram-se as peças *A Rosa Vermelha*, *O Interventor*, *Luar do Norte*, *Cartazes de Amor*, *A Descoberta da América* e *A Cabocla Bonita*. A partir do dia 23, o coletivo foi ocupar o Cine-Theatro Delícia, ainda em Maceió, com a comédia *O Amigo da Paz*, seguida de *Cala a Boca, Etelvina!*, ambas do dramaturgo carioca Armando Gonzaga, e *A Cabocla Bonita*, burleta de Marques Porto e Ari Pavão, com partitura musical de Sá Pereira. O retorno para o Recife só aconteceu no dia 26 daquele mês, a bordo do navio Rodrigues Alves.

Na capital pernambucana, a Companhia Brasileira de Comédias, liderada por Jaime Costa, esbanjava simpatia e atraía enchentes de espectadores ao Teatro de Santa Isabel. Na programação que durou pouco mais de um mês, além da grande maioria de opções para os adultos, aconteceram vesperais elegantes organizadas "para recreio da creançada e suas distintas familias", conforme lembrou o *Diario de Pernambuco* (1 de maio de 1932), e vesperais para normalistas. Até mesmo sessão especial com 40% da renda bruta voltada para os flagelados da seca no Nordeste foi promovida, e um festival específico para os bilheteiros Lisboa e Rocha, o que aumentou ainda mais a popularidade de Jaime Costa e sua equipe, com atores como Alma Flora, Lígia Sarmento, Fernanda Pombo, Aristóteles Pena e Maria Augusta. Entre as peças apresentadas, além do sucesso de *Feitiço*, de Oduvaldo Vianna, na estreia, integraram o repertório *Bombonzinho*, de Viriato Correia (vista nas sessões para famílias), *Ladrão do Meu Coração*, da também atriz da companhia Lígia Sarmento, e *É Preciso Casar Tereza*, do pernambucano Umberto Santiago, que finalizou a estada no Recife. O *Diario de Pernambuco* (10 de maio de 1932) chegou a

afirmar que foi "a mais produtiva e artistica temporada a que temos assistido no Santa Izabel (sic)". Após tantos elogios, a equipe carioca seguiu para o Ceará.

A 7 de maio, o Grupo Gente Nossa iniciou sua segunda visita interestadual, pois viajou para a cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, pelo trem da *Great Western*, levando o mesmo elenco de Maceió acrescido do ator Ari Guimarães e, desta vez, tendo o acompanhamento do seu líder, o diretor Samuel Campelo. A temporada paraibana aconteceu no Theatro Santa Roza, marcando a inauguração da remodelação daquele espaço, e significou um período bem especial para a história do grupo. Para se ter ideia, no mesmo dia 7, à noite, aconteceu a estreia da temporada com uma récita de assinatura da burleta *Gente Rústica*. No dia seguinte, dois espetáculos extraordinários foram programados: uma vesperal com a comédia *Cala a Boca, Etelvina!*, e um sarau com *O Amigo da Paz*.

No dia 9, segunda récita de assinatura com a opereta em três atos *A Rosa Vermelha*, que contou com a participação especial do maestro Nelson Ferreira. No intervalo do segundo para o terceiro ato, foi feita uma manifestação ao Grupo Gente Nossa pela Sociedade Teatral Pessoense, discursando em nome desta o escritor paraibano Simão Patrício. No dia 10, uma terceira récita extraordinária com a comédia em três atos *Casa de Gonçalo*, de Lucilo Varejão. Já no dia seguinte foi a vez da terceira récita de assinatura com a comédia *O Interventor*. No dia 12, o festival do tenor Vicente Cunha trouxe à cena a burleta *A Cabocla Bonita*. No dia 13, a quarta recita extraordinária com a burleta *Luar do Norte*. Já no dia 14, como quinta récita extraordinária, a comédia *A Descoberta da América*. No dia 15 foram dois espetáculos: um extraordinário em vesperal com A *Cabocla Bonita*, e a quarta récita de assinatura, à noite, com a comédia musicada *Cartazes de Amor*. Somente no dia 16 aconteceu a despedida do público paraibano com a representação da comédia *A Honra da Tia*. Toda a equipe voltou de ônibus para o Recife.

De volta da excursão a João Pessoa, retiraram-se do elenco o ensaiador Adolfo Sampaio, a atriz Deodata Barros e o casal Maria Amorim e Ilídio Amorim, mas o Grupo Gente Nossa não deixou de realizar peças musicadas, agora com um novo elemento: a atriz e cantora pernambucana Luiza de Oliveira, chegada de Maceió. Também passaram a fazer parte do coletivo o barítono Lourival Fraga e o ator Orlando Espíndola. Aproveitando o fim da temporada da Companhia Jaime Costa no Teatro de Santa Isabel, o grupo voltou a ocupar o seu palco tradicional com reentrada a 21 de maio, em vesperal, com a comédia *Casa de Gonçalo*. No dia seguinte, nova vesperal com *O Amigo da Paz*. Ao final do mês, nos dias 28, 29 (em vesperal e sarau) e 30, a equipe festejou as quatro primeiras representações da opereta em três atos *Aves de Arribação*, letra de Samuel Campelo e partitura musical de Valdemar de Oliveira, que ainda não havia sido levada pelo elenco do Grupo Gente Nossa. Todas as sessões aconteceram no Teatro de Santa Isabel com público bem numeroso. Um comentário crítico surgiu no *Diario da Manhã* (29 de maio de 1932):

> Devido ás grandes chuvas que cahiram no domingo, prejudicando a assistencia do *Theatro Santa Isabel* para a opereta pernambucana em 3 actos *Aves de arribação*, original de Samuel Campello e partitura de Waldemar de Oliveira, o *Grupo Gente Nossa* resolveu dar hoje a ultima e definitiva representação da grandiosa peça que possue tão encantadores e fortes trechos de musica alem de um poema cheio de humorismo e observação dos costumes sertanejos e do *bas-fond* da sociedade, porquanto o 2.° acto decorre num cabaret. O *Grupo Gente Nossa* montou a peça a capricho e fez entrar muita gente em scena, dando-nos a impressão de uma grande companhia de opereta, estando o desempenho afinado e a parte de canto magnificamente distribuida á soprano Maria Amorim, ao tenor Vicente Cunha e ao barytono Lourival Fraga, os quaes receberam vigorosos applausos nas tres representações de sabbado e domingo. A parte declamatoria da peça ainda por Maria Amorim, Vicente Cunha e por Adlpho (sic) Sampaio, Ilidio Amorim, Aluisio Campello, Deodata Barros e Lelia Verbena está tambem bem defendida; a parte comica por Jovelina Soares, Barretto Junior e Elpidio Camara de fazer rir a qualquer espectador. Outros papeis de menor importancia por Luisa Clemente, Renato Marques, Orlando Spindola e José de Souza correram com acerto, havendo ainda varios coristas de ambos os sexos que emprestaram

Luiz de França

> notavel movimento ás scenas. A orchestra, brilhantemente [regida por Nelson] Ferreira está de mrecer (sic) os maiores elogios.

Bem no início do mês de junho, uma notícia trágica assustou o grupo: a morte do ator Luiz de França, que participou de sua fundação em 1931. Ainda assim o Grupo Gente Nossa não parou, e agora elogiado pela imprensa dos estados onde esteve, programou quinze novas sessões no Recife, entre vesperais e saraus. No repertório, a burleta *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão, com partitura musical de Sá Pereira, *Terra Natal*, peça patriótica de Oduvaldo Vianna, que marcou o primeiro especial social do mês, e as comédias *A Honra da Tia* (com números de canto nos intervalos do primeiro e segundo ato por Luísa Clemente e J. Pernambucano, dois novos integrantes da equipe, e divulgação reforçada de que tanto o autor como todos os intérpretes em cena eram pernambucanos), além de *Sangue Gaúcho*, de Abadie Faria Rosa, *Os Sonhos do Teodoro* e *Onde Canta o Sabiá*, ambas de Gastão Tojeiro, a repetição de *Cala a Boca, Etelvina!*, e a obra francesa *Meu Bebê*, de Maurice Hennequin. Alguns espetáculos de variedades também estiveram em cartaz, inclusive uma vesperal típica de São João.

Naquele mês voltaram a ser realizadas as vesperais dedicadas às normalistas, às 14h30, com entrada franca para as futuras professorinhas desde que devidamente uniformizadas, além das domingueiras com sessões também às 14h30. Estudantes sempre pagavam ingresso a meia entrada. Importante lembrar ainda que no dia 22 de junho o elenco pôde apresentar-se, pela primeira vez, no Teatro Diogo Braga, na cidade de Vitória, com *A Honra da Tia*. Naquele momento, o elenco ainda era composto por Lélia Verbena, Jovelina Soares, Luiza de Oliveira, Amália de Sousa, Lenita Lopes, Judite Vieira, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Barreto Júnior, Renato Marques, Luiz Carneiro, Aluísio Campêlo, Orlando Espíndola e Francisco Clemente, tendo Ari Guimarães como ponto e J. Pernambucano na contrarregragem. Para minimizar a crise financeira, a direção do grupo reclamou aos antigos sócios que fossem buscar seus cartões, para pagamento da mensalidade, e abriu vagas para abarcar novos associados.

Nove textos diferentes puderam ser vistos em julho pelo elenco do Grupo Gente Nossa, entre vesperais e saraus, todos no Teatro de Santa Isabel e alguns em lançamento. Foi o caso, por exemplo, da "comedia-farsa" *Os Três Maridos Dela*, de Valdemar de Oliveira (mantendo-se inicialmente incógnito como dramaturgo por conta de concurso para saber qual o autor da peça); do drama em quatro atos *A Luta Pela Felicidade*, original da senhora Sonia Gourvitz, da colônia israelita domiciliada no Recife, tendo em sequência o *vaudeville Casa de Maribondos*, de Umberto Santiago; e a comédia musicada *O Gato Escondido*, dos Irmãos Valença. Fez, ainda, voltar à cena *Uma Senhora Viúva*, outra comédia musical com letra e música, respectivamente, de Samuel Campelo e João Valença, em ótima repercussão; a comédia francesa *Meu Bebê,* de Maurice Hennequin, *Aventuras de Um Rapaz Feio*, de Paulo Magalhães, tex-

João Valença

to que voltou a ser apresentado em festival da atriz Jovelina Soares; *A Viúva dos 500*, de Gastão Tojeiro, e *Priminho do Coração*, comédia de Luiz Iglesias e Miguel Santos. *O Gato Escondido* ganhou comentário crítico no *Diario da Manhã* (31 de julho de 1932):

> Foi um interessante espectaculo o proporcionado ante-hontem pelo *Grupo Gente Nossa* aos seus associados no *Theatro Santa Isabel*. Casa cheia e bastantes applausos. Desempenho regular, quasi bom, dos elementos que tomaram parte na peça – a burleta em 3 actos: *O Gato Escondido*, letra e musica, respectivamente, dos irmãos Raul e João Valença. Os dois felizes autores de *O Teu Cabello Não Nega* têm em *O Gato Escondido* uma de suas mais apreciadas peças e, talvez, a que já conta maior numero de representações pelo *Gremio Familiar Magdalenense*, pela *Companhia Trá-lá-lá*, organizada ha annos no *Theatro Helvetica* e, agora, pelo *Grupo Gente Nossa*. *O Gato Escondido* possue suave enredo, libreto tratado com espirito e alguns numeros agradaveis de musica. [...] O dueto de *Tonico* e *Caro'*, no 2.º acto, feito por Lourival Fraga e Lelia Verbena tem marcação original e foi calorosamente applaudido, com repetição. Vicente Cunha e Luiza Clemente, nos principaes papeis portaram-se muito a contento, maxime nos numeros de canto; Diogenes Fraga, comico que sempre traz a platéa em plena halaridade fez o velho "Oscar", de sua creação no *Gremio Magdalenense*; Amalia de Sousa, teve a cargo mais uma de suas caricatas; Lourival Fraga foi um bom *chauffeur* mantendo um vicio de pronuncia até o final e Elpidio Camara, correcto na rabula do almofadinha "Dagmar". Pode-se porém dizer que o melhor desempenho esteve nas mãos de Lelia Verbena e Luiz Maranhão. Lelia porque fez um genero a que não está habituada, collocada sempre nas "ingenuas", nas "brilhantes" ou nos "vampiros", com propensão natural para as romanticas e sentimentais, foi uma interessante *Caró*, creadinha ladina e sapeca. Deu expressão ás falas, vivacidade e garotice ao jogo scenico e muita graça a marca do duetto do avião. Maranhão porque, tambem, esteve num papel pesado demais para sua idade. Mas foi naturalissimo, tirando partido das poucas situações comicas que teve, mostrando, como já o fizera Aluisio Campello no *professor Terencio*, da *Cabocla Bonita*, que não ha necessidade de exageros, caretas nem aflautamento de voz e enxertos, para fazer a platéa rir. Quando um papel tem graça esta apparece naturalmente sem precisar de certas "collaborações"...

Ainda em julho, no dia 5, estreou no Teatro de Santa Isabel, vinda do Pará, mas seguindo para a Bahia, sua terra natal, a troupe Os Rosas, liderada pelo casal Alexandrino Rosas e Merícia Rosas, artistas já aplaudidos no Recife anos antes. No programa exibido em homenagem ao Instituto da Ordem dos Advogados, constou a farsa *Estou No Meu Elemento*, seguida da comédia *Nas Palminhas*, de autores não revelados, e um ato variado ao final. Ainda naquele mesmo palco, alunos do Gymnasio Pernambucano puderam apresentar, no dia 14, a comédia *O Tio Salvador*, de Armando Gonzaga, sob direção do ator Renato Marques. No município de Vitória, o Gremio Leopoldo Fróes lançou o seu segundo espetáculo, *A Louca do Jardim*, drama de autoria do major Claudino Lagos, que por muitos anos residiu e exerceu a profissão de farmacêutico naquela cidade, onde veio a falecer; além da comédia *As Duas Gatas*. Os trabalhos foram muito bem recebidos pelo público.

Neste mês de julho, novos intérpretes ampliaram ainda mais o elenco do Grupo Gente Nossa no Recife, como Lourdes Monteiro, Diógenes Fraga, Batista Teixeira, Francisco Clemente e o tenor Vicente Cunha. Algum tempo depois, desligaram-se Barreto Júnior, Lenita Lopes, Jovelina Soares e Zuíla Teixeira. Ainda assim a equipe festejou brilhantemente o seu primeiro aniversário a 2 de agosto de 1932, no Theatro de Santa Isabel, com um espetáculo em homenagem à Sociedade Brasileira de Autores Theatrais (SBAT), representando a comédia *Longe dos Olhos*, do então presidente da entidade, Abadie Faria Rosa. Durante a apresentação desta, alguns fatos curiosos aconteceram. Eis o que registrou o *Diario da Manhã* (4 de agosto de 1932):

> Em regosijo á data foram offerecidas diversas peças para o guarda-roupa do *Grupo*: pelos srs. José Tavares Campos – um terno de fraque; Manoel Ribeiro, da firma Manoel Ribeiro & Cia. – um fardamento completo da estincta Guarda Nacional, inclusive espada, e João

> Fragoso de Medeiros – um terno de casaca. Durante a representação do 2.° acto da comedia *Longe dos Olhos*, ao sahir de scena, adoeceu subitamente, soffrendo um desmaio e forte crise nervosa até o fim do espectaculo, a actriz Lourdes Monteiro, que fazia o papel de "Odette". Afim de não ser suspenso o espectaculo, a actriz Luisa Clemente substituiu a sua collega no 3.° acto, sem ter dado um ensaio do papel, pelo que foi louvada em tabella hontem fixada pelo director do Grupo[.] Esse louvor estendeu-se a todos os outros artistas não só pelo auxilio que prestaram á collega doente como por terem mantido serenidade em scena sem comprometter a representação, apezar da grande preoccupação de todos pela saude da collega que era soccorrida pelo medico do *Grupo* e pela Assistencia Publica, no seu camarim.

Naquele mês de agosto, no dia 20, a Escola de Bellas Artes de Pernambuco, que tantos artistas formou no estado, foi inaugurada em um casarão na rua Benfica, n. 150. Desligando-se do Grupo Gente Nossa, Barreto Júnior foi formar um outro coletivo, o Conjunto Regional de Comédias, Burletas e Revistas Barreto Júnior, e para ele se foram ainda Aluísio Campêlo, Francisco Clemente, Orlando Espíndola, Luiza de Oliveira, saindo também Lélia Verbena e outros, de modo a ficar o elenco quase desorganizado. Com alguns elementos que se conservaram firmes e mais a atriz Estér Bell, agregada ao Grupo Gente Nossa enquanto no Teatro Moderno trabalhava sua mãe, Renèe Bell, com a Companhia de Sainetes e Revistas Lyson Gaster desde agosto, a equipe liderada por Samuel Campelo fez estrear alguns principiantes em seu elenco (Didi Espínola, por exemplo) e passou a realizar somente espetáculos aos domingos. Ainda no início de agosto, em seu "teatrinho" próprio, os amadores do Gremio Dramatico do Barro estrearam a peça *Morte Civil*, drama do escritor italiano Paulo Giacometi, dirigido por Arthur Braga, um dos integrantes do elenco. José Austregésilo Filho, José Vasques, Antônio Câmara, Luiz Lapa (o coordenador do grêmio), Sebastião Cordeiro, Ercília Monteiro e Christina Menezes foram os outros intérpretes. Nos intervalos, cantou o tenor Lourival Santa Clara.

Como já citado, o mês de agosto marcou a presença da Companhia de Sainetes e Revistas Lyson Gaster no recém reformado Teatro Moderno, contando com

THEATRO SANTA IZABEL

GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE COMEDIA JAYME COSTA
(da temporada official do Rio de Janeiro)

HOJE — ás 20 3/4 — 6.ª feira — ás 20 3/4 — HOJE

A NOITE DA VICTORIA

Patriotica Homenagem á Gloriosa Victoria das Armas Legaes
ESPECTACULO DE CONSAGRAÇÃO E ARTE
UNICA REPRESENTAÇÃO (nesta epoca) da monumental obra de arte de RENATO VIANNA:

O DIVINO PERFUME

Uma das Maiores Glorias do Theatro Nacional!

Segunda Parte — MONUMENTAL MANIFESTAÇÃO PATRIOTICA!
I — Saudação aos Eminentes Vultos Homenageados, por um primoroso orador recifense.
II — HYMNO DAS REVOLUÇÕES PERNAMBUCANAS, pelo tenor recifense VICENTE CUNHA, e côro de elementos do GRUPO "GENTE NOSSA".
III — SUGGESTIVA APOTHEOSE, aos illustres Revolucionarios GETULIO VARGAS e CARLOS DE LIMA CAVALCANTI
PREÇOS POPULARES

AGUARDEM a Reapparição do inexquecivel.... "FEITIÇO!"

ATTENÇÃO! — Chegou a esta cidade, a cujo culto publico se apresentará AMANHA, o ASSOMBROSO SABIO CLINICO "DR. JOÃO ANDRE'", (especialista em molestias de senhoras). DEVEM TODOS VISITAL-O!...

vinte e quatro integrantes, incluindo formosas "girls". A estreia se deu com a peça *Tudo Pode o Amor*. Enquanto isso, o Grupo Gente Nossa foi inaugurar o Cine-Teatro São Miguel, no bairro de Afogados, dividindo suas sessões dominicais entre vesperais no Teatro de Santa Isabel e saraus no Cine-Teatro São Miguel, além de levar alguns espetáculos ao município do Jaboatão, entre outras cidades. Com isso, apresentou novas peças como *O Homem da América*, de Francisco Dornellas, com abatimento para estudantes e crianças; *Mosquitos Por Corda*, original espanhol de J. Dominguez, adaptado à cena brasileira; e *O Ídolo das Meninas*, de Gastão Tojeiro. Paralelamente, por três semanas de setembro, reapareceu no Teatro de Santa Isabel a Companhia Brasileira de Comédias, liderada por Jaime Costa, após excursão vitoriosa pelo "Norte" do país. Entre os novos trabalhos, *Miss 1932*, do teatrólogo e jornalista carioca Mário Domingues. Desta vez, foram convidadas as atrizes Lélia Verbena e Lourdes Monteiro a trabalhar, respectivamente, nas comédias *O Dr. João André, Médico e Operador*, de Abadie Faria Rosa, e *A Flor dos Maridos*, de Armando Gonzaga. Posteriormente, a equipe passou a ocupar o Teatro Moderno no mês de outubro.

Para o Grupo Gente Nossa, o trabalho durante os meses de setembro a novembro foi tão intenso, com remontes e mais remontes de peças e entradas e saídas contínuas de artistas, que Samuel Campelo resolveu convocar os sócios mantenedores e amigos do teatro em geral para expor aquela difícil situação. Ele chegou a declarar-se esgotado e sozinho à frente do conjunto, isso por mais de um ano. Manifestando solidariedade e prometendo variados auxílios, os "amigos do teatro" decidiram, então, contratar no Rio de Janeiro um novo ensaiador, o ator português Manuel Matos, e convidar novamente o casal Maria Amorim e Ilídio Amorim – que se achava em Natal – para integrar o elenco. A resposta deles foi positiva. O Grupo Gente Nossa retornou, então, animado ao Teatro de Santa Isabel. No mês de dezembro, dividindo-se entre aquele palco e o do Cine-Teatro São Miguel, muitas peças foram estreadas, como, por exemplo, *Cabecinha de Vento*, de Umberto Santiago, e *O Engano da Peste*, de Samuel Campelo.

Naquele momento, o elenco era formado por Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro, Ferreira da Graça e Tancredo Seabra. Juvenila Cortêz, Rui Lobato e Tancredo Seabra participaram como novos integrantes. *Chuva de Filhos* (*Meu Bebê*), do francês Maurice Hennequin, "peça para rir do principio ao fim", segundo o *Diario de Pernambuco* (4 de dezembro de 1932), integrou primeiramente um festival da atriz Lélia Verbena, mas, depois, ganhou até sessão especial à petizada, em vesperal. "Em fase vitoriosa de reconstrução", o Grupo Gente Nossa ainda fez o remonte de *A Honra da Tia*, agora sob a coordenação do ensaiador Manuel Matos e, inclusive, podendo receber crianças gratuitamente na plateia, com distribuição de brindes e bombons. Números de variedades foram vistos nos intervalos. No elenco, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Diógenes Fraga, João Estevão, Lélia Verbena, Amália de Souza, Lourdes Monteiro e, como outra estreante, a senhorita Eunice Vanda.

Enquanto o Grande Circo Nerino aportava na capital pernambucana com elenco de artistas nacionais e internacionais, a estreia do mês de dezembro para o Grupo Gente Nossa foi *O Cazuza Não Tem Pai!*, sainete em três atos de Djalma Bittencourt, da

SBAT, voltado a todas as idades. A peça marcou a estreia do ator Dustan Maciel. Além de números de canto e declamação nos intervalos, brindes foram distribuídos às crianças da plateia. Após duas vesperais coroadas de êxito e um espetáculo de assinatura bem recebido, o momento parecia ser tão promissor que Miguel Jasseli comentou no *Diario de Pernambuco* (11 de dezembro de 1932):

> As boas noticias que os jornais vêm publicando nestes ultimos dias a respeito da volta do apreciado *Grupo Gente Nossa* á atividade, encheram de entusiasmo e animo a quantos se batem pelo maior desenvolvimento do teatro em Pernambuco. Quando se anunciou a crise que ameaçava de morte o *Grupo*, fui dos que protestaram contra a idéa (sic) de que o *Gente Nossa* podia desaparecer sem afetar profundamente os creditos de cultura do povo pernambucano. Eu não podia compreender como é que podia ruir edificio levantado sobre alicerces tão solidos, quais os da abnegação, patriotismo e desprendimento, pela mesquinha campanha de elementos perniciosos e anarquicos, por isso mesmo que não podia viver no meio de gente limpa, com nome a zelar. Felizmente, porem, a tempestade parece ter amainado. Maria Amorim que é, sem favor, uma das nossas maiores atrizes, vai voltar ao *Grupo*, o que equivale dizer que vamos ter novamente excelentes espetaculos de arte no velho Santa Isabel. O *Gente Nossa* não serve apenas para divertir parte do Recife que gosta de espetaculos teatrais. Educa, civiliza, congrega elementos aproveitaveis, contribue para o progresso da arte de representar no Brasil. Mais do que isto: é tambem o espelho em que miram as sociedades de amadores do interior, que procuram imitar o exemplo que vem da capital.

Com a volta da atriz/cantora Maria Amorim, a grandiosa opereta *A Rosa Vermelha* pôde ser retomada a partir do dia 16 de dezembro, em comemoração ao 56° aniversário de inauguração do atual edifício do Teatro de Santa Isabel, após o violento incêndio que ocorreu na tarde de 19 de setembro de 1869. Além dela como protagonista, o seu parceiro musical Vicente Cunha reassumiu o principal papel masculino, contando também no elenco com Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, João Estevão, Tancredo Seabra, Dustan Maciel, Rui Lobato, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Juvenila Cortêz e Eunice Vanda, entre outros. A grande orquestra foi regida pelo maestro Nelson Ferreira e os novos cenários foram confeccionados pelo pintor Álvaro Amorim. Mas foi o "modernissimo e custoso guarda-roupa" o grande destaque dado pelo *Diario de Pernambuco* (14 de dezembro de 1932). A montagem teve preços populares.

Maria Amorim

Vicente Cunha

Enquanto isso, a imprensa noticiou o surgimento do Gremio Artístico N. S. do Rosário, fundado na praia do Pina como nova sociedade teatral em homenagem à padroeira daquela localidade. À frente estava o padre José Fernandes, com elenco constituído totalmente

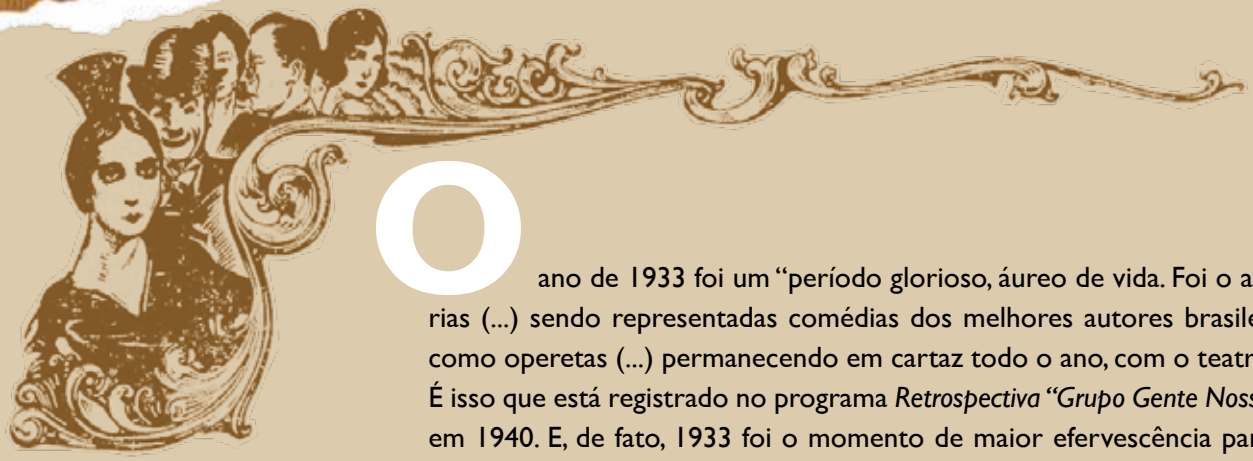
de elementos católicos. Também foi divulgada a montagem da "finissima comedia" *Tão Fácil a Felicidade*, de Valdemar de Oliveira, para janeiro de 1933, com figuras da alta sociedade em ensaios sob a direção do ator Manuel Matos. Já no Teatro Leopoldo Fróes, como passou a ser chamada a casa de espetáculos do Gremio Familiar Madalenense após a morte daquele que foi um dos grandes atores do Brasil, a peça *A Viúva dos 500*, de Gastão Tojeiro, ampliou o repertório da equipe originária do bairro da Madalena, tendo no elenco Diógenes Fraga, Ernesto Fischer, Antônio Barbosa, Vicente Cunha, Batista Teixeira e Antônio Torres.

E para colaborar com a campanha "O Natal das Crianças Pobres", liderada pelo jornal *Diario da Tarde*, o Grupo Gente Nossa programou para o dia 25 de dezembro a estreia do espetáculo *Conto de Natal* (com autor não divulgado na imprensa), seguido de um ato variado com seus principais intérpretes. A renda da bilheteria ficou voltada em 50% para a campanha. Ainda para celebrar o Ano Novo, uma nova vesperal foi marcada com a peça *A Viúva dos 500*, mesmo trabalho que havia sido apresentado apenas alguns dias antes pelo Gremio Familiar Madalenense. Mas o que parecia ser um ótimo momento para o Grupo Gente Nossa escondia uma terrível situação,

Valdemar de Oliveira

como revelou a retrospectiva do *Nosso Boletim* (agosto de 1936), pois "de todos os 'cristãos novos' que prometeram trabalhar ao lado do diretor do 'Grupo' apenas ficou Valdemar de Oliveira que se encarregou da direção artistica ficando Samuel Campelo com a direção financeira e o restante das atribuições". Dura vida essa do mais aplaudido coletivo teatral do Recife. Mesmo assim o Grupo Gente Nossa seguiu em frente.

1933



O ano de 1933 foi um "período glorioso, áureo de vida. Foi o ano de vitórias (...) sendo representadas comédias dos melhores autores brasileiros, assim como operetas (...) permanecendo em cartaz todo o ano, com o teatro a cunha". É isso que está registrado no programa *Retrospectiva "Grupo Gente Nossa"*, editado em 1940. E, de fato, 1933 foi o momento de maior efervescência para a equipe liderada por Samuel Campelo, com o recorde de 208 apresentações ao final do ano, segundo estatística publicada pelo *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1935), ocupando seis teatros recifenses (Cine-Teatro São Miguel, Cine-Teatro da Paz, ambos no bairro de Afogados; Cine-Teatro São João, em Tejipió; Teatro Arruda, no bairro homônimo; e, no centro da cidade, o Teatro Moderno e o Teatro de Santa Isabel, este com maioria absoluta de sessões em período pouco frequentado por companhias visitantes), além de viagens às cidades de Limoeiro (Cine-Teatro Aurora), Jaboatão (Teatro Municipal de Jaboatão) e Vitória (Cine-Teatro Diogo Braga). Notem que, seguindo o que a maioria da imprensa publicava naquele momento, não se usava mais o "th" na palavra teatro.

Já no primeiro mês de 1933, após enfrentar um período de meses de suspensão no ano anterior por "motivos superiores", o Grupo Gente Nossa anunciou sua volta ao Teatro de Santa Isabel com novos espetáculos sociais, tentando retomar o ritmo anterior de quatro montagens por mês. Os antigos frequentadores se animaram e o quadro social do conjunto foi aumentando – sócios que pagavam mensalidade e podiam comparecer com mais duas pessoas da família, senhoras ou senhorinhas a cada apresentação, num total de quatro sessões mensais. Os cartões para ingressar neste quadro social do Grupo Gente Nossa eram picotados na entrada do teatro e adquiridos, a cada mês, em mãos do cobrador Amaro Paiva, presente na secretaria do Teatro de Santa Isabel todos os dias, das 16 às 18 horas, ou na bilheteria, nas noites de espetáculo. Ingressos avulsos também eram sempre colocados à venda, tudo isto a preços populares.

Manuel Matos

Segundo o *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1933), havia um esforço da direção em melhorar suas récitas artísticas, prometendo o grupo "hombrear-se" às muitas companhias teatrais que visitavam o Recife naqueles tempos. Para isso, a equipe divulgou que passou por certa reforma no elenco, "hoje muito mais homogeneo e portanto capaz de nos oferecer espetaculos mais agradaveis", ratificou naquela mesma edição de jornal. Vindo do Rio de Janeiro, o ator português Manuel Matos foi novamente contratado como ensaiador dos intérpretes, uma passagem significativa, mas que durou pouco tempo, infelizmente, por conta de sua morte logo no mês de fevereiro daquele ano.

A estreia deste "novo momento" do Grupo Gente Nossa foi propagada para acontecer na sexta-feira, 6 de janeiro, no Teatro de Santa Isabel, com o lançamento de *O Outro André*, comédia de Correia Varela dividida em três atos, texto já conhecido no Recife por intermédio de companhias itinerantes, uma "verdadeira fabrica de gargalhadas", lembrou o *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1933). A encenação ficou sob a responsabilidade do ensaiador Manuel Matos e os cenários – novos – de Álvaro Amorim, com móveis cedidos pela loja A Decoradora. Divulgou ainda o *Diario de Pernambuco* (4 de janeiro de 1933):

> Trata-se de um trabalho teatral do mais fino quilate, desenrolando-se as situações em ambiente da alta sociedade, o que facilitou ao Grupo apresentar uma encenação esmeradissima. Ao mesmo tempo, a peça de Correia Varela, que se divide em 3 atos, fará rir ao mais sizudo espectador, o que nos garante um sucesso completo para a noite de sexta-feira.

No elenco, Maria Amorim, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Juvenila Cortêz, Eunice Vanda, Elpídio Câmara, Renato Marques, Luiz Maranhão, Loba Nonato e Ilídio Amorim. O espetáculo começou impreterivelmente às 20h45 e apresentou nos intervalos a estreia da orquestra Jazz Gente Nossa, regida pelo professor Gaspar Moura, com o objetivo de tornar as "festas" do grupo mais atraentes, incluindo números de canto com a soprano e atriz Maria Amorim, que abriu o espetáculo, além de Valdemir Calíope e Juvenila Cortêz.

O curioso é que, mesmo divulgando sua reentrada com *O Outro André*, o fato se deu, na realidade, com *O Cazuza Não Tem Pai!*, original de Djalma Bittencourt já estreado como "uma peça interessantissima que fará rir ao mais sizudo espectador (até parece um *slogan* da época!), mantendo em constante hilaridade a plateia", salientou o *Diario de Pernambuco* (5 de janeiro de 1933). A vesperal, preparada em homenagem ao Dia de Reis na tarde de 6 de janeiro, aconteceu às 15 horas, com preços mais módicos e podendo o adulto sentar em qualquer localidade do teatro. As crianças acompanhadas tiveram entrada gratuita, mesmo que mais uma vez o texto oferecido não fosse criado para tal faixa etária. No entanto, "agradaveis surpresas a petizada" estavam prometidas, conforme o *Diario de Pernambuco* (6 de janeiro de 1933). No elenco, Lélia Verbena, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Juvenila Cortêz, João Estevão, Rui Lobato, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro e Dustan Maciel.

Naquele mesmo dia 6, no Cine-Teatro da Paz, foi promovido um festival em benefício da Liga Católica Jesus, Maria, José, da Matriz de Afogados, com apresentação das comédias *O Moleque Escovado* e *O Diabo Em Casa*, do teatrólogo Francisco Uchôa. No intervalo entre uma e outra, um ato de variedades dirigido pela professora da Escola Paroquial, sem divulgação do seu nome na imprensa. Quanto ao Grupo Gente Nossa, "sociedade que tão simpaticamente vem pugnando entre nós pelo alevantamento do teatro na-

cional", como lembrou o *Diario de Pernambuco* (6 de janeiro de 1933), mesmo ainda celebrando os louros de duas novas récitas promovidas no domingo, dia 8 de janeiro, com a repetição de *O Outro André* na quarta à noite, dia 11, por conta de insistentes pedidos e elogios rasgados ao ensaiador Manuel Matos, a equipe não descansou e preparou a estreia do segundo espetáculo social de 1933.

Desta vez, entrou em cena a comédia em três atos *O Amigo Tobias*, original espanhol com adaptação ao ambiente do nosso país pelo saudoso ator e dramaturgo Brandão Sobrinho, "peça para rir de primeira cena á ultima", salientou o *Diario de Pernambuco* (10 de janeiro de 1933). No elenco, Maria Amorim, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Elpídio Câmara, Renato Marques, Juvenila Cortêz, Rui Lobato, Loba Nonato e Tancredo Seabra, ensaiados sob a direção de Manuel Matos. O lançamento desta "hilariante comedia – uma das mais interessantes do arquivo do teatro ligeiro", segundo o *Diario de Pernambuco* (12 de janeiro de 1933), já conhecida da plateia recifense por ter estado incluída no repertório de companhias itinerantes em visita a Pernambuco, aconteceu na sexta, 13 de janeiro de 1933, com números de variedades nos intervalos pela orquestra Jazz Gente Nossa.

No domingo, dia 15, uma nova vesperal foi realizada às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel, e, à noite, outra sessão no Cine-Teatro São Miguel, no Largo da Paz,

Diógenes Fraga

em ambos os horários com a peça dos Irmãos Valença *O Gato Escondido*, libreto de João Valença e música de Raul Valença, já várias vezes repetida em 1932. Crianças acompanhadas, mais uma vez, não pagaram na vesperal, e lembrou ainda o *Diario de Pernambuco* (15 de janeiro de 1933) que o conjunto sempre apostava nas "melhores peças pelos menores preços". No elenco, Maria Amorim, Luiz Maranhão, Lélia Verbena, Amália de Souza, Elpídio Câmara, Diógenes Fraga, Lourival Fraga e o tenor pernambucano Vicente Cunha. A montagem de *O Amigo Tobias* voltou na terça, dia 17, como "a peça que mais tem agradado na nova fase do Grupo Gente Nossa", afirmou o *Diario de Pernambuco* (17 de janeiro de 1933), e no domingo 22, em vesperal às 15 horas, com crianças acompanhadas da família tendo ainda o direito de entrar gratuitamente, além de números de canto e a Jazz Gente Nossa tocando nos intervalos.

Continuando a série artística do mês de janeiro, foi ainda apresentada, como retorno a mais um sucesso do grupo em 1932, *Uma Senhora Viúva*, comédia musicada escrita por Samuel Campelo, com vários números musicais de João Valença – partitura que é "uma das mais inspiradas de sua bagagem musical", lembrou o *Diario de Pernambuco* (20 de janeiro de 1933), com sessão no dia 20 de janeiro, às 20h45, no Teatro de Santa Isabel, contando com os atores Maria Amorim, Lélia Verbena, Juvenila Cortêz, Amália de Souza, Vicente Cunha, Elpídio Câmara, Renato Marques, Diógenes Fraga e Luiz Maranhão, além de participação da orquestra Jazz Gente Nossa regida pelo professor Gaspar Moura. A montagem foi rigorosamente ensaiada pelo ator Manuel Matos, "um dos decisivos fatores de soerguimento do querido gremio local", assegurou o *Diario de Pernambuco* (21 de janeiro de 1933).

No domingo, dia 22, além da vesperal de despedida da peça *O Amigo Tobias*, o Grupo Gente Nossa apresentou à noite, no Cine-Teatro São Miguel, no Largo da Paz, a remontagem de *Casa de Gonçalo*, comédia de Lucilo Varejão, estreada em 1932 com "desempenho condigno, por parte dos elementos artisticos do Grupo e uma montagem rigorosa", texto de "um dos autores pernambucanos mais aplaudidos", salientou ainda o *Diario de Pernambuco* (21 de janeiro de

1933). No dia seguinte, lembrando que todas estas peças que voltavam a ser apresentadas já tinham sido bastante aplaudidas em récitas anteriores, o *Diario de Pernambuco* (22 de janeiro de 1933) fez questão de frisar que os espetáculos do Grupo Gente Nossa "se veem tornando um ponto de reunião da sociedade recifense". No entanto, a luta era ferrenha.

Na quinta-feira, 26 de janeiro, o "querido conjunto pernambucano", como tantas vezes assim lembrado na imprensa, foi pela primeira vez ao Cine-Teatro São João, em Tejipió, "cujos espetaculos vêm sendo ansiosamente aguardados ali", lembrou o *Diario de Pernambuco* (26 de janeiro de 1933), levando a reapresentação de *O Interventor*, comédia em três atos de Paulo Magalhães estreada ainda em 1931; e, na sexta-feira, dia 27, com esta mesma peça, visitou, pela primeira vez como conjunto contratado, o Cine-Teatro Aurora, na cidade de Limoeiro, sob a coordenação do professor e ensaiador Manuel Matos e do diretor Samuel Campelo. No elenco da montagem, Maria Amorim, soprano que também cantou nos intervalos, Lélia Verbena, Elisa Almeida, Elpídio Câmara, Renato Marques, Rui Lobato, Valdemir Calíope, Tancredo Seabra, Loba Nonato, Luiz Maranhão e Luiz Carneiro.

Para o sábado, dia 28, foi agendado o quarto espetáculo social do mês, *O Sr. Isidoro*, do próprio ensaiador Manuel Matos, que encerrou a série de montagens apresentadas em janeiro. No elenco, entre outros, Maria Amorim, Lélia Verbena, Juvenila Cortêz, Elpídio Câmara, Renato Marques, Rui Lobato, Loba Nonato e Luiz Maranhão, peça que era "uma verdadeira fabrica de gargalhadas", pontuou o *Diario de Pernambuco* (26 de janeiro de 1933). Naquele mesmo sábado, o Cine-Teatro do Pina foi palco, a partir das 20 horas, da *Noite Rósea* promovida pelo Grêmio Artístico N. S. do Rosário, arregimentado naquele bairro sob a direção do senhor Adalberto Santos e do maestro Mário Ribeiro. No programa do festival artístico, destaque para a peça *O Modêlo dos Maridos*, de autor não divulgado, comédia que contou com a participação dos atores Josefina Carneiro, Luiz Carneiro, Hilda Mendonça, Edgar Silva e Gercina de Sousa.

No domingo, dia 29, o Grupo Gente Nossa promoveu mais uma vesperal no Teatro de Santa Isabel com a repetição da comédia *Uma Senhora Viúva*, de Samuel Campelo e João Valença. "Só os nomes de tais autores é o bastante para levar, hoje, ao Santa Isabel, uma grande concorrencia, ansiosa por aplaudir um dos melhores trabalhos do teatro ligeiro do Brasil", apostou o *Diario de Pernambuco* (29 de janeiro de 1933). À noite, no Cine-Teatro São Miguel, no bairro de Afogados, foi a vez de *O Interventor*. A partir do dia 30 de janeiro começaram os ensaios para a o primeiro espetáculo social do mês de fevereiro, a comédia *Zuzu*, de Viriato Correia, um dos dramaturgos mais aclamados do Brasil naquele momento. Os ensaios de marcação – com cada ator recebendo somente as deixas e suas falas, curiosa tradição do teatro do passado que perdurou por anos – duravam cinco ou seis dias, no máximo.

Importante lembrar que, no mês de janeiro de 1933, a Companhia Vicente Celestino, do Rio de Janeiro, encenou várias vezes a opereta de Valdemar de Oliveira e Samuel Campelo, *Aves de Arribação*, no teatro da Rua Hadock Lobo, como confirma o *Nosso Boletim* de julho de 1936. O espetáculo havia estreado em julho de 1927, no Teatro Municipal João Caetano, de Niterói, e ganhou remontagem na mesma cidade, em julho de 1930, no Éden-Cinema-Teatro. O documento lembrou ainda que em fevereiro de 1933, em Petrópolis, a equipe carioca conquistou um êxito inesperado no Theatro D. Pedro com *Aves de Arribação*. "A assistencia deleitou-se e não regateou aplausos. A opereta é bôa. A musica tem qualidades notaveis. O espetaculo de ontem pertence ao numero desses que raramente nos são dados apreciar", transcreveu aquela publicação do *Jornal de Petropolis* (1 de fevereiro de 1933); ou ainda "É uma opereta original que agrada com excelente musica regional, a par de pilherias que fazem a platéa rir bastante", conforme transcrição da *Tribuna de Petropolis* (2 de fevereiro de 1933).

Em fevereiro, faleceu Manuel Matos e o Grupo Gente Nossa perdeu um dos mais competentes ensaiadores de sua história. Quanto ao elenco, voltaram as atrizes Luiza de Oliveira (que deixou a Companhia de Barreto Júnior no interior das Alagoas) e Letícia Flora, intérprete pernambucana já conhecida em todo o Brasil e em algumas capitais de países sul-americanos onde estivera com a Companhia Jardel Jércolis. Ainda

Letícia Flora

no ano de 1933, como período áureo de sua trajetória, além de representar comédias de alguns dos mais destacados autores brasileiros – *O Ministro do Supremo*, de Armando Gonzaga, foi outra obra daquele mês –, o Grupo Gente Nossa trouxe à cena "operetas de difícil interpretação para um conjunto modesto", como lembrou o *Nosso Boletim* de agosto de 1936. Entre os exemplos, *A Casta Suzana*, que integrava o repertório de algumas das melhores companhias a circular pelo mundo, além de novas operetas pernambucanas, como *Ninho Azul*, de Valdemar de Oliveira, e *A Madrinha dos Cadetes*, de Valdemar de Oliveira e Samuel Campelo, sem contar outras mais antigas.

No mês de março, momento de reinauguração do Cine Casa Amarella, logo no dia 3, atendendo a pedidos, o Grupo Gente Nossa repetiu a "hilariantissima" comédia *O Ministro do Supremo*, de Armando Gonzaga, que havia constado como o terceiro espetáculo social do mês anterior, com sessão começando às 20h45 no Teatro de Santa Isabel. Logo em seguida, entrou em "ensaios de marcação" a chistosa comédia em três atos do maranhense Viriato Correia, *Bombonzinho*, mesmo autor que já deu à equipe sucesso anterior com o texto *Zuzu*. A nova obra, incluída no repertório do Grupo Gente Nossa por autorização da SBAT e inédita para a equipe até então, já era conhecida do público recifense por conta das primeiras temporadas na capital pernambucana da Grande Companhia Brasileira de Comédias, dirigida pelo ator Jaime Costa, em 1932. Serviu como primeiro espetáculo social do mês de março, marcando o vigésimo mês de existência do coletivo pernambucano.

O lançamento de *Bombonzinho* no Teatro de Santa Isabel se deu na sexta-feira, 10 de março, às 20h45, com vesperal em sequência no dia 12, às 15 horas, em mais uma récita com entrada franca às crianças que comparecessem acompanhadas. No elenco, Maria Amorim, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Juvenila Cortêz, Elisa Almeida, Elpídio Câmara, Renato Marques, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, Dustan Maciel e Rui Lobato. No *Diario de Pernambuco* (12 de março de 1933), o grupo foi elogiado por vencer "os obstaculos que tem encontrado para implantação de um teatro honesto e digno de nossa cultura". Na noite do mesmo domingo, dia 12, nova visita ao Cine-Teatro São Miguel, em Afogados, com *Uma Senhora Viúva*, "mimoso sainete-comico em 3 atos", como definiu aquele jornal.

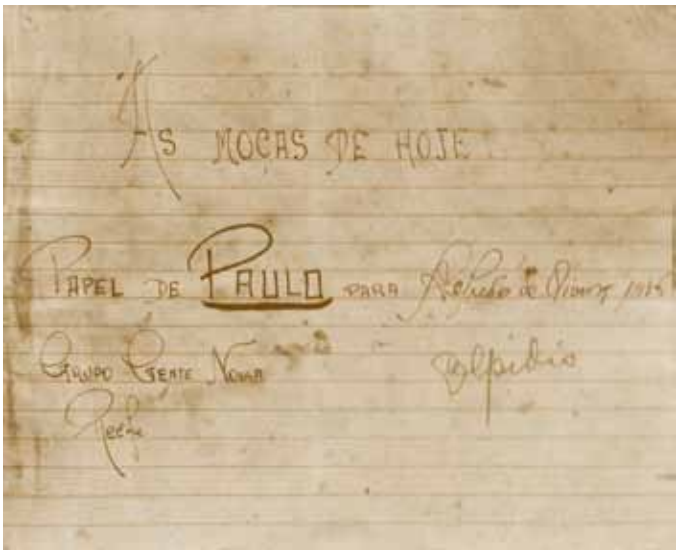
Um pouco antes, na terça, dia 7, sob coordenação do secretário Euclides Pires, a equipe fez nova visita à cidade de Limoeiro, desta vez com a burleta de

costumes do interior em três atos, *Luar do Norte* de Umberto Santiago, com música de João Valença, apresentada no Cine-Teatro Aurora. Nos principais papéis e números de canto, a soprano Maria Amorim e o tenor Vicente Cunha, além da participação dos atores Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Ilídio Amorim, Elpídio Câmara, Renato Marques, Luiz Carneiro e Rui Lobato. A Jazz Gente Nossa, sob direção do professor Gaspar Moura, também acompanhou os artistas, além de Alderico Costa como ponto, Amaro Paiva, o contrarregra, e José Ferreira da Costa, o maquinista. Na sexta, 17 de março, o segundo espetáculo social do mês aconteceu com a estreia de *As Moças de Hoje*, comédia em três atos de Abdon Milanez, "trabalho finissimo, digno da pena de um grande comediografo", conforme o *Diario de Pernambuco* (16 de março de 1933). Nos intervalos, tocou a Jazz Gente Nossa.

É preciso lembrar que, durante quase todo o mês de fevereiro, mesmo enfrentando o período momesco, a Companhia Brasileira de Revistas e Operetas, com o querido cômico Mesquitinha à frente, cumpriu temporada de concorridos espetáculos no Teatro Moderno, com destaque para a apresentação de *Olha a Curva* no dia 11 de março, com direito a piadas, certo nudismo e plateia ruidosa especialmente no "galinheiro" (a torrinha do teatro), em festa artística do próprio Mesquitinha. O evento contou com longo ato de variedades ao final e participação de elementos da Rádio Clube de Pernambuco e do Grupo Gente Nossa. Ainda no elenco da companhia carioca, destaque para Luísa Fonseca, Ari Viana e Ítala Ferreira, artista que, inclusive, levou carta de elogios da Sociedade Brasileira de Belas Artes ao festejado conjunto pernambucano.

Salientando o seu compromisso de dar todos os meses uma peça repetida, o Grupo Gente Nossa, na sexta-feira, 24 de março, às 21 horas, apresentou o sainete em dois atos *Mamãe Quer Casar*, de Celestino Silva, consagrada em suas primeiras apresentações ainda em 1931. Completando o programa, aconteceu um ato variado com os cantores do grupo e, numa prova de sua contemporaneidade, "as ultimas novidades musicais recebidas pela Casa Ribas", reforçou o *Diario de Pernambuco* (22 de março de 1933). Desta parte participaram Renato Marques, com suas criações de caipira; Maria Amorim, interpretando *Foi Na Beira do Rio*; Vicente Cunha, em trecho de *Aves de Arribação* e num dueto de *A Rosa Vermelha*, com Maria Amorim; Lélia Verbena, cantando *Êta, Caboclo Mau*, de Jourbert de Carvalho; além de Rui Lobato e Juvenila Cortêz, entre outros. Terminando o ato regional foi cantado *O Desafio*, da opereta *Aves de Arribação*, por Luiz Carneiro e Renato Marques acompanhados por coro geral. Nos intervalos, tocou a Jazz Gente Nossa, sob regência do professor Gaspar Moura.

No domingo, 26 de março, o palco do Teatro de Santa Isabel recebeu dobradinha de espetáculos do Grupo Gente Nossa, reencenando sucessos artísticos de seu repertório. Às 15 horas, voltou à cena a sempre aplaudida opereta *A Cabocla Bonita*, original de Mar-



A comedia em 3 atos de ABDON MILANEZ

AS MOÇAS DE HOJE

(Distribuição pela ordem de entradas)

CAETANO	Raul Priston
CRIADO	Gerson Vieira
CARMEN	Leticia Flora
VALERIO	Ari Guimarães
PAULO	Alfredo de Oliveira
MORENA	Luiza Oliveira
INÊS	Ziza Priston
GUSTAVO	Caldas Araujo
LEOPOLDO	Luiz Maranhão
2º CRIADO	Mario Freitas

ques Porto e Ari Pavão, com os atores Maria Amorim, Vicente Cunha, Ilídio Amorim, Lélia Verbena, Lourdes Monteiro, Elpídio Câmara e Renato Marques, este último destacado no papel de Terêncio. O curioso é que crianças não acompanhadas por adulto pagavam ingresso. No horário noturno, foi a vez da comédia *As Moças de Hoje*, de Abdon Milanez, divulgada como uma récita dedicada às mulheres pernambucanas, com participação dos cantores Maria Amorim e Vicente Cunha em dois números especiais: uma modinha da opereta de Paulo de Magalhães e Valdemar de Oliveira, *Lindamor*; e *Romance Triste*, produção musical de Amélia Brandão Neri, com a própria no acompanhamento, e letra de Samuel Campelo. Havia distinção nos valores dos ingressos para homens, senhoras ou senhorinhas e crianças.

Encerrando a série de espetáculos do mês de março e com o objetivo de estimular a produção dramatúrgica local, na quinta-feira, dia 30, a partir das 21 horas, no Teatro de Santa Isabel, nova atividade com a opereta de costumes regionais em três atos, *Coração de Violeiro* dos Irmãos Valença, "trabalho contendo uma partitura lindissima e um libreto capaz de fazer rir ao mais sisudo espectador, á parte um fio de ação sentimental que é um dos encantos dessa obra teatral", assegurou o *Diario de Pernambuco* (29 de março de 1933), lembrando ainda o "crescente progresso" do grupo. Nos principais papéis, como sempre, os intérpretes Maria Amorim e Vicente Cunha. A orquestra, aumentada, ficou sob a regência de João Valença, autor da partitura. Meninas e meninos pagavam ingresso (a sessão começou às 21 horas, numa quinta-feira). Devido ao grande êxito da estreia, a peça retornou em vesperal de "despedida" no dia 1 de abril, um sábado à tarde, agora com as crianças acompanhadas entrando gratuitamente.

Foi ainda no mês de março de 1933 que uma nova associação dramática foi fundada no Recife, o Grêmio Familiar Afogadense, sob presidência de Manoel Ataíde, tendo como diretor teatral Francisco Uchôa, e como diretor de cena José de Souza. Quanto ao Grupo Gente Nossa, durante o mês de abril, mais de vinte apresentações de espetáculos foram realizadas, com destaque para *O Mártir do Calvário*, drama sacro de Eduardo Garrido, que cumpriu de duas a três sessões diárias, de quarta a sexta-feira da Semana Santa, 12 a 14 de abril, no Teatro Moderno. Mas o mês também reservou récitas de retorno da comédia em três atos *As Moças de Hoje*, de Abdon Milanez, no Cine-Teatro da Paz, em Afogados, no dia 2; estreia da opereta *A Rosa Vermelha*, de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, no Teatro Moderno, no dia 6, com vesperal no dia 9, agora no Teatro de Santa Isabel; da comédia em três atos *A Mulher do Trem*, original francês de Maurice Henequin, com tradução de Miguel Santos, nos dias 9 e 16, respectivamente à noite e em vesperal, no Teatro de Santa Isabel, e no dia 23, no horário noturno, no Cine-Teatro da Paz.

Também foram realizadas sessões da burleta *Luar do Norte*, letra de Umberto Santiago e música de João Valença, nos dias 19 e 23, esta última em vesperal; *Um Rapaz de Posição*, comédia de Valdemar de Oliveira, no dia 20; *Que Loucura, Leonor...*, comédia em três atos de Filgueira Filho, autor potiguar residente em Pernambuco, nos dias 25 e 30, esta última em vesperal; *Cala a Boca, Etelvina...*, comédia em três atos de Armando Gonzaga, desta vez no Cine-Teatro São João, em Tejipió; e *Tão Fácil, a Felicidade...*, comédia em três atos de Valdemar de Oliveira, na noite de 30 de abril. Ou seja, dez textos diferentes apresentados num único mês, sendo apenas dois deles de autores estrangeiros. Além dos diversos atores aqui já citados, constaram ainda como intérpretes neste mês, Lia Castro, Batista Teixeira, Lourival Fraga, Ari Guimarães, José de Souza e o pequeno Zeto Figueiredo, além de Alderico Costa como ponto, e Gabriel Lobato como contrarregra.

Em maio, Avelar Pereira foi contratado como ensaiador do grupo e onze espetáculos diferentes ganharam a cena, num total de dezenove sessões divididas entre o Cine-Teatro São João e, na sua grande maioria, o Teatro de Santa Isabel, com vesperais ou saraus. Foram eles: *O Ministro do Supremo*, comédia de Armando Gonzaga, em reapresentação; *Cala a Boca, Etelvina!*, também de Armando Gonzaga; *Tão Fácil, a Felicidade...*, de Valdemar de Oliveira, com três récitas no mês; *Greve Geral*, comédia espanhola de Joaquim Dicenta, com tradução de Rego Barros, lançamento que foi o maior recordista de maio, com quatro apresentações no total, incluindo sessão no dia 29 em benefício do Centro Acadêmico de Belas Artes; *A Mulher do Trem*, comédia francesa de Maurice Henequin, traduzida por Miguel Santos; *Que Loucura, Leonor...*, do autor potiguar Filgueira Filho, *O Filho de Davi*, comédia

Avelar Pereira

francesa de A. Riche e H. Bernéde, com tradução de Álvaro Duarte Ribeiro, lançamento com duas récitas em maio; *Bombonzinho*, comédia do maranhense Viriato Correia em três novas reapresentações; *Amôr*, drama inédito em três atos que contou com a participação do próprio autor em cena, o também amador teatral pernambucano Luiz Lapa; *Lampião Vem Aí*, outra estreia no Teatro de Santa Isabel, burleta com letra e música do autor pernambucano Eustórgio Vanderlei; e a volta da opereta de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, *A Rosa Vermelha*.

Após o sucesso da estreia de *Tão Fácil, a Felicidade...*, o seu autor, Valdemar de Oliveira, satisfeito com o resultado, saldou o desempenho homogêneo dos atores do Grupo Gente Nossa e também da equipe técnica, salientando a necessidade do "trabalho em família" para um verdadeiro grupo de teatro. A tabela elogiosa fixada nos bastidores foi reproduzida pelo *Diario de Pernambuco* (6 de maio de 1933):

> Tabela de agradecimento é praxe. Esta, porém, sobreexcede a esse imperativo convencional pela sinceridade que a inspira, tão certa quanto a magnifica impressão que o publico levou da primeira representação de *Tão facil, a felicidade...* O seu exito foi tão completo, e tão instataneo (sic) o triunfo conquistado desde as primeiras cenas, que logo se viu que não era apenas o autor o vitorioso, mas, principalmente, o *Grupo Gente Nossa*. E o *Grupo Gente Nossa* são esses mesmos elementos que tão alto elevaram um modesto trabalho teatral, interpretando-o com um brilho verdadeiramente notavel... Não destaco nomes por isso que o *Grupo* é, e deve ser, familia unida em que cada elemento vale por todos, e vale, principalmente, pela circunstancia de saber integrar-se, concientemente (sic), na comunhão geral, em beneficio comum. Os maiores louvores merecem todos, a começar por Maria Amorim, enferma, conforme constatei, mas, trabalhando como trabalhou, até aqueles que, mesmo fóra de cêna, identico interesse tomaram, colaborando eficientemente na bôa marcha da representação [...] um desempenho que lhes honra o nome de artistas e eleva, ainda mais, o conceito do Grupo Gente Nossa. Agora: o nome que não se pode deixar de referir, é o de Samuel Campêlo, que nada poupou para que *Tão facil, a felicidade...* constituisse o triunfo integral que o marcou de bôa estreia no principio de sua carreira de cartaz. Fê-lo pelo *Grupo Gente Nossa* por quem tudo sacrifica; fê-lo por mim, grande amigo que sabe ser; fê-lo pelo nome, cada vez mais alto, do teatro nacional, que é a nossa grande bandeira de combate.

Tão Fácil, a Felicidade... ganhou comentário crítico no dia seguinte, pelo *Diario de Pernambuco* (7 de maio de 1933), na coluna dominical *Vida Teatral*, assinado sob o pseudônimo L. L., com destaque para algumas banalidades no final:

> Conheciamos os trabalhos anteriores do sr. Valdemar de Oliveira. *Os três maridos dela* e *Um rapaz de posição* são peças que fixam uma diretriz e marcam um proposito claro de se fazer teatro. Mas, teatro limpo, teatro emoção, teatro verdade, teatro vida de todos nós, diferente, pois, do que se nos quer impigir (sic), quasi sempre, com o sabor picante e o máo cheiro dos *cabarets* de terceira ordem. *Tão facil, a felicidade!...* – pensavamos – não póde deixar de ser um fruto da mesma arvore sadia, quiçá mais sazonado. E não nos enganámos, [...] A peça do sr. Valdemar Oliveira, cheia de graça levesa, ironia subtil, sentimento, déve ser catalogada entre os bons trabalhos de nossas letras teatrais. Vale registrar a finura com que foram armadas as cenas, de módo que ao espectador não é dado prever a sequencia. Isto,

Valdemar de Oliveira

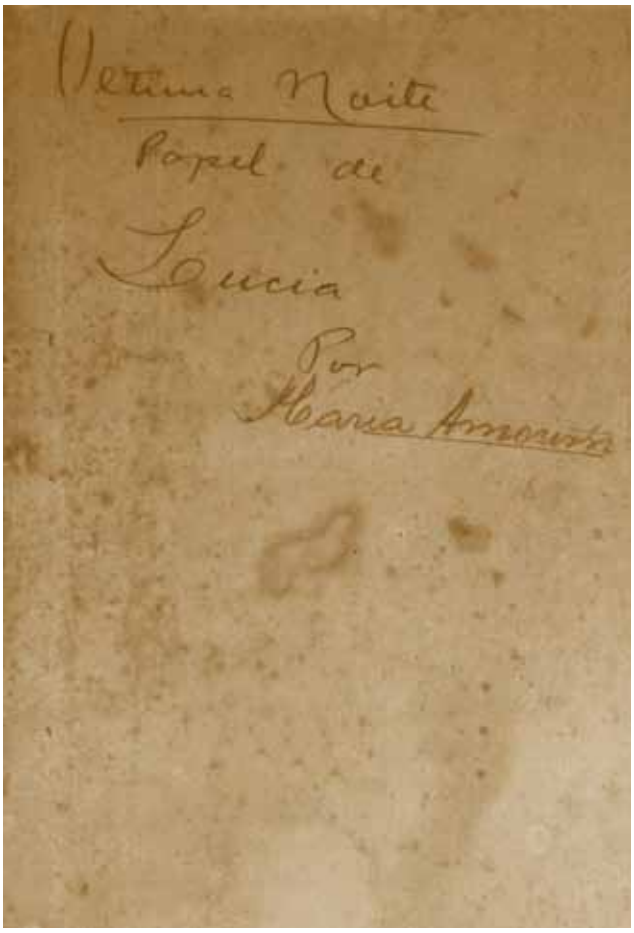
sem imprevistos chocantes, naturalmente [...] Ambiente fino, onde os espiritos sentem-se á vontade para a "big parade" das situações cativantes e de "humour". Justas, as palmas que lhe foram dadas. Parabens... Si a contextura da peça não nos surpreendeu, outro tanto não podemos dizer do desempenho. Foi absoluta, nossa surpresa. E não há demerito, nesta assertiva, para os esforçados componentes do "Grupo". A peça fôra escrita para a Companhia Jaime Costa, cujos artistas, com maior tirocinio e sempre sugeitos (sic) á direção de ensaiadores-experimentados, são mais familiarisados com o genero de teatro explorado em *Tão facil, a felicidade*. [...] E sob este ponto de vista, como se recusar aplausos a Elpidio Camara, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão[,] Lelia Verbena, Elisa de Almeida e Juvenila Cortez? Amalia de Sousa estava "demodée" com aquele vestido horroroso e com aquela ponta de combinação branca aparecendo sob a saia preta. A presença do fogão a gaz deve lhe proporcionar uma alegria menos alvoroçada e mais beatifica... Ainda, não nos queira mal por lhe pedir que não descanse as mãos nos quadris. E' um geito (sic) que lhe não fica bem. Quanto ao nosso amigo Luiz Carneiro pedimos-lhe que não se sente junto daquele autofone, no momento em que ha de deparar com ele. Depois. sim. O sr. Elidio Amorim "viveu" o Tomé, de forma a se reconciliar conôsco[.] A nossa melhor surpresa foi a que nos deu o Renato Marques. Discréto, nóbre fino. Vê, você? Deixe-se dessas historias de matutadas. Não adeantam. A' sra. Maria Amorim, embóra indisfarçavelmente adoentada, couberam todas as honras da noite. Uma bôa atriz, realmente, a querida soprano do Grupo Gente Nossa.

A mesma edição do *Diario de Pernambuco* (7 de maio de 1933) trouxe um outro comentário elogioso a *Tão Fácil, a Felicidade*..., comparando sua dramaturgia à de *Feitiço*, peça de Oduvaldo Vianna, um enorme sucesso do período, e destacando ainda o trabalho de cada ator ao revelar particularidades dos tipos teatrais que subiam ao palco naquele momento:

> Peça fina, dotada de uma levesa (sic) de graça para encantar, cheia de efeitos teatrais e montagem a capricho, a nova peça do mesmo autor de *Um Rapaz de Posição* que honra a literatura teatral pernambucana e se pode hombrear com as mais mimosas peças, no genero, foi justamente considerada pelo numeroso publico que a aplaudiu, enchendo o *Santa Isabel* na primeira representação, como a rival dessa outra peça encantadora que é *Feitiço*, de Oduvaldo Viana (sic), levada por Jaime Costa nas suas recentes temporadas no Recife e das de mais retumbantes exito, em nossa capital, nos ultimos anos. *Tão Facil, a Felicidade*... será novamente representada hoje á noite no *Teatro Santa Isabel*, para novos e vibrantes aplausos do seu feliz autor, para a completa vitoria do *Grupo Gente Nossa* e a demonstração mais palpavel, e

já hoje quasi nem mais posta em duvida pelo restinho dos descrentes, de que o teatro em Pernambuco vem sendo uma afirmativa tanto mais trabalhosa quanto mais brilhante. O desempenho de *Tão Facil, a Felicidade...* tambem de homogenea perfeição continu'a a cargo de Maria Amorim e Elpidio Camara, na "dama" e "galã" brilhantes; Luiz Carneiro, num magnifico "centro comico", Luiz Maranhão e Vicente Cunha em dois galãs – um "nobre" e outro "cinico", Ilidio Amorim, num bem observado tipo de espertalhão vendedor de velharias falsas; Renato Marques, tambem compondo bem um "centro nobre"; Amalia de Sousa, em uma "central", Lelia Verbena, interessante como sempre e Elisa Almeida vestindo luxuosamente em duas melindrosas; Juvenila Cortez e Tancredo Seabra em dois creados atentos, tudo isto dentro de um movimento e perfeito serviço de contra-regra, não faltando mesmo um lindo numero de musica, no 3.° ato, para a voz suave e quente de Maria Amorim. As entradas custarão apenas 3$300, porque o *Grupo Gente Nossa*, no intuito de difundir o gosto pelo teatro, não se cansa de dar bôas peças embora com altas despesas, vendendo os ingressos para os seus espetaculos ao alcance de todas as bolsas.

O mês seguinte, junho, representou um momento ainda mais especial para o Grupo Gente Nossa pelo *record* de vinte e uma apresentações, todas com textos de autores nordestinos. Na realidade, divulgaram como sendo um mês totalmente dedicado aos dramaturgos "pernambucanos", no entanto, constava na lista Filgueira Filho, natural do Rio Grande do Norte, mas há anos radicado em Pernambuco. Com toda a sua produção dramatúrgica escrita no estado, certamente o Grupo Gente Nossa já o considerava um dramaturgo pernambucano. Doze textos diferentes, então, foram apresentados em pleno mês junino: a estreia de *O Bom Ladrão*, de Lucilo Varejão (como primeiro espetáculo social daquele mês, com três sessões ao total, tendo os atores Luiza de Oliveira, Augusta Moreira, Elpídio Câmara, Maria Amorim, Renato Marques, Amália de Souza, Luiz Carneiro, Rui Lobato e Luiz Maranhão no elenco); além de *Variações do Verbo Amar*, *Tão Fácil, a Felicidade...*, *Coração de Violeiro*, *Última Noite*, *O Assustado*, *Luar do Norte*, *Noites de Novena*, *Um Rapaz de Posição*, *Mlle. Pirulito*, *Eu Não Sou Eu* e *A Honra da Tia* (os quatro últimos em duas récitas cada).



Foi no mês seguinte que a Companhia de Comédias Palmeirim Silva cumpriu temporada no Teatro Moderno e, por dois momentos, o seu elenco misturou-se a alguns integrantes do Grupo Gente Nossa. No dia 20 de julho, por exemplo, durante festival das atrizes Cordélia Ferreira e Suzana Negri, da companhia carioca, foi cantado o primeiro ato da opereta *A Rosa Vermelha* pelo tenor Vicente Cunha, a soprano Maria Amorim e a atriz Augusta Moreira, em homenagem ao conjunto pernambucano. Já no dia 22, em vesperal no Teatro de Santa Isabel, outro festival foi promovido, desta vez do ator carioca Carlos Medina, e, além da participação dos artistas Palmeirim Silva, Ceci Medina, Carlos Medina, Suzana Negri e Antonia Marzulo, foram representantes do Grupo Gente Nossa Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Maria Amorim, Luiza de Oliveira e Lourdes Monteiro, todos no elenco de outra versão da peça *O Outro André*, comédia de Correia Varela.

Era comum, a cada mês, o Grupo Gente Nossa não só resgatar peças de seu repertório mais antigo, como promover a repetição de peças recentemente apresentadas e também lançar novos textos à cena, quase

sempre de autores pernambucanos, como estímulo à dramaturgia local, ainda que nem sempre se alcançasse a qualidade almejada. Algumas destas obras, provavelmente sem resposta positiva do público, foram apresentadas somente uma vez. Outras, no entanto, voltaram seguidamente ao palco do Teatro de Santa Isabel, indo, inclusive, aos teatros de subúrbio, ou vice-versa. Das vinte e três apresentações promovidas em julho, que superaram a marca do mês anterior, há casos como a da comédia em três atos *Dinheiro... a Quanto Obrigas!*, de Lygia Sarmento (uma das poucas dramaturgas presentes no repertório do Grupo Gente Nossa), vista uma única vez, no dia 21 de julho, no Teatro de Santa Isabel.

Já o texto *Candidatas à Constituinte*, comédia-farsa em três atos de Valdemar de Oliveira, estreou durante o festival do ator Elpídio Câmara, no dia 4 de julho, no Teatro de Santa Isabel, mas voltou a ser apresentado no dia 16, em vesperal no mesmo teatro e, à noite, no Cine-Teatro da Paz; além de nova sessão no dia 22, no Teatro Arruda. Ou seja, foi a obra que mais voltou à cena no mês de julho, com quatro récitas. Logo em seguida, com três sessões cada, ficaram *Eu Não Sou Eu*, do autor pernambucano Silvino Lopes, inaugurando a série de montagens no Teatro Arruda (remodelado por conta do próprio grupo), além de passar pelo Teatro de Santa Isabel e Cine-Teatro da Paz; e *Mania de Grandeza*, comédia em três atos de Joracy Camargo, com duas apresentações no Teatro de Santa Isabel e uma no Cine-Teatro da Paz.

O mês de julho ainda reservou espaço para apresentações de *O Secretário de Sua Excelência*, comédia em três atos de Armando Gonzaga, com duas sessões; além da remontagem de *Noites de Novena* e *A Cabocla Bonita*, cada qual com duas récitas. Foram reapresentadas também *Um Rapaz de Posição*, *O Bom Ladrão*, *A Honra da Tia* e *A Rosa Vermelha*. Com a chegada do seu segundo aniversário, a 2 de agosto, o Grupo Gente Nossa publicou uma revista com oitenta e quatro páginas em solenização à festa, quando encenou a opereta *Ninho Azul*, de Valdemar de Oliveira, num total de cinco sessões – o segundo número da revista surgiu no aniversário de reabertura do Teatro de Santa Isabel, a 16 de dezembro, quando a equipe estreou a opereta *A Madrinha dos Cadetes*, e iniciou a publicação de peças na coleção *Teatro Pernambucano*, com a fina comédia em três atos *O Bom Ladrão*, de Lucilo Varejão, cuja estreia da montagem havia acontecido no dia 6 de junho de 1933, naquele palco.

Neste momento, além de frisas reservadas a preços mais caros, as cadeiras tinham outro valor, assim como as entradas das crianças, mas a procura pelos espetáculos só fazia crescer. A opereta *Ninho Azul*, por exemplo, foi um dos trabalhos mais disputados pelos espectadores, e não faltaram elogios na imprensa. No entanto, o crítico M. publicou uma longa apreciação da montagem no *Diario de Pernambuco* (4 de agosto de 1933) ressaltando principalmente o seu tempo estendido de duração, algo que Valdemar de

THEATRO SANTA ISABEL

Quarta-feira, 4 de Outubro de 1933

A's 20 horas e 45 minutos

Espectaculo de gala solemnizando o terceiro anniversario da revolução em Pernambuco, dedicado ao exmo. sr. Lima Cavalcanti, interventor federal, com a primorosa opereta de Waldemar de Oliveira

NINHO AZUL

Protagonistas:

Maria Amorim e Vicente Cunha

Linda montagem — Delicado enredo — Encantadora partitura

Orchestra do maestro Nelson Ferreira

— PREÇOS: —

Frisas e camarotes de 1ª.	16$000
Cadeiras numeradas	3$300
Demais localidades	2$200

(43.368)

Oliveira já tinha sido alertado quando musicou sua primeira opereta, *Berenice*, ainda em 1926:

> O grupo *Gente Nossa* – filho único do nosso Samuel Campêlo – festejou ante-ontem o segundo aniversario do seu nascimento com a operêta *Ninho azul*, de Valdemar de Oliveira. A salientar que este medico-bacharel de vocação errada, porque nasceu para musico, apareceu em teatro com uma operêta, a celebrada *Berenice*, de que somente a musica era sua e que falhou devido á lêtra de outrem; que escreveu outra partitura para a operêta *Rosa vermelha* de Samuel Campêlo, e que agora ressurge sosinho (sic) com a letra e a musica do *Ninho azul*, depois de haver tambem escrito comedias. Sua carreira teatral tem sido portanto, gradativa e firme. Não fôra a pouca idade de Valdemar quando surgiu com a *Berenice* e o desejo de vencer no primeiro golpe confiado apenas no seu talento e não se teria zangado comigo – águas passadas – quando critiquei a *Berenice*, porque a justiça se faria mais tarde com a sua perseverança, tanto mais quanto, como já foi dito, a causa do fracasso de sua primeira peça não foi a musica que era bôa, mais a lêtra que não estava na altura da musica. *Ninho azul* tem ainda alguma coisa da *Berenice*. Valdemar é prolixo na pauta [...] Prolonga de mais (sic) a[s] cenas, faz divagações musicais de modo que não se aplica ás suas peças o nome da poerêta (sic). Camilo Saint Saiens dizia que operêta era um genero de musica de que se poderia fazer uma por dia, no intervalo do almoço para o jantar. Basta dizer que *Ninho azul* forçou a assistencia a deixar o teatro a uma hora da madrugada. Primeiro e segundo atos muito longos, com personagens accessórias que poderiam ter sido afastadas da cena sem prejuizo da peça. Enrêdo agradavel, apropriado a qualquer platéa, mesmo de fóra do Brasil. Musica bôa, apenas com elevação ás vezes inadaptada ao genero e parcimónia de numeros leves, desses que ficam martelando o su-consciente (sic) [...] Em suma, a operêta é bôa. Disponha-se Valdemar a reduzi-la, a filtra-la, tendo em consideração o gosto do publico e que em todas as grandes cidades os espetáculos não podem acabar depois da meia-noite e terá produzido, pela lêtra e pela musica, uma peça de que poderá orgulhar-se.

Dois dias depois, o crítico M. voltou a lançar novas impressões sobre *Ninho Azul*, desta vez destacando seus intérpretes, mas não sem antes reclamar do que pareceu ser uma patrulha sobre suas críticas negativas ao Grupo Gente Nossa (ou provavelmente a Valdemar de Oliveira):

> Há os incondicionalistas – os que acham tudo muito bom o[u] tudo muito ruim. Estes não compreendem o verdadeiro espirito da critica que é apontar o que existe de aproveitavel numa peça ruim e o que pode ser escoimado de uma peça bôa, para torna-la mais perfeita. E porque assim procuro fazer, liberto das igrejinhas, raramente escapo a maledicencia destas. Mantenho o que disse sobre a musica, que é deliciosa e tem orquestração aprimorada. Continu'o a achar longa a operêta (o 1° ato consumiu 65 minutos) que poderia ser reduzida aliás sem o sacrificio de nenhum numero de musica, que todos são magnificos. Ha, na peça, tres enrêdos que se entrecruzam. O essencial poderia ser mantido, tal qual está: o do pintor que procura a gloria, que se apaixona pelo seu modêlo e que tem a vida perturbada pela antiga Mecenas dele apaixonada. [...] O desempenho do *Grupo Gente Nossa* foi um esforço que ultrapassou as suas possibilidades. Si é certo que Maria Amorim já possuia credenciais bastantes duma companhia portuguêsa de operêtas, não sendo de admirar o maviozo da sua voz e a simplicidade de sua dramatisação (sic), plausivel foi a graça com que Luiza de Oliveira

Luiza de Oliveira

cantou e deu vivacidade ao seu papel, nos numeros que mereceram bis[;] e aceitavel a parte dramatica e antipatica de Leticia Flora, que se conduziu com louvavel esforço. Isto quanto ao elemento feminino. Quanto ao masculino, magnifica a atuação de Vicente Cunha no canto, embora ás vezes contrafeito nos graves improprios de sua voz, e apreciavel o desembaraço de sua dramatização no papel de maior responsabilidade. Não seria admiravel que Elpidio Camara se conduzisse bem na dramatização, como o fez. Mas Elpidio até cantou... Estes os papeis de maior relêvo, conduzidos todos com segurança e que concorreram para o agrado da melhor operêta de Valdemar de Oliveira.

Com estreia em maio de 1932, a opereta *Aves de Arribação* foi remontada pelo Grupo Gente Nossa na sequência, a 23 de agosto de 1933, por conta de festival em benefício do tenor Vicente Cunha, no Teatro de Santa Isabel, contando ainda no elenco com Maria Amorim, Amália de Souza, Augusta Moreira, Letícia Flora, Elisa Almeida, Loba Nonato, Iêta Araújo, Maria Vitória e Nícia Rodrigues no naipe feminino, e o barítono Rodolfo Wyss, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, Elpídio Câmara, Ilídio Amorim, Ferreira Pinto, Rui Lobato, José Lobo, José de Souza, Fausto Cabral, Alencar Pereira, Jonas de Sousa, Mário Batista, Valdimir Calíope e Gabriel Lobato no naipe masculino. Novas apresentações aconteceram nos dias 21 de novembro e 7 de dezembro de 1933, no mesmo Teatro de Santa Isabel.

Ainda no mês de agosto, puderam ser vistas as peças *O Secretário de Sua Excelência*, de Armando Gonzaga, *O Mistério do Cofre*, tragédia-farsa policial escrita pela tríade Valdemar de Oliveira, Eustórgio Vanderlei e Samuel Campelo, cada um responsável por um ato da montagem, com textos concebidos sem nenhuma combinação prévia (em estreia e nova sessão); *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ari Pavão (também com duas récitas), *Moedas e Corações*, outra estreia que lançou Coelho de Almeida como autor, *Mania de Grandeza*, de Joracy Camargo, e *Que Loucura, Leonor...*, de Filgueira Filho. Esta última produção ganhou destaque no jornal *Diario da Manhã* (27 de agosto de 1933): "Pela primeira vez o *Grupo Gente Nossa* se exhibe aos domingos no suburbio do Arruda, servindo o de hoje para experiencias de spectaculos (sic) futuros".

Trio de dramaturgos: Samuel Campelo, Valdemar de Oliveira e Eustórgio Vanderlei

A montagem pôde ser vista no Teatro Arruda, no domingo, 27 de agosto, a partir das 20h40, dando destaque às atrizes Maria Amorim e Letícia Flora no elenco, seguida de um ato variado em que os integrantes do conjunto puderam exibir números de canto de operetas já encenadas pela equipe. Nesta mesma noite, às 20h45, o Gremio Familiar Madalenense apresentou no seu Teatro Leopoldo Fróes, as peças *Um Dia a Casa Ca'e* e *Transfusão de Sangue*, seguidas de um ato variado com as senhorinhas Suerésia Barros e Juvenila Cortêz, além dos senhores Vicente Cunha, Luiz Lapa, Antônio Barbosa, Irmãos Borges, Mário Domingues e Itamar Valença. Naquele momento, os teatros Moderno, Parque e Polytheama só recebiam exibições cinematográficas, assim como os cines Ideal, Royal, Gloria, São José, Real, Encruzilhada e Casa Amarella.

Durante parte dos meses de agosto e setembro, por quinze dias, o Grupo Gente Nossa teve que suspender alguns espetáculos e desocupar o Teatro de Santa Isabel por conta de uma série de compromissos oficiais daquela casa de espetáculos, que servia também para assuntos políticos. Primeiramente, aconteceu o retorno de viagem do interventor federal Lima Cavalcanti ao Recife, após resolver questões de interesse de Pernambuco na capital da República. No dia 1 de

setembro, ele foi recebido e aclamado pelas classes conservadoras e liberais como um dos chefes civis da "Revolução" no "Norte" do país, com cortejo do cais à praça da República e banquete oferecido no Teatro de Santa Isabel. O local esteve ricamente ornamentado e iluminado, com famílias inteiras à sua porta. Já no dia 4 de setembro, a capital pernambucana recebeu o chefe do Governo Provisório, o senhor Getúlio Vargas, que discursou para uma multidão no Palácio da Interventoria, em frente à praça da República, acompanhado do ministro Juarez Távora. Em seguida, ainda como parte desta grande solenidade cívica, desfrutaram de banquete no Teatro de Santa Isabel, com discursos irradiados pela Rádio Clube de Pernambuco.

O Grupo Gente Nossa, então, aproveitou o momento e além de retornar algumas vezes ao Teatro Arruda, por exemplo com as remontagens de *O Outro André*, *Luar do Norte* e *A Mulher do Trem*, seguiu para o município de Vitória, no dia 7 de setembro, a convite do Gremio Leopoldo Fróes, para apresentar a peça *Eu Não Sou Eu*, de Silvino Lopes, no Cine-Teatro Diogo Braga, levando consigo o autor na viagem, que foi homenageado na ocasião pois já havido morado na cidade. Das estreias daquele período, surgiram peças como *A Mulher de Porcelana*, de Filgueira Filho, *Guerra às Mulheres*, de Affonso Olindense, e *O Falso Juramento*, burleta de Romualdo Pimentel (o autor reclamou na imprensa da amputação de alguns dos trechos musicais de sua obra, criações de Sérgio Sobreira e de Homero Freire), além da volta de trabalhos já conhecidos do público recifense, como *Tão Fácil, a Felicidade...* e *O Mistério do Cofre* (agora sendo levado ao Cine-Teatro da Paz), muitos em "espetáculos extraordinários" e não de "assinatura". No elenco desta última peça, Maria Amorim, Letícia Flora, Amália de Souza, Elisa Almeida, Augusta Moreira, Luiz Carneiro, Luiz Maranhão, Elpídio Câmara, Ilídio Amorim, Ferreira Pinto, Rui Lobato, José Lobo, José de Souza, Severo da Mota e Batista Teixeira.

Enquanto isso, em Camaragibe, o Conjuncto Dramatico 8 de Dezembro preparava-se para exibir, no mês de outubro, no cine-teatro local, um espetáculo de variedades com o drama policial *Martyr do Dever* e a comédia *Amor Culinário*, em meio a monólogos e um dueto, tudo sob a direção de Luiz Sampaio e tendo Júlio Amaral na regência da orquestra. No Recife, a atriz israelita Esther Perelmann pôde mostrar com a sua Companhia Israelita de Operetas, no Teatro de Santa Isabel, a opereta *A Menina da Rua*, com a participação de doze músicos em orquestra regida pelo maestro J. Andrade. Já o Grupo Gente Nossa levou em sequência, respectivamente como terceiro, quarto e quinto espetáculos sociais do mês de setembro, *Senhorita Gata*, original argentino de Roberto Gache e Augustin Remon em estreia (o crítico Manoel Antonio Manoel, provavelmente um pseudônimo, escreveu entusiasmado no *Diario da Manhã* de 27 de setembro de 1933: "é peça com P maiusculo"), *Eu Não Sou Eu*, de Silvino Lopes em repetição, e a "comedia-farça" *O Phantasma de Casa Amarella*, do dramaturgo paulistano radicado no Recife, Raul Filho. Esta última estreia ganhou comentário curioso no *Diario da Manhã* (1 de outubro de 1933), em texto assinado por Manoel Antonio Manoel:

Batista Teixeira

> Seriamos insinceros se não confessassemos que a peça do sr. Raul Filho arrancou das nossas tristonhas profundezas gostosas e vibrantes gargalhadas! A apparição do "phantasma" [...] em scena, sem aviso previo, [...] A sua indumentaria do Além é o que a peça contem incontestavelmente, d emais (sic) comicidade. [...] Não podemos dizer que o typo do phantasma foi bem estudado, mas, não se pode negar que foi muito bem vestido. [...] Não ha passagem na farça de maior effeito do que as entradas e sahidas da alma do outro mundo. Entretanto, o phantasma não é propriamente um phantasma. E' um simples maniaco que tem o fraco de assombrar os

vizinhos, balançando uma lampada, virando um quadro e escondendo as flores que o "dr. Calado" levara para "Bilú", coisas, aliás, muito simples em sua essencia e não sabemos por que capazes de assombrar... O "phantasma" é phantastico. Admirando-o vimos que se fechava o velario com o fim do 1.º acto. Até então, sabiamos apenas que o thema da peça era a apparição do "phantasma" na casa do sr. "Villela", um cidadão que costumo (sic) mudar-se constantemente! [...] Está nesse caso o sr. Raul Filho que não fez enredo curto, porque propositadamente conseguiu esquecer-se do enredo. Disso se conclue que a peça é muito arida para um juizo critico. Della podemos dizer, apenas, [...] que agradou. Estariamos, hoje, enthusiasmados com o escriptor paulista si o mesmo houvesse sido mais sobrio nos dialogos. Não ha na peça um só dialogo que não seja "puxado". Entretanto, pode haver naturalidade nos mesmos, si o sr. Raul Filho está acostumado a lidar com sujeitos excessivamente cacetes. Comtudo, (sic) ha detalhes [...] muito interessantes mesmo, tirando o effeito de scenas fracas e que não têm a mais fraca expressão de comicidade, como por exemplo a scena entre "Mutuca" e "Casusa", em que aquelle expõe o seu invento: um ninho de gallinha. A peça, entretanto, está de bom tamanho, podendo, por isso, queimar o ninho de gallinha que não adeanta nada ao enredo... sim, ao enredo... Foi feliz o autor, pondo na bocca de "Bilu" esta apreciação sobre o "dr. Calado": "elle tem tantos calos que poderia chamar-se dr. Caloso". Comtudo, (sic) os nossos parabens ao sr. Raul Filho que se revelou capaz de fazer uma peça de encantar, em que o movimento, a phrase e a acção substituam a camisola do phantasma.

No mês de outubro, foi o jornalista Valdemar de Oliveira quem não resistiu e, mesmo sendo do Grupo Gente Nossa, escreveu uma longa crítica no *Diario de Pernambuco* (4 de outubro de 1933) – o *Jornal do Commercio* não estava sendo impresso neste momento, empastelado pelo Governo Getúlio Vargas – sobre a estreia de *Senhorita Gata*, comédia argentina com tradução do ensaiador Avelar Pereira. Fez elogios, claro, mas não se furtou a apontar problemas de interpretação em grande parte do elenco. Por tanta coragem, vale sua transcrição quase completa:

> Cada tipo é de dificil construção, não bastando saber caracterizar-se ou atender, ao pé da letra, as rubricas do libreto. Os papeis reclamam estudo demorado, para que não se deforme a sua linha psicologica, antes se integre no quadro geral da ação, de maneira a nos dar o justo equilibrio e a justa homogeneidade á representação. Enredo bem produzido e fabulado, desenvolvendo-se através de transições sutis e sentimentos. Peça um pouco longa, é verdade, mas dessa extensão que agrada por ser toda ela bem escrita. Dialogos construidos para ser (sic) jogados por atores de pulso, o que lhes tira toda a monotonia. Assim é *Senhorita Gata*, peça argentina a que Avelar Pereira deu tradução aceitavel. O seu merito maior foi, porem, o de ensaiador. [...] Eu diria de Amalia de Souza, que ela se conduziu bem. Apenas bem. Os seus trabalhos se parecem muito, uns com os outros. Vista e ouvida uma vez, agrada. Mais de uma vez, sente-se que os seus elementos de atuação resultam reduzidos. E' preciso renovar-se, empregar novas tintas nas suas interpretações, desenhar mais nitidamente os seus personagens, tornar-se mais maleavel ás exigencias das rubricas dos seus tipos. Realmente, em *Senhorita Gata* pouca margem se oferecia para isso. Mas, foi a oportunidade de dizer essas cousas simples a Amália de Sousa (sic) – a d. Moça querida de todos nós – cujo tirocinio de palco bem poderia inspira-la para que nos désse uma

Anita menos incolôr como desenho de personagem. Luiz Carneiro é, sem duvida, um dos melhores elementos do *Grupo*. Não faria vergonha a qualquer grande companhia de comedia. Quando tem bem sabido o seu papel, é sempre muito boa a sua atuação. A questão é saber "as falas"... Em *Senhorita Gata* conduziu-se brilhantemente, os pequenos exageros da sua paixão por Miss Clay. Podiam ter sido evitados, sem que, porisso, sofresse a "linha" do papel. Uma outra atuação para a qual eu pediria mais discreção (sic) do traço caricatural, foi a de Lourdes Monteiro, em "Miss Clay". Bôa caracterização, a aplaudida excêntrica do *Grupo* situou-se bem no contexto geral da representação, dando-nos um tipo bem interessante. Não se esqueça de que a governanta inglêsa é sobria, lenta, severa, dentro da moldura comica das suas atitudes. Elpidio Camara mostrou que o seu talento artistico é uma realidade. De vez em quando, Elpidio nos dá uma interpretação digna de elogios: em *Ninho Azul*, em *O Mimoso Colibri*, em *O Amigo Tobias*, em *Zuzu*... desempenhos que fogem á banalidade dos papeis comicos sem personalidade marcante. Também já disse uma vez o (sic) Elpidio que ele era muito "igual" em todos os papeis, que experimentasse novas caracterizações e utilizasse novos processos de comicidade. Foi o que Elpidio conseguiu nos dois primeiros atos de *Senhorita Gata*. No 3.°, voltou ao Elpidio de sempre, distanciando-se do carater preponderante do seu personagem. Já sei que a rubrica pede modificação. Mas, não deve ser tanta... Só para o fim da peça é que a transformação é completa. E, isto mesmo, nos sentimentos. O fato, porem, é que nos 2 primeiros atos, Elpidio desenvolveu uma "performance" que pode inscrever como das mais interessantes da sua galeria de tipos. Esteve ótimo. Rui Lobato e Augusta Moreira tiveram papeis pequenos. Não oferecem margem a detalhada apreciação. A verdade é que não comprometeram o seu trabalho. A Leticia Flora coube uma parte de relevo. Saiu-se bem. Muito bem mesmo. Ela tem traquejo de palco e "enche" bem as suas falas. [...] Acentuou demasiado, talvez, o vinco do seu personagem, no 1.° ato. Não havia necessidade. As suas "falas" eram suficientes. No 3.° ato, esteve esplendida. [...] E Maria Amorim revelou a ultima faceta da sua excelsa personalidade artistica. [...] deu-nos na deliciosa "Gata" uma admiravel prova de que nenhum papel lhe é defeso no genero drama, comedia ou opereta, não sendo dificil, pelo visto, que seja igualmente grande – ela, que é tão pequenininha – na tragedia, na opera, na revista e – quem sabe? – na pantomima! O seu papel é dificilimo, pelo colorido que reclama, pelas transições de que está repleto – mutações de sentimentos, de atitudes, de gestos – que o tornam parte de grande envergadura para atrizes de primeira plaina. Fez uma menina endiabrada, ainda infantil aqui, já mulher ali, pondo em polvorosa toda a casa e cujo o espirito, egresso do mundo irreal da infancia pouco a pouco se inicia no amro (sic) e vem a amar com toda a ardencia da alvorada de sua puberdade. [...] Fez rir e fez chorar, principalmente naquela sequencia final do 1.° ato, quando as suas lagrimas, acompanhando a partida de sua mamãe, rasgam a fundo a personalidade de "Gata", entremostrando-a sensivel e enternecida. E, pôr toda a peça, foi uma sucessão deliciosa de bruscas transições, magistralmente encenadas por Maria Amorim, cujo trabalho se salienta pela maneira com que foi observado, traçando a psicologia do personagem de tal modo que o publico mal sente como se vai modificando aquele espirito diabolico de "Gata" até o final do 3.° ato, em que, totalmente modificada, a endiabrada menina já é outra, completamente. Reparem na diferença... E observem como a modificação é lenta, através de toda a peça –

Maria Amorim

> transformação que claramente se sente não ser devida ao tempo mas ao milagre de um sentimento nascente que abafa as demasias daquele temperamento, descerrando-lhe o verdadeiro fundo da sua alma: da sua alma de mulher transfigurada pelo amôr.

E eis que uma nota quase impensável para aquele momento surgiu no jornal *Folha da Manhã* (4 de outubro de 1933) como divulgação de um Grupo Infantil fundado na rua Carlos Lyra, no Bairro de Afogados, "que trabalha em theatro particular, na residencia do sr. Zaldo Just". No elenco dos "pequenos amadores", Benícia Portella, Romilda Virães, Divanise Macedo, Odetta Cavalcanti, Margarida Martins, Zaida Just, Eliete Oliveira, Maria Olívia, Zaldo Just, Romualdo Virães, Bento Dantas, Dinilton Cavalcanti, José Edison e João de Oliveira. Infelizmente não há mais registros sobre este grupo nos jornais pesquisados. No entanto, sabe-se que muitas crianças atuavam nos seus "teatrinhos de quintais" naqueles anos de início do século XX, mas nunca (ou quase nunca) divulgados jornalisticamente.

Foi exatamente no dia 4 de outubro de 1933 que Getúlio Vargas passou rapidamente de viagem pelo Recife, cumprindo excursão pelo "Norte" do país. Como o teatro daquela época andava de mãos dadas, literalmente, com o Poder, a imprensa divulgou a seguinte nota: "Passando hoje o terceiro aniversario do advento revolucionario em Pernambuco", conforme o *Diario de Pernambuco* (4 de outubro de 1933), numa reverência ao Governo Getulista, o Grupo Gente Nossa agendou uma sessão de gala em solenização à data, com sessão da opereta *Ninho Azul*, "3 atos de lindo poema e primorosas paginas de musica da autoria do dr. Valdemar de Oliveira", começando às 20h45, no Teatro de Santa Isabel, mas sem a presença do presidente. A mesma obra voltou na noite seguinte, agora em homenagem ao interventor federal em Pernambuco, Lima Cavalcanti:

> [...] chefe civil da revolução neste Estado, ao qual o Grupo Gente Nossa deve a cessão gratuita do Teatro Santa Isabel, inclusive as folhas de luz [os primórdios das gelatinas para refletores] do mesmo teatro, e outros grandes favores que têm contribuido fortemente para a vida e prestigio do conjunto pernambucano nestes seus vinte e seis mêses de existencia.

Em seguida, a mesma edição do *Diario de Pernambuco* (4 de outubro de 1933) teceu elogios a Maria Amorim e Vicente Cunha por terem seus dotes vocais ressaltados em *Ninho Azul*, divulgando ainda o que acharam outros críticos do Recife:

> Destacam-se ainda os numeros alegres de Luiza de Oliveira com Elpidio Camara e côro, os comicos de Amalia de Sousa e Luiz Carneiro sendo, enfim, toda a peça um emporio de graça e de beleza que honra o teatro em Pernambuco. Para demonstração desta afirmativa devem ser transcritas as seguintes valiosas opiniões de nossos criticos: "Não posso esconder o meu entusiasmo pela peça *Ninho Azul*. Não me sai do ouvido a musica que arrebata e enternece e tambem o enrêdo maravilhoso, e pitoresco de certas cenas, tudo isso que faz a consagração de um autor [–] Silvino Lopes (*Diario da Manhã*)". "A musica é deliciosa. A operêta poderia ser reduzida aliás sem o sacrificio de nenhum numero de musica, que todos são magnificos. E' uma peça cuja apresentação fora daqui só poderá honrar a nossa cultura["]. "Mario Melo" (*Diario de Pernambuco*).

Ninho Azul, primeira opereta totalmente escrita e musicada por Valdemar de Oliveira, foi aclamada pelo público nas dez vezes apresentada em 1933, levando verdadeiras "enchentes" ao Teatro de Santa Isabel e elevando o conceito público do Grupo Gente Nossa. Sempre divulgando a comercialização dos seus cartões de assinatura, a equipe anunciou, então, a série de espetáculos programados para o mês de outubro. Neste momento, frisas e camarotes já tinham preço diferenciado das demais cadeiras, numeradas ou não. Os ingressos eram vendidos na Fábrica Lafayette. Vale destacar que no dia 8 de outubro, um domingo, a Tuna Portugueza promoveu mais um de seus saraus artísticos no Teatro de Santa Isabel, com a peça *A Ceia dos Cardeaes*, de Júlio Dantas, na interpretação dos atores Ernesto Leça, João Felippe Leite e Diniz Abreu Paredes; apresentação do corpo executivo musical e orfeônico no segundo ato, sob a regência do Maestro Zuzinha; e, por fim, a comédia *Chá de Beijos*, de Alber-

to Ferreira, uma "enscenação do professor Avelar Pereira", conforme lembrou o jornal *Diario da Manhã* (7 de outubro de 1933), tendo no elenco as senhorinhas Eunice Wanda, Lygia Costa, Nair Pereira e os senhores Alberto Ferreira, Alberto Farias, Antônio Britto e Jorge Eiras.

Das peças novas pelo Grupo Gente Nossa, na segunda-feira, dia 9, foi programada *Panno Verde*, comédia em três jogos e seis lances, presente recentemente no repertório da Companhia de Comédias Palmeirim Silva, na qual o autor do texto fazia parte do elenco, o também ator Carlos Medina (a peça ainda voltou em vesperal no Teatro de Santa Isabel e foi ao Teatro Arruda); *Senhor de Engenho*, burleta de costumes com libreto de Miguel Jasseli e música de Gaspar Moura; e *Feitiço*, a célebre comédia de Oduvaldo Vianna, já apresentada noves vezes no Recife pela companhia liderada por Jaime Costa. Neste trabalho local, o cenógrafo Jair Miranda foi louvado por ter criado um gabinete moderno na cenografia. Entre os espetáculos repetidos em vesperais ou saraus, destaque para *O Outro André*, *A Mulher do Trem*, *Senhorita Gata* e *Ninho Azul*. Pouco depois, o Teatro de Santa Isabel também recebeu a Companhia Israelita de Operetas, tendo à frente a grande atriz Ester Perelmann apresentando, pela primeira vez ao público recifense, o afamado tenor Isack Deutsch na peça *As Três Noivas*, de autor não encontrado na imprensa.

Ainda em outubro, além do Gremio Litero-Theatral D. Pedro II comemorar seu quarto ano de fundação e do Gremio Familiar Madalenense apresentar em seu teatro a peça *Ciúme*, de Luiz Lapa, com participação do próprio autor no elenco junto a Juvenila Cortêz, Eumenes Oliveira, Elza Silva, Motta Valença e Ernesto Fischer, o ator Ilídio Amorim promoveu na quarta, dia 18, pelo Grupo Gente Nossa, um festival com apresentação da inédita opereta *O Sargento Sedutor*, de Silvino Lopes, aguardada desde setembro e, pela primeira vez, trazendo o festejado maestro Nelson Ferreira como compositor do gênero, prometendo "mostrar varias coisas novas em teatro", divulgou o *Diario de Pernambuco* (11 de outubro). O evento foi dedicado à oficialidade do 29º Batalhão de Caçadores e da Brigada Militar, com o ator Luiz Carneiro recebendo muitos elogios no papel do Cabo Pamonha. No dia 22 de outubro foi a décima sétima vez que a "operêta mascote" *A Rosa Vermelha*, da dupla Samuel Campelo-Valdemar

de Oliveira, foi apresentada, desta vez em festival do ator Luiz Maranhão dedicado à loja A Nova Aurora e em homenagem à Rádio Clube de Pernambuco, com distribuição de brindes aos espectadores e audição de uma "rádio Filco" durante os intervalos.

Também em outubro, o Grupo Gente Nossa viajou à cidade de Palmares, a convite da Sociedade de Cultura de Palmares, com a peça de Miguel Jasseli *Senhor de Engenho*. Em novembro, os destaques teatrais foram a opereta portuguesa *O Fado*, libreto de Bento Mantua e música de Felippe Duarte, no Teatro de Santa Isabel, com os elencos da Tuna Portugueza e Grupo Gente Nossa, ambos sob o comando do ensaiador Avelar Pereira; *O Filho Não é Meu*, também pelos integrantes lusos da Tuna Portugueza, e O *Falso Juramento*, de Romualdo Pimentel, agora com o elenco do Gremio Familiar Afogadense, no Cine-Teatro da Paz, além de uma outra montagem da mesma agremiação, *Almas de Outro Mundo*. O Grupo Gente Nossa continuou a receber cada vez mais público e elogios com as repetições de *Senhor de Engenho*, *Feitiço*, *O Sargento Sedutor*, *Aves de Arribação*, além das estreias de *Golias*, de

Lucilo Varejão, *Fantoche*, de Luiz Iglesias, e a opereta de Jean Gilbert, *A Casta Suzana*, em festival da atriz Maria Amorim no dia 15 de novembro.

Além dela como protagonista, participaram os atores Vicente Cunha, Luiza de Oliveira, Luiz Carneiro, Elpídio Câmara, Letícia Flora, Léliz Maranhão, Amália de Souza, Rui Lobato e o menino Alderico Costa. Este último, até então na função de ponto, roubou todas as atenções no papel do ingênuo Humberto. "O facto é que nasceu um actor no *Gente Nossa*", destacou Manoel Antonio Manoel no *Diario da Manhã* (17 de novembro de 1933). Além de novos cenários de Jair Miranda, o maestro Nelson Ferreira foi quem regeu a orquestra. Antes de finalizar novembro, o conjunto ainda levou ao Teatro Municipal de Jaboatão a peça *Eu Não Sou Eu*, de Silvino Lopes; o Teatro de Santa Isabel passou a ser palco para audições públicas concorridas de um concurso de marchas carnavalescas; e o Teatro Moderno recebeu a Companhia Argentina de Espectaculos Typicos, com destaque ao trabalho de estreia, a revista *La Cancion Argentina* – trazendo lindas *girls* e fino humorismo –, além da peça *Bajo El Cielo de La Pampa* e da revista *Buenos Ayres Alegre*. A cantora e atriz Annita Bobasso e o galã cômico Pepito Romeu eram as estrelas da companhia. A temporada de quase quinze dias corridos foi um sucesso.

O mês de dezembro, para o teatro local, começou com a reapresentação de *Candidatas à Constituinte*, farsa de Valdemar de Oliveira, no Teatro Arruda, no dia 2, pelo Grupo Gente Nossa. "Peça de atualidade, repleta de fino humorismo, com situações as mais comicas possiveis, *Candidatas á Constituinte* tem apenas o intuito de fazer rir, criticando sem ofensa, o que consegue facilmente", garantiu o *Diario de Pernambuco* (2 de dezembro de 1933). Já no dia seguinte, no Teatro de Santa Isabel, em vesperal às 15 horas, foi a vez da reapresentação de *Feitiço*, de Oduvaldo Viana, "que é, incontestavelmente um dos maiores sucessos do querido conjunto pernambucano, quer no desempenho, quer na montagem", lembrou o mesmo *Diario de Pernambuco* (2 de dezembro de 1933), marcando a volta do ator Luiz Carneiro à equipe, "já restabelecido de seus incomodos". Em sarau, às 20h45, como espetáculo de assinatura, foi novamente vista a comédia *Senhorita Gata*.

Para o *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1933), em *Feitiço*, "O Grupo Gente Nossa montou a linda peça a capricho, dando-lhe um sugestivo cenario de J. [Jair] Miranda e um desempenho que tem sido uma brilhante recomendação para o conjunto pernambucano". E, lembrando a volta à cena do ator Luiz Carneiro, reforçou que, no papel de Nhonhô, ele "vivia um dos seus melhores trabalhos". *Senhorita Gata* também recebeu outros tantos elogios, como "um dos sucessos do Gente Nossa porque é, efetivamente, um belo trabalho de teatro em enrêdo, tecnica e carpintaria", conforme o *Diario de Pernambuco* (3 de dezembro de 1933). O mesmo jornal considerou as duas "peças de atração", ou seja, propensas a encher o Teatro de Santa Isabel, o que de fato aconteceu. A 5 de dezembro, aquele mesmo palco recebeu o festival do ator Rui Lobato, às 20h45, com a volta da burleta de costumes regionais *Noites de Novena*, letra de Samuel Campelo e música de João Valença, apresentada meses antes com sucesso. No elenco, Luiza de Oliveira, Rui Lobato, Maria Amorim, Vicente Cunha, Letícia Flora, Amália de Souza, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Augusta Moreira, Luiz Maranhão, Ilídio Amorim, Severo da Mota, Ferreira Pinto e "comparsaria", segundo o *Diario de Pernambuco* (5 de dezembro de 1933), que ainda deu detalhes críticos sobre a obra:

> De ação decorrente em um engenho pernambucano, no sul do Estado, *Noites de Novena* apanha tipos flagrantes e cheios de observação dentro de um enrêdo simples como o da gente que vive naquele meio. O poema da peça é todo entrecortado de humorismo sadio provocando gargalhadas sem esforços. A musica é linda, com sambas, côcos, modinhas, novenas, valsas e... até uma sacudida marcha carnavalesca: *Esbagaça, morena*, dos mesmos autores da peça, que fez parte do concurso ha pouco realizado pelo *Diario da Manhã* e que será cantada por Luiza de Oliveira e Rui Lobato, nos papeis de Zefinha viuva e do automobilista "Teopompo". [...] *Noites de Novena* quando levada a cena, ha mêses passados, constituiu um dos sucessos do *Gente Nossa* sendo considerada a peça de costumes de mais observação que já foi apresentada em teatro.

Enquanto isso, na sede da Tuna Portugueza, no dia 9 de dezembro, aconteceu o festival da atriz Lélia Verbena, não mais como integrante do Grupo Gente Nossa, pois já morava fora do Recife. De passagem pela cidade, aproveitou para promover esta festa em homenagem à família pernambucana e contou com a participação de Luiz Moreno e Lúcia Ferreira contracenando com ela na comédia *Casal de Pombos* na primeira parte, seguida de um ato variado com canções em que ela e Luiz Moreno cantaram solos e duetos (fado espanhol, *fox*, tango e sambas). O monólogo *Os Coxos* ainda foi interpretado por Luiz Moreno. Um dia antes, o *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1933) começou a série de matérias sobre a próxima estreia do Grupo Gente Nossa e, numa estratégia diferente, deu destaque não a montagem em si, mas aos intérpretes que a iriam compor. De funcionário público a ator, Elpídio Câmara, então, pôde ser reverenciado no comentário de título "Um ator pernambucano que esta' fazendo nome":

> Nascêra para atôr comico e atôr comico deveria ser. Não que fosse um engraçado... Os artistas comicos não se revelam assim, pelo chiste expontaneo (sic) e pelas facecias mais ou menos escabrosas. Isto é cousa para palhaço. O que Elpidio revelava era uma consciencia nitida de atôr teatral, conscio das suas responsabilidades e desejoso, apenas, de estudar para legitimamente triunfar. Foi quando o *Grupo Gente Nossa* se formou e Elpidio foi convidado para o seu elenco. E é hoje, um dos seus esforçados elementos, considerado, sem duvida, um artista das mais largas possibilidades. Não falta a um ensaio. Estuda beneditinamente os seus papeis. Ouve religiosamente os seus ensaiadores. Não é atôr de "bexigadas" nem de enxertos pulhas. O que faz, faz com consciencia, num grande desejo de elevar a sua arte e vencer. Forte na sua fraqueza fisica, toma parte em todos os espetaculos e não é sem palmas da platéa que deixa, todas as vezes, o palco. Realizando, assim, a sua vocação e bem modesto para não se julgar uma celebridade, Elpidio Camara tem diversas creações, como o Paulo de *Tão facil, a felicidade...*, o Gustavo, de *Ninho Azul* e até mesmo o Dagoberto, de *Feitiço*, no qual, fugindo a assemelhar-se a Jaime Costa ou Palmerim, fez trabalho proprio, de marcante personalidade.

Elpídio Câmara

Por conta dos diversos ensaios necessários para a estreia da mais aguardada montagem de 1933, a opereta-fantasia *A Madrinha dos Cadetes*, mais recente parceria entre Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, respectivamente autor do texto e da partitura musical, o Grupo Gente Nossa diminuiu sua permanência em cartaz, e só pôde reapresentar *Noites de Novena* e *Ninho Azul*, esta completando sua décima e última récita, "peça cujos libreto e musica são de entusiasmar e fazer crêr na vitória do teatro brasileiro", saldou entusiasmado o *Diario de Pernambuco* (10 de dezembro de 1933). Em seguida, no dia 14, como terceiro espetáculo de assinatura do mês, a equipe retomou a opereta de Jean Gilbert *A Casta Suzana*, obra que faz parte do repertório das melhores companhias mundo afora e é considerada de difícil interpretação. Em seguida, anunciando-se como um espetáculo inédito no Recife pela técnica empregada, a luxuosa opereta-fantasia *A Madrinha dos Cadetes* (em gênero ainda não explorado pela produção local) surgiu para a opinião pública contando com cenários de Mário Nunes e Jair Miranda, guarda-roupa confeccionado por Batista Teixeira e Loba Nonato e serviço de adereços e carpintaria dirigido pelo maquinista Carlos Ferreira.

A peça estreou na "Festa do Teatro", no dia 16 de dezembro, celebrando o 57º aniversário da reinauguração do Teatro de Santa Isabel após o terrível incêndio que

Grupo Gente Nossa

16 de Dezembro de 1933

Festa do 57.º aniversario da re-inauguração do
TEATRO SANTA ISABEL

A Madrinha dos Cadetes

(VERSOS)

Opereta—fantasia em 3 episodios, 6 tempos e 1 quadro extra

Letra de Samuel Campêlo
Musica de Valdemar de Oliveira

RECIFE

quase o destruiu por completo. Os ingressos – mesmo com valores bem mais altos do que o comum – esgotaram-se rapidamente. A mega produção chamou mesmo a atenção da imprensa que, além de divulgar matérias específicas sobre alguns outros atores e suas personagens, deu espaço para que Valdemar de Oliveira falasse ao *Diario de Pernambuco* (10 de dezembro de 1933) sobre sua animação para a estreia. Indagado sobre a modernidade da obra, ele confirmou:

> Realmente. Depois do novo rumo impresso a esse genero teatral pelos autores de toda parte, especialmente francêses e americanos, compreendemos que uma operêta no velho genero vienense seria uma expressão de atrazo, (sic) teatral injustificavel. *A Madrinha dos Cadetes* é, assim, uma operêta-fantasia, dentro da qual estivemos inteiramente á vontade para escrever uma peça variada, agil, movimentada...

O jornalista o provocou afirmando saber que, desta vez, ele "não mandou taquigrafar a partitura...", numa referência ao seu não conhecimento preciso na escrita de música, mas Valdemar de Oliveira respondeu à altura:

> E' verdade. Eu mesmo a escrevi. Os meus queridos inimigos faziam disso um cavalo de batalha. Não o podem cavalgar mais. Vamos ver agora em que se apegam... Como disse o Samuel sobre o *Grupo Gente Nossa*, assim digo eu a meu respeito: Estou fazendo uma raiva!... [...] Esforço titanico, que muita gente olha de esguelha, por mal empregado ou não condizente com certas convenções sociais... Mas, os mais infelizes são "eles". Esses jamais poderão experimentar a emoção de crear, de realizar, de fazer qualquer cousa um pouco acima dessa tremenda trivialidade que por ai vai. Essa volupia de produzir alguma cousa, de ve-la realizada como expressão de arte, eles morrem mas não sentirão. Eu, ao final das contas, é que sorrio...

No elenco, Vicente Cunha e Maria Amorim viviam o casal protagonista, o cadete Vilalba e Elenora, a Duquezinha da Sideria, e Elpídio Câmara interpretava o Príncipe Patapio, "o que deveria casar-se com a duquezinha Elenora, mas, acaba fugindo com a sua dama de honôr – Vicencia... Cousa muito comum nas côrtes de todos os tempos e, particularmente nas dos reinos imaginarios...", conforme o *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1933). Ainda entre os trinta e um intérpretes, aproveitando quase todos os elementos do Grupo Gente Nossa, Lourdes Monteiro, Dustan Maciel, Letícia Flora, Luiz Maranhão, Amália de Souza, Mário Batista, Luiza de Oliveira, Loba Nonato, Rui Lobato, Ferreira Pinto, José Lôbo, Paulo Machado, Flávio Pinto, Paulo Lopes, Amaro Machado, Gabriel Lobato, Roberto Arantes, Valdimir Calíope, Augusta Moreira, Nísia Rodrigues, Maria Auxiliadora, Severo da Mota, Ilídio Amorim e Batista Teixeira, além dos estreantes Hudson Mac Dowell, Aucélia de Souza, Ivete Rocha e Lita Costa.

Um dos grandes destaques foi a construção de uma passarela para os bailados e o desfile do corpo de cadetes que abria o segundo ato da obra. A orquestra foi composta por vinte professores, com Nelson Ferreira ao piano, e regência do próprio autor da partitura musical, Valdemar de Oliveira, sendo o libreto vendido para o público acompanhar todas as canções. O ensaiador Avelar Pereira ficou à frente da montagem, que teve seu enredo totalmente esclarecido mais à frente pelo *Diario de Pernambuco* (15 de dezembro de 1933):

Elenco de *A Madrinha dos Cadetes*

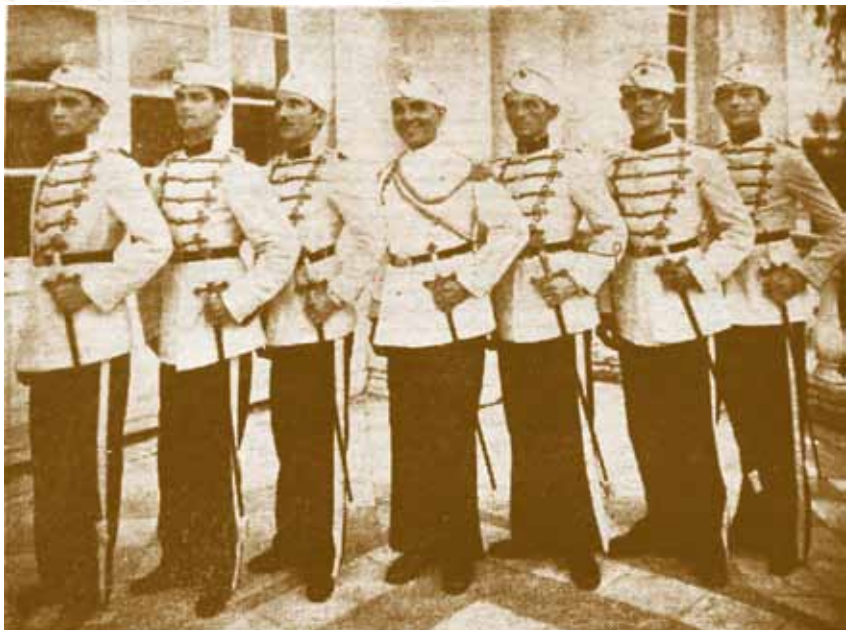
> Na cronica sentimental das velhas casas dinasticas, os escandalos amorosos são muito mais comuns do que se pensa. Jovens principes que se apaixonam por uma cantora de café-concerto ou monarcas aparentemente austeros que se deixam arrastar pelo canto de sereia de alguma aventureira [...] E', por exemplo, o caso da duquezinha Elenora, do reino da Sideria, que, com todo esplendor, nos vai aparecer no 3° ato da *A madrinha dos cadetes*, a esperada operêta de Samuel Campêlo e Valdemar de Oliveira, anunciada para o proximo dia 16, na "Festa do Teatro", no Santa Isabel. Apaixonada por um cadête real – Vilalba – a duquezinha resiste a todas as combinações diplomaticas empreendidas em torno do seu casamento com o principe Patapio, do Empireo... Mas, finalmente, tudo se resolve no melhor dos mundos uma vez que o principe, mandando tambem á gaita o seu casamento convencional, acha de melhor alvitre fugir, de braço dado a uma apetitosa dama de honor... O final da peça consagra a veemente paixão entre Vilalba e Elenora, que preferiu ás razões de Estado as supremas razões do coração...

Nunca uma peça de teatro em solo pernambucano gerou tantos comentários favoráveis. O *Diario de Pernambuco*, por exemplo, reproduziu elogios variados em matérias de sequência. A primeira delas surgiu no dia seguinte à estreia (17 de dezembro de 1933):

> Foi um verdadeiro acontecimento artistico a encenação ontem, na festa de aniversario do *Teatro Santa Isabel*, pelo *Grupo Gente Nossa*, da nova opereta da conhecida parceria pernambucana Samuel Campelo-Valdemar de Oliveira: *A Madrinha dos Cadetes*, fantasia em 3 episodios e 6 tempos, repleta de boa musica, enredo interessante e fino, marcações lindissimas e deslumbrante montagem e guarda roupa. Os autores e artistas foram muito aplaudidos havendo gerais louvores aos trabalhos dos cenografos Mario Nunes e J. Miranda e ás costuras de Batista Teixeira e Loba Nonato. Pela primeira vez foi armada no palco do velho teatro uma passarela de grande efeito para as marcações e apresentando em conjuntos organizados em Pernambuco um corpo de 12 coristas homens vestidso (sic) uniformemente e disciplinados nas evoluções. A comparsaria tambem movmientada (sic) levou ao palco em certos momentos mais de trinta figuras marcadas com acerto e gosto.

Aplaudidos vibrantemente pelo público, os autores e a dupla Vicente Cunha e Maria Amorim destacaram-se ainda mais. *A Madrinha dos Cadetes* chegou a fazer duas sessões em seu segundo dia de existência, em vesperal e sarau, sempre com casa cheia. Tanto que um novo comentário elogioso surgiu dois dias após a estreia, no *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1933):

> O formidavel exito alcançado nas tres primeiras representações da *A madrinha dos cadetes* foi, pode dizer-se, sem precedentes na vida te-



Intérpretes de *A Madrinha dos Cadetes*

atral do Recife. A muita gente pareceu impossivel que o *Grupo Gente Nossa* apresentasse, com tanto luxo de montagem e rigor de indumentaria, o magnifico espetaculo que constituiu uma verdadeira consagração da parceria Samuel Campêlo-Valdemar de Oliveira. A principiar pelos sugestivos cenarios de J. Miranda e Mario Nunes e a findar pelo guarda-roupa riquissimo, a lembrar as magnificas montagens da Companhia Velasco, *A madrinha dos cadetes* é um espetaculo que faria honra a qualquer grande companhia que nos visitasse. De libreto encantadora, encerrando fina critica á vida das monarquias e com uma partitura deliciosa – toda gente saiu do teatro repetindo aquela encantadora melodia – "Amôr, amôr!" –, a peça de Samuel Campêlo e Valdemar de Oliveira volta hoje á cena para novos e ruidosos triunfos.

Mesmo "constrangidamente", após três apresentações de casa cheia, o Grupo Gente Nossa teve que se render a um pedido do público: baixar os valores dos ingressos, independente dos gastos empregados na montagem. Para tanto, publicou uma nota oficial no *Diario de Pernambuco* (19 de dezembro de 1933):

> A diretoria do *Grupo Gente Nossa* reduzindo, hoje, o preço das localidades para *A madrinha dos cadetes*, constrangidamente o faz apenas para atender aos inumeros pedidos que tem recebido por parte do publico habituado aos seus preços comuns. Bem facil é compreender que um espetaculo como esse que tão brilhantemente solenizou a *Festa do Teatro*, comporta vultosas despesas que só podem ser enfrentadas por uma renda de bilheteria razoavel. Por essa razão, tambem, *A madrinha dos cadetes* não será dada em espetaculo de assinatura tendo sido anunciados (sic) previamente as peças de dezembro para os assinantes – e será retirada do cartaz até o fim do mês, uma vez que já se acha o teatro requerido pela Companhia Lison Gaster para janeiro. Espera a diretoria que o publico compreenda as verdadeiras razões que ditaram a redução dos preços anunciadas (sic) para hoje, fazendo a justiça de reconhecer que poucas peças já foram dadas, no Recife quer pêlo *Grupo*, quer por qualquer conjunto visitante, com o luxo e a pompa da *A madrinha dos cadetes*.

No entanto, essa situação a contragosto não arranhou a trajetória da luxuosa montagem. Tanto que, do dia 21 ao 23 daquele mês, novas consagrações foram publicadas no *Diario de Pernambuco*. Eis o que saiu na edição de 21 de dezembro de 1933, na coluna *Scenas & Telas*:

> Cenarios lindissimos de Mario Nunes e J. Miranda, guarda-roupa rico, confeccionado por Batista Teixeira e Loba Nonato, musica encantadora de Veldemar (sic) de Oliveira, poema bem cuidado de Samuel Campêlo, marcações originais e das mais interessantes – lembrando a Velasco e a Bataclan – a nova operêta da

consagrada parceria pernambucana tem sido juntamente aplaudida, chegando, diariamente, á direção do *Grupo*, valiosas opiniões de apoio.

Na edição seguinte, de 22 de dezembro de 1933, em referência à quinta representação de *A Madrinha dos Cadetes* a preços populares, foi a vez do *Diario de Pernambuco* reafirmar:

> A nova peça da conhecida parceria – vitoriosa em todo pais com *Aves de Arribação* e *A rosa vermelha* – tem agradado imensamente dando casas cheias, o que provavelmente acontecerá novamente amanhã, não só pela musica como pela deslumbrante montagem digna de qualquer companhia de primeira ordem. Em opereta, a não ser a *Berenice*, ainda não se fez coisa semelhante no Recife, podendo-se mesmo dizer que das companhias que nos tem visitado, a não ser a Velasco e a Bataclan ou algumas de revistas, ainda nenhuma apresentou montagem tão luxuosa. *A Madrinha dos Cadetes* decorre em dois paises imaginarios, sem epoca determinada, mas apesar disso tem um sabor brasileiro, uma valsa puramente nossa e fraseado tambem nosso o que não pode ser censurado visto como, já disse, a peça não tem ambiente nem ação proprias. Tudo ali é fantasia e motivos para musica e montagem. Dentro dessa conceção, é que *A Madrinha dos Cadetes* deve ser vista e apreciada. Os preços são os mais acessiveis a todas as bolsas oferecendo o *Grupo Gente Nossa* um grande espetaculo luxuoso por preço como nunca foi feito entre nós [...].

Por fim, no *Diario de Pernambuco* de 23 de dezembro de 1933, duas novas matérias enalteceram o trabalho:

> Ainda uma vez, para gloria nossa, todo o Recife poude testemunhar o quanto tem progredido o teatro entre nós, graças ao desprendimento[,] dedicação e esforço dos dirigentes do vitorioso *Grupo Gente Nossa*. Encenando para comemoração do aniversario do Teatro Sta. Isabel, a operêta-fantasia *A madrinha dos Cadetes*, de Samuel Campêlo e Valdemar de Oliveira, o *Grupo Gente Nossa*, acaba de conquistar mais uma brilhante vitoria e os conhecidos autores elevaram ainda mais o grande conceito que desfrutam entre nós, conceito esse

Lourdes Monteiro e Luiz Carneiro em
A Madrinha dos Cadetes

> que tambem ecôa além das nossas fronteiras. *A madrinha dos Cadetes*, operêta-fantasia em 3 episodios e 6 tempos, conforme denominaram seus autores, além de ser uma novidade no genero, constitue sobretudo, um espetaculo agradabilissimo, onde se encontra uma partitura magnifica e um libreto excelente. Todo o desempenho, bem como as marcações belissimas e de um efeito sensacional, fazem surgir nos seus minimos detalhes o dedo de mestre do provecto ensaiador Avelar Pereira. Por sua vez, todos os elementos do Grupo se esforçaram bastante, apresentando-se corretos e homogeneos. O guarda-roupa é luxuoso e a montagem vistosissima, tal como nos têm apresentado companhias de grande[s] recursos financeiros.

A segunda matéria deu pistas sobre aqueles invejosos que torceram o nariz pelo vulto da montagem, com alguns tentando, inclusive, lançar senões para denegrir a iniciativa:

> A grande operêta-fantasia que Samuel Campêlo e Valdemar de Oliveira prepararam para a festa do Teatro Santa Isabel, a 16 do corrente, continua no cartaz sob os mais calorosos aplausos do publico e elogios daqueles que entendem verdadeiramente de teatro e não

> vêem com maus olhos as iniciativas pernambucanas. De fato, ninguem poderia supôr – e por isto o despeito de muitos – que no Recife, com elementos daqui mesmo, se podesse (sic) encênar, representar e cantar uma operêta como *A Madrinha dos Cadetes* na qual não sabe se mais louvar o enrêdo, a fantasia que em tudo predominou, a partitura lindissima cheia de numeros leves, os coros afinados ou a montagem das mais luxuosas que a nossa cidade tem apreciado. E quando se avaliá que o *Grupo Gente Nossa* oferece um espetaculo de tamanho vulto – (para o qual empregou contos de reis) – por um preço baratissimo que, em dezenas de representações da peça, não atingirá as despesas empregadas, é de desculpar pequeninas faltas, senões quasi imperceptiveis que só os maldizentes descobrem para deprimir o trabalho alheio quando se julgam incapazes de esforços semelhantes.

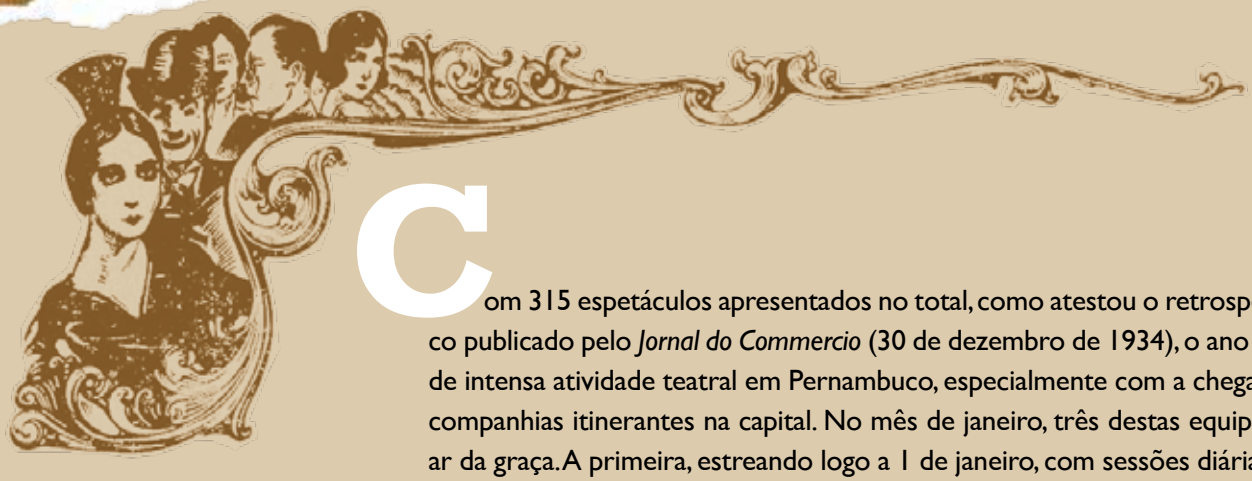
Em meio a este sucesso, lidando tanto com a inveja quanto com a admiração de muitos, o Grupo Gente Nossa ainda arranjou tempo para levar, de carro, o seu elenco novamente a Limoeiro, com a peça *Noites de Novena*, no dia 21 de dezembro de 1933, cidade que o recebia com muita simpatia. Pouco depois, aconteceu o festival da atriz Ester Perelmann, da Companhia Israelita de Operetas, no Teatro de Santa Isabel, contando na apresentação com a participação de Vicente Cunha e Maria Amorim em números de canto, numa gentileza do Grupo Gente Nossa sempre receptivo em colaborar com os artistas e companhias visitantes, além de ter cedido os cenários de *A Madrinha dos Cadetes* para a peça programada, a opereta *O Lithuano Americano*. Ainda no dia 29, Ester Perelmann, que já estava há três meses no Recife, apresentou a peça *O Cantor de Seu Infortúnio*, do escritor russo Ossijo Dymov, em homenagem ao Centro Dramático Israelita, e tendo no elenco a participação de Bianca Morgenstern, "ex-alumna da *Escola Dramatica Estadual* de Lvov e que é um temperamento dramático de notaveis possibilidades, aliás já reconhecidos pela colonia israelita nesta cidade", lembrou o *Diario da Manhã* (29 de dezembro de 1933).

Mesmo fazendo "teatro nesta terra apesar da má vontade e despeito de muita gente", conforme lembrou mais uma vez o *Diario de Pernambuco* (22 de dezembro de 1933), uma nova estreia da equipe liderada por Samuel Campelo foi anunciada com a comédia *Azougue*, peça italiana de Bertonasco e Martignore, em espetáculo de assinatura, com tradução de Avelar Pereira. Por fim, devido à ocupação do Teatro de Santa Isabel pela Companhia Brasileira de Sainetes e Revistas Lyson Gaster logo no início de 1934, o Grupo Gente Nossa anunciou que viajaria para a cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, não sem também tratar, mais uma vez, dos problemas que rondavam a existência de um conjunto local. O desabafo foi publicado no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1933):

> O Grupo Gente Nossa durante a sua vitoriosa trajetoria tem sofrido os maiores apôdos e encontrado inenarraveis impecilho[s] pelo que o seu triunfo se apresenta cada vez mais brilhante. Não lhe tem faltado a guerra surda do despeito da inveja e da maledicencia mas o Grupo Gente Nossa encouraçado contra todas as intemperies marcha sereno em busca de seu ideal. Trabalha verdadeiramente pelo teatro: escolhendo repertorio limpo de comedias ou operetas, arrecadando para o seio vocações dispersas e dignas de estimulo e, sobretudo, tecendo uma cadeia de cordealidade (sic) artistica em volta das companhias que nos visitam, quer nacionais ou extrangeiras (sic), prestando-lhes todos os auxilios possiveis e a alegria de uma camaradagem muito sensivel.

Como atividades de encerramento no Teatro de Santa Isabel, após nova sessão de *A Madrinha dos Cadetes* em benefício das crianças ligadas ao Hospital de Alienados e Serviço Aberto de Assistencia a Psychopathas (aqui com preços justificadamente mais altos), reapresentou a mesma opereta-fantasia no dia 31 de dezembro, em vesperal como décima sessão (como sempre, uma de suas peças de sucesso sai muito cedo de cartaz pela ausência de pauta livre no Teatro de Santa Isabel), seguida da comédia *Tem de Casar? Casa...* em sarau, trabalho inédito de Valdemar de Oliveira, este como terceiro espetáculo de assinatura do mês e feito "exclusivamente para rir", como registrou o jornal *Diario da Manhã* (30 de dezembro de 1933). No elenco, Luiz Carneiro, Rui Lobato, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Gabriel Lobato, Ilídio Amorim, Batista Teixeira, Maria Amorim, Letícia Flora e Lourdes Monteiro. E finalizou, assim, o ano de 1933, vilipendiado por ocultos inimigos, mas consagrado definitivamente para a grande maioria do público, como bem lembrou por tantas vezes a imprensa.

1934



Com 315 espetáculos apresentados no total, como atestou o retrospecto artístico publicado pelo *Jornal do Commercio* (30 de dezembro de 1934), o ano de 1934 foi de intensa atividade teatral em Pernambuco, especialmente com a chegada de nove companhias itinerantes na capital. No mês de janeiro, três destas equipes deram o ar da graça. A primeira, estreando logo a 1 de janeiro, com sessões diárias às 20h30, foi a Companhia Brasileira de Sainetes e Revistas Lyson Gaster, estrela paulistana, com quinze récitas no Teatro de Santa Isabel a preços populares. A equipe já tinha ganho a simpatia da plateia recifense. Entre os trabalhos apresentados, os sainetes *Tudo Pode o Amor* e *Quer Um Conselho?... Chispe!!...*, as revistas *Bôas Entradas*, *Rosas Vermelhas*, *Risos e Guizos* e *Ouro Sobre Azul*, algumas com números de canto e danças bisados a pedido do público, e as peças *A Mulher Que Deus Esqueceu* e *Rancho Fundo* (seu maior sucesso). Aos domingos, também foram realizadas *matinées* às 15 horas. "Como gênero popular, para espetáculos leves, a Companhia irá longe", apostou o crítico M. no *Diario de Pernambuco* (3 de janeiro de 1934).

Em seguida, para uma temporada de seis dias no Theatro Moderno, foi a vez de aportar a Companhia de Grandes Atrações Vilar-Azevedo. Procedente do Teatro Cassino de Buenos Aires, a equipe era liderada por Júlio Vilar, ilusionista já conhecido no Recife, acompanhado dos acrobatas e malabaristas Irmãos Azevedo (sete deles), dos gladiadores de fama mundial, os Almeidas, e dos cães amestrados Fly and Jambo a fazer operações aritméticas, além de uma orquestra, entre outras atrações do seu repertório de variedades. Fizeram, inclusive, uma *matinée* infantil. Pouco depois, também naquela mesma casa de espetáculos, a Companhia Alda Garrido, "a mais brasileira de todas", conforme o *Diario de Pernambuco* (25 de janeiro de 1934), retornou ao Recife para ficar até fevereiro com uma série de comédias de costume "de fino humorismo". No enorme repertório, um total de trinta e nove apresentações com as peças *Totoca Revoltou-se*, *Vote em Mim D.*

Santos; *O Dote de Nha Josepha*, de J. Palm; *A Família Barafunda*, de Luiz Rocha; *Criada do Diabo*, de Marques Fernandes; *Esta Casa é Um Paraíso*, de Luiz Iglesias; *A Patrôa*, de Armando Gonzaga; *A Casinha Pequenina*, da própria Alda Garrido; e a revista carnavalesca *É de Amargá!*, de autor pernambucano não divulgado, mas claramente inspirada pela marcha de carnaval homônima de Lourenço Barbosa (Capiba). Além das sessões noturnas, também foram promovidas *matinées* todas as quintas, sábados e domingos, às 15 horas. O jovem estreante Paulo Gracindo figurava no elenco.

Em março, foi a vez da Troupe Marquise Branca, de sainetes (peças musicadas e curtas, engraçadas e com tintas sentimentais, que retratavam tipos populares em ações condensadas e diretas, sem grandes preocupações com a estrutura dramática), que chegou ao Recife para cumprir temporada no Teatro Moderno com nove récitas, seguida da Companhia Israelita de Operetas, formada por artistas judeus imigrantes, com destaque para a soprano Esther Perelman, o tenor Isaac Deutch e A. Socolow. A equipe, que fez rápida aparição no dia 20 de janeiro, no Teatro de Santa Isabel, com a peça *A Caminho de Buenos Aires*, do dramaturgo israelita Isidoro Lech, adentrou no mês de abril e, depois, voltou a cumprir sessões no mesmo Teatro de Santa Isabel, onde havia estado em 1933, re-

Xandoca, *Solteira é Que Não Fico!*, *Quem Beijou Minha Mulher* e *O Felisberto do Café*, todas do dramaturgo Gastão Tojeiro; *Dois é Bom... Três é Demais*, *Annita Quitandeira*, *Luar de Paquetá*, *A Malandrinha*, *Quem Paga é o Coronel* e *A Pequena da Marmita*, estas de Freire Júnior; *Uma Mulher Complicada* e *Hotel dos Amores*, de Miguel

tornando àquele palco ainda por outros meses do ano, num total de sete apresentações. A 23 de março de 1934, por exemplo, apresentou *O Rei Lear*, quatro atos emocionantes de autoria do consagrado teatrólogo israelita Jacob Gordin, tendo Isaac Deutch na sua "mais empolgante creação artistica", conforme anúncio pu-

blicado na imprensa da época e registrado no trabalho de Tânia Kaufman, *O Teatro Iídiche: Âncora e Plataforma da Identidade Judaica – Décadas: 1930 e 1940*; além da atriz cantora Esther Perelman no "complexo papel" de Cordelia. Elias Bouincansky era o ponto.

Em junho de 1934, a Companhia de Comédias Modernas, dirigida pelo ator Antonio Palma, representou quarenta vezes no palco do Teatro de Santa Isabel com os textos *Onde Estás, Felicidade?*, *Cuidado Com o Amor*, *Língua das Mulheres*, *Quando o Amor Vem*, *A Baronesa dos Cachalotes*, *Pivete*, *A Patrôa*, *O Coração Não Envelhece*, *O Divino Perfume*, *Didi*, *Feitiço*, *O Café do Felisberto*, *Genro de Muitas Sogras*, *As Solteironas dos Chapéus Verdes* e *O Camarote 25*. Apesar do apelo ao riso fácil, a temporada foi fracassada. Em julho, substituiu-a a Companhia Lyrica Italiana, com óperas como *Rigoleto*, *Bohemia*, *La Traviata*, *Barbeiro de Sevilha*, *O Guarany*, *Cavallaria Rusticana*, *Palhaços*, *Fosca* e *Lucia de Lammermoor*. Em fins de julho, estreou a Companhia de Operetas Vienenses dos Irmãos Celestinos, representando, num total de trinta e oito sessões, *Frasquita*, *Viuva Alegre*, e, entrando pelo mês de agosto, *A Casa das Três Meninas*, *Mazurka Azul*, *Conde de Luxemburgo*, *Princesa das Czardas*, *Eva*, *Bayadera*, *Adeus, Mocidade!*, *A Casta Suzanna*, *Princesa dos Dollares*, *Divorciada* e a opereta de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, *Aves de Arribação*. "Foi a melhor edição que já assistimos da mimosa opereta. Os autores foram chamados á cena mais uma vez para aplausos especiais da platéa. A companhia encerrou assim o seu ciclo em Pernambuco com chave de ouro e vai deixar saudades", elogiou o crítico M. no *Diario de Pernambuco* (29 de agosto de 1934).

Em setembro, voltou a Companhia Lyrica Italiana ao Recife, com novas óperas no repertório: *Tosca*, *Madama Butterfly*, *O Elixir do Amor* e *Fra Diavolo*. No total, com a primeira e segunda temporada, chegou a dezessete apresentações no ano. Em outubro, visitou a capital pernambucana a Companhia de Comédias Teixeira Pinto, que representou vinte peças diferentes em vinte e nove sessões no Teatro de Santa Isabel, sendo oito inéditas para o público recifense, mas com grande parte delas com "o theatro ás moscas", deixando Pernambuco como "uma triste excepção nos Estados do Norte", desabafou Valdemar de Oliveira na coluna *A proposito...*, no *Jornal do Commercio* (4 de novembro de 1934). Foram elas: *O Bôbo do Rei*, *Fôgo de Artificio*, *O Homem das 5 Horas*, *Um Feitiço de Mulher*, *Amor*, *Divorciados*, *Um Beijo na Face*, *Carta Anonyma*, *Um Caso de Polícia*, *Mania de Grandeza*, *O Symphathico Jeremias*, *Rosario*, *Quando o Amor Vem...*, *Compra-se Um Marido*, *Que Noite, Meu Deus!*, *Deus Lhe Pague...*, *Gozemos a Vida!* e *Quem Manda Aqui Sou Eu*. No repertório, dramaturgos já consagrados como Joracy Camargo, Eurico Silva e Paulo Magalhães, entre outros.

Destaque ainda para duas obras de autores pernambucanos, a comédia *Tão Fácil, a Felicidade...*, de Valde-

Companhia de Comédias Teixeira Pinto

mar de Oliveira; e *Agite-se*, de Samuel Campelo, esta última em festa artística de Teixeira Pinto, diretor da companhia, no encerramento da temporada. "O desempenho esteve regular", segundo W. (Valdemar de Oliveira), em crítica assinada no *Jornal do Commercio* (2 de novembro de 1934). A noite derradeira contou ainda com a exibição de um ato variado na sequência, em que tomaram parte os principais elementos da equipe. Como se sabe, era de bom tom às companhias visitantes, durante longa temporada numa outra cidade, apresentar trabalhos de dramaturgos locais. Vale registrar que a comédia *Tão Fácil, a Felicidade...*, com letra e música de Valdemar de Oliveira, teve sua canção título transformada em disco pela Victor, em novembro daquele ano, interpretada pela cantora carioca Alda Verona, pseudônimo da soprano Celeste Brandão, que o Recife já aplaudiu na opereta *Berenice*, de Nelson Paixão, Valdemar de Oliveira e João Jacques, em 1925. Ainda em fevereiro de 1934, o Recife pôde conhecer, no Jardim 13 de Maio, o Grande Circo Jardim Zoologico, da Companhia Stevanovich, com uma coleção de animais raros e domesticados (elefante, zebra, canguru, jacarés, tigres, leopardos, onças e macacos), além de uma troupe de artistas, com destaque às suas bailarinas e seus palhaços.

Grand'e Circo Jardim Zoologico

IRMÃOS STEVANOVICH

AMANHÃ — COLOSSAL ESTRE'A A'S 20 1|2 HORAS

Reservem entradas cêdo, para poder assistir este importante circo.

60 FERAS AMESTRADAS — 50 ARTISTAS

Exposição das féras todos os dias

DOMINGO — Matinée chic, ás 15 horas — Instructiva ao mundo infantil

INSTALLADO NO JARDIM 13 DE MAIO

(52.473)

Maria Amorim

Quanto ao movimento do teatro local, os palcos estiveram animadíssimos. O Grupo Gente Nossa, apesar de privado de ocupar o Teatro de Santa Isabel, este servido às várias companhias visitantes desde o início do ano, mas especialmente no período de junho a outubro, realizou oitenta e oito apresentações no ano de 1934, tendo, inclusive, feito visita à cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, no começo do mês de janeiro. Patrocinado pelo Centro Pernambucano do Rio Grande do Norte e ocupando o Theatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão), o grupo apresentou, entre operetas e burletas, *Ninho Azul*, *A Rosa Vermelha*, *Aves de Arribação*, *A Madrinha dos Cadetes*, *Luar do Norte*, *Noites de Novena*, *A Casta Suzana*, fazendo bela temporada em terra potiguar. Participaram desta turnê as atrizes Maria Amorim, Luiza Oliveira, Letícia Flora, Amália de Sousa, Lourdes Monteiro, Aucélia de Souza e Augusta Moreira, e os

Aucélia de Souza

atores Vicente Cunha, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro, Rui Lobato, Ilídio Amorim, Hudson Mac-Dowell e Dustan de Maciel, tendo como ponto Alderico Costa, contrarregra Gabriel Lobato, maquinista Carlos Ferreira, ensaiador Avelar Pereira, pianista Gaspar Moura, e o auxiliar de secretaria Alfredo de Oliveira. Os dois diretores Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira acompanharam o grupo.

A outra temporada de sucesso com peças musicadas aconteceu na primeira visita a Garanhuns, no Cine-Teatro Glória, em março, quando Luiza de Oliveira começou a ser a protagonista de *Aves de Arribação* em substituição a soprano Maria Amorim, que saiu da equipe, junto com o marido Ilídio Amorim e o ensaiador Avelar Pereira, logo após a temporada de Natal, em fevereiro, seguindo os três para o Rio de Janeiro. No Recife, o grupo só voltou a fazer apresentações a partir de 21 de janeiro de 1934, após a ótima temporada em Natal, reentrando com duas montagens na mesma data com as peças *Feitiço*, em vesperal, e *Ninho Azul*, em sarau. No mês de março manifestou-se uma forte crise no elenco e o Grupo Gente Nossa foi dissolvido conforme resolução tomada pelos seus diretores Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira. O *Nosso Boletim*, editado em agosto de 1936 (p. 10.), contou como tudo se deu:

> A noticia dessa atitude caiu como uma bomba entre os antigos socios mantenedores e outros habituais dos espetaculos, havendo reuniões de artistas e de socios sendo, emfim (sic), resolvida a entrega de um memorial aos dois diretores, com perto de cem assinaturas, e redigido pelo jornalista e teatrologo Silvino Lopes que já contava peças encenadas, com exito, pelo *Grupo*, solicitando-se a convocação de uma assembléa (sic) para tratar-se da reorganização sob outras bases. A reunião, presidida por Samuel Campelo, foi concorridissima sendo lido o memorial no qual se estabelecia, como preliminar, a continuação com todos os poderes dos dois diretores tendo, porem, estes declarado que só entrariam em entendimento para a reorganização, si fosse criada uma diretoria com outros cargos ocupados por pessôas capazes de trabalhar de verdade em beneficio do *Grupo*. Aceitas as preliminares, as deliberações para a volta do funcionamento do conjunto foram tomadas em duas sessões seguidas sendo eleita a seguinte diretoria: Samuel Campelo, diretor geral, Valdemar de Oliveira, diretor artistico, Silvino Lopes, diretor secretario, Vicente Rego, diretor tesoureiro, com os respectivos substitutos: Raul Valença, Renato Brandão e Severino Osias. Essa diretoria ficou considerada eleita por dois anos, conforme os estatutos então discutidos e aprovados.

Samuel Campelo

O Grupo Gente Nossa só retomou o seu trabalho em abril, tendo como primeiro espetáculo social do mês a famosa comédia de Joracy Camargo, *Deus Lhe Pague*, no Teatro de Santa Isabel, divulgada como sendo "pela primeira vez no norte do Brasil", conforme o *Nosso Boletim* (agosto de 1936, p. 10.). No elenco, Elpídio Câmara, Vicente Cunha, Luiz Carneiro, Letícia Flora, Lourdes Monteiro e Ferreira da Graça, além de Batista Teixeira, Amália de Souza, Osvaldo Barreto e Malena Silva, estes quatro últimos como figurantes. A estreia se deu no dia 16, mas a peça só recebeu ótima

Amália de Souza

apreciação do crítico M., no *Diario de Pernambuco* (20 de abril de 1934), em sua segunda representação:

> Não nos tendo sido possivel ir á primeira, assistimos á segunda representação de *Deus lhe pague*, realmente a grande peça de Jorací Camargo, levada pelo Grupo *Gente Nossa*. Peça sem teatralidade, porque toda adstrita a um dialogo de dois pobres á porta duma igreja, seria mêsmo preciso muito talento do autôr para conseguir prendêr a atenção dos espectadôres. E que profunda filosofia ha nêsse dialogo, que terrivel combate á situação atual, para preparo duma nova era dentro da igualdade humana! *Deus lhe pague* não póde deixar de ser uma peça de propaganda dos ideais do seu autôr. Que formidavel crítica á caridade que, longe de ser um sentimento elevado dos que distribuem uma migalha dos seus pertences é um ato de temôr do invisivel, com a esperança dum acréscimo. Sem quasi teatralidade, como dissemos, toda a peça gira em tôrno de duas personagens: Elpídio Camara, no tríplice papel de operário que mais tarde se tornou milionário e desfruta a vida com a dupla personalidade de homem rico e de mendigo; e Luiz Carneiro, o verdadeiro mendigo, mas mendigo ignorante que nem ao menos sabe pedir e por isso faz reduzidas colétas diárias. Ambos, a despeito de amadôres, portaram-se como verdadeiros artistas. Nos pequenos quadros que a peça apresenta, – como na técnica cinematográfica em que em vez de ser um episódio relatado é, durante uma exposição, pôsto ao vivo – tivemos ainda o trabalho de Letícia Flora e Vicente Cunha, aquela amante platônica do milionário mendigo e por êste educada á sua filosofia, em luta com o amôr-próprio e os impulsos da carne, e êste, isto é, Vicente Cunha como o apaixonado sem dinheiro. Foi o melhor trabalho a que já assistimos de Letícia, tendo igualmente se conduzido bem o seu companheiro. Luiza de Oliveira fez apenas uma "ponta", de que tirou as vantagens possiveis. O mais foi comparsaria sem relêvo na péça. Pode-se, assim, dizêr que o desempenho revelou mais uma vitória para êsse grupo que Samuel Campêlo, com tanto esfôrço mantém, em prol do levantamento do teatro nacional. E quem não assistiu ainda a essa péça, que é verdadeiro primôr literário, que não perca a oportunidade.

No entanto, foi a partir de maio que a sequência de montagens ganhou fôlego, com um total de dezesseis récitas naquele mês. Um dos destaques foi o remonte da opereta *Ninho Azul*, letra e música de Valdemar de Oliveira, agora com a protagonista entregue à festejada cantora Lucina Soeiro, do Amazonas. A volta da festejada montagem aconteceu no dia 5 de maio, no Teatro de Santa Isabel, em homenagem ao doutor Romeu Gibson, grande amigo do Grupo Gente Nossa, com novas sessões nos dias 10 e 20, em vesperal. Já no dia 6, foi a vez da quarta representação de *Deus Lhe Pague*, de Joracy Comargo, em vesperal, com a peça voltando mais três vezes ainda em maio, incluindo em festival de Luiza Oliveira e Luiz Carneiro, e outro do cenógrafo Jair Miranda. Seguiram-se ainda apresenta-

Letícia Flora

Lucina Soeiro

Jair Miranda

ções da alta comédia *O Dote*, do escritor maranhense Artur Azevedo, com repetição no dia 18, solenizando a passagem do 85° aniversário do primitivo edifício do Theatro de Santa Isabel – nos intervalos cantaram o tenor pernambucano Vicente Cunha e o tenor potiguar Mário Paiva. O crítico C. C., no *Diario de Pernambuco* (12 de maio de 1934), escreveu elogiando:

> Uma velha comedia. De trinta anos, nunca menos. Mas sempre nova, sempre, bôa, sempre muito brasileira. E' *O Dote*, do grande Artur Azevedo. O *Grupo Gente Nossa* levou-a anteontem em primeiro espetaculo social de Maio. O conjunto pernambucano está enveredando pelo bom caminho. Aliás, de quando em quando, nos oferecia uma peça fina mas agora intensificou o programa do bom teatro. E dá-nos todos os generos para contentar diversos paladares. Têm sido a opereta[,] a burleta, a comedia ligeira e tambem a farça (sic). Para rir ás gargalhadas como aconteceu, recentemente, com a peça alemã: *O duplo Mauricio*. Os seus maiores sucessos têm sido, porém, com a opereta e a comedia fina. *O Interventor*, *Tão facil a felicidade*, *Longe dos olhos*, *Feitiço*, por exemplo e, nestes ultimos tempos, *Deus lhe pague* e *O dote*. Nada é mais preciso dizer sobre a comedia de Artur de Azevedo. A peça é muito conhecida e vem sendo pedra de toque de artistas de nomeada. O desempenho... Comecemos por Luiz Carneiro – o grande trabalho da noite. Carneiro, si viesse de fóra, era considerado um artista de primeira. Mas nasceu em Pernambuco e atu'a em um grupo que é apenas "nosso". Para muita gente "nosso" quer dizer: "mau." (sic) Carneiro, é, porém, uma afirmação de que é bom. Comico apreciado basta entrar em cena para despertar o riso. Ante-ontem teve um papel bem diferente: foi um centro rustico – o "pai João" o preto velho. Que linha sobria e segura imprimiu ao papel! Habituado a fazer rir conseguiu marejar olhos, de lagrimas suaves. Foi dedicado, foi nobre, foi correto. O *Grupo Gente Nossa* não cultiva especialidades nem o poderia fazer, dado o pequeno numero de seus artistas. Todos ali se preparam "genericos." (sic) E' uma bôa providencia. Os papeis são distribuídos pelos valores sem se olhar generos especiais. Letícia Flora, tambem. A artista que faz as "brilhantes" como as "vampiros" já nos deu otimas "centrais": em *Senhor do engenho* e, agora, *O dote*. Elpídio Camara, igualmente, tem percorrido todas as gamas. Que diferença do mendigo de *Deus lhe pague* para o almofadinha d'*A rosa vermelha*, e galã comico de *Ninho azul* e o "brilhante" dr. Angelo de ante-ontem... Batista Teixeira, muito bem pôsto no "centro comico" com o seu chavão: "Como direi"[.] Vicente Cunha é o tenor muito querido. Está pendendo agora para as comedias com real aproveitamento. Dá vida e alma aos papeis que lhe cabem. Foi assim o "galã central" da peça de Artur de Azevedo. Luiza Oliveira cada dia mais se impõe ao conceito da platéa. Quem a vê vivaz e saltitante em *Ninho azul* ou compenetrada na fabricante de bôlos de *O assustado* não pode avaliar que nos dá uma *Henriqueta* como do ultimo espetaculo. Sabem tambem dizer bem e dar sentimento. Teve cenas felizes. Osvaldo Barreto é um novo que está adqui-

Osvaldo Barreto

> rindo posição de realce. Vimo-lo esturdio em *O duplo Mauricio* e agora num "cínico". Uma ponta das que muita gente de teatro recebe fazendo beicinho. Osvaldo Barreto tirou todas as vantagens do seu agiota moderno e elegante. Já não se pode chamar uma promessa; é uma realidade. José de Souza fez tambem uma ponta. Sem significação. [...] Aplausos e agrado geral. Montagem distinta. [...] Não é o teatro honesto? Parabens.

O mês de maio ainda contou com as peças *Mãe*, drama abolicionista do escritor cearense José de Alencar, em homenagem à data 13 de maio; a comédia *Feitiço*, do autor paulista Oduvaldo Vianna, em sarau no Teatro Leopoldo Fróes, no bairro da Madalena; *Eu Não Sou Eu*, do autor pernambucano Silvino Lopes, na qual fez um dos principais papéis o amador Lélé Correia, da Sociedade de Cultura de Palmares, em festival no Teatro de Santa Isabel com renda em benefício da Caixa do Estudante Pobre, apresentando um ato variado ao final; *A Mulher de Porcelana*, de Filgueira Filho, seguindo-se um ato variado a cargo do "Centro Artistico da Paz" em festa em beneficio do jornalista Aimbiré Canimura; e *A Cabocla Bonita*, burleta de Marques Porto e Ari Pavão, com partitura de Sá Pereira, em festival do ator Elpídio Câmara. Por fim, no dia 30, a comédia musicada em três atos *Cartazes de Amor*, da autoria dos Irmãos Valença. Com a frequência de apresentações, o público voltou a encher o velho teatro e, até o mês de junho, foram realizados espetáculos duas a três vezes por semana.

De junho a outubro, o Grupo Gente Nossa foi forçado a suspender seus espetáculos por estar o Teatro de Santa Isabel constantemente ocupado por companhias de fora, sendo ainda o elenco desfalcado, pois Luiza de Oliveira e Luiz Carneiro seguiram com Barreto Júnior para turnê pelo interior de Pernambuco e Paraíba. Mesmo assim, a equipe ainda comemorou as datas de 2 de agosto (por estar ocupado o Teatro de Santa Isabel, o terceiro aniversário só pôde ser festejado a 7 de setembro, num intervalo entre a saída da companhia dos Irmãos Celestino e a vinda da Companhia Teixeira Pinto. O evento marcou, "pela primeira vez no norte do pais", segundo o *Nosso Boletim* de agosto de 1936, p. 10., o lançamento da sátira de Oduvaldo Vianna, *Amor*) e 16 de dezembro, respectivamente os aniversários de sua fundação e da reinauguração do antigo Theatro de Santa Isabel, esta última por conta do violento incêndio que ocorreu na tarde de 19 de setembro de 1869, quando o teatro foi destruído quase por completo. Na noite anterior à tragédia, a ópera *Fausto* tinha sido apresentada para uma casa cheia, com o elenco da companhia lírica do empresário José Amat. A reconstrução do teatro só foi terminada sete anos depois, sendo o novo edifício inaugurado a 16 de dezembro de 1876 com a ópera *O Baile de Máscaras*, cantada pela companhia lírica italiana do empresário Tomaz Pasini. Em 1934, foi a primeira vez que a data de reinauguração ganhou festa com uma peça sendo apresentada pelo Grupo Gente Nossa, *A Esphynge*, de Silvino Lopes.

Barreto Júnior

Como o *Jornal do Commercio* ainda estava empastelado pelo Governo Getulista, proibido de circular, Valdemar de Oliveira escreveu uma longa resenha crítica para o *Diario de Pernambuco* (11 de setembro de 1934) sobre a peça *Amor*, de Oduvaldo Vianna. Destacou principalmente seus detalhes dramatúrgicos, mas não esqueceu de lembrar o enorme desafio que o Grupo Gente Nossa enfrentava para pô-la em cena, como uma prova de que ousadias também faziam parte do repertório do conjunto:

> Esta é a peça que o *Grupo Gente Nossa* encenou sexta-feira, repetiu domingo e dará em ultima representação, hoje. Vão ve-la aqueles

> que amam o bom teatro, aqueles que ainda duvidam do *Gente Nossa*, que ainda duvidam da força de vontade, da perseverança, do trabalho honesto, do idealismo dos que fazem teatro em nossa terra. Peça de dificílima montagem, *Amor* constituiu dois triunfos: para Oduvaldo Viana (sic) e para o *Grupo Gente Nossa*; para este pelo *tour de force* que representa encenar, em breve dias, uma peça como *Amor*; para aquele, porque mais uma vez veio mostrar a imensa força do teatro, apontando e propagando uma diretriz social que nenhum livro, discurso ou artigo doutrinario conseguiu fixar com tanta nitidez e intensidade.

Maria Carolina

Do enorme repertório de trinta textos diferentes apresentados durante todo aquele ano, inclusive no Teatro Arruda, constam comédias, *Deus Lhe Pague...* (nove vezes encenada), *Feitiço* (seis sessões), *Mimoso Colibri* (cinco), *Cala a Bocca, Etelvina!*, *Eu Não Sou Eu* (cada uma com quatro apresentações), *O Duplo Maurício*, *Amor* (três vezes cada), *Tem de Casar, Casa!...*, *A Mulher do Trem*, *O Interventor*, *Muralhas de Jericó*, *O Dote*, *Mulher de Porcellana*, *A Esphinge*, *Porque o Lopes Se Casou*, *Precisa-se de Uma Mãe* (em duas sessões cada), *Empresta-Me Tua Mulher*, *Meu Bebê* e *Aventuras de Um Rapaz Feio* (cada uma em única sessão); um drama, *Mãi* (uma apresentação); além de burletas, *Cabocla Bonita*, *Luar do Norte* (cada uma quatro vezes encenada), *Rancho da Serra* (duas sessões), *Noites de Novena* e *Cartazes de Amor* (em única récita cada); e operetas, *A Madrinha dos Cadetes* (nove vezes apresentada), *Ninho Azul* (oito sessões), *Aves de Arribação* (três), *A Rosa Vermelha* e *A Casta Suzana* (ambas em única récita).

Como se vê, ainda que sem a bela voz de Maria Amorim, o Grupo Gente Nossa continuou a realizar espetáculos musicados em 1934, com a participação da atriz Luiza Oliveira, da soprano amazonense Lucina Soeiro, e, por fim, da soprano paraense Maria Carolina, cuja visita ao Recife tornou possível a reencenação da opereta *A Madrinha dos Cadetes*, em dezembro. Importante registrar ainda que vários artistas do grupo tomaram parte em representações das companhias que visitaram a capital pernambucana, com o elenco recebendo, sempre, toda sorte de distinções e retribuindo-as com espetáculos dedicados às mesmas. Mas o fato é que a chegada destas companhias por tão longo tempo ocupando o Teatro de Santa Isabel, o principal palco da cidade, atrapalhava a vida do Grupo Gente Nossa. Tanto que, de junho a outubro, enfrentando outras questões, é claro, a equipe praticamente parou suas atividades. Cogitou-se que não voltaria mais à cena. No entanto, com a partida da Companhia Teixeira Pinto, a 6 de novembro daquele ano, o jornalista Valdemar de Oliveira em sua coluna *A proposito...* (6 de novembro de 1935) anunciou: "O Grupo Gente Nossa se reorganiza, silenciosamente", numa crítica ainda àqueles que duvidavam de novos assuntos teatrais para sua escrita. Três dias depois, no *Jornal do Commercio* (9 de novembro de 1934), instituiu a decisão tomada para a equipe:

> Tendo suspendido seus espectaculos deste junho ultimo, devido a ter estado sempre occupado o Theatro Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa, deverá voltar agora á sua actividade visto já terem desapparecido aquellas causas. Como, porém, em dezembro proximo aqui estará novamente a companhia de operetas dos Irmãos Celestino, de volta de sua excursão ao norte, a directoria do "Grupo" reuniu há poucos dias para tratar do caso. Estiveram presentes á reunião os seguintes membros do conselho director do *Grupo*: Samuel Campello, Waldemar de Oliveira, Silvino Lopes, Vicente do Rego, Severino Osias e Renato Brandão. Foi resolvido o seguinte: o Grupo Gente Nossa sé reentrará no Theatro Santa Isabel após a saída da companhia Celestino, provavelmente

em janeiro do anno vindouro; Tratar da remodelação do elenco contractando artistas novos e conservando alguns daquelles que, ultimamente, se tem conservado fieis aos postulados do *Grupo*; Escolher para director de scenas, o sr. Miguel Jasseli, actualmente com residencia fixada no Recife; Continuar a distribuir as quotas estatutarias aos elementos que se têm conservado fieis, mesmo que não haja espectaculos, saindo as despesas do fundo de reserva e de contribuições de um corpo, a crear-se, de socios mantenedores; Realizar alguns espectaculos em praças do interior, sendo os primeiros em Palmares nos dias 14 e 15 do corrente, cogitando-se tambem de Ribeirão e Garanhuns; Modificar os estatutos para serem incluidos novos artigos indicados pela experiencia dos ultimos tempos e excluir outros. Nos proximos espectaculos de Palmares, a cujos ensaios de remonte se estão procedendo, tomarão parte os seguintes elementos: Elpidio Camara, Lecticia Flora, Lourdes Monteiro, Oswaldo Barreto, Baptista Teixeira, Amalia de Sousa, Augusta Moreira, Emilio Borba [refere-se a Hermilo Borba Filho como ponto], Miguel Jasseli e Lelê Correia, este do elenco da Sociedade de Cultura de Palmares.

Nenhuma destas viagens aconteceu naquele ano. Curiosa é a referência que Valdemar de Oliveira fez poucos dias antes, no *Jornal do Commercio* (2 de novembro de 1934), sobre os mortos do Grupo Gente Nossa (num momento de parada do conjunto), ressaltando a importância de Samuel Campelo ter solicitado à Prefeitura do Recife um terreno no Cemitério de Santo Amaro para acolher os restos mortais dos artistas falecidos. O "desabafo" surgiu na sua coluna *A proposito...*, deixando claro que a vida dos integrantes do festejado grupo não era nada fácil:

Augusta Moreira

> Luis de França e Diogenes Fraga foram dos primeiros do Grupo. Faziam, ali, os centros e os baixos comicos, esforçando-se para darem de si o que podiam, mal se libertavam do extenuante trabalho de cada dia. Vinham então para o palco, a ganhar alguns miseraveis mil réis, por duas ou tres gargalhadas do publico. Manuel Matos era, talvez, o melhor ensaiador do Brasil. Posto a margem da actividade theatral do seu país, onde razões de vaidade apagaram o nome *ensaiador* dos prospectos theatraes, Manuel Mattos vivia pobremente, lá pelo interior do Estado do Rio, quando o Grupo o contractou para dirigir seu elenco. Elle veio já doente, o organismo forte minado pelo alcool, mas sempre mestre acatado dos segredos da scena. A phase em que o Grupo o teve, á frente de sua direcção artistica, foi uma phase brilhante. Ainda chegou a trabalhar na comedia *Zuzú*, mas, logo depois, entregou-se, rendido, á tentação do vicio e ahi acabou, um dia, num quarto do Hospital Correia Picanço, com os seus caprichos e as suas manias... E, ultimamente, foi a vez aziaga do Graça – do bom Ferreira da Graça – neurastheunico, cansado; trabalhador e bondosissimo... que o mais era esgotamento nervoso pela luta contra a fome e contra a morte. Foi um homem que soffreu amarguras terriveis e a quem o Grupo tinha sempre junto de si para o que quer que fosse... Taes os bons amigos do Grupo que descansam, no cemitério Santo Amaro, depois de uma vida fatigante e amarga entre os bastidores, á luz enganadora das gambiarras... Theatro é isto mesmo. Engana-se quem está de fora...

De fato, os problemas para a equipe se manter na cena não eram poucos. A começar de artistas que se faziam passar pelo Grupo Gente Nossa por outras cidades, com repertório de qualidade bem inferior. Muitas denúncias chegavam de que Barreto Júnior, por exemplo, utilizava deste *marketing* nas cidades

que visitava para atrair público. Contra esta má fé, Valdemar de Oliveira soltou o verbo no *Jornal do Commercio* (15 de novembro de 1934):

> Organizações profissionaes de emergencia, sem ideal, sem honestidade artistica, sem respeito ao publico, emfim (sic), isto a que chamamos mambembes, por ahi andam, de palco em palco, deturpando originaes, sacrificando os nomes dos autores, representando *chanchadas*, ignobeis e *sketches* policiaveis. Não é crivel que sobre ellas, que rudemente golpeiam o nome do theatro nacional, não incidam os dispositivos legaes que tão severamente recaem sobre as grandes companhias de operetas, comedias, etc., que visitam, de vez em quando, o Santa Isabel, fazendo o theatro honesto e criterioso. Que se policiem taes organizações a bem do conceito e dos ideaes de cultura do theatro nacional e que se procure denomina-las de modo a não parecer que tem qualquer ligação com o Grupo Gente Nossa. Pois, mesmo que o tivessem, certos filhos há que melhor fazem não usando o nome dos paes.

No último mês do ano, Valdemar de Oliveira propagou também no *Jornal do Commercio* (8 de dezembro de 1934) um novo texto que não escondeu o rancor pelos inimigos do Grupo Gente Nossa:

> A passagem, pelo Recife, durante seis mezes do anno corrente, de varias companhias theatraes, arredou do Santa Isabel o Grupo Gente Nossa, obrigado, assim, a suspender a sua actividade – a actividade que fez tanta gente roer as unhas até o sabugo – porque, infelizmente, não há, no Recife, outro theatro em condições de abriga-lo. E o Grupo parou. Desarticulou-se. Para conseguir commemorar o anniversario de 2 de agosto ultimo, foi um trabalho. Ainda assim, *Amor*, de Oduvaldo Vianna, foi á scena por quatro vezes. Um ou outro espectaculo perdido nas quinzenas vinha provar que o Grupo ainda não descera aos infernos, como queriam os seus inimigos, despercebidos de que os ideaes não morrem assim melancolicamente... Alguns elementos se tresmalharam, premidos pelas difficuldades de vida, uns, seduzidos pela miragem sórdida do mambembe, outros. Um véu de desanimo ensombrou, por um momento apenas, a vida do Gente Nossa – o velho conjunto pernambucano de que algumas representações triumpharam em confronto com as de varios elencos que aqui, como no Rio, se exhibiram... Approxima-se agora, a data commemorativa do anniversario do theatro. E o Grupo volta ao palco do Santa Isabel, para representar a comedia *Esphynge*, de Silvino Lopes. Depois, ahi virá, novamente, *A Madrinha dos Cadetes*, representada por um conjunto que nem por sonhos será inferior ao das suas primeiras exhibições. Vamos ouvir e applaudir o casal Prysthon, o actor Soldá, o antigo amador sempre querido Luis Barbalho, o tenor Eimar Pessôa, do Gremio Familiar Afogadense, que arrasta comsigo varios companheiros, o José Tinoco, uma verdadeira vocação para o comico, o Carlos Codeceira, que fez o reporter de *Amor*, muita gente nova, a incluir a soprano Maria Carolina, recem-chegada da Bahia e que fará a Duquezinha Eleonora, já vividas aqui e no Rio, por Maria Amorim e Gilda de Abreu. O publico vai ver de que é capaz um esforço bem orientado. Os amigos do Grupo vão encher, novamente, a plateia do Santa Isabel. E os seus inimigos vão continuar a sua soffrega onicophagia, porque, de junho para cá, as unhas tiveram muito tempo de crescer.

Já no dia seguinte, a 9 de dezembro, o Grupo Gente Nossa representou *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo, em vesperal e sarau no Teatro de Santa Isabel, em benefício do Syndicato da Pernambuco Tramways. No dia 16, em comemoração ao referido aniversário de reinauguração do antigo Theatro de Santa Isabel, foi encenada *A Esphynge*, alta comédia em três atos de Silvino Lopes, festejado autor de um dos maiores sucessos do grupo, *Eu Não Sou Eu*. *A Esphynge* já havia sido apresentada pouco antes no Recife, no mês de junho, pela Companhia de Comédias Modernas, de Antonio Palma, sob o título *O Camarote 25*. No elenco pernambucano, Elpídio Câmara, Raul Prysthon, Oswaldo Barreto, Ary Guimarães, Lourdes Monteiro, Lecticia Flora, Ziza Prysthon e Augusto Moreira, havendo ainda números de canto por Vicente Cunha e Maria Carolina. A equipe foi ensaiada sob a direção do ator Augusto Soldá.

O resultado foi muito bom, segundo o *Jornal do Commercio* (19 de dezembro de 1934): "O desempenho dado á comedia do autor de *Eu não sou eu* foi uma prova das novas possibilidades artisticas do sympathizado conjunto pernambucano que se acha, agora, com um elenco muito afinado". O mesmo jornal ainda elogiou Raul e Ziza Prysthon, "cujas entreias ante-hontem foram as mais promissoras". Mas foi no dia 20 de dezembro, com a anunciada representação da opereta de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, *A Madrinha dos Cadetes*, remodelada e agora intitulada "opereta-phantasia", que o Grupo Gente Nossa deu um "tapa de luva" em todos os seus detratores. Neste remonte, bem mais luxuoso e com maiores despesas de guarda-roupa, vieram "novos numeros de musica e nova montagem – precisamente como foi enscenada, há pouco tempo, no Rio de Janeiro, pela Companhia do Theatro Musicado do João Caetano", salientou o *Jornal do Commercio* (9 de dezembro de 1934). E o Grupo Gente Nossa, então, viveu um de seus grandes momentos, agora tendo como diretor de cena Miguel Jasseli. Talvez por isso, e sem falsa modéstia, Valdemar de Oliveira tenha feito este lembrete no *Jornal do Commercio* (20 de dezembro de 1934), no mesmo dia da estreia:

> O Grupo Gente Nossa vale, principalmente, pelo seu significado moral. É um reducto de resistencia ao descalabro do theatro nacional. E quando Renato Vianna o elogia, como o fez há pouco, enthusiasticamente, não é porque do ponto de vista artistico seja elle um exemplo a seguir. É porque a sua existencia, neste recanto do Brasil, significa um voto de confiança na renovação dos costumes theatraes em nosso pais. Este, o alto sentido do Grupo Gente Nossa para aquelles que elevam o theatro acima da ideia de simples divertimento.

A referência ao conceituado teatrólogo carioca Renato Vianna, deve-se ao fato dele ter escrito uma carta elogiosa a Samuel Campelo, com trecho que chegou a ser publicado por Valdemar de Oliveira, no ano seguinte, no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1935): "O Gente Nossa é um exemplo singular de realização, Pernambuco pode orgulhar-se de manter o unico nucleo de cultura theatral do Brasil, neste momento".

Voltando à apresentação de *A Madrinha dos Cadetes*, sua nova protagonista veio da Bahia, a soprano ligeiro paraense Maria Carolina, mas a peça ainda contou com outros elementos em estreia, como o já citado casal Raul e Ziza Prysthon, o ator Augusto Soldá (que já havia trabalhado no Recife com a Companhia Amelia Lopicollo e aqui, nesta montagem, também exerceu a função de contrarregra), o tenor Eimar Pessôa e o amador Lula Barbalho. Ainda no elenco, Vicente Cunha, Elpídio Câmara, Lecticia Flora, Lourdes Monteiro, Aucélia de Sousa, Luiz Maranhão, José Tinoco, Augusta Moreira, Oswaldo Barreto, Carlos Codeceira, José de Sousa, Alfredo de Oliveira, Manuel Monteiro, Astrogildo Magnalma, Ary Guimarães, Dustan Maciel, Fernando Barreto, Carlos Gonçalves, Malena Silva, Carmen Lima, Leonor Lima, Nísia Lima, Amaro Machado, Zezé Guimarães, Zeto Figueiredo, Amália de Sousa, Flávio Pinto, Mayerber Carvalho, Oswaldo Teixeira e Luís Figueirôa. Ao término do 3° ato, para o coro final, cerca de quarenta pessoas subiram ao palco.

Os três novos cenários foram assinados por Jair Miranda; a iluminação estava na mão de Aníbal Mota – com novos refletores comprados por Samuel Cam-

Gaspar Moura

Nelson Ferreira

pelo no Rio de Janeiro –; Gaspar Moura cuidou dos ensaios do coro de vozes e a orquestra foi regida pelo próprio Valdemar de Oliveira, tendo Nelson Ferreira ao piano. Mas as novidades não paravam aí, como descreveu o *Jornal do Commercio* (16 de dezembro de 1934):

> Além dos scenarios especiaes que estão sendo pintados para o final do 1.º acto, agora inteiramente novo e da *passarelle*, está sendo construido um palco gyratorio que será uma das novidades das proximas representações da *A Madrinha dos Cadetes*. Lindos jogos de luz serão conseguidos com os novos reflectores do *Santa Isabel*, estando sendo confeccionadas varias peças novas para o guarda-roupa.

Ainda na ficha técnica, Carlos Ferreira como maquinista, Renato Brandão à frente da organização dos figurinos; Ary Guimarães como "faz tudo"; Severino Osias na tesouraria; Silvino Lopes e Samuel Campelo na propaganda; e o até então desconhecido Hermilo Borba Filho como ponto. Casa cheia, claro. No domingo, dia 23, houve segunda sessão também com sucesso. Antes, em vesperal, o grupo reapresentou a alta comédia *A Esphinge*, também elogiada. O terceiro espetáculo de *A Madrinha dos Cadetes*, no dia de Natal, 25 de dezembro, foi dedicado às classes armadas, tendo como convidados o general Manuel Rabello e o coronel Jurandyr Mamede na plateia, entre outros oficiais das corporações militares. A sessão começou às 21 horas.

Vale registrar, como curiosidade, um apelo que o *Jornal do Commercio* (20 de dezembro de 1934) publicou, sob o título "Um pedido á directoria do *Grupo Gente Nossa*", assinado pelos "Habitués do Grupo Gente Nossa":

> Deparando nesse conceituado jornal a agradavel noticia da rentrée do Grupo Gente Nossa, vimos solicitar-lhe seja interprete do nosso pedido, que nos parece sobremodo justo, e que consiste em ser repetida, em vesperal domingo proximo, a *A Madrinha dos Cadetes*. Habituaes dos espectaculos do Grupo Gente Nossa estamos impedidos de comparecer aos realizados á noite, em virtude de estarmos veraneando em Olinda, Bôa Viagem, Piedade, etc., e assim seria para nós um grande prazer a realização da supra citada vesperal, dando-nos a grata opportunidade de nos deliciarmos com a bellissima opereta de Waldemar de Oliveira e Samuel Campello. Agradecidos se confessam inumeros.

No dia 29 de dezembro, uma nova récita de *A Madrinha dos Cadetes* aconteceu às 21 horas, com vesperal no dia 30, às 15 horas, em consagração total. "O seu desempenho melhora dia a dia, tudo fazendo crêr que a victoriosa peça theatral demore ainda no cartaz", festejou o *Jornal do Commercio* (30 de dezembro de 1934). O mais instigante é que nem só com o Grupo Gente Nossa os palcos do teatro recifense foram ocupados. Pelo menos seis outros conjuntos conseguiram ser citados pela imprensa durante o ano de 1934. O primeiro deles foi o Gremio Familiar Magdalenense, que, logo no início do ano, pretendendo estimular novos escritores teatrais afim de "incorpora-los á campanha em prol do soerguimento do Teatro Nacional", conforme lembrou o *Diario de Pernambuco* (6 de janeiro de 1934), lançou a peça *Bilhete Revelador*, comédia em três atos de Arthur Fischer Vieira, um dos componentes do seu elenco; além de *O Petroleo Falhou*, do também estreante Eumenes de Oliveira, e mais *Luar do Norte*, de João Valença e Umberto Santiago, *Mimoso Colibri*, de Armando Gonzaga, e *Casa de Maribondos*, comédia em um ato de Umberto Santiago.

O mesmo conjunto – que trazia em seu elenco, entre outros, Júlia Santos, Eurico Guedes, Ernesto Fischer, Artur Fischer, Ermínio Silva, Juvenila Cortez, José

Lourdes Monteiro

Austregésilo e Luiz Lapa, este último também diretor cênico – promoveu ainda um festival em benefício da biblioteca infantil da Escola Ruy Barbosa, em seu próprio teatro no bairro da Madalena, quando participaram números avulsos como *Declamação*, pela senhorinha Aline Ponce de Leon; *Meu Devotado Amor*, valsa por Theresinha Costa; *Type Sette*, marcha pelo quarteto feminino Isabel Cunha Netto, Maria José do Monte, Ivanilda Ooroca (sic) e Djanira Barbosa da Silva; além de um trecho musical por d. Maria Emília Costa. Levou ainda à cena a comédia *Porque o Lopes Se Casou* e a farsa *Precisa-se de Uma Mãe*, ambas de Silvino Lopes. No elenco desta última, Luiz Carneiro, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Letícia Flora, Batista Teixeira, Rui Lobato, Ferreira da Graça e Malena Silva. Por fim, o drama em três atos *A Ciganinha*, sem identificação do autor ou ensaiador à frente da montagem, mas com todos estes trabalhos sempre apresentados em seu "teatrinho" próprio.

Oriundo do bairro de Afogados, o Gremio Artistico da Paz, outra sociedade de amadores, encenou *Engano da Peste*, de Samuel Campelo; *Amor é Sempre Amor*, de Filgueira Filho; *Meninas de Cinema*, comédia de Silvino Lopes (em festival no Cine-Theatro São João, em Tejipió, com Dodiano e Dodiana Lima, Ivette e Eugênio Samico, João e Doralice Araújo, Djalma Albuquerque e Cloe Coutinho, todos amadores teatrais, seguindo com dois atos variados, números de marcação e canto com os elementos de maior destaque no coletivo); e *O Homem das Invenções*, de Lucilo Varejão, esta última em benefício da família do falecido jornalista Aymbiré Kanimura, tendo como complemento dois atos de variedades que agradaram. A proposta do coletivo era apresentar um festival artístico mensal e começou o ano com a "farça" *Os Apuros de Lulú*, no dia 12 de janeiro, seguida de dois atos de variedades, no Cine Central, tendo o acompanhamento ao piano da maestrina Perpedigna Campos. Os ensaios desta noite estiveram ao cargo dos gremistas Mário Guimarães e Oscar Raposo. Os sócios tinham direito a entrada mediante apresentação do cartão de pagamento mensal.

Por sua vez, o Gremio Familiar Afogadense levou à cena, no Cine-Theatro da Paz, em Afogados: *Dar Corda Para Se Enforcar* e *Que Loucura, Leonor*, de Filgueira Filho; *Falho Juramento* e *Rosas de Jericó*, de Romualdo Pimentel (esta última, uma opereta pernambucana com músicas de Homero Freire, na data de aniversário do grêmio, em abril); *Dias Felizes*, de Mário Guimarães; *Noites de Novena*, de Samuel Campelo; a burleta *O Barão de Casaes*, de Thomás de Aquino Maciel; e *Graças a Deus* e *Secretario de S. Excelência,* de Armando Gonzaga. Esta última peça, com cerca de quinze amadores tomando parte na representação, foi dedicada a Oscar Moreira Pinto, diretor da Rádio Clube de Pernambuco e sócio benemérito do Gremio Familiar Afogadense. Ao final foi apresentado um ato de variedades com a colaboração de Rivaldo Lopes, integrante do Conjunto Regional da PRA-8.

"Dos numeros desempenhados mereceram destaque o fox *Não sei inglês* e o samba *Estou de smoking*, cantados pela mascotte do gremio, a jovem Maria Celeste", reforçou o *Jornal do Commercio* (24 de novembro de 1934). Em todas estas récitas havia cobrança de ingressos, com crianças pagando metade do valor e os sócios, ou seja, aqueles que pagavam mensalidade ao conjunto, tinham direito a ser acompanhados de duas senhoras ou senhoritas. Era comum músicos da Jazz-Band abrilhantar cada apresentação. Os sócios do Gremio Familiar Afogadense ainda foram homenageados no começo do ano, no dia 9 de janeiro, junto aos moradores do bairro de Afogados, por conta do festival promovido pela atriz Lélia Verbena no Cine-Theatro da Paz, com a comédia *O Advogado do Diabo*, de Armando Gonzaga, seguida de um ato de variedades.

Fundado no próprio ano de 1934, o Conjunto Nosso representou, também com cobrança de ingressos, *A Tia de Carlos* e *A Rainha dos Estudantes*, textos de Mário Guimarães. A estreia desta primeira montagem, comédia em dois atos, aconteceu em novembro com festival promovido no Theatro São João, no bairro de Tejipió. Na segunda parte do programa, dois atos de variedades com números de marcações idealizados e organizados por Durval Moraes, como *Marujos Em Folia*, *Malandros Em Marcação*, *Garotas Sapecas* e *Rosas* e *Jardineiros*. Os cenários ficaram a cargo do "scenographo" Wilson e uma jazz composta de dez músicos tocou ao vivo. A peça *A Tia de Carlos* ganhou repetição no mesmo mês de novembro, desta vez no Cine-Theatro da Paz. "Seguiram-se dois actos variados que agradaram inteiramente ao grande publico", referendou o *Jornal do Commercio* (2 de dezembro de 1934).

Também surgiu, no bairro de Santo Amaro, o Gremio Theatral "Nós Vamos", sem maior repercussão na imprensa a não ser pela sua estreia, quando ocupou o Grupo São Sebastião, na Avenida Norte, em Santo Amaro, com a encenação de duas comédias, *Criado* e *Amigo* e *Alfaiataria Domestica*, sem identificação dos autores ou ensaiador. Já a veterena Tuna Portuguesa realizou várias "festas theatraes", representando em algumas delas as comédias *O Amante de Minha Mulher*, de Avelar Pereira, *Precisa-se de Uma Mãe*, de Silvino Lopes, e *Bodas de Prata*, de A. Ferreira. Para além dos grupos, vários festivais foram organizados pelos artistas Luís Moreno, Lélia Verbena, Barreto Júnior (este, num total de três), Luís Carneiro, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Luisa de Oliveira, Ildefonso Norat, Julieta Soares, Silva Sanches e muitos outros, encenando-se diversas peças, entre as quais *O Interventor*, de Paulo Magalhães; *Não Me Conte Esse pedaço*, de Miguel Santos e Luiz Iglesias; *O Advogado do Diabo* e *Cala a Bocca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga; *Deus lhe Pague...*, de Joracy Camargo; *Rancho da Serra*, de Luiz Iglesias; *Lua de Mel* e *Precisa-se de Uma Mãe*, de Silvino Lopes; *A Mulher de Porcellana*, de Filgueira Filho; e *O Homem da America*, de Francisco Dornellas.

Uma destas festas mais divulgadas foi a da atriz Lecticia Flora, a 2 de dezembro, no Teatro de Santa Isabel, em vesperal de domingo com a comédia *Tem de Casar, Casa!*, de Valdemar de Oliveira, seguida de um ato variado, em ambos tomando parte o elenco do Grupo Gente Nossa (os atores Elpídio Câmara, Luís Carneiro, Carlos Codeceira, Luiz Maranhão, José Tinoco, José de Sousa, Ferreira Pinto, Ary Guimarães e o pequeno Zeto Figueiredo; e as atrizes Lourdes Monteiro e Augusta Moreira, além da própria Lecticia Flora). O evento prestou homenagem às "classes armadas", com ingressos à venda no depósito da Caxias. Importante também citar que, nos meses de janeiro e fevereiro, aconteceu a 1ª Feira de Amostras do Recife, no edifício e parque da Escola Normal, a atrair enorme público para atrações como os diversos pavilhões com mostra de atividades comerciais e industriais para intercâmbio com as demais unidades federativas, parque de diversões, cinema, barraca de sorvete da Casa Barbosa, e, especialmente, o Teatro de Variedades, ao ar livre. Neste, com elenco sempre renovado nas duas audições diárias, além de vesperais pontuais para a meninada, podia-se ver a bailarina de danças orientais Vera, os duetistas Lélia e Moreno, o tenor Artur Oliveira e o ventríloquo professor Arenas com seus bonecos Joãosinho (sic) e Lili, além de números de magia. Artistas europeus, como Julita Soares, cantora regional portuguesa, e Anny Koenig, dançarina excêntrica acrobata, também participaram.

Como sempre vinha acontecendo a cada final de ano, o Teatro de Santa Isabel tinha agenda superlotada. Além dos diversos concertos musicais, especialmente programados pela Sociedade de Cultura Musical e estas "festas theatraes" com renda aos artistas que as promoviam, também lá aconteciam exposições de desenhos, telas e fotografias, palestras, congressos e apresentações de danças clássicas ou de orfeões escolares. Além disso, muitos educandários, como o Lyceu de Artes e Officios, o Gymnasio do Recife e o Gymnasio Leão XIII programavam festividades de conclusão, "com um programma sempre finalizado com numeros de cantos, piano, theatro, etc.", lembrou o *Jornal do Commercio* (2 de dezembro de 1934). Curiosa é uma outra nota publicada no mesmo periódico, na data 25 de novembro, anunciando tais espetáculos:

> Commemorando o dia de Santa Cecilia, a Schola Cantorum da Igreja de Santa Cecilia

organizou um longo programma de festividades, marcadas para 22, 23, 24 e 25 deste. Varios actos variados, de canto e theatro, tem sido organizados para diversas festividades de encerramento do anno lectivo: tivemos a festa do Gymnasio Leão XIII e a da Escola Normal, suspensa em meio por causa dos estudantes em folia... [avaliem a algazarra que fizeram para o evento ser cancelado!]. Outros se annunciam, entre os quaes o do Gymnasio do Recife, a effecuar-se no proximo dia 29. Cantar-se-á pela primeira vez, o hymno do Gymnasio do Recife, composição de Waldemar de Oliveira.

Várias outras festas de encerramento do ano letivo promoveram atos variados. Uma delas contou com a comédia *Priminho do Meu Coração*, de Luiz Iglesias e Miguel Santos, sob as ordens de Elpídio Câmara, encenada no dia 8 de dezembro de 1934 pelos alunos do Gymnasio Pernambucano. "O desempenho correu bem, principalmente, por se tratar de amadores, muitos dos quaes pisavam, pela primeira vez, o palco", pontuou Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (9 de dezembro de 1934). Ainda merece ser citada a Festa de Primavera organizada pela A.I.P. (Associação de Imprensa de Pernambuco), com a encenação da "phantasia oriental" coreográfica e musical, *Priyanvada*, dois atos originais de Juanita Machado, interpretada por amadores dos círculos artísticos.

Luiz Iglesias

"Seguiu-se um interessante quadro: *Conversa de Bibelots*, que deixou boa impressão principalmente pela montagem e guarda-roupa", lembrou o *Jornal do Commercio* (30 de dezembro de 1934). Um pouco antes, em sua coluna *Notas de Arte*, no *Jornal do Commercio* (25 de dezembro de 1934), Valdemar de Oliveira já tinha tecido elogios ao trabalho, que chamou de "curiosa concepção theatral da conhecida escriptora paulista", referindo-se a Juanita Machado:

> Embora explorando um ambiente pouco familiar ao publico e um entrecho em que a phantasia leva a melhor á realidade, a referida peça é um pretexto amavel para uma montagem de effeito, quer quanto aos scenarios, quer quanto ao guarda-roupa. Este foi o principal attractivo da representação. A peça como se diz na gyria theatral, estava *bem vestida* e não há negar que tudo aquillo se deve á snra. Juanita Machado. Alguns numeros de canto fizeram realçar o desempenho, no qual, poupando-me a citar nomes alguns amadores revelaram marcada inclinação para a scena. Foi bôa, pois, a impressão do espectaculo de sabbado, do qual não é justo pretender fazer critica rigorosa. *A Priyanvada* succedeu um interessante *Conversa de bibelots*, trabalhada em alexandrinos, tambem da lavra da snra. Juanita Machado e também montada com certo zelo – zelo de quem conhece bem o mettier de aderecista e enscenador. Sente-se que a autora de *Terra Cabocla* é capaz de nos dar muita coisa bonita em materia de theatro: tem muito gosto, trabalha activamente e é emprehendedora. Dêem-lhe gente e dinheiro e ella nos offerecerá noitadas de arte inesqueciveis.

Alunas do ballet clássico de Miss Gatis

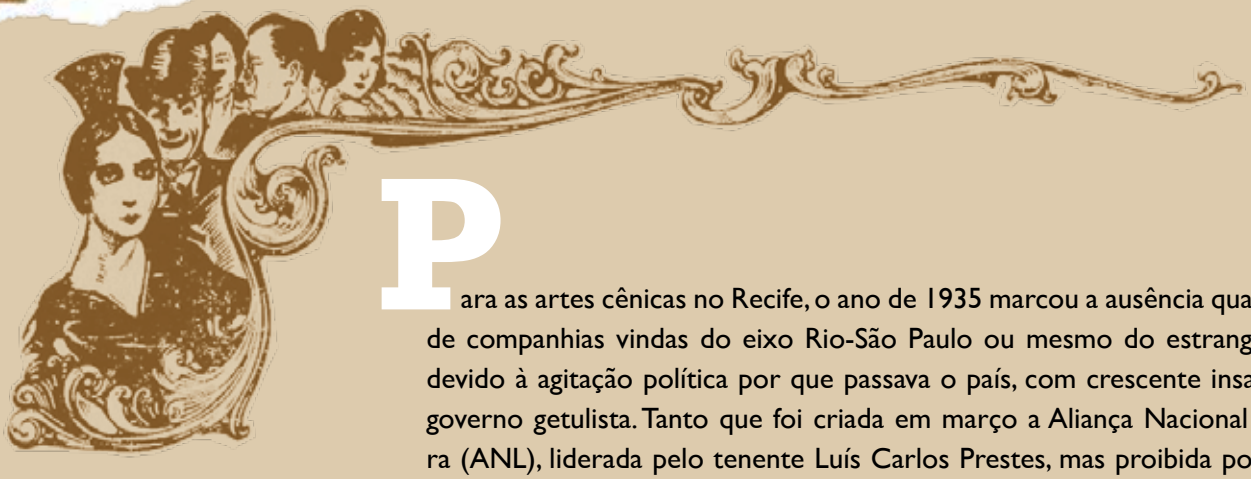
Ainda em referência a trabalhos escolares e amadores, também foram realizados a revista *Colcha de Retalhos*, em benefício de jornalistas desaparecidos, e a festa anual das alunas de ballet clássico de Miss Gatis, o grande destaque na área da dança. Vale também ressaltar que foi em novembro de 1934 que surgiu a primeira notícia de uma escola de teatro para crianças no Recife, objetivando a criação de um grupo específico para esta linguagem, algo que só aconteceria em 1939, com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, tendo Valdemar de Oliveira à frente. O registro foi feito pelo *Jornal do Commercio* (4 de novembro de 1934):

> Cogita-se, nesta cidade, da fundação de um Theatro Infantil, aberto ás crianças das nossas escolas primarias, para o fim de se familiarizarem com a arte dramatica em todas as suas modalidades, como sejam: declamação, mimica da face, arte do gesto, etc. O curso será dirigido pela sra. Juanita Borel Machado que procura interessar nesse emprehendimento as autoridades do ensino publico em nossa terra. Proximamente, daremos novos informes sobre essa curiosa iniciativa.

Mas a ideia, ao que tudo indica, não vingou. No interior de Pernambuco, o movimento artístico continuou muito animado, segundo o retrospecto artístico publicado no *Jornal do Commercio* (30 de dezembro de 1934), destacando-se a Sociedade de Cultura de Palmares (que em outubro apresentou *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo, um dos maiores sucessos da dramaturgia nacional da época), seguida do Gremio Leopoldo Fróes, de "Victoria"; do Gremio Artistico Peixoto Junior, de "Goyanna"; e do Gremio Polymathico de Ribeirão, que, também em outubro, levou à cena a burleta em três atos de Miguel Jasseli, *Um Sonho Que Viveu*, "excedendo as expectativas", segundo o *Diario de Pernambuco* (1 de novembro de 1934). Naquele elenco, Lelê Correia, Djanira Rivas, Erasmo Nascimento, J. Miranda, Consuelo Figueiredo, Laurecio Lins, Alcides Nicéas, Arthur Lopes e Edvaldo Carvalho.

Miguel Jasseli

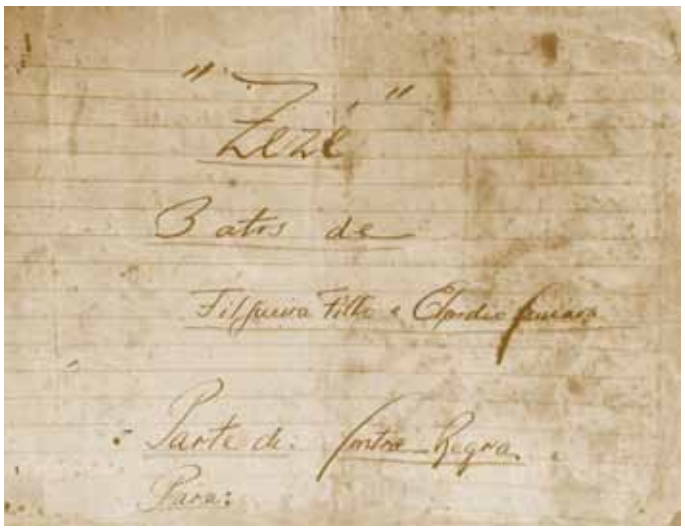
1935



Para as artes cênicas no Recife, o ano de 1935 marcou a ausência quase absoluta de companhias vindas do eixo Rio-São Paulo ou mesmo do estrangeiro, muito devido à agitação política por que passava o país, com crescente insatisfação ao governo getulista. Tanto que foi criada em março a Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada pelo tenente Luís Carlos Prestes, mas proibida pouco tempo depois de atuar legalmente. A revolta pela crise econômica e pela desilusão com as prometidas reformas políticas, além da preocupação dos setores progressistas com o avanço do integralismo, fizeram explodir uma Intentona Comunista em novembro daquele ano, com levantes nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. O movimento foi abafado pelo Governo, que, a partir daí, estendeu as garras da repressão não só contra os comunistas, mas contra milhares de pessoas consideradas opositoras à situação. Getúlio Vargas, então, criou a Lei de Segurança Nacional, que definia o que eles consideravam crimes contra a ordem política e social, prendendo e "fazendo sumir" muita gente.

Esse processo culminou com o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, que fechou o Congresso, cancelou eleições e manteve Vargas no poder até 1945, no período conhecido como Estado Novo. Mesmo sendo o ano de estopim de toda esta difícil conjuntura política, 1935 representou um período de grande movimentação artística nos palcos do Recife, especialmente pelo Grupo Gente Nossa, que chegou a mais de cem apresentações neste seu quarto ano de existência, numa média de doze sessões a cada mês. Para agradar aos sócios que pagavam mensalidade e queriam assistir novas peças constantemente, a equipe ampliou ainda mais o seu repertório, pois uma de suas missões era incentivar a produção da dramaturgia pernambucana. O mês de agosto, por exemplo, foi destacado por só trazer textos de autores locais: Valdemar de Oliveira, Eurico Lopes, Raul e João Valença, Lucilo Varejão, Silvino Lopes e Umberto Santiago.

Luiza de Oliveira



Dentre os novos trabalhos do Grupo Gente Nossa destacaram-se as comédias *O Herdeiro do Throno*, de Filgueira Filho, contando no elenco com Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Augusta Moreira, Amália de Souza, Ziza Prysthon, Oswaldo Barretto, Raul Prysthon, Carlos Bastos, José de Souza, Carlos Codeceira e Alfredo de Oliveira; e *Em Nome de Deus*, *O Homem Bom* e *Ladra*, todas três escritas por Silvino Lopes. Esta última, estreada a 29 de janeiro daquele ano em festival do ator Elpídio Câmara, com ele, Luiza de Oliveira, Lectícia Flora, Oswaldo Barretto e Luiz Maranhão no elenco, posteriormente foi apresentada no dia 18 de maio, servindo para festejar o 86° aniversário do "primitivo" edifício do Theatro de Santa Isabel. Ainda assim, algumas peças escritas por pernambucanos não chegaram a ser representadas naquele momento, como *O Cadete*, de Fernando Motta, *Flor de Mancenilha*, de Julieta Oliveira, *Amor Por Correspondência*, de Borba Júnior, *Zezé*, da dupla Filgueira Filho e Elpídio Câmara, e *O Erro do Criador*, de Silvino Lopes e Filgueira Filho.

Paralelo ao lançamento de textos inéditos, comédias já consagradas voltaram, como *Deus Lhe Pague...*, de Joracy Camargo, logo na primeira sessão do ano, a 1 de janeiro de 1935, em vesperal, às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel, tendo nos intervalos números de música a cargo da atriz Ziza Phryston e dos tenores Augusto Soldá e Carlos Bastos, estes últimos integrantes da Companhia dos Irmãos Celestino que estava programada para vir ao Recife naquele janeiro, mas foi dissolvida temporariamente. Parte dos artistas, então, ficou na capital pernambucana. A personagem principal em *Deus Lhe Pague...* era vivida pelo ator Elpídio Câmara. Ainda no elenco, Raul Prysthon, Oswaldo Barreto, Lectícia Flora, Lourdes Monteiro, Augusto Soldá e Dustan Maciel. Outras comédias também apresentadas em 1935 foram *Um Rapaz de Posição*, de Valdemar de Oliveira, *Feitiço*, de Oduvaldo Vianna, *Flores de Sombra*, de Cláudio de Sousa, *Guerra às Mulheres*, de Paulo Magalhães, *Casa de Gonçalo*, de Lucilo Varejão, e *Paternidade*, de Joracy Camargo, divulgada como sendo a primeira vez que esta comédia em três atos foi montada no "Norte" do país, com sessões nos dias 22 e 30 de junho, no Teatro de Santa Isabel.

O Bom Ladrão, de Lucilo Varejão, *É Preciso Casar Theresa*, de Umberto Santiago, e *O Amigo Tobias, da dupla espanhola* André del Prada e González del Toro, com tradução de Brandão Sobrinho, também foram comédias reapresentadas, além de *Saudade*, de Paulo

Lucilo Varejão

Malena Silva

Leopoldo Fróes

Magalhães (com destaque à estreante Malena Silva), *Dindinha*, de Matheus da Fontoura, *Uma Pequena das Minhas*, de Luiz Iglesias, com trecho musical de Valdemar de Oliveira, e *Mimosa,* do também ator Leopoldo Fróes. Esta última peça, foi assim qualificada no jornal *Diario da Manhã* (31 de março de 1935):

> *Mimosa*, peça leve, de estylo suave, dialogos bem feitos, sem grande carpintaria mas tratada por mão de mestre, com umas doses de ironia muito bem dosada e um enredo sentimental que não desce a pieguismo, mas é docemente brasileiro.

A montagem ganhou também vesperal dedicada ao Gymnasio do Recife, já que o Grupo Gente Nossa decidiu dar entrada franca a todos os alunos de escolas e colégios, desde que uniformizados, nas suas vesperais de domingos, com as galerias do teatro reservadas. Crianças acompanhadas também não pagavam. A estreia de *Mimosa* recebeu, então, resenha crítica naquele *Diario da Manhã* (31 de março de 1935):

> Foi esta a linda comedia, verdadeiramente mimosa, que o *Grupo Gente Nossa* deu, hontem ao seu publico em terceiro espectaculo de assignatura de março, significando a sua homenagem e admiração ao talento e á arte do maior de nossos actores no seculo presente. E não foi essa a única homenagem prestada pelo conjuncto pernambucano a Leopoldo Fróes; no camarim onde, em 1921 elle se vestia, lá está o seu retrato como na fachada do Theatro Municipal de Jaboatão, que elle inaugurou, em 1911, com Dolores Rentini está uma placa assignalando esse acontecimento. Tanto o retrato, como a placa, foram appostos pelo *Grupo Gente Nossa* durante intervallos de memoraveis espectaculos do apreciado conjuncto. *Mimosa* teve hontem, carinhoso desempenho pelo gremio pernambucano que, modesto e dentro de suas pequenas forças artisticas, grandes, porém, pela constancia e pela abnegação, continua a sua marcha lenta ás vezes más, ás vezes, brilhante em beneficio da scena brasileira, mantendo, entre nós, perto de quatro annos a chamma sagrada de um ideal que nem sempre é bem comprehendido. Assim, vimos Oswaldo Barretto, com seis mezes de palco, si tanto, tendo pela primeira vez um ensaiador, arcar com a responsabilidade do papel que pertencia a Leopoldo Fróes e dar-lhe uma interpretação de modo a satisfazer; Luiza Oliveira fazer a protagonista com aquela graça que o nosso publico já lhe conhece e aprecia; Raul Prysthon, hontem fóra dos seus papeis comicos mas correcto e sobrio; Amalia de Souza, habituada ás caricatas, transformar-se numa dama central meiga como uma vóvosinha brasileira; Vicente Cunha actuando com dramaticidade num final de acto; Carlos Bastos, Ziza Prysthon, Lourdes Monteiro, Alfredo de Oliveira, José de Souza, Augusta Moreira, Carmen Lima, Aucelia de Souza, em papeis menores, cooperando bem para o exito da representação. Mayebeer de Carvalho, que surgiu nos côros d'*A Madrinha dos Cadetes* e andava em outras peças no meio da comparsaria, teve, hontem, uma pontinha. Um tanto timido vacillante, mas é assim que

Augusta Moreira

faz o *Grupo*: de quando em quando traz à linha de frente um de seus elementos. Os que approvam, continuam na vanguarda; os outros voltam à rectaguarda para novas instrucções. Vamos a ver o que acontecerá com o Mayerbeer, mas é de louvar o modo de agir do *Gente Nossa*, que não alimenta vaidades nem dá margem a estrellismos comquanto traga para julgamento publico todos os seus elementos. O actor Carlos Torres ensaiou a peça, marcou-a, movimentou-lhe com intelligencia as figuras e desempenhou o papel de um senador ridiculo convencido de que "sua mulher tinha alma de artista". Carlos Torres foi companheiro de Leopoldo Fróes. Trabalhou com elle e, com elle, varias vezes fez diversos papeis em *Mimosa*. Está um tanto atacado da garganta, mas deu-nos um trabalho limpo e consciencioso. Trabalho de bom actor e de magnifico ensaiador que é. Com uns tempos mais, quando melhor amoldar os seus novos discípulos, teremos espectaculos de muito brilho.

Posteriormente, ainda foram à cena os dramas *Mãe Rival*, de Sonia Gourvitz, escritora israelita domiciliada no Recife, em benefício da Escola Para Anormaes, e *Mater Dolorosa*, de Júlio Dantas, além da alta comédia *Vida e Morte*, de Artur Azevedo, que serviu para comemorar o nascimento deste saudoso dramaturgo a 11 de julho, no Teatro de Santa Isabel, com nova sessão, em vesperal, dez dias depois. Mas uma das montagens

Carlos Torres

Artur Azevedo

de maior destaque do repertório foi mesmo a alta comédia em três atos *Mulato*, de autoria de Samuel Campelo, outra obra de estreia que, num grande feito para aqueles tempos, foi editada pela Sociedade Brasileira de Autores Theatraes, no Rio de Janeiro, no número 30 da coleção *Teatro Brasileiro*.

Antes da primeira récita de *Mulato*, a 13 de maio de 1935, com a presença de autoridades e discurso de Samuel Campelo como diretor do Teatro de Santa Isabel e diretor geral do Grupo Gente Nossa, foi colocada uma placa de bronze num dos corredores da casa de espetáculos com a célebre frase de Joaquim Nabuco: "Ganhamos aqui a causa da abolição". A montagem voltou àquele palco por mais três vezes, entre maio e junho, incluindo vesperal dedicada ao Instituto dos Advogados de Pernambuco. Segundo o número 4 do *Nosso Boletim* (junho de 1936, p. 4.), o *Diario da Manhã* chegou a divulgar após a estreia:

> *Mulato* é uma peça que defende interessante tese sobre consaguineidade, despertando desde o inicio a mais viva atenção pela maneira como se encadeiam as cenas e segue-se o enredo. Samuel Campêlo fez trabalho verdadeiramente notavel a revelar os conhecimentos tecnicos do seu autor a respeito do dificil genero.

Produções musicadas também compuseram o repertório do Grupo Gente Nossa em 1935, como *Luar do*

Norte, de Umberto Santiago e João Valença; *Morenas Brasileiras,* dos Irmãos Valença; *A Cabocla Bonita*, burleta de Marques Porto e Sá Pereira, que integrou um festival promovido pela PRA-8, no mês de fevereiro, em benefício do maestro e compositor pernambucano Raul Moraes, terminando com um ato variado em que participaram integrantes do *cast* da Rádio Clube de Pernambuco, da Troupe da Bôa Vontade, do Grupo Gente Nossa e do Instituto Moderno, além de vários outros amadores, e voltou à cena em vesperal no mês de maio; *Senhor de Engenho*, texto de Miguel Jasseli, com música de Gaspar Moura; a opereta regional *A Jurity*, de Viriato Correia e música de Francisca Gonzaga (Chiquinha Gonzaga), apresentada a 28 de setembro, no Teatro de Santa Isabel, como festival do ator Luiz Maranhão; e a opereta de Samuel Campelo *A Rosa Vermelha,* com música de Valdemar de Oliveira. Foi com esta que o grupo despediu-se do Teatro de Santa Isabel em 1935, a 10 de novembro, por conta de uma necessitada reforma de remodelação naquele espaço.

Ainda dos Irmãos Valença, foram apresentadas também como produções musicais a comédia musical *Cartazes de Amor*, a opereta regional *Coração de Violeiro* (que marcou a estreia do ator Fontoura Jacques no elenco do Grupo Gente Nossa), e a burleta em três atos *O Gato Escondido*, assim como o melodrama português *Rosas de Nossa Senhora*, adaptação de Celestino Silva. No ato variado em sequência desta última montagem, participação especial da cantora italiana Zaira Florenza. Isto sem contar a opereta *A Madrinha dos Cadetes*, de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, trabalho que voltou a ser reapresentado após o êxito em 1934, com sessão em vesperal a 6 de janeiro de 1935, no Teatro de Santa Isabel, tendo nos papeis principais a soprano Maria Carolina (ela, em fins de janeiro, saiu do grupo pois retornou à Bahia) e o tenor Vicente Cunha. Foi o próprio Valdemar de Oliveira quem ficou na regência da orquestra.

Também musicada, a inédita opereta *Boby e Bobette*, de Valdemar de Oliveira, foi escolhida naquele ano para celebrar o quarto aniversário de fundação do grupo, a 2 de agosto, no Teatro de Santa Isabel, com grandes despesas. A montagem, outro grande sucesso, apesar das poucas apresentações, seis ao todo, foi a primeira opereta escrita, musicada e totalmente orquestrada por Valdemar de Oliveira e contou no elenco com a participação especial da atriz Rosália Pombo, atriz de operetas dos palcos brasileiros e mais uma integrante que deixara a Companhia dos Irmãos Celestinos. Foi convidada para assumir o principal papel feminino, a personagem Bobette, por apenas quatro sessões (sendo uma em vesperal), tendo como par romântico o tenor Vicente Cunha no papel de Boby. Na coluna *A proposito...*, do *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1935), Valdemar de Oliveira, sob o pseudônimo W., pôde relembrar suas experiências anteriores em operetas (esta era sua sétima opereta):

> Surgida a ideia de uma opereta imaginada, composta e escripta aqui, pus mãos á obra e seis meses depois dei por prompta a *Berenice*, que tinha o duplo de numeros musicaes dos trabalhos desta natureza. Opereta nitidamente viennense, logo depois o Samuel Campello me procurou e me deu a ler o seu magnifico libreto de *Aves de Arribação*. Li e gostei. Lá compús a partitura e a peça correu o Brasil todo e ainda anda correndo... Vicente Celestino enthusiasmou-se e pediu outro trabalho nosso: lá tive de compor a musica da *A Rosa Vermelha*, outro "tiro" da Companhia do festejado tenor brasileiro [...] Um bello dia, recebo a incumbencia de musicar o libreto *Lindamor*, de Paulo Magalhães. Musiquei e conto a sua primeira representação como um dos mais legitimos successos a que já presenciei. Depois, entendi que devia escrever, tambem, os

Vicente Cunha

Rosália Pombo

> libretos das peças e lá nasceu *Ninho Azul* que o *Grupo Gente Nossa* enscenou mais de 20 vezes, já. Ainda compus outra – a sexta – com o velho parceiro e amigo Samuel Campello. Foi *A Madrinha dos Cadetes*, que o empresario Pinto mandou buscar, do Rio, e enscenou 46 vezes, no João Caetano. Uma ideia fixa, porém, martellava-me o cerebro; era compor, escrever libreto e musica e, sobretudo, orchestrar uma opereta. Andavam dizendo umas coisas e eu que já me conseguira libertar dos tachygraphos ansiava por ver-me sozinho, deante dos papeis de pauta, ás voltas com as "cordas", as "madeiras" e os "metaes". Pois, não lhes digo, amigos: riscado do frontispicio o primeiro titulo – *Véu de Noiva* – ahi está a *Boby e Bobette*, orchestrada sabe Deus com que canseiras e apuros. O facto é que está orchestrada e com um merito que a colloca acima de todas as orchestrações das demais: é minha.

Na realidade, as partituras para viola foram feitas por outra pessoa: Carlos Diniz, professor de orquestração de Valdemar de Oliveira. Além da grande estrela Rosália Pombo como protagonista, faziam parte da peça as atrizes Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Amália de Souza, Augusta Moreira, Carmen Lima, Leonor Lima, Maria José Cunha, Aucélia de Sousa e os atores Vicente Cunha, Elpídio Câmara, Renato Marques, Raul Prysthon, Oswaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Carlos Gonçalves, Randall de Oliveira, Fernando Barreto e Roubien, entre outros. Os ensaios foram feitos sob a direção do ator Carlos Torres. A matéria sobre a estreia no *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1935), começo fazendo elogios à atividade do Grupo Gente Nossa:

> Pode-se dizer-se, mesmo, que nenhum outro conjunto teatral conseguiu manter-se, no Brasil, em actividade regular durante tão longo espaço de tempo. [...] Durante toda a sua existencia, grandemente proveitosa aos interesses do theatro nacional, o apreciado conjunto pernambucano logrou impôr-se ao publico do Recife de uma maneira que lhe é altamente honrosa. Elle incentivou a producção theatral pernambucana que quasi não existia antes delle. Novos autores surgiram, assignando grande numero de originaes, alguns dos quaes poderiam honrar qualquer archivo theatral do país. E' possivel affirmar, por todas estas razões, que o Recife é, actualmente, o segundo centro theatral do Brasil, só comparavel, em actividade artistica, ao Rio de Janeiro.

Carmen Lima

Aucélia de Sousa

Renato Marques

Em seguida, a publicação registrou entrevista com Valdemar de Oliveira, com ele abordando não só sua proposta para a opereta, mas, também, as invejas que ela vinha despertando. Eis o que saiu ainda no *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1935):

> *Boby e Bobette* vai nos apresentar Waldemar de Oliveira numa nova faceta do seu temperamento musical: a de orchestrador. [...] A proposito da representação do seu original, em festa de anniversario do *Grupo*, procuramos ouvir o dr. Waldemar de Oliveira, que nos

respondeu, gentilmente: O libreto de *Boby* e *Bobette* foi escripto em poucos dias. O enredo estava já amadurecido em meu cerebro e para passá-lo ao papel não precisei senão de uma semana de trabalho. Trata-se de um legitimo entrecho de opereta: leve, despretensioso, sem theses cabelludas a expôr destinado, unicamente, a fazer passar o tempo, proporcionando duas horas de espectaculo ligeiro, ao publico. [...] – E a orchestração? – Ah! meu amigo! Fui tão combatido, soffri tantas restrições ao valor total dos meus trabalhos, que resolvi, de uma vez por todas, fazer calar essas vozes impertinentes. Como a opposição é necessaria á bôa pratica administrativa e politica, tambem os inimigos que a vida nos proporciona se tornam verdadeiramente imprescindiveis para nos animar para a luta e para a victoria. [...] Tenho a satisfação de poder dizer que *Boby* e *Bobette* é minha, integralmente minha: libreto, partitura, orchestração, copia, marca e até desenho de scenarios. [...] Tem sido [o Grupo Gente Nossa] o grande animador da minha actividade artitica. Devo-lhe a melhor parte dos meus triumphos e o theatro nacional lhe deve, sem duvida, um milhão de beneficios. E' preciso viver lá dentro para imaginar quanto a sua existencia é benefica, não só ao theatro de nossa terra, como a tantas e tantas pessoas que vivem, exclusivamente ou em parte, da sua existencia. Os que estão do lado de fóra não sabem o que aquillo é e, em lugar de o atacarem, sem base nem proposito superior, deveriam ir levar tambem a sua pedra á formidavel obra de Samuel Campello. E' uma instituição que deve ser quanto antes considerada de utilidade publica, para que possa ser mais efficiente a sua actuação, multiplicando-se os seus beneficios e os seus triumphos.

Segundo o *Jornal do Commercio* (3 de agosto de 1935), a peça foi levada "em primeira, com agrado", registrando o sucesso da estreia não só dos intérpretes principais, mas do "disciplinado corpo de côros". E complementou:

> Os scenarios de Gonçalves Lopes e as marcações também merecem ser apreciadas. Hontem houve muitos applausos, sendo o *Grupo* saudado por uma commissão do Gremio Familiar Afogadense e offertada linda corbelha de flores naturais á snra. Rosalia Pombo, pela directoria do Grupo.

A título de registro, os "preparos de scena" foram feitos pelas lojas Malharia Imperatriz, A Decoradora e Casa Funchal. Entre os números musicais, destaque para "alguns cheios de brasilidade, como a canção da casinha, o samba batucado: *Recorda esta canção* e um frevo typico pernambucano, lembrou ainda o *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1935). A peça fez últimas sessões, depois que uma comissão de senhoras e senhorinhas conseguiu convencer a atriz Rosália

Atores do Grupo Gente Nossa em 1935

Técnicos e intérpretes do Grupo Gente Nossa em 1935

Pombo a fazer mais duas apresentações para além das quatro inicialmente programadas, nos dias 11, em vesperal, e 14 de agosto, em sarau.

Outra opereta em três atos, *Aves de Arribação* – que nasceu como a primeira escrita sobre costumes regionais, sem enredo com influência das operetas europeias –, concebida em 1926, mas desde 1932 presente no repertório do Grupo Gente Nossa, também voltou à cena em 1935 por quatro vezes, a partir de junho, no Teatro de Santa Isabel, inclusive em festival de Luiza de Oliveira, que vivia a principal figura feminina da trama desde o ano anterior, a personagem Maria Pureza. A 17 de novembro, a montagem foi reencenada, desta vez no Cine-Theatro Glória, em Garanhuns, cidade que recebeu vitoriosa excursão do Grupo Gente Nossa, pela segunda vez, a convite da Sociedade de Cultura de Garanhuns, de 12 a 19 de novembro, além de ter visitado Palmares, nos dias 20 e 21 de novembro, exatamente por conta do Teatro de Santa Isabel estar fechado no mês de novembro para reforma e pintura.

Em Garanhuns, com nove espetáculos promovidos no Cine-Theatro Glória, entre burletas, operetas e comédias (incluindo as dramáticas e as altas comédias), a estreia se deu com *Mulato*. Seguiram-se depois, *Guerra às Mulheres*, *Um Rapaz de Posição*, *A Rosa Vermelha*, *Senhor de Engenho* (burleta com libreto de Miguel Jasseli, um dos organizadores da excursão), *Morenas Brasileiras*, *Aves de Arribação*, *Ladra* e, em "espetaculo extraordinario", como despedida, segun-

do o *Jornal do Commercio* (17 de novembro de 1935), a peça *Feitiço*. Sem a presença de Samuel Campelo nesta viagem, repousando numa estação balneária, o ator Raul Prysthon assumiu a função do diretor de cena e João Valença coordenou o conjunto musical. Em Palmares, foram levadas as peças *Ladra* e *Feitiço*. O grupo visitou ainda em 1935 a cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Durante aquele ano, nove atores do Grupo Gente Nossa promoveram festivais em seu benefício: Luiza de Oliveira, Augusta Moreira em parceria com Carmen Lima, Oswaldo Barreto, Ary Guimarães, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Vicente Cunha e Amália de Sousa. No festival desta última, por exemplo, em julho de 1935, no Teatro de Santa Isabel, foi apresentada a comédia em três atos de Lucilo Varejão, *A Casa do Gonçalo*. Já o ensaiador carioca Carlos Torres, tam-

Carmen Lima

bém como ator do grupo, promoveu um festival seu, com apresentação de *O Homem Bom*, texto de Silvino Lopes no qual vivia o papel principal. Em seguida, foi apresentada a revista em um ato *Cadeia V-8*, de autoria de diversos autores pernambucanos não divulgados na imprensa.

Como exemplo do descaso que o público pernambucano sempre manteve com a produção teatral local (algo que perdura até hoje), vale prestar atenção no que Valdemar de Oliveira pontuou sabiamente no *Jornal do Commercio* (26 de setembro de 1935), quando divulgava o festival promovido pelo ator Luiz Maranhão no Teatro de Santa Isabel, com *A Jurity*, deixando, claras, inclusive, as dificuldades financeiras porque passavam os intérpretes daqueles tempos (também, infelizmente, não muito diferente dos tempos atuais):

> Mais uma vez as portas do Santa Isabel se abrem para beneficiar um modesto actor do *Grupo Gente Nossa*. Luis (sic) Maranhão vai ter, tambem o seu festival, tão justo quanto os dos demais que ali trabalham mais por amor á arte theatral, por "cachaça pelo theatro", do que pelos parcos proventos que lhes pode dar um publico habituado a pagar theatro como quem paga cinema. O esforço daquella gente só não é avaliado pelos que não sabem o que é o martyrio das repetições, durante horas seguidas. O publico comparece ao Santa Isabel, vê em duas horas o que custou dias e dias de trabalho insano. E sai ás vezes resmungando coisas, sem olhar nenhuma attenuante e, sobretudo, sem desculpar aquillo que facilmente desculpa quando se trata de um conjunto itinerante, com nome de cartaz e com peças lendarias. Luis (sic) Maranhão pertence ao numero destes que fazem o *Grupo Gente Nossa* sem se dizerem grandes actores e, todavia, com um esforço que não é possivel perder de vista numa terra ingrata como Pernambuco. Alguns dos seus papeis, principalmente os papeis dramaticos para os quaes tem elle mais marcadas inclinações, não os esqueceu ainda o publico. Senhor de uma dicção das mais claras e equilibradas, elle occupa no Radio Clube de Pernambuco a posição de *speaker*, ao lado de outros que dedicam as suas horas de trabalho ao progresso desta brilhante sociedade. Conhecendo quasi todo o Brasil, que visitou integrando varios elencos de companhias theatraes, Luis (sic) Maranhão foi, até bem pouco tempo, um dos nossos melhores "pontos" – esse collaborador apagado e valiosissimo das representações da ribalta. Apaixonado por tudo quanto diz respeito ao cinema, possuindo, mesmo, uma das maiores collecções de *Cine-Arte* que eu conheço, Luis (sic) Maranhão tentou, por varias vezes, o cinema pernambucano. E essas tentativas não foram inteiramente despidas de merito, podendo ter sido um expressivo primeiro passo para a sua realização entre nós se porventura não tivessem faltado os elementos materiaes para um exito certo. No *Grupo Gente Nossa*, assiduo aos ensaios, sabendo sempre bem os

Luiz Maranhão

seus papeis, representando com intelligencia e vontade pura de acertar, Maranhão fez amigos como amigos fez entre a plateia – essa mesma plateia que não desdenhará ouvir, hoje, mais uma vez *A Jurity*, pelo prazer de expressar ao beneficiado as suas justas homenagens.

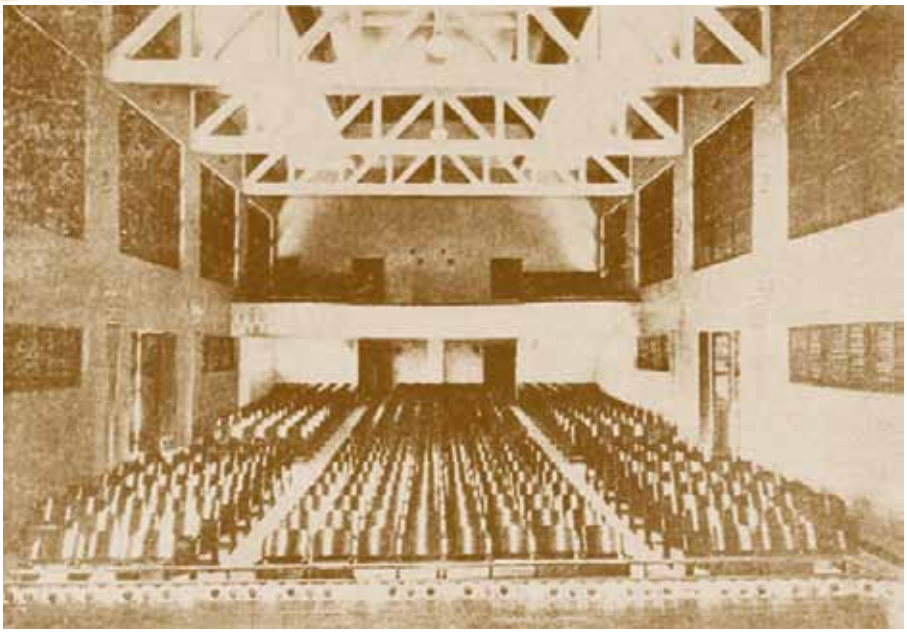
Em março, um novo ensaiador havia sido contratado, o renomado ator Carlos Torres, "a quem os artistas do Grupo ficaram devendo tão bôas lições", conforme lembrou o *Nosso Boletim* (agosto de 1936, p. 10.). Este, que por muitos anos atuou na Companhia de Leopoldo Fróes, permaneceu no Grupo Gente Nossa até setembro de 1935, voltando, depois, a morar no Rio de Janeiro. Despediu-se com a repetição da comédia dramática *O Homem Bom*, de Silvino Lopes, na qual fazia o papel principal, em sessão no Teatro de Santa Isabel em homenagem à posse do deputado Carlos Rios. A diretoria do conjunto também sofreu modificações, pois Renato Brandão saiu da mesma e, na tesouraria, Vicente Rego passou o cargo para Severino Osias. Inclusive, referente à sua tesouraria, por pouco a imagem do Grupo Gente Nossa não foi manchada devido a uma irregularidade denunciada no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1935):

> O director da Recebedoria, do Estado baixou, hontem, a seguinte portaria: O director da Recebedoria, diante das irregularidades verificadas pelo fiscal desta repartição, no Theatro Santa Isabel, pelas quaes já se acha autodado (sic) o grupo theatral denominado *Gente Nossa*, recomenda aos demais funccionarios em serviço junto ás empresas cinematographicas, campos de foot-ball e quaesquer outros estabelecimentos de diversões a mais effeiciente (sic) fiscalização no sentido de evitar que o imposto de caridade recolhido pelo publico seja sonegado pelas emprezas responsaveis. Para tal fim deverão os alludidos funccionarios observar as disposições contidas nas instruccções (sic) expedidas pelo acto n. 1.790 de 31 de dezembro de 1926 e actos posteriores pertinentes a especie, habilitando esta directoria a agir energicamente contra os infractores.

A resposta sobre o imbróglio saiu numa outra edição do *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1935), com afastamento do tesoureiro responsável:

> Recebemos a seguinte nota: O *Jornal do Commercio* de ante-hontem publicou uma portaria do snr. director da Recebedoria do Estado recommendando aos fiscaes de sello de caridade todo o cuidado e zelo no cumprimento de suas funcções nos campos de *foot-ball*, cinemas e theatros porque o *Grupo Gente Nossa* fora apanhado numa contrafacção do referido imposto. Effectivamente no espectaculo de sexta-feira ultima foi apprehendida pelo respectico (sic) fiscal, na bilheteria do *Grupo*, talão de entradas que não estava devidamente sellado. A directoria do *Grupo Gente Nossa* torna publico, entretanto, que lhe não cabe a responsabilidade do acontecido a que tambem era estranha a directoria do Theatro San-

Teatro de Santa Isabel em 1935



Auditório da Brigada Militar de Pernambuco

ta Isabel, pois é bem facil de comprehender que nem sempre os directores de repartições podem ser responsaveis pelas irregularidades praticadas pelos seus funccionarios, desde que não compactuem com elles. E foi o que aconteceu. Assim que teve conhecimento do caso, a directoria do *Grupo Gente Nossa* tratou de apurar responsabilidades, sendo o funccionario culpado (o qual, aliás, não faz parte do quadro, do pessoal do theatro) obrigado a pagar a multa lavrada e dispensado das funcções que exercia. Em edditamento á nota acima publicada nos vespertinos de hontem e para melhor esclarecimento, a directoria communica que recebeu e acceitou a renuncia do actual thesoureiro. Assumiu este cargo o adjuncto snr. Vicente Pereira do Rego que faz publico continuar como cobrador do *Grupo* o snr. Antonio Leão, escolhendo para bilheteiro o snr. Oziro de Alencar.

Elpídio Câmara

Quanto aos atores, Elpídio Câmara, que desde a fundação nunca abandonara o Grupo Gente Nossa e havia participado de todas as montagens, em começo de fevereiro afastou-se do elenco seguindo para o Rio de Janeiro, mas retornou ainda em junho. Já Renato Marques, que seguira com a Companhia Palmeirim Silva para turnês pelo Brasil em 1933, também acabou voltando ao Recife, além da atriz Luiza de Oliveira. Lectícia Flora foi quem saiu definitivamente neste ano, por conta de negócios de interesse particular. Importante registrar que o Grupo Gente Nossa construiu um mausoléu para seus falecidos artistas no Cemitério de Santo Amaro, em terreno cedido pela Prefeitura do Recife, cidade que ainda viu, a 6 de setembro de 1935, a inauguração do auditório da Brigada Militar de Pernambuco, com apresentação da sua banda e orpheão, em espaço que começou como Cinema e mais à frente foi batizado de Teatro do Dérbi.

Para além do grupo liderado por Samuel Campelo, outras sociedades de amadores teatrais prosseguiram sua atividade artística na capital pernambucana, como o Conjunto Nosso, que apresentou em abril, no Cine Theatro São João, em Tegipió, a peça *O Divino Perfume*, de Renato Vianna, com Hilton Santos, Austro Severo, Nair Sodré, Nize Cavalcanti e Carmen Sodré. Ou ainda o Gremio Familiar Afogadense,

núcleo que encenou, no Teatro de Santa Isabel, *Cala a Boca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, no mês de fevereiro (peça que chegou a visitar a cidade de Jaboatão) e, em agosto de 1935, *Dias Felizes*, obra dos Irmãos Guimarães, em homenagem aos bancários do estado, seguida de um ato de variedades. Esta equipe se dispôs também à construção de um teatro particular com a renda da apresentação vertida para tal. Por sua vez, em um festival a 11 de agosto, no Teatro de Santa Isabel, a Tuna Portuguesa levou à cena *Se o Anacleto Soubesse...*, comédia em três atos de Paulo Orlando, com ensaios orientados pelo ator Elpídio Câmara. O *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1935) divulgou mais detalhes deste festival dos artistas luso:

> Far-se-á ouvir, tambem, com novo programma, o corpo executante da Tuna, que iniciará sua exhibição, com a rhapsodia *Patria Irmã*, de autoria do maestro Zuzinha que conseguiu harmonizar, assim, musicas regionais brasileiras e lusitanas. Nos intervalos, como complemento, haverá numeros de cortina.

Já o Gremio Artistico da Paz produziu as peças *Rancho da Serra* e *Eu Mesmo Te Casarei*, esta última de Baptista Machado, seguida de um ato de variedades que terminou com um número de motivo carnavalesco. A apresentação, acontecida no dia 13 de fevereiro, no Teatro de Santa Isabel, foi em benefício da Escola Profissional Mixta de Cegos. Após sua saída do Grupo Gente Nossa, o ator e empresário Barreto Júnior exibiu-se com sua troupe no Teatro de Santa Isabel, a 14 de julho, antes de excursionar pelo interior do estado. No elenco da peça *Compra-se Um Marido*, de José Wanderley, além de Barreto Júnior no papel principal de um galã cômico, atuavam Lenita Lopes, Irma Campello, Malena Silva, Aluízio Campello, Ary Guimarães e Luiz Carneiro. Os cenários foram concebidos por Jair Miranda. Com a reforma iniciada no dia 16 de novembro de 1935 por iniciativa da gestão do prefeito João Pereira Borges, a mais disputada casa de espetáculos do Recife ficou prometida transformar-se em um "teatro novo", conforme atestava o *Nosso Boletim* (abril de 1936, p. 5.):

> [...] estará o *Teatro Santa Isabel* entregue ao publico com as suas fachadas de reboco todo novo, remodelação completa da cobertura, frisas transformadas, novo pano de boca, maquinaria apropriada ás encenações modernas, maior número de camarins com água corrente em todos eles, um gabinete para o diretor do teatro, linda pintura, novo material de caixa de orquestra e um piano para esta, instalações sanitárias de primeira ordem e sobre tudo (sic), um mobiliario decente não só para a sala de espetáculos como o salão nobre e os quartos de toucadores de senhoras.

Lenita Lopes

Irma Campello

A reforma durou quase oito meses e só foi concluída em julho de 1936. Tratando da dramaturgia, a Casa Mozart editou três peças do escritor Silvino Lopes em 1935: *Ladra*, *A Esphinge* e *O Homem Bom*. Também foi lançado para venda o nº 2 da coleção *Theatro Pernambucano*, editada pelo Grupo Gente Nossa, com a comédia *Aonde Vais, Coração?*, de Valdemar de Oliveira. Uma iniciativa que não chegou a frutificar foi o Theatro-Escola, idealizado por Luís Lapa, assim como a Sociedade dos Amigos do Theatro, dirigida por Silvino Lopes. Nos jornais, várias seções artísticas surgiram na capital, como *Notas de Arte*, de X, e *De Theatro*, de Júlio Pires, que nasceram e logo desapareceram no *Diario da Manhã*. Com raras interrupções, mantiveram-se as colunas *A proposito...*, de Valdemar de Oliveira, e *Do Meu Conservatorio*, de Alfredo Medeiros, ambas no *Jornal do Commercio*; além de *Sobe o Panno*, de Filgueira Filho, no jornal *A Cidade*.

Ainda em se tratando da imprensa, abro parênteses para recordar texto bem curioso publicado pelo *Jornal do Commercio* (29 de setembro de 1935) sob o título "Theatros", extraído do livro *Maxambombas*

e *Maracatus*, de Mário Sette, no trecho "Tempos em que ir ao theatro era ainda um grande acontecimento domestico", que rememora um acontecimento teatral do início do século XX:

> Em 1900 estreou uma troupe annunciada como infantil, embora trouxesse no elenco duas figuras femininas já "frangotinhas", como ser bonitas, vivazes e tentadoras. Umas "pimentas" como se dizia, então. Consuelo Uhles e Elvira Guedes. Por ellas tomaram-se de partido fervoroso as classes academica e caixeral, respectivamente. E o partidarismo inflammou-se de tal modo que houve mesmo um "tempo quente". Discussões, ironias, applausos, vaias, ameaças, tabefes. Um "sarapatel". As entradas em scena dessas jovens constituiam temporaes de palmas, vendavaes de berros, chuvas de flores. Os beneficios de Elvira e Consuelo boliram com o Recife inteiro. Até houve promptidão nos quarteis. Muito doutor em direito e muito abastado commerciante de agora ainda conservam escondidos na memoria lembrança daquellas mocinhas, das suas vozes, dos seus olhares. Por fim a empresa dissolveu-se. Elvira Guedes vive hoje no Rio já matrona e avó. Consuelo Uhles essa, coitada, re...[ilegível] a vida numa tragedia passional.

Tal escrita relembra um grande sucesso ocorrido entre os anos 1898 e 1901 com a Companhia Infantil do Rio de Janeiro, da Empreza (ainda com z) Dias, de Umbelino Dias, fundada em 1896. Segundo o texto "Notas de um Fichário", publicado no segundo volume da Revista *Contraponto Edição Especial* (p.90.), em comemoração ao centenário do Teatro de Santa Isabel, e que deu destaque a um registro escrito durante anos pelo pesquisador Mário Sette, a vinda desta equipe ao Recife, cujas estrelas "mirins" eram as atrizes Consuelo Ulhes, conhecida como a "espanholita", e Elvira Guedes, "que contavam entre 17 e 19 anos", gerou a criação de dois partidos inimigos, de estudantes e caixeiros, que aplaudiam suas divas e se confrontaram às últimas vias. Conta Samuel Campelo num outro artigo da mesma publicação (p.24.):

> Diz Mário Melo: "Em todos os espetáculos lá estávamos, ocupando o paraíso, para dar vivas e aplausos à nossa diva. Por vezes, além de discursos e poesias, havia discussões, que se prolongavam do teatro para a rua, e quase sempre acabavam em pugilato". [...] A Companhia esteve pela primeira vez entre nós em 1898 [Mário Sette, em "Notas de um Fichário", registra como sendo em 1899 a estreia da Companhia Infantil do Rio de Janeiro no Recife], estreando no dia 1° de maio com a opereta *Os sinos de Corneville*, seguindo a 4 de junho para o Norte e voltando dois anos depois, em 1900, para aparecer a 2 de junho e dar então ensejo à criação dos partidos de estudantes e caixeiros. Aqui se dissolveu, quando houve séria questão, por causa de Consuelo, com os estudantes e o empresário, que foi vaiado estrepitosamente no teatro, teve enterro simbólico pelas ruas e recebeu outras manifestações de hostilidade, comuns aos rapazes das escolas.

Ainda segundo Mário Sette em "Notas de um Fichário", foi em 1901 a última visita da Companhia Infantil do Rio de Janeiro ao Recife. O ator Luiz de França, um dos intérpretes a integrar a estreia do Grupo Gente Nossa, no qual permaneceu até falecer em 1932, chegou a participar do elenco da companhia carioca. Do repertório desta, pelo menos na temporada de 1900, constavam "revistas, operetas, zarzuelas, vaudevilles, peças phantasticas, comedias, cançonetas, duetos e monologos", é o que lista um anúncio no *Jornal Pequeno* (31 de maio de 1900),

com destaque para as apresentações de *Gran-Via*, *Sae... Bochecha*, *Juiz de Paz Na Roça* e *Niniche*, entre mais de trinta títulos diferentes.

Foi ainda na imprensa, quase ao finalzinho de 1935, que surgiu a coluna *O theatro carioca a vôo de passaro...*, de autor anônimo, no *Jornal do Commercio*. Na edição de 1 de dezembro de 1935, Valdemar de Oliveira explicou os objetivos da mesma:

> Excellente secção esta que nos promete um pernambucano illustre residente no Rio de Janeiro, e que deseja conservar-se no anonymato. Apaixonado das coisas de theatro, é certo, porisso, que nos enviará sempre notas de grande interesse sobre quanto occorre nos meios theatraes da capital da Republica.

A coluna tinha sabor apimentado, e não poupava críticas ao que se fazia no teatro da então capital da república brasileira. Voltando ao que mais aconteceu no universo das artes cênicas no ano de 1935, o interior pernambucano viu o florescer de novas sociedades culturais, tendo a Sociedade de Cultura de Garanhuns, com o professor Miguel Jasseli à frente, como o centro artístico de maior atividade. Entre as ações promovidas, os espetáculos teatrais com amadores *Um Sonho Que Viveu*, do próprio Miguel Jasseli e Gaspar Moura; e *Mlle. Pirulito*, de Umberto Santiago e Sérgio Sobreira; além de dois concertos, um

Umberto Santiago

a cargo de Reis e Silva e Carmem Gomes, e outro, de Benjamin Wolkoff e Derzuillo Correia. A equipe também foi responsável, em novembro, por organizar a excursão do Grupo Gente Nossa a Garanhuns. Complementou Valdemar de Oliveira no retrospecto artístico do ano publicado no *Jornal do Commercio* (5 de janeiro de 1936):

> Caruarú teve tambem a sua sociedade de cultura, que não chegou a movimentar-se. A de Palmares teve pequena actividade. Em Jaboatão, o Grupo Theatral Samuel Campello estreou com *O Sympathico Jeremias* e, Goyanna e Ribeirão, grupos locaes enscenaram varias peças.

Foi a 3 de setembro de 1935 o lançamento do Grupo de Amadores Samuel Campello, no Theatro Municipal de Jaboatão, com a comédia em três atos *O Symphatico Jeremias*, de Gastão Tojeiro. O coletivo foi criado para homenagear o diretor do Grupo Gente Nossa, pois ele residiu por alguns anos naquele município, e marcou presença na estreia, encontrando um teatro literalmente cheio. No elenco, somente rapazes e senhorinhas da sociedade local, Achilles Motta (também organizador do grupo), Aluísio Costa, Epaminondas Silveira, Sidrack Araújo, Severino dos Santos, Sebastião dos Santos, Wenceslau Bruno, Elfreed Klin, Antonieta Santos, Nympha Sant'Anna e Eulina Vasconcellos. "O Grupo de Amadores Samuel Campello deixou bôa impressão no auditório, pelo que se prepara para outro espectaculo em outubro próximo", escreveu Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (7 de setembro de 1935), achando "regular" o desempenho do elenco. Na imprensa, não há registro de nova montagem do grupo ainda em 1935.

Também neste ano a música e o teatro pernambucano se projetaram fora do estado com o ruidoso êxito da opereta *Ninho Azul*, de Valdemar de Oliveira, encenada pela Companhia dos Irmãos Celestinos, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e em várias outras cidades. Somente o Grupo Gente Nossa já a havia apresentado por mais de vinte vezes. Ainda na capital do país foi representada a alta comédia *Ladra*, de Silvino Lopes, no Theatro João Caetano, pela companhia Theatro-Escola dirigida por Renato Vianna, que a es-

Leonid Socoloff

colheu como encerramento da sua temporada teatral do ano. No Recife, das equipes visitantes, chegaram a carioca Companhia Jardel-Jércolis, de passagem para a Europa, que apresentou um espetáculo variado no Teatro de Santa Isabel, com grande publico que "applaudiu e bisou varios numeros dos actores Mesquitinha, Pepito Romeu, [Grande] Othelo, Vieira, Alonso Stuart e Daniel e das sambistas Nair Farias e Durvalina Duarte", conforme registro do *Jornal do Commercio* (25 de setembro de 1935); enquanto que o Trio Max realizou ali uma temporada teatral, o mesmo fazendo o ator trágico Leonid Socoloff e a comediante Gnese Ninina, dois elementos de destaque do teatro israelita, que voltaram a se apresentar ao público recifense, desta vez com a peça *O Genitor* (*O Pai*), do dramaturgo sueco August Strindberg, escrita em 1887.

O Trio Max era um trio de atores, cantores e instrumentistas que fez sessões espaçadas no Teatro de Santa Isabel em 1935. No dia 25 de setembro, por exemplo, sob patrocínio da Associação de Chronistas Desportivos de Pernambuco, o espetáculo foi promovido em benefício do ator cômico Avelino Soares e do secretário do grupo, Antônio Azevedo. A apresentação teve como número principal a peça em um ato *Farrapo Humano*, do teatrólogo português Manuel Laranjeira, seguida da peça cômica *Criados Modernos*, e um ato variado com destaque à conferência humorística *A Revolução de 30*, por Avelino Soares. Num outro momento, foi realizado um festival da senhora Maria Max, com o texto dramático *Não Me Batas, Meu Filho*. O Trio Max encerrou ainda uma das sessões em vesperal da peça *Ladra*, do Grupo Gente Nossa, no Teatro de Santa Isabel, com a peça cômica *Precisa-se de Creados*.

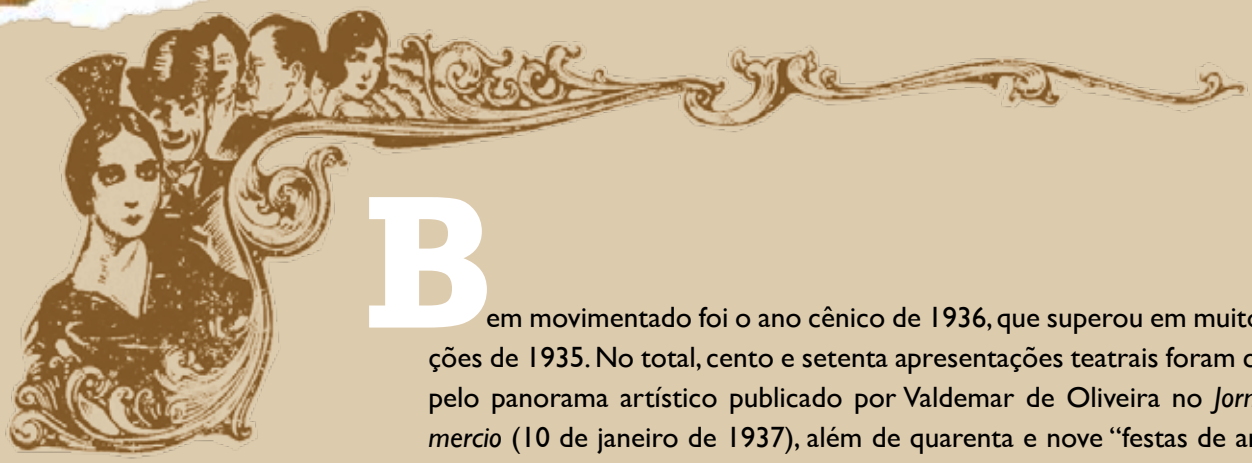
Interessante é que, com única sessão no dia 8 de fevereiro de 1935, no Teatro de Santa Isabel, a Companhia Israelita de Dramas e Operetas, tendo como estrelas Anna e León Blumental, além do jovem artista Moris Blumental, apresentou a peça em quatro atos, com números de canto e dança, *Onde Estão os Meus Filhos?*, de Kalmanovitch, contando, inclusive, com "elementos locais" no elenco, segundo o *Diario de Pernambuco* (8 de fevereiro de 1935), ou seja, os mais destacados artistas dos círculos teatrais israelitas no Recife. Ainda foi anunciado, para a sexta-feira seguinte, *Di Ydische Mame*, segundo um programa registrado no livro *Drama & Humor – Teatro Ídiche no Brasil*, organizado pela dupla Susane Worcman e Paula Ribeiro. Naquele ano de 1935, em outubro, foi lançado o filme musicado *A Cabocla Bonita*, concebido a partir da peça homônima de Marques Porto e Ary Pavão, com partituras de Assis Pacheco e Sá Pereira, numa produção da Fiel-Film não muito bem recebida por público e crítica nos sete dias em que ficou em cartaz, mesmo sendo divulgada como "A musica e a canção nacional no primeiro film-opereta que se produz no Brasil", conforme anúncio no *Jornal do Commercio* (10 de outubro de 1935). A direção foi de Léo Marten, com música ao cargo do maestro Wogeler, e tendo

O ator Miguel Max, do Trio Max

no elenco nomes como Sonia Veiga, Dulce de Almeida, Sylvio Vieira, Drummond Filho e Maria Castro. Um dia antes da estreia no cinema do Teatro do Parque (com lançamento a 14 de outubro), o Grupo Gente Nossa voltou a reapresentar a obra em vesperal no Teatro de Santa Isabel, a pedidos do público. No elenco, Vicente Cunha, Luiza de Oliveira, Elpídio Câmara, Raul Prysthon, Renato Marques, Luiz Maranhão, Carlos Codeceira, Osvaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Lourdes Monteiro, Amália de Souza e Carmen Lima, entre outros.

Ainda em fevereiro, o Circo Norte-Americano, dirigido pelos irmãos Stevanovich, fez parada no Parque 13 de Maio, com "espectaculos estritamente familiares", lembrou o *Diario de Pernambuco* (31 de janeiro de 1935), chegando a oferecer entrada grátis às senhoras ou senhoritas acompanhadas. Já no mês de outubro, a partir do dia 18, quem fez muito sucesso com temporada no Teatro de Santa Isabel foi o ilusionista, telepata e prestidigitador alemão Cantarelli, apresentando espetáculos como *Matinée Mágica* ou *3 Horas no Reino dos Mysterios*. O mágico, inclusive, fez um desafio público a uma comissão de representantes da imprensa e da Rádio Clube de Pernambuco para que escondesse um objeto qualquer no centro da cidade. Com ampla divulgação da firma Farmaco Ltda., ele acabou encontrando um vidro de Frixal, remédio contra a dor. Estratégias de *marketing* à parte, o fato é que, no total, seguindo a retrospectiva teatral do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (5 de janeiro de 1936), chegou-se ao número de 150 espetáculos teatrais realizados em Pernambuco em 1935, menos da metade do ano anterior.

1936



Bem movimentado foi o ano cênico de 1936, que superou em muito as realizações de 1935. No total, cento e setenta apresentações teatrais foram computadas pelo panorama artístico publicado por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (10 de janeiro de 1937), além de quarenta e nove "festas de arte". Como "estrelas" em destaque, o jornalista citou a vinda da Grande Companhia Brasileira de Comédias, de Jaime Costa, do Rio de Janeiro, e o grande número de concertos musicais avulsos, nomeando ainda a Sociedade de Cultura Musical, a Associação dos Amigos da Arte, a Rádio Clube de Pernambuco e o Grupo Gente Nossa como as organizações locais de maior atividade. Isto com o Recife enfrentando o fechamento do Teatro de Santa Isabel até a primeira quinzena de julho, por conta de uma reforma de remodelação. Ainda assim, Valdemar de Oliveira deu à cidade o crédito de "capital artística do Norte". E complementou:

> A temporada de 1936 culminou com a festa em homenagem a Carlos Gomes, levada a effeito em 11 de julho, no Santa Isabel, organizada pela *Cultura* e pelo *Radio Clube* e com a qual se reinaugurou aquella casa de espectaculos. Numa resenha como a que se vai ler é justo destacar, de logo, essa festividade, cujo brilho não admitte confronto com qualquer outra realização de arte, em qualquer tempo, no Recife.

Entre o Teatro de Santa Isabel e o Cine Encruzilhada, a visitante Grande Companhia Brasileira de Comédias, dirigida por Jaime Costa, ofereceu sessenta e oito sessões de espetáculos, divulgando textos cômicos como *Tabú*, *Sansão*, *Bicho Papão*, *Canto Sem Palavras*, *O Amor Não Envelhece*, *História de Carlito*, *O Homem da Cabeça de Ouro*, *Não Sei Se Me Faço Compreender*, *Zulú*, *Feitiço*, *Preciso de Um Pai* e *Bombonzinho*. E se no início daquele ano surgiu a Companhia de Comédias e Vaudevilles Barreto Júnior, formada por elementos pernambucanos para turnê pelos teatros

Renato Marques, Lenita Lopes e Barreto Júnior

oficiais de João Pessoa, Natal, Fortaleza, São Luís, Belém e Manaus, contando sempre com o auxílio dos respectivos governos e apresentando um repertório todo de autores brasileiros, a partir de 22 de outubro o público recifense pôde ver oito produções da agora intitulada Companhia Brasileira de Comédias, dirigida

Gina de Almeida

pelo mesmo ator-empresário Barreto Júnior. Entre as peças cômicas apresentadas na temporada do Teatro de Santa Isabel, *Pense Alto*, de Eurico Silva, *O Outro André*, de Correia Varella, *Compra-se Um Marido*, de José Wanderley, *Zezé*, de Filgueira Filho e Elpídio Câmara, e *Paternidade*, de Joracy Camargo, todas a preços populares, mas "não conseguindo, porém, despertar o interesse publico", segundo Valdemar de Oliveira naquela matéria retrospectiva no *Jornal do Commercio* (10 de janeiro de 1937). No elenco da companhia, nomes como Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Lectícia Flora, Lenita Lopes, Oswaldo Barretto, Luiz Carneiro, Renato Marques, Júlia Santos, Zulila Aguiar, Jeanette Muller, Gina de Almeida e o próprio Barreto Júnior.

Por sua vez, o elenco da Tuna Portuguesa ainda chegou a fazer cinco sessões ao público recifense – *O Amigo Terremoto*, de Renato Alvim e Nelson de Abreu, por exemplo, foi apresentada em sua sede social, em dezembro, dirigida por Elpídio Câmara – e aconteceram, também, quatro outros espetáculos diversos. O Grupo Scenico Espinheirense, por exemplo, em homenagem a vários elementos do seu elenco feminino, apresentou, de 26 a 30 de dezembro, no Teatro de Santa Isabel, uma série de espetáculos intitulados *Noite Portuguesa*, festa de Jandyra Albuquerque com representação das peças portuguesas *Rosas de Nossa Senhora* e *O Primeiro Beijo*; *Noite de Amor*, festa de Dardina A. Lima, com representação da "peça farça" *Milagres do Amor*; *Noite dos Beijos*, festa de Victoria Martins, com representação da fina comédia *Cala a Bocca, Etelvina!*; *Noite de Saudade*, festa de Denize Albuquerque, com representação da alta comédia *Saudade (A Jovem Vovó)*; e a *Noite dos Sonhos*,

festa de Dedrana A. Um ato variado diferente encerrava cada uma destas noites. Mas o grande destaque da produção local foi mesmo o Grupo Gente Nossa, que chegou a fazer oitenta e sete sessões de espetáculos em 1936. Valdemar de Oliveira, naquela mesma matéria retrospectiva, lembrou o que passou a equipe "devido aos trabalhos de remodelação do nosso velho theatro oficial":

> De logo enfrentou uma crise seria no seu elenco que ficou quasi reduzido a um terço porque a maioria dos elementos se uniu ao actor Barreto Junior, para a fundação de uma companhia de comedias que chegou a excursionar até Manaus. O Gente Nossa, que tem soffrido por varias vezes crises semelhantes em pouco tempo estava com o elenco refeito, accressido (sic) de elementos novos [Caldas Araújo, Marisa Reis e Mávio Roberto foram alguns deles], mas restava o problema do theatro que foi, enfim, solucionado com o offerecimento da directoria do Grupo Familiar Magdalenense, do theatrinho deste a rua Manuel Bezerra e com auxilio da Prefeitura do Recife que cedeu ao Grupo as cadeiras antigas do Santa Isabel e os espectaculos foram então iniciados na Magdalena, onde ficaram se realizando até o fim do anno e ainda hoje continuam.

Caldas Araújo

Marisa Reis

Mávio Roberto

Uma das maiores conquistas para o Grupo Gente Nossa foi ter sido reconhecido de utilidade pública "pelos relevantes serviços prestados ao theatro nacional", projeto enviado à Câmara Estadual pelo deputado Arsênio, "sendo votado sem a menor discrepancia de voto e convertido em lei pelo governador do Estado, a 14 de novembro, recebendo o numero 176. Foi o premio que o Grupo Gente Nossa teve dos poderes públicos no anno findo de 1936", lembrou Valdemar de Oliveira naquele mesmo jornal.

O coletivo ainda lançou, a partir de março, um informativo mensal chamado *Nosso Boletim*. Nas oito páginas disponíveis, além de fotos, notícias sobre suas atividades, inclusive com descrição detalhada da atuação por meses e anos antes; informações sobre grupos, não só de Pernambuco, mas de outros estados nordestinos; seções específicas dedicadas a contar a trajetória de autores, atores e músicos; uma dedicatória intitulada "Saudades", sobre aqueles que já morreram; além da repercussão do próprio boletim pelo Brasil afora, com opiniões sobre o Grupo Gente Nossa. Ainda naquela mesma matéria retrospectiva de 1936, no *Jornal do Commercio* (10 de janeiro de 1937), Valdemar de Oliveira saldou ainda mais a publicação:

> *Nosso Boletim* é distribuído por todos os Estados e leva a toda parte o nome de Pernambuco theatral, tendo sido recebido enthusiasticamente pela imprensa e gente de theatro, de norte a sul. Já foram publicados oito números de tão interessante mensário e acha-se no prelo um numero duplo, correspondente aos meses de novembro e dezembro que não ficaram promptos há tempo, por accumulo de trabalho na typographia onde é impresso.

Promovendo espetáculos todos os domingos, e um ou outro em dias de semana, o Grupo Gente Nossa cumpriu o seguinte repertório em 1936: no Theatro

GRUPO GENTE NOSSA

Fundado no Theatro Santa Isabel do Recife a 2 de Agosto de 1931.

NOSSO BOLETIM

Numero 3 | Recife - Maio - 1936 | Ano 1

HA 86 ANOS...

O Teatro Pernambucano nos centros literarios

Na «Academia Brasileira de Letras» e no «Congresso das Academias», no Rio de Janeiro

GUARATON

FORTIFICANTE VEGETAL E ALIMENTO MEDICINAL

Filgueira Filho

Leopoldo Froes, no bairro da Magdalena, cuja estreia por lá aconteceu a 12 de janeiro, com a comédia musicada *Morenas Brasileiras*, original dos Irmãos Valença, e onde também festejou o seu quinto aniversário, a 2 de agosto, com a opereta *A Rosa Vermelha*, de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, a equipe contabilizou cinquenta e seis sessões de espetáculos, sendo trinta e quatro peças declamadas e vinte e duas musicadas. Valdemar de Oliveira festejou no *Jornal do Commercio* (15 de março de 1936): "Casas cheias, entupidas, gente brigando na porta para entrar, um sucesso integral". Já no theatrinho da Tuna Portuguesa, na rua do Imperador, no mês de maio, a partir do dia 10, o Grupo Gente Nossa realizou vesperais aos domingos, incluindo concertos, num total de onze apresentações, sendo sete de espetáculos declamados e quatro musicados.

No mês de abril, por exemplo, mesmo enfrentando o fechamento do Teatro de Santa Isabel, o conjunto "não esmoreceu" e ocupou o Theatro Leopoldo Froes, de propriedade do Gremio Familiar Magdalenense, sempre às sextas-feiras, com as peças *Que Loucura, Leonor...*, comédia em três atos de Filgueira Filho; *Aves de Arribação*, opereta também em três atos de Samuel Campelo, com partitura de Valdemar de Oliveira, em sessão repetida; e *O Amigo Tobias*, comédia espanhola de González del Toro e André del Prada, traduzida e adaptada por Brandão Sobrinho. Atendendo ao convite do Gremio Artistico Peixoto Junior, o Grupo Gente Nossa aproveitou o momento de ausência de palco ideal no Recife e foi fazer sua primeira visita à cidade de Goyanna, no dia 21 de abril de 1936, conquistando "um dos maiores triunfos" de sua existência, segundo retrospectiva do *Nosso Boletim* (maio de 1936, p. 3.):

> O nosso conjunto foi tratado carinhosamente na gloriosa terra de Nunes Machado, não somente por parte dos dirigentes do "Peixoto Junior" a cuja frente se acham os drs. Otavio Pinto, promotor publico, Clovis Guimarães e Louro Raposo, medicos, como das figuras mais em evidencia da politica local: o atual prefeito cel. José Pinto e o prefeito eleito dr. Benigno de Araujo. A gentilesa (sic) desse ultimo chegou ao ponto de, antes de começar o espetaculo ali realizado, fazer uma saudação ao "Gente Nossa" á qual agradeceu o nosso diretor geral dr. Samuel Campêlo. O publico goianense fez superlotar o "Cine-teatro Politeama", aplaudindo calorosamente o "Grupo Gente Nossa" e a peça representada: a burleta de Marques Porto e Ari Pavão com partitura de Sá Pereira: *A Cabocla Bonita*. Durante o espetaculo executou diversas peças a banda musical "Saboeira", de tradição em Goiana. O

Grupo Gente Nossa em 1936

> orgão local *O Goianense*, na sua primeira edição após o espetaculo, abriu a primeira pagina publicando cativante notícia do "Grupo Gente Nossa" [...] Em Goiana, o publico espera com assiedade (sic) a volta do "Gente Nossa" já se tratando da realização de mais espetaculos no mês de Junho ouaJulho (sic) proximos.

No mês de maio, o Grupo Gente Nossa continuou realizando espetáculos e indo, inclusive, a outro espaço teatral do Recife, a sede da Tuna Portuguêsa. Além de ocupar o Theatro Leopoldo Froes, na Magdalena, com sessões em sarau das comédias *Cala a Boca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, *Bombonzinho*, de Viriato Corrêa, e *É Preciso Casar Terêza* e *Casa de Maribondos*, ambas de Umberto Santiago, este última seguida de números de variedades em festival do ator Ary Guimarães; da comédia dramática *Ladra*, de Silvino Lopes, em festival do ator Raul Prysthon; de *Luar do Norte*, burleta de Umberto Santiago, com música de João Valença, e da opereta *Mle. Pirulito*, outra obra de Umberto Santiago, com música de Sérgio Sobreira; a equipe também fez sessões vesperais no teatro da Tuna Portuguêsa, com as comédias *Guerra às Mulheres*, de Paulo Magalhães, *Casa de Gonçalo*, de Lucilo Varejão, *É Preciso Casar Terêza*, de Umberto Santiago, e *Um Rapaz de Posição*, de Valdemar de Oliveira. Ainda no dia 12 de maio, o Grupo Gente Nossa pôde visitar o município de Escada, terra natal de Samuel Campelo, com apresentação da burleta *O Gato Escondido*, dos irmãos Raul e João Valença, no Cine-Teatro Visconde de Utinga, em benefício das obras da igreja matriz da cidade. O *Nosso Boletim* (junho de 1936, p. 3.) recordou o fato:

Ary Guimarães

> O teatro esteve completamente cheio tendo, antes do espetaculo, usado da palavra o advogado dr. Antonio Valença. O "Grupo Gente Nossa" foi a Escada, acompanhado pelo seu diretor geral dr. Samuel Campelo e levando o seguinte elenco: tenor Vicente Cunha, soprano Luiza [de] Oliveira, atores Raul Priston, Luiz Maranhão, Alfredo de Oliveira e Maierber de Carvalho, atrizes Amalia de Sousa e Ziza Priston, Abelardo Cavalcanti (ponto), Mario Freitas (contra-regra), Ari Guimarães (secretario), Ferreira da Costa (maquinista) e elementos de orquestra: Eugenia Gama (piano), João Ribeiro (violino), John Johnson (clarineto), João Valença, regente. O Grupo foi recebido e hospedado pela comissão da festa, á frente os srs. vigario do municipio, coletor federal Amaro

Raul Prysthon

Luiz Maranhão

Abelardo Cavalcanti, o ponto

Cunha e farmaceutico Jorge Cruz e voltou no dia seguinte para o Recife, pelo trem da Great Western.

Nos meses de junho e julho, ocupando apenas o Theatro Leopoldo Froes, seguiram-se sessões de *Coração de Violeiro*, opereta de Raul e João Valença, das comédias *Flores de Sombra*, de Cláudio de Sousa, em festival da atriz Aucélia de Sousa, *O Herdeiro do Trono*, de Filgueira Filho, O Ministro do Supremo, de Armando Gonzaga, e *O Interventor* e Guerra ás Mulheres, ambas de Paulo Magalhães; das burletas *Ilusões do Amor*, de Miguel Jasseli, com música de Gaspar Moura, e *Luar do Norte*, de Umberto Santiago e João Valença, esta última em festival do ator Alfredo de Oliveira; de *Rosas de Nossa Senhora*, melodrama de Celestino Silva, e de *Morenas Brasileiras*, comédia musicada dos Irmãos Valença. Com a conclusão da remodelação do Teatro de Santa Isabel e após a vitoriosa temporada da Grande Companhia Brasileira de Comédias, com o ator e empresário Jaime Costa à frente, a equipe pernambucana voltou ao principal palco do Recife no dia 15 de outubro e, embora interrompido por outras produções, conseguiu promover por lá sete espetá-

Gaspar Moura

THEATRO SANTA ISABEL

HOJE

JAYME COSTA

GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE COMEDIAS
DA QUAL FAZ PARTE A ACTRIZ LYGIA SARMENTO

ULTIMA SEMANA DE ESPECTACULOS

A' S 21 HORAS

Recita artistica de Ramos Junior, dedicada as CLASSES ARMADAS nas pessoas de seus DD. Commandantes e em homenagem ao Exmo. Sr. General NEWTON CAVALCANTI, M. D. Commandante da 7ª. Região Militar

Representação da engraçadissima peça em 3 actos, original do grande comediographo brasileiro, VIRIATO CORREA o record da presente temporada

BICHO PAPÃO

No Cock Tail-Night — Bailados, canções, humorismo

AMANHÃ — A's 15 horas, ultima vesperal das Normalistas, 50 % de abatimento em todas localidades, BONBONZINHO de Viriato Corrêa.

A's 21 horas — Festival em beneficio da Sociedade de Defesa Contra a Lepra e do Sanatorio da Medalha Milagrosa. A comedia: O HOMEM DA CABEÇA DE OURO.

SEXTA-FEIRA — Recita artistica da bailarina mundial Otorito de Naya e Silva Filho, o magico do chapéu de palha.

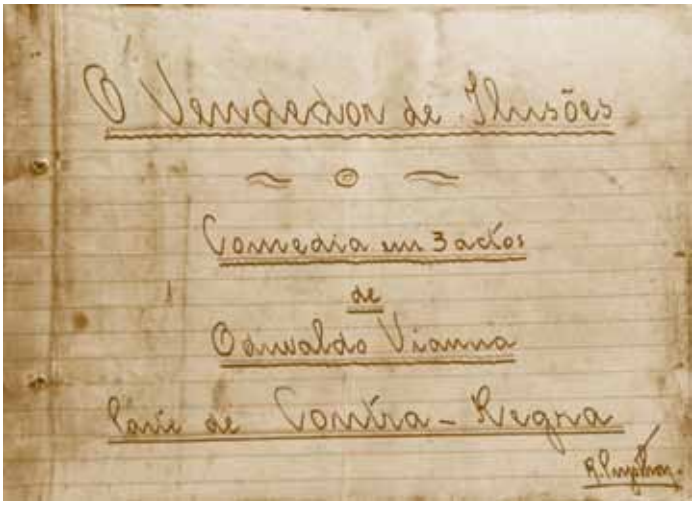
SABBADO — Festa artistica de Jayme Costa em homenagem a S. Excia. Dr. Carlos de Lima Cavalcanti, D. D. Governador do Estado. Para essa festa, mais um successo de Viriato Corrêa — ZUZU' — Sensacional programma.

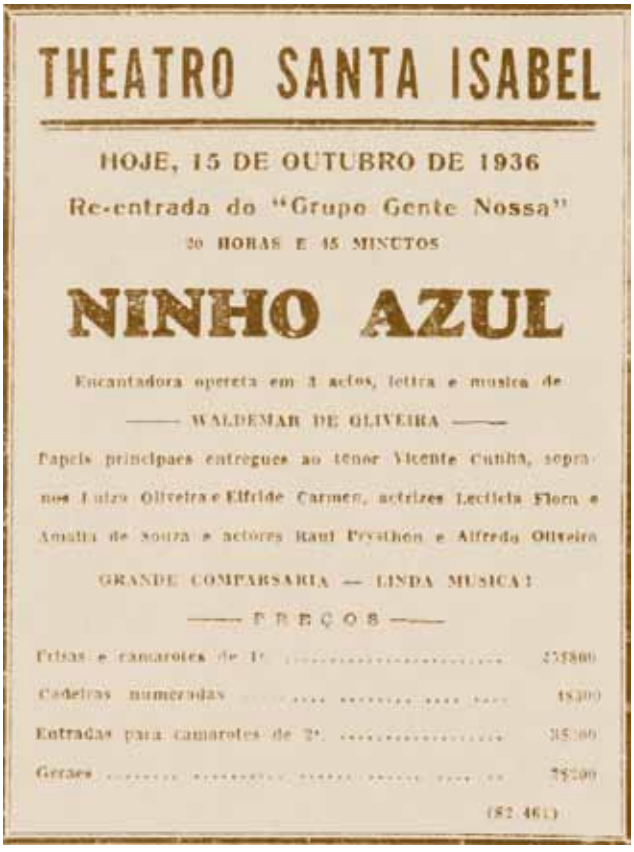
DOMINGO — Despedida da companhia — Grande Programma. Na Vesperal, a pedido FEITIÇO. A' noite uma surpresa.

(81.989)

culos declamados e quatro musicados. Foi ainda para o Cine Encruzilhada, onde estreou a 25 de outubro, dando ali, até o fim do ano, entre vesperais e saraus, treze espetáculos, num total de oito peças declamadas e cinco musicadas. Ainda na agenda de 1935, o Grupo Gente Nossa visitou, pela segunda vez, a cidade de Goyanna, no dia 21 de julho, representando a opereta *Aves de Arribação*. Mas as dificuldades não foram poucas para manter-se em tamanha atividade.

No entanto, muitas obras foram valorizadas e vale listar as peças que ganharam os palcos pelo Grupo Gente Nossa em 1936: *A Cabocla Bonita*, *Aves de Arribação*, *Ninho Azul*, *Guerra ás Mulheres* (cada qual com quatro sessões no ano); *Morenas Brasileiras*, *Luar do Norte*, *A Rosa Vermelha*, *Cala a Bocca, Etelvina!*, *Ladra*, *É Preciso Casar Theresa* e *O Erro do Criador* (três vezes cada uma); *Rosas de Nossa Senhora*, *O Gato Escondido*, *A Jurity*, *Illusões do Amor*, *Um Rapaz de Posição*, *Casa de Gonçalo*, *Que Loucura Leonor...*, *Bombomzinho*, *O Herdeiro do Throno*, *Feitiço*, *Não Me Conte Esse Pedaço*, *A Mulher do Trem*, *Empresta-Me Tua Mulher*, *O Vendedor de Illusões*, *O Rei dos Tios*, *A Boneca Allemã* e *A Mulher Que Furtou* (duas vezes cada uma); *Uma Senhora Viúva*, *Senhor de Engenho*, *Coração de Violeiro*, *Mlle. Pirulito*, *O Amigo Tobias*, *Flores de Sombra*, *O Interventor*, *O Ministro do Supremo*, *O Mysterio do Cofre*, *A Honra da Tia*, *As Moças de Hoje*, *Mania de Grandeza*, *Onde Canta o Sabiá*, *O Filho Não é Meu*, *A Sogra*, *Um Conto de Natal* e *Casa de Marimbondos* (em única récita cada uma).


O Vendedor de Illusões
~ o ~
Comedia em 3 actos
de
Oswaldo Vianna
Para a Companhia - Revista


THEATRO SANTA ISABEL
HOJE, 15 DE OUTUBRO DE 1936
Re-entrada do "Grupo Gente Nossa"
20 HORAS E 45 MINUTOS
NINHO AZUL
Encantadora opereta em 3 actos, lettra e musica de
WALDEMAR DE OLIVEIRA
Papeis principaes entregues ao tenor Vicente Cunha, soprano Luiza Oliveira e Elfride Carmen, actrizes Lecticia Flora e Amalia de Souza e actores Raul Peyshon e Alfredo Oliveira
GRANDE COMPARSARIA — LINDA MUSICA!
PREÇOS
Frisas e camarotes de 1ª ..... 25$000
Cadeiras numeradas ..... 15$000
Entradas para camarotes de 2ª ..... 3$000
Geraes ..... 2$000
(82:461)

Quanto aos dramaturgos, o próprio Valdemar de Oliveira foi o escritor mais representado, num total de dezoito vezes no ano, sendo onze pelas suas partituras e sete pelas peças declamadas. Seguiram-se Samuel Campelo (dez libretos e comédias), João Valença (dez partituras), Umberto Santiago (oito libretos e comédias), Filgueira Filho (sete vezes), Silvino Lopes e Raul Valença (seis vezes cada um), Paulo Magalhães (cinco vezes), Oduvaldo Vianna, Armando Gonzaga, Viriato Correia, Marques Porto, Ary Pavão e Miguel Santos (todos com libretos ou comédias, quatro ve-

Paulo Magalhães

zes cada um) e Sá Pereira (partitura, quatro vezes); Miguel Jasseli (libretos) e Gaspar Moura (partituras), três vezes cada um; Lucilo Varejão, Maria Rosa Ribeiro, Rangel de Lima, Baptista Machado, Celestino Silva, Maurice Hennequin (libretos ou comédias) e Francisca Gonzaga (Chiquinha Gonzaga, com partitura), duas vezes cada um; Gastão Tojeiro, Cláudio de Sousa, Abdon Milanez, Américo Azevedo, Paulo Nobre, Baptista Diniz, Gonçalves de Tori, André del Prada e Brandão Sobrinho (todos com comédias) e Sergio Sobreira (partituta), uma vez cada um.

A dramaturgia, de fato, vivia um momento alvissareiro. Silvino Lopes escreveu, entre outras comédias e altas comédias, *Destino*, *Petronio*, *O Tufão*, *O Santo*, *Era Uma Vez Um Vagabundo*; já Valdemar de Oliveira concluiu a comédia *Honra ao Mérito!*; e Os Irmãos Valença continuaram a escrever *A Menina dos Meus Olhos*. Miguel Jasseli publicou *Casa de Pensão*; enquanto que Hermógenes Vianna entregou para João Valença musicar o seu primeiro libreto, *Sonho de Amor*, e terminou uma alta comédia, *Silencio*, que concorreu ao concurso da Associação dos Artistas Brasileiros. Vale citar ainda os novos ou primeiros escritos de Sanelva de Vasconcelos, de Fernando Mota e de Maria Augusta Pessôa. Foram ainda encenadas "em premiére", a comédia *Zezé*, da parceria Filgueira Filho e Elpídio Câmara, e *O Erro do Criador*, de Filgueira Filho e Silvino Lopes, com destaque às atrizes Luiza de Oliveira, Jeannette Muller e Aucélia de Souza. No Theatro do Barro, várias outras

Jeannette Muller

Samuel Campelo

comédias ganharam a cena, entre elas, *Graças a Deus*, de autoria de Armando Gonzaga, e *Dias Felizes*. Já a visitante Companhia de Fantoches Lyricos e Comicos promoveu alguns espetáculos no Teatro de Santa Isabel.

Realizou-se, também, em março de 1936, no salão nobre do mais disputado teatro da capital pernambucana, o I Congresso de Amadores Theatraes, sob presidência de Samuel Campelo. Uma de suas principais realizações foi a criação da Federação Theatral Pernambucana, fundada alguns dias depois em concorrida reunião com vários representantes de grêmios e associações teatrais do interior do estado, com destaque às cidades de Canhotinho, Victoria, Palmares, Ribeirão, Quipapá e Goyanna (que naquele momento estava em um esforço para construir o seu teatro próprio). A presidência da Federação Theatral Pernambucana ficou com o professor Miguel Jasseli, também presidente da Sociedade de Cultura de Garanhuns, mas ainda estavam na diretoria o vice-presidente dr. Octavio Pinto (do Gremio Artistico Peixoto Junior, de Goyanna); João Schettini como 1° secretário (ele também da Sociedade de Cultura de Garanhuns); José Lucas (da Juventude Canhotense), como 2° secretário; e Alberto Ferreira (da Tuna Portuguesa) como tesoureiro.

Das organizações teatrais filiadas à Federação Theatral Pernambucana constavam a Sociedade de Cultura de Garanhuns, com alvo em todas as manifestações artísticas e mantendo um corpo cênico próprio; a Sociedade de Cultura de Palmares, com sede própria e biblioteca; o Gremio Leopoldo Froes, de Victoria; o

Gremio Artistico Peixoto Junior, da cidade de Goyanna; o Gremio Dramatico, de Gravatá; o Gremio Polymathico, do município de Ribeirão; o Gremio Diversional, de Catende; o Gremio Carlos Gomes, de Caruarú; o Grupo da Gente, de Quipapá; o Gremio Samuel Campello, do Jaboatão; e o Grupo Gente Nossa, Gremio Familiar Magdalense, Gremio Dramatico do Barro e Tuna Portuguesa, os quatro últimos do Recife. Sobre este assunto, entre as mais interessantes resenhas do ano publicadas pelo *Jornal do Commercio* (6 de dezembro de 1936), Valdemar de Oliveira escreveu:

> Fundada apenas há alguns meses, a Federação Theatral Pernambucana, vem realizando um interessante programma de difusão artistica, no interior do Estado, [...] E escreve [o professor Miguel Jasseli] então: "Como fruto do *Congresso de Amadores*, em 29 de junho, realizou-se a installação, nos salões da *Tuna Portuguesa*, no Recife, da *Federação Theatral Pernambucana*, como orgão controlador de todo o movimento cultural do interior e de todas as sociedades de amadores theatral do Estado. [...] A *Federação* tem incrementado o movimento artistico-theatral do Estado, promovendo festas, distribuindo peças, emprestando scenarios, fazendo permutas de amadores, incentivando o gosto pelas coisas da intelligencia, entre as populações de quase todas as cidades do Estado. Além disto, tem resolvido contendas, tem conseguido favores dos poderes municipaes e tem organizado excursões de propaganda. Como presidente da *Federação* tenho mantido correspondencia com todos os leaders do nosso movimento e visitado as principaes sociedades, como sejam: Canhotinho, Victoria, Palmares, Ribeirão e Quipapá. Em todas essas cidades, além de visitas aos membros das directorias e do corpo scenico locaes, fiz conferencias sobre o movimento cultural pernambucano, despertando maior enthusiasmo entre os interessados e sympathizantes. [...] Infelizmente o movimento artistico-theatral do interior e quiçá de todo o Estado, vem encontrando uma difficuldade quasi intransponivel: a falta de salas de espectaculos. Á exigencia impatriotica das agencias estrangeiras de *films* junta-se a má vontade incomprehensivel dos empresarios gananciosos de nossos cinemas, que tramam todas as ciladas contra o theatro, negando os seus salões de espectaculos, ainda mesmo quando bem pagos. Problema serio que merece ser resolvido com urgencia, sob pena de vermos improficuos todos os nossos esforços.

Ainda em seu relatório, antes de anunciar que em 1937 varias caravanas artísticas deveriam percorrer o interior do estado em busca de auxílio dos governos municipais, Miguel Jasseli abordou, naquele mesmo *Jornal do Commercio* (6 de dezembro de 1936), a "luta contra o meio e o preconceito", sofrimentos de toda a gente de teatro:

> No interior, ainda não se comprehende que haja um movimento como o nosso, sem outra finalidade, além da educação do meio-ambiente. Não raros são os que vêem nos nossos esforços apenas um desejo de exhibição, ganancia de lucro pecuniarios. As difficuldades surgem a cada passo. Falta de salas para concertos e espectaculos, carencia de piano, ausencia absoluta de interesse até da propria classe estudantina. Com relação ao palco, são os preconceitos caducos dos nossos antepas-

sados. Que o theatro, mesmo de amadores, é incompativel com o decoro de uma senhorinha, que não é moral o ambiente de theatro, etc. As sociedades de amadores enfrentam problemas tremendos e só a custa de muito esforço e abnegação conseguem se manter.

Este discurso da ausência de casa de espetáculos passou a ser uma constante ainda maior nas colunas assinadas por Valdemar de Oliveira, presente também na retrospectiva teatral de 1936, no *Jornal do Commercio* (10 de janeiro de 1937):

> Encerrando esta analyse retrospectiva [...] cumpre salientar quanto entravou a nossa livre actividade artistica, em 1936, a falta de casas de espectaculos ou salas de concertos. O Santa Isabel, fechado até a primeira quinzena de julho, fez uma falta inestimavel. Depois, occupado pela Companhia Jayme Costa, o mesmo estado de coisas perdurou, com graves prejuizos para o publico e artistas. Despedindo-se aquelle conjunto, foi o Santa Isabel disputado a todo propósito, criando-se, assim, situações que só difficilmente – e em parte – foram solucionadas pela administração do Theatro. De facto, varios projectos tiveram de ser adiados e varios planos alterados em vista dos compromissos já assumidos para cessão daquella casa de espectaculos. Nas phases mais difficeis, de grande relevância foi a atitude da directoria do Clube Português, consentindo em ceder os seus salões para realização de festas de arte. Ali se foram abrigar a Sociedade de Cultura Musical e a Associação dos Amigos da Arte, além de varios concertistas avulsos que beneficiaram grandemente da gentileza da conceituada associação portuguesa. No que diz respeito á actividade theatral, tiveram companhias e grupos de se soccorrer do Theatro Leopoldo Froes, do Gremio Familiar Magdalenense e do Cine-Encruzilhada. Lucrou, com isso, a população desses bairros. E por esse lado, apesar do prejuizo decorrente da falta de um theatro como o Santa Isabel, há que se ressaltar uma irradiação maior dos beneficios prestados pelo Grupo Gente Nossa á nossa plateia, levando lhe a domicillio, por assim dizer, os seus espectaculos. De tudo se conclue que, como tantas vezes temos dito, a maior necessidade do nosso ambiente artistico, actualmente é a construcção de um novo theatro ou de uma sala de concertos – o que seria, em qualquer caso, de grande alcance para o nosso desenvolvimento artistico.

Importante registrar que, ainda no começo daquele ano, Valdemar de Oliveira reclamou no *Jornal do Commercio* (12 de janeiro de 1936) a inexistência de um grupo de teatro específico para crianças, algo que ele vai lançar três anos depois, no Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Por enquanto, apenas alertou para tal descaso, citando uma iniciativa vitoriosa na Argentina:

> É coisa de que há muito se fala no Brasil, mas de que nunca se cogitou nem mesmo para um tímido esboço de realização. Ideias não nos faltam, como não nos falta o desejo de longas e substanciosas digressões a respeito. [...] Vê-se que faço abstração de quando se improvisa em alguns dos nossos collegios, para festa de encerramento do anno lectivo, com a denominação de espectaculo, de theatro. E faço-o a fim de melhor poder encarar o verdadeiro modelo de theatro infantil, existente nos paises onde os educadores, attenta a sua cultura e a sua capacidade de realização não podiam ficar indifferentes ao poder educativo do palco. Tambem nesse particular distanciou-se, immensamente de nós a Republica Argentina. Em verdade o, Theatro Infantil de Buenos Aires é uma instituição modelar, como seguramente não haverá muitas pelo resto do globo. Dirige-o dona Celina Rodrigues, senhora de alta distincção e professora de grande preparo que, há pouco, visitava o Brasil na companhia de seu esposo o consagrado theatrologo Martinez Payva, presidente actual da sociedade de autores daquelle pais. Trata-se de um estabelecimento [...] em condições de ir recrutando, nas escolas primarias da capital argentina, todas as vocações artisticas em germen. Funcciona, portanto, como um viveiro de comediantes, dansarinos, cantores, musicistas em geral, scenographos, etc., além de constituir uma especie de curso pratico de frequencia muito util mesmo para as crianças a quem nenhum interesse possam despertar as perspectivas do profissionalismo. Seu material é todo confeccionado de modo a permittir que os garotos apresentem o seu

> repertorio fóra da séde, ao ar livre, em qualquer logradouro onde elles, assim, levam um bocado de alegria - os asylos e hospitaes por exemplo. [...] *l'oseau bleu* [*L'oiseau Bleu, O Pássaro Azul*], de Maurice Maeterlinck, obra-prima do genero, já foi representado pelos alumnos da senhora Martinez Payva [...] Dentro de quantos seculos haverá no Brasil qualquer coisa semelhante?

Bem divertido foi o comentário ácido publicado no *Jornal do Commercio* (15 de março de 1936) por Valdemar de Oliveira sobre a apresentação da garota declamadora Luécia de Oliveira no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, que serviu como deixa não só para chamar a atenção de que meninas e meninos podiam, sim, estar atuando, em vez de dedicarem-se apenas a declamações, como para enaltecer o que vinha propondo a educadora Juanita Machado, a criação de uma escola teatral para crianças:

> Isto de meninas declamando pode dar numa deliciosa hora de arte como pode dar um deploravel momento de fadiga. Para educá-las e aperfeiçoar-lhes os dons artisticos é que a senhora Juanita Machado, está pensando em levar avante a sua ideia de uma Escola de Theatrologia Infantil. Já abriu um concurso de peças infantis e ninguem pode duvidar da senhora Juanita Machado quando se propõe a realizar alguma coisa. Estou vendo que o Theatro Infantil será, dentro de pouco tempo, uma realidade no Recife. Os nossos pequenos vão dedicar-se assim, ao amadorismo theatral que é um dos elementos mais ponderaveis na educação – e não só de crianças como de adultos.

Valdemar de Oliveira

Ao que tudo indica, Juanita Machado, apesar de todas as tentativas, não conseguiu inaugurar sua Escola de Theatrologia Infantil, mas lançou, ainda em 1937, o livro *Teatrologia Para Uso das Escolas Primarias*, sobre este "ensino ainda não iniciado em nossas escolas". Não se tratando apenas da chamada "dramatização", ela propunha com a obra "um ensino da arte, mas completo e mais pedagógico" a partir da teatralização vocal, plástica e locomotora, com descrição detalhada de técnicas e termos teatrais, dando destaque ainda, ao final do livro, a "esquemas de teatralização recreativa e moral" com a publicação de peças curtas como *D. Baratinha*, *O Gato de Botas*, *A Cigarra e a Formiga*, *Gente de Qualidade*, *Gata Borralheira* e *Mickey e o Gato Félix*. Juanita Machado, além de dramaturga, atuou como diretora teatral.

Por sinal, naquele ano, em edição do *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1936), foi Juanita Machado quem traduziu o artigo "O theatro infantil no estrangeiro", que trouxe mais informações sobre a produção teatral voltada à infância na Rússia, ainda quase desconhecida no Brasil, para além dos teatros de quintal, festas escolares ou reuniões familiares:

> *As aventuras de Mik* é um conto de fadas que serve de thema a uma nova comedia feita para ser representada no theatro infantil. Como é o primeiro conto de fadas feito de conformidade com a ideologia moderna marca uma nova etapa na technica do conto para meninos. Inutil dizer que elimina totalmente dragões assassinos e princezas encantadas, apresentando em vez delles, a historia de um menino que sustem luta feroz contra o ogre, que neste caso é um máu sujeito. Nataly Letz, fundadora do theatro infantil em seu país e sua directora artistica, opina que os contos de fada communs, não têm nenhum contacto com a realidade, que o menino comprehenda o real. [...] Todas as comedias possuem mu-

Theatro Infantil Labarden, de Bueno Aires, Argentina

> sicas adequadas e dansas especiaes. [...] *As aventuras de Tranka*, outra peça moderna, de successo, de intensa dramaticidade, dá ensejo a que a criança conheça accidentalmente todos os meios de communicação actuaes, trens, telegrapho, telephone, radio, correio, etc. Os pequenos espectadores são educados por este meio de divulgação scientifica, mostrando-lhe ao mesmo tempo que elles podem ser utilizados como serviços humanitarios e não de simples necessidade ou prazer. É necessario advirtir que o autor teve imenso tacto em não collocar o elemento scientifico em primeiro plano; este é todo do drama que se desenrola na vida de um pai que perde o filho e lança mão de todos aquelles meios para rehaver. Além de tudo, o Theatro Infantil tem, tambem, fins verdadeiramente beneficientes; pois faz representações especiaes destinadas ao pequenos cegos, cujas musicas são escolhidas em sessão de compositores e meninos cegos para que estes digam o que lhes parece mais interessante, trocando impressão com aquelles. Segundo normas assim para as representações do Theatro Infantil, foi que se conseguiu que elle se converta em imagem positiva do verdadeiro espirito infantil.

Desde 1934, em coluna assinada no *Jornal do Commercio*, Valdemar de Oliveira reclamava que o teatro para crianças deveria existir no Brasil com um grupo dedicado a este gênero especificamente, seguindo exemplo de países como Rússia, França e Argentina. Cinco anos depois, no Recife, teatro infantil ainda era sinônimo de peças curtas interpretadas por crianças nas escolas ou nos cineteatros dos subúrbios, quando exibiam-se garotas e garotos prodígios que cantavam, dançavam ou interpretavam textos curtos, além de um ou outro artista da dança, do humor, da música, do circo ou do esporte em números variados, assim como acontecia nos programas comemorativos de rádios ou festivais de arte dos educandários que ocupavam o Teatro de Santa Isabel. A ideia de promover nesta luxuosa casa de espetáculos teatro com dramaturgia específica para a "petizada", como se falava na época, nasceu para Valdemar de Oliveira assim que viu os dois filhos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, brincando de "interpretar", logo após uma sessão de cinema.

> Mandei, certo domingo, meus filhos a uma matinée cinematografica, no *Moderno*, do Recife. No dia seguinte, um deles empunhou uma faca para o outro e andaram em correrias desabaladas, dando tiros... de boca, pelo quintal. Um era *sheriff*, outro o bandido... Nesse dia, decidi-me a empreender espetaculos para crianças no Recife.

Foi o que escreveu à imprensa (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "O teatro infantil, no Recife"), lembrando ainda a falta de divertimentos educativos nas poucas distrações oferecidas à infância na cidade. Na realidade, através do Grupo Gente Nossa, Valdemar pôs em prática algo que já vinha divulgando no *Jornal*

do Commercio, o teatro para e com crianças, ideia da educadora Juanita Machado, que em 1936 tentou (reafirmo, sem sucesso) criar o Theatro Infantil no Recife, de caráter essencialmente pedagógico, seguindo os passos do Theatro da Criança, ação dos professores Vera Grabinska e Pierre Michailowsky desde 1935, no Rio de Janeiro, com apresentações de textos curtos, recitais de poesias, pianistas, cantores e coreografias em atos variados desempenhados por meninos e meninas.

Elfride Carmem

Em nova escrita no *Jornal do Commercio* (29 de novembro de 1936), Valdemar de Oliveira alardeou que "Vai alto o movimento artistico da cidade. Theatro, musica, pintura, de tudo se conta e se espera muita coisa. Fim de anno é sempre assim: o Santa Isabel não dá para quem quer". E listou a intensa atividade daquele palco no final do ano de 1936, com festa artística das alunas da professora Miss Gatis num programa de danças clásssicas e ligeiras, as representações da opereta pernambucana *Ninho Azul* (marcando a estreia da contralto Elfride Carmem e do acadêmico Mário Roberto) e das comédias *Ladra*, de Silvino Lopes, *O Vendedor de Illusões*, de Oduvaldo Vianna, e *O Erro do Criador*, em estreia da obra de Silvino Lopes e Filgueira Filho, pelo Grupo Gente Nossa em saraus ou vesperais, a solenidade de formatura das alunas da Escola Normal Official e a temporada do Grupo Scenico Espinheirense, entre outras atividades. O interessante é que o Grupo Gente Nossa estava com agenda tão cheia, que, ao final de 1936 e início de 1937, a equipe dividia-se por três sessões diárias, com diferentes espetáculos, como aconteceu no domingo 6 de dezembro de 1936, quando foram apresentadas as peças *Ladra*, no Teatro de Santa Isabel, e *O Rei dos Tios*, no Cine-Encruzilhada, ambas em vesperal, além de *O Filho Não é Meu*, em sarau, no Theatro Leopoldo Froes. Por tudo isso, 1936 terminou clamando por mais palcos no Recife e interior do estado.

As últimas notícias culturais referem-se ao sucesso que estava sendo a Festa da Mocidade, com estreia dia 12 de dezembro, no Jardim 13 de Maio, organizada por universitários em favor da construção da Casa do Estudante de Pernambuco, evento que perdurou por anos atraindo famílias inteiras. Além de um parque de diversões e um teatro armado no local, outras grandes atrações foram a Jazz-Band Academica, o pastoril do Canella de Aço, o Maracatú Leão Coroado, os blocos e clubes da Federação Carnavalesca, o campeonato de lutas greco-romana, livre e de box, além do

Apoteose às classes armadas pela Escola Normal de Pernambuco

Festa da Mocidade

pavilhão dos peixes elétricos vindos diretamente do Amazonas. As festas de Natal e Anno Novo, então, mostraram-se ainda mais concorridas. Já no Teatro de Santa Isabel, a última novidade de 1936 foi a estreia da peça *O Tufão*, de Silvino Lopes, no dia 30 de dezembro, em festival do ator Elpídio Câmara, que trouxe uma nova atriz à cena, Alzira de Oliveira. Ainda no elenco, Raul Prysthon, Luiz Carneiro, Lourdes Monteiro, Renato Marques, Carlos Bastos, Júlia Santos e Oswaldo Barretto. A apresentação foi dedicada ao Instituto da Ordem dos Advogados. O *Diario da Manhã* (30 de dezembro de 1936) deu mais detalhes sobre a obra, com uma sinopse dramática bem ao gosto da época e destacando ainda a modernidade do que se ia ver:

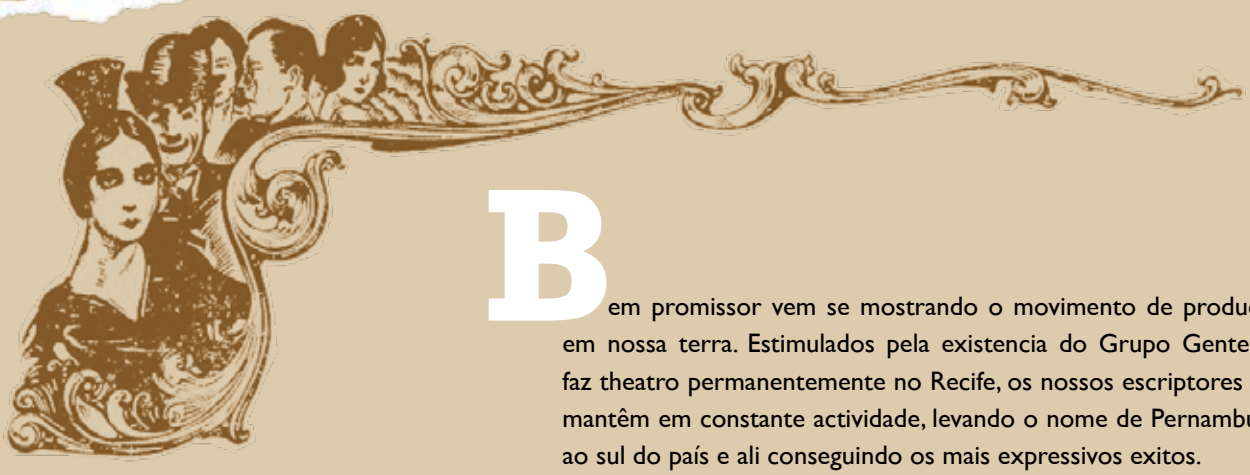
> E' uma peça de muita representação; muita carpintaria; muita contra-regra. O enredo é o mais sério possivel e envolve um crime passional. O que o espectador verá, no decorrer das scenas, é como, por exaltação amorosa, chega um rapaz á pratica de um crime. O heróe (sic) da peça foi levado ao crime por amôr. Os actos da peça dividem-se em tempos dentro de uma sequencia que prende a attenção do espectador. O publico vae assistir a uma peça de technica completamente nova, com mutações, etc. E vae ouvir, um sentenciado, depois de 27 annos de carcere, contar a sua historia. Tudo, porem, não passa de theatro, ficção, arte, ou outra coisa qualquer.

Luiz Carneiro

Renato Marques

Carlos Bastos

1937



Bem promissor vem se mostrando o movimento de produção theatral, em nossa terra. Estimulados pela existencia do Grupo Gente Nossa, que faz theatro permanentemente no Recife, os nossos escriptores theatraes se mantêm em constante actividade, levando o nome de Pernambuco artistico ao sul do país e ali conseguindo os mais expressivos exitos.

Não era para menos tal notícia festiva publicada no *Jornal do Commercio* (3 de janeiro de 1937), afinal, muitos dramaturgos estavam com sua produção de vento em polpa. Silvino Lopes ainda comemorava a boa acolhida para *O Tufão*, apresentada no final do ano de 1936, e já divulgava nova obra para breve, *Petronio*, a ser encenada pelo Grupo Gente Nossa ainda em janeiro; *Mulato*, de Samuel Campelo, foi destaque na Bahia pela Companhia Jayme Costa; a Academia Brasileira de Letras conferiu menção honrosa para a então inédita comédia *Honra ao Mérito!*, de Valdemar de Oliveira, única distinção feita pela comissão julgadora entre sete originais (três deles pernambucanos) no Concurso de Theatro de 1936; e Hermógenes Viana acabou de entregar seu primeiro libreto a João Valença, além de ter enviado para o concurso da Associação de Autores Teatrais a alta comédia *Silêncio*. Ou seja, louros à dramaturgia pernambucana do momento!

Se o Grande Circo Mexicano Atayde Hermanos despedia-se do Recife, a Festa da Mocidade, lançada no dia 12 de dezembro do ano anterior por estudantes de escolas superiores da cidade, em prol da Casa do Estudante de Pernambuco (ainda em construção no bairro do Derby), comemorava enorme êxito no Jardim 13 de Maio, atraindo verdadeiras multidões. Na programação de cunho popular, continuada em 1937 com uma Grande Matinée Infantil logo a 1 de janeiro, também podia-se desfrutar do Grande Parque de Diversões e das apresentações do Theatro Paulista, sob o comando do ator pernambucano Renato Marques,

da cantora Maria Alice e da Jazz Band Acadêmica. Os festejos anunciaram para breve campeonatos de lutas greco-romanas e livres, de esgrima, florete e box, incluindo um Grande Concurso de Passo que iria sortear um automóvel Ford V-8, Modelo Tudor, adquirido junto à firma Fonseca, Irmãos & Cia. Todo aquele mês da festa foi dedicado à imprensa recifense, com destaque à Rádio Clube de Pernambuco, mas também à Federação Carnavalesca de Pernambuco e à Pernambuco Tramways.

Ainda no domingo, 3 de janeiro, o Grupo Gente Nossa retomou sua programação ocupando três teatros diferentes. Às 14h30, fez vesperal no Cine Encruzilhada com a burleta *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto e Ary Pavão, com música de Sá Pereira, tendo como principais intérpretes Vicente Cunha, Luiza de Oliveira, Raul Prysthon, Jeannette Muller, Luiz Maranhão e Ary Guimarães. Às 15 horas, no Teatro de Santa Isabel, apresentou em novo vesperal *O Divino Perfume*, do dramaturgo carioca Renato Vianna, com números de canto na sequência pela contralto Elfride Carmen e o tenor Fernando Barreto, e sorteio de brindes às senhorinhas presentes. No elenco da peça, Elpídio Câmara, Oswaldo Barreto, Letícia Flora, Aucélia de Sousa e Carmen Lima. O ato variado foi dirigido por Luiz Carneiro. E, por fim, às 20h30, no Teatro Leopoldo Fróes, promoveu sessão de *O Ministro do Supremo*, comédia de Armando Gonzaga, com os atores Raul Prysthon, Luiz Maranhão, Ary Guimarães, Mayerbeer de Carvalho, Carlos Bastos, Mávio Roberto, Luiza de Oliveira, Amália de Souza, Letícia Flora, Irene Sobral e Aucélia de Sousa. No dia 12, o Grupo Gente Nossa viajou a Limoeiro para apresentar a opereta *Aves de Arribação* e prometeu, para antes do dia 15, lançar nova peça de autor pernambucano.

No dia 7 de janeiro, no Cine Encruzilhada, Ratinho e Sua Companhia de Burletas Musicadas, do Rio de Janeiro, iniciou temporada popular com oito apresentações no total. O artista era conhecido devido aos discos lançados em dupla com outro cômico, Jararaca. A estreia no Recife se deu com a burleta *Flor de Manacá*, de Luís Iglesias, apresentando trechos de música cantados por Evilásio Marçal e Alma de Castro, e tendo na sequência o *revuette Parei Comtigo* (sic). Outros trabalhos que constaram nesta temporada foram as burletas *Que Typo Symphathico!*, *Minha Casa é Um Paraiso* e *Rancho da Serra*, esta última também de Luís Iglesias, contando na segunda parte com o *revuette Do Rio à Parahyba!*. Outro *revuette*, *Cuica, Pandeiro* e *Tambor*, também foi apresentado. Bom, se o Cine Encruzilhada abria espaço para o teatro, antecipado por sessões cinematográficas, o mesmo não faziam os cines Royal, Ideal, São José, Casa Amarella, Pina, Santo Amaro, Éden e os teatros do Parque, Moderno e Polytheama, totalmente vol-

Elpídio Câmara

Amália de Souza

Letícia Flora

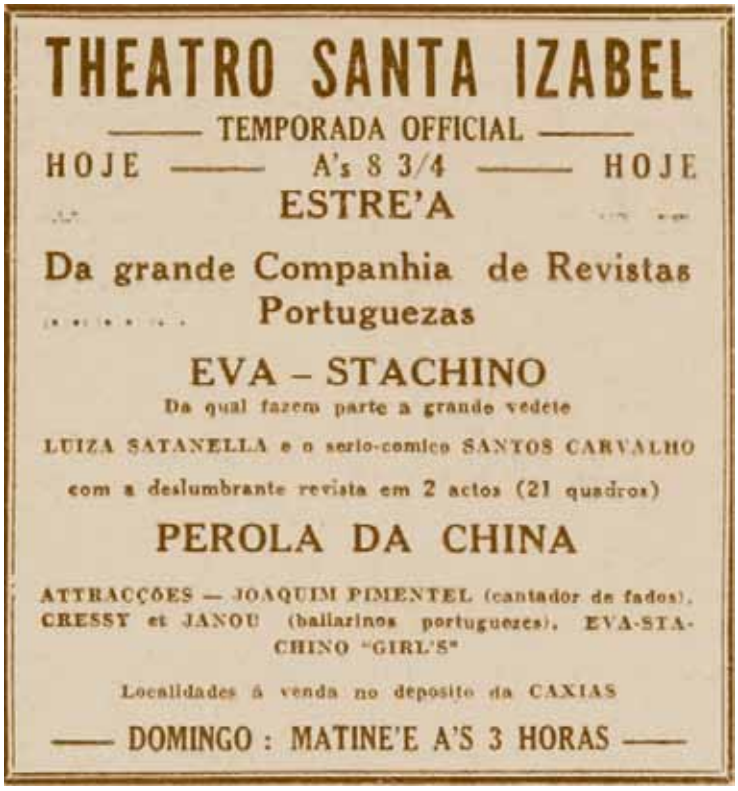
tados ao cinema neste momento. No interior, vale registrar que o Grupo Dramatico de Gravatá estava em pela atividade.

Quase ao final de janeiro, o Grupo Gente Nossa reapresentou a opereta de Valdemar de Oliveira *Boby e Bobette*, no Teatro de Santa Isabel, com sessões em vesperal e sarau, sempre com sucesso absoluto, e lançou ainda a alta comédia *Petronio*, de Silvino Lopes. No Cine Encruzilhada, geralmente em vesperal, e no Teatro Leopoldo Fróes, em sarau, a equipe chegou também a promover dois espetáculos por dia, como *O Ministro do Supremo*, de Armando Gonzaga, e *O Outro André*, de Correia Varella, inclusive alguns em parceria com a troupe Mexico Lindo, esta em um ato de canções e bailados, como aconteceu, por exemplo, após a representação de *Esphinge*, de Silvino Lopes. E se no dia 17 de janeiro a cantora Linda Baptista apresentou-se com seu pai, o ventríloquo Baptista Júnior, no Teatro de Santa Isabel, às 15 horas, no dia 29 foi a vez do festival do ator Raul Prysthon ocupar o Cine Encruzilhada com a alta comédia *Ladra*, de Silvino Lopes (dramaturgo bem evidência naquele mês). Ainda em janeiro, os artistas israelitas Sophia Rafalovitch e H. Klatzkin, associados a elementos da colônia israelita domiciliada na capital pernambucana, exibiram algumas peças no Teatro de Santa Isabel, além de números líricos.

Raul Prysthon

Enquanto a produção cênica crescia no primeiro mês de 1937 no Recife, momento em que também não faltavam concertos musicais, promovidos ora pela Associação dos Amigos da Arte ora pela Sociedade de Cultura Musical, a Commissão Permanente de Theatro do Ministerio da Educação, no Rio de Janeiro, publicou edital nacional de subvenção como seu primeiro concurso voltado à área. Pela concentração de atenção dispensada às companhias da capital da República até então, o caso gerou polêmica no país, mas o jornalista Ruben Gil, do jornal carioca *A Nação*, torcendo pela diminuição destas disparidades de fi-

nanciamento público às companhias teatrais no país, fez questão de lembrar em matéria reproduzida pelo *Jornal do Commercio* (14 de fevereiro de 1937): "Pelo numero de anos que já conta, pelo reconhecido criterio de sua direção, por todos os motivos não há negar encontrar-se o *Grupo Gente Nossa*, de Recife, indicado a merecer da Commissão do Ministerio de Educação uma atenção especial".

A 12 de fevereiro, aportou no Teatro de Santa Isabel a Companhia de Revistas Portuguesas Eva Stachino, estreando com a revista *Pérola da China*. Composta pelos artistas Santos Carvalho, Reginaldo Duarte, Miguel Osório, Adolpho Sampaio, Januário Ruivo, Eva Stachino, Luísa Santanello, Ema de Oliveira, Carminha Pereira, Cremilda de Souza, além de um conjunto de músicos e dez *girls*, obteve sucesso em sua temporada de vinte e oito apresentações, inclusive *matinées* às 15 horas, tanto que, pela reunião do ator português Santos Carvalho com os pernambucanos Samuel Campelo e Raul Valença, surgiu o libreto da revista *É Do Loré...*, parceria luso-brasileira que recebeu muitos aplausos em sua estreia no dia 3 de março. No elenco, integrantes da companhia portuguesa e do Grupo Gente Nossa. As músicas foram assinadas pelo maestro Vasco Macedo, da equipe visitante, junto ao pernambucano João Valença. A montagem fez várias sessões e finalizou a temporada dos artistas portugueses no dia 10 de março.

THEATRO SANTA IZABEL

TEMPORADA OFFICIAL

HOJE — A's 8 3/4 — HOJE

ESTRE'A

Da grande Companhia de Revistas Portuguezas

EVA – STACHINO

Da qual fazem parte a grande vedete

LUIZA SATANELLA e o serio-comico SANTOS CARVALHO

com a deslumbrante revista em 2 actos (21 quadros)

PEROLA DA CHINA

ATTRACÇÕES — JOAQUIM PIMENTEL (cantador de fados), CRESSY et JANOU (bailarinos portuguezes), EVA-STACHINO "GIRL'S"

Localidades á venda no deposito da CAXIAS

— DOMINGO : MATINE'E A'S 3 HORAS —

Theatro Santa Isabel

A's 8 e 45

A REVISTA LUSO-BRASILEIRA

2 actos e 21 quadros

E' DO LORE' !

arranjo do dr. SAMUEL CAMPELLO. Musica do maestro VALENÇA

Brilhante desempenho da toda a Cia. de Revistas Portuguezas

EVA STACHINO

Da qual faz parte a grande vedete

LUIZA SATANELA

em conjuncto com o Grupo GENTE NOSSA

Numeros de maior successo

O BOND P'RO FAROL

pelo Grupo GENTE NOSSA

AS BAHIANAS

por EVA STACHINO e LUIZA SATANELA

O FUNCIONARIO PUBLICO

por ADOLFO SAMPAIO

MALMEQUER

por LAURA SATANELA

CANÇÃO BRASILEIRA

por EVA STACHINO

O INGLEZ

por MIGUEL ORRICO

A MULATA

por LUIZA OLIVEIRA

PATRIA BRASILEIRA — PATRIA PORTUGUEZA

por LECTICIA FLORA e MIGUEL ORRICO

GUITARRA E VIOLÃO

por EMA OLIVEIRA e VICENTE CUNHA

FOTOGRAFA

por LUIZA SATANELA

NA PRAIA DA OLINA

(Baile excentrico) por CRESSY e GIRL'S

TOADA DOS SIMPLES

por CARMINHA PEREIRA

RADIO CLUB A. P. REIA OUTRO

por LUIZA OLIVEIRA, REGINALDO DUARTE, VICENTE CUNHA e ARY GUIMARAES

O FADO

por JOAQUIM PIMENTEL

O MAXIXE

por ZIZA PRYSTON

PELO AMOR

Baile por CRESSY & JANOU

VINHO VERDE

por EMA OLIVEIRA

O FREVO

pelo BLOCO FAVÃO DOURADO

GRAÇA PERNAMBUCANA — PIADAS LOCAES — CHARGES POLITICAS — DANSAS REGIONAES

ao LORE'

A REVISTA DO POVO, A PEÇA DE TODOS

Coube ao Grupo Gente Nossa, ainda em fevereiro, a iniciativa de um baile de artistas denominado "Baile dos Canastras", que se realizou no Teatro de Santa Isabel, em pleno sábado de carnaval, sendo coroados como "rei e rainha dos canastras" o ator Ary Guimarães e a atriz portuguesa Eva Stachino. Também em pleno mês de festas momescas, a Troupe Pichardine, composta de artistas mexicanos, promoveu festa de bailados e canções no Clube Português; e a Tuna Portuguesa (agora não mais com o antigo "z" em seu nome) fez sua versão para *É Preciso Casar Theresa*, comédia de Umberto Santiago, sob direção de Elpídio

Ary Guimarães

Eva Stachino

Câmara. A apresentação ocorreu no "teatrinho" próprio da sociedade portuguesa, na rua do Imperador. Após a experiência com a revista *É do Loré...*, o mês de março marcou a volta das atividades do conjunto liderado por Samuel Campelo, inicialmente com a burleta *Noites de Novena*, do próprio, em parceria com João Valença, no Teatro Leopoldo Fróes, no bairro da Madalena, palco que também recebeu festival preparado pela atriz Ziza Prysthon com a comédia *Agite-se...*, de Samuel Campelo.

De 13 de março a 5 de maio, o Recife pôde assistir a Companhia de Comédia Moderna, dirigida por Salú Carvalho, em longa temporada no Teatro de Santa Isabel, num total de setenta récitas, inclusive com sessões vesperais elegantes, vesperais dedicadas às normalistas, saraus e comemoração de um ano de atividade da equipe carioca, que chegou em turnê ao "Norte" graças ao patrocínio do Ministério da Educação. Affonso Stuart, Paulo Ferraz, Alma Flora e Cecy Medina eram os atores de maior destaque. No enorme repertório, iniciado com a comédia *A Ressurreição de Eva*, de José Wanderley e Mário Lago, constaram também as peças *Bazar de Brinquedos*, de Joracy Camargo, *Um Rapaz Teimoso*, de Armando Gonzaga, *Be-*

Alma Flora

renice, de Roberto Gomes, *Amor*, de Oduvaldo Vianna, *A Dictadora*, de Paulo Magalhães, e *Um Homem*, de Eurico Silva, entre outras. O público foi quase sempre excelente.

Interessante é ver que, com folga apenas nas segundas-feiras, a Companhia de Comédia Moderna abriu espaço para que vários de seus intérpretes pudessem fazer festivais artísticos com renda para cada um deles, durante a semana: no dia 27 de abril, por exemplo, uma terça-feira, aconteceu a festa artística de Paulo e Violeta Ferraz com *Bazar de Brinquedos*, de Joracy Camargo; na quarta-feira, foi a vez da festa de Pepa Ruiz, que optou por *Mas, Que Mulher!*,

Violeta Ferraz

de Oduvaldo Vianna; na quinta-feira, Léia e Armando Ferreira ficaram à frente de *Saudade*, de Paulo Magalhães; e na sexta-feira, Affonso Stuart comandou a repetição de *A Descoberta da America*, de Armando Gonzaga, que já havia sido uma das montagens mais elogiadas: "Pela primeira vez, os prospectos não mentiram. Realmente, 'o maior successo de gargalhada'. Nenhuma comedia da actual temporada [...] alcançou tanto agrado. Desempenho sem falhas [...]", elogiou o crítico M., no *Jornal do Commercio* (1 de abril de 1937). Ao final de todas as apresentações, no *Jornal do Commercio* (8 de maio de 1937), Valdemar de Oliveira considerou "o conjunto do Salú um dos melhores – o mais homogeneo – de quantos nos visitaram ultimamente".

Se no Recife a atividade teatral local ainda não era tamanha, na capital da República faltavam casas de espetáculos para atender a produção (o que, de certa forma, também ocorria em Pernambuco). Tanto que o cronista J. C. publicou na coluna *O theatro carioca a vôo de passaro...*, no *Jornal do Commercio* (7 de março de 1937): "Dizem que em março teremos sete theatros funccionando. Até ver...". Por sua vez, uma nota curiosa naquela mesma coluna, exibida na edição do *Jornal do Commercio* de 4 de abril de 1937, fez valer uma proposta interessante à meninada do Rio de Janeiro: "A Prefeitura do Rio criou o Theatro para Menores, sob a direcção de Maria Rosa Ribeiro". Ainda em se tratando da coluna *O theatro carioca a vôo de passaro...*, a mesma trouxe no *Jornal do Commercio* (11 de abril de 1937) as seguintes novidades (sempre com gostinho apimentado de crítica corrosiva):

> Mais um menino prodigio: Godoyzinho e o juiz de menores dormindo ao cantico da *menina de ouro* (*A revista estava em temporada no Teatro Recreio*). – Há jornaes que estão dando aos domingos bellas paginas sobre theatro estrangeiro! Para o nacional, coitadinho, apenas quatro linhas, quando não fica totalmente esquecido. – Dizem que não há autores brasileiros mas Alda Garrido está annunciando Luis Peixoto, Gilberto Andrade, Gastão Tojeiro, Luis de Barros, Paulo Orlando, Alfredo Breda, Rubem Gill, Milton Amaral, Serra Ointo e outros.

No dia 18 de abril o Grupo Gente Nossa voltou definitivamente à cena com temporada no Cine Encruzilhada, retomando suas *matinées* com a peça *Agite-se...*, de Samuel Campelo, seguida de *O Interventor*, de Paulo Magalhães, *É Preciso Casar Theresa*, de Umberto Santiago, *Eu Não Sou*, de Silvino Lopes, e *Casa de Gonçalo*, de Lucilo Varejão, entre outras, com sessões praticamente diárias. Com a partida da Companhia de Comédia Moderna em maio, a equipe voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel levando, mais uma vez, *Mulato*, no dia 13 de maio de 1937, em comemoração à data da abolição dos escravos. No elenco, entre outros, Oswaldo Barreto, Raul Prysthon, Luiz Maranhã, Luiza de Oliveira, Alfredo de Oliveira (todos estes do elenco original de *Mulato*, em 1936), Letícia Flora, Luiz Carneiro, Ary Guimarães, Amália de Souza e a senhorinha Mercedes Ramalho, do Grupo da Bôa Vontade. A permanência por tão longo tempo fora do seu palco principal, fez Valdemar de Oliveira ironizar (ou não?) no *Jornal do Commercio* (8 de maio de 1937):

> Só Deus sabe, de facto, quanto prejudica o pobre Gente Nossa o theatro occupado por tanto tempo seguido como aconteceu agora. Mas, tudo isto é secundario, quando se trata de receber, de homenagear collegas. Toda essa gente é uma grande familia. E o ramo do Grupo Gente Nossa é desses que não guardam resentimento (sic), que têm o coração sempre alto e puro, que nasceram, como diz Alfredo Medeiros, para querer bem. Tem sido sempre assim: quando apparecem os mais ricos da família, os mais bem installados, os endinheirados, o Grupo dá o lugar, limpa a cadeira para que se sentem confortavelmente, traz agua fresca, faz as honras da casa e, tendo preparado a mesa onde se vão servir, serve-lhes o que pode, o que tem e – quantas vezes! – o que não tem. E fica esperando pacientemente, á porta, que o hospede desoccupe a casa. Á saida, faz como vai fazer hoje: offerece o seu ramalhetezinho modesto, onde nenhuma flor tem espinhos e todas reacendem o perfume sutil e raro da sinceridade.

No domingo, 16 de maio, *Eu Não Sou Eu*, de Silvino Lopes, ocupou o horário da vesperal, com entradas grátis para crianças até oito anos, desde que acompanhas de pessoas da família. A 18 daquele mês de maio, celebrando a 87ª data do aniversário do primitivo Theatro de Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa estreou *Silêncio*, primeiro trabalho de Hermógenes Viana numa peça "de genero elevado", conforme adiantou o *Jornal do Commercio* (8 de abril de 1937). No elenco, Raul Prysthon, Luiz Maranhão, Luiz Carneiro, Alfredo de Oliveira, Ary Guimarães, Luiza de Oliveira, Amália de Souza, Letícia Flora e Ziza Prysthon. *A Cabocla Bonita*, *Boby e Bobette* e *Guerra às Mulheres*, de Paulo de Magalhães, foram outras montagens que voltaram à cena naquele mês. Até que abateu-se uma verdadeira tragédia no Grupo Gente Nossa quando o contrarregra Mário Freitas (de nome verdadeiro Odon Wanderley) tentou suicídio, ingerindo veneno. "Em seu poder, foram encontradas duas cartas, sendo uma endereçada ao dr.

Ziza Prysthon

Mário Freitas

Samuel Campello, na qual declarava haver gasto o dinheiro pertencente ao Grupo Gente Nossa, o qual estava em seu poder", revelou a apuração do *Jornal do Commercio* (18 de maio de 1937). Mas Samuel refutou essa possibilidade, alegando que ele não recebia grandes quantias em dinheiro, apenas aquelas para serviços de cena e em todas havia prestado contas. O que vinha sofrendo era de ciúmes por uma mulher. Como prova, os tantos versos deixados nas cartas. O rapaz não resistiu e faleceu alguns dias depois.

Mulato voltou em repetição no dia 23 de maio, mas o Grupo Gente Nossa ainda lançou naquele mês a comédia *Verita*, da senhorinha Maria Augusta Monteiro Pessôa, outra autora de Pernambuco. É salutar esta relação que o Grupo gente Nossa sempre manteve com a dramaturgia. Vários escritores pernambucanos e de outros estados se dedicaram à literatura teatral com o aparecimento do conjunto pernambucano. Da Academia Pernambucana de Letras, importante citar Silvino Lopes, jornalista, poeta e cronista, Lucilo Varejão, romancista, e Samuel Campelo, que embora com peças encenadas antes da fundação do Grupo Gente Nossa, escreveu várias outras novas; além de Valdemar de Oliveira, médico e jornalista; Coelho de Almeida, médico e poeta; Hermógenes Vianna, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra e publicista; Célio Meira, bacharel em Direito, cronista e jornalista; Augusto Wanderley Filho, professor e poeta; Raul Valença, que apenas escrevia para musicistas; Miguel Jasseli, professor; e, agora, Maria Augusta Monteiro Pessôa, diplomada pela Escola Normal de Pernambuco. Para lembrar os compositores que se dedicaram ao teatro com o estímulo do mesmo coletivo: Nelson Ferreira, diretor artístico da Rádio Clube de Pernambuco; Gaspar Moura, professor do Lyceu de Artes e Officios do Recife; e Valdemar de Oliveira e João Valença, que já compunham anteriormente mas fizeram novas partituras a partir de então.

É tanto que, seis peças estreadas no Grupo Gente Nossa, todas no estilo altas comédias, conseguiram ser impressas por vários editores: *O Bom Ladrão*, de Lucilo Varejão, *Aonde Vaes, Coração?*, de Valdemar de Oliveira, ambas editadas pelo próprio Grupo Gente Nossa; *Ladra*, *Esphinge* e *O Homem Bom*, três obras de Silvino Lopes, editadas pela Casa Mozart, do Recife; e *Mulato*, de Samuel Campelo, editada pela Sociedade

Brasileira de Autores Theatraes, do Rio de Janeiro, na colecção *Theatro Brasileiro*, n. 30. Segundo matéria que celebrou os seis anos de existência do mais aplaudido grupo teatral do Recife, no *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1937), de 2 de agosto de 1931 – data de sua fundação – até 30 de junho de 1937, o Grupo Gente Nossa já havia pago uma pequena fortuna de direitos autorais num total de 592 espetáculos apresentados, sendo 358 deles de comédias, altas comédias ou dramas, 119 operetas e 115 burletas. E lembrou ainda a publicação:

> O *Grupo Gente Nossa* só realiza espectaculos aos preços de 4$000 (musicados) e 3$000 (declamados). Todos os domingos dá vesperaes com entradas gratis a crianças. Tem realizado festivaes em benefícios de varias instituições de caridade. Facilita entrada gratuita a soldados, aprendizes marinheiros, etc. Empresta scenarios a espectaculos de amadores e festivaes de caridade.

Por isso era tão incensado na imprensa. No dia 31 de julho estreou, no Teatro de Santa Isabel, a Companhia

Theatro Santa Isabel

TEMPORADA OFFICIAL DE 1937 ORGANISADA PELA COMMISSÃO DE THEATRO, DO MINISTERIO DE EDUCAÇÃO

COMPANHIA ALVARO PIRES

SABBADO — ESTRE'A — SABBADO

OS DIREITOS DA SAUDE

(LOS DERECHOS DE LA SALUD)

Original do notavel dramaturgo Sul-Americano FLORENCIO SANCHEZ — Traducção da senhorita DINORAH OTELSA e do escriptor E. RODRIGUEZ FABREGAT

O Ministerio de Educação querendo prestar uma homenagem de intercambio aos paizes hispano-americanos, designou essa fina peça para a estréa da Companhia

De accordo com as disposições do Ministerio de Educação, por se tratar de uma propaganda de Cultura Artistica, a Companhia não poderá cobrar mais de 4$000 réis por cadeira

PREÇOS — Cadeiras, 4$400 — Frizas e Camarotes de 1ª. 26$400 — Entrada Camarotes de 2ª., 3$300 — Geral, 2$000

BILHETES A' VENDA no Deposito da Caixas — a partir de hoje.

(80.856)

Theatro Santa Isabel

TEMPORADA OFFICIAL DE 1937, ORGANIZADA PELA COMMISSÃO DO THEATRO NACIONAL DO MINISTERIO DE EDUCAÇÃO

COMPANHIA ALVARO PIRES

Direcção artistica de OCTAVIO RANGEL

HOJE — 6ª.-feira, 13 de agosto de 1937 — HOJE

A'S 8 E 45 DA NOITE

Primeira representação da engraçadissima comedia em 3 actos, original de OCTAVIO RANGEL:

"QUEM PO'DE COM O AMOR ?..."

Verdadeira fabrica de gargalhadas

Distribuição pela ordem das entradas em scena: FABIANO — Antonio Sampaio; ADAUTO — Oswaldo Barretto; BALDOMERO — Brandão Filho; POLYBIO — Armando Rosas; LAIS — Alsaa Castro; ELEUSINA — Georgette Villas; MAGDA — Graça Moema; LEDA — Cecy Braga; CONTINUO — A. Amaral; CLE'A — Iracema de Alencar; EGISTO — Carlos Machado; NHA' ZEPHA — Lucilla Peres; CEL. BENTES — Carlos Torres; JULICO — Ramos Junior.

ACTUALIDADE

ACÇÃO — 1º. e 2º. actos no Rio de Janeiro; o 3º. na Fazenda do Chapadão no interior de S. Paulo

A SEGUIR — A grande peça: "DONA E SENHORA".

PREÇOS — Cadeiras 4$400 — Frizas e Camarotes de 1ª. 26$400 — Entradas para camarotes de 2ª. 3$300 — Geraes 2$000 (Sello incluso)

Depois do espectaculo, haverá bonds para todas as linhas. Aguardem — MULATO, de Samuel Campello e CRIME DA 5ª. AVENIDA — Peça policial norte-americana.

DOMINGO: "GRANDIOSA VESPERAL"

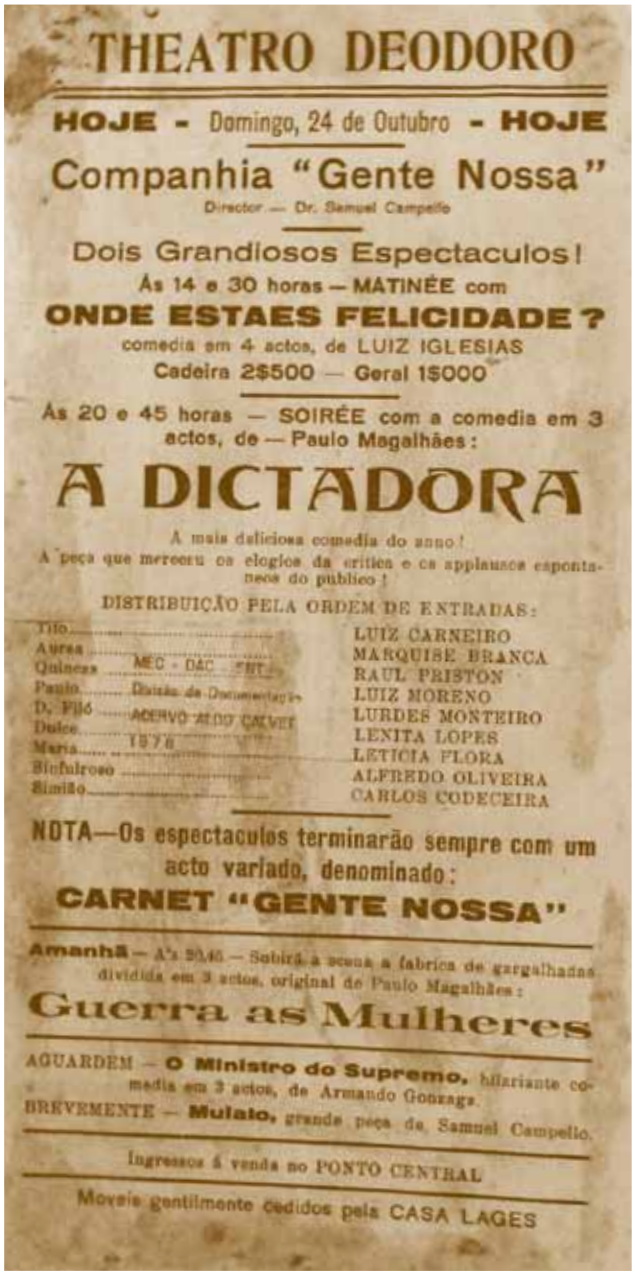
A's 3 horas da tarde

(90.221)

de Arte Dramática Álvaro Pires, realizando vinte e oito apresentações no total, sob subvenção do Ministério da Educação. Com ela, seguiu para turnê até o extremo Norte do país, o ator Oswaldo Barreto, abandonando momentaneamente o Grupo Gente Nossa. Excepcionalmente com récitas realizadas a 27, 28 e 29 *de* julho, por achar-se o Teatro de Santa Isabel ocupado por aquela companhia liderada pelo ator Álvaro Pires, o coletivo liderado por Samuel Campelo pôde festejar o seu sexto aniversário (comemorado no dia 2 de agosto) reapresentando a opereta A *Madrinha dos Cadetes* por três noites seguidas de casa cheia. O *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1937) publicou, então, naquela longa retrospectiva sobre as atividades do conjunto:

> O *Grupo Gente Nossa* completa, amanhã, seis annos de uma existencia, inteiramente dedicada aos interesses do theatro nacional(.) Á sua acção tenaz e perseverante, através de todas as vicissitudes que soem marcar as iniciativas de puro idealismo constructor, devemos a invejavel situação que Pernambuco hoje desfructa, no scenario das actividades theatraes, em nosso país.

Grupo Gente Nossa em 1938



THEATRO DEODORO

HOJE - Domingo, 24 de Outubro - HOJE

Companhia "Gente Nossa"

Director — Dr. Samuel Campello

Dois Grandiosos Espectaculos!

Ás 14 e 30 horas — MATINÉE com

ONDE ESTAES FELICIDADE?

comedia em 4 actos, de LUIZ IGLESIAS

Cadeira 2$500 — Geral 1$000

Ás 20 e 45 horas — SOIRÉE com a comedia em 3 actos, de — Paulo Magalhães:

A DICTADORA

A mais deliciosa comedia do anno!

A peça que mereceu os elogios da critica e os applausos espontaneos do publico!

DISTRIBUIÇÃO PELA ORDEM DE ENTRADAS:

Tito	LUIZ CARNEIRO
Aurea	MARQUISE BRANCA
Quincas	RAUL PRISTON
Paulo	LUIZ MORENO
D. Filó	LURDES MONTEIRO
Dulce	LENITA LOPES
Maria	LETICIA FLORA
Bisbilhoso	ALFREDO OLIVEIRA
Simião	CARLOS CODECEIRA

NOTA—Os espectaculos terminarão sempre com um acto variado, denominado:

CARNET "GENTE NOSSA"

Amanhã — A's 20,45 — Subirá á scena a fabrica de gargalhadas dividida em 3 actos, original de Paulo Magalhães:

Guerra as Mulheres

AGUARDEM — O Ministro do Supremo, hilariante comedia em 3 actos, de Armando Gonzaga.

BREVEMENTE — Mulato, grande peça de Samuel Campello.

Ingressos á venda no PONTO CENTRAL

Moveis gentilmente cedidos pela CASA LAGES

Além de registrar que o Grupo Gente Nossa foi considerado de utilidade pública pela Lei Estadual n. 176 de 14 de novembro de 1936, a matéria citou ainda suas excursões às cidades de Maceió (em dez dias naquele ano de 1937, com um total de quinze récitas), João Pessoa (foram oito espetáculos em cinco dias, naquele mesmo ano), Campina Grande, Natal, Jaboatão, "Victoria", Escada, Palmares, Garanhuns, São Lourenço, Limoeiro e "Goyanna". No Recife, além de ocupar o Theatro Santa Isabel sempre que a pauta estava livre, trabalhou nos subúrbios da "Magdalena", Encruzilhada, Casa Amarela, Afogados, Tejipió e no bairro de São José.

Para além dos autores pernambucanos – seu foco principal, aqui já citado –, encenou também textos de dramaturgos consagrados em todo o Brasil: Cláudio de Sousa, Renato Vianna, Viriato Correia, Joracy Camargo, Abadie Faria Rosa, Paulo de Magalhães, Oduvaldo Vianna, Raul Pederneiras, José de Alencar, Arthur Azevedo, Matheus da Fontoura, Luis Iglesias, Miguel Santos, Maria Rosa Moreira Ribeiro, Armando Gonzaga, Gastão Tojeiro, Leopoldo Fróes, José Wanderley e Eurico Silva, entre outros. Montou ainda peças de autores internacionais, como os portugueses Júlio Dantas, Celestino Silva e Baptista Diniz, e do francês Maurice Henequin, para citar alguns. Quanto às músicas, pôde aproveitar partituras de Jean Gilbert, Chiquinha Gonzaga, Sá Pereira, Sofonias Dornellas, Franz Lehar e Lombardo. Ressaltando o ineditismo de alguns trabalhos, a matéria ainda lembrou:

> Foi o *Grupo Gente Nossa* que, no norte do país, representou pela primeira vez as seguintes peças; (sic) *Deus lhe pague* e *Paternidade*, de Joracy Camargo; *Saudade* e *Aventuras de um rapaz feio*, de Paulo Magalhães; *Amôr*, de Oduvaldo Vianna; *O Chá de Sabugueiro*, de Raul Pederneiras; *Dindinha*, de Matheus da Fontoura; *Fantoche*, de Luis Iglesias; *O amigo da Paz* e *Graças a Deus*, de Armando Gonzaga; *Compra-se um marido*, de José Wanderley.

Como sempre colaborou com as companhias profissionais que visitavam o Recife, o Grupo Gente Nossa promoveu espetáculos em parceria com as companhias de comédias de Jaime Costa, Palmeirim Silva, Antônio Palma, Teixeira Pinto, Companhia de Operetas Irmãos Celestino, Companhia de Revistas Eva Stachino e a Companhia de Dramas Esther Perelmann. Ainda de acordo com o *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1937), "Dos elementos estreados e feitos no Grupo Gente Nossa, já sairam para outros elencos" do Sudeste do país: Lenita Lopes (que trabalhou com Jaime Costa), Barreto Júnior (que trabalhou com a Companhia Otília Amorim), Renato Marques (que excursionou com a Companhia Palmerim Silva), Augusta Moreira (com a Companhia Marquise Branca), Elpídio Câmara (naquele momento integrando a Companhia Procópio Ferreira) e Aluízio Campello (naquele momento no Pará, em excursão com a companhia mexicana Picchardini).

Jaime Costa

Renato Marques

Citando também as peças estreadas pelo Grupo Gente Nossa e incluídas em repertórios de outras companhias, o *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1937) lembrou: *Ladra*, de Silvino Lopes, representada pela companhia de Renato Vianna nos theatros João Caetano e Rival, do Rio de Janeiro, e Cosmos, de São Paulo, dando neste, trinta representações seguidas; *Esphinge*, também de Silvino Lopes, pela companhia de Restier Júnior; *Mulato*, de Samuel Campelo, presente nos repertórios de Jayme Costa e Álvaro Pires; *Candidato á Constituinte*, de Valdemar de Oliveira, representada em São Paulo pela Companhia Palmeirim Silva; *Tão fácil, a felicidade...,* de Valdemar de Oliveira, e *Agite-se...*, de Samuel Campelo, ambas no repertório de Teixeira Pinto; *A Madrinha dos Cadetes*, opereta de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, com quarenta e uma apresentações no Teatro João Caetano, do Rio, pela companhia M. Pinto; e *Ninho Azul*, de Valdemar de Oliveira, no repertório dos Irmãos Celestino. Quanto aos ensaiadores, a mesma matéria no *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1937) fez questão de destacar:

> *Adolpho Sampaio*, que fez parte das companhias José Climaco, Eva Stachino e outras; *Manuel Matos*, competente mestre de scena; *Avelar Pereira*, muito conhecido nos meios theatraes; *Carlos Torres*, que foi companheiro de Leopoldo Froes, tendo feito parte de outros elencos de 1ª. ordem, hoje na companhia Alvaro Pires, subvencionada pelo Ministerio da Educação.

E ainda citando intérpretes que passaram pelo Grupo Gente Nossa:

> *Maria Amorim*, nome hoje de destaque na capital do país, como actriz de opereta e de radio e que, antes de ser conhecida no Rio, esteve 2 annos no *Gente Nossa*; *Estellita Bell*, tambem conhecida no Rio, depois de estar neste elenco; *Lucina Soeiro*, soprano distinguido; *Maria Carolina*, soprano; *Ernestina Ramirez*, soprano chileno.

Paralelo às festividades do Grupo Gente Nossa, o clima político do Brasil não era nada favorável a comemorações. O Golpe de Estado implementado a partir

do dia 10 de novembro de 1937, eliminou a eleição para presidente que aconteceria em janeiro do ano seguinte e abriu fendas terríveis na vida cotidiana de todos os brasileiros, deixando entrar um clima de insegurança permanente naqueles que se mostraram desfavoráveis aos desmandos do populista Getúlio Vargas, que permaneceu no poder até 1945. Eis o que Elide Rugai Bastos publicou no livro *Intelectuais: Sociedade e Política* (2003, p. 166-167.) a partir de uma escrita do próprio Getúlio Vargas:

> "Não é mais possível recuar. Estamos em franca articulação para um golpe de Estado, outorgando uma nova Constituição e dissolvendo o Legislativo". As palavras de Getúlio Vargas em seu diário, datadas de 7 de novembro de 1937, mostram sua crença, e daqueles que comporão seu governo, na inevitabilidade da intervenção que operaram. O Estado Novo inauguraria uma experiência sem par na história brasileira.

Posto em prática a partir da denúncia de que os comunistas estavam tramando tomar conta do país (estratégia divulgada como o Plano Cohen), o Golpe de Estado getulista iniciou o período conhecido como Estado Novo, uma ditadura supostamente capaz de caçar e repreender os envolvidos com o comunismo no país. O historiador Antônio Gasparetto Júnior explica no artigo "Golpe de 1937" (s. d.):

Getúlio Vargas

> No entanto, sabe-se hoje que o Plano Cohen era um documento falso que foi forjado por um integralista, o capitão Olímpio Mourão Filho. A ala militar não estava satisfeita com a subversão que se esboçava no território brasileiro. Getúlio Vargas se aproveitou disso e do repúdio ao comunismo para conquistar o apoio dos militares e se manter no poder da forma que mais queria, como um ditador.

O regime político imposto por Getúlio Vargas foi repressor em todas as instâncias, inclusive no segmento das artes, mesmo que muitos tenham calado diante dos desmandos ou, contraditoriamente, colocados como parceiros do Estado Novo. Com a dissolução do Congresso Nacional e dos Legislativos estaduais e municipais, a suspenção das eleições e dos partidos políticos, sendo, então, decretado o estado de emergência em todo o país, o governador pernambucano Carlos de Lima Cavalcanti foi deposto do cargo. Em seu lugar, Getúlio Vargas nomeou Agamemnon Magalhães como o interventor federal do estado.

Agamemnon Magalhães

Em meio aquele clima de instabilidade (e Agamemnon Magalhães se revelou um político admirado por muitos do teatro, não só presente, como parceiro em diversas instâncias), as artes cênicas não pararam suas atividades. Tanto que, naquele mês de novembro, o Teatro de Santa Isabel foi novamente ocupado por uma equipe de fora, a Companhia Italiana de Operetas Bertini-Boni, que cumpriu temporada de dezoito apresentações, terminando com *Sonho de Amor de Liszt*, no dia 28, e seguindo para a cidade de João Pessoa. No repertório apresentado no Recife: *A Casta Suzanna*, *La Scugnizza*, *O Tango da Meia Noite*, *A Duqueza do Bal Tabarin*, *Adeus*, *Mocidade*, *Acqua Cheta*, *Santarellina*, *Passa L'Amore*, *Eva* e *A Presidente*.

Foi ainda em novembro que reorganizou-se na capital pernambucana a equipe encabeçada pelo ator e empresário Barreto Júnior, a Companhia Brasileira de Comédias; também esteve novamente de passagem pelo Recife a Companhia de Arte Dramática do ator Álvaro Pires, seguindo, depois, para temporada em Maceió; e estreou, no Teatro de Santa Isabel, a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, da professora Maria Elisa Viegas, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro. A grandiosa montagem contou com partitura musical do maestro Nelson Ferreira, regendo a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Até dezembro foram cinco sessões no total, numa delas em benefício do Refeitorio Para Moças Empregadas no Commercio. *Coisas do Meu Brasil* ganhou nova versão em 1940, voltando a fazer sucesso também em 1941.

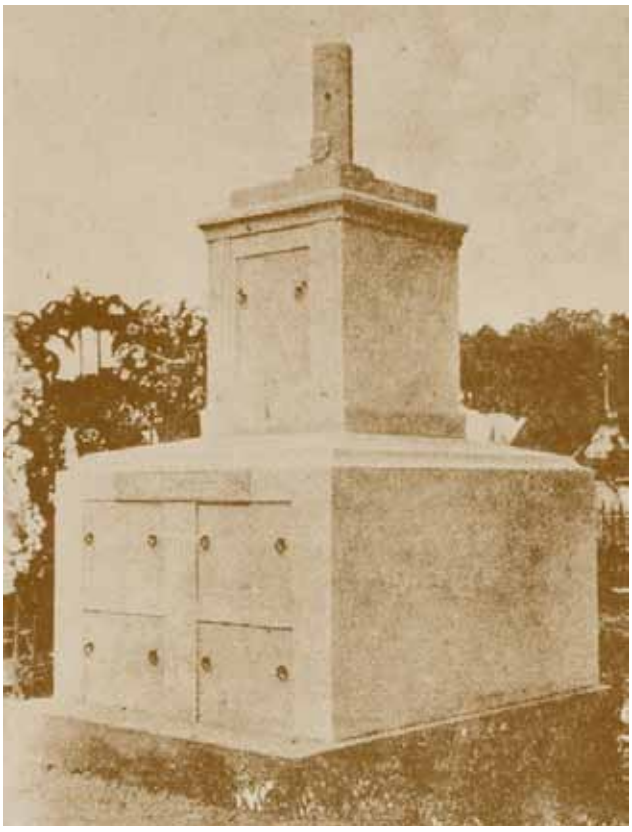
Por se tratar de uma produção com crianças e adolescentes, vale registrar que, naquele ano de 1937, a convite da Comissão de Teatro Nacional, do Ministério da Educação e Saúde, o dramaturgo Joracy Camargo fez uma importante conferência naquela instituição,

Theatro Santa Isabel
TEMPORADA OFFICIAL
GRANDE COMPANHIA ITALIANA DE OPERETAS
BERTINI-BONI
Italo Bertino — Franca Boni
soubrette : ALBA REGINA
HOJE — SEXTA-FEIRA 12, A'S 8 3/4 — HOJE
INICIO DA MAIS BELLA TEMPORADA DE OPERETAS
PRIMEIRA RECITA DE ASSIGNATURA
Com a famosa opereta em 3 actos, de FRANZ LEHAR
A VIUVA ALEGRE
Niegus — Italo Bertini — Anna Giavari — Franca Boni
CADEIRA — 12$000
AMANHÃ — Para estréa da querida soubrette ALBA REGINA. Primeira recita extraordinaria.
DOMINGO — Primeira Matinee Elegante.
AGUARDEM — As ultimas novidades mundiaes.
(92.531)

THEATRO SANTA ISABEL
TEMPORADA OFFICIAL
GRANDE COMPANHIA ITALIANA DE OPERETAS
BERTINI-BONI
Soubrette : ALBA REGINA
DIRECTOR ARTISTICO : ITALO BERTINI
VEDETTE : FRANCA BONI
ULTIMO ESPECTACULO DA COMPANHIA - ADEUS RECIFE
DOMINGO, 28 de novembro de 1937, ás 3 horas
ULTIMA MATINE'E
Com a bellissima opereta em 3 actos de FRANZ LEHAR
EVA
A' NOITE, ás 8 3/4 GRANDE RECITA EXTRAORDINARIA
DESPEDIDA DA COMPANHIA
ADEUS RECIFE
Com A FESTA ARTISTICA DEL Cav. ITALO BERTINI e a grande Novidade de successo em Rio de Janeiro e São Paulo
"SONHO DE AMOR DE LISZT"
Opereta em UM prologo e TRES actos de HEINZ REICHERT
MUSICA de KARL KOMJATI sobre o thema musical de FRANZ LISZT
OSPITI — UFFICIALI — CONTADINE — PERSONALE DI ALBERGO
L'azione si svolge nel' anno 1864
Luogo delle azioni: Prologo e TERZO acto: Giardino di una vecchia osteria ad Alt-Ofen vicino a Budapest — PRIMO acto: nell'hall dell'hotel "LA OVEJITA DE ORO" — SECONDO acto: Nela Tenuta PERESZLENYI. No SEGUNDO acto: o CORPO DI BAILL INTERPRETARA A RAPSODIA HUNGARA N. 2
Maestro Concertador e Director de Orchestra : FILIPPO CAPARROS.
ADEUS RECIFE — ADEUS RECIFE, ADEUS
(92.792)

Coisas do Meu Brasil

"analisando históricamente o Teatro Brasileiro, onde dedicava particular atenção ao Teatro Infantil, e fazia elaborada proposta de construção do *Teatro da Criança*, nos moldes do que ele conhecera na então União Soviética". É o que revela o livro *Maturando: Aspectos do Desenvolvimento do Teatro Infantil no Brasil* (1995, p. 66.), do pesquisador Dudu Sandroni, que lembra ainda que Joracy Camargo figura como um dos primeiros autores brasileiros do teatro para crianças a apostar numa maior teatralidade em seus trabalhos, com "dramaturgia menos *academicista* e cheia de humor e crítica social". Mas, infelizmente, sua proposta para o segmento da infância não teve maiores progressos por parte do poder público. No ano seguinte, 1938, Joracy Camargo e Henrique Pongetti lançaram o livro *Teatro Para Crianças*, com peças curtas e explicações sobre vários elementos da atividade teatral.



Mausoléu dos Artistas

Voltando a 1937, dois atores do Grupo Gente Nossa deixaram o Recife naquele ano, contratados por estações de rádio: Luiza de Oliveira, que seguiu para a Rádio Tabajara, em João Pessoa, e Mayerbeer de Carvalho, convidado para a Rádio de Maceió. Além da perda do contrarregra Mário Freitas, que suicidou-se, a equipe sofreu com a morte do compositor Gaspar Moura. Ambos foram sepultados no Mausoléu dos Artistas, que o grupo fez construir no Cemitério de Santo Amaro, em terreno cedido pela Prefeitura do Recife. Lá, já estavam sepultados o ator e ensaiador português Manuel Matos e o carpinteiro Antônio Cunha, também português. Ainda em dezembro, o palco do Teatro de Santa Isabel recebeu a comédia francesa *Quando o Amor Vem...*, que vários artistas pernambucanos apresentaram em homenagem ao interventor federal Agamemnon Magalhães, assim como mais um festival das alunas de danças clássicas de Miss Gatis. A pouca frequência de espetáculos de dança naquele ano fez Valdemar de Oliveira concluir em matéria retrospectiva publicada no *Jornal do Commercio* (9 de janeiro de 1938):

Foi reduzido o numero de exhibições choreographicas no anno ultimo [1937]. Tivemos, no Santa Isabel, uma apresentação das alumnas de Miss Gatis. Foi isto em dezembro. Como sempre, agradaram os numeros apresentados. Em beneficio dos filhos dos Lazaros realizou-se, naquelle mesmo theatro, uma festa que constituiu, tambem, um facto de grande repercussão social. Quasi todos os numeros eram de dansas, o mesmo acontecendo na chamada Festa da Maternidade, levada a effeito no Jockey Clube, para grandes applausos. Cite-se, ainda, a apresentação, no Santa Isabel, da bailarina brasileira Eros Volusia, que exhibiu duas criações suas, sob motivos choreographicos do frevo e do maracatú pernambucano[.] Essas criações não agradaram, de maneira alguma. Se á bailarina brasileira sobre um grande desejo de estilização das nossas dansas populares, falta-lhe, ainda, o completo amadurecimento do espirito para uma solida obra artistica. Dahi o insuccesso de suas festas de arte, em cujo programma, todavia, se salvaram alguns numeros dignos de attenção.

O dia 16 de dezembro, no entanto, foi de extrema festa, pois o Teatro de Santa Isabel celebrou mais um aniversário de reinauguração após o incêndio ocorrido em 1869, desta vez com a opereta *Boby* e *Bobette* pelo Grupo Gente Nossa. No dia seguinte, Raul Prysthon comandou a estreia de *Flor de Maio*, comédia de Silvino Lopes, reunindo os atores Marquise Branca, Letícia Flora, Ziza Prysthon, Isaura Bravos, Vicente Cunha, Luiz Maranhão, Alfredo de Oliveira, Antônio Britto, Carlos Codeceira, Divaldo Ribeiro, João Santos e ele próprio como beneficiado. E finalmente surgiu a notícia aguardada: o Governo Federal instituiu o Serviço Nacional de Theatro, instituição criada em 21 de dezembro de 1937. Nesta mesma data, nos Estados Unidos, foi lançado o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, como o primeiro longa-metragem de animação dos estúdios Disney, algo que certamente acabou influenciando o teatro que se fazia para crianças no Recife até então. A película só chegou à capital pernambucana em outubro de 1938, com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Teatro do Parque e, em seguida, no Cine Moderno.

Dois novos conjuntos do teatro popular carioca chegaram ao Recife quase ao finalzinho daquele ano. Estreando a 29 de dezembro, a Companhia Jararaca ofereceu, no Cine Encruzilhada, três espetáculos diferentes, enquanto a Troupe Guanabara,

Marquise Branca

Alfredo de Oliveira

Teatro de Variedades da Festa da Mocidade

na Festa da Mocidade, chegou a realizar treze apresentações naquele mês. Com isso, o total de récitas pelas sete companhias itinerantes que visitaram o Recife em 1937, segundo aquela matéria retrospectiva no *Jornal do Commercio* (9 de janeiro de 1938), foi de 168, surpreendendo o autor do texto, Valdemar de Oliveira, que, claro, colocou como maior destaque para as plateias pernambucanas a existência profícua do Grupo Gente Nossa, com um total de quarenta e uma apresentações no Teatro de Santa Isabel, dez no Cine Encruzilhada, e cinco no Teatro Leopoldo Fróes, totalizando cinquenta e seis sessões em 1937:

Teatro Santa Isabel

Grupo Gente Nossa

(De utilidade publica pela lei n. 176, de 14 de Novembro de 1936)

Domingo, 5 de Setembro de 1937

Vesperal — 15 horas

A grande opereta de J. Onhonhawsky, musica de Jean Gilberto,

— EM 3 ATOS —

A CASTA SUZANA

(Distribuição pela ordem de entradas)

Baroneza — Amalia de Sousa
Jacolina — Alzira de Oliveira
Chareucey — Luiz Moreno
Barão des Aubrais — Luiz Carneiro
Umberto — Alfredo de Oliveira
Mariota — Lurdes Monteiro
Renato — Vicente Cunha
Suzana — Luiza Oliveira
Pomarel — Raul Priston
Viarel — Caldas Araujo
Irma — Marquise Branca
Pallasso — Armando Borges
Cadet — Aldo Calvett
Rosa — Zita Priston
Alexis — Ari Guimarães
Emilio — Malerbor de Carvalho
Commissario — Dempsy Leite

Figurantes: Izaura Bravos, Leda Maura, Soares da Silva
Ponto: Abelardo Cavalcanti.

Regencia do maestro Carlos Diniz

Dia 7 de Setembro — Vesperal: **Guerra ás mulheres,** com numeros de musica nos intervalos por Marquise Branca. Sarau com **A Madrinha dos Cadetes.**

MEC - DAC - SNT
Divisão de Documentação
ACERVO ALDO CALVET
1976

> É interessante annotar que, destes, *17* foram de opereta, 8 de burletas e comedias musicadas, *16* de comedias, *14* da (sic) altas comedias e 1 melodrama. Em synthese: 26 foram de theatro musicado e 30 de theatro declamado. Ainda merece ser destacado o facto de ter o Grupo dado preferencia ás obras de autores pernambucanos, tendo sido representadas as seguintes: *Esphynge*, *Petronio* e *Eu não sou eu*, de Silvino Lopes; *Erro do Criador*, de Silvino Lopes e Filgueira Filho; *Casa de Gonçalo*, de Lucillo Varejão; *Verita*, de Maria Augusta Pessôa; *É preciso casar Theresa*, de Umberto Santiago; *Silencio*, de Hermogenes Vianna; *Boby e Bobette*, de Waldemar de Oliveira; *Morenas Brasileiras*, dos Irmãos Valença; *O assustado*, de Augusto Wanderley e Gaspar Moura; *Uma senhora viuva*, *Mulato* e *Agite-se...*, de Samuel Campello; *Illusões de Amor*, de Miguel Jasseli e Gaspar Moura e *A madrinha dos Cadetes*, de Samuel Campello e Waldemar de Oliveira. Ainda sobre peças pernambucanas cumpre notar que, em suas excursões a João

Silvino Lopes

Pessôa, Maceió e Limoeiro, o Grupo enscenou varias das acima citadas, e outras como *Aves de Arribação*, de Samuel Campello e Waldemar de Oliveira, *Ladra*, de Silvino Lopes e *A honra da tia*, de Samuel Campello. [...] Vale annotar, por fim, a enscenação, da revista *É do loré*, escripta em collaboração por Samuel Campellos (sic), Santos Carvalho, Vasco de Macedo e João Valença e representada pela Companhia Eva Stachino e elementos do Grupo Gente Nossa. [...] A sua maior victoria, porém, foi ter conseguido do prefeito Pereira Borges a sancção à lei votada pela Camara de Vereadores, concedendo um terreno e outros favores ao Grupo para a construcção do seu theatro proprio (*algo que nunca saiu do papel*).

Quanto à atividade dos outros núcleos de amadorismo teatral em Pernambuco, ele citou ainda a Tuna Portuguesa, que deu vários espetáculos em 1937, ora em sua sede ora no Teatro de Santa Isabel; o Gremio Dramatico do Barro e o Gremio de Comedias Cruzeiro, este último recentemente organizado no bairro de Campo Grande, ambos realizando algumas récitas; e lembrou ainda o surgimento da Troupe da Bôa Vontade, "Inteiramente victoriosa, desde a sua fundação", com várias peças produzidas e exibindo-se, ultimamente, todos os sábados, no Cine Olinda, antigo Theatro Livramento, no bairro do Feitosa. À frente do conjunto estava o diretor, dramaturgo, ator e radiator Valdemar Mendonça, junto ao ator Gerson Vieira. Por fim, lembrou a atividade cênica em outros municípios de Pernambuco:

> No interior do Estado, salvou-se, apenas, o *Gremio Artistico* Peixoto Junior, de Goyana. Foi reconhecido pela *Commissão* de Theatro do Ministerio da Educação e está construindo um *theatro* proprio. A causa do theatro de amadores, no interior, *muito soffreu* com a mudança da residencia de Miguel *Jasseli para o Rio* de Janeiro.

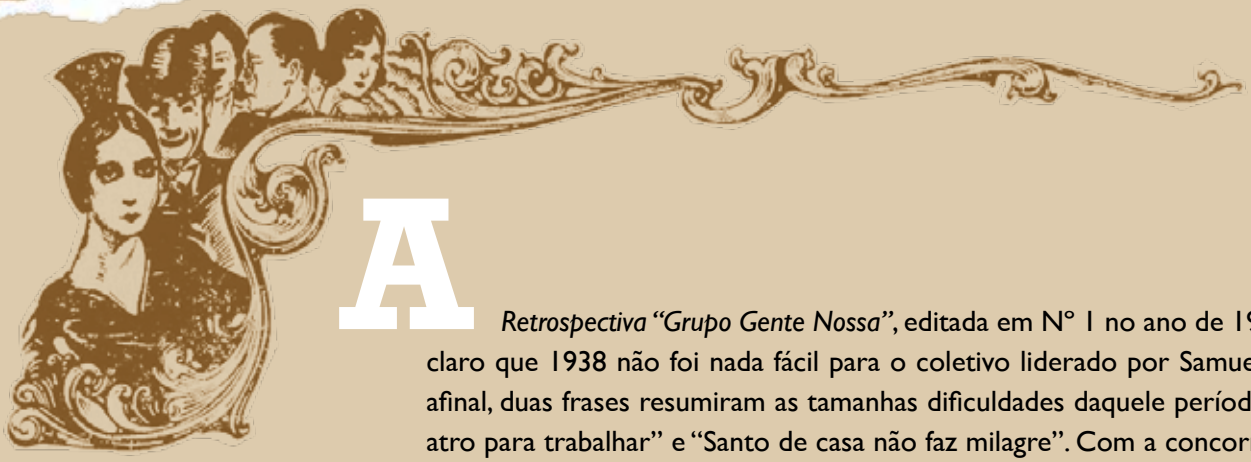
Troupe da Bôa Vontade

Num apurado geral, a retrospectiva lançada pelo *Jornal do Commercio* (9 de janeiro de 1938) concluiu que, em 1937, no Recife, realizaram-se 226 apresentações de espetáculos, no Teatro de Santa Isabel, no Cine Encruzilhada, no Teatro Leopoldo Fróes e no Teatro da Festa da Mocidade, sendo 168 por companhias itinerantes, cinquenta e seis pelo Grupo Gente Nossa e dois por núcleos avulsos, excluindo, assim, toda uma efervescência crescente daqueles conjuntos que, à margem dos teatros mais conhecidos, transitavam no mercado teatral recifense. A matéria finalizou com um apelo:

> É claro que o problema artistico está, sempre, na dependencia de factores economicos e sociaes. E 1937 não deu margem a que pudessemos offerecer ao publico um numero maior de momentos de arte. As crises politicas, a inquietação social, a carestia da vida, obstaculos de toda ordem se antepuseram aos esforços daquelles que porfiaram em melhorar o nosso padrão artistico. Basta ver-se que a *Cultura Musical* deu em 1937 apenas a metade do numero de concertos realizados em 36. E que a Associação dos Amigos da Arte, depois de offerecer dois concertos aos seus socios, suspendeu inteiramente a sua actividade, parecendo que em definitivo, o que é para lastimar-se. De qualquer maneira, o anno artistico de 1937, foi melhor do que todos os anteriores, apesar de ter baixado o rendimento das sociedades musicaes. Tudo leva a crer que 1938 assignalará uma grande actividade nos sectores musical e theatral. E que cada vez mais se torne premente a necessidade da construcção de um novo theatro ou de uma sala de concertos, evitando-se assim que concertistas avulsos e companhias theatraes nos deixem de visitar á falta de local onde apresentar-se – o que mais de uma vez aconteceu em 1937.

Mas os ventos não sopraram favoravelmente.

1938



A *Retrospectiva "Grupo Gente Nossa"*, editada em Nº 1 no ano de 1940, deixou claro que 1938 não foi nada fácil para o coletivo liderado por Samuel Campelo, afinal, duas frases resumiram as tamanhas dificuldades daquele período: "Sem teatro para trabalhar" e "Santo de casa não faz milagre". Com a concorrência cada vez maior das várias companhias cariocas que chegavam ao Recife, o Grupo Gente Nossa começou o ano sem um palco onde exercer suas atividades. O desabafo foi extremo naquela publicação de retrospectiva:

> Sem um estímulo, sem direito a nada, santo de casa não faz milagre. Esta é a verdade, sem reservas para manter os compromissos com os artistas. Samuel, esgotado, desiludido, dispensou a maior parte dos artistas, e num esforço titânico, continuou com espetáculos esparsos novamente pelos subúrbios, e o "GGN" que era um exemplo dignificante para o resto do País, um trabalho patriótico, perseverante, continuava "jogado" com suas peças excelentes, autores e atores (Elpídio Camara, Vicente Cunha, Maria Amorim, Lourdes Monteiro, Luís Carneiro, Alfredo Oliveira e outros) de primeira qualidade! A desilusão começou a empolgar Samuel, as dificuldades se multiplicaram, ninguém é profeta em sua terra, quando impera a desunião.

É curiosa tal situação exatamente no ano em que um projeto de lei foi instituído pelo presidente Getúlio Vargas, após encaminhamento pelo então Ministro da Educação, Gustavo Capanema, para substituir a Commissão do Theatro Nacional pelo órgão executivo Serviço Nacional de Theatro (SNT), como parte do Ministério da Educação e Saúde, na esperança de, possuindo verbas próprias e em funcionamento permanente, e não mais sazonal como antes, resolver questões urgentes para o teatro nacional. Seriam estas suas ações, segundo matéria no *Jornal do Commercio* (1 de janeiro de 1938):

Gustavo Capanema

> [...] promover ou estimular a construcção de theatros em todo país; organizar ou amparar companhias de theatro declamatorio, lyrico, musicado e coreographico; orientar e auxiliar, aos estabelecimentos de ensino, nas fabricas e outros centros de trabalho, nos clubes e outras associações, ou ainda isoladamente, a organização de grupos de amadores de todos os generos; incentivar o theatro para crianças e adolescentes, nas escolas e fora dellas; promover a selecção dos espiritos dotados de real vocação para theatro, facilitando-lhes a educação profissional no país ou no estrangeiro; estimular, no país por todos os meios, a produção de obras de theatro de todos os generos; fazer o inventario da producção brasileira e portuguesa em matéria de theatro, publicando as melhores obras existentes; providenciar a tradução e a publicação das grandes obras de theatro escriptas em idioma estrangeiro.

A lei entrou em vigor em 1 de janeiro de 1938. Durante aquele ano, somente para se ter uma ideia, as companhias teatrais de Lyson Gaster, Teixeira Pinto, Salú Carvalho, Palmeirim Silva e a Companhia Brasileira de Operetas Irmãos Celestino passaram pelo Teatro de Santa Isabel, além da renomada equipe liderada por Renato Vianna, que estreou com a sua polêmica peça *Deus*, considerada uma "obra prima" entre suas criações, segundo o *Jornal do Commercio* (20 de março de 1938). O coletivo cumpriu quase dois meses de temporada vitoriosa, do final de

THEATRO SANTA ISABEL

GRANDE COMPANHIA BRASILEIRA DE OPERETAS
"IRMÃOS CELESTINO"
Temporada official "Gilda de Abreu"
HOJE — Dois grandes espectaculos: Vesperal e soirée, ás 15 horas
Ultima representação da lindissima opereta em 3 actos de VIRIATO CORREIA
JURITY
):::(
HOJE — A's 20,30 horas em ponto — HOJE
3ª. representação da victoriosa opereta que empolgou toda cidade
PASSARO BRANCO
O maior espectaculo da temporada — SUCESSO — EXITO
Dia 21 — Quarta-feira — Festa Artistica do querido tenor PEDRO CELESTINO. Com a opereta A PRINCEZA DOS DOLLARS.
(06.651)

março a início de maio. Ainda no repertório, entre outras, a comédia *A Vida Tem Três Andares*, de Humberto Cunha, *A Mulher Que Se Vendeu*, peça espanhola de L. Navarro e S. Torrado, com tradução de Eurico Silva e Djalma Bittencourt, e *Sexo*, *La Cumparsita*, *Fantasmas*, *Mona Lisa*, *Senhora*, *O Homem dos Olhos de Vidro* e *Última Conquista*, sete outros escritos do próprio Renato Vianna. Originais pernambucanos também foram incluídos, como *Aonde Vaes, Coração?*, de Valdemar de Oliveira (récita dedicada à Academia Pernambucana de Letras), e *Ladra*, de Silvino Lopes. No elenco, além do próprio Renato Vianna, Suzana Negri, Maria Caetana, Déa Selva, Darcy Cazarré e Jorge Diniz, entre outros. Valdemar de Oliveira, entusiasmado, só fez elogios no *Jornal do Commercio* (7 de maio de 1938):

> A sua temporada theatral, em nossa terra, não foi uma temporada como tantas outras, em que se transige com o baixo gosto das plateias e se lança mão dos recursos arruinadores do palco. Foi muito mais, uma obra de pensamento e de cultura, uma realização de belleza, uma campanha de legitimas reivindicações dos supremos direitos da arte theatral. Renato Vianna não divertiu: educou. Não fez rir: fez pensar. Não trouxe um objectivo financeiro: trouxe um ideal artistico. E realizou-o, atra-

THEATRO SANTA ISABEL

SABBADO, 26 DO CORRENTE

Apresentação de

RENATO VIANNA E SEU THEATRO

— com —

Suzanna Negri	Darcy Cazarré
Maria Caetana	Jorge Diniz
Oéa Selva	Eurico Silva
Maria Lina	Ruy Vianna
Hortencia Silva	Manoel Rocha
Candida Gomes	Alvaro Augusto
Monna Leda	Elias Conturci

Director geral:	RENATO VIANNA
Assistente da direcção	DR. QUINTELLA FILHO
Director commercial	EURICO SILVA
Assistente da administração	H. VIANNA
Representante	DR. A. DE BASILE
Director de scena:	JORGE DINIZ
La bailarina solista	MARIA CAETANA

Ponto: Alberto Costa; Archivista — Candido Nazareth; Machinaria — J. Gonçalves e L. Trigo; Eclairage — Jacob e Sergio; "Regisseurs" — Antonio Amaral e Augusto Costa

EM PRIMEIRA RECITA DE ASSIGNATURA

DEUS

O drama dos seculos. A obra maxima de RENATO VIANNA

Montagem em scenoplatica de HYPPOLITO COLOMB

Synchronização musical e systema sonoro de BYINGTON & COMP. (Rio, São Paulo e Nova York)

Assignaturas abertas e localidades á venda no Deposito da Caxias — Praça da Independencia

(94.330)

vés da representação de peças de alto valor, de desempenhos admiraveis, de montagens como o Recife jamais havia visto, em epoca alguma. Não poderá ser esquecido mais. Elle representa um marco na historia do theatro em Pernambuco.

Completamente eclipsada na imprensa pela vinda da Companhia Renato Vianna, a Companhia Lyson Gaster ganhou um curioso comentário crítico de Luís Lapa no *Jornal do Commercio* (24 de março de 1938), espécie de "defesa" de parte do seu repertório como atrativo popular:

Os que me julgam irreconciliavel com o theatro popular, por certo se vão surprehender com este elogio critico da companhia que até há pouco occupou o nosso velho Santa Isabel, de vez que lhe vou fazer a justiça que merece, realmente. O snr. [Alfredo] Viviani aqui não chegou precedido de fama mentirosa, isto é, dizendo-se empresario de um conjunto que se propusesse a nos dar espectaculos de arte, no seu alto sentido, e, muito menos, querendo nos impingir os seus empresados como *as maiores figuras do theatro nacional*, a exemplo do que têm feito outros muitos. [...] E nos tem offerecido muito mais e melhor do que prometeu – optimos scenarios, alguns, magnificos – guarda-roupa bem apresentavel, bôa marcação, peças ensaiadas com carinho, corpo de *girls* muito razoavel e alguns actores de destaque. Elle, o Viviani, é um actor acima de commum e se não chega a ser optimo, ou talvez extraordinário, é por força de razão semelhante á que nos põe a bôcca torta – o uso do cachimbo. Tivesse elle se dedicado ao grande theatro, ao theatro-arte, ao theatro dramatico, e teriamos no Viviani um excellente actor. Mas, mesmo que o observem no seu genero, hão de confessar que agrada. E um actor não deseja nada mais do que isso, agradar naquillo que faz. O Domingos Terras é outro elemento destacado da Lyson Gaster. Sobrio,

THEATRO SANTA ISABEL

SENSACIONAL ESTREA DE LYZON GASTER

E SUA BRILHANTE COMPANHIA DE THEATRO COMICO MUSICADO

DIRECÇÃO de VIVIANI

HOJE ! — Sabbado, 5 de março de 1938 — HOJE !

Ás 20.15 horas em ponto

Primeira representação do sainete comico musicado de I. VIANELLO

FELICIDADE E' QUASI NADA

Como complemento a revista fantasia em 1 acto e 13 quadros

— SOCÉGA LEÃO —

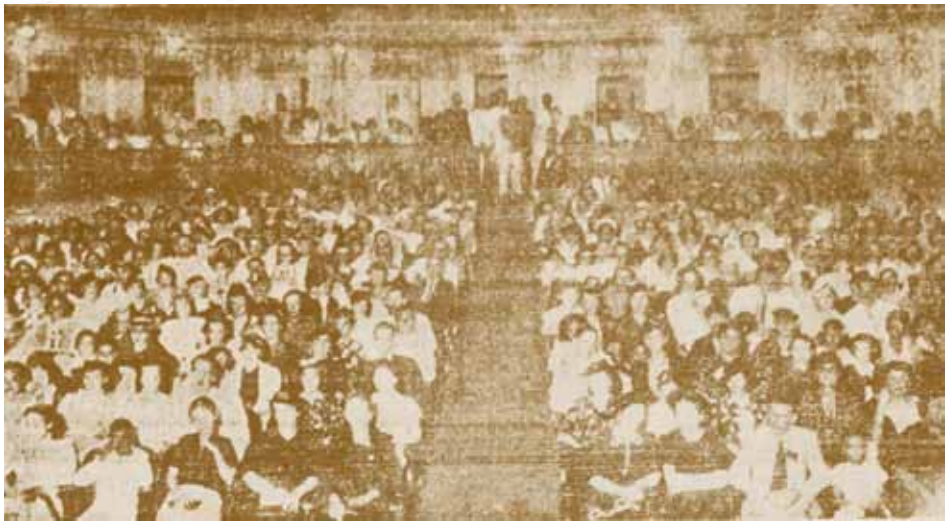
PREÇOS:

Frisas e Camarotes de 1.a 25$000 — Cadeiras, 5$000 — Ingressos para camarotes de 2.a 3$000 — Geraes, 2$000 — Estudantes e Militares, 1$000

AMANHÃ: — Grandiosa Vesperal á preços populares !

Aguardem: — DEUS E O DIABO.

(94.094)



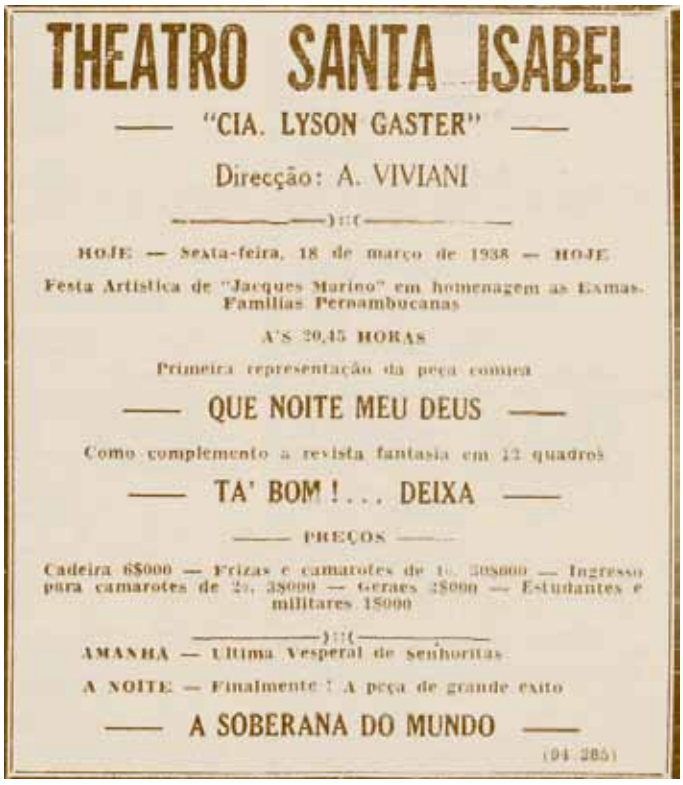
Plateia da Companhia Lyson Gaster no Teatro de Santa Isabel

sympathico, justo nas suas interpretações, faz se notar, em relevos altos, nas scenas comicas e nas de emoção. E' um dos bons "centros" brasileiros – embora nascido em Portugal, o Terras faz questão de accentuar a sua qualidade de actor feito no Brasil. [...] Quanto ao repertorio, se é certo conter algumas farsas de merito baixo, a verdade manda se notem, para louvor de quem dirige a companhia, as bôas peças apresentadas. Que classificação merecem *A Caminho do Céu*, *O homem que não viveu*, *Deus e o Diabo*, *Rancho Fundo* e *Tudo pode o amor*? Claro que são verdadeiras obras primas, frente a uma *Não me conte esse pedaço* e

THEATRO SANTA ISABEL

"CIA. LYSON GASTER"

Direcção: A. VIVIANI

HOJE — Domingo, 20 de março de 1938 — HOJE
A's 15 horas
ULTIMA VESPERAL POPULAR — Com apresentação da peça em 2 actos
RANCHO FUNDO
Como complemento a revista fantasia em 12 quadros
ROSAS VERMELHAS
PREÇOS POPULARES:
Cadeira 3$000 — Frizas e camarotes de 1e. 15$000 — Entradas para camarotes de 2e. 3$000 — Galeria 1$500 — Estudantes e Militares, na galeria 1$000. (Imposto Incluso)
A' NOITE — A's 20.45 horas em ponto
Ultimo dia da companhia no Santa Isabel, com a primeira representação da peça anciosamente esperada
SOBERANA DO MUNDO
Como complemento a revista fantasia em 12 quadros com boa musica e muita graça
QUEM QUEBROU MEU VIOLÃO
PREÇOS
Cadeira 6$000 — Frizas e camarotes de 1e. 30$000 — Entrada para camarote de 2e. 3$000 — Geral 2$500 — Estudantes e Militares 1$000. (Imposto incluso)
Terça-feira — A companhia passará a se exhibir no Cine-Encruzilhada, a preços popularissimos, apresentando a peça de ultra comicidade — A GAROTA DAS RUAS.
(94.327)

THEATRO SANTA ISABEL

"CIA. LYSON GASTER"

Direcção: A. VIVIANI

HOJE — Sexta-feira, 18 de março de 1938 — HOJE
Festa Artistica de "Jacques Marino" em homenagem as Exmas. Familias Pernambucanas
A's 20,45 HORAS
Primeira representação da peça comica
QUE NOITE MEU DEUS
Como complemento a revista fantasia em 12 quadros
TA' BOM!... DEIXA
PREÇOS
Cadeira 6$000 — Frizas e camarotes de 1e. 30$000 — Ingresso para camarotes de 2e. 3$000 — Geraes 2$000 — Estudantes e militares 1$000
AMANHÃ — Ultima Vesperal de senhoritas
A NOITE — Finalmente! A peça de grande exito
A SOBERANA DO MUNDO
(94.285)

> quantas outras infamias se têm escripto, para gloria do famigerado theatro nacional... Preferimos assim e, comnosco, os que frequentam theatro, no Recife: dar-nos mais do que nos prometem, com modestia, ao inverso de varios medalhões espertos, que teimam em nos impingir gato por lebre [...]

Em cartaz no Teatro de Santa Isabel, de 5 a 20 de março de 1938, em vesperais ou *soirées*, a Companhia Lyson Gaster ainda mostrou trabalhos cômicos como *Felicidade é Quase Nada* e a revista *Socéga Leão* em sequência, ou ainda *O Gato Escondido*, *Mamãe Eu*

Quero, *Lágrimas de Ouro*, *Meu Deus, Que Noite!* e a revista *Tá Bom, Deixe!*, estas duas últimas em festival do ator Jacques Marino. Ao ceder o principal palco do Recife para a Companhia Renato Vianna, a equipe ainda fez algumas sessões no Cine Encruzilhada. Por tudo isso, foram poucas as vezes que o Grupo Gente Nossa voltou a ocupar o palco do Teatro de Santa Isabel, como aconteceu antes, no domingo 6 de fevereiro, quando pôde mostrar a aplaudida comédia do escritor paraibano Abdon Milanez, *As Moças de Hoje*, numa vesperal para senhorinhas, tendo no elenco Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Lourdes Monteiro, Caldas Araújo, Amélia Pinto, Alzira de Oliveira, Leopoldo Cunha, Tancredo Seabra, Gerson Vieira e Marcello Bastos. Nos intervalos, a soprano Thereza Moreira cantou acompanhada do professor Alberto Figueiredo.

Mesmo cada vez mais ausente dos noticiários por falta de atuação, o Grupo Gente Nossa representou em julho, pela segunda vez, o original *Se Deus Quiser...*, alta comédia em três atos de Berguedof Elliot. No elenco, Elpídio Câmara, Luiz Maranhão, Antenor Netto, Caldas Araújo, Lourdes Monteiro e Aucélia de Souza. A apresentação no Teatro de Santa Isabel ainda contou com um ato variado em sequência musical, com o tenor Vicente Cunha, a soprano Alzira de Oliveira, Norton França e a estreante senhorinha pernambucana Marita Botelho. "Jovem graciosa, voz de contralto, Marita Botelho vai ser a melhor attração do acto variado cantando canções e sambas e dansando uma rumba a caracter", referendou o *Jornal Pequeno* (30 de julho de 1938), lembrando ainda que

Marita Botelho

aquela vesperal não podia ser assistida por menores de dez anos, "conforme determinação da Commissão de Censura". No dia seguinte, a peça *Se Deus Quiser...* ganhou comentário do crítico C. M. no *Jornal Pequeno* (1 de agosto de 1938):

> Hontem, assistindo-a, só tenho a proclamar ser uma excelente comedia, bem escripta, bem montada e salvo ligeiras senões, bem representada. *Si Deus Quiser...* tem uma these a defender, que o autor o (sic) fez com carinho – a christã. Os seus interpretes foram-se bem, mas Elpidio Camara, Lourdes Monteiro, Luiz Maranhão, Amelia de Souza, estiveram magnificos e nos seus papeis, Anteneo (sic) [Antenor] Netto, bom [e] Caldas Araujo, regular. Ao Berguedof Eliot, meus cumprimentos.

No mês seguinte, no Teatro de Santa Isabel, o Grupo Gente Nossa solenizou a data de seu sétimo aniversário, a 2 de agosto, com *Noites de Novena*, burleta de Samuel Campelo e João Valença, tendo a cantora Marita Botelho estreado finalmente numa peça teatral. Ainda no elenco, Vicente Cunha, Alzira de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Aucélia de Souza, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Nestor França, Antenor Netto, Luiz Maranhão e Caldas Araújo, entre outros. Em momento crítico, Valdemar de Oliveira fez quase um apelo aos poderes públicos através de sua escrita no *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1938), salientando conquistas do Grupo Gente Nossa mas, também, sua extrema crise naquele ano de 1938:

Lourdes Monteiro

> De facto, o Grupo apresenta, no momento em que solenniza mais um anniversario, um acervo de serviços á causa do theatro nacional bem difícil de ser supplantado em todo o nosso país. Incentivando as vocações theatraes, elle formou artistas que se têm exhibido promissoriamente em varios theatros do Sul; estimulando a producção theatral, a elle se deve a existencia, hoje em dia, no Recife, de um grupo de intelellectuaes que se dedicam, continuamente, ao difícil genero literario. Cabe-lhe, ainda, a gloria de ter rehabilitado o theatro no Recife, encarreirando o publico, novamente, para o Santa Isabel e propiciando a visita á companhias diversas que hoje encontram em nossa cidade todas as possibilidades de êxito. Tudo isto conseguiu o Gente Nossa sem a subvenção dos poderes publicos, lutando apenas com as suas armas entre as quaes a mais poderosa é o idealismo que tem orientado, desde a sua fundação, a sua actividade artistica. Reconheceu-o o governo quando o proclamou de utilidade publica, por decreto de 14 de novembro de 1936. Muitos outros titulos poderiam ser ajuntados se não nos bastasse, por hoje, accentuar o significado da data, chamando para ella a attenção dos poderes públicos, agora justamente empenhadas em prestigiar a acção do governo federal, de fomento ao theatro, no Brasil.

O espetáculo *Noites de Novena* foi dedicado ao prefeito Novais Filho e obteve um público numeroso. O problema é que, mais uma vez, o Grupo Gente Nossa teve que suspender suas apresentações devido à chegada da Companhia Teixeira Pinto, com pauta já assegurada no Teatro de Santa Isabel com peças como *Rosário*, *A Grã Duquesa* e *o Garçon* e *Por Tua Causa*. "Cada vez se torna mais urgente, assim, a construcção de um novo theatro em nossa cidade", lembrou Valdemar de Oliveira naquela mesma matéria no *Jornal do Commercio* (2 de agosto de 1938), depositando esperanças no interventor Agamemnon Magalhães para tal. E finalizou a resenha listando uma das faces mais interessantes da atividade do Grupo Gente Nossa, o estímulo à produção dramatúrgica. Segundo ele:

Teixeira Pinto

"Cerca de 100 peças foram escriptas, durante estes ultimos sete annos, no Recife: uma[s] directamente, outras indirectamente inspiradas pela acção do Grupo, conjunto que enscenou a grande maioria delas".

Para citar alguns dos autores: Samuel Campelo, que escreveu o libreto da peça *A Madrinha dos Cadetes*, além das comédias *Agite-se*, *Variações do Verbo Amar*, *O Mysterio do Cofre* (terceiro ato), *Mulato* e *S.O.S.*; Valdemar de Oliveira, responsável pelas comédias *Tem de Casar, Casa!*, *Os Três Maridos Della*, *Conto de Natal*, *Candidata à Constituinte*, *Um Rapaz de Posição*, *Tão Fácil, a Felicidade...*, *Honra ao Mérito!* e *Aonde Vaes, Coração?*, além do primeiro ato de *O Mysterio do Cofre*, e a composição das partituras das operetas *A Madrinha dos Cadetes* e *Lindamor*, incluindo ainda texto e música das operetas *Ninho Azul* e *Boby e Bobette*; Silvino Lopes, que produziu o libreto de *O Sargento Seductor* e as comédias *Inimigos Intimos*, *Eu Não Sou Eu*, *Esphynge*, *Ladra*, *O Homem Bom*, *Tufão*, *Em Nome de Deus*, *Petronio*, *Flor de Maio*, *Destino*, *O Erro do Criador*, e, em colaboração com Filgueira Filho, *O Caso do Estudante Pobre* e *Precisa-se de Uma Mãi*. Já Lucilo Varejão escreveu as comédias *O Bom Ladrão*, *Casa de Gonçalo* e *Golias*. No entanto, mesmo com toda essa produção dramatúrgica cada vez mais crescente, pouco se ia à cena naquele momento.

Pulando para o mês de setembro, foi a vez de apresentar *O Amigo Terremoto*, de Renato Alvim e Nelson de Abreu, numa pauta vaga do Teatro de Santa Isabel. O Grupo Gente Nossa ainda fez sessões no Cine Encruzilhada com alguns trabalhos naquele ano. No entanto, um triste desabafo sobre a hostilidade do público foi publicado por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1938):

> Não há exemplo, em todo o Brasil, de uma pertinacia, de uma combatividade, igual á do Grupo Gente Nossa. Depois de sete annos, que hoje solennisa com um espectaculo, no Santa Isabel, o Grupo é o mesmo dos seus primeiros meses de existencia: lutando contra mil factores adversos, contra mil obstaculos, entre os quaes o maior de todos é a ausencia de um pouso certo que lhe facilite a continuidade de esforços em prol de uma arte para a qual, felizmente, o governo federal começa a olhar com olhos de ver e de sentir. Para integrar-se no sentido de uma organização como essa, necessario seria, antes do mais, comprehender todo o valor da arte theatral, numa palavra, do theatro. Infelizmente, porém, em nossa terra, o espectador insiste em considerar o theatro um simples meio de diversão, coisa de passatempo, sem maiores preocupações da intelligencia. Numa representação do Grupo Gente Nossa, há quem cascavilhe, apenas, a falta de um dente na bocca de uma actriz, ou um defeito da montagem, o descosido de uma saia, o descuido de uma contraregra. Há quem veja, assim, só e só, o pormenor, sem penetrar, um centimetro, na significação da obra admiravel de estimulo

Grupo Gente Nossa em 1938

das vocações artisticas ou da producção literaria. O sentido occulto da realização escapa a uma bôa maioria, precisamente aquella que se compõe de individuos bem vestidos por fóra, mas, andrajosos por dentro. Ninguem considera que o Grupo nada recebe dos poderes publicos e que tudo aquillo é resultado de uma, somma de energias incalculavel, posta em marcha sem qualquer preocupação mercantil. O que se pretende é ver ouvir, por preço de cinema – neste particular o Grupo tem theatro exclusivamente popular – espectaculos iguaes aos que, por preço triplo, nos offerecem empresas optimamente organizadas, quando não subvencionadas, que vêm, de repertorio feito e elenco amadurecido, exploror (sic) as praças do Norte. E' o que entristece, nisto tudo; é sentir, depois de tantos annos de luta que o Grupo ainda não tenha sido perfeitamente comprehendido por uma parte do publico, em geral impermeavel ás porcarias importadas e só sensível ás deficiencias de um conjunto local desamparado de tudo, menos da grande força do ideal que o anima.

Paralelamente, notícias sobre outros conjuntos pipocavam na imprensa recifense, como o surgimento de um grupo de amadores teatrais organizado na Torre sob o nome Apolônia Pinto, dirigido por Abdenago de Araújo, ou a fundação do Gremio Dramatico Samuel Campelo, em outubro, na cidade de São Lourenço da Matta, presidido por Luiz Figueirôa Faria. Também destacada foi a Troupe da Bôa Vontade, que ocupava o Cine-Theatro Olinda, do Feitosa, desde o ano anterior, e continuava "a exhibir-se com crescente êxito", conforme o *Jornal do Commercio* (6 de fevereiro de 1938). O mesmo jornal ainda lembrou do Gremio Littero-Theatral Pedro II, que possibilitou a representação da comédia *O Diabo Em Casa*, de autoria de Francisco Uchôa, dirigida pela professora Maria da Glória Queiroz Coelho, no Lyceu de Artes e Officios, tendo no elenco Maria Fragoso, Irdiné Maia e Bello Azevedo. Ainda em março, foi a vez da comédia *Paris Na Roça*, de autor não divulgado.

Vale destacar também que, assim como aconteceu em 1937, o Teatro de Santa Isabel abriu suas portas, mais uma vez num domingo, para a realização da festa artística anual do Programma Juvenil da Rádio Clube de Pernambuco, tendo à frente da direção a senhorinha Odette Silveira. "Um grande público, há de encher a plateia do velho theatro para applaudir os artistazinhos que já o anno passado alcançaram grande sucesso", comemorou o *Jornal do Commercio* (3 de julho de 1938) no dia da apresentação. E foi novamente casa cheia. No mês de julho, dramaturgos movimentaram-se para apresentar suas obras. Walter de Oliveira fez, para um grupo de amigos, a leitura de sua peça *Calvario*; Lucilo Varejão, que tinha colocado o ponto final recentemente na comédia *Cain*, estava escrevendo uma outra intitulada *D. João III*; e Maria Elisa Viegas concluiu nova peça destinada ao Theatro Infantil, "que se inaugurará breve sob os auspícios do

Odette Silveira

Festa do Programma Juvenil da Rádio Clube de Pernambuco

Departamento de Educação", de acordo com o registro da "Rapida Resenha de Julho Artistico", do *Jornal do Commercio* (7 de agosto de 1938). O tema desse teatro educação foi assunto da coluna *A propósito...*, de Valdemar de Oliveira, no *Jornal do Commercio* (27 de julho de 1938):

> Está em plena organização, o Theatro Infantil. Comprehenderam, as autoridades de educação, que é o theatro um meio pedagogico do maior alcance e que a sua organização, cuidadosa dentro dos principios moraes que devem nortear a instrucção, na infancia, representa um elemento de que não pode presscindir (sic) um apparelhamento educacional moderno. Para uma criança, sua instrucção e sua educação, o theatro é meio caminho andado: obriga-a á leitura, define-lhe as tendencias intelectuaes, exercita-lhe a memoria, agiliza-lhe a mimica, põe-na em contacto com a musica e com a dansa, ensina-a a falar, familiariza-a com o publico, da-lhe a conhecer originaes de valor, proporciona-lhe conhecimento geraes que levaria annos a aprender, infunde-lhe o espirito de disciplina e de ordem, estimula-lhe as faculdades superiores da intelligencia, fá-la encarar a escola sob outro aspecto – o da instrucção conduzida pela recreação – incute-lhe um sentido superior da vida. É impossivel tudo dizer num palmo de columna, sobre a significação e o valor de tal processo educativo.

Por conta da falta de palco ideal, o Grupo Gente Nossa vivia situação difícil e foi restringindo cada vez mais suas apresentações em 1938, pois o Teatro de Santa Isabel vivia ocupado pelas companhias visitantes entre outras atividades agendadas, ao ponto de Samuel Campelo suspender as atividades da equipe naquele ano. De fato, a pauta do mais cobiçado palco do Recife vivia lotada. Qualquer brechinha era motivo para usá-la, como o fez o Gremio Scenico Espinheirense, sob o patrocínio de elementos da colonia potyguar no Recife e em benefício dos flagelados da malária no Rio Grande do Norte, que encenou no domingo, 18 de setembro, a opereta *Uma Canção Para Você*, de Antônio Rodrigues, com música de diversos autores, compiladas por Antônio Amorim Rabello. A montagem já havia sido apresentada duas vezes antes, "para applausos geraes", como lembrou o *Jornal do Commercio* (18 de setembro de 1938). No elenco, as senhorinhas Carmen Salazar, Nely Rabello, Denise Albuquerque, Dédrana A. Lima e Arigenes Rodrigues, além dos senhores Antônio Rodrigues, Luís Bacellar, Dédrano A. Lima, Paulo Costa e Menaris Ribeiro. Um coro com muitas outras senhorinhas e senhoras também fez parte, além de orquestra regida pelo maestro Antônio Amorim Rabello, todos sob a direção do autor da peça, Antônio Rodrigues. O Grupo Gente Nossa emprestou os cenários.

Para se ter uma vaga ideia de que tudo, de fato, podia parar no Teatro de Santa Isabel, no dia 5 de fevereiro, numa realização do Club Libanez e Palestino, aquele palco recebeu um espetáculo de atletismo em benefício dos lázaros. A grande atração foi Ruhmann, atleta conhecido mundialmente por sua exibição de força, "envergando grossas barras de ferro e partindo correntes, além de outros numeros de sensação", lembrou o jornal *Diario da Manhã* (1 de fevereiro de 1938). Em seguida, o enorme público pôde conferir uma audição do Orpheão da Brigada Militar. Em outubro, assim que a Companhia Renato Vianna encerrou sua segunda temporada naquele ano, seguindo para o Rio de Janeiro, foi promovida por lá uma apresentação do mesmo Orpheão da Brigada Militar, sob a regência do maestro Zuzinha, agora junto ao Orpheão Municipal de Olinda; e já se anunciava um programa de contos e bailados pelas alunas do Gymnasio Vera Cruz, tomando parte nesta festa artística, entre outros convidados, os alunos de Miss Gatis, professora de danças clássicas. Paralelamente a esta intensa movimentação no Teatro de Santa Isabel, durante todo o ano outros conjuntos cênicos ou artistas foram aparecendo cada vez nos noticiários.

A Troupe da Bôa Vontade, por exemplo, foi uma que continuou seus espetáculos, como a burleta *Flor de Manacá*, de Luiz Iglesias, apresentada na data do seu primeiro aniversário, no dia 12 de março de 1938, no Cine-Teatro Olinda (suas três primeiras montagens aconteceram em residências), ou *Foi Ella Quem Me Beijou*, de Abadie Faria Rosa, visto no bairro da Iputinga, no mês de julho, ocupando o palco do Gremio Theatral Silvino Lopes. Em outubro, no Theatro Livramento, a mesma equipe ofereceu *O Amigo da Paz*. Já o Gremio Familiar Afogadense produziu *Falso Juramento*,

de Romualdo Pimentel e, em Olinda, no dia 2 de julho, foi fundado o Nucleo Theatral Getulio Vargas, que só lançou seu primeiro festival em novembro, no Salão Pio X, com o drama *O Filho Generoso* e a comédia *Uma Criada Millionaria* seguidos de um ato variado. Em dezembro, foi a vez de apresentar *No Fim do Caminho*, drama de Severino Bezerra, seguido de um ato variado e da comédia *Fortuna Inesperada*. O *Jornal do Commercio* (7 de agosto de 1938) ainda revelou que a comédia *Zezé*, de Elpídio Câmara e Filgueira Filho, foi representada em Camaragibe pelo Gremio de Comedias Cruzeiro, em "victoriosa excursão". A peça já tinha sido vista no Cine-Theatro Olinda (antigo Theatro Livramento), no bairro do Feitosa. Pouco depois, a mesma equipe levou naquele mesmo local a comédia de Gastão Tojeiro *A Inquilina de Bota Fogo*, seguida de um ato de variedades.

Elpídio Câmara

O Amigo Terremoto, comédia de Renato Alvim e Nelson de Abreu, e *Ao Clarão do Luar*, burleta de Heronides Silva e Lourival Santa Clara, foram outros trabalhos apresentados pelo Gremio de Comedias Cruzeiro em 1938. No elenco de artistas amadores, Heronides Silva, Norton França, Severino Ramalho, Benedicto Freitas, Edson Duque, Áurea Santos, Alzira Silva, Marieta Lima, Gessy Monteiro e Stela Lima. O conjunto anunciou também, para breve, a representação em primeira da burleta em dois atos de Heronides Fernandes, com músicas de Lourival Santa Clara, *Ao Clarão do Luar*. O Gremio Artistico do Barro, por sua vez, no mês de setembro, no Theatro da Matriz do Barro, apresentou a comédia *Exemplo a Casados*, de Diogo J. Saromenho, em benefício da Escola Parochial do Barro, e, no dia 25, *Secretário de Sua Excelência*, de Armando Gonzaga. Já a Tuna Portuguesa levou ao Teatro de Santa Isabel as comédias *Aventuras de Um Rapaz Feio*, de Paulo Magalhães, e *Uma Noite Em Apuros*, sem identificação do autor na imprensa, mas ambas dirigidas por Elpídio Câmara e seguidas do corpo musical da sociedade lusa regido pelo maestro Zuzinha. Em outubro, o Grupo Amadores do Pilar preparou *Eu Não Sou Eu*, comédia de Silvino Lopes, seguida de um ato de variedades. A direção foi de Manoel Chagas.

Entre os atores que promoveram festivais artísticos, Gerson Vieira realizou dois deles no Cine-Theatro Olinda, no bairro do Feitosa, primeiro com a encenação da comédia *O Bom Ladrão*, de Lucilo Varejão, seguida de um ato de variedades, e, pouco depois, com *Casa de Maribondos,* de Umberto Santiago. Junto ao amador Waldemar Mendonça, ela também promoveu outro festival no Theatro Livramento, no bairro do Feitosa, no dia 15 de julho de 1938, começando com a encenação do melodrama de Celestino Silva, *Rosas de Nossa Senhora*. No elenco, além dos dois coordenadores, J. Reis, Norton França, Lina Mello, Eunice Barros, Aloísio Campêlo, Irma Campêlo e a soprano Alzira de Oliveira. A segunda parte do espetáculo contou com dois sorteios de brindes e um ato variado com artistas do teatro e da rádio P.R.A.-8 em primeira aparição naquele bairro. "Para o referido festival, será prohibida a entrada de menores até 14annos (sic), de ordem do sr. juiz", anunciou o *Jornal Pequeno* (14 de julho de 1938).

Gerson Vieira

Aloísio Campêlo

Irma Campêlo

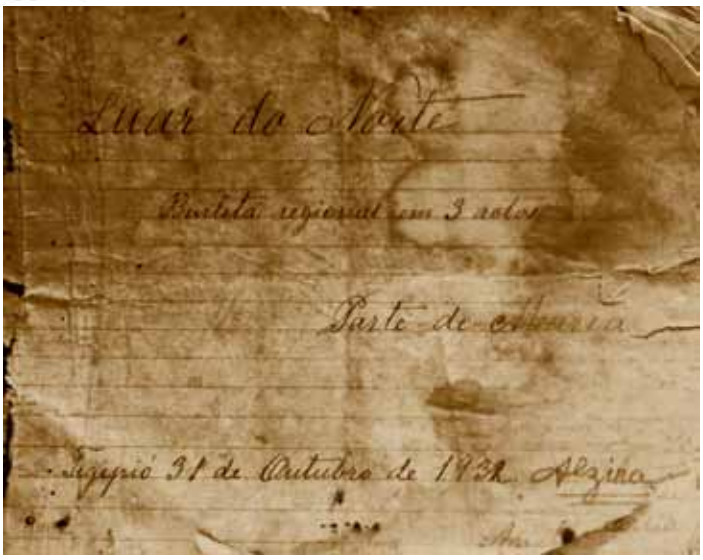
Alzira de Oliveira

Sylvio Monteiro também realizou sua festa artística no Barro, representando *O Bom Ladrão*, de Lucilo Varejão, enquanto que o Grupo Dramatico São José promoveu festival no Theatro da Matriz de São José, em benefício das obras da Igreja de São José de Riba Mar.

Se no dia 24 de setembro de 1938 o Teatro de Santa Isabel pôde receber a apresentação da comédia *The Last of Mrs. Chenneys*, com elementos da colônia inglesa, ainda em outubro, no Theatro do Barro, voltando a reintegrar-se ao Grupo Gente Nossa, Aucélia de Souza promoveu um festival com a peça *Si Deus Quiser...*, de Berguedof Elliot, junto a outros elementos do coletivo. Um ato variado encerrou a festa. Já o Nucleo Artistico de Tegipió promoveu um festival em benefício da Guanabara Football Club encenando a comédia *Minha Sogra Jararaca*, de F. Napoleão. No elenco, Arlindo Silva, Ita Lima, Abílio Campello, Amália de Souza, Iracy Faria, José de Souza, Expedicto Cavalcanti, Álvaro Tigre, Carminha Monteiro e Inaldo Carvalho, entre outros. Pouco depois, fez novo festival, desta vez em homenagem ao cantor Arlindo Silva com a comédia *Moços e Velhos* ou *Boneca Allemã*, de Rangel de Lima, no Theatro São João, no bairro de Tegipió. Ou seja, entre trancos e barrancos, o teatro local teimava em pulsar, ainda que timidamente.

No interior, a 10 de novembro de 1938, surgiu o Centro Dramatico Waldemar de Oliveira, na cidade de Timbaúba, com a representação da comédia *Eva na Politica*, novo título dado à peça *Candidata á Constituinte*, do próprio Valdemar de Oliveira, patrono do coletivo e figura presente na estreia. A montagem, precedida por um ato de variedades, ocupou o salão do Cine-Theatro Recreios Benjamin. "Os mais calorosos applausos acolheram os finaes de acto da comedia, tendo se feito ouvir, nos intervallos dos actos, a banda 1°. de Novembro", registrou o *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1938). No elenco, Pedro Albuquerque Uchôa, José Pereira de Andrade Lima, Antônio Lopes, João Feliciano dos Santos, Hermes Pedrosa, Oswaldo Moura, Octavia Dias, Anna Queiroz, Cecília de Oliveira, Edith Marinho, Maria Ferreira e José Mendes da Silva. A equipe já anunciava nova montagem com a comédia *Compra-se Um Marido!*, de José Wanderley. Importante lembrar que a 3 de setembro o Grupo Gente Nossa seguiu para a cidade de Goyanna, a fim de realizar três espetá-

Valdemar de Oliveira



culos no teatro recentemente construído pelo Gremio Artistico Peixoto Junior. Foram vistas por lá as burletas *Luar do Norte* e *Noites de Novena*, além da comédia *Zezé*.

Como nota sobre outras linguagens artísticas, vale registrar que a Rádio Clube de Pernambuco transmitiu "no seu theatro" a peça *Boby e Bobette*, de Valdemar de Oliveira; e se as crianças não tinham vez nos teatros com programação específica para sua faixa etária, no cinema fazia um enorme sucesso o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, de Walt Disney, baseado na fábula dos Irmãos Grimm. A estreia aconteceu em 3 de outubro de 1938, no Theatro do Parque, mas o público gostou tanto que a obra foi cumprir temporada também vitoriosa no Theatro Moderno. Choviam elogios na imprensa pernambucana. O *Jornal do Commercio* (25 de setembro de 1938), por exemplo, em sua página *Cinematographia*, saldou assim o filme:

> Mais de três annos de trabalho e um milhão e meio de dollars dão, como resultado uma pellicula que é uma verdadeira novidade pra os que a vêem. E, se é verdade o que dizem os entendidos. *Branca de Neve* será, no mundo inteiro, um dos maiores êxitos financeiros. [...] É verdadeiramente espantoso que se tenha conseguido tirar de um desenho colorido e animado tanta naturalidade e expressão. [...] *Branca de Neve* é uma verdadeira obra de arte, vivida e interpretada por personagens que despertarão o mais vivo enthusiasmo.

Em outra resenha, o *Jornal do Commercio* (2 de outubro de 1938) entusiasmou-se ainda mais: "*Branca de Neve os Sete Anões* foi considerada, com justiça, a oitava maravilha do mundo, e agora que o sonho se Walt Disney se converteu em realidade, o filme passou a ser a illusão de todos os exhibidores que disputam o privilegio de exhibi-lo em seus cinemas...". Os aplausos eram tão calorosos ao final de cada exibição que o *Jornal do Commercio* (9 de outubro de 1938) escreveu novamente sobre *Branca de Neve e os Sete Anões*:

> O êxito alcançado, no *Parque*, durante a semana que hoje termina, com lotações que vêm sendo sempre esgotadas, não obstante vir dando *matinées* diarias, faz juz a que *Branca de Neve os Sete Anões* continue em cartaz, mesmo porque, a fim de attender a grandes contratos em outras praças, a *R. K. O.-Radio* só poderá voltar a apresentar este filme, nesta cidade, após um anno de suas exhibições, no *Moderno*. Em *Branca de Neve os Sete Anões*, tudo se combina, de maneira que fornece algo de

> inesquecivel e soberbo. As cores, as musicas, os scenarios, o canto e os dialogos em português, tudo está perfeito e admiravel. Walt Disney criou os seus personagens dando, a cada um, caracter definitivo e humano. O Zangado, o Dunga, o Dengoso, o Atchim, o Somneca, o Feliz e o Mestre são personalidades bem nossas conhecidas. E a princesinha é mais um fruto admiravel da imaginação extraordinaria de Walt Disney.

Tamanho sucesso com a criançada e adultos certamente influenciou o movimento teatral. Tanto é que, em 1939, surgiu uma versão para o teatro da mesma obra. Mas esta é uma história para ser contada no próximo capítulo... Voltando a 1938, a última atração teatral do ano foi promovida pelo Centro Cultural Israelita de Pernambuco, que levou ao Teatro de Santa Isabel, no dia 30 de dezembro, a comédia do teatrólogo Peretz Hirchbein, *Digrine Felder* (*Campos Verdejantes*), apresentada na língua iídiche por amadores do Centro Dramatico Israelita de Pernambuco e tendo como protagonistas os convidados Naum Menik e Dors Roseblum. Infelizmente, para o segmento teatral, aquele ano terminou tenebroso principalmente em referência ao Grupo Gente Nossa e a Samuel Campelo, vítima de uma campanha difamatória terrível. Diz o *Anuario do Grupo Gente Nossa* em 1940 (p. 6.):

> O velho lutador, entretanto, sustentou a batalha de animo firme e vontade inquebrantável. Somente em fins de 1938, a desilusão começou a empolgar a sua alma. Por outro lado, as dificuldades se multiplicavam e foi justamente por aquele tempo que o Teatro veio a ser ocupado sucessivamente por varias companhias sulistas. Samuel suspendeu a atividade do G. G. N. até que a borrasca passasse. Seteado de ingratidões, incompreendido, fatigado e pobre, uma insidiosa doença o prostrou, facilmente, ao leito. E Samuel não pôde resistir, entregando a alma ao Criador no dia 10 de janeiro de 1939.

Sua morte, ao que tudo indica, deve-se a alguns fatores explicitados em brigas nos periódicos da época, como veremos adiante. No entanto, um dos mais tremendos golpes veio com a proibição de sua peça *S.O.S.*, até hoje inédita no Recife. A obra deveria inaugurar a segunda temporada da Companhia Renato Vianna na capital pernambucana, após excursão pelo "Norte". Esta "fantasia dramatica" de Samuel Campelo havia sido lançada pela equipe carioca no dia 20 de setembro de 1938, no Theatro José de Alencar, com boa repercussão. O *Diario da Manhã* (1 de outubro de 1938) deu um pouco mais de detalhes sobre a obra:

DE VOLTA DA SUA VICTORIOSA EXCURSÃO ATÉ' O EXTREMO NORTE DO BRASIL, FARÃO A SUA ESTRE'A, AMANHÃ, A'S 20,30 HORAS, NO

SANTA ISABEL

RENATO VIANNA E SEU THEATRO

— com —

SUAZANNA NEGRI e CAZARRE'

na empolgante fantasia dramatica de Samuel Campello

— S. O. S —

Um dos grandes successos da companhia

POLTRONAS — 8$000

A seguir, uma outra grande novidade — SALOME' e uma reprise sensacional — "DEUS".

(96.112)

> A peça é desconhecida do publico recifense, pois foi escripta especialmente para a Companhia Renato Vianna, durante a ultima temporada pela mesma aqui realizada. O motivo da peça, baseado no universal pedido telegráfico do soccorrro *S. O. S.* está transportado para suggestivo telão pintado por Mario Nunes e que abre os actos.

Mário Nunes

Um dia antes da apresentação, novo lembrete sobre *S.O.S.* O *Diario da Manhã* (6 de outubro de 1938), por exemplo, publicou que a peça obteve o melhor êxito em Fortaleza: "[O jornal] *O Povo*, daquella capital, depois de registrar o desempenho, com referencias elogiosas [...] '*S. O. S.* é uma peça que deve voltar mais vezes ao cartaz. S. O. S. é um symbolo; é o brado de desespero de todos os corações amargurados'". No entanto, mesmo divulgando o trabalho em notas e anúncios nos jornais, a peça não pôde ser vista. O *Diario da Manhã* (7 de outubro de 1938) deu a seguinte explicação:

> A estréa de Renato Vianna com seu conjuncto, no Santa Isabel, dar-se-á, hoje ás 20,30. Para esta estréa foram convidados o sr. interventor federal, commandante da Região, prefeito do Recife, secretarios de Estado e commandante da Brigada Militar. A reentrada da Companhia Renato Vianna estava marcada com a fantasia dramatica do escriptor pernambucano Samuel Campello – *S. O. S.* tendo, porem, ficado inteiramente prejudicado o telão symbolo da peça e não havendo tempo para substituil-o (sic) convenientemente, afim de que o espectaculo tenha o identico successo obtido em Fortaleza, a direcção geral da companhia resolveu adiar a estréa de *S. O. S*, fazendo a sua apresentação, hoje, com *Salome'*, três actos de Renato Vianna.

Mas o que seria um adiamento, acabou como cancelamento, pois a montagem não constou no repertório apresentado de 7 a 21 de outubro, diferente das peças *Salomé* (*A Ballada do Ultimo Romantico*, na estreia), *Deus*, *Divino Perfume*, *A Última Encarnação do Fausto*, todas do próprio Renato Vianna, *Você* e *Pense Alto*, de Eurico Silva, *História de Carlitos*, de Henrique Pongetti, e, em festivais de alguns dos intérpretes da companhia, *A Ceia dos Cardeaes*, de Júlio Dantas, e *A Fonte Sonora* e *A Última Conquista*, duas outras obras de Renato Vianna. Os mexericos que devem ter surgido a partir daí – mas que não chegaram aos jornais ou, se chegaram, estavam devidamente ocultos – abalaram profundamente a Samuel Campelo. Na dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)* (2009, p. 157-158.), a pesquisadora Ana Carolina Miranda tentou esclarecer:

THEATRO SANTA ISABEL

Hoje, ás 20,30 horas, sensacional reapparecimento de

RENATO VIANNA E SEU THEATRO

— com —

SUAZANNA NEGRI e CAZARRE'

Na mais espectacular peça de Renato Vianna

SALOME'

(A ballada do ultimo romantico)

Um dos maiores successos dos theatros de Lisboa e do Porto da Grande Companhia Portugueza Lucilia Simões e Erico Braga

POLTRONAS — 8$000

A seguir, uma reprise sensacional "DEUS" e PENSE ALTO, de Eurico Silva.

> No *Jornal do Commercio* nada foi comentado a respeito, apenas que Renato Viana "foi feliz" na escolha da peça que substituiu *S.O.S.* [...] Entretanto, no livro dedicado à memória de Samuel Campelo, alguns fatos são esclarecidos. Relata o livro que o teatrólogo fez no dia 7 de setembro de 1938, em Campo Grande, seu último discurso em praça pública, sendo boicotado seu nome nos jornais. A informação não tem maiores esclarecimentos. Apenas dá a impressão de que tenha sido um discurso político, já que anteriormente comenta-se sobre seu discurso na campanha a Dantas Barreto. Seguindo a explanação, fala-se sobre a sua última discussão na Academia Pernambucana de Letras, quando, ao citar três nomes para a apresentação dos dez maiores nomes de brasileiros nas letras, nas artes e na ciência, foi rebatido por alguns presentes. As personalidades defendidas por Campelo foram Clóvis Bevilaqua (das letras jurídicas), Gilberto Freyre (apoiado apenas por Valdemar de Oliveira e Geraldo de Andrade) e como "expoente do teatro nacional", Renato Viana que, nessa altura, já não era bem quisto por algumas pessoas. No dia seguinte, em um jornal (não cita o nome) a "tempestade" estava armada.

Ao que parece, outras questões atormentavam Samuel Campelo naquele período. Afora toda esta

problemática com a eleição dos grandes nomes do Brasil proposta pela Academia Pernambucana de Letras (instituição da qual ele era membro), o teatrólogo também se envolveu numa discussão sobre o surgimento do grupo Theatro Universitário. O caso começou a enredar-se com a publicação do artigo "Theatro Universitário" no *Diario da Manhã* (3 de junho de 1938), revelando a reunião que havia acontecido no dia anterior, com universitários e convidados, a fim de serem lançadas as bases para tal iniciativa. Samuel Campelo presidiu o encontro e foi convidado a orientar as atividades do coletivo, sendo ainda cogitado o seu nome para diretor do mesmo. Devido a seus tantos afazeres, ele recusou a função e ainda sugeriu que peças mais simples pudessem compor o repertório inicial do grupo. Ao que parece, suas propostas abafaram o ânimo dos acadêmicos e o projeto do Theatro Universitário foi abortado temporariamente.

Nem bem refeito sobre a polêmica da interdição de sua peça *S.O.S.*, Samuel Campelo teve novamente o caso do esfacelamento do Theatro Universitário vindo à tona, mais uma vez pelas páginas do jornal *Diario da Manhã* (19 de outubro de 1938), agora pela escrita de um inimigo declarado, o jornalista Gilberto Osório de Andrade, "redactor-secretario" daquele periódico, que estava presente àquela primeira reunião de base do grupo, na mesa que presidiu o encontro. Escreveu, então, ele, sem dó nem piedade sob o título "Porque fracassou o Theatro Universitario":

> A's vesperas da reunião não se falava em outra cousa. Eu proprio me enthusiasmei, chegando a presentir (sic) um exito de projecção nacional para essa tentativa dos nossos estudantes superiores. E não o presentia (sic) sem razões. O theatro universitario não se destinava á concretização ephemera das festas de beneficio. Havia e resaltava (sic) em todos os espiritos seus propugnadores um evidente proposito de crear algo estavel, evolutivo, cheio de possibilidades e de ensejos culturaes. E isso sem as preoccupações do proveito material, sem calculo e sem industria. De sorte que o theatro universitario, sem contingencias de *borde-reaux*, nem fôlhas de pagamento, teria todas as opportunidades de fazer uma obra séria e solida, impondo-a ás platéas das quaes não dependia e educando-a, mesmo, no sentido mais elevado, mais puro e verdadeiro da arte theatral. Tudo isso era possivel, era fatal e, segundo as minhas previsões áquelle tempo, já hoje poderiamos ter o theatro universitario em pleno desenvolvimento, si não fôsse... Faz-se a reunião preparatoria. Nella iria começar a tomar corpo a aspiração. Com ella, seriam lançados os alicerces principaes da instituição que se queria construir. Tudo dependeria della, tudo decorreria della. E, todavia, o theatro universitario fracassou. [...] Esse pequeno erro, de começo, consistiu em conclammar, como organizadores e assistentes do empenho em projecto, alguns dos mais serodios contumazes do malfadado theatro provinciano. Podia-se passar sem elles? Devia-se passar sem elles. Os estudantes não queriam fundar uma concorrencia ao *Grupo Gente Nossa*. Tambem não se interessariam, evidentemente, por um mero caracter de succursal dessa entidade, nem pareciam dispostos, siquer, a se limitarem aos moldes gastos e batidos, convencionaes e rotineiros, do nosso theatro regional. Moços, principalmente de espirito, teriam de romper, antes do mais, com tudo o que cheirasse a môfo e a ramerrão. A montagem de repertorios modernos, ousados, de conteu'do cultural, impunha-se por todos os motivos. Primeiro porque não eram profissionaes adstrictos ao máo gosto das platéas inconscientemente viciadas aos sediços padrões; segundo, porque tinham comsigo a responsabilidade de jovens de intelligencia e de cultura; terceiro, porque é sempre aos moços que cabe a missão de ir descerrando, para alem das velharias, os hozirontes (sic) mais novos e as perspectivas parallelas á successão das epocas e das tendencias emergentes. [...] Todavia, merecendo embora outros destinos, foram cahir ás mãos de velhos oleiros sem vitalidade e sem calor. Dentre estes havia um, que foi o principal responsavel pelo insuccesso. No fundo, não é um mau sujeito. Afóra algumas pretensões a ficar para a posteridade [...] apenas tem commettido alguns delictos paleo-literarios, e conduzido brilhantemente a decadencia do raquitico theatro pernambucano. Bom homem, concedamos. Mas esmagado, abulico, apathico, adaptado plasticamente ás defficiencias regionaes da arte theatral. Sem animo de reacção, sem coragem de reformar e refundir, sem o destemor de innovar, reduz a sua acção a pro-

seguir (sic) eternamente pelos mesmos roteiros em que se resumiram, ha muito tempo atraz (sic), as sugestões primeiras que um theatro remoto nelle despertou. Digo isso friamente, sem qualquer animosidade, somente para definir por que o theatro universitario veiu (sic) a fracassar. [...] Argumentou-me o nosso homem com conveniencias da platéa, preferencias do publico, acceitação dos "generos leves", commodidade em não extravazar da linha corriqueira. E não podia ser de outra maneira. Não enxergava no theatro universitario sinão um conjuncto á cata de publico e de applausos. E sem a coragem, elementar nos moços de espirito, para repellir e suplantar os velhos moldes, proclamou que o mais facil, o melhor, o mais commodo e o mais sensato seria acommodar-se, em vez de reagir. [...] Tal foi a inspiração inicial que recebeu o emprehendimento academico. A palavra de ordem era "imitar"! O *vade retro*, "fóra com intenções culturaes"! A senha, "adaptar-se". E tudo o que se offereceu em auxilio dos moços consistiu numa tremenda apathia, num pastoso estoicismo, num palco para ensaios e em alguns fundos de scena por emprestimo! A iniciativa pedia, necessitava, exigia mesmo muito mais. Principalmente um sentido de luta, um estimulo de intelligencia, um impulso de elevação. Em vez disso, deram-lhe aquillo. E ahi está porque fracassou mais uma vez a idéa do theatro universitario em Pernambuco.

Pouco depois, o caso envolvendo a Academia Pernambucana de Letras, e a escolha dos dez intelectuais brasileiros candidatos à consagração para a posteridade, ganhou novamente o *Diario da Manhã* (21 de outubro de 1938), em artigo assinado pelo mesmo Gilberto Osório de Andrade que terminou com uma ironia ferina:

> Finalmente – e sempre no mesmo são intuito –, que desgosto mortal ha de ter produzido o resultado do certamen num dos seus mais preclaros participantes, a ponto deste vir á luz, ainda hontem, a proposito, dizendo-se muito tristonho, tristissimo mesmo, incomprehendido, mutilado, aggredido, delapidado, preterido, menoscabado, menoscabadissimo, ingratamente impremiado; preconizando emigrações em massa no impatriotico afan de despovoar o nordeste; suggerindo *eldorados* desconhecidos, mercê duma geographia delirante: lamentando-se acerbamente em versiculos curtinhos; maniaco de perseguição com pedras correndo atraz; afobado, enfezado, apregoando utilidades e presença de um fantastico auditorio de cócoras; jurando que vae embora, vae mesmo, não fica não senhor, e que deixará somente um rastro tão ardiloso que ninguem será capaz de seguir-lhe no encalço? E o que mais impressiona, ahi, é uma ansia insustida, trota mundial, de emigrar bem depressa. Accende-me a curiosidade esse incidente biblico, mixto de Jeremias, Job, Jacob e Zarathustra. Tenho ganas, então de pergun-

tar: – "Onde vaes, corajoso?" Perdôem-me os senhores academicos o plebeismo do remate. Mas, o que terá sido mesmo que "buliu" com o rapaz?

Um novo texto, ainda mais irônico, surgiu dois dias depois, na mesma coluna do *Diario da Manhã* (23 de outubro de 1938), agora claramente direcionado a Valdemar de Oliveira, defensor inconteste de Samuel Campelo. Sob o título "O 'Ultima Palavra'", o artigo de Gilberto Osório de Andrade ironizou o crítico do *Jornal do Commercio* e sua coluna *A propósito*... O trocadilho foi fatal: "A classe dos que se julgam com o direito – e o dever, muitas vezes – de dizer a 'ultima palavra' é numerosa e bem servida. Dizem-n'a a proposito [percebam a ironia] de tudo, e tambem a proposito [novamente] de cousa nenhuma, quando não despropositadamente". Nesta mesma data, Samuel Campelo escreveu o seu último artigo para o *Diario de Pernambuco* (23 de outubro de 1938), muito abatido com toda aquela situação e destacando, principalmente, a incompreensão que pairava sobre suas falas e atitudes em relação ao Theatro Universitário:

> De todo o exposto, evidencia-se a minha opinião hontem como hoje... 1° – Theatro universitario deve ser de cultura e para cultura. 2° – Como congregação de elementos, deveria ser feita, primeiro a representação de uma peça de genero leve, sem o nome, porem, de theatro universitario. Explico melhor – o theatro dramatico só póde ser bem interpretado por bons artistas: principiantes que representam o drama, em vez de convencerem, tornam-se ridiculos e isto se compreende muito bem porque ainda não sabem inflexionar, não têm expressões de mascara, não sentem ainda todos os estados d'alma. Quem principia a trabalhar no palco, que até se atrapalha com as mãos e sente os pés se negarem a andar, pode interpretar peças de Shakespeare, Moliere, Racine, Ibsen, Garrett, Benavente, Pirandello, Bernardo Shaw, Eugenio O'Neil, Lenormand, etc, etc., mesmo os poucos autores que no Brasil se têm dedicado ao genero? E o genero leve de que falei – aliás, é bom frisar, sem ser como theatro universitario, – não é chanchada. Peças de costume são sempre de genero leve, tambem educam e não se classificam como chanchadas. Haveria muita coisa interessante a ser escolhida. 3° – Recusei acceitar a direcção do theatro universitario e fiz mais, como pode testemunhar o academico Luiz Luna: não indiquei peça alguma, depois da reunião, para ser a da estréa, não compareci a um só ensaio, não tive a menor interferencia na distribuição de qualquer peça. Como ha, hoje, quem me assaque a injuria de que o theatro universitario falhou por minha causa? Por que eu quiz (sic) deturpar a sua finalidade? 4° – Offereci os meus serviços de cooperador si fossem precisos (não foram, felizmente) e offereci algum material que possuo para quando a peça ja estivesse ensaiada e tivesse de ser feita a representação. [...] Finalmente: o culpado do fracasso do theatro universitario fui eu, affirmaram alguns que estiveram presentes á reunião de fundação e afinam pelo mesmo diapasão alguns estudantes. Foi publicada uma nota dos dirigentes do Theatro Universitario, explicando que não houve fracasso e que a idéa (sic) marcha para a frente. Muito bem. Assim que deve ser: não vejo motivos para desanimos entre moços intelligentes e corajosos. Mas eu estou velho e me sinto cansado. Por motivos bem differentes, de que não têm a menor responsabilidade os moços do Theatro Universitario, eu desde o começo deste mes, me considero fora de scena no theatro que se vinha fazendo em Pernambuco. Coisa inteiramente particular, e que ninguem tem o direito de commentar, principalmente de interpretar erradamente como têm sido varias vezes, interpretadas outras minhas attitudes. Os moços academicos estão com o campo livre; o impecilho (sic) foi afastado e o Theatro Universitario irá para a frente. Em materia de theatro, considero-me afastado da actividade aqui em Pernambuco. Limitar-me-ei, como funccionario publico, a ter somente, sob minha guarda, o theatro que a municipalidade me confiou. Ali mesmo, a minha direcção será simplesmente interna. Por essa razão superior, toda intima, deixarei de responder a quem quer que seja, que commentar, de que modo for as minhas palavras de hoje. Terminei a minha fala. Retirei-me de scena. O mais não interessa.

O curioso é que, naquele momento, a Companhia Marquise Branca apresentava peças de Silvino Lopes, Irmãos Valença e Umberto Santiago, no Teatro Jandaia, em Salvador; e a Companhia Barreto Júnior lograva

êxito no Maranhão e no Piauí com um repertório que incluía a peça *Ladra,* de Silvino Lopes, e *A Honra da Tia* e *Mulato*, ambas de Samuel Campelo. Barreto Júnior até lhe enviou um telegrama confirmando a boa aceitação do público. Dois dias depois da publicação do artigo derradeiro de Samuel Campelo na imprensa, o caso do Theatro Universitário ganhou outro espaço no *Diario da Manhã* (25 de outubro de 1938) pelo mesmo Gilberto Osório de Andrade:

> Durante a reunião de dois de junho, a que já me referi, quando se procurava estabelecer as bases para a realização estudantina, alvitrei, por ter sido chamado á discussão, que o Theatro Universitario fosse tentado sob aquelles principios de renovação e de cultura que ainda outro dia tornei a discriminar, em meu artigo anterior sobre o assumpto. Como iniciação pratica nesse rumo, suggeri que se abolissem, desde o começo, as "chanchadas" patuscas e as pantomimas de feira, cousa muito ao gosto das platéas incultas, mas absolutamente indignas dum palco de estudantes superiores. Ora acontece que fôra lembrada, na vespera, em artigo de jornal assignado não sei bem por quem fôsse, a montagem inicial de uma peça genero leve, de autoria de um dos presentes a mesa organizadora convocada [refere-se a Silvino Lopes]. Eu ignorava o facto, como ignorava o conteu'do dessa peça. Considero inteiramente dispensavel affirmar que, mesmo quando conhecesse o facto ou estivesse senhor da obra teatral suggerida, não modificaria uma só virgula no ennunciado da idéa que então arrisquei. Mas, de nada sabia, e fui pilhado de surpreza. O cavalheiro que eu denunciei ha dias como culpado do insuccesso, apressou-se em ardilosamente metter o auctor presente dentro de uma inexistente "carapuça" que eu não cozêra. Não tinha razões para ser meu inimigo, portanto só uma accentuada inimizade pessoal pelo sentido de cultura no theatro o teria levado a tecer esse malentendido, com enorme surpreza de minha parte, seja dito. Como era natural, o auctor circumstante (sic), ao receber, sob a forma de insinuação directa, das mãos do nosso homem, as minhas palavras absolutamente sem ambiguidade ou intenção ferina, sentiu-se alvejado e extremou-se no ponto de vista antagonico ao meu. Foi, assim, o coadjuctor involuntario e apaixonado da culturophobia do outro, na verdade o único que nesse caracter considero, e o exclusivo responsavel, consciente, deliberado, pelo fracasso do Theatro Universitario. Já resumi o que allegou então. Conveniencias de platéa, commodidades de adaptação, argumentos plasticos e morosos de apathia essencial, demonstrações contagiosas de incapacidade para reagir contra vicios que reconhecia, conselhos molles pelo ajustamento estoico ás circumstancias (sic), ás defficiencias, ao mau-gosto, em summa, em que jazia e jaz o palco regional. [...] De resto já se confessa, agora, que se quiz (sic) convencer aos academicos de fazer o theatro pelos recursos mais faceis e mais commodos. E isso, na constituição de uma *troupe* sujeita ás contingencias de bilheteria, seria admissivel: nunca num empenho de moços de intelligencia, ciosos dos proprios fóros e da responsabilidade que destes decorre, e sem quaesquer pretensões a profissionalismo ou a amadorismo equivoco *pour épater le bourgeois*. Emfim, e para deixar cahir o panno, que a função já vae longa, agora eu creio que se faça o Theatro Universitario. E creio ser isso possivel simplesmente porque o nosso homem resolve-se, afinal, a poupar-nos o susto de um segundo desastre, jurando publicamente retirar-se de scena. Já era tempo. A platéa dormia a sommo solto.

O crítico Luiz Teixeira fez crescer a fogueira e, numa clara referência ao crítico Valdemar de Oliveira, parceiro de Samuel Campelo, escreveu longa carta, devidamente publicada pelo jornal *Diario da Manhã* (27 de outubro de 1938), sobre a sua tempestuosa participação junto à Companhia Renato Vianna e posterior

Renato Vianna

afastamento da mesma, segundo ele, divulgada erroneamente pelo cronista do *Jornal do Commercio*, que alegou outros fatores à sua volta ao Recife sem saber os pormenores do caso. "Convem sublinhar que eu não reconheço no sr. Renato Vianna siquer a figura de um mestre, nem o acompanhei como discipulo...", citou, reclamando. Todo este imbróglio fez muito mal a Samuel Campelo, e é claro que, nesta verdadeira campanha contra, os problemas a resolver caíram como uma bomba a abalar sua já frágil saúde.

O reconfortante é que, por outro lado, os verdadeiros amigos tentaram levantar a ânimo dele com artigos elogiosos ao trabalho que vinha desenvolvendo. A página *Vida Artistica*, editada por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* aos domingos, além de vir divulgando o sucesso das peças pernambucanas representadas Brasil afora, deu espaço, na edição de 30 de outubro de 1938, para Lucilo Varejão lembrar que o "esforço de Samuel que foi, sem contestação, quem restabeleceu entre nós o gosto pelo theatro de declamação. [...] Foi o *Gente Nossa*, com os espectaculos a preços populares – que recriou entre nós o vicio do theatro falado e voltou a collocar nossa plateia entre as mais cultas do país".

No entanto, com apenas 49 anos, é como se Samuel Campelo tivesse desistido de lutar, de viver, e expressou isso em sua penúltima carta a um amigo, datada de 4 de novembro de 1938, posteriormente registrada no livro *Samuel Campelo (1889-1939)* (1942, p. 7-8.) organizado em sua homenagem por Valdemar de Oliveira em maio de 1942. Diz o manuscrito:

Samuel Campelo

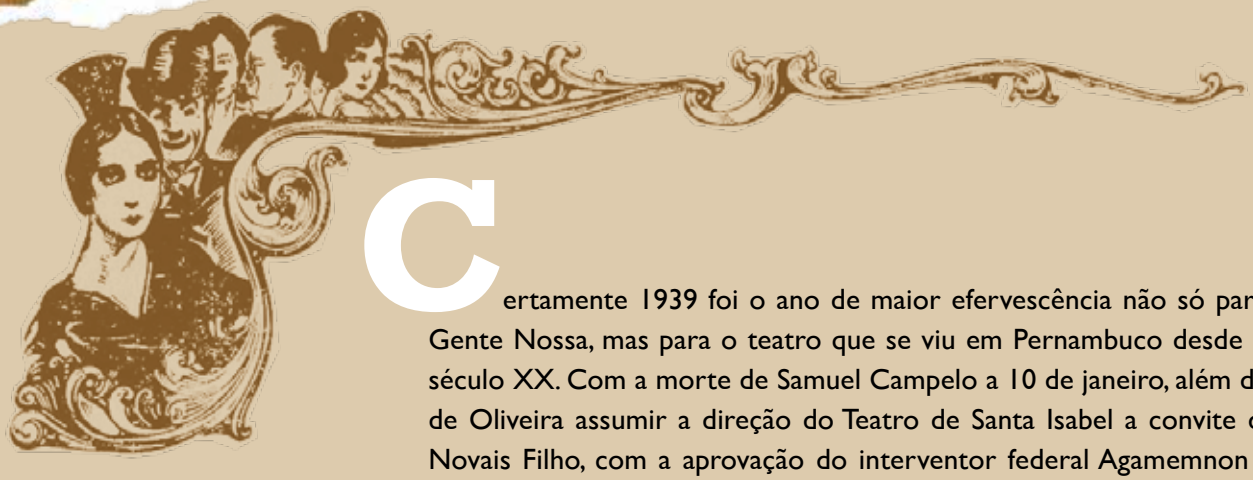
> Os pernambucanos dominam, em todos os sectores, a *cidade maravilhosa* mas, na maioria, nem se lembram de Pernambuco. E daí o nosso maior mal. Se soubessem amar a terra natal ainda mais venceriamos. Mas aí, como aqui, e como em toda parte, o pernambucano é hoje o maior inimigo dos conterraneos, movendo aos outros uma guerra desleal, surda, invejosa, matadoura de todas as iniciativas. O pernambucano, no Rio, esconde até que é pernambucano, parecendo que tem vergonha da terra onde nasceu. Eu sempre doente. Estou "abulico, apático, adinamico", como me classificou um sujeitinho que andou em turras comigo pela imprensa, recentemente. Parei com tudo. Não pretendo fazer mais nada aqui. O povo é ingrato e aqueles que mais têm recebido são os mais desconhecidos. De toda parte fazem-nos perder o estimulo. Avalie que uma peça minha dada, em primeira pelo Renato, no Ceará, (a terra mais católica do Brasil) com um sucesso verdadeiramente compensador, tais as crônicas, telegramas e cartas que recebi de pessoas desconhecidas, tendo dado duas casas cheias e com aplausos unanimes, sem a menor restrição de quem quer que fosse, anunciada aqui para a reentrada da Companhia, foi insolitamente proibida, sem uma razão plausivel, parecendo apenas ter havido dedo de intrigante ou inimigo oculto e covarde. O resultado foi a desorganização no programa da Companhia, dando-lhe brutal prejuizo e deixando-me mal situado, como diretor de um teatro oficial. Já declarei em público encerradas todas as minhas atividades teatrais nesta terra e assim manterei minha atitude. [...] Você nem imagina como está de inojar. [...] Eu e W. [Valdemar de Oliveira], principalmente este, temos recebido injurias dignas de bofetadas se certos individuos as merecessem. Mas só merecem um escarro na cara ou o silêncio.

A pesquisadora Ana Carolina Miranda concluiu, então, em seu trabalho de dissertação sobre o Grupo Gente Nossa (2009, p. 160-161.):

As fontes pesquisadas dão grande relevo a esses acontecimentos no final de sua vida. Mas também podemos acrescentar a esses fatos que o teatrólogo também não se mostrava tão cuidadoso com a saúde, visto o seu ritmo frenético de trabalho. [...] A sua última carta, também encontrada nos seus arquivos, foi endereçada ao teatrólogo Renato Viana, na qual falava, entre outros pontos, das críticas sofridas e do pedido feito ao amigo para encenar *S.O.S* no Sul, como uma resposta aos seus inimigos: "[...] Aquela minha resposta do *Diário* foi terminante e comigo silenciaram. Também minha atitude ficou firme: não fiz e nem faço mais teatro nesta terra. Com o Valdemar, porém, as picuinhas continuaram por algum tempo e o T. [Luiz Teixeira], chegou a publicar cartas suas escolhendo trechos a seu bel prazer e mostrou outras em cafés e esquinas [...] Certo que desejaria a encenação de minha peça enquanto ainda está quente o caso daqui. Dada assim no Rio, sob o patrocínio do S.N.T., seria uma bela desforra [...]". Nessa mesma carta, menciona que o amigo Valdemar escreveu a sua coluna *A Propósito* do dia dos finados, dedicando aos seus inimigos e solenemente enterrando a todos. Essa crônica de Oliveira foi publicada no *Jornal do Commercio* de 20 de outubro de 1938, na qual diz existir uma "terra pequena, neste mundo grande", habitada por homens estéreis às iniciativas: "[...] A terra é infeliz, porque está cheia, também, de homens frágeis aos sentimentos mais mesquinhos, de homens que collocam interesses subalternos acima dos interesses da própria terra, que não amam nem defendem. Homens a quem se entrega a mais difícil e digna de todas as missões – a da crítica – e fazem della a mais plástica de todas as armas de aggressão. Homens temíveis, que mutilam de mão leve, as iniciativas mais corajosas e apedrejam os emprehendimentos mais honestos e expressivos da vida cultural e artística da terra [...]". [...] Campelo desistira do teatro em Pernambuco, mas sua grande paixão por essa arte era indubitável, entregando-se, mesmo quando tomava a posição de quem não se importava: "Estou fora do teatro em Pernambuco, mas não quero abandoná-lo no resto do Brasil". Entretanto, como bem se expressou Clóvis Melo, "a saúde traiu-o, porém!". Campelo se internou no Hospital Português de (sic) Recife e lá permaneceu durante quase um mês. De acordo com Valdemar de Oliveira, nesse período o mesmo permaneceu calado em relação às injúrias que sofrera [...] Com o passar dos dias, mostrava-se cada vez mais debilitado, falecendo no dia 10 de janeiro de 1939, às três e meia da madrugada, depois de "seis horas de agonia".

Foi-se um dos maiores nomes do teatro pernambucano e brasileiro. Mas o Grupo Gente Nossa não terminaria assim.

1939



Certamente 1939 foi o ano de maior efervescência não só para o Grupo Gente Nossa, mas para o teatro que se viu em Pernambuco desde o início do século XX. Com a morte de Samuel Campelo a 10 de janeiro, além de Valdemar de Oliveira assumir a direção do Teatro de Santa Isabel a convite do prefeito Novais Filho, com a aprovação do interventor federal Agamemnon Magalhães, ele ficou também no comando da mais importante equipe teatral recifense, com a condição de uma segurança financeira garantida pela Prefeitura do Recife e Governo Federal. E projetos não faltaram para uma agenda movimentadíssima, mesmo naquele ano difícil para o Brasil e o mundo. Se o nosso país viu o presidente Getúlio Vargas criar o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) com o objetivo de controlar os meios de comunicação numa censura absurda ao pensamento livre, foi em setembro de 1939 que se iniciou a II Guerra Mundial, assim que o exército alemão invadiu a Polônia e, de imediato, França e Inglaterra declararam-se inimigas da nação germânica. Aquele foi o estopim para uma crise iniciada desde o começo da década de 1930 na Europa, frente ao surgimento de governos totalitários como o Nazismo e o Fascismo, ambos com fortes objetivos militares e expansionistas. A II Guerra Mundial, infelizmente, fez o mundo sofrer até 1945.

No nosso teatro, segundo a retrospectiva publicada por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940), o ano de 1939 foi "cheio" por dois importantes fatores: a criação do Serviço Nacional de Theatro (SNT) em 1938, que possibilitou a vinda ao Recife das companhias de Jayme Costa, de Jardel Jércolis e do Theatro Recreio do Rio de Janeiro, todas subvencionadas em turnê, e o amparo também financeiro dado pelos poderes públicos ao Grupo Gente Nossa. No total, a capital pernambucana pôde apreciar 373 representações teatrais, um número recorde que inclui algumas novidades, como o surgimento das matinais

Jesus, pelo Grupo Gente Nossa

infantis aos domingos, no Teatro de Santa Isabel (finalmente a criança ganhando atenção), récitas específicas para operários e o nascer de um espetáculo sacro com produção grandiosa, *Jesus*, melodrama do maestro Felipe Caparrós, espanhol radicado no Recife, pelo Grupo Gente Nossa, além da realização de vinte e três concertos musicais e doze festas de arte. Ou seja, ano bastante movimentado. Somente o Teatro de Santa Isabel abriu suas portas 297 vezes, com atividades, como sempre, as mais diversas.

Em se tratando das companhias teatrais visitantes, a Companhia Dulcina de Moraes-Odilon de Azevedo inaugurou a temporada teatral de 1939 a partir de 2 de fevereiro, com a peça *A Marqueza de Santos*, de Viriato Correia, um de seus maiores sucessos no Brasil, considerada por Valdemar de Oliveira como a "peça-tiro" porque alcançou cinco representações. Em seguida vieram *Ella e Eu*, *A Menina de Chocolate*, *Tovarich*, *Pancada de Amor*, *Alegria de Amar*, *Bebesinho de Paris*, *A Gaiola Doirada*, *Fontes Luminosas*, *Signal de Alarme* e *Hollywood*. Esta visita ao Teatro de Santa Isabel foi um sucesso, com destaque a artistas de projeção nacional como Dulcina de Moraes (que ao final de 1939 conquistou a medalha de mérito como atriz destaque pela Associação Brasileira de Criticos Theatraes, no Rio de Janeiro), além de Odilon de Azevedo, Aristóteles Penna, Conchita de Moraes e Átilla de Moraes. No total, foram dezessete sessões com doze peças diferentes, sendo apenas duas nacionais e dez estrangeiras. Valdemar de Oliveira complementou em sua

Theatro SANTA IZABEL

DULCINA-ODILON

e sua grande Companhia de Comedia

HOJE 5.ª-feira 9 de Fevereiro de 1939 (A pedido)

— AS 20 E 45 HORAS —

Representação da sensacional peça

MARQUEZA DE SANTOS

Comedia historica em 3 actos e 7 quadros, original de Viriato Correia

Distribuição dos personagens pela ordem de entradas em scena

João Paes da Rocha (Valido do Imperador)	Alberto Dapsies
Francisco de Corte Real de Dominhos	Roque de Cunha
D. Francisco de Lorena (Tenente)	Mario Tallberry
Chalaça (Antonio Gomes da Silva (Valido do Imperador)	Aristoteles Penna
Paulo (Valido do Imperador)	Murilo Lopes
Bandeira de Mesquita	Yuth Moraes
Imperatriz D. Leopoldina	Zilza Tallberry
Imperador D. Pedro I	ODILON
Domitila MARQUEZA DE SANTOS	DULCINA
Escolastica Bonifacia (Viscondessa de Castro)	Conchita Moraes
Maria Benedicta (Baroneza de Sorocaba)	Flora May
José Bonifacio de Andrada e Silva	Atila Moraes
Vitoria Barbosa (Marqueza de Paranaguá)	Dejalma Scheindin
(Mucamas da Baroneza)	Justina Laverenne
Luizinha	Celeste Lopes

Cenarios, creações, etc. — Acção Rio de Janeiro — Palacio da Boa Vista

Uma saia, uma garoia, e um lindo fundo cantado por DULCINA

Material electrico fornecido pela Soc. CENTRO ELECTRICO LTD. – Rua 1o. de Março n. 80

Amanhã – Festa de ODILON com a interessantissima peça: — GAIOLA DOURADA — e um ACTO VARIADO

Os discos tocados durante os intervallos são "ODEON" — os discos dos melhores artistas.

Os discos vendidos durante os intervallos são reproduzidos em Radio-Electrola PHILCO

Bilhetes á venda no DEPOSITO DA CAXIAS

A CRYSTALEIRA

matéria retrospectiva no *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940): "O conjunto deixou a melhor impressão, dando-nos um theatro de primeira ordem".

Mesmo num ano que viveu uma enxurrada de produções visitantes, o Grupo Gente Nossa seguiu sua caminhada, ocupando ora o Teatro de Santa Isabel, nos

seus respiros de rara pauta livre, ora outros palcos do Recife, agora sob os auspícios do interventor Agamemnon Magalhães, do prefeito Novais Filho e, mais à frente, do Serviço Nacional de Theatro. Por conta da morte do seu líder Samuel Campelo naquele janeiro de 1939, o grupo só retornou à cena em março, engatando uma série de apresentações com novo ou já conhecido repertório e indo, como previsto desde o seu primeiro ano, aos teatros de subúrbio: Cine-Eldorado, Cine-Encruzilhada e Cine-Torre. A equipe só se ausentou do Recife quando fez excursão a Fortaleza, João Pessoa, Caruaru e Goyanna ou aportou no Cine Olinda, na cidade vizinha à capital pernambucana, em visitas todas elas vitoriosas.

Filgueira Filho

Abelardo Cavalcanti

Foi num sábado à noite, dia 4 de março, que o Grupo Gente Nossa reiniciou suas funções no Teatro de Santa Isabel com a estreia da comédia-canção adulta *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, graças ao incentivo financeiro da municipalidade e do Estado. No elenco, os atores Alzira de Oliveira, Aucélia de Sousa, Elpídio Câmara, Lourdes Monteiro, Barreto Júnior, Oswaldo Barreto, Luís Carneiro, Tancredo Seabra, Alfredo de Oliveira, Lenita Lopes e Luiza de Oliveira. A direção artística foi assumida por Filgueira Filho, tendo como ponto – função que continuava importantíssima para o teatro da época, pois "soprava" as falas para os atores de uma caixa no proscênio do palco – Abelardo Cavalcanti (conhecido como Coleguinha); e Caldas Araújo, o contrarregra. Exatamente na manhã seguinte Valdemar de Oliveira, que estava à frente de toda a administração do conjunto, deu início ao projeto que finalmente abriu espaço para a diversão teatral da criançada naquele palco com um espetáculo completo na 1ª Grande Matinal Infantil do Grupo Gente Nossa.

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho)

REENTRADA

SABBADO, 4 de Março, ás 20,45

ONDE ESTA'S, FELICIDADE ?

4 actos, de Luiz Iglesias

Espectaculo em homenagem a SAMUEL CAMPELLO

Preços á razão de 3$300, a cadeira.

DOMINGO: 1.ª Grande Matinal Infantil, ás 10 horas "Branca de neve e os 7 anões", adaptação de Coelho de Almeida, pelo Gremio Espinheirense.

Acto variado com Iracema Diniz e Romulo Paiva, do Programma Juvenil da P.R.A.8 e elementos do GRUPO.

Distribuição grátuita de leite ás creanças.

Adultos: 2$200 — Creanças: 1$000 (inclusive imposto).

Em vesperal, ás 15 horas: repetição de "ONDE ESTA'S, FELICIDADE ?"

Localidades no Santa Isabel — Fone 6020. (1.229)

A peça escolhida foi *Branca de Neve e os 7 Anões*, adaptação do tradicional conto por Coelho de Almeida, sob direção de Augusto Almeida, com elenco do Gremio Scenico Espinheirense (que no ano seguinte se intitularia Grupo). A montagem já havia sido apresentada em teatrinho próprio desta equipe, armado no quintal da casa do diretor Augusto Almeida, com reunião da "melhor sociedade do bairro do Espinheiro em tôrno da ideia do amadorismo teatral", segundo o *Jornal do Commercio* (12 de janeiro de 1941). A sessão no Teatro de Santa Isabel se deu no domingo, 5 de março de 1939, a partir das 10 horas. No elenco, Theresinha Fonseca (Branca de Neve), Antônio Carlos Almeida (Príncipe), Theresinha Ferreira (Rainha), Maria Isabel Martins (Aia), Geraldo Martins (Caçador), Zezé Oliveira (Mestre), Nazareth Oliveira (Feliz), Augusto F. Almeida (Somneca), Albertina F. Almeida (Atchim), Geraldo Carvalho (Zangado), Leísa Almeida (Dengoso), Marcos Almeida (Dunga) e Themira Oliveira (Feiticeira). Todas as crianças em cena, dos quatro aos doze anos, eram artistas iniciantes, mas profissionais importantes compuseram a ficha técnica, como os pintores já famosos Mário Nunes e Álvaro Amorim, que assinaram os cenários, e Antônio Paurílio, da P.R.A.-8, a

Branca de Neve e os 7 Anões

Rádio Clube de Pernambuco, que dirigiu a orquestra, tocando no fosso do teatro.

Seguindo-se à peça, foi apresentado um ato variado com os cantores adolescentes Iracema Diniz e Rômulo Paiva, do Programa Juvenil da P.R.A.-8, além de números do humorista Salomão Absalão (o ator Ary Guimarães), do grupo Boca de Forno e da dupla The Black Boys. Dois detalhes curiosos foram a instalação de um microfone no palco, para o público ouvir os pequeninos artistas, e a distribuição gratuita de leite pasteurizado aos "pimpolhos" da plateia. Até aquele momento, as crianças desfrutavam de poucas opções de diversão cultural no Recife. Nos cinemas, por exemplo, eram raras as sessões dedicadas ao público mirim (Valdemar de Oliveira chegou a afirmar, segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "Teatro Infantil", que os programas cinematográficos destinados aos meninos, em vez de educar, faziam o contrário). Um dos poucos a promover matinês dominicais já há algum tempo, com filmes de censura livre, mas não voltados especificamente às crianças, era o Cine-Moderno, que anunciou, para aquele mesmo dia e horário da peça, *Jim das Selvas*, com Grant Withers e Betty Jane Rhodes, seguido do faroeste *Tenacidade*, com o querido cowboy John Wayne. Ou seja, concorrentes fortíssimos.

Rômulo Paiva

Para piorar, aquele era um feriado local prolongado, com a segunda-feira sendo dedicada a Revolução Pernambucana de 1817, portanto, pais e filhos já poderiam ter-se dirigido às praias. Mas a ideia deu certo. E provavelmente até mesmo Valdemar de Oliveira deve ter se surpreendido com a resposta de público, que lotou o Teatro de Santa Isabel até a torrinha, consagrando sua proposta de oferecer, com cobrança de ingressos populares, teatro à meninada. Tanto que, a pedidos, uma nova sessão da peça foi agendada para o domingo seguinte, 12 de março de 1939, contando com mais um ato variado com números do ator paulista Joca Silva, sapateador, parodista cômico e imitador de animais, estreia das Irmãs Oliveira (Luísa, Amparo e Theresinha) cantando, e um "sketeh" final concluído com a marcha carnavalesca *O Gordo e o Magro*, sucesso do período. Na ocasião, a Fábrica Pilar distribuiu seiscentas caixas de biscoito à plateia. A montagem foi saudada após sua estreia pelo jornal *Folha da Manhã* (6 de março de 1939):

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho)
SABBADO, 11 DE MARÇO, — A'S 20,30
O HOSPEDE DO QUARTO N.º 2
3 actos de Armando Gonzaga
PEÇA PARA RIR
Nos intervallos, estréa de JOCA SILVA — Anecdotas, parodias comicas, sapateados, imitações, etc.
DOMINGO, 12 DE MARÇO
2.ª Grande Matinal Infantil, ás 10 horas
— A PEDIDO —
BRANCA DE NEVE E OS 7 ANÕES
Acto variado totalmente novo, estréa das "Irmãs Oliveira" — Joca Silva, imitações e sapteados
Distribuição gratuita de caixas de biscoitos PILAR
A Casinha de Branca de Neve
Offerta da FABRICA PILAR
ADULTOS — 2$200.....CREANÇAS — 1$000
(inclusive impostos)
Vesperal, ás 15 horas
O HOSPEDE DO QUARTO N.º 2
Nos intervallos — JOCA SILVA — Anecdotas, parodias, sapateados, imitações, etc. —
Preços populares — Localidades no SANTA ISABEL
PHONE, 0020

O sucesso obtido, hontem, com a enscenação do conto de Grimm *Branca de Neve e os Sete Anões*, arranjo theatral de Coelho de Almeida, no *Santa Isabel*, teve como resultado uma medida de grande importancia para a gurizada da cidade. De agora em deante todos os domingos, ás 10 horas, haverá naquella casa de espectaculos matinal infantil. O theatro esteve repleto. Cêrca de oitocentas creanças disputavam logares nas poltronas e frisas do *Santa Isabel*, desde ás 9 horas e o espectaculo agradou plenamente. Enscenada *Branca de Neve* houve um intervallo de meia hora para distribuição de leite á gurizada. O leite distribuido em quartilhos era entregue ás creanças pelo dr. Waldemar de Oliveira, director do Theatro e senhoras da alta sociedade. O espectaculo terminou com um programma variado no qual tomaram parte varios elementos do *Grupo Gente Nossa* e figuras do Programma Infantil do Radio Clube de Pernambuco, merecendo destacar a actuação de Ary Guimarães e Romulo Paiva. O grande exito obtido, hontem, pelo theatro infantil em Pernambuco mereceu que todos os domingos de agora em deante haja representação no genero, o que vale dizer que o theatro será de futuro no Recife uma escola de grande effeito para educação artistica das creanças.

Coelho de Almeida

Só a título de curiosidade, o filme *Branca de Neve e os Sete Anões*, primeiro longa metragem de animação dos estúdios Disney, lançado em 1937 nos Estados Unidos, chegou ao Recife em outubro de 1938 com temporada de sucesso primeiramente no Cine-Theatro do Parque e, em seguida, no Cine-Moderno. A receptividade foi tamanha no Brasil que o filme ganhou versão radiofônica pelas mãos do escritor e dramaturgo Raymundo Magalhães Jr., com os mesmos diálogos e músicas da obra cinematográfica, transformando-se num grande sucesso do radiotheatro no Rio de Janeiro, com repercussão no país inteiro. Oduwaldo Cozzi assinava a direção. Esta versão para o rádio foi veiculada pela primeira vez no Recife no dia 20 de outubro de 1938, pela Rádio Clube de Pernambuco, das 19 às 20 horas, com patrocínio dos produtos Peixe em "programma dedicado ás creanças do Brasil".

Importante citar que, naquele início do ano de 1939, antes da sessão da peça *Branca de Neve e os 7 Anões* pelo Gremio Scenico Espinheirense, na tarde de 29 de janeiro, às 15 horas, o mesmo palco do Teatro de Santa Isabel recebeu uma versão de *A Gata Borralheira*, provavelmente um balé divulgado erroneamente nos jornais como "peça" e "representação theatral". A montagem integrou um festival em benefício das obras da Capella de Santa Therezinha, localizada no Dérbi, com desempenho de dezenas de alunas de Miss Betsy Gatis, conhecida professora de danças clássicas em atividade no Recife pelo menos desde 1927. Ainda naquele começo do ano, uma outra casa de espetáculos também vinha recebendo o público

mirim, o Cine-Encruzilhada, por conta da temporada de Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro.

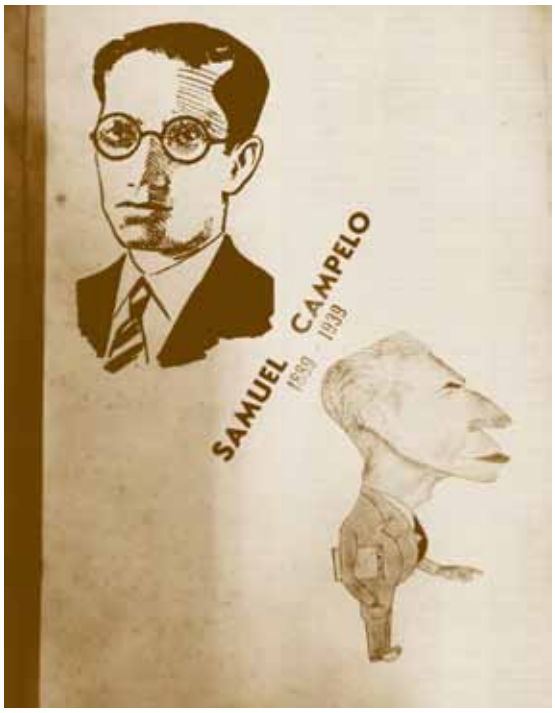
Lá, além de peças impróprias para menores de quatorze anos, apresentadas todas as noites, eram programadas vesperais das moças em qualquer dia da semana, às 15 horas, quando "creanças de 5 annos em deante" podiam assistir a produções como *Flor de Manacá*, "optima burleta regional", seguida de "um colossal acto variado! Tarde de allegria! Música e arte!"; ou *Rancho da Serra*, outra burleta regional, tendo na sequência "1 acto variado – Canto! Anedotas etc.", como diziam os anúncios da época. No final do mês de janeiro de 1939 foi a Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos quem ocupou o Cine-Encruzilhada, com sessões diárias. A "temporada de riso e arte" incluía, além dos espetáculos adultos noturnos, vesperais e *matinées* com ingressos mais baratos às crianças, com destaque no elenco para uma artista mirim a despertar a admiração de muitos. Era a garotinha prodígio Wally, "original estrella theatral de 5 annos de idade que dansa, canta e sapateia com arte e perfeição", divulgada como "a Shirley Temple brasileira", em referência à atriz mirim dos Estados Unidos, estrela de vários filmes. As apresentações desta sua versão brasileira eram acompanhadas de Argus e Seus Bonecos e de "disparates cômicos" interpretados por Genésio Arruda, conhecido como "a gargalhada em pessoa", e seus artistas.

Entre estes trabalhos voltados a todas as idades pela Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos estavam, *O Domador de Onça*, *A Anastácia* e *Os Fugitivos do Cemitério do Aracá*, quase sempre com "distribuição de bombons à gurizada". Ainda naquele ano, vale registrar que no dia 14 de janeiro foi inaugurado o Jardim Zoo-Botânico de Dois Irmãos e que no Jardim 13 de Maio, funcionando pelos três primeiros meses do ano, a III Festa da Mocidade, promovida pelos universitários em prol da Casa do Estudante de Pernambuco, atraía multidões, seja para suas *matinées* infantis, com sorteio de brindes, ou para o Parque de Diversões Imperial, instalado na praça da Faculdade de Direito do Recife. Já os adultos frequentavam o Theatro de Variedades com Ary Guimarães e as *soiréss* dançantes ao som da Jazz-Band Academica e a Sereia Negra e

a Sua Jazz. O fato é que, independente destas outras opções de diversão, as matinais dominicais específicas para as crianças foram um sucesso e abriram novas perspectivas para o Grupo Gente Nossa, que enfrentou tremenda crise em 1938 com o Teatro de Santa Isabel entregue sucessivamente a companhias visitantes e elenco dispersado por um tempo, além da doença de Samuel Campelo que o levou à morte.

Em 1939, por conta do incentivo público e com Valdemar de Oliveira na administração do grupo, a agenda lotada, com revezamento constante de montagens em estreia e sem contar as excursões a outras cidades e estados, voltou a acontecer. Tanto que no sábado anterior a 2ª Grande Matinal Infantil, por exemplo, os atores Elpídio Câmara, Luís Carneiro, Oswaldo Barreto, Alfredo de Oliveira, Barreto Júnior, Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Alzira de Oliveira e Gina de Almeida estrearam a comédia adulta *O Hóspede do Quarto Nº 2*, de Armando Gonzaga, solenizando a passagem do 60º dia de falecimento de Samuel Campelo com uma obra "escrita

Barreto Júnior



com a só preocupação de fazer rir", como lembrou o *Jornal do Commercio* (12 de março de 1939), peça escolhida talvez para diminuir a lembrança de sua enorme ausência. Após a matinal infantil do domingo, no Teatro de Santa Isabel, a peça foi reapresentada em vesperal às 15 horas e, na segunda-feira, em sessão gratuita para operários do Centro Educativo Operário de Afogados, algo que passou a acontecer frequentemente em atenção às camadas mais populares e como contrapartida ao financiamento do poder público.

No total, chegou a quarenta e um o número de suas peças apresentadas em 1939, sendo apenas seis estrangeiras. Foram elas: *Nhã Moça*, *Jesus*, *Quando o Amor Vem...*, *O Amigo Tobias*, *O Martyr do Calvário* (o jornal *Folha da Manhã*, na edição de 11 de abril de 1939, atestou: "O *Grupo Gente Nossa* dir-se-ia que havia se rehabilitado e a enscenação da peça de Eduardo Garrido marcava um grande sucesso para o conjunto pernambucano) e *O Marido de Minha Noiva*. Das peças nacionais, trinta e cinco obras puderam vir à cena: *O Hospede do Quarto N° 2*, *Aventuras de Um Rapaz Feio*, *Um Caso de Polícia*, *Compra-se Um Marido*, *A Patroa*, *O Ultimo Guilherme*, *Um Rapaz de Posição*, *Zezé*, *Boby e Bobette*, *O Outro André*, *Napoleão*, *Longe dos Olhos*, *A Ditadora*, *O Interventor*, *Frederico H*, *Paternidade*, *Mocambo*, *A Grande Mentira*, *Cala a Boca, Etelvina!*, *Ladra*, *O Divino Perfume*, *Não Me Conte Esse Pedaço*, *Feitiço*, *O*

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do sr. Interventor Agamemnon Magalhães e do sr. Prefeito Novaes Filho)

HOJE — HOJE

Espectaculo de assignatura, ás 20,30 com a excellente comedia

NAPOLEÃO

Original em 3 actos de Silvino Lopes

SEXTA-FEIRA

LONGE DOS OLHOS...

Grande comedia de Abadie Faria Rosa, Director do Serviço Nacional de Theatro

Conflicto, *D. João III*, *Proletários*, *Luar do Norte*, *Meu Fan* e, especialmente para a criançada *O Pequeno Polegar*, *A Princesa Rosalinda* e mais três peças curtas infantis de Joracy Camargo e Henrique Pongetti, *Com a Rainha é Assim...*, *O Valente* e *o Intelligente* e *Prisioneiro de Guerra*, além da revista *A Hora do Calouro*, também para a meninada. Entre todas estas obras mencionadas, quinze eram de autores pernambucanos, sendo ainda oito delas musicadas. O Grupo Gente Nossa realizou, então, um total de 222 sessões de espetáculos somente no Recife e Olinda em 1939. Destes, quatorze foram sacros, vinte e quatro especialmente dedicados aos operários e treze voltados à "petizada", como se dizia na época.

Paralelo àquelas tantas produções para adultos e após a certeza de resposta positiva do público com a peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo convidado Gremio Scenico Espinheirense, Valdemar de Oliveira decidiu reunir crianças filhos de pessoas da melhor sociedade do Recife num elenco próprio, incluindo seus dois rebentos, Reinaldo e Fernando de Oliveira, respectivamente com nove e dez anos naquele período, para participar de peças que se caracterizaram pelo seu cunho instrutivo e educativo. Lançou, então, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, departamento autônomo com a intenção de promover projeto teatral voltado especificamente à criança, fomentando, inclusive, a dramaturgia neste segmento. Quis provar que garotos e garotas, além de artistas, poderiam ser um público certeiro, com programação e horário específicos numa sequência de "matinais" aos domingos na mais importante casa de espetáculos do Recife. Suas intenções de "formação", inclusive de público futuro, eram nítidas.

No seu livro de memórias *Mundo Submerso* (1985, 3.ª edição, p. 139.), ele revela:

> [Teatro] Para crianças – e por crianças, porque sua meta não seria divertir, mas, instruir, sem que elas desconfiassem disso. Planejei aproveitar vocações existentes nos meios escolares, fazê-las interessar-se pelo teatro, ensiná-las a falar, a andar, a cantar, a dançar, a portar-se e comportar-se. Mais dez ou quinze anos, esperava eu, essa miuçalha viria a constituir numeroso público teatral e, o que é mais significativo, reforçaria os quadros amado-

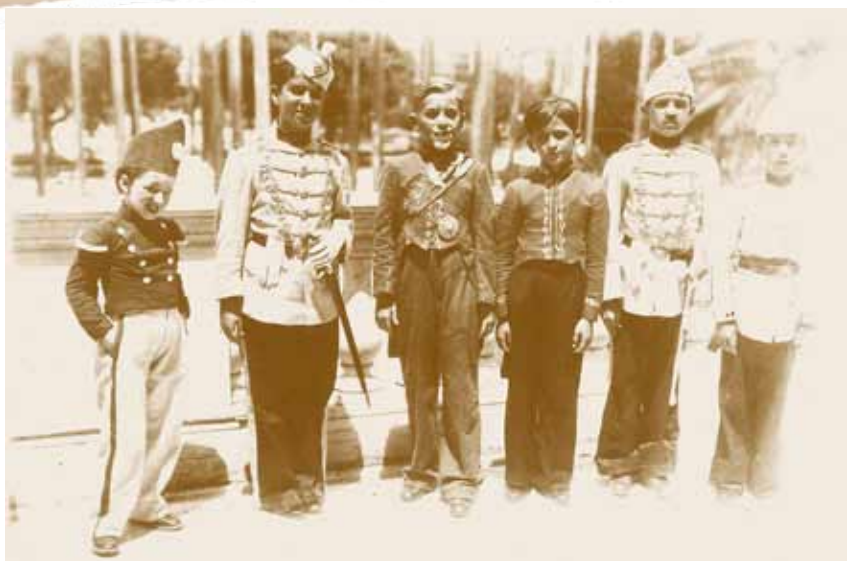
Valdemar de Oliveira

ristas da cidade, como de fato sucedeu, para exemplificar, com um José Maria Marques, uma Janice Cantinho Lobo, um Reinaldo de Oliveira, que vieram a integrar-se no elenco do Teatro de Amadores de Pernambuco. [...] Hoje, há médicos, advogados, engenheiros, donas de casa, viúvas, vovôs e vovós, que não esquecem, tenho certeza, o Teatro Infantil, com que criamos a plateia de vinte anos mais.

O lançamento do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa aconteceu na 3ª Grande Matinal Infantil, dividida em duas partes, no domingo 19 de março de 1939. Inicialmente, foram vistas três peças curtas no desempenho da meninada: *Com a Rainha é Assim..., O Valente* e *o Intelligente* e *Prisioneiro de Guerra*, de autoria de Joracy Camargo e Henrique Pongetti. Finalizou o programa, a revista *A Hora do Calouro*, de José Capibaribe, pseudônimo do próprio Valdemar de Oliveira, criado anos antes para assinar a revista *Sae, Cartola!*, de 1927, além de marchinhas populares como *Sá Zeferina Está de Volta* e *Ai, Que Ele é do Mato*. Na última parte da apresentação, a cantora adolescente Maria Celeste estreou interpretando sambas. Nos intervalos, houve números variados com Paulo Bezerra, outro cantor adolescente. Mas as expectativas daquele domingo já estavam, de fato, voltadas para a próxima Grande Matinal Infantil, que marcaria o lançamento de *A Princesa Rosalinda*, primeira opereta infantil escrita e musicada por Valdemar de Oliveira para e com crianças.

THEATRO SANTA ISABEL
GRUPO GENTE NOSSA
(Sob os auspicios do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho)
SABBADO, 18 DE MARÇO DE 1939
A'S 2,30
AVENTURAS DE UM RAPAZ FEIO
3 actos, de Paulo de Magalhães
DOMINGO, 19 DE MARÇO DE 1939
A'S 10 HORAS
MATINAL INFANTIL
1.ª parte — Com a rainha é assim
O PRISIONEIRO DE GUERRA
Comedias de Joracy Camargo e Henrique Pongetti
2.ª parte — A HORA DO CALOURO
Revista em 1 acto, de José Capibaribe, com estréa de Maria Celeste
Nos intervallos, numeros por Paulo Bezerra
AGUARDEM: — A PRINCEZA ROSALINDA, opereta infantil de Waldemar de Oliveira
A's 15 horas, vesperal com AVENTURAS DE UM RAPAZ FEIO (1.129)

Durante toda aquela semana, a publicidade nos jornais alardeou: "Montagem em 2 atos e 7 quadros de Valdemar de Oliveira. Guarda roupa luxuoso. Lindos bailados. Números de música e de baile. Inteiramente interpretada por crianças" (saliento que havia uma atriz adulta no papel da Avozinha, Lourdes Monteiro, atriz do Grupo Gente Nossa desde a sua fundação em 1931, esposa do ator e diretor Elpídio Câmara). Com diversos cenários – os clássicos telões pintados da época – assinados por Mário Nunes e música e direção de Valdemar de Oliveira, tendo como colabo-



A Princesa Rosalinda

radoras as senhoras Maria Elisa Viegas de Medeiros, Labis Villaça e Dagmar Beltrão, com o próprio autor regendo os músicos no fosso do Teatro de Santa Isabel, a opereta infantil *A Princesa Rosalinda* estreou como superprodução na matinal do domingo 26 de março de 1939. O enredo começa com uma avozinha contando aos seus três netos a história da protagonista, que acaba desenvolvendo-se no palco com diversas outras personagens. A pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife: 60 Anos de História no Século XX* (2013, p. 12.), de Leidson Ferraz, descreveu o enredo:

> A trama faz uma louvação à fantasia e, principalmente, aos "bons costumes": num reino distante, a princesa Rosalinda vivia só e muito triste. Ao ceder uma esmola para uma mendiga, sem saber que se trata de uma fada disfarçada, esta lhe revela que existe um príncipe adormecido há anos numa rosa do jardim real. Desencantado pela fada, o Príncipe Walter apaixona-se pela princesa e pede a mão da jovem ao rei. Como há diversos outros pretendentes, o soberano decide que sua filha se casará com aquele que praticar a mais bela ação dentro do mínimo possível de tempo. O príncipe ganha a competição ao revelar que transformara em moedas o seu palácio para espalhá-las entre o povo. "Pobre ficará, mas de coração satisfeito", diz o rapaz. O romance, então, termina bem, ao som de mais uma canção em meio a "bailados": "Rosalinda! Feliz tu hás de ser! Rosalinda! Rosalinda! Rosalinda!". No enredo, note-se a importância dada às boas ações, como mais um aprendizado à criançada.

A cantora Maria Celeste apresentou-se no intervalo e houve distribuição gratuita de 720 latinhas de goiabada Peixe à plateia, oferta da firma Carlos de

Parte do elenco de *A Princesa Rosalinda*

Britto & Cia. No elenco, Lourdes Monteiro (Avozinha), Reinaldo de Oliveira, Fernando de Oliveira, Valdemar Rodrigues Filho (1°, 2° e 3° Menino), Anita Dimenstein (Princesa Rosalinda), Maria Auxiliadora Medeiros, Edmilda Lopes, Leonorzinha Vasconcelos, Ivanda Oliveira (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Zenilda Vilaça (Fada), Lenira Vilaça (Juanito, personagem cômico que fez muito sucesso, filho adotivo do Rei e um comilão inveterado); Walter Dimenstein (Príncipe Walter), José de Aguiar (1° Ministro), Geraldo Vilaça, Edmir Lopes (1° e 2° Oficial), Paulo Bezerra (Tenente Paulo), Ranúzia Cordeiro Azevêdo, Norma Beltrão Xavier, Maria de Lourdes Beltrão, Marinete Morais (Borboletas), Maria Lia Farias (Dançarina) e Rodolfo Carvalho (Rei). Este último, com doze anos na época e já reconhecido como um garoto-prodígio das artes, adulto se tornaria nacionalmente conhecido como Carvalhinho, ator e humorista do teatro, do cinema e da televisão, já falecido.

Anita Dimenstein

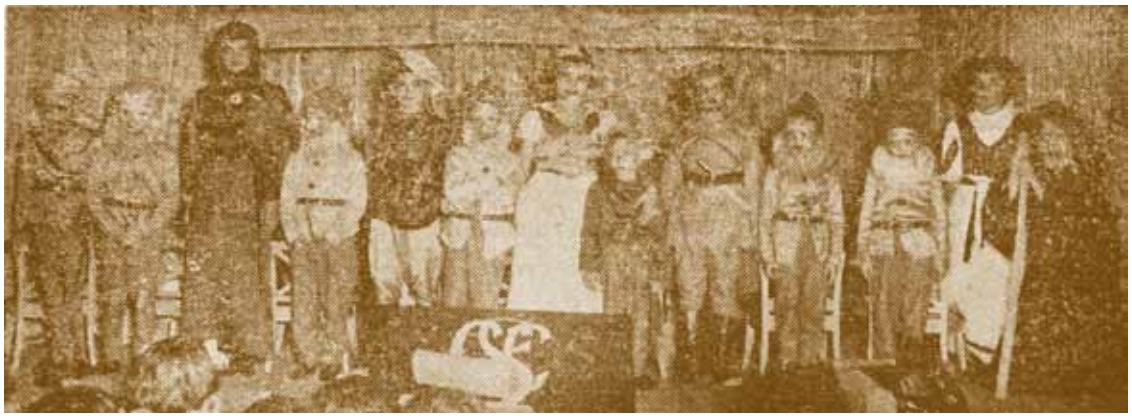
Walter Dimenstein

Elenco de
A Princesa Rosalinda

Permanecendo em cartaz aos domingos, por mais de um mês, algo raro para a época, devido ao sucesso de público (excetuando no dia 23 de abril, quando *Branca de Neve e os 7 Anões* foi reapresentada), a despedida da temporada aconteceu em 7 de maio de 1939, dividindo a cena com um ato variado formado pela peça curta *Com a Rainha é Assim...*, tendo a menina Lenira Vilaça no papel título, além de números com a dupla Ferreira Castro e o cômico Picolino, do elenco do Circo Nerino. Latinhas do Doce Leão foram distribuídas ao público pela empresa Amorim, Costa & Cia. O mais curioso nesta última sessão foi um anúncio que surgiu no *Diario de Pernambuco* (7 de maio de 1939): "De acordo com a determinação do juiz de Menores, somente poderão ter ingresso creanças maiores de 4 annos". Esta novidade é intrigante, já que nos jornais da época não se encontra qualquer justificativa para tal proibição, mas, pode-se deduzir que o choro dos menores de cinco anos tenha incomodado o público presente nas sessões anteriores.

O estranho é saber que um juiz tomou a iniciativa do veto à entrada dos pequeninos no teatro, algo que continuará a acontecer na programação matinal seguinte, com a estreia da nova produção do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, *O Pequeno Polegar*. Mas antes de tratar desta peça, vale citar as impressões de um repórter do jornal *Folha da Manhã* (24 de abril de 1939) ao assistir a reapresentação de *Branca de Neve e os 7 Anões* e relatar curiosidades sobre a plateia:

> Para a matinal infantil de hontem, no Santa Isabel, estava annunciado – *Branca de Neve e os Sete Anões*, de autoria do escriptor allemão Grimm e adaptado ao theatro pelo dr. Coêlho de Almeida. Duas vezes fôra levada a peça no mesmo theatro e o Grupo Scenico Espinheirense já o (sic) encenara duas vezes tambem. Não obstante isso as poltronas e demais localidades do theatro da praça da Republica, estavam totalmente occupadas. Os cinemas tambem já se haviam encarregado de levar um film de Walt Disney sobre o mesmo motivo. Vale reproduzir flagrantes obtidos pela reportagem desta folha no velho theatro para dar aos leitores uma idéa (sic) da victoria que já conseguiu entre nós o theatro infantil. [...] São centenas de garotos



Branca de Neve e os 7 Anões

Scena da peça "Branca de Neve e os Sete Anões", levada, hontem, no T. S. I.

Branca de Neve e os 7 Anões

que procuram logares e se comprimem junto á bilheteria para acquisição de ingressos. Ha uma particularidade nesse ponto: antigamente cabia aos paes o serviço da compra de ingressos mas hoje são os filhos que se encarregam de fazel-o (sic). A' entrada está um funccionario do Santa Isabel encarregado da distribuição de bombons ás creanças. Não tem mãos a medir. Um a um os meninos recebem o seu pacote de balas ou a latinha de doce e vae para o seu logar. A maior ambição da creançada é pelos assentos da primeira fila. [...] Com as primeiras badaladas das 10 horas tem inicio o espectaculo. A ansiedade de todas as matinaes. Não são raras estas expressões entre a meninada: "A tua irmã vae trabalhar hoje?", "Aquelle de calça comprida é Zezinho? – Como está differente...", "Paulo fica bem com roupa de gente grande" e outras phrases semelhantes. A maior ansiedade depois é para que termine o acto para bater as palmas. Ha creanças que se comprazem com as palmas e chegada a vez não perdem a opportunidade para prolongal-as (sic). Durante a representação algumas creanças se comportam caladas, umas com as mãos seguras ao queixo, outras com o corpo inclinado para a frente demonstrando grande interesse pela peça. Ha as que commentam, que pedem impressões dos companheiros. Em geral as meninas de 10, 12 e 14 annos já se externam sobre toilette, criticam gestos e emittem opiniões sobre a maquillage da princeza que foi exaggerada ou está com defeito na pronuncia. [...] Alguns que haviam assistido a peça se compraziam em dizer aos companheiros o que ia succeder no segundo acto. Houve um aparte na creançada que valeu por todo o espectaculo: quando a bruxa se approximou de Branca de Neve offerecendo-lhe a maçã uma creança do meio da platéa gritou: "Não queira porque está envenenada...".

O impressionante na trajetória do Grupo Gente Nossa em 1939 é que, enquanto a meninada apreciava uma nova forma de diversão para elas, agora com dramaturgia e artistas dialogando de igual para igual, era a quantidade de récitas realizadas pelo conjunto adulto a cada mês. Segundo estatística publicada pelo *Jornal do Commercio* (7 de maio de 1939), o Grupo Gente Nossa chegou a fazer, somente no mês de abril, vinte e seis sessões, e até em datas como 23, 29 ou 30 de dezembro seus integrantes estavam na ativa. A 14 de maio, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa lançou a "fantasia musical" *O Pequeno Polegar*, adaptação de Coelho de Almeida a partir do conto de Perrault, com música de João Valença. Dividida em dois atos e oito quadros, a peça ocupou o Teatro de Santa Isabel por duas manhãs dominicais. No palco, além de quinze crianças e adoles-

Gerson Vieira

«O PEQUENO POLEGAR»

DISTRIBUIÇÃO PELA ORDEM DE ENTRADAS EM CENA:

TOMAZ-(Lenhador)	Rodolfo Carvalho
TERESA (Sua mulher)	Edmilda Lopes
POLEGAR	Lenira Vilaça
PEDRINHO	José de Aguiar
MARIO	Reinaldo Oliveira
JOÃOZINHO	Amparo Oliveira
LUIS	Valdemar Rodrigues Filho
GASTÃO	Teresa de Oliveira
PAULO	Sunia Campelo
MARTA (Mulher do Gigante)	Maria Celeste
GIGANTE PAPÃO	Gerson Vieira
REI EDUARDO	Paulo Bezerra
RAINHA	Cloris Passos
1º MINISTRO	Aluisio Magalhães
2. GUARDAS REAIS	Antonia Oliveira e Edmir Lopes

Provem as BALAS JARDINEIRA DA FABRICA DE RENDA, PRIORI & CIA.

TEATRO INFANTIL
DO
GRUPO GENTE NOSSA

"O Pequeno Polegar"

Adaptação de Coelho de Almeida, com musica de João Valença

FANTASIA

EM 2 ATOS E 8 QUADROS

14 de Maio de 1939

centes, a participação do ator adulto Gerson Vieira, do Grupo Gente Nossa (em entrevista realizada no dia 20 de abril de 2011 a este pesquisador, Reinaldo de Oliveira, que também integrou aquele elenco, lembrou que Gerson Vieira era o diretor artístico da montagem, mas não há qualquer referência a isto nem no programa da peça nem nos jornais, sem, no entanto, revelar quem assumiu tal função). Lenira Vilaça, a mesma que interpretou Juanito n'*A Princesa Rosalinda*, viveu a personagem principal, Polegar, mas não era a única garota a interpretar papel masculino. Ainda no elenco, Rodolfo Carvalho (Tomaz, o Lenhador), Edmilda Lopes (Teresa, sua Mulher), José de Aguiar (Pedrinho), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Joãozinho), Valdemar Rodrigues Filho (Luís), Teresa de Oliveira (Gastão), Sunia Campelo (Paulo), Maria Celeste (Marta, a Mulher do Gigante), Paulo Bezerra (Rei Eduardo), Cloris Passos (Rainha), Antônia Oliveira, Edmir Lopes (Guardas Reais) e Aluísio Magalhães (1° Ministro), além de Gerson Vieira (Gigante Papão). É novamente a pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife: 60 Anos de História no Século XX* (2013, p. 12.), de Leidson Ferraz, quem revela o enredo:

> O libreto da peça é um tanto cruel: por conta de uma grande seca que a tudo arrasou, um casal de lenhadores decide largar os sete filhos na floresta, na esperança de serem adotados por outros lenhadores. Ouvindo a conversa dos pais, Polegar, o mais jovem de todos, traça um plano e espera que durmam para apanhar um punhado de pedrinhas do lado de fora da casa. Na manhã seguinte, como decidido, o pai abandona os sete filhos na floresta, mas o zombeteiro Polegar consegue trazê-los de volta, já que marcou o caminho com a ajuda das pedrinhas. Chegam exatamente a tempo de ouvir as lamentações da mãe, após fartar-se numa grande refeição conseguida graças a uma dívida paga ao seu marido. Os meninos, então, invadem a casa para alegria dos pais, mas enquanto narram o acontecido, o Polegar devora as sobras do jantar. No dia seguinte, ainda pela perspectiva de pobreza, o lenhador abandona

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do sr. interventor Agamemnon Magalhães e do sr. Prefeito Novaes Filho)

HOJE — Grandiosa Matinal Infantil — HOJE

— A's 10 horas em ponto —

Com a representação da phantasia

— "O PEQUENO POLEGAR" —

Adaptação de Coelho de Almeida com musica de João Valença

Espectaculo dedicado á petizada do Recife

Prohibido o ingresso a menores de 5 annos, de accordo com a determinação do sr. dr. Juiz de Menores

VESPERAL, ás 15 horas

— QUANDO O AMOR VEM... —

3 actos de Ed. Bourdet, traducção de Corina Fróes

A's 20,30 — Nova encenação da victoriosa operetta

— "BOBY E BOBETTE" —

De WALDEMAR DE OLIVEIRA

Lindos scenarios — Montagens luxuosa

novamente seus rebentos na floresta. Desta vez, o Polegar não consegue voltar com seus irmãos porque, ao invés de pedrinhas, só conseguiu trazer um pão e os pássaros comeram todos os pedacinhos lançados ao chão. Do alto de uma árvore, ele descobre uma casa ao longe, sem saber que lá mora o Gigante Papão e sua esposa. Esta os acolhe e lhes dá alimento, mas o Gigante quer mesmo é devorá-los. No entanto, Polegar, bastante esperto, além de conseguir salvar a todos, ainda rouba suas Botas de 7 Léguas. Em terras do Rei Eduardo, o pequenino conquista não só as graças do soberano como até ganha um cargo de conselheiro real. A trama termina feliz com os meninos confraternizando-se não somente com os pais, mas com a mulher do Gigante, que os havia ajudado a fugir. O grandão ainda consegue ser perdoado. "E a felicidade chega para todos", finaliza o programa. A presença de crianças menores de quatro anos na plateia continuou a ser proibida por determinação judicial.

No dia 18 de maio de 1939, excepcionalmente numa quinta-feira, *A Princesa Rosalinda* voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel, às 10 horas, para realizar um festival em benefício da Matriz de São José, ou seja, com renda revertida para esta instituição, totalizando sete apresentações. Já *O Pequeno Polegar* fez sua segunda e última récita na matinal de 21 de maio, mesmo dia em que o núcleo adulto do Grupo Gente Nossa apresentou, na vesperal das 15 horas, a opereta *Bobby*

Theatro SANTA IZABEL

Temporada elegante e de gargalhadas !...

"Companhia de Comedia PALMEIRIM - CECY"

FUNDADA EM 1924

Hoje - 6.a-feira, 23 de Junho de 1939 - Hoje

— As 20 e 45 —

FINALMENTE

PALMEIRIM

O Homem que Nasceu 2 Vezes

Distribuição pela ordem das entradas

Preços

O HOMEM DO PAPAGAIO

Cadeira 4$400 Frizas e Camarote 10$000

Elixir SALSAGUASSU

FABRICA FELD

Rua Imperatriz, 58

ULTIMAS NOVIDADES em Vestidos, Chapéos, Manteaux e Capas.

Visitem as suas Exposições !

e *Bobette,* de Valdemar de Oliveira, original de 1935, tendo Alfredo de Oliveira e Luiza de Oliveira como protagonistas. A partir daí, o Teatro de Santa Isabel passou a ser ocupado pela Companhia de Comédia Palmeirim-Cecy, dos artistas empresários Palmeirim Silva e Cecy Medina, que retornou a Pernambuco a bordo do navio Neptunio do Sul. A estreia aconteceu em 27 de maio de 1939 com a peça cômica alemã *Vou Entrar na Família*, de F. Shoentau e Gustavo Kadelluerge, em tradução de Matheus da Fontoura.

Palmeirim Silva

Cecy Medina

Durante sua longa permanência no Teatro de Santa Isabel, que terminou precisamente um mês depois, foram encenadas ainda *Elle e a Millionaria*, *O Perfume de Minha Mulher*, *O Homem do Papagaio*, *A Mulher Numero 2*, *O Filho Sobrenatural*, *Rosario*, *A Mulher do Outro*, *As Solteironas dos Chapéus Verdes*, *Mulheres Nervosas*, *Minha Viagem de Núpcias*, *Minha Mulher é Um Grande Homem*, *Peso Pesado*, *A Mulher de Juca*, *Um Rapaz Teimoso*, *Genro de Muitas Sogras*, *60 Beijos Por Minuto*, *Guerra às Mulheres*, *A Ditadora*, *O Interventor* e *O Homem Que Nasceu Duas Vezes*. Das vinte e uma peças apresentadas, muitas fazendo humor com a figura feminina, seis

eram nacionais e quinze estrangeiras. No total, quarenta e quatro récitas puderam ser oferecidas, mas a temporada foi um fracasso financeiro.

Como já foi registrado aqui várias vezes, a presença de companhias de fora por semanas era bem frequente no Teatro de Santa Isabel, o que gerava desconforto com as produções locais, isto sem contar com os diversos concertos musicais que lá aconteciam e até mesmo formaturas colegiais, entre outras atividades. A cada final de ano, por exemplo, diversos educandários promoviam festas de encerramento do ano letivo naquele palco, com um programa variado que reunia números de canto, piano, cenas teatrais e etc. Esta situação de pauta disputadíssima vai perdurar por décadas (até hoje!), com reclamações constantes dos artistas e da imprensa. Sem acesso aos domingos no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira desistiu de promover as matinais dominicais, muito provavelmente também pela constante programação adulta que o Grupo Gente Nossa mantinha, com viagens programadas e um segundo elenco a ficar no Recife, com sessões nos cineteatros dos subúrbios. Mas não morreu o seu sonho de um teatro direcionado à infância.

Para se ter ideia da intensa atividade do Grupo Gente Nossa, mesmo sem seu palco principal, logo no dia 31 de maio de 1939, uma quarta-feira, os pernambucanos retornaram à cena com *Um Rapaz de Posição*, no Cine-Torre. Na quinta-feira, 1 de junho, apresentaram *Cala a Bocca, Etelvina!*, no Cine-Eldorado. No domingo, 4 de junho, no Cine-Encruzilhada, foi a vez de *O Hóspede do Quarto nº 2*. E na terça, dia 6, *Onde Estás, Felicidade?*. Após isso, parte da equipe seguiu para temporada de comédias no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, com dezoito integrantes. Somente no dia 23 de julho de 1939, o Grupo Gente Nossa promoveu mais uma matinal, às 10 horas, no Teatro de Santa Isabel, ainda que não conste na imprensa nenhuma citação ao seu Teatro Infantil. Naquele domingo, registrou o *Diario de Pernambuco* (19 de julho de 1939), foi apresentado "um movimentado programma organizado pelo Gymnasio Vera-Cruz [...] a cargo de alunnos daquelle educandário", com "numeros de canto, bailados, scenas comicas, duetos, etc." e participação dos artistas cômicos Picolino, Bozano e Fernandes, do elenco do Circo

Nerino. Na vesperal, às 15 horas, reapresentação da comédia adulta *Frederico II*, original em três atos de Eurico Silva.

A 2 de agosto de 1939, o Grupo Gente Nossa estreou *Mocambo*, um de seus maiores sucessos naquele ano, lançado em data de seu oitavo aniversário. Voltada para adultos, a obra de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho foi concebida em homenagem a Liga Social Contra o Mocambo, campanha do Governo de Pernambuco criada pelo interventor Agamemnon Magalhães no combate à habitação insalubre. Pouco antes do espetáculo começar, foi inaugurado, no salão nobre do Teatro de Santa Isabel, o busto de Samuel Campelo, um trabalho do escultor pernambucano Edson de Figueiredo considerado primoroso por todos. O *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1939) deu mais detalhes sobre a peça lançada naquela noite, de cunho claramente político partidário:

> A peça se iniciou pela apresentação de um artistico telão, em que se liam as seguintes palavras do interventor Agamemnon Magalhães, consideradas o thema do trabalho theatral: "A extincção dos mocambos é um problema nacional. Um foco de miseria social, em qualquer parte do territorio, será, sempre, um motivo

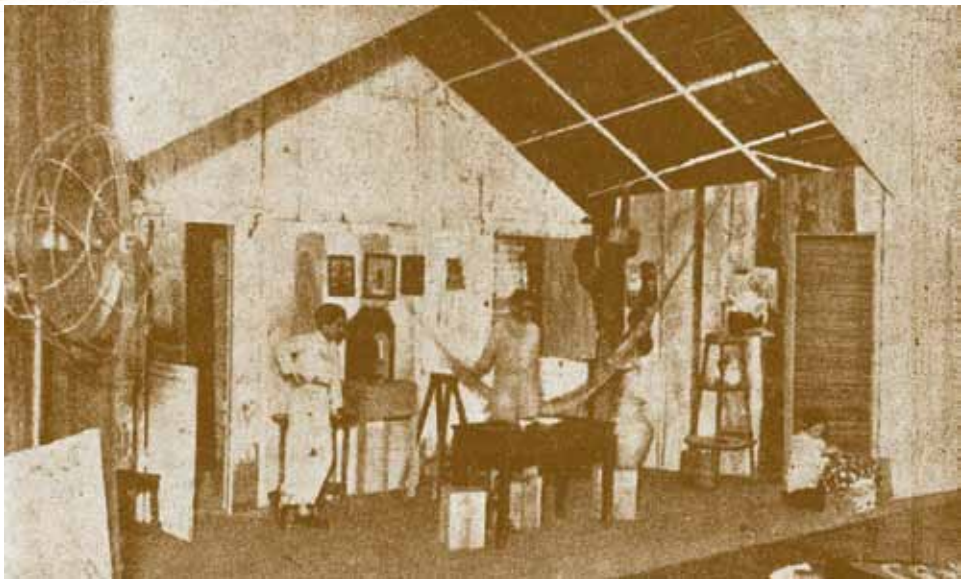
Grupo Gente Nossa em 1939

de exploração, um flanco aberto aos inimigos da ordem". Seguiu-se a representação da peça, pelo seguinte elenco: Luis Carneiro, Alfredo de Oliveira, Lenita Lopes, Oswaldo Barreto, Gina de Almeida, Baptista Teixeira, Elpidio Camara, Aluizio Campello, Carmem Silva, Lourdes Monteiro, Alzira de Oliveira, Barreto Junior, Caldas Araujo, Gerson Vieira, Erivaldo Mota e José Cavalcanti. *Mocambo* é uma peça social que, alem de agitar o problema da habitação pobre, no Recife, desenvolve um interessante entrecho em tôrno de operarios e patrões e, ainda, de elementos dissolventes, constituindo, porisso (sic), um verdadeiro libello contra as agitações extremistas e focalizando o mocambo, como um[a] "cellula de descontentamento". A representação correu sem falhas, tendo sido interrompida por mais de uma vez, por palmas de vultosa assistencia que enchia o theatro. O inicio de cada acto comportou uma suggestão musical, que coube ao (sic) sseguintes (sic) trechos: O passaro de fogo, de Stravinsky (1°. acto); Entreacto de Kovatchinka, de Moussorgsky (2°. acto) e *Alvorada*, da opera *O Escravo*, de Carlos Gomes (3°. acto). Dedicado á Liga Social Contra o Mocambo, teve, o espectaculo de quarta-feira ultima, a presença das nossas altas autoridades civis e militares. [...] A montagem esteve a cargo dos scenographos Alvaro Amorim e Mario Nunes, que se encarregaram do 3°. acto e dos auxiliares José Barros, José Ferreira da Costa, Annibal Mota, Danilo Braga, Paschoal Nascimento e Antonio Coutinho, que se encarregaram da difficil montagem do 2°. acto, com materiaes fornecidos pela Secretaria da Segurança.

Oswaldo Barreto

Álvaro Amorim

Anníbal Mota



Mocambo

Divulgada como "a peça da atualidade", *Mocambo* fez tanto sucesso que chegou a cumprir duas sessões num único dia. Naquela que seria sua última apresentação, na terça-feira, 15 de agosto, em vesperal às 15 horas e comemorando um público de mais de 14 mil pessoas, um anúncio no *Diario de Pernambuco* (13 de agosto de 1939) deixou claro que a meninada também se fazia presente: "Haverá distribuição de massas e biscoitos Aimoré ás senhoras e ás crianças". Posteriormente, *Mocambo* voltou a ser apresentada em outros teatros e cidades, inclusive no ano seguinte, sob o título de peça mais discutida dos últimos anos, chegando a quarenta e nove representações. Alguns dias depois da celebração de aniversário do Grupo Gente Nossa, chegou a notícia aguardada há anos, enviada pelo diretor do Serviço Nacional de Theatro, senhor Abadie Faria Rosa: "Communico snr. presidente Getulio Vargas concedeu ao Grupo Gente Nossa uma subvenção de quinze contos de réis. Saudações", segundo publicação em letras garrafais no *Jornal do Commercio* (6 de agosto de 1939).

Em meio àquela conquista, alguns intérpretes do grupo também promoveram festivais com renda voltada a contribuir para o seu sustento. Foi o caso de Lecticia Flora com a peça *A Mulher Que Furtou*; de Luiza de Oliveira com *Mater Dolorosa*; de Jovelina Soares com *O Marido da Criada*; e de Alexandrino Rosas com *Seu Pindoba*, assim como, de outros coletivos, Menaris Ribeiro com A *Mãe de Minha Mulher* ou o ator Waldemar Mendonça, um dos fundadores da Troupe da Bôa Vontade, que também realizou o seu festival no Cine-Theatro Olinda, no bairro do Feitosa, numa homenagem ao Centro Sportivo Tabajaras. Além da comédia em três atos *Boneca Alemã*, de Rangel de Lima, foi apresentado "um acto variado a cargo de elementos do Conjuncto Artistico do Feitosa e da PRA-8", segundo o *Diario de*

Luiza de Oliveira

Lenita Lopes

Hermógenes Vianna

Pernambuco (10 de outubro de 1939). Em setembro, no Teatro de Santa Isabel, junto a companheiros do Grupo Gente Nossa, foi a vez de Lenita Lopes produzir o seu festival com a peça *A Grande Mentira*, de Hermógenes Vianna, "contribuição do seu autor para o theatro serio, de sentimento, de psychologia, de these, theatro que se firma de vez entre nós que não mais supportamos as 'engraçadíssimas' arrancadas de certos senhores, que andam pelo mundo tresandando verve para uso proprio", reclamou o *Diario da Manhã* (10 de setembro de 1939).

Das obras internacionais montadas pelo Grupo Gente Nossa naquele ano, chamou atenção a grandiosa produção do melodrama sacro *Jesus*, com estreia a 3 de setembro de 1939, no Teatro de Santa Isabel, em homenagem ao III Congresso Eucharistico Nacional, inaugurando os espetáculos sacros no repertório do conjunto. O texto do espanhol Felipe Caparrós ganhou tradução de Valdemar de Oliveira. Com a Prefeitura do Recife bancando os altos custos da montagem, mais de um mês de ensaios foram necessários sob a coordenação do ator Elpídio Câmara e do próprio autor, que ganhou destaque no *Jornal do Commercio* (3 de setembro de 1939):

Felipe Caparrós

> Radicado em Pernambuco, logo após a temporada da Companhia Bertini-Boni, de que era maestro director, Filipe (sic) Caparrós foi convidado para o Radio Clube de Pernambuco, sendo de todos conhecido o carinho e a competencia por elle postos á prova no aperfeiçoamento da orchestra symphonica daquella emissora. A sua peça, como tantas outras do seu volumoso archivo de producções theatraes, revela conhecimento perfeito da technica theatral além de uma perfeita integração no espirito do thema escolhido: a vida de Jesus. Poema e musica se devem á sua penna. Naquelle, o maestro Caparrós encarou a vida do Divino Mestre em alguns dos seus episodios mais suggestivos, como sejam: a entrada em Jerusalém, a Sagrada Ceia, o Jardim das Oliveiras, o Sinedrio, a Casa de Pilatos, o Carcere da Flagellação, o Enforcamento de Judas, a Rua da Amargura, o Calvario, o Santo Sephulchro e a Ressurreição. Occupam-se, durante o transcorrer da acção, 45 personagens e 90 comparsas, o que perfaz um total de 135 elementos scenicos. Na partitura, foi igualmente feliz o maestro hespanhol, pondo á prova as suas qualidades de compositor e instrumentador, absolutamente senhor do seu *metier*. Essa partitura será executada por uma orchestra de 40 professores, recrutados entre o Radio Clube, a Brigada Militar e elementos esparsos das nossas melhores orchestras. Haverá tambem um grupo de clarins, em musica de scena interna. [...] Os scenarios de *Jesus* foram entregues á proficiencia dos conhecidos artistas Mario Nunes, Alvaro Amorim e Ramon Dominguez, dos grandes theatros de Buenos Aires e director do Studio Artistico Internacional. A escolha dos croquis e maquetes coube a uma commissão composta do

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do sr. Interventor Agamemnon Magalhães e do sr. Prefeito Novaes Filho)

DURANTE O III CONGRESSO EUCARISTICO:

Grandes espectaculos sacros, com apresentação da peça

— JESUS! —

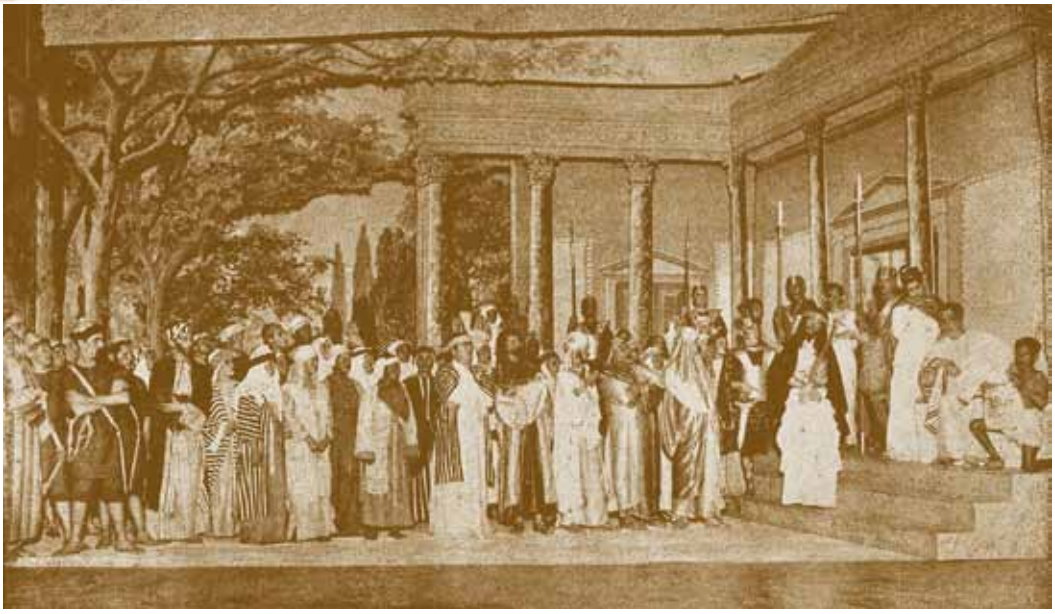
5 actos e 13 quadros de autoria do maestro F. Caparrós

As mais suggestivas passagens da vida de Jesus Christo. — Deslumbrante montagem — Luxuoso guarda-roupa — Riquissimos scenarios

Orchestra de 40 professores, do Radio Club de Pernambuco e da Brigada Militar do Estado

Ingressos á venda, na secretaria do Theatro

Não será exigido traje a rigor



Jesus, pelo Grupo Gente Nossa

prefeito Novaes (sic) Filho, do conego Xavier Pedrosa e do escriptor Lucillo Varejão. Esses scenarios são realmente grandiosos, sendo licito affirmar serem os maiores e mais imponentes já armados no palco do Theatro Santa Isabel. Trata-se de 11 grandes trabalhos, representados por cêrca de 35 telões e 20 trainneis de magnifico effeito scenographico. A peça foi, em seguida, submetida á leitura do censor archidiocesano, conego Xavier Pedrosa, tendo logo conseguido o *nihil obstat* do snr. dom Miguel Valverde, arcebispo de Olinda e Recife. [...] Todo o trabalho de guarda-roupa se inspirou nos melhores textos biblicos e em gravuras de livros antiquissimos, sendo dirigido por Lourdes Monteiro e numerosas auxi-

Lourdes Monteiro

liares. Couraças, capacetes, etc., foram confeccionados na Metallurgica Pernambucana, de modo que imprima o maximo brilhantismo á comparsaria, composta de soldados romanos, soldados hebreus, rabinos, sacerdotes, nobres e povo. As cabelleiras e crepes foram encommendados especialmente á firma Vieira Pontes & Cia., de São Paulo e Antonio de Assis, no Rio de Janeiro. [...] O Theatro apresentará discreta ornamentação a cargo do Studio Artistico Internacional, com séde nesta capital, o qual foi contratado para esse fim pela Prefeitura do Recife. Serviços de pintura das escadarias, de raspagem, enceramentos e envernizamento, de substituição das antigas passadeiras de feltro e de borracha foram contratados e executados pelas seguintes firmas: Sebastião Silva, Serraria Central, Casa Hollanda e Nascimento & Guerra, do Rio de Janeiro.

Alfredo de Oliveira

Vicente Cunha

Para salientar a enorme equipe envolvida, vale registrar nomes e funções exercidas: no elenco, Oswaldo Barreto (Jesus), Luiz Maranhão (Caiphaz), Baptista Teixeira (Anás), Norton França (Jonas), Leopoldo Cunha (Benjamin), Luís Carneiro (Emissário), Alderico Costa (Mateus), Elpídio Câmara (Judas), Alfredo de Oliveira (João), João Pires (Centurião), Vicente Cunha (Pilatos), Lenita Lopes (Maria), Alzira de Oliveira (Magdalena), Ivete Rocha (Cláudia), Gina de Almeida (Aldeã), Severino Ramalho (Longuinhos), Waldemar Mendonça (Gestas), Tancredo Seabra (Dímas), Mário

Gina de Almeida

Caldas Araújo

Jesus, pelo Grupo Gente Nossa

Baptista (Thiago), Caldas Araújo (José de Arimathéa), Ayrton Guimarães (Jacó), Aluísio Campello (Pedro), Irma Campello (Verônica e Simona), Sunia Campello (Anjo), Ary Guimarães (Pregoeiro), além dos outros vivendo apóstolos e grande massa coral, composta por trinta elementos do Orpheão da Brigada Militar, trinta do Centro Educativo Operário de Santo Amaro, vinte e oito do Orpheão do Gymnasio Leão XIII e numerosos outros integrantes de coros sacros. A maquinaria ficou a cargo de José Ferreira da Costa, José Barros, Antônio Rocha e Danilo Braga dirigindo diversos auxiliares. A contrarregragem coube a Caldas Araújo, Ary Guimarães e Pedro Mota; Abelardo Cavalcanti foi o ponto; Anníbal Mota e Ananias B. Gouveia como "eletricistas" [iluminadores]; e João Alves o aderecista. O resultado: sucesso absoluto.

No dia 15 de setembro estreou no Teatro de Santa Isabel, subvencionada em turnê pelo Serviço Nacional de Theatro, Jayme Costa e Sua Grande Companhia de Comédias com a trama histórica *Carlota Joaquina*, de Raimundo Magalhães Jr., que ao final daquele ano conquistou a medalha de mérito como autor destaque pela Associação Brasileira de Criticos Theatraes, com Jayme Costa sendo ainda eleito o ator destaque do ano por esta mesma peça. Neste trabalho de estreia, visto sete vezes durante a temporada no Recife, ele vivia o papel de D. João VI e era divulgado como "o maior interprete brasileiro" nos anúncios de jornal.

THEATRO SANTA ISABEL

JAYME COSTA

E SUA GRANDE COMPANHIA DE COMEDIAS

)::(

Estréa hoje, ás 8,45, Estréa no Theatro Santa Isabel

Em homenagem ao exmo. snr. dr. Agamemnon Magalhães e familia e ao exmo. snr. dr. Novaes Filho e familia, com a maior peça do theatro brasileiro

CARLOTA JOAQUINA

3 actos de Magalhães Junior

JAYME COSTA em D. João VI consagrou-se como o maior interprete brasileiro

Bilhetes a venda para o espectaculo no Deposito da Casas aos seguintes preços:

Frizas e Camarotes	40$000
Poltronas	7$700
Entrada Camarotes de 2ª.	5$000
Geral	3$300
Estudantes	1$100

)::(

DOMINGO, 1ª. VESPERAL A'S 15 HORAS

A seguir o maior successo de Paulo Magalhães, A FLOR DA FAMILIA, 3 actos de grande hilariedade.

Esta temporada tem o auxilio e controle do S. N. T. do M. E.

(98.225)

Jayme Costa

Ainda fizeram parte do repertório apresentado, *A Flor da Família*, *Fora da Vida*, *Os Maridos de Hoje*, *As Doutoras*, *Os Amigos do Barata*, *Genro de Muitas Sogras*, *Tinoco*, *O Ultimo Guilherme*, *Sansão* e *O Hospede do Quarto Nº 2*. Tendo ainda no elenco nomes como Darcy Cazarré, Custódio Mesquita, Ítala Ferreira, Déa Selva, Nelma Costa, Álvaro Costa e Cora Costa, sob a direção artística de Eduardo Vieira, a companhia totalizou vinte e seis apresentações, com dez peças em quinze dias, sendo todas nacionais, um diferencial importante. "Foi uma curta, mas brilhante temporada, que deixou muito boa impressão", lembrou Valdemar de Oliveira em sua matéria retrospectiva no *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940).

Ainda em setembro de 1939 quem fez sucesso entre a criançada do Recife foi o campeão norte-americano de atletismo Tarzan Moderno, que cumpriu temporada de "Grandes Matinais Infantis" às 10 horas, no Theatro Moderno, com "numerosos jogos sportivos", conforme o *Diario de Pernambuco* (23 de setembro de 1939). Na sequência às suas apresentações, sempre era exibido um filme, como, por exemplo, *Espantalho, Espantado*, comédia dos 3 Patetas. Um fato curioso é que, provavelmente por conta da boa repercussão dos espetáculos voltados para a infância no Teatro de Santa Isabel, iniciativa que atraiu famílias inteiras ao lazer teatral naquele primeiro semestre do ano, algumas companhias e "troupes" visitantes passaram a inserir no seu repertório produções voltadas a um

THEATRO SANTA ISABEL

EMPRESA DE THEATRO PINTO LMDA.

HOJE —— HOJE

LUIZ IGLESIAS E FREIRE JUNIOR apresentam a

Companhia de Revista do Theatro Recreio do Rio de Janeiro

ARACY CORTES, OSCARITO, EVA TUDOR, IZA RODRIGUES (a menina de ouro) e outros

20 FORMIDAVEIS GIRLS — BALARINAS

Luiz Iglesias

ORCHESTRA JAZZ DO RIO

MONTAGENS DESLUMBRANTES

Para Estréa — Com a grandiosa revista de quadros comicos e phantasia em (2 actos)

BONECA DE PIXE

Espectaculos por sessões — 1a. sessão ás 19 horas

2a. sessão ás 21 horas

Aos Sabbados Vesperaes da Mocidade — A preços reduzidos

BILHETES A VENDA NA CAXIA

Esta Companhia tem o controle e auspicio do S. N. T. do Ministerio da Educação

A seguir — CABEÇA DE PORCO

(98.364)

público mais abrangente, dos adultos às crianças, algo que perdurou somente por aquele ano, já que a Guerra diminuiu bastante as turnês pelo Brasil, em época que a navegação era o transporte mais utilizado.

Mesmo assim, aportou na capital pernambucana a Companhia de Revistas do Theatro Recreio do Rio de Janeiro, sob a direção de Luiz Iglesias e Freire Júnior. Chegou graças ao patrocínio do SNT e estreou no dia 20 de outubro de 1939, no Teatro de Santa Isabel, com a revista *Boneca de Pixe*, dos próprios diretores, trazendo vinte "*girls*-bailarinas" além das estrelas Oscarito, Eva Todor e Aracy Cortes no elenco. Na sequência, ainda foram encenadas as revistas *Entra Na Faixa*, *O Que é Que a Bahiana Tem?*, *O Gordo e o Magro*, *Figa de Guiné*, *Cidade Maravilhosa* e *É Batatal!*, além da burleta *Bambas da Saúde*. Neste repertório, destaque ainda para uma "peça rigorosamente familiar", *Cabeça de Porco*, objetivando o público infantil também, além de *O Gury*, "peça para as famílias pernambucanas", burleta de Freire Júnior e J. Ayberé, inspirada nos argumentos das "fitas" de Shirley Temple, com o "notável desempenho da garota prodígio Isa Rodrigues e o engraçadíssimo Oscarito", conforme anúncio no *Diario de Pernambuco* (27 de outubro de 1939). Curiosamente foi vista em duas sessões noturnas, num sábado, às 19 e 21 horas, com "matinée chic" no domingo, às 14 horas. Com um total de trinta e três récitas feitas, somente com peças de autores nacionais, a equipe lembrava sempre que as peças eram "rigorosamente familiares", mas o resultado não foi o esperado. Valdemar de Oliveira ponderou no *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940):

> Companhia de folha muito pesada, não assignalou, em sua passagem pelo Recife, êxito financeiro, tendo entretanto alguns dos seus espectaculos agradado pela actuação de elementos de valor como Eva Tudor, Margot Louro, Isa Rodrigues, Oscarito, Armando Nascimento, Antonio Almeida, Pedro Dias e outros.

Por sua vez, provavelmente seguindo os passos do amigo Valdemar de Oliveira na sua atenção à infância, o professor e dramaturgo Cândido Duarte, diretor da Escola Normal Pinto Júnior, com longa carreira no Recife, escreveu e dirigiu a revista cívico-escolar *O Sonho de Yara*, "de fundo moral, christão, educativo", segundo o *Jornal do Commercio* (17 de setembro de 1939), voltada a todas as idades. No elenco, quarenta alunas normalistas, todas estreantes de palco. Os "bailados" eram criações de Maria Orlando Andrade Bezerra; a música, executada por uma orquestra, do professor e maestro Carlos Diniz; os cenários de Balthazar da Câmara e Mário Nunes; e o luxuoso guarda-roupa confeccionado "pelas familias das alumnas que tomam parte no desempenho da peça", segundo aquele mesmo jornal. Toda a renda foi em benefício da Sociedade Propagadora de Instrução Pública, mantenedora da Escola Normal Pinto Júnior. A estreia aconteceu a 10 de novembro de 1939, no Teatro de Santa Isabel, após vários adiamentos.

Com cânticos e "bailados", o prólogo de *O Sonho de Yara* se passava num trecho da floresta amazônica, quando a índia Yara sonha com "um Brasil immenso, poderoso e feliz. Viu-o guiado pela Cruz, transformar-se em um país civilizado, culto, christão; crescer e progredir, dando ao mundo as mais bellas lições de patriotismo e fé, civismo e bravura", como registrado ainda naquela mesma edição do *Jornal do Commercio* (17 de setembro de 1939). Com a chegada da personagem História, esta lhe fala:

O Sonho de Yara

> [...] nas lendas e dansas do Amazonas, nas canções do Danubio, na vida dos gregos e no culto que elles tinham á dansa e á belleza, nas glorias de Portugal; diz-lhe como o Brasil será desvendado ao mundo pelos portugueses e ainda como caminhará atraves dos sonhos sob a protecção dos céus e da Cruz.

A partir daí, a montagem desenvolve-se em mais dois atos. O primeiro, acontecendo no Rio de Janeiro e na Bahia, em épocas diversas, e o segundo no Recife, "com scenas de grande effeito, em que a revista focaliza os mais variados aspectos de nossa vida social, sendo tambem homenageadas as industrias do Estado", reforçou outra edição do *Jornal do Commercio* (20 de agosto de 1939). Os papeis principais de Yara e História foram confiados, respectivamente, às alunas Maria José Sarinho e Nilza Pires. Em novo número, o *Jornal do Commercio* (3 de dezembro de 1939) saldou o trabalho como um "teatro sadio, [...] de grandeza patriótica, de nobreza christã". A pedidos do público, a montagem foi reapresentada, totalizando três récitas no Teatro de Santa Isabel em 1939.

Ocupando o Theatro Livramento, o Theatro Silvino Lopes, o Cine São João, o Teatro de Santa Isabel, o Cine-Theatro Olinda e o Cine-Eldorado, outros conjuntos locais também se exibiram naquele ano, no Recife. O Gremio de Comedias Cruzeiro apresentou as peças *O Coração Não Envelhece*, *O Sympathico Jeremias*, *Priminho do Coração* e *Tabú*, todas em única sessão no Cine-Theatro Olinda; o Conjunto Artístico do Feitosa fez *Compra-se Um Marido*, *A Ditadora*, cada uma com duas sessões, *O Bom Ladrão*, *Meninas de Cinema*, *Eu Não Sou Eu* e *Não Me Conte Esse Pedaço*, estas em única récita; o Gremio Familiar Afogadense apresentou *O Coração Não Envelhece* e *Graças a Deus*; a Tuna Portuguesa pôde levar à cena *O Primeiro Beijo*, *Meninas de Cinema* e a peça histórica *Camões*, de Pereira da Costa, esta a única a fazer duas sessões no Teatro de Santa Isabel, em dezembro; o Gremio Artistico do Barro só produziu *Compra-se Um Marido*; e o Gremio Apolonia Pinto, *A Ditadora* e *Ladra*, estas últimas vistas uma única vez. O Gremio Scenico Espinheirense foi à cena quatro vezes, três delas com *Branca de Neve e os Sete Anões*, peça que inaugurou as matinais dominicais dedicadas às crianças no Teatro de Santa Isabel.

Já o Cine-Encruzilhada abrigou três "troupes" visitantes (aquelas que investiam em repertório mais popular e cômico), duas delas aqui já citadas. Primeiro veio Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes, do Rio de Janeiro, que ofereceu espetáculos como *Fazenda dos Amores*, *Flor de Manacá*, *Rancho da Serra*, *O Apparicio Appareceu*, *O Meu Malandro*, *O Trancinha*, *Meu Brasil* e *A Família Mossoro*, com programação alterada dia a dia. Tão pitoresco, vale registrar um anúncio da equipe liderada pelo comediante Ratinho. Eis o que saiu no *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1939):

Todas noites peças novas. Hoje às 20 e 30 minutos no Palco: Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do RJ. Direção artística: A. Peres Filho. *Fazenda de Amores* – Um mimo de arte! Um sucesso sem precedente. Fechará o espectaculo, a revista em 1 acto e 12 quadros, com lindos numeros de musica: *Romance de Amor*. Sambas, canções, cortinas comicas, sketches, bailados, anedoctas, sólos malucos de saxophone, disparates, etc. Graciosas *girls*. Espectaculos rigorosamente familiares. Impróprios para menores de 14 annos.

Em seguida veio a Genésio Arruda e Sua Cia. de Disparates Cômicos, que realizou dezoito apresentações populares com títulos como *O Paraiso dos Bebados*, *O Homem Demonio*, *Socega* (sic) *Leão*, *O Criado do Diabo*, *A Felicidade do Felix* e *A Noiva do Defuncto*. Por fim, a Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatuzinho, também do Rio de Janeiro, dirigida por De Chocolat, com nove espetáculos no repertório como *O Petroleo do Lobato*, *O Apparicio Appareceu*, *Precisa-se de Criados*, *Tatú Virou Mulher* e *Seu Euzebio*, além do sainete em dois atos *A Derrota do Campeão*, de Antônio Sampaio, em grandiosa *matinée* às 15 horas. Na sua divulgação constava: "Esta peça é de fazer

rir de inicio ao fim, e deve ser assistida por toda guryzada". Na equipe, destaque para a cantora Elisete Cardoso, as "vedettes" Noêmia Soares e Celeste Aída, os atores Delphim Gomes e Maria R. Martins, o sambista Kleber Senna e os bailarinos Mary and Trosky, entre outros.

Os recifenses ainda puderam ver, quase ao final do ano, no Teatro de Santa Isabel, a Companhia Jardel Jércolis, com "figuras de primeiro plano" como Lodia Silva, Pepita Cantero, Rosita Rocha, Manoelino Teixeira, Hugo Cesarino e Guiomar Santos, entre outros. A companhia estreou no dia 15 de dezembro, com a opereta de Geisa Bôscoli, *Gandaia*, que ao final daquele ano deu a medalha de mérito a Custódio Mesquita como compositor destaque pela Associação Brasileira de Criticos Theatraes, levando Jardel Jércolis o destaque como diretor de cena pela "mise-em-scene dos espectaculos de sua companhia na temporada oficial", segundo o *Jornal do Commercio* (11 de fevereiro de 1940). Logo depois, a companhia carioca seguiu em cartaz no Recife com *Alô, Alô Rio*, *O Thesouro do Sultão*, *Carioca* e, na despedida a 21 de dezembro de 1939, *Vertigem*. Foram onze sessões no total, com cinco peças diferentes, todas de autores nacionais.

Também subvencionada pelo Serviço Nacional de Theatro, "a Companhia Jardel Jercolis teve prejuízo financeiro em virtude de se haver exhibido em época pouco propícia a representações theatraes", sentenciou Valdemar de Oliveira naquela matéria retrospectiva. Como justiça histórica, importante salientar algo que a pesquisadora Neyde Veneziano fez questão de lembrar em seu artigo "O Teatro de Revista", no livro *História do Teatro Brasileiro, Vol. I: Das Origens ao Teatro Profissional da Primeira Metade do Século XX* (2012, p. 455.):

> Quando se tenta reconstruir a história, deparamo-nos com marcos e bandeiras considerados definitivos. Pascoal Carlos Magno tirou o ponto, dizem. A encenação no Brasil surgiu de um polonês, acredita-se. Não se prestou muita atenção, mas bem antes Jardel [Jércolis] já ousava apresentar espetáculos sem ponto. E Luiz Peixoto (que também fez teatro sem ponto), provavelmente foi o introdutor da "encenação" no Brasil. E Artur Azevedo? Este já pensava e descrevia o texto-espectador em suas revistas. E assim segue o teatro brasileiro. Porque não há invenção sem construção. Tijolo a tijolo.

Contabilizando as companhias teatrais de fora, o Recife pôde apreciar cinco delas em 1939, com cento e trinta apresentações de espetáculos ao total. Foram oferecidos cinquenta e nove textos diferentes, sendo vinte e seis de peças estrangeiras e trinta e três nacionais. A retrospectiva teatral que Valdemar de Oliveira fez sobre aquele ano para o *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940) esclarece ainda que o palco do Teatro de Santa Isabel também recebeu três espetáculos infantis avulsos, sendo dois pelo Gymnasio Vera Cruz e um pelo Instituto Recife (com números variados em sequência); uma matinal infantil no Dia da Criança, sem referência a quem a promoveu (provavelmente também com atrações variadas); e, como opção para toda a família, o melodrama *Presépio*, dirigido pelos Irmãos Valença (João e Raul Valença), foi organizado pela Directoria de Reeducação Social para três exibições no Collegio Nobrega. No Salão Pio X, em Olinda, o Núcleo Teatral Getúlio Vargas chegou a produzir as peças *A Barreira*, de Francisco Julião Arruda de Paula, *Procura-se Um Filho*, *Dois Co-*

HOJE ás 16 HORAS

Núcleo Theatral GETULIO VARGAS

SALÃO PIO X — OLINDA

Espectaculo com a alta comedia em 3 actos, de autoria de FRANCISCO JULIÃO ARRUDA DE PAULA:

A BARREIRA

em 19 DE JUNHO DE 1939

ás 20 horas

PERSONAGENS:

Coronel Torres	José Peixoto	Maria	Marlene de La Serra
Porfirio	Ismard Colombo	Margarida	Nirian de La Serra
Prof. Leoc...a	Clidio Nigro	Maria Lucia	Creusa Neves
Julio	Dell Valle	Burro	Milton Barretto
Esdras	Antonio de Sá	Quadrado	Raymundo Padilha
Florido	Egberto Rigaud	Castigo	Manuel Lopes Filho
D. Epifania	Lida Peixo	Toupeira	Manoel d'Oliveira
D. Candida	Iracy Camara		

INGRESSO: 1$600

AVISO: - "A Barreira" será levada em reprise no dia 25 do corrente, ás 16 horas.

ENTRADAS:

24 JUN 1939

ADULTOS: 1$100 — CREANÇAS: $500

rações, ambas de Paulo Maris, e *Amigos*, de Vanildo Bezerra. Somando-se, então, todos os espetáculos contabilizados no Recife e Olinda em 1939, entre a produção local e a itinerante, chegou-se a um total de 373 representações teatrais.

No interior do estado, muitas outras produções foram realizadas, com destaque para aquelas vistas nas cidades de Garanhuns, Palmares, Timbaúba, Victoria, Alliança, São Lourenço, Goyanna e Caruaru, por intermédio não só do Grupo Gente Nossa como também do Gremio Polymatico, Sociedade de Cultura de Palmares, Centro Dramático Waldemar de Oliveira, Gremio Leopoldo Froes, Gremio Samuel Campello e Gremio Peixoto Junior, entre outros. Das peças encenadas nos municípios interioranos de Pernambuco, entre vinte catalogadas por Valdemar de Oliveira em sua retrospectiva do ano de 1939, ele cita *Tem de Casar, Casa!*, *Compra-se Um Marido*, *Um Rapaz de Posição*, *O Hospede do Quarto Nº 2*, *Cala a Boca, Etelvina!*, *Mocambo*, *O Outro André*, *A Patroa*, *A Ditadora* e *O Interventor*. Dentre todas as peças representadas no estado, as que obtiveram maior número de apresentações foram *Mocambo*, trinta e oito vezes (indo, inclusive, a cinemas dos subúrbios com um cenário menor do que o utilizado no Teatro de Santa Isabel); *Jesus* e *A Patrôa*, nove vezes cada uma; *Onde Estás, Felicidade?*, *O Martyr do Calvario* e *A Marquesa de Santos*, oito vezes cada; e *Carlota Joaquina*, sete vezes no palco. Vale destacar ainda *O Conflicto*, de Fernando Mota, 1° prêmio do concurso de peças para operários, que subiu à cena em novembro, em espetáculo de gala e gratuito no Teatro de Santa Isabel, oferecido pela Prefeitura do Recife, com o elenco do Grupo Gente Nossa, "constituindo um tremendo libello contra as doutrinas extremistas", segundo o *Jornal do Commercio* (19 de novembro de 1939).

Ao passar a limpo o ano de 1939, Valdemar de Oliveira concluiu na matéria retrospectiva do *Jornal do Commercio* (14 de janeiro de 1940) que aquele foi um momento bem especial:

> O anno de 1939, no Recife, foi de grande movimento artistico, especialmente no que se refere ao theatro. O ponto de gravitação de todo esse movimento foi o Theatro Santa Isabel, convindo desde já accentuar que a velha casa de espectaculos se abriu, durante o anno findo, 297 vezes, incluindo nesta cifra espectaculos theatraes, festivaes diversos, consertos (sic), formaturas collegiaes (muitas dellas encerrando com actos variados) etc. O restante da actividade artistica de 1939 se desenvolveu

na Radio Clube de Pernambuco, cujos quartos de hora, em colaboração com a Sociedade da Cultura Musical, não podem ser esquecidos e nos theatros dos suburbios, principalmente Cine-Encruzilhada que abrigou mais de um conjunto theatral, o Cine-Eldorado do Largo da Paz, o Cine-Torre e o Cinema Olinda de Feitosa.

O interessante é que este período alvissareiro para o teatro em Pernambuco também se refletiu no teatro nacional, tanto que a Associação Brasileira de Criticos Theatrais concluiu em matéria divulgada no *Jornal do Commercio* (11 de fevereiro de 1940):

> O theatro nacional teve em 1939 um anno movimentado. Uma serie de companhias occupou o Theatro do Rio e São Paulo. Novos elencos se formaram. Houve excursões victoriosas, como houve tambem as menos felizes. Mas, de um modo ou de outro esse anno superou, em actividade, em mobilização de elementos, todos os annos anteriores de 1930 para cá.

Em se tratando das companhias do eixo Rio-São Paulo, vale lembrar aquelas que estiveram em plena atividade em 1939, um ano que viu a tristeza da guerra explodir na Europa, mas também pôde apreciar um novo florescer do teatro em nível nacional. Entre as companhias de maior atuação estavam aquelas chefiadas por Procópio Ferreira, Jayme Costa, Delorges Caminha, Dulcina de Moraes, Mesquitinha e Alma Flora, Renato Vianna, Palmerim Silva, Jardel Jércolis, Alda Garrido e Suzana Negri, além da Companhia de Revistas do Theatro Recreio, a Companhia de Operetas Celestino-Gilda de Abreu, e as de elencos menores, como a Lyson Gaster-Alfredo Viviani, João Rica, Ribeiro Cancella, Nino Nello, Genésio Arruda, Companhia Miramar (com Margarida Sper), e, claro, o Grupo Gente Nossa, que viveu o momento de maior esplendor de sua carreira até então, voltado agora a adultos e crianças.

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz
- Recife, junho de 2015 -

Um Teatro Quase Esquecido –
Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Pesquisa, textos e organização geral
Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa
Kátia Ivo e Cleide Silva

Secretariado
Elivânia Araújo

Revisão
Leidson Ferraz e Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação
Claudio Lira

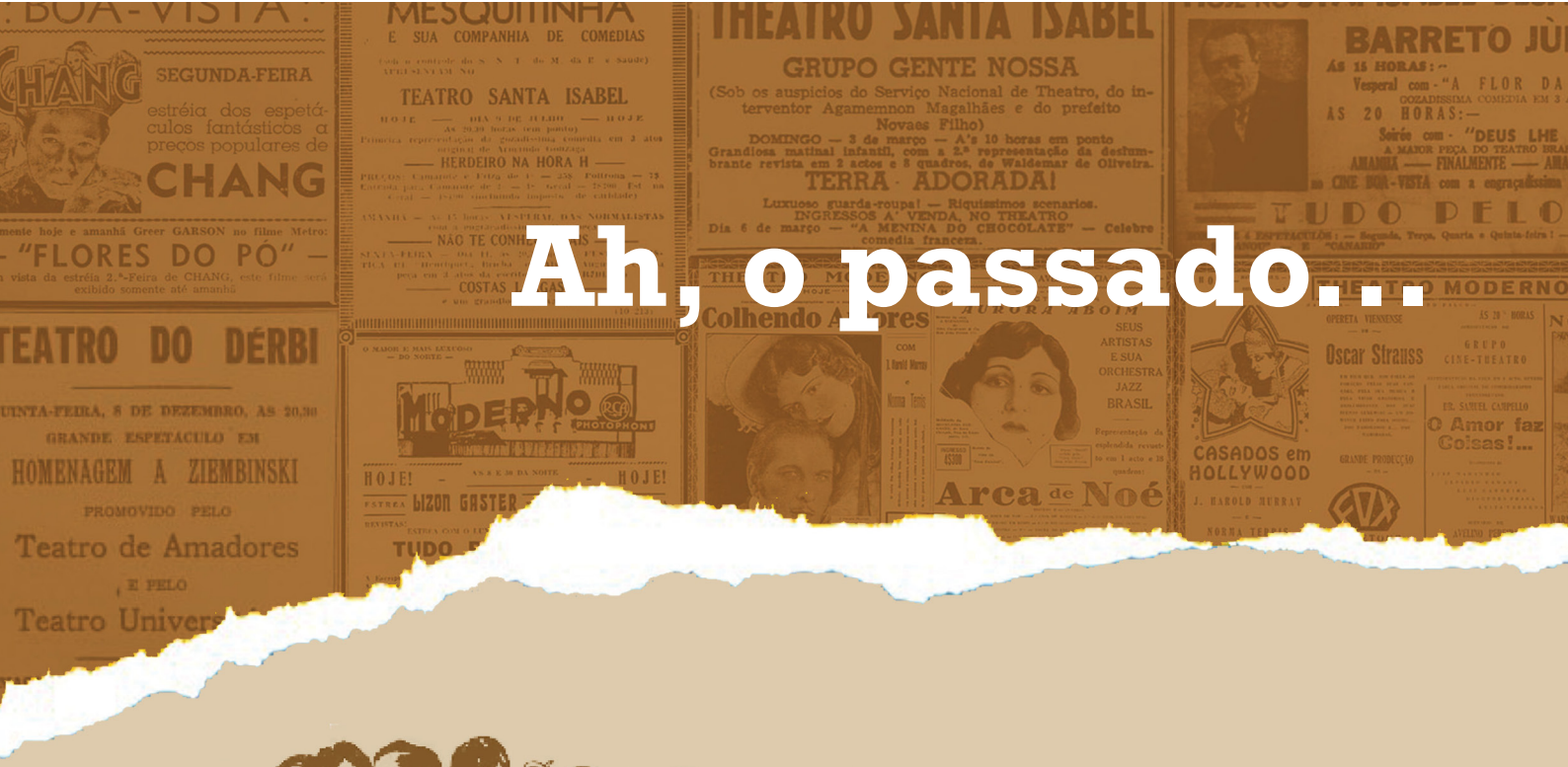
Proponente do projeto cultural ao FUNCULTURA
Paulo André Viana

Elaboração de projeto e administração
Laurecilia Ferraz

Todas as imagens utilizadas nesta pesquisa são do acervo *Projeto Memórias da Cena Pernambucana* ou *Teatro Tem Programa!*, sendo que muitas das fotos e anúncios foram extraídos de jornais antigos. Caso algum fotógrafo, instituição ou empresa jornalística queira ter o seu registro, estamos abertos a fazê-lo.

O passado só se deixa fixar, como imagem
que relampeja irreversivelmente,
no momento em que é reconhecido.

Walter Benjamin
(Sobre o Conceito de História)



Ah, o passado...

Lendo a dissertação de Mestrado de Ana Carolina Miranda, *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*, concluída em 2009 no curso de História da Universidade Federal de Pernambuco, fiquei bastante curioso para saber mais sobre outras atividades teatrais desenvolvidas na capital pernambucana nas primeiras décadas do Século XX. Surgiu assim a proposta da pesquisa *Um Teatro Quase Esquecido – Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife*, aprovada pelo FUNCULTURA em 2011.

Meu interesse primordial era revelar mais sobre grupos e artistas que atuavam naquele momento, mas, principalmente, as diferenças ocorridas entre os primeiros anos do Século XX e o decênio 1930, período em que o mercado teatral se ampliou consideravelmente pelo surgimento do Grupo Gente Nossa, tendo à frente Samuel Campelo, e os anos 1940, com o aparecimento do Teatro de Amadores sob a liderança de Valdemar de Oliveira. Desta forma, seria possível desvendar como o teatro acontecia esporadicamente nos primeiros dois decênios do século XX, quase sempre com um caráter de benefício social; as mudanças que ocorreram nos repertórios dos grupos teatrais pernambucanos que foram surgindo; a relação que mantiveram com as companhias visitantes, até chegar aos novos procedimentos para a cena pela contribuição dos encenadores convidados.

Tudo isto permeado por notas na imprensa e, especialmente, as resenhas críticas dos jornalistas de então, algo em crescente desenvolvimento no período proposto. Mas não foi nada fácil colher tanta informação, até mesmo porque a maioria dos jornais daquela época já está impossibilitada de uso no Arquivo Público Es-

tadual de Pernambuco e tive mesmo que partir para a microfilmagem, iniciativa louvável da Fundação Joaquim Nabuco, sem a qual não teríamos mais acesso aos periódicos de outrora. Bom lembrar que a Biblioteca Nacional tem feito a sua parte, disponibilizando em seu site (www.memoria.bn.br) jornais recifenses como o *Diario de Pernambuco*, mas, no momento do levantamento de dados para esta pesquisa, isto ainda não havia acontecido.

Rememorar tanto passado é acessar um outro tempo, quando o teatro era, sim, a maior diversão, especialmente no momento em que o cinema falado ainda estava a chegar e o rádio, a TV e os computadores nem existiam. Repensar a importância que tal diversão tinha junto à sociedade (ainda que numa parcela pequena e, de certa maneira, elitista), é saber valorizar a ação daqueles que vieram antes de nós. Com este trabalho, espero dar alguma visibilidade a um teatro que já estava quase esquecido, tido como morto, praticamente nunca lembrado, chamado de "velho" e sem importância, algo que não concordo de forma alguma. Não quero com isso ser saudosista, mas apenas fazer ver que outros, à frente da gente, já lutaram pela arte teatral no Recife com as armas que lhe eram possíveis, enfrentando tantas ou até mais dificuldades que as nossas.

Talvez todos estes exemplos de perseverança possam nos dar ainda mais força de seguir em frente. Eu, com minhas pesquisas de rememoração, tento fazer a minha parte. Para tanto, agradeço a todos os artistas que colaboraram com informações, às equipes do Arquivo Público Estadual de Pernambuco e do setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco, sempre muito solícitas, e a todo o corpo de funcionários e, principalmente, à Comissão Deliberativa do FUNCULTURA, que acreditaram ser possível tornar mais real este meu sonho: deixar menos esquecido o teatro dos anos 1930 e 1940.

Viva a memória do teatro brasileiro!

Leidson Ferraz
Jornalista e pesquisador teatral

Recife, junho de 2015.

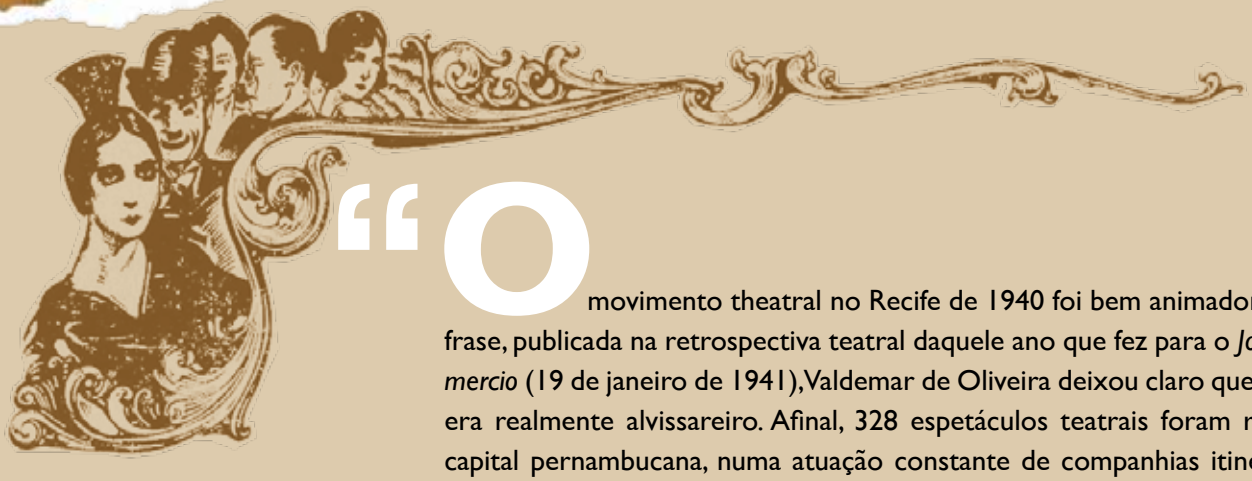
SUMÁRIO

Capítulos:

Ano 1930 ..... pág. 02
Ano 1931 ..... pág. 26
Ano 1932 ..... pág. 58
Ano 1933 ..... pág. 73
Ano 1934 ..... pág. 98
Ano 1935 ..... pág. 116
Ano 1936 ..... pág. 132
Ano 1937 ..... pág. 146
Ano 1938 ..... pág. 164
Ano 1939 ..... pág. 184
Ano 1940 ..... pág. 212
Ano 1941 ..... pág. 229
Ano 1942 ..... pág. 252
Ano 1943 ..... pág. 269
Ano 1944 ..... pág. 285
Ano 1945 ..... pág. 304
Ano 1946 ..... pág. 328
Ano 1947 ..... pág. 354
Ano 1948 ..... pág. 371
Ano 1949 ..... pág. 422
Referências ..... pág. 475

Antes de começarmos nossa viagem no tempo, é preciso esclarecer que muito da escrita daquela época foi preservada nesta pesquisa, especialmente nas referências ao que foi publicado na imprensa, inclusive com seus tantos erros de impressão ou mesmo de português. Por isso, nomes de artistas (constantemente modificados nas matérias dos jornais), títulos de peças teatrais e casas de espetáculos serão aqui encontrados em sua escrita original, a começar da palavra "Theatro", registrada assim até certo momento de nossa história.

1940



"O movimento theatral no Recife de 1940 foi bem animador". Com esta frase, publicada na retrospectiva teatral daquele ano que fez para o *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941), Valdemar de Oliveira deixou claro que o momento era realmente alvissareiro. Afinal, 328 espetáculos teatrais foram realizados na capital pernambucana, numa atuação constante de companhias itinerantes, mas, também, de sociedades locais. A descrição dos números é realmente impressionante: somente o Teatro de Santa Isabel recebeu 201 espetáculos; em todo o Recife, oitenta e nove peças foram representadas, sendo setenta e seis brasileiras e, destas, trinta e duas pernambucanas; as crianças puderam assistir a vinte e oito sessões específicas desta linguagem e vinte outras foram direcionadas para o público de operários, além de trinta e cinco peças irradiadas pelo rádio.

Cinco conjuntos itinerantes puderam aportar no Recife. Segundo destacou Valdemar de Oliveira em sua retrospectiva de 1940, entre estas estavam "duas boas companhias", a de Luiz Iglesias e a de Renato Vianna. A primeira, que chegou sob a égide de "Controle do SNT", programou trinta e seis espetáculos no Teatro de Santa Isabel e oito no Cine Encruzilhada. Reunindo artistas em evidência na cena nacional, como Eva Todor, Mario Sallaberry, Affonso Stuart, Zilka Sallaberry, Antonia Marzullo, Modesto de Souza e Maria Vidal, a equipe realizou "vesperais chics", "vesperais das normalistas", "vesperais das moças" e "soirées", dando a senhoras e senhoritas 50% de abatimento no valor dos ingressos. Das peças representadas, *Feia*, *Querida* (ambas de Paulo Magalhães e com quatro récitas cada), *Eu, Tu* e *Elle* (de De Chocolat, com cinco sessões), *O Maluco Nº 4* (de Armando Gonzaga, também com cinco sessões), *Levadinha da Breca* (de Abadie Faria Rosa, com três sessões), *O Carneiro do Batalhão* (de Viriato Correia, com seis récitas, às vezes seguida de um *Fim de Festa* nas vesperais das normalistas), *O Tropheo* (de Armando Gonzaga, em duas sessões), *Leviana* (de Cezar Ladeira, também com duas sessões), *Aonde Vaes,*

THEATRO SANTA ISABEL

(Controle S. N. T.)

HOJE — VESPERAL DAS NORMALISTAS — A's 15 horas
LUIZ IGLEZIAS apresenta
(pela ultima vez em Recife)

—— LEVADINHA DA BRECA ——

e FIM DE FESTA

50% de abatimento nos preços

A's 20.45 — Repetição de grande successo de gargalhadas!

O CARNEIRO DE BATALHÃO

3 actos de Viriato Correia

e FIM DE FESTA

AMANHÃ — A's 20.45

—— O TROPHÉO ——

SABBADO: — 2ª Vesperal das Mocas, com 50% de abatimento (Attendendo á innumeros pedidos). DEFINITIVAMENTE pela ultima vez nesta cidade:

—— "FEIA" ——

ULTIMA SEMANA DE ESPECTACULOS

(99.245)

THEATRO SANTA ISABEL

(Controle do S. N. T.)

HOJE — A's 20.45 Horas — HOJE

FESTA ARTISTICA DE

EVA TODOR

Em homenagem á Mme. Agamemnon Magalhães, revertendo 50 % da renda em favor do Abrigo Christo Redemptor, com a comedia do dr. Waldemar de Oliveira

AONDE, VAES, CORAÇÃO?

Protagonista: EVA TODOR

O GRANDE ACTO VARIADO, com: EVA TODOR — Affonso Stuart — Mario Salaberry — Pôla Leste — Rosalina Rosa — Armando Ferreira — Evilario Marçal — Cahué Filho e maestro Bahia

AMANHÃ: Despedida da Companhia A's 15 horas, vesperal das normalistas, com O CARNEIRO DO BATALHÃO — com 50 % de abatimento.

A's 20.45 — Peça nova, em despedida:

O GARÇON DO CASAMENTO

3 actos de Carlos Bittencourt e M. Santos

Outra fabrica de gargalhadas

(99.265)

Coração? (de Valdemar de Oliveira, com quatro sessões, incluindo um festival da atriz Eva Todor sob o patrocínio da senhora Agamemnon Magalhães e com 50% da renda revertida para o Abrigo Christo Redemptor. O evento foi finalizado com grande ato variado tendo Eva Todor "em canções, bailes e sketches" à frente de toda a companhia) e, no dia 11 de julho, *O Garçon do Casamento* (de Carlos Bittencourt e Miguel Santos, peça de despedida em única sessão, divulgada como "outra fabrica de gargalhadas").

Já a Companhia Renato Vianna, que retornou à capital pernambucana tendo Iracema de Alencar como maior destaque junto a um grupo de jovens artistas, entre os quais Maria Caetana e Jesus Ruas, ofereceu dezesseis sessões no Teatro de Santa Isabel, exibindo as peças *Margarida Gauthier* (quatro apresentações), *O Resposteiro Verde*, *Cabecinha de Vento* (ambas com três apresentações cada), *Deus* (em duas sessões), e *Sexo*, *Nossos Filhos*, *Cyclone* e *A Mulher Que Esqueceu o Nome* (cada destas em única récita). Iracema de Alencar também promoveu um festival em seu benefício, com representação da peça *A Vida Tem 3 Andares*. Ainda passou pelo Teatro de Santa Isabel a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, com dez apresentações das peças *És Tu Malaquias?* (em sete sessões) e *A Flôr da Família* (com três sessões), "onde se destacava a figura de Lenita Lopes", lembrou Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941).

Mas o maior sucesso foi mesmo a grandiosa equipe italiana Os Piccoli de Podrecca, que realizou "uma optima temporada" no Teatro de Santa Isabel, num total de trinta récitas variadas. Intitulando-se como

IDEAL e ELDORADO — Hoje: Exhibição simultanea, do extraordinario filme do PROGRAMMA ART, com a encantadora "estrella" VIVIANE ROMANCE:

PECADORA DE TUNIS

EM CADA CURVA DO SEU CORPO ABRIGA-SE O DEMONIO DO DESEJO... MAS, UM GRANDE AMOR A ARRANCOU DA LAMA!... UMA HISTORIA FEITA DE PECCADO, RENUNCIA E AMOR!

Inicio: — CINEDA JORNAL (Actualidades) — Prohibido para menores até 18 annos

TORRE — Hoje: A Companhia de Comedias BARRETO JUNIOR apresentará a impagavel comedia:

A FLOR DA FAMILIA

E UM ATTRAENTE ACTO VARIADO, COM TODO O ELENCO DA COMPANHIA

Preço de ingressos 2$200 — Horario: 20 horas — (Prohibido para menores até 14 annos)

AMANHÃ, ULTIMO DIA, COM UM PROGRAMMA EXCELLENTE, COMEDIA E VARIEDADES

Plateia da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior no Cine Ideal

"a maior companhia do mundo", com um repertório de "opera, opereta, variedade, revista *feerie* e quadros liricos", segundo seus anúncios nos jornais, ela prometia "o sonho das crianças e dos adultos" com seus oitocentos artistas no palco, três mil "costumes" e quinhentos cenários. Importante registrar que a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, após sua curta permanência no Teatro de Santa Isabel, ainda fez mais três apresentações no Cine Eldorado, cinco no Cine Ideal e duas no Cine Torre; e a Companhia Marquise Branca, também visitante, conseguiu organizar vinte e uma apresentações no total, circulando por diversos cineteatros de subúrbios.

Dos conjuntos locais, mantiveram-se em atividade o Grupo Gente Nossa, com 146 sessões realizadas; o Conjunto Artistico do Feitosa, com onze apresentações; o Conjunto dos Irmãos Valença, com três apresentações, e o Núcleo Artistico de Tegipió, o Gremio Artistico do Barro, o Gremio João Caetano e o Conjunto Artistico Pernambucano, cada um destes com uma única peça promovida durante todo o ano. Além disso, dezenove espetáculos teatrais avulsos subiram à cena, como o festival da atriz Luiza de Oliveira, com a peça *Casa de Maribondos*, de Humberto Santiago, no Cine Eldorado, o segundo palco mais utilizado no Recife em 1941, após o Teatro de Santa Isabel, com trinta e duas sessões específicas de teatro. Os demais espaços a receber apresentações teatrais foram o Cine Encruzilhada (com dezoito delas), Cine Torre (quinze), Theatro da Exposição (quatorze), Cine Olinda, no Feitosa (onze); Cine Ideal (cinco), Cine Central (quatro), Cine Imperio (dezesseis), Cine São João, Cine Casa Amarella (cada qual com três), Cine São José (duas), Theatro Elite e palco do Colégio Nóbrega (com uma récita cada).

Listando ainda os principais gêneros apresentados, Valdemar de Oliveira revelou que foram, em primeiro lugar, as comédias (cento e dezoito delas), seguidas das operetas, burletas e outras peças musicadas (trinta e seis), revistas (trinta e nove), peças históricas (dezessete), altas comédias (quatorze) e melodramas (quatro), incluindo ainda os espetáculos de variedades (trinta deles). Das peças encenadas, setenta e cinco foram brasileiras e treze estrangeiras. Da dramaturgia nacional, trinta e dois eram de autores pernambucanos e quarenta e quatro de autores de outros estados, sendo os escritores mais representados, Valdemar de Oliveira, sessenta e quatro apresentações; Walter de Oliveira, quatorze; Filgueira Filho, dez; Eustórgio Wanderley e Humberto Santiago, nove; e Silvino Lopes, oito, entre os pernambucanos; e Paulo Magalhães, trinta e seis; Armando Gonzaga, Luiz Iglesias, ambos com vinte e cinco; Viriato Correia, dezessete; Marques Porto, dez, e Renato Vianna, sete vezes, entre os de origem em outros Estados.

Como equipe de maior atividade em Pernambuco, o Grupo Gente Nossa iniciou o ano de 1940 apresentando duas revistas, *Lero-Lero* – que contou com participação especial da cantora Uyara de Goiaz –, e *Côco Verde*, revista ligeira com músicas de diversos autores, por quatorze vezes no Theatro da Exposição Nacional de Pernambuco. O *Jornal do Commercio* (11 de fevereiro de 1940) deu mais detalhes sobre *Lero-Lero*:

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE PERNAMBUCO

— HOJE, FESTA DA MOCIDADE —

EM BENEFICIO DA CASA DO ESTUDANTE DE PERNAMBUCO

GRANDIOSA "MATINE'E" INFANTIL

a partir das 15 horas, com sorteios de brinquedos e farta distribuição de bombons á petizada

Eleição da Rainha da Festa da Mocidade

NO THEATRO, A REVISTA LERO-LERO, COM UYARA DE GOYAZ — CINEMA AO AR LIVRE — NO "DANCING", SORVETE DANSANTE COM A JAZZ ACADEMICA, JAZZ AMADORES E BANDO ACADEMICO

Sorteios de premios e Leilão de prendas

Concertos das bandas das Brigadas Militar e do 2.º B. C.

Dividida em dois actos e seis quadros, o referido trabalho aborda flagrantes da vida recifense, valendo notar os quadros relativos aos clubes desportivos da cidade, ás praias – Bôa Viagem e Olinda – á imprensa pernambucana, á casa operaria e mocambo, etc., com numeros de musica de diversos autores, entre os quaes Nelson Ferreira e João Valença. A revista, que terá montagem condigna, será conduzida, de principio ao fim, pelos actores Luis Carneiro, que imitará um conhecido escriptor pernambucano, e Ary Guimarães (Salomão Absalão), nella tomando parte todos os artistas do Grupo Gente Nossa.

Após os festejos carnavalescos, a equipe voltou a ocupar o Teatro de Santa Isabel, reentrando por lá com *A Menina de Chocolate*, comédia francesa de Gavault, trazendo o seu elenco adulto à cena, e *Terra Adorada!*, letra e música de Valdemar de Oliveira, pelo elenco de meninos e meninas. A pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX* (2013, p. 19.), de Leidson Ferraz, conta como tudo aconteceu:

> Enquanto não lançava nenhum espetáculo novo para crianças, Valdemar de Oliveira dedicou parte do seu tempo para escrever mais duas obras infantis, além de aprimorar *A Princesa Rosalinda*. Em 25 de fevereiro de 1940, às 10 horas, e sob os auspícios do interventor Agamemnon Magalhães, do prefeito Novaes (sic) Filho e do Serviço Nacional de Theatro (instituição federal criada em 21 de dezembro de 1937), o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa finalmente voltou à cena no Teatro de Santa Isabel, "bastante aguardado pelo público", como lembraram os jornais. O retorno aconteceu com a inédita revista infantil *Terra Adorada*, escrita, musicada e dirigida por Valdemar de Oliveira, também na regência da orquestra. Nos 2 atos e 8 quadros, além de "19 belíssimos números de música!" e "luxuoso guarda-roupa!", como ressaltavam os anúncios da época, vinte e um componentes participavam, na sua maioria crianças e adolescentes, com presença mínima de adultos.

TEATRO SANTA ISABEL

DOMINGO — 25 de Fevereiro de 1940

ÁS 10 HORAS EM PONTO

O Teatro Infantil do

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do Serviço Nacional de Teatro, do Interventor Agamemnon Magalhães e do Prefeito Novais Filho)

apresentará, em primeira, a deslumbrante revista

TERRA ADORADA!

2 atos e 8 quadros de VALDEMAR DE OLIVEIRA, com os seguintes

INTERPRETES:

Laisinha Oliveira — Mimi
Petrolino de Oliveira — Mario
Zaspero Oliveira — Maria
Laisa Oliveira — Mamãe
Nair Roman — (Anjo / Hungria)
Ligia Reis — (Escandinavia / Sertia Chineza / Venezuela)
Terezinha Oliveira — (Holanda / Serva Chineza / Colombia)
Elsa Dalmáu — Suissa
Anita Dimenstein — (Prussa / Americas / Argentina)
Valter Dimenstein — (Ping-Li / Bulhara / Brasil)
José de Aguiar — (Poug-Fu / Alemanha / Peru)
Romulo Paiva — (Seculo XX / Marinheiro / Modinha / Chile)
Paulo Bezerra — (Inglaterra / Marinheiro / Uruguai)
Ivanema Dinis — (Portugal / Samba / Pito-Pito Tchim / Finlandia)
Maria Celeste — Russia
Caldas Aranha — Marie
O. Prisma — (Belgica / Serva Chineza / Hespanha / Bolivia)
Maria do Carmo Cavalcanti — (Frevo / Marinheiro / Equador)
Donaiva Tavares de Moraes — Dansarinas Hungaras
Moacir Dinis
Antonio C. Almeida e Terezinha Fonseca

Os melhores numeros de musica! - Deslumbrante montagem - Luxuoso guarda-roupa!

Cenarios de ALVARO AMORIM

Este retorno das matinais infantis aos domingos foi bastante comemorado pelo *Jornal do Commercio* (25 de fevereiro de 1940):

> Volta o Grupo Gente Nossa, hoje, a realizar as matinaes infantis que tanto êxito alcançaram o anno passado. Não está o publico esquecido do êxito que obtiveram peças como a *A Princesa Rosalinda*, *O Pequeno Pollegar* e outras, superlotando o Theatro Santa Isabel por va-

THEATRO SANTA ISABEL

GRUPO GENTE NOSSA

(Sob os auspicios do Serviço Nacional de Theatro, do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novaes Filho)

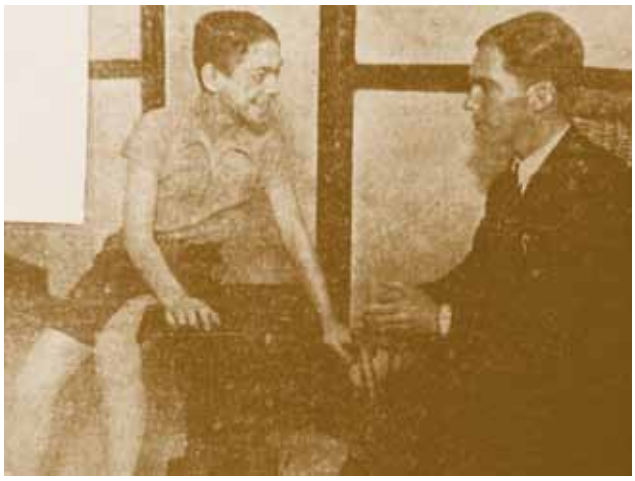
DOMINGO — 3 de março — A's 10 horas em ponto
Grandiosa matinal infantil, com a 2.ª representação da deslumbrante revista em 2 actos e 8 quadros, de Waldemar de Oliveira.

TERRA ADORADA!

Luxuoso guarda-roupa! — Riquissimos scenarios.
INGRESSOS A' VENDA, NO THEATRO
Dia 6 de março — "A MENINA DO CHOCOLATE" — Celebre comedia franceza.

rios domingos seguidos. Dahi a espectativa em tôrno do reinicio dos espectaculos infantis, na nossa melhor casa de diversões. Voltando á actividade, o theatro infantil enscenará a revista de Waldemar de Oliveira dividida em 2 actos e 8 quadros, intitulada *Terra Adorada!*. A partitura, do mesmo autôr, conta 19 numeros de musica estando a orchestra de 10 professores, sob a sua regencia. Tomarão parte na representação os seguintes elementos das nossas rodas artisticas: Nair Rotman, Elza Rotman, Walter e Anita Dimenstein, Paulo Bezerra, José de Aguiar, Romulo Paiva, Amparo, Luisinha e Theresinha de Oliveira, Dunalva Cavalcanti de Moraes, Maria Celeste, Iracema e Moacyr Diniz, Clovis, Passos, Reinaldo de Oliveira, Lygia Reis e outros. A peça representa a viagem de três petizes atraves da Europa, da America, da China e do Brasil, a bordo de um Zeppellin. Os pintores Alvaro Amorim e Mario Nunes compuseram 4 grandes scenarios de esplendido effeito. Todo o guarda-roupa, que é luxuoso, esteve a cargo da senhora Iracema Oliveira. O matinal de hoje terá inicio ás 10 horas.

O enredo de *Terra Adorada* mostra um grupo de meninos que, a bordo do Zeppelin, faz um passeio por vários países até retornar ao Brasil, "onde não há nada melhor". Os cenários de Álvaro Amorim, com representações de ambientes na Europa, China e América do Norte e Sul, ganharam destaque à parte. No elenco, Luizinha de Oliveira (Mimi), Reinaldo de Oliveira (Mário), Amparo Oliveira (Maria), Luiza de Oliveira (Mamãe), Nair Rotman (do Conservatório Pernambucano de Música, nos papeis de Anjo, Hungria, Escandinávia), Ligia Reis (Serva Chinesa, Venezuela, Holanda), Terezinha Oliveira (Serva Chinesa, Colômbia), Elza Rotman (Suíssa, França), Anita Dimenstein (América, Argentina, Ping-Li), Walter Dimenstein (Balkans, Brasil, Pong-Fo), José de Aguiar (Alemanha, Peru, Século XX), Rômulo Paiva (Marinheiro, Modinha, Chile, Inglaterra), Paulo Bezerra (Marinheiro, Uruguai), Iracema Diniz (Portugal, Samba), Maria Ce-



Rômulo Paiva

Maria Celeste

Elenco de *Terra Adorada*

leste (Plin-Plin-Tchim, Finlândia), Caldas Araújo (Rússia), R. Priston (Marte), Maria do Carmo Cavalcanti (Bélgica, Serva Chinesa), Dunalva Tavares de Morais (Espanha, Bolívia, Frevo), Moacir Diniz (Marinheiro, Equador) e Antonio C. Almeida e Terezinha Fonseca (Dançarinos Húngaros).

Por sua atuação no papel de Mimi, uma boneca que acompanha os garotos pelo *tour* mundial, Luizinha de Oliveira, filha da atriz Luiza de Oliveira, integrante de longa data no Grupo Gente Nossa e também em cena nesta montagem, ganhou destaque no jornal *Folha da Manhã* (9 de março de 1940):

> Luizinha sobresahiu-se no elenco de *Terra Adorada*. Prendeu a attenção do publico na encarnação da "boneca", o papel que lhe foi confiado, o mais difficil papel da revista. Sahiu-se com graça e intelligencia, conduzindo-se de maneira impressionante. Aliás todos que tomaram parte na revista representaram muito bem deixando a melhor impressão. Mas, o que aconteceu com Luizinha foi a natureza do papel, que exigia mais do que os outros a presença de uma artista. E a menina correspondeu o maximo do que se esperava. Movimentou-se em scena como uma artista experimentada, desembaraçando-se das situações difficeis com espontaneidade. Via-se na menina a revelação de uma grande artista de futuro, que trouxe do berço a verdadeira vocação pelo theatro. E é nessas revelações que está toda a importancia do theatro infantil.

A repercussão de *Terra Adorada* foi tamanha, que a peça até foi assistida, em vesperal, pelos chefes dos governos dos estados nordestinos em homenagem especial aos interventores federais, além de contar com a presença "de altas autoridades do Estado, figuras destacadas do nosso meio social", conforme a *Folha da Manhã* (2 de março de 1940). Sobre a montagem, o interventor de Pernambuco, Agamemnon Magalhães, escreveu para a Rádio Clube de Pernambuco e *Folha da Manhã* (12 de março de 1940):

> Recife, com o Theatro Infantil de Waldemar de Oliveira, tem tido horas de emoções delicadas. Horas de emoções altas. A sua peça – *Terra Adorada* é um primor de arte. Arte que fixa a inquietação da creança no seculo XX, dando realidade ao sonho do menino, em quem o Zeppelin despertou a curiosidade

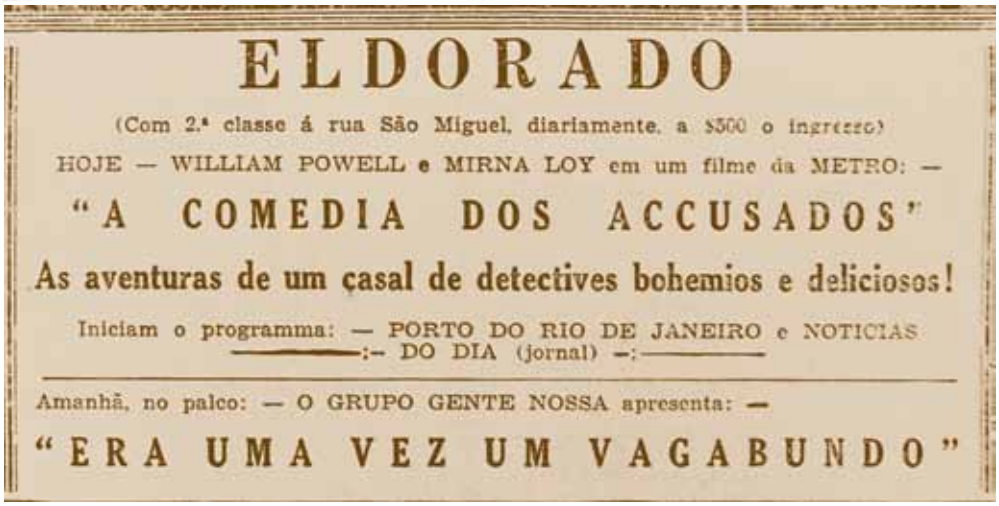
Agamemnon Magalhães

Terra Adorada

> de conhecer o mundo. A imaginação infantil desdobra-se, então, em maravilhas de scenas através dos paizes da Europa e do Oriente, surprehendendo a attitude ingenua das creanças, que representam com travessura e intelligencia. A musica sacode o scenario com as notas dos climas das nações, que o Zeppelin, cheio de meninos, visita. Correm o mundo e voltam as creanças loucas pelo Brasil. Loucas pela Terra Adorada, com as suas praias, os seus coqueiros, as suas acacias, os seus passaros, as suas arvores frutiferas, o céo claro, o clima egual, a musica, os typos regionaes a alegria, a fartura e a paz. Sente-se que os meninos viram no velho mundo o que as creanças não gostam de ver, nem de sentir. A exasperação, o sofrimento, sentimentos estranhos e desconhecidos num paiz cheio de espaços, num paiz grande e tranquillo como o Brasil. [...] Waldemar de Oliveira está de parabens. [...] Não sei de acontecimento mais original, nem mais edificante, nos annaes do theatro brasileiro.

Através do *Jornal do Commercio*, Valdemar de Oliveira publicou várias outras cartas elogiosas à montagem, e também garantiu que uma nova produção estava sendo preparada pelo seu "theatro infantil", com "o trabalho de composição, por parte do maestro Nelson Ferreira, da partitura da peça *No pais dos gulosos*, com libreto de d. Juanita Machado e Filgueira Filho", segundo registro do *Jornal do Commercio* (21 de abril de 1940), mas a proposta não foi concretizada. Paralelamente às funções da criançada, a equipe adulta do Grupo Gente Nossa seguiu com sua programação para os subúrbios do Recife por diversos palcos, como também para Olinda, com temporada no Cine Olinda, e promoveu ainda sete excursões às cidades de João Pessôa, Caruaru, "Victoria", Carpina, "Paud'Alho" e Timbaúba, nesta última por duas vezes. No total das realizações do Grupo Gente Nossa, Valdemar de Oliveira lembrou naquela retrospectiva no *Jornal do Commercio* (19 de Janeiro de 1941): "Neste particular, sua actuação foi mais proveitosa do que em 1939. O numero total de espectaculos foi de 156, superior, por múltiplas causas, ao de 1939". Lembro que este já havia sido um ano muito bom, com a equipe chegando a cento e cinquenta e quatro espetáculos.

Cuidadoso com números, Valdemar de Oliveira listou a quantidade de sessões em cada um dos teatros visitados pelo "sympathizado conjunto pernambucano", como era comum para o Grupo Gente Nossa ser lembrado nos jornais: noventa e uma no Teatro de Santa Isabel, vinte e duas no Cine Eldorado, quatorze no Theatro da Exposição Nacional de Pernambuco, doze no Cine Imperio, onze no Cine Torre, dez no Cine Encruzilhada, nove em Olinda, cinco em Timbaúba, duas em Caruaru, duas em Carpina, duas em "Paud'Alho", uma em "Victoria", e cinco em João Pessôa. Quer dizer que, no Recife, o Grupo Gente Nossa realizou cento e sessenta apresentações. Entre os destaques destas, vinte e uma foram representadas por e para crianças, pelo elenco do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, com as peças *Terra Adorada!* e *A Princesa Rosalinda*, de Valdemar de Oliveira; dezoito



ELDORADO

(Com 2.ª classe á rua São Miguel, diariamente, a $500 o ingresso)

HOJE — WILLIAM POWELL e MIRNA LOY em um filme da METRO: —

"A COMEDIA DOS ACCUSADOS"

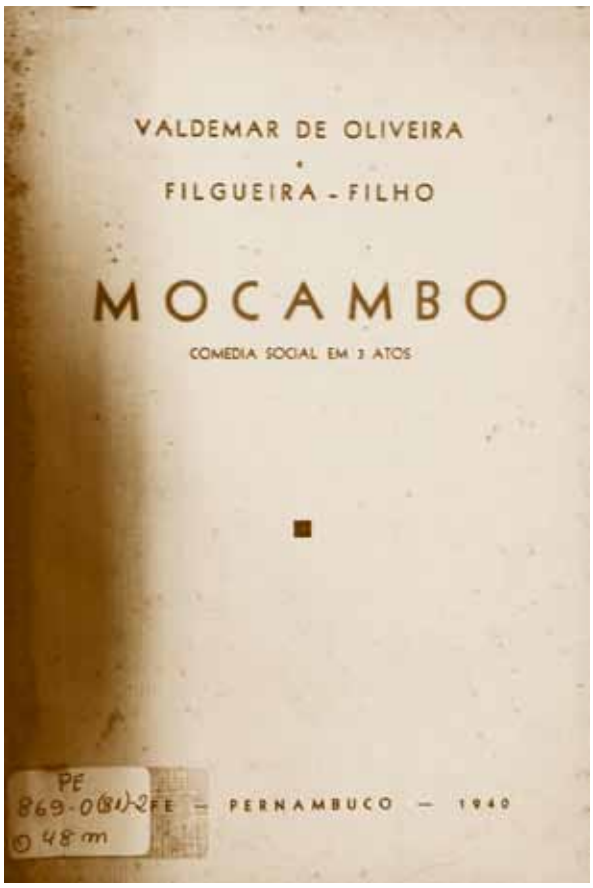
As aventuras de um casal de detectives bohemios e deliciosos!

Iniciam o programma: — PORTO DO RIO DE JANEIRO e NOTICIAS DO DIA (jornal) —

Amanhã, no palco: — O GRUPO GENTE NOSSA apresenta: —

"ERA UMA VEZ UM VAGABUNDO"

dedicadas especialmente aos operários por intermédio da Directoria de Reeducação e Assistencia Social e do Comitê da Liga Social Contra o Mocambo; além de quatro sessões com o espetáculo sacro *Jesus*. Citou ainda a inauguração do busto de Samuel Campelo no Instituto Moderno, e a publicação do *Annuario do Grupo Gente Nossa* e da peça *Mocambo*, de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho, que completou, em 1940, quarenta e oito representações. Esta última obra foi editada pela Imprensa Official por iniciativa do Governo Estadual.



Daquelas cento e sessenta récitas, vinte e sete peças teatrais diferentes foram encenadas, sendo dezoito dialogadas e nove musicadas. No total, vinte e duas obras nacionais puderam ser divulgadas no repertório, sendo quinze de autores pernambucanos. Foram elas: *Pela Pátria* e *Pelo Amor* e *A Prima do Canadá*, de Eustórgio Wanderley, *O Erro do Criador*, de Silvino Lopes e Filgueira Filho, *Eu Não Sou Eu*, de Silvino Lopes, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda*, de Valdemar de Oliveira, *Conflicto*, de Fernando Motta, primeiro prêmio do concurso instituído pela Directoria de Reeducação Social, destinada a ser oferecida aos Centros Educativos Operários em espetáculos às segundas-feiras; *Dia de Eleição*, de Humberto Santiago, *Aves de Arribação*, de Samuel Campelo e Valdemar de Oliveira, *Coração de Violeiro*, dos Irmãos Valença, *Mocambo*, de Valdemar de Oliveira e Filgueira Filho, *Bernardo Vieira de Mello*, de Hermógenes Vianna, *Lero-Lero* e *Côco Verde*, revistas de José Capibaribe (pseudônimo de Valdemar de Oliveira), e a peça histórica *Zé Mariano*, de Valdemar de Oliveira e Walter de Oliveira pela primeira vez como parceiros na dramaturgia.

Ainda destacando a dramaturgia brasileira para adultos no ano 1940, o Grupo Gente Nossa conseguiu produzir as peças *O Testa de Ferro* e A *Mentirosa*, de Raymundo Magalhães Júnior, *Era Uma Vez um Vagabundo*, de José Wanderley, *O Marido Nº 5* e *Guerra às Mulheres*, de Paulo Magalhães, *A Capital Federal*, de Arthur Azevedo, *A Cabocla Bonita*, de Marques Porto, e *Bombonzinho*, *A Jurity* e *Nicolino*, três obras de Viriato Correia. Apenas cinco dramaturgos estrangeiros integraram este repertório, com as peças *Jesus*, grandioso melodrama sacro do maestro Felipe Caparrós, com

participação de elementos da Rádio Clube de Pernambuco, da Brigada Militar e do Centro Educativo Operário de Santo Amaro; *A Menina de Chocolate*, de Gavault, *A Casta Suzana*, opereta de J. Gilbert (que voltou a pedidos do público, com os principais papéis entregues a Luiza de Oliveira, Vicente Cunha, Paulo Marcondes e Alzira de Oliveira, além de orquestra regida pelo maestro Carlos Diniz, tendo Kalua ao piano), *A Volta do Neném*, de autor alemão não identificado não identificado, e *A Mulher do Trem*, original francês de Maurice Henequin, com tradução de Miguel Santos.

No domingo 5 de maio de 1940, às 10 horas, voltou à cena pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, *A Princesa Rosalinda*, ainda sob os auspícios do Serviço Nacional de Theatro, do interventor Agamemnon Magalhães e do prefeito Novais Filho. Apresentada como opereta pela imprensa e como "luxuosa revista" em seu programa, a montagem foi reformulada para melhor, com elenco onde se mesclavam antigos e novos integrantes. Permaneceram nos mesmos papeis: Anita Dimenstein (Princesa), Walter Dimenstein (Príncipe), ambos integrantes do *casting* da P.R.A.-8; Paulo Bezerra (Tenente Paulo), Maria Lia Faria (Dançarina), Reinaldo de Oliveira (que passou do papel de

1° Menino para o Rei nesta nova versão) e Valdemar Rodrigues Filho (agora não mais o 3°, mas apenas Menino). Como novatos no elenco (inclusive, com alguns dos pais das crianças sendo divulgados na imprensa), Amparo Oliveira, Elza Rotman (1ª e 2ª Menina), Maria Celeste Ceres Trindade, Iracema Diniz, Cloris Passos (1ª, 2ª, 3ª e 4ª Dama), Nair Rotman (Fada), Luizinha de Oliveira (Juanito); Janice Cantinho Lôbo (Romeu), Anneliese Cantinho Shar (Julieta), Rômulo Paiva, Clóvis Passos e Moacir Diniz (1°, 2° e 3° Oficial), além de Luiza de Oliveira (Avó), única adulta.

No dia da estreia, o *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1940), além de destacar "Novos Interpretes – Novos Scenarios – Novas Marcações – Nova Orchestração – Nova Montagem – Novos Numeros de Musica", deu mais detalhes sobre as alterações ocorridas:

> A partitura de *A princesa Rosalinda* foi enriquecida com varios numeros de musica, como sejam o "Bailado de Romeu e Julieta", a "Marcha dos soldadinhos", o "Decimino de officiaes e damas" e a "Marcha Nupcial", tendo sido a orchestração escripta por Carlos Diniz. Novos scenarios foram feitos pelos scenoghaphos Alvaro Amorim e Mario Nunes, tendo sido repintado o grande scenario de scenoplastia que servirá para os aposentos da princesa e para o grande salão real. Estes dois scenarios apresentarão um rigor de montagem ainda não assignalado, em peças do genero em Pernambuco. As marcações estiveram, em grande parte, a cargo de Walter de Oliveira, sendo todo o guarda roupa, novo. A orchestra, que se acha sob a regencia do autor da partitura, se compõe de 12 figuras, devendo ter inicio o espectaculo ás 10 horas, com distribuição de biscoitos Aymoré aos petizes.

De passagem pelo Recife e após assistir ao espetáculo, Gama e Silva, delegado especial da Sociedade Brasileira de Autores Theatrais (SBAT), escreveu a Valdemar de Oliveira carta que foi publicada no *Jornal do Commercio* (16 de junho de 1940):

> Você, com toda a simplicidade de seu terno branco de nortista, sem batuta, como Stokowski, rege a orchestra em cuja composição surprehendo valores que honrariam qualquer orchestra do Rio de Janeiro ou de São Paulo. [...] Luisa (sic) de Oliveira, metida na pelle de uma avozinha, tem na voz, toda a melodia de uma authentica "grand mére": e, com toda a doçura, conta a seus escolares netinhos: *era uma vez*... Dahi em deante, é o Imperio da Gente Miuda. Meninos e meninas tomam a serio os seus papeis, tem-nos "na ponta da língua". [...] A menina que desempenha o papel de Princesa é um encanto. Melodia na voz quando declama, atitudes delicadas quando representa, meiguice em todas as situações; exactamente como convem a uma princesa de contos de fada. Que elegancia, que brejeirice de quasi authentica "souhrette" na Damazinha de Honra da Princesa que tagarella e reclama

por tudo e por nada; a desenvoltura, a graça, a "sams façon" da Luisinha, essa alhoeinho que confirma que filha de peixe sabe nadar; o menino que desempenha o papel de Rei (pequeno no tamanho, grande nas atitudes); aquella bonequinha gaiata e brejeiríssima de olhos negros e cabellinhos louros, encaracolados, que com sua vozinha de passarinho, dentro de uma das rosas, canta ou pipilha qualquer cousa de celestial e que no final da peça tão maliciosamente faz commentarios e espia pelo buraco symbolico da fechadura... [...] admiravel, commovedora! [...] E, depois de cerca de cincoenta minutos no pais dos sonhos e das emoções, desce o panno sob vibrantes palmas do theatro superlotado.

Os elogios renderam diversos outros textos publicados nos jornais. No total, *Terra Adorada* e *A Princesa Rosalinda* foram apresentadas vinte e uma vezes no ano de 1940, isto sem contar o "festival da pequena Maria Celeste, com a collaboração de outros elementos do theatro infantil do Grupo Gente Nossa, que interpretaram *O chefe político* [de Astrogildo Simões] e um acto de variedades", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de abril de 1940). No segmento adulto, a peça histórica *Zé Mariano*, de Valdemar de Oliveira e Walter de Oliveira, foi, sem dúvida, o maior destaque do repertório do Grupo Gente Nossa naquele ano. Com estreia a 13 de maio pela celebração da data da Abolição, a montagem foi bastante aguardada por ser um estilo ainda não representado no Recife por elenco local: produção primorosa de reconstituição de uma época, toda baseada em fatos reais. Segundo o *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1940):

> De inicio, dirigiram-se os seus autores ao poeta Olegario Mariano, filho do saudoso democrata, a quem pediram autorização para a confecção da peça. E lançaram-se, depois, ao pesado encargo de retratar, fielmente, todos os grandes vultos da campanha abolicionista, em Pernambuco, reconstituindo, além disso, o meio e a época em que se desenrolou aquella memoravel luta social. O original, que possue 3 actos e 8 quadros, foi lido, na ultima terça-feira, no Theatro Santa Isabel, para um grupo de intellectuaes e amigos de José Mariano, [...] deixando lisonjeira impressão. [...] Para essa nova peça do cartaz do Grupo Gente Nossa, Alvaro Amorim e Mario Nunes estão compondo scenarios de grande effeito. No novo trabalho pernambucano, apparecem as seguintes figuras da campanha em prol dos escravos, em nosso Estado: José Mariano, Joaquim Nabuco, João Ramos, Nama Pompilio, Alfredo Pinto[,] Sebastião Grande de Arruda, Barros Sobrinho, Paula Mafra, Olegarina Carneiro da Cunha, Odila Pompilio, Leonor Porto, Elvira Ramos, Emilia Pinto, Guilherme Pinto e outros. Um guarda roupa luxuoso – e perfeitamente de acôrdo com a época – está sendo confeccionado, igual cuidado, devendo merecer a montagem dos interiores – um representando os salões da casa de José Mariano, no Pôço e outro o "esconderijo" da rua do Peixoto. Os ensaios prosseguem animados, inclusivé (sic) os da "quadrilha", de que será executado um original da época, entitulado *Os domingos no Pôço*.

Em julho daquele ano, Valdemar de Oliveira viajou ao Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, para negociar, junto ao Serviço Nacional de Theatro, a ida dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa para o Theatro Carlos Gomes, com cerca de vinte e cinco crianças acompanhadas por seus respectivos responsáveis, "cujos pais às vezes davam mais trabalho do que elas", desabafou no livro *Mundo Submerso* (1985, 3.ª edição, p. 129.) O desejo desta viagem nasceu quando soube de um espetáculo infantil realizado pela Associação Brasileira de Críticos Theatrais, no mesmo Theatro Carlos Gomes, sob coordenação de J. Palha-

Valdemar de Oliveira

no e Olavo de Barros. Ele pensou, então, numa possível confraternização da sua equipe com os colegas cariocas. A ideia foi bem recebida pelo diretor do SNT, Abadie Faria Rosa. Na imprensa, tanto do Rio quanto do Recife, Valdemar chegou a anunciar que estava programando a viagem para dezembro, por conta das férias escolares do seu elenco. Além de tecer elogios aos governantes pernambucanos por o apoiarem, em entrevista ao *Jornal do Commercio* (14 de julho de 1940) ele reforçou a importância de mais ações como esta:

> É preciso que os poderes públicos encarem, decididamente, o theatro, como um factor pedagogico de primeiro plano. E corram em auxilio desses idealistas que se abalançam a realizar, no Brasil, coisa comezinha em qualquer nação civilizada. Não é outra coisa que vêm fazendo o interventor Agamemnon Magalhães e o prefeito Novaes (sic) Filho – as mais altas autoridades do meu Estado – prestigiando, de todos os modos, o Grupo Gente Nossa e, com elle, a sua secção mais interessante – o theatro infantil.

Mas, infelizmente, o projeto de levar espetáculos ao Rio de Janeiro com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa ficou somente no desejo. No Recife, por conta da temporada de um mês da Companhia Renato Vianna no Teatro de Santa Isabel, Valdemar de Oliveira foi obrigado a parar as atividades do seu grupo teatral infantil que, em agosto, anunciou como provável próxima montagem *Nos País dos Gulosos*, peça de Juanita Machado e Filgueira Filho, com música de Nelson Ferreira, algo que não vingou. Também foi divulgada no *Jornal do Commercio* (6 de outubro de 1940) a possibilidade de novos ensaios para a revista cívica *Terra Adorada*, "inteiramente remodelada e que deverá ser a peça de estréia do referido conjunto no Theatro Regina, do Rio, em dezembro proximo", inclusive com a professora Yara Coustol contratada para aulas de dança e ensaios dos novos "bailados". Mas este projeto também foi abortado.

Além da atuação permanente do Grupo Gente Nossa, outros conjuntos de menor visibilidade também movimentaram as notícias teatrais do ano, com destaque ao Conjunto Artístico do Feitosa, que se manteve frequentemente em cartaz; a montagem de *Camarões*,

Elenco da peça *1830*

pela Tuna Portuguesa; e a estreia do Teatro do Estudante de Pernambuco com a peça *1830*, de Paulo Gonçalves. Esta última produção, uma iniciativa do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, contou com a colaboração de Valdemar de Oliveira e chegou a cinco sessões no Teatro de Santa Isabel. Raul Prysthon assinou o trabalho como diretor e ensaiador, sendo Abelardo Cavalcanti o ponto. No elenco, Maria Guima, Hélio Oliveira, Hélio Tavares, Davi Melo, Geres Medeiros, Grace do Nascimento, Zezé Campos, Hildebrando Assis, Helena Dancuart, Téa Victor, Hilda Dancuart, Ione Azevedo, Dias Barreto, Marise Mendes, Queirós Campos e Carlos Moreira. Já o Grêmio de Comédias Cruzeiro também voltou a atuar no Cine-Theatro Olinda, no Feitosa, apresentando no dia 10 de julho de 1940 a peça *Feitiço*, de Oduvaldo Vianna, em celebração ao seu terceiro aniversário. Um ato de variedades, sob a direção do maestro Lourival Santa Clara, encerrou a festa.

Não especificamente no terreno teatral, vale ainda citar como grande atrativo popular as exibições de Tito Guizar e Sylvio Caldas, que arrastaram grande público ao Teatro de Santa Isabel; os espetáculos de bailados com três apresentações das alunas de Miss Gatis, em benefício do Centro de Artes e Officios dos Cegos de Pernambuco; a festa do Gymnasio Vera Cruz, dirigida pela professora Yara Coustol; o recital dos bailarinos Raul Celada e Lydia Morel; e a "feerie" *Noite de Estrelas*, com elenco de elementos da alta sociedade, com destaque a então atriz inexperiente Geninha Sá (futuramente Geninha da

Noite de Estrelas

Noite de Estrelas

Rosa Borges), em três sessões e renda da bilheteria revertida em benefício da instituição Filho Sadio do Lázaro. Por sinal, *Noite de Estrelas* foi um dos "factos mais importantes do Recife artístico", de acordo com Valdemar de Oliveira na matéria retrospectiva do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941), assim como as representações de *Zé Mariano*, pelo Grupo Gente Nossa, e a estreia do grupo Teatro do Estudante de Pernambuco, com a comédia romântica em verso *1830*, de Paulo Gonçalves.

Geninha da Rosa Borges

Na mesma matéria retrospectiva de 1940, ele ainda fez questão de ressaltar "as representações infantis, em geral, que alcançaram um numero elevado" e destacou a importância da vinda ao Recife, para uma estada de quatro meses, da professora Yara Coustol, aluna da também professora Maria Olenewa, contratada pelo Gymnasio Vera Cruz, Conservatório Pernambucano de Música e o núcleo do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Valdemar de Oliveira lembrou também que estiveram em visita ao Recife os professores Maria Rosa Ribeiro e Eustórgio Wanderley, "destacadas figuras dos circulos educacionaes da metropole". Vieram para realizar uma festa de arte com trabalhos como *Sonhos Que Viveram*, *Minha Bá* e *Pela Pátria e Pelo Amor*, tendo a senhora Maria Rosa Ribeiro lido, no Instituto Moderno, uma conferência sobre Theatro Infantil, a que se seguiu a inauguração do busto de Samuel Campelo naquele educandário. Também de passagem pelo Recife, seguindo para a Europa a serviço do Itamaraty, esteve o escritor Paschoal Carlos Magno, "illustre criador do Theatro do Estudante, no Rio", que fez uma palestra paras as crianças do Grupo Gente Nossa, sendo homenageado pelo grupo recifense.

Paschoal Carlos Magno

Entre outras variedades musicais e teatrais vistas em 1940, promoveram ações culturais Uyara de Goyaz, Jazz Band Academica, Kalua, Xerém e Bentinho, Escola do Sagrado Coração de Jesus, Dupla Wonderfull, Companhia de Jesus, Collegio Hebreu Brasileiro, Murilo Caldas, Collegio Marista, Gymnasio Leão XIII, Gymnasio do Recife e Mayerbeer de Carvalho. E no final de outubro de 1940, com até três sessões diárias

Os Piccoli di Podrecca

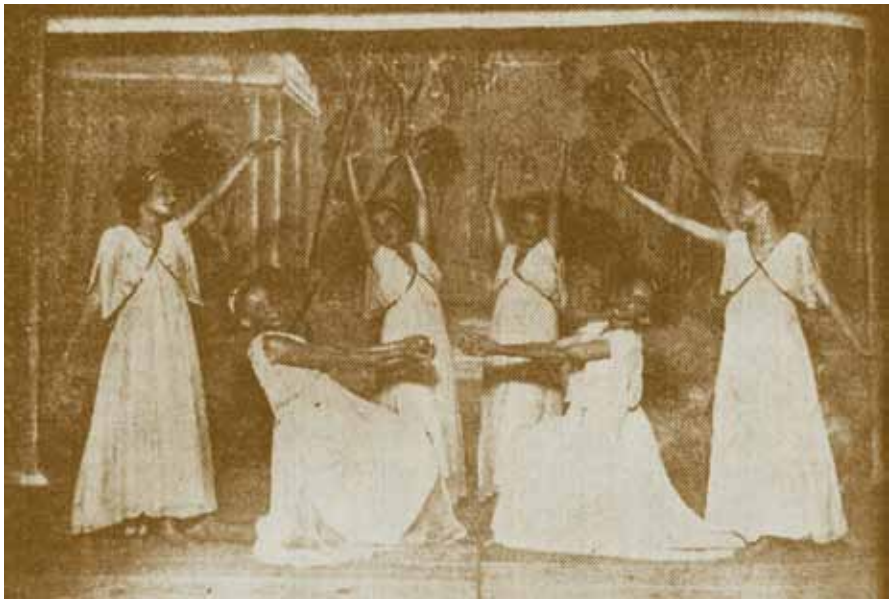
no Teatro de Santa Isabel, em matinal, vesperal e sarau (nestas últimas, crianças acima dos doze anos podiam entrar), as marionetes da companhia italiana Os Piccoli di Podrecca, criada em 1914, fizeram sucesso no Recife. Na temporada, como aqui já foi citado, trinta récitas realizadas, com casa sempre cheia.

Em dezembro, com o Teatro de Santa Isabel também lotado, voltou à cena a revista cívico-escolar *O Sonho de Yara*, de Cândido Duarte, como término das atividades letivas da Escola Normal Pinto Júnior, com sessões nos dias 21 e 29. Já no dia 22 de dezembro de 1940, às 20 horas, foi a vez de um festival artístico promovido pelo Collegio Pestalozzi, intitulado *Festa de Celia* e *Sylvia*, nome de duas crianças orfãs. Na ocasião, foi apresentada a revista *Coisas do Meu Brasil*, de autoria da senhora Maria Elisa Viegas, que já havia sido levada à cena cinco vezes em 1937, com alunos do Grupo Escolar Maciel Pinheiro e contando com partitura musical do maestro Nelson Ferreira, que regeu a Orquestra da Rádio Clube de Pernambuco. Propagou o jornal *Folha da Manhã* (21 de dezembro de 1940):

> Não é apenas uma revista em que predomina a belleza de nossa musica, a belleza de nossas creanças mas uma verdadeira aula. Uma aula completa de nossa grandeza em todos os setindos (sic) da creação. Uma aula de Geografia ministrada por creanças que bailam, cantam e encantam.

No elenco, cento e vinte crianças não só do Collegio Pestalozzi, mas também da Escola de Declamação. O espetáculo teve como patrona a senhora Antonieta Magalhães e a direção artística foi assumida pelo ator Raul Prysthon. Ainda em 1940, também há registros de outras produções para crianças no mesmo Teatro de Santa Isabel: uma, pelo Grupo Escolar Maciel Pinheiro com números variados, e *A Gata Borralheira,* pelo Instituto Recife, no dia 1 de dezembro. O ator Geraldo Carvalho, que atuou nesta última peça como o Mordomo aos nove anos de idade e já havia feito o anão Zangado na peça *Branca de Neve e os 7 Anões*, pelo Gremio Scenico Espinheirense, com oito anos na época, disse em entrevista à pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX*, de Leidson Ferraz, (17 de março de 2013) que a direção do espetáculo *A Gata Borralheira* foi confiada a Oswaldo de Oliveira, diretor convidado do Rio de Janeiro pela diretora do Instituto Recife, a senhora Eulália Fonseca. Ainda segundo ele, a montagem foi apresentada uma única vez, no horário noturno, às 19 horas, e também constavam no elenco, entre outros, Aldir Maia, Gilma Maia, Maria Albertina Ferreira de Almeida, Antônio Carlos Ferreira Coelho de Almeida, Theresinha Ferreira e Theresinha Fonseca, estas últimas, respectivamente, nos papeis de Rainha e da Gata Borralheira.

Curiosamente, no mesmo Teatro de Santa Isabel, apresentou-se uma outra versão de *A Gata Borralheira* no dia 19 de dezembro de 1940, pelo Colégio Anchie-



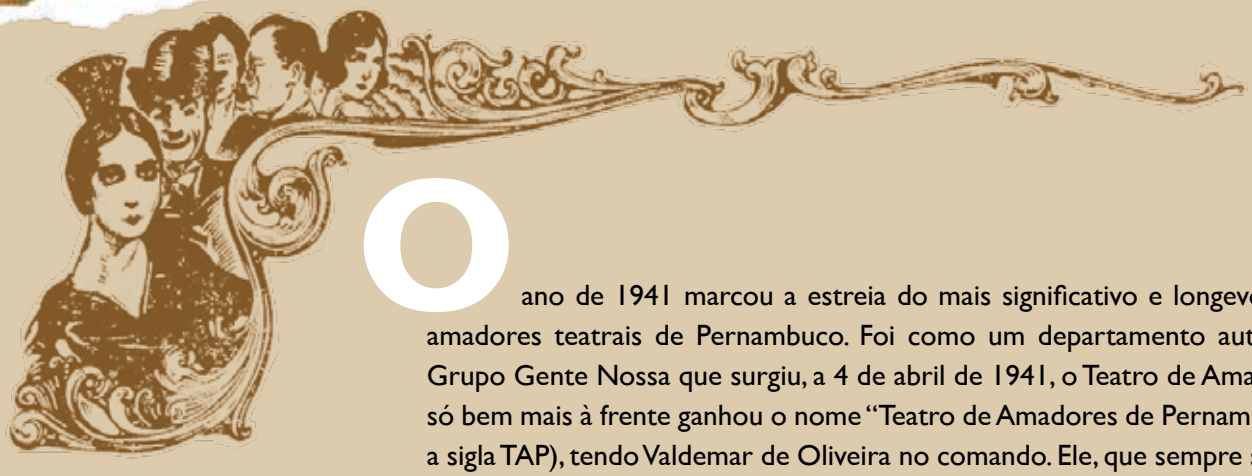
Coisas do Meu Brasil

ta. No total, segundo retrospectiva do ano publicada pelo *Jornal do Commercio* (19 de janeiro de 1941), foram contabilizados vinte e oito espetáculos infantis no Recife em 1940, além de uma conferência sobre o tema com dois renomados professores, diretores do Theatro Educativo do Rio de Janeiro:

> Estiveram em visita ao Recife, a senhora Maria Rosa Ribeiro e o professor Eustorgio Wanderley, destacadas figuras dos circulos educacionaes da metropole. Aqui realizaram uma festa de arte, tendo a senhora Maria Rosa Ribeiro lido, no Instituto Moderno uma conferencia sobre Theatro Infantil, a que se seguiu a inauguração do busto de Samuel Campello, naquelle educandario.

Vale destacar também a organização de conjuntos teatrais infantis nas cidades de Timbaúba, Garanhuns e Palmares, no interior pernambucano, além de Olinda. Nesta última, por exemplo, no dia 10 de novembro de 1940, o Salão Pio X foi palco para a opereta infantil *No Reino dos Cahete's*, de Hélio Monte, baseada na história de Olinda antiga, contando com trinta e três crianças alunas do Grupo Escolar Duarte Coelho e regência de Lafayette Lopes. A realização foi confiada ao departamento infantil do Núcleo Theatral Getúlio Vargas, equipe olindense que, além de produções para adultos, também dava atenção à criançada. Quanto ao Grupo Gente Nossa, no Recife, além de comemorar um ano bem mais proveitoso do que 1939, Valdemar de Oliveira já tinha novos planos para o seu Teatro Infantil em 1941. E se em 1939 o Teatro de Santa Isabel abriu suas portas 297 vezes, durante o ano de 1940 este número decresceu um pouco, chegando a 249 sessões, sendo o Grupo Gente Nossa ainda o recordista de sua ocupação, com noventa e uma apresentações realizadas.

1941



O ano de 1941 marcou a estreia do mais significativo e longevo grupo de amadores teatrais de Pernambuco. Foi como um departamento autônomo do Grupo Gente Nossa que surgiu, a 4 de abril de 1941, o Teatro de Amadores (que só bem mais à frente ganhou o nome "Teatro de Amadores de Pernambuco", com a sigla TAP), tendo Valdemar de Oliveira no comando. Ele, que sempre se mostrou avesso ao profissionalismo, pôde iniciar as atividades de um núcleo amadorista em sua essência, mas sempre primando pela qualidade do que levaria à cena como os "melhores profissionais". Naquele ano, um outro fato importante foi o resultado dos incentivos financeiros dados às companhias cariocas itinerantes pelo Serviço Nacional de Teatro (SNT). Isso gerou uma animação para o público, sempre muito receptivo às produções de fora, mas também fez nascer críticas ainda mais severas à instituição pública federal, pois esta não amparou nenhuma das organizações artísticas de Pernambuco. Valdemar de Oliveira denunciou a situação na retrospectiva publicada pelo *Jornal do Commercio* (8 de fevereiro de 1942):

> O fato é expressivo e merece alguns comentários, sobretudo no ano que diz respeito ao Teatro de Amadores, que, tendo de excursionar, com objetivos filantrópicos, a Natal e Fortaleza, recebeu, do Serviço Nacional de Teatro, formal recusa ao pedido que lhe fez de auxilio financeiro, semelhante ao que é proporcionado às companhias do Sul. Respondeu o Serviço que as iniciativas de caráter estadual devem ser amparadas pelos governos estaduais. O que equivale a dizer que tal repartição não merece o título de Nacional, mas, de Carioca, porque até agora só tem auxiliado companhias que partem do Rio para fazer o Norte ou o Sul. O que não impede que sejam pleiteadas, dos governos do Norte e do Sul, tôdas as facilidades e todos os auxílios para êsses conjuntos regiamente subvencionados pelo Serviço Carioca de Teatro. Os que aqui aparecem têm luz, aluguer e fôlha de pessoal externo, quando não levam consigo algum auxilio do governo ou da Municipalidade.

> Os que daqui partem, porém, como o Teatro de Amadores, nada têm do chamado Serviço Nacional de Teatro. São considerações, estas, que devem ser feitas num momento em que balanceamos o ano artístico que acaba de findar-se, e durante o qual nenhuma organização teatral local obteve a migalha que poderia cair do surrão cheio de qualquer mambembe que por aqui passa para explorar a praça... quando não a boa fé do público. Estamos sabendo, agora, que as iniciativas estaduais só se têm de voltar para os poderes estaduais. Resta saber se êsses poderes estaduais estão na obrigação de dispensar, às companhias subvencionadas pelo Serviço Carioca de Teatro, as mesmas atenções que têm dispensado até agora.

Quatro grandes companhias de comédias, todas sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro, puderam aportar no Teatro de Santa Isabel. Entre as temporadas de duas delas, apenas um único dia de intervalo aconteceu. Valdemar de Oliveira garantiu naquela mesma retrospectiva no *Jornal do Commercio* (8 de fevereiro de 1942):

> Tôdas essas companhias obtiveram aceitação por parte do público e se não conseguiram, integralmente, um sucesso artístico, sairam, [...] com boa compensação financeira o que mais uma vez vem atestar que o Recife é uma das melhores praças teatrais do país.

O ano foi mesmo movimentado cenicamente. Veio em primeiro lugar a Companhia Delorges Caminha, que realizou trinta apresentações com peças nacionais como *Pertinho do Céu*, de José Wanderley e Mário Lago, *Senhorita Vitamina*, de Bastos Tigre, *Filhinho da Mamãe* e *O Maluco Número 4*, ambas de Armando Gonzaga, *Um Grande Ladrão*, de Castello Branco de Almeida, *O Sympathico Jeremias*, de Gastão Tojeiro, *Deus Lhe Pague...*, de Joracy Camargo, *Flores de Sombra*, de Cláudio de Sousa, além das estrangeiras *As Três Helenas*, de Armando Moock, e *O Judeu Berlington*, de Navarro e Torrado. A estreia, no dia 8 de maio de 1941, se deu com *Yayá Boneca*, de Ernani Fornari. Nas principiais figuras da equipe estavam Lúcia Delor, a festejada criadora do papel de *Yayá Boneca*, Palmira Silva, Georgette Villas, Alice Archambeau e a pernambucana Lenita Lopes (bastante elogiada) formando o elenco feminino; enquanto que Delorges Caminha, Ramos Júnior, João Martins, Octavio França e Walter D'Ávila eram os intérpretes masculinos.

Lenita Lopes

Em seguida, foi a vez da Companhia de Comédia Mesquitinha, que marcou trinta e quatro sessões em sequência no mesmo Teatro de Santa Isabel, a partir de junho, estreando com *Hotel da Felicidade*, de Munhoz Secca. Encenou, no total, onze peças, sendo oito nacionais e três estrangeiras. Mesquitinha, Modesto de Sousa, Abel Pêra, Nelma Costa e Cora Costa eram os principais atores. No mês de agosto, o Teatro de Santa Isabel recebeu a visita da Companhia Jaime Costa, que realizou vinte e sete apresentações. No repertório constavam oito peças diferentes, sendo seis na-

MESQUITINHA

E SUA COMPANHIA DE COMÉDIAS

APRESENTAM-SE NO

TEATRO SANTA ISABEL

HOJE — DIA 6 DE JULHO — HOJE

— VESPERAL CHIC —

— CIUMENTA —

ERA UMA VEZ UM VAGABUNDO

cionais e duas estrangeiras. Jaime Costa, Cazarré, Ítala Ferreira e Déa Selva estavam em primeiro plano no elenco. Vale notar que, no Cine Encruzilhada, fizeram curtas temporadas as companhias Delorges Caminha, com sete espetáculos, e Jaime Costa, com três peças de grande sucesso. Por fim, antes de seguir para o Pará em excursão ao Norte, a Companhia Joracy Camargo marcou presença com suas vinte récitas no Teatro de Santa Isabel. Constava em seu repertório dez

textos diferentes, sendo nove peças nacionais, todas do próprio Joracy Camargo, e uma obra estrangeira. Ao lado do dramaturgo e ator no palco, estavam Paulo Ferraz e Paulo Pôrto, entre outros, sendo a principal figura feminina a atriz Hortência Santos.

Grupos locais também se exibiram nos palcos do Recife com espetáculos declamados e alguns musicados, sendo que muitos dos intérpretes estavam dando os primeiros passos na carreira artística. Esta produção, com uma parcela passando pela principal casa de espetáculos da cidade, também ocupou os palcos do Cine Eldorado, Cine Encruzilhada, Cine Torre, Cine Império e Cine Ideal. Ficou claro para Valdemar de Oliveira, ainda naquela matéria do *Jornal do Commercio* (8 de fevereiro de 1942), que cresceu o volume de espetáculos de arte levados na capital pernambucana em 1941, o que "aliás poderia ser ainda mais ponderável se não contássemos exclusivamente com o *Santa Isabel*, para onde correm, como ficou dito, todos quantos têm desejo ou necessidade de exibir-se ao público do Recife", criticou. Complementou ainda ele:

> Bem expressivo foi o ano teatral de 1941. Tivemos bom movimento de espetáculos, realizados, em grande maioria no *Santa Isabel* que vem sendo, há muito, o único ponto onde é possível uma exibição teatral, no centro da cidade. Assim, a velha casa da praça da Repú-

blica acolheu não só companhias e artísticas itinerantes, nacionais e estrangeiro, como também, conjuntos locais, concertistas, organizações culturais, além de ali se haverem realizado, também, festas de encerramento do ano letivo de grande número de educandários da capital, várias delas, aliás, com inclusão de programas artísticos. De tal modo, o "Santa Isabel" teve, quase sempre, abertas as suas portas, não tendo sido raras as vezes em que a sua direção deixou de atender pessoas que a procuravam, por falta absoluta de dias vagos.

Mesmo com essa frequência considerável de atrações de fora, a atividade teatral no Recife em 1941 não se limitou à visita das companhias em turnê, tendo sido bem animador o movimento de organizações locais. Em primeiro lugar, o Grupo Gente Nossa manteve, durante todo o ano, seus três elencos: o de profissionais, que atuou durante os primeiros e últimos meses do ano; o de crianças com o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, que realizou limitado número de espetáculos comparado a 1940 – apenas oito sessões de *Em Marcha, Brasil!*, letra e música de Valdemar de Oliveira – "por ter de ceder o Teatro às companhias visitantes, não havendo outro local, no Recife, quer para os seus ensaios quer para as suas exibições", como bem lembrou o jornalista em sua retrospectiva no *Jornal do Commercio* (8 de fevereiro de 1942); e o de amadores, que surgiu em abril e tomou a denominação especial de Teatro de Amadores. No total, o Grupo Gente Nossa chegou a promover 87 apresentações em 1941.

TEATRO INFANTIL DE PERNAMBUCO

(DEPARTAMENTO DO GRUPO GENTE NOSSA)

REPRESENTAÇÃO DA REVISTA CIVICO-ESCOLAR

Em Marcha Brasil!

2 atos e 11 quadros de Valdemar de Oliveira. — Em benefício da aquisição do avião "Baspendi", patrocinada pelo "Diario de Pernambuco"

Titulos dos quadros: 1.o ato — 1.o - Higiene matinal; 2.o - A primeira refeição; 3.o - Lição de leitura; 4.o - Lição de música; 5.o Lição de Ciências; 6.o Chuva de bolas.

2.o ato — 1.º O recreio. 2.o - Lição de Aritmética — 3.o - Lição de História Natural (ballado) - 4.o Lição de História do Brasil (sete cenas); 5.o Apoteose final.

(DISTRIBUIÇÃO PELA ORDEM DE ENTRADAS)

Everaldo Barreto e Silva - LUÍS; Maria José Cavalcanti - LUCIA; Lenita Vilaça - CARMEN; Luizinha de Oliveira - LUISINHA; Ceres Trindade - JOSEFA; Sras. Dina K. Borges de Oliveira (de Teatro de Amadores), MAMÃE; Sra. Hilie Tavares (do Teatro de Amadores) PAPAI; Senhorinha Emilinha Sá (do Teatro de Amadores), PROFESSORA; Edinaldo Fontes - JORGE; Manoel P. Gomes - LULÚ; Anelise Cantinho Sheer, A. 7 e BORBOLETA; Tania Maranhão Cantinho Meriés, H. ZERO e BEIJA-FLOR; Janice Cantinho Lobo - C, I. 9 e BORBOLETA; Terezinha Guimarães - M. 2 - BEIJA FLOR; Terezinha Lobo - E. 3 e AGUA; Lindeci Gomes Pereira - U e PLANTA; Dominata Tavares - B. 4 e PLANTA; Clara Tabacbnik - R. 8 e NUVEM; Rosalinda Adler - 5 e 6; Palmira Pereira - L e P; Nyra; V. da Silva - 1; Terezinha Sousa - 6 e ENFERMEIRA; Carlos Roberto - ADIÇÃO e EXERCITO; Otávio Lobo - SUBTRAÇÃO; José Cavalcanti - MULTIPLICAÇÃO e JESUITA; Valdemar Rodrigues Filho - DIVISÃO; Fernando de Oliveira - IGUALDADE e AVIAÇÃO; Dadinha Ferreira - NATUREZA; Noe Rotman - SOL; Elza Rotman - NUVEM; Lucia Tavares - PLANTA; Marizetti Pereira - PLANTA; Ana Maria Lobo - BEIJA-FLOR; Marlene Campos - BEIJA-FLOR; Reinaldo Veloso da Silva - PEDRO ALVARES CABRAL; Luiz Gomes - INDIO; Ceres Trindade - MAE PRETA; Reinaldo de Oliveira - COLOSO; Geraldo Rocha - MARINHA; José Maria Soares - ESCOTEIRO-CHEFE. (No quadro das bolas tomam parte todas as meninas e mais: Neide de Oliveira, Maria Auxiliadora e Maria das Graças.

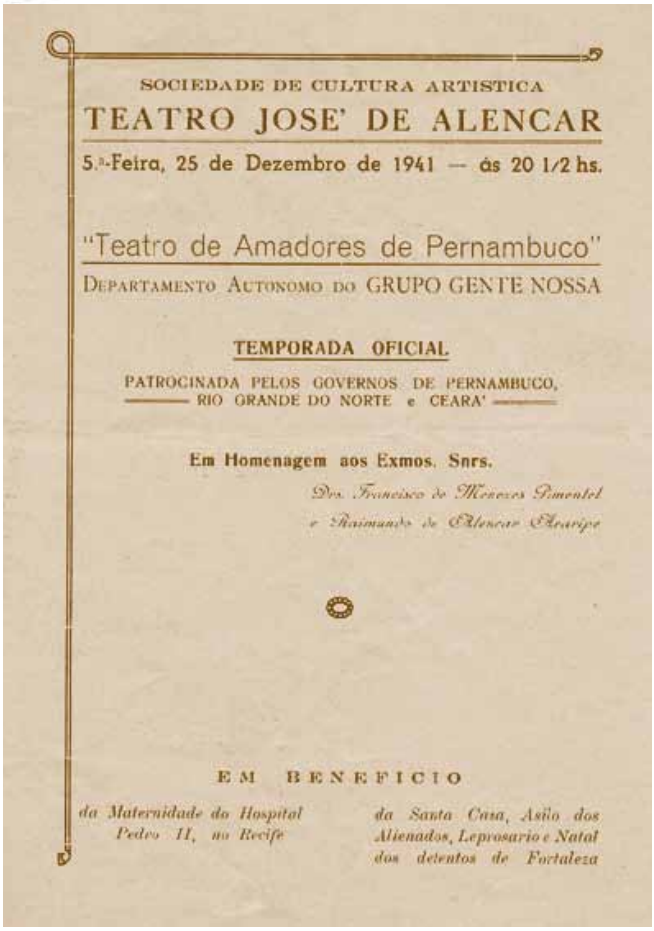
Uma patrulha e uma banda de clarins da Escola Técnico Profissional Masculina
Direção geral e regência do autor.

Distribuição de biscoitos da Pilar, bandeirinhas de Renda, Priori & Cia. e livros da Companhia Editora Nacional.

PREÇOS POPULARES

Organizado sob novas bases, semelhantes àquelas pelas quais se regeu durante grande parte da gestão de Samuel Campelo, seu eminente fundador, o elenco de profissionais do Grupo Gente Nossa participou de sessenta e seis espetáculos, sendo cinquenta e sete no Recife, dos quais quatorze no Teatro de Santa Isabel e o restante em teatros dos subúrbios, e nove no interior do estado. Das trinta e duas peças que constituíram o seu repertório (entre elas, *O Marido N. 5*, de Paulo Magalhães, apresentada aos filiados do Syndicato dos Electricistas, e *Fibra Nacional*, comédia social de Filgueira Filho, também oferecida várias vezes no Teatro de Santa Isabel para operários), quatro eram estrangeiras. Das vinte e oito restantes, onze foram de autores pernambucanos: Silvino Lopes, Umberto Santiago e Filgueira Filho (duas de cada), Lucilo Varejão, Raul Prysthon, Walter de Oliveira, Irmãos Valença e Valdemar de Oliveira (uma de cada). Com a peça *Calvário*, de Walter de Oliveira, o Grupo Gente Nossa lançou um novo autor pernambucano, não lhe tendo chegado às mãos qualquer outro original de autor conterrâneo.

Quanto ao elenco do Teatro de Amadores, que nasceu do embrião das representações de apenas médicos-artistas e suas respectivas esposas em *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, de Jules Romains, por ocasião das festas centenárias da Sociedade de Medicina de Pernambuco no dia 4 de abril de 1941 (na realidade, devido à forte chuva, a peça apresentou-se no palco do Teatro de Santa Isabel no dia 5 de abril, embora, oficialmente, a estreia se mantenha com a data anterior por conta do centenário da instituição que promoveu o espetáculo), este realizou treze espetáculos em 1941: *Primerose* (seis sessões), *Uma Mulher Sem Importância* (quatro sessões) e *O Processo de Mary Dugan* (três récitas). Além de reverter a receita líquida sempre em benefício de instituições de cari-



SOCIEDADE DE CULTURA ARTISTICA

TEATRO JOSE' DE ALENCAR

5.ª-Feira, 25 de Dezembro de 1941 — ás 20 1/2 hs.

"Teatro de Amadores de Pernambuco"

DEPARTAMENTO AUTONOMO DO GRUPO GENTE NOSSA

TEMPORADA OFICIAL

PATROCINADA PELOS GOVERNOS DE PERNAMBUCO, RIO GRANDE DO NORTE e CEARA'

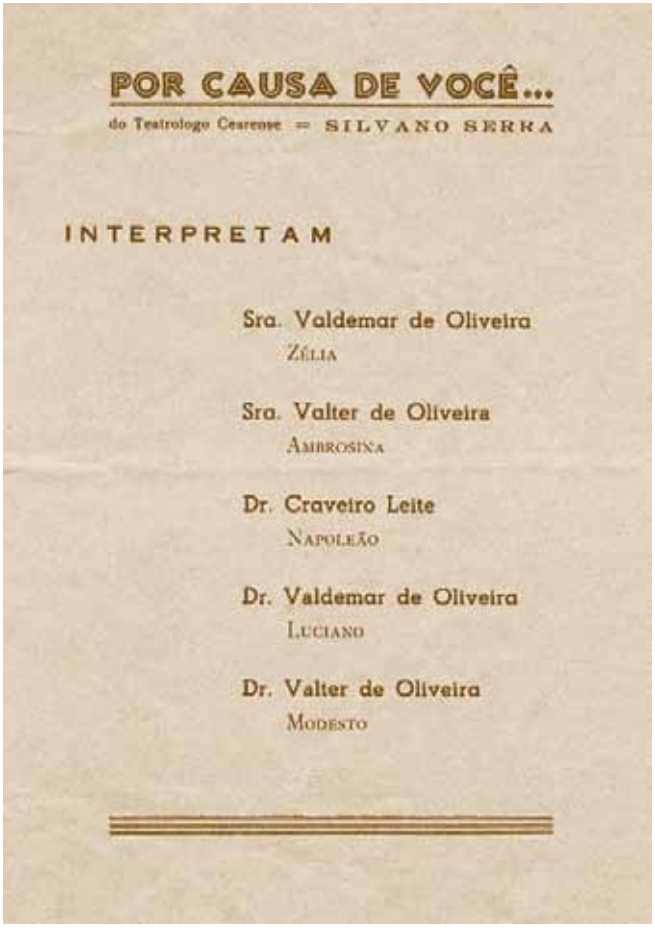
Em Homenagem aos Exmos. Snrs.

Drs. Francisco de Menezes Pimentel e Raimundo de Alencar Araripe

EM BENEFICIO

da Maternidade do Hospital Pedro II, no Recife

da Santa Casa, Asilo dos Alienados, Leprosario e Natal dos detentos de Fortaleza



POR CAUSA DE VOCÊ...

do Teatrologo Cearense = SILVANO SERRA

INTERPRETAM

Sra. Valdemar de Oliveira
ZÉLIA

Sra. Valter de Oliveira
AMBROSINA

Dr. Craveiro Leite
NAPOLEÃO

Dr. Valdemar de Oliveira
LUCIANO

Dr. Valter de Oliveira
MODESTO

dade, a equipe pôde fazer uma excursão a Natal (com sessões de *Primerose*, *Uma Mulher Sem Importância* e *O Processo de Mary Dugan*, de 13 a 16 de dezembro, no Teatro Carlos Gomes) e outra a Fortaleza (com aquelas três peças e mais a estreia de *Por Causa de Você*, texto cômico de Silvano Serra, em temporada de 22 a 26 de dezembro, no Teatro José de Alencar, a convite da Sociedade de Cultura Artística do Ceará), dando oito espetáculos no total com um movimento financeiro a considerar. Nenhuma destas viagens contou com auxílio do SNT, mas apenas dos governos estaduais.

"O mais expressivo espetáculo de amadores, em 1941, foi a representação de *Knock* por médicos e suas senhoras, por ocasião das festas centenárias da Sociedade". É o que diz o *Jornal do Commercio* no ano seguinte (8 de fevereiro de 1942). A peça estreou no dia 5 de abril de 1941, interpretada exclusivamente por médicos e senhoras de médicos, em solenização à data do centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, instituição presidida por Octávio de Freitas. O elenco e personagens foram os seguintes: dr. Valdemar de Oliveira (Dr. Knock), dr. Coelho de Almeida (Dr. Papaina), snra. Walter de Oliveira (madame Papaina), dr. José Carlos Cavalcanti Borges (Pregão), dr. Agenor Bomfim (Professor Bernardo), dr. Filgueira Filho (Mousquet, o pharmaceutico), snra. José Carlos Cavalcanti Borges (Senhora de preto), snra. Agenor Bomfim (Senhora de roxo), dr. Walter de Oliveira (Rústico), dr. Leduar de Assis Rocha (Scipião), snra. Waldemar de Oliveira (Madame Remmy) e snra. José Pandolfi (Enfermeira). A tradução do texto foi feita por Francisco Pinto.

Octávio de Freitas

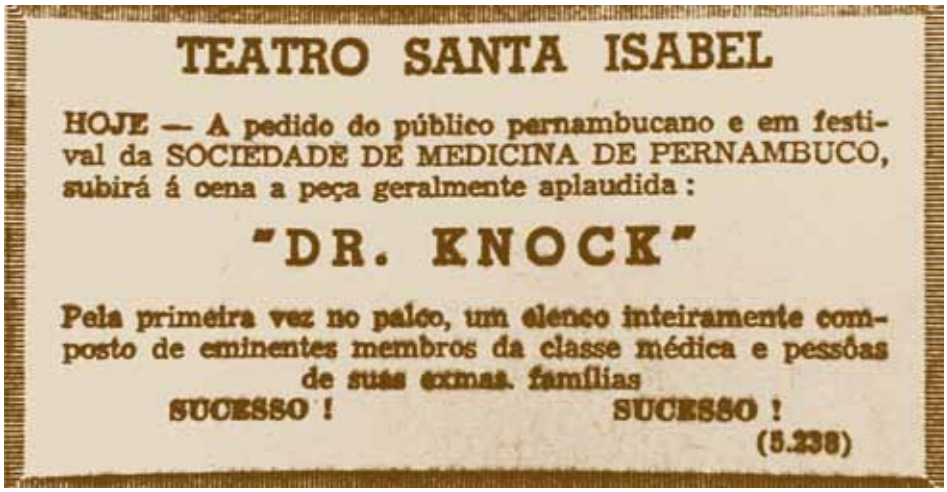
Para a representação, Mário Nunes pintou os cenários, tendo a Casa Tigre oferecido todo o mobiliário do segundo ato. Com ingressos esgotados dias antes, *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, de Jules Romains, chegou com fama de polêmica, segundo o *Jornal do Commercio* (6 de abril de 1941):

Jules Romains

> Peça de incontestaveis qualidades theatraes, obra prima do theatro francês moderno, *O dr. Knock* tem tido uma agitada carreira de cartaz, prohibida em varias cidades por uma falsa compreensão, da parte dos profissionaes da medicina, dos seus verdadeiros objectivos doutrinarios. Em compensação, inumeras mensagens de felicitações e solidariedade tem recebido, Jules Romains, de medicos de toda a parte que vêm (sic), em *O dr. Knock*, uma peça consagradora dos creditos da medicina, em nosso tempo.

Diante da resposta tão positiva da plateia, Valdemar de Oliveira decidiu dar prosseguimento àquele teatro amadorista, criando, assim, o Teatro de Amadores, atrelando-o às iniciativas de modernidade do teatro brasileiro no Rio de Janeiro de então, como os grupos Teatro do Estudante do Brasil e Os Comediantes (antes mesma da estreia de *Vestido de Noiva*, em 1943). Eis o que propôs na sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (9 de abril de 1941):

> A representação da peça *O dr. Knock* ou *O triumpho da Medicina*, por elementos da nossa melhor sociedade – medicos e suas senhoras – em homenagem ao primeiro centenario da Sociedade de Medicina, o ambiente de cordialidade e alegria em que se processaram os ensaios, o enthusiasmo que a ideia e sua realização provocaram, levam-me a pensar não ser difficil fazer, no Recife, um theatro de cultura, na verdadeira accepção do vocabulo. Cultura para os que representem e para os que ouçam: theatro que possa ascender a essas alturas sem se ver preso ás necessidades da manutenção de elencos de profissionaes, antes constituido de elementos sociaes de reconhecido valor artistico, capazes de traduzir obras de renome universal senão com a proficiencia de veteranos do palco pelo menos com a habilidade e o potencial de virtudes scenicas que se pode encontrar nas chamadas "vocações artísticas". No Rio, o amadorismo theatral ganha terreno, a cada momento. As representações do Theatro do Estudante, com *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, do Curso Pratico de Theatro com a *Gioconda*, de D'Annunzio, do grupo *Os comediantes* com *Cosi é*, de Pirandello e outras, têm constituido magnificos momentos de arte e de cultura que bem poderiamos reproduzir, no Recife, offerecendo, ao publico, a opportunidade de eutrar (sic) em contacto com as grandes obras primas do theatro universal. [...] O theatro de cultura



TEATRO SANTA ISABEL

HOJE — A pedido do público pernambucano e em festival da SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO, subirá á cena a peça geralmente aplaudida:

"DR. KNOCK"

Pela primeira vez no palco, um elenco inteiramente composto de eminentes membros da classe médica e pessôas de suas exmas. famílias

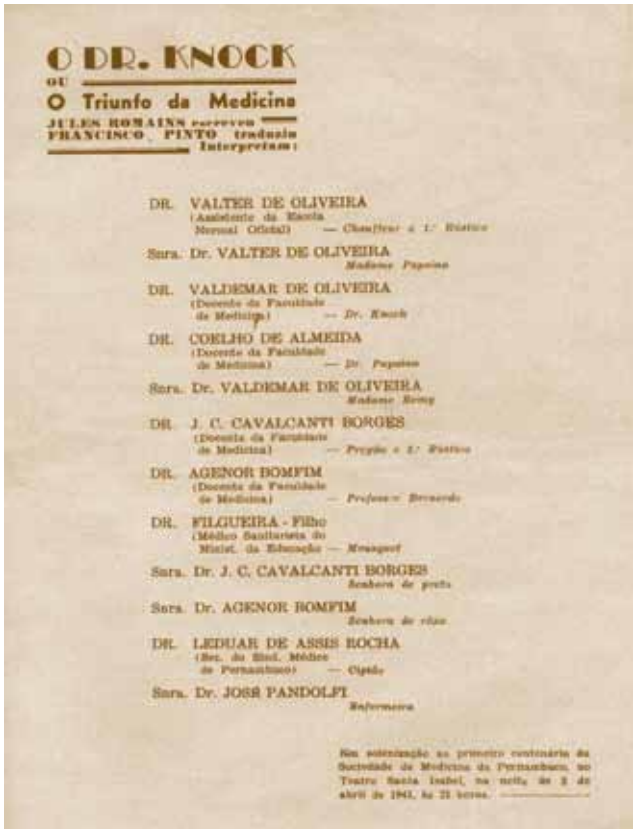
SUCESSO! SUCESSO!

(5.238)

será a proxima offensiva, nos meios artisticos do Recife. Haverá muitos inimigos, mas, há muita munição e muito enthusiasmo e, consequentemente, muita probabilidade de victoria.

Os comentários críticos, então, começaram a aparecer na imprensa. O historiador Pereira da Costa escreveu para o jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (12 de abril de 1941):

> O *Santa Isabel* vibrou no sábado último, com a representação de *Dr. Knock,* ou *o triunfo da medicina*, em comemoração á passagem do primeiro centenário da fundação da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Encarregaram-se de desempenho dos papeis, quasi todos difíceis, medicos e senhoras de nossa sociedade. O teatro estava regurgitando. Esperavamos uma representaçãozinha gagueijada, falha, demorada, sem movimento, isso porque todos os intérpretes pisavam no palco pela primeira vez. O fato, porém, é que o espetaculo surpreendeu e agradou a todos, pelo aprumo, desembaraço e brilho com que se conduziram aqueles, que mais pareciam velhos e bons artistas do que simples estreantes. [...] Profissionais não o fariam melhor.



O DR. KNOCK
ou
O Triunfo da Medicina
JULES ROMAINS escreveu
FRANCISCO PINTO traduziu
Interpretam:

DR. VALTER DE OLIVEIRA
(Assistente da Escola Normal Oficial) — Chauffeur e 1.º Pratico

Sra. Dr. VALTER DE OLIVEIRA
Madame Papaina

DR. VALDEMAR DE OLIVEIRA
(Docente da Faculdade de Medicina) — Dr. Knock

DR. COELHO DE ALMEIDA
(Docente da Faculdade de Medicina) — Dr. Papaina

Sra. Dr. VALDEMAR DE OLIVEIRA
Madame Remy

DR. J. C. CAVALCANTI BORGES
(Docente da Faculdade de Medicina) — Pregão e 2.º Pratico

DR. AGENOR BOMFIM
(Docente da Faculdade de Medicina) — Professor Bernardo

DR. FILGUEIRA - Filho
(Médico Sanitarista do Minist. da Educação — Mousquet

Sra. Dr. J. C. CAVALCANTI BORGES
Senhora de preto

Sra. Dr. AGENOR BOMFIM
Senhora de rôxo

DR. LEDUAR DE ASSIS ROCHA
(Ser. do Hist. Médico de Pernambuco) — Cipião

Sra. Dr. JOSÉ PANDOLFI
Reformeira

Na solenização ao primeiro centenário da Sociedade de Medicina de Pernambuco, no Teatro Santa Isabel, na noite de 3 de abril de 1941, às 21 horas.

Num outro periódico, o *Jornal Pequeno* (15 de abril de 1941), um crítico anônimo voltou-se ao trabalho de interpretação:

> O titulo da peça deveria ter ficado na primeira parte. A acção visionaria de um charlatão, numa localidade do interior, sugestionando pelo poder psicólogo aos seus habitantes a se convencerem de que estão atacados por uma suposta doença, aliás sempre gravissima, pondo quasi (sic) toda população sobre leitos, não pode ser considerada como um triunfo da Medicina. Vitória seria sim, se houvesse combatido algum surto epidêmico, dogmatizasse o povo aos preceitos de higiene ou tivesse atacado com estudos e honestidade a um dos tais bacilios impertinentes... Excluindo a segunda parte da legenda, a peça nos mereceu aplausos. O tema é interessante, a pesar (sic) de mal compreendido, ás vezes, pelos censores da velha Europa... [...] Os papeis foram bem distribuidos, cabendo o "Dr. Knock" ao dr. Valdemar de Oliveira e o do "Dr. Papaina" ao dr. Coelho de Almeida. São os de maiores responsabilidades, principalmente o primeiro em torno do qual discorre toda ação da peça. Dr. Valdemar de Oliveira revelou-se um perfeito conhecedor da arte cênica não desmentindo, portanto, as suas conhecidas tendencias artisticas. O estreante saiu-se vitorioso! O dr. Coelho de Almeida fez um "centro" como não fazem muitos artistas de cartaz, com entusiasmo e acerto. Deu nos um bom "Professor Bernardo" o dr. Agenor Bonfim e o dr. Filgueiro Filho esteve bem no "Mousquet". Os drs. Valter de Oliveira e J. C. Cavalcanti Borges fizeram a contento o "Chauffeur" e o "Pregão". Coube ao dr. Leduar de Assis Rocha o "Cipião",

Leduar de Assis Rocha

papel de pouca "chance". O naipe feminino completou o esplendor do espetáculo. Não há nome a destacar. Todas as ilustres damas da nossa sociedade que interpretaram os personagens da famosa comédia de Jules Romains deram, com sua distinção e intelgencia (sic), o brilho á tão "sui generis" representaçã (sic).

O *Jornal do Commercio* (20 de abril de 1941) também saldou a montagem organizada por Valdemar de Oliveira:

> Representada, em primeira, a quando das solennidades aqui levadas a effeito pelo transcurso do primeiro centenario da Sociedade de Medicina de Pernambuco, o referido original causou a melhor impressão, não só pela excellencia do seu libreto como tambem pela interpretação que mereceu do elenco de medicos e senhoras de medicos. Igualmente a montagem chamou a attenção do numeroso publico que encheu totalmente o Theatro Santa Isabel.

Nesta mesma edição, o *Jornal do Commercio* propagou o que se planejava nos meios artísticos recifences, já com ampla adesão dos amadores: "Um theatro de cultura sera' tentado, no Recife, unicamente por amadores theatraes". Explicou a publicação:

> A representação recente de *O dr. Knock* ou *O triumplo da medicina*, por medicos e senhoras de medicos, e que tanto interesse despertou nas rodas artisticas e sociaes do Recife, serviu de estimulo á idéia da criação, entre nós, de um theatro de cultura, para enscenação de grandes peças theatraes, por parte de amadores. A iniciativa, lançada por este jornal, em sua columna diaria de arte, vem recebendo applausos geraes, sendo grande, já, o numero de amadores theatraes que se dispõem a levá-la por deante, realizando o que em nenhuma parte do país tem sido realizada. Trata-se, no momento, de escolher o novo original que deve subir á scena logo depois que o Theatro Santa Isabel seja desocupado pela Companhia Delorges Caminha, que ali estreiará no proximo dia 1.° de maio.

O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina voltou no dia 24 de abril de 1941 para segunda e última apresentação no Teatro de Santa Isabel, em benefício do prédio da futura sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, cujo terreno foi doado pelo Governo do Estado. O desempenho ficou a cargo dos mesmos médicos e senhoras de médicos. Valdemar de Oliveira, incomodado com certa polêmica sobre a obra, fez questão de revelar o que vinha acontecendo. Eis a sua escrita na coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (23 de abril de 1941):

> Esse *O dr. Knoch* que sobe, amanhã, em segunda representação e em beneficio da futura sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco, levantou, como era de esperar, calorosas controversias, por todo o Recife. Querem uns, seja a peça, favoravel aos bons creditos da medicina; outros a apontam como um achincalhe á classe medica. É, porém, positivamente, um absurdo ver, no Dr. Knoch, um charlatão e em suas praticas um aggravo á sua profissão. Há quem pense, por exemplo, que o jovem medico não era formado, sem saber que, na França, como

O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina

antigamente aqui havia medicos e doutores em medicina – outorgado, este titulo, apenas, aos que defendiam these. Quando o dr. Knoch acceita o cargo, a bordo do navio onde applicou, pela primeira vez, os seus methodos, já era medico. [...] Quanto aos processos que usa, mal se installa no antigo consultorio do dr. Papaina, lembram-me muito a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, e a conducta que então seguiram quantos nella tomaram parte: o violento ataque á rotina, a subversão subita de processos literarios, a publicação de obras que deveriam chocar o espirito dos leitores, alertando-os sobre a obra revolucionaria a que visavam, o alarde e a impulsividade de renovadores que destroem para construir. O dr. Knoch toma conta de uma cidade, onde um velho medico – este, sim – desmoralizava, entre o bar e o bilhar, a medicina. Para este, a doença não existia. Toda a gente gozava saude. E aos que se queixavam, "não passava remedio de botica"; mandava tomar um chá. [...] Este, o estado de coisas que o dr. Knock encontra – elle para quem, como para Claude Bernard, "as pessôas de bôa saude são doentes que se ignoram". A sua acção teria de ser revolucionaria. E o foi.

No dia anterior à segunda récita de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, a 23 de março de 1941, um domingo, às 15 horas, estreou seu mais novo espetáculo, *Em Marcha, Brasil!*, em dois atos e trinta números musicais, com direção e regência de Valdemar de Oliveira, denominada por ele de grande revista cívico-escolar. A proposta tinha um objetivo claramente didático aliado ao aspecto patriótico, comum a quase todas as manifestações que envolviam a mocidade da época, como lembrou o pesquisador Fernando de Oliveira, um dos atores a integrar aquele elenco ainda adolescente, no artigo "Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco", disponível no site do grupo (www.tap.org.br, s. d.).

THEATRO SANTA ISABEL

DOMINGO, 6, EM MATINAL, ÁS 10 HORAS

EM MARCHA, BRASIL!

Grande revista infantil de WALDEMAR DE OLIVEIRA

GRANDE REVISTA INFANTIL, DE WALDEMAR
—: DE OLIVEIRA :—

PARA ATTENDER A DIVERSOS PEDIDOS E A FIM DE EVITAR OS ATROPELOS QUE SE TÊM VERIFICADO, FICOU RESOLVIDO ESTABELECER LOCALIDADES NUMERADAS AO PREÇO UNICO DE 3$300 O INGRESSO – (FRISAS E CAMAROTES: 19$800)

Não se reservam localidades pelo telephone

O espetáculo trazia uma orquestra com quatorze destacados professores, a grande maioria ligada à Rádio Clube de Pernambuco, entre eles, Nelson Ferreira ao piano, além da participação da banda de clarins e uma patrulha da Associação Pernambucana de Escoteiros. Eram quarenta e oito pessoas em cena, quase todos meninos e meninas (há matéria de jornal que traz os nomes dos pais de cada um, como para provar que eram filhos de boa família), com presença de poucos adultos. Pela ordem de entradas em cena (e ainda seguindo a escrita do programa): Everaldo Barreto e Silva (no papel de Luís), Maria José Coutinho (Lucia),

Elenco de crianças de *Em Marcha, Brasil!*

Lenira Vilaça (Carmen), Reinaldo de Oliveira (Pedro), Ceres Trindade (Josefa), Cloris Passos (Mamãe), Valter Dimenstein (Papai), Anita Dimenstein (Professora), Carminha de A. Melo (Lilita), Luis Carlos F. Castro (Jorge), Anelise Cantinho Sheer (A, 7, Borboleta), Tania Maruschka (B, O, Zero, Beija-Flor), Janice Cantinho Lobo (C, I, 9, Borboleta), Terezinha Guimarães (M, 2, Beija-Flor), Terezinha Lobo (E, 3, Agua), Lisieux Gomes Pereira (U), Iluminata Tavares (B, 4, Planta), Clara Tabatchnik (R, 5, Nuvem), Rosalinda Adler (S, 8), Palmira Pereira (L, P), Nicéa Veloso da Silva (1), Leda Vilaça (6), Carlos Roberto (Sinal de Adição), Otavio Lobo (Sinal de Subtração), José Cavalcanti (Sinal de Multiplicação), Valdemar Rodrigues Filho (Sinal de Divisão), Fernando de Oliveira (Sinal de Igualdade), Maria Lia Faria (Natureza), Nair Rotman (Sol), Elza Rotman (Nuvem), Edissa Bancovsck (Planta), Lucia Tavares (Planta), Marinetti N. Pereira (Planta), Ana Maria Lobo (Beija-Flor), Marlena Campos (Beija-Flor), Rivaldo Veloso da Silva (Pedro Alvares Cabral), Moacir Ferreira (Indio), José Cavalcanti (Jesuita), Iracema Ferreira (Mãe Preta), Clovis Passos (Colono) e José Maria Soares (Escoteiro Chefe).

Ainda na ficha técnica, Walter de Oliveira como diretor de cena; Abelardo Cavalcanti como ponto; Francisco Miranda, contrarregra; José Barros e João Alves como maquinistas; e Aníbal Mota, eletricista (como se denominava antigamente o iluminador). O "bailado" do 9° quadro – eram dezessete no total – foi ensaiado pelo casal de bailarinos argentinos Lídia Morel e Raul Celada. No cenário, reproduções de telas dos pintores Baltazar da Câmara, Mário Nunes, Álvaro

Baltazar da Câmara

Amorim e Carlos Amorim. A montagem, de caráter assumidamente didático, contava com os seguintes quadros em sequência: *Higiene Matinal*, *O Café*, *Lição de Leitura*, *Lição de Música*, *Lição de Ciências Físicas*, *Chuva de Bolas*, *O Recreio*, *Lição de Aritmética*, *Lição de História Natural (Bailado)*, *Descobrimento do Brasil*, *Primeira Missa no Brasil*, *Batalha dos Guararapes*, *O Grito do Ipiranga*, *A Batalha do Riachuelo*, *A Proclamação da República*, *Os 18 de Copacabana* e *Apoteose Final*. No intervalo, houve sorteio, entre as crianças da plateia e do palco, de dois livros de literatura infantil ofertados pela Companhia Editora Nacional.

O trabalho foi recebido como um novo grande êxito (segundo documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de jornal ou data e apenas com o título "Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira"):

Em Marcha, Brasil!

Em Marcha, Brasil!

[...] Valdemar de Oliveira, vez por outra, nos oferece momento agradável, trazendo á ribalta do *Santa Isabel* uma pleiade de crianças por demais inteligentes e alegres. Daí, o resultado benéfico de surgirem [...], as vocações precóces do nosso teatro. E o número não tem sido pequeno. Entretanto, a finalidade principal deste gênero teatral, entre nós, tem sido, graças a Deus, de ordem educativa. Pensando assim, Valdemar de Oliveira fez encenar, ontem, a revista infantil de sua autoria *Em marcha, Brasil!* [...] uma grande aula de civismo e brasilidade. Começa com a higiene matinal dos seus alunos e termina com a apoteótica cena, onde surgem o branco, o índio, o jesuíta, o negro e o colono – elementos de formação da nossa nacionalidade. O quadro "Lição de História Natural" é o mais sumtuoso e original. Os bailados são feitos com apurada arte. Estes foram estudados sob orientação do casal de bailarinos argentinos Lídia Morel-Raul Celada. Outro quadro sugestivo é a "Lição de música", onde ressalta um feliz efeito de luz. Os painéis históricos, e as marcações de "O meu Brasil" e "Pernambuco" fizeram vibrar de entusiasmo a plateia, na sua maioria adulta. Cenários apresentáveis, rico guarda-roupa, marcação sem deslise e interpretação segura e agradável foram outros motivos do sucesso da peça.

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Recife, no dia 21 de janeiro de 1975, Valdemar de Oliveira destacou o trecho mais aplaudido da sua montagem:

É que tratava-se de uma lição de Português. Surgiam inicialmente as cinco vogais [...], e logo depois surgiam cinco consoantes. E elas começavam então, dentro da música, uma marcação interessante, e de repente, quando menos se esperava, elas todas que traziam diante do peito uma letra determinada, elas todas, colocadas em fila, lia-se "Oh, meu Brasil", justamente formadas pelas cinco vogais e pelas cinco consoantes. E o público vinha abaixo, como se costuma di zer. O agrado era geral, mas logo a música transpunha terça acima e três dessas moças [...] habilmente mudavam a letra que traziam, e quando o público esperava ler novamente "Oh, meu Brasil", saía Pernambuco. Aí a plateia vinha abaixo num entusiasmo único. Nós levamos essa música tantas vezes que ela acabou se constituindo num espécie de hino do Teatro de Amadores de Pernambuco.

No livro *O Palco da Minha Vida* (2013, p. 27-28.), Reinaldo de Oliveira lembrou sua participação:

Na "Em Marcha Brasil", fazia o aluno Pedro pois tudo era ensinamento para a garotada com aulas de Ciência, História, Geografia, Matemática, Música e Botânica. O término do segundo ato da peça incluía a queda de centenas de bolas de gás, coloridas, de cima, do lustre do Santa Isabel, até a plateia que ficava em alvoroço para colher algumas delas e levar para casa. Hoje é comum se decorarem festas com milhares de bolas mas, naquele tempo, era difícil se conseguir alguma. [...] Ainda me lembro da letra que cantava, a plenos pulmões infantis, juntamente com o elenco: *Lá vêm as bolas caindo, eita verde e vermelha. Oi meninada aproveita, oi meninada aproveita. E tem de todas as cores, cor do céu e do mar. Cor de todas as flores, pra você se contentar*. Era um delírio total. O Teatro Infantil preparou as gerações do futuro que se haveriam de empolgar com o ambiente teatral pernambucano [...] Eu me considero um discípulo de tudo isso, um aluno aplicado que aprendeu, bem, as lições.

Não é de se estranhar esta valorização ao aprendizado no projeto para a infância de Valdemar de Oliveira. Ele encarava o teatro como uma verdadeira escola e o incentivava principalmente como prática nos colégios e cursos particulares. Tanto que chegou a declarar, segundo mais um documento pertencente ao acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco, sem indicação de data, mas com o título "O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil":

A prática do teatro exercita a criança a ler e mais claramente a falar. Falar certo, respeitando as inflexões justas e obedecendo a pontuação. Vícios de linguagem são combatidos; defeitos de articulação se corrigem; controlam-se maus hábitos vocais; disciplina-se a emissão de voz, valoriza-se a palavra, exercita a atenção, sempre alerta às múltiplas oportunidades da ação cênica, revigora a memória, no curso da fixação mental dos textos, cultiva a vontade, preocupada com o melhor rendimento intelectual, aperfeiçoa o raciocínio, no jogo das associações de ideais. Além disso o senso da responsabilidade acorda, o espírito de colaboração se faz sentir na composição dos conjuntos. E outras virtudes morais são cultivadas: a pontualidade nos ensaios, a seriedade nas interpretações, o trabalho de equipe no levantamento da montagem, tudo devendo ser feito, sob as ordens de professores especializados. Uma escola de teatro para criança não tem como objetivo único formar atores e atrizes,

como a educação física não é formar atletas e acrobatas. É, sem que a criança sinta, instruir e educar, formar caracteres, erguer personalidades, rasgar horizontes, prender o espírito infantil à sua terra, pelo amor à sua natureza, pelo entusiasmo por sua história, pelo cultivo das boas tradições. Em seu significado mais amplo, o teatro infantil é uma iniciação à beleza, um culto à verdade e um convite a imaginação – a imaginação sem limite com que a criança percorre o seu reino maravilhoso.

A estreia de *Em Marcha, Brasil!*, o último dos espetáculos do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, aconteceu menos de quinze dias antes do lançamento de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*. Reunindo médicos e as esposas destes, numa atitude ousada que rompeu preconceitos principalmente referentes às mulheres que se dedicavam ao teatro, a renda líquida das duas únicas apresentações desta peça adulta foi revertida para a construção da nova sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco. Diante da resposta positiva de público e crítica, este espetáculo deu a Valdemar de Oliveira a certeza de lançar um núcleo somente de amadores adultos, algo firmado na montagem seguinte, *Primerose*, de Robert de Flers e Gaston-Arman de Caillavet, com estreia em 14 de junho de 1941, já assinada pelo Teatro de Amadores, departamento autônomo e amador do Grupo Gente Nossa. Somente a partir de 1944, já independente, este núcleo assumiu-se definitivamente como o Teatro de Amadores.

Com caráter sempre filantrópico e renda líquida revertida para instituições de caridade, Valdemar de Oliveira começou, assim, a longa trajetória do seu novo grupo amadorista, uma das razões para ele ter desistido de suas produções para crianças devido a tantos compromissos com o repertório adulto, em consonância com a falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, muito à mercê das temporadas das companhias visitantes. O intrigante é que, paralelamente às sessões de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*, o espetáculo *Em Marcha, Brasil!* consagrou-se naquele ano, totalizando oito apresentações de casa cheia. Saiu de cena por pura falta de pauta no Teatro de Santa Isabel, que passou a ser ocupado pela companhia do ator Delorges Caminha, abrindo temporada com *Yayá Boneca*. O jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (19 de abril de 1941) pontuou:

> Apesar do grande sucesso que vem registando (sic), esta péça será ainda êste mês retirada do cartaz, pois a 1.º de maio estreiará, no Santa Isabel, uma companhia de comédias que procede do sul e que ali levará a efeito uma temporada. As quarenta crianças que tomam parte no espetáculo apresentam luxuoso guarda roupa e desincumbem-se dos seus papeis de modo que têm merecido francos elógios. *Em Marcha, Brasil!*, é uma péça de fundo nitidamente educativo e que contém diversos ensinamentos, destacando-se os de História do Brasil e os de Botanica, sendo, nesta parte, apresentado o bailado das plantas, em que funcionam, simultaneamente, quatro alçapões. No espetáculo de amanhã, como de hábito, serão distribuidos brindes e sorteados livros infantis, entre a criançada presente.

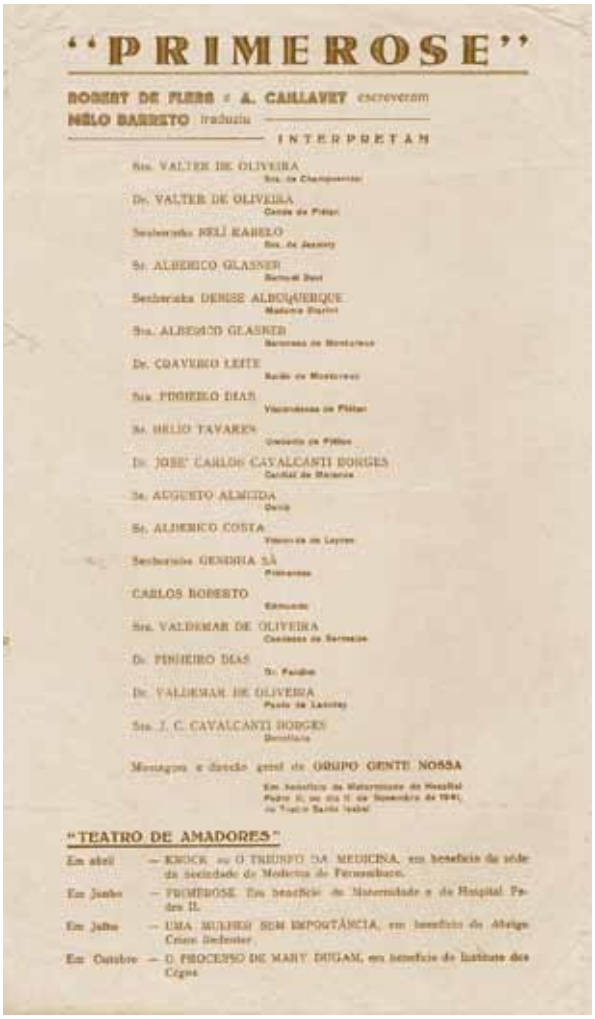
Mesmo à frente de cinco produções adultas naquele ano de 1941, Valdemar de Oliveira (além de *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina* e *Primerose*, ele dirigiu também *Uma Mulher Sem Importância*, de Oscar Wilde, com estreia em 26 de julho; *O Processo de Mary Dugan*, de Bayard Weller, estreada em 11 de outubro; e *Por Causa de Você*, de Silvano Serra – pseudônimo do pernambucano radicado no Ceará, Joaquim Gomes Filho –, com estreia em 25 de dezembro, na cidade de Fortaleza) ainda anunciou o desejo de montar novo trabalho pelo Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, sem revelar qual seria a obra dos autores escolhidos, Coelho de Almeida e João Valença, "uma peça de costumes sanjoanescos", segundo o *Jornal do Commercio*

Silvano Serra

(27 de abril de 1941), mas o grupo chegou ao fim. Uma das justificativas, várias vezes lembrada nos jornais, era a dificuldade em ensaiar tantas crianças e encenar as peças em outro palco que não o do Teatro de Santa Isabel, já que era necessário aproveitar os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias itinerantes para aparecer.

Ressalte-se que, neste momento, o Grupo Gente Nossa, depois de um *déficit* em sua receita e diante dos gastos mensais que tinha para pagar ao pessoal administrativo, estava com o seu departamento de profissionais suspenso, por enquanto, "em virtude, principalmente, da falta de elementos femininos e tambem porque outra orientação se imprimiu ao movimento teatral", referiu-se Valdemar de Oliveira à atuação amadorística na "campanha em favor do theatro em nossa terra", conforme depoimento no *Jornal do Commercio* (8 de maio de 1941). Ele, então, devolveu ao Governo do Estado a subvenção que recebia da Secretaria do Interior e passou a viver às custas do auxílio dado pela Prefeitura do Recife, excluindo, como sempre, qualquer remuneração aos membros da diretoria do grupo. Com isso, foi no dia 14 de junho que a peça *Primerose*, de Robert de Flers e Gaston-Arman de Caillavet, estreou, já assinada pelo Teatro de Amadores, departamento autônomo do Grupo Gente Nossa, contando com toda a sua estrutura. Revelou ainda Valdemar de Oliveira naquele mesmo *Jornal do Commercio* (8 de maio de 1941):

> É o theatro de cultura, de que já tenho falado, ou, se quiserem, o theatro de amadores, constituídos de destacados elementos das nossas rodas sociaes. É ainda o Grupo [Gente Nossa] que torna tudo isso possível, no Recife. São os seus auxiliares, do copista ao machinista, do ponto ao contraregra, seus os seus scenarios, é o seu guarda-roupa, é a completa organização theatral que ele representa, legado espiritual de Samuel Campello, patrimonio que a cada montagem mais se enriquece. A sua escripta está rigorosamente em dia – e á vista de quem quiser examiná-la. [...] E teremos feito, em 1941, no Recife, dignamente, um theatro melhor.



"PRIMEROSE"

ROBERT DE FLERS e A. CAILLAVET escreveram
NÉLO BARRETO traduziu

INTERPRETAM

Sra. VALTER DE OLIVEIRA
Dr. VALTER DE OLIVEIRA
Senhorinha NELI RABELO
Sr. ALBERICO GLASNER
Senhorinha DENISE ALBUQUERQUE
Sra. ALBERICO GLASNER
Dr. CRAVEIRO LEITE
Sra. PINHEIRO DIAS
Sr. HELIO TAVARES
Dr. JOSE' CARLOS CAVALCANTI BORGES
Sr. AUGUSTO ALMEIDA
Sr. ALBERICO COSTA
Senhorinha GENDHIA SÁ
CARLOS ROBERTO
Sra. VALDEMAR DE OLIVEIRA
Dr. PINHEIRO DIAS
Dr. VALDEMAR DE OLIVEIRA
Sra. J. C. CAVALCANTI BORGES

Montagem e direção geral do GRUPO GENTE NOSSA

"TEATRO DE AMADORES"

Em abril — KNOCK ou O TRIUNFO DA MEDICINA, em benefício da séde da Sociedade de Medicina de Pernambuco.
Em Junho — PRIMEROSE. Em benefício da Maternidade e do Hospital Pedro II.
Em Julho — UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA, em benefício do Abrigo Cristo Redemptor.
Em Outubro — O PROCESSO DE MARY DUGAN, em benefício do Instituto dos Cégos.

Com o objetivo de atrelar teatro de qualidade à ação filantrópica voltada a instituições de utilidade pública, a renda da peça foi direcionada em benefício da Maternidade do Hospital Pedro II, cuja construção já estava em andamento. A estreia se deu pontualmente às 20h30, para educar o público quanto ao horário e sem possibilidade de entrada após o começo da representação. Elogiada como "alta significação artística" atrelada ao "larguíssimo sentido social", a montagem, um drama sentimental sobre uma jovem que entrega-se à ordem religiosa mesmo ainda amando

Robert de Flers

Gaston-Arman de Caillavet

Primerose

seu antigo namorado (no papel de protagonista, Geninha Sá estreando no Teatro de Amadores, já bastante elogiada por sua interpretação), foi saudada no *Jornal do Commercio* (8 de junho de 1941):

> A representação está a cargo do *Theatro de Amadores*, departamento especial do *Grupo Gente Nossa*. O velho conjunto, tendo suspendido [temporariamente] o seu elenco de profissionaes, dedica-se, hoje, a fomentar as actividades do amadorismo theatral no Recife, mandendo o Theatro Infantil e, agora, o Theatro de Amadores, que, em sua primeira apresentação, nos deu um brilhante desempenho da comedia francesa *O dr. Knock*, em beneficio da Sociedade de Medicina. Todos os espectaculos do *Theatro de Amadores* serão em favor de instituições de utilidade social, destinando-se, o de sabbado próximo, [...] á Maternidade do Hospital Pedro II. Tomarão parte na representação as seguintes destacadas figuras dos nossos circulos sociaes: dr. Coêlho de Almeida e senhora, dr. José Carlos Cavalcanti Borges e senhora, dr. Waldemar de Oliveira e senhora, dr. Walter de Oliveira e senhora, snr. Alberico Glasner e senhora, dr. Ferreira dos Santos, senhorinhas Nelly Rabello, Geninha Sá e Lourdes Cavalcanti Borges, o pequeno Carlos Roberto, filho da professora Celeste Dutra, e os snrs. Alderico Costa, Helio Tavares e Augusto Almeida, director do Grupo Scenico Espinheirense, que têm prestado a sua collaboração ao *Theatro de Amadores*. A montagem será das mais perfeitas que aqui se têm exhibido. Dois grandes scenarios a compõem, confeccionados pelos machinistas José Barros e João Alves.

Ainda na equipe técnica, Abelardo Cavalcanti (Coleguinha) como ponto – mas a equipe contracenou quase sem o amparo dele –, Francisco Miranda como contrarregra, e Oswaldo Barreto na direção de cena. A direção geral coube a Valdemar de Oliveira. Surpreso com o que viu em *Primerose*, mas sem querer fazer uma crítica do espetáculo, o jornalista Mário Melo ressaltou o "acontecimento social" que foram as apresentações desde *O Dr. Knock ou O Triumpho da Medicina*. Escreveu ele no *Jornal do Commercio* (17 de junho de 1941):

> Poderia mesmo dizer que se está recivilizando o Recife! Outrora, pisar uma senhora, no palco, era motivo para quebra de conceito. Ir homem casado á um camarim, constituia causa justa para amuo conjugal e até para separações de casais. E o que vemos agora, no Recife, é a dignificação do teatro. Um conjunto de amadores da mais elevada representação social, a interpretar peças de responsabilidade e a empolgar a platéia, acostumada a aplaudir profissionais de alto coturno. E como coroação de tudo, os produtos dos espetáculos aplicados em obras sociais. Samuel Campêlo cavou os alicerces e Valdemar de Oliveira está edificando.

Os elogios não paravam. A *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (20 de junho de 1941), por exemplo, lembrou:

> Vale registrar os aplausos de toda a cidade a êste empreendimento que tem á frente Valdemar de Oliveira. Não é demais ressaltar o gosto e a correção dos interpretes de *Prime-*

rose, amadores de teatro, temperamentos que transmitiram justamente as emoções dos personagens á sensibilidade do público. Cenario, marcação, libreto, interpretação, elementos todos do espetaculo em um nivel muito alto e desvanecedor. Na vida cidade, o Teatro de Amadores, dedicado a auxiliar instituições de caridade reafirmou a finura da arte e a beleza de um altruismo que encantam. *Primerose* – o proprio nome da peça parece muito simbolico do movimento de amadores...

Primerose teve inicialmente três récitas, sendo reapresentada no mês de novembro, em benefício da Escola Normal Pinto Júnior e da Maternidade do Hospital Pedro II, totalizando seis sessões em 1941. Mal havia estreado *Primerose*, o Teatro de Amadores já anunciou os ensaios de sua nova peça: *Uma Mulher Sem Importância*, do dramaturgo e poeta irlandês Oscar Wilde (sem referência a quem fez a tradução), sob direção de Valdemar de Oliveira. O lançamento desta nova obra, uma comédia de costume que revela e ridiculariza as máscaras sociais usadas pela alta burguesia inglesa, aconteceu num intervalo de pauta livre do Teatro de Santa Isabel, entre a temporada da Companhia de Comédia Mesquitinha e a da Companhia Jaime Costa, no dia 26 de julho de 1941. O fato de ser mais um texto estrangeiro, suscitou polêmicas entre os intelectuais, preocupados com esse desprestígio ao autor nacional. Valdemar de Oliveira explicou suas razões na coluna *A propósito...*, do *Jornal do Commercio* (16 de julho de 1941):

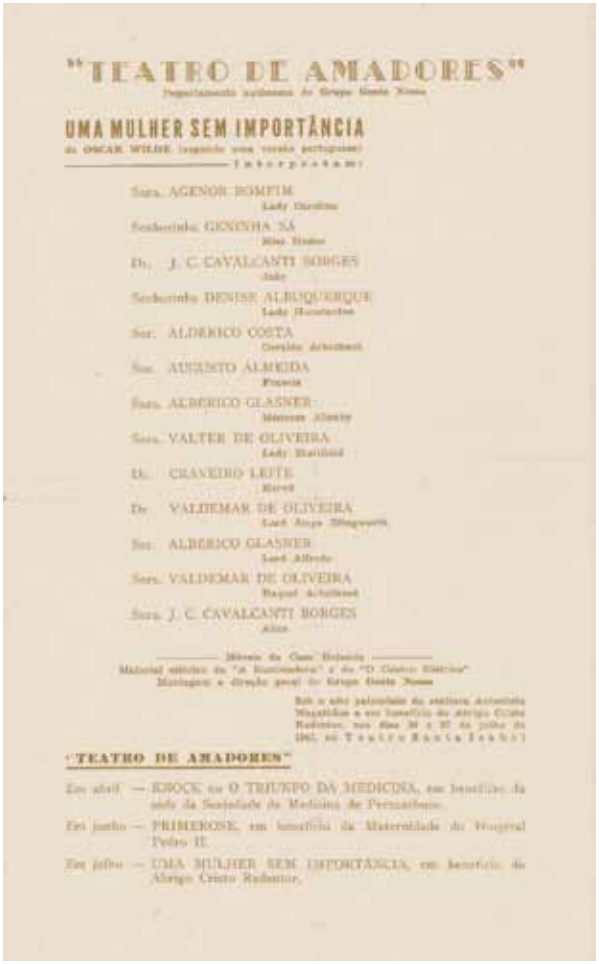
Oscar Wilde

> Repito o confronto feito: o repertório nacional é parco e explorado, o que não se dá com o repertório estrangeiro. [...] que direito temos de privar o público do conhecimento das obras primas do teatro universal? [...] Raras companhias por aquí estiveram, trazendo no seu repertório peças de renome mundial. Só Lucila Simões e Érico Braga nos deram alguma coisa. Dêsde então temos vivido numa verdadeira penúria de originais estrangeiros de valor. Tôda uma literatura teatral de primeira ordem nos tem sido vedada porque as companhias visitantes entendem que o nosso público quer rir e nada mais. [...] Isto é uma bobagem como outra qualquer. O público mais culto aceitará o gênero leve e o gênero sério, pois, a verdade é que "não há teatro brasileiro nem teatro estrangeiro, mas, teatro bom e teatro máu[*"*]. [...] Há sempre uma *elite* capaz de discernir o melhor e de lhe levar a sua solidariedade.

No livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 109.), o pesquisador Antonio Edson Cadengue revelou:

Uma Mulher Sem Importância

Uma Mulher Sem Importância



"TEATRO DE AMADORES"

UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA

"TEATRO DE AMADORES"

A imprensa recebe bem o trabalho dos Amadores nesta peça, ressaltando-se sempre o seu propósito de fazer teatro com maestria e competência, apesar das deficiências próprias de um grupo praticamente iniciante, formado para "realizar espetáculos que sejam lições, sobretudo, para o próprio elenco" [LOPES, Silvino. Wilde no Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*, Recife, 3 ago. 1941, p. 4.], que se mostra homogêneo em sua interpretação. Os destaques vão para o arrojo do Teatro de Amadores, que "não deve ser considerado apenas um motivo diversional, mas, principalmente, conduto da inteligência em prol da cultura" [TEIXEIRA, Luiz. Uma Mulher sem Importância. *Diário da Manhã*, Recife, 3 ago. 1941, p. 4.]; amadores que "alcançam a finalidade desse teatro, realmente limpo", cujo mérito maior é ser "o de divulgador de grandes peças estrangeiras que jamais seriam dadas ao público do Recife, sem ele" [*em ambos,* LOPES, Silvino. Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*, Recife, 5 ago. 1941, p. 3.].

As quatro sessões de *Uma Mulher Sem Importância* realizadas naquele ano, tiveram toda a renda líquida revertida para o Abrigo Cristo Redentor. Por sua vez, a última ação do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa em 1941, também coordenado pelo incansável Valdemar de Oliveira, foi uma festa para celebrar o êxito das oito representações de *Em Marcha, Brasil!*, ainda em maio. Primeiramente, o elenco seguiu em bonde especial para conhecer as dependências da Escola Rural Modelo, inclusive o pavilhão de escoteiros, sendo recebido por alunos e professores. Voltando ao Teatro de Santa Isabel, no salão nobre, houve lanche e distribuição de brinquedos e brindes oferecidos pelas empresas Carlos de Brito & Cia., Fábrica Pilar, Renda

Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa em festa

Priori, Cia. Fratelli Vita e Companhia Santa Clara, além de agradecimento especial à Associação Pernambucana de Escoteiros.

Ao final, Valdemar de Oliveira revelou o movimento financeiro do grupo, suas despesas – sem pagamento a qualquer diretor do Grupo Gente Nossa – e fez doação da renda líquida para o Pavilhão Provisório de Menores. "A festa de domingo, á qual compareceram mais de cinquenta crianças, deixou a melhor impressão, sendo grande a animação dos presentes pelas futuras realizações do Theatro Infantil", registrou o *Jornal do Commercio* (25 de maio de 1941). Entre outubro e novembro de 1942, seis novas sessões de *Em Marcha, Brasil!* foram agendadas no Teatro de Santa Isabel, totalizando quatorze récitas. E o grupo terminou sua trajetória ali.

Somente em outubro de 1944, uma de suas peças infantis, *A Princesa Rosalinda*, voltou a ser lembrada quando o *Jornal do Commercio* (8 de outubro de 1944) noticiou o desejo do departamento infantil do Teatro Escola do Amazonas, composto por "diversos amadores da sociedade local" e tendo à frente o dr. Gebes Medeiros, de levar à cena esta opereta, com o autor convidado a assistir sua estreia. Mas tudo faz crer que a montagem não aconteceu, até porque Gebes Medeiros seguiu para São Paulo em 1945 e não há nenhuma referência a esta peça no repertório do grupo, como atesta o livro *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)* (2001, p. 25-224.), dos pesquisadores Selda Vale e Ediney Azancoth. Vale citar que o Núcleo Theatral Getúlio Vargas, de Olinda, chegou a estrear, no dia 15 de junho de 1941, no Salão Pio X, a peça infantil *Zito, o Peralta*, drama em dois atos de Severino Bezerra, sob a direção cênica do autor, e direção musical de Clídio Nigro e Mirtes Pina. No elenco, alunos do Grupo Escolar Duarte Coelho. A montagem chegou a festejar sua terceira apresentação em sequência.

Também celebrando três récitas de muitos aplausos no Teatro de Santa Isabel, foi reapresentada a revista cívico-escolar *Coisas do Meu Brasil*, estreada no ano anterior, com autoria da senhora Maria Elisa Viegas. Já a "fantasia religiosa" *Noite de Natal*, dos Irmãos Valença, cumpriu duas únicas sessões naquele mesmo palco, ambas no final de janeiro e atraindo famílias

Raul Valença e João Valença

Lourival Santa Clara

inteiras. No entanto, o grande destaque do ano foi mesmo a criação do Grupo Infantil de Comédias, com o recorde de récitas para crianças em 1941, dez no total, superando, inclusive, as oito sessões do Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Liderado pelo teatrólogo Waldemar Mendonça (o autor mais encenado naquele ano), com direção musical de Lourival Santa Clara, o Grupo Infantil de Comédias tornou-se, inclusive, sinônimo de longevidade na produção cênica do Recife para o público mirim.

Pelo menos até a primeira metade da década de 1940, poucas ainda foram as iniciativas teatrais voltadas à infância no Recife. Quem reinou quase absoluto neste período foi o diretor, dramaturgo, ator e radiator Waldemar Mendonça, que nos anos 1937 e 1938, junto ao ator Gerson Vieira, mantinha a Troupe da Bôa Vontade com espetáculos adultos no Theatro Livramento, no Feitosa; e em janeiro de 1942 integrou o elenco da peça *Coitado do Xavier*, original de Batista Carvalho e Agenor Chaves, no núcleo profissional do Grupo Gente Nossa, sob direção de Elpídio Câmara (esta equipe de profissionais, paralela ao núcleo amador liderado por Valdemar de Oliveira no Grupo Gente Nossa, ficou restrita aos anos 1941 e 1942). Foi no dia 2 de maio de 1941 que Waldemar Mendonça, provavelmente influenciado pelas matinais dominicais do Teatro de Santa Isabel, lançou o Grupo Infantil de Comédias, conjunto que perdurou por mais de vinte e cinco anos ininterruptamente e, assim como o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, tinha caráter amador. No elenco, somente crianças, entre cinco e quinze anos.

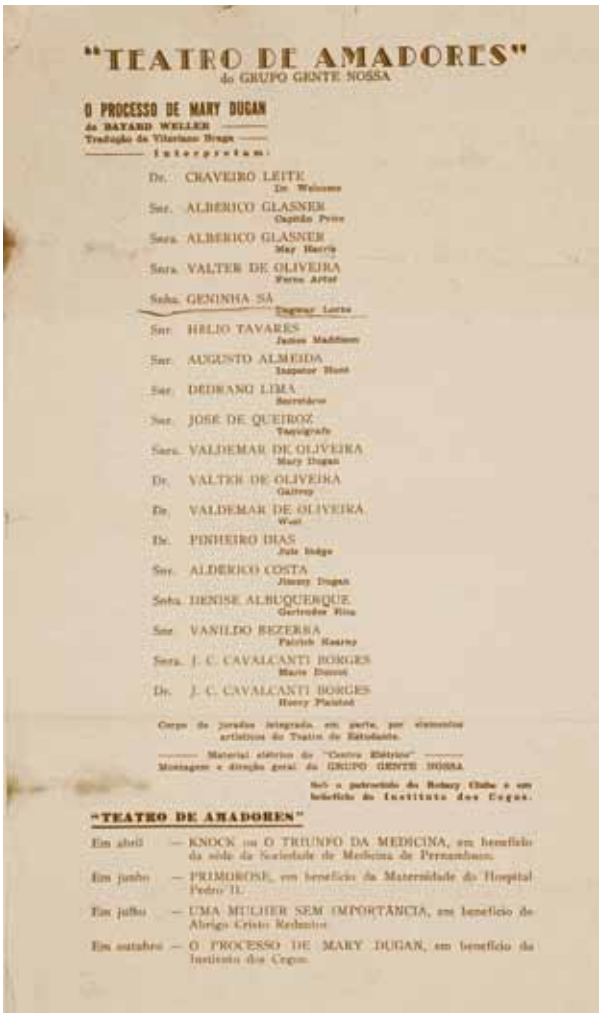
A estreia se deu com *O Prêmio de Boas Notas*, do próprio diretor Waldemar Mendonça, no dia 15 de junho de 1941, reunindo os atores crianças Cleópatra Guimarães, Mário Guimarães, Maria Eunice Rocha, Ana Borba, Nelson Gusmão, Vanilda Melo, Luiza Aguiar, Maria Freire, Edite Accioly, Nanete Miranda e Letícia Aguiar. Em seguida, outra peça de sua autoria, *Fruto da Terra*. As primeiras sessões aconteceram no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, sempre a preços populares, mas diversos outros palcos também foram ocupados pela equipe, como o Teatro de Santa Isabel (raramente, mas com primeira sessão ainda em dezembro de 1941), além de centros operários dos subúrbios recifenses, o Teatro do Dérbi – quando voltou à ativa em 1949 – e, mais à frente, o Centro Paroquial Frei Casimiro, junto à Matriz de Nossa Senhora do Bom Parto, na Estrada de Belém, no bairro de Campo Grande, que se tornou sua principal sede a partir de maio de 1953, graças ao apoio do cônego Gilberto Carneiro Leão. Lá, as estreias aconteciam quase que mensalmente, priorizando textos com caráter educativo e religioso. Ao final de cada apresentação, era comum abrir espaço para um ato variado, inclusive com números musicais, além da distribuição de presentes.

Na imprensa, críticos como Isaac Gondim Filho e Valdemar de Oliveira ressaltaram a ingenuidade artística da equipe, sempre com uma "lição de moral" presente em cada peça apresentada, mas valorizaram a iniciativa de Waldemar Mendonça, diretor exclusivo de todos os trabalhos, ao introduzir muitos meninos e meninas na arte teatral. Sob o título *De Calças Curtas*, Joel Pontes teceu o seguinte comentário no livro *O Teatro Moderno em Pernambuco* (1966, p. 56-57.):

> O Grupo Infantil de Comédias teve o elenco exclusivamente composto de crianças, o que

lhe dava certo caráter de "fechado" e impossibilitava a manutenção demorada do mesmo naipe de atores. Não obstante, enquanto funcionou, amparou muitas vocações que, na idade adulta, se tornaram utéis às estações de rádio e de televisão, mais do que ao teatro: Luís Queiroga e J. Rodrigues, entre outros. Fundado a 2.5.41, um mês depois do TAP, o Grupo nunca teve outro diretor de espetáculos além do seu responsável geral, Valdemar Mendonça, antigo ator e radiator. Escreveu ele, para o seu conjunto, mais de 20 peças não se interessando em editar nenhuma por considerá-las exclusivas do Grupo. [...] Registre-se, portanto, a abnegação extrema, de mais de trinta anos de trabalhos empregados por um homem pobre, sem nenhum proveito pessoal (as rendas se destinavam a instituições pias), sem procurar sequer usufruir os méritos de escritor. Não os ponho em discussão, nem creio que as finalidades do grupo sejam atingidas – "proporcionar às crianças o desenvolvimento cultural e artístico" – mas não se pode passar sem uma referência de humana compreensão pelo esforço de uma vida inteira, quando existe nela a cândida certeza de que é assim que se deve ensinar às crianças o amor do teatro. Se no futuro elas chegam a entender que não é "aquêle" o teatro, não faz mal, muito pelo contrário; essa compreensão dará ao diretor do GIC a sua exata dimensão. Alguns outros autores do repertório: Heronides Silva, Jomar Austregésilo, Sotero de Souza, pernambucanos; Carlos Góis, Figueiredo Pimentel e Frei Pedro Sinzig. Os espetáculos sempre terminavam com um ato variado: canções, recitativos...

Voltando ao Teatro de Amadores, sua mais nova produção foi a peça *O Processo de Mary Dugan*, de Bayard Weller, com tradução de Vitoriano Braga, em estreia no dia 11 de outubro de 1941 e renda destinada ao Instituto dos Cegos por indicação do Rotary Club de Pernambuco. Valdemar de Oliveira, sem falsa modéstia, escreveu para sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (5 de outubro de 1941):



"TEATRO DE AMADORES"

do GRUPO GENTE NOSSA

O PROCESSO DE MARY DUGAN

de BAYARD WELLER

Tradução de Vitoriano Braga

Interpretam:

Dr. CHAVEIRO LEITE — Dr. Wilcome

Snr. ALBERICO GLASNER — Capitão Price

Snra. ALBERICO GLASNER — May Harris

Snra. VALTER DE OLIVEIRA — Porta Artal

Srta. GENINHA SÁ — Dagmar Lorta

Snr. HELIO TAVARES — James Maddison

Snr. AUGUSTO ALMEIDA — Inspetor Hunt

Snr. DEDIANO LIMA — Barroleiro

Snr. JOSE DE QUEIROZ — Taquígrafo

Snra. VALDEMAR DE OLIVEIRA — Mary Dugan

Dr. VALTER DE OLIVEIRA — Gallroy

Dr. VALDEMAR DE OLIVEIRA — Wait

Dr. PINHEIRO DIAS — Juiz Indge

Snr. ALDERICO COSTA — Jimmy Dugan

Srta. DENISE ALBUQUERQUE — Gertrudes Rita

Snr. VANILDO BEZERRA — Patrick Kearny

Snra. J. C. CAVALCANTI BORGES — Marie Dunnoi

Dr. J. C. CAVALCANTI BORGES — Harry Plaistol

Corpo de jurados integrado, em parte, por elementos artísticos do Teatro de Estudante.

Material elétrico do "Centro Elétrico"

Montagem e direção geral do GRUPO GENTE NOSSA

Sob o patrocínio do Rotary Clube e em benefício do Instituto dos Cegos.

"TEATRO DE AMADORES"

Em abril — KNOCK ou O TRIUNFO DA MEDICINA, em benefício da sede da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Em junho — PRIMROSE, em benefício da Maternidade do Hospital Pedro II.

Em julho — UMA MULHER SEM IMPORTÂNCIA, em benefício do Abrigo Cristo Redentor.

Em outubro — O PROCESSO DE MARY DUGAN, em benefício do Instituto dos Cegos.

Waldemar Mendonça

Vitoriano Braga

O Processo de Mary Dugan

> O grande acontecimento artístico da semana vai ser a primeira representação da peça americana *O processo de Mary Dugan*, pelo Teatro de Amadores. Os ensaios estão sendo apurados no Santa Isabel. Os maquinistas se movimentam. Há adaptação de cenários. A comparsaria [figurantes] toma os seus lugares. Quasi trinta pessoas se encarregarão do desempenho do notável trabalho que se desenrola, nos seus três atos, num tribunal de Nova York, durante o julgamento de um caso passional que apaixona a opinião pública. Mais uma vez, o Teatro de Amadores faz reverter a renda dos seus espetáculos em benefício de instituições de caridade. Desta vez, será o Instituto dos Cegos. E é assim que se atinge, ao mesmo tempo o objetivo artístico e o objetivo filantrópico, para os quais se organizou êsse departamento do Grupo Gente Nossa.

É mais uma vez o livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 110.), do pesquisador Antonio Edson Cadengue, que traz detalhes da proposta e sua repercussão naquele momento:

> Uma novidade é apresentada como de grande originalidade técnica: a "cenoplastia", que representa a sala de um tribunal, construída com fidedignidade, sempre à vista do público, mesmo nos intervalos, pois o velário nem mesmo neles fecha-se [Cf. Em ensaios de apuro, O Processo de Mary Dugan. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de outubro de 1941. p. 7.]. Há outras novidades: por todo o teatro, espalham-se campainhas que chamam o público, sendo cada ato iniciado pelas palavras protocolares do secretário do tribunal [Cf. O Processo de Mary Dugan. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1941. p. 5.]. O crítico Luiz Teixeira renova seus aplausos ao conjunto amadorístico. Considera sua crítica mero registro, já que não se julga um especialista no assunto. Constata que o trabalho dos Amadores, embora não se constitua em uma audácia de renovação de cena (afirma que ela é calcada em moldes comuns, mesmo rotineiro), seu feitio sobressai-se, primeiro por sua singularidade artística de não ir ao encontro das "chanchadas" que proliferam no teatro brasileiro e, segundo, por seu elenco, composto de pessoas determinadas no "engrandecimento artístico dos seus conterrâneos" e dispostas "ao duelo das deliberações decorosas contra – até mesmo – certos preconceitos subsistentes nos Catões que ainda trazem jungidas à cintura, as tangas de paxiúba provindas do nosso ancestral Caeté..." [TEIXEIRA, Luiz. Em torno do Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 19 de outubro de 1941. p. 8.]. Uma (sic) breve olhar crítico ao modo de pensar e/ou agir da cidade do Recife.

Paralelamente às ações do Teatro de Amadores, pequenos outros conjuntos se organizaram no Recife em 1941: o Grêmio Artistas Unidos, que se exibiu no Cine-Olinda, no bairro do Feitosa, e no Teatro de Santa Isabel, tendo como diretor artístico Aluísio Campêlo; o Grêmio Theatral Familiar de São José, que promoveu seis espetáculos no teatrinho pró-

prio da rua do Muniz; o Grupo Artístico Pernambucano, de Beberibe, com apenas um espetáculo realizado; o Grupo Artístico de Amadores, também com um espetáculo no Cine-São João, no bairro de Tejipió, e o Grupo Infantil de Comédias, com suas dez primeiras récitas, todas com peças de Waldemar Mendonça. Vale ainda registrar que, em junho, o Teatro da Mustardinha recebeu um festival do sambista José Belarmino, quando foi encenada a comédia *Produto Nacional*, de Eustórgio Vanderlei, tendo no desempenho o próprio beneficiado junto a Acácia Coutinho, Israel Pinangé, José Rodrigues e Beatriz Campêlo, seguida da revista *Onde o Céu é Mais Azul*, com números de sambas, rumbas, *foxs*, com Leovigildo Galvão, Marta Ferreira, Ivonilde Castro e Maria do Carmo.

A sambista Betty Simone, uma das atrações da Festa da Mocidade em 1941

Ainda em 1941, Nuripê Bittencourt e Branca Mauá organizaram um festival em benefício no Teatro de Santa Isabel, e o Centro de Cultura Miguel Couto, do Instituto Carneiro Leão, também apareceu na cena para um único espetáculo. O Teatro do Estudante de Pernambuco não conseguiu organizar nenhum novo trabalho naquele ano e desapareceu por enquanto. Já o Grêmio João Caetano produziu, no Cine-Teatro Elite, no bairro das Graças, a peça sacra *Drama do Calvário*, com "35 figurantes ostentando rigorosa indumentaria", conforme o jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (9 de abril de 1941). O ator Paulo Marcondes foi o intérprete de Jesus, contracenando com Paulo Cordeiro, Pires Filho, M. Rijo, Maria Célia Brito, Gerson Vieira, Gil Garret, Barreto de Oliveira, Vilma Zamorano, Ferrer Júnior, Barbosa Neto, Neide Pires, Júlio Zamorano, Fernando Fernandes e Edil Moura, entre outros. Nos intervalos foram tocados números clássicos.

Naqueles primeiros anos da década de 1940, além das poucas apresentações para crianças no Teatro de Santa Isabel ou nos cineteatros dos subúrbios, que desapareciam paulatinamente, um outro importante pólo que recebia programação também para a meninada era o Teatro de Variedades que funcionava no Parque 13 de Maio, no centro do Recife ("ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador", como divulgado na imprensa). Isto durante a Festa da Mocidade, evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco desde dezembro de 1936, quase sempre perdurando entre os meses de novembro a março. No grandioso evento, que se prolongou por mais de três décadas, uma série de atrações nacionais e internacionais do teatro, do rádio, da dança, da música e dos esportes se exibiam em revezamento constante, além do espaço aglutinar parque de diversões, o "Presépio Maravilha", lutas greco-romanas, exibições de dupla caipira, bonequeiros, comediantes e a anual escolha da Rainha da Festa da Mocidade. Tudo isto para agradar a crianças, mas, principalmente, aos adultos que tinham muito mais opções de diversão popular.

Mesmo sem auxílio ou reconhecimento federal algum naquele ano, o Teatro de Amadores, sem dúvida o maior acontecimento de 1941, obteve êxito artístico, social e financeiro, revertendo a renda líquida dos seus espetáculos em benefício de instituições sociais do Recife, de Natal e Fortaleza, além de começar a preparar o público, cada vez mais, para obras do grande teatro universal. No entanto, clamando por uma nova casa de espetáculos no Recife, Valdemar de Oliveira pontuou em sua retrospectiva do ano preparada para o *Jornal do Commercio* (8 de fevereiro de 1942):

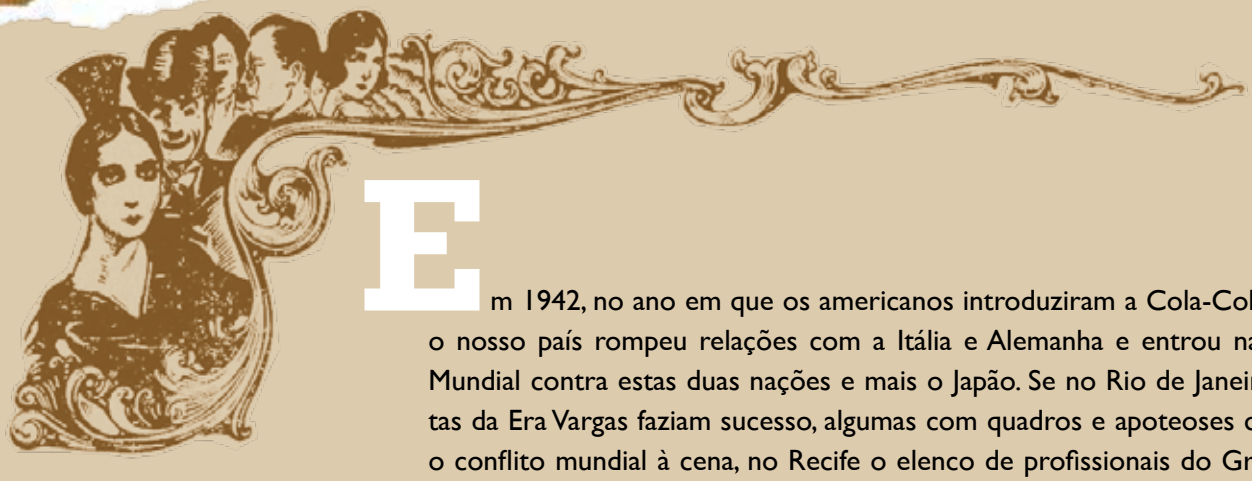
> O Teatro Santa Isabel continuou a ser, no Recife, o refúgio de tôdas as apresentações de arte, formaturas, [*Ritmos* e *Sons*, do Ginásio Vera Cruz, foi uma das produções escolares daquele ano, assim como a apresentação do Corpo de

Ritmos e Sons

Corpo de Bailados da Escola Normal Pinto Júnior

Bailados da Escola Normal Pinto Júnior], etc. O problema angustiante de casas de diversões se fez sentir durante mais um ano, comprometendo temporadas, sacrificando candidatos avulsos e impondo a suspensão das atividades teatrais locais, em mais de uma ocasião. O caso do Teatro Infantil é típico, pois, as crianças não podem ensaiar, muito menos representar, a não ser no Santa Isabel. O mesmo se dirá do elenco de profissionais do Grupo Gente Nossa, que de maio a setembro, se viu totalmente privado do nosso único teatro. Quanto ao Teatro de Amadores, ensaiou, durante muito tempo, no teatrinho do Grupo Cênico Espinheirense, aproveitando os intervalos entre as temporadas teatrais das companhias sulistas para aparecer. Quer dizer que o nosso problema máximo, no cenário musical e teatral do Recife, continuou sem solução, em 1941. E sem esperanças de solução.

1942



Em 1942, no ano em que os americanos introduziram a Cola-Cola no Brasil, o nosso país rompeu relações com a Itália e Alemanha e entrou na II Guerra Mundial contra estas duas nações e mais o Japão. Se no Rio de Janeiro as revistas da Era Vargas faziam sucesso, algumas com quadros e apoteoses que traziam o conflito mundial à cena, no Recife o elenco de profissionais do Grupo Gente Nossa iniciou suas atividades com vesperais nos dias 4 e 6 de janeiro, no Teatro de Santa Isabel, encenando a peça *Deus Lhe Pague*, o maior sucesso do dramaturgo carioca Joracy Camargo. Escrita em 1933, a obra já era o carro-chefe do ator Procópio Ferreira e se tornou o maior sucesso do teatro brasileiro na primeira metade do século XX. Foi a primeira peça teatral brasileira encenada no exterior, alcançando prestígio internacional e sendo adaptada para o cinema na Argentina. No Recife, o ator Elpídio Câmara também recebia elogios por sua atuação como o protagonista da trama.

Naquele momento, o elenco do Grupo Gente Nossa também era formado por Luiza de Oliveira, Lourdes Monteiro, Lélia Verbena, Marilda Castro, Linda Paz, Mayerber de Carvalho, Vicente Cunha, Paulo Marcondes, Alzira Silva, Waldemar Mendonça, João Pires, Gerson de Souza, Virgínia Zamoreno e Batista Teixeira. Para agradar ao público, uma nova peça já se achava em ensaios. Poucos dias depois, ainda no primeiro mês de 1942, enquanto a Festa da Mocidade promovia a *Tarde do Gurí Pernambucano*, com o trampolim dos calouros infantis no Parque 13 de Maio, além da "Noite de Salomão Absalão e Zé Coió", humoristas bastante conhecidos, o núcleo de artistas profissionais do Grupo Gente Nossa preparou o espetáculo *Feia*, de Paulo Magalhães (o autor mais encenado no Brasil desde 1938, segundo o Serviço Nacional de Teatro), contando com os atores Lourdes Monteiro, Luiza de Oliveira, Paulo Marcondes, Batista Teixeira, Alzira Silva, Gerson de Souza, Elpídio Câmara e Lélia Verbena. Esta última chegou a promover um fes-

Lélia Verbena

tival com renda para si própria – como era de praxe – com apresentação da comédia *Assim Não é Pecado*, original francês de André Barde, em tradução portuguesa de Roberto Barreto.

Também foram produções deste núcleo profissional do Grupo Gente Nossa naquele início de ano, *Coitado do Xavier*, de Batista Júnior, com direção de Elpídio Câmara (que estava à frente do coletivo), e *O Inimigo Íntimo*, de Pacheco Filho. Outro ator que também apresentou o seu festival artístico foi Batista Teixeira, com a comédia *Longe dos Olhos*, de Abadie Faria Rosa, em vesperal no Teatro de Santa Isabel. Ainda em janeiro, o Grêmio Lítero-Teatral Dom Pedro II, composto por alunos do Liceu de Artes e Ofícios, promoveu um festival de arte na estrada do Lucas, n. 54, no Núcleo do Prado, com apresentação do drama em dois atos *Lenira*, seguido de números de variedades. O objetivo foi "angariar elementos pecuniários destinados à remodelação da sede do núcleo do Prado, dos Círculos Operários", segundo o *Jornal do Commercio* (18 de janeiro de 1942). No mês de abril, foi a vez de preparar *Erro de Um Pai*, no próprio Liceu de Artes e Ofícios, com os atores Hercílio Medeiros, José Cavalcanti, Alcides Oliveira, Joserinda Correia, Edgar Silva e Jaime Amorim. Seguiu-se um ato variado.

No mês de fevereiro, uma nova produção profissional do Grupo Gente Nossa ganhou o palco do Teatro de Santa Isabel, *Hotel dos Amores*, do carioca Miguel Santos, paralelamente enquanto o Grupo Infantil de Comédias levava ao Cine-Teatro Olinda, do Feitosa, em matinal às 10 horas, a comédia carnavalesca *Quem Será o Palhaço?*, de autoria de Waldemar Mendonça, com direção deste, e música do maestro Lourival Santa Clara, seguida de um ato variado com todo o elenco de crianças. Nos intervalos, brindes como lança-perfumes, confetes e serpentinas foram sorteados entre as meninas e meninos e senhorinhas presentes. No elenco, Nelson Gusmão, Ana Borba, Lourdinha Silva, Jomira Lima, Mário Guimarães, Jomir Austregésilo, Maria Borba, Edvaldo Barreto, Maria Costa e Angelina Oliveira. Em seguida, a turma apresentou *Amor Materno*, peça dramática de Jomar Austregésilo, autor e ator então com dezesseis anos. Em março, a peça voltou a ser representada.

Quanto ao Teatro de Amadores, somente no dia 19 de abril de 1942, para um Teatro de Santa Isabel repleto de convidados especiais, incluindo autoridades civis e militares, o grupo lançou mais um trabalho elogiado: *Alto Mar,* texto de Sutton Vane, com tradução do cearense Joaquim Antônio Albano. A montagem serviu para celebrar o aniversário do presidente Getúlio Vargas, que "se tem mostrado um grande amigo do teatro", como lembrou o *Jornal do Commercio* (12 de abril de 1942). Toda a renda foi destinada à Casa Tomé Gibson (Casa do Jornalista), numa parceria com a Associação de Imprensa de Pernambuco (AIP). A encenação contou com cenário confeccionado pelo maquinista José Barros e pelo contrarregra Francisco Miranda, além de apliques e telões de fundo realizados pelo cenógrafo Álvaro Amorim. As cabeleiras das personagens foram encomendadas no Rio de Janeiro ao especialista Assis. Por tudo isso, o crítico Luiz Teixeira, no *Jornal do Commercio* (3 de maio de 1942), voltou-se aos gregos para elogiar o Teatro de Amadores:

Getúlio Vargas

José de Barros

"ALTO MAR"

Sutton Vane escreveu

Joaquim Antonio Athayde traduziu

INTERPRETAM:

Snr. Alderico Costa
Scrubby

Senhorinha Emilinha Sá
Ana

Dr. Valdemar de Oliveira
Jorge

Dr. Alfredo de Oliveira
Tom Prior

Snr. Valdemar de Oliveira
Cliveden Banks

Dr. J. C. Cavalcanti Borges
Duke

Senhorinha Eunice Catunda
Midget

Dr. Valfre de Oliveira
Lingley

Dr. Jacocyra dos Santos
Thomson

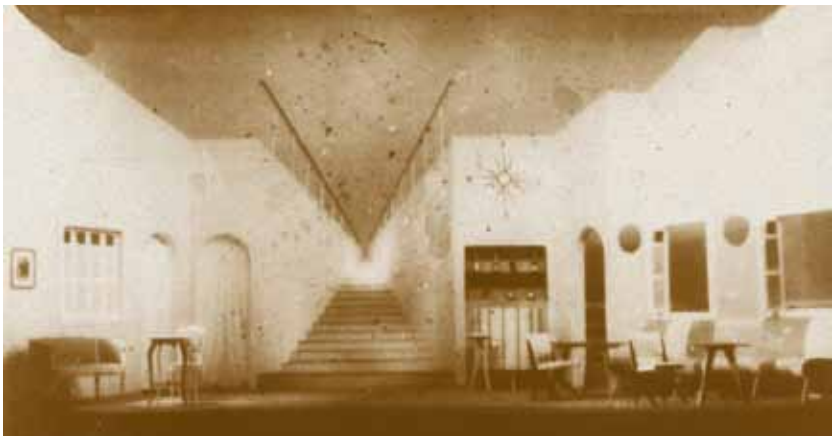
Material elétrico da "Casa Fiesen" de V. J. Azevedo & Cia
RUA 1º DE MARÇO, 90

Montagem e direção geral do GRUPO GENTE NOSSA

Pelo TEATRO DE AMADORES — em benefício da Casa de Jornaleiros da Policarpo, em abril de 1942, no Teatro Ipiranga.

Somos dos que têm acompanhado a fulgente trajetória do Teatro de Amadores com cincera (sic) e grande admiração, não sendo menores os nossos aplausos ao que de realmente valioso significa o aludido núcleo teatral no vasto, deserto e melancólico panorama da Arte cênica brasileira infelizmente reduzida, e abastardada, quando ainda generosamente, a simples motivo diversional, isso por fôrça da ambição que a maioria dos responsáveis pela manutenção da sua intrínseca fisionomia concentra nos fascinantes e egocêntricos proventos materiais. Outro – bem mais diferente

Alto Mar



Cenário de *Alto Mar*

Alto Mar

e elevado – é o destino do Teatro. Acima de mero fundamento para "passar o tempo", é, o Teatro, conduto precioso de úteis ensinamentos e sublinhada expressão da cultura de um país. O Teatro é uma síntese das inquietações do espírito coletivo e a manifestação artística que melhormente se nutre do povo. [...] Agora, temos nova oportunidade para enaltecer o Teatro de Amadores. Deus-nos o ensejo de assistir, ante-ontem, a representação de uma peça do repertório universal, destinada às platéias de vanguarda. Sem o concurso decisivo dêsses amadores que dignificam, sob qualquer aspecto, a arte cênica brasileira, não teríamos, estamos certos, experimentado as emoções que à nossa sensibilidade ofereceu *Alto Mar* – profundas emoções que tivemos graças ao valor intelectual da peça, ao cuidado existente na sua montagem e, também ou principalmente, à interpretação magnífica que lhe deram os componentes do Teatro de Amadores. Considerada por muitos uma sátira contra os princípios filosóficos e científicos do espiritismo, é em tôrno dos seus discutidos fenômenos que se desenvolve a impressionante urdidura de *Alto Mar*. Mas, não é das teorias expostas na peça que iremos tratar. Essas teorias – racionais ou absurdas – até hoje têm fugido à exata compreensão humana e, nada obstante, refletem a orientação espiritual do mundo hodierno. Essas teorias de há muito vêm sendo afirmadas e negadas, e, através dos séculos, prosseguirão em litígio – sem que uma tênue réstea de entendimento possa elucidar o enigma daquilo que possivelmente se verifica além da morte. Sugere-nos esta nota o desempenho dado a *Alto Mar* pelo Teatro de Amadores. Cremos, o próprio autor da empolgante peça sentir-se-ia satisfeito em vê-la interpretada da maneira por que o fizeram os amadores pernambucanos. Não exageramos e somos insuspeitos no julgamento emitido. No desenvolvimento cênico de *Alto Mar* todos os figurantes concorreram para o seu notável êxito. Os componentes do Teatro de Amadores integraram-se completamente nas personagens e tiveram o poder de esgotar inteiramente as figuras que representavam. A interpretação – por nós entusiasticamente aplaudida – da peça de Sutton Vane denunciou o esfôrço e a proficiência de quem, dando-lhe acertado roteiro, dirigiu o corpo cênico do Teatro de Amadores.

Para o mês de abril, além do Circo Nerino ocupar a avenida Visconde de Suassuna com inúmeras atrações e ser reinaugurado pela atriz Lourdes Monteiro o "Café Bichôcha", café do Teatro de Santa Isabel, voltou à cena no palco deste teatro *O Mártir do Calvário*, drama sacro de Eduardo Garrido, pelo Grupo Gente Nossa, para uma série de apresentações a preços populares em celebração à Semana Santa e em homenagem à família católica pernambucana. No elenco, Paulo Marcondes no papel principal (Jesus), Lourdes Monteiro (no papel da Virgem Maria), além de Lélia Verbena (Madalena), Vicente Cunha (Pilatos), Elpídio Câmara (Judas), Ary Guimarães, Linda Paz, Tancredo Seabra, Gerson Vieira, Mayerber de Carvalho, Ivonete Ramalho, Carlos Lopes, Aloísio Campelo, Marilda

Mayerber de Carvalho

Castro, Sônia Campelo, Waldemar Mendonça, Hilton Fernandes, Severino Ramalho, João Pires, Edson Cunha, Eugênia Gama e Batista Teixeira, entre outros distribuídos por quarenta e cinco personagens. Abelardo Cavalcanti foi o ponto. O *Jornal do Commercio* (5 de abril de 1942) trouxe comentário favorável à montagem:

> Teve desempenho satisfatório, por parte de um elenco numeroso e bem familiarizado com o texto de Eduardo Garrido, sempre bonito. A encenação foi a melhor possível fornecida pelo Grupo Gente Nossa, assim como todo o guarda-roupa. Quanto à parte musical, boa idéia foi fazê-la à custa de discos apropriados: emprestou muito brilho às passagens bíblicas. Quem foi ao Santa Isabel, saiu satisfeito, pelo escrúpulo que presidiu à montagem do drama sacro.

Em maio, abordando como se deu o surgimento do Teatro de Amadores em 1941, a partir de um convite do então presidente da Sociedade de Medicina de Pernambucana, Octávio de Freitas, para que Valdemar de Oliveira organizasse em comemoração ao centenário da instituição um concerto de gala que acabou, por sugestão deste, transformando-se na representação da peça *O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina*, de Jules Romains, somente com médicos e suas esposas no elenco, o cronista do *Jornal do Commercio*, na edição 10 de maio de 1942, trouxe questões bem interessantes sobre o preconceito referente a quem fazia teatro, a difícil conquista por público, o medo das famílias de verem suas filhas, principalmente, envolvidas com a arte de representar e até o prejuízo que, segundo ele, as chanchadas espalhavam pela má qualidade do que era apresentado:

> Era curioso o que acontecia, no Recife, até bem pouco tempo; a alta sociedade pisava o palco do Teatro Santa Isabel para se exibir de todos os modos, menos fazendo teatro. Pisava-o para tomar parte em concertos e recitais; pisava-o para bailar; pisava-o para declamar; pisava-o para cantar. Em benefício próprio. Em festas de caridade. Solistas. Corpos corais. Conjuntos sinfônicos. Tertúlias intelectuais. Tudo menos teatro. Em 1925 [1926, na realidade], houve uma exceção; a opereta *Berenice* conseguiu reunir grande número de elementos sociais que se apresentaram no Santa Isabel, em favor da Maternidade da Cruz Vermelha Pernambucana. Foi um acontecimento. Durante muito tempo não se falou noutra coisa. Surgiram, até os perfumes *Berenice*, os tecidos *Berenice*. Muito pirralho daquela época tomou o nome de Berenice. O sucesso foi extraordinário. E o prejuízo também, porque

O Mártir do Calvário

> mais de cincoenta contos foram investidos na montagem. Desde então, o amadorismo teatral desapareceu da nossa crônica artística. [...] A nossa melhor sociedade admitia tudo, tôdas as formas de arte, menos a arte de representar. Perigosa? Inútil? Deprimente? Ninguem sabe. Talvez arte inferior, bitolada pelas chanchadas que companhias do Sul nos ofereciam, de vez em quando. Isso de amadorismo teatral ficava para os grêmios de subúrbio, a rapaziada da classe média, os portugueses da Tuna, ensaiados por algum velho ator aposentado e pobre. Para os mais ferrenhos inimigos do Teatro, cantores, pianistas, declamadores, eram gente direita, que se podia imitar, sem desaire. Atores e atrizes, não: os homens não tinham classificação social, as mulheres eram suspeitas, a arte, baixa. As nossas mocinhas, portanto, tinham permissão para se exibirem, no palco, como se exibem nas praias. Aplaudia-se, com calor, a praga das declamadoras. E nada era mais recomendável do que subir o tablado do Santa Isabel para tocar um instrumento qualquer. Teatro, não e não.

Festejando o momento de credibilidade que o Teatro de Amadores conquistou, Valdemar de Oliveira não se furtou, no mesmo texto publicado no *Jornal do Commercio* (10 de maio de 1942), a criticar o Serviço Nacional de Teatro (SNT), único a manter-se distante do elogiado grupo pernambucano:

> Hoje, as primeiras representações do Teatro de Amadores são casas disputadas. O número de elementos desejosos de tomar parte nos espetáculos aumenta sempre, não sendo possível contentar a todos. Os originais programados para 1942 são de mais severa escolha, vencida a fase de conquista do público, preparado para aceitar peças do grande teatro universal. O trabalho de rehabilitação do teatro, como arte de eleição, prossegue, sob o mesmo clima de idealismo e de atividade intelectual superior. Govêrno, imprensa, público, solidarizam-se, entusiasticamente, com a iniciativa. E só com um elemento não conta o Teatro de Amadores: com o Serviço Nacional de Teatro.

Valdemar de Oliveira

Infelizmente foi em 1942 que o teatro perdeu um ótimo espaço na imprensa pernambucana com o cancelamento, pelo menos temporariamente, da página dominical *Vida Artistica*, editada semanalmente por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio*. Por isso, não vieram tão detalhadas – especialmente com números – as retrospectivas teatrais a partir de então. Ainda assim, o jornalista pontuou notas com dados retrospectivos sobre o movimento teatral naquele ano. Na edição de 23 de fevereiro de 1943, usando o pseudônimo W., escreveu ele:

> A guerra não permitiu que o movimento teatral e musical, em nossa cidade, o ano passado, fosse tão intenso quanto o dos anos anteriores. O teatro esteve adstrito aos conjuntos locais. Entre estes, cumpre destacar, em primeiro lugar, o Grupo Gente Nossa que, com o seu elenco profissional, o seu Teatro Infantil e o seu Teatro de Amadores, realizou, em 1942, 41 espetáculos.

Sob a direção artística do ator Elpídio Câmara, o elenco de profissionais do Grupo Gente Nossa, tão pouco lembrado pelos pesquisadores da história do teatro pernambucano nesta fase sem o saudoso Samuel Campelo e o próprio Valdemar de Oliveira, ainda conseguiu realizar vinte e uma sessões de espetáculos no Recife em 1942, além de duas outras em São Lourenço e uma em Vitória. *O Mártir do Calvário* foi a peça mais representada, seguida por *Deus Lhe Pague*, *Feia*, *O Inimigo Íntimo* e *O Divino Perfume*. Ainda em única sessão foram apresentados os textos *Coitado do Xavier*, *Assim Não é Pecado*, *Longe dos Olhos*, *O Bom Ladrão*, *O Hóspede do Quarto Nº 2*, *Hotel dos Amores*, *A Ditadora*, *A Honra da Tia* e *Gota Dágua*,

Elpídio Câmara

este último uma obra inédita de Hermógenes Viana. No total, vinte e quatro sessões foram oferecidas ao público, marcando o fim deste núcleo profissional. Desapareceu sem alarde, com o nome Grupo Gente Nossa aos poucos sendo substituído na imprensa por "um grupo de profissionais do teatro", sem um ponto final claramente divulgado.

Ainda assim, Samuel Campelo era lembrado, como na festa artística do ator Leopoldo Cunha, no Teatro de Santa Isabel, em junho de 1942, dedicada à memória do saudoso teatrólogo. Na ocasião, foi apresentada a peça *O Caminho do Céu*, de A. Viviani, com vários intérpretes que havia participado do núcleo adulto do Grupo Gente Nossa, como Raul Prysthon, Batista Teixeira, Tancredo Seabra, Lélia Verbena e Ziza Prysthon, entre outros. Já o Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa, com casa sempre cheia no Teatro de Santa Isabel, promoveu cinco representações da revista cívico-escolar *Em Marcha, Brasil!*, marcando sua despedida também. Valdemar de Oliveira até que prometeu voltar com o grupo em 1943, algo que não aconteceu, mas o registro foi feito em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (24 de dezembro de 1942):

Teatro Santa Isabel

3.ª-feira, 9 de Junho de 1942

A'S 20,30

FESTA ARTISTICA do ator **Leopoldo Cunha**, em homenagem á memoria do dr. Samuel Campêlo, com a peça:

O Caminho do Céu

3 atos de A. Viviani

PERSONAGENS:

FABIO	Leopoldo Cunha
LUIS	R. Prysthon
UM MALANDRO	Aloisio Campêlo
SOUZA	Batista Teixeira
GARÇON	Tancredo Seabra
AUGUSTO	Gerson Vieira
ROCHA	M. Carvalho
POLICIA	Valdemar Mendonça
LILY	Lelia Verbena
CRIADA	Ziza Prysthon
PAULINA	Carmen Ribeiro

Epoca: Atualidade Ação: Rio de Janeiro

Finalisará o espetaculo um bem organisado ato de variedades tomando parte no mesmo elementos de destaque em nossos meios artisticos, dentre eles: Ari Guimarães (Salomão Absalão), Aloisio Campêlo, Maria Celeste, o quarteto de realejos comandado por Djalma Torres, pianista Antonio Faurilio e outros.

PREÇOS: Poltronas-4$000—Frizas e camarotes de 1.a-$45000—Camarotes de 2.a (entrada) 3$300—Geral-$5$00.

MODERNA—Rua Diario de Pernambuco, 110

TEATRO INFANTIL

DOMINGO, 8, AS 10 HORAS

EM MARCHA, BRASIL

14.ª E ÚLTIMA REPRESENTAÇÃO

EM FAVOR DO AVIÃO CARLOS CHAGAS

CRIANÇAS: 3$300

TEATRO DE AMADORES

3.ª-FEIRA, 10, AS 20,30 HORAS

Estréia de CANÇÃO DA FELICIDADE

Grande peça de ODUVALDO VIANA

Em favor da Legião Brasileira de Assistência

Ingressos na PERFUMARIA ORIENTAL

(Bondes para tôdas as linhas após o espetáculo)

(34.021)

> O Teatro Infantil, departamento do Grupo Gente Nossa, teve uma reduzida atuação, em 1942. [...] Deu, com uma mesma peça – *Em marcha, Brasil!* – cinco espetáculos. E a renda dêsses espetáculos, menos um que serviu ao resgate de parte das despesas de montagem, foi tôda destinada às iniciativas de caráter patriótico que aquí se levaram a efeito para a aquisição de aviões para a frota aérea do Brasil: o *Baependi*, o *Brasil* e o *Carlos Chagas*. Contas pormenorizadas fôram prestadas, respectivamente, ao *Diário* (sic) *de Pernambuco*, às professoras Débora Feijó e Consuelo Meira Freire e à comissão de estudantes patrocinadora da compra do *Carlos Chagas*. Somadas as parcelas com que as crianças pernambucanas do Teatro Infantil concorreram àquêles empreendimen-

tos, chegamos ao seguinte total: Cr$ ... 3.312,90 (três mil trezentos e doze cruzeiros e noventa centavos). Foi muito pouco, bem sei. Mas, *Em marcha, Brasil!* já havia sido representada mais de uma dúzia de vêzes. E outros espetáculos e festas se realizavam, ao mesmo tempo, no Recife. Estamos satisfeitos. O Grupo Gente Nossa, pelo Teatro Infantil e pelo Teatro de Amadores, deu, em 1942, em benefícios sociais, quasi o tríplo do que recebe, em subvenção anual, dos cofres municipais. E manteve a flama do bom teatro, em Pernambuco, estimulando, por outro lado, iniciativas semelhantes. Em 1943, o Teatro Infantil deverá reentrar, diga-se desde logo, em *Terra adorada*, completamente remodelada e com uma apoteose às Nações Unidas, representadas pelos diferentes países, à sombra da Estátua da Liberdade. Não sei porque, mas, pareceu-me hábil destacar, logo, êsse pormenor.

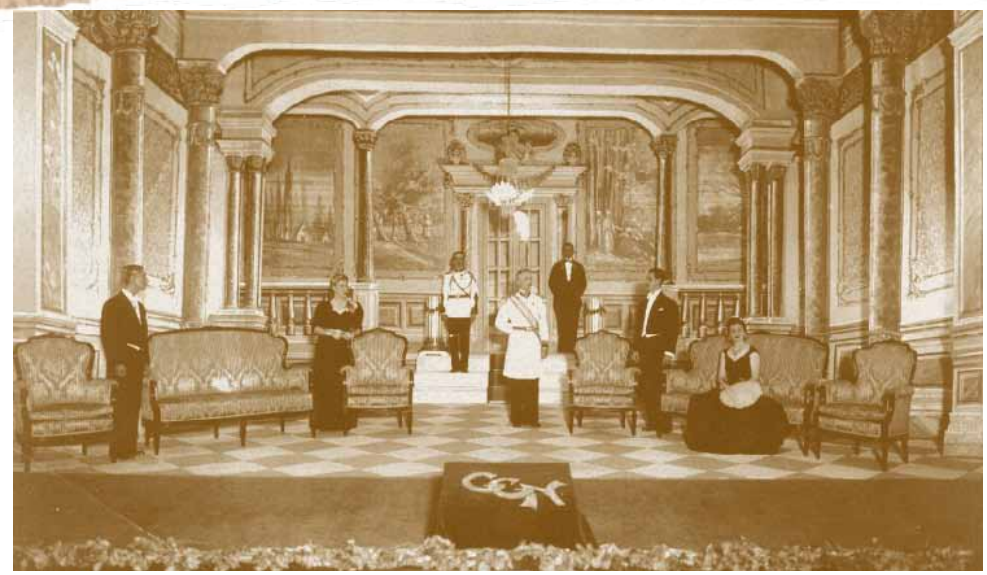
Quanto ao Teatro de Amadores, o outro núcleo também liderado por Valdemar de Oliveira, registrou doze récitas no total, sendo três com *Alto Mar*, de Sutton Vane; seis com *A Exilada*, de Henry Kistemaeckers, e três com *Canção da Felicidade*, de Oduvaldo Vianna. Foi no dia 16 de junho de 1942, com altos custos empreendidos, que o Teatro de Amadores lançou o original francês *A Exilada* no Teatro de Santa Isabel, tornando-se a estreia mais concorrida do grupo até então. E tudo era só luxo! A começar do cenário com quatro dependências diversas de um palácio real; o rico guarda-roupa confeccionado por Sarubbi

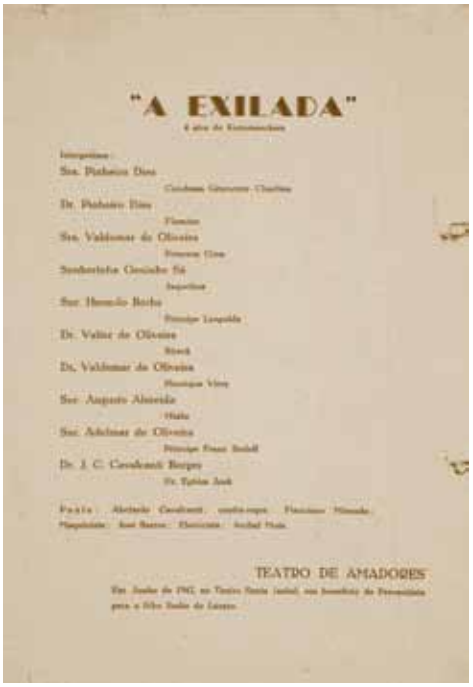
Henry Kistemaeckers

Oduvaldo Vianna

e Perrelli sem nada cobrar; os diversos pertences, os lustres e candelabros de cristal da Boêmia, cedidos pela Casa de Antiguidades; as tapeçarias, reposteiros, guarnições e alguns móveis emprestados pela Casa Holanda; as jóias e adereços, pelo Regulador da Marinha ou da coleção particular de Castelo Branco; as baixelas de prata boliviana, pela Casa Indiana; o restante do mobiliário vindo gentilmente da senhora Antonieta Magalhães ou do Gabinete Português de Leitura; as fotografias de Edmundo Batista, quase de graça. Isto sem contar a impressão gratuita dos ingressos pela Renda Priori, assim como os preços reduzidos dos anúncios pelos jornais. E Valdemar de Oliveira revelou ainda mais no *Jornal do Commercio* (14 de junho de 1942), reclamando ao final:

> A Fazenda Municipal fixa uma cifra especial para as cauções do Teatro de Amadores. A Prefeitura lhe dá luz, aluguer (sic), fôlha de pessoal, gratuitos. O govêrno do Estado lhe proporciona todo o apôio moral. A imprensa abre colunas. E até, entre os mais humildes, conta, o Teatro de Amadores, grandes amigos: o Jorge Caldas recebe uma percentagem de cobrança abaixo do normal, o Sebastião Silva nem sempre faz preço para os seus cartazes, o maquinista José Barros, o contraregra Francisco Miranda, o eletricista Aníbal Mota, o ponto Coleguinha, os serventes Pascoal e Coutinho, todos, um a um, recebem do Teatro de Amadores, aquilo que êle pode lhes dar. Só o Serviço Nacional de Teatro, lá de longe, distante milhas e milhas, considera o Teatro de Amadores uma instituição estadual que escapa às graças do seu orçamento... As vitórias do Teatro de Amadores, porém, estão provando que

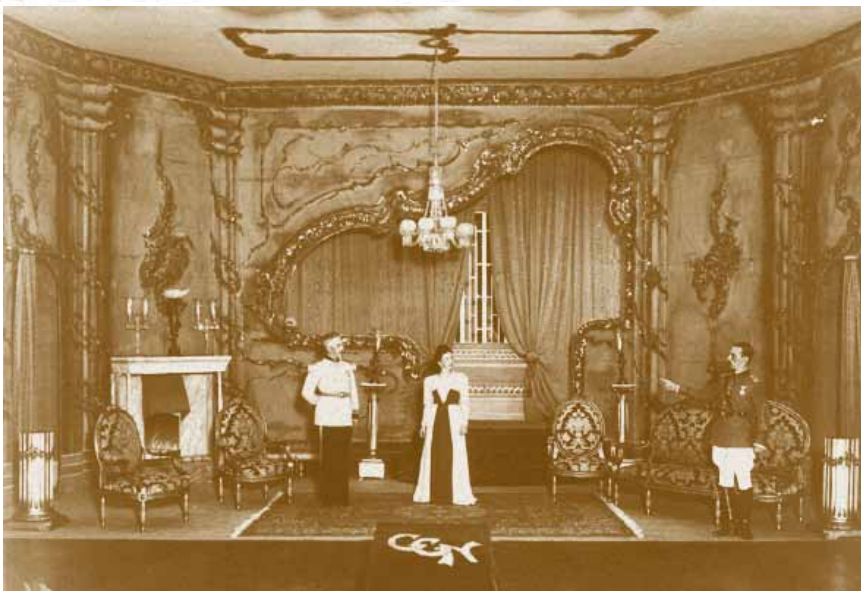


A Exilada

o Serviço Nacional do Teatro não é assim tão útil quanto pelo nome poderia ser.

O pesquisador Antonio Edson Cadengue conseguiu resumir o enredo da peça *A Exilada* no livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 119 e 121.):

> Dividida em quatro atos, a ação da peça passa-se em um antigo território anexado pela Áustria. Em uma corte carregada de preconceitos, uma história de amor corre paralela a uma rebelião política. Gina, princesa virtuosa mas cheia de ímpetos, apaixona-se por um francês, Virey, que está exilado com a Condessa de Granviers e Jacquelina, sua sobrinha – por envolverem-se em um golpe de Estado. Gina tenta libertar Virey quando este cai preso, mas, sentindo-se traída por ele e por Jacquelina, refreia seu gesto. Durante a rebelião ela fica cega e, nesse período, seus temores se confirmam: ao recobrar a visão, descobre que Jacquelina e Virey estão juntos. Desesperada, expulsa-os do castelo.

Numa "iniciativa de alto sentido humanitarista" em benefício do Instituto Guararapes, como bem lembrou o jornal *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas* (18 de junho de 1942) em matéria de destaque na capa, o Teatro de Amadores lançou a peça *A Exilada* numa noitada de gala, a 16 de junho de 1942, no Teatro de Santa Isabel, revivendo aquele local "os seus



A Exilada

Novais Filho

Felipe Caparrós

dias de fausto, reunindo, num espetáculo de requintada elegancia, as figuras mais representativas do nosso alto mundo". Do interventor Agamenon Magalhães ao prefeito Novais Filho, com suas respectivas esposas, a acadêmicos e militares, todos se entregaram à exigência do traje a rigor, com o "fulgor das casacas e dos *smokings*, de par com a elegancia requintada das *toilettes* exibidas pelas mais ilustres damas da nossa sociedade", reforçou aquele mesmo jornal. A Orquestra de Concertos da PRA-8 tocou nos entreatos, sob a regência do maestro Felipe Caparrós, tendo ainda o maestro Nelson Ferreira executado os solos de *Fantasia Brasileira* ao piano.

A Rádio Clube de Pernambuco, por sinal, foi instalada no saguão do teatro para anunciar, com *flashes* ao vivo a cargo do locutor José Renato, a entrada das figuras de destaque, além de entrevistas com personalidades nos intervalos da peça. Um serviço de fotografias também foi preparado à entrada do Teatro de Santa Isabel. Segundo a crônica lida na PRA-8, no jornal falado "O Comentário do Dia", além do texto de *A Exilada* ser considerado um "soberbo original francês", "luxo, cintilação, elegancia, fidalguia, graça e alegria de uma simpatica e movimentada platéia" foi o que se viu na primeira apresentação da montagem, conforme registro naquela mesma edição da *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Sibila Odenheimer, sob o pseudônimo S., escreveu com entusiasmo para o *Jornal do Commercio* (17 de junho de 1942):

> E' raro que o teatro limpo, que se mantém numa esfera absolutamente elevada, e se orienta segundo um único e determinado plano – o do sentido da arte – encontre, como o Teatro de Amadores, o sufrágio irrestrito de um público mais-ou-menos heterogêneo. Não

A Exilada

diremos, para engrossar a opinião tão generalizada, que o Teatro de Amadores é a continuação de um trabalho outrora iniciado, sim, que é um movimento jamais esboçado no nosso ambiente. Na noite passada, o Recife de hoje assistiu, no quadro dourado do velho Santa Isabel, a um espetáculo que o Recife das "anquinhas" não teria podido admitir: um elenco, formado pela fina flor da sociedade pernambucana, se movimentou, com um virtuosismo cênico digno de artistas verdadeiros, em tôrno das figuras básicas de todo o triunfo moral e artístico do Teatro de Amadores – o casal Valdemar de Oliveira. Não foi tarefa fácil a que Valdemar de Oliveira, *metteur-em-scène* impecável, entregou aos seus colaboradores: a peça de Kistemaeckers é um drama forte, desenrolado dentro de um mundo de poesia e violência. Os intérpretes de [*A*] *Exilada* animaram uma atmosfera misteriosa, onde a dôr, a intriga e o ódio exercem seu implacável domínio. Nesse clima inquieto, o próprio amor se insinua a passos de arminho. [...] Geninha Sá, maravilhosa como sempre, feita, tôda ela, para o esplendor da primavera, lembra a formosa e triste Mélisande: – "estou mais perto de ti na sombra..."[.] A senhora Pinheiro Dias atua com naturalidade admirável, e vive, no *décor* grandioso do castelo de Salicz, uma condessa de Granviers espirituosíssima. Eis um elemento de primeira ordem, e que o Teatro de Amadores não poderá deixar fugir. Quanto ao dr. Pinheiro Dias, está irrepreensível, – o francês diria *au point* – no seu papel diplomático. Lamenta-se seja tão rápida sua passagem. Válter (sic) de Oliveira apresenta um Streck dantesco, terrível, no antegozo da tortura alheia. Pode o snr. Válter (sic) de Oliveira estar orgulhoso de seu sucesso. E' um ator de classe. Ermílio (sic) Borba e Adel-

A Exilada

mar de Oliveira dão excelente interpretação aos papéis, difíceis de realizar, de Leopoldo e Príncipe Franz Rodolfo. Cavalcanti Borges e Augusto Almeida, muito bons. Diná Oliveira (princesa Gina), majestosa como princesa, divinamente humana como apaixonada, vive o seu grande momento. Sorve, à última gota estoica, bravamente, o seu cálice amargurado. Tem, em pedaços, o coração e a alma, e será capaz, ainda, – por que não? – de reinar sôbre um povo. Geninha Sá – como gostaríamos de vê-la encher o Santa Isabel com seu belo sorriso! – no papel de Jacquelina tem também uma cruz sôbre os ombros. Finalmente, para ela, para êles, a lei eterna vence a maldade dos homens e apenas – como em tantos casos espalhados pela vida – deve haver um que chore para que os outros sejam felizes. Valdemar de Oliveira reafirma uma poderosa, sutilíssima individualidade artística, penetrada, ao âmago, do sentido dramático do enrêdo.

Para atender aos constantes pedidos de montar no Recife uma obra de autor nacional, o Teatro de Amadores escolheu uma comédia ligeira, *Canção da Felicidade*, de Oduvaldo Vianna, peça que já tinha sido vista no Recife na temporada da Companhia Teixeira Pinto, em agosto de 1938. A estreia se deu no dia 10 de novembro de 1942, apresentada no Teatro de Santa Isabel em solenização ao quinto aniversário do Estado Novo, homenageando o Interventor Agamenon Magalhães e em benefício da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Por isso, a proposta contou com o apoio de industriais e comerciantes. Também a em-

TEATRO DE AMADORES

HOJE, AS 20 ½ HORAS — Estréia da grande peça de ODUVALDO VIANA —

CANÇÃO DA FELICIDADE

Em favor da LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA

Ingressos na Perfumaria Oriental — Bondes para tôdas as linhas, após o espetáculo

(24.061)

Canção da Felicidade

presa de origem inglesa The Pernambuco Tramways, não hesitou em colocar bondes para todas as linhas ao encerrar o espetáculo, a pedido do Teatro de Amadores. Valdemar de Oliveira, no *Jornal do Commercio* (4 de novembro de 1942), fez questão de valorizar a escolha de uma dramaturgia nacional para o seu repertório de conclusão daquele ano:

> Leve, pontilhada de comicidade, sem preocupações doutrinárias, *Canção da Felicidade* se dirige ao público mais numeroso que a aceitará como um passatempo agradável, em meio a tantas apreensões. [...] Por outro lado, será satisfeito o desejo dos que tantos se batem pelo teatro nacional, na persuasão de que a nossa cultura teatral se possa fazer "com êle", quando a verdade é que deve ser feita "para êle".

Mas não fácil a escolha de um original brasileiro. Isso foi o que ele afirmou numa outra edição do *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1942):

> Com essa representação, atende, o Teatro de Amadores aos constantes pedidos de montagem de uma comédia ligeira do teatro nacional. A busca foi dificil. O Coelho Neto de *Quebranto* é, pode-se dizer, pornográfico. O de *Muralha*, conhecido. O de *Neve ao sol*, rotineiro, carunchoso, português. De Viriato Correia, o *Tiradentes* reclama montagem dispendiosíssima, quasi (sic) impossível, nesta época. O mesmo se dirá do Magalhães Júnior, de *Disraeli*. Por outro lado, grandes peças brasileiras, como *A Marquesa de Santos* e *Carlota Joaquina*, já foram aqui apresentadas e com um brilho a cujo confronto não se submeteria o Teatro de Amadores. Ernani Fornari negou autorização para *Sinhá Moça chorou*. As peças de Joraci [Camargo], muito batidas. [...] *Assunção*, de Goulart de Andrade e *Esquecer* de Tobias Moscoso e outros, são pretensiosas e inexpressivas. Algumas boas peças são de exclusividade de determinadas companhias.

Certo de poder apresentar uma "deliciosa comédia", Valdemar de Oliveira soltou mais elogios ao dramaturgo Oduvaldo Vianna. Eis o que registrou naquele mesmo *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1942):

Canção da Felicidade

> Oduvaldo Viana (sic) é um mestre da carpintaria teatral. Conhece, como ninguém os segredos das situações cênicas – o seu preparo, o seu desdobramento, o seu desfecho, de êxito certo sôbre o espírito do público. Não há, nas suas construções, saídas ou entradas forçadas. É leve, colorido, movimentado. E talvez se possa dizer que o que há de melhor, nas suas peças, são as rubricas – desenhos das personagens, indicações de pormenores de interpretação, descrição de cenários, tudo escrito por uma pena de velho conhecedor de todos os elementos de agrado de um espetáculo de comédia.

Nas três representações feitas com *Canção da Felicidade*, inclusive em vesperal, novamente não só êxito artístico, mas também social e financeiro. "Trata-se de um moderno trabalho teatral, entremeado de situações cômicas e sentimentais, e com um número de música da autoria de Arí Barroso", pontuou o *Jornal do Commercio* (12 de novembro de 1942). A peça marcou ainda um fato importante: uma outra renovação de parte da equipe. Isso fez crescer ainda mais o prestígio social do grupo, pois, no elenco de *Canção da Felicidade*, além das senhoras Albérico Glasner (Edith Glasner) e Valdemar de Oliveira (Diná Rosa Borges de Oliveira), a senhorinha Geninha Sá e os senhores Adhelmar de Oliveira, Walter de Oliveira, Valdemar de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Augusto Almeida, Hermilo Borba Filho e Hélio Tavares, estrearam a senhora Gilberto de Oliveira (Maria de Lourdes), a senhorinha Lise Tavares e o senhor Alberto Moura, todos três figuras conhecidas da "melhor sociedade". Valdemar de Oliveira saldou os novos atores no *Jornal do Commercio* (5 de novembro de 1942):

> Nada quero prognosticar, mas, de mim para mim, estou convencido de que qualquer pessoa "dá para o teatro", desde que convenientemente ensaiada. Temos exemplos flagrantes no Teatro de Amadores. A habilidade está em surpreender as suas tendências artísticas, estudar-lhes o temperamento e distribuir-lhes, finalmente, os papéis do gênero que mais de acôrdo esteja com a sua sensibilidade. Partindo daí e contando com a fôrça de vontade e a perseverança dos estreantes, tudo se consegue.

Para além dos núcleos ligados ao Grupo Gente Nossa, também houve produção de outros conjuntos teatrais no Recife, ainda que timidamente. O Grupo Artistas Pernambucanos, por exemplo, montou *Ladra*, de Silvino Lopes, e o Conjunto Vera Cruz produziu *A Ditadora,* de Paulo Magalhães. No Clube Ciclista do Recife apresentou-se o Teatro de Amadores Samuel Campelo com as comédias *Meu Fan* e *Mimoso Colibrí*, já o Núcleo Artístico de Tejipió encenou *O Interventor*, *Priminho do Coração* e *O Hóspede do Quarto Nº 2*, todas no Cine-Teatro do Barro. Chegando a cinco sessões no ano, o Conjunto Cênico de Amadores montou *Hotel dos Amores*, além de *Greve Geral*, quatro vezes apresentada. Por diversos teatros, a Companhia Carmem Ribeiro levou à cena *Bicho Papão*, *O Filho Não é Meu*, *Médico à Força* e *Quem Beijou Minha Mulher*,

TEATRO SANTA ISABEL

DOMINGO

10 de Maio de 1942 ás 8 e 30

Grande festival promovido pela Companhia Carmem Ribeiro, com o concurso de varios artistas pernambucanos.

O espetaculo começará com o emocionante drama em 1 acto, do grande teatrologo portuguez

JULIO DANTAS

MATER DOLOROSA

OBEDECENDO A SEGUINTE DISTRIBUIÇÃO

André	Mayerber de Carvalho
Rosaria	Amalia de Souza
Maria do Carmo	Lelia Verbena
Paulo	José Cavalcanti
Lopes	Aluizio Campelo
Domingos	Batista Teixeira

CABECINHA DE VENTO e a hilariante comédia a seguir, fazendo o fim do espetaculo alguns numeros de canto, cortinas, anedotas, etc., etc.

Cadeiras: 2$200 Geral: 1$100

DOMINGO 10 de Maio de 1942

TEATRO SANTA IZABEL

Sexta-feira 17 de Julho de 1942 as 21 horas

Um Grande Espetaculo !!!

A formidavel obra do celebre escritor Ch. Ach

"TIO MOZES"

COMEDIA EM 4 ACTOS

DISTRIBUIÇÃO:

Tio Mozes (Mozes Melnik)	Z. TURKOW
Reb Iosef, seu pae	H. Giské
Aron Melnik	F. Pitman
Rosa, sua esposa	Z. Blanche
Macho, sua filha	S. Turkow
Berel Melnik	F. Dorfman
Sem, auxiliar do Tio Mozes	N. Rosenthal
Pinhas, dono de um restaurante	P. Blanche
Guitel, sua esposa	T. Landen
Doutor medico	I. Huliak

Ponto: M. Troper

esta última de Gastão Tojeiro em sessão especial para operários no Teatro de Santa Isabel. No dia 10 de maio de 1942, foi a vez de ocupar aquela mesma casa de espetáculos o ator Batista Teixeira com um grande festival que contou com a participação de vários artistas pernambucanos, primeiro apresentando o drama de Júlio Dantas *Mater Dolorosa*, junto a Mayerber de Carvalho, Amália de Souza, Lélia Verbena, José Cavalcanti e Aluízio Campelo, seguido da comédia *Cabecinha de Vento*, de Umberto Santiago. Ao final, ainda foram programados números de canto, cortinas e anedotas. Por último, o Centro de Cultura Israelita também realizou sete espetáculos com peças estrangeiras no Teatro de Santa Isabel, em muitas tomando parte o ator polonês Zygmunt Turkow.

TEATRO SANTA ISABEL

Sexta-feira, 5 de Junho de 1942, ás 21 horas V. S. terá a unica oportunidade de apreciar o famoso ator

Z. TURKOW

na immortal obra prima de Chalom Aleihem

"TOWIE O LEITEIRO"

comedia em 3 atos.

Distribuição

Towie o leiteiro	Z. TURKOW
Golde, sua esposa	P. Kirjner
Zeiti, suas filhas	B. Morgenstern
Have, suas filhas	R. Turkow
Mikita	F. Dorfman
Fedia, seu filho	E. Naslausky
Starchina	N. Rosenthal
Staroста	F. Pitman
Sotzki	H. Giské
Uradnik	I. Huliak
Zazula	F. Dorf
Tecla	F. Faierman

Ponto: M. Troper

Com o segundo maior número de sessões promovidas em 1942, perdendo apenas para o núcleo profissional do Grupo Gente Nossa, o Grupo Infantil de Comédias registrou dezesseis apresentações de peças com e para crianças nos subúrbios, todas sob o comando de Waldemar Mendonça. Para comemorar um ano de existência, em maio o grupo preparou *Cenas & Melodias*, do próprio diretor, com participação da Jazz Melodia, sob regência do maestro

Alma de Marinheiro

Moura, além da comédia *Um Creado de Sorte*, outra peça de Waldemar Mendonça. Também encabeçando um conjunto cênico, Raul Prysthon representou nas comédias *Bicho Papão*, *Casar P'ra Morrer* e *Casa de Maribondos*. O mesmo fez Aluízio Campelo, com *A Cara do Pai*. Atraindo muitas simpatias, o Teatro-Escola estreou com a revista-cívico escolar *Quando a Vida Sorrí...*, da professora Maria Luiza Viegas de Medeiros, tendo o maestro Nelson Ferreira assumido a parte musical junto ao elenco de 270 crianças dos grupos escolares. Os cenários – doze ao total, um para cada quadro da encenação – e o "guarda-roupa" foram confeccionados pelos alunos das escolas estaduais ou pelos rapazes e moças das Escolas Técnico-Profissionais Masculina e Feminina. A montagem, em homenagem ao interventor Agamenon Magalhães, totalizou quatro apresentações de casa cheia no Teatro de Santa Isabel. Na última delas, em vesperal dominical, às 14h30, o *Jornal do Commercio* (6 de novembro de 1942) pontuou:

> As anteriores apresentações da peça deixaram ao nosso público de teatro uma impressão muito lisonjeira, não só quanto à articulação e composição dos quadros e *sketches*, mas também relativamente à interpretação, que está a cargo de 279 alunos de nossos estabelecimentos estaduais de instrução primárias, coadjuvados por uma professora de 4.ª entrância e um dos componentes do Círculo de Pais e Mestres, ator Aluízio Campelo. *Quando a vida sorri* conta belos cenários e guarda-roupa adequado e, na parte musical, o concurso de Nelson Ferreira, que escreveu, para a peça, algumas composições especiais. Em nossos círculos educativos e sociais, aguarda-se, com interêsse, o espetáculo de domingo, do Teatro-Escola.

Já as alunas da Escola Normal Pinto Júnior, por duas vezes, atuaram na revista-cívico escolar *Alma de Marinheiro*, de autoria do professor Cândido Duarte. A direção era do ator Raul Prysthon e os bailados de Betty Gatis. Valdemar de Oliveira dedicou uma de suas colunas *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (22 de dezembro de 1942), à obra:

> Cândido Duarte lançou outra revista escolar: *Alma de Marinheiro*, em benefício da sua Pinto Júnior. A peça não é superior a *O sonho de Iara*, do ano passado, mas, tem bons quadros e algumas marcações de efeito. A sua característica é a nota cívica. Nisso, fez, Cândido Duarte, trabalho educativo de assinalado valor. Alí se focalizam os fatos históricos do Brasil e se consagram os símbolos nacionais – lição salutar que o velho educador repete, há muitos anos, aos seus discípulos. A atuação, através do microfone, da voz evocativa do marinhei-

ro, monotonizou, um tanto, o desdobramento das cenas. Êsse inconveniente foi atenuado, na segunda representação, pela presença da própria personagem, no prescênio. Interessante partitura, subscrita pelos nomes de Zuzinha e Piccolino Fischer, ilustrou *Alma de Marinheiro*. A primeira récita não teve o grande público que seria de esperar, pela propaganda feita e pelos objetivos do espetáculo. Mas, a segunda superlotou o Santa Isabel. É que a primeira foi paga e a segunda – gratuita. O nosso público gosta imensamente de teatro e de música – gratuitos.

Também não faltaram em 1942 os espetáculos de variedades, todos em única sessão, com destaque para o pianista Muraro, o ilusionista Alfredo Gaspar, a declamadora Marilita Pazzoli, a dupla cômica caipira Alvarenga e Bentinho, o ator teatral Alexandrino Rosas e uma festa artística promovida pela Escola Paroquial do Salgadinho, com números de canto e piano. Foram ainda realizados cinco espetáculos coreográficos: três das alunas de Miss Gatis e dois das alunas do Ginásio Vera Cruz, este último sob a direção da professora Dalrys St. Clair. O Grêmio Dramático Olindense também levou ao Teatro de Santa Isabel a peça *A Louca do Jardim*, de Claudino Lagos, divulgada como sendo a primeira vez de exibição da obra naquele palco, em festival voltado a cinco órfãos de uma mãe. No elenco, Ivonete Ramalho, Gessi Nascimento, Clóvis Cunha, Severino Ramalho, José Jerônimo, Valdemir Santos e Linda Paz. E ainda no começo do ano, além do Grupo Cênico do Centro Educativo Operário de Santo Amaro encenar *Presépio de 1865*, original dos Irmãos Valença, a atriz Marilda Castro promoveu um festival artístico no Cine-Teatro do Pina com a peça *Por Causa de Um Beijo*, de Gastão Tojeiro, seguida de ato de variedades com participação de integrantes do Grupo Artístico Pernambucano; e a Liga Espírita Suburbana inaugurou o seu Teatro Espírita na sede da instituição, na rua Marechal Deodoro, 171, no bairro do Feitosa. Vale registrar ainda que foi em 1942 que o presidente Getúlio Vargas promoveu uma reforma monetária no Brasil e criou o Cruzeiro, previsto desde 1926. O país, então, viveu sob o racionamento de gêneros alimentícios.

TEATRO SANTA IZABEL

Domingo, 8 de Fevereiro de 1942

às 20 e 1/2 horas

Com o patrocinio das altas autoridades civis do Estado e do nosso alto comercio.

Em attenção aos beneficiados, rogamos a especial fineza de acceitarem os ingressos que lhes fôrem enviados, e que agradeceremos pelo Radio.

O GREMIO DRAMATICO OLINDENSE

leva em scena o commovente drama em 3 actos, pela primeira vez neste theatro

"A LOUCA DO JARDIM"

de CLAUDINO LAGOS

PREAMBULO

Personagens pela ordem de entradas em scena:

JULIA — Ivonete Ramalho
Criada — Gessi Nascimento
Affonso — Clovis Cunha
Alberto — Severino Ramalho
Antonio — José Jeronimo
Guarda do Jardim — Valdemir Santos
Alberina — Linda Paz

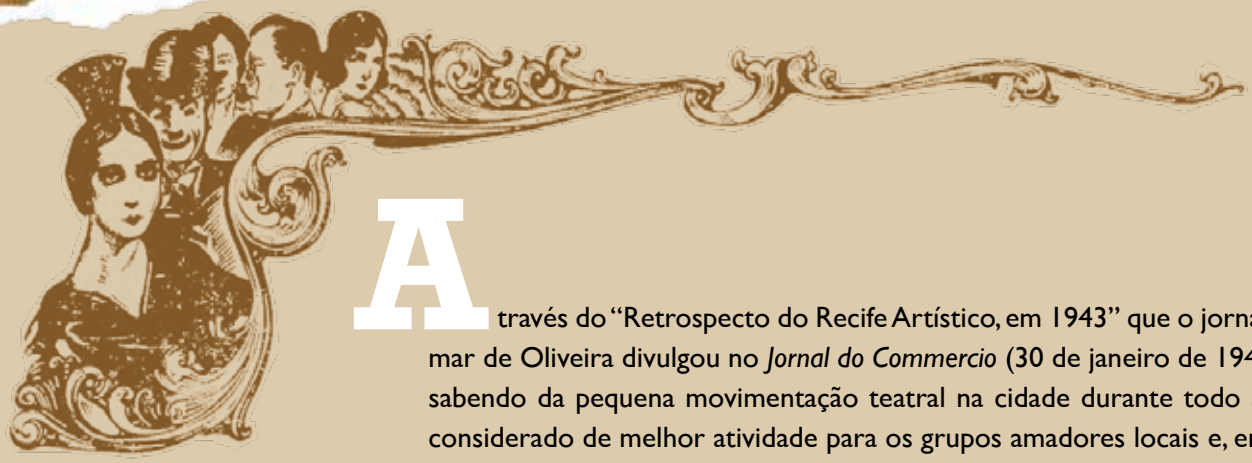
HOJE Em Matinée e Soirée MODERNO Espetáculo Duplo TELA e PALCO

NO PALCO: "Tá Sôrto!", a formidável dupla caipira ALVARENGA e BENTINHO "OS MILIONÁRIOS DO RISO" EM ANEDOTAS, CAIPIRADAS, DESAFIOS E TODAS BREJEIRAS!

NA TÉLA: VICTOR MC. LAGLEN IMPETUOSO E DINÂMICO, NO FILME DA "UNIVERSAL" DIVISA DE DIAMANTES

PREÇOS DO COSTUME: — Poltrona: 3$300 — Este dante e Criança: 2$200

1943



Através do "Retrospecto do Recife Artístico, em 1943" que o jornalista Valdemar de Oliveira divulgou no *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), ficamos sabendo da pequena movimentação teatral na cidade durante todo aquele ano, considerado de melhor atividade para os grupos amadores locais e, em bem menor escala, para o teatro profissional, certamente um reflexo da guerra no mundo, período nada propício à circulação pelos mares, pois a maioria das companhias ainda chegava ao Recife de navio. Tratando das equipes profissionais, foram lembradas principalmente as companhias itinerantes que cumpriram temporada no Teatro de Santa Isabel, como o Teatro de Guerra (nome curioso para aquele momento) dirigido por Raul Roulien, com quatorze sessões das peças *O Patinho de Ouro* e *Sururú Aqui é Manto*, de Raimundo Magalhães Júnior, *A Felicidade Não Espera*, de Armando Moock, e *Beijos Para Todas*, de Henrique Fernandes e Raul Roulien. A crítica de Valdemar de Oliveira não foi nada favorável no *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944):

> Pelo lado artístico a sua temporada foi absolutamente insignificante. Do elenco, só uma ou duas figuras se destacavam, ainda assim desamparadas de oportunidades de melhor atuação. Ao elenco reduzidissimo, correspondia um repertório sem expressão teatral, cuja montagem se ressentia da ausência de maquinistas, de contra-regra, de ponto e de ... cenários.

Ainda no começo do ano, a Companhia Heros Arruda cumpriu curta temporada popular no Cine Encruzilhada, com peças como *General Inverno*, seguida de ato variado com destaque à sambista Maria Amélia. Já o Circo Nerino, armado no bairro de Tejipió no mês de janeiro, promovia festivais de arte, um deles dedicado ao coronel Magalhães Barata, com números de malabarismo, equilibrismo, músicas e as piadas do excêntrico palhaço Picolino. A peça sacra *Os Milagres de Santo*

Somerset Maugham

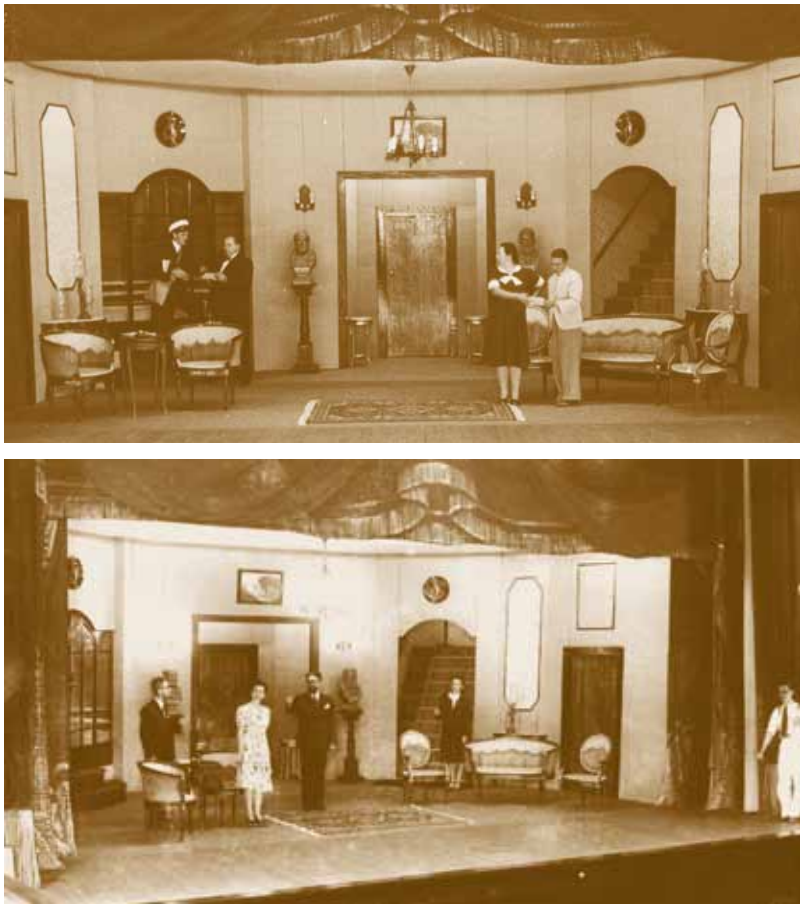
Eugène Brieux

Henry Kistemaeckers

Oscar Wilde

Antônio compôs o repertório, interpretada pelo grupo teatral da Empresa Nerino Avanzi. Da "prata da casa", o Teatro de Amadores do Grupo Gente Nossa, como ainda era chamado o Teatro de Amadores de Pernambuco, considerado um departamento autônomo e amador do Grupo Gente Nossa, foi firmando sua qualidade no "rigido programa de difusão das grandes obras do teatro universal", como lembrou aquela mesma matéria retrospectiva. Quatro encenações suas chegaram aos palcos durante aquele ano: *Oriente* e *Ocidente*, de Somerset Maugham; *A Evasão*, de Eugène Brieux; *O Instinto*, de Henry Kistemaeckers; e *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, todas sob direção de Valdemar de Oliveira, que afirmou naquela mesma matéria que 1943 "há de ficar como um [ano] dos mais fecundos, desta ultima década" para a produção teatral local.

No entanto, para se ter ideia do tão pequeno período em que as peças sobreviviam naquele momento, o recorde anual de apresentações ficou com *O Instinto*, que chegou a cinco récitas junto a *Senhora de Engenho*, estreia do autor teatral Mário Sette, e *A*



O Instinto

Divina Labareda, comédia de Hermógenes Viana, duas produções de outro importante conjunto amador da época, lançado naquele ano, o Teatro dos Bancários, que empatou em número de sessões com o Teatro de Amadores no total, dezessete apresentações cada. Todas as outras montagens do Teatro de Amadores do Grupo Gente Nossa chegaram a quatro sessões cada, ainda que consideradas sucesso de público e crítica.

No gênero teatro para crianças, foi ressaltada a atuação do Grupo Infantil de Comédias, liderado pelo diretor artístico Waldemar Mendonça. Por diversos palcos da cidade, mas especialmente no Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, a equipe apresentou um total de quatorze sessões com as seguintes peças: *As Flores da Padroeira* (melodrama que celebrou o segundo aniversário do conjunto, em maio), *O Canto do Sabiá*, *Céu do Meu Brasil*, *Dindinha Lua*, *Cenas e Melodias*, *A Filha do Operário* e *O Rouxinol da Fazenda*, criações do próprio Waldemar Mendonça; *Frutas da Terra*, *revuette* de Heronides Silva; *O Nascimento de Jesus*, de C. Gois, todas com música do maestro Lourival Santa Clara, sempre à frente de uma orquestra tocando o vivo, além do drama *Amor Materno*, de Jomar Austregésilo. *Você Me Conhece?*, no mês de fevereiro, com texto de Waldemar Mendonça e música de Lourival Santa Clara, aconteceu em vesperal carnavalesca dedicada a Cleofas de Oliveira, redator-secretário da *Folha da Manhã*, jornal que sempre deu muito espaço de divulgação aos trabalhos do Grupo Infantil de Comédias. A Jazz Madeira do Rosarinho tocou no espetáculo. Os cenários eram criações de João Pimentel, benemérito do grupo, com maquinaria realizada por Josaphat Pereira, "modelagem" de Lídio Guimarães, contrarregragem por Gerson Vieira, e o "guarda-roupa" pela esposa de Waldemar Mendonça e a senhora Sousa. Abelardo Cavalcanti, o conhecido Coleguinha, era o ponto.

No elenco, em revezamento constante de algumas crianças, Ana Borba, Modesto Guerra, Angelina Oliveira, Mário Guimarães, Teresinha Sousa, Maria Costa, Edvaldo Barreto, Maria Borba, Leda Queiroga, Isabel Barbosa, Lucineide Leal, Jeanine Lima, Nildes Botelho, Nadeje Albuquerque, Elisabete Bezerra, José Cavalcanti, Reginaldo Sousa, Humberto Neves, Nilson Botelho, Hilton Costa e Luiz Queiroga, entre outros. Ao final de cada apresentação teatral, geralmente uma por mês, vários brindes eram sorteados,

como jogos de ping-pong, bolas de couro, pares de calçados, vidros de água de colônia e até pacotes de café, óleo de ovo e caixas de sabão. Prêmios em dinheiro também faziam parte do competitivo "passa-tempo educativo". Cada sessão era finalizada com um ato variado a cargo de vários artistas mirins, como Geraldo e Neide Rocha, Elsa Carvalho, Carmelo Figueirôa, Álvaro Constantino e Elisabete Bezerra (a Baianinha).

Ainda para a criançada, foi incluída na retrospectiva do ano *Um dia No Brasil*, revista infantil de autoria da professora Maria Elisa Viegas de Medeiros, organizada pelo Serviço de Rádio-Teatro Educação, da Secretaria do Interior. A montagem foi levada à cena três vezes no Teatro de Santa Isabel. Vale registrar que, naquele ano, Valdemar de Oliveira saldou o Teatro Escola, "importante setor do ensino primário", conforme descreveu em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (10 de fevereiro de 1943), exatamente por ter contratado os serviços das professoras Celeste Dutra e Maria do Carmo Regueira Costa, esta última, sua grande parceira no Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. Mas não há registros na imprensa de encenações finalizadas naquele ano.

Maria Elisa Viegas de Medeiros

Na categoria adulta, mantiveram-se em atividade em 1943 o Teatro Juvenil de Amadores, que apresentou um único original, numa única vez, *Inveja*, de Jomar Austregésilo, e a Tuna Portuguesa, que reiniciou suas atividades artísticas com apenas uma peça, *Degredados*, de Virgínia Vitorino, repetida semanas depois da estreia, a 27 de abril, no Teatro de Santa Isabel, tendo no elenco Antônio Brito, Alberto Farias, Ventura Nogueira e Antônio Almeida, sócios daquela agremiação lusa, com participação especial das artistas Ziza Prysthon e Luiza de Oliveira e da senhora Aurélia de Andrade Silva. A direção foi de Raul Prysthon. Intérpretes amadores de diversas instituições também puderam se exercitar na arte da representação, como os filiados do Círculo Operário do Recife, que atuaram na peça *Simplício Pacato*, de Paulo Magalhães; do Centro Educativo Operário do Cordeiro, onde foi apresentada a peça *Situação Precária*, de Jomar Austregésilo; e integrantes do Colégio Agnes Erskine, que em festa final de formatura puderam mostrar *As Donzelas de Honor ou O Duende da Noite*, original de autoria de Carneiro Vilela, com partitura de Euclides Fonseca.

Já o Teatro de Amadores Samuel Campelo pôde levar ao palco do Clube Ciclista do Recife a comédia em um ato *Alma do Outro Mundo*, de autor e diretor não divulgado, com sessão no dia 21 de fevereiro, seguida de números de piano e folclore. Durante o ano de 1943, o Sindicato de Fiação e Tecelagem de Pernambuco inaugurou o seu Departamento de Educação Artística, encenando, apenas com amadores no elenco e raros profissionais do meio cênico local, três peças sob a direção de Hermilo Borba Filho, tendo o auxílio de Alfredo de Oliveira: *Julho, 10!*, de Leda Maria Albuquerque e Maria Luiza Castelo-Branco (1° lugar em concurso do Ministério do Trabalho), num total de três sessões; *Veneno*, de José Carlos Cavalcanti Borges (3° lugar no concurso da Diretoria de Reeducação e Assistência Social voltado a peças para operários), apresentada por quatro vezes; e *Parentes de Ocasião*, de Hermilo Borba Filho, em duas récitas. Os nove espetáculos foram dados gratuitamente aos operários daquela organização sindical.

Grande atividade também desenvolveu o Centro de Cultura Israelita, que trouxe à cena, em dezenove sessões, dez originais sob a direção do ator polonês Zygmunt Turkow: *A Feiticeira*, *Abraão Galdfaden*, *Parabens aos Nubentes*, *Zelate de Rebetain*, *Noeh Pandre*, *Quando o Diabo Ri...*, *Disse Reb Mendele*, *Vida* e *Fantasia*, *Israel* e *O Estranho*, todos estes espetáculos dedicados à comunidade israelita. Uma *matinée* infantil também foi promovida pelo Núcleo Artístico São José, no salão da Matriz de São José, com um festival em que a grande atração foi a peça musicada *No Terreiro do Coronel Fagulhas*, baseada em motivos de São João, e seguida de números de variedades como cocos, emboladas,

Ziza Prysthon

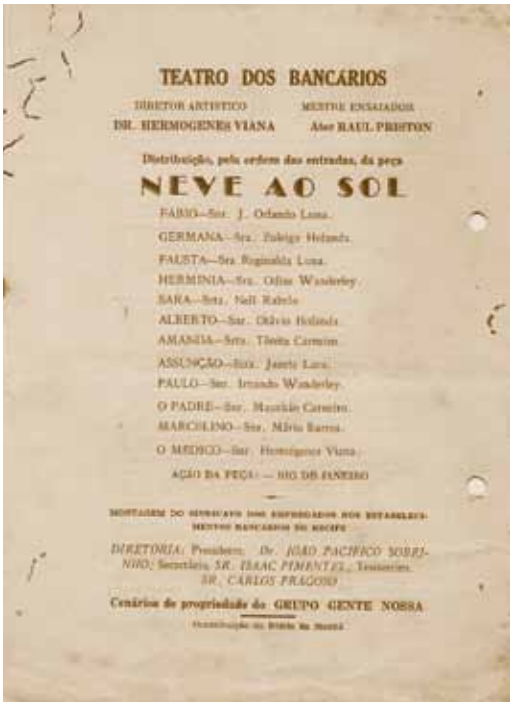
Carneiro Vilela

Zygmunt Turkow

desafio à viola e danças típicas do período junino. Em Olinda, o Núcleo Teatral Getúlio Vargas chegou a apresentar a peça *O Espião*, de Severino Bezerra, em espetáculo dedicado às classes armadas e com participação especial, antes e depois, do poeta Tobias Barreto Neto recitando versos de sua autoria. Já o Grupo de Amadores da L. B. A. de Gravatá foi o único conjunto do interior a visitar o Recife, com a comédia *Quem Beijou Minha Mulher?*, de Gastão Tojeiro. O total de apresentações cênicas na capital pernambucana, então, chegou a 118 sessões, segundo Valdemar de Oliveira.

Como novidade de 1943 entre os grupos teatrais do Recife, o Teatro dos Bancários estreou com *Neve ao Sol*, de Coelho Neto, das "melhores obras do arquivo teatral", na opinião de Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (25 de fevereiro de 1943), lembrando ainda que aquela peça não era para rir como "muitas que estão arruinando, direitinho, o incipiente teatro nacional". Seguindo os passos do Teatro de Amadores, o lançamento aconteceu no Teatro de Santa Isabel, a 25 de fevereiro de 1943, em espetáculo com renda líquida doada à Legião Brasileira de Assistência (LBA) e que homenageou a classe dos bancários. Na direção artística, Hermógenes Viana, tendo como mestre ensaiador o ator Raul Prysthon. Além do próprio Hermógenes Viana, o elenco, que trazia somente bancários e seus familiares, ainda contou com J. Orlando Lessa, Zuleiga Holanda, Reginalda Luna, Odixe Wanderley, Nelí Rabelo, Otávio Holanda, Tonita Carneiro, Janete Lara, Irnando Wanderley, Maurício Carneiro e Mário Barros. No programa, o lembrete: "Cenários de propriedade do Grupo Gente Nossa". Uma banda de música da Força Policial do Estado, gentilmente cedida, abrilhantou o espetáculo no saguão do teatro. A peça chegou a três sessões no total, e ganhou crítica de Luiz Teixeira no *Jornal do Commercio* (26 de fevereiro de 1943):

> *Neve ao Sol*, foi a peça de apresentação do Teatro dos Bancários. Assina-a Coelho Neto. Nada obstante nome dos mais gloriosos da literatura brasileira, como autor teatral é deficiente. Hábil construtor do diálogo – incontestavelmente, no gênero, fator de enorme importância – descura-se, porém, dos efeitos cênicos. Exemplificando, em *Neve ao Sol*, no final do terceiro ato, o autor, para bem caracterizar – exhaustivamente definir – o íntimo conflito dos personagens, estende-se, sem fazer progredir o tema em aumento de crescente interêsse. [...] Para o bom êxito do Teatro, é absolutamente necessário que o autor seja rápido na descrição, na pintura dos momentos principalmente dramáticos, afim-de que o contemplativo não se afaste da condição de espectador, assumindo a de analista. [...] *Neve ao Sol*, interpretaram-na amadores pela primeira vez colocados deante



dêsse poder absorvente e perturbador que são as platéias. Portaram-se, todavia, com perfeito domínio. Suportando a responsabilidade dos papéis fundamentais, a senhora Reginalda Luna e o casal Otávio Holanda portaram-se com relativa correção.

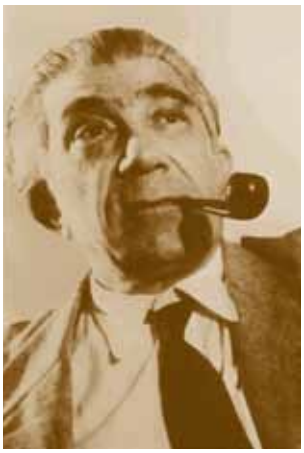
Em sequência, o Teatro dos Bancários lançou, no dia 17 de junho de 1943, com o patrocínio do general Newton Cavalcanti, *A Divina Labareda*, comédia de Hermógenes Viana (com cinco apresentações), tendo no elenco Hermógenes Viana, J. Orlando Lessa, Zuleiga Holanda, Reginalda Luna, Odixe Wanderley, Otávio Holanda, Tonita Carneiro, Acidália Sampaio, Irnando Wanderley, Mário Barros e Carlos Fragoso. Mesmo sem intitular-se crítico teatral, mas lembrando da época em que proliferavam as sociedades dramáticas de amadores no Recife, o jornalista Mário Melo quis escrever sobre a montagem como estímulo ao coletivo. Publicou na sua coluna *Crônica da Cidade*, no *Jornal do Commercio* (29 de junho de 1943):

> Assistí no sábado à *Divina Labareda*, de Hermogenes Viana, levada no Santa Isabel pelo grupo de amadores que dirige. Bancário o autor, bancários os intérpretes. Saí do teatro com impressão magnífica e talvez com uma pontinha de orgulho, por ver que, com essa volta ao passado, estamos a marchar para a frente. A peça é leve, bem urdida, e polvilhada aquí e alí, com umas pitadinhas de filosofia, enquanto escapela a vida hipócrita dum casal, por defeitos de educação, e exalta a escola que prepara a mulher para a vida da atualidade. E o desempenho revelou aptidões e desembaraços, particularmente, e para citar apenas elementos do naipe feminino, das senhoras Reginalda Luna, Zuleiga Holanda e Odixe Vanderlei.

O Teatro dos Bancários ainda produziu *Senhora de Engenho*, de Mário Sette (também com cinco sessões e com canto nos intervalos pelos bancários Humberto Primo e Jaime Barros, este último interpretando a canção *Maria Betânia*, de outro bancário, Lourenço Barbosa, o Capiba) e *Luz e Sombra*, de Berguedof Elliot (com quatro récitas). Este último espetáculo de 1943, contando com os atores Reginalda Luna, Conceição Tavares, Aleta Costa, Renone Ferraz, Jovelino Selva, Alberto Barreto, Beroaldo Guimarães, Romeu Wanderley e Hermógenes Viana, foi promovido em benefício do Centro de Artes e Ofícios dos Cegos de Pernambuco e, provavelmente pela falta de patrocínio, ironicamente divulgado "sob os auspícios de Deus e dos homens de boa vontade", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de novembro de 1943). No entanto, ainda que tenha valorizado a obra de três autores locais, nenhum dos trabalhos conquistou maiores elogios na imprensa especializada em teatro.

Bem diferente foi o que aconteceu ao Teatro de Amadores, com suas quatro estreias naquele ano. A primeira, no dia 4 de abril de 1943, em comemoração ao segundo aniversário do conjunto, foi *Oriente e Ocidente*, do dramaturgo inglês William Somerset Maugham, em tradução de Hermilo Borba Filho e sob a direção de Valdemar de Oliveira, que lembrou no *Jornal do Commercio* (4 de abril de 1943) os "dois anos de trabalho infatigável em prol dos nossos créditos artísticos e em benefício de instituições de caráter social, necessitadas de ajuda moral e financeira". Bem cuidada, a montagem

Hermógenes Viana


Mário Melo

Mário Sette

Lourenço Barbosa, o Capiba

Oriente e Ocidente

TEATRO DE AMADORES

AMANHÃ, 4 DE ABRIL

ORIENTE E OCIDENTE

de SOMERSET MAUGHAM

Em prol da MATERNIDADE DO HOSPITAL PEDRO II.

Cadeiras, frisas e camarotes de 1.ª, esgotados.

— 2.ª RECITA: SABADO, 10 DE ABRIL —

— Ingressos à venda desde já —

(35.562)

"se caracteriza pelo luxo dos cenários e pela cor típica do ambiente, realçada por um mobiliário de acôrdo com as rubricas da peça", reforçou antes o *Jornal do Commercio* (2 de abril de 1943). No elenco, as "senhorinhas" Denise Albuquerque, Emilinha Sá e, estreando, Vicentina Freitas do Amaral, além dos senhores Hermilo Borba Filho, Hélio Tavares, Emilton Cavalcanti, Adhelmar de Oliveira e Valdemar de Oliveira.

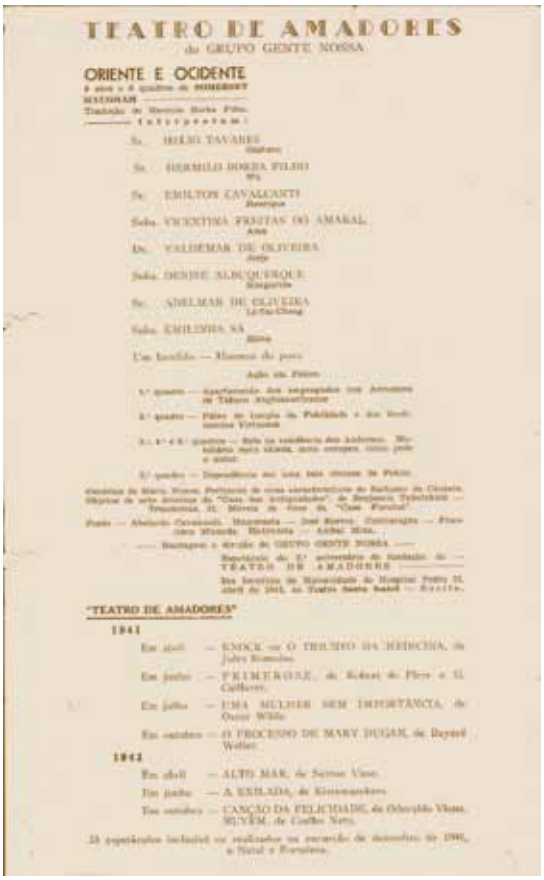
A montagem foi saudada pelo crítico Luiz Teixeira no *Jornal do Commercio* (7 de abril de 1943):

> Neste trabalho – onde não faltam os principais elementos para o bom êxito do gênero: literatura sóbria, diálogo com perfeita disposição das réplicas, ação em aumento de intensidade – Maugham apresenta o conflito das incompatibilidades psicológicas e sociais existentes entre europeus e asiáticos. Através da tumultuosa história de amor duma mestiça em permanentes vacilações sentimentais por fôrça dos clamores do seu sangue irrefreável e da mescla tempestuosa dos seus instintos, a peça expõe, desenhada com precisão de minúcias, a figura de Margarida – inundada de inquietação e de torturas, na fatalidade do seu drama racial. Resolver, no particular da interpretação, essa personagem, é a maior dificuldade que a obra de Somerset Maugham estabelece. De parte daquela – mesmo autorizada profissional – que se dispuser à enorme responsabilidade, torna-se necessária exuberante fôrça de expressão para impregnar a figura de verdade, transportando os choques contínuos entre as suas emoções para uma face que os revele sem a "explicação" dos esgares ridículos. Assumindo essa obrigação, a senhorinha Denise Albuquerque não sacrificou o sentido da personagem. Amadora – ainda receiando os irrisórios convencionalismos que pretendem colocar entre o lar e o palco a separação dos preconceitos, mas que, em lugar disso, aprofundam, mais e mais, o abismo da incultura – deixou de empregar a medida do justo calor, quando na exaltação de apaixonada. Na exteriorização do amor sentimento – não ululação possessória da carne – conduziu-se, porém, com propriedade. Valeu por instantes de beleza artística a cena da sua escuta à confirmação do amor ressurgido em Jorge – até mesmo pela composição plástica do par. Eloquentes, também, os seus silêncios, traduzindo as indecisões do seu sangue – que se lhe refletiam, como amargura, no coração e na alma de mestiça. Apesar de ser em derredor de Margarida que se localiza a máxima importância interpretativa de *Oriente* e *Ocidente*, não deve passar sem destacado registo (sic) a atuação da senhorinha Vicentina Freitas (*do*) Amaral. Foi tão pronunciada a persuasão da

sua mímica que sugeriu legitimidade. E que exatidão nos seus sorrisos típicos – onde pairava o incompreensível do espírito chinês. Os seus olhares desvendavam resoluções que as palavras não diziam. [...] Todos, dentro das suas melhores possibilidades, emprestaram relêvo ao espetáculo de domingo último. [...] A montagem de *Oriente* e *Ocidente* mereceu do Teatro de Amadores o sêlo e o ressalte exigidos pela rubrica.

Em nova crítica, Luiz Teixeira voltou a fazer mais elogios à montagem de *Oriente* e *Ocidente*, destacando ainda mais alguns dos seus intérpretes. A escrita foi publicada no *Jornal do Commercio* (13 de abril de 1943):

> A presença dos ilustres componentes do Teatro de Amadores Denise Albuquerque, Vicentina Freitas do Amaral e Ademar de Oliveira na peça de Somesert (sic) Maugham, *Oriente* e *Ocidente*, interpretando, respectivamente, Margarida, Ama e Li-Tai-Cheng, subordinou-se à integral compreensão do particular tratado: escolha. Couberam-lhes papéis de relêvo. Aliás, na magnífica peça de Maugham, tôdas as personagens têm função específica, nenhum (sic) existindo como simples ornamento. Rigorosamente até mesmo o "bandido", permanecendo em cena apenas por segundos, é fundamental como descritivo do caráter e grifo das pretensões de Ama – personagem de embaraçoso desempenho, resolvido da melhor maneira pela senhorinha Vicentina Freitas do Amaral. Margarida, para incarná-la, é de imprescindível temperamento dramático. Todavia, não é suficiente, por si mesmo, êsse primordial atributo. Faz-se necessário encontrá-lo sob a Forma. A completa realização da personagem está na correlação do conteúdo e do continente. Possuidora de merecimento artístico e de características fisionômicas muito aproximadas daquelas pretendidas na personagem, a senhorinha Denise Albuquerque satisfez o pensamento de Maugham. Raramente *Oriente* e *Ocidente* encontrará intérprete tão fiel – pelo desempenho, na relatividade da sua condição de amadora, e pelo tipo. Li-Tai-Cheng – a alma asiática rugindo no subterrâneo incêndio do seu ódio contra a proclamada superioridade do


TEATRO DE AMADORES

do GRUPO GENTE NOSSA

ORIENTE E OCIDENTE

"TEATRO DE AMADORES"

1941

1942

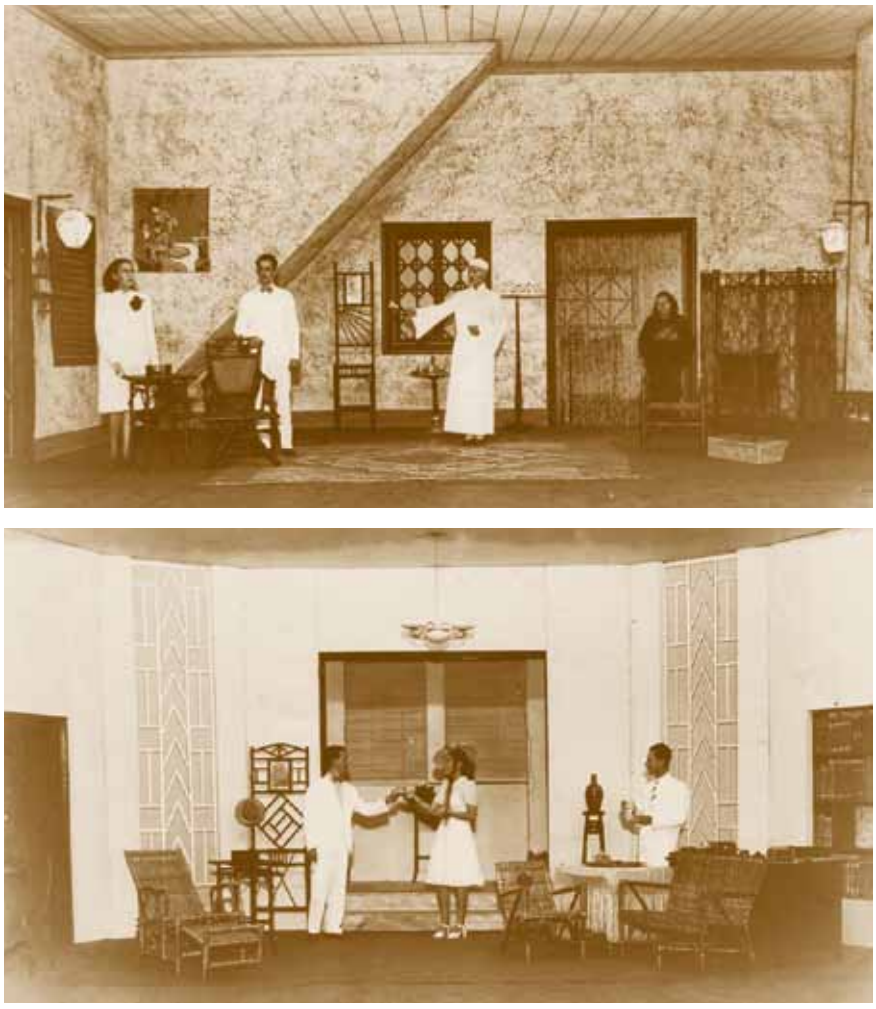
Oriente e Ocidente

> branco, que a "situa nas metralhadoras", em ofensa e desafio à milenária civilização "erígida sôbre o mérito da sabedoria" – "viveu-o" o snr. Adelmar de Oliveira com tanta exatidão que se afigurava a sua quasi ilógica despersonalização no físico e nos sentimentos da personagem criada. Margarida, Ama e Li-Tai-Cheng encontraram seus intérpretes.

Oriente e Ocidente, que estreou com cadeiras esgotadas, chegou a cumprir quatro sessões no Teatro de Santa Isabel, sendo toda a renda entregue para conclusão e aparelhamento do prédio da Maternidade do Hospital Pedro II. Com tema ligado à Medicina em uma nova montagem, *A Evasão*, peça francesa de Eugéne Brieux, com tradução feita por Hermilo Borba Filho, discutiu, a partir de uma traição em família, a teoria sobre a hereditariedade moral. A estreia se deu a 2 de agosto de 1943, no Teatro de Santa Isabel, celebrando mais um aniversário da data de fundação do Grupo Gente Nossa, acontecida em 1931. No elenco, Vicentina Freitas do Amaral, Denise Albuquerque, Maria de Lourdes Oliveira, Diná Rosa Borges de Oliveira, Hercí Lapa de Oliveira, Walter de Oliveira, Adhelmar de Oliveira, Abelardo Paraíso, Valdemar de Oliveira, Antônio Brito, Hermilo Borba Filho, Alfredo de Oliveira, Augusto Almeida e Francisco Miranda. Toda a renda das quatro sessões realizadas foi destinada ao Jardim de Infância dos Pobrezinhos.

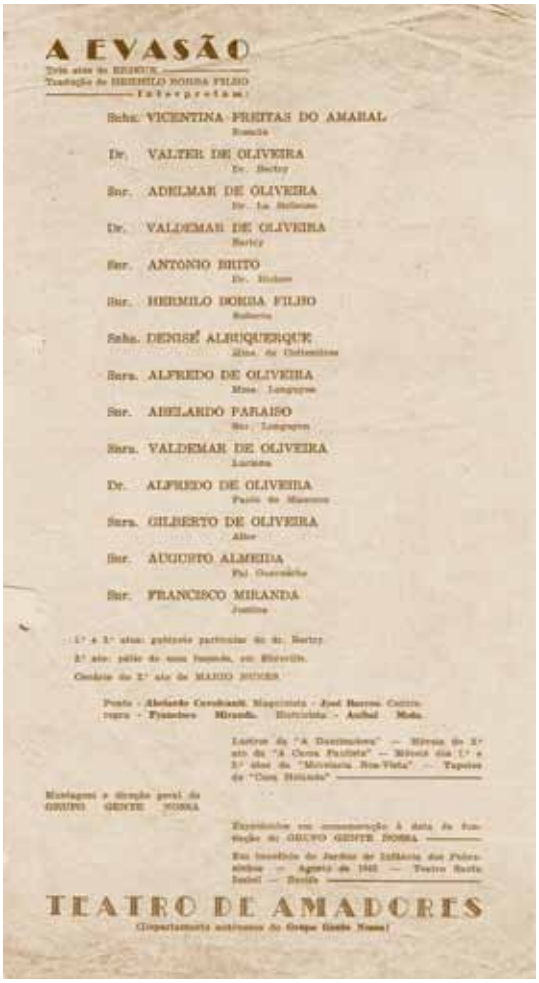
O crítico Luiz Teixeira achou a peça rarefeita enquanto dramaturgia, mas destacou a harmonia do elenco e principalmente o valor artístico de Diná de Oliveira, segundo texto publicado no *Jornal do Commercio* (4 de agosto de 1943):

> Sem profundidade, perfuntoriamente, *A Evasão* agita o complexo e, vêzes muitas, calamitoso problema da hereditariedade – êsse poder de monstro, no dizer de Montaigne, condensado em infinitésimas células onde se albergam, não somente a estrutura corpórea, mas, também, as inclinações do país. No seu trabalho – te-



Oriente e Ocidente

A Evasão



atralmente destituído de algumas qualidades fundamentalmente técnicas, necessárias ao gênero, como, exemplificando, movimento em crescente valorização – Brieux trata o assunto sob a algidez de argumentação puramente fraseológica, dentro do limitado círculo das hipóteses indecisas. O enigma, que tem inspirado teorias irresistentes à fecundia dos contraditórios fatos triunfantes, é explorado por Brieux no intuito, claramente definido, de satirizar a ciência médica – no que se evidencia poderosa influência de Molière. Para o desempenho da peça, o Teatro de Amadores reuniu um grupo harmonioso de intérpretes. A preferência para esta ou aquela interpretação correspondeu à tendência da sensibilidade de cada espectador, sem que tivessem existido proeminentes diferenças no merecimento dos amadores. É, porém, justo sublinhar o trabalho do snr. Valter de Oliveira, fazendo o velho sábio, dr. Bertry. Impondo-se pela caracterização estudada e precisa, marcando a sua atuação com ademanes perfeitamente ajustados, o desempenho que o snr. Valter de Oliveira, deu à personagem de Brieux pode ser compreendido na classificação daquele delírio surpreendido por Paul Gaell no ator Firmin Gemier, como sendo o motivo da sua integral compenetração nos papéis que lhe são confiados. Todavia, teve o snr. Valter de Oliveira um pequeno excesso na cena final – quando sob o imperativo da moléstia cardíaca que o fazia anulado deante do enorme segrêdo da morte, aniquiladora implacável do seu túrbido orgulho de sábio. Elastecendo as minhas despretensiosas considerações a respeito do desempenho de *A Evasão*, enalteço o trabalho da senhora dr. Valdemar de Oliveira, que, na Luciana, demonstrou os mais altos pendores para a difícil arte teatral. Seria motivo para o real envaidecimento do nosso Teatro possuíssem, na sua totalidade, os profissionais da cena brasileira o imensurável valor artístico dessa ilustre amadora.

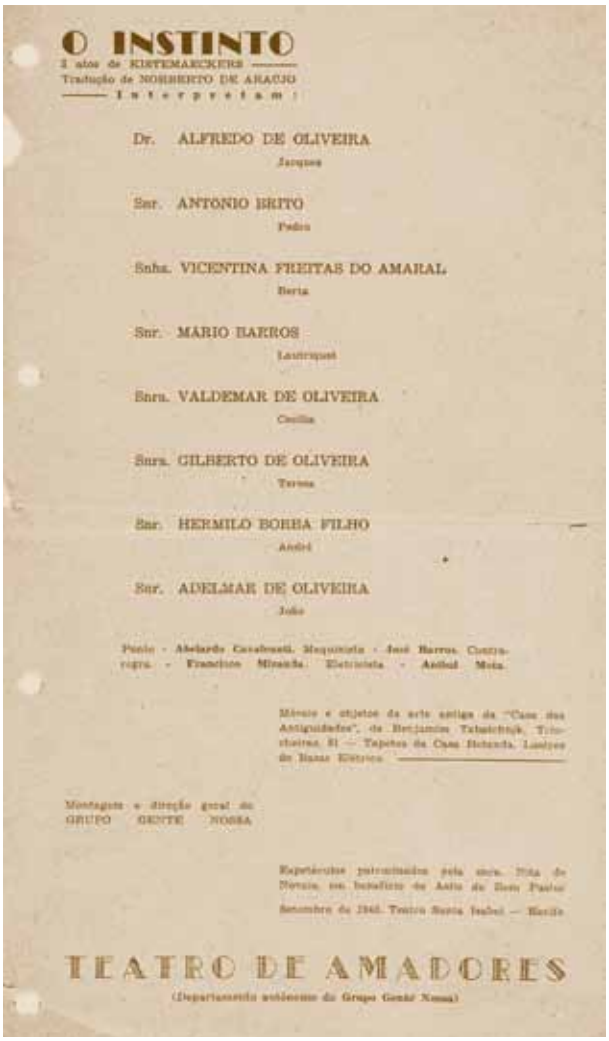
A Evasão

Lembrando do surgimento do Grupo Gente Nossa doze anos antes, em 1931, Valdemar de Oliveira escreveu um artigo especial para sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (1 de agosto de 1943):

> Embora jungido, como já tive ocasião de escrever, a um repertório distanciado do teatro que êle sonhava, Samuel Campelo, ainda assim, defendeu sempre a honestidade artística, o escrúpulo das montagens, a pureza dos costumes teatrais, combatendo, com quantas armas tinha, o enxêrto, o mambembe e a chanchada. Não se pode julgar da obra de Samuel Campelo apenas pelo que êle poude realizar, mas, pela pureza dos seus ideais, pela essência da sua ação construtora, pelos sacrifícios sem conta a que se submeteu. Estas foram as grandes lições que êle deixou aos seus continuadores, porque o seu ideal não era, nunca foi, manter o teatro profissional no Recife, mas, fazer um bom teatro. Se nunca tentou, já o disse, o amadorismo teatral – e tantas vêzes pensou nisso! – é que lhe minguavam os recursos de realização, êle mesmo arredio, por índole, das altas camadas sociais onde mais facilmente, pela inteligência, pela cultura, pelo trato das boas maneiras, seria possivel encontrar os elementos necessários à organização do elenco. [...] sem Samuel Campelo e aquêle humilde, bravo e tenaz Grupo Gente Nossa, o Teatro de Amadores não teria existido nesta doce terra.

Como terceira produção de 1943, o Teatro de Amadores lançou *O Instinto*, de Henry Kistemaeckers, no Teatro de Santa Isabel, no dia 18 de setembro de 1943, em tradução portuguesa de Norberto de Araújo e sob a direção de Valdemar de Oliveira. No total, fez cinco sessões com renda revertida em favor do Asilo do Bom Pastor. Mais uma vez, o crítico Luiz Teixeira derreteu-se de elogios à montagem, com texto publicado no *Jornal do Commercio* (19 de setembro de 1943):

O Instinto é uma peça bonita. Não a beleza superficial, conseguida – como o encanto físico de muita gente – graças à precariedade dos cremes e dos cosméticos, mas aquela resistente às intempéries porque se resguarda no mais profundo do espírito eterno. Não a beleza submissa ao talante das modificações convenientes, sim a que permanece imutável deante do contingente. É, *O Instinto*, uma apoteose ao dever profissional – simbolizado na medicina, um desmentido às teorias que emprestam aos instintos irrevogabilidade. É na palavra fascinante, nas sentenças ponderadas, na dialogação medida, na constituição – aparentemente frágil, intimamente vigorosa – do entrecho e, em especial, na contagiante fôrça das suas emoções onde paira o merecimento da peça ontem encenada. *O Instinto* teve do Teatro de Amadores interpretação satisfatória. Nesse desempenho, avultou o snr. Adelmar de Oliveira, no cirurgião. A sua interpretação foi honesta – legítimos os sentimentos que o conduziram dentro do enorme tumulto da sua batalha interior. A snra. Valdemar de Oliveira assinalou magnificência de pendor artístico. Angustiada, vencida entre o dever de espôsa e o amor piedade, abismada perante o poderio do seu coração de mulher, tal qual a escreveu Kistemaeckers, foi a senhora Valdemar de Oliveira. O snr. Hermilo Borba Filho – perdoe-me o ilustre amador a confissão – satisfez-me pela primeira vez. Agora, que me seja relevada a restrição, cuja única peculiaridade é a de cooperar, lealmente, na manutenção do alto nível artístico esplêndida e marcantemente conseguido pela senhorinha Vicentina Freitas do Amaral, na Ama de *Oriente* e *Ocidente*. Desta vez, em *O Instinto*, a inteligente amadora diminuiu a amplitude da "verdade" com que se portou na peça de Maugham – "verdade" da qual a senhorinha Vicentina ainda se não libertou, conservando-a, nos gestos e nas inflexões da voz, na sua interpretação de ontem.



O Teatro de Amadores ainda estreou *O Leque de Lady Windermere*, de Oscar Wilde, em benefício da Sociedade Pernambucana de Combate à Lepra. Como

O Instinto

exemplo do moderno teatro inglês, a trama discorre sobre insinuações da traição de um esposo na véspera do aniversário da protagonista, que nem imagina quem é sua mãe verdadeira. Censura moral, puritanismo e crítica social permeiam toda a peça, que deixa ocultamentos ao final. Foi exigido traje a rigor para as apresentações no Teatro de Santa Isabel, com a estreia se dando no dia 14 de novembro de 1943, presença da Rádio Clube de Pernambuco transmitindo flashes ao vivo e de uma grande orquestra antes de se abrir o pano. No total, quatro sessões realizadas. No *Jornal do Commercio* (17 de novembro de 1943), o crítico Luiz Teixeira fez restrições à montagem:

> Possivelmente, pelo encanto dos diálogos, graças à simplicidade da técnica empregada no arranjo das cenas altamente sugestivas e, sobretudo, em virtude da importância social do seu enrêdo, e, sobretudo, em virtude da importância social do seu enrêdo, é, aquela peça, a mais leal, a mais sentida na vultosa obra do notável dramaturgo, romancista e poeta londrino – excluída *De Profundis*, na qual confessa as suas culpas em parte, porque desta sua auto-biografia somente a metade foi publicada, tendo sido os últimos capítulos, por ocasião da morte do autor, recolhidas ao *British Museum*, onde ficarão até 1960, ano em que poderão ser publicamente conhecidos. Parece-me, o maior empenho de Oscar Wilde ao escrever o drama *O leque de lady Windermere*, foi o de enaltecer os predicados supostamente desaparecidos da mulher quando na melancólica contingência de vender os próprios carinhos, para o rápido prazer ilusório do homem, sendo obrigada a nobre condição de mãe. É, em síntese, uma demonstração da capacidade de sacrifícios e de renúncias da mulher corrompida, em benefício do nome e salvaguarda da felicidade da filha amada. [...] A interpretação dada pelo Teatro de Amadores ao trabalho de Oscar Wilde não

Teatro de Amadores
HOJE, 14, às 20
Espetáculo de gala em benefício do Preventório para o Filho Sadio — do Lázaro —

"O LEQUE DE LADY WINDERMERE"
3 atos de OSCAR WILDE
Sob o patrocínio dos almirantes Jonas Ingram, Soares Dutra e José Maria Neiva
Trajo a rigor para platéia, frisas e camarotes de 1.ª. — Serviço fono-artístico e Orquestra de Concertos da PRA-8. Banda do encouraçado "São Paulo" — Frisas e camarotes de 1.ª esgotados. — Ingressos restantes à venda na bilheteria do Teatro, durante o dia —
A representação de hoje será em homenagem ao snr. interventor Agamenon Magalhães

O LEQUE DE LADY WINDERMERE
3 atos de Oscar Wilde

Interpretam:
Snha. Genisha Sá — Lady Windermere
Snr. Antonio Brito — Parker
Dr. Valdemar de Oliveira — Lord Darlington
Snha. Denise Albuquerque — Duquesa de Berwick
Snha. Lise Tavares — Lady Agatha
Snr. Hermilo Borba Filho — Lord Windermere
Snha. Laura Montezuma — Lady Plymdale
Snra. Maria de Lurdes de Oliveira — Lady Sheffield
Dr. Alfredo de Oliveira — Dumby
Snr. Mario Barros — Hopper
Dr. Valter de Oliveira — Lord Augusto Lorton
Snr. Adelmar de Oliveira — Cecilio Graham
Snha. Maria do Carmo Rigueira Costa — Lady Jedburgh
Sra. Dinah Rosa Borges de Oliveira — Erlynne

Ponto: Abelardo Cavalcanti. Contra-regra: Francisco Miranda. Maquinistas: José Barros, Nilton Miranda e João Alves. Eletricista: Anibal Mota.

TEATRO DE AMADORES
Novembro de 1945, em benefício do Preventório para o Filho Sadio do Lázaro, no Teatro Santa Isabel.

comprometeu o valor de sua ilustre estirpe literária. Todavia, os dignos componentes do elenco não estavam tão harmoniosos quanto das vêzes anteriores. Observava-se-lhes irresolução. Os que mais se distinguiam, padeciam a influência – aliás natural – da imprecisão alheia. Mas, convenho: não é assistindo-a uma única vez que se poderá opinar, concientemente (sic), a respeito da árdua interpretação de peça do jaez de *O leque de lady Windermere*. Aguardo outra representação. Merecedora de encômios foi a montagem apresentada – cuidadosa, requintada, fiel à luz rubrica muito exigente.

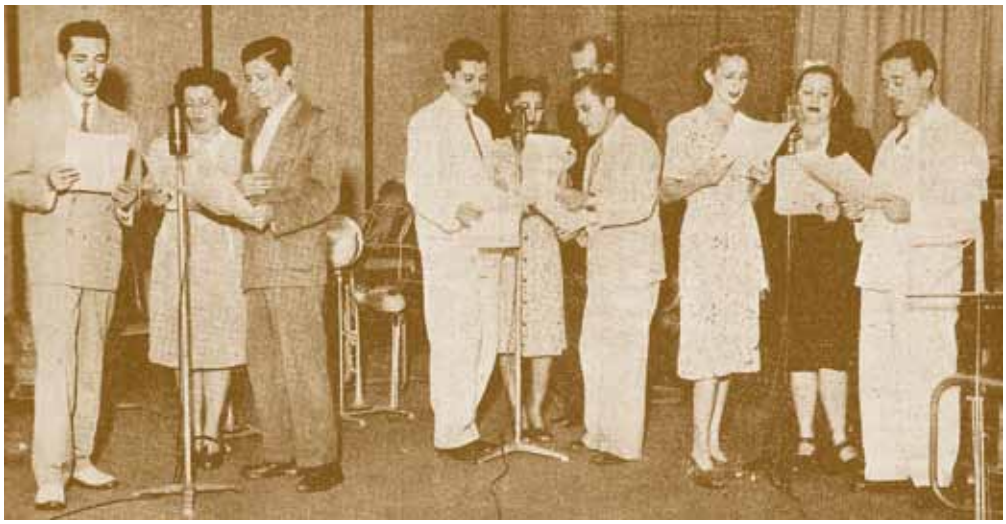
Todas as peças do Teatro de Amadores, incluindo *O Oráculo*, de Artur Azevedo, irradiada no programa de aniversário do Rádio Clube de Pernambuco, foram dadas em benefício de instituições de caráter social do Recife: a Maternidade do Hospital Pedro II, o Jardim da Infância dos Pobrezinhos, o Asilo do Bom Pastor e o Instituto Guararapes (Sociedade Pernambucana de Combate à Lepra). Igual objetivo tiveram os espetáculos apresentados pelo Teatro dos Bancários, pela Tuna

O Leque de Lady Windermere

O Leque de Lady Windermere

Portuguesa e pelo Grupo de Amadores de Gravatá. No segmento de radiodifusão, a seção de Radioteatro da P.R.A.-8 ofereceu, durante 1943, diversas peças para seus ouvintes, sendo algumas de autores pernambucanos: *Alma Torturada* e *O Capitão dos Paraquedistas*, de Arnaldo Calazans, *A Pequena da Boina Verde*, de Francisco Collazo, *Retalho de Céu* e *Os Transviados*, de Amaral Gurgel, *Sublime Sacrifício*, de Costa Medeiros, *Trabalharás Meu Filho!*, *Unidos Para a Vingança*, *Destino*, *Sacrifício de Irmã* e *O Mistério de São Sebastião*, de César Fabbri, *O Mimoso Colibri*, de Armando Gonzaga, *Ternura*, de Cardoso Silva, *A Herança de Miss Margaret*, de Célia de Barros Lins, *Sinfonia das Máquinas*, de Átila Nunes, *Mimosa Roseira*, de Lison Gaster, *Páginas da Vida*, de James Duá, *Marilena Versus Destino*, de Pedro Bloch, *O Cego do Cáiro*, de Berliet Júnior, *Última Ilusão*, de Oduvaldo Vianna, *O Homem Que Ficou Rico*, de Filgueira Filho, *Vida e Morte*, de Artur Azevedo, e as mais elogiadas radiofonizações, *Zola*, de Olavo de Barros e *The Moon is Down* (*Noites de Trevas*), de Telga de Araújo. Um único original estrangeiro apareceu nas ondas do Radioteatro da P.R.A.-8, *As Alegrias do Lar*, de Maurice Hennequin. A interpretação esteve a cargo de um elenco dirigido por Luiz Maranhão com nomes como os de Rosália Pombo, Mercedes del Prado, Hélio Peixoto e Jonas de Sousa, entre outros.

Como festividade voltada às classes mais populares, a Festa da Mocidade, ainda no começo do ano em sua sexta edição, teve como um de seus maiores destaques a apresentação do "cantor misterioso", com prêmio para quem adivinhasse sua identidade no Teatro de Variedades. A "Noite da Cidade", dedicada ao prefeito Novais Filho, também foi outro ponto alto da programação. Já a partir de novembro, celebrando sua sétima edição, a Festa da Mocidade continuou a promover *matinées infantis*, além de manter o Parque de Diversões Shangai e, no Teatro de Variedades, os artistas de maior



Radioteatro da P.R.A.-8

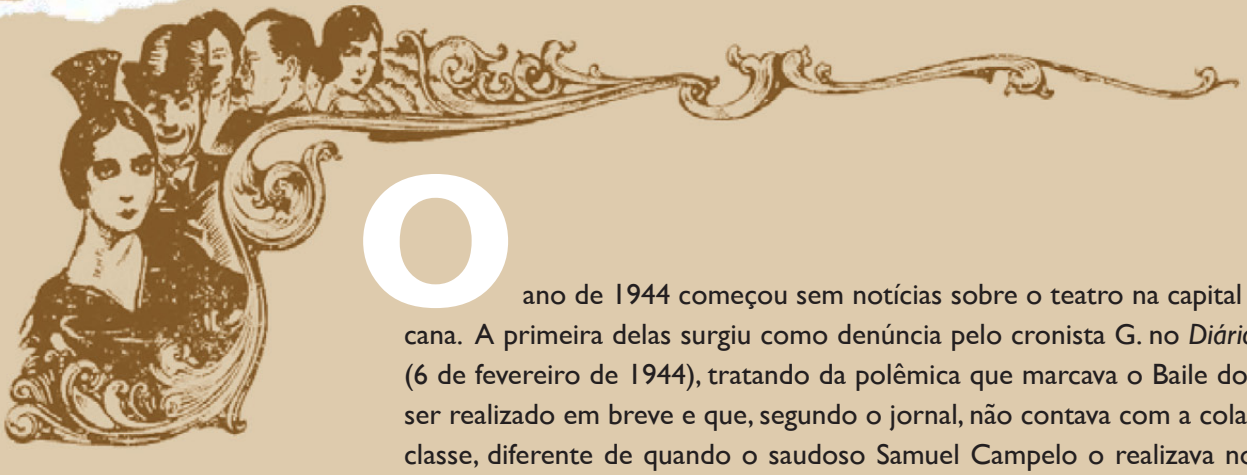
Luiz Maranhão

destaque foram as cantoras Maby Daniels e Ivete Ribeiro, as sambistas Aída Bruno e Waldemira, o humorista Salomão Absalão e os bailarinos Romero & Navarra. Pastoris e mamulengos também foram apresentados como parte das comemorações do período natalino.

Voltando à sua retrospectiva cênica de 1943, publicada no *Jornal do Commercio* (30 de janeiro de 1944), Valdemar de Oliveira retomou o mesmo discurso que vinha apregoando há anos, a agenda tão lotada do Teatro de Santa Isabel, quase impossível de se receber tantos compromissos, e a necessidade de uma nova casa de espetáculos no Recife para atender a tamanha produção:

> Como sempre, o Teatro Santa Isabel se constituiu o ponto de convergência de tôda a atividade artística local. Concertos, recitais, audições, "shows", espetáculos teatrais de qualquer natureza – de comédia, de alta-comédia, de revistas, de bailados – sem falar em formaturas, atos variados, conferências, sessões cívicas, etc – representam o acêrvo de serviços prestados, exaustivamente, pelo velho Santa Isabel, em 1943. A somar a tudo isso, um numero prodigioso de ensaios – pela manhã, á tarde, á noite, dentro e fora do expediente, no palco, no salão nobre, no saguão, no "toillette" das senhoras, até em salas de arquivos e depósitos – para que nenhum candidato deixasse de ser atendido e o fôsse com tôdas as facilidades possiveis. O problema de uma nova casa de diversões se tornou assim, no ano passado, mais premente e mais claro. [...] Maquinistas, eletricistas, cenógrafos, aderecistas, contra-regras, pontos, copistas, marceneiros – trabalharam fatigantemente. E a verdade é que, nenhuma das montagens apresentadas ao público, envergonharam ou desmentiram as nossas possibilidades técnicas. Muitos pretendentes tiveram de adiar suas festas por ser impossível, ao Santa Isabel, atender, em certas épocas, a todos. Cada vez mais se torna necessário, portanto, ao Recife, uma nova casa de espetáculos, ampla e confortável, sem luxo, mas, com capacidade correspondente ao nosso aumento de população. Em meados do ano, corre a notícia da construção de um prédio para o Conservatório Pernambucano de Música. Falou-se, depois, simplesmente, numa sala de concertos. Mas, nada disso resolveria o assunto, mormente quando pensamos que, em terminando a guerra, o Recife será procurado pelas companhias teatrais do Sul, que se sucederão, ininterruptamente, ameaçado, perturbar, por completo, o ritmo das atividades artísticas locais. O que urge é solucionar o problema máximo da nossa vida artística, permitindo que, depois da guerra, haja lugar para todos – companhias do sul e conjuntos locais, artistas avulsos e sinfônicos e sessões cívicas. Que 1944 nos traga a solução dêsse, problema que tão claramente se mostrou, em todos os seus têrmos, no ano que passou.

1944



O ano de 1944 começou sem notícias sobre o teatro na capital pernambucana. A primeira delas surgiu como denúncia pelo cronista G. no *Diário da Manhã* (6 de fevereiro de 1944), tratando da polêmica que marcava o Baile dos Artistas a ser realizado em breve e que, segundo o jornal, não contava com a colaboração da classe, diferente de quando o saudoso Samuel Campelo o realizava no Teatro de Santa Isabel. A questão era que apenas cinco artistas estavam à frente da organização do evento, esquecidos de alguns elementos importantes das artes no Recife, com patrocínio vindo de empresários alheios ao movimento cênico e apenas interessados na rentabilidade financeira dos ingressos. Quem pagasse as entradas, teria direito a participar da festa, independente de ser artista ou não, o que poderia gerar um "desabono moral dos artistas pernambucanos". Não acreditando que o prefeito Novais Filho fosse permitir a farra no Teatro de Santa Isabel, a publicação fez um alerta: "Pois,todos nós estamos no dever moral de defender o nome dos nossos atores e atrizes, que constituem uma classe modesta, porém digna da melhor sorte". Mas o evento acabou não sendo realizado.

A primeira montagem teatral em destaque apareceu com o Grupo Infantil de Comédias, dirigido por Waldemar Mendonça, que apresentou no dia 13 de fevereiro de 1944, no Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, em vesperal às 14 horas, uma revista com motivos carnavalescos escrita pelo próprio Mendonça, contando com música do maestro Lourival Santa Clara.Também surgiu a notícia do aparecimento da Caravana da Alegria, formada por artistas amadores e profissionais. O primeiro espetáculo foi realizado no teatro da Igreja Matriz de Tejipió, com pretensão de seguir por cinemas do Recife e de cidades do interior. No elenco, entre outros, Raul Prysthon, Ziza Prysthon, Amália de Souza e Arlindo Silva. A imprensa também anunciou que o NúcleoTeatral GetúlioVargas, de Olinda, estava em ensaios com a peça histórica *Os Sinos de Olinda*, de Mário

Sette, sob direção de Emídio Faneca. Prometia-se um espetáculo de gala, tendo no elenco Amália de Souza e Lélia Verbena, entre outros. No domingo 13 de fevereiro de 1944, no Teatro de Santa Isabel, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife apresentou em *matinée*, às 15 horas, para seus associados e famílias, a peça *Ela Quer Casar*, do dramaturgo sergipano Walivério Abelísio, seguida de números de variedades ao som da Jazz do Cotonifício Oton Bezerra de Melo, exatamente no dia em que o Circo Garcia anunciou sua vinda em breve à cidade como um grande conjunto de animais amestrados e de artistas de variedades.

Margarida Léa

Lenita Lopes

Até que Pernambuco mergulhou nas festas de momo e, claro, o teatro não foi mais lembrado. Passado o carnaval, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, procedente do "Sul", veio cumprir temporada de um mês e meio no Teatro de Santa Isabel. No elenco, além de Barreto Júnior, a "estrela" Lenita Lopes e mais Lourdes Monteiro, Elpídio Câmara, Luiz Carneiro e Osvaldo Barreto, entre outros. É curioso o alarde que Barreto Júnior fazia sobre todos os originais que apresentava, com anúncios chamativos na imprensa: "*Pertinho do Céu* – O maior êxito do teatro brasileiro nestes últimos tempos!", sobre a peça de José Wanderley e Mário Lago, ou "*O Hospede do Quarto N. 2* – Uma verdadeira fabrica de gargalhadas!", de Armando Gonzaga, ou ainda "*Deus Lhe Pague* – A maior peça do Teatro Brasileiro, original de Joracy Camargo", para citar apenas três de suas produções, investindo, como sempre, em textos de longa data no cenário teatral brasileiro, como *A Ditadora*, *A Flor da Família* e *Aventuras de Um Rapaz Feio*, todos de Paulo Magalhães, ou *A Pensão de Dona Stela*, de Bastão Barroso, e *O Amigo Tobias*, de Brandão Sobrinho. Mesmo assim, os

Luiz Carneiro

Osvaldo Barreto

ingressos para suas vesperais e *soirées* eram comprados com bastante antecedência pelo público, sempre nas mãos do bilheteiro Lisboa. Casa cheia, quase sempre.

No *Jornal do Commercio* (3 de abril de 1944), o crítico M. escreveu sobre *O Hóspede do Quarto N. 2:*

> Das peças até hoje apresentadas, *O hóspede do quarto n.º 2*, de Armando Gonzaga, foi a que provocou maior número de gargalhadas, riso franco, irreprimivel, com as situações, os embrulhos inesperados, comuns ao gênero *vaudeville*. Não se trata de peça fina e nota-se até que o autor não soube fechar o último ato, cuja derradeira cena vale por uma decaída, mas para quem vai ao teatro com o simples intuito de distrair-se, é peça muito agradável. E o desempenho esteve bem, aparecendo desta vez Elpídio Camara, que anteriormente só havia pegado em "pontas", e também distinguindo-se Lourdes Monteiro, que esteve muito à vontade.

Lourdes Monteiro

O teatro praticado por Barreto Júnior e sua equipe nunca foi apreciado pelo crítico Valdemar de Oliveira, pois este sempre primou pelo respeito aos textos originais, coisa que para o comediante e empresário não fazia muito sentido. Mestre em improvisos, Barreto Júnior era sinônimo de gargalhada também pelos trejeitos e frases lançadas ao público com tira-

das inspiradas em episódios da atualidade. Tudo virava motivo para muito riso. Isso incomodava Valdemar de Oliveira, que teve que ainda aguentar, no teatro administrado por ele, uma temporada de casa cheia para a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior.

Quase ao final daquela permanência no Teatro de Santa Isabel, uma das produções apresentadas, a inédita peça *Quando Amanhecer...*, de José Carlos Cavalcanti Borges, provavelmente incluída no repertório a pedido de Lenita Lopes, esposa de Barreto Júnior, atriz que primava por escolher alguns textos considerados de bom nível para renovar o que se oferecia à plateia, mesmo que a bilheteria corresse o risco de ficar minguada, ganhou uma apreciação crítica na coluna *A propósito...*, de Valdemar de Oliveira, no *Jornal do Commercio* (18 de abril de 1944) – algo raro quando se tratava das montagens do comediante e empresário. Talvez pelo estilo diferenciado, mas certamente pelo autor da obra, Valdemar de Oliveira resolveu escrever sobre e, claro, não foi nada favorável ao que viu:

> José Carlos Cavalcanti Borges entregou à Companhia Barreto Júnior o seu último original – *Quando amanheceu...* –. E a Companhia o encenou, num dos seus derradeiros espetáculos. Antes de tudo, não devia ter entregue: não só porque se tratava de trabalho escrito para operários como porque a Companhia vinha realizando, no Recife, uma "temporada de riso", não havendo pois, lugar, nela, para *Quando amanheceu...* Como todos sabemos, José Carlos Cavalcanti é, para honra nossa, um dos melhores contistas do Brasil. Os seus trabalhos não precisam ser assinados, tão vivo é o traço do seu estilo e tão pessoal, a sua "maneira". Ninguém observa melhor os tipos que se movem na monotonia da vida burguesa de nossa terra. O encanto dos seus trabalhos não está na "história" – coisa que quasi sempre não existe neles, mas, no desenho fiel dos tipos e na reprodução dos ambientes domésticos, em seu ritmo vagaroso, indolente, incolor. A sua pena cinematógrafa, em câmara lenta, essa vida parada, que é, todavia, um dos segredos da arte sutil de um Machado ou de um Marquês Rebelo. Professor de psicologia e de psiquiatria, José Carlos se tornou, em literatura, um desenhista de caracteres e um pintor de "interiores" burgueses. Sua peça é, pois, nada mais, nada menos, do que um conto, a que o autor deu uma forma teatral. Lido, tem a mesma sedução de um "Botão se fazendo rosa...". Representado, cai. Falta-lhe o "nervo teatral", o ímã da "história"[,] o segredo da ação. E, como José Carlos não mentiria jamais ao seu ideal literário, porque não é um artificioso, nem um insincero, aventuro-me a afirmar que nunca será um autor teatral capaz de prender – já não digo empolgar as platéias. Dos seus personagens, só lhe interessa aquilo que poderíamos chamar a "energia potencial". A outra, a "cinética"[,] pouco lhe importa. É tudo, entretanto, para o teatro.

Após esta temporada no Teatro de Santa Isabel, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior seguiu para o Cine-Boa Vista, estreando com *Tudo Pelo*

Hamilta Rodrigues

Elisa Mattos

Murillo Gandra

Augusta Moreira

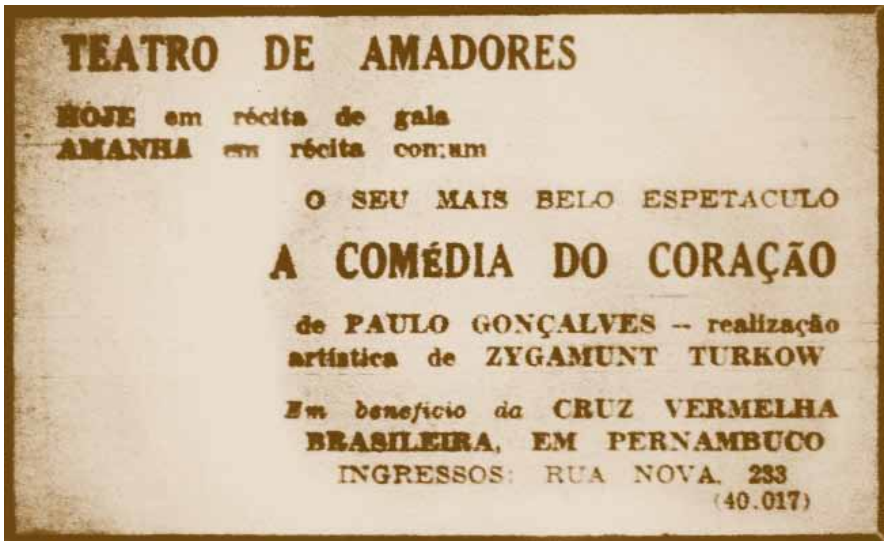
Amor, mas ainda retomando *O Marido N. 5*, *A Cigana Me Enganou* (esta, no dia 19 de abril, foi apresentada em homenagem ao presidente Getúlio Vargas, pelo seu aniversário, sem a presença do mesmo), *Canário* e *A Flor da Família*. Naquela primeira quinzena de abril, o Circo Garcia cumpria temporada na avenida Cruz Cabugá, no bairro de Santo Amaro, com sessões às 19 e 21 horas, ou eventuais vesperais às 14h30, com números variados circenses, mas, também, produções teatrais sacras como *O Martyr do Calvario ou Vida, Paixão e Morte de N. Senhor Jesus Cristo* e *Paixão de Cristo*. Enquanto isso, crescia o número de cinemas em atividade, contabilizando já vinte e três deles na capital pernambucana: Parque, Art-Palacio, Moderno, Royal, Boa Vista, Politeama, Ideal, São José, Glória, Encruzilhada, Real, Torre, Eldorado, Central, Casa Amarela, Espinheiro, Império, Eden, Santo Amaro, Elite, São João, Duarte Coelho e Olinda (Feitosa).

Cinema Politeama

Raul Roulien

Depois de seguir para uma breve temporada em Caruaru, Barreto Júnior levou sua trupe até Minas Gerais por conta própria. Como todos os teatreiros pernambucanos arcavam com tudo do próprio bolso, diferente das companhias que chegavam em turnê financiada pelo Governo Federal, não faltaram críticas à atuação do Serviço Nacional de Teatro naquele momento, apelidado ironicamente no Recife de "Serviço Carioca de Teatro". Outro *bafafá* foi criado por Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (7 de abril de 1944) quando denunciou o "famigerado" Raul Roulien por omitir nomes dos autores das músicas utilizadas nos atos variados que finalizava cada um de seus espetáculos na turnê que empreendeu por onze estados do Brasil recentemente. Representante da SBAT em Pernambuco, Valdemar de Oliveira não só cobrou os direitos autorais e o respeito aos autores, como, diante do não pagamento do citado empresário e ator teatral, festejou sua expulsão dos filiados à entidade.

Para celebrar o seu terceiro aniversário, o Teatro de Amadores preparou uma grande novidade para maio, um mês depois da data original (era Barreto Júnior quem ocupava o teatro em abril): a montagem de um texto de autor nacional. A peça escolhida foi *A Comédia do Coração*, do paulistano Paulo Gonçalves, obra que aposta num diálogo simbólico de sentimentos humanos, pois tudo se passa no interior de um coração onde entram em choque a Paixão, a Alegria, a Dor, o Ciúme, o Ódio e o Medo, alguns movidos pelo Sonho e em luta permanente com a Razão. A estreia se deu a 4 de maio de 1944, no Teatro de Santa Isabel, contando com ilustrações musicais de Valdemar de Oliveira e com a orquestra interna executando a partitura sob regência do próprio autor. Para a direção, foi convidado o encenador e ator polonês Zygmunt Turkow, que estava no Recife há mais de um ano ligado à comunidade judaica. No dia da estreia, Valdemar de Oliveira comentou no *Jornal do Commercio* (4 de maio de 1944):


TEATRO DE AMADORES

HOJE em récita de gala
AMANHA em récita com:am

O SEU MAIS BELO ESPETACULO

A COMÉDIA DO CORAÇÃO

de PAULO GONÇALVES -- realização artistica de ZYGAMUNT TURKOW

Em beneficio da CRUZ VERMELHA BRASILEIRA, EM PERNAMBUCO

INGRESSOS: RUA NOVA, 233
(40.017)

> Vai o Recife assistir, hoje, no Santa Isabel, a uma peça em que positivamente se esgotaram as possibilidades técnicas e artísticas do nosso meio teatral. O que se pode conseguir em instalação elétrica suplementar, em artifícios de maquinaria, em jogos de luz e interpretação por parte de nossas vocações teatrais – isso foi conseguido, no objetivo de montar um dos mais belos originais teatrais brasileiros – *A Comédia do Coração*. Trabalho árduo, que demandou a colaboração de um pessoal especializado e um número de ensaios ainda não alcançado, desde a fundação do Teatro de Amadores. Tem-se a impressão de que este atingiu o seu ponto culminante, pela realização de um espetáculo montado sob o mais severo critério estético.

No elenco, Alfredo de Oliveira (Sonho), Denise Albuquerque (Paixão), Geninha Sá (Alegria), Diná Rosa Borges de Oliveira (Razão), Maria de Lourdes de Oliveira (Dor), Walter de Oliveira (Medo), Adelmar de Oliveira (Ódio), Alderico Costa (ciúme) e a estreante Maria do Céu César (Desconhecida). O "serviço elétrico" ficou sob a responsabilidade de Aníbal Mota e Alexandre Carvalho, "que montaram três poderosos refletores", entre outras novidades de luz, conforme o *Jornal do Commercio* (4 de maio de 1944). A estreia exigiu traje a rigor, para chiadeira de alguns. Privilegiado por possuir uma coluna que serviu, e muito, para defender-se das acusações contra o Teatro de Amadores, Valdemar de Oliveira tocou no tema do elitismo do grupo, a começar dos valores cobrados nos ingressos, e aproveitou pra comparar o trabalho que fazia com o de Barreto Júnior, atacando-o. Eis o que registrou no *Jornal do Commercio* (3 de maio de 1944):

> Tôda vez que os *Amadores* anunciam uma récita de gala, surgem, logo, vozes em contrário, a argumentarem com a exigência do trajo e a elevação dos preços. Fala-se, logo, em granfinismo. Nada disso. A primeira exigência visa a dar, à estreia – unicamente à estréia – uma certa distinção que justifica o preço mais elevado enquanto êste se justifica pelas pesadas despesas de montagem. A qualidade das peças montadas pelos *Amadores* reclama muito dinheiro e, agora mesmo, para *A comédia de coração*, quasi dez mil cruzeiros já foram gastos. Nem a vigésima parte despende Barreto Junior, por exemplo, para montar uma de suas peças (muitas delas, no Recife, foram levadas com cenários do Grupo Gente Nossa), para as quais exige um preço quasi tão alto quanto o preço comum dos *Amadores* (mais alto do que as suas vesperais), e com a possibilidade de várias representações e não quatro ou cinco, apenas. A notar que para os espetáculos de pura recreação, o público é sempre grande, e compreende-se; para os de cultura, é menor, e justifica-se. Ademais as tais vozes contrárias não se lembram de

A Comédia do Coração

> que [...] os *Amadores* trabalham em favor de instituições de caráter social. Se o Teatro de Amadores cobra, por vêzes um preço de cinema (não me refiro a gerais), como se pode acusá-lo de distanciar-se da classe média da população que paga preço maior para ver uma chanchada [...]?

Pouco depois, Valdemar de Oliveira tocou numa questão crítica que perdurou por anos ao Teatro de Amadores: sua atenção demasiada à dramaturgia internacional. Rebateu, então, na sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (10 de maio de 1944):

> É curioso: cada peça estrangeira encenada pelo Teatro de Amadores levantava uma onda de murmúrios. Havia quem dissesse que êsse conjunto era inimigo do teatro nacional, porque desprezava os autores nacionais, o que não era verdade, desde que diversos autores brasileiros já haviam sido contemplados: Oduvaldo Vianna, Silvano Serra e, em peças irradiadas, Coelho Neto e Arthur Azevedo. Mas os murmúrios continuavam. [...] Quem dirá que Dulcina de Morais não esteja fazendo muito, tudo, pelo teatro nacional, montando peças de Giraudoux e Shaw? Que os *Comediantes* não fizeram o mesmo, com peças de Sheriff, Moliére, Goldoni, Musset? As razões estão bem claras no excelente artigo do professor Roger Bastide, recentemente publicado, à seguinte altura: "Longe de mim a idéia de criticar o fato de se apresentar peças estrangeiras: não é pelo isolamento, mas pela multiplicidade dos contactos que se enriquece. [...] Isso não impede, todavia, que a tarefa principal seja chegar à criação de um teatro brasileiro". Claro: seria o teatro o único gênero de atividade intelectual absolutamente autônomo, no Brasil? Impérvio à influência estrangeira?

Atribuindo todo o êxito da montagem ao encenador Turkow, Valdemar de Oliveira só lamentou a partida do mesmo para o Rio de Janeiro, a fim de trabalhar com o grupo carioca Os Comediantes. No livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 143, 144 e 147.), o pesquisador Antonio Edson Cadengue pontuou sobre o resultado da obra:

A Comédia do Coração

A Comédia do Coração é um espetáculo decisivo na vida do Teatro de Amadores: a consciência do trabalho do encenador, a descoberta dos recursos técnicos e expressivos da luz, o controle do sistema cênico, implicando em uma mudança nos modos de interpretação dos atores. Enfim, uma nítida atualização estética que acarreta o reconhecimento maior ou menor do que é uma *escritura cênica*. [...] A *Comédia do Coração* introduz inúmeras inovações ao Teatro de Amadores, tanto técnica quanto esteticamente, sobretudo no que diz respeito aos aspectos da encenação moderna, até então, desconhecidos nos palcos recifenses. A encenação simbolista de Turkow representa um distanciamento do viés naturalista dos espetáculos do TAP, em que predomina a fidedignidade da cena ao texto e a preocupação com a unidade do *ensemble*. E esse salto qualitativo abrange o espetáculo como um todo: do uso da iluminação a interpretações dos atores que toma um novo referencial, não realista, propiciando outras redes de significação ao espectador, como atestam os críticos da época, que também passam a renovar seus parâmetros de fruição teatral e tomar consciência do papel do encenador no teatro. Este espetáculo é o marco inaugural da prática moderna nas encenações do TAP.

A crítica da época percebeu isto. Eis o que Luiz Teixeira comentou longamente no *Jornal do Commercio* (5 de maio de 1944), no dia seguinte à estreia:

> Com êsse espetáculo, verdadeiramente impressionante, o Teatro de Amadores comemorou o terceiro aniversário da sua frutuosa permanência no âmbito cultural pernambucano, como expressão de sadios propósitos em proveito do soerguimento da arte cênica nacional, como presença designativa de autorizada oposição ao histrionismo "que pretende fazer dinheiro com a Arte sem fazer Arte" no dizer de Giulio Bragaglia. E representando a peça de Paulo Gonçalves, *A Comédia do Coração*, o Teatro de Amadores homenageou a inteligência brasileira [...] Redigida com requintada pureza vernácula, *A Comédia do Coração* é sugestiva fantasia, sem que lhe faltem, todavia, os atributos de obra fundamentalmente teatral. Penetrada a totalidade dos seus símbolos

Já Hermilo Borba Filho, no jornal *Diário da Manhã* (14 de maio de 1944), destacou:

> *A Comédia do Coração* foi, inegavelmente, o espetáculo mais bonito do conjunto pernambucano: desempenho, efeitos musicáis (sic) e luminosos,

A Comédia do Coração

guarda-roupa, a montagem enfim, harmonisaram-se (sic) com o texto para um maior relêvo artístico, dando-nos uma noitada como raras vezes temos tido a oportunidade de assistir. [...] *Sonho*, *Alegria* e *Paixão* tiveram, em Alfredo de Oliveira, Geninha Sá e Denise Albuquerque, grandes intérpretes. *Razão* teve, em Diná de Oliveira, uma grande incarnação (sic). Essas figuras – as principais da peça – convenceram e, para elas, os nossos melhores aplausos pela coerência de atitudes, propriedade de gestos, pela vida que deram aos seus papeis. Como cena isolada vale salientar a da embriaguês (sic) da *Paixão* pela *Alegria*. Uma grande cena vivida por Denise Albuquerque, tão intensamente, com tanta naturalidade, que a emoção da platéia foi expressa pelas lágrimas e não pelas gargalhadas. O *Teatro de Amadores* entregou a direção da peça ao ator polonês Ziegmunt (sic) Turkow que, com o seu grande talento artístico e a sua cultura de homem de teatro, soube extrair dos elementos a êle entregues – elementos já por si mesmos talentosos – o máximo de rendimento cênico e interpretativo. Mas não ficou aí Turkow: imaginou o cenário (que é o interior do coração e não o exterior, não tendo cabimento, portanto, a concepção de muita gente que desejou o cenário "em forma de coração(!)"), criou a indumentária (sic), produziu efeitos de luz, "marcou" a peça dando a quase tôdas as cenas o desenho de *ballet*.

O crítico Luiz Teixeira entusiasmou-se tanto com a montagem de *A Comédia do Coração*, que escreveu mais três textos em sequência, sempre com elogios. Chegaram mesmo a afirmar na imprensa que esse sucesso do Teatro de Amadores provava que o Recife não era apenas a praça ideal do teatro chamado para rir. A única nota destoante partiu do jornalista Mário Melo, no *Jornal do Commercio* (6 de maio de 1944):

> A peça é primor literário, mas faltam-lhe certos segredos para efeito teatral. Sobe de cena a cena para enfraquecer nos finais. E cai redondamente no final do terceiro ato. Tem-se a impressão que o autor andou á procura da chave e perdeu-a. Porisso (sic) não empolga o desfêcho.

Mesmo assim, ele fez questão de "exaltar o esfôrço dêsse grupo que se dignifica, dignificando a Arte e concorrendo com seu espiritualismo para o relevo do nome de Pernambuco". Sucesso absoluto, a peça chegou a fazer nove récitas de casa sempre cheia! Não houve vesperais por conta das dificuldades de efeitos de luz à tarde. Toda a renda foi entregue à Cruz Vermelha Brasileira, como prova de mais uma causa humanitária. A 7 de maio de 1944, voltou ao Teatro de Santa Isabel o Teatro Operário, departamento artístico do Sindicato de Fiação e Tecelagem de Pernambuco. O título da peça não foi encontrado

A Comédia do Coração

A Comédia do Coração

nos jornais pesquisados. Já no dia 13 de maio de 1944, celebrando o primeiro aniversário de sua fundação e numa homenagem ao interventor federal Agamenon Magalhães (mais uma vez o teatro daquela época reverenciando chefes do Poder), o Teatro dos Bancários estreou *Revelação*, peça francesa de Jean Héglon, no Teatro de Santa Isabel, produção que voltou em novas sessões no dia 20 e 28 de maio, esta última em vesperal às 15 horas.

"A montagem da peça foi levada a capricho, com vistosas cenoplastias de Alves de Sousa e painéis decorativos de Mário Nunes", lembrou o *Jornal do Commercio* (6 de maio de 1944) antes mesmo da estreia. No elenco, a senhora Reginalda Luna, as senhorinhas Conceição Tavares e Eunice Tôrres e os senhores Jovelino Selva, Otávio Holanda, Mário Barros, J. Orlando Lessa, Romeu Wanderley, J. Ferraz Coelho e Hermógenes Viana. Toda a renda serviu para a compra de um gabinete dentário para o Sindicato dos Bancários. E no período de 14 a 17 de maio de 1944 foi apresentada a "revista simbólica" *Um Mundo Que Desaba*, de Aristófanes Trindade, em montagem luxuosa com dois atos, doze quadros e quatorze músicas, tendo a coordenação do empresário Rosalvo Mota. No elenco, vinte amadores e profissionais mais destacados dos círculos teatrais do Recife, além da orquestra da P.R.A.-8. Os bailados e danças estiveram sob os cuidados de Miss Betty Gatis e Maria do Carmo Rigueira Costa.

No dia 20 de maio de 1944 estreou no Largo da Mangueira, em Jequiá, o Circo Alegria, tendo como grande atrativo da temporada o "Giro da Morte" e a "Muralha Misteriosa", além das comédias *As Duas Angélicas* e *O Dilúvio de Fogo*, como também a peça (provavelmente dramática) *O Conde de Paracabá*. Para alegria da criançada alagoana, no dia 4 de junho de 1944 o Grupo Infantil de Comédias apresentou em São Bento, no estado de Alagoas, *Filhos do Sol*, peça de Eronides Silva, com música de Lourival Santa Clara e cenários do pintor João Pimentel, sendo a bilheteria em benefício da Capela de Nossa Senhora do Carmo. Na segunda parte da programação, aconteceu um ato variado com alunos do Colégio Barão de Suassuna e integrantes do próprio grupo. A orquestra ficou sob a direção de Lourival Santa Clara. A montagem também foi vista no Recife, no Teatro de Santa Isabel. No elenco, Ana Borba, Teresinha Souza, Maria Borba, Isabel Barbosa, Mário Guimarães, Angelina Oliveira, Luiz Queiroga e Edvaldo Barreto. No dia 18 de junho, no Cinema Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, foi a vez da peça religiosa *Nascimento, Vida e Morte de São João Batista*, adaptação de Waldemar Mendonça e do padre Hipólito Pedrosa, com músicas de Lourival Santa Clara.

Sob o patrocínio da Campanha do Ginasiano Pobre, o Teatro do Estudante, ainda na primeira quinzena de junho, apresentou no Teatro de Santa Isabel *Era Uma Vez Um Vagabundo*, de José Vanderlei e Daniel Rocha, divulgada como estando sob a orientação geral de Valdemar de Oliveira (algo que foi desmentido mais à frente) e direção de Raul Prysthon. Os ensaios começaram em abril. Toda a renda serviu em favor da instalação do curso ginasial gratuito para pessoas de baixa renda, seguindo o objetivo da Campanha do Ginasiano Pobre, nova entidade que congregava estudantes das faculdades de Direito e de Medicina, e dos colégios do Recife. O Teatro do Estudante era, então, o departamento artístico da

campanha, o mesmo que organizou na I Semana de Cultura a exposição de quadros dos "melhores pintores de Pernambuco". O curioso é que, segundo o jornal *Diário da Manhã* (16 de maio de 1944), os "artistas-estudantes" usavam pseudônimos, provavelmente para esconder da família o envolvimento com o teatro. Eram então Epitácio Souza Cruz, Mário de Pontes, Márcia Vera-Cruz, Luiz Pedreiras, Carlos Vila-Rica, Sílvio Vernon, Carmen Ferreira, Iracema Castelo, Severino Oliveira e Edmundo Gouveia.

Bem mais à frente, provavelmente pelo desgosto de ver a estudantada recifense montando textos de baixo valor artístico, Valdemar de Oliveira provocou no *Jornal do Commercio* (28 de dezembro de 1944), tendo como referência o repertório de "elevado padrão" que outros estudantes estavam montando por todo o Brasil:

> No Rio Grande do Sul, *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues. Em Minas Gerais. *Ana Cristina*, de O'Neill. Em Aracajú, *Nada*, de Ernani Fornari. Na Bahia, *Heda Gabler*, de Ibsen. No Rio, *Dias felizes*, de Puget, *O fantasma de Canterville*, de Oscar Wilde, e *Palmares*, de Stela Leonardos da Silva Lima. Ajunto mais: em São Paulo, *O soldado de chocolate*, de Bernard Shaw, *A quoi revent les jeunes-filles*, de Musset, *A sombra do mal*, de Lenormand e, até, *Fora da barra*, de Sutton Vane, que não é mais do que *Alto mar*, aqui enscenada pelo Teatro de Amadores. Uma dúzia de peças que recomendam a cultura estudantina, constituindo uma réplica sadia ao mau teatro que certos profissionais nos trazem. E o Teatro do Estudante de Pernambuco? Admití, para iniciar suas atividades – ou reiniciá-las, porque *1830*, de Paulo Gonçalves, foi sua vitoriosa apresentação – uma peça de teatro ligeiro. Logo depois, arrepiando caminho, o Teatro do Estudante deu, por conta própria, embora meu nome continuasse a aparecer como seu "orientador artísti-

Do Livro de Impressões do T. E. P.

«Iniciativas como as do C. E. P. contam não só com o meu apoio, mas especialmente com a minha esperança, com a confiança nos jovens, com a minha solidariedade às suas justas lutas.»

ALVARO LINS.

«Não me cansarei, nunca, de abençoar esta Companhia que continúa a prover útilmente e fecundo pelos muitos benefícios que haverá de trazer aos moços pobres e de bôa vontade.»

Dr. AGGEMIRO GONÇALVES.

«Consigna meus aplausos convencidos a esta Companhia que reflete a inteligência, o patriotismo, e a sensibilidade da alma pernambucana.»

Prefeito NOVAIS FILHO.

«Uma grande obra que não pode — que não deve morrer. E não morrerá!»

VALDEMAR DE OLIVEIRA.

PROGRAMA

1.o PARTE

Em vista do sucesso alcançado com o filme «Em Cada Coração Um Pecado», o emprezário Santino Cunsino cedeu a renda deste filme à Campanha do Ginasiano Pobre.

Os estudantes agradecem sinceramente.

2a PARTE

O "Teatro do Estudante"

— OFERECE —

"ERA UMA VEZ UM VAGABUNDO..."

Comédia em 3 actos de Daniel Rocha e José Wandeley.

— ELENCO —

(POR ORDEM DE ENTRADA)

Coronel — Oliveira Fernandes
Placida (Senta) — Sylvia Vernon
Gervasio — Fernando Antonio
Gervasio — Raimundo Gouveia
Helena — Leopoldina Montenegro
Osorio — Luiz Pedreira
Silvia — Marcia Vera Cruz
Marcos Rapozo — Mario de Pontes
Lalau — J. Rebello de Castro
Lucinda — Miramma Castelo

Direção e ensaios de RAUL PRYSTHON e GERSON VIEIRA

Contra-regra — FLORENCIO TEIXEIRA

Ponto — COLEGINHA

Maquinista — BARROS

O ponto, o vestuário e os cenarios são gentileza do TEATRO DE AMADORES DO RECIFE ao Teatro do Estudante.

Nota: — As rendas do espetáculo reverterão exclusivamente em benefício da Campanha do Ginasiano Pobre. O TEATRO DO ESTUDANTE é composto de academicos das faculdades do Recife.

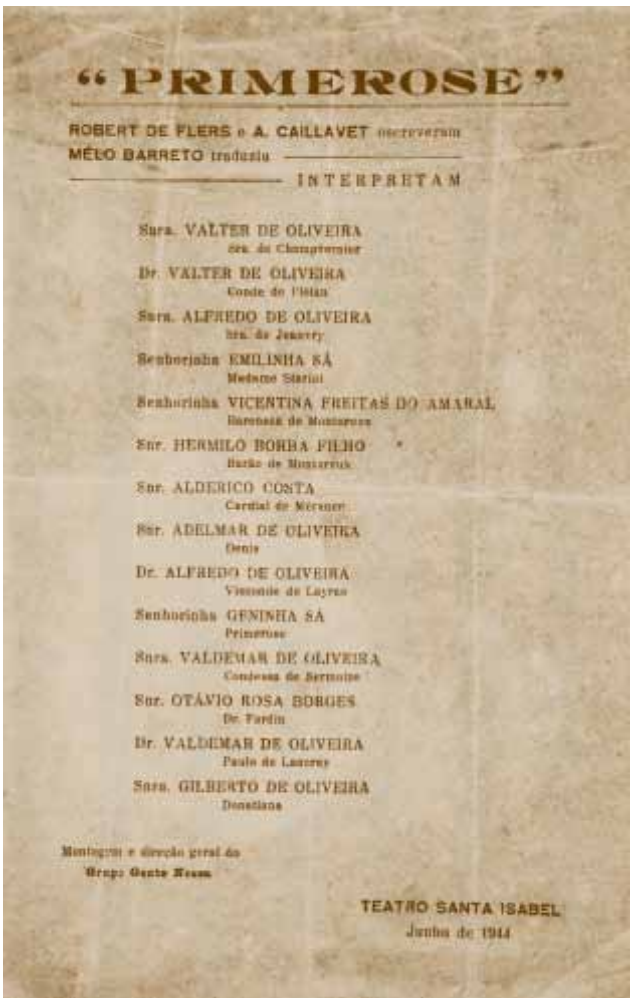
co", uma peça baixa que, foi, além de tudo, um desastre financeiro. Não podia deixar de ser assim. Claro que um bom repertório não é suficiente para que os estudantes do Recife vençam o maior, de seus obstáculos: a falta de elemento feminino. Mas, com êle, os pais não têm que temer seja, semelhante teatro, um pretexto para pândegas, iguais às que se passam em cena. Sei que, dentro do próprio conjunto, há elementos contrários a essa orientação. Pois, estão errados. Tão errados que não se tem ânimo de mostrar a Pascoal Carlos Magno (que possivelmente transitará pelo Recife, rumo à Inglaterra, via América do Norte) o teatro que os estudantes fizeram, em 1944, no Recife, contra todos os bons exemplos do Teatro de Amadores e do Teatro dos Bancários.

No mês de julho de 1944, o Teatro de Amadores seguiu em turnê para Salvador, recebendo as passagens áreas como apoio da municipalidade da capital baiana, contando ainda com o auxílio dos governos estaduais da Bahia (através do seu Interventor, o general Renato Aleixo) e de Pernambuco (o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda arcou com as despesas gerais). No repertório apresentado no Teatro Guarany: *A Exilada*, *Uma Mulher Sem Importância*, *Primerose (*que contou na estreia com a presença do Interventor Federal na Bahia, entre outras autoridades civis, religiosas e militares), *O Instinto* e *A Comédia do Coração*. A plateia da sociedade baiana era considerada fria, pouco afeita a bater palmas, mas, além do Teatro de Amadores superar o recorde de público até então conseguido pela Companhia Joracy Camargo, com 264 assinaturas, chegando o grupo pernambucano a 453 assinaturas, afora frisas e camarotes, todo o repertório foi bem muito recebido por público e crítica. Tanto que as sete récitas programadas subiram para onze, atendendo aos inúmeros pedidos das diversas instituições de beneficência social que tiveram renda total direcionada a elas: a Merenda Escolar, o Preventório do Filho do Tuberculoso Pobre, o Instituto dos Cegos, a Liga Baiana Contra o Câncer e o Seminário Central da Bahia. Essa turnê de quinze dias, então, consolidou definitivamente o prestígio do Teatro de Amadores em terras baianas, com homenagens variadas nos intervalos das peças e repercutindo positivamente não só em toda a imprensa baiana e pernambucana, mas, também, na carioca.

Neste meio tempo, o Núcleo Teatral Getúlio Vargas, que tinha Lauriston Pessoa Monteiro como presidente, e como autor principal, Vanildo Bezerra Cavalcanti, tentava se movimentar no Recife, assim como, para atrair um público bem popular, foi promovida no Jardim 13 de Maio a Festa da Vitória, tendo como atrações a sambista Rute Martins, o imitador e humorista

Januário de Oliveira, Carmen Costa, Zé Coió, Uyara de Goiaz, Ina Brenda, Demônios do Ritmo e o duo Mário-Nenzita. Foi ainda em outubro de 1944 que o Clube Náutico Capibaribe lançou o seu grupo cênico, sob direção de Waldemar Mendonça. Já no final do mês, em Caruaru, o Grupo Intermunicipal de Comédias apresentou *O Hóspede do Quarto N. 2*, de Armando Gonzaga, em festival em benefício da Matriz de Nossa Senhora do Rosário. Enquanto que na cidade de Pesqueira, o Grupo Dramático Pesqueirense, produziu *O Hotel dos Amores*, sob a coordenação de Edward Matos e tendo no elenco rapazes e senhorinhas daquela sociedade. A apresentação aconteceu no cinema local, em benefício da Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Na capital pernambucana, o ano de 1944 continuou de agenda cheia para o Teatro de Santa Isabel, com Valdemar de Oliveira, sempre que possível, lembrando da necessidade de uma nova casa de espetáculos para desafogar o principal palco da cidade. De 15 de



outubro a 15 de novembro a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior ocupou o Teatro Santa Isabel com peças como *As Três Helenas*, de Armando Mook, *A Família Lero-Lero*, de Raimundo Magalhães Júnior, *O Mundo é Uma Bola*, de André Mirabeau, com tradução de Silveira Leal, *Por Causa do Lulú*, de Paulo France, *Compra-se Um Marido*, de José Wanderley, *Deus Lhe Pague...*, de Joracy Camargo, e *A Mulher Que Matou o Marido*, de Correia Varela – os ingressos eram adquiridos no Depósito da Caxias, com o afamado bilheteiro Lisboa. Vale registrar que, a partir de 1 de novembro de 1944, para maior comodidade do público, o Teatro Moderno, que só funcionava como cinema há um bom tempo, passou a oferecer quatro sessões diárias, às 14h15, 16h15, 18h15 e 20h15, tendo ainda aos domingos uma matinal às 10 horas. Paralelamente, o Cine Boa Vista, atendendo a uma solicitação da Diretoria de Reeducação e Assistência Social, passou a cobrar de seus frequentadores uma pequena taxa de auxílio para o Natal das Crianças Pobres.

Contratado pela Emprêsa Cinemas Reunidos, o afamado Pimpinela, o humorista Silvino Neto, do *cast* da Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, considerado "o maior cartaz humorístico do Brasil", também criador de outras divertidas personagens como Anestésio, Seu Acácio e Januário, veio ao Recife para apresentar números de repertório cômico no Cine Boa Vista, de 4 a 9 de novembro de 1944. Em seguida, fez algumas sessões no Cine Torre, Cine Eldorado e Cine Ideal. O Grupo Infantil de Comédias, por sua vez, voltou a chamar atenção no dia 12 de novembro, quando agendou a comédia *A Filha do Operário*, no Teatro Leopoldo Machado, situado no bairro do Feitosa. A peça, em benefício das obras da Liga Espírita Suburbuna, era uma criação dos coordenadores do coletivo, Waldemar Mendonça e Lourival Santa Cruz, e contou com um ato variado em sequência.

No mesmo local da Festa da Vitória, ou seja, o Parque 13 de Maio, cedido pelo prefeito Novais Filho, o conhecido sambista carioca Moreira da Silva, divulgador dos sambas de breque no país, inaugurou a VIII Festa da Mocidade, no dia 25 de novembro de 1944, com uma brilhante temporada de shows por mais de vinte noites. Ainda no Teatro de Variedades puderam ser apreciados "Les Forest, dupla de bailarinos fantasistas e acrobáticos, e Flora Matos, sambista de largo cartaz nos teatros e cassinos do Rio e São Paulo", segundo o *Jornal do Commercio* (21 de novembro de 1944). O Parque Shangai continuou com seus brinquedos populares, além dos bares, iluminação artística e serviço de alto-falante no evento tradicional promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco.

Naquele mesmo mês de novembro surgiram os espetáculos *Paço de Veiros*, do Teatro dos Bancários, *No País do Sonho*, de autoria da professora Celeste Dutra, com a participação de cento e quarenta alunos de treze educandários, e *Ritmos e Sons de 1944*, encenação com música e dança pelo Colégio Vera Cruz, todos no Teatro de Santa Isabel. Numa crítica

escrita para o *Jornal do Commercio* (2 de dezembro de 1944), na sua coluna *A propósito...*, Valdemar de Oliveira concluiu:

> Espetáculo interessante foi o do Vera-Cruz, sem ter sido o melhor de quantos nos vem apresentando, todo fim de ano. [...] Anote-se, por fim, o espetáculo do Teatro dos Bancários, sem dúvida o melhor que até hoje nos apresentaram. O melhor, sob o ponto de vista rigorosamente teatral. Boa distribuição de papéis, e bom desempenho de modo geral. A peça – *Paço de Veiros*, de Júlio Dantas – grande peça. Finalmente! Valha, sobretudo, um amplo elogio a João Tôrres, que a ensaiou, desempenhando, muitíssimo bem, o

Silvino Neto

difícil papel de D. Diogo de Veiros. Há, ainda, o bom espetáculo do Teatro Escolar, com a peça *No país do sonho*, da prof. Celeste Dutra.

No dia 14 de dezembro de 1944, o Departamento Teatral do Centro Educativo de Água Fria apresentou no Cine Império o espetáculo *Presépio de 1888*, com trinta "figurantes" em três atos, sete quadros e trinta e quatro jornadas, sob a orientação do instrutor Fraga, com cenários do pintor Mário Ferreira. Por sua vez, a Festa da Mocidade continuou atraindo multidões para o Parque 13 de Maio, muito também pelas programações especiais, como as *matinées* infantis aos domingos que sorteavam brindes e bombons, ou as competições especiais para adultos, por exemplo na "Noite das Bonecas", com bonecas sorteadas, ou "Uma Noite na Roça", com um casamento matuto; o Parque Shangai, além das noites de Natal e Ano Novo com sessões no Teatro de Variedades às 20, 23 e 2 horas, tendo como atrações o ventríloquo Vidondo, a sambista gaúcha Maria Garcia, o cantor Juan Gonsalez, a dupla cômica Cardoni & Ramonita, Zé Coió, Catulo de Paula, Anita Palmeiro e a orquestra do maestro Guido de Morais.

Em referência ao teatro que se fazia não só no Recife, mas nacionalmente, muito certamente pela modernidade que a peça *A Comédia do Coração*, do Teatro de Amadores, trouxe ao mercado local, o teatrólogo Hermilo Borba Filho provocou em seu artigo "À procura do tempo perdido", no *Jornal do Commercio* (17 de dezembro de 1944):

> O teatro no Brasil, como Proust, está à procura do tempo perdido. Já era tempo de mandar às urtigas aquelas comediazinhas insôssas do snr. Paulo Magalhães (que Deus haja) e as não menos rançozas pantomimas de muitos Gastões Tojeiros que por aqui andavam dando cartas e jogando de mão. É verdade que êles

Ritmos e Sons de 1944

ainda não desapareceram de todo, mas ninguém, dentro de uma zona urbana respeitável, dá-se mais ao desplante de rir com aquelas mesmas graças, de olhar aqueles mesmos tipos estandardizados, de comover-se com os mesmos enredos repetidos de *Onde canta o sabiá* e *O marido número cinco*. O público brasileiro, tão injuriado no seu bom gosto, já está sabendo que teatro é uma coisa muito séria, que teatro não é gargalhar somente. Um bocado de coisas boas foi apresentado ao público do Sul e ao público do Norte. A obra de renovação, inegavelmente, foi iniciada com *Os Comediantes* na banda de lá e com o *Teatro de Amadores* na banda de cá. Mesmo sem falar no repertório estrangeiro, o grupo de Santa Rosa revelou ao Brasil o seu primeiro grande dramaturgo: Nelson Rodrigues com o seu *Vestido de Noiva*. Deus-nos ainda um Lúcio Cardoso, que foi atacado, que foi discutido, que foi também elogiado por muita gente boa até, mas que foi o primeiro romancista de fôlego a botar a cabeça de fora para espiar o teatro. Os nossos escritores não se interessavam pelo teatro – um teatro de t pequeno com raras exceções. Depois dêsses exemplos êles começaram a ver que a coisa ia mesmo

e Vinícius de Morais prometeu-nos um *Orfeu* e Jorge de Lima apronta uma peça que ainda não foi batizada. Jorge Amado teatraliza o *A. B. C. de Castro Alves*, Diná Silveira de Queiroz projeta uma dramatização de Maria Bonita. *Os Comediantes* insistem e escalam a sua programação para a temporada que vai realizar-se, uma enfieira de peças como nunca vimos no Brasil: *Electra*, de Sófocles; *Nossa Cidade*[,] de Thornton Wilde; *O Revisor*, de Gogol; *A Rua*, de Rice; *Destinos*, de Gantillon; *O Mentiroso*, de Alarcon. Os profissionais inteligentes (porque os há) ficaram admirados e disseram para as pecinhas anêmicas: "Menina, e existe público para essas coisas?" E houve público para *Bodas de Sangue* (um crime, esconder Garcia Lorca às nossas platéias, um crime relativamente quasi do tamanho do de Franco que mandou fuzilar o poeta naquela madrugada fria). E houve gente de mais para assistir *Anfitrião 88*, de Giraudoux. E o teatro pegou enchentes nas representações de *César e Cleópatra*, de Shaw; e *Deslumbramento*, de Keith Winter; e *Santa Joana*, ainda de Shaw. Bibi Ferreira enche-se de entusiasmo e monta peças bem intencionadas. É preciso ganhar o tempo perdido. É preciso. Todos sentem isto. Somente Jaime Costa tapa os ouvidos, fecha os olhos, amarra as suas próprias mãos e começa a gritar: "Dou ao público o teatro que êle quer". Mentiroso! [...] Agita-se o país inteiro. Pascoal Carlos Magno volta da Inglaterra e institue um curso de férias de teatro. Os negros querem fazer o seu teatro e falam até em *O Imperador Jones*, de O'Neil. Romancistas, negros, artistas, brancos, amadores, profissionais, procuram o tempo perdido, procuram, estão frios, estão mornos, estão esquentando. Isso nos campos do Sul. Nos campos do Norte o *Teatro de Amadores* lança *Knock*, *Uma Mulher Sem Importância*, *Alto Mar*, *A Comédia do Coração*. E pensa em Pirandello, em Ibsen, em Lenormand. Está tudo pegando fogo. A fogueira está ficando bonita de se ver e o teatro brasileiro começa a subir essa ladeira, no tôpo da qual a gente vai encontrar o tempo perdido, que brincou de se esconder durante tantos anos. Procurem. Procurem.

Logo depois da temporada da turma liderada por Barreto Júnior no Teatro de Santa Isabel, uma intensa fase de concertos musicais e espetáculos de educandários, como o Vera Cruz, Escola de Comercio L. C. Smith, Agnes Erskine, Colégio Salesiano, Colégio Jesus Crucificado, N. S. do Carmo, Escola Normal Oficial, Escola Normal Pinto Júnior e Colégio Padre Felix, aconteceu naquele palco, além das sessões esporádicas do Teatro dos Bancários, Teatro Operário e Teatro Escolar. Depois de servir a estes espetáculos avulsos, ensaios e formaturas escolares, além de agora contar com o *toilette* das senhoras devidamente reformado, a substituição de algumas

Vestido de Noiva, pelo grupo carioca Os Comediantes

madeiras atingidas pelo cupim (praga já devidamente erradicada do local), e a limpeza do grande lustre central, o Teatro de Santa Isabel recebeu no dia 15 de dezembro de 1944 a Companhia Brasileira de Teatro Musicado, do Teatro Carlos Gomes, do Rio de Janeiro.

A equipe, apresentando em seu elenco o casal Danilo de Oliveira e Noêmia Soares, o ator João Fernandes e outros elementos das rodas teatrais cariocas, estreou com a revista *Brasil Moreno*. Chegou sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro para temporada até janeiro de 1945, com trabalhos como *O Aparício Apareceu* e *Fora do Eixo*. "A Companhia tem alguns artistas interessantes e suas montagens atendem bem aos fins que tem em mira", ou seja, espetáculos do *gênero leve, sucessão de quadros de dança, música e teatro"*, como reforçou o *Jornal do Commercio* (24 de dezembro de 1944). Por tanta programação em sequência ininterrupta, o Teatro de Amadores ficou, assim, impossibilitado de voltar à cena durante todo o restante do ano.

HOJE NO TEATRO SANTA ISABEL
Continuação do Grande Sucesso da Companhia de Revistas do Teatro Carlos Gomes do Rio
1.ª PARTE
O APARÍCIO APARECEU
Uma cascata de gargalhadas !
2.ª PARTE
Um colossal SHOW por toda a Companhia
Vá, hoje, ao Santa Isabel ver um espetáculo que é uma verdadeira fabrica de gargalhadas — DOMINGOS E FERIADOS MATINÉS CHICS.
Entradas no deposito da Caxias no Edificio São Marcos.
(6|8060)

1945

Dirigida pelo ator João Fernandes e tendo como destaque entre os seus vinte e cinco integrantes os atores Danilo de Oliveira, Vina de Sousa, Noêmia Soares, Artur Costa e Luana France, a Companhia Brasileira de Teatro Musicado, do Rio de Janeiro, continuou sua temporada no Teatro de Santa Isabel anunciando como primeira montagem a ser vista em 1945 a comédia em dois atos *Aguenta, Fedegoso*, concluída com um show em que participavam todos da equipe. Já com a revista *Fora do Eixo*, o conjunto ainda promoveu *matinée* para crianças, todos filhos de operários, graças a uma parceria com a Diretoria de Reeducação e Assistência Social, e sessão adulta específica para o operariado, a convite da Delegacia do Ministério do Trabalho. Logo depois, engatou nova montagem com a "atualíssima revista" *Vai Ser de Colher*.

Naquele momento, a Festa da Mocidade, "certame universitário" promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco, preparava-se para celebrar o Dia de Reis com uma programação bem convidativa: além da exibição de pastoris e mamulengos, o Teatro de Variedades contava com shows onde brilhavam Miss Baby, "a embaixatriz do *swing* e do *fox*", a sambista Maria Garcia, e a dupla cômica Cardoni e Romanita, entre outros artistas. E já anunciava para os dias 11 e 18 de janeiro, respectivamente, "A Noite da Cidade", quando o público iria descobrir "o cantor misterioso", e mais uma tradicional "Noite das Senhorinhas", com sorteio de brindes. O evento acadêmico no Parque 13 de Maio prestava homenagem ao prefeito Novais Filho, "amigo tradicional dos universitários", segundo o jornal *Folha da Manhã* (4 de janeiro de 1945).

De passagem por Recife e em viagem para a Inglaterra, onde iria assumir funções na secretaria da embaixada brasileira em Londres, o diplomata e escritor carioca Paschoal Carlos Magno foi convidado pelo Teatro de Amadores a proferir uma conferência voltada à mocidade, intitulada por ele de "Teatro do Estudante", seguida da

Paschoal Carlos Magno

apresentação da peça *A Comédia do Coração*, de Paulo Gonçalves, trabalho estreado pelo grupo pernambucano ainda em 1944 sob a direção de Zygmunt Turkow (naquele momento já trabalhando com o grupo Os Comediantes, no Rio de Janeiro) e "que tão grande êxito assinalou por ocasião de suas representações no ano passado", como bem lembrou a *Folha da Manhã* (3 de janeiro de 1945). O jornalista Luiz Beltrão recordou ainda mais da montagem numa edição dominical da *Folha da Manhã* (7 de janeiro de 1945):

> Lutando com as deficiências técnicas da nossa única casa de espetáculos, porém contando com a bôa vontade e os esforços dos principais dirigentes do departamento aristocrático do "Gente Nossa" [percebam a ironia no uso do termo "aristocrático", ou seja, elitista, diferente do seu antecessor], Turkow conseguiu fazer verdadeiros milagres e apresentou, para um público entusiasmado, o mais soberbo espetáculo que os "Amadores" já nos deram.

Com renda da bilheteria revertida para a Casa do Estudante do Brasil, esta "festa de arte e cultura" com direito a conferência e espetáculo aconteceu numa segunda-feira, dia 8 de janeiro de 1945, no Teatro de Santa Isabel. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, era apresentada a peça *Soldados da Retaguarda*, de Valdemar de Oliveira e Hermilo Borba Filho, no Teatro Ginástico, com o elenco do Teatro do Trabalhador do Brasil, formado por operários de diversas indústrias. O texto, classificado em 2º lugar – no Concurso de Romance e Teatro do Ministério do Trabalho em 1944, ganhou direção de C. Francisconi. O crítico Mário Nunes escreveu sobre a obra em matéria reproduzida pela *Folha da Manhã* (14 de janeiro de 1945):

> Do ponto de vista teatro – ambiente, intriga, personagens, efeitos – é restrito o merito de *Soldados da Retaguarda*, mas se conciderarmos (sic) que os autores a produziram atendendo a determinados propósitos – focalisar (sic) exaltando a politica social do governo Getulio Vargas e orientar a bôa vontade do operariado para um patriótico esforço construtivo – a comedia parecer-nos-á excelente. E não é só. Nossa primeira impressão foi a de que a intriga era ingenua, coniqueiro o texto, candidos os caracteres facilitando soluções imediatas dos confeitos, e ainda conversões miraculosas. Lembramo-nos, porem, logo em seguida, que Valdemar de Oliveira e Hermilio Broba (sic) não haviam escrito *Soldados de Retaguarda* para a classe letrada – perdôem a imodestia – mas para se tornar compreendida da massa operária, deficientemente alfabetisada (sic),

> como todo o Brasil, gente que nunca terá ido ao Teatro ou que contará pelos dedos da mão as vezes que haja ingressado em uma sala de espetaculos... A êsse auditorio seus proprios problemas e as soluções adequadas devem ser apresentados singelamente, em linguagem acessivel e dentro do quadro das emoções primárias. Foi o que os outros conseguiram e mais dignos de elogio se tornam por não se destinar essa espécie de Teatro a profissionais, mas a artistas improvisadas (sic), grupos de amadores, cuja formação o Ministro do Trabalho incentivará, junto a centros industriais, onde seja densa a população operária. Facil de representar e facil de compreender e assimilar, por seus conceitos e conclusões, plenamente reflete o pensamento do governo, ao instituir o Teatro do operario no Brasil, veiculo de mais intimo entendimento entre os dirigentes e os trabalhadores, empregados e empregadores. E' uma obra de largas proporções e que se acha apenas em inicio, merecendo a atenção e o carinho dos nossos escritores teatrais, pelo muito que pode produzir em favor da tranquilidade e do bem estar de (sic) familia brasileira.

Mas o momento não era nada favorável a estar atrelado ao Governo. Tanto que uma campanha contra a ditadura de Getúlio Vargas crescia cada vez mais no país. Duas tragédias no Recife fizeram apressar os fatos. No dia 3 de março daquele ano, num fim de tarde, foi assassinado na sacada do prédio do jornal *Diario de Pernambuco* o estudante Demócrito de Souza Filho pela polícia do Estado Novo, que tentava dissolver uma manifestação popular concentrada em frente àquele local contra os desmandos do governo getulista. O artigo "Diario de Pernambuco e sua formidável história", presente no endereço eletrônico http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml (acesso em: 21 de março de 2015), revela o que mais aconteceu:

Demócrito de Souza Filho

> No meio da multidão, tomba o carvoeiro Manuel Elias, também vítima dos disparos da polícia, que empastela o jornal. O seu redator-chefe, Aníbal Fernandes, um dos grandes nomes da imprensa brasileira, é preso, em companhia de outros jornalistas, e o DP passa mais de 40 dias sem circular, voltando às bancas por força de mandado de segurança concedido pelo juiz Luiz Marinho.

O caso contribuiu bastante para a derrocada de Getúlio Vargas naquele ano. Retomando o assunto teatral, logo após a permanência de Paschoal Carlos Magno no Recife, Valdemar de Oliveira seguiu para o Rio de Janeiro a fim de atualizar-se e voltou encantado com o trabalho dos amadores cariocas, especialmente o grupo Os Comediantes. Destacando principalmente a precisão no trabalho de cenógrafos, costureiras, maquinistas e eletricistas, "senhores de todos os segredos da moderna técnica teatral", ele chegou a desabafar no *Jornal do Commercio* (29 de abril de 1945): "[Somente] quando vi tudo isso é que compreendi toda a extensão do formidável esforço que é preciso despender, na província, para se conseguir alguma coisa na montagem teatral!". Pensava ele, então, com qual produção iria abrir sua temporada de 1945, ainda mais ciente da redobrada responsabilidade do Teatro de Amadores a partir de então, em virtude do conceito já firmado pelo grupo tanto no Recife quanto fora do estado.

Continuando sua permanência no Teatro de Santa Isabel, a Companhia Brasileira de Teatro Musicado estreou, a 18 de janeiro, a revista pernambucana *Qué Matá Papai, Oião?*, de Luiz Maranhão e João Fernandes, musicada pelo maestro Nelson Ferreira e Sebastião Lopes, com aplausos da plateia. Mas, na retrospectiva do ano 1945, publicada pelo *Jornal do Commercio* (24 de janeiro de 1946), Valdemar de Oliveira lembrou que essa temporada de "revistas sem valor", totalizando vinte e cinco sessões, ficou "às moscas". Em se-

CINE ENCRUZILHADA

HOJE — Ás 20 e 30 — Ultimos espetaculos da
"COMPANHIA DE REVISTAS JOÃO FERNANDES
com a revista em 2 atos: "FÓRA DO EIXO"
Cad. .. .. 5,50 — Geral 3,00
6.ª feira — Inicio da temporada cinematografica com a comedia da R.K.O.: "ERA UMA LUA DE MEL"
Cary Grant — Ginger Rogers
Amanhã — Festival artistico da Cia. com a revista local:
QUÉ MATÁ PAPAI OIÃO?
2 atos de Sucesso !

João Fernandes

guida, no Cine Encruzilhada, ainda em janeiro, a Companhia de Revistas João Fernandes (sem razão maior para a mudança de nome na equipe) atraiu um público mais popular para ver revistas como *Fora do Eixo* e *Qué Matá Papai Oião?*. Já o Departamento Cênico do Centro Educativo de Areias levou o seu *Presépio de 1865*, original dos Irmãos Valença, para apresentação no novo prédio da Prefeitura Municipal da cidade de Vitória. Ao final do mês de janeiro, enquanto a atriz pernambucana Lenita Lopes só recebia elogios por sua atuação em *O Mundo é Uma Bola*, durante temporada vitoriosa da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior no Theatro da Paz, em Belém do Pará, o "cast da PRA-8" preparava-se para apresentar o festival *Parada de Ritmos* no Teatro de Santa Isabel, a 1 de fevereiro de 1945, numa promoção da Rádio Clube de Pernambuco.

Já na Festa da Mocidade daquele ano, que adentrou o período carnavalesco, o destaque foi Vidondo e Seus Bonecos, com apresentações todos os domingos e feriados, além de distribuição de bombons à criançada. Ainda em fevereiro, Luiz Vidondo seguiu para o Rio de Janeiro afim de se aprimorar na arte titeriteira. A partir daí, foram longos os períodos em que nenhuma nota sequer na imprensa abordou a arte teatral, a não aquelas que, ainda que sob o título "Teatro", divulgavam recitais, especialmente os da Sociedade de Cultura Musical, e declamações nos palcos do Recife. No entanto, ainda em fevereiro, no dia 4, o Grupo Infantil de Comédias, o único grupo de teatro verdadeiramente direcionado a meninos e meninas no Recife em 1945, reapresentou no Cine-Teatro Olinda do Feitosa, a partir das 14 horas, *Quem Será o Palhaço?*, texto de Waldemar Mendonça, líder do conjunto, com música de Lourival Santa Clara. Esta comédia carnavalesca em dois atos voltou àquele mesmo palco para homenagear o benemérito do grupo, o pintor João Pimentel. No elenco, Ana Borba, Maria Guimarães, Isabel Barbosa, Nadeje Albuquerque, Reginaldo Sousa, Humberto Neves, Maria Borba, Edvaldo Barreto, Angélica Oliveira e Jeanino Darcy.

De acordo com o jornal *Folha da Manhã* (4 de fevereiro de 1945), foi promovido ainda um Concurso de Passo, "com premios de lança-perfumes, camisas esportivas e sapatos tênis", além de um passa-tempo intitulado *Valores Novos*, com prêmio em dinheiro e a possibilidade do vencedor integrar-se ao elenco do Grupo Infantil de Comédias. O espetáculo foi finalizado com "um ato variado a cargo de vários elementos do Grupo, inclusive Elisabete Bezerra (A baianinha)", segundo aquele mesmo periódico.

De volta da sua viagem ao Rio, onde pôde fazer conferência sobre o frevo e o passo, além de "estudar o que de mais moderno existe em matéria de técnica

teatral", conforme afirmou em entrevista ao jornal *Folha da Manhã* (11 de fevereiro de 1945), Valdemar de Oliveira trouxe consigo material cênico e elétrico para o Teatro de Santa Isabel, produtos de cabeleireiro e caracterização para o seu grupo, além de "um repertório de peças modernas". A promessa de chegar em breve "um grande ensaiador" para o Teatro de Amadores ainda estava de pé. Mas no dia 24 de fevereiro de 1945, foi o Teatro dos Bancários quem retornou à cena com a peça *Paço de Veiros*, do escritor português Júlio Dantas, comemorando o segundo ano de atividade da equipe e a quarta apresentação da montagem, aqui tendo no elenco Eunice Torres, Milton Persivo, Hermógenes Viana, João Torres, J. Orlando Lessa e Romeu Wanderley. Desde a estreia em 1944, a peça completou seis representações no total.

Em março, o Departamento Cênico do Centro Educativo de Areias levou para o palco do Centro Educativo de Santo Amaro a comédia *A Minha Sombra*, seguida de um ato de variedades. Em meados daquele mês, no Teatro de Santa Isabel, o casal de comediantes uruguaios Zelmira Daguerre e Hector Cuore, já elogiados por Valdemar de Oliveira em sua visita ao Rio de Janeiro, promoveu quatro récitas dos textos para dois personagens, *Del Brazo y Por La Calle* (*De Braço e Pela Rua*), alta comédia de Armando Moock, e *Ciúmes*, de Louis Verneuil. Os dois atores cômicos chegaram a convite do Teatro de Amadores, após passar por Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Pelo jornal *Folha da Manhã* (25 de março de 1945), receberam ainda mais elogios por "tão profunda impressão [que] deixaram, no espírito de nossa platéia, por ocasião dos seus anteriores espetáculos". A confraternização junto ao conjunto recifense aconteceu no Grande Hotel.

A 26 de março, sob a presidência do interventor Etelvino Lins, o Teatro de Santa Isabel lotadíssimo serviu de palco para um encontro de vibração patriótica, com centenas de pessoas demonstrando apoio à candidatura do general Eurico Gaspar Dutra à presidência da República. Participaram representantes das "classes conservadoras, trabalhistas, liberais, estudantis, o comércio, a lavoura", com delegações dos oitenta e quatro municípios do estado, de acordo com matéria de capa no jornal *Folha da Manhã* (27 de março de 1945). Cinco dias depois, a Grande Feira de Atrações, patrocinada pela Cruz Vermelha, também levou muita gente ao Parque 13 de Maio em sua abertura. Um dos grandes destaques da festa, a Companhia Brasileira de Comédias e Revistas, apresentou vários espetáculos no Teatro de Variedades, estreando com *Meu Brasil!* e *O Aparício Apareceu*. No local, de apelo bem popular, ainda funcionava o Parque Shangai, barracas de prenda, tiro ao alvo, pescarias e bares.

A 1 de abril de 1945, o Grupo Infantil de Comédias voltou à cena com *O Martir do Calvário*, no Cine-Teatro Olinda, do Feitosa, numa adaptação de Waldemar

Teatro de Santa Isabel em um de seus encontros políticos

Mendonça para os três atos e dez quadros da conhecida peça (em cenas como *Entrada em Jerusalém*, *A Ceia*, *Jardim das Oliveiras*, *Synhedrio*, *Calvario*, *Santo Sepulcro* e *Ressurreição*). A direção artística era do próprio Waldemar Mendonça, com cenários do pintor João Pimentel, controle de som de Artur Magalhães, serviços de modelagem e carpintaria de Lídio Guimarães e maquinaria de Josafá Pereira. Sem modéstia alguma, o jornal *Folha da Manhã* (1 de abril de 1945) propagou: "A apresentação dessa peça religiosa por um grupo de crianças constitui um grande acontecimento verdadeiramente inédito em todo o Brasil". Já o Grupo Cênico do Centro Educativo Operário de Areias levou ao bairro de Santo Amaro uma comédia – sem título divulgado – e um ato de variedades com Sizenando Pavão, Basto Júnior, Amaro Brito, Eglantine Cunha e Irma Maria, entre outros.

O Círculo Operário do Recife, associação trabalhista de orientação católica, comemorou a 22 de abril de 1945 o sexto ano de sua existência. O encerramento da programação festiva na sede do Núcleo do Prado, no bairro da Madalena, contou com apresentação do Grupo Cênico Circulista nas comédias *Resposta* e *O Azar da Mascote*, seguidas de um programa de variedades. Enquanto isso, a Grande Feira de Atrações chamava a atenção da imprensa e do enorme público que ia ao Parque 13 de Maio. Arí Guimarães e Artur Costa animavam os shows no Teatro de Variedades, com artistas como Maria Aparecida, Geraldina Pôrto, Naja Rodrigues e Claudionor Germano cantando músicas populares, Laurita del Campo entoando tangos, Zé Viola, as duplas infantis Valter e Lenita e Niná e Nenzinha, o ventríloquo Cintio Cilaio com seus bonecos, e o conjunto musical Ases do Ritmo. Nas *matinées* infantis, brindes às crianças. Mas o maior destaque do evento naquele momento foi mesmo a peça *Inimigo das Mulheres*, com a Companhia Brasileira de Comédias e Revistas, na atuação de Danilo de Oliveira, Noêmia Soares, João Silva, José Godoy, Vina de Sousa e René Godoy.

O conjunto musical Ases do Rítmo

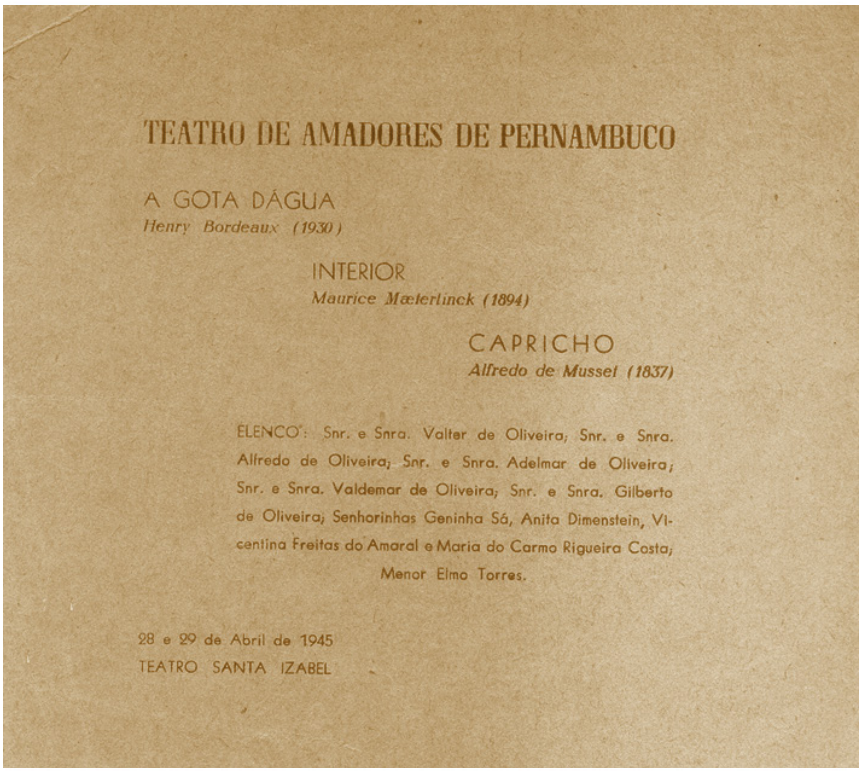
Henry Bordeaux

Maurice Maeterlinck

Alfred de Musset

Mesmo com tão poucos espetáculos teatrais a oferecer neste ano, isto não significa que o Teatro de Santa Isabel tenha ficado com pauta mais livre, pois, como se viu com a reunião política acontecida em prol da candidatura à presidência do general Eurico Gaspar Dutra, eram muitas as atividades para além do artístico naquele palco. O Teatro de Amadores até que tentou ocupar com mais frequência o espaço, mas dificilmente o encontrou disponível. Ainda assim, o grupo chegou a promover vinte récitas durante o ano de 1945. Do repertório novo, constou um espetáculo que reunia um trio de textos, *A Gota Dágua*, de Henry Bordeaux, escrito em 1930 (primeira representação do grupo sem a presença do ponto), Interior, de Maurice Maeterlinck, obra de 1844, e *Capricho*, de Alfred de Musset, escrito em 1937. Tudo sob a direção de Valdemar de Oliveira. A estréia, complicada pelas dificuldades triplicadas, se deu no dia 28 de abril de 1945, no Teatro de Santa Isabel.

A montagem de *Capricho* teve cenários de Mário Nunes (semelhantes ao da encenação d'Os Comediantes no Rio de Janeiro, com mobília, lustres e outros pertences cedidos pela Casa das Antiguidades) e parte do guarda-roupa foi emprestado pela mesma equipe carioca, sendo o restante adquirido a uma atriz, quan-



TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

A GOTA DÁGUA
Henry Bordeaux (1930)

INTERIOR
Maurice Mœterlinck (1894)

CAPRICHO
Alfredo de Musset (1837)

ELENCO: Snr. e Snra. Valter de Oliveira; Snr. e Snra. Alfredo de Oliveira; Snr. e Snra. Adelmar de Oliveira; Snr. e Snra. Valdemar de Oliveira; Snr. e Snra. Gilberto de Oliveira; Senhorinhas Geninha Sá, Anita Dimenstein, Vicentina Freitas do Amaral e Maria do Carmo Rigueira Costa; Menor Elmo Torres.

28 e 29 de Abril de 1945
TEATRO SANTA IZABEL

Capricho

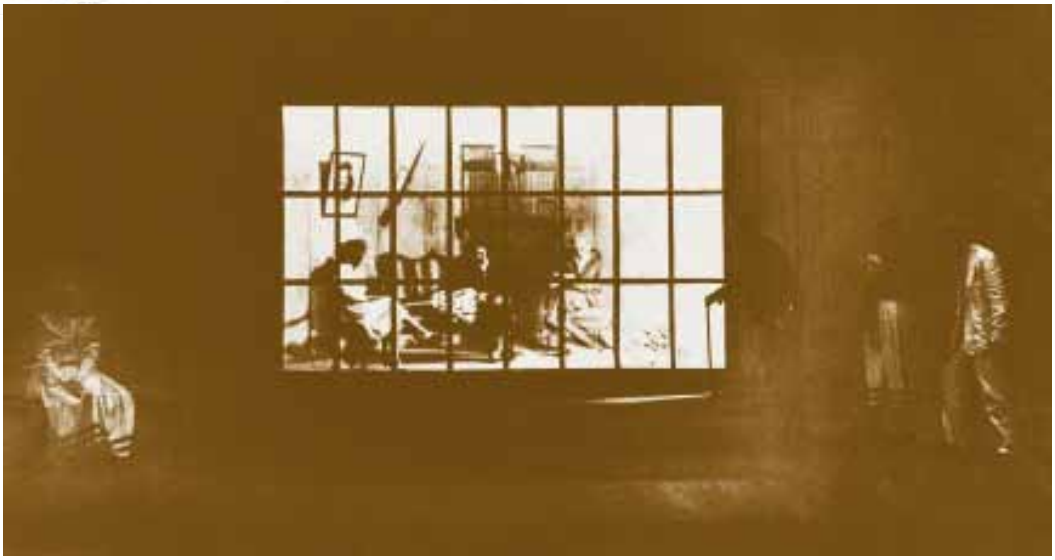
do de sua passagem pela cidade, ou confeccionado no Recife. E, pela primeira vez, a renda ficou guardada para posterior doação a instituições de caridade, seguindo decisão da maioria.

No livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 153.), o pesquisador Antonio Edson Cadengue descreveu o enredo da peça *Capricho*:

> *Capricho* (*Un Caprice*), de Alfred de Musset (1810-1875), mostra um marido *donjuanesco*, M. Chavingny, que recusa uma bolsa para moedas que sua esposa Matilde lhe presenteia; esta confidencia seu desapontamento a uma amiga, Madame de Léry, que resolve ajudá-la: em um jogo amoroso, finge conquistar M. Chavingny, induzindo-o a aceitar a carteira, como se se tratasse de um presente seu. Quando este concorda em trocar a antiga carteira pela nova, é informado da verdade. O marido então arrepende-se de suas traições e extravagâncias.

Luiz Teixeira, no *Jornal do Commercio* (1 de maio de 1945), foi responsável pelo primeiro escrito crítico a pontuar o resultado da montagem:

> O Teatro de Amadores ofereceu, ontem, no "Santa Isabel", a público numeroso, espetáculo de inteligência destinado às platéias que buscam o conteúdo provocador das elevadas e duradouras emoções em lugar dos limites simplesmente diversionais ou – descendo à verdadeira expressão – grandemente corrup-



Interior

toras, isso muito – e infelizmente – na preferência da maioria dos espectadores. Constituiu a sua apresentação de ontem, sob as credenciais de três valorosos nomes literários, acontecimento artístico de sublinhado mérito. Foram representadas *Capricho*, *Interior* e *A Gota DÁgua* – peças em um ato, de autoria, respectivamente, de Alfred Musset, Maurice Maeterlinck e Henry Bordeaux. Teve, assim, o público recifense elogiável espetáculo construído, na sua maioria, por notáveis poetas. Audacioso empreendimento, êste, do Teatro de Amadores. A poesia, o romantismo, o sentimento de quasi nada ou mesmo de coisa alguma valem no instante que passa. O momento é da ventura e não da glória dos tempos. Agora, ninguém morre, na "aurora da vida", de tísica e de idealismo. É prosaico – dizem, Hodiernamente, a vida está prolongada. Morre-se de indigestão e de burrice. É "golpe" – afirmam. Deixaram de existir o Amor e a Dôr, essa geminada tortura inspiradora. Do espetáculo de ontem, dou a minha preferência à enternecedora *Capricho*, de Musset – o meigo autor de *On Ne Badine Pas Avec L´Amour*, onde o famoso poeta francês deposita muito do seu espírito e da sua paixão por Sand – a mulher genial que o vergastou de amarguras, no seu amor voraz. *A Gota DÁgua*, de Bordeaux, é uma comédia contendo finura de concepção desenvolvida sob tema que aborda a vida conjugal quando mal sentida, bastando-lhe, muitas vêzes, para a dissolução um simples mal entendido. Leve, dialogada com alguma fluência, agrada e acaricia o espírito. Desempenharam-na, satisfatoriamente, senhora Diná Rosa Borges de Oliveira, senhorinha Geninha Sá e senhores Valter de Oliveira e Alfredo de Oliveira. Também o dr. Valdemar de Oliveira tomou parte na representação, dando-nos trabalho de franca aceitação. Medido, cuidadoso nas inflexões da voz e na mantença das atitudes. *Interior* indica, sem dúvida, quem a produziu. Nela está Maeterlinck na conduta dos conceitos, na inocência da sua filosofia. Tôda a expressão literária reside no Velho – ótima realização do snr. Adelmar de Oliveira. Igualmente, belo episódio poético aquêle final – o sono indiferente – a felicidade pelo "não saber" – da criança. Desconfio, porém, que a maior parte da platéia não recebeu em cheio a viva emoção que se contém na obra de Maeterlinck. O Teatro de Amadores deu condigna montagem às peças representadas no seu delicado espetáculo de ontem.

Após as duas primeiras sessões no Teatro de Santa Isabel, com lotação esgotada, e aproveitando a não confirmação da chegada da Companhia de Comédias Alma Flora (dirigida por Salú Carvalho e que desde setembro de 1944 programava-se para vir ao Recife, mas sempre com adiamentos), o Teatro de Amadores realizou uma terceira récita de *A Gota Dágua*, *Interior* e *Capricho*, no dia 8 de maio de 1945, uma terça-feira, a partir das 20h30. O cobrador Jorge Caldas mantinha lista para assinantes interessados, além da venda de ingressos para o público em geral na Perfumaria Oriental. Desta vez, Hermilo Borba Filho pôde lançar suas impressões no *Jornal do Commercio* (13 de maio de 1945):

> O Teatro de Amadores começou bem a sua a temporada deste ano, com um programa original: a encenação de três grandes peças em um ato. Além de oferecer um espetáculo que fugiu ao modelo clássico – montagem de peças que têm três atos – o conjunto pernambucano introduziu mais duas inovações: ilustração musical antes de [se] abrir o pano para as representações e a retirada da "caixa do ponto". A cena ficou livre daquela "caixa" que já se tornou bastante conhecida, ganhou em veracidade, em perspectiva, fugindo ao convencional, dando mesmo uma sensação agradável de evolução que não é outro o papel desse grupo de amadores. A primeira peça a ser representada foi *A Gota d'Água*, de Henry Bordeaux. Escrevendo para o grande público, Bordeaux deu-nos, entretanto, uma boa peça, muito humana, muito cotidiana, que nas mãos de um Armando Gonzaga qualquer seria transformada numa autêntica chanchada. A grande peça da noite foi, porém, *Interior*, de Maurice Maeterlinck, apontada pela crítica mundial como uma obra-prima do teatro moderno, uma peça que tem em si todas as características da conhecida teoria exposta pelo autor: "O dramaturgo devia tentar a criação de uma atmosfera, seguir a baixa e a alta das correntes espirituais da alma, nos momentos em que ela está debaixo do controle do subconsciente, momentos de êxtase, de alegria silenciosa e pausas luminosas." Pausas, sobretudo, o que me parece ser a única coisa que faltou na versão dada pelo Teatro de Amadores. Teatro de contraposição ao teatro naturalista de Becque, Brieux, etc., o de Maeterlinck sugere pressentimentos e angústias crescentes. Joga o homem diante do enigma da existência, mesmo que não o resolva, explorando o trágico cotidiano, como nesse notável *Interior*, em que os personagens decorativos chamam toda a atenção da plateia, sem falar porque, como diz o Velho, "ninguém pode fechar as portas à desgraça. Ninguém pode detê-la." Carregada de força poética, de uma remota beleza, tecidas com filigranas, *Interior* é uma grande realização artística do conjunto pernambucano que soube compreender não existir nela a ação exterior, mas a retração da alma e a criação da atmosfera que é tudo nessa peça. Que venham

A Gota Dágua

outras peças iguais a *Interior* e o teatro dirigido por Valdemar de Oliveira terá alcançado a sua finalidade. *Capricho,* de Alfred de Musset, encerrou o espetáculo. Foi a melhor interpretação da noite, aliada a uma esplêndida montagem e a um guarda-roupa corretíssimo. A peça exprime bem a época em que foi escrita, no período romântico do teatro francês.

Mas a equipe de maior ocupação em temporada no Recife durante o ano de 1945 foi a carioca Iracema de Alencar e Sua Companhia de Comédias, a partir de 7 de julho, com trinta e cinco apresentações "entre algumas peças inferiores", na opinião exposta de Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (24 de janeiro de 1946). Constaram nas opções, com sessões diárias (excetos às segundas-feiras), às 20h15 e em vesperais pontuais às 15 horas, *A Mulher Que Veio de Londres*, de Suarez Deza, com tradução de J. Almada, que abriu a temporada; *Berenice*, de Roberto Gomes, *A Vergonha da Família*, de C. Cariola, com tradução de Joracy Camargo, *Os Milhões do Tio Pedro*, de Manoel Nóbrega, *Das Cinco às Sete*, de Renée Castro e Joracy Camargo, e *Dona e Senhora*, de Pondal Rios e C. Olivari, com tradução de José Wanderley.

TEATRO DE AMADORES
HOJE – Amanhã e Domingo (vesperal)
O HOMEM QUE NÃO VIVEU
(JAZZ)
3 atos de Marcel Pagnol
Ingressos
PERFUMARIA ORIENTAL,
a rua Nova, 253
(18.645)

No dia 10 de agosto, o Teatro de Amadores estreou, no mesmo Teatro de Santa Isabel, seu segundo espetáculo de 1945, *O Homem Que Não Viveu*, comédia satírica do francês Marcel Pagnol, sob direção de Valdemar de Oliveira, lançando o nome do autor no Recife. O site www.tap.org.br (acesso em: 19 de fevereiro de 2015) descreve:

Marcel Pagnol

Há, em *Jazz*, uma mistura inteligentíssima de realidade e de ficção poética, que é sem dúvida, o seu principal encanto. Apresenta a história de um professor que se dedica ao estudo e à pesquisa de um papiro grego. Posteriormente, se confirma que o referido papiro é falso. O professor, evidentemente, constrangido com a situação cai em profundo desanimo (sic). Uma visita inesperada, que é a sua própria consciência, representada por um jovem rapaz, procura alterar sua vida e passa a incitá-lo a recuperar o tempo perdido. Apaixona-se por uma aluna com quem se casa. Tudo leva à dedução que a aluno (sic) se casa mais por piedade. Em pouco tempo o abandona por um colega que a convence de ter tomado um caminho errado. Novamente vendo-se sozinho, volta a receber a visita do jovem que o impulsiona a procurar nova vida, novos horizontes, mesmo carregando o drama de ter sido enganado. Resiste aos apelos do "jovem"

O Homem Que Não Viveu

e volta aos livros. A "consciência" sentindo-se derrotada em seus argumentos, em sua luta, termina abatendo-o com um tiro.

A peça recebeu pouca atenção crítica nos jornais do Recife. O *Jornal Pequeno* (11 de agosto de 1945) foi um dos poucos a destacar algo mais na segunda representação da obra: "A escolha da peça vale por si só [...] apresentada, agora, com absoluto rigor [...] A montagem, realizada pelo serviço técnico do Santa Isabel, inclui diversas cenas sob a luz fluorescente". A tradução da obra de Marcel Pagnol, cujo título original é *Jazz*, foi feita por Valdemar de Oliveira tendo autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, sendo ele próprio o representante da instituição no Recife. Foi uma pequena temporada, de apenas duas noites e uma vesperal à tarde. No elenco, Maria de Lourdes de Oliveira, Vicentina Freitas do Amaral, Alderico Costa, Walter de Oliveira, Antônio Brito Miguel, Valdemar de Oliveira e Hermilo Borba Filho, este último como protagonista. Mesmo reafirmando o combate à valorização excessiva das primeiras figuras do elenco, Valdemar de Oliveira não lhe poupou elogios em sua coluna no *Jornal do Commercio* (25 de agosto de 1945): "O seu trabalho é admirável, como desenho de tipo, justeza de inflexões, vibração dramática, equilíbrio de atitudes, verdade artística". Três dias depois, uma nova apreciação crítica sobre a peça apareceu, desta vez no *Jornal do Commercio* (28 de agosto de 1945), tendo a assinatura de L. T., Luiz Teixeira:

Na interpretação de ontem, fazendo Blaise, Hermilo Borba Filho apresentou desempenho de alto nível. Foi, com realidade, o velho professor desencantado pelas superfícies, integrado à profundidade do pensamento, onde se inoculam as raízes da vida, em busca das supremas belezas. Ótimo intérprete pela clareza e acêrto da dicão (sic), pelas transformações da "máscara" que bem refletiam os tumultos enormes e contínuos do seu espírito. A senhora Maria de Lourdes Oliveira, com o concurso do seu físico delicado, auxiliada pela entonação suavíssima da voz, incumbiu-se da Cecília, a discípula que desencadeou sôbre o velho mestre o incontido romance de um amor impossível. Expressiva, meiga, sincera no seu desempenho. Como característico, o dr. Walter de Oliveira está com o nome firmado dispensando referências. Contentou no Deão. O sr. Brito, nada obstante fisicamente "Barricant" – os Barricants, em geral, têm o estômago dilatado... – não deu marcante interpretação ao papel, quanto à sua fisionomia psíquica. Na "Melânia", a senhorinha Vicentina, de quando em quando, transporta o espectador ao Oriente... A platéia... Às vezes, dava a impressão de confundir Marcel Pagnol com Paulo Magalhães e *O homem que não viveu* – peça do mais fino sabor literário – com a *Pensão da dona Stela*, a mais canalha das obcenas (sic) comédias que tenho assistido e grande público aplaudido...

O Homem Que Não Viveu

O ano de 1945 marcou ainda a etapa final da segunda fase do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP), iniciada ainda em 1943 por estudantes acadêmicos, especialmente da Faculdade de Direito do Recife. Se na primeira fase, em 1940, pôde-se ver a montagem do texto adulto *1830*, de Paulo Gonçalves, no Teatro de Santa Isabel, sob direção de Raul Prysthon, com breve orientação de Valdemar de Oliveira, nesta segunda fase, reunindo alunos de faculdades e colégios que tentaram arrecadar fundos para a Campanha do Ginasiano Pobre, sob coordenação de Felipe Gomes, somente peças adultas foram levadas para os Centros Educativos Operários pertencentes ao Serviço Social Contra o Mocambo, do Governo do Estado, além de cidades como Moreno, Caruaru e João Pessoa. Entre os espetáculos do período, com diretores como Raul Prysthon e Gerson Vieira contratados, estavam *Um Escorrêgo*, *O Presente de Noiva*, *O Médico de Cabrobó* e *Era Uma Vez Um Vagabundo*..., sempre acompanhados da exibição de um filme ou números de canto e humor.

Todas estas peças foram consideradas de baixo valor artístico por Hermilo Borba Filho, que não concordava em levar às camadas mais populares espetáculos desse nível. No dia 12 de setembro de 1945 ele pronunciou uma palestra no Rotary Clube do Recife expondo seus pontos de vista em *O Teatro: Arte Popular*, reafirmando suas intenções de reaproximar o teatro das camadas mais populares. Presente na ocasião por ser rotariano, Valdemar de Oliveira refutou grande parte das ideias do orador, argumentando não julgar o teatro como arte popular. O livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 102.), de Luiz Maurício Carvalheira, deu mais detalhes do ocorrido:

C. E. do Cordeiro

31 — DOMINGO — 31

O já consagrado e conhecido Teátro dos Estudantes encenará no palco do "Centro" as gosadissimas comédias:

"O Presente de Noiva"

E

"O Medico de Cabrobó"

Venham assistir o espetáculo promovido por acadêmicos de Direito, Medicina, Odontologia e Engenharia, que já conquistaram as platéas de todos os Centros Educativos, cada dia novas revelações.

Venham ver CHICO-o maior comico da classe estudantina do Recife.

Ótimos Sketche ! Riso ! Ordem e disciplina !

Não percam a oportunidade de ver mais uma vêz a turma de estudantes trabalharem !

TODOS AO CENTRO EDUCATIVO !

C. E. O.

DE

SANTO AMARO

10 — DOMINGO — 10

20 HORAS

Será encenada pelo "Teatro dos Estudantes" a grande comédia

UM ESCORRÊGO

que subiu á cena por 5 vezes nos Centros Educativos, debaixo dos maiores aplausos.

NÃO PERCAM ! Venham ver a maior comédia dos ultimos tempos, que provoca um mundo de gargalhadas.

Finalisará o espetaculo com um ato de VARIEDADE em que tomarão parte :— ZAÍ a vóz de Vèludo, IRANI e uma grande dupla.

10 - DOMINGO - 10 — 20 HORAS

> E esclarece [Valdemar de Oliveira]: "ele pode refletir-se no povo, pode ir buscar motivos de beleza na vida do povo, porém não vive para o povo". Hermilo responde com o exemplo de García Lorca. Mas o presidente do TAP insiste: "As grandes obras teatrais são feitas para a elite", o teatro sendo "um elemento cultural, de educação, um vínculo de novos conhecimentos e de novas idéias e não uma arte popular". O orador novamente argumenta: "para afirmar que o teatro é uma arte popular, basta lembrar que nasceu na Grécia, nos anfiteatros, viveu e ainda vive nas festas populares".

Quinze dias depois desta primeira palestra, Hermilo Borba Filho fez uma conferência no Gabinete Português de Leitura para estudantes da Campanha do Ginasiano Pobre durante a 2ª Semana de Cultura Nacional. Desta vez, ainda mais consciente de suas posições, assumiu o tema *Teatro: Arte do Povo*. Foi lá que surgiu o convite para que ele ficasse à frente da direção do TEP em nova fase, agora distante das peças de baixo valor artístico e com a promessa da construção de um palco itinerante para circular pelos subúrbios do Recife. Em novembro, no Ginásio da Madalena, Hermilo Borba Filho e Aderbal Jurema fizeram testes entre estudantes para a escolha dos futuros atores que iriam representar para o povo nesta nova fase do Teatro do Estudante de Pernambuco, um movimento cultural que se pretendia mais abrangente do que apenas a apresentação de espetáculos. Vale salientar que, em 1940, numa vinda de Paschoal Carlos Magno ao Recife, sendo ele o criador do Teatro do Estudante do Brasil (TEB) em 1938, Hermilo Borba Filho já havia sugerido aos universitários pernambucanos a criação de um grupo teatral. Isso (re)aconteceu em 1946.

Enquanto isso, o planeta, entre agosto e setembro, viu o fim da II Guerra Mundial, terminando com a vitória dos Aliados, algo que alterou significativamente o alinhamento político e a estrutura social mundial. Bem distante dos conflitos bélicos e apostando sempre no riso, no dia 18 de agosto de 1945, Barreto Júnior voltou ao Recife depois de uma turnê vitoriosa pelo restante do país e iniciou temporada no Teatro de Santa Isabel com um velho repertório de "pensões de dona Stela", segundo crítica de Valdemar de Oliveira no *Jornal do Commercio* (24 de janeiro de 1946). Na realidade, a peça *A Pensão de Dona Stela*, de Bastão Barroso, integrou o festival de uma das atrizes da equipe, a veterana Lélia Verbena, no dia 8 de setembro de 1945. A estreia da temporada aconteceu com *Sansão*, de Viriato Corrêa, que não foi bem recebida pelo crítico C. L. no *Jornal Pequeno* (20 de agosto de 1945):

> Barreto Júnior estreou, sábado, no Santa Isabel. Se a casa cheia e aplausos fossem documentos, poderiamos dizer que foi uma "première" auspiciosa. No entanto, isto não é bem verdade e de qualquer modo, ainda temos que dar satisfação á Estética. E, levando a coisa para êsse lado,

Hermilo Borba Filho

não se pode dizer que foi um sucesso a peça encenada. Mesmo porque ela em si mesma, é já um fracasso completo. Assim, o primeiro êrro de Barreto, segundo nos parece, foi tê-la escolhido para encenar. Daí sairam de um modo geral todos os subsequentes fracassos. A falta de espirito do autor gerou a necessidade da palhaçada por parte dos atores. A deficiência dos diálogos, es (sic) enxertos de última hora. De qualquer maneira, Barreto Junior esteve como sempre: senhor do palco, desembaraçado, espirituoso. Também não lhe esteve atrás Lenita Lopes. Pena é que alguns tenham teimado em decorar papel, como ator de colégio de freira.

Lenita Lopes

Em sequência, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior levou à cena um de seus maiores sucessos, *O Sindicato dos Mendigos*, de Joracy Camargo, que também ganhou curiosa apreciação pelo crítico C. L. no *Jornal Pequeno* (24 de agosto de 1945):

> Nenhum meio se nos assemelha tão propício para a luta anti-alcoolica no Brasil que o teatro. Sem dúvida que esta não foi, até agora, a arma mais usada. Seria interessante que fôsse. Esses "slogans" pregados em tetos de bondes, postes e paredes, bem como frasezinhas radiofônicas é que não dão certo. Como não dá certo, de resto, a própria "lei seca". Os Estados Unidos estão aí para provar. Com o teatro, contudo, a coisa é diferente. Ali é a própria vida que penetra de olhos a dentro, nas suas tragédias. E isso impressiona muito. Ninguem quer ser palhaço[.] Só o tarado[.] E o bêbedo é sempre um palhaço. Na vida e sobretudo no palco. A figura de Cachacinha em *O Sindicato dos mendigos* que Barreto Junior está levando no Santa Isabel parece ser o início dessa nova campanha. Joraci Camargo, que tanto tem combatido, com felicidade, nossos êrros mais, uma vez acertou.

No elenco de *O Sindicato dos Mendigos*, Osvaldo Barreto, Lenita Lopes, Carlos Garcia, Augusta Moreira, Esmeraldo Matos, Hamilta Rodrigues, Luiz Carneiro, Elisa Matos, Osvaldo Rocha, Lélia Verbena, Carlos Barbosa e Barreto Júnior. A temporada seguiu com *A Mulher Que Passa...*, de Edgar Proença, *Tudo Pelo Amor* e *Canário*, ambas de José Wanderley e Mário Lago, *A Flor da Família*, de Paulo Magalhães, *O Amigo Tobias*, de Brandão Sobrinho, *Pertinho do Céu*, de José Wanderley, e *O Outro André*, de Correia Varela, entre outras. Ainda no elenco da companhia, Gaspar Brandão. No total, vinte e cinco récitas foram oferecidas com grande sucesso de públi-

Teatro Santa Isabel

HOJE HOJE

A Companhia Nacional de Comédias

BARRETO JUNIOR

APRESENTA

O SINDICATO DOS MENDIGOS

(Continuação de DEUS LHE PAGUE...)

Alta comédia social em 3 atos de JORACY CAMARGO

Distribuição por ordem de entradas

AGUARDEM!

A MULHER QUE PASSA...

Hamilta Rodrigues

Osvaldo Barreto

co. Já na segunda semana de setembro, no Parque 13 de Maio, foi inaugurada a IX Festa da Mocidade, com o Parque Shangai e o Teatro de Variedades como grandes atrações. Neste último, "com a cooperação de elementos do maior destaque nos meios radiofônicos, teatrais e de bailados clássicos", conforme o *Jornal do Commercio* (21 de agosto de 1945), participavam o Ballet Eva Stacchino, com "8 *girls*", incluindo Léa Forest, a dupla Joel e Gaúcho, as sambistas Zaíra Cavalcanti, do Teatro Recreio, do Rio de Janeiro, e Mirna Layo, a soprano ligeiro Lourdinha Bittencourt, do carioca Cassino da Urna, e o transformista e imitador de "estrêlas" Jan Grande. A apresentação do Teatro de Variedades era do animador Zé Pipoca.

Por fim, no mesmo palco do Teatro de Santa Isabel, a 6 de outubro, foi a vez do Teatro de Amadores lançar sua terceira montagem de 1945, *A Dama da Madrugada*, do espanhol Alejandro Casona, também sob direção de Valdemar de Oliveira, com direção musical do maestro Felipe Caparrós, espanhol radicado no Recife. No elenco, Hercí Lapa de Oliveira, Diná de Oliveira (como protagonista), Denise Albuquerque, Geninha Sá, Eunice Catunda, Vicentina Freitas do Amaral, Valdemar de Oliveira, Walter de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Alderico Costa e seis estreantes no grupo, Otávio da Rosa Borges, Elaine Cavalcanti Soares, Mário Fernando Alves de Melo, Maria da Glória Carvalho, Bebé Fernandes Salazar e Jovelino Selva. Valdemar de Oliveira estava exultante com o resultado a vir. Eis o que escreveu bem antes no *Jornal do Commercio* (14 de setembro de 1945):

> Nenhuma é mais "teatral", no exato sentido em que se deve compreender êsse têrmo: no sentido da perfeita comunhão entre o enredo e ação, entre a essência e a forma, no limite justo da realidade humana e da ficção artística. [...] O grande público que andou a apontar *O homem que não viveu* como a peça mais "contundente" dos *Amadores*, nos dirá, pela

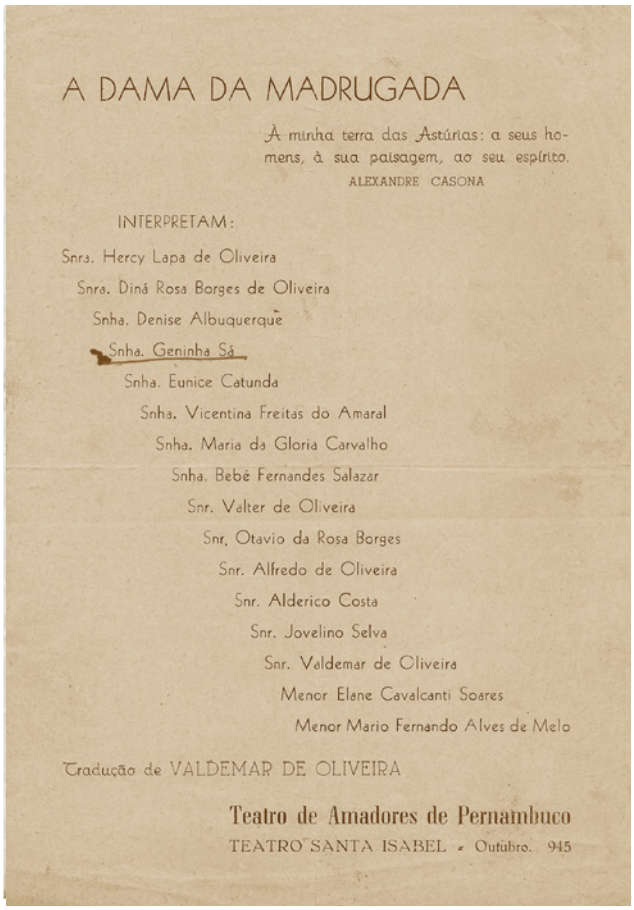
Alejandro Casona

> sua frequência e pelo seu aplauso, a impressão que lhe deixou *A dama da madrugada*. [...] Tenho a impressão de que o Teatro de Amadores atingirá [...] um clímax em sua trajetória artística.

Mais à frente, sobre os figurinos luxuosos confeccionados a partir dos desenhos de Matos Siqueira seguindo não só as indicações das rubricas da peça, esclareceu Valdemar de Oliveira ainda no *Jornal do Commercio* (23 de setembro de 1945):

> Casona enviou-nos [...] quatro ou cinco fotografias, que dissiparam tôdas as dúvidas e fixaram as preferências do autor nas particularidades de cena, além de indicar o melhor mobiliário e de esclarecer os pertences de cena caracteristicamente regionais. São essas minúcias, aparentemente insignificantes, que fazem o equilíbrio do conjunto e lhe dão a unidade indispensável à construção da atmosfera que envolverá o desenrolar da ação.

Os figurinos, inclusive, ficaram expostos na Perfumaria Oriental, local onde também havia venda antecipada de ingressos. Poucos dias antes da estreia, o *Jornal do Commercio* (28 de setembro de 1945) ratificou: "O guarda-roupa da guarda-roupa da *A dama da madrugada* é o mais luxuoso já apresentado pelo Teatro de Amadores, sendo muitos os efeitos de luz que emprestarão um brilho só comparável ao das representações da *A Comédia do Coração*". A montagem, autorizada pelo próprio autor e propagada como "o maior êxito teatral de 45", conseguiu o grande feito de nove récitas naquele ano até o mês de dezembro, sendo duas delas em


A DAMA DA MADRUGADA

A minha terra das Astúrias: a seus homens, à sua paisagem, ao seu espírito.
ALEXANDRE CASONA

INTERPRETAM:

Snrs. Hercy Lapa de Oliveira
Snra. Diná Rosa Borges de Oliveira
Snha. Denise Albuquerque
Snha. Geninha Sá
Snha. Eunice Catunda
Snha. Vicentina Freitas do Amaral
Snha. Maria da Gloria Carvalho
Snha. Bebé Fernandes Salazar
Snr. Valter de Oliveira
Snr. Otavio da Rosa Borges
Snr. Alfredo de Oliveira
Snr. Alderico Costa
Snr. Jovelino Selva
Snr. Valdemar de Oliveira
Menor Elane Cavalcanti Soares
Menor Mario Fernando Alves de Melo

Tradução de VALDEMAR DE OLIVEIRA

Teatro de Amadores de Pernambuco
TEATRO SANTA ISABEL - Outubro - 945

vesperal e com preços reduzidos. Recebeu aplausos calorosos das plateias e algumas considerações à parte da imprensa. Luiz Teixeira, por exemplo, salientou problemas na dramaturgia. Eis o que escreveu para o *Jornal do Commercio* (9 de outubro de 1945):

> Exigidas, na sua plenitude, as características impostas pela rotina para evidenciar irrestrita condição de obra teatral, *A dama da madrugada*, ontem representada pelo Teatro de Amadores, é deficitária. Não a marca, com

A Dama da Madrugada

ressalte, persistência de ação. Nela, são vários os instantes amortecedores do movimento – sobrepujando-o o diálogo. Nada obstante carecida daquela intensidade ascencional de andamento cênico encontrada em *Ciclone*, de Somesert (sic) Maugham, sôbre a qual o interêsse da platéia não padece o prejuízo da descontinuidade, a peça de Alejandro Casona constitue (sic) espetáculo de contagiante emoção – podendo aparecer entre as melhores do teatro contemporâneo. O autor da *A dama da madrugada* – estranha, pelo seu simbolismo, mas profundamente humana – está liberado do classicismo, dos ajustes da técnica sancionada pelo hábito, preferindo criar dentro da evolução artística da época presente a permanecer estático nos moldes, por mais ilustres que sejam, do passado. [...] destacou-se, no particular [da] interpretação, a presença da snra. dr. Waldemar de Oliveira, a quem foi entregue a difícil figura de "Peregrina". Nesta personagem, Alejandro Casona objetiva o mistério da Morte – sem inspirar terror, mas até se fazendo desejado... "Peregrina" é possível de ser interpretada somente por quem se identifique, com segurança, às intenções do autor e que possua mérito artístico capaz de comunicar à platéia o aspecto marcante da sua feição singular. Resolveu-a, com firmeza, a snra. dr. Waldemar de Oliveira. A imobilidade da sua "máscara" por vezes – insinuando formas apenas recordadas – sugeria o silêncio, as trevas, a algidez das coisas mortas... Alguns dos seus olhares faziam-nos acompanhá-la para as distâncias do tempo e os longínquos do espaço, para muito longe, infinitamente longe. [...] Em "Peregrina" o vestuário não é minúcia desprezível, sim fundamental. Vestida

A Dama da Madrugada

como aparece na representação [...] lembra religiosidade. Fôsse-me permitido, eu aconselharia a côr branca ou o prateado que com muita propriedade empregou a snra. dr. Waldemar de Oliveira no penteado – prateado sem brilho o mais quanto possível embaciado. "Adela" foi a incumbência da senhorinha Geninha Sá – valor dos mais altos no elenco ilustre do Teatro de Amadores. É conhecedora dos efeitos de transição – convencendo quando na exteriorização dos sentimentos. "Angélica" – papel contando arestas perigosas – encontrou poderosa intérprete na senhorinha Maria da Glória Carvalho. [...] com legitimidade na angústia, no sofrimento, no desespero de saber a profundidade do abismo moral no qual se perdera – voragem que ela mesma buscara para a própria absorção. Legítima ainda quando sob a serenidade que lhe proporcionava a visão do caminho sem dimensões, sem côr, sem nome[.] O caminho da libertação, a que se convencionou chamar Morte! [...] Maria da Glória Carvalho – sensibilidade e inteligência – respeitosa e entusiasticamente, aperto-lhe as mãos! O snr. Otávio Rosa Borges foi um Martinho com propriedade. Esplêndido, principalmente quando nos arroubos do homem rude. Causou-me magnífica impressão o trabalho do dr. Waldemar de Oliveira, no "Avô". É, em verdade, uma excelente sensibilidade. A senhorinha Denise Albuquerque, como sempre, intérprete que satisfaz. Pena que, no primeiro ato, o seu pesar pelo desaparecimento de Amélia tenha sido tão convencional. Os menores Elane Cavalcanti Soares e Mário Fernando Alves de Melo – duas inclinações que muito prometem. [...] Mereceu a melhor atenção do

Teatro de Amadores a montagem da peça de Alejandro Casona. Cenário único e de ótimo efeito. Guarda-roupa característico. *A dama da madrugada* – bonito espetáculo para os que ainda podem dar à poesia a recompensa dum sorriso, ou melhor, duma lágrima.

Ainda no *Jornal do Commercio* (11 de outubro de 1945), o escritor Lucilo Varejão fez somente elogios:

> Essa formosa peça que o Teatro de Amadores acaba de levar – *A dama da madrugada* – é qualquer coisa de revolucionário, não somente do ponto de vista das idéias como na maneira hábil de criar-lhes uma relação sensível. Custa-se a crer que fora do acervo imenso de tantas situações já examinadas em todos os sentidos, ainda exista um autor que vá descobrir um assunto inteiramente novo e de tão absoluta veracidade, realizando uma peça que se inclue (sic) na categoria daquelas *raríssimas*, das quais dizia o "expert" Sarcey que a gente vê e não esquece mais. Mas não somente na novidade do entrecho está a vitória dêsse grande escritor que é André (sic) Casona. Suas figuras têm uma morfologia especial – diferentes mesmo dos tipos espanhóis que conhecemos, através das centenas de peças e romances com que temos travado relações. [...] Peça melancólica que talvez não agrade aos espíritos levianos ou indiferentes, ela se impõe todavia logo aos primeiros contactos pelo seu conteúdo talhado em bronze e em pedra. Pesar do seu diálogo por vezes estático, pesar do seu localismo absoluto (a ação decorre mesmo numa vaga aldeia asturiana) a peça de Casona comove e arrebata. E a apresentação que lhe fez o Teatro de Amadores superou a tudo quanto se poderia imaginar. Pode-se dizer sem exagero que entre as peças apresentadas por esse grupo, sempre tão cuidadas, esta dagora merece a glória de ser a primeira.

O poeta Austro-Costa, por sua vez, só encontrou mais qualidades. Quase como uma poesia homenagem, escreveu também para o *Jornal do Commercio* (23 de outubro de 1945):

> Aqui repito o que afirmei em telegrama: "Ainda estou a sentir 'como uma pedrada nos olhos', a estranha, a diferente, a inefabilíssima comoção que me foi assistir à *A dama da madrugada*. [...] Duma coisa estou inteirado: a homogeneidade do vitorioso conjunto teatral pernambucano. À sombra dinâmica e animadora de seu ilustre diretor, a emulação do grupo é fato que conforta e desperta entusiasmos. Cada espetáculo é nova sementeira de triunfos, e arrancada melhor para o mais alto e o mais perfeito. Daí a dificuldade de se poder assinalar, entre os elementos principais do elenco, aquêles de mais brilho ou projeção, pois todos, ou quase todos, se projetam com luz própria e magnificente. Bem haja, pois, a inteligência e o virtuosismo dêsse punhado de sonhadores, mas de sonhadores da Beleza, sem *snobismos* farfalhantes

A Dama da Madrugada

A Dama da Madrugada

nem requintes pedantescos! *A dama da madrugada* é peça de que, para se falar bem e certo, só se voltando a ver, pois a surpresa da primeira nos aturde, esmagadoramente. [...] Cada palavra é uma sugestão de parábola, cada frase – um poema de mistério, alegórico ao derredor da Noite, das Águas, do Amor e da Morte... [...] O conteúdo poético e o amor ao "símbolo" de que se reveste *A dama da madrugada* situam o seu autor, ao meu ver; nos altiplanos onde fulgura a obra dum Maurice Maetterlinck (sic). A estranha peça do escritor asturiano: original sem ser futurista, "misteriosa" sem ser hermética, encerra, porisso (sic) mesmo, e por que (sic) a poesia é o seu forte e o seu clima, algo de liricamente empolgante a vinculá-la à dramaturgia por assim dizer metafísica e poética do extraordinário belga de *Pássaro Azul*. Mas também se vislumbram em Alexandre (sic) Casona acentua afinidades com o seu compatriota Garcia Lorca.

Naquele mês, muito também por conta da participação do Brasil na II Guerra Mundial, que contribuiu para a desarticulação do regime do Estado Novo de Getúlio Vargas, um golpe de estado afastou o ditador do poder, deposto no dia 29 de outubro de 1945. Era o fim do Estado Novo. Paralelamente às agitações políticas, no teatro visto no Recife em 1945 é importante ressaltar ainda a atuação do Teatro dos Bancários, com seis representações das peças *O Paço de Veiros*, de Júlio Dantas, que estreada ainda em 1944 celebrou o segundo ano de atividade da equipe, e *A Morgadinha de Val-Flor*, de Pinheiro Chagas, trabalhos sempre apresentados no Teatro de Santa Isabel, com ingressos a preços populares. Neste último espetáculo, participavam os atores Reginalda Luna, Eunice Tôrres, Doraci Vilanova, Milton Persivo, João Tôrres, Hermógenes Viana, Jovelino Selva, J. Medeiros, Beroaldo Guimarães e Romeu Wanderley. Para crianças não existiam muitas opções de diversões, ainda mais em se tratando das artes cênicas, no entanto, era comum atores, cantores ou humoristas realizarem festivais em benefício, geralmente com números variados. Por exemplo, em novembro, no Teatro da Igreja da Penha, em benefício das obras da Matriz de São José, artistas amadores

apresentaram o drama *Zélia*, de autor e diretor não divulgado, seguido de um ato de variedades. O festival foi encerrado com a "Festa das Nações".

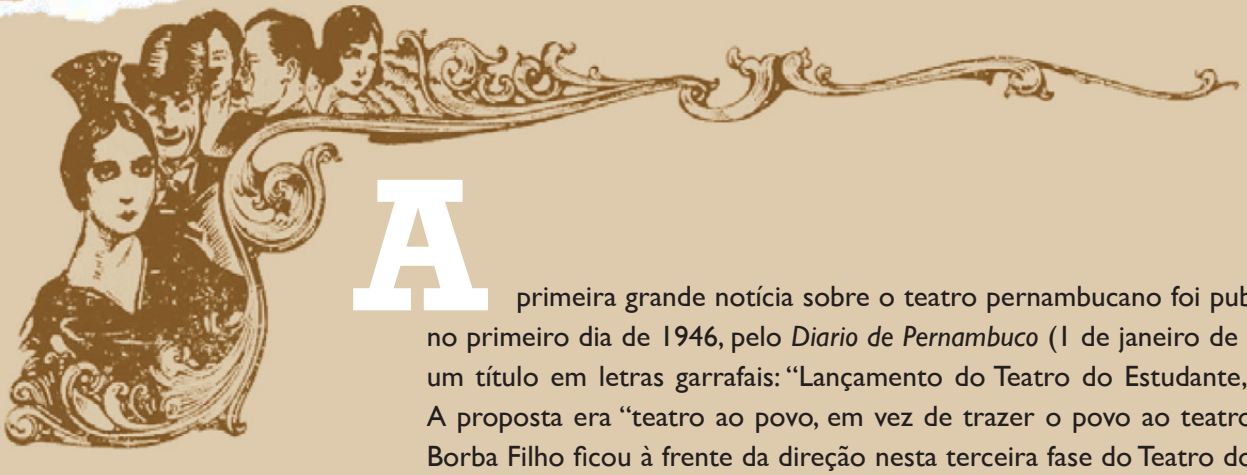
A 1 de dezembro de 1945 o Teatro de Santa Isabel foi ocupado pela atriz grega Cleópatra (Caléria Kasfikis Cernisenko), "a Mulher Demônio e Sua Companhia", "única mulher mágica do mundo", como ela mesma se divulgava, com sua companhia de arte ilusionista formada por quinze artistas. Com os espetáculos *Maravilhas de Todo Mundo* e *Sonhos Orientais*, foram realizadas dez sessões no Recife, inclusive em matinal dominical, às 10 horas, para crianças. Numa segunda-feira, 17 de dezembro de 1945, estreou no Teatro de Santa Isabel a Companhia de Comédias Alma Flora, dirigida por Salú Carvalho, que adentrou o ano de 1946 com mais de duas dezenas de espetáculos apresentados. O lançamento da temporada se deu com a peça argentina *Serão Homens Amanhã*, de Darthes e Damel, com tradução e adaptação de Armando Lousada, "verdadeira jóia teatral", na opinião do crítico M., do *Jornal do Commercio* (18 de dezembro de 1945). *O Cura de Aldeia*, de Carlos Arniches, traduzido por Restier Júnior, foi outro trabalho apresentado, com destaque ao ator Arnaldo Coutinho, além de *Gente Honesta*, de Amaral Gurgel.

Dos espetáculos avulsos também programados naquele ano, destaque para o do Centro de Cultura Israelita, *Jacó, o Matuto*; Milton Faris, com a revista *Noite Tropical* em duas sessões; Artur Costa, defendendo-se com *A Tia Brígida*; o Colégio Hebreu-Brasileiro, com o drama *Tehuda Amakabi*; a Associação da Mocidade Evangélica, que encenou *O Amigo da Paz*; Antolin Garcia, que montou *Pense Alto!*; e o Departamento de Educação, que produziu três espetáculos de revistas escolares com o seu Teatro Escola. Com tudo isso somado, o público recifense pôde desfrutar de 141 exibições teatrais no ano de 1945, das quais trinta e sete foram oferecidas por conjuntos locais. Em dança, vale destacar o espetáculo *As Melodias de 1944*, com alunas de danças clássicas da professora Betsy Gatis Mendes, apresentado ao final de janeiro, no palco

do Cine Boa Vista. No término do ano, Valdemar de Oliveira continuou a reclamar a necessidade de uma nova casa de espetáculos na capital pernambucana. Na retrospectiva teatral que fez de 1945, publicada no *Jornal do Commercio* (31 de janeiro de 1946), ele relatou o quão difícil era aquela situação:

> 230 vêzes abriu, o Santa Isabel, suas portas, durante o ano de 1945. Como de costume, para servir não somente às coisas de arte, mas, também [...] formaturas escolares, sessões cívicas e comícios políticos. O mais barato dos teatros do Brasil, às suas portas vão bater particulares e instituições de tôda a ordem, para realizar festas e festinhas, que, com seus respectivos ensaios, põem em dobadoura a direção do Teatro. Além das exibições musicais e teatrais a quem me referi [...], deveremos citar, ainda, os recitais de declamação de Vilma Stamato, os shows do U.S.O. (7), os programas do Sindicato de Fiação e Tecelagem, do Sub-Comité Russo, da Legião Brasileira de Assistência, do Grupo Escolar Manuel Borba, da ilusionista Cleópatra, (18), das *Vocações*, das Igrejas Protestantes, dos Funcionários Públicos, dos Centros Educativos, das Faculdades e Colégios, etc. – muitas dessas funções superlotando o Santa Isabel, que se vê a braços com pesados encargos de conservação do edifício e do seu mobiliário. É possível estabelecer uma média de frequência de mil espectadores, cada vez que o velho teatro abre suas portas. Isso quer dizer que 230 mil pessoas frequentaram o Santa Isabel, em 1945. [...] A sobrecarga de trabalho do Santa Isabel há de ter fim, um dia, quando se compreender que, para satisfazer as exigências de uma cidade como a nossa, não basta um único Teatro, sobretudo quando os cinemas se mantêm fechados aos espetáculos teatrais e as poucas salas de concêrto que vão surgindo, ainda não satisfazem.

1946



A primeira grande notícia sobre o teatro pernambucano foi publicada logo no primeiro dia de 1946, pelo *Diario de Pernambuco* (1 de janeiro de 1946), com um título em letras garrafais: "Lançamento do Teatro do Estudante, em 1946". A proposta era "teatro ao povo, em vez de trazer o povo ao teatro". Hermilo Borba Filho ficou à frente da direção nesta terceira fase do Teatro do Estudante de Pernambuco, a mais fecunda, com montagens de textos clássicos e de autores nordestinos, objetivando um teatro que se destinava ao povo, mas com peças de alto valor artístico em contraponto à fase anterior da equipe, agora totalmente renovada. Essa estreia, prometida para os primeiros meses do ano, só aconteceria em abril, e havia também a garantia de lançar um concurso de peças sobre motivos populares brasileiros. Encarregado dos cenários, o pintor Lula Cardoso Ayres já anunciou, com ironia, naquela matéria: "Não tem cenario porque não tem dinheiro".

No entanto, ainda era a Companhia de Comédias Alma Flora quem ganhava mais espaço na imprensa neste começo de ano, com notas diárias sobre sua temporada no Teatro de Santa Isabel, inicia ainda em 1945. Apresentando peças modificadas constantemente, algumas voltando à cena mais de uma vez devido ao sucesso com o público, inclusive em vesperais, a equipe carioca contava com a participação dos pernambucanos Elpídio Câmara e Lourdes Monteiro no elenco. Além de Alma Flora e Salú Carvalho, este como diretor artístico, atuavam também Vina de Souza, Milton Carneiro, Solange França, João Silva, Arnaldo Coutinho, Edmundo Lopes, Carmem Silva, Pedro D'Ávila e Ivan de Assis, entre outros. Como sempre, os artistas profissionais só tinham folga apenas nas segundas-feiras.

Gente Honesta, de Amaral Gurgel, *Um Beijo Na Face*, texto francês de Trisan Bernard, com tradução de Luiz Palmeirim, *Vila Rica*, de temática histórica escrita por

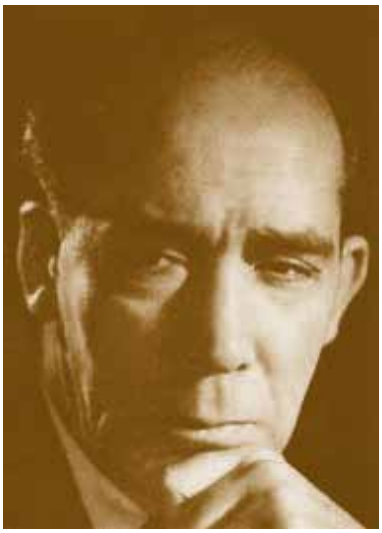
Elpídio Câmara e Lourdes Monteiro

Alma Flora e Salú Carvalho

Raimundo Magalhães Júnior e divulgada como sendo sua primeira representação no Recife, e *O Pai Que Eu Inventei*, de Eurico Silva, foram algumas das comédias apreciadas neste repertório. E, como era de praxe ainda naquele momento, não faltaram festas artísticas, como a da própria Alma Flora, dedicada à família pernambucana, com sessão de *Aconteceu Naquela Noite*, obra de José Wanderley e Daniel Rocha; ou *Serão Homens Amanhã*, peça argentina de Darthes e Damel, com tradução e adaptação de Armando Lousada, pela festa artística do ator Milton Carneiro, "considerado pela critica o primeiro galã-cômico do Brasil", lembrou o *Diario de Pernambuco* (24 de janeiro de 1946). Esta última celebração teve renda em benefício da Campanha de Alfabetização.

O fato é que foi mínima a produção local de teatro no Recife em 1946. A efervescência de grupos atuando nos subúrbios caiu assustadoramente e até o Teatro de Amadores conseguiu montar apenas dois espetáculos, a menor quantidade anual desde o seu lançamento em 1941. Foram eles: *Um Dia de Outubro*, do dramaturgo Georg Kaiser, peça considerada de vanguarda e, para alguns, um absurdo por ser o autor alemão (preconceitos deixados ainda pela II Guerra Mundial), e *Última Edição do Diabo*, do escritor espanhol radicado na Argentina Alejandro Casona, o mais alto investimento financeiro do Teatro de Amadores até então. Em ambos os trabalhos, Valdemar de Oliveira assumiu a direção. Naquele momento, infelizmente, as artes cênicas viviam uma de suas maiores

Georg Kaiser



Alejandro Casona

crises desde o início do século XX. Os cineteatros quase não abriam mais espaço às representações teatrais, agora só interessados na bilheteria do cinema, e pouco se produziu em Pernambuco em 1946, ainda que seja o ano de soerguimento do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP).

Mais uma equipe de fora aportou no Teatro de Santa Isabel a 31 de janeiro de 1946. Foi a Iracema de Alencar e Sua Companhia de Comédias, já conhecida do público recifense. Estreou com *A Inimiga*, de Dario Nicodemi. Ainda no repertório completamente novo, *Guerra dos Deuses*, de Luiz Iglesias, *Veneno de Cobra*, de Eurico Silva, *Blusa de Chita*, de Edgar Proença, *Carneiro de Batalhão*, de Viriato Correia, e *A Pupila dos Meus Olhos*, de Joracy Camargo. Para um público bem mais popular, a Festa da Mocidade continuava, desde o ano anterior, a movimentar o Parque 13 de Maio, tendo como atrações o Ballet Andory, as cantoras Miss Elizabeth, norte-americana, e Claret del Rio, mexicana, os bailarinos acrobáticos Andory and Davis, a sambista Marly e as também bailarinas acrobáticas Dorian Sisters, além do "elenco permanente" formado por Januário de Oliveira, Maria Madalena, Salomé Parísio, Ernani Dantas e Nilquita Rodes. Para fevereiro, o evento produziu uma temporada carnavalesca com concursos de passo, sorteios de lança-perfume e desfiles de blocos, clubes e

TEATRO SANTA ISABEL

Emp. ARMANDO R. MACEDO

HOJE - A's 20 e 30 horas - HOJE

Iracema de Alencar e sua Cia. de Comédias

apresentara a linda peça em 3 atos de Enrico Silva

VENENO DE COBRA

AMANHÃ: Em premiere, às 20,30 hs. a engraçadissima peça em 3 atos de Viriato Correia

CARNEIRO DE BATALHÃO

A SEGUIR:

BLUZA DE CHITA

Maravilhosa alta comédia do escritor dr. Edgar Proença

INGRESSOS NO DEPÓSITO DA CAXIAS

maracatus. Também em fevereiro, o *Jornal Pequeno* denunciou que Valdemar de Oliveira recebeu verba da Prefeitura do Recife ainda como o Grupo Gente Nossa. Um dos intuitos foi lavar o Teatro de Santa Isabel e tentar trazer o autor Alejandro Casona ao Recife (algo que não aconteceu)! As acusações pairaram no ar. E foi assim que aquele periódico abriu a artilharia contra o mais poderoso homem do teatro em Pernambuco, algo que só fez esquentar mais à frente.

O mês de fevereiro de 1946 ainda viu, no Teatro de Santa Isabel, um recital de Maria Amorim e Vicente Cunha, atores-cantores do saudoso Grupo Gente Nossa, e, no dia 23, foi a vez da peça *Casanova*, de Silvino Lopes, apresentada em homenagem ao sociólogo, escritor e agora deputado prestes a ir representar Pernambuco na Assembleia Constituinte do Rio de Janeiro, Gilberto Freyre, pelo elenco da Iracema de Alencar e Sua Companhia de Comédias. O *Jornal Pequeno* (21 de fevereiro de 1946) garantiu que aquela era "u'a peça em tudo diferente das outras, no enrêdo, na urdidura e na carpintaria". E complementou: "*Casanova* não será sômente uma novidade, porque ha nessa peça contacto do palco com a platéia e que terminará quando o público estiver pensando que apenas começara. É a um só tempo pantomima, farsa, comédia, drama e tragédia". A montagem ganhou mais duas sessões no dia seguinte ao lançamento, sempre com casa cheia, mas a resposta do *Jornal Pequeno* (25 de fevereiro de 1946) não foi nada esfuziante: "Quanto à peça, o que se presume é que não desagradou, mesmo sendo como é diferente de tudo que se tem feito em literatura dramatica, cada dia mais precaria em nosso país".

Silvino Lopes

Nem um pouco polido, o pseudônimo X aproveitou o espaço que teve no *Jornal Pequeno* (21 de fevereiro de 1946) para tecer mais críticas pesadas a Valdemar de Oliveira. Em referência a vinda da atriz-cantora Maria Amorim, foi enfático ao lembrar o Grupo Gente Nossa, "que Samuel Campelo com tanto sacrifício manteve e que seu substituto acabou, pois, o que lhe convinha era aparecer como criador de 'outra coisa'". Mais à frente, foi ainda mais duro, e talvez leviano:

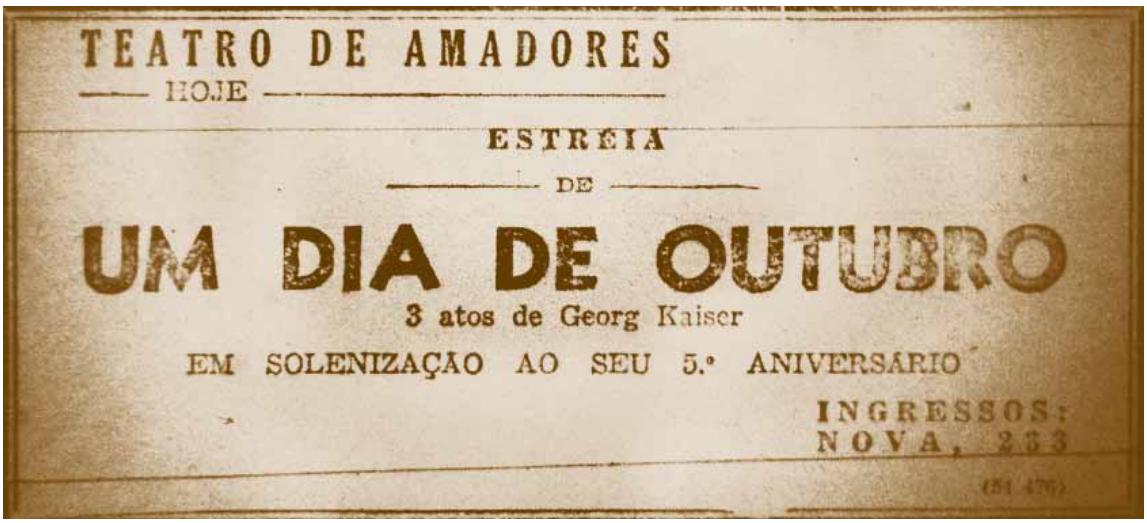
> Pretende Maria Amorim realizar outros festivais no Santa Isabel e verá como êle se portará, sem lembrar-se que foi ela quem criou certos mostrengos (sic) de operetas que foram

impingidas ao público. E ninguém disso tenha dúvida, porque, no Rádio, êle [mais uma vez referindo-se a Valdemar de Oliveira] agora ataca o sr. Getúlio Vargas, mas, sempre viveu a endeusá-lo e com tanto afinco que conseguiu uma gorda ajuda do govêrno federal para ir ao Rio representar e nunca foi.

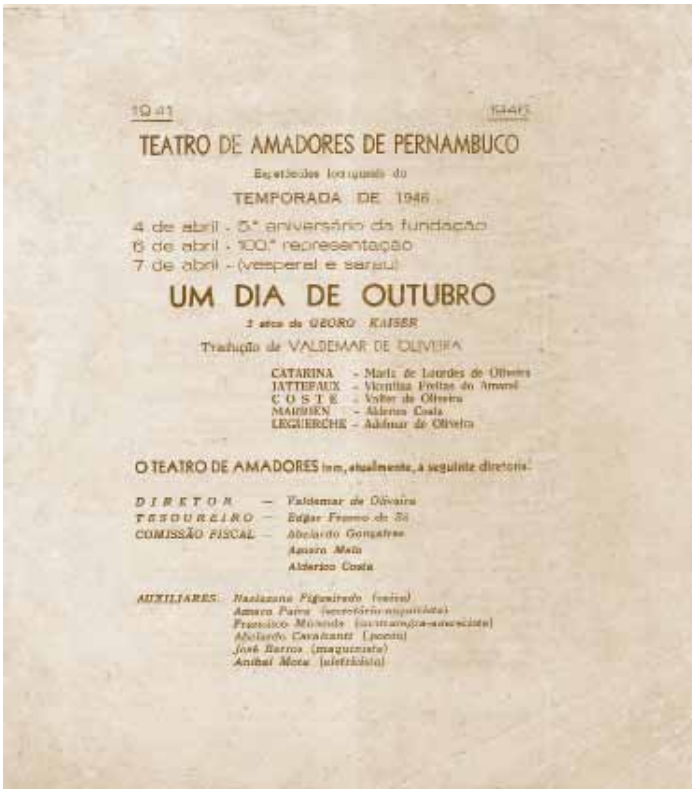
Getúlio Vargas

As acusações, ao que parece, ficaram no ar mais uma vez. A partir do dia 16 de março de 1946, a Feira de Atrações chamou a atenção de grande público no Parque 13 de Maio, com sessões aos sábados e domingos, "prometendo, assim, ser o ponto de reunião das familias recifenses", conforme o jornal *Folha da Manhã* (16 de março de 1946). Dentro do recinto, funcionava o Parque de Diversões Shangai, a Gruta Misteriosa e o Teatro de Variedades, este último trazendo a cantora hispano-americana Maria Tubal, Don Ramon, "o mágico das multidões", a sambista pernambucana Maria Aparecida, o cantor Valter Levita, Sivuca, "o garoto da sanfona", e a dupla cômica Venâncio e Corumba. Mas o elenco era constantemente renovado. Nas *matinées* infantis, distribuição de bombons à criançada. Já o Grupo Infantil de Comédias reapareceu no dia 24 de março, no palco do Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, com a peça *Quando Chega a Felicidade*, escrita e dirigida por Waldemar Mendonça, com música de Lourival Santa Clara. No mês seguinte, a equipe apresentou *O Mártir do Calvário*, tendo entre os atores principais as crianças Mário Guimarães como Jesus, Evanil Gonçalves no papel de Maria Santíssima e Evaldo Gonçalves, o Judas.

No dia 4 de abril de 1946, o Teatro de Amadores voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel celebrando seu quinto aniversário. A peça escolhida foi *Um Dia de Outubro*, do autor alemão Georg Kaiser, "um trabalho do teatro de vanguarda [da escola expressionista], e que aborda um tema ousado, propício aos debates fecundos de opinião", lembrou o *Jornal do Commercio* (2 de abril de 1946). A montagem teve três novas sessões nos dias 6 (marcando a centésima apresentação na história do grupo) e 7 de abril, sendo nesta última data em vesperal e sarau. A vinda do ilusionista Chang para temporada no Teatro de Santa Isabel, a partir do dia 12 de abril, foi justificada como a razão da breve despedida deste novo cartaz do conjunto liderado por Valdemar de Oliveira, aqui como tradutor e diretor da obra. Mesmo assim, como o momento era de festa, no passeio das frisas do teatro foi armada uma exposição sobre os cinco anos de existência do grupo, além de ter sido preparado um programa especial de oito páginas com relato das suas atividades.



Um Dia de Outubro



1946

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

Espetáculos (extraído do

TEMPORADA DE 1946

4 de abril - 5º aniversário da fundação
6 de abril - 100ª representação
7 de abril - (vesperal e sarau)

UM DIA DE OUTUBRO

3 atos de GEORG KAISER

Tradução de VALDEMAR DE OLIVEIRA

CATARINA - Maria de Lourdes de Oliveira
IATTEFAUX - Vicentina Freitas do Amaral
C O S T E - Valter de Oliveira
MAURSEN - Alderico Costa
LEGUERCHE - Aldemar de Oliveira

O TEATRO DE AMADORES tem, atualmente, a seguinte diretoria:

DIRETOR — Valdemar de Oliveira
TESOUREIRO — Edgar Fremo de Sá
COMISSÃO FISCAL — Abelardo Gonçalves
Amaro Melo
Alderico Costa

AUXILIARES: Nazianzo Figueiredo (ensaios)
Amaro Paiva (secretário-organizador)
Francisco Miranda (contramestre-sonoplasta)
Abelardo Cavalcanti (ponto)
José Barros (maquinista)
Aníbal Mota (eletricista)

Um dia antes da estreia, enquanto se oferecia um coquetel à imprensa, podia-se ler no *Jornal do Commercio* (3 de abril de 1946): "Em cinco anos, 20 peças montadas, 98 espetáculos, e quase Cr.$ 230.000,00 de renda liquida destinada a instituições beneficentes". No entanto, nenhuma crítica mais detalhada surgiu na imprensa. "Peça de extraordinária intensidade dramática, que traz, á cena, um tema verdadeiramente novo, o trabalho do escritor alemão anti-nazista constitue (sic) uma ousada concepção teatral", foi o que registrou a *Folha da Manhã* (5 de abril de 1946), apenas. Já o *Jornal do Commercio* (6 de abril de 1946) somente publicou: "Trabalho de vigorosa contextura dramática, o original de Georg Kaiser deixou profunda impressão no espírito do numeroso público que acorreu a aplaudí-la". A conclusão de Valdemar de Oliveira foi dura: "Trata-se afinal de uma peça teatral que não é dado a muitos entender. E, para que entendam, é que o Teatro

Um Dia de Outubro

de Amadores a encena, rehabilitando o teatro contra a chanchada das Aldas Garridos *et reliqua*", publicou no *Jornal do Commercio* (7 de abril de 1946). Para o pseudônimo X, ferrenho inimigo declarado, essa omissão dos críticos era outro motivo, "não se sabendo se esta indolencia de julgamento decorre do transcendente assunto da coisa ou somente da tradução [do próprio Valdemar de Oliveira] que deve estar bem ruinzinha", alfinetou no *Jornal Pequeno* (13 de abril de 1946). Ainda no propósito filantrópico, a renda da bilheteria foi guardada para posterior aplicação.

Naquele mesmo dia 4 de abril apareceu em Olinda, com apresentação no Cine-Teatro Duarte Coelho, a sociedade teatral Melpomene Pernambucana, estreando com a conhecida peça *Feia*, de Paulo Magalhães. Com data de fundação a 6 de março de 1946, a equipe reunia elementos do mundo artístico e social do Recife (vindos dos bairros de Casa Forte e Monteiro) e Olinda, tendo como presidente Temístocles de Andrade e como diretor cênico, Severiano Ramalho. No dia 6 de junho um novo espetáculo foi produzido, a alta comédia *Chuva de Verão*, de Luiz Iglesias, seguida de um ato variado. Sempre ocupando o Cine-Teatro Duarte Coelho, em Olinda, a Melpomene Pernambucana apresentou ainda, no dia 1 de agosto de 1946, a comédia em três atos *Sol de Primavera*, sob direção de Gerson Vieira, como mais um dos seus espetáculos sociais. No elenco desta nova proposta, Bastos Júnior, Jocelin Ribeiro, Heronides Silva, Cecília Ferreira, Lígia Brasil, Anita Vasconcelos, Aurora Tenório e o próprio diretor Gerson Vieira. A autoria do texto não foi divulgada. Para setembro, o destaque foi a peça *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo, tendo Bastos Júnior no papel principal, junto a Gerson Vieira (diretor da montagem), Heronides Silva, Virgínia Zamorano, Anita Vasconcelos, Jocelin Ribeiro, Waldemar Mendonça, Aurora Tenório, Ana Borba, Linda Morais e Estênio Albuquerque.

Poucos dias após a estreia do Teatro de Amadores, Gastão de Holanda publicou um artigo que incomodou a Valdemar de Oliveira. A resposta veio na sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (7 de abril de 1946): "Em nota publicada em *Região*, Gastão de Holanda, referindo-se ao Teatro de Amadores, afirma que já se 'perdeu tempo, trabalho e dinheiro, com medalhões da literatura universal, numa concessão, para mim injustificável, ao tacanho público do Recife'". Lis-

Gastão de Holanda

Um Dia de Outubro

tando, então, os dramaturgos já encenados pelo Teatro de Amadores e refutando essa colocação de um dos integrantes do TEP (vale ressaltar), ele justificou também a sua escolha por texto denso como *Um Dia de Outubro* para aquele momento:

> E' engraçado que, agora, quando o Teatro de Amadores chegou à altura que chegou, surjam restrições e censuras aos meios de que se utilizou para alcançar essa situação! Pois o Teatro de Amadores não tem a lamentar perda de tempo, trabalho ou dinheiro. As "concessões" que fez é que lhe permitiram, ao completar o seu 5° ano de vida, ver distribuídos quase duzentos mil cruzeiros às instituições de caridade e ter o público nas mãos, para lhe impor *Um dia de outubro*, de Georg Kaiser.

Ainda no mês de abril, o Grupo Cênico do Centro Educativo de Campo Grande promoveu sessão das peças sacras *O 4º Mandamento* e *O Enforcamento de Judas*, no palco do Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, tendo a colaboração dos artistas J. Monteiro e Jonas Gondim; ao mesmo tempo em que a Feira das Atrações ainda fervilhava no Parque 13 de Maio, sob patrocínio da Casa do Estudante de Pernambuco. Até que finalmente foi anunciada a estreia do Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP) para o dia 13 de abril de 1946, um sábado, em um palco inusitado: as largas mesas do salão de leitura da Faculdade de Direito do Recife, todas juntas e amarradas, com duas peças em sequência. Primeiro, a obra antifascista de Ramón J. Sender, *O Segredo*, tendo no elenco os acadêmicos Gastão de Holanda, Genivaldo Wanderley, José Guimarães, Joel Pontes e Oscar Cunha Barreto. Em seguida, *O Urso*, de Anton Tchekhov, com Termutis Carvalho, Epitácio Gadelha e Milton Persivo Cunha como intérpretes.

Teatro do Estudante de Pernambuco

CONVITE

Dias 13 e 14 de abril de 1946, às 20 horas no Salão de Leitura da Faculdade de Direito

Espetáculos inaugurais com as peças

O Segredo

1 ato de Ramón J. Sender

General Galhoás — Gastão de Holanda, Faculdade de Direito
1.º Prisioneiro — Genivaldo Wanderley, Faculdade de Direito
1.º agente — José Guimarães Sobrinho, Faculdade de Direito
2.º Prisioneiro — Joel Pontes, Faculdade de Direito
2.º Agente — Oscar Cunha Barreto, Escola de Belas Artes

O Urso

1 ato de Anton Tchekof

Elena — Termutis Carvalho, Faculdade de Medicina
Luka — Epitácio Gadelha, Faculdade de Medicina
Gregory — Milton Persivo Cunha, Academia de Comércio

Direção de Hermilo Borba Filho, Faculdade de Direito

Sugestões de cena: Lula Cardoso Ayres

O Segredo

Anton Tchekhov

Ramón J. Sender

As duas peças foram dirigidas pelo agora também acadêmico Hermilo Borba Filho, que foi estudar advocacia para poder assumir a coordenação do grupo, um departamento autônomo do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito do Recife. O Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP) era formado ainda por frequentadores das Faculdades de Medicina, Belas Artes e Comércio. Convidando a imprensa, professores e intelectuais para esta estreia, a equipe prestou homenagem aos estudantes dos cursos superiores na primeira apresentação, no sábado, e aos estudantes dos colégios na sessão seguinte, no domingo. Escrevendo para o *Jornal Pequeno* (22 de abril de 1946), Airon Rios saldou a empreitada que visava "o simpático objetivo de dotar Pernambuco de um Teatro Popular":

> O seu teatro, é evidente, não transpirará, a majestade do inconfundível Santa Isabel. [...] Então com cenario ou sem êle, no tablado da carroceria de um caminhão, o homem do povo [...] terá a oportunidade de assistir á nossa arte, ainda lhe olvidada. Uma nova mentalidade vai florir nas classes menos favorecidas. Porque o teatro alem de um meio recreativo diversional, apresenta tambem seu prisma educativo e instrutivo. [...] Felizmente a resposta não demorou. E todos quantos foram á Faculdade de Dierito no sábado ou no domingo, viram em carne e ôsso, palpitando, uma das maiores vitorias da Inteligência. Da força de vontade. Da idéia. Do homem.

Reunião dos integrantes do Teatro do Estudante de Pernambuco

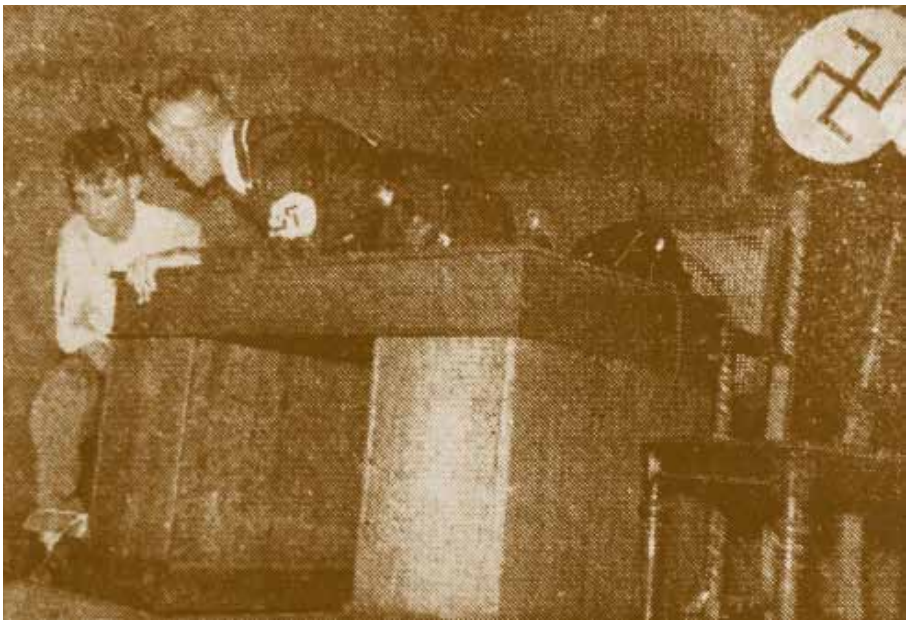
Valdemar de Oliveira

Provavelmente para evitar mais confusões com o grupo que ainda engatinhava no cenário teatral pernambucano (já bastou a resposta ao artigo do Gastão de Holanda), Valdemar de Oliveira fez elogios à iniciativa dos "tepianos", com restrições apenas à ausência dos professores da Faculdade de Direito do Recife na plateia, e talvez à não existência do apoio dos mesmos por indiferença ou alheamento. Registrou, assim, suas boas-vindas ao TEP em artigo no *Jornal do Commercio* (17 de abril de 1946):

> O Teatro do Estudante, visto, como o vimos, dentro da Faculdade, reunindo, em volta, os espíritos jovens, sensíveis e inteligentes, representa, sem sombra de dúvida, um movimento cultural de extraordinário alcance. [...] O teatro que agora estão fazendo, um teatro nobre, de costas voltadas para a farsa, nos deve chamar a atenção como o inicio de um movimento que poderá ir longe, verticalmente, se não lhe faltar o apoio que está a reclamar de todos os amigos da cultura. [...] O que importa, no momento da partida, é a partida. Nem interessa considerar até onde poderão levar o excesso de velocidade ou a inexperiência do volante.

Polêmicas à parte, o lançamento do TEP representou não só um exercício democrático e revolucionário pela escolha das peças e o próprio local da apresentação, mas apostou na transgressão – o reitor não teve tempo de "censurar" qualquer trecho dos espetáculos – e no seu sentido revolucionário. Investia-se na

Hermilo Borba Filho na conferência *Teatro: Arte do Povo*



O Segredo

qualidade artística das obras escolhidas para ganhar a cena, como também em seu caráter antifascista e antinazista, especialmente da peça *O Segredo*, de Ramón J. Sender, numa época ainda de redemocratização do país. Antes das apresentações cênicas, Hermilo Borba Filho retomou a leitura de sua conferência-manifesto *Teatro: Arte do Povo* e aquele discurso, segundo o próprio, "chato e longuíssimo", gerou até um princípio de vaia, contornado a tempo, mas os espetáculos foram bem recebidos.

Após estas duas primeiras sessões de lançamento do grupo, o TEP procurou se exercitar na prática de um teatro ambulante, mambembe, pelos subúrbios do Recife, partindo do propósito de ressuscitar "A Barraca" de Federico García Lorca, levando às camadas mais populares um repertório de peças de alto valor artístico. No mês seguinte à estreia, em 5 de maio de 1946, a equipe se apresentou no Centro Educativo Operário de Santo Amaro, a preços bem acessíveis, com os espetáculos *O Segredo* e *O Urso* sendo vistos por operários e seus familiares e recebendo a melhor acolhida. O jornal *Folha da Manhã* (6 de maio de 1946) registrou o sucesso do acontecido:

> O espetáculo agradou bastante aos operários presentes, tendo os agentes sociais do departamento da Reeducação registrado entre os espectadores francos elogios ao desempenho dos amadores e aos temas das peças apresentadas, o que denota o acerto que presidiu a escolha das primeiras peças do repertório do Teatro do Estudante, organizado para educar o povo distraindo-o, ao mesmo tempo.

Importante lembrar que, a cada sessão, era comum levar um pouco de cultura teatral aos espectadores, com informações sobre os autores, a obra encenada e o próprio ato teatral. A 12 de junho de 1946, foi a vez de aportar no Cine Eldorado, no Largo da Paz, no bairro de Afogados. Em 19 de outubro houve uma apresentação gratuita para os filhos sadios dos lázaros internados no Instituto Guararapes, no subúrbio da Várzea, e a 29 de novembro nova apresentação, desta vez para internos do Sanatório do Sancho, à tarde e ao ar livre, quando Ariano Suassuna acabou substituindo o ator Oscar Cunha Barreto no elenco de *O Segredo*. Segundo José Laurênio de Melo em entrevista-depoimento a Luiz Maurício Carvalheira no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 148.), as duas peças de estreia do TEP chegaram

Ariano Suassuna

O Segredo no Instituto Guararapes

a fazer quinze representações em 1946. Quanto à presença das companhias de fora, a Companhia do Ilusionista Chang, com toneladas de equipamento, estreou a 12 de abril uma curta temporada de completo êxito, chegando a fazer duas sessões por noite e até três nos sábados e domingos. Revelou o *Diario de Pernambuco* (12 de abril de 1946):

> O espetaculo constará da representação da fantasia oriental *Uma viagem ao inferno*, revista em que toma parte todo o elenco da companhia, destacando-se o malabarista Wong How Fing e o proprio Chang em seus trucs (sic) e magicas, tomando parte, ainda, na representação, um corpo de girls. O espetaculo terá inicio ás 20h15, terminando a tempo de serem alcançados os ultimos omnibus para os suburbios.

No dia seguinte à estreia, o *Diario de Pernambuco* (13 de abril de 1946) confirmou que o teatro "apanhou uma numerosa concorrencia" e ainda teceu comentários críticos à apresentação: "A fantasia oriental *Uma viagem ao inferno*, impressionou vivamente, pelo luxo da montagem, cenarios e guarda-roupa, sem falar na atuação de Chang, que conquistou as simpatias da plateia". Inicialmente voltado apenas aos adultos, mais à frente crianças maiores de cinco anos puderam conferir o trabalho, que também inseriu uma outra fantasia como destaque, *Paraíso Oriental Encantado*. A partir de 1 de julho de 1946, Chang fez nova temporada no Recife, desta vez no Cine Boa Vista, a preços bem mais populares.

Se no dia 2 de abril de 1941 surgiu o Grupo Infantil de Comédias, a comemoração do seu quinto aniver-

sário em 1946 aconteceu no dia 19 daquele mês, no Cine-Teatro Olinda, reunindo trinta crianças no palco com o melodrama *As Flores da Padroeira*, do próprio diretor Waldemar Mendonça, tendo músicas de Lourival Santa Clara e seguido de um ato variado, como sempre. Para festejar a data, o coletivo ganhou matéria retrospectiva no jornal *Folha da Manhã* (19 de maio de 1946):

> A 2 de maio de 1941, Valdemar Mendonça, antigo elemento do Teatro de Amadores do Feitosa, fundou, num dos salões do Externato 6 de Março, o *Grupo Infantil de Comédias* conjunto teatral formado de crianças que, com o esfôrço de seu diretor e alguns auxiliares devotados, como Lourival Santa Clara, Artur Magalhães, Lidio Guimarães, José Guimarães e João Pimentel, conseguiu, até hoje, manter com sucesso o único teatro efetivo de pequenos artistas. Na maioria, os espetáculos foram realizados no cinema Olinda do Feitosa. Entretanto o grupo realizou 8 espetáculos no Teatro Santa Isabel, 2 no Cine Eldorado e 1 em Goiana. [...] Um grande número de crianças compõe o elenco do Grupo Infantil de Comédias: Isabel Barbosa, Evanil Gonçalves, Angelina Oliveira, Nildo Botelho, Mariangela de Abreu, Inalda Ferreira, Nadeje Albuquerque, Terezinha Guimarães, Elisabete Bezerra, Maria da Penha, Jeanine Darcy, Elivan Gonçalves, Evaldo Gonçalves, Iveraldo [Silva], Nilson Botelho, Antonio Oliveira, Reginaldo Sousa e Mário Guimarães. Todos trabalham com maior boa vontade e obediência ao ensaiador. Os próprios pais estimulam seus filhos para os êxitos das representações.

Mário Guimarães

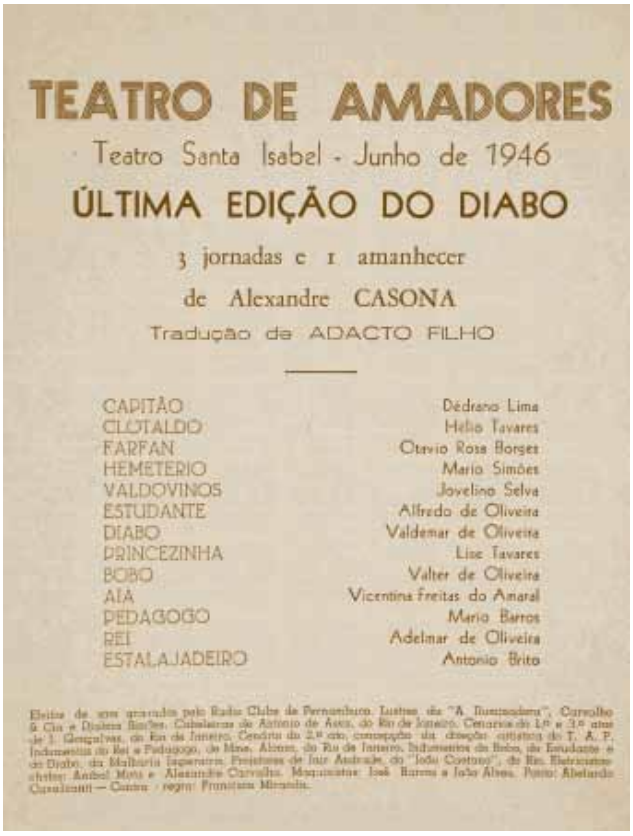
Em julho, uma nova produção surgiu pelo Grupo Infantil de Comédias, *Os Dez Mandamentos*. *Santa Teresinha do Menino Jesus*, *O Rouxinol da Fazenda* e *Meu Sertão* foram outros trabalhos levados à cena ainda em 1946. Por sua vez, despedindo-se dos palcos pernambucanos, o ator Valdir de Sousa organizou duas apresentações da peça *Maridinho de Luxo*, de José Wanderley, em *matinée* e *soirée* no dia 9 de junho, no Teatro de Santa Isabel. Interessante é que, em meio à louvação que se fazia para a mais nova, luxuosa e aguardada estreia do Teatro de Amadores, um artigo do jornalista Luiz Beltrão veio provocar outro rasgão na convivência pacífica entre o grupo liderado por Valdemar de Oliveira, considerado por muitos um elitista inveterado, e a equipe que tinha à frente Hermilo Borba Filho. Saudando a ação proposta pelo Teatro do Estudante de Pernambuco de voltar-se ao povo, indo aos Centros Educativos Operários dos bairros de Santo Amaro e do Cordeiro numa parceria com o Departamento de Reeducação e Assistência Social, em contraponto ao "teatro-grã-fino", eis o que Luiz Beltrão publicou na *Folha da Manhã* (9 de junho de 1946):

> Temos ainda mais fé no *Teatro de Estudantes* pela sua promessa de levar o bom teatro á massa, de realizar espetaculos nas feiras, nas

festas simples dos suburbios, nas aldeias. Esses pequenos Lorcas brasileiros merecem apoio e aplauso e sabem – por isso que são estudantes, cheios de idealismo [...] – sabem que estão realizando uma obra de cultura e cooperando na educação do povo. Não se vá exigir dos estudantes a perfeição dos profissionais. Não se vá exigir teatro-grã-fino, se assim se pode chamar áquele teatro que dispõe de meios pecuniários inesgotáveis para as luxuosas montagens, para usar e abusar de todos os recursos da técnica cênica.

A resposta do Teatro de Amadores foi dada no palco. Após o sucesso de *A Dama da Madrugada* em 1945, o grupo apostou em um novo texto do espanhol Alejandro Casona, *Última Edição do Diabo*, com estreia no dia 20 de junho de 1946 para um Teatro de Santa Isabel completamente lotado – com muitas famílias voltando da bilheteria por falta de localidade – e com aplausos esfuziantes ao final. Como intérprete principal, a senhorinha Lise Tavares, "que vive de maneira encantadora o delicioso papel da Princesinha", lembrou o *Jornal do Commercio* (5 de julho de 1946), junto a Vicentina Freitas do Amaral, Walter de Oliveira, Otávio Rosa Borges, Alfredo de Oliveira, Mário Barros, Adelmar de Oliveira, Jovelino Selva, Valdemar de Oliveira, Antônio Brito, Mário Simões, Hélio Tavares e Dédrano Lima. A tradução foi de Adacto Filho.

Montada com grande luxo de indumentária, a peça contou ainda com cenários próprios, cabeleiras e projetores de iluminação adquiridos no Rio de Janeiro, e efeitos de som gravados na Rádio Clube de Pernambuco. A *Folha da Manhã* (20 de junho de 1946) lembrou que os efeitos de luz e de som sublinhavam, "expressivamente, a beleza poética do texto", uma peça "fantasiosa, em que as situações cômicas e sentimentais se revezam equilibradamente". O público foi avisado que, inicialmente, a peça não teria sessões em vesperal para não prejudicar os efeitos da iluminação imprescindíveis à representação, mas, por conta dos diversos pedidos, as sessões vesperais acabaram acontecendo num horário mais tarde do que o de costume, às 16 horas. No entanto, o Teatro de Amadores divulgou exaustivamente que a montagem sai-


TEATRO DE AMADORES

Teatro Santa Isabel - Junho de 1946

ÚLTIMA EDIÇÃO DO DIABO

3 jornadas e 1 amanhecer

de Alexandre CASONA

Tradução de ADACTO FILHO

CAPITÃO	Dédrano Lima
CLOTALDO	Helio Tavares
FARFAN	Otavio Rosa Borges
HEMETERIO	Mario Simões
VALDOVINOS	Jovelino Selva
ESTUDANTE	Alfredo de Oliveira
DIABO	Valdemar de Oliveira
PRINCEZINHA	Lise Tavares
BOBO	Valter de Oliveira
AIA	Vicentina Freitas do Amaral
PEDAGOGO	Mario Barros
REI	Adelmar de Oliveira
ESTALAJADEIRO	Antonio Brito

Efeitos de som gravados pelo Radio Clube de Pernambuco. Lustres da "A Iluminadora", Carvalho & Cia e Diabos Bailes. Cabeleiras de Antonio de Assis, do Rio de Janeiro. Cenarios do 1.º e 3.º atos de J. Gonçalves, do Rio de Janeiro. Cenario do 2.º ato, composição da direção artistica do T. A. P. Indumentaria do Rei e Pedagogo, de Mme. Alonso, do Rio de Janeiro. Indumentaria do Bobo, de Estudante e do Diabo, da Malharia Imperatriz. Projetores de Inar Andrade, do "João Caetano", do Rio. Eletricistas: Anibal Mota e Alexandre Carvalho. Maquinistas: José Barros e João Alves. Ponto: Abelardo Cavalcanti — Contra - regra: Francisco Miranda.

Última Edição do Diabo

ria de cartaz brevemente devido à nova temporada do ilusionista Chang e da Companhia de Comédias Alma Flora em julho.

Infelizmente, outra nota destoante para o sucesso que viria foi um imbróglio junto ao *Jornal Pequeno*, que acusou o Teatro de Amadores de entregar os ingressos-convites da estreia após o horário de fechamento do escritório comercial do periódico, como se Valdemar de Oliveira temesse uma crítica negativa ao trabalho. Ele, no entanto, mandou nota a todos os jornais provando, através do livro de protocolo, ter entregue os tais ingressos-convites. A impressão que a peça causou em dois críticos, com textos publicados na mesma data por Luiz Beltrão, na *Folha da Manhã* (21 de junho de 1946), e Luiz Teixeira, no *Jornal do Commercio* (21 de junho de 1946), foi registrada no livro TAP – *Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco* (1941-1991) (2011, p. 168 e 170.), do pesquisador Antonio Edson Cadengue:

> E Luiz Beltrão afirma que a montagem merece especiais cuidados, brindando a plateia recifense com "fino"espetáculo. Mas aponta alguns problemas técnicos, como o pano de fundo do primeiro ato que deveria ser de tons mais claros, porque a cena acontece no final da tarde, porém "tem-se a impressão, antes que se comecem os diálogos, que é noite adiantada. Impressão, aliás, causada pelos efeitos luminosos, que necessitam de uma alteração de cores que atinjam, plenamente, o obje-

tivo desejado [...]. A gravação não impressiona e falha, mesmo, no principal momento em que se faz necessária: a primeira entrada do diabo" [BELTRÃO, Luiz. Última Edição do Diabo. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de junho de 1946. p. 2.]. Para o crítico, no elenco destacam-se Lise Tavares, Walter de Oliveira e Valdemar de Oliveira, seguidos de Alfredo de Oliveira. Porém o grande desempenho foi de Lise Tavares: "melhor profissional não encarnaria a candura, a alegria, os primeiros ímpetos de paixão, a graça da 'Princesinha' como fez Lise, que tem ainda, a ajudá-la, um físico talhado para o papel. Mantém-se em cena como se não fosse uma bacharela em filosofia [...] e sim, uma candidata às glórias incomensuráveis do palco". [...] Para Luiz Teixeira, a peça "é a glória do Espírito sobre o Diabo – ali exposto e vencido na forma brutal do Instinto" [TEIXEIRA, Luiz. Última Edição do Diabo. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1946. p. 10.], e discorda do título que a peça recebe na tradução, pois para o diabo, crê, não existe edição definitiva.

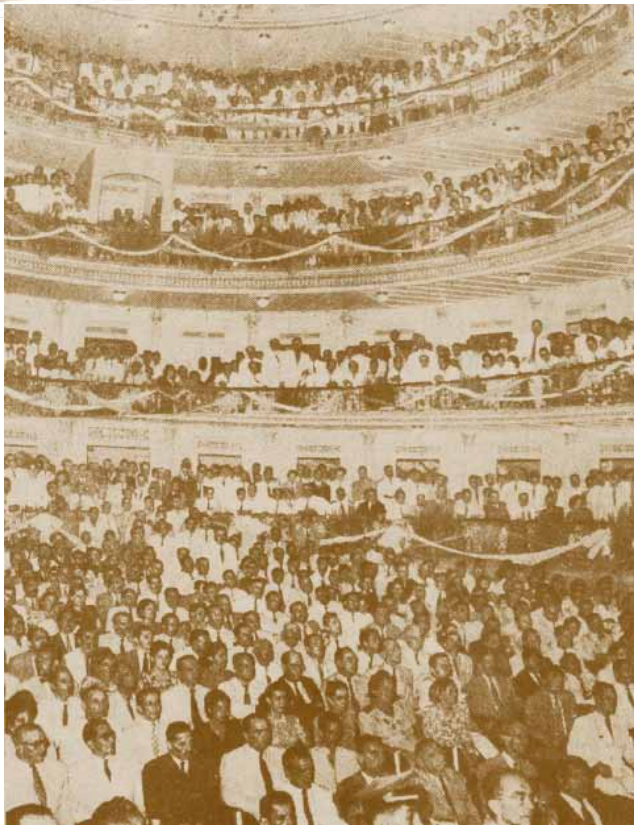
Quinze dias após a estreia, reclamando a pouca atenção que a imprensa deu à peça em termos de comentários críticos, mesmo "pró ou contra, de acôr-

Última Edição do Diabo

Última Edição do Diabo

do com o gôsto de cada um, aplaudindo ou fazendo restrições", é a vez de Hermilo Borba Filho escrever sobre *Última Edição do Diabo*, especialmente para o *Jornal do Commercio* (5 de julho de 1946):

> A *Última edição do diabo* é uma boa peça, sem chegar, porém, àquela fôrça poética demonstrada na *A dama da madrugada*, talvez porque Casona tenha se preocupado mais com o sentido satírico da obra, dando margem ao jôgo de palavras que agrada e faz rir de início, para cansar depois. A dialética do *Diabo* cheira mesmo ao cinismo de certas personagens de Joracy Camargo (guardadas as proporções). Eu creio mesmo que a peça cresceu na versão dada pelos nossos amadores, não sendo exagêro dizer-se que Casona foi muito favorecido pelo carinho da montagem e dos efeitos. Eu ainda o prefiro como poeta da terra e das lendas da gente da Espanha, onde êle se revela de uma grande fôrça criadora. Os cenários muito bons. [...] Estou satisfeito, vendo que a direção dos amadores praticou uma verdade artística fazendo com o público pusesse em jôgo a imaginação, convencendo-o de que aquilo é teatro, com elementos próprios de criação. [...] Se me permitem uma restrição é para aquelas sombras (as do primeiro ato) que se projetam sôbre a sugestão do castelo. Claro que se trata de um cenário sintético, mas mesmo assim as sombras não deviam cair em coisas que se presumem estar a quilômetros de distância. Os efeitos luminosos e trajos (sic) completaram a montagem. [...] Eu gostaria, sem diminuição para os outros intérpretes, [...] chamar a atenção para a ótima interpretação do snr. Adelmar de Oliveira, que foi, a meu ver, o ator que mais se compenetrou do pensamento poético do autor, dando-nos, realmente, um *Rei* como aquêles



das cartas de baralho, fugindo do mundo de proporções reais para o mundo da imaginação, apresentando-se como uma personagem criada e não caricaturada ou copiada.

Após sete récitas, a peça teve que sair de cartaz para dar lugar à Companhia de Comédias Alma Flora, que já tinha pauta confirmada a partir de 25 de julho de 1946 como mais uma que vinha passando em turnê pelo Recife. Essa questão da agenda do Teatro de Santa Isabel sempre foi um problema para Valdemar de Oliveira, que vivia a reclamar na imprensa das concessões constantes às companhias de fora, além das outras atividades não artísticas realizadas naquele palco. Ao que tudo indica, essa gerência sobre as datas disponíveis ou não, partia da própria Prefeitura do Recife, e não dele, submisso às decisões dos seus superiores. É óbvio que as companhias de fora tinham prioridade, algo que sempre aconteceu naquele teatro e, infelizmente, não muito diferente dos tempos de hoje. Na sua coluna *A propósito...*, do *Jornal do Commercio* (6 de julho de

Última Edição do Diabo

Última Edição do Diabo

1946), Valdemar de Oliveira aproveitou para divulgar uma resolução do prefeito Pelópidas Silveira: "as companhias que vêm do Sul, iniciando sua excursão pelo Norte, terão, desde agora, preferência contra aquelas que voltam do Norte, regressando ao Sul". Independente disso, a produção local sempre ficava preterida. E complementou, lembrando: "A carreira da *A dama da madrugada* foi cortada para ceder-se o Teatro a Alma Flora. E, agora, será ainda a Alma Flora que se cederá o Teatro, cortando a carreira de *Última edição do Diabo*. E assim tôdas as vezes, sempre, inalteravelmente".

Outro problema para a continuidade da peça foi a ida da atriz Lise Tavares para o Rio de Janeiro, onde decidiu morar. Mesmo assim Valdemar de Oliveira celebrou o extraordinário êxito de *Última Edição do Diabo*: "esse triunfo é a única resposta que o Teatro de Amadores dá a seus inimigos", publicou no *Jornal do Commercio* (22 de junho de 1946). Enquanto isso, ainda fazia sucesso a Feira de Atrações no Parque 13 de Maio, dando destaque ao seu Teatro de Variedades, agora com artistas como a cantora Uiara de Goiás, Ases do Ritmo, o cômico Zé Fuinga, os trapezistas

Última Edição do Diabo

Jordan e Jane, conhecidos como "Tarzan e sua companheira", além das *matinées* para a meninada. Também em junho, no dia 17, o Salão Pio X, em Olinda, recebeu um grande festival com números de piano, cantos, violino, poesias, cançoneta, e diálogo, finalizando com a comédia *Precisa-se de Uma Criada* e, numa homenagem à América, *Deus Salve a América!*.

Depois de enfrentar algum atraso por problemas de navegação, a 26 de julho de 1946 voltou ao Teatro de Santa Isabel a Companhia de Comédias Alma Flora para nova temporada de êxito, isto após o sucesso conquistado do final de 1945 a início de 1946 e em turnê por Manaus, Belém e Fortaleza. Estreou, desta vez, com *Filhos de Ninguém*, de Eurico Silva, mas ainda trouxe no repertório trabalhos como *Ser Ou Não Ser*, de José Wanderley e Mário Lago – com Elpídio Câmara entre os atores com papel principal –, *O Último Lord*, de Hugo Falena, com tradução de Oduvaldo Vianna, *Quero Ser Feliz*, peça francesa de Pierre Wolff, traduzida por Jorge Diniz, e *O Neto de Deus*, de Joracy Camargo. Um fato curioso aconteceu na estreia da temporada, relatado pelo crítico M. no *Jornal do Commercio* (28 de julho de 1946): "A peça agradou e houve até interrupções com aplausos ou com gargalhadas. A diretoria do Teatro passou um 'pito', deixando em situação esquerda, nas senhoras que teimam em ir ao teatro com chapéu e conservá-los durante a representação".

No dia 5 de agosto, novamente no Salão Pio X, em Olinda, um grande festival em benefício do Seminário Franciscano contou com o drama *O Preço de Um Copo Dágua*, reunindo senhorinhas da sociedade olindense, como Teresinha Martins, Teresinha Viana, Nevinha Vaz

e Zilda Sena; e mais um "certame universitário" foi criado para assegurar verba para a Casa do Estudante de Pernambuco, a Festa das Rosas, acontecendo naquele mês, na praça Joaquim Nabuco, no bairro da Madalena, também com Parque de Diversões e um Teatro de Variedades, este com pastoril, mamulengo e artistas do circo, do teatro, da dança e da música em números variados. Foi no dia 14 de agosto de 1946 que o Departamento Artístico do Guanabara Foot-Ball Clube festejou seu primeiro aniversário com a encenação da peça *A Divina Labareda*, de Hermógenes Viana, enquanto que o Circo Star Light animava o bairro de Água Fria, inclusive com o drama *Castigo do Céu*. Ainda no dia 25, o Grêmio Dramático do Sancho promoveu um festival em benefício de associações de assistência social (sem revelar quais), reunindo uma parte literária e um "show" contendo a peça ligeira *Esqueleto de Passarinho*, com os atores Maria Eloídes, Arnaldo Campos, José Ramos e Corina Campelo.

Naquele mês de agosto, se o ator Elpídio Câmara voltou a morar no Recife após as experiências com a Companhia de Comédias Alma Flora, foi a vez de chegar à capital pernambucana a Companhia Teatral de Comédias Déa-Cazarré, do Teatro Rival do Rio de Janeiro, que estreou com *Chica Boa*, do dramaturgo

Darcy Cazarré

Paulo Magalhães. A enorme equipe trazia mais de dezoito espetáculos em seu repertório para o Teatro de Santa Isabel, textos como *A Mulher de Seu Adolfo*, *Moinhos de Vento*, *A Cegonha Se Atrasou*, *O Fantasma da Família*, *Não Saias Esta Noite* e *Gato Por Lebre*, entre outras, ainda tendo o ponto (Albérico Melo) como suporte para os atores. No elenco, nomes como a estrela Ítala Ferreira, o gaúcho Darcy Cazarré e sua esposa Déa Selva (nome artístico de Jandyra Berard Cazarré, pernambucana de Quipapá), o ator cômico Ferreira Leite, além de Pepa Ruiz, Oswaldo Louzada, Vicente Gil e Ruy Viana. Eurico Silva era o diretor artístico e ensaiador. Diante do sucesso destas peças para rir, algumas em vesperais especiais para as Forças Armadas ou para moças, o pseudônimo X determinou no *Jornal Pequeno* (29 de agosto de 1946): "Logo, o que o povo quer é isso mesmo, muito diferente do que exige a Crítica carunchosa", e nomeou textualmente Valdemar de Oliveira por distribuir convites às suas "melhores peças do mundo", sem, no entanto, despertar a atenção do público de fato.

Como em grande parte de setembro a pauta do Teatro de Santa Isabel estava cedida à Companhia Teatral de Comédias Déa-Cazarré, o Teatro de Amadores aceitou o convite do governo alagoano, através do Interventor Federal no Estado, o dr. Guedes de Miranda, para reinaugurar o Teatro Deodoro, em Maceió, indo pela primeira vez àquelas terras. Impossibilitado dos remontes de *Um Dia de Outubro* e *Última Edição do Diabo*, muito pela não presença da atriz Lise Tavares no Recife, levou, então, três montagens anteriores, *Primerose*, *O Instinto* e *Uma Mulher Sem Importância*, sendo bem recebido e tendo a presença da atriz e diretora Linda Mascarenhas, do Teatro de Amadores de Maceió (TAM), como grande parceira por lá. O artigo "Histórico do Teatro Deodoro" (2014) complementou:

> Por carência de hotéis na época, o TAP (sic) foi hospedado em casas de famílias, dentre as quais: – Comendador Luiz Calheiros, Dr. Mariano Teixeira, Dr. José Lajes, Sr. Luiz Calheiros Júnior e Comendador Antônio Magalhães.

Retornando à capital pernambucana, com ingressos comercializados na Perfumaria Oriental, o Teatro de Amadores programou uma curta temporada dos es-

Linda Mascarenhas

petáculos vistos em Maceió, mas, "em virtude de doença em pessoa da família de um dos amadores", de acordo com o *Jornal do Commercio* (6 de outubro de 1946), apenas a peça *Primerose* aconteceu, marcando a 117ª récita na história do grupo. Os ingressos vendidos para as outras peças, claro, foram devolvidos. Espantosamente, o público desta vez foi minguado. Crise na relação com a plateia? Ainda em outubro, o TEP lançou um concurso de peças com regulamento que permitia o prazo de quase um ano para a entrega das obras concorrentes.

Naquele mês, uma opção voltada a todas as famílias foi conferir o Grande Circo Teatro Sá, comandado por Xavier de Sá e armado ao lado do Parque 13 de Maio. A maior atração era o palhaço Biriba, grande estrela dos espetáculos, geralmente com números de variedades na primeira parte e uma peça cômica ou dramática nos atos finais. , como *Mártir do Calvário* ou *Santa*, esta última de Nelson Silveira, imprópria para menores de dezoito anos. Um dos destaques foi Biriba e as Suas Piadas, seguido da peça em três atos *Deus e a Natureza*... ou a Cia. Acrobata e Dramática, que contou com o drama em sequência *Um Erro Judiciário*. O Grande Circo Teatro Sá seguiu ainda por bairros do Recife, como no Zumby, em dezembro, quando foi apresentada a peça *O Interventor*, de Paulo Magalhães, na programação diária circense. *Biriba a Procura de Casamento* foi outra comédia agendada. Exatamente no Dia da Criança, no Teatro de Santa Isabel, o festival *Parada das Estações* aconteceu em benefício da Matriz de São José. No dia seguinte, às 9 horas, no palco do Cine Eldorado, foi a vez do público conferir a revista infantil *Tudo é Brasil*, de autoria da professora Maria Augusta Pes-

soa Ribeiro, com alunos do Grupo Escolar Amaurí de Medeiros, sob orientação técnica do Serviço de Diversões Escolares e Rádio Educação.

Até que, para despertar ainda mais a atenção das plateias, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior voltou a estrear uma temporada de sucesso no Teatro de Santa Isabel, desta vez com *O Grande Marido*, de Eurico Silva, e prometendo em seus anúncios de jornal "Todo mundo vai ver, gostar e recomendar!", além de exibir fotografias em destaque dos atores Lenita Lopes e Osvaldo Barreto. Um trecho do enredo aparecia nestes mesmos anúncios: "Quando um homem resolve enganar sua esposa muitas coisas podem acontecer...". Entre as "cousas hilariantes" a oferecer, destaque para o próprio Barreto Júnior no papel de Clarimundo. O crítico M. escreveu sobre esta estreia no *Jornal do Commercio* (25 de outubro de 1946):

> Novamente em Pernambuco, onde tem seus apreciadores, Barreto Júnior, com sua companhia de comédias. É um grupo mais ou menos conhecido, ora maior, ora menor, onde não há notabilidades, mas alguns elementos apreciáveis do gênero para rir, às vezes descaído (sic), como na peça da estréia – *O grande marido* – para a chanchada. Êsse "grande marido", de que Barreto Júnior foi protagonista, é indivíduo que apresenta austeridade, exige muito respeito mas, no fundo, não passa de sem vergonha de marca e mentiroso reputado, colhido em suas verdadeiras qualidades. A peça é mais ou menos de "carregação"; entretanto

apresenta lances que provocam o riso. Dos papéis principais se encarregaram Barreto Júnior, Elisa Matos, Lenira (sic) e Luiz Carneiro. Barreto Júnior tem seu público e a êste a peça agradou.

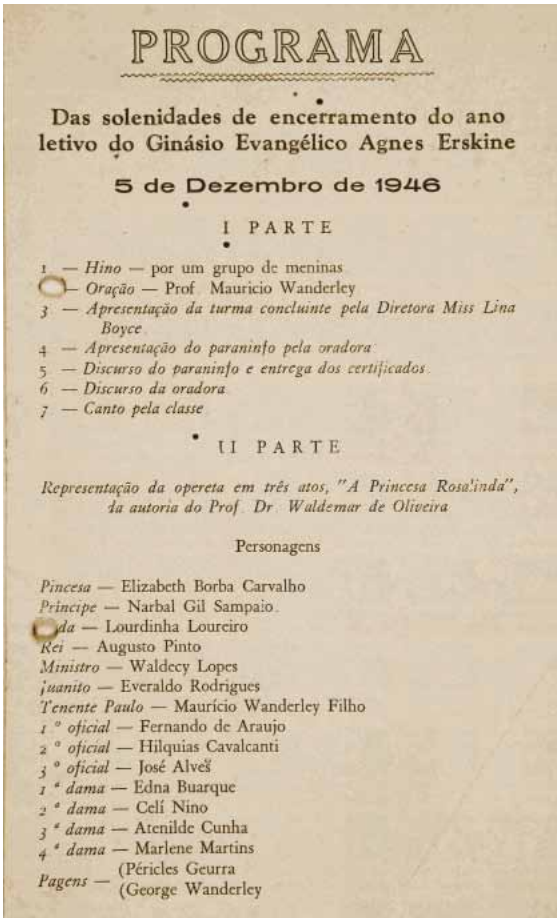
Em seguida, foi anunciada a "comédia" de Nelson Rodrigues, *A Mulher Sem Pecado*, "o maior sucesso da temporada teatral carioca de 1945", com estreia a 30 de outubro de 1946, no Teatro de Santa Isabel, tendo como protagonistas Lenita Lopes, Osvaldo Barreto e Hamilta Rodrigues. Nos anúncios deste espetáculo, o aviso ao público: "Por ordem de censura, os menores de 18 anos não podem assistir". O mesmo crítico M., no *Jornal do Commercio* (30 de outubro de 1946), pôde se debruçar sobre o espetáculo, alertando para a ousadia cometida:

> Gênero diferente das peças da Companhia, haja vista que o público não a compreendeu, mesmo porque não era público para teatro dessa natureza, *A Mulher sem Pecado* serviu, especialmente para mostrar o valor de Osvaldo Barreto, num papel dificílimo – o indiví-

duo que se finge de paralítico incurável, para julgar o procedimento da mulher, que se conservou pura até quando, atormentada pelo fingido ciume do marido, em ato de desespêro, fugiu com o *chauffeur*, o que determinou o suicídio daquele. Outro papel de grande mérito foi o de Elisa Matos, permanentemente em cena, muda, numa só posição, como estátua. Também Lenita Lopes sustentou o seu, da mulher atormentada pelo doentio ciume do marido e a vencer os perigos até chegar à queda. A peça é boa, bem urdida, mas o gênero – talvez tenha sido apenas uma amostra – não é para a Companhia, que perderia seu público, acostumado a ir ao teatro em busca do riso.

O Diabo Enlouqueceu, "uma bomba atômica de gargalhadas!", foi outra montagem apresentada nesta vitoriosa temporada – pelo menos de público – da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. As sessões começavam pontualmente às 20h30 ou em vesperais às 15 horas, sempre atraindo grandes plateias. Vale registrar que, naquele mês de outubro, a censura teatral do Rio de Janeiro multou em mil cruzeiros a artista Violeta Ferraz, do elenco da Companhia de Revistas Walter Pinto, por ter usado frases imorais na primeira sessão da revista *Nem Te Ligo*, em cartaz no Teatro Recreio. No Recife, a 30 de outubro de 1946, uma peça massacrada por muitos – talvez por suas licenciosidades –, *A Pensão de Dona Stela*, de Gastão Barroso, foi apresentada no palco do Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa, por vários intérpretes egressos de outros coletivos, agora intitulados de Grupo Artistas Unidos. Eram eles: Gerson Vieira, Heronides Silva, Jocelin Ribeiro, Bastos Júnior, Jonas Gondim, Waldemar Mendonça, Anita Vasconcelos, Virgínia Kátia, Ceci Ferreira, Aurora Tenório e Carmem Gondim. A sessão teve cobrança de ingressos a preços populares.

Ainda em dezembro, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior seguiu para o Cine Encruzilhada, estreando com *Compra-se Um Marido*. Aquele cineteatro era uma exceção nos subúrbios, pois o que se via eram os cineteatros desaparecendo pau-



PROGRAMA

Das solenidades de encerramento do ano letivo do Ginásio Evangélico Agnes Erskine

5 de Dezembro de 1946

I PARTE

1 — *Hino* — por um grupo de meninas
2 — *Oração* — Prof. Mauricio Wanderley
3 — *Apresentação da turma concluinte pela Diretora Miss Lina Boyce*
4 — *Apresentação do paraninfo pela oradora*
5 — *Discurso do paraninfo e entrega dos certificados*
6 — *Discurso da oradora*
7 — *Canto pela classe*

II PARTE

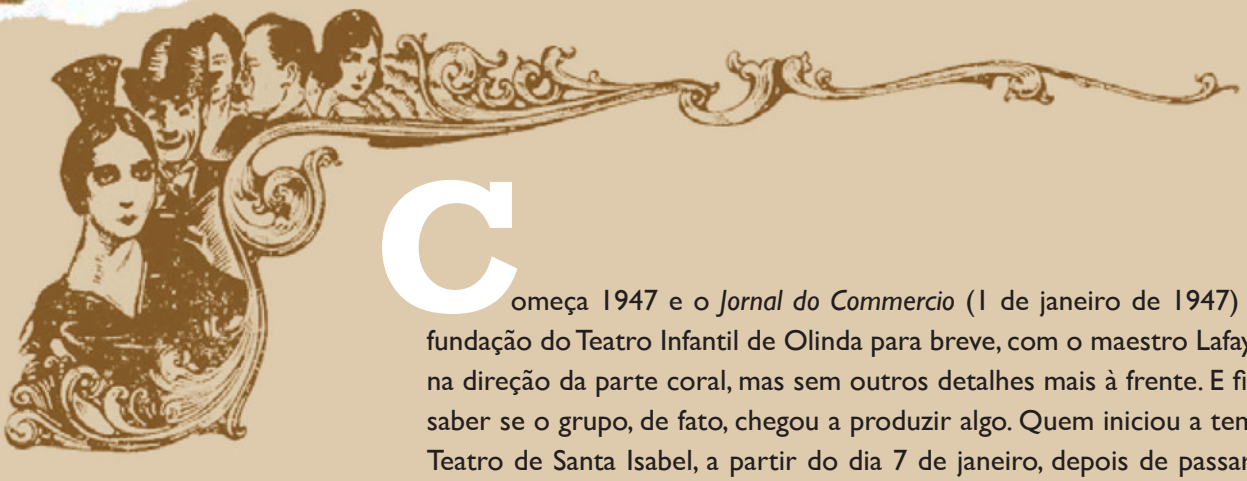
Representação da opereta em três atos, "A Princesa Rosalinda", da autoria do Prof. Dr. Waldemar de Oliveira

Personagens

Pincesa — Elizabeth Borba Carvalho
Principe — Narbal Gil Sampaio
Rosalinda — Lourdinha Loureiro
Rei — Augusto Pinto
Ministro — Waldecy Lopes
Juanito — Everaldo Rodrigues
Tenente Paulo — Maurício Wanderley Filho
1.° oficial — Fernando de Araujo
2.° oficial — Hilquias Cavalcanti
3.° oficial — José Alves
1.ª dama — Edna Buarque
2.ª dama — Celi Nino
3.ª dama — Atenilde Cunha
4.ª dama — Marlene Martins
Pagens — (Péricles Geurra (George Wanderley

latinamente ou não mais cedendo espaço às apresentações teatrais. Os que ainda existiam, como o Ideal, Eldorado, Rivolí, Duarte Coelho, Torre e Espinheirense, só atuavam como cinemas. Enquanto isso, a Festa da Mocidade, evento anual promovido pela Casa do Estudante de Pernambuco desde 1936 no Parque 13 de Maio, atraía famílias inteiras quase sempre entre os meses de novembro a março. No grandioso evento, que perdurou por mais de três décadas, uma série de atrações nacionais e internacionais do teatro, do rádio, da dança, do circo, da música e dos esportes se exibiam em revezamento constante, além do espaço aglutinar parque de diversões, o "Presépio Maravilha", lutas greco-romanas, exibições de dupla caipira, bonequeiros, comediantes – em 1946, por exemplo, a *Grande Vesperal Infantil* era comandada por Arí Guimarães e o destaque era um concurso de iôiô – e a anual escolha da Rainha da Festa da Mocidade. Ainda em dezembro, no dia 5, o Ginásio Evangélico Agnes Erskine apresentou no Teatro de Santa Isabel *A Princesa Rosalinda*, opereta de Valdemar de Oliveira, como parte de suas festividades de final de ano.

1947



Começa 1947 e o *Jornal do Commercio* (1 de janeiro de 1947) registrou a fundação do Teatro Infantil de Olinda para breve, com o maestro Lafayette Lopes na direção da parte coral, mas sem outros detalhes mais à frente. E ficamos sem saber se o grupo, de fato, chegou a produzir algo. Quem iniciou a temporada no Teatro de Santa Isabel, a partir do dia 7 de janeiro, depois de passar pelo Pará, Maranhão e Ceará, foi a visitante Companhia de Comédias Déa-Cazarré, do Rio de Janeiro, com peças como *A Idade do Amor*, de Janos Bokay, com tradução e adaptação de Eurico Silva, e *Gato Por Lebre*, de Sixto Pondal Rios e C. Olivari, traduzida por Oliveira Lima, em sessões às 20h30, mas algumas acontecendo às 15 horas, nas "vesperais das moças". Os ingressos continuavam com venda antecipada no Depósito da Caxias, aos cuidados do afamado bilheteiro Carlos Lisbôa, mas a temporada foi um fiasco. Somente em 31 de janeiro de 1947 é que surgiu um novo espetáculo local, *A Sapateira Prodigiosa*, de Federico García Lorca, no auditório da Escola Técnica do Recife, no Derbi, com entrada franca, pelo Teatro do Estudante de Pernambuco (TEP).

Além de ser a primeira vez que Lorca, o poeta de Granada, era apresentado como teatrólogo ao público recifense, com esta "farsa-violenta" em um prólogo e dois atos, o destaque ressaltado pela imprensa foi que o cenário (de Milton Persivo) , "os costumes" (figurinos de Aloísio Magalhães) e os arranjos musical (do maestro Vicente Fittipaldi, baseado em músicas de Manuel de Falla, companheiro de García Lorca, e em canções populares da Espanha) tinham sido especialmente pensados para a montagem, o que dava um caráter moderno à encenação. Hermilo Borba Filho era o diretor e tradutor da obra. No elenco, Gastão de Holanda, Ana Canen como a protagonista, Fernando Antônio, Filadelfa Loureiro, Elaine Soares, José Lins de Almeida, Epitácio Gadelha, Maria Ana Maranhão, Milton Persivo e José Guimarães. Uma nova sessão foi agendada para

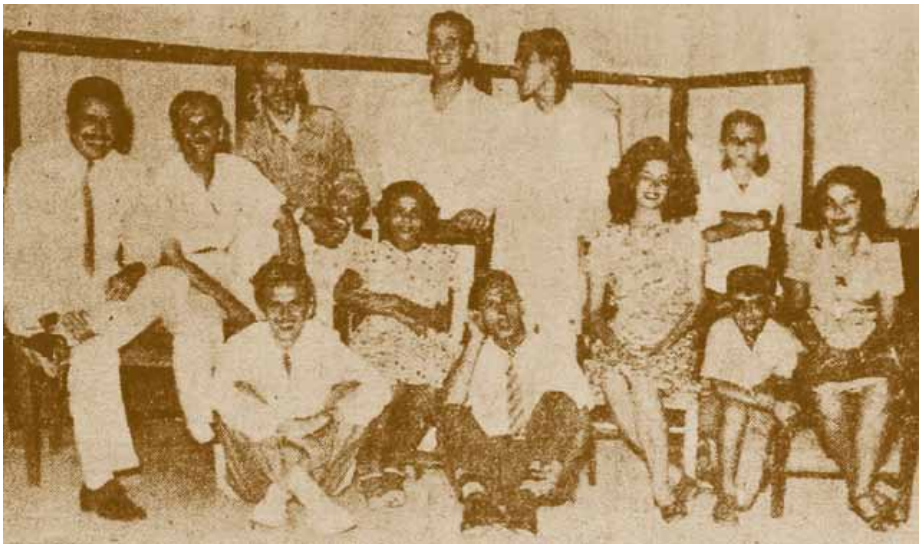
o dia seguinte à estreia, 1 de fevereiro de 1947, com estudantes e operários podendo pegar convites na portaria da Faculdade de Direito do Recife. Valdemar de Oliveira, ainda com o pseudônimo W., escreveu sobre a montagem em uma outra coluna quase diária que assinava naquele momento, *Artes e Artistas*, no jornal *Diario da Noite* (1 de fevereiro de 1947):

> A minha atitude, deante do Teatro do Estudante, será, sempre, de estimulo. Á mocidade que se volta, seriamente, para o teatro, encarando-o pelo seu aspecto cultural, odioso e indesculpável seria amesquinhar-lhe os esforços e tentar deter os seus impulsos generosos. O meu conselho, fundado na experiência – e esta jamais deixou de ser a mestra da vida – resultaria, talvez, incompreendido em sua íntima significação. A palavra de ordem, pois, em face de um movimento como êsse, ha de ser a de incentivar, por todos os meios – em plena consciência o tenho feito –, suas realizações. Não importa a minha opinião pessoal. Muito teria que dizer da representação recente de *A sapateira prodigiosa*, de Garcia Lorca. É provável, porém, que, com o tempo e o tirocínio, os rapazes do Teatro do Estudante venham a aperceber-se de suas falhas, corrigindo-as com o mesmo autodidatismo que hoje os leva a cometê-las. Isso se não ocorrer, para apressar o aprendizado, uma direção hábil, não só espiritual, como já têm, mas, técnica. Uma direção verdadeiramente teatral. [...] *A sapateira prodigiosa*, de estranho sabor regional, conteúdo escasso e fragilidade apenas aparente, está, sem dúvida, acima de suas possibilidades. Sua escolha parece ter-se inspirado na vaidade de nos dar a conhecer o "fenômeno" Lorca. [...] Somente, a sabedoria está em que a escolha dos originais corresponda sempre, num grau, apenas, mais alto, aos elementos reais de convicção artística. A excelência do espetáculo reside nesse equilíbrio entre as exigências do original e os recursos de realização teatral. Seria injusto não destacar, no desempenho da peça de Lorca, Ana Canen, um formoso talento em potencial.

O *Diario de Pernambuco* (2 de fevereiro de 1947) também trouxe um comentário crítico sobre *A Sapateira Prodigiosa*, assinado pelo pseudônimo L. L.:

> A propria escolha da *Sapateira Prodigiosa* para continuar a atividade do Teatro de Estudante

Federico García Lorca



Teatro do Estudante de Pernambuco

já foi certissima e ficou provado que o nosso povo – poderiam falar em meu provavel "snobismo" – póde assistir ao bom teatro e gostar dele. A peça bem conhecida de leitura agradou ao publico que compareceu ontem. E esse agrado não se traduziu apenas pelos aplausos, mas pela atenção, o riso e exclamações expontaneas (sic) dos espectadores. No primeiro ato, senti passar sem reação certas sutilezas mais de poesia. Já no segundo ato a sala reagiu como se poderia esperar. Não se pretenda exigir impossiveis rigores de interpretação ou tecnica teatral desses jovens que fazem, sozinhos, teatro serio em Pernambuco, mesmo porque o teatro não é somente espetaculo; exige sobretudo a participação ativa da imaginação do expectador (sic) na peça. Dificil seria destacar um ou dois atores como os melhores, todavia Joel Pontes, durante alguns momentos, como o sapateiro, esteve muito bom; José Lins de Almeida, se bem um tanto "excessivo" fez um bom alcaide; Anna Canen saiu-se bem do dificil papel dessa encantadora sapateirinha; mas gostei, sobretudo, gostei das duas vizinhas. Até que enfim vemos no Recife o bom Garcia Lorca e não consebo (sic) essa indiferença dos intelectuais pelo trabalho desses rapazes do Teatro do Estudante. Em todo caso eles devem sentir-se bem pago (sic) ao verificar que o povo, com que tanto se preocupam, compareceu e aplaudiu a peça do poeta espanhol e não somente o autor desta nota.

A Sapateira Prodigiosa

As sessões de *A Sapateira Prodigiosa* continuaram a partir de 13 de fevereiro de 1947 por diversos outros espaços populares, totalizando quinze apresentações até o final do ano. No Parque 13 de Maio, como acontecia todo ano desde 1937, promovida pela Casa do Estudante de Pernambuco, a Festa da Mocidade era um sucesso junto ao público eminentemente popular, pronto para desfrutar de variados divertimentos. O mais disputado espaço era o Teatro de Variedades, importante polo a receber programação adulta e para a meninada, "ao alcance de todas as vistas por mais afastado que se encontre o espectador", como era divulgado nos

anúncios da época. Encerrando sua programação a 9 de fevereiro de 1947 (vinha em atividade desde novembro do ano passado, atraindo milhares de pessoas), o Teatro de Variedades prometeu "programas de sensação" como a cantora internacional Elvira Rios, a intérprete de canções hispano-americanas Maria Tubal, os cantores Ronaldo Lupo e Carlos Tovar, as sambistas Tânia Marques e Andiara Peixoto, o humorista Ubirajara Moreira, a dupla cômica Venâncio e Corumba, e o animador Arí Guimarães.

O Teatro de Variedades mantinha sessões acontecendo às 20 horas e 22h45. Nas vesperais para crianças, especialmente às 17h30, novas atrações eram agendadas, como a sambista pernambucana Maria Aparecida, a famosa troupe de malabaristas chineses Pan Yan-Chuin (o maior sucesso daquele momento), e Mário e Nenzita, a menor dupla do Brasil. Uma queima de fogos de artifício e o Parque de Diversões Shangai ainda figuravam como opções da Festa da Mocidade, que contou, curiosamente, com estas atrações numa de suas vesperais infantis de encerramento, segundo o *Jornal do Commercio* (9 de fevereiro de 1947):

> Entre os números a serem levados hoje, se destaca um em travesti, aparecendo os artistas com os seguintes trajes: Ronaldo Lupo, cigana; Carlos Tovar, bailarina; Venâncio e Corumba, caboclas; Arí Guimarães, "garçonete" e Andiara Peixoto e Tânia Marques, almofadinhas.

Rodolfo Arena

Ulda de Rezende

A 21 de fevereiro de 1947, a Companhia Iracema de Alencar-Rodolfo Arena passou a cumprir longa temporada no Teatro de Santa Isabel até a segunda quinzena de março. A peça espanhola *Único Beijo*, de L. Navarro e A. Torrada, com tradução de Daniel Rocha, marcou a estreia. Ainda no elenco, Ulda de Rezende, J. Matos, Geni França, Domingos Ferraz, Bibi Arena, Nelson França, Cacilda Maia, Umberto Freddy, Rute Berguam e Hélio Machado. Ainda no repertório, obras como *Luz de Gás*, de Patrick Hamilton, com tradução de Raimundo Magalhães Júnior, *Mistério*, de Castro Viana, *Língua de Trapo*, dos Irmãos Quintero, *Estão Cantando as Cigarras*, de Viriato Correia, *Ciúme*, de Verneuil, e *Direito à Vida*, de Joracy Camargo, entre outras.

Em seguida, a partir do dia 2 de abril e até maio, ocupou o Teatro de Santa Isabel, com sessões diárias (às vezes duas por dia, mas também com paradas por conta de algum recital de piano já agendado previamente), a equipe de mais de vinte artistas do Teatro Anchieta, liderado pelo teatrólogo carioca Renato Vianna, que considerava sua companhia uma espécie de "oficina". Além dele como intérprete, estavam também Ítala Ferreira, Maria Caetana, Beatriz Regina, Flávia Passos, Ruy Viana, Vera Maria, Mauro Magalhães e Rui Bastide, entre outros. No repertório, peças nacionalmente em destaque como *Sexo* e *Deus*, além de *Mona Lisa* (trabalho apresentado na estreia), *Jesus Está Batendo à Nossa Porta* e *Fogueiras da Carne*, todas do próprio Renato Vianna, *Pense Alto*, sátira de Eurico Silva, e *Crime e Castigo*, adaptação de Armando Louzada a partir do célebre romance de Fiódor Dostoiévsky, um "exagero oratorio de Renato Viana" que não foi bem recebido pelo crítico P. (*Paulo Malta*), no *Diario de Pernambuco* (14 de maio de 1947):

> Bons momentos não salvam o conjunto. Renato Viana foi, é e continuará a ser por tempo indeterminado o homem que acarecia irestritamente (sic) o Grandioso com G maiusculo. E [em] lugar de estar no Parlamento anda pelos nossos pobres palcos de provincia a querer impingir um teatro no qual só ele proprio acredita.

Quase ao final da temporada e relembrando sua primeira estada no Recife em 1921, Renato Vianna agradeceu ao público e ressaltou a luta que vinha empreendendo pelo teatro nacional. E, numa prova de humildade, destacou a relação que manteve com a crítica teatral no Recife naquele momento. O *Diario de Pernambuco* (21 de maio de 1947) fez o registro:

> [Renato Vianna] Agradeceu o bom acolhimento que lhe foi feito pela plateia, os estimulos, as restrições e mesmo os ataques da critica.

Renato Vianna

Renato Vianna e Maria Caetana

Na sua idade, não se molestava com a critica. Acolhia-a, com espirito de receptividade e tolerancia. Citou nominalmente o critico teatral deste *Diario*, sr. Paulo Malta, a quem tambem agradeceu as reservas que havía oposto ao seu teatro.

Ainda em março de 1947, quase ao final do mês, o Grupo Infantil de Comédias, dirigido por Waldemar Mendonça, fez sucesso com a sua apresentação no Salão Pio X, em Olinda, com o drama *O Mártir do Calvário*, sob patrocínio da Melpomene Pernambucana. Para o mês de junho foi preparada a montagem *Um Milagre de São João*, melodrama de Waldemar Mendonça, musicado por Lourival Santa Clara, no palco do Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa. No elenco, Angelina Oliveira, Jeanine Darcy, Iveraldo Silva, Antônio Oliveira, Hipólito Braga, Oscar Gonçalves, Olegário Fialho, Nildes Botelho, Isabel Barbosa, Nadeje Albuquerque, Mariângela de Abreu e Nilson Botelho. Três artistas revezavam-se como ponto, Gerson Vieira, H. Silva e A. Cavalcanti.

Nildes Botelho

A 25 de maio de 1947 o palco do Teatro de Santa Isabel foi do grupo Teatro Samuel Campelo, que apresentou um festival onde constava a peça *Crime da Meia Noite*, sem identificação do autor ou diretor à frente, seguida de um ato de variedades. Já no dia 2 de agosto de 1947, um sábado à noite, foi o grupo Teatro Pernambucano, que tinha como diretor artístico Elpídio Câmara, quem conseguiu pauta no Teatro de Santa Isabel e lançou a peça *Bicho do Mato*, de Luiz Iglesias, celebrando mais um aniversário de fundação do saudoso Grupo Gente Nossa. No elenco, entre outros, o próprio Elpídio Câmara, Aurora Tenório, Carmem Silva e Lourdes Monteiro. No dia 16, apresentou *Aventuras de Um Rapaz Feio*, de Paulo Magalhães, com os atores Aurora Tenório, Bastos Jú-

Elpídio Câmara

nior, Berino Nunes, Carmem Silva, Lourdes Monteiro, Ramalho Silva, Joel Pontes (como ator cedido pelo Teatro do Estudante de Pernambuco) e o próprio Elpídio Câmara.

Em seguida, nos dias 24 e 26 de agosto (neste primeiro em vesperal), também pelo Teatro Pernambucano, aconteceram sessões da peça *Pão Duro*, de Amaral Gurgel, que fazia parte do repertório da Companhia Procópio Ferreira e significava garantia de quantidade para o público recifense. Elpídio Câmara vivia o protagonista, um milionário sovina, junto aos atores Joel Pontes, Lourdes Monteiro, Carmem Silva, Bastos Júnior, Mayerber de Carvalho, Aurora Tenório, Ismael de Carvalho, Cecília Gonçalves, Gerson Vieira, Heronides Silva, Cecy Ferreira e Abel Diniz. O crítico E. R., no *Diario de Pernambuco* (26 de agosto de 1947), elogiou a iniciativa, animando o grupo a seguir em frente, mas também pontuou aspectos negativos, aproveitando, ao final do texto, para alfinetar o Teatro Anchieta do carioca Renato Vianna:

> A peça que o Teatro Pernambucano apresentou ontem no velho Santa Isabel foi bem recebida por todos quanto lá estavam animando o conjunto de Elpidio Camara. Não podemos fazer restrições ao grupo que no momento está dando o maximo de suas possibilidades. Sem dinheiro, sem dispor de bons cenários contando apenas com a boa vontade de alguns, o Teatro Pernambucano está assim mesmo conseguindo seu nome, está se impondo no meio teatral do Recife. Infelizmente Elpidio Camara não está comandando uma equipe de artistas da qual possa destacar-se pelo menos um que possa substitui-lo quando for preciso. Entretanto alguns revelam certo talento na arte de representar e com mais algum tempo poderão ser bons atores. [...] Na peça de ante-ontem, *Pão Duro*, varias pessoas diziam que Joel Pontes devia ter feito o papel de Ernesto e o que fez este papel era o mais indicado para ser o advogado Mario. [...] Tambem a artista que fez o papel da filha do Correia excedeu-se um pouco na gesticulação, precisando corrigir mais a maneira de traduzir a alegria. Uma das melhores promessas do Teatro Pernambucano, entretanto [infelizmente o crítico não cita o nome da atriz]. [...] No momento em que temos tão pouco teatro no Recife (o Teatro do Estudante anda parado, o de Amadores tambem, conjuntos de fóra não há um) Elpidio Camara procura fazer o que pode em favor da arte. Animado por um espirito de moço, o diretor do Teatro Pernambucano vai preparando seu conjunto, selecionando valores, sem temer as dificuldades que possam surgir. Resta agora animar o conhecido ator pernambucano para que mais adiante tenhamos na cidade o verdadeiro teatro para o povo, ao lado do Teatro do Estudante, com Hermilo Borba Filho, o teatro para o povo que o sr. Renato Viana pretendeu nos mostrar e não passou de pretensão, unicamente.

A 10 de outubro de 1947, *Pão Duro* foi levada à cidade do Paulista, numa homenagem ao Grupo Teatral Amadores de Paulista, com apresentação no Cine-Teatro daquele município. Em novembro, o grupo fez nova visita aquele município, desta vez com a peça *Cala a Boca, Etelvina!*, de Armando Gonzaga, que já tinha participado de um festival da atriz protagonis-

ta Lourdes Monteiro, no Teatro de Santa Isabel, em setembro, desta vez em homenagem ao prefeito da cidade do Paulista, Ramiro Ramos de Lima. Pouco depois, levou a peça para o Teatro de Santa Isabel, em vesperal e sarau dominical. No elenco, Carmem Silva, Lourdes Monteiro, Bastos Júnior, Tâmara Matos, Heronides Silva, Gerson Vieira, Amara Tenório, Mayerber de Carvalho, Ceci Ferreira e o próprio diretor Elpídio Câmara. *Pão Duro* também voltou ao Teatro de Santa Isabel ainda em novembro, sob patrocínio do prefeito da cidade de Barreiros, José Canuto Santiago Ramos, com renda da bilheteria em benefício do Abrigo dos Pobres de Santo Antônio naquele município.

O ano de 1947 representa o de menor produção para o Teatro de Amadores – o grupo já estava parado há quase um ano –, tanto que só lançou uma única peça naquele momento, mesmo próximo ao São João e com viagens agendadas por parte do elenco, *Tinha de Acontecer*, do dramaturgo e romancista alemão Leonhard Frank, com tradução e direção de Valdemar de Oliveira, mais um original do "teatro sério" e estrangeiro. A estreia no Teatro de Santa Isabel aconteceu no dia 19 de junho, com o grupo reafirmando o seu ponto de vista em relação à pátria dos originais escolhidos. Escreveu Valdemar de Oliveira para o *Diario da Noite* (19 de junho de 1947):

> No que se refere ao valor teatral, não há teatro brasileiro, nem francês, nem norteamericano (sic), nem italiano, nem inglês, nem nada disso. Há boas peças e há peças más. [...] O que sucede é que o teatro estrangeiro é, pela idade e pela cristalização cultural, mais rico em peças de valor do que o nosso, ainda incipiente. [...] Sentindo mais rica a seara estrangeira, é natural que os Amadores encontrem, nela, maior facilidade de colheita e escolha. Quantas são as grandes peças do teatro nacional já editadas? [...] A soberania da Arte paira acima do conceito de Pátria.

Leonhard Frank

"TINHA DE ACONTECER.."
3 atos de Leonhard FRANK
Tradução de Valdemar de Oliveira

INTERPRETAM:

Adelmar de Oliveira.....RICARDO
Valdemar de Oliveira.....CARLOS
Mario Barros.....1.º PRISIONEIRO
Walter de Oliveira.....2.º PRISIONEIRO
Octavio Rosa Borges.....VIGILANTE
Sra. Carminha de Carvalho.....MARIA
Sra. Diná Rosa Borges de Oliveira.....ANA
Srta. Bebé Salazar.....IRMÃ DE MARIA
Alfredo de Oliveira.....MARIDO

118.º, 119.º, 120.º e 121.º espetáculos
19, 21 e 22 (vesperal e sarau) de Junho de 1947

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO

Em benefício de instituições de caráter social relacionadas com a campanha contra a tuberculose

Teatro Santa Isabel

O autor agora escolhido pelo grupo, Leonhard Frank, é um pacifista declarado, tanto que abandonou a Alemanha em 1933 e foi refugiar-se nos Estados Unidos da América, em 1940. Dois anos depois de terminada a Segunda Grande Guerra, o novo espetáculo do Teatro de Amadores abordava o tema dos lares desfeitos pelo conflito em uma paz ainda imprecisa. A trama acontece num campo de prisioneiros da Rússia de 1917. A renda do espetáculo serviu para beneficiar instituições sociais voltadas à campanha contra a tuberculose. No elenco, Adelmar de Oliveira, Valdemar de Oliveira, Mário Barros, Maria do Carmo Carvalho, Diná Rosa Borges de Oliveira, Bebé Salazar, Alfredo de Oliveira e Walter de Oliveira, este ainda cuidando da sonoplastia e da iluminação. *Tinha de Acontecer* fez nascer muitos comentários críticos na imprensa, uns mais outros menos embasados. O pseudônimo M. foi

o primeiro a escrever para o *Jornal do Commercio* (20 de junho de 1947):

> A peça mostra as desgraças da guerra num campo de concentração, e as consequências familiares que ela acarreta: homens que ao voltar encontram o lar ocupado por outro e aí age o instinto, com o subconsciente trabalhado pela ferocidade para sumária vingança rápida, salvando-se alguns que raciocinam e aceitam a situação para resolvê-la calmamente. É uma dessas excepções que a peça nos apresenta. Um guerreiro que passa a vida tormentosa a pensar, em todos os instantes, na espôsa que deixara, e, ao chegar, a encontra com o amigo que lhe salvara a vida. Desempenho, como sempre, muito harmônico, tanto pelos que se apresentam treinados com representações anteriores e constituem a primeira linha do Amadores – Valdemar, Adelmar, Diná de Oliveira – como por alguns estreiantes (sic), dentre os quais merece referência especial a snra. Carminha de Carvalho, de notável desembaraço e pendor acentuado para o palco.

Tinha de Acontecer

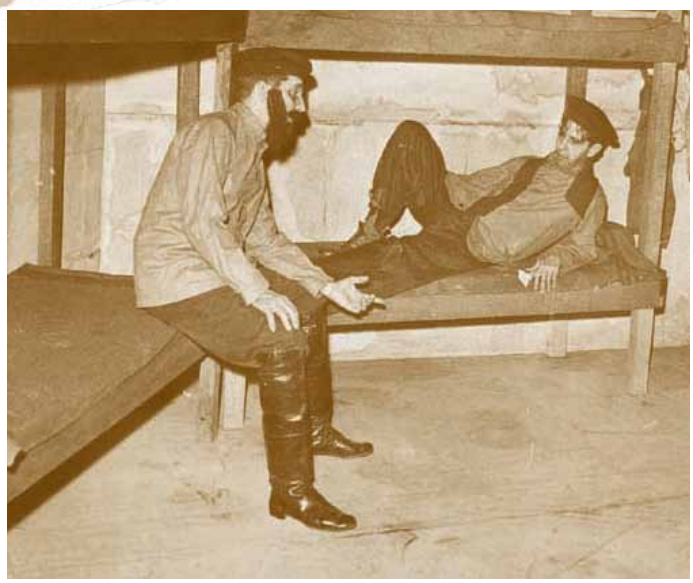
Para o *Jornal do Commercio* (22 de junho de 1947), Hermilo Borba Filho analisou, assim, a peça *Tinha de Acontecer*:

> Sou daqueles que acreditam que não se deve criticar uma obra dramática sem uma leitura cuidadosa e meditada, antes da sua encenação. Li, em uma tradução francesa, há uns bons dois anos, *Carlos e Ana* (não sei por que Valdemar de Oliveira transformou o título, em sua versão, para esta frase Coleção das Moças: *Tinha de acontecer...* (*Karl und Anna* é o título original)) e dela guardava uma lembrança mais ou menos vaga. [...] Dos sentimentos confusos que explodiram durante e, principalmente, depois da guerra de 1914-18, num crescendo de angústia individual tendendo sempre para o mistério do sexo, Leonard

Frank extraiu uma peça que, a meu ver, ficaria melhor enquadrada dentro da estrutura de um romance, onde o psicológico poderia dar, no caso, uma melhor profundidade. Não creio que o autor alemão tenha conseguido realizar completamente os desdobramentos dos estados dalma de Ana, Carlos e mesmo Maria com aquêle amor quasi platônico, no início, por Ricardo. As palavras somente não alcançaram o que poderia ter alcançado a análise de uma construção de romance, talvez possível de ser substituída por certas pausas e silêncios, onde as intenções valessem. O ponto mais fraco da peça é, em sua construção, o choque de estilos [entre o expressionismo e o naturalismo, discorrendo por longo texto com exemplos]. [...] Quanto á interpretação, gostaria que, para maior profundidade psicológica, os diálogos fôssem interrompidos por mais pausas, onde as paixões ocultas se deixassem compreender em sua interpretação sem palavras valendo a pena salientar a snra. Carminha Carvalho que tentou alcançar essa finalidade – inconscientemente talvez, sem que porisso (sic) diminua o seu mérito e a sua sensibilidade – não abusando do tom declamatório e dos gestos mecanizados.

No dia seguinte, mesmo não se dizendo crítico teatral, Andrade Lima Filho escreveu longo texto sobre *Tinha de Acontecer* e os temores despertados nele sobre o futuro do Teatro de Amadores. Publicou na coluna Artes e Artistas, do *Diario da Noite* (23 de junho de 1947):

Tinha de Acontecer



Tinha de Acontecer

Não creio que Valdemar de Oliveira tenha sido feliz na escolha do original de Leonhard Frank para essa volta relâmpago dos Amadores ao Santa Isabel. Tinha de Acontecer (no original alemão *Carlos e Ana*) não oferece só, como ponto mais fraco, aquele choque de estilos a que se referiu, comentando-a, o sr. Hermilo Borba Filho, isto é, aquele pulo do expressionismo, característico dos teatrólogos alemães, para o naturalismo, com sacrifício do "elan poético da realização". Além disso, e talvez por isso mesmo, a peça apresenta uma certa dificuldade de interpretação, que os Amadores não conseguiram superar, possivelmente por deficiência de ensaios. ...Devo confessar lisamente que não conheço o original da peça. E essa ignorância, talvez, me arraste ao anatema inicial do sr. Hermilo Borba, que exige do crítico de uma obra dramática uma cuidadosa e meditada leitura preliminar da mesma. Ora, para mim, que aliás não sou crítico, o teatro não é leitura, mas visualização. Portanto, muito diferente do romance. Para mim, como expectador (sic), não interessa o original, e sim a encenação, do mesmo modo que a execução, e não a partitura, é o que interessa ao assistente de um concerto. A peça se desenvolve numa atmosfera do após-guerra. [...]. Almas destroçadas que permanecem marcadas pela loucura, cujos rumores não se extinguiram com o último tiro. Porque aquela loucura continua no interior dos lares ferreteados pela desgraça do conflito. Apenas a batalha mudou de cenário. Deixou o "front",

perdeu a sua extensão geográfica, para reacender-se na frente interna das almas estropiadas, desajustadas, ganhando, assim, muitas vezes, uma intensidade terrível. Sobretudo quando essa batalha desce ainda mais, como na peça de Frank, para mergulhar nos porões do sexo. E não é esse, afinal, o drama de Ana, de Carlos, de Ricardo e Maria? Todavia, saí do teatro com saudades daquelas noites áureas dos Amadores, em que nos deram uma *Comédia do Coração*, por exemplo, ou mesmo aquela *Dama da Madrugada*. Será que o conjunto está desafinado? Será que aquela dificuldade de interpretação, insuperada pela deficiência de ensaios, tenha tirado o melhor rendimento da peça, despindo-a de sua força de sugestão, de intensidade psicológica? Resta-nos esperar, para um melhor juízo da capacidade atual do conjunto, a próxima volta dos Amadores, que se dará após a viagem que Valdemar pretende fazer ao Rio. E êle nos promete dois originais de folego: *O Pecado Original*, de Cocteau, o último sucesso da grande, efetivamente grande Henriete (sic) Morineau, no Rio, e as *Bodas de Sangue*, de García Lorca, um nome que dispensa apresentação. Nessa temporada eu "madrugarei" no teatro com a disposição de sempre: o primeiro a aplaudir, o último a censurar.

Na área cinematográfica, para compensar a falta de sessões voltadas a todas as idades, o empresário Antônio Barreto estreou naquele ano o Baby Cinema, no Edifício Trianon, bem no centro do Recife, inicialmente com projeções mudas. No mês de setembro, ele adquiriu aparelhagem sonora e inaugurou o Baby Cinema Sonoro, com sessões contínuas das 14 às 18 horas, aos sábados, levando-o também para festas de aniversário e outras reuniões infantis particulares. Segundo o *Jornal do Commercio* (3 de setembro de 1947), a programação contava com "filmes naturais, desenhos animados, comédias, etc.". Ainda para agradar a meninada, naquele mês o Circo Nerino estava armado no bairro de Água Fria. Bom lembrar que a vinda de circos ao Recife era constante já há algum tempo, principalmente nos últimos meses de cada ano, numa época em que ainda era possível ver dramas circenses em suas programações como opção de diversão para toda a família.

No dia 7 de setembro, no município do Jaboatão dos Guararapes, foi inaugurado o Cine-Teatro Samuel Campelo, de propriedade particular da Companhia Melhoramentos e Diversões de Jaboatão. O filme *Mulher Exótica*, com Gary Cooper e Ingrid Bergman, teve a honrar de abrir aquela casa de espetáculos. Nesta mesma data, incluída nas festividades da Prefeitura do Recife, o Teatro de Amadores voltou a

Cine-Teatro Samuel Campelo, no município do Jaboatão dos Guararapes

apresentar a montagem de *A Comédia do Coração*, de Paulo Gonçalves, com direção original de Turkow, preparada ainda em 1944 e divulgada por eles como "o mais belo espetaculo dos amadores". Por dias e dias antes e depois da reestreia, Valdemar de Oliveira aproveitou o espaço que tinha na coluna *Artes e Artistas*, no *Diario da Noite*, e foi publicando longos resumos sobre a trajetória de cada um dos intérpretes da peça: Alderico Costa, Alfredo de Oliveira, Adelmar de Oliveira, Walter de Oliveira, Diná Rosa Borges de Oliveira, Geninha Sá, Maria de Lourdes Oliveira, Denise Albuquerque e a estreante Maria do Carmo de Carvalho. *A Comédia do Coração* representou um importante momento para o Teatro de Amadores, chegando a ser considerado o ponto culminante da trajetória artística do grupo até então. A encenação pôde contar com a nova aparelhagem de luz do Teatro de Santa Isabel, que deu um brilho ainda mais invulgar à curta temporada, por quatro dias, até 14 de setembro (sendo esta a 16ª representação da obra pelos amadores).

Ainda em setembro, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior voltou a fazer parada no Recife para cumprir temporada no Teatro de Santa Isabel a partir do dia 18. Entre as peças apresentadas, com os domingos tendo sessão dupla, *Os Maridos Atacam de Madrugada*, de Paulo Orlando, trabalho da estreia, *Direito de Ser Feliz*, *O Grande Marido*, ambas de Eurico Silva, *Onde Estás, Felicidade?*, de Luiz Iglesias, *O Marido Nº 5*, de Paulo Magalhães, *Dia de Eleição*, de Umberto Santiago (que chegou a nove representações de su-

A Mulher sem Pecado

A SEGUIR:
Um espetaculo diferente
com
A Mulher sem pecado
original
de
NELSON RODRIGUES
vitorioso autor
de
VESTIDO DE NOIVA

Lenita Lopes

O maior sucesso da temporada teatral carioca de 1945

«É uma peça do genero modernista. Feita para estudos de choques sentimentais sob o prisma freudiano. Um homem, casado com uma linda mulher, fica paralitico e preso em uma cadeira de rodas, enquanto ela vive em festas, passeios e espalhando beleza e tentação pelas ruas».

«Essa alta comédia tem carater profundamente moralizador. Si ás vezes caustica como ferro em braza, é para curar feridas cancerosas».

Por ordem da Censura Estadual, os menores de 18 anos não podem assistir A MULHER SEM PECADO

Teatro Santa Isabel

Hoje às 20,30 horas em ponto

A Companhia Nacional de Comédias

Barreto Junior

apresenta:

O Grande Marido

Comédia em 3 atos - original de EURICO SILVA

(Distribuição pela ordem de entradas em cena)

Dr. Clarimundo	Barreto Junior
Teofilo	Luiz Carneiro
Glorinha	Lenita Lopes
D. Dulce	Eliza Matos
Alberto	Murilo Gandra
Ricardo	Oswaldo Barreto
Dr. Miranda	Esmeraldo Matos
Iracema	Margarida Léa
Valentina	Hamilta Rodrigues

a participação de artistas populares. A entrada era sempre franca. Na estreia, a 5 de outubro, foi promovida na Casa do Estudante de Pernambuco uma sabatina-dominical de abertura, tendo o poeta e folclorista Ascenso Ferreira no comando da discussão sobre representações populares. Na plateia, estavam sendo aguardados poetas e pregoeiros populares, além de representantes de pastoris, circo de cavalinhos, maracatus e bumba-meu-boi. Cheiroso do Mamulengo apresentou-se ao final.

Na semana seguinte foi a vez do jornalista e teatrólogo Silvino Lopes abordar o tema "Formas e Combinações de Teatro", e, num outro momento, Barreto Júnior tratou da chanchada e da defesa do mam-

cesso), *A Pensão de Dona Stela*, de Gastão Barroso, e *O Tal Que as Mulheres Gostam*, de Miguel Santos. Por sua vez, o Teatro do Estudante de Pernambuco, agora contando com o patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura, promoveu uma série de palestras e mesas redondas agendadas semanalmente com

Barreto Júnior

bembe. Já Suzana Rodrigues, esposa do desenhista Augusto Rodrigues, falou do teatro de bonecos e de sua atuação como diretora de um mamulengo em São Paulo. Em dezembro, foram convidados Milton Rodrigues, produtor cinematográfico do *Esporte Em Marcha* e diretor do Ballet da Juventude, e Luiz Maranhão, que abordou o teatro irradiado. Paschoal Carlos Magno, por passagem breve no Recife, até foi convidado, mas não pôde proferir sua palestra por outros compromissos.

Com atenção a meninos e meninas, de 10 a 17 de outubro a Secretaria de Saúde e Educação resolveu comemorar a Semana da Criança com um "grande movimento de propaganda e educação popular, destinado a chamar a atenção pública para os problemas de proteção e assistência à infância", conforme o *Jornal do Commercio* (27 de setembro de 1947). Na pesquisa *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX* (2013. p. 35.), Leidson Ferraz pontuou o que acontecia:

> Como Pernambuco vinha apresentando índices alarmantes de pobreza e mortalidade infantil, o tema finalmente ganhou destaque neste momento e várias entidades resolveram participar com ações em todo o estado. Os problemas da criança passaram, então, a ser discutidos e diversos grupos escolares recifenses criaram festas em benefício das instituições voltadas à infância, com o teatro praticado por meninos e meninas sendo uma das atrações. Foi o caso do Grupo Escolar Amauri de Medeiros, do Grupo Escolar José Maria – que levou à cena a comédia *Nem Tudo Que Brilha é Ouro*; do Grupo Escolar Pedro Celso, do Teatro Paroquial do Barro, ligado à Congregação da Doutrina Cristã; do Colégio Americano Batista – que encenou o "bailado fantasia" *Ao Romper da Madrugada* e o drama *Branca de Neve*, em 3 quadros; do Grupo Escolar Manuel Borba e do Preventório Bruno Veloso – com a "suíte infantil" *O Sapo Dourado*, de Heckel Tavares e Marta Dutra. As apresentações aconteceram nas próprias instituições ou, raramente, no Teatro de Santa Isabel. E o teatro praticado nas escolas ganhou destaque com isso.

Luiz Maranhão

Paschoal Carlos Magno

Em novembro, a popular Festa da Mocidade voltou a ocupar o Parque 13 de Maio e ganhou destaque novamente na imprensa por sua XI edição. Com noites mais do que concorridas, diversas atrações agradavam ao público adulto no Teatro de Variedades, com revezamento constante de artistas, como o cantor Batista Sousa, a cantora e acordeonista Dilú Melo, a sambista Lidinéa Maia, a bailarina Lídia Naldi, o marombista Alêxos, os humoristas Marreco e Zé Coió, o poeta sertanejo Zé Praxedes, o casal de bailarinos acrobatas Les Erc, a sambista Flora Matos e a cantora de músicas regionais, Isaurinha Garcia, entre outros. Para a criançada, nas tardes vesperais dos domingos e feriados, eram oferecidos os programas *Calouros Infantis*, *Expresso Azul* e *Trem da Alegria*, sempre com distribuição de prêmios. Também fez sucesso, mais uma vez, a *Noite das Senhorinhas*, com sorteio de brindes.

Todos os artistas que trabalhavam nos shows noturnos da Festa da Mocidade também se exibiram nas tardes para a criançada no mês de dezembro, sob o comando do humorista Zé Coió, animador dos espetáculos, tanto os para a infância, às 16 horas ou para adultos, às 20h30 ou 22h30. Entre as atrações, os acrobatas humorísticos Duran Brothers, o conjunto de acrobatas mexicanos Los Colegiales, a sambista Flora Matos, Ataulfo Alves e Suas Pastoras, os cantores Francisco Carlos e Maria Dandall, esta última mexicana, o sanfonista Luiz Gonzaga, ainda em início de carreira e mais tarde aclamado como o Rei do Baião, Januário de Oliveira, cancionista e imitador, e La Consuelo, cantora de

Trio Los Colegiales

música internacional. O Parque de Diversões Shangai e barracas de prendas e jogos "passa-tempo" também dividiam a atenção da meninada.

É importante citar que o Grupo Infantil de Comédias continuou a promover durante todo o ano de 1947 sua sessão mensal com peças diferentes a cada vez, no Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa. Em setembro, por exemplo, produziu *A Filha do Operário* (na época já contabilizando oitenta e sete representações desde o seu surgimento em 1941); em outubro, foi a vez de *A História do Mendigo*, e, em novembro, *Reminiscências*, sempre com texto de Waldemar Mendonça, diretor do grupo, e música de Lourival Santa Clara. Para encerrar o ano, duas novas peças de uma só vez em dezembro, *Buscando a Felicidade*, de Josué Leite, e *Flor do Mato*, de Heronides Silva. Com a obra *Espectros*, de Ibsen, o Teatro dos Bancários, depois de um bom tempo parado, voltou à cena e promoveu quatro representações nos dias 29 e 30 de novembro e 3 e 8 de dezembro, sempre no Teatro de Santa Isabel. A luta para que a peça viesse ao cartaz foi tremenda, e Valdemar de Oliveira reconheceu isso, fazendo referência também às batalhas que o Teatro de Amadores enfrentava. O registro foi feito em sua coluna *A próposito...*, no *Jornal do Commercio* (20 de novembro de 1947):

> O que nos está faltando a todos nós, isso sim, é um bom ensaiador. E, antes disso, teatro. Porque *Bancários* e *Amadores* vêm lutando, em primeiro lugar, contra a falta de local para ensaios e representações. O amadorismo teatral no Recife boquiabriria o Brasil inteiro no dia em que dispusesse de um teatro onde, sem pausas, pudesse exercer suas atividades e, também, de um ensaiador idôneo. Podemos dizer que ensaiadores não faltam. [...] Mas, quando será que o Santa Isabel permitirá isso?

No elenco de *Espectros*, Reginalda Luna, Estévão Tôrres, Hermógenes Viana, Mário Tôrres e Eunice Tôrres. Mesmo bem precário, Valdemar de Oliveira analisou o trabalho em sua coluna *Artes e Artistas*, no *Diario da Noite* (3 de dezembro de 1947):

> Assistindo o espetáculo dos Bancários, minhas palavras são de vivo estímulo, como em outras oportunidades o foram. Todos os que tomaram parte nele têm, sem qualquer sombra de dúvida, qualidades artísticas que serão massa plástica em mãos de um orientador sagaz. Não há um só que se possa apontar como uma negação para o palco. Se aceitam um conselho, êsse será sempre no sentido de escolherem a peça na conformidade dos elementos de que dispuserem, assegurando igual cuidado à composição da cêna que foi, desta vez, sumamente precária. Vão para diante – assim devem fazer todos os amadores – e sua tenacidade, seu idealismo e suas ambições honestas hão de ser premiadas como merecem.

A partir do dia 5 de dezembro de 1947, o Circo Garcia iniciou temporada no Parque 13 de Maio, tendo como uma de suas atrações, entre números variados, a peça *Cumparsita*. Nos seus anúncios publicitários, divulgava ser uma "Moderna Companhia de atrações e variedades, grande coleção zoológica, composta de leões, ursos, macacos, leôas e o maior elefante até hoje visto", conforme publicação no *Jornal do Commercio* (5 de dezembro de 1947). Naquele último mês de 1947, o Teatro de Santa Isabel recebeu ainda a turnê do Orfeão Infantil Mexicano, após êxito de apresentações no Rio de Janeiro e São Paulo. O conjunto coral, formado por trinta e duas crianças dos oito aos quatorze anos, sob a regência do maestro Alarcon, foi apresentado por três noites seguidas, com o Juizado de Menores liberando a entrada de crianças acima dos dez anos. Mas, apesar de toda a propaganda feita pelo jornalista Valdemar de Oliveira recomendando-o, o público não foi o esperado.

Por fim, são sobre o Teatro do Estudante de Pernambuco as últimas notícias teatrais do ano, pois o grupo patrocinou a montagem de *Presépio de 1888*, de autor anônimo, com o elenco do Centro Educativo Operário de Água Fria; lançou ainda o Concurso de Frases do T.E.P. para estudantes que deveriam responder a três perguntas – Qual o papel que você gostaria de representar no palco? Qual o assunto que gostaria de ver em uma peça teatral? Como acha que o teatro pode ser útil ao povo? – e concorrer ao prêmio de dois mil cruzeiros doados pela Casa Vantuil e Elizabeth Arden; e prometia para o início de 1948 a divulgação do seu Concurso de Peças, com pagamento em dinheiro e a publicação da mesma, esperando apenas o resultado definido pelo júri formado por Gilberto Freyre, Hermilo Borba Filho, Valdemar de Oliveira, Luiz Delgado e Álvaro Lins.

E terminou assim a temporada artística de 1947 no Recife. Só como lembrança sobre o teatro no restante do mundo: foi com a proposta de ser uma "alternativa criativa" ao teatro comercial norte-americano, que surgiu em 1947, na cidade de Nova York, o Living Theatre, uma das mais importantes companhias de teatro dos Estados Unidos, lançada pelo casal de atores, diretores e teóricos teatrais Julian Beck e Judith Malina, trupe que no ano 1970 veio trabalhar com o Grupo Oficina, liderado por José Celso Martinez Corrêa, em São Paulo. A parceria durou seis meses.

1948

O ano de 1948 foi alvissareiro! Produções importantes para o cenário teatral pernambucano surgiram no repertório de grupos como o Teatro de Amadores, aqui iniciando o processo de renovação dos seus procedimentos cênicos, e o Teatro do Estudante de Pernambuco, além do surgimento do Teatro Universitário de Pernambuco (TUP). Diversas companhias profissionais também visitaram o Recife naquele momento, a de Milton Carneiro-Vanda Lacerda-Mário Brasini, a de Barreto Júnior, a de Viviani-Lyson Gaster e a de Mesquitinha, todas de teatro declamado, além da dos ilusionistas Fu-Manchú e Hong-Chú. E, para encerrar 1948 com "chave de ouro", o Teatro de Amadores produziu *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, sob direção de Valdemar de Oliveira, que se constituiu na melhor montagem do grupo até hoje e no maior acontecimento artístico daquele ano.

Contratado no Rio de Janeiro, o encenador Adacto Filho veio passar três meses no Recife e dirigiu para o Teatro de Amadores obras de Guimerà, Molière e Pirandello e, para o Teatro Universitário de Pernambuco, *As Férias de Apolo*, de Jean Berthet, trabalho de estreia do conjunto. Até a chegada de Adacto Filho, o Teatro de Amadores só havia trabalho com um único encenador convidado, o polonês Zygmunt Turkow, na peça *A Comédia do Coração*. Todas as outras montagens haviam ficado sob a batuta de Valdemar de Oliveira. Por sua vez, Hermilo pôde lançar *A Casa de Rosmer*, de Henrik Ibsen, entre várias outras atividades do seu coletivo, iniciando no Recife, inclusive, as discussões entre artistas e plateia após cada sessão. Por sinal, o TEP divulgou, ainda em janeiro, o resultado do seu Concurso de Peças, com sete candidatos participando. O primeiro lugar ficou com o então estudante de Direito e poeta, Ariano Vilar Suassuna, pela peça *Uma Mulher Vestida de Sol*.

Mas o ano começou pegando fogo mesmo com a continuidade da Festa da Mocidade, no Jardim 13 de Maio. As atrações eram muitas e variadas: Mr. Justin, mágico e ilusionista, e Stelinha Egg, cantora folclórica, em maior destaque, mas ainda tinha Januário de Oliveira, cançonetista e imitador, o sanfoneiro e cantor Luiz Gonzaga, Los Colegiales, Duran Brothers, Ataulfo Alves e Suas Pastoras, Marion Rangel, Zé Coió e Francisco Carlos, entre circenses, cantores e humoristas. As sessões noTeatro deVariedades aconteciam às 20h30, 22h30, 24h30 e três horas da madrugada! E se nos vinte e três cinemas em funcionamento naquele primeiro mês de 1948 (Parque, Moderno, Royal, Boa Vista, Art-Palácio, Trianon, Politeama, Torre, Ideal, Eldorado, Real, Espinheirense, São Miguel, Popular, Encruzilhada, São José, Mira Mar/Pina, Glória, Império, Duarte Coelho, São João/Tegipió, Olinda/Feitosa e Rivolí) não faltava programação, o Teatro de Santa Isabel, mesmo com nova aparelhagem elétrica, só recebeu atividades como o espetáculo de bailado de Madeleine Rosay, junto ao pianista Júlio Braga, o violinista José Gegna e o maestro Nelson Ferreira, em três sessões pelo tamanho sucesso, ou o show de despedida do bandolinista Luperce Miranda, que estava para partir do Recife.

O ator Elpídio Câmara foi outro que viajou naquele mês, para cumprir turnê no elenco da "Grande" Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, pronta para circular pelo Norte. Já o Circo Nerino continuava armado no final da rua Imperial, e chegou a apresentar o drama *A Canção de Bernadete*. Antes mesmo de acabar janeiro, a Festa da Mocidade encerrou suas

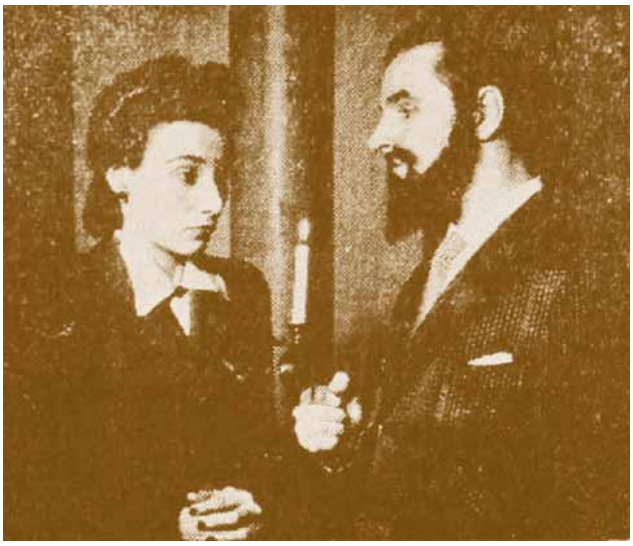
Venâncio e Corumba

Alvarenga e Ranchinho

atividades, com *matinées* infantis, a Noite de Zé Coió e participação de atrações como os Índios Canidés, troupe Pan Yan Chuin, um pastoril com os artistas do Teatro de Variedades, todos sob a direção de Venâncio e Corumba, e a dupla Alvarenga e Ranchinho. Teve, inclusive, o primeiro grito de carnaval por lá, com clubes, troças, maracatus e concurso de passo.

Ritmos e *Canções*, festa artística promovida pelas professoras Betsy Gatis Mendes e Cecí Maia Amorim Silva, de um curso de danças com crianças e senhorinhas "da melhor sociedade de Olinda", conforme o *Diário da Manhã* (20 de janeiro de 1948), ocupou o Teatro de Santa Isabel ainda em janeiro, com renda em benefício da Colônia de Férias Para o Filho Sadio do Lázaro. Pouco depois, houve recital da Sociedade Pró-Música. O Serviço Social do Comércio (SESC), com menos de um ano de atividades no Recife, ganhou novo diretor. Rafael Alves, presidente da Federação do Comércio Varejista do Nordeste Oriental, entregou o cargo a Mário Gonçalves Pena, presidente da Federação do Comércio Atacadista do Nordeste Oriental, recentemente fundada. E a entidade prometia fazer e acontecer, o que se viu de fato nos anos a seguir. Durante as festas de Momo, o Teatro de Santa Isabel serviu até para receber um "Baile de Gala" em homenagem às Forças Armadas, promovido pela Associação dos Cronistas Carnavalescos.

Passado o carnaval, o principal palco do Recife pôde abrigar a temporada da companhia teatral Milton Carneiro-Vanda Lacerda-Mário Brasini, "organização teatral que faz teatro limpo", lembrou o *Diário da Manhã* (17 de janeiro de 1948). Entre os trabalhos do repertório nacional e internacional, num total de trinta e cinco sessões, as peças *O Neto de Deus*, de Joracy Camargo, *Estudantes*, de Mário Brasini, em festival do ator Oswaldo Louzada, e *O Amor Quer Não Morreu*, *Um Raio de Sol* (ambas recordistas com sete apresentações), *Um Beijo na Face*, *O Irresistível Lohengrin*, *O Secretário de Madame*, *Tôda a Vida em 15 Dias*, *Gente Honesta*, *Maria Cachucha*, *Sua Excelência, o Criado* e *O Anjo da Meia-Noite*. A 2 de abril a imprensa noticiou a fundação do Teatro Universitário de Pernambuco (TUP), como associação presidida pelo acadêmico Felipe Tiago Gomes, do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife, o mesmo que fundara a Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos e acabou afastado do Teatro de Estudantes de Pernam-



O Neto de Deus

Teatro Universitário de Pernambuco

Felipe Tiago Gomes

Teatro do Estudante de Pernambuco

buco. Mas de antemão seus elementos disseram não querer disputa com o TEP. Inicialmente, programaram *Sonho de Uma Noite de Verão*, de Shakespeare, mas a peça de estreia acabou sendo *As Férias de Apolo*, de Jean Berthet. Como o Teatro de Amadores, O TUP apostava na premissa do "bom teatro".

Por sua vez, certo de investir cada vez mais no teatro popular, Hermilo Borba Filho teceu o seu pensamento na coluna *Fora de Cena*, que assinava quase que diariamente no jornal *Folha da Manhã – Vespertina* (27 de abril de 1948):

> Cada vez mais me convenço de que a salvação para o teatro brasileiro consiste na procura do popular, tomada como ponto de partida para a criação de uma arte dramática especifica, sem deturpá-lo, antes, conservando todos os seus motivos, porém transformados artisticamente. Não somente como representação, mas principalmente como criação, o popular deve ser usado, claro que por mãos hábeis e apaixonadas. O Teatro do Estudante tenta, através dos seus elementos, as duas formas. Ariano Suassuna, José de Morais Pinho e José Ruy Barbosa, principalmente os dois primeiros, lutam para escrever peças que contenham, antes de mais nada, o espírito popular do nordeste. Eu mesmo, que iniciei o trabalho com *João sem terra*, volto-me agora para os *Autos das assombrações*, material de uma riqueza imensa, tentando criar, ao mesmo tempo, tragedia e ballet com cantos. Isso quanto ao aproveitamento dos eternos motivos populares, porque quando á intenção de educar teatralmente o povo dos suburbios, os estudantes dão os ultimos aprontos á peça de Ibsen, *A Casa de Rosmer*, com que deverão aparecer no próximo dia 5 de maio, no palco da Escola Técnica do Derby, em espetáculo absolutamente gratuito. E não se diga que Ibsen é dificil para o povo. Como poderemos saber se o dramaturgo norueguês é incompreensível para os menos letrados, se nunca lhes demos nada nesse sentido?

Tentando modernizar sua atuação com padrões artísticos mais rigorosos e optando por obras mais densas, o Teatro de Amadores iniciou seus trabalhos em 1948 com a estreia, a 3 de abril, no Teatro de Santa Isabel, da peça espanhola *Planície*, de Àngel Guimerà, em celebração ao sétimo aniversário do grupo. Os ensaios foram exaustivos para a equipe, e a imprensa recifense criou grande expectativa em torno da montagem. A direção do carioca Adacto Filho – também tradutor da obra – foi saudada como um avanço artístico do conjunto amador. Ele já havia dirigido o grupo símbolo da modernidade teatral no país, Os Comediantes, sendo um dos seus fundadores, à frente de peças como *Capricho*, de Alfred de Musset, e *O Leque*, de Carlo Goldoni, e participou ainda do Teatro do Estudante do Brasil.

Sua vinda ao Recife foi aplaudida por Hermilo Borba Filho que, embora discordando da linha do trabalho tapiano em algumas peças, não escondia sua admiração pelo grupo, no qual exerceu várias funções.

Ele acreditava que uma nova fase do coletivo estava começando, e fez um paralelo com a atuação d'Os Comediantes no Rio de Janeiro. Escreveu, então, para a *Folha da Manhã – Vespertina* (15 de maio de 1948):

> Quando alguém fôr escrever a história do teatro brasileiro, necessariamente terá de dar um saltinho até aqui em Pernambuco e procurar documentar-se em tudo quanto diga respeito ás atividades do Teatro de Amadores, pois êsse conjunto é, sem favor, um dos pioneiros no movimento de renovação que se processou nos processos teatrais do país. Lembro-me que, há sete anos atrás, quando os comandados de Valdemar de Oliveira montaram *Knock*, de Jules Romains, *Os Comediantes* no Rio, haviam ou iam apresentar, por sua vez, *A verdade de cada um*, de Pirandello, sob a direção de Adacto Filho, se não estou enganado. Responsabilizaram-se, assim, os dois grupos – o do Norte e o do Sul – pelo inicio de uma fase que está levando o teatro brasileiro a alturas ainda não atingidas. Uma honestidade de propósitos e visão artistica sempre nortearam a escolha dos originais que o grupo pernambucano ia apresentando uns após outros e se alguma vez saiu dessa linha não foi tanto para condescender com o publico, mas para apresentar obras que, se bem não refletissem bom teatro, pelo menos não revelavam máu teatro. Isso aconteceu com *Primerose*, [*A*] *Exilada* e [*A*] *Evasão*, mas de então para cá o nivel de repertório foi subindo e ao Teatro de Amadores devemos o conhecimento de dramaturgos, os quais nunca veriamos por êstes lados [...]. Responsável, ainda, por quatro excursões a outros Estados do Norte, o grupo dirigido por Valdemar de Oliveira criou não resta duvida – uma mentalidade diferente no Recife, com relação ás coisas da arte dramática. Não importa que possamos divergir em certos aspectos do movimento dos *Amadores*, mas o que é certo é que a sua luta de sete anos foi uma luta com vitórias e das mais expressivas.

Adacto Filho (ao centro) e o Teatro de Amadores

No elenco de *Planície* estavam Diná Rosa Borges de Oliveira, Adelmar de Oliveira, Otávio Rosa Borges, Bebé Salazar, Vicentina do Amaral, Valdemar de Oliveira (numa caracterização quase irreconhecível para o velho ermitão Tomaz), Walter de Oliveira, Alderico Costa, Dédrano Lima, Mário Barros, Reinaldo Rosa Borges de Oliveira e a estreante Lurdita Reinaldo. Os cenários foram adaptados por Lula Cardoso Aires, sob sugestões de Adacto Filho. A peça fez segunda sessão no dia 4 de abril de 1948, mesma data em que o Conjunto Teatral Estudantil apresentou, no Teatro Paroquial do Barro, *Esfinge*, de Silvino Lopes, já vista no interior do estado. No elenco, Gilvan Barbosa, Clotilde Avanzi, Paulo (sobrenome não divulgado), Maria Alice, Maria da Glória Menelau, Edvaldo Saldanha, Claudecy

Planície

Cordeiro e João Chaves. A equipe prometeu ainda estrear nos próximos meses, *O Louco da Aldeia*, *Esposa e Mãe*, *Falso Juramento* e *Nada*.

Hermilo Borba Filho aprovou *Planície*, mesmo fazendo restrições na *Folha da Manhã – Vespertina* (5 de abril de 1948):

Os atores do Teatro de Amadores foram bem dispostos no palco, resultando de uma marcação muito eficiente, dando-nos uma perfeita idéia de naturalidade, compondo quadros plasticos, harmonizando-se perfeitamente com o cenario, em proporções e em combinações de cores. Não houve uma cena em que os atores se enquadrassem mal ou se movimentassem forçadamente. E' verdade que, dessa maneira, despresou-se (sic) um dos fatores essenciais do drama, que deve ser dirigido aos ouvidos do espectador e não aos olhos. Mas isso é outra historia, por que afinal de contas estamos na época do teatro pictórico. Se encararmos, porém, o espetáculo de sábado como um drama que deveria ser dirigido ás faculdades auditivas dos espectadores, a fim de que o texto fosse valorisado (sic) da melhor maneira possível, vamos encontrar aí um defeito de técnica, pois a maioria dos personagens falava em um tom declamatório monocórdico, alguns francamente gritando, quebrando a possivel emoção que se pudesse ter. Creio que a dramaticidade concentrada valorisa (sic) muito mais o texto do que a dramaticidade gritada, principalmente com o diapasão de voz muito alto. Isso deu como resultado uma quebra de valores que se traduziu pela pouca atmosfera criada, muito mais intensa na intenção do autor, onde os elementos terra, sexo, escravidão são constantes. Notava-se, tambem, nos atores que interpretaram os personagens de *Planície*, em sua maioria, uma "gaucherie" de gestos, isto é, ás vezes os gestos se con-

Planície

trapunham ás palavras, estavam em desacordo com o espírito das palavras. Quero crer que o sr. Adacto Filho, levou o seu cuidado ao ponto de ensinar gestos aos intérpretes. Isto deveria ter sido evitado, pois com a integração do ator no papel os gestos aparecerão naturalmente, cabendo ao diretor, apenas, corrigir os mais chocantes. Entretanto o todo da obra não se sentiu prejudicado com essas pequenas falhas, cabendo á direção uma boa parte, talvez a maior, dos aplausos recebidos. O sr. Adacto Filho confirmou as qualidades de ensaiador, agora já conhecidas da platéia do Recife. Quanto á interpretação em si gostaria de destacar, em primeiro plano, o sr. Valter de Oliveira, seguido pela estreante Maria de Lurdes Reinaldo. Dificilmente poderemos imaginar uma Nuri diferente dessa menina, pela voz de uma doçura imensa e pela ingenuidade do seu carater. Otavio Rosa Borges, dono de um belo fisico e movimentos ágeis para interpretar o dificilimo papel de Manelic não poderia fazer mais do que fez, levando-se em conta a sua pouca experiencia do palco. Não comprometeu, absolutamente, deveria, apenas, ter evitado o patetismo de certas "tiradas" em tom declamatorio e a abundancia de gestos. Diná de Oliveira, já conhecida pelas suas qualidades dramaticas deu-nos uma Marta segura, muito melhor nas cenas de tormento concentrado do que nas ocasiões em que precisava intervir vigorosamente. Adelmar de Oliveira desenhou um bom tipo de vilão, dono da terra e de todos, tendo momentos verdadeiramente muito bons. A caracterização de Valdemar de Oliveira estava muito boa, o ator conseguiu impregnar-se de uma aura de profeta biblico, o que vai muito bem com o espirito da peça de Guimerá, pois tôda a obra onde os elementos primitivos estejam em primeiro plano não pode fugir dos caracteres biblicos. Devia ter retirado do dedo o anel de brilhante, que faiscava com a luz, constituindo um êrro de técnica na composição do tipo. Os outros intérpretes compuzeram (sic) bem o elenco. O cenário muito bonito com relação á sobriedade de cores, em harmonia com os figurinos dos personagens, mas não sabemos como classificá-lo, se no estilo realista, se no sintético. Para que fsose (sic) realista seria necessario que a rotunda não existisse, apesar das portas e janelas estarem pregadas nela. Para que fosse sintético tornava-se preciso afastar a rotunda, deixando as portas e janelas soltas no palco, retirando aquele fundo pintado com mau gosto, em choque violento com a beleza dos outros elementos.

Reafirmando o título original da obra, *Tierra Baja*, a montagem de *Planície* foi avaliada pelo crítico Andrade Lima Filho, no *Jornal do Commercio* (6 de abril de 1948), fazendo contrapontos à escrita "entusiasmada" de Hermilo Borba Filho:

> Não creio que *Planície* – nome que tomou o trabalho de Guimerá na versão portuguesa

Planície

– mereça ser considerada exatamente uma grande peça, digna de ser colocada à frente do teatro mais avançado do nosso tempo, como quer Hermilo Borba Filho. Deve-se compreender aqui por teatro avançado, aquêle que propõe, que debate, sob forma de tese, o problema social contemporâneo, dando-lhe um conteúdo revolucionário. A êsse respeito, a peça de Guimerá envolve de fato um tema que um marxista convicto consideraria sem demora sob o critério da luta de classe. Mas, no desenvolvimento dêsse tema, embora trabalhando um material excelente, o autor revela certa pobreza de concepção que se denota de imediato no uso de símbolos ou na insistência em situações já bastante conhecidas e demasiado exploradas. Há certa intensidade emocional na peça, é certo. Mas falta-lhe aquêle vigor, aquela prodigiosa fôrça expressional que caracteriza as obras de um Garcia Lorca ou, sobretudo, de um O'Neill. Estes, sim, são de vanguarda. Dir-se-á, e não sem razão, que em *Desejo sob os olmos*, por exemplo, predomina um conflito moral puro, um conflito circunscrito àquela luta animal dos instintos (que chega a ser arrepiante na peça de O'Neill) enquanto em *Tierra Baja* êsse conflito existe em função do choque de classes, interessando dessarte, a luta social contemporânea. É verdade. E talvez dessa consideração tenha surgido o entusiasmo um tanto imoderado daquele jovem e brilhante crítico ao colocar *Tierra Baja* no primeiro plano do teatro de vanguarda.

Com ingressos sempre esgotados, *Planície* completou oito récitas no total, inclusive com parte da renda

Planície

para o Abrigo Nossa Senhora de Lourdes, de Olinda. Alguns críticos, no entanto, fizeram ressalvas à escolha do texto. Como Valdemar de Oliveira possuía espaço privilegiado na imprensa, já que podia reportar-se inúmeras vezes ao trabalho do grupo que dirigia, ele usou sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (23 de abril de 1948), para reclamar de algumas críticas feitas à montagem dirigida por Adacto Filho, lembrando, mais uma vez, dos seus inimigos:

> Creio que o mais grave êrro de visão crítica, em face da peça *Planície*, que o Teatro de Amadores está encenando no Santa Isabel, é o de considerá-la um dramalhão ou, se quiserem, um drama de capa e espada. Um comentário dessa ordem só se admite na boca de quem nada, absolutamente nada, entende de teatro. [...] Os que são capazes de catalogar *Planície* em tal gênero, deviam esperar, pacientemente, as temporadas de *chanchadas*. Porque essa é uma das muitas razões de lamentarem, os *Amadores*, trabalhar tanto para ser tão mal compreendidos – mais do que isso, injustiçados.

O pesquisador Antonio Edson Cadengue, no livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 188.), expôs seu pensamento sobre aquele momento do Teatro de Amadores:

> A renovação que Adacto enceta no TAP é difícil de perceber ou mesmo de admitir. Com ele, o repertório sofre uma mudança, porém seus processos de encenação ainda são à moda antiga: constrói um espetáculo em pouco tempo, confiado na perspicácia do ponto. Mas algumas lições de *mise en scène* são aprendidas por Valdemar de Oliveira: a maneira de o encenador conduzir os atores a compor diferentes tipos, a técnica de "levantar" diálogos e marcas, a gesticulação precisa e a mobilidade das máscaras faciais. De cada uma das peças que realiza, Valdemar

Planície

Adacto Filho e Valdemar de Oliveira

de Oliveira registra como ele vai obtendo, pelos meios específicos do teatro, os tons, a atmosfera, o clima de cada uma delas, ficando ainda mais claras as funções de um *metteur en scène* que cuida do espetáculo de "fio a pavio"; ou seja, da leitura da peça até o abrir da cortina, sem descuidar-se, evidentemente, dos problemas técnicos que cada peça impõe ao seu diretor. A passagem de Adacto gera debates, controvérsias, estimula o ambiente teatral do Recife. Mesmo sem o grupo render tanto quanto se gostaria, Valdemar de Oliveira sente que os frutos ainda podem transparecer em outros momentos, como vem a acontecer quando da montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, de García Lorca [no final daquele ano].

No entanto, mesmo após uma série de artigos mais à frente sobre o trabalho de Adacto Filho, *Planície* pôde ser "apontada como o mais perfeito trabalho dos Amadores e cuja estréia constituiu o mais absoluto êxito já obtido no Recife por alguma companhia teatral", como bem lembrou o *Jornal do Commercio* (8 de abril de 1948). Já a 6 de maio foi a vez de estrear *Escola de Maridos*, a primeira montagem de uma peça de Molière no Recife, com tradução de Artur Azevedo (que transpôs quase para a prosa os versos em setessílabos), no Teatro de Santa Isabel, também nas mãos de Adacto Filho, com cenários originalmente de Santa Rosa, mas pintados por Carlos Amorim. As cabeleiras, figurinos e chapéus foram organizados no Recife. No elenco, Walter de Oliveira (no papel de Sganarello), Lurdita Reinaldo, Alfredo de Oliveira, Carminha Carvalho, Diná Rosa Borges de Oliveira, Otávio Rosa Borges, Valdemar de Oliveira, Dédrano Lima e Mário Barros. Qualificando ainda mais o seu repertório com um clássico do teatro francês, Hermilo Borba Filho comentou sobre a montagem do Teatro de Amadores na *Folha da Manhã* (20 de maio de 1948):

> Bom desempenho, de um modo geral, sentindo-se a experiência do Sr. Adacto Filho, de uma maneira salutar, conseguindo exprimir o espírito francês daqueles tempos. Guarda-roupa muito bem cuidado, no espírito da época. Um espetáculo que nada desmerece todos os triunfos anteriores; pelo contrário.

Andrade Lima Filho, por sua vez, escreveu para o *Diario da Noite* (20 de maio de 1948), não só defendendo

Escola de Maridos

Escola de Maridos, como também espinafrando *Planície* e a "má vontade" de alguns críticos com o Teatro de Amadores:

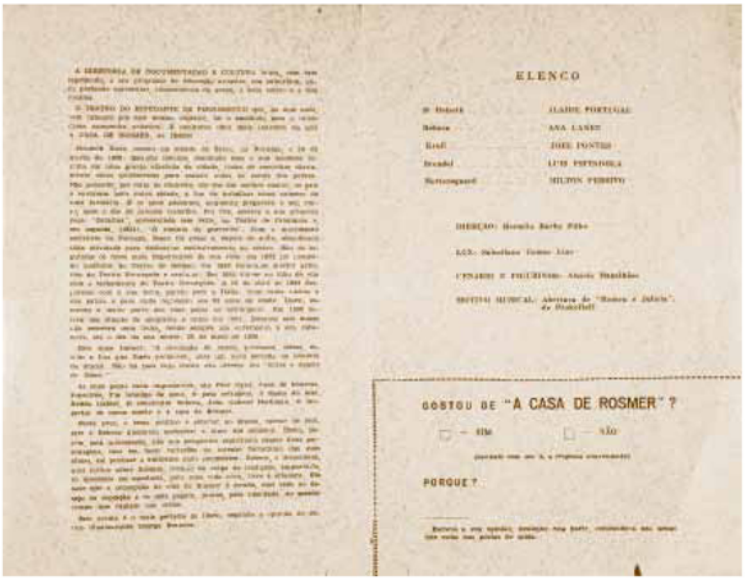
> Tenho cá minha opinião: acho que os *Amadores* fizeram bem levando Molière ao palco do Santa Isabel. Pouco importa que os grandes e já experimentados conjuntos possam fazê-lo melhor. [...] Adacto guardou, encenando *Escola de Maridos*, fidelidade ao bom teatro do criador de *Tartufo*, de O Doente Imaginário e outros trabalhos de notoriedade universal. Não fugiu às suas linhas mestras. E êsse fato, êsse audacioso empreendimento só por si parece ter perturbado um pouco a sensibilidade um tanto *hors-d'oeuvre* de alguns críticos juvenis dessa vitoriosa realização com que os *Amadores* acabam de se erguer daquele medíocre terra-a-terra guimeriano de *Planície*. Essa reação é muito mais deplorável do que as falhas que o desempenho de *Escola de Maridos* porventura apresente. E' deplorável porque, afinal de contas, ou estamos deante (sic) de uma má vontade contra os *Amadores*, o que seria um prejuízo da crítica, ou de um alheiamento a Molière, o que seria imperdoável nos críticos.

Escola de Maridos

Júlio Barbosa, o crítico J. B., que já havia chamado a peça de "uma demonstração de teatro-museu para o publico recifense, mostrando em mimica, como Moliére (sic), no seu tempo, criticava os costumes da epoca", conforme publicou no *Diario de Pernambuco* (12 de maio de 1948), respondeu a esta provocação numa outra edição do *Diario de Pernambuco* (26 de maio de 1948): "Moliére (sic) pareceu-nos demasiadamente recitativo, falha que atribuimos tão somente ao responsavel pela direção de cena [...] trabalhado pelo sr. Adacto Filho mais mimico do que teatral e transmitimos ao publico nossas impressões".

Um dia antes da estreia de *Escola de Maridos*, o Teatro do Estudante de Pernambuco lançou a peça *A Casa de Rosmer*, do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, com tradução de Vidal de Oliveira, levando-a para espaços alternativos como o palco da Escola Técnica do Recife, no Derby (em sua estreia, mas ainda com outras quatro repetições por lá, sempre com casa cheia), o Cinema Rivolí, em Casa Amarela, e a Base Aérea do Recife, aqui para pracinhas e oficiais. A entrada era franca em todos os lugares, mas imprópria para menores de quatorze anos por determinação da Censura Policial. A montagem contou com patrocínio da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife. O *Diário da Manhã* (28 de abril de 1948) deu mais detalhes:

> Para esta peça que marca o 2.° aniversário das atividades do Teatro do Estudante foram dese-



nhados figurinos especiais de 1900, por Aloísio Magalhães que também idealizou e construiu o cenário, especialmente para o espetáculo. Os efeitos de luz, baseados em refletores e *spot-lights* [então uma moderna técnica norte-americana de iluminação], estão a cargo de Salustiano Gomes [Lins], cabendo a direção geral a Hermílio (sic) Borba Filho. Fazem parte do elenco os seguintes atores-estudantes: Alaíde Portugal, Ana Canen, Joel Pontes, Genivaldo Vanderlei (sic), Epitácio Gadelha e Milton Persivo.

O também acadêmico Laurênio Melo servia de ponto. Conhecido por sua "agressividade" na escrita, especialmente quando se referia ao trabalho de Valdemar de Oliveira e dos seus amadores, chamados todos de "Horto dos Oliveiras", o crítico J. B., Júlio Barbosa,

Henrik Ibsen

mostrou-se totalmente satisfeito com a nova montagem do TEP. Seus elogios foram registrados no *Diario de Pernambuco* (7 de maio de 1948):

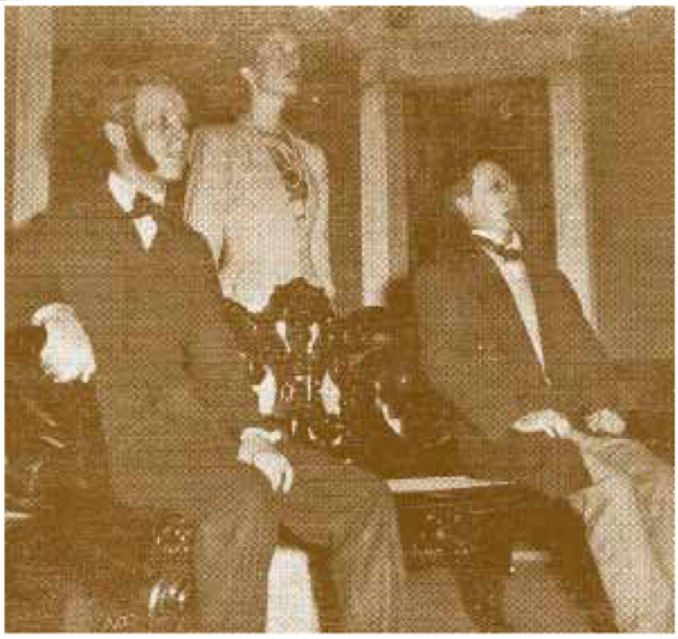
> E pode-se dizer com segurança que o Teatro do Estudante de Pernambuco não decepcionou as pessoas que foram ao Derbi. Antes reafirmou o valor interpretativo dos estudantes-artistas, num desempenho que nada ficou a dever a profissionais da ribalta. O diretor Hermilio (sic) Borba, naturalmente, não estará de todo satisfeito, porque é da missão mesma dos diretores exigir mais e melhor daqueles que os obedecem. E ha, de fato, alguma coisa a corrigir no desempenho de *A Casa de Rosmer*, como um pouco mais de naturalidade de Joel Pontes (Kroli), em certos trechos do 2.° ato. Entretanto, estes pequenos senões, [...] não chegaram a empanar o brilho do desempenho que, em conjunto, esteve magnifico. Genivaldo Wanderley, por exemplo, demonstrou uma naturalidade só comparavel, [...] a um Brasini. O jogo de luz de Salustiano Gomes poderia ter sido melhor e, se não o foi, talvez se deva á natureza do palco e do ambiente, inadequados a montagem de peças como esta. Os cenarios e figurinos de Aluizio (sic) Magalhães, perfeitamente integrados no espirito da obra. Resta dizer, apenas, que o Teatro do Estudante de Pernambuco assinalou mais uma vitoria na sua já vitoriosa carreira amadorista.

No *Jornal Pequeno* (10 de maio de 1948), periódico assumidamente contrário a Valdemar de Oliveira, o crítico Carlos Luiz de Andrade fez comparações en-

A Casa de Rosmer

tre as estreias do Teatro de Amadores e do Teatro do Estudante de Pernambuco, com pesos diferentes para ambas:

> O T.E.P. andou bem porque demorou-se, mas, enfim, conseguiu se impôr nos meios artisticos do Recife. Quantos aos *Amadores*... porque, certamente demorando mais e refletindo melhor não teria jogado tão inconsequentemente o seu prestigio – como jogou – num espetáculo de tão poucos méritos. Não quero dizer com tudo isso que *Casa dos Rosmer* tenha sido uma coisa de pasmar. Nem muito menos que Moliére (sic) tenha sido "assassinado", como se diz, pela gente de Valdemar de Oliveira. A verdade, contudo, é que o T.E.P. deixou a todos numa nova e ótima impressão, enquantao (sic) o velho lider do nosso movimento teatral deu uma triste mostra de fracasso que, com os elementos com que conta – a "prata de casa", como se chamou – bem poderia ter levado avante coisa melhor e mais convincente. A primeira grande falha, para mim, dos Estudantes, foi a escolha da peça. Porque (sic) encenar uma peça que pede tanto *espaço*, quando o grupo se constituiu para pequenos palcos e até para barracas de representação ao ar livre? Isso prejudicou fundamente a realização cênica. Os atores estiveram como que engaiolados, pisando em ovos para os desdobramentos da marcação e dos gestos. A's vezes, até as expressões dos personagens refletiam as paredes acanhadas, quando de fato – quer-me parecer – o que deveria estar em jogo deveria ser justamente o contrário: o grande ambiente senhorial que construira o caráter de Rosmers e de Kroll e atormentara e enlouquecera depois horrivelmente a alma boa e livre de Rebeca e West. Porisso (sic) ou talvez mesmo por um lapso também de direção, o outro defeito: a falta de conjunto. Os atores estiveram um tanto atomizados no palco, como se não tivessem – muitas vezes – nada que ver com o outro... Como se fossem moradores de um mesmo tecto, por exemplo, mas sem uma história comum, sem um problema comum, como acontece em todas as peças e era sobretudo verdade na *Casa dos Rosmer*. Mas é como digo: tudo poderá ter sido mero resultante da falta de espaço, que se anularia, é de ver, se a coisa tivesse lugar no Santa Isabel, por exemplo. A verdade, porém, é que nada conseguiu empanar o talento de um Joel Pontes, de um Genivaldo Vanderlei (sic) e de Ana Canen. Isso é que não. Sobrepujando tudo, eles fizeram do drama de Ibsen – de que não gosto, aliás – uma peça de grande auditório. Com os *Amadores* aconteceu o contrário. Moliére (sic) apareceu recitado, maçante e até bufão, em certas horas, ao contrário do que deve ser – do que deve ser pelo menos... – Mas, onde o fundo, afinal do fracasso? Adacto Filho não gosta que se diga. Já zangou-s (sic) uma vez. Mas o fato é que foi a direção. A direção não no que diz respeito ao conjunto – que



A Casa de Rosmer

> esteve bom e graças a ela, sem duvida. A ele e á madureza dos *Amadores*. No que diz respeito, porém, ao trabalho individual. A gente vê claramente, em cada cêna que o ator faria muito melhor aquelas coisas. Que faria, mais não pode... agarrado a certos preconceitos cênicos que – é pelo menos a minha opinião – devem se acabar. Dina (sic) Rosa Borges, por exemplo, esteve irreconhecível. E Valter de Oliveira, de quem se espera sempre grandes coisas, sofreu mais que nenhum outro isso que vamos dizendo. O resultado de tudo é que o nivel dos *Amadores* baixou substancialmente, quando poseria ter subido.[...] Recita-se poesia, mas esta não é a melhor forma de dizê-la. No teatro é o mesmo: a peça versificada será ruim, se os atores recitarem, como tantas vezes aconteceu no espetáculo de *Escola de Maridos*. Em suma o balanço é este: o T.E.P. se afirma – e com grandes, enormes promessas, enquanto o Amadores ainda no auge de sua carreira.

Lordello de Mello foi outro que dedicou artigo repleto de elogios para *A Casa de Rosmer*. O material foi publicado na *Folha da Manhã – Vespertina* (15 de maio de 1948):

> O Teatro do Estudante está alcançando uma grande vitoria com a encenação de *A Casa de Rosmer*, de Ibsen. Uma vitoria de multiplos sentidos. Pelo brilhantissimo desempenho do que se pode dizer ser uma peça dificil: é a vitoria da arte. Pela escolha da peça e sua representação gratis para todos: é a vitoria da cultura. Pela superlotação sucessiva do teatro da Escola Tecnica do Derbi, numa demonstração evidente de que se pode fazer bom teatro fora do Santa Isabel: é a vitoria contra o preconceito. Hoje em dia é uma consoladora prova de redenção do nosso teatro o que certos grupos, como esse dos estudantes de Pernambuco, vêm realizando no país. Neste ponto, aliás, o Recife é uma cidade feliz com o seu grupo de amadores e seu Teatro do Estudante. Todos sabem como Ibsen é um dos autores mais dificeis de serem representados. O simbolismo profundo, a constante luta psicologica dos seus personagens, aquela ancia (sic) pela vitoria absoluta da vontade sobre todos os efeitos da hereditariedade e do meio que Ibsen faz dominar em suas peças e que levou certo crítico a dizer que ele está, sempre, dissecando emoções complexas, tudo isso exige a fina emotividade, o poder de dramatização a harmonia de conjunto capazes de imprimir, na cena, a força dominadora do simbolismo, a angustia indefinivel e avassaladora, a duvida que atormenta, o desejo insopitado, a violencia da luta interior que tudo domina. *A Casa de Rosmer* e seus interpretes nos dão tudo isso exuberantemente: a peça por ser uma das maiores criações de Ibsen e os interpretes pelo seu extraordinario talento, por sua perfeita integração no espirito da obra, pela excelente direção artistica e até mesmo pela clareza da tradução, em linguagem tão direta quão util para se penetrar na trama da peça, onde os fatos, muitas vezes, apenas se enunciam nas sutilezas intelectuaies (sic) proprias do simbolo. No conjunto tão harmonioso que o Teatro do Estudante nos apresenta – e em que consiste, precisamente, uma de suas vantagens sobre as companhias teatrais do sul do país – num conjunto assim harmonioso é dificil falar sinão (sic) no todo. Apenas, convem salientar a extraordinaria dificuldade dos papeis de Rebekka West e de Rosmer, a cargo de Ana Canen e Genivaldo Vanderlei (sic), respectivamente, e que mais do que quaisquer outros trazem a marca ibseniana do simbolo e da indefinivel e violenta luta interior. O Kroll, a cargo de Joel Pontes, é um desempenho admiravel de quem demonstra já ter um

dominio absoluto sobre a tecnica e a arte de representar. Está de parabens o Teatro do Estudante de Pernambuco.

Pouco tempo depois da estreia, Hermilo Borba Filho escreveu à imprensa reclamando apoio dos poderes públicos e das entidades de classe diante das dívidas do TEP, que continuava, mesmo assim, a levar educação artística para o povo. Vale registrar que foi com este trabalho, segundo o *Jornal do Commercio* (11 de maio de 1948), que se iniciou "no norte do país o sistema de discussão pública de uma peça" ao final de cada sessão. À frente da Diretoria de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife, o jornalista literário, escritor e biblioteconomista Edson Nery da Fonseca escreveu longo artigo elogioso para o *Diario de Pernambuco* (16 de maio de 1948) sobre a peça *A Casa de Rosmer*, não sem também provocar comparações entre o TEP e o Teatro de Amadores:

> Por que o Teatro de Amadores de Pernambuco escolheu, para dar início a uma temporada de aniversario, uma peça mediocre como *Planície*? Vemos, assim, que os conjuntos teatrais se definem pelo seu repertorio. E olhando para o pequeno repertorio do Teatro do Estudante de Pernambuco, a gente vê que esses rapazes sabem escolher, sabem distinguir o teatro autentico dos outros: o de chanchada e o que não é – azar dele – nem chanchada nem teatro autentico. [...] Eles encontraram em Hermilo Borba Filho o diretor por excelencia, aquele que reune á inteligencia, á cultura, á sensibilidade, os dons da intuição poetica, a experiencia e o conhecimento da tecnica do teatro.

Só a título de curiosidade, no dia 13 de maio de 1948, uma quinta-feira, na coluna *Telas e Palcos*, foram anotados vinte e oito cinemas sendo divulgados no *Jornal do Commercio*: Art-Palácio, Atlântico, Areias, Boa Vista, Casa Amarela, Duarte Coelho, Eldorado, Espinheirense, Encruzilhada, Glória, Império, Ideal, Moderno, Miramar, Mauricéa, Olinda (Feitosa), Parque, Politeama, Popular, Royal, Real, Rivolí, São Miguel, São José, São João, Santo Amaro, Trianon e Torre. Nenhum trazia programação dedicada às crianças. Entretanto, se os cinemas abriam pouco espaço para sessões voltadas a todas as idades, as rádios vinham conquistando cada vez mais público com seus programas de auditório e sorteios de brindes. As festas populares em espaços abertos, por sua vez, davam alguma chance à diversão de crianças com números variados de artistas, incluindo apresentações de bonecos.

Naquele mês de maio, entre as atrações do Teatro de Santa Isabel, aconteceu a estreia do Teatro da União da Mocidade Presbiteriana do Recife na peça *O Divino Perfume*, de Renato Vianna, com direção de Heronides Silva e somente amadores no elenco – David Gueiros Vieira, Manuel Malta, Eurídice Fernandes, Zelda Fernandes e Anita Vasconcelos –; e o festival artístico do ator Luiz Maranhão na peça *Atrás do Gato*, de Teixeira

Planície

Pinto, junto aos atores June Sarita, Norma de Andrade, Léo Maranhão, Marisa Reis, Jomar Austregésilo e Hélio Ledo. Um ato variado com artistas da P.R.A.-8 finalizou a apresentação, que teve ainda, do palco, um capítulo irradiado da novela *Feche a Porta do Destino*. Em Olinda, a Melpomene Pernambucana ocupava o palco do Cine-Olinda preparando *Sinos de Olinda*, de Mário Sette, para estrear no Teatro de Santa Isabel, mas a peça só veio à cena em 1949, por conta do falecimento de um dos seus integrantes, Severino Ramalho.

Aproveitando ainda a estada de Adacto Filho no Recife, o Teatro de Amadores montou três peças curtas de um ato cada, em um único espetáculo: *As Laranjas da Sicília*, com Carminha Carvalho, Diná Rosa Borges de Oliveira, Valdemar de Oliveira, Alfredo de Oliveira e Bebé Salazar; *O Homem da Flor na Boca*, com Alderico Costa e Dédrano Lima; e *O Azarento*, com Walter de Oliveira, Lourdita Reinaldo e Adelmar de Oliveira, todas do italiano Luigi Pirandello (mas o desejo inicial era preparar *A Verdade de Cada Um*...). A estreia aconteceu no Teatro de Santa Isabel, no dia 26 de maio de 1948, após seis dias apenas de ensaios, estranhamente com "publico reduzidissimo, mas sele-

TEATRO DE AMADORES

HOJE, 26, estréia de 3 peças, em 1 ato, de

PIRANDELLO

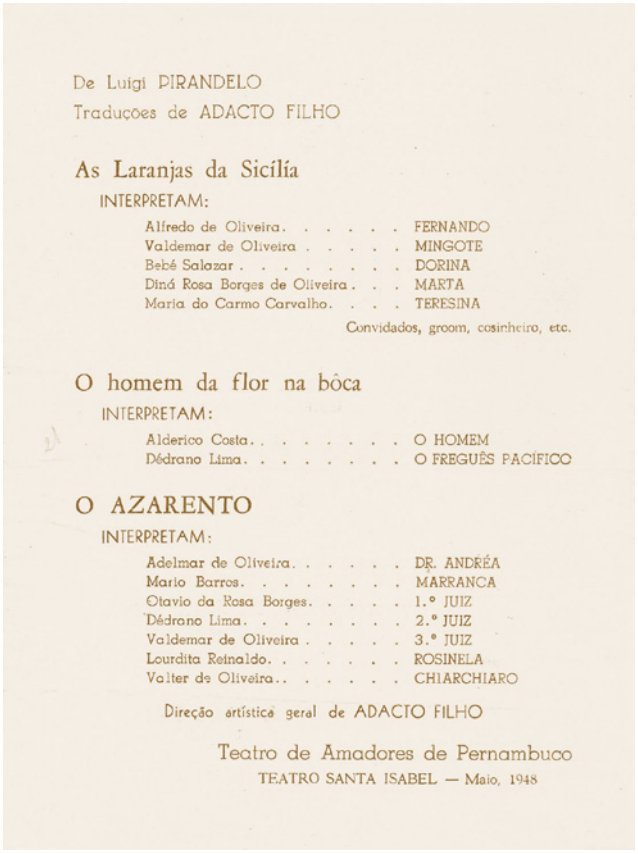
"O HOMEM DA FLOR NA BÔCA"
"O AZARENTO"
"AS LARANJAS DA SICILIA"

Direção de ADACTO FILHO

2.ª Récita: Amanhã

Ingressos: PERFUMARIA ORIENTAL
Nova, 233

Hoje e amanhã, os omnibus da Autoviária, em sua última viagem, passarão pela frente do Santa Isabel — gentileza da grande emprêsa de transportes, sob aquiescência da Delegacia de Trânsito. A ambas, o Teatro de Amadores se confessa agradecido.


De Luigi PIRANDELO
Traduções de ADACTO FILHO

As Laranjas da Sicília

INTERPRETAM:

Alfredo de Oliveira	FERNANDO
Valdemar de Oliveira	MINGOTE
Bebé Salazar	DORINA
Diná Rosa Borges de Oliveira	MARTA
Maria do Carmo Carvalho	TERESINA

Convidados, groom, cosinheiro, etc.

O homem da flor na bôca

INTERPRETAM:

Alderico Costa	O HOMEM
Dédrano Lima	O FREGUÊS PACÍFICO

O AZARENTO

INTERPRETAM:

Adelmar de Oliveira	DR. ANDRÉA
Mario Barros	MARRANCA
Otavio da Rosa Borges	1.º JUIZ
Dédrano Lima	2.º JUIZ
Valdemar de Oliveira	3.º JUIZ
Lourdita Reinaldo	ROSINELA
Walter de Oliveira	CHIARCHIARO

Direção artística geral de ADACTO FILHO

Teatro de Amadores de Pernambuco
TEATRO SANTA ISABEL — Maio, 1948

O Homem da Flor na Boca

to", conforme o crítico J. B., no *Diario de Pernambuco* (28 de maio de 1948). Os compromissos assumidos pala pauta daquele teatro fez o Teatro de Amadores "correr" na preparação de suas montagens e deixá-las sobrevivendo a poucas sessões (*Escola de Maridos* fez cinco apresentações no total, e o trio de peças de Pirandello, quatro).

Para tranquilizar os espectadores, os últimos "omnibus" da Autoviária passaram especialmente pela frente do Teatro de Santa Isabel ao final dos espetáculos, a pedido do Teatro de Amadores aprovado pela Delegacia de Trânsito. Em apreciação ao trabalho em tríade do Teatro de Amadores, Hermilo Borba Filho, moderadamente, escreveu para a *Folha da Manhã – Vespertina* (28 de maio de 1948):

> Além de muitas coisas que devemos ao Teatro de Amadores poderemos acrescentar mais esta: a de haver apresentado, pela primeira vez no Recife, um autor da envergadura de Pirandello, verdadeiro revolucionário do teatro moderno, não nessas três peças apresentadas, mas nas posteriores que se caracterisaram (sic) pela luta dos personagens consigo mesmo. Acho mesmo que nos três atos do dramaturgo italiano, ora em exibição so Santa Izazel (sic), pouca coisa podemos alcançar dos seus valores próprios, aparecendo raramente, aqui e ali, a marcha da sua arte. [...] Sei que montaram os originais de Pirandello em seis dias o que significa um *tour-de-force*. [...] mas a exiguidade de tempo deve pesar na apreciação critica. E na verdade, quanto á interpreta-

O Azarento

As Laranjas da Sicília

O Azarento

ção pouca coisa haveria de ser reparada [...] As montagens pecaram pela falta de tempo. Essas, sim. Se tivemos uma luz bem distribuida em *As Laranjas da Sicilia*, podemos apreciar a presa (sic) com que foram conchavados os cenários de *O Homem da Flor na Boca* e *O Azarento*. Tudo resultado do pouco tempo de que dispuseram para a encomenda de cenários, precisando aproveitar o que havia em deposito. Mas o publico aplaudiu mais essa iniciativa do Teatro de Amadores.

O crítico M., no *Jornal do Commercio* (28 de maio de 1948), fez também elogios e ressalvas ao trio de peças:

O Homem da Flor na Boca

Novamente no palco do Santa Isabel o Teatro de Amadores de Pernambuco, desta vez, com três peças de Pirandello. A primeira agradou francamente – *Laranjas da Sicília* – porque um tema comum a tôda gente em tôda parte: um rapaz pobre que se sacrifica por uma prima dando-lhe meios de estudar e sendo por ela tratado com indiferentismo quando, em consequência dos estudos, se tornara celebridade e vivia entre adoradores. Apenas cinco intérpretes; Valdemar de Oliveira, Alfredo de Oliveira, Maria do Carmo Carvalho, Diná de Oliveira, Bebé Salazar. A peça agradou francamente. Da segunda – *O homem da flor na boca* – não se pode dizer o mesmo. Simples diálogo. Trabalho mais para ser lido que representado. A terceira – *O azarento* – forte e que deixou magnífica impressão, sobretudo pelo difícil papel de Walter de Oliveira, a quem a platéia dedicou repetidos aplausos. E assim continua o Teatro de Amadores em sua trilha vitoriosa.

Claramente magoado por ter sido chamado de "crítica provinciana", Júlio Barbosa, o terrível J. B., do *Diario de Pernambuco*, soltou mais uma vez o verbo contra Adacto Filho e sua nova realização:

> Dificilimo de entender, Pirandello não é autor para ser desempenhado por atores comuns, sobretudo amadores. Não é para ser dito, repetido, mecanicamente. Para uma boa compreensão do publico deve, antes de tudo, ser representado, na melhor acepção do termo. E isto não se observou, ante-ontem, senão em

O Azarento

parte. [...] Em *Laranjas da Sícilia*, de um modo geral, o desempenho foi bom, destacando-se a sra. Diná Rosa Borges, que teria sido seguida de perto pelo sr. Alfredo de Oliveira se este, no papel de criado grave, fosse melhor dirigido: um empregado, mesmo em se tratando de um "folgado", [...] não ri nunca, á frente dos patrões, e muito menos de convidados, sobretudo em festa, gozando as palestras dos circunstantes. [...] A seguir, *O Homem da Flor na Boca*. Apenas duas personagens em cena. Dificilimos papeis viveram os srs. Alderico Costa e Dérdrano Lima. Quanto menos personagens, maior o trabalho. O sr. Adacto Filho, sacrificou o brilho de uma das mais belas peças pirandellianas (maior do que *Planície*, de Guimerá, e *Escola de Maridos*, de Moliére (sic), juntas), num trabalho quasi que inteiramente "dito", e não representado, propriamente. O sr. Alderico Costa fez o que poude (e fez muito), salvando boa parte do desempenho, enquanto o sr. Dédrano Lima, sem tirar os olhos da caixa do ponto (sinal de que não tinha a peça na ponta da lingua), só na cena final se mostrou senhor do papel. Aquela expressão "Cancer!" – após a qual caiu o pano – foi verdadeiramente teatral, digna da obra do consagrado autor italiano, pois dela dependia a compreensão de todo o enrêdo. Se nas três peças fosse observado aquele padrão de dramaticidade final, cremos que a "critica provinciana" seria unanime em aplaudir, não só o trabalho dos *Amadores*, como e sobretudo, o do ensaiador adventício. Em *O Azarento*, os efeitos da direção no desempenho, fizeram-se sentir mais acentuadamente. [...] Em suma, o desempenho, no conjunto, não chegou a decepcionar. As falhas apontadas são da direção, pois o material humano, em que pese o carater diletantista do conjunto, é bastante plástico e pode dar muito, agora, como já deu, anteriormente, quando não se importavam medalhões direcionais.

As Laranjas da Sicília

Até que surgiu no cenário teatral do Recife o Teatro Universitário de Pernambuco, a 28 de maio de 1948, com *As Férias de Apolo*, de Jean Berthet, sob direção de Adacto Filho (numa remuneração onerosa comentada na imprensa), ainda com a presença do ponto e sessão iniciada às 20h30, no Teatro de Santa Isabel. Militares, políticos e o reitor da Universidade do Recife, professor Joaquim Amazonas, se fizeram presentes. O

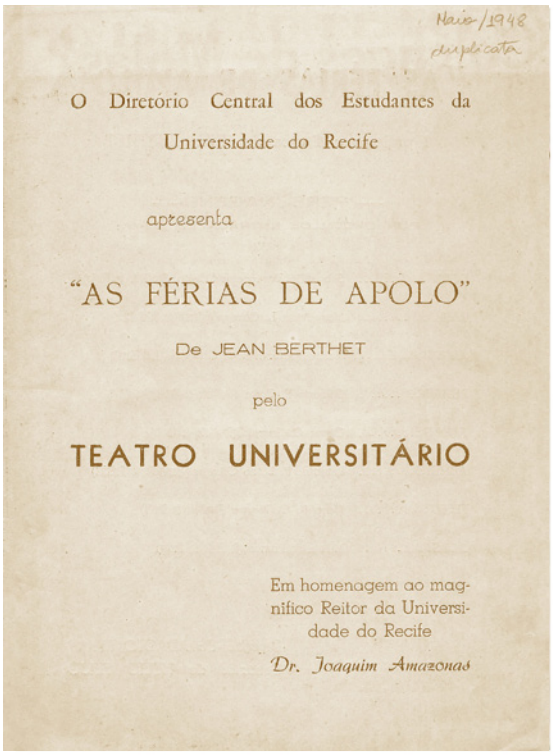
Escola de Maridos

cenário da peça foi uma criação de Hélio Feijó, tendo no elenco Sebastião Vasconcelos, Margarida Cardoso, Maria Elisabeth, Gilberto Freire Costa, Oscar Cunha Barreto, Reinaldo Rosa Borges de Oliveira, Marcelo pessoa e Milton Pinheiro. Mas a proposta não foi bem recebida pela crítica, que pontuou vários problemas, como o fez Hermilo Borba Filho na *Folha da Manhã – Vespertina* (29 de maio de 1948):

> E' um crime lançar um grupo dramático, em sua estreia, com uma obra do quilate de *As férias de Apolo*. E' de uma responsabilidade tremenda sacudir atores incipientes defronte de um publico, pela primeira vez, em uma coisa tão desenxabida como é a peça do sr. Jean Berthet, que poderia ser assinada por qualquer Armando Gonzaga brasileiro. E' a tal mania de valorisar (sic) mediocridades estrangeiras. [...] desse horroroso dramaturgo francês. A sua peça, que pretendeu ser uma sátira, caiu no mal da chanchada, pelo texto e pela orientação impressa á representação. [...] Lamento que o Teatro Universitário, a principio se voltando para Shakespeare, se lançasse em uma aventura ingloria como essa de Jean Berthet. Porque qualidades não faltam aos universitários. Eles têm valores, como Reinaldo de Oliveira, por exemplo. E têm possibilidades. Grandes possibilidades. Mas precisam ter cuidado com o repertório.

Valdemar de Oliveira saiu em defesa de Adacto Filho e do elenco de universitários no *Diário da Manhã* (29 de maio de 1948), em sua coluna *Artes e Artistas*:

> É possível afirmar que Adacto Filho teve na encenação de Jean Berthet, ontem representada, em primeira, pelo Teatro Universitário, o seu mais importante *test* no Recife. [...] À exceção de Reinaldo de Oliveira, que há dez anos passados representara no Teatro Infantil e ultimamente se encarregara de um papel secundário em *Planície*, todos os demais eram estreantes. E nesse caráter, podemos afirmar que nem um outro, e tão numeroso elenco se estreou, jamais, no Recife, sob melhores auspícios. O *test* foi altamente favorável a Adacto Filho. Em tão pouco tempo, não era possível fazer mais, sobretudo se apontarmos, como prova do alegado, valores plenamente afirmados como Margarida Lúcia Cardoso, Maria Elizabeth de Oliveira, Sebastião Vasconcelos Costa e Oscar Cunha Barreto. [...] Avulta o valor da representação de ontem, se atentarmos em que os Amadores do teatro Universitário não fizeram ensaio geral e que só conheceram o cenário em que iam atuar, com todos os seus pormenores de planos e volumes, ao mesmo tempo em que o público o conhecia. Daí, a ausência de efeitos de luz


Maio/1948
duplicata

O Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife

apresenta

"AS FÉRIAS DE APOLO"

De JEAN BERTHET

pelo

TEATRO UNIVERSITÁRIO

Em homenagem ao magnífico Reitor da Universidade do Recife

Dr. Joaquim Amazonas

"AS FÉRIAS DE APOLO"

1 prólogo e 4 atos de JEAN BERTHET

PERSONAGENS

POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

POETA ..... Sebastião Vasconcelos Costa (Faculdade de Direito)

AMA ..... Margarida L. Cardoso (Escola de Belas Artes)

ALCESTES..... Maria Elizabeth B. de Oliveira (F. de Filosofia do Recife)

PÉLIAS ..... Gilberto F. Costa (Faculdade de Direito)

APOLO ..... Oscar C. Barreto (Faculdade de Direito)

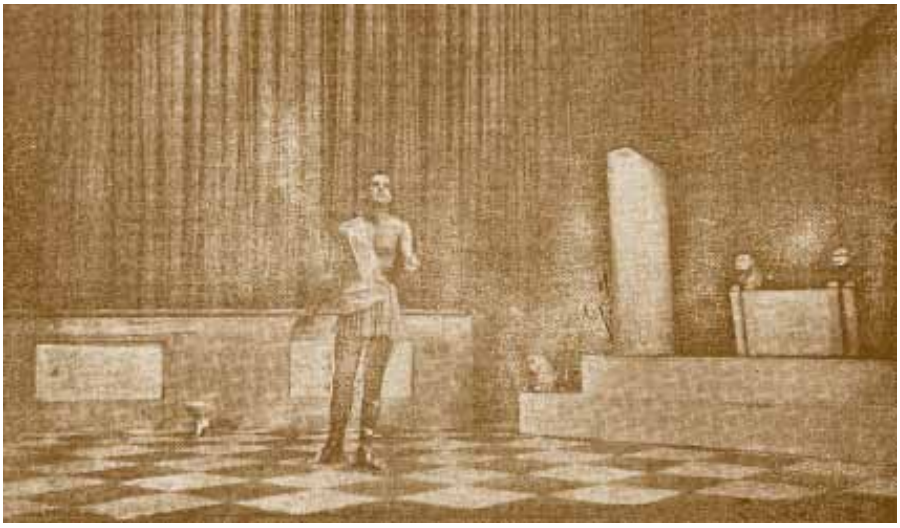
ADMETO..... Reinaldo R. B. de Oliveira (Faculdade de Medicina)

FEREU ..... Marcelo C. Pessoa (Faculdade de Direito)

ACASTO..... Milton P. Ramos (Faculdade de Direito)

Direção de ADACTO FILHO

Cenários de HÉLIO FEIJÓ



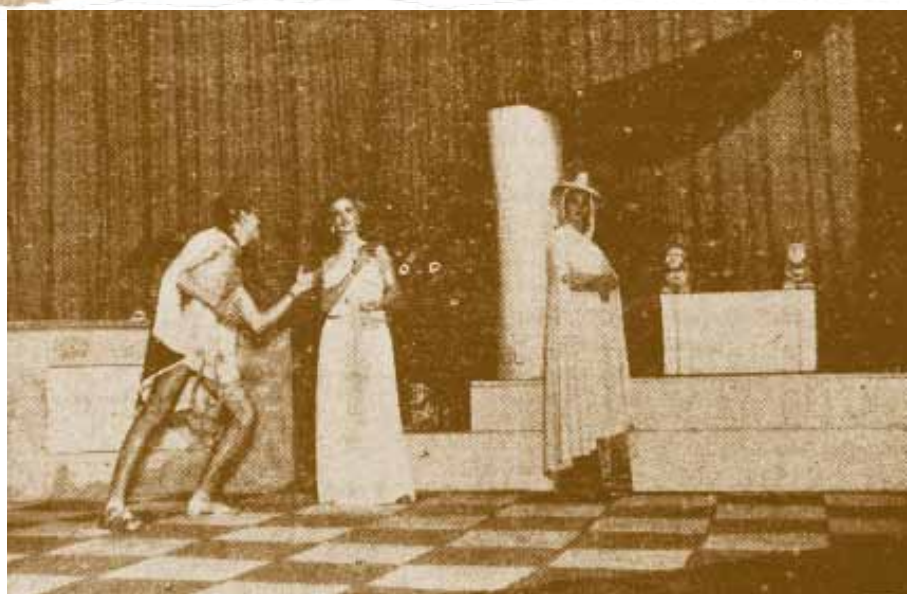
As Férias de Apolo

que não puderam ser estudados, nem aplicados. Se de uma coisa se ressente o espetáculo de ontem, é da extensão da peça, que está a merecer, com todas outras bem mais respeitáveis, a ação desapiedada de um lápis vermelho. Pode mesmo dizer-se que todo o terceiro ato é inútil, dele se poupando, apenas, alguns textos facilmente incluíeis do ato anterior. Os cortes teriam condensado a peça, evitando a baixa de nível observada após o segundo ato. Mas, o que há de dizer de *As Férias de Apolo* pelo teatro universitário – uma estreia como pouca de estreante – não cabe numa única crônica, a começar pela própria peça que, bem longe de ser uma chanchada, é uma deliciosa sátira onde se sente mais viva do que nunca, a eterna mocidade do espírito francês.

Como sempre, o crítico J. B., Júlio Barbosa, no *Diario de Pernambuco* (30 de maio de 1948), foi bem mais enfático:

Não foi uma grande estréia, repetimos, sobretudo porque o ensaiador teve a infelicidade de escolher uma peça inadequada á natureza do conjunto, demasiado longa e cansativa, com a classificação de sátira quando, do genero, só tem mesmo longilinios traços, perdidos em frases soltas, como reminiscencias de sonhos mal sonhados, que nem o proprio Freud daria interpretação exata. [...] E lá veio a satira de Berthet, que Hermilio (sic) Borba classificou de chanchada, aquem de *Dia de Eleição*. Isso, entretanto, em nada diminue (sic) o valor demonstrado pelos interpretes; [...] porque saltou aos olhos de todos que a rapaziada pode dar muito em materia de teatro. A apresentação valeu por um "test" de capacidade, embora numa peça mediocre, elevada á categoria de grande coisa.

Valdemar de Oliveira, no *Diario da Noite* (31 de maio de 1948), voltou ao assunto da peça do TUP em mais



As Férias de Apolo

duas outras ocasiões, sempre à defesa. No seu segundo artigo, publicou:

> Jean Berthet, em quem a crítica francesa viu um discípulo de Giraudoux, foi buscar o enredo do seu primitivo *Casamento de Alcestes*, na lenda grega, aproveitando uma das últimas aventuras do filho de Júpiter. Com esse material, escreveu uma peça encantadora, leve, espirituosa, fantasista, a que misturou alguns anacronismos verdadeiramente deliciosos, como sátira – não se sabe aos homens, se aos deuses. Profundamente francesa, em sua essência, *As férias de Apolo* constitue (sic) um espetáculo de sabor néo-clássico adaptado a uma técnica teatral moderna, cuja movimentação somente se ressente da extensão de certos diálogos, bem dignos de impiedosos cortes. Sobre a escolha desse original para o lançamento do teatro Universitário bem se poderia repetir, como o crítico Audiat: "Como é simpática a mocidade quando não é pesada e presunçosa!" [...] Diga-se, aliás, que apesar disso, Hélio Feijó nos deu uma impressiva demonstração do seu talento cenográfico, digamos assim. Há, no seu trabalho, um traço de discreta beleza, realçada pela harmonia de duas côres predominantes – o cinzento e o marfim – a que há "draperie" vermelha se casou em belo efeito decorativo.

Após tanta "celeuma" levantada, com a peça "classificada por uns como uma fina satira e por outros, como uma vulgarissima *chanchada*", conforme lembrou na *Folha da Manhã – Vespertina* (31 de maio de 1948), Adacto Filho acabou por fazer modificações

Teatro Universitário de Pernambuco

após a estreia, dando "importantes cortes, bem como alterando o cenario". A ação foi saudada como pioneira no estado, segundo aquele mesmo jornal:

> Esse gesto de compreensão dos universitarios pernambucanos foi tambem um passo revolucionario no sentido de uma melhor colaboração entre atores, criticos e publicos, pois é com essa atitude construtiva que poderemos caminhar para um melhor teatro em Pernambuco.

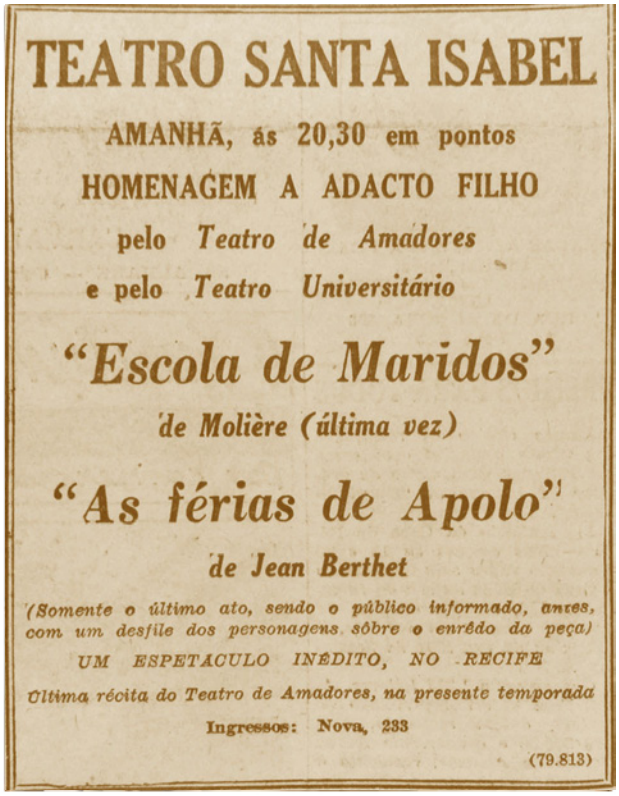
A montagem, depois de três aparições no Teatro de Santa Isabel, parece ter cumprido sessões específicas nos centros educativos operários do Recife, pelo menos este era o desejo da equipe expresso nos jornais, assim como uma ida a João Pessoa. A partir do dia 2 de junho de 1948, como já vinha divulgando bem antes (ainda que desacreditado por figuras influentes como o jornalista Luiz Beltrão, da *Folha da Manhã*, que escreveu três longos artigos sobre o Teatro Popular e a inadequação de grandes peças do teatro universal destinadas às massas, ao povo, numa crítica severa à circulação de *A Casa de Rosmer*), o Teatro do Estudante de Pernambuco também passou a circular pelos subúrbios com a peça de Ibsen, indo inicialmente ao Cine-Rivolí, cedido gratuitamente pelo seu proprietário. A defesa de Hermilo Borba Filho continuava na certeza clara de o povo é capaz de compreender as obras de arte, desde que seja honestamente orientado.

Claramente partidário às ações do Teatro do Estudante de Pernambuco, o crítico J. B, Júlio Barbosa, classificou como um "exito retumbante" a ação de levar Ibsen aos subúrbios. Escreveu, então, para o *Diario de Pernambuco* (4 de junho de 1948):

> O Teatro do Estudante de Pernambuco iniciou, ante-ontem, em Casa Amarela, a sua jornada catequetica pelos suburbios, sob o patrocinio da D. D. C., dando cumprimento ao programa que se traçara, de levar o teatro ao povo. A peça foi a Casa de Rosmer, de Ibsen, cujo nome abaixo do titulo dispensaria quaisquer comentarios. O T. E. P. apresentou ao povo um drama intenso, em que se verificam os choques de idéias politicas, através de enraizados preconceitos de tradição e de familia, com idéias novas, de novas concepções; um drama que retrata fielmente a realidade das transformações sociais, embora lhe sendo exterior o tema politico. Antitese do reitor Kroll, que representa aqueles que não querem ver nas aspirações de melhoria social do povo, senão o cáos, a dissolução, a lama, enfim, o pastor Rosmer sintetiza na pureza de suas idéias a justa condição de vida, desejada por todos: um mundo melhor onde os homens sejam homens realmente e, como tais, recebam o tratamento correspondente. O quadro que Ibsen apresenta neste particular não tem, todavia, aquele carater de desintegração violenta, que se preconiza nos dias de hoje. E' dado a entender de modo bem claro, que só a compreensão, estribada no amor, poderá resolver o problema. E isto é mostrado rapidamente, pois o interesse do autor não é debater o assunto e dele ocupar-se por completo; [...] O desempenho esteve magnifico no conjunto. Apenas Milton Persivo, cuja voz um tanto fraca e dada a ausencia de acustica no cinema e tambem traido pelo barulho da chuva torrencial que caia no momento, não permitiu que se lhe ouvisse o articular das palavras, aliás de grande efeito na parte que lhe cabia. Genivaldo Wanderley, José Prestes, Ana Canen e Alaide Portugal nada ficam a dever a velhos profissionais da ribalta. Todos se mostraram á altura da peça pela perfeita assimilação dos personagens que viveram[.] Pode-se dizer que os tipos criados por Ibsen encontraram nos quatro atores a personificação desejada, trabalhados pela capacidade tecnica de Hermilio (sic) Borba Filho. [...] Vamos destacar o exito retumbante (sim, retumbante; não ha outro adjetivo) do Teatro do Estudante em seu primeiro contacto direto com o povo, na disseminação da arte, através do bom teatro. O Cine Rivolí, cujo proprietario o cedeu gentilmente, sem nenhuma recompensa, se encheu de gente dos morros de Casa Amarela; de operarios, de gente humilde, que jamais teria tido oportunidade de assistir a semelhante espetaculo.

Naquele mesmo dia 2 de junho de 1948, no Teatro de Santa Isabel, o Teatro de Amadores e o Teatro Universitário homenagearam o encenador Adacto Filho, antes dele voltar para o Rio de Janeiro. O programa constou da apresentação do último ato de *As Férias de Apolo*

Escola de Maridos



TEATRO SANTA ISABEL

AMANHÃ, ás 20,30 em pontos

HOMENAGEM A ADACTO FILHO

pelo *Teatro de Amadores*

e pelo *Teatro Universitário*

"*Escola de Maridos*"

de Molière (última vez)

"*As férias de Apolo*"

de Jean Berthet

(Somente o último ato, sendo o público informado, antes, com um desfile dos personagens sôbre o enrêdo da peça)

UM ESPETACULO INÉDITO, NO RECIFE

Ultima récita do Teatro de Amadores, na presente temporada

Ingressos: Nova, 233

(79.813)

(depois de explicado ao público todo o enredo da obra com um desfile das personagnes), seguido da récita derradeira de *Escola de Maridos*. O discurso de agradecimento de Valdemar de Oliveira foi reproduzido no *Diario da Noite* (4 de junho de 1948), com ele afirmando que aprenderam em três meses o que em muitos anos não teriam aprendido;

> Sua presença no Recife, Adacto Filho, marcou a época fastigiosa do amadorismo teatral em Pernambuco. Porque até onde sua ação direta não chegou, chegou o influxo de sua permanência em nosso meio, impondo a outros conjuntos realizações acima do nível comum, estimulando a crítica teatral, despertando debates e controvérsias fecundas, agitando idéias e definindo rumos. Nunca, como durante êsses três meses últimos, mais se falou, no Recife, de teatro, mais se debateu teatro, mais teatro se fez.

O momento, de fato, era tão especial, que Hermilo Borba Filho saudou a quase todos na *Folha da Manhã – Vespertina* (10 de junho de 1948):

> Positivamente este é o ano do teatro em Pernambuco. A arte dramatica aparece em primeiro plano, á frente de toda outra atividade artistica. E o que é melhor: todos os grupos se apresentam ou desejam apresentar-se com boas peças, o que significa que o indice de qualidade está subindo cada vez mais[.] Tenho uma pena danada de certos profissionais quando por aqui chegaram com as suas eternas *pensões de dona Estela*, já batidas. O movimento deve estar dando os seus frutos e o publico, com certeza, se orienta para o verdadeiro sentido do teatro. [...] Pelos suburbios dezenas de grupos trabalham. Pena que o repertorio desses grupos ainda não esteja suficientemente orientado. Poderiam realizar um teatro ligeiro, sim, mas que fugisse ás chanchadas. De qualquer maneira é uma demonstração de que estão interessados em trabalhar pela causa da arte dramática em Pernambuco. Muito bem. Nunca atravessamos um periodo assim. Vejam os jornais, por exemplo: todos êles estão mantendo secções diarias de teatro, o que atesta que há material para isso. Bendita febre, essa do teatro.

E, de fato, novas perspectivas foram abertas para determinados grupos teatrais naquele período, mas principalmente pela questão da subvenção. Ao Grupo Infantil de Comédias, liderado por Waldemar Mendonça, por exemplo, foi prometido receber um pequeno incentivo financeiro por parte da municipalidade, algo que até final de 1948 não aconteceu de fato. Independente desta terrível situação, atento ao movimento cênico daquele momento e à importância do financiamento para os grupos, Valdemar de Oliveira registrou em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (13 de junho de 1948):

> O teatro amadorista em Pernambuco já se firmou de tal maneira, já se impôs tão fortemente, pelas suas realizações e pelos seus propósitos, que nos é grato observar a atenção que vem despertando, por parte dos poderes públicos – seja o Serviço Nacional de Teatro subvencionando o Teatro de Amadores e o Teatro do Estudante, seja a Câmara de Vereadores auxiliando o Teatro Infantil, de Valdemar de Mendonça, seja o Ministério do Trabalho amparando o Teatro dos Bancários. Continuemos nesse programa, de modo a interessar os governos em nossa tarefa. Dinheiro é alicerce. Pelo alicerce é que se começa. E sem êle a casa cái.

Comemorando seu sétimo aniversário, o Grupo Infantil de Comédias tinha apresentado, exatamente na data da festa, 21 de maio de 1948, no Cine-Teatro Olinda, *A Madrasta*, original de Amélia Rodrigues, com versos de Waldemar Mendonça e música de Lourival Santa Clara. No elenco, Isabel Barbosa, Nize Rocha, Valderez Pessoa, Marly Rocha, Zito Vieira, Lourdinha Oliveira e Iveraldo Silva. O crítico J. B., no *Diario de Pernambuco* (25 de maio de 1948), reconheceu a importância do trabalho:

> Numa cidade como esta, em que fazer teatro é a coisa mais dificil do mundo, não só a falta de elementos capazes, como de recursos, manter um grupo teatral constitue (sic) heroicidade, sobretudo em se tratando de conjunto infantil. Todavia, bem ou mal, Waldemar Mendonça vai levando o seu grupo, á custa de sacrifícios ingentes, fiel á mania que tem de fazer teatro infantil no Recife. E assim já se passaram sete anos. Resta apenas que prossiga no seu apostolado, despertando nas crianças o gosto pela arte, ou descobrindo valores reais, que possam figurar mais tarde em grandes elencos e conseguir grandes cartazes.

Isabel Barbosa

Lourdinha Oliveira

Em junho, foi a vez do Grupo Infantil de Comédias levar à cena, naquele mesmo palco do bairro do Feitosa, a peça em dois atos e seis quadros *O Nascimento de São João Batista*, adaptação de Waldemar Mendonça e padre Hipólito Pedrosa, com música de Lourival Santa Clara. No elenco, as crianças Isabel Barbosa, Nize Rocha, Valderez Pessoa, Marly Rocha, Zito Vieira, Manoel Ferreira, Dirceu Pessoa, Lourdinha Oliveira e Inalda Ferreira. Em ambos os trabalhos, além de Waldemar Mendonça assinando a direção artística e Lourival Santa Clara a direção musical, constavam na equipe Gerson Vieira como ponto, Lídio Guimarães na carpintaria, Efigênio Oliveira na maquinaria, Artur Magalhães no controle de som e o pintor João Pimen-

Zito Vieira

tel a cargo do cenário. Nos ingressos cobrados, as crianças pagavam metade do valor dos adultos. Para julho, em homenagem à professora Cristina Pessoa de Carvalho, diretora do Externato 6 de Março, foi apresentada *Uma Vida Inglória*, peça de João Baudel Pessoa. No elenco, Zito Vieira, Marly Rocha, Milton Miranda, Isabel Barbosa, Dirceu Pessoa, Lourdinha Oliveira, Valderez Pessoa, Nadeje Albuquerque e Nize Rocha.

Quanto ao teatro adulto, também atuava neste momento a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior, com "teatro ligeiro, teatro do povo, mas teatro sadio", segundo sua divulgação, e o Conjunto Teatral Estudantil, com direção de Sizenando Pavão, no Teatro Paroquial do Barro, que apresentou, no final de maio, *Uma Mulher Inteligente*, de Valdemar de Oliveira, em festival do próprio diretor do conjunto. No elenco, Clotilde Avanzi, Gilvan Barbosa, Jeruza de Melo, Lúcio Rocha, Hélio Barbosa, Amália de Sousa e Claudecy Cordeiro. "No mesmo programa, o referido conjunto amadorista lançará uma novidade, no teatro do teatro: é o *trailer teatral*. Será apresentado um *trailer* da peça *O louco da aldeia*, a ser encenada brevemente", registrou o *Diario da Noite* (29 de maio de 1948).

Em novembro, foi a vez da peça *Eram Irmãos*, baseada no romance de Perez Escrich, *Manuscrito Materno*, adaptado por Gilvan Barbosa, com sessão também no Teatro da Sagrada Família, em Tejipió, e no Salão Paroquial Pio X, em Casa Forte. Já o Teatro dos Comerciários chegou a ocupar um palco ao ar livre na Vila dos Comerciários, enquanto o Teatro dos Bancários, tendo à frente Hermógenes Viana, só conseguiu levar em agosto, para a cidade do Paulista, *A Gota d'Água*, texto do próprio Hermógenes Viana, como um espetáculo gratuito voltado para operários sindicalizados, cumprindo o prometido ao Ministério do Trabalho pela subvenção concedida naquele ano.

No interior, o Grupo Teatral Amadores de Catende, dirigido por Jaime de Albuquerque, apresentava-se no Cine-Teatro Guarany, enquanto na cidade de Angelim um grupo de amadores locais movimentava-se. Também existia o Cine-Teatro Diogo Braga, em Vitória de Santo Antão, com seiscentos lugares e reforma

acontecida neste período. Por sua vez, divulgando-se como "O espetaculo mais original do mundo", o mágico Fu-Manchú, conhecido do cinema, trouxe para o Teatro de Santa Isabel, a partir de 4 de junho de 1948, a sua Companhia de Mágicas e Maravilhas. Uma multidão foi prestigiá-lo durante longa temporada de vinte e duas sessões, com até três récitas por dia. A revista mágico-humorista *O Dragão de Fogo* foi um dos destaques. O crítico M., no *Jornal do Commercio* (5 de junho de 1948), repreendeu a plateia da estreia:

> Auspiciosa a estréia, ontem, de Fu-Manchu, no Santa Isabel. Auspiciosa porque o teatro estava repleto e porque o espetáculo verdadeiramente agradou. Fu-Manchu é insinuante, fala com mescla de português e espanhol perfeitamente compreensível, e suas mágicas – em verdade tôdas conhecidas – são limpas. É artista notável no gênero. E não se trata dum simples indivíduo a trabalhar. É uma companhia, com uma dezena de raparigas que, às vêzes, aparecem em bailados, com parcimônia de vestes, o que provoca assovios canalhas da molecagem que, infelizmente, por ter dinheiro para comprar ingresso, frequenta teatro destinado a gente educada. Foi a nota única dissonante do espetáculo: o comparecimento da molecagem que não sabe ou não pode conter-se. Para os que apreciam o gênero, qualquer que seja a idade, à temporada da companhia Fu-Manchu está previsto grande êxito.

A partir de 22 de junho, após vitoriosas turnês pelas principais capitais do Brasil, a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior passou o ocupar o Teatro de Santa Isabel por um mês, na "temporada da gargalhada", como divulgava nos anúncios de jornal. No total, foram vinte e sete sessões realizadas, sempre às 20h30 ou em vesperal, de apenas textos nacionais, graças ao patrocínio do Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação. No elenco, além do ator-empresário e de sua esposa, Lenita Lopes, novos elementos como Alberto Perez, Íris Delmar, Jeová Rios, Carmen Silva, Aníbal Fróes, Lina Soares, Carlos

Fu-Manchú

Alberto Perez

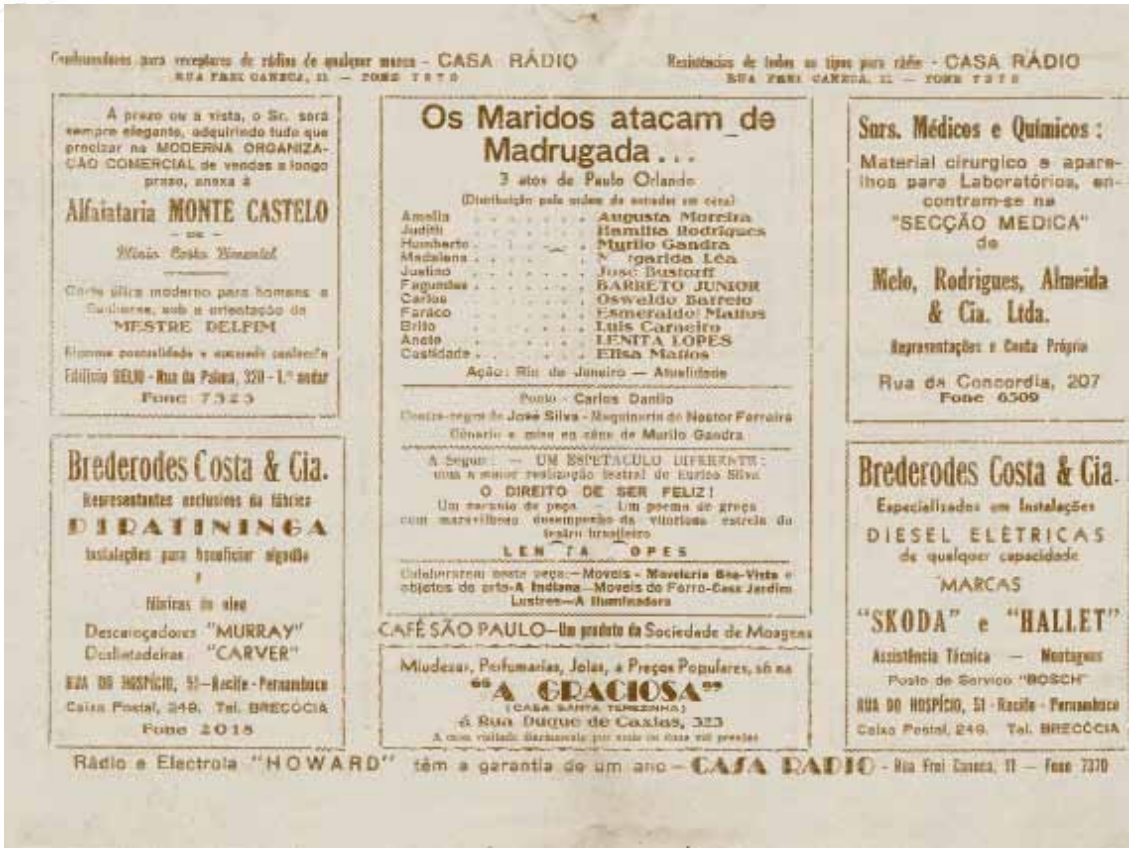
Danilo, Nestor Ferreira, Mário Brandão, José Bustorfe e os veteranos Lourdes Monteiro, Elpídio Câmara, Osvaldo Barreto, Hamilta Rodrigues, Luiz Carneiro, Elisa Mattos e Augusta Moreira. Em uma entrevista ao crítico J. B., do *Diario de Pernambuco* (17 de junho de 1948), Barreto Júnior revelou:

> "Vim fazer uma temporada de riso no Recife; todo o mundo vai rir durante os trinta dias de minha estada aqui. Não se chorará no Recife, enquanto eu estiver por aqui. Não faço teatro para arrancar lagrimas de ninguem e não assusto a platéia com ataques histericos e nem com gritos lancinantes. Faço rir, somente rir, porque o mundo é uma gargalhada. Nada de choro baixo, nem alto".

Estrearam com *Bombonzinho*, de Viriato Correia, peça que chegou a fazer oito sessões de casa cheia e teve sucesso comprovado pelo mesmo J. B., o crítico Júlio Barbosa, no *Diario de Pernambuco* (23 de junho de 1948), que ainda fez questão de registrar um escrito de Barreto Júnior que deu o que falar:

> Boa casa, sobretudo levando-se em conta as chuvas torrenciais, que desabaram. Mais uma prova da popularidade do ator conterraneo. A premiére da Companhia Nacional de Comedias contou com a presença do governador Barbosa Lima e familia; do secretario João Roma e familia; e do prefeito Morais Rego e familia. No genero de teatro para rir, a peça agradou a quantos foram ao Santa Isabel. E por falar em teatro para rir, na pagina de dentro do programa distribuido à entrada, ha umas "explicações" de Barreto, sob o titulo de "Peço a Palavra", de que extraimos os seguintes trechos: "Durante o periodo de doze anos que faço teatro no Brasil, poderia, como artista ou

emprezario (sic), dedicar-me ao teatro classico, ao educacional, ao instrutivo e até mesmo ao catequista de conversão – que ainda não existe entre nós, mas que poderia haver, como a gagueira... Assim, preferi este genero: um teatro alegre, divertido, próprio para rir. Teatro de saude e para pessoas de saude. Os cidadãos que se sintam bem vendo um artista sufocado, tossindo, banhado em lagrimas; a prima-dona com ataques histericos; muita gente morrendo; quem deseje ver tais cenas não venha ao meu teatro. Não quero educar porque não desejo exibir teatro para quem não tem educação. Não quero instruir porque os meus artistas não têm o complexo professoral. O que me proponho é divertir. Somente divertir. Nada de lagrimas, de cenas histericas, porque no meu elenco não ha quem se sinta bem fazendo cenas funebres. O publico é que me dá coragem, porque é para ele que trabalho. Quando me faltar esse apoio então compreenderei que devo me dedicar a outro gênero".

Ainda fizeram parte do repertório da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior: *Acontece Que Eu Sou Ladrão*, de Dias Gomes, *O Simpático Jeremias*, de Gastão Tojeiro, *Os Maridos Atacam de Madrugada*, de Paulo Orlando, e *Sonho de Noiva*, de Edgar Proença. Pena que Barreto Júnior precisou levar uma bronca de Hermilo Borba Filho sobre o que havia escrito no programa de sua peça de estreia, com o assunto de-

vidamente esclarecido na *Folha da Manhã – Vespertina* (26 de junho de 1948):

> E' uma coisa muito perigosa isso de dizer que o publico não aceita obras de arte, que é incapaz de sentir outra coisa que não seja a peça para rir. É uma teoria falsa e completamente desmoralizada. Gostaria que você houvesse visto o espetaculo do Teatro do Estudante, no Cine-Rivoli, em Casa Amarela, quando foi apresentada a peça de Ibsen *A casa de Rosmer*, para mais de mil e quinhentas pessoas. Lá, ao lado dos doutores, dos de bem, dos comerciantes, dos estudantes, havía gente dos morros, sapateiros, engraxates homes (sic) e mulheres de todas as profissões, que ouviram a peça debaixo de um silencio de nave de igreja, com o maior respeito e as palmas nos finais de atos indicavam que estavam gostando. Não sei se chegaram a compreender aquela densidade psicologica do dramaturgo norueguês – o que seria exigir demais a um publico habituado ao seu teatro – mas o drama de Rosmer e Rebeca foi suficientemente apreciado e louvado nas centenas de opiniões escritas e depositadas na urna, á saida. Agora vem você querendo negar essa verdade. Acho que em tudo isso há um erro de origem. Se nunca demos bom teatro ao publico, anestesiando-o com peças ligeiras, como poderemos saber se êle gosta ou não do teatro sério? Os estudantes já fizeram a experiencia e são pela afirmativa: que o publico gosta do bom teatro. Estou de acôrdo em que você faça o teatro para rir.

Ele é tão necessario quanto o outro, o orientado no sentido da Arte com A grande. Tem que existir como existe a musica ligeira, mas você está errado quando supõe que o Teatro maior é todo êle para "cidadãos que se sintam bem vendo um artista sufocado, tossindo, banhado em lagrimas; a prima-dona com ataques histéricos; muita gente morrendo..." etc. Isso não é teatro, Barreto, é gran-guinol ou coisa que o valha. E pode ser teatro, desde que apresentado em têrmos de arte. E' muito facil destruir o Teatro como você faz, usando palavras que não são as certas para qualificar certos estados de densidade dramatica. Da mesma maneira poderia ser destruido o teatro ligeiro, com essa mesma leviandade, mas não é isso o que se deseja. Os dois podem existir, mas o que não se pode negar é que a Arte é qualquer coisa mais do que simples distração. O seu maior êrro, porém, é quando supõe que Teatro é educação. Nada disso. E' arte simplesmente. E daí o seu maior insulto: "Não quero educar porque não desejo exibir teatro para quem não tem educação". Sem comentários...

No começo de julho, comissionado pelo Governo do Estado de Pernambuco, Valdemar de Oliveira, como presidente da Sociedade de Cultura Musical, diretor do Teatro de Santa Isabel e diretor do Teatro de Amadores, seguiu em viagem de mais de dois meses pela Europa, "observando o seu desenvolvimento artístico e as últimas conquistas da técnica teatral", assegurou o *Diario da Noite* (1 de julho de 1948). Mas antes, lançou o oitavo número da revista *Contraponto*. No Recife, no dia 3 de julho de 1948, a Rádio Jornal do Commercio foi inaugurada sob o *slogan* "Pernambuco Falando Para o Mundo". Como o estado era o terceiro de maior índice de mortalidade infantil, atrás apenas do Maranhão e de Alagoas, este último o campeão de tão triste realidade, a empresa decidiu promover, já em agosto, uma Festa Infantil para meninos e meninas desamparados, "no parque que circunda o edifício dos seus transmissores", de acordo com o *Jornal do Commercio* (14 de agosto de 1948). Como parte principal do programa, um espetáculo de mamulengo, além da distribuição de brindes, como garrafas de Coca-Cola – uma das patrocinadoras – e um "farto lunch". Pouco depois, passou a integrar a Campanha de Natal das Crianças Pobres dos Centros Educativos Operários,

lançada pelo Serviço Social Contra o Mocambo, assim como a P.R.A.-8. As duas rádios assumiram toda a publicidade e milhares de doações foram conseguidas.

Se o mês de julho ainda viu diversos recitais e concertos de música e vesperais literárias, a partir do dia 21 a Companhia Viviani-Lyson Gaster ocupou o Teatro de Santa Isabel em temporada até 15 de agosto, com trinta e uma sessões de dez peças, nove nacionais e uma estrangeira: *Não Há Sogra Igual à Minha* (recordista com sete apresentações), *Dinheiro, Pra Que Te Quero?*, *Que Importa Que a Mula Manque?*, A Gilda do

Gaspar (finalizando com uma revista de bolso sob a direção musical de Ostronoff, "o louco do teclado"), *Somos Sêres Humanos*, *Sonata ao Luar*, *Da Vida Nada Se Leva*, *Coração Materno*, La Cumparcita (em matinée estudantil) e *A Vida Se Reconstrói*. Dois dias depois, foi a vez de chegar a companhia Mesquitinha e Seus Artistas, que apresentou até o dia 7 de setembro de 1948 vinte e três récitas, com trabalhos cômicos como *O Pai de Minha Filha*, de Henrique Fernandes, e *O Garçom de Casamento* (os recordistas com quatro sessões cada), além de *Uma Vez Na Vida*, Rodrigues, o Extranumerário, *O Folgado, Sindicato dos Mendigos*, *O Amigo Salvador*, *Cabeleireiro de Senhoras*, *Herdeiro na Hora H* e *O Biriba*, sendo apenas uma obra estrangeira. Hermilo Borba Filho, aparentemente avesso ao "teatro ligeiro", desmentiu essa possibilidade e ainda escreveu um artigo sob o titulo "Muito bem, Mesquitinha", para a *Folha da Manhã – Vespertina* (20 de agosto de 1948):

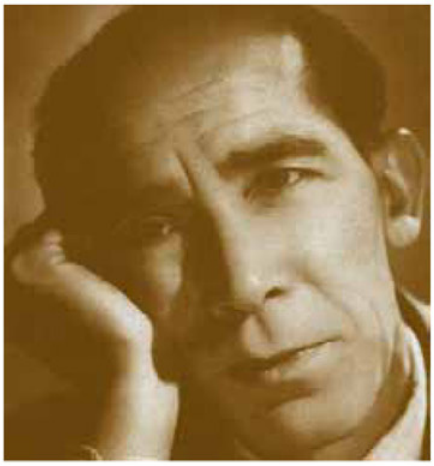
> Muito bem pelo excelente teatro ligeiro que está fazendo. [...] Vai-se ao teatro assistir *O pai da minha filha*, o riso sai à vontade e não se ouve na pornografia. Isso sim é o que deve ser feito. Dessa forma o teatro ligeiro é uma necessidade. [...] Serve para fazer esquecer êsses dias de agitação que vão passando. Serve para fazer ver que nem tudo na vida são lágrimas. E serve, sobretudo, para desmascarar aquela concepção dos fasos profissionais de que o riso só é possível com a pornografia. Estou certo de que assim agindo, você terá casas sempre cheias.

Mesquitinha, inclusive, causou confusões em sua temporada, com a imprensa denunciando que ele mandou entulhar cadeiras-extras em algumas das sessões, prejudicando a visão de muitos espectadores que compraram poltronas numeradas; e ainda foi chamado de

Mesquitinha

"intolerante" por Hermilo Borba Filho, que achou um absurdo ele ter proibido a entrada de um cronista teatral que fez restrições às suas peças, mandando, inclusive, isolar as cadeiras cativas à imprensa, direito reconhecido pela Prefeitura Municipal, independente de quem aluga a casa de espetáculos. "Se todos os atores que por aqui passarem se insurgirem dessa maneira contra a critica, aonde vabos (sic) parar?", perguntou em sua coluna *Fora de Cena*, na *Folha da Manhã – Vespertina* (30 de agosto de 1948). Mas Mesquitinha não levou adiante sua intenção, e até participou de uma mesa redonda promovida pelo Teatro do Estudante de Pernambuco e a Diretoria de Documentação e Cultura, no Teatro de Santa Isabel, como uma sabatina sobre o teatro nacional.

Ainda no dia 16 de agosto de 1948, única brecha entre duas companhias visitantes, o Teatro Universitário de Pernambuco, "filho adotivo do Teatro de Amadores", conforme o batizou Hermilo Borba Filho na *Folha da Manhã – Vespertina* (16 de agosto de 1948), estreou *É Proibido Suicidar-se Na Primavera*, de Alejandro Casona, sob direção de Walter de Oliveira, trabalho que ganhou nova sessão somente no dia 30 de agosto – aqui com parte da renda para a Sociedade de Assistência aos Indigentes Hospitalizados, afim de auxiliar na conclusão do Pavilhão de Câncer do Hospital de Santo Amaro, na mesma "cruzada social" do Teatro de Amadores –, devido à ocupação do Teatro de Santa Isabel, totalizando, posteriormente, seis apresentações até dezembro, uma delas para participantes do I Congresso Nacional de Estudantes de Direito e congressistas da Campanha do Ginasiano Pobre.



Alejandro Casona

"Parte da montagem foi cedida pelo Teatro de Amadores e as ilustrações cenograficas foram entregues ao pintor Mario Nunes", lembrou a *Folha da Manhã – Vespertina* (30 de agosto de 1948). No elenco, Hélcio Pires, Salomé Mendonça, Tereza Farias, Edissa Bancovsky, Clênio Wanderley, Reinaldo Rosa Borges de Oliveira, Margarida Cardoso, Sebastião Vasconcelos e Oscar Cunha Barreto. Hermilo Borba Filho, novamente, pôde lançar seus "reparos" ao trabalho do TUP. Eis o que escreveu em sua coluna *Fora de Cena*, na *Folha da Manhã – Vespertina* (18 de agosto de 1948) sobre *É Proibido Suicidar-se Na Primavera*:

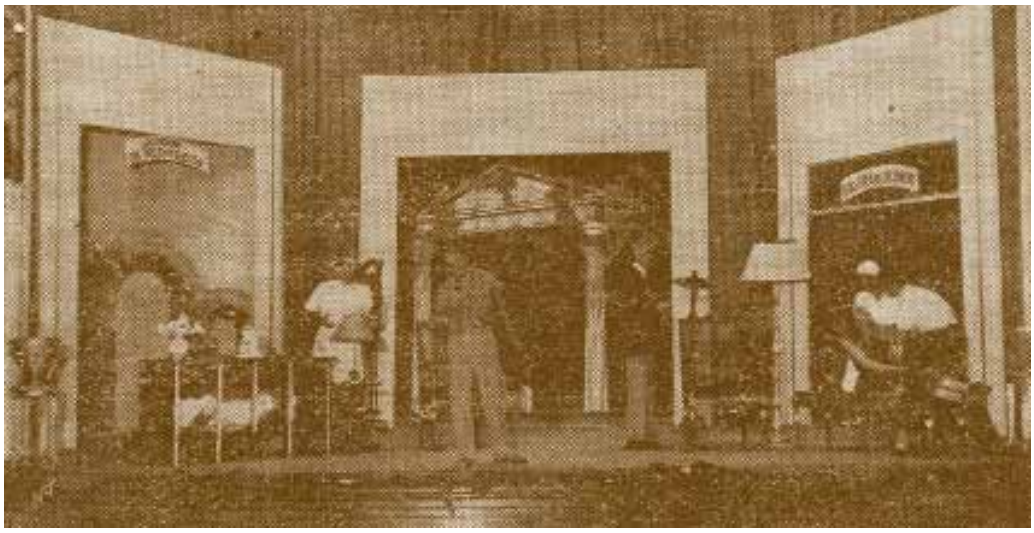
> A peça, sem ser a melhor do dramaturgo espanhol, diverte em certas cenas, pelo arrôjo da fantasia e chega ao patético em outras, quando sentimentos mais ou menos melodramáticas (sic) despontam. Se nada adianta na dramaturgia moderna, tôda ela tendendo para a valorização dos eternos valores humanos, pelo menos não cái no banal das comédias sem consequências. Quanto aos intérpretes convém salientar o trabalho de Reinaldo de Oliveira (Fernando) e Salomé Mendonça (Cora Yako), a cena dos dois no 2.° ato sendo a melhor de todo o espetáculo. Os outros, se bem que esforçados, ainda estão representando com recursos emprestados, a maioria gritando as situações dramáticas, numa concepção falsa do que venha a ser "clima do drama". Não se faz dramaticidade gritando, principalmente quando não há contrôle de voz e as falas, por isso, saem esganiçadas. Dessa vez os universitários foram comandados pelo sr. Valter de Oliveira, um dos bons atores do Teatro de Amadores, que imprimiu á peça uma movimentação interessante, aproveitando mesmo bem certas cenas, mas falhando em outras. O principal defeito do novo diretor foi

Walter de Oliveira

imprimir demasiadamente a sua personalidade nos atores de que dispôs. Considero isso um perigo, pois despersonaliza o intérprete, tornando-o um marionete, á maneira do que Gordon Craig pretendia fazer. Certos gestos, principalmente nas cenas violentas, são típicos dos papéis já encarnados pelo Valter. A tradutora pecou quando transportou a ação da peça para o Brasil e quando – culpa da tradutora ou da direcção? – modificou o bonito final do 3.º ato, transformando-o naqueles gritos apoplé-ticos de João (Oscar Cunha Barreto). Outro êrro: o corte de um personagem, aliás muito bem, *O pai da outra Alice*. Se faço êsses reparos é na certeza de que contribuo, um pouco, para corrigir falhas naturais, tão comuns em todos os espetáculos. Creio que estou ajudando e que não vou ser tão mal interpretado como da vez passada. Afinal de contas, os universitários com Valter de Oliveira, melhoraram, conseguindo dar um passo á frente, deixando bem para trás aquela desastrosa experiência com *As férias de Apolo*.

Desde julho, então, o Teatro de Amadores teve "férias forçadas", não só pela falta de palco, mas por conta de uma viagem de Valdemar de Oliveira à Europa. É curioso registrar que, de junho a julho, muitos novos conjuntos foram aparecendo nos noticiários da imprensa, no entanto, alguns nunca chegaram a estrear. Como parece ter sido o caso do Teatrinho, que Luiz Maranhão prometeu lançar após ensaios seguidos há meses com a peça *Rua Alegre, 12*, de Marques Rebelo, dirigida em parceria com Carlos Pousada (nome artístico de Ubirajara Mendes); ou mesmo o Teatro Mauricéia, o Teatro Experimental do Recife (surgindo somente em 1949), e o Grupo Dramático Israelita, este último prometido com *As Mulheres Não Querem Alma*, peça de Paulo Magalhães, sob orientação de Ficar Machman com colaboração de Genivaldo Wanderley. E ainda houve divulgação de atividades do Teatro dos Comerciários pelos subúrbios e a volta do Teatro Pernambucano, de Elpídio Câmara, e do Grupo Cênico Samuel Campelo (este, ao que parece, continuou inativo em 1948).

Elpídio Câmara



É Proibido Suicidar-se Na Primavera

Diferente mesmo foi o caso do Gremio Recifense de Comédias, sob direção do ator e autor Jomar Austregésilo, que estreou no Centro Educativo de Água Fria, com *A Filha do Acaso*, de José Austregésilo Filho e Luiz Loureiro, seguindo depois por outros centros educativos dos subúrbios. Tratando da periferia, vale destacar que, num pequeno anúncio do domingo 22 de agosto de 1948, o Cinema Gloria dava atenção a um filme para todas as idades: *Anão Gigante*, alta comédia com Bud Abbott e Lou Costello, de censura livre, para lembrar que criança também queria apreciar arte. Com o olhar para o interior, na cidade de Afogados da Ingazeira, ao final de agosto, a Companhia de Dramas e Comédias Olden Soares cumpriu mais de uma semana de apresentações no palco do Cine-Teatro Pajeú, com peças como *O Divino Perfume*, de Renato Vianna, *Pertinho do Céu*, de José Wanderley e Mário Lago, e *Os Transviados*, esta sem registro do autor. Em termos internacionais, o ator francês André Frère deu uma passada rápida pelo Recife, apresentando no dia 15 de setembro, no Teatro de Santa Isabel, espetáculo de poesias declamadas junto a uma peça intitulada *Une Comédie à Une Voix*, sob patrocínio da Associação de Cultura Franco-Brasileira.

O mês de setembro ainda seguiu com show da Rádio Clube de Pernambuco e desfile de misses pelo palco do Teatro de Santa Isabel, além de um festival em benefício do Hospital Evangélico, com o drama *Noite de Paz*, concertos, bailados e recitais, e até uma sessão plenária do Partido Trabalhista. Por outros palcos, o Grupo Infantil de Comédias ocupava o Cine-Teatro Olinda, no bairro do Feitosa (em agosto, por exemplo, havia montado *Inveja*, de Jomar Austregésilo, com Zito Vieira, Marly Rocha, Milton Miranda, Nize Rocha e Mário Guimarães, este último um dos fundadores do grupo, com a montagem *Recompensa de Um Sacrifício* agendada para setembro e a de *Episódios da Vida* para novembro, chegando até ali a 102 representações desde 1941); a Melpomene Pernambucana, ainda ensaiando a peça *Sinos de Olinda*, de Mário Sette, naquela cidade, sob direção de Antônio Machado; e

Dia 21 de Setembro ás 19,30 horas

— NO —

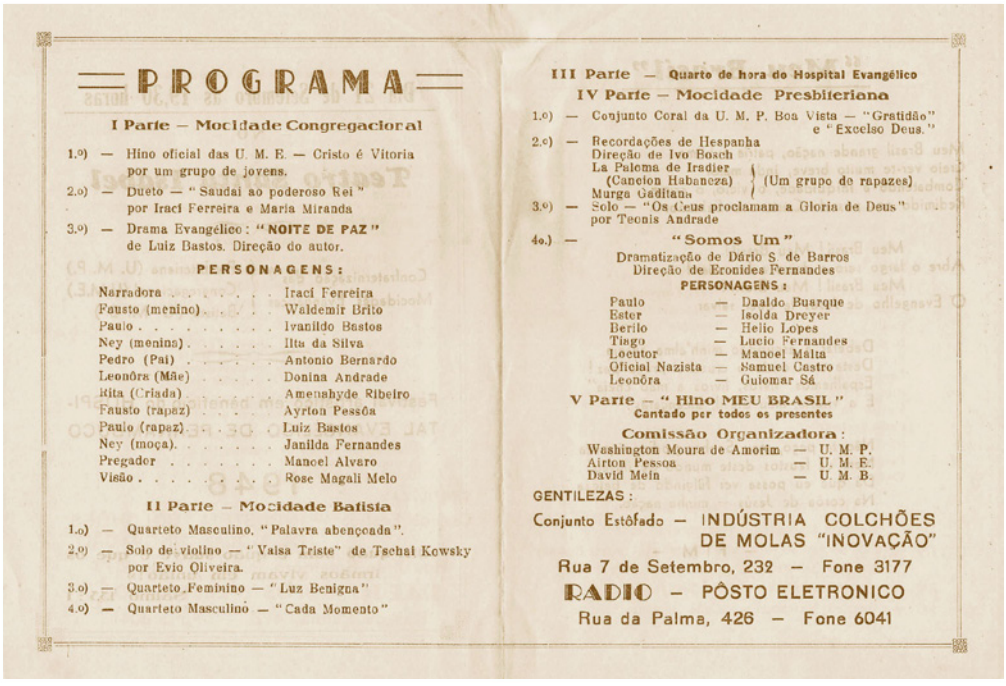
Teatro Santa Isabel

Confraternização das Mocidades Evangélicas { Presbiteriana (U. M. P.) Congregacional (U.M.E.) Batista (U. M. B.)

Festival artistico em beneficio do HOSPITAL EVANGÉLICO DE PERNAMBUCO

1948

«Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!»
Salmo 133 : 1



PROGRAMA

I Parte — Mocidade Congregacional

1.º) — Hino oficial das U. M. E. — Cristo é Vitoria por um grupo de jovens.
2.º) — Dueto — "Saudai ao poderoso Rei" por Iraci Ferreira e Maria Miranda
3.º) — Drama Evangélico: "NOITE DE PAZ" de Luiz Bastos. Direção do autor.

PERSONAGENS:

Narradora	Iraci Ferreira
Fausto (menino)	Waldemir Brito
Paulo	Ivanildo Bastos
Ney (menina)	Ilta da Silva
Pedro (Pai)	Antonio Bernardo
Leonôra (Mãe)	Donina Andrade
Itita (Criada)	Amenahyde Ribeiro
Fausto (rapaz)	Ayrton Pessôa
Paulo (rapaz)	Luiz Bastos
Ney (moça)	Janilda Fernandes
Pregador	Mancel Alvaro
Visão	Rose Magali Melo

II Parte — Mocidade Batista

1.º) — Quarteto Masculino, "Palavra abençoada".
2.º) — Solo de violino — "Valsa Triste" de Tschai Kowsky por Evio Oliveira.
3.º) — Quarteto Feminino — "Luz Benigna"
4.º) — Quarteto Masculino — "Cada Momento"

III Parte — Quarto de hora do Hospital Evangélico

IV Parte — Mocidade Presbiteriana

1.º) — Conjunto Coral da U. M. P. Boa Vista — "Gratidão" e "Excelso Deus."
2.º) — Recordações de Hespanha
Direção de Ivo Bosch
La Paloma de Iradier
(Cancion Habaneza) } (Um grupo de rapazes)
Murga Gaditana
3.º) — Solo — "Os Ceus proclamam a Gloria de Deus" por Teonis Andrade
4º.) — "Somos Um"
Dramatização de Dário S. de Barros
Direção de Eronides Fernandes

PERSONAGENS:

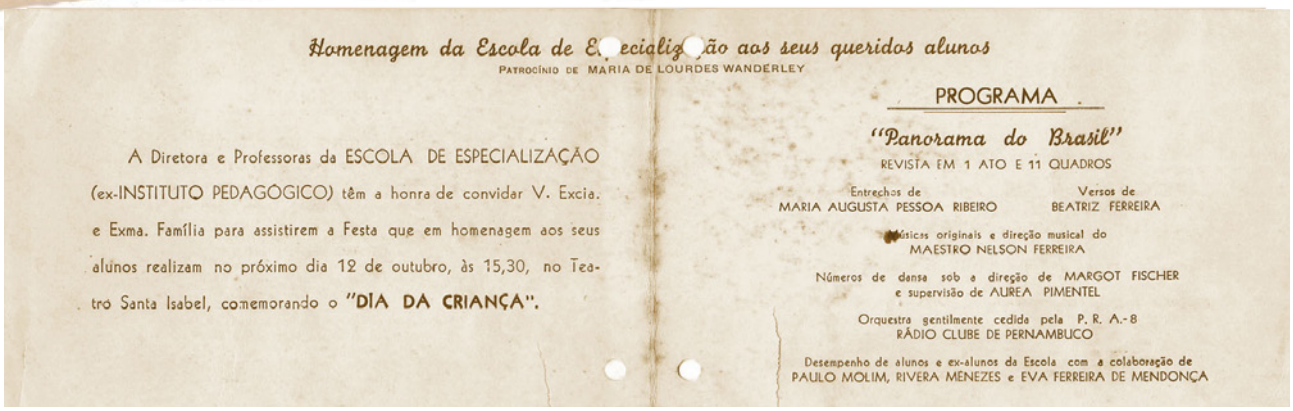
Paulo	— Dnaldo Buarque
Ester	— Isolda Dreyer
Berilo	— Helio Lopes
Tingo	— Lucio Fernandes
Locutor	— Mancel Malta
Oficial Nazista	— Samuel Castro
Leonôra	— Guiomar Sá

V Parte — "Hino MEU BRASIL"
Cantado por todos os presentes

Comissão Organizadora:
Washington Moura de Amorim — U. M. P.
Airton Pessoa — U. M. E.
David Mein — U. M. B.

GENTILEZAS:

Conjunto Estôfado — INDÚSTRIA COLCHÕES DE MOLAS "INOVAÇÃO"
Rua 7 de Setembro, 232 — Fone 3177
RADIO — PÔSTO ELETRONICO
Rua da Palma, 426 — Fone 6041



Homenagem da Escola de E[illegible]ecializ[illegible]ão aos seus queridos alunos

PATROCÍNIO DE MARIA DE LOURDES WANDERLEY

A Diretora e Professoras da ESCOLA DE ESPECIALIZAÇÃO (ex-INSTITUTO PEDAGOGICO) têm a honra de convidar V. Excia. e Exma. Família para assistirem a Festa que em homenagem aos seus alunos realizam no próximo dia 12 de outubro, às 15,30, no Teatro Santa Isabel, comemorando o "DIA DA CRIANÇA".

PROGRAMA

"Panorama do Brasil"

REVISTA EM 1 ATO E 11 QUADROS

Entrechos de MARIA AUGUSTA PESSOA RIBEIRO

Versos de BEATRIZ FERREIRA

Músicas originais e direção musical do MAESTRO NELSON FERREIRA

Números de dansa sob a direção de MARGOT FISCHER e supervisão de AUREA PIMENTEL

Orquestra gentilmente cedida pela P. R. A.-8 RÁDIO CLUBE DE PERNAMBUCO

Desempenho de alunos e ex-alunos da Escola com a colaboração de PAULO MOLIM, RIVERA MENEZES e EVA FERREIRA DE MENDONÇA

o Conjunto Cênico Estudantil, com sessões no Teatro Paroquial do Barro. Já o Teatro do Estudante de Pernambuco anunciou o lançamento de sua Barraca para o dia 11 de setembro de 1948, no Parque 13 de Maio, um teatro que deveria ser ambulante, inspirado em iniciativa do espanhol Federico García Lorca, como uma renúncia à sala de espetáculos oficial do Recife, o tradicional Teatro de Santa Isabel, mas a mesma só aconteceu no dia 18 daquele mês e num formato fixo. Mais detalhes à frente.

Novembro também marcou a estreia do Grupo Cênico Estudantil com o drama *Inveja*, de Jomar Austregésilo, sob direção de Vieira Filho, seguido da revista de bolso *Música Em Vários Tempos*, com um conjunto regional participando. Já o mês de dezembro viu a retomada do Grupo Teatral de Amadores (antigo Corpo Cênico 15 de Julho), departamento teatral do Atlético Clube de Amadores, ensaiando *A Carta*, peça de Aristóteles Soares, sob direção do jornalista Jaques Gonçalves, mas a estreia só aconteceu em abril de 1949. Ainda segundo o pesquisador Marco Camarotti no artigo "História do Teatro Para Crianças em Pernambuco" (s. d.), 1948 marcou o ano de inauguração do Departamento de Extensão Cultural e Artística (DECA), órgão da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco que, ao que tudo indica, foi uma evolução do Teatro Escolar lançado pela professora Maria Elisa Viegas de Medeiros. Tanto que uma de suas colaboradoras, a também professora e poetisa Celeste Dutra, ocupou o cargo de chefe do Setor Pré-Dramático daquela instituição, na qual revelou-se como autora de várias obras apresentadas, as revistas infantis *Retalhos Coloridos, Panorama do Brasil, No País do Sonho* (todas de 1948) e *Nossos Avós Contaram...* (1952), todas dirigidas por ela no Teatro de Santa Isabel.

Desde sua criação, o DECA manteve um Serviço de Teatro Escolar com peças interpretadas por crianças, adolescentes e adultos, estudantes e funcionários de

Aristóteles Soares

colégios recrutados, inclusive enveredando pelas linguagens do teatro de fantoches e do teatro de sombras. Com dezenas de peças encenadas por artistas como Maria José Campos Lima, Beatriz Ferreira e Walter de Oliveira, o grupo manteve-se ativo até 1966. Mais à frente, novos detalhes sobre os seus espetáculos. Aqui, vamos dar um pulo ao Rio de Janeiro para acompanhar a trajetória da obra que é um marco para o teatro infantil no Brasil, estreada em 1948: *O Casaco Encantado*, lançamento da carioca Lúcia Benedetti como dramaturga. Em termos profissionais, esta foi a primeira montagem teatral para crianças no país, já com atores adultos no elenco, pela companhia Os Artistas Unidos, sob direção de Graça Mello – em sua estreia nesta função – e Henriette Morineau, atriz e diretora francesa radicada em terras cariocas.

Henriette Morineau

No elenco, além dos próprios diretores, estavam Ambrósio Fregolente, Dary Reis, Flora May, Marta Castro, Nilson Penna, Jacy Campos, Nieta Junqueira, Lucile Perrone e Orlando Guy. A música foi composta pelo maestro Renzo Mazzarani e os figurinos e cenários, criações do ator Nilson Penna. O curioso é que esta peça infantil teve uma *avant-première* à meia noite, somente para artistas, intelectuais e jornalistas. Elogiada pela imprensa e pelo público, *O Casaco Encantado* conseguiu se manter em cartaz por mais de quatro meses, no Teatro Ginástico, com grande sucesso comercial na então capital federal do Brasil. Não era raro fazer quatro sessões diárias, às 14, 16, 18 e 20 horas.

Flora May

Marta Castro

Com esta primeira montagem teatral profissional para crianças, que revelou uma dramaturgia específica para o gênero sem o caráter didático tão presente naquele momento, a dramaturga Lúcia Benedetti foi aclamada como "revelação de literatura cênica" pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, que ain-

da concedeu o prêmio de cenógrafo estreante para Nilson Penna. No ano seguinte, ainda por este seu primeiro texto, Lúcia Benedetti, que escreveu outros sucessos como *Simbita e o Dragão*, *Branca de Neve* e *Josefina e o Ladrão*, conquistou o Prêmio Arthur Azevedo, concedido pela Academia Brasileira de Letras na categoria teatro. Em março de 1949 a peça *O Casaco Encantado* chegou ao Recife para curta temporada no Teatro de Santa Isabel, como única opção para crianças dentro do repertório da companhia Os Artistas Unidos, com montagens adultas em maioria. Mais detalhes no próximo capítulo desta pesquisa.

Lúcia Benedetti

Em setembro de 1948, no Recife, os integrantes do Teatro do Estudante de Pernambuco optaram por preparar uma montagem com bonecos para atingir pessoas de todas as idades. Segundo o pesquisador Luiz Maurício Carvalheira no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182), a peça escolhida foi *Haja Pau*, texto de José de Moraes Pinho, com música de Capiba e cenários, bonecos e "mise em scène" assinados por Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna e o titiriteiro popular Cheiroso. A estreia aconteceu no dia 18 de setembro, no lançamento da Barraca, projeto do arquiteto Hélio Feijó. Mas, por força de sua construção pela Base Naval do Recife, que a fez pesada e de grandes proporções, este teatro manteve-se fixo no Parque 13 de Maio. O evento de inauguração reuniu público estimado em três mil pessoas, com presença especial do escritor Paschoal Carlos Magno, posteriormente participando de uma sabatina teatral.

O TEATRO DOS DOZE
APRESENTA
A SEGUNDA PEÇA INFANTIL DE
Lucia Benedetti:
SIMBITA E O DRAGÃO
EM TRÊS ATOS, SENDO
O LIVRO DE HISTÓRIAS.....Tarcisio Zanotta
SACY PERERÊ.....Luiz Linhares
O PIRATA DA PERNA DE PAU....Sergio Brito
SIMBITA.....Sergio Cardoso
FORMIGUINHA.....Wilson Grey
A RAINHA DO FUNDO DO MAR..Rejane Ribeiro
O MINISTRO.....Antonio Ventura
O ESCRAVO.....Elisio de Albuquerque
O DRAGÃO.....Jaime Barcellos
A FADA ROXA.....Zilah Maria
Cenarios e figurinos de Sergio Cardoso, executados por Antonio de Souza e pintados por todo mundo...
Caracterisações de José Jansen
Sonoplastia de Wilson Grey, sob gravações de Armando Madureira
Direção de Ruggero Jacobbi
Assistente: Sergio de Brito

Ariano Suassuna

Para aquela noite de estreia, o programa apresentado constava de um espetáculo em dois atos, sendo a primeira parte a peça de mamulengo *Haja Pau*, baseada numa lenda nordestina, com música de Capiba. Ainda no livro *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco* (1986, p. 182.), registrou Luiz Maurício Carvalheira:

> Os bonecos representavam num pequeno palco, colocado no centro da Barraca, e eram manipulados por Maria Tereza Leal, Epitácio

Inauguração de A Barraca, com Paschoal Carlos Magno ao canto

Gadelha, Dulce Cavalcanti e Gilberto Borba, que trabalhavam sob a direção de Aloísio Magalhães, responsável por este "Departamento de Bonecos" do TEP.

Seguiram-se números musicais e declamações, inclusive poemas de Lorca, ainda na primeira parte do ato variado. No segundo e último momento foi representado o texto adulto *Cantam as Harpas de Sião*, de Ariano Suassuna, dirigido por Hermilo Borba Filho, com cenários e figurinos de Aloísio Magalhães, efeitos de luz de Salustiano Gomes Lins, e José Laurênio de Melo como ponto. No elenco, Edson Nery da Fonseca, Ana Canen, Luiz Espíndola, José Guimarães Sobrinho e Genivaldo Wanderley. Num longo artigo especialmente escrito para o *Diario de Pernambuco* (22 de setembro de 1948), para a coluna *Teatro*, a convite do crítico J. B., Paschoal Carlos Magno, convidado especial a vir assistir à estreia da Barraca, não se furtou a fazer reparos e críticas elogiosas aos espetáculos lá apresentados:

> A peça em um ato *Cantam as harpas do* (sic) *Sião* do sr. Ariano Suassuna revela um ator (sic). Sabe, com inteligencia, apresentar personagens desnovelando uma historia no seu dialogo, que é rico de vocabulario e substancia poetica. Obteria maior rendimento teatral se quizesse (sic) cortar determinadas falas, que, se valem como efeito verbal, perturbam a unidade do todo, tornando-o aqui e ali monotono. Creio que o sr. Ariano Suassuna andou errado quando prolonga a ação utilizando-se de meios exteriores, como aquele quando o desertor pede a Maria que reze e continue

Cantam as Harpas de Sião

a falar, deblaterando os fazedores de guerras, coisa já por ela anunciada anteriormente. O ato perde em força, intensidade dramatica, dai em diante. Seria mais acertado que os dois, solucionado diante do publico seu conflito sentimental, se dessem as mãos e saissem lentamente de cena, partindo para a grande viagem, de rumo desconhecido, que os aguardava lá fóra, com soldados á espera, de tambores rufando. *Cantam as harpas do* (sic) *Sião* enfraquece-se com a pirotecnica sonora do herói e as lamentações de Maria, desde que, não havendo outros recursos para a fuga, a não ser aqueles da morte pelo martirio, insiste o sr. Suassuna em obrigá-los a falar, repetindo-se e pior do que isso, repetindo as situações. Essas falhas são perdoaveis no trabalho de um estreante, que se mostra dono de imenso talento e que se quizer (sic), com estudo, perseverança, poderá brevemente ocupar um lugar dos mais amplos entre nossos primeiros dramaturgos. A peça serviu para estreia da *Barraca* do Teatro do Estudante de Pernambuco. Neste palco improvisado, o sr. Hermilo Borba Filho, como diretor, criou um milagre: o de ampliar a cena, com efeitos luminosos. Surpreendente o bom gosto do sr. Hermilo Borba Filho não só na distribuição de luzes como no inteligente uso de cortinas e do elemento decorativo de uma só porta e na significação, poetica e profunda da vela permanente acesa no quarto do morto, como que alumiando o prisioneiro invisivel. Ana Canen é uma atriz de futuro. Tem tudo para ocupar, caso o deseje, posição alta no nosso teatro profissional: figura, voz, mascara, sensibilidade. Os srs. José Guimarães Sobrinho e Luiz Espindola desincumbiram-se com discrição e acerto. Mas que belo ator há no sr. Genivaldo Vanderlei (sic)! Dono de uma voz rica de gradações, sabe comunicar a emoção de seu personagem. [...] Esse quase menino que é Genivaldo Vanderlei (sic) me deu uma impressão igual a recebida na noite de estréa de *Hamlet*, assistindo a interpretação de Sergio Cardoso. Como *Anunciador*, o sr. Edson Nery da Fonseca soube dizer poesia sem enfado, naturalmente, valorizando-a pelo seu conteudo sem acentuar esta ou aquela palavra. Os figurinos do sr. Aloisio Magalhães, tambem responsavel pelos cenários, o recomendam como um artista de sensibilidade.

Neste mesmo artigo, Paschoal Carlos Magno reportou-se à primeira parte do programa, quando foi apresentada a peça de bonecos *Haja Pau*, de José de Morais Pinho, com música de Capiba, num pequeno palco colocado ao centro do palco da Barraca. Continuou ele:

> Os bonecos povoaram os três curtos átos de graça, que o texto bem feito soube condensar. Não só as crianças, mas tambem os adultos divertiram-se com essa peça que bem podia ser para atores de verdade quanto para atores de carne e osso. Louve-se tambem a mão silenciosa e anonima do estudante sr. Salustiano Gomes Lins que, provando a versatilidade do brasileiro, iluminou a *Barraca do Teatro do Estudante de Pernambuco*, com um conhecimento de tecnica no assunto, como se esse estudante de medicina, ocupado em problemas de psiquiatria, fosse um importado de teatros alemães ou russos, onde a luz é um dos principais, senão o principal elemento da representação. Louve-se tambem os estudantes Maria Tereza Leal e Epitacio Gadelha que articulam os bonecos de *Haja pau*, com precisão, sublinhando o que dizem com movimentos de imenso efeito comico. Louve-se sobretudo o espírito desse grupo de moços, liderado pelo sr. Hermilo Borba Filho, que levantaram, com auxilio do governador Barbosa Lima Sobrinho e da Base Naval do Recife a barraca da praça treze de Maio e a vestiram com cenarios, luzes, sua emoção interpretativa. E não fatigados de serem operarios como carpinteiros, serradores, eletricistas, interpretes, encontrei-os antes e depois dos espetaculos de sabado limpando os adereços, varrendo o chão. Moços como esses, capazes de tanto sacrificio por um belo ideal, redimem certos homens que nos governam, como o prefeito Morais Rego, que lhes negou um auxílio de vinte e quatro mil cruzeiros para doar, dias depois, somas muitas vezes maiores do que essa a batedores de bola.

No *Diario de Pernambuco*, o crítico J. B. foi enfático: "Que o povo recebeu bem a barraca, não resta a menor duvida: a repetição do espetaculo, no domingo, foi a confirmação do sucesso da vespera, vamos dizer a consagração definitiva". Valdemar de Oliveira tam-

bém se reportou à iniciativa do Teatro do Estudante e, mais uma vez, fez questão de reforçar que não era um inimigo das ações da estudantada, ainda que descrente dos seus resultados na prática. Eis o que relatou no *Jornal do Commercio* (23 de setembro de 1948):

> Quando, há quase três anos, o Teatro do Estudante anunciou o seu propósito de percorrer as feiras, as praças dos arrabaldes, os pátios de fábricas, etc., representando sôbre caminhões, descri de que levasse avante o seu plano e escrevi um *A propósito...* em que, embora descrente, lhes desejava, da praia de onde os via ganhar o mar alto, boa viagem. Tenho, ainda, entre meus papéis, essa cronica, que foi considerada, desde logo, como uma atitude de hostilidade para com o grupo que se iniciava empolgado por tantos entusiasmos. Sucedeu o que eu previ: o caminhão nunca veio a furo e, certamente, não virá mais. Sucedeu-o, porém, a "barraca" há dias inaugurada e isso já é outra coisa em que se pode confiar. [...] Sinceramente espero que ela resolva os muitos problemas que têm entravado a marcha do Teatro do Estudante na consecução do seu programa de teatro para o povo. Já não haverá, agora, dificuldades de local de exibições: a "barraca" será transportada daqui para ali, com relativa facilidade, e nós vamos ter, em consequência, um teatro ambulante que é fator ponderável na difusão do teatro entre as camadas mais pobres da população. [...] Disse-o, e repito: louvo em todos os tons essa iniciativa, embora ainda um tanto cético quanto aos seus resultados práticos. [...] Um teatro ambulante substitue (sic) dezenas de teatros que quisés-semos construir por todo o Recife. E' uma solução que comporta outras. Merece, pois, ser amparado para que a gente pobre tenha à porta de sua casa nos subúrbios, por assim dizer *à la minute*, o teatro que não tem tido. Esperemos que agora se dupliquem as fôrças do Teatro do Estudante. Quanto a mim, mais uma vez lhes digo, com a maior sinceridade: boa viagem.

Novas sessões aconteceram nos dias 9 e 10 de outubro de 1948, ainda na Barraca. Utilizando a carroceria de caminhões, o mesmo programa foi levado, posteriormente, a diversos subúrbios da capital pernambucana – como no núcleo do SESI de Santo Amaro, no Núcleo do SESI da Mangueira e na Destilaria do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife – e cidades do interior como Catende, que pôde apreciar ainda *A Casa de Rosmer*. O convite partiu da Usina de Catende e daquela Prefeitura Municipal. Entre outros lugares, *Haja Pau* ainda foi apresentado no Largo de Casa Forte e no Colégio Anchieta. O texto da peça, inclusive, foi publicado na íntegra no jornal *Folha da Manhã*, em 15 de agosto de 1948, na capa da 2ª Secção.

Interessante foi o comentário que Hermilo Borba Filho fez em sua coluna *Fora de Cena*, na *Folha da Manhã – Vespertina* (6 de agosto de 1948), sobre a possível vinda ao Recife do Teatro de Bonecos do

Departamento de Bonecos do TEP

Instituto Pestalozzi, citando, ainda, uma iniciativa particular de um amigo teatrólogo que lhe chamou a atenção:

> Aqui mesmo já existe uma tentativa bem interessante de um Teatro de Bonecos. Refiro-me ás funções que o teatrólogo Berguedoff Elliot oferece em sua residência a (sic) criançada da vizinhança, lá em Casa Amarela, apresentando peças curtas, de preferência musicadas, lançando mão de efeitos de luz, de cenários apropriados, de tudo quanto possa deslumbrar as crianças. Começou pela necessidade – disse-me êle – de desviar a atenção da sua filha de uma literatura não muito boa. Ótimo substitutivo[.] E dessas reuniões domésticas, o Berguedoff fazendo tudo, já se estendeu pelos conhecidos e vizinhos. Dia de sábado a sala de estar do nosso amigo fica cheia de crianças curiosas e interessadas no espetáculo. Está, assim, Berguedoff Elliot, prestando um serviço ao bom gôsto artistico da futura-gente-grande. É um exemplo digno de imitação. [...] Para gente grande e para gente pequena Os (sic) bonecos são uma necessidade.

Antes da pretensa estreia do segundo espetáculo preparado pelo Departamento de Bonecos do TEP, que reunia três peças curtas e inéditas de autores pernambucanos com sessão agendada na Escola Industrial da Encruzilhada, no domingo, 19 de dezembro de 1948, para uma plateia de sócios contribuintes do grupo, Hermilo Borba Filho escreveu um outro comentário na Folha da Manhã – Vespertina (16 de dezembro de 1948) sobre a dramaturgia a ser revelada:

> Pelopidas Soares, de Catende, aparece, pela primeira vez, em cena, com a sua *O galo capeta*, baseado numa lenda nordestina. Não será exagero dizer-se que ele possue (sic) boas qualidades, principalmente manejando uma historia tão de sabor regional quanto esta que escreveu, onde a credulidade da gente do povo se alia, também, á eterna desconfiança conjugal. A outra peça – *Mãe da lua*, de José de Morais Pinho – confirma as virtudes do autor de *Haja pau*, que se deveria especializar em peças para bonecos, pois ele possui a justa dose para esse genro (sic) de espetaculos. Continuando a minha tentativa de teatralizar as assombrações do nordeste, iniciada com o *Auto da mula de padre*, apresentarei *A cabra cabriola*, com musica de Capiba, onde procurei caricaturar o bicho que come menino, aligeirando a lenda, tornando-a quase uma farsa. Cumprimos, com esse espetaculo de sabado, a promessa de aproveitar os assuntos do povo, valorizando-os e fazendo-os voltar ao meio de onde se originaram.

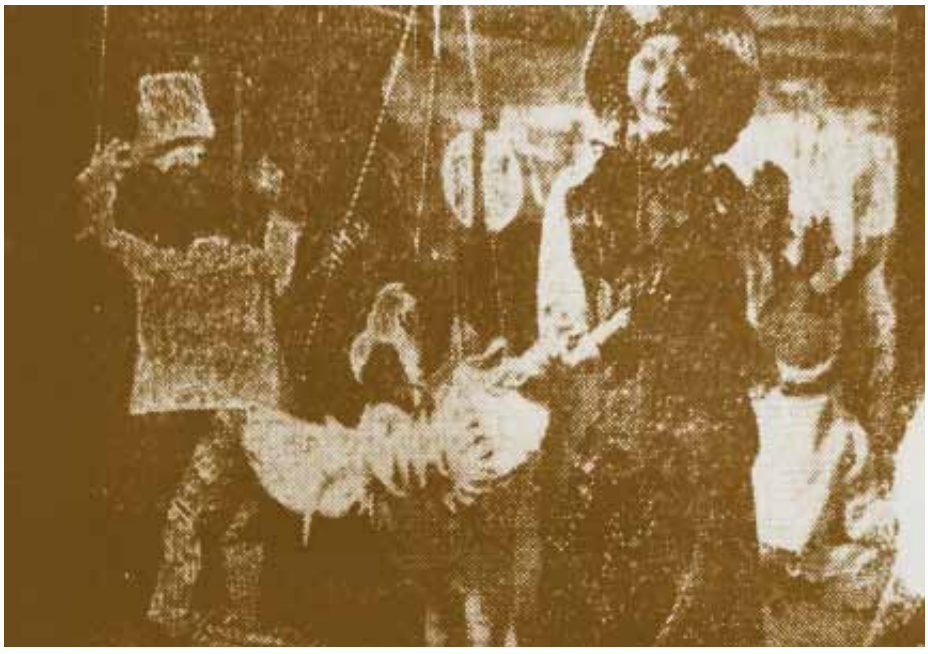
Na ficha técnica, constavam cenários de Aloísio Magalhães, luz de Salustiano Gomes Lins, bonecos de Cheiroso e, tomando parte na representação, "fazendo as vozes dos bonecos", Ariano Suassuna, Gilberto

Departamento de Bonecos do TEP

Departamento de Bonecos do TEP

Freire Borba, Alaíde Portugal, Ana Canen, Genivaldo Wanderley, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho, Gilvan Barbosa, Gastão de Holanda, Fernando Maranhão e Francisco Sepúlveda. A questão é que a apresentação foi adiada para janeiro, devido Aloísio Magalhães encontrar-se adoentado, conforme notícia no *Diario de Pernambuco* (17 de dezembro de 1949), na coluna *Teatro*, mas, ao que tudo indica, esta estreia nunca aconteceu. Tanto que, pouco depois, com a ida de Aloísio Magalhães ao Rio de Janeiro por um bom tempo, o Departamento de Bonecos do TEP, que estava sob sua coordenação, foi desativado. Em 1952, os três textos ganharam nova montagem pelo grupo, agora somente com atores no palco. Coincidência ou não, pouco após a estreia da primeira experiência de bonecos pelo TEP, ainda em 1948 chegou ao Recife o Teatro de Marionetes, do Rio de Janeiro, sob orientação de Eros Martim Gonçalves, Maria Helena Amaral e Silvia Watson. A curta temporada, patrocinada pela Diretoria de Documentação e Cultura, deveria acontecer no Círculo Católico, mas acabou transferida para a Escola Industrial da Encruzilhada.

Além dos espetáculos para adultos, as crianças também tiveram sessões dedicadas a elas, com a encenação de *Diálogos da Mofina Mende*s, de Gil Vicente, além de números variados, com canções e danças populares (frevo e gafieira) interpretadas pela bonecaria. Reconhecido por sua paixão pela plasticidade, o pernambucano Eros Martim Gonçalves, diretor, figurinista, cenógrafo e bonequeiro cuja formação aconteceu na Inglaterra, onde estagiou na Companhia Old Vic, há muitos anos estava radicado no Rio de Janeiro. É ele quem vai assinar cenários, luzes, pertences e figurinos para a montagem de *A Casa de Bernarda Alba*, de Federico García Lorca, um dos grandes sucessos do Teatro de Amadores de Pernambuco, cuja estreia aconteceu no dia 7 de dezembro de 1948, no Teatro de Santa Isabel,



Teatro de Marionetes, do Rio de Janeiro

aproveitando sua estada com o Teatro de Marionetes no Recife. A direção era de Valdemar de Oliveira. Em 1955, Eros Martim Gonçalves foi um dos fundadores da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

A Casa de Bernarda Alba chamou muita atenção também porque, pela primeira vez, o elenco era totalmente feminino, composto por quatorze senhoras e senhorinhas da sociedade, o que para Valdemar de Oliveira traduz a destruição do preconceito teatral na cidade. Atuavam Margarida Cardoso, Maria do Carmo Regueira Costa, Laís Macedo, Nacy Pereira de Luna, Nina Salazar, Esmeraldina H. Cavalcanti, Júlia Gomes da Silva, Carminha Carvalho, Bebé Salazar, Edésia Bancovsky, Bibi Nogueira, Vicentina Freitas do Amaral, Geninha Sá da Rosa Borges como Adélia, e Diná Rosa Borges de Oliveira como Bernarda. A música foi composta pelo maestro Felipe Caparrós, com sugestões de Leitão de Barros, e a tradução da obra foi feita por Maria Rosa Ribeiro. Valdemar de Oliveira assinou a direção geral da montagem, Aníbal Mota era o "eletricista", Francisco Miranda o contrarregra, José Barros e João Alves os maquinistas, e Abelardo Cavalcanti continuou como ponto. Esta foi a segunda encenação de um texto de Lorca no Recife, pois em 31 de janeiro de 1947 o Teatro do Estudante de Pernambuco já havia estreado *A Sapateira Prodigiosa*, sob a direção de Hermilo Borba Filho, no Auditório da Escola Técnica do Recife.

A Casa de Bernarda Alba, até hoje considerada a maior prova artística do Teatro de Amadores, resultou no mais completo sucesso, com renda voltada à Campanha Pró-Infância. A repercussão positiva foi tanta, que até mesmo um crítico rigoroso com as montagens do grupo, como Júlio Barbosa, registrou no *Diario de Pernambuco* (8 de dezembro de 1948):

> Sem medo de cometer uma injustiça, pode-se afirmar que foi o melhor trabalho do mais antigo conjunto amadorista do Recife. Tremendo

A Casa de Bernarda Alba

conflito de almas, ou melhor, de carnes torturadas pelo desejo mais natural do mundo, a peça revela uma faceta ainda desconhecida do publico brasileiro na vasta obra do poeta espanhol, que Franco mandou assassinar. Nenhum homem em cena; mas nada obstante, desde que se abre o velario até a cena final do ultimo ato, todos os homens estão mais do que presentes, personificados na figura de Pepe Romano, flagelando a mente das cinco filhas de Bernarda Alba. No seu rigorismo exagerado e sem nome, a personagem que dá o titulo á peça, estrangula nas filhas todos os pensamentos que se relacionam com o sexo oposto, sobretudo guiada por um orgulho de familia e de casta, que é a sua maior preocupação. E leva seus rebentos, mulheres tanto quanto ela propria, ao desespero inominavel de uma reclusão forçada, que concorre de maneira espetacular para o tragico desfecho do drama com o suicídio de Adelia, a figura mais impressionante do enredo, magistralmente vivida pela sra. Geninha Sá. Um belo trabalho, o desempenho dessas senhoras e senhoritas, que compõem o elenco, visto do conjunto. Empolgante a peça de Lorca, somente agora conhecida no Brasil. [...] Os cenarios, figurinos e efeitos de luz de Eros Gonçalves, admiraveis, bem como todos os accessorios, que integraram a representação de ontem. Assisti, realmente, a um bonito espetáculo do Teatro de Amadores.

A Casa de Bernarda Alba

Como nota divertida, vale reproduzir o que Valdemar de Oliveira publicou no *Boletim Teatral de Contraponto* (abril de 1949, s. p.) sob o título "Mentalidade": "Frase de um inimigo encapuzado do Teatro de Amadores, ao fechar-se o velário sobre a última cena de *A casa de Bernarda Alba*, na noite de sua estréia: – Estou triste! Foi um belo espetáculo!". Comentários ácidos à parte, Hermilo Borba Filho, outro entusiasta da montagem, escreveu mais detalhadamente sobre o trabalho de interpretação da peça, entre outros detalhes, para a *Folha da Manhã* (9 de dezembro de 1948):

> Numa má tradução de Maria Rosa Ribeiro, o Teatro de Amadores de Pernambuco deu-nos, ontem, ante-ontem, uma boa montagem e interpretação da última das peças de Lorca, escrita pouco tempo antes de seu fuzilamento, aquela que um crítico já classificou como o "drama da virgindade", descendendo em linha reta da mais pura tradição do "drama de honra", na Espanha, apenas substituida a figura do pai [...] pela figura da mãe [...]. O simbolismo e a poesia estão aqui, sem duvida alguma, muito acima da substancia humana encerrada no personagem. [...] O que perde em humanidade, Bernarda Alba ganha como representação de uma raça. A protagonista da obra de Lorca não é outra coisa que uma representação de Castelha. Castelha, como Bernarda, quis sempre que os seus filhos pusessem a todo

o momento a honra acima da vida. [...] A atmosfera que faltou nos dois primeiros atos, transmitindo-se mais pelas palavras do poeta do que propriamente por um "clima", talvez pela luminosidade excessiva do "interior", foi, completamente atingida no terceiro ato, quase perfeito como intenção e representação, valendo ressaltar, sem restrição de qualquer espécie e com todos os elogios, o magnifico cenário idealizado por Eros Gonçalves e a excelente distribuição de luz. Quantos aos intérpretes, sem desejar analizar (sic) os demais, quero salientar o acêrto com que se houveram Margarida Cardoso ("Poncia"), sensivelmente melhorada, agora com uma direção inteligente: Carminha Carvalho ("Augústias"), de grande verdade artística quando deixa transparecer o recalque da solteirona; Geninha Rosa Borges ("Adélia"), ótima na explosão do terceiro ato, sem dramaticidade exagerada e, sobretudo, com um grande poder de convicção, isto provindo talvez da crença da intérprete no personagem que encarnou; e, finalmente, Diná de Oliveira ("Bernarda"), dona de uma sensibilidade artística raras vezes presente em interpretes, transbordante, o que talvez a tenha conduzido a dizer as palavras com muita violência, com muita exuberancia de gestos. Pessoalmente preferiria que o domínio de Bernarda sôbre as filhas e agregados se exercesse mais pela força moral, pela violência concentrada, de que pelas explosões. Isto, entretanto, não

A Casa de Bernarda Alba

Federico García Lorca

desmerece, absolutamente, o trabalho da atriz, porque afinal de contas êle se baseou num desenho de tipo, perfeitamente dentro da justeza psicológica, o que nada altera a conduta do personagem, valendo como uma concepção do diretor, a quem de justiça deve-se reconhecer honestidade de propositos na transmissão do ambiente, da ação e dos valores poéticos de Garcia Lorca. Reservo um lugar especial á Vicentina Freitas do Amaral ("Maria Josefa"), ao desempenhar-se muito bem do dificil papel que lhe confiaram. Desde *Oriente e Ocidente*, de Maugham, que Vicentina Freitas do Amaral não havia tido oportunidade de conquistar a plateia da maneira como o fez, ganhando justamente aquela salva de palmas na cena do terceiro ato. O limite entre a demência e o ridiculo é quase nenhum e aí reside o vigor da interprete, não se levando em conta a risada de meia duzia de ignorantes que deve ser considerada uma homenagem e não uma desfeita a essa amadora. Lorca, meu irmão, garanto-te que continuas vivo, com a tua poesia e o teu teatro. Não há prova melhor do que a representação que assisti, ante-ontem, da tua *Casa de Bernarda Alba*.

Defendendo sua atriz e esposa, Diná Rosa Borges de Oliveira, Valdemar de Oliveira escreveu para o *Jornal do Commercio* (16 de dezembro de 1948):

Na composição do tipo de Bernarda, que uns acharam por demais envelhecida, outros por demais violenta, é preciso lembrar que os seus 60 anos são os de uma mulher duramente vivida, mulher-homem da casa, a que os espanhóis chamam de "mujer solariega" em que a crueldade tem lentamente comido o coração,

> e os desgostos, fundamente cavado o rosto. Quanto à ênfase e à violência de suas apóstrofes, é absolutamente impossível esquecer que ali não se traça um tipo de mulher anglo-saxã. O temperamento medieval é exuberante, derramado, selvagem. Espanhóis e italianos falam alto, gesticulam, movem-se, deblateram, sendo, sempre, um espetáculo vivo de expressão fisionômica, de atitudes agrestes, de falar imperativo, de explosões sentimentais.

Aquela questão das risadas do público numa obra tão trágica incomodou a meio mundo de gente, mas a cronista Flora Machman tentou esclarecer o ocorrido em um de seus escritos para a *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (10 de dezembro de 1948):

> Peça forte, de situações brutais, por vezes, *A Casa de Bernarda Alba*, de Garcia Lorca, [...] provocou, nas passagens mais violentas e dramáticas – como a da fala de *Maria Josefa*, a louca, admiravelmente interpretada por Vicentina do Amaral e quando das frequentes disputas entre as irmãs, apaixonadas pelo mesmo homem – gostosas rosadas do elegante público que acorreu ao Santa Isabel para apreciar, de perto, as qualidades artísticas de senhorinhas da nossa melhor sociedade. Que não se diga que foi a plebe das torrinhas, provavelmente mais pobre e mais inculta do que os felizardos das poltronas, que riu, quando *Adélia*, magnífica figura muito bem incarnada (sic) por Geninha Sá da Rosa Borges, dá vasão (sic) a seus impulsos recalcados. "Meu corpo é meu e hei de dá-lo a quem quiser!" Riu toda a gente. [...] Achar graça, porém, em *A Casa de Bernarda Alba*, onde se debatem personagens estranhas e profundamente trágicas, é fenômeno digno de estudo. Pode se gostar ou não da peça, sentir ou não o torvelinho daquelas almas que a tirania de uma mãe tentava dominar. É verdade que a tragédia, por mais paradoxal que isto seja, tem seu lado cômico, ridículo. Seria risível a ânsia daquelas mulheres, em êxtase pelo simples ouvir o canto dos trabalhadores do campo, se não fosse tão cruel, tão humano.

A Casa de Bernarda Alba

Com as quatro sessões de *A Casa de Bernarda Alba*, o Teatro de Amadores chegou ao auge de sua qualidade artística desde 1941, prestigiado pelo público e quase por unidade pela crítica de então. No total, o grupo liderado por Valdemar de Oliveira promoveu cinco novos trabalhos em 1948, com vinte e oito récitas. Já o Grupo Cênico do Colégio Marista organizou uma homenagem aos ex-alunos da instituição de ensino e a seus familiares, no dia 8 de dezembro de 1948, com o drama *O Pequeno Volantin*, no Salão-Teatro dos Maristas. No dia 11, foi a vez do Grêmio Recifense de Comédias, que obedecia a orientação artística do ator, autor e cantor Jomar Austregésilo, estrear no "teatrinho íntimo" da rua Castro Alves, no bairro da Encruzilhada, a alta comédia de Silvino Lopes, *Ladra*. No elenco, Jomar Austregésilo, Alcides Barata, Romero Cunha, Jomira Austregésilo e Terezinha Vieira. A apresentação fez homenagem ao senhor José Vieira, sócio benemérito do Conjunto Teatral Castro Alves, colaborador e defensor do teatro naquele subúrbio.

A Jazz Pipiu trocou ao final, seguida da comédia *Faço Qualquer Gênero*.

Já no dia 19, a sessão foi de *Sururú Em Família*, comédia do próprio Jomar Austregésilo, contando com ele e mais Carlos Fonseca Filho, Alcides Barata, Jomira Austregésilo, Carmen Lopes e Martinha Silva no elenco. Depois de assistir a um desses espetáculos do Grêmio Recifense de Comédias, o crítico J. B. deu ainda mais estímulo a eles no *Diario de Pernambuco* (21 de dezembro de 1948):

> Jomar [Austregésilo] é um desses rapazes esforçados, que dão até a vida pelo ideal que abraçam. Filho de ator e autor teatral, desde menino que convive nos meios cenicos, ora tomando parte em espetaculos, ora como simples espectador [...] E para dar maior expansão ao seu amor à cena, criou um grupo teatral, a que deu o nome de Gremio Recifense de Comedias. Em consequencia, quasi todos os suburbios do Recife e algumas cidades do interior conhecem seu conjunto e suas peças. Está claro que não vou aos extremos de afirmar que o conjunto é homogeneo: que está prefeitamente (sic) integrado dentro desse movimento de renovação da cena brasileira, observado em todo país, sobretudo em Pernambuco, onde se procura desenvolver mais e mais o gosto pela arte de representar. Mas tambem não se encontra tão distanciado assim, que possa ser considerado à parte, ou mesmo subestimado o seu trabalho. Ao contrario, o labor desse moço idealista e seu grupo, pode ser classificado de "sapa", isto é, o que vai na frente abrindo o caminho, desbravando, lançando a semente que frutificará cem por um depois.

O palco do Teatro de Santa Isabel, no dia 14 de dezembro de 1948, serviu também para o Grupo Infantil de Comédias mostrar a peça *Recompensa de Um Sacrifício*, texto e direção de Waldemar Mendonça, em benefício de uma viúva pobre com cinco filhos menores. Um ato variado encerrou a apresentação, tendo a participação, entre outros, do garoto tenor Milton Miranda entoando canções de Vicente Celestino. No dia seguinte, o movimento cênico conferiu o lançamento do Conjunto Teatral da Base Aérea do

Waldemar Mendonça

Recife, local que pela primeira vez recebia uma apresentação teatral com participação de cabos e soldados, além de senhoritas da sociedade recifense. O evento prestou homenagem a todos os militares e civis da Aeronáutica e suas famílias. A peça escolhida foi *Ladra*, de Silvino Lopes (texto bastante cotado naquele final de ano), com Nina Rosa de Lira, Marilurdes de Almeida, Zaldo Just, Valdo Lima e José Vandeli de Araújo Almeida na interpretação, sendo este último cabo e diretor da proposta. Um ato variado abriu a apresentação, que foi encerrada com uma apoteose intitulada *Tudo Isso é Brasil*. O crítico J. B. publicou no *Diario de Pernambuco* (24 de dezembro de 1948): "Pessoas que nunca viram um palco senão de longe, sem uma orientação experimentada, não podiam fazer mais do que fizeram. E acho que, em face das circunstancias, foram além da expectativa".

O Teatro de Santa Isabel ainda recebeu uma nova produção infantil naquele mês de dezembro, *Harmonias e Vibrações*, pelo Instituto Nossa Senhora da Conceição, além da temporada de seis apresentações da companhia do ilusionista Hong-Chú. E para encerrar suas atividades de 1948, o Grupo Infantil de Comédias apresentou no dia 19 de dezembro a peça *Papai Noel*, texto e direção de Waldemar Mendonça, no palco do Cine Teatro Olinda, no Feitosa. Os cenários foram confeccionados pelo pintor João Pimentel, com controle de som de Artur Magalhães, maquinaria de Lídio Guimarães, e Abelardo Cavalcante como ponto. No elenco, Maria de Lourdes

Olegário Fialho

Barreto Júnior

Oliveira, Olegário Fialho, Zito Vieira, Dirceu Pessoa, Marly Rocha, Valderez Pessoa, Heraldo do Monte e Nize Rocha. Mais uma vez a proposta foi finalizada com um ato variado reunindo vários artistas da equipe, como Inalda Ferreira e o garoto tenor Milton Miranda. Pena que, até aquele momento, a subvenção prometida pela Prefeitura do Recife ainda não havia sido liberada.

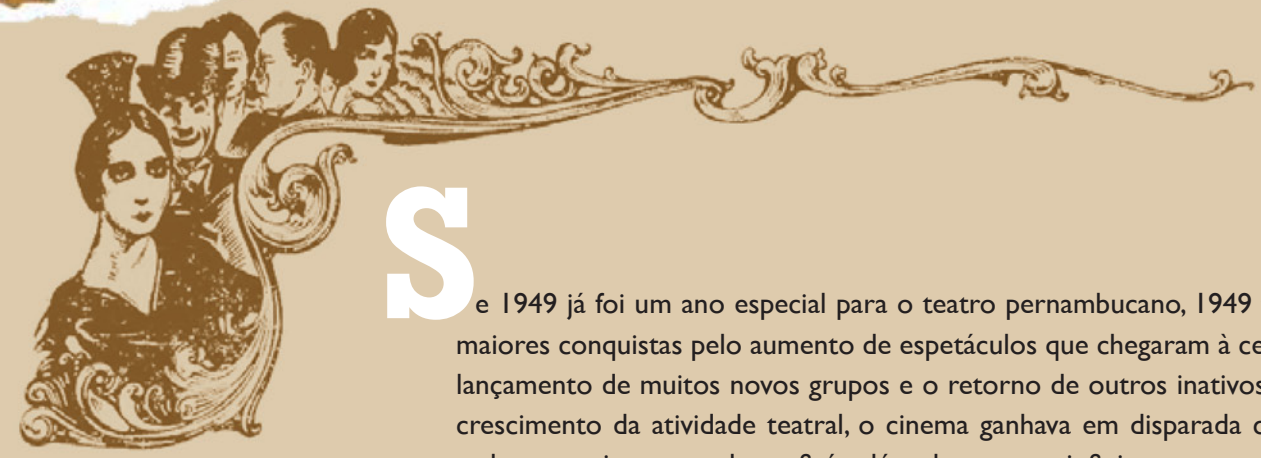
Ainda há registro de uma outra montagem para crianças no Teatro de Santa Isabel no final de 1948, *Tudo é Brasil*, revista infantil de autoria da professora *Maria Augusta Pessoa Ribeiro, com alunos do Grupo Escolar Amaurí de Medeiros*, já vista naquele palco também no ano anterior, além de dezenas de outras festas de arte musical, concertos avulsos e audições escolares. Sobre o teatro profissional visto em 1948, Valdemar de Oliveira não poupou quase ninguém em sua coluna no *Diario da Noite* (22 de janeiro de 1949):

> O teatro profissional, em 1948, no Recife, promete aparecer em grande forma. Convenhamos em quão mal servidos fomos, nesse particular, no ano passado. Mário Brasini e Milton Carneiro nos trouxeram um bom teatro, sem dúvida, honestamente apresentado. Tinha, porém, ainda, algum açúcar-candi e o vago cheiro que sentimos em livros de velhas edições. Velhas de ontem – e, até, velhas de... hoje. O resto foi o mau teatro de Barreto Júnior, o teatro comercial de Mesquitinha e o teatro-passatempo de Viviani. Merecíamos muito mais, dadas aas exigências crescentes de nossa platéia, que vem sendo muito trabalhada pelos grupos amadoristas.

Na revista Contraponto (abril de 1949), numa matéria sobre "O movimento do Santa Isabel, em 1948", Valdemar de Oliveira fez a seguinte constatação:

> Muito movimentado esteve oTeatro Santa Isabel, durante o ano findo de 1948. Basta dizer que abriu suas portas 293 vezes, assinalando-se o comparecimento, à sua platéia, de cêrca de 132 mil pessoas. [...] Todos nós sabemos, porém, que o Santa Isabel não se faz somente para teatro e música de elevada categoria. Essas coisas às vezes se misturam muito e, de cambulhada, surgem festividades que, afinal de contas, nada têm a ver com os verdadeiros fins do Teatro de Santa Isabel. [cita de desfile de misses ao show da Caravana da Alegria, grupo formado por artistas do rádio e do cinema, tendo à frente o humorista Badú; de um Congresso de Cantadores às formaturas de faculdades e colégios; de um Congresso de Tuberculose às conferências de Hermes Lima e do coronel Carnaúba]. Uma pergunta final: pode continuar, o Recife, com um só teatro?

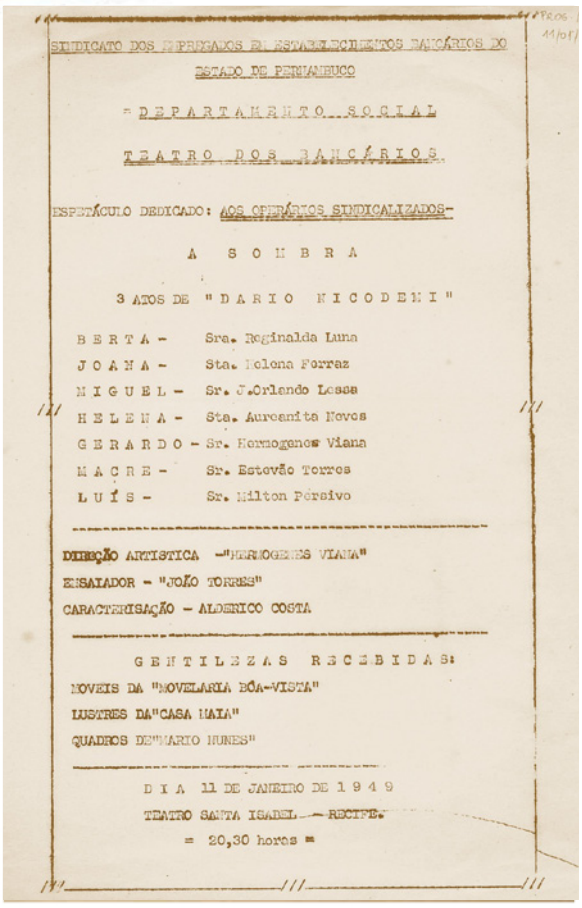
1949



Se 1949 já foi um ano especial para o teatro pernambucano, 1949 trouxe ainda maiores conquistas pelo aumento de espetáculos que chegaram à cena, incluindo lançamento de muitos novos grupos e o retorno de outros inativos. Paralelo ao crescimento da atividade teatral, o cinema ganhava em disparada conquistando cada vez mais espectadores fieís, além de espaços infinitamente maiores na imprensa – já se foi o tempo em que o teatro tinha uma página específica para divulgação, e os jornais, além de manterem o seu roteiro com anúncios dos filmes em cartaz, incluindo página para anúncios publicitários pagos pelos cinemas, tinham uma sessão específica nos domingos sobre arte filmográfica, com destaque principalmente aos astros e estrelas de Hollywood.

Para se ter uma ideia da sua importância como principal diversão naquele momento, podia-se frequentar vinte e sete salas de cinema no Recife em 1949 (Art-Palácio, Atlântico, Areias, Boa Vista, Casa Amarela, Duarte Coelho, Eldorado, Espinheirense, Encruzilhada, Glória, Ideal, Império, Moderno, Miramar, Mauricéa, Olinda/Feitosa, Parque, Politeama, Popular, Royal, Real, Rivolí, São José, São Miguel, Santo Amaro, Trianon e Torre), com quase nenhuma delas mais abrindo espaços esporádicos ao teatro. Eis o porquê Valdemar de Oliveira continuava a reclamar mais uma casa de espetáculos teatrais no Recife: o Teatro de Santa Isabel tinha agenda para lá de disputada e a notícia pior para aquele ano, tendo o seu lado bom também, foi que a "casa de Vauthier" fecharia para reformas no segundo semestre do ano, pela comemoração do centenário em maio de 1950.

Mas uma das primeiras notícias a comemorar foi que o Teatro de Amadores de Pernambuco (aqui já aparecendo o nome do estado em seu nome) recebeu uma verba de vinte mil cruzeiros do Serviço Nacional de Teatro, após muito reclamar sua atenção. Apoiado neste auxílio financeiro, pôde contratar o ensaiador polonês



SINDICATO DOS EMPREGADOS EM ESTABELECIMENTOS BANCÁRIOS DO ESTADO DE PERNAMBUCO

= DEPARTAMENTO SOCIAL

TEATRO DOS BANCÁRIOS

ESPETÁCULO DEDICADO: AOS OPERÁRIOS SINDICALIZADOS-

A SOMBRA

3 ATOS DE "DARIO NICODEMI"

BERTA - Sra. Reginalda Luna
JOANA - Sta. Helena Ferraz
MIGUEL - Sr. J.Orlando Lessa
HELENA - Sta. Aureanita Novos
GERARDO - Sr. Hermogenes Viana
MACRE - Sr. Estevão Torres
LUÍS - Sr. Milton Persivo

DIREÇÃO ARTISTICA -"HERMOGENES VIANA"
ENSAIADOR - "JOÃO TORRES"
CARACTERISAÇÃO - ALDERICO COSTA

GENTILEZAS RECEBIDAS:
MOVEIS DA "MOVELARIA BÔA-VISTA"
LUSTRES DA"CASA MAIA"
QUADROS DE"MARIO NUNES"

DIA 11 DE JANEIRO DE 1949
TEATRO SANTA ISABEL - RECIFE-
= 20,30 horas =

GENTILEZAS RECEBIDAS

QUADROS — Maia Novo
MOVEIS — Novelaria Bôa Vista
LUSTRES — Casa Maia

CARAMELOS,
CHOCOLATES,
BOMBONS E
MASSAS ALIMENTICIAS.

Litografia - Tipografia - Estamparia

Renda,
Priori & Cia.

TEATRO DOS BANCÁRIOS

13 DE JANEIRO DE 1949
AS 20 e 30

Apresentação de grande peça em 3 atos, original de

Dario Nicodemi

A SOMBRA

Montagem do Sindicato dos Empregados nos Estabelecimentos Bancários de Pernambuco.

Teatro Santa Isabel
RECIFE

DISTRIBUIÇÃO PELA ORDEM DAS ENTRADAS

Berta — Sra. Reginalda Luna
Joana — Sta. Helena Ferraz
Miguel — Sr. J. Orlando Lessa
Helena — Sta. Aureanita Novos
Gerardo — Sr. Hermógenes Viana
Macre — Sr. Estevão Torres
Luis — Sr. Milton Persivo

AÇÃO DA PEÇA — Paris
Século 20

Montagem do Sindicato dos Empregados nos Estabelecimentos Bancários do Recife

DIRETORIA

Presidente
Dr. Joaquim de Brito Silva

Secretario
Sr. Artur Malheiros

Tesoureiro
Sr. Josef Nemesio

Diretor Artistico
Dr. Hermogenes Viana

Mestre cerimonias
Sr. João Torres

A SOMBRA

Trabalho magnifico de carpintaria teatral, de um enredo absolutamente real e humano, é talvez a obra prima de Dario Nicodemi, o eminente teatrologo do século vinte.

Zigbieniev Ziembinski

Zigbieniev Ziembinski para preparar três novas montagens, um sonho acalento há anos. Se os irmãos João e Raul Valença retomaram as apresentações do seu Presépioo riundo de fins do século XIX, no sítio da família, no bairro da Madalena, após amargar fracassos anteriores e um longo período de letargia o Teatro dos Bancários reentrou em cena com *A Sombra*, peça italiana de Dario Nicodemi, dando espetáculos no Teatro de Santa Isabel nos dias 9, 12 (especialmente para operários), 13 e 16, este último em vesperal às15 horas. No elenco, Reginalda Luna, Aureanita Neves, Helena Ferraz, José Orlando Lessa, Milton Persivo, Estêvão Torres e Hermógenes Viana, este último diretor da empreitada. Já em 1949, quando soube da escolha desse original, Hermilo Borba Filho reclamou em sua coluna *Fora de Cena*, no jornal *Folha da Manhã – Vespertina* (16 de dezembro de 1948):

> Enquanto todos os conjuntos da cidade melhoram o seu repertorio, montando o que existe de mais significativo na drsmaturgia de todos os paises, o Teatro dos Bancarios insiste em apresentar-nos uma verdadeira "peça de inflação" como diria Turkow, comom é o caso da [*A*] *Sombra*, de Dario Nicodemi, um teatro já superado, que fez as delicias dos frequentadores de casas de espetaculos do principio do seculo, mas que teve de ceder o lugar á verdadeira arte dramatica. E' uma pena.

A peça, claro, não foi bem recebida pelos críticos, "talvez menos pelo original em si do que pela interpretação que lhe foi dada", conforme lembrou o crítico Júlio Barbosa no Diario de Pernambuco (2 de abril de 1949). Valdemar de Oliveira já tinha sentenciado no

Jornal do Commercio (19 de janeiro de 1949):"Se essa peça 'velha' tivesse tido um outro tratamento, no setor da interpretação sentida e vivida, não se teria dito, dela, tão mal, porque nas suas reais qualidades teatrais sobrenadariam". Isto resultou no afastamento de HermógenesViana à frente do grupo. Desertou do posto e o passou para José Orlando Lessa, tendo Milton Persivo como diretor-secretário do Teatro dos Bancários (ele que ainda era o tesoureiro do Teatro do Estudante). Desejando votos de melhores resultados numa próxima escolha dos bancários e aberto a continuar colaborando com uma "critica honesta, sincera e construtiva", Júlio Barbosa fez referência à difícil relação que manteve (ou ainda mantinha?) com o Teatro de Amadores, sem, no entanto, citá-lo. Mas ficou claro de qual grupo se tratava, até mesmo porque dias antes Valdemar de Oliveira, em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (1 de janeiro de 1949), tinha espinafrado um certo rapazinho "malandrozinho", desrespeitoso e invejoso. Escreveu então, quase como desabafo, no *Diario de Pernambuco* (20 de abril de 1949):

> Esta coluna não está – como pensam algumas pessoas – a serviço da destruição. O que não nos obriga a bater palmas ao que estiver errado ou nos pareça errado.Ainda me lembro de certo grupo recifense que nadava no mar dos elogios proprios, enquanto afundava artisticamente.Tomei a iniciativa de reconduzi-lo ao bom caminho através de uma critica, se por um lado severa e até causticante, por outro sincera e cheia dos melhores propositos. Esse grupo tinha um passado a defender. Ganhei um bocado de inimigos; em torno de minha pessoa e de meu nome se criou uma aureola de odio – a que não dei,não dou e não darei a menor importancia – mas o grupo retomou o caminho certo da auto-crítica e reentrou nos proprios eixos de um passado digno. Depois de minha "colaboração" já fez belos espetaculos e senti o maior prazer em elogiá-lo. Estou pago de tudo. A peçonha que me foi atirada não me atingiu, porque estou em lugar em que não me poderia jamais alcançar.

Ainda no dia 16 de janeiro de 1949, à noite, diante de tantos pedidos, o Teatro de Amadores repetiu *A Casa de Bernarda Alba*, sua quarta representação, novamente co elogios, com uma definitiva récita, à tarde, no dia 23. Alguns dias antes, Paschoal Carlos Magno tinha escrito sobre o que viu, texto que foi reproduzido na coluna *Artes e Artistas*, de Valdemar de Oliveira, no *Diario da Noite* (12 de janeiro de 1949):

> O Teatro de Amadores que Valdemar de Oliveira dirige, tem a função de um teatro-escola. Forma atores, autores, diretores. Honra um Estado. É um seminário de cultura sempre renovada. Acaba de conseguir um dos maiores triunfos de sua jornada com *A casa de Bernarda Alba*, de Frederico (sic) Garcia Lorca. Eros Gonçalves, que se encontra em Pernambuco, fez os cenários, extraordinariamente sugestivos. [...] Os críticos renderam-se à beleza do espetáculo, que bem valeu pela criação da atmosfera, a unidade do desempenho.

Naquele mês, o Teatro do Estudante anunciou que estava preparado para montar Otelo, de Shakespeare, mas a montagem acabou transferida para só estrear em 1951. Um fato intrigante é que, ao que parece, apesar de Valdemar de Oliveira ter afirmado em sua coluna no *Diario da Noite* (18 de janeiro de 1949), "Certo é, porém, que o Teatro do Estudante reentrará com um novo espetáculo de bonecos – e essa modalidade cênica deve continuar a ser cultiva-

da carinhosamente", o Departamento de Bonecos do TEP provavelmente não funcionou mais, devido à transferência do seu mentor, Aloísio Magalhães, para o Rio de Janeiro. Isso me faz crer que o divulgado espetáculo reunindo as três peças *O Galo Capeta*, *Mãe da Lua* e *A Cabra Cabriola*, talvez nunca tenha acontecido, de fato, porque a estreia em dezembro foi adiada devido à doença de Aloísio Magalhães, e não há mais qualquer referência na imprensa a este trabalho em 1949, nem mesmo na coluna Fora de Cena, assinada por Hermilo Borba Filho na *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Isso talvez reforce a opção do grupo montar os mesmos textos em 1952, agora somente com atores no palco, sob direção de Genivaldo Wanderley.

Ainda no Teatro de Santa Isabel, nos dias 18 e 19 de janeiro de 1949, o Recife pôde assistir a espetáculos da São Paulo Ballet, sob direção da professora Maria Olenewa. No domingo, 23 de janeiro, com sessão às 14 horas no Cine Teatro Olinda, do Feitosa, o Grupo Infantil de Comédias fez sua primeira aparição em 1949, com *Céu do Meu Brasil*, original de Waldemar Mendonça, com partitura musical de Lourival Santa Clara. No elenco, Dirceu Pessoa, Geraldo Tôrres, Zito Vieira, Heraldo do Monte, Aurely Botelho, Valderez Pessoa, Marly Rocha, Inalda Ferreira, Nize Rocha, Lourdinha Oliveira, Maria Lúcia de Barros e Glorinha Rocha. Esta foi a última vez que o grupo esteve naquele palco, pois o arrendatário do local, senhor Leonel Correia, não quis mais colaborar com a equipe e proibiu a continuidade da mesma por lá. Após sete anos e oito meses de intenso trabalho, o Grupo Infantil de Comédias teve que procurar abrigo

Maria Lúcia de Barros

em outros cineteatros dos subúrbios, como o Teatro Leopoldo Machado, na rua Marechal Deodoro, 171, onde apresentou, em fevereiro, *Quem Será o Palhaço?*, e, em março, *Ao Cair da Tarde*, ambas do próprio Waldemar Mendonça. *Céu do Meu Brasil* ainda foi vista no palco do Colégio das Damas Cristãs.

Com a peça *Dever de Cristão*, de Otávio Emídio, o Grupo Teatral de Amadores Ressunção, promoveu uma apresentação no palco do Teatro de Santa Isabel ainda em janeiro de 1949, em benefício do Abrigo da Velhice Bezerra de Menezes e da Escola Antônio de Pádua. Por sua vez, a Festa da Mocidade já estava nas últimas semanas a ocupar o Parque 13 de Maio, tendo em sua *matinée infantil* o ventríloquo e ilusionista de fama internacional Chaná, além

Valderez Pessoa

Marly Rocha

das barracas de prenda e do Parque de Diversões Shangai. Como maior ponto de atração, o Teatro de Variedades trazia números dos sambistas Lupe Ferreira, Rosa Lúcia e Maria Aparecida, o cantor Almir Távora, o sanfonista Chinoca, tudo sob a apresentação dos humoristas Ary Guimarães e Zé Coió.

E quase ao finalzinho do mês, regressando de uma turnê pelo "Norte", Mesquitinha e Sua Companhia de Comédias aportaram novamente no Recife, onde tinham estado em agosto do último ano, mas, desta vez, não encontrando o Teatro de Santa Isabel livre, foram cumprir uma curta e vitoriosa temporada no Cine Boa Vista, na rua Visconde de Goiana. Seus anúncios alardeavam: "Todos os dias uma peça nova!". A estreia se deu com *Uma Vez Na Vida*, de José Wanderley, mas também apresentaram *O Folgado*, *Herdeiro na Hora "H"* e *O Biriba*, três obras de Armando Gonzaga, e *Sindicato dos Maridos*, de Ramos Júnior e O. Bastos, entre outras comédias.

De fins de janeiro até meados de fevereiro de 1949, ocupou o Teatro de Santa Isabel a Companhia de Operetas dos Irmãos Celestinos, representando, entre outras, *A Princesa das Czardas*, que marcou sua estreia, *O Conde de Luxemburgo*, *A Viúva Alegre*, *Frasquita*, *Eva*, *A Mazurca Azul*, *A Jurity*, *Cabocla Bonita*, *O Ébrio*, *Casta Suzana*, etc. A atriz Norma Geraldy, soprano de voz pequena, e o tenor Pedro Celestino eram os destaques. No *Boletim Teatral de Contraponto* (abril de 1949, s. p.), informativo de bolso lançado no mês de abril por Valdemar de Oliveira como complemento à revista *Contraponto*, mas que acabou não vingando, o jornalista avaliou o trabalho da companhia carioca:

> Em matéria de teatro profissional, o ano de 1949 começou com a Companhia de Operetas dos Irmãos Celestinos. Algumas grandes casas, outras más, a começar pelas *d'O ébrio*, que foi um fracasso completo e merecido. A companhia não trazia uma soubrette – e essa era sua

Boletim teatral de CONTRAPONTO

ABRIL, 49 — Dirige e redige Valdemar de Oliveira — Num. 1

Ziembinski

Cartão de Visita

Já no corpo de revista fizemos aludo ao aparecimento dêste "Boletim teatral", que constitue, bem feitas as contas, um suplemento seu. Dobre-o o leitor, mais uma vez, e aí terá um magro opúsculo que pretende expôr, ligeiramente, quanto se faz em matéria de teatro, no Recife ou, melhor: em Pernambuco.

Não se trata de uma publicação doutrinária, mas, simplesmente informativa. Pretende animar o ambiente teatral, estimular-lhe as iniciativas, refletir-lhe as realizações. Terá, em suma, o mesmo programa de CONTRAPONTO, restringindo-o, apenas, ao assunto teatro.

É possível que, um dia, venha a ser publicado intependentemente da revista (já de agora poderá ser, até, vendido separadamente...) Se isso não acontecer, continuará o "Boletim teatral" ligado umbilicalmente a CONTRAPONTO, que, é, afinal, quem o sustenta.

"Nossa Cidade", ensaiada por Ziembinski, soleniza o 8.º aniversário do Teatro de Amadores de Pernambuco

Um espetaculo inedito para o Recife

A hora em que êste «Boletim» se lança ao público, o Teatro de Amadores inaugura sua temporada de 1949 ao tempo em que festeja o seu 8.º aniversário. Inaugura-a com a peça «Nossa Cidade» (Our town), de Thornton Wildler, sob a direção de Ziembinski.

A grande peça norte-americana sobe em primeira representação, em nosso país. Diversas têm sido, aliás, as peças lançadas, em primeira no Brasil, pelo Teatro de Amadores, a última tendo sido «A casa de Bernarda Alba», de Lorca. «Nossa Cidade», obra de projeção universal, está nesse caso. Sua encenação não teria sido possível sem a presença, entre nós, do ator e ensaiador polonês Ziembinski.

Ao TAP devíamos, já, a visita de José Jansen e de Adacto Filho, assim como o contrato de Zygmunt Turkow, o mágico de «A comédia do coração». Ficaremos a dever, agora, a presença de Ziembinski, nome em tôrno do qual se torna inútil qualquer comentário elogioso.

As dimensões dêste «Boletim» não permitem que nos estendamos sôbre a significação dos espetáculos de «Nossa Cidade». Contentamo-nos em anotar os nomes dos seus intérpretes:

Z. ZIEMBINSKI — Diretor
ADELMAR DE OLIVEIRA — Dr. Gibbs
ALFREDO DE OLIVEIRA — Joe Crowell
PAULO ALCANTARA — Howie Newsom
DINA R. B. DE OLIVEIRA — Snra. Gibbs
VICENTINA F. DO AMARAL — Snra. Webb
NORMA CORREIA LIMA — Emily
LAIS MACEDO — Rebeca
FERNANDO DE OLIVEIRA — Wally
OSCAR CUNHA BARRETO — Jorje
OTAVIO ROSA BORGES — Dr. Willard
ANTONIO BRITO — O homem da platéia
GENINHA SÁ DA ROSA BORGES — Mulher da platéia
MARIA DO CARMO R. COSTA — Mulher da friza
ALDERICO COSTA — Dr. Webb
VALDEMAR DE OLIVEIRA — Simon Stimson
MARGARIDA CARDOSO — Louella Soames
MARIO BARROS — Warren
HELCIO PIRES — Si Crowell
GILVAN BARBOSA — Um morto
EDUARDO CORREIA LIMA — Joe Stoddardt
REINALDO DE OLIVEIRA — Sam Craig

primeira falha. O repertório, por sua vez, era o de vinte e trinta anos passados. Igualmente velas, as marcas, as "bexigadas" e o jôgo dramático. A temporada deu prejuízo, agravado pela época de Carnaval, em que atuou.

Se o Conjunto Teatral Estudantil acabou afastado do Teatro Paroquial do Barro, sem perspectiva de nova montagem por enquanto, nos dias 6 e 12 de fevereiro o Conjunto Teatral Castro Alves representou a comédia *Cupido é o Culpado*, de Jomar Austregésilo, no "teatrinho" da rua Castro Alves, no bairro da Encruzilhada. A presidência do grupo estava sob o comando do também ator Alderico Freitas. Já a 20 de fevereiro de 1949 o Teatro Mauricéia deu o ar da graça no Salão da Sagrada Família de Tejipió, com a comédia *Senhorita Vitamina*, de Bastos Tigre, sob direção de J. Orlando Lessa e André Chaves, com renda para as obras da matriz local. No elenco, Benoni Ferraz, Tâmara Matos, Arlindo Lira e Cláudio Silva, entre outros. E foram anunciados dois novos conjuntos pela direção de Gilvan Barbosa, o Ars-Artis, sob direção do estudante Gilvan Barbosa, e o Teatro dos Salesianos, este prevendo somente a montagem de peças com figuras masculinas.

Até que, numa segunda-feira de pauta livre no Teatro de Santa Isabel, dia 21 de fevereiro, Elpídio Câmara realizou mais um dos seus festivais artísticos, desta vez com a peça *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo, tendo contado com a colaboração de Lourdes Monteiro junto a vários artistas da Companhia de Operetas dos Irmãos Celestinos que se encontravam no Recife, Norma Geraldy, Pedro Celestino, Adail Viana, Perpétuo Silva e Roberto Mauro. Segundo sua divulgação da época, Elpídio Câmara foi o primeiro ator do "Norte" a dar vida à personagem principal daquela peça. O crítico O. C., Otávio Cavalcanti, iniciando suas escritas no jornal *Folha da Manhã – EdiçãoVespertina* (22 de fevereiro de 1949), deu atenção à montagem:

Otávio Cavalcanti

Alcançou bom êxito o festival de Elpidio Camara, realizado, ontem no santa Isabel como estava anunciado. Exito tanto de representação teatral, como de bilheteria, pois o teatro estava repleto. Foi muito justo assim acontecesse porque o popular ator conterraneo bem o merece, por odos os motivos: ator pobre, mas consagrado em virtude da sua honestidade com que encara os papeis e do critério no sei desempenho. Sabe como faze-lo. [...] Em o "mendigo milionário" Elpidio esteve completo nas suas atitudes; tanto melhor nos momentos dos papeis, em cujos quadros sua transição era impecavel.

TEATRO SANTA IZABEL

DIA 11-9-49 — ÁS 20 HORAS

O "TEATRO PERNAMBUCANO" sob a direcção do actor Apolo Camara apresenta:

DEUS LHE PAGUE...

3 actos de Joracy Camargo

Homenagem á Camara Municipal do Recife dignamente representada pelos vereadores Gomes de Moura e Rivaldo Alloia

TEATRO SANTA IZABEL

DIA 11-9-49

ÁS 20 HORAS

Elpidio Camara

DEUS LHE PAGUE...

3 ATOS DE JORACY CAMARGO

"DEUS LHE PAGUE"

Ainda em fevereiro, nos dias 9 e 10, no Centro Educativo Operário de Água Fria, e 12 e 13, no Centro Educativo Operário da Várzea, o departamento artístico da Escola do Quilo apresentou a peça espírita *Dever de Cristo*, de Otacílio Emídio, com renda voltada à construção do Abrigo à Velhice Bezerra de Menezes. Também em curta temporada no Recife, ocupando a avenida Cruz Cabugá antes de seguir para a Venezuela, o Spadoni Real Circus, "grande companhia zoológica e de variedades", atraiu bom público aos seus "programas morais, recreativos e instrutivos", como divulgava nos anúncios de jornal. E ganhando cada

HOJE A TARDE

No Palco-Auditório do Rádio JORNAL DO COMMERCIO

15.45 — MOVELARIA "FALENA"
16.00 — PENSE NO FUTURO
16.30 — TESOURO DO PIRATA
17.00 — PROGRAMA ESPECIAL

Um mundo de prêmios e presentes em dinheiro!

Ingresso: Cr$ 6,00

AMANHÃ À TARDE

13.30 — VALE TUDO
14.00 — ESTA' NA HORA
15.00 — SALA DE ESPERA
(Laboratório ILDEBERTO)

Uma tarde alegre, com grande distribuição de presentes e prêmios em dinheiro!

Ingresso ..... Cr$ 6,00
Poltronas numeradas Cr$ 8,00

SPADONI REAL CIRCUS

HOJE E TODOS OS DIAS AS 20,15 HORAS ARMADO NA AV. CRUZ CABUGA
GRANDE COMPANHIA ZOOLÓGICA E DE VARIEDADES DE PASSAGEM PARA VENEZUELA DIAS
ALGUNS ESPETÁCULOS NESTA CAPITAL

UM ESPETÁCULO ULTRA MODERNO PARA GENTE MODERNA

—

VARIEDADES INTERESSANTES ATRAENTES E DIGESTIVAS

PROGRAMAS MORAIS RECREATIVOS E INSTRUTIVOS, ESTUDOS DE PLASTICAS

DESENVOLVIMENTO FISICO DENTRO DA MAIS APURADA ARTE CIRCENSE

ANIMAIS DE VARIAS ESPÉCIES AMESTRADOS COM ARTE E CARINHO E ARTISTAS DE TODAS NACIONALIDADES EM CONJUNTO APRESENTAM UM GRANDE PROGRAMA NUM GRANDE CIRCO

AMANHÃ, SÁBADO E DOMINGO — VESPERAIS AS 14 E AS 17 HORAS

VEJAM OS PATINADORES ACROBATAS

INGRESSOS À VENDA NAS BILHETERIAS DO CIRCO A PARTIR DAS 10 HORAS DA MANHÃ

vez mais popularidade tanto com adultos e crianças, a Radio Jornal do Commercio vinha destacando-se com seus programas de auditório, levando atrações como o cantor "cow-boy" Bob Nelson e Cuquita Carbalho, a "Mulher de Fogo". Presentes e prêmios em dinheiro eram distribuídos em programas como *Vale Tudo*, *Está Na Hora* e *Sala de Espera*.

Prometido pelo ator, diretor e empresário Barreto Júnior para os próximos meses, o Teatro de Emergência Almare estava para ser inaugurado no início da avenida Dantas Barreto, com a ajuda financeira imprescindível do senhor Adelmar da Costa Carvalho, cônsul do Paraguai, do comendador Jaime Santos, que cedeu o terreno, e da Prefeitura do Recife, que abriu mão dos impostos. A possibilidade de se ter um teatro de qualidade duvidosa no Recife atormentava Valdemar de Oliveira desde o início do ano, que escreveu em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (16 de fevereiro de 1949), preocupado com esse "fomentar o cultivo das formas inferiores do teatro, facilitar o ressurgimento da *chanchada*, levar ao povo o mau teatro, já agonizante por tôda a parte". Clamou ele ao senhor Adelmar da Costa Carvalho para "brindar ao Recife com um teatro de verdade, não só à altura material da cidade, mas, á altura do seu progresso artístico". Hermilo Borba Filho, por sua vez, mostrou-se favorável à iniciativa de Barreto Júnior de apresentar espetáculos "para um público menos exigente", conforme escreveu na *Folha da Manhã – Vespertina* (3 de fevereiro de 1949). Claramente de caráter popular, a inauguração do Teatro de Emergência Almare só aconteceu em outubro.

Adelmar da Costa Carvalho

Até que chegou ao Recife, com excursão patrocinada pelo Serviço Nacional de Teatro e Ministério da Educação e Saúde, para curta temporada no Teatro de Santa Isabel, a partir de 5 de março e até 3 de abril de 1949, a elogiada companhia Os Artistas Unidos – "Isso é um presente do céu", escreveu Valdemar de Oliveira no *Diario da Noite* (22 de janeiro de 1949) –, como uma das companhias teatrais mais importantes do país, encabeçada pela atriz e diretora francesa Henriette Morineau. No repertório de "alta qualidade artística",

Henriette Morineau

lembrou ainda Valdemar de Oliveira, montagens adultas como *Frenesi*, de Charles de Peyret-Chappuis, O Pecado Original, de Jean Cocteau, *A Governanta*, de Jacques Deval, Só Nós Três, de Sydney Howard, *Uma Rua Chamada Pecado*, de Tennessee Williams, e *Elizabeth de Inglaterra,* de André Josset, além de uma peça para crianças, *O Casaco Encantado*, de Lúcia Benedetti. Esta teve matinais a partir do dia 6 de março, sempre aos domingos, às 10 horas, até 3 de abril (neste momento, a garota Marília Pêra integrava o elenco). A imprensa registrou que a capital pernambucana foi a primeira cidade do "Norte" do país a ser visitada pela companhia Os Artistas Unidos, equipe que lançou o teatro profissional para crianças no país em 1948.

É claro que a repercussão deste "espetáculo dedicado à petizada" foi das melhores possíveis e reforçou que o teatro para crianças poderia ser encarado como arte em sua maior amplitude, inclusive entre profissionais, algo que já estava perto de acontecer no Recife. Em maio, por exemplo, há registros nos jornais de dois coletivos com proposta profissional de elenco adulto interpretando para crianças, mas que provavelmente não chegaram a acontecer: um pela coordenação da professora Máxima Correia Lima, e o outro o Teatro de Brinquedo, composto por jovens residentes no bairro da Boa Vista (não confundir com o Teatro de Brinquedo de Alfredo de Oliveira, surgido em 1953), além de Barreto Júnior ter anunciado que seu elenco iria também apresentar peças para crianças quando o Teatro de Emergência estivesse inaugurado. Vale reforçar que, sempre que podia, Valdemar de Oliveira alfinetava as declarações de Barreto Júnior, como, por exemplo, o fez mais uma vez em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (15 de março de 1949):

> A balela de que o público o que quer é rir, porque a vida já é muito cheia de aborrecimentos e de angústias – está caindo totalmente por terra, diante do retumbante êxito de Henriette Morineau, no Santa Isabel. Para falar a verdade, já havia caído, há muito tempo. [...] A nossa platéia está sabendo o que é verdadeiramente teatro. Está discernindo, está discutindo, tem consciência perfeita do que ouve e do que vê. Sobretudo, reconhece, hoje, que chanchada não é teatro: é caricatura de teatro. [...] A bobagem de que a fábrica de gargalhadas é o melhor teatro e que as platéias não querem outro, está sendo desmentida, no curo de uma campanha em que todos nos temos empenhado sem esmorecimentos.

Por sinal, no *Boletim Teatral de Contraponto* (abril de 1949, s. p.), Valdemar de Oliveira também opinou sobre a tão aguardada presença d'Os Artistas Unidos no Recife:

> Uma grande temporada, de expressiva repercussão em nossa vida social e artística. A Morineau conquistou todas as simpatias da platéia, pois a ela se deve a homogeneidade do conjunto, à parte suas performances individuais. Repertório excelente [...] Com a Morineau, recolheram os melho-

Teatro Sta. Isabel

"Os Artistas Unidos"

APRESENTAM
a insigne atriz

Henriette Morineau

ELENCO ARTISTICO:

Henriette Morineau
Flora May
Margarida Rey
Dinorah Pêra
René Bell
Carlos Martins
Dary Reys
Jacy Campos
L. Piccini

com

Manoel Pêra

Esta Companhia excursiona sob os auspícios do S. N. T. do M. E. S.

REPERTORIO:

Frenesi
Só nós três
A Governanta
(Mademoiselle)
O Pecado Original
Elizabeth da Inglaterra
Uma Rua Chamada Pecado
Rebeca
Medeia
Duas Mulheres
O Casaco Encantado
(Peça para crianças)

Matinées aos Domingos e feriados às 15 horas.

res aplausos da temporada Flora May e Margarida Rey, Manoel Pera, Dary Reis, Jacy Campos e José Ceschiatti.

Quase ao final da temporada de Os Artistas Unidos, e provavelmente influenciados pela boa repercussão do conjunto, nasceu no Recife o conjunto cênico Artistas Unidos de Pernambuco, sob direção geral de Arnaldo Almeida (que mais à frente abandonou o cargo, com a equipe passando a ter o nome de Conjunto Teatral Recifense) e direção artística de Uriel Lima. A peça portuguesa *A Pedra no Lago*, de Fernanda de Castro, prometida para estrear a 26 de maio de 1949, no Teatro de Santa Isabel, foi adiada para julho posteriormente. Mas tudo indica que não aconteceu e o coletivo desapareceu nas crônicas teatrais.

Com uma "carta um pouco desencantada, mas assim mesmo cheia daquele desejo de continuar trabalhando", Hermilo Borba Filho, "dos que mais entendem de teatro no Brasil", escreveu ao amigo Paschoal Carlos Magno, no Rio de Janeiro, sobre a delicada situação do Teatro do Estudante de Pernambuco naquele ano de 1949. O material foi divulgado na imprensa carioca e no *Diario de Pernambuco* (2 de abril de 1949):

> Não, meu amigo, não é deserção. O Teatro do Estudante lutou durante três anos, quasi (sic) sem ajuda dos poderes publicos e das classes patronais, a quem, em ultima analise, cabéria ajudar a tarefa, e chegou ao seguinte estado: ou cobrar entradas ou fechar as portas. [...] Basta de ser palmatoria do mundo. Sente-se, o Teatro do Estudante inteiramente desobrigado de tanto sacrifício e eu, particularmente cansado de tanta incompreensão. Paguem os que têm dinheiro e daremos teatro aos que não têm.

A proposta de montar *Otelo* foi cancelada naquele momento por problemas na tradução da obra e pela total falta de apoio das instituições, como o SESI, que lhe negou patrocínio. O grupo optou, então, por *Édipo-Rei*, trazida como proposta pelo pintor e cenógrafo Eros Gonçalves ao voltar de uma viagem do Rio de Janeiro, encarregando-se ele dos cenários, máscaras e figurinos da peça. Graças ao patrocínio da fábrica Fratelli Vita, tendo como mecenas Miguel Vita, a ideia vingou. Em parceria com o Conselho Britânico, uma exposição sobre Shakespeare também foi programada para acontecer no Teatro de Santa Isabel, agora com o grupo ocupando aquele espaço pela primeira vez e, como relatado na carta de Hermilo Borba Filho a Paschoal Carlos Magno, com cobrança de ingressos – Como nota divertida, eis o título da matéria que anunciou tal decisão do TEP na *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (18 de março de 1949): "Agora só com gaita". Como a apresentação de *Medéia* foi cancelada pelos Artistas Unidos, *Édipo-Rei* marcou a primeira vez que o Recife teve contato com uma tragédia grega.

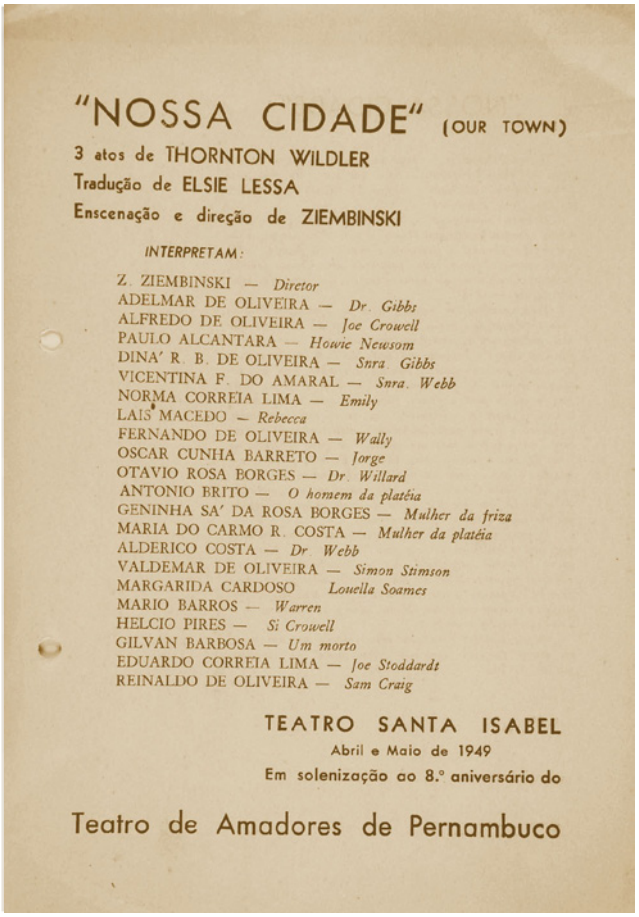
Ainda em março, a Rádio Jornal do Commercio, em parceria com o Teatro do Estudante e a Diretoria de Documentação e Cultura, promoveu uma grande mesa redonda de debate sobre o teatro com a presença de Henriette Morineau, Valdemar de Oliveira, Hermilo Borba Filho, Elpídio Câmara, Eros Gonçalves, Ziembinski, Milton Persivo e o jornalista Júlio Barbosa. Os assuntos mais discutidos foram, segundo registro de Hermilo Borba Filho na coluna *Fora de Cena*, da *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (16 de março de

1949): "falta de escolas dramáticas, ausência de casas de espetáculos, desinteresse dos poderes públicos". Nada distante dos tempos de agora, hem? Naquele momento, Hermilo Borba Filho até divulgou que estaria lançando, em breve, o Teatro dos Três, companhia profissional junto a Joel Pontes e Norma de Andrade, com a peça *Ana Christie*, de Eugene O'Neill, com cenários e figurinos de Eros Gonçalves, mas em menos de um mês depois desistiu da proposta em virtude do acúmulo de serviços que tinha.

Ainda em abril, o ator Luiz Maranhão fez a conferência *O Teatro e Suas Coisas* na sede da Sociedade Amigos de Joaquim Nabuco; já o contista Gastão de Holanda, no auditório da Discoteca Pública Municipal, abriu a série de palestras que "preparavam" o público a apreciar melhor a tragédia de Sófocles, *Édipo-Rei*, a ser encenada pelo Teatro do Estudante de Pernambuco a partir de 11 de maio de 1949, no Teatro de Santa Isabel (o co-tradutor Eros Gonçalves e o encenador Hermilo Borba Filho foram os convidados seguintes a palestrar); e o Grupo Teatral de Amadores, com direção de Jaques Gonçalves e tendo como ponto Leni Antunes, depois de estrear a peça *A Carta*, comédia de Aristóteles Soares, no dia 3 de abril de 1949, na sede do Atlético Clube de Amadores, na Estrada do Remédios, foi à Penitenciária Agrícola de Itamaracá, no seu programa de divulgação teatral para aqueles que não podiam ir ao teatro. No elenco, Maria Leopoldina, Zenaide Paes Barreto, Maria do Socorro Antunes, Sílvia Menezes, Zaira Paes Barreto, Adelgício Côrrea, Diomedes Côrrea, Zaldo Just, João Antônio Guerra de Holanda e Nilda Antunes.

Luiz Maranhão

Lançando a obra queValdemar de Oliveira considerava "de extraordinária potência dramática" e "uma das mais belas peças do repertório universal", o Teatro de Amadores estreou o primeiro trabalho tendo à frente "o eminente técnico de tour de force" Ziembinski, *Nossa Cidade*, do romancista e dramaturgo americano Thornton Wilder. A falta quase absoluta de cenários era imprescindível à montagem – o palco ficou nu, sem tapadeiras, bambolinas, com os reflrtores à mostra, mas até mesmo as portas de fundo e as escadas



"NOSSA CIDADE" (OUR TOWN)
3 atos de THORNTON WILDLER
Tradução de ELSIE LESSA
Enscenação e direção de ZIEMBINSKI

INTERPRETAM:

Z. ZIEMBINSKI — *Diretor*
ADELMAR DE OLIVEIRA — *Dr. Gibbs*
ALFREDO DE OLIVEIRA — *Joe Crowell*
PAULO ALCANTARA — *Howie Newsom*
DINA' R. B. DE OLIVEIRA — *Snra. Gibbs*
VICENTINA F. DO AMARAL — *Snra. Webb*
NORMA CORREIA LIMA — *Emily*
LAIS MACEDO — *Rebecca*
FERNANDO DE OLIVEIRA — *Wally*
OSCAR CUNHA BARRETO — *Jorge*
OTAVIO ROSA BORGES — *Dr. Willard*
ANTONIO BRITO — *O homem da platéia*
GENINHA SA' DA ROSA BORGES — *Mulher da friza*
MARIA DO CARMO R. COSTA — *Mulher da platéia*
ALDERICO COSTA — *Dr. Webb*
VALDEMAR DE OLIVEIRA — *Simon Stimson*
MARGARIDA CARDOSO — *Louella Soames*
MARIO BARROS — *Warren*
HELCIO PIRES — *Si Crowell*
GILVAN BARBOSA — *Um morto*
EDUARDO CORREIA LIMA — *Joe Stoddardt*
REINALDO DE OLIVEIRA — *Sam Craig*

TEATRO SANTA ISABEL
Abril e Maio de 1949
Em solenização ao 8.º aniversário do
Teatro de Amadores de Pernambuco

Thornton Wilder

em caracol da arquitetura foram aproveitadas, compondo interessante cenografia. Depois de ensaios intensos, Ziembinski ainda aboliu o ponto e não utilizou contrarregra algum. Com ingressos à venda na Perfumaria Oriental, o lançamento da peça se deu a 27 de abril, no Teatro de Santa Isabel, marcando a reentrada do grupo em 1949, no seu oitavo ano de existência, com nova récita na noite seguinte. Ziembinski anunciou em entrevista ao *Diario de Pernambuco* (22 de abril de 1949):

> *Our Town* é uma das mais bonitas peças que conheço e não poderia ter escolhido outra melhor para estreia da primeira temporada do Teatro de Amadores de 1949. Toda a peça é de ação, do principio ao fim. E ação quer dizer vida. Vida no mais alto grau e de uma força dramatica poucas vezes encontrada na literatura teatral. Enfim, *Nossa Cidade* é vida e poesia em cima do palco. Os recifenses vão assistir a um belo espetaculo teatral.

Como já era de se esperar, a peça dividiu opiniões. O crítico J. B., Júlio Barbosa, mostrou-se o mais entusiasmado com o que viu e escreveu seis longos artigos sobre a obra. O primeiro deles, no *Diario de Pernambuco* (28 de abril de 1949), trouxe a seguinte impressão:

> Peça ultra moderna, embora tão humana quanto qualquer outra no seu conteudo, plena de poesia e desse cotidiano que na vida real a gente não tem tempo de observar, *Our Town* é cem por cento revolucionaria na sua apresentação, primando pelo ineditismo nos meios teatrais do Recife. Não há cenarios. A narração dos episodios fornece o fio da meada ao espectador, afim de que este, ajudado pela imaginação crie os cenarios que a peça não tem e possa senti-la, ou melhor, possa apreender a mensagem poetica que os atores transmitem.

Nossa Cidade

Hermilo Borba Filho, também compreendendo as dificuldades de recepção da peça, na *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (29 de abril de 1949), em um único artigo, lembrou o papel importante que a montagem de *Nossa Cidade* pelos amadores estava desempenhando ao ensinar e orientar a todos no sentido "do que seja o teatro moderno", lembrando ainda o seu detalhe mais importante enquanto obra de arte, ao trazer situações cotidianas comuns a todas as existências para o primeiro plano: "a revelação do que seja a vida, já que nela estamos mergulhados até os olhos, cegos para as belezas e para as dores, incapazes de gozá-las e senti-las como elas mereciam". Quanto ao trabalho dos atores, que considera nivelado, destaca principalmente Alderico Costa (Dr. Webb), seguido de Adelmar de Oliveira (Dr. Gibbs) e Diná Rosa Borges de Oliveira (Sra. Gibbs), bem como da estreante Norma Correia Lima (Emily), além de Ziembinski fazendo o Diretor de Cena. E ressaltou: "Pode-se discordar de um detalhe ou outro, no entanto a verdade é que, falando em termos de espetaculos, nada foi melhor apresentado até agora no Recife, como transmissão de texto e como aproveitamento cientifico de todos os valores teatrais: gesto, luz, som, movimentação". No penúltimo artigo da série que se propôs a fazer sobre *Nossa Cidade*, Júlio Barbosa ainda pontou no *Diario de Pernambuco* (3 de maio de 1949):

Nossa Cidade

> Muita gente extranhou (sic) a *mise-en-scene* de *Our Town*, pela ausencia de cenarios, pela simulação de uso de objetos, de refeições, etc. Acontece, no entanto, que o tema abordado não teria nenhuma graça, não daria os efeitos desejados, se apresentado pelos meios comuns de cena. *Nossa Cidade* é uma peça espiritualista, que estuda assunto delicado e profundo e só ficaria bem fazendo assim. Para assisti-la é preciso figurá-la digamos, como se desenrolando no espaço; como se estivessemos igualmente soltos no vacuo e ela se desenvolvesse num palco de nuvens com figurantes etéreos e imponde-

Nossa Cidade

raveis. Assim, é que a vimos. E outra não é a impressão causada no espectador atento, evidentemente com uma boa dose de predisposição á poesia e ao belo.

"Tudo aquilo, na grande peça de Thornton Wildler (sic), é realmente, para o maior número, estranho e incompreensível", narrou Andrade Lima Filho em seu artigo "Our Town e meu vizinho na platéia", publicado no *Diario da Noite* (2 de maio de 1949), sobre o incômodo de alguns espectadores diante "da audácia do autor ao romper com a convenção do cenário" e, com o palco "sem o menor sinal de carpintarie, com as gambiarras à vista, tal como acontece nos ensaios". Aquilo foi, de fato, um choque estético para plateias acostumadas a ver o teatro ainda tão próximo da realidade. Andrade Lima Filho complementou:

> A verdade, porém, é que o público não muda de hábito com facilidade. [...] Atuam nêle [referindo-se a um espectador comum sentado ao seu lado], expontâneas (sic) e irreprimíveis, as imponderáveis influências duma sensibilidade coletiva que chamaríamos, se é possível dizer assim, de rotina. Opera-se nele, digamos melhor, a reação do "velho" deante (sic) do "novo", isto é, do "novo" que subverte, que revoluciona, que rompe impiedosamente com os lugares do padrão-comum e declara guerra ao "stato-quo" na arte. Essa é a questão essencial, a meu ver, que a peça de Thornton Wildler (sic) pôe em debate, com o último êxito dos Amadores.

Intitulando-se como o espectador vizinho que o jornalista Andrade Lima Filho não viu, e reforçando que ele não escrevia por ser um crítico teatral, mas por gostar "de teatro quando é bom", Carlos Vasconcelos publicou um longo artigo no *Diario da Noite* (12 de maio de 1949) sobre o impacto que *Nossa Cidade* lhe causou. O seu registro poético diz em um dos trechos:

> A peá não tem enrêdo, não tem conflitos como tôdas as outras. Corre como um rio tranquilo, corre como a vida na província. O autor limita-se a fazer desfilar as almas dos habitantes de Grover's Corners, a alma da cidade. A peça vive na quarta dimensão, vive no Tempo. Há uma preocupação constante de situar os corpos e as almas entre as horas, entre os minutos, entre os segundos. A ci- dade vive mergulhada no Tempo, preocupada com o Tempo. O Tempo conta-lhe os passos, assiste à

Nossa Cidade

suas alegrias, aos seus desgostos, aos seus sonhos. E nunca se altera na sua marcha, imperturbável, calmo, cruel. [...] O Tempo toma a cidade, apossa-se dos personagens logo que começa o espetáculo, empolga-os. Nunca mais os larga. E imprime-lhes a sua usura, a sua pátina, o seu desgaste. Grava fundo nas almas a sua imagem vaga e indefinida. Alguns tentam fugir-lhe, outros agarram-se-lhe desesperados. E êle, impassível, facêto, marca uma pequenina ruga ao canto duma boca com o seu lápis de *maquillage*, polvilha de neve uma cabeleira revolta, destróe (sic) a academia dumas formas perfeitas. E no fim, no terceiro ato, enterrando-os no cemitério, tenta matá-los. Mas não consegue. Vivem, vivem sempre. Lá no alto da montanha, dominando a cidade, hirtos nas suas sepulturas, continuam a viver, falam, criticam, vigiam a cidade, com a mesma dedicação, com o mesmo cuidado com que o fez o guarda Warren, cá em baixo. Alguns sentem saudades, querem descer a encosta, mas voltam desiludidos, deitam-se de novo na sua cova e dormem, dormem, sempre acordados. Dormem na Eternidade. O primeiro ato é alegre, vivo, gracioso. O segundo comove, entristece. O terceiro faz pensar na transitoriedade efêmera da vida. O terceiro mergulha a assistência na Eternidade. O espectador sai e a cidade de Grover's Corner, no Massachusetts, acompanha-o a casa, vive ainda dois, três dias com êle e depois some-se no inconsciente. Mas na alma fica bem vincada, bem viva a funda pègada no Eterno que vive em tôdas as vidas.

Nossa Cidade chegou a fazer sessão com entrada franca para os acadêmicos que apresentassem a carteira de identificação, e com ingresso popular em valor único numa de suas vesperais de domingo. Valdemar de Oliveira afirmou que a peça foi a maior prova de fogo a que já se submeteu o Teatro de Amadores e a obra mais discutida de toda a sua história, inclusive com gente a abandonando após o primeiro ato. E concluiu em artigo no *Jornal do Commercio* (8 de maio de 1949): "Nossa Cidade é peça tão bela, tão alta, tão pura, que ainda não se disse dela tudo quanto se tem a dizer". O maior opositor às "inovações" de *Nossa Cidade* foi Berguedof Elliot, que escreveu longo artigo para o *Diario de Pernambuco* (4 de maio de 1949):

> Não obstante minha indole progressista, sou infenso a aceitar passivamente, em materia de arte, tudo quanto se diz "novo" ou "moderno" pelo simples fato de ser "diferente" ou pretensamente "revolucionário", se não traz em si uma contribuição capaz de substituir com vantagem qualquer idéia obsoleta ou formula decadente. [...] A ausencia de pano de boca,

Nossa Cidade

de cenarios, de pertences de cena, ou de qualquer outro material de carpintaria, constitue (sic) o aspecto pretensamente revolucionario da peça de Thornton Wildler (sic). Entretanto, tal forma de apresentação não constitue (sic) uma criação original do escritor norte-americano. De há muito que o construtivismo de Mayerhold a introduziu no teatro sovietico, com o intuito politico de desmoralizar a chamada *mise-en-scene* burguesa. [...] Entretanto, mesmo como forma revolucionaria de apresentação, *Our Town* distancia-se muito das caracteristicas do chamado teatro moderno. E' fácil demonstrá-lo. Se o autor desprezou os cenarios e os pertences de cena, substituiu esses elementos desastrosamente pela figura de um narrador que toma a seu cargo a descrição de quasi (sic) todo o desenvolvimento da peça. Outro não é o papel do chamado "diretor" que vem á boca de cena explicar ao publico a paisagem, o ambiente, em que se desenvolve a ação teatral. [...] Mas, não fica aí a ação do "narrador"; ele chega ao extremo de descrever os tipos dos personagens, como se os interpretes não fossem capazes de vivê-los por si mesmo, convencendo o publico. Ora, a intervenção desse elemento estranho, em quasi (sic) todo o decurso da peça, pode ser tudo, menos teatro. Admito que sejam desprezados os cenarios. Mas, o ambiente, a atmosfera fisica, social e humana da peça deve ser deduzida da propria dialogação, como se faz facilmente no radiatro, mas, nunca explicada através de um narrador, que é positivamente uma excrescencia. [...] O recurso do narrador nada tem de revolucionario. Ao contrario, é uma prova de decadencia, pois mais parece uma regressão á parabase da velha comedia grega. Outras falhas podem ser apontadas na realização cênica de *Our Town*. Por exemplo, se são desnecessarios certos pertences de cena como chicaras (sic), pratos, talheres, etc. cuja "existência" deve ser entendida através dos gestos dos personagens, não sei por que estes usam realmente guarda-chuvas e acendem cigarros, tais elementos deveriam tambem ser apresentados simbolicamente. [...] E' de justiça salientar o grande conteudo poetico de seu

Nossa Cidade

Nossa Cidade

texto. Sob esse aspecto, ela nos oferece uma tessitura admiravel. Cumpre-me ainda reconhecer o desempenho honesto e inteligente que lhe deram os amadores, sob a direção de Ziembinsky (sic). [...] Sei que as objeções acima articuladas quanto à técnica de apresentação de *Our Town* poderão desagradar a muita gente. Vão dizer que sou retrogrado, superficial, infame às inovações, amante do teatro de boulevard, da peça bem feita, [...] Não sou candidato a ingressar em qualquer uma dessas "igrejinhas" ou "sociedades limitada de elogios mútuos" que proliferam em minha terra.

No livro *TAP – Sua Cena & Sua Sombra: O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)* (2011, p. 231 e 233.), de Antonio Edson Cadengue, encontra-se a resposta que Ziembinski deu àquelas críticas, sob o título "Perguntas, opiniões e respostas", publicada no número 2 do *Boletim Teatral de Contraponto* (setembro de 1949):

> Os guarda-chuvas não devem ser imaginários, como são, por exemplo, as xícaras. Eu posso sair, numa peça como *Our Town*, fora da lógica comum, em busca de uma sensação estética. Tenho o direito de escolher os elementos de persuasão que me pareçam mais adequados. Ora, o guarda-chuva é uma expressão de tristeza, como a chuva. Para acentuar a angústia do enterro de Emily, esse pertence se impõe. Enquanto isso as xícaras não interessam como efeito estético. E a solução de arte é uma solução estética. [...] Também disse que o narrador, em *Nossa Cidade* é uma prova de decadência, pois mais parece uma regressão à parábase da comédia grega. Mesmo que assim fosse, tal coisa não poderia ser considerada como decadência, porque não é decadência voltar às fontes da tragédia grega. [...] Esse não "pinta" cenários; ele apenas emprenha a imaginação do espectador, para que este crie

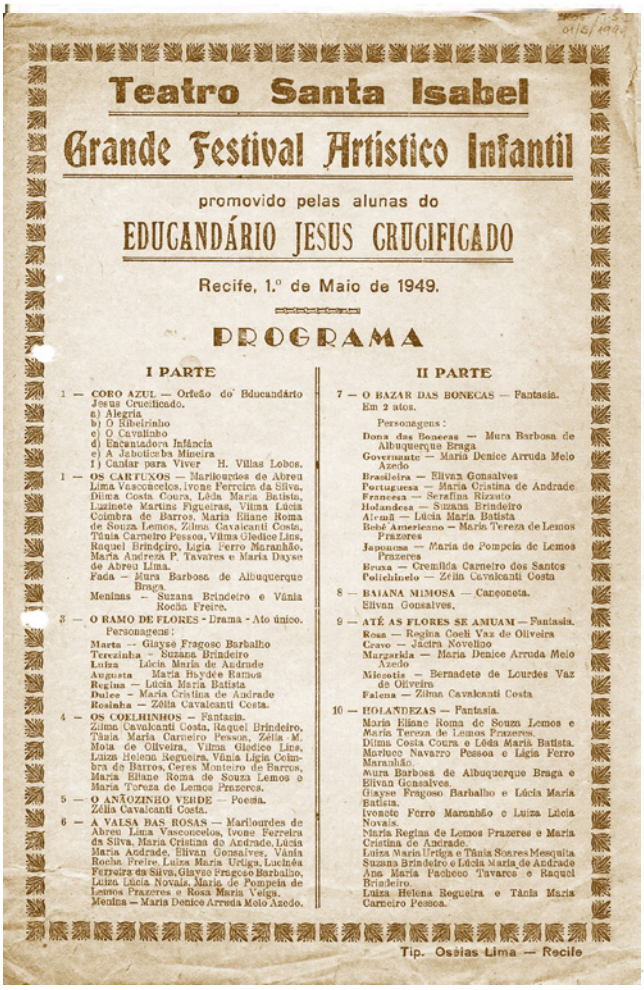
Nossa Cidade

o seu próprio ambiente. Isso é tudo quanto há de mais teatral.

Para Valdemar de Oliveira, conforme depoimento no *Diario da Noite* (25 de abril de 1949), na sua coluna *Artes e Artistas*, Ziembinski foi "o mestre ideal". No segmento popular, o mês de maio também marcou o sucesso que a dupla de caipiras Alvarenga e Ranchinho fez no palco-auditório da Rádio Jornal do Commercio, sempre atraindo muita gente aos seus programas de auditório, assim como a exibição de um festival artístico infantil, no dia 1, às 15 horas, no palco do Teatro de Santa Isabel, com alunas do Educandário Jesus Crucificado, em benefício do Instituto Profissional Feminino de Caridade.

Já a 9 de maio de 1949, no Teatro de Santa Isabel, reapareceu a Melpomene Pernambucana com a peça Sinos de Olinda, do escritor Mário Sette, espetáculo em benefício do Instituto Ação Social São Francisco, de Olinda, em homenagem ao governador Barbosa Lima Sobrinho, ao general Americano Freire, comandante da Região, e ao prefeito do Recife. A montagem, já apresentada no Salão Pio X, em Olinda, era custeada por uma comissão de senhores liderados pelo prefeito daquela cidade, Manuel Regueira. A direção cênica foi assumida por Emídio Faneca, com música de Lauro Ataíde de Siqueira e Lafayete Lopes, e versos de Temístocles de Andrade. Na parte coral, a Schola Cantorum Santa Cecília, sob a direção de Edite Vaz. Uma Apoteose à Liberdade encerrou a programação. No elenco, Dinorá Silva, Ivonete Ramalho, Ruy Ratis, Clóvis Vieira,

Governador Barbosa Lima Sobrinho



Teatro Santa Isabel

Grande Festival Artístico Infantil

promovido pelas alunas do

EDUCANDÁRIO JESUS CRUCIFICADO

Recife, 1.º de Maio de 1949.

PROGRAMA

I PARTE

1 — CORO AZUL — Orfeão do Educandário Jesus Crucificado.
a) Alegria
b) O Ribeirinho
c) O Cavalinho
d) Encantadora Infância
e) A Jaboticaba Mineira
f) Cantar para Viver — H. Villas Lobos.

1 — OS CARTUXOS — Marilourdes de Abreu Lima Vasconcelos, Ivone Ferreira da Silva, Dilma Costa Coura, Léda Maria Batista, Luzinete Martins Figueiras, Vilma Lúcia Coimbra de Barros, Maria Eliane Roma de Souza Lemos, Zilma Cavalcanti Costa, Tânia Carneiro Pessoa, Vilma Gledice Lins, Raquel Brindeiro, Ligia Ferro Maranhão, Maria Andreza P. Tavares e Maria Dayse de Abreu Lima.
Fada — Mura Barbosa de Albuquerque Braga.
Meninas — Suzana Brindeiro e Vânia Rocha Freire.

3 — O RAMO DE FLORES - Drama - Ato único.
Personagens:
Marta — Glayse Fragoso Barbalho
Terezinha — Suzana Brindeiro
Luiza — Lúcia Maria de Andrade
Augusta — Maria Hydée Ramos
Regina — Lúcia Maria Batista
Dulce — Maria Cristina de Andrade
Rosinha — Zélia Cavalcanti Costa.

4 — OS COELHINHOS — Fantasia.
Zilma Cavalcanti Costa, Raquel Brindeiro, Tânia Maria Carneiro Pessoa, Zélia M. Mota de Oliveira, Vilma Gledice Lins, Luiza Helena Regueira, Vânia Ligia Coimbra de Barros, Ceres Monteiro de Barros, Maria Eliane Roma de Souza Lemos e Maria Tereza de Lemos Prazeres.

5 — O ANÕZINHO VERDE — Poesia.
Zélia Cavalcanti Costa.

6 — A VALSA DAS ROSAS — Marilourdes de Abreu Lima Vasconcelos, Ivone Ferreira da Silva, Maria Cristina de Andrade, Lúcia Maria Andrade, Elivan Gonsalves, Vânia Rocha Freire, Luiza Maria Ortiga, Lucinéa Ferreira da Silva, Glayse Fragoso Barbalho, Luiza Lúcia Novais, Maria de Pompeia de Lemos Prazeres e Rosa Maria Veiga.
Menina — Maria Denice Arruda Melo Azedo.

II PARTE

7 — O BAZAR DAS BONECAS — Fantasia.
Em 2 atos.
Personagens:
Dona das Bonecas — Mura Barbosa de Albuquerque Braga.
Governante — Maria Denice Arruda Melo Azedo
Brasileira — Elivan Gonsalves
Portuguesa — Maria Cristina de Andrade
Francesa — Serafina Rizzuto
Holandesa — Suzana Brindeiro
Alemã — Lúcia Maria Batista
Rebé Americano — Maria Tereza de Lemos Prazeres
Japonesa — Maria de Pompeia de Lemos Prazeres
Bruxa — Cremilda Carneiro dos Santos
Polichinelo — Zélia Cavalcanti Costa

8 — BAIANA MIMOSA — Canconeta.
Elivan Gonsalves.

9 — ATÉ AS FLORES SE AMUAM — Fantasia.
Rosa — Regina Coeli Vaz de Oliveira
Cravo — Jácira Novelino
Margarida — Maria Denice Arruda Melo Azedo
Miosotis — Bernadete de Lourdes Vaz de Oliveira
Falena — Zilma Cavalcanti Costa

10 — HOLANDEZAS — Fantasia.
Maria Eliane Roma de Souza Lemos e Maria Tereza de Lemos Prazeres.
Dilma Costa Coura e Léda Maria Batista.
Marileo Navarro Pessoa e Ligia Ferro Maranhão.
Mura Barbosa de Albuquerque Braga e Elivan Gonsalves.
Glayse Fragoso Barbalho e Lúcia Maria Batista.
Ivonete Ferro Maranhão e Luiza Lúcia Novais.
Maria Regina de Lemos Prazeres e Maria Cristina de Andrade.
Luiza Maria Ortiga e Tânia Soares Mesquita.
Suzana Brindeiro e Lúcia Maria de Andrade
Ana Maria Pacheco Tavares e Raquel Brindeiro.
Luiza Helena Regueira e Tânia Maria Carneiro Pessoa.

Tip. Ossias Lima — Recife

Maurinéa Xavier, Carmelita Costa, Edson Barreto, Alaíde Rocha e Severino Ramalho.

Com patrocínio da Fratelli Vita, a grande tragédia de Sófocles, *Édipo-Rei*, finalmente estreou pelo Teatro do Estudante no dia 12 de maio de 1949, no Teatro de Santa Isabel, original nunca representado no Brasil, segundo divulgaram. Apresentada em um único ato, a peça foi proibida para menores de dezoito anos por ordem da Censura. Novas sessões aconteceram nos dias 13, 17, 19, 21 e 22 de maio, esta penúltima em vesperal às 17 horas, a pedidos do público que não podia frequentar o teatro no horário noturno. No elenco, Genivaldo Wanderley no papel de Édipo, Gastão de Holanda como Tirésias, Ana Canen como Jocasta, e mais Clênio Wanderley, Luiz Espíndola, Maria Tereza Leal, Luiz Alberto G. Pereira, Antônio Figueiredo, Ernani Cerdeira, Moacir Lamour, Dulce Franco, Francisco Sepúlveda, Walmir Maranhão, Humberto Falcão, Mickel Sava Nicoloff, Rubem Guimarães, José Ajuricaba, Mauro Lauria, Abraão Gelfond, Lupércio Gomes, Gilberto Borba, Alaíde Portugal, Milton Persivo, Epitácio Gadelha, José Guimarães Sobrinho, Djanira Se-

Édipo-Rei

púlveda e Dulce Sepúlveda. A adaptação do coro foi feita por José Laurênio de Melo, com efeitos de luz de Salustiano Gomes Lins. O resultado: só elogiosas referências da crítica em artigos de Andrade Lima Filho, Otávio Morais, Aderbal Jurema, A. Mosca de Carvalho e Baltazar da Câmara, entre outros. Berguedof Elliot fez questão de escrever para o *Diario de Pernambuco* (15 de maio de 1949):

> O *Teatro do Estudante* ofereceu-nos uma bela versão da tragedia de Sófocles: *Édipo-Rei*. Geralmente, os espetaculos dessa natureza oferecem adaptações livres que desfiguram integralmente o original. Eros Gonçalves e Hermilo Borba Filho não correram esse risco, pois, conservando as linhas mestras da fabulação imaginada por Sófocles, nos deram uma tradução comprimida ou melhor concisa da tragedia, suprimindo certas partes meramente descritivas ou narrativas que tornariam o espetaculo demasiado monotono, com prejuizo da dinamica teatral. [...] Daí o grande merito da tradução encenada pelo *Teatro do Estudante*. Este conjunto, que nos proporcionou o melhor espetaculo de amadores de 1948, com *A Casa de Rosmer*, de Ibsen, acaba de obter outro magnifico triunfo. Foi uma tarefa arrojada que bem mereceu os aplausos calorosos da platéia. Prestou o *Teatro do Estudante* um relevante serviço à nossa cultura artistica, permitindo ao publico um conhecimento direto da tragedia grega – essa creação (sic) genial do espirito helenico, até então conhecida, entre nós, através da leitura de fragmentos de textos mutilados ou de simples referencias de critica literaria. [...] Estas [as tragédias], entretanto, depuradas pelo crisol da critica historica, ainda nos parecem atuais no seu fundo moral e inexauriveis na sua essencia poetica. [...] Quanto ao desempenho só tenho motivos para felicitar [...] As falhas que poderiam ser apontadas, como, por exemplo, certa falta de sincronismo do côro, pouco desembaraço do jovem que fez o papel de Creonte, são absolutamente explicaveis. Otimos, o cenario e os figurinos, com exceção, apenas, do velho pastor que mais parece um urso. Bons, alguns efeitos de luz. Encenando uma peça de montagem carissima, como *Édipo-Rei*, em que o "déficit" é certo, o *Teatro do Estudante*, dá uma demonstração evidente do idealismo fecundo que o inspira. E' de esperar que o nosso publico saiba premiar esse idealismo.

Com ironia, Eros Gonçalves respondeu a alguns dos questionamentos no *Diario de Pernambuco* (18 de maio de 1949):

> Meu caro Berguedof Elliot: Pena que você não consultasse antes o oraculo de Delfos...A nossa versão de *Édipo-Rei* não foi "comprimida", nem foram suprimidas "certas partes meramente descritivas ou narrativas que torna-

Édipo-Rei

riam o espetaculo demasiado monotono, com prejuizo da dinamica teatral". O teatro foi *traduzido integralmente* (o grifo é meu). Longe de nós a idéia de corrigir a Sófocles. Aliás sou inimigo pessoal das "condensações" [...] Quanto ao traje do velho pastor, você veio de encontro á minha idéia. Sim, ele é realmente um "urso" das montanhas. O modelo original pode ser encontrado nos livros que tratam do assunto. Muito obrigado pelas palavras elogiosas ao meu humilde trabalho.

Na *Folha da Manhã* (18 de maio de 1949), Andrade Lima Filho clamou o público a conferir a "revolução" que era *Édipo-Rei*:

> Dessa "humanidade" das tragédias de Sófocles, espelhada admiravelmente na composição da história incestuosa de Edipo e Jocasta, o Teatro do Estudante acaba de nos oferecer uma prova soberba. Nosso público teatral precisa de ir assistí-la. Precisa de ir aplaudir êsse esplêndido Genivaldo Vanderlei (sic) no papel do infeliz rei a quem, conforme o côro, "uma só mulher bastou para ser filho e marido". Precisa de ir aplaudir essa maravilhosa Ana Canen, vivendo o drama terrível da desgraçada que foi, a um só tempo, mãe e espôsa do seu filho. Precisa, coroamento a audacia vitoriosa de Hermilo Borba Filho e Eros Gonçalves. *Edipo-Rei* não pode, não deve passar em branca nuvem. Seria um crime. Precisamos fazer barulho, um barulho danado em tôrno dessa peça. Aliás, isso já não é uma peça, é uma revolução. Vamos aderir.

Luiz Maranhão Filho dedicou dois artigos a *Édipo-Rei*. No primeiro deles, no *Diario de Pernambuco* (13 de maio de 1949), festejou:

Édipo-Rei

Quero apenas, em linhas gerais, falar do *Édipo-Rei*, que foi talvez o mais significativo espetaculo de arte realizado em palcos brasileiros. Pela primeira vez em nosso país, uma obra milenar é representada com tão forte dose de teatralidade. [...] Foi um belissimo feito de Hermilo Borba Filho e Eros Gonçalves, desafio audacioso a um publico pouco educado artisticamente, mas de grande compreensão. E a prova disto está no silencio religioso, mantido durante duas horas de representação, sem intervalo.

Mesmo com tantos elogios e com a Diretoria de Documentação e Cultura encarregando-se de distribuir convites a estudantes e operários, a peça não teve um bom público. Como nota triste, faleceram naquele ano o escritor Filgueira Filho, natalense meio pernambucano, afastado dos bastidores teatrais, e Osvaldo Barreto, ator pernambucano ultimamente no elenco da Companhia Milton Carneiro, em São Paulo. Depois de muitos anos de paralisação, o Teatro Operário, do Serviço Social Contra o Mocambo, voltou à ativa preparando *Gota Dágua*, de Hermógenes Viana, sob direção de Elpídio Câmara e em comemoração

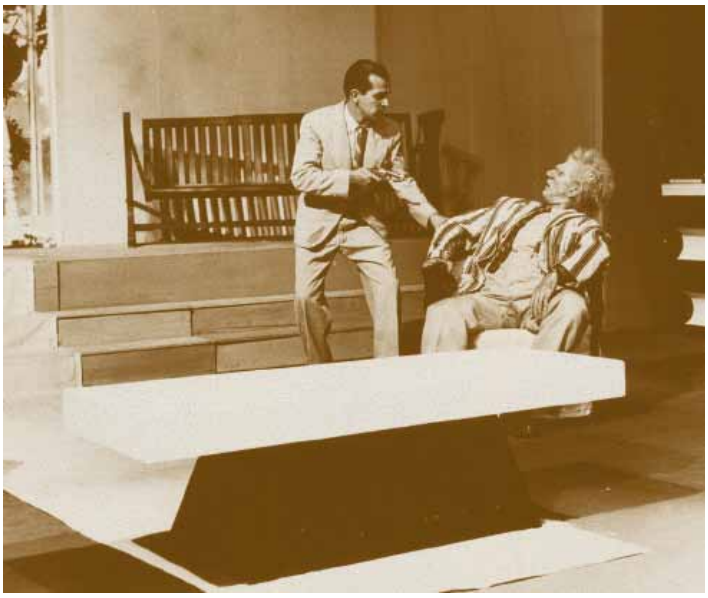
Édipo-Rei

ao 14º aniversário de fundação dos Centros Educativos Operários do Recife (C. E. O.). O crítico L. M. F., Luiz Maranhão Filho, gostou do que viu e escreveu na coluna *Teatro*, do *Diario de Pernambuco* (17 de maio de 1949): "Realmente, não podiamos esperar um espetaculo grandioso, porque eram estreantes e sem nenhum conhecimento de teatro. Mas a peça agradou, pelo seu tema e pela representação", fazendo elogios, inclusive, a um ator, mas sem revelar seu nome (Amaro Costa), estivador na vida cotidiana, que ele chamou de "diamante bruto". Andrade Lima Filho, na *Folha da Manhã* (19 de maio de 1949), chamou a peça de "milagre cênico". Ainda no elenco de atores operários filiados ao C.E. O., Cabral da Rocha, Deusa Santos, Ascênio Dantas, Ibrantina Duarte, Sizenando Pavão, Anália dos Anjos e Luiz Nascimento. A peça circulou por outros espaços, indo, por exemplo, ao Centro Educativo Operário de Santo Amaro.

Bernard Shaw

Já o Teatro Operário do SESI, sob direção de Genivaldo Wanderley, foi parar no palco do SESI de Tejipió com a peça *Heróis*, de Bernard Shaw (apresentando o autor pela primeira vez no Recife), enquanto que no Cine Olinda, na cidade de Olinda, o Grupo Infantil de Comédias voltava à cena com *O Canto do Sabiá*, peça de Waldemar Mendonça, também diretor da montagem, e músicas de Lourival Santa Clara, em comemoração ao oitavo ano de sua existência. Naquele momento, se Mayerber de Carvalho estava preparando *Onde a Poeira Encosta o Cisco*, luxuosa revista que iria marcar a estreia de sua Companhia de Revistas, com Salomão Absalão, Alberto Brasileiro, Suzana Cléia e Nina Lamour, entre outros artistas do teatro junto a coristas, defendendo logo que não se tratava de um espetáculo apenas comercial, mas "uma critica sobre diversos assuntos locais, com humorismo fino e cenas serias também", conforme relatou ao *Diario de Pernambuco* (27 de maio de 1949), Valdemar de Oliveira lançou o décimo número da elogiada revista *Contraponto*, publicação voltada à arte, e já anunciava para final de maio a estreia de *Pais e Filhos*, de Bernard Shaw, sob direção de Ziembinski, proposta que deu o que falar.

Em uma série de entrevistas ao jornalista L. M. F., Barreto Júnior foi dando notícias sobre as obras do Teatro de Emergência Almare e fez defesa do teatro que praticava, alegando que recebia cartas, telegramas e telefonemas de admiradores pedindo para ele não abandonar o gênero alegre, mas prometeu jamais fazer isso. Complementou dizendo não entender porque chamam de chanchada as peças que provocam gargalhadas estrondosas na plateia. "Tenho visto muita peça que faz chorar, que na minha opinião, não



Pais e Filhos

passa de refinadissimas chanchadas". E prometendo só apresentar em seu teatro "verdadeiras bombas atomicas de gargalhadas", provocou: "Quem quiser chorar que vá para a porta do cemiterio. E tomem cuidado com os fantasmas", brincou ao falar para o *Diario de Pernambuco* (29 de maio de 1949), encerrando a entrevista com um "é muito mais facil fazer chorar, do que fazer rir", frase polêmica que incomodou a Valdemar de Oliveira.

Genivaldo Wanderley ainda dirigiu naquele mês de maio outro trabalho com o elenco do Teatro Operário do SESI, *As Mulheres Não Querem Almas*, de Paulo Gonçalves, com duas sessões no Teatro de Santa Isabel. A montagem não foi bem recebida pelo crítico L. M. F., que não teve pudor em expor seu preconceito no *Diario de Pernambuco* (31 de maio de 1949):

> Inicialmente quero dizer que a deficiencia do elenco é motivada em parte pelo repertório. A comédia de Paulo Gonçalves não pode ser vivida por operários, pois, seu tema dificilmente é compreendido pelos próprios profissionais. [...] Os elementos estavam desarmoniosos, não havendo propriamente representação, pois não havia vida. [...] o que vale ressaltar é o esforço do diretor Genivaldo Wanderley, cuja capacidade de trabalho todos conhecemos. Esse jovem que nos mostrou Bernard Shaw, pela primeira vez, com esse mesmo conjunto, procura arrancar o máximo dos atores do Sesi. Infelizmente, Genivaldo, não podemos dizer o mesmo do Teatro Operário. Nem sempre "plantando dá". Depende do terreno.

Após um breve desentendimento com a nova diretoria do Teatro dos Bancários, por ter esta prometido fazer um espetáculo de autor nacional com obra que não causasse nem sono nem prometa trazer nada de novo em matéria teatral, numa clara referência aos trabalhos do Teatro do Estudante e Teatro dos Amadores, começou o mês de junho e Valdemar de Oliveira já anunciou em sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (3 de junho de 1949) sobre sua nova estreia para o dia 3, no Teatro de Santa Isabel, *Pais e Filhos*, sátira do dramaturgo irlandês Bernard Shaw, com tradução de Guilherme de Figueiredo e direção de Ziembinski, desta vez com o grupo abordando um gênero nada habitual ao seu repertório, a comédia:

> Não é, de nenhum modo, a comicidade desbragada, solta, inconsequente, mas, o "humour" na mais completa e absoluta significação do têrmo, não fôsse o autor esse terrível sarcasta, "demônio jovial", como o chamou Genolino Amado – Shaw. Gênero, de fato, nem comum ao repertório do Teatro de Amadores, nem comum em nossos palcos, onde para fazer rir o público não se conhecem outros condimentos que não sejam os da *chanchada*. E' muito possível que algum sujeito menos

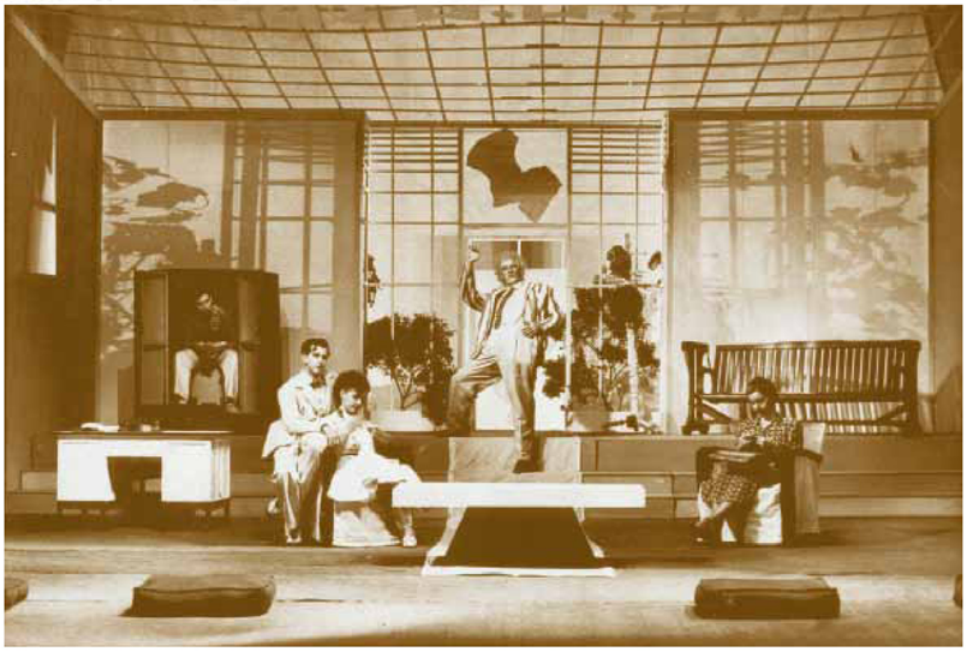
Pais e Filhos

> ajuizado descubra, em *Pais e Filhos*, um parentesco, próximo ou remoto, com a comédia baixa que faz as delícias do grosso público. [...] Estou certo, porém, de que o espectador mais esclarecido sentirá, através das situações cômicas de *Pais e Filhos*, aquela formidável clava que o velho irlandês costuma brandir para abater a estupidez do século e a malvadeza dos homens.

No elenco, Alfredo de Oliveira, Diná Rosa Borges de Oliveira, Otávio Rosa Borges, Valdemar de Oliveira, Reinaldo de Oliveira, Fernando de Oliveira, Zélia Sena Caldas (estreante), Oscar Cunha Barreto e Salomé Mendonça. Ainda que o Jornal do Commercio (5 de junho de 1949) tenha lembrado que *Pais e Filhos* era "uma peça ligeira, viva, movimentada, sem grandes lances dramáticos" ou uma "sátira magnífica à sociedade inglesa, cheia do humorismo e da comicidade própria do estilo do grande teatrólogo irlandês", o trabalho, mesmo com ingressos esgotados a cada sessão, causou foi muita polêmica entre os críticos da cidade. No *Jornal do Commercio* (4 de junho de 1949), o crítico M. mostrou-se mais entusiasmado com os intérpretes do que com o que viu em termos de dramaturgia:

Pais e Filhos

> Nota-se alguma diferença na técnica do teatro. Talvez seja mesmo mais para ler que para representar. Monótona a princípio, meio séria meio jocosa, salpicada de conceitos e de sátiras, vai aos poucos agradando e prendendo a atenção. É crítica paralela à aristocracia e à burguesia que enriquece, cada uma a educar seus filhos a seu modo. O que sobretudo agrada é o trabalho dos amadores, amadores que em muito levam vantagens sôbre certos profissionais. Conjunto afinadíssimo, quer dos que já estão acostumados ao palco por outras peças, quer dos com que o público ainda não está familiarizado. Sente-se que há em Pernambuco uma escola dramática e que os alunos progridem, elevando-a e tornando-a respeitada.



Pais e Filhos

Na *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (6 de junho de 1949), dois críticos escreveram sobre *Pais e Filhos* na coluna *Fora de Cena*. Hermilo Borba Filho abriu a resenha com elogios, inclusive fazendo referência às declarações de Barreto Júnior:

> O agrado com que a plateia recebeu a satira do autor irlandes veio demonstrar que as suas frases e situações atingiram o alvo, cheias como são de muita verve e bom humor. Aí está uma oportunidade para se dizer que não há diferença entre teatro para rir e teatro para chorar. Ambos são uma coisa só e o que vale é a qualidade artistica da obra, embora abordando qualquer assunto que se relacione com o pranto ou o riso. Andou bem o sr. Valdemar de Oliveira concordando com a escolha do sr. Ziembinski, pois os nossos conjuntos profissionais precisam demonstrar, de publico, a capacidade interpretativa na encenação de uma comedia, a fim de que sobre eles não caia a acusação leviana de que são incapazes de outra coisa a não ser fazer chorar, desmentindo todos aqueles que consideram muito mais fácil fazer rir do que comover até ás lagrimas. Não há genero facil em arte dramatica, todos são difíceis e contêm uma mensagem que para ser transmitida precisa contar com a capacidade de interpretação dos atores. Bernard Shaw agradou ao publico que compareceu a Santa Isabel e agradou não só somente porque causou risos (no caso de Shaw, depois de rir a gente pensa), mas sobretudo porque se torna sempre agradavel a uma plateia ver ridicularisadas (sic) certas normas de existência, certos padrões de vida estabelecidos pelo peso dos anos, certas figuras estandardizadas e que não são proprias apenas da sociedade inglesa, mas de todas as sociedades.

Em seguida, e a pedidos, o espaço foi aberto para José Laurênio de Melo pontuar suas opiniões sobre Bernard Shaw e sua escrita de "espiador do homem":

> Talvez o ponto de partida de Mr. Shaw nesta peça tenha sido o querer demonstrar a tirania dos filhos sobre os pais. Estes, em ultima analise, cedem ás exigências dos primeiros, os quais nunca se dão por satisfeitos. Há a considerar, aqui, a fraqueza de carater dos pais, a disposição secreta que têm para ceder sempre. [...] Esses tipos de pais, serenissimos senhores de uma sociedade apodrecida, cujo sentido da realidade é recebido pela fossa do vizinho, jamais farão de seus filhos criaturas humanas, de carne e osso. [...] Que pensa Mr. Shaw de tudo isto? Mr. Shaw tira o corpo e enfaticamente avisa que é apenas um observador mordaz e um critico social. Ele não pensa nada e suas supostas reflexões só fazem aumentar a confusão. Além do mais, é conveniente que as coisas fiquem como estão, porque nunca lhe faltará material para fazer rir.

Mas foi o crítico L. M. F. quem criou mais polêmica sobre a montagem. Primeiro, expôs suas opinião sobre o que viu, no *Diario de Pernambuco* (4 de junho de 1949), elogiando:

> Foi o mais perfeito espetaculo para rir, embora com uma alta dose de satira e critica á sociedade inglesa. A casa do negociante Tarleton, fabricante de camisas e cuecas e grande benemérito que vive fundando bibliotecas populares, serve de cenario a esta notavel satira, saida do cerebro do velho teatralogo. Os pais e os filhos não se compreendem, existe entre eles uma barreira intransponivel, como afirma o negociante. [...] O publico ri das situações, mas depois, meditando bem, vê que estão rindo deles mesmos, que aquelas cenas são cotidianas, muito comuns nas sociedades aristocraticas. [...] *Pais* e *Filhos*, afinal, é uma prova do ridiculo da vida.

Em seguida, escreveu sobre os intérpretes, destacando cada um dos atores como Otávio Rosa Borges – "Esteve bem no papel, embora o tipo, por culpa do diretor, fosse um pouco caricato, com aquela cabeleira fóra do normal e feições de palhaço", criticou minimamente no *Diario de Pernambuco* (5 de junho de 1949) –, mas não poupou elogios a todos os outros, Reinaldo de Oliveira, Diná Rosa Borges de Oliveira, Fernando de Oliveira, Oscar Cunha Barreto, Salomé Mendonça, Valdemar de Oliveira – o maior destaque – e Alfredo de Oliveira. A única exceção foi para o trabalho de Zélia Sena Caldas: "Revelação é que não foi. [...] E' uma atriz mecânica, assemelha-se a uma maquina em cena, não vive, não interpreta. [...] Artificial em suas atitudes, toda vez que fala alto bate com a mão no braço da cadeira, imitando os gestos de Ziembinsky (sic)".

Esta pontuação incomodou a Valdemar de Oliveira e a Ziembinski, que foram à imprensa defender a jovem atriz, mas o pior problema ainda estava por vir, quando Luiz Maranhã Filho abriu espaço na coluna *Teatro* para uma entrevista com Barreto Júnior, no *Diario de Pernambuco* (12 de junho de 1949), e ele fez comparações do sucesso de público entre a "revolucionaria" *Nossa Cidade*, com suas inovações

Pais e Filhos

herméticas, e a sátira de *Pais e Filhos*, onde "o publico gostou mais e aí temos um importante argumento a favor do teatro para rir", comentou o empresário-ator. A resposta de Valdemar de Oliveira veio na sua coluna *A propósito...*, no *Jornal do Commercio* (12 de junho de 1949):

> Se é certo (e não é) que, em teatro, mais difícil é fazer rir do que chorar, o *Teatro de Amadores* enfrentou, com a encenação de *Pais e Filhos*, uma dura prova e dela saiu vencedora (sic). Quem conhece a obra de Bernard Shaw sabe que ele não seria capaz de escrever uma "fábrica de gargalhadas". Embora *Pais e Filhos* possa fazer rir o público durante duas horas a fio de espetáculo, nem por isso desce, Shaw, à condição de chanchadeiro, tão certo é que os espíritos mais avisados descobrirão, em suas falas, a veia sarcástica que dêle faz o mais irreverente dos escritores do nosso século. O Teatro de Amadores quebrou sua rotina, abordando um novo gênero em seu repertório. Se nem sempre foi seu fim "fazer derramar lágrimas" (só os idiotas usam semelhante expressão, sem nada entender dos verdadeiros fins da arte), o caminho que agora vem palmilhando lhe proporcionará o ensejo de revelar nossas possibilidades emocionais, decepcionando aqueles bôbos que costumavam restringir-lhe os méritos pelo fato de só se preocupar, o repertório escolhido, com os aspectos trágicos da realidade.

Luiz Maranhão Filho tentou explicar-se em outro artigo no *Diario de Pernambuco* (14 de junho de 1949):

> A obrigação do critico teatral é informar ao público o que realmente viu nos espetaculos, pode de lado, motivos pessoais, fazendo uma critica honesta, sem ataques, apenas apontando os pontos falhos. Um critico não tem o direito de prejudicar espetaculos nem tambem fazer elogios a quem não merece, pois a verdade deve prevalecer. [...] Quando publicamos impressões de Barreto Junior, não o fizemos com o intuito de depreciar o trabalho de quem quer que fosse. [...] Barreto Junior apenas louvou a interpretação de *Pais e Filhos* como homem de teatro e não idiota. Ele não disse que a satira de Shaw era uma fabrica de gargalhadas, nem tão pouco, uma chanchada. Por pior que seja o espetaculo, no Recife, não recebe de certos criticos a denominação de "chanchada", excetuando-se Barreto, mesmo encenando *A Mulher sem Pecado*, *Amor*, *Carlota Joaquina* e outras peças de real valor do teatro nacional. Se Barreto apresentar uma peça de Shaw, será chamado "o rei da chanchada". Acho que isso não é critica teatral em parte alguma, nem mesmo em "nossa cidade".

Enquanto algumas pessoas engalfinhavam-se nas escritas sobre *Pais e Filhos*, peça que chegou a seis récitas de casa cheia, o Grupo Teatral de Amadores, do Atlético, voltou a apresentar *A Carta*, de Aristóteles Soares, dedicado aos oficiais e militares sediados na Vila Militar de Socorro (em novembro a peça foi ao município de Aliança), e o Teatro Universitário de Pernambuco promoveu o curso "Teoria e Prática do Teatro", na Faculdade de Direito, com o encenador Ziembinski

A Indesejável

em doze aulas gratuitas. Já o Teatro dos Bancários voltou ao palco do Teatro de Santa Isabel no dia 16 de junho de 1949, com a peça *A Indesejável*, de Raimundo Magalhães Júnior, sob direção de Alderico Costa. Valdemar de Oliveira, no *Jornal do Commercio* (17 de junho de 1949), lembrou que tratava-se de "uma peça que melhora de ato a ato, mas, não chega a ser das melhores do autor", no entanto, diante da renovação quase que completa do elenco do Teatro dos Bancários, saldou: "Espero poder elogiá-los, abertamente, em próximas representações, tão certo estou de que, entre todos aqueles que ontem se apresentaram, nenhum pode ser considerado uma negação para a cena". No palco, atuaram Nair Leal, Teresa Vieira, Laura Vieira, Milza Rijo, Aury Neves, Adelton Brito, Benone Ferraz, José Barreto, Orlando Lessa e Beroaldo Guimarães. Com resenha na *Folha da Manhã* (18 de junho de 1949), o crítico O. C., Otávio Cavalcanti, também aprovou o que viu sem maiores alardes:

> Como se fizessem uma experimentação, os bancários escolheram uma das peças mais simples do autor; sem grande esfôrço de representação e sem grande consequência; é o que se pode chamar de comédia leve, mais adequada para teatro de principiantes, pois não contem pesados jogos de cena, nem de máscaras e nem sentido filosófico. E'um tema banal, de um jovem médico que se vê em apuros, pela intriga feita por uma das suas enfermeiras que dêle se apaixonou.

E enquanto Hermilo Borba Filho concluía o seu Curso de História do Teatro que vinha realizando a quatro sábados, sob os auspícios da Diretoria de Documentação e Cultura, no auditório da Discoteca Pública, anunciou-se o surgimento do Teatro de Revistas de Pernambuco, prometendo estrear com *Basta Ser Boa...*, peça do jornalista Geraldo Seabra, que abriu inscrição para compor o seu elenco feminino promovendo aulas de canto, dança e de representação. Júlio Amaral assinava a direção. Mais à frente, outra peça foi divulgada como estreia, *Uma Pequena do Outro Mundo*, de Luiz Maranhão Filho. Falou-se também na possível volta do Grupo Gente Nossa com velhos associados, mas esta também não aconteceu. Até que no dia 22 de junho de 1949 surgiu um novo conjunto teatral na capital pernambucana, o Teatro Experimental do Recife, com a peça *A Tempestade*, de Mário Brasini, dirigida por Isaac Gondim Filho. No elenco, só estreantes: Idalto Vidal, Artur Maciel, Esther Wolkoff e Antônio Carlos. Os cenários foram especialmente confeccionados por João Alves segundo as indicações do pintor Reinaldo Fonseca. O crítico Luiz Maranhão Filho, L. M. F., saudou a nova montagem através da coluna *Teatro*, do *Diario de Pernambuco* (23 de junho de 1949):

> Meu amigo Isaac Gondim Filho, você está de parabens, seu idealismo foi coroado de exito, com o aparecimento de mais um conjunto amadorista em nossos palcos. [...] Como diretor, você se saiu bem, apenas leves falhas, coisa

TEATRO EXPERIMENTAL DO RECIFE

Somos estreiantes, modestos e humildes experimentais, sem pretensões a gênios. Não prometemos nada de grandioso, garantimos apenas o nosso esfôrço e a nossa bôa vontade.

"A TEMPESTADE"

3 atos de MÁRIO BRASINI

Intérpretes:

ARTUR MACIEL - Berto
IDALTO VIDAL - Júlio
ESTER WOLKOFF - Clélia
ANTONIO CARLOS - Renato

Direção: ISAAC GONDIM FILHO
Cenário: REYNALDO FONSECA

Auxiliares: Francisco Miranda — Contra-regra
João Alves — Maquinária
Anibal Mota — Eletricidade

TEATRO Sta. ISABEL
Recife - Junho, 1949
Na noite de estréia: 22-6-1949.

> que acontece até com grandes ensaiadores. A representação da peça é uma prova de sua capacidade de trabalho e do talento de dirigir originais da qualidade de *A Tempestade*. Mas, apesar da homogeneidade do elenco, um elemento masculino se sobressaiu, sua interpretação é algo de notavel, sem favor algum. Artur Maciel, vivendo o debil mental Berto, tipo dificil para veteranos, pisando num palco pela primeira vez com uma grande responsabilidade, elevou-se em *A Tempestade*, tornou-se a figura maxima da cena, foi uma verdadeira revelação artistica. [...] Não pensem os leitores que o grupo apresenta apenas esse ator. Outras vocações se exibiram. A senhora Ester Wolkoff, por exemplo. Idalto Vidal e Antonio Carlos tambem. [...] O conjunto de Isaac Gondim Filho precisa ser visto por todos que apreciam a arte de representar, é necessario que ele repita o feito de ontem á noite, revelando novos atores para a cena brasileira.

O crítico A. T., Aristófanes Trindade, na *Folha da Manhã* (23 de junho de 1949), foi bem mais enfático sobre a qualidade do que viu: "Contratem um bom ensaiador para lhes ensinar como se deve falar, conversar em cena. Sem uma providência dessa natureza continuarão declamando, cantando, tornando os diálogos insuportáveis [...]". Naquele mesmo dia 22 de junho da estreia do Teatro Experimental, foi fundada no Recife uma entidade de classe destinada a amparar os atores e técnicos profissionais do teatro, a Associação Profissional dos Atores Teatrais, Cenógrafos e Cenotécnicos do Estado de Pernambuco (A. P. A. T. C. C. E. P.), com propósito de mais à frente tornar-se um sindicato, tendo como presidente Luiz Maranhão, como secretário Ary Guimarães e como tesoureiro Max Eisen (Mustafá). A iniciativa durou pouquíssimo tempo.

Elpídio Câmara reapareceu com o seu grupo Teatro Pernambucano, no dia 24 de junho de 1949, no Teatro de Santa Isabel, com *Deus Lhe Pague...*, alta comédia de Joracy Camargo, em substituição a S.O.S., do saudoso Samuel Campelo, por ter ficado cara demais a montagem. Contracenando com Elpídio Câmara, estavam agora Luiz Maranhão, Lourdes Monteiro, Mayerber de Carvalho, Moura Júnior, Arlindo Dantas, Deusa Silva e Marisa Reis, numa homenagem ao secretário da Segurança Pública, João Roma. O crítico L. M. F., no *Diario de Pernambuco* (26 de junho de 1949), lembrou: "Este espetaculo foi uma prova de que o conjunto está em condições de proporcionar espetaculos mensais, contribuindo para maior desenvolvimento do teatro em Pernambuco". A peça voltou em setembro. Luiz Maranhão, por sinal, promoveu um festival artístico com *Bombonzinho*, de Viriato Correia, comemorando seus trinta anos de atividade. Lenita Lopes, Lourdes Monteiro, Elpídio Câmara, Joval Rice e Augusta Moreira fizeram participação especial. Já a peça *Céu de Meu Brasil*, com o Grupo Infantil de Comédias, fez sessões no Teatro de Santa Isabel, em benefício da Ação Católica Feminina, e no Centro Educativo Operário do Cordeiro, sempre seguidas de um ato variado.

Vinda do Norte do país, a Companhia de Comédias Mario Salaberry estreou a 5 de julho de 1949, no Teatro de Santa Isabel, com a comédia *Quando Elas Querem*, de Robert Pleassant Kake, em tradução de Luiz Rocha e tendo no elenco, como divulgavam, "o maior comico nacional", Palmeirim Silva, além de Lucy Lamour, Mário Salaberry, Jurema Magalhães, José Policena, Anita

Sorrente, Carlos de Garcia e Elvy Dorly, entre outros. Ainda no repertório, *O Perfume de Minha Mulher* (integrando homenagem ao Clube Náutico Capibaribe), *O Novo Mandamento*, *O Funcionário Letra J* e *Renúncia*, estas últimas obras respectivamente de Palmeirim Silva e Renato Viana. Além de promover espetáculos a preço único e popular, a equipe ofereceu vesperais e soirées, e promoveu ainda um festival para o bilheteiro Lisboa Filho, que inclusive comercializava os ingressos antecipados no Depósito da Caxias, e convidou Elpídio Câmara para atuar junto a Mario Salaberry em *Deus Lhe Pague*, de Joracy Camargo. Permaneceu no Recife até 4 de agosto.

Durante o mês de julho, foi cogitada a ida da peça *Édipo-Rei*, do Teatro do Estudante de Pernambuco, para o Rio de Janeiro, mas a ideia não vingou. A excursão estava contando inicialmente com o "benaplacito do governador Barbosa Lima Sobrinho", segundo o *Diario de Pernambuco* (27 de julho de 1949), mas este deu para trás mesmo com o grupo já tendo o Teatro Ginástico garantido, assim como a hospedagem na Casa do Estudante do Brasil. O não custeio das passagens aéreas fez a turma desistir da viagem. Já o Grêmio

Recifense de Comédias levou para o Centro Educativo Operário de Água Fria, no domingo 31 de julho, a peça *Sururú em Família*, de Jomar Austregésilo, em mais um festival do autor e ator pernambucano, com êxito de apresentações por vários bairros do Recife. Nesta mesma data, o Grupo Infantil de Comédias foi se apresentar no Centro Educativo Operário do Pina, com a peça *Meu Sertão*, peça regional do próprio diretor Waldemar Mendonça.

No dia 11 de agosto de 1949, com renda em benefício da Sociedade Pernambucana de Combate à Tuberculose, o Teatro Univeristário de Pernambuco estreou um primeiro trabalho tendo à frente o diretor Ziembinski, *Além do Horizonte*, inclusive nos efeitos de luz e cenários, no Teatro de Santa Isabel, com novas sessões nos dias 21, 25 e 27, e recebeu elogios moderados. A peça, de Eugene O'Neill, dando ao público do Recife ter o primeiro contato com a obra deste autor norte-americano, fez parte das comemorações da fundação dos cursos jurídicos no Brasil, bem como da própria Universidade do Recife. Foi divulgada como sendo a primeira montagem do texto no Brasil. No elenco, Reinaldo de Oliveira, Paulo Alcântara (Sebastião Vasconcelos em pseudônimo), Margarida Cardoso, Oscar Cunha Barreto, Rubem Wien, Edissa Bancovsky, Maria Bernardete, Miguel Coutinho (mais à frente substituído por Idalto Vidal) e Otávio Rosa Borges como ator convidado. O crítico L. M. F. pontuou qualidades e problemas no trabalho, por três artigos na coluna *Teatro*. O primeiro deles afirmou no *Diario de Pernambuco* (13 de agosto de 1942):

> Peça que poderia tornar-se monotona num mau desempenho, uma vez que toda a sua beleza dramatica depende dos interpretes, *Além do Horizonte* contou com bons elementos, trabalhados por um bom ensaiador. Acredito – e comigo todos quanto assistiram ao espetaculo – que o rendimento artistico teria sido muito maior se o sr. Ziembinsky (sic) houvesse conseguido a homogeneidade do elenco, de modo a que cada um dos desempenhantes entrasse com o mesmo "quantum" interpretativo, para dar um quociente equilibrado e justo. Entretanto, se isto não se verificou exatamente, apreciando-se o espetáculo numa visão de conjunto, não se pode dizer que deixou muito a desejar. De modo nenhum. [...] E por fim o sr. Otavio da Rosa Borges, que não esteve bom, porém simplesmente magnifico no papel que lhe foi confiado. Mesmo que no elenco não houvesse outros valores e que todos os desempenhantes tivessem comprometido os personagens, seu trabalho no André Mayo, ao lado do sr. Paulo Alcantara e do sr. Oscar Cunha Barreto, respectivamente no velho João e Pedro Mayo, teria salvo toda a representação.

No artigo seguinte para o *Diario de Pernambuco* (14 de agosto de 1949), Luiz Maranhã Filho colocou o cenário como o maior destaque de toda a montagem:

> Mesmo que no desempenho não houvesse valores apreciaveis (aqui, com licença de meu jovem amigo Oscar Cunha Barreto, cujo talento muito admiro, eu me repito) mesmo

Além do Horizonte

Teatro Santa Isabel

DIA 29 DE AGOSTO DE 1949
ÁS 20 HORAS

Festival artistico do Grupo Cênico Samuel Campêlo em comemoração ao seu 3.º aniversário de fundação, dedicado á sociedade pernambucana.

PATRONO

1946 1949

SAMUEL CAMPÊLO

O nome de Samuel Campêlo é uma bandeira. Quem a impunha, para o bom combate do teatro, pode estar certo de sair vitorioso.
Colocando-se sob o signo dêsse nome ilustre, o Grupo Samuel Campêlo rende um preito de justiça e de gratidão a um dos mais sinceros e idealistas batalhadores da causa do teatro nacional.

Recife, 30 de Julho de 1946
DR. WALDEMAR DE OLIVEIRA

NOSSO ELENCO

PROGRAMA DO DIA

Leilão da Felicidade

PEÇA DO AUTÔR PAULO ORLANDO EM 3 ATOS E 4 QUADROS

Personagens pela ordem de entrada em cena:

Felicidade	Iozete Marques
Pedro	Luiz Teixeira
Antonieta (marquesa)	Ivonete Ramalho
Augusto (Ladrão)	Reinaldo Silva
Roberto	Arlindo Oliveira
Mariana	Deusarina Santos
Dr. Juvenal	Arnaldo Teixeira
Sofia	Alaíde Rocha
Polícia	Amaro Costa

DIREÇÃO ARTÍSTICA DE:
Emydio Fanéco

"RADIOS INVICTUS"

CASA IMPERIO LTDA.
RUA DA IMPERATRIZ 51
TELEFONE 3127

INVICTUS

Peçam demonstração aos revendedores

– 5 –

que a parte interpretativa fosse uma nulidade, os cenarios de Zgbiniew Ziembinsky (sic) salvariam tudo, porque sugerem tudo quanto a imaginação mais fertil poderia conceber. Aquela colina, a medeira em flor e desfolhada, a linha do horizonte ao fundo e a residencia dos Mayo, são demasiadamente sugestivas e impressionantes. Se tivessemos no Recife uma Sociedade Pernambucana de Criticos Teatrais, obedecendo ao mesmo critrrio observado no Rio, quando ás classificações anuais, não negaria meu voto a Ziembinsy (sic), como o melhor cenarista de 1949 em Pernambuco.

Lourival Silva

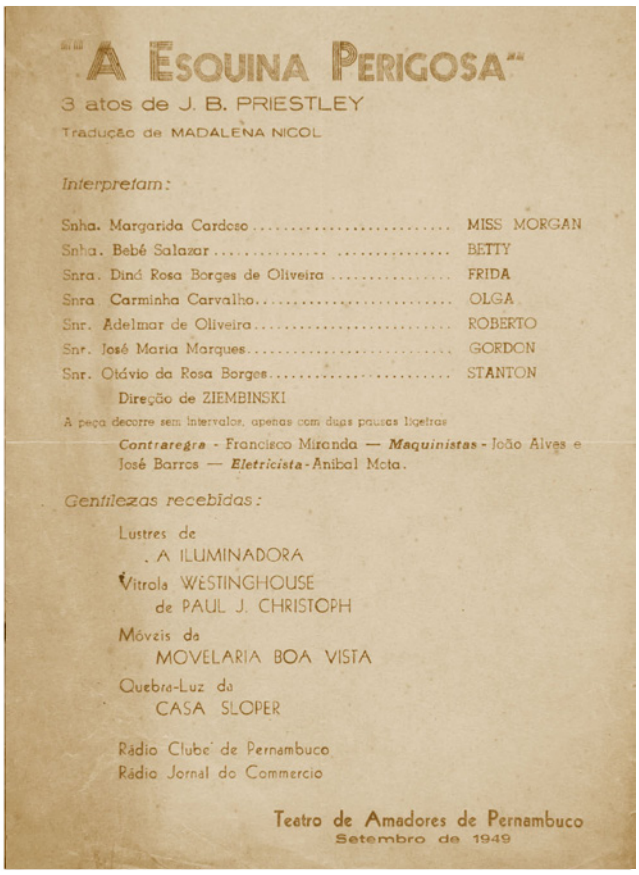
Ao final de agosto, a Divisão de Extensão, Cultura e Artística da Secretaria de Educação e Cultura, além de abrir um concurso de dramaturgia para renovar o repertório do seu Teatro Escolar, passou a promover palestras sobre teatro junto aos grupos escolares da capital e um curso para as professoras. Enquanto isso, o Comandos da Alegria, grupo surgido no ano passado e formado por estudantes de Medicina, reapareceu para levar shows de arte aos pátios internos dos hospitais de indigentes da cidade, com apoio da Secretaria de Saúde e do Diretório Acadêmico de Medicina. O também ator Reinaldo de Oliveira era um dos universitários à frente da empreitada. Ainda no dia 29 de agosto de 1949, no Teatro de Santa Isabel, aconteceu a estreia de *Leilão da Felicidade*, de Paulo Orlando, pelo Grupo Cênico Samuel Capelo, coordenado por Lourival Silva, sob direção cênica de Emídio Faneca, e comemorando mais uma passagem de aniversário da sua fundação, desde 1946, mesmo em meio a crises profundas. No elenco, Iozete Marques, Luiz Teixeira, Ivonete Ramalho, Arlindo Oliveira, Ramalho Silva, Deusarina Santos, Alaíde Rocha

e Amaro Costa. A peça causou ótima impressão ao crítico Júlio Barbosa, que registrou sua surpresa no *Diario de Pernambuco* (31 de agosto de 1949):

> Nunca um espetaculo me comoveu tanto quanto o a que assisti, ante-ontem, á noite, no Santa Isabel. E tambem nunca ri tanto e com tanta naturalidade como ao ver *Leilão da Felicidade*, encenada pelo Grupo Cenico Samuel Campelo [...] E que delicia de espetaculo! Delicia pela naturalidade com que o elenco dirigido por Emídio Faneca se desincumbiu dos papeis. Delicia pela sinceridade com que o pessoal, sem nenhuma pretensão de fazer arte, se portou em cima do palco, procurando apenas representar. Gente humilde, do pesado, em quem o amor ao teatro não tem nada de artificial e pernostico.

É incrível que algumas peças passassem devidamente esquecidas pelos críticos de então – como até hoje, vale salientar –, ou pela qualidade deficitária ou por não fazerem parte do núcleo de "privilegiados" da atenção da imprensa. Entre os coletivos daquele momento, Godoi e Seus Comediantes foram ao município do paulista, ao Cine-Municipal, com a peça *Os Transviados*, de Amaral Gurgel, tendo no elenco Joval Rios, Waldeck Macedo, Naná Montez, Renée Leal e Leal Godoi, enquanto que o Grupo Teatral de Amadores Ressunção, também foi àquele município com a peça religiosa *Dever de Cristão*. No Recife, a 7 de setembro de 1949, o Grupo Cênico Estudantil apresentou no Teatro Paroquial do Barro, *Trágico Fim de Semana*, drama de Edésio Andrade, tendo ele e mais Suelly, Zael Pontes, Yara Sales, Vieira Filho, Nadja Kátia, Paulo Montezuma, Lúcia Rejane, Alcides Filho e Luiz Gama, entre outros, no elenco. A revista *Um Yankee no Rio*, também de Edésio Andrade, escrita junto a Vieira Filho, encerrou a apresentação, tendo participação do grupo regional Piratas da Melodia.

E enquanto o Circo-Teatro Show animava Olinda, na rua do Bom Sucesso, com peças como *O Segredo do Sacerdote* e *O Divino Mestre*, ambas de cunho religioso, Valdemar de Oliveira anunciou a terceira montagem em sequência do Teatro de Amadores agora dirigido por Ziembinski, a peça *Esquina Perigosa*, do inglês John Priestley, com estreia agendada para o dia 17 de setembro de 1949, no Teatro de Santa Isabel. Mesmo



"A Esquina Perigosa"

3 atos de J. B. PRIESTLEY

Tradução de MADALENA NICOL

Interpretam:

Snha. Margarida Cardoso	MISS MORGAN
Snha. Bebé Salazar	BETTY
Snra. Diná Rosa Borges de Oliveira	FRIDA
Snra. Carminha Carvalho	OLGA
Snr. Adelmar de Oliveira	ROBERTO
Snr. José Maria Marques	GORDON
Snr. Otávio da Rosa Borges	STANTON

Direção de ZIEMBINSKI

A peça decorre sem intervalos, apenas com duas pausas ligeiras

Contraregra - Francisco Miranda — *Maquinistas* - João Alves e José Barros — *Eletricista* - Aníbal Mota.

Gentilezas recebidas:

Lustres de
A ILUMINADORA

Vitrola WESTINGHOUSE
de PAUL J. CHRISTOPH

Móveis da
MOVELARIA BOA VISTA

Quebra-Luz da
CASA SLOPER

Rádio Clube de Pernambuco
Rádio Jornal do Commercio

Teatro de Amadores de Pernambuco
Setembro de 1949

John Priestley

com montagem caprichada, a plateia, curiosamente, foi reduzida. No entanto, satisfeitíssimo com o que viu, Andrade Lima Filho escreveu para o *Diario da Noite* (9 de setembro de 1949):

> *Esquina Perigosa* é um misto engenhoso de análise psicológica e de sátira social, preparado com a sutileza e a habilidade com que o nosso embaixador Nabuco compõe um *cock-tail*. Priestley é um bom analista da alma humana. Mas, como não é um detetive, abstem-se, no momento azado, de conduzir os seus personagens à delegacia de policia. E termina com

uma sátira de esplêndido efeito, tirando o melhor rendimento do desfecho inesperado. [...] Tudo se desenvolve naturalmente e também naturalmente a linha do enredo volta ao carritel (sic), no epílogo da peça. [...] Os personagens se mostram novamente tranquilos, sorridentes, "normais". E até honestos. A pequena e ingênua Betty já não precisará confessar que o neurótico Gordon, seu marido, "não lhe revelára (sic) o amor" e que porisso (sic) se entregára (sic) a Stanton. Gordon, por sua vez, pode deixar bem escondida a verdade de suas sórdidas relações homossexuais com o falecido Marty. Êste continuará tido como um sujeito que se suicidara por haver cometido um roubo, embora tenha sido assassinado por Olga, quando tentava despí-la para suas aberrações sexuais. Stanton, o verdadeiro ladrão, continuará impune. Frida e Roberto permanecerão representando um "casal feliz", apesar das inclinações platônicas de Roberto por Betty e dos amores frustrados de Frida por Marty. Assim é a vida, longe da "esquina perigosa" da verdade. [...] Uma sátira magistral e – por que não dizê-lo? – otimamente vivida pelos Amadores, dentro duma homogeneidade de conjunto em que não há nomes a destacar. Direção excelente de Ziembinski, numa boa *mise-em-scéne* e com um cenário a rigor. Um espetáculo, em suma, que honra o alto nível a que já atingiu a arte cênica em Pernambuco. Os Amadores estão, mais uma vez, de parabens.

O crítico teatral O. C., Otávio Cavalcanti, foi outro que encantou-se com a montagem, ressaltando que as marcações de cena tornaram-se imperceptíveis ao público. Afirmou na *Folha da Manhã* (20 de setembro de 1949):

> Não se percebe um movimento, uma atitude dubia, de indecisão, pois as "deixas" dão entrada ás "falsas" (sic) no devido tempo, com precisão cronométrica, o que justifica o bom aproveitamento dos ensaios. E' admirável como, dentre sete atores em cêna, de um "teatro de amadores", cada qual travestido

Esquina Perigosa

de seu papel completamente diferente, se locomova com tanta espontaneidade, á tempo, como se fosse profissional da arte.

No *Diario de Pernambuco* (18 de setembro de 1949), Júlio Barbosa ressaltou somente pontos positivos da montagem:

> Priestley – essa é a impressão que dá ao espectador – toma a liberdade de brincar com a platéia, numa historia que começa, se interrompe, recomeça e termina pela mesma coisa, como um circulo vicioso. No entanto – e aí é que está seu merito – no momento exato em que adivinha que o publico vai chatear-se, a historia toma novos rumos, adquire coloridos diferentes, atingindo situações altamente dramaticas e fortes, capazes de eletrizar a platéia. *A* (sic) *Esquina Perigosa* é, em verdade, uma bonita peça, digna de ser vista, porque agrada, sobretudo num bom desempenho, com direção segura, como a de Ziembinsky (sic). [...] Um unico cenario, porém muito bem feito e bonito; marca das mais seguras; interpretação de conjunto boa; direção admiravel.

Voltando para assistir a peça numa segunda vez, J. B. resolveu escrever agora sobre os atores, na mesma coluna *Teatro*, do *Diario de Pernambuco* (20 de setembro de 1949):

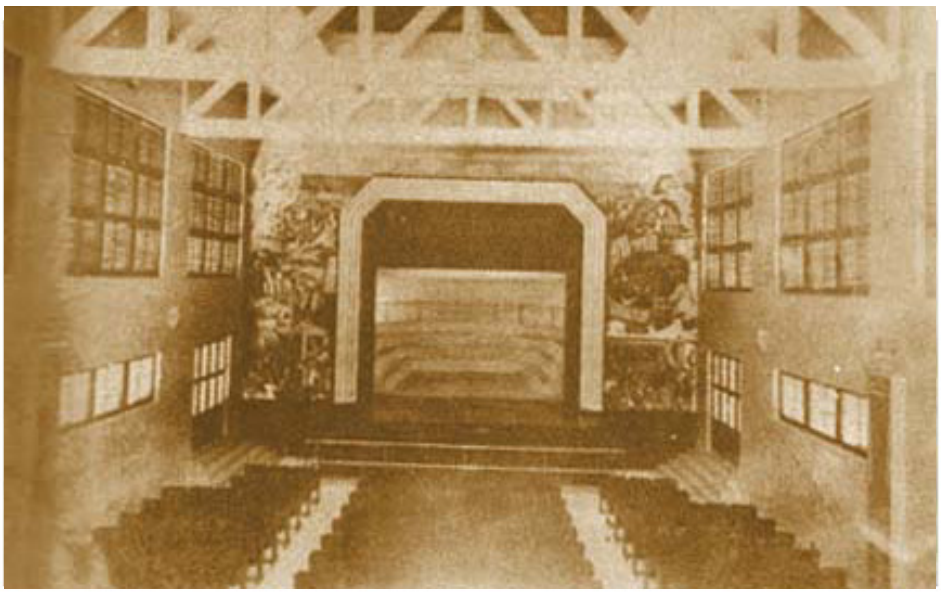
> Margarida Cardoso esteve otima na "miss" Morgan, desincumbindo-se muito bem da parte que lhe tocou; Bebé Salazar, na mesma situação; a sra. Diná Rosa Borges, repetiu, embora em escala menor, o exito alcançado em *A Casa de Bernarda Alba*; a sra. Carminha Carvalho [Carminha Brandão] superou as demais componentes do naipe feminino, sobretudo pela mascara, ou seja a maneira feliz como deixava transparecer pela fisionomia o drama interior de Olga, de quem se encarregou; suas cenas mudas eram mais eloquentes do que as faladas; o sr. Adelmar Oliveira esteve

Esquina Perigosa

Esquina Perigosa

otimo vivendo Roberto, que lhe foi entregue; graças ao seu desempenho magnifico, todas as cenas, principalmente as do pequeno bar, atingiram os pontos mais altos conseguiveis em teatro; o sr. José Maria Marques não poderia estrear de modo mais feliz; uma revelação que convence, esperando-se que prossiga em escala crescente, pois dispõe de grandes recursos para a ribalta: e por fim, o sr. Otavio Rosa Borges, senhor do papel, feliz em todos os momentos, em todos os lances.

Por conta da vida do diretor do Serviço Nacional de Teatro, Thiers Martins Moreira, os grupos amadoristas se reuniram para apresentações das peças de maior destaque naquele momento. *Esquina Perigosa*, *Édipo-Rei*, *Além do Horizonte* e *Deus Lhe Pague* fizeram sessões especais. Até que surgiu a notícia bomba já aguardada: o Teatro de Santa Isabel iria fechar suas portas para uma necessária reforma devido ao seu centenário a comemorar em 1950. Por conta disso, um novo teatro foi inaugurado no Recife, o Teatro do Dérbi, dentro das dependências da Polícia Militar de Pernambuco. *Esquina Perigosa* lá se apresentou. O cronista G. S. escreveu sobre a peça para o *Diario da Tarde* (16 de novembro de 1949) e causou polêmica ao afirmar que a obra de Priestley, sob o aspecto



Teatro do Dérbi

humano, era "um dos mais sórdidos documentos em que se retrata a realidade de certas camadas de determinadas sociedades":

> E' um desfile de doentes do sexo, homens que toleram e até aplaudem a infidelidade de suas esposas, pederastas que surgem exibindo os seus trágicos recalques, mulheres que vivem do culto ao sexo apontadas como joias que ornamentam um mundo de podridão e sujeira. Não somos moralistas, nem temos pretensões a aparecer como tais. Temos, enfim, uma longa experiência do que sejam êsses moralistas, todos êles moralistas apenas *soi disant*, legítimos expoentes do catonismo, que é a mais pura expressão do farisaismo do tempo moderno. O Teatro de Amadores é um exemplo. Vive de pregar cristianismo e de arrotar humanismo. Diz ele próprio que é filantrópico e caridoso. E que, de certo modo e até certo ponto, é qualquer coisa parecida com uma barreira na defesa da moral e dos costumes da nossa gente. Pois é um conjunto assim "cristão" e assim moralista, cujo diretor anda condenando a torto e a direito os pecados do mundo em que vivemos, que se dá ao prazer de oferecer ao público um espetáculo em que desfilam doentes do sexo, em que a degradação é mostrada a nú e exaltada. Legítimo catonismo, digno de quem anda metido em campanhas filantrópicas e em viagens pelo Velho Mundo...

Aproveitando-se dessa questão sobre moralidade, o crítico L. M. F. quis polemizar ainda mais, mas não conseguiu. Ficou mesmo só com o alerta que fez no *Diario de Pernambuco* (17 de novembro de 1949):

> Evidentemente, a peça é imoral; aborda um tema livre, mostra uma sociedade corrompida

Esquina Perigosa

sob todos os aspectos, mas tem uma grande mensagem artística. Não se pode proibir que um autor escreva sobre um tema qualquer, principalmente quando esse tema é encontrado na vida quotidiana, pois a sociedade é cheia de vícios e corruções. *Esquina Perigosa* é a vida, encarada pelo seu lado serio, despida de qualquer artificio, sem mascara nem preconceitos. Mas não é a isso que meu colega se refere, pois atualmente, no Rio, Palmeirim dedica-se ao genero livre, enscenando *O Guarda da Alfandega*. Chamam-no de cultor da imoralidade, por isso. Está direito, ele é um profissional. Mas a *Esquina Perigosa*, na minha opiniao, genero livre, é enscenada por amadores, portanto a imoralidade deixa de ser impropria para ser considerada arte na verdadeira accepção da palavra. Ora, se é imoralidade no profissionalismo, não pode deixar de ser no amadorismo. Temos um exemplo do que afirmamos: quando da temporada de Henritte (sic) Morineau, com os *Artistas Unidos*, o Serviço de Censura classificou o original francês *Frenesi* de proibido até dezoito anos. Não queremos discutir essa classificação. Mas por que motivo *Esquina Perigosa* não foi censurada como impropria, mesmo sem determinar a idade? Comparando os dois originais, o ultimo é muito mais livre, para não dizer, imoral. A revista *Onde a Poeira Encosta o Cisco* é para maiores de 18 anos, porque faz rir. *A Esquina Perigosa* é livre porque faz chorar. São certas condescendencias para com o amadorismo que revoltam os profissionais. Os amadores são pessoas de familia, não podem enscenar peças imorais. E os profissionais tambem não o são? Será que a *Esquina Perigosa* é peça familiar?

Antes mesmo da estreia do Teatro do Dérbi, o empresário Barreto Júnior conseguiu inaugurar seu prometido Teatro de Emergência Almare, no início da avenida Dantas Barreto, "a preço de cinema". Quanto ao perfil, ele já vinha propagando por diversas vezes o seu objetivo para o espaço: "Numa sintese: teatro rapido, relampago. Que não enfada a não dá tempo a bocejar", falou em entrevista à *Folha da Manhã – Vespertina* (17 de fevereiro de 1949). A festa de inauguração aconteceu no dia 14 de outubro de 1949 com *Amor*, sátira de Oduvaldo Vianna, a primeira peça da programação em temporada, começando sempre às

Lenita Lopes

20 horas (horário mais cedo do que o comum), às vezes também em vesperal às 16 horas, com descanso da companhia só acontecendo às segundas-feiras. A obra, dirigida por Lenita Lopes, ganhou apreciação crítica do pseudônimo N., no *Jornal Pequeno* (19 de outubro de 1949):

> Barrêto Júnior deve estar satisfeito com o público de sua terra. Os seus esforços no sentido de obter mais um tearto (sic) para a cidade encantadora, embora de emergência,

vêm sendo coroados de absoluto êxito. E, vale anotar o reconhecimento da nossa gente ao incansavel ator pernambucano, com a grande afluência do nosso público à casa de espetáculos da avenida Dantas Barreto. Dando inicio ás suas atividades no *Almare* Barreto Júnior vem apresentando *Amor*, de Oduvaldo Viana (sic), por por (sic) sinal uma escolha das mais acertadas [...] O enrêdo da peça agrada muito e gira em tôrno das diabruras de Cupido, fazendo das suas com um casal, em que a mulher é positivamente a mais ciumenta das mulheres. Lenita Lopes faz o principal papel feminino, no desempenho do qual esteve magnífica. Joval Rios interpreta o marido, sempre conformado com os ciumes excessivos da sua respectiva cara metade. Barreto Júnior, impagavel como sempre, faz o irritadiço dr. Catão, altamente preocupado com os galicismos[.] Naná Montez interpreta em *Amor* u'a amiga do casal que apaixonada pelo dr.Artur, papel desempenhado por Joval Rios, quasi (sic) leva a melhor. Augusta Moreira faz a criada do casal, aliás com muita graça e naturalidade. Os outros papeis de menor importancia foram entregues a Luiz Maranhão, cujo aparecimento nos nossos palcos foi recebido com simpatia, José Bustorf, José Brasileiro (sic) e outros cujos nomes no momento nos escapam [Renée Leal, Leal Godoy e Waldeck Macedo], como por exemplo, os atores que fizeram o reporter e São Pedro [...] Assim, correspondeu plenamente á expectativa geral, a estréia de Barreto Júnior e sua companhia na nova casa de espetáculos do Recife.

Seguindo seu faro comercial, Barreto Júnior quis dar atenção às diversões para crianças e lançou, já no dia 23 de outubro de 1949, o Teatro de Brinquedo, para ocupar as manhãs dos domingos no seu teatro. A estreia se deu com "um espetáculo de variedades" contando com a participação do "professor Lima e seus cães amestrados, com números circenses; o *Homem-Foca*, malabarista internacional; Naná Montez, Gordurinha (humorista), Lenita Lopes, Barreto Junior e outros em cortinas cômicas e números de música", segundo o *Jornal do Commercio* (19 de outubro de 1949). Como se vê, era a velha fórmula de atrações variadas em sequência, mas não deixava de ser uma opção de diversão para a meninada. No entanto, a iniciativa durou poucas semanas. Ainda a 9 de outubro, o departamento artístico do Guanabara Futebol Clube de Tejipió apresentou na própria sede do clube, *A Vida Tem Três Andares*, de Humberto Cunha, sob direção de André Chaves e J. Orlando Lessa.

No mês de outubro continuaram fazendo sucesso no auditório da Rádio Jornal do Commercio *as Grandes Matinais Para a Garotada do Recife*, que aconteciam aos domingos, com "presentes, premios, curiosidades!", como ressaltavam os anúncios nos jornais. Os programas começavam às 9h30 e seguiam até o meio dia. Entre eles, *Coisas Nossas*, *Bom Dia Para Você*, *Cresça e Apareça*, *Revista Alegre* e *Vamos Fazer o Passo*. Posteriormente, matinées também aconteceram à tarde, reunindo centenas de crianças, estudantes e adultos neste auditório. Dos artistas convidados, destaque para o cantor Chucho Martinez, além de Linda Rodrigues, Ernesto Bonino e Humberto Simões e Seus Bonecos. Só como curiosidade cultural, vale lembrar que naquele ano virou "febre" entre a criançada ouvir a coleção de Discos Continental com histórias musicadas para crianças, como *Branca de Neve e os Sete Anões*, *A Formiguinha e a Neve*, *Os Quatro Heróis*, *Chapeuzinho Vermelho* e *A História da Baratinha*, todos propondo "divertimento e instrução".

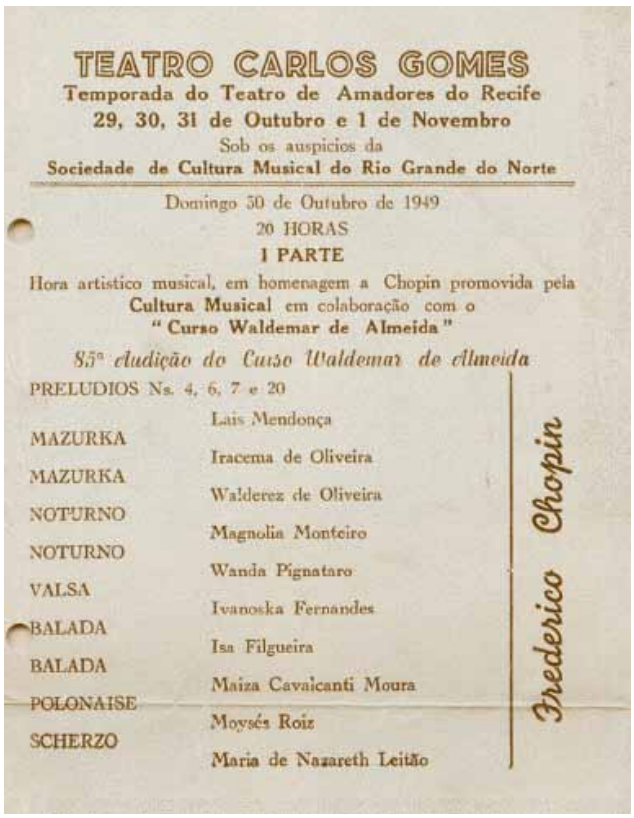
A partir de 1 de novembro de 1949, o Baby Cinema, que já existia há dois anos, passou a funcionar no Edifício Sertã, sala 101, ainda no centro do Recife, aumentando para vinte e sete o número de salas cinemstográficas em atividade naquele momento. De acordo com o *Jornal do Commercio* (8 de novembro de 1949), lá eram exibidas "pequenas comédias, desenhos animados e shorts", com projeções diárias das 13h30 às 17h30, às vezes com matinal das 9 às 12 horas, ainda sob o lema da exclusividade "somente para crianças". As sessões contínuas aconteciam de hora em hora. Mas a ideia, infelizmente, não vingou. Foi ainda na data 1 de novembro, uma terça-feira, que a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior apresentou, pela primeira vez no seu Teatro de Emergência Almare, a peça *O Rei dos Maridos*, de Eurico Silva, sob direção de Lenita Lopes, em dois horários,

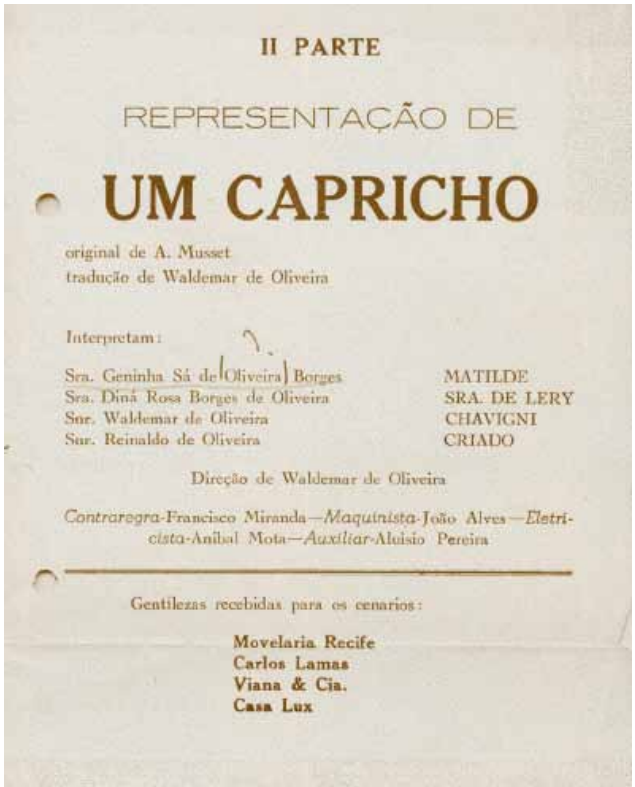
às 17 horas, na "sessão Vermuth, a exemplo do que vem sendo feito em outras grandes cidades", conforme registrou o *Jornal do Commercio* (1 de novembro de 1949), e às 20 horas. Estudantes pagavam metade do valor do ingresso. A temporada durou pouco mais de uma semana, como era de praxe.

Já no dia 11 de novembro a mesma equipe estreou um outro trabalho do autor Eurico Silva, a sátira *Acontece Que Eu Sou Baiano*, divulgada como sendo "o espetáculo mais alegre do Brasil" e pela primeira vez subindo à cena no Recife após conseguir 260 representações consecutivas no Teatro Glória, no Rio de Janeiro. No elenco local, Barreto Júnior, Elvi Dorly, Augusta Moreira, Naná Montez, Mayerber de Carvalho, Luiz Maranhão, Waldeck Macedo, Levi Godoy, Renée Leal, José Bustorff e Joval Rios, dirigidos por Lenita Lopes. "Esta peça, cuja ação se desenvolve numa pensão, no Rio, é uma crítica aos costumes modernos, inclusive às novelas radiofônicas", lembrou o *Jornal do Commercio* (12 de novembro). A 22 de novembro de 1949, uma terça-feira, foi a vez de lançar a comédia francesa romântica *O Mundo é Uma Bola*, de Mirabeau, em tradução de Isa Leal, também sob direção de Lenita

Lopes. Os cenários eram de Nestor Ferreira e a contrarregragem de José Bustorff. O desempenho ficou a cargo da própria Lenita Lopes e de Barreto Júnior junto à Augusta Moreira, Naná Montez, Renée Leal, Joval Rios, Leal Godoy e Waldeck Macedo. O anúncio divulgado nos jornais e rádios do Recife, dizia: "A peça que está fazendo rir tôda a cidade, e que permaneceu em cartaz durante um ano e seis meses consecutivos na comedie française". A montagem, chamada de "joia do teatro francês", pelo crítico L. M. F., no *Diario de Pernambuco* (26 de novembro de 1949), ficou duas semanas em cartaz no Teatro de Emergência Almare, sendo que uma das sessões da temporada não aconteceu porque Barreto Júnior cedeu o horário para a estreia do violonista George Boulanger, enquanto que a peça *O Rei dos Maridos* era apresentada no Clube Internacional, logo após bingo-dançante.

Quem estava no Recife desde o dia 29 de outubro, responsável pela "maior propaganda de teatro que já se fez, em todo o país", segundo o *Jornal do Commercio* (1 de novembro de 1949), era o teatrólogo Joracy Camargo, acompanhado do compositor Heackel Tavares e do cantor Edson Lopes, todos vindo sob o patrocínio do Serviço Nacional de Teatro e da Campanha Nacional de Alfabetização de Adultos. Agendado para o dia 4 de novembro de 1949, o espetáculo *Cidade Maravilhosa* acabou não acontecendo no Teatro de Emergência Almare, sem qualquer satisfação ao público, mas houve palestras no Gabinete Português de Leitura e na sede da União dos Estudantes de Pernambuco. É importante registrar que, desde o dia 2 de outubro de 1949, a Melpomene Pernambucana fez vir à cena o seu Conjunto Teatral Infanto-Juvenil, estreando no Salão Pio X, em Olinda, com um ato





variado, seguido da peça *Casamento de D. Baratinha*, adaptada pelo tenente Peixoto de Castro, e encerrando com a apoteose *Elogio ao Brasil*, de Dermeval Lélis. No elenco, somente crianças. A peça, inclusive, ganhou reprise, indo também ao Centro Social Padre Déon, no bairro da Iputinga, no Recife. E ainda no dia 6, foi a vez do Grupo Infantil de Comédias levar ao palco do Centro Educativo Operário de Água Fria, *Registro Civil de Nascimento* e *Quando Chega a Felicidade*, dois originais do próprio diretor Waldemar Mendonça.

Já no dia 7 de novembro de 1949, uma segunda-feira, aconteceu a estreia do Teatro Musicado, de Mayerber de Carvalho, no Teatro de Emergência Almare, finalmente com a prometida revista de bolso em dois atos e vinte quadros, escrita e dirigida pelo próprio, *Onde a Poeira Encosta o Cisco*. O espetáculo, "coberto de falhas, salvando-se apenas os numeros de canto e dansa (sic) e pouquissimos quadros", segundo o crítico L. M. F., no *Diario de Pernambuco* (9 de novembro de 1949), contou com a colaboração de vários artistas brasileiros, com destaque aos humoristas Salomão Absalão e Gordurinha, o tenor José Brasileiro, Otávio Santiago, Júlio Vieira, Naná Montez, Joval Rios e Moama Tamar e seu ballet coreográfico, que atuou em toda a temporada. Seguindo a ideia de Barreto Júnior, o Teatro Musicado também oferecia duas sessões, às 17 e 20 horas. Após uma rápida passagem de exibição da bailarina Luz Del Fuego no Teatro de Emergência Almare, com a colaborarão de alguns elementos do Teatro Musicado em espetáculo proibido pela Censura para menores de dezoito anos, a peça voltou numa segunda sessão. De 29 de outubro a 1 de novembro de 1949, o Teatro de Amadores visitou a cidade de Natal, a convite da Sociedade de Cultura Artística do

Rio Grande do Norte, levando as peças *A Casa de Bernarda Alba*, *Capricho* e *Esquina Perigosa* para o Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão).

Até que o Recife ganhou mais uma casa de espetáculos, o Teatro do Dérbi, que reabriu suas portas agora não mais como um auditório, tendo a estreia da peça *Fim de Jornada*, de Robert Sheriff, pelo Teatro Universitário de Pernambuco (TUP), sob direção de Ziembinski, no dia 12 de novembro de 1949. No elenco, Reinaldo de Oliveira, Paulo Alcântara, Hélcio Pires, Idalto Vidal, Valter Monteiro de Oliveira, Luiz Barbosa Lima, Aluísio Monteiro, Samuel Castro, Mauro de Almeida, Luiz Barreto e o próprio Ziembinski. Na noite seguinte, foi a vez do Teatro de Amadores se exibir, encenando, pela sétima vez, *Esquina Perigosa*, de Priestley. No elenco, Carminha Carvalho, Geninha Sá da Rosa Borges, Diná Rosa Borges de Oliveira, Bebé Salazar, José Maria Marques, Adhelmar de Oliveira e Otávio da Rosa Borges. A récita teve seu saldo aplicado na Escola Rotary, mantida pelo Rotary Clube do Recife. "Com isso, o Teatro de Amadores prossegue em seu programa de arte e filantropia, que tão bons resultados tem (sic) dado", registrou o *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949). Valdemar de Oliveira festejou ainda mais o acontecimento nesta mesma edição do jornal:

> Mas, o que importa, ainda por hoje, é o novo Teatro com que o coronel Viriato de Medeiros brindou o Recife. Para isso, obteve, êle, uma colaboração valiosa: a da Prefeitura do Recife, que lhe traçou alguns projetos, que lhe ofereceu grande cópia de material, que consentiu em lhe ceder algumas peças do Santa Isabel. Essa colaboração representa mais um serviço prestado pelo prefeito Morais Rêgo às coisas de teatro, no Recife. Já disse, de público, e já fiz publicar, a minha opinião de que o prefeito Morais Rêgo têm sido, em sua gestão, o maior amigo do teatro, em Pernambuco. Ninguém me vê fazendo louvaminhas aos políticos do dia. Sinto-me, porisso (sic), muito à vontade para exaltar o seu interêsse por tudo quanto diga respeito ao teatro, em nossa terra. Êsse é o meu setor de trabalho; essa é a minha zona de ideal. Tenho, assim, de julgar, particularmente, os administradores, pelo apoio, pela solidariedade, pela cooperação que êles me prestam na realização dêsse trabalho e na conquista dêsse ideal. Tudo o mais desce, para mim, a plano secundário. Minhas razões refletem, de resto, a própria evidência dos fatos, não sendo a menor o ter acompanhado a solicitude com que, desde o primeiro momento, o prefeito Morais Rêgo se prontificou a ajudar a reforma do auditório da Polícia Militar, problema de govêrno, problema de cultura, a que não podia ficar alheia a Prefeitura do Recife. E não ficou. O Teatro do Dérbi aí está. E todos nós nos congratulamos pela magnífica realidade: os amadores, a platéia, os poderes públicos, a cidade.

Prefeito Morais Rêgo

Curioso é notar um lembrete constante nos jornais, e mais uma vez publicado no *Jornal do Commercio* (13 de novembro de 1949):

> A peça decorre apenas com ligeiros intervalos, devendo terminar um pouco depois das 22 horas, razão porque haverá tôda a facilidade de transporte para o público. Numerosas são as linhas de omnibus, a citar Torre-Madalena, Prado, Casa Forte, etc., que passam nas proximidades do Teatro do Dérbi, que se situa contiguamente ao Quartel da Polícia Militar.

O crítico Júlio Barbosa, o "implacável" J. B., encantou-se com o viu em *Fim de Jornada* e soube escrever uma ode ao texto, à interpretação e ao encenador que cuidou de tudo, devidamente publicada na sua coluna *Teatro*, no *Diario de Pernambuco* (15 de novembro de 1949):

> Uma emoção nova me invadiu ao assistir á peça, que não considero maior do que *E' Proi-*

> *bido Suicidar-se na Primavera* ou *Alem do Horizonte*. Senti uma nova emoção diante do que fizeram os rapazes do T. U. P. ao se desincumbirem de suas tarefas no palco do Teatrinho do Derbi. Havia qualquer coisa de entusiasmo, de abnegação, de compromisso com a arte, antes não observada. A mensagem escrita de Sheriff – nova e atual em sua significação muito transcendente – atinge o espectador em cheio. Chega ao objetivo plena de força. E isto graças unicamente aos interpretes, aos jovens interpretes do T. U. P., comandados – digamos – por um novo Ziembinsky (sic), que somente agora acerta os ponteiros de seu "relógio" com o elenco universitario. Já se disse, e com muito acerto, que teatro é representação; mesmo quando o original não corresponde á expectativa, a interpretação salva os interpretes. Foi isto que observei em *Fim de Jornada*. Isto e mais alguma coisa, pois não só a peça, em si, é um grande original, como e sobretudo os interpretes nos transmitem a mensagem inteirinha, com seu vasto conteudo de emoções.

Sem receio de ser julgado por ter seu filho no elenco, assim como o diretor que ele contratou para vir ao Recife, Valdemar de Oliveira escreveu uma crítica inicial no *Jornal do Commercio* (17 de novembro de 1949) sobre a estreia do TUP, e rasgou elogios:

> O Teatro Universitário acaba de lançar à cena uma grande peça num belo desempenho. Eis um espetáculo que eu aconselho aos que gostam realmente de teatro, porque está bem posto, bem vestido, bem montado e bem representado. Com honestidade. Com ritmo e beleza. Quase diria: com poesia. Não a vêem, certamente, todos, mas, na sua aparente aridez, na sua dura atmosfera, não é difícil surpreender o traço de poesia que une aquelas vidas tão próximas da morte e as impregna, fortemente, do seu flúido imaterial. A peça é *Fim de jornada*. O autor: Sheriff. O diretor: Ziembinski. Aliás, Ziembinski também se apresenta como ator – e sua interpretação é um monumento artístico. [...] O original de Sheriff tem pouca ação – mas, nada lhe falta em densidade dramática. Não podemos ver uma peça dessas com os mesmos olhos que pomos numa, por exemplo, *Esquina perigosa*, bem mais convencional em sua trama do que *Fim de jornada*, que é um pungente quadro de guerra, onde há, permanentemente, sombrias e ameaçadoras nuvens, quando não terríveis tempestades desencadeadas.

Retomando o assunto em mais duas críticas, Valdemar de Oliveira esclareceu novamente no *Jornal do Commercio* (18 de novembro de 1949):

> O primeiro deslise (sic) a apontar na direção que Ziembinski deu a *Fim de jornada*, que o Teatro Universitário está representando magnificamente, é o ter entregue o papel de Hibbert a Idalto Vidal, porque o seu tipo nos confunde. Sendo êle, em verdade, um covarde, e pretextando doença para escapar à tempestade iminente, qualquer de nós entende, ao contrário, que o Hibbert está, realmente, a necessitar de hospitalização, e isso não só pelo seu físico como pela acentuação que Idalto Vidal lhe imprime, ao expressar sua mentira. Eis uma falha de distribuição, que só justifico pelos tropeços que o Teatro Universitário veio encontrando, pelo caminho, à procura de intérpretes masculinos. Outro deslise (sic) é não haver aplicado o final imaginado pelo próprio autor, preferindo fazer Stanhope sair para o combate, depois de sua eloquente continência, diante do cadáver de Raleigh. [...] No mais, tudo muito bom, inclusive luz e som, principalmente som, que atuou com enorme poder de sugestão, sem sufocar as vozes e crescendo na medida justa.

Tratando ainda dos outros intérpretes, Valdemar de Oliveira concluiu sua enorme apreciação crítica sobre *Fim de Jornada*, do TUP, no *Jornal do Commercio* (19 de novembro de 1949):

> Na interpretação de *Fim de jornada*, que o Teatro Universitário montou e encenou, com agrado geral, no Teatro do Dérbi, ponho de lado, desde logo, Ziembinski. Êste é *hors concours*. [...] Vem logo atrás dêle, Paulo de (sic) Alcântara, fazendo o Stanhope. [...] Gráu nove, uma classificação que custo muito a dar. Se, por vêzes, gritasse menos, isto é, se dosasse melhor sua voz, tornando-a mais "de peito" do que "de garganta", dava-lhe dez –

sem louvor, porque o louvor só merece, alí, o Ziembinski. Muito bom, também, calhando-lhe admiravelmente ao tipo de Raleigh, o Hélcio Pires. Gostei muito de suas cenas mudas, quando mais lhe preocupam o espírito as reações de Stanhope do que, mesmo, os azares da guerra, aos quais se lança com uma deliciosa ingenuidade a que Osborne opõe, sem pressão, piedosamente, sua longa experiência de fogo. Estreou o Luiz Alberto Barreto – e arcou, firme, com as responsabilidades. Gostaria que não falasse tão silabadamente, num tom e num ritmo demasiado... nortista. [...] Outra boa interpretação foi a de Reinaldo de Oliveira, que fez Mason, o cozinheiro. Aqui e ali, acentuou em excesso o traço cômico. [...] Em papéis menores, todos os demais universitários concorreram para o equilíbrio do conjunto [...] Mas seria grave injustiça não citar os nomes de Samuel Castro, Mauro Lauria [de Almeida] e Aluísio [Monteiro] Oliveira, que me parecem vocações muito promissoras.

Hélcio Pires

Em outra resenha, publicada no *Jornal do Commercio* (24 de novembro de 1949), ele aproveitou, não só para criticar o TUP, mas principalmente o TEP, ambos por enveredarem por escolhas excessivamente "cultas" no teatro escolhido para levar à cena:

> O que eu teria imaginado para o Teatro Universitário, nem por sonhos poderia respirar na pesada atmosfera de uma *Além do horizonte* ou de uma *Fim de jornada*, peças que constituem, segundo meu modo de entender um teatro estudantil, formal contraindicação. Não pretendo, com isso, tecer critica de ataque no Teatro do Estudante, que, com *A sapateira prodigiosa* teria bordejado as margens onde deveriam – digamos assim – desembarcar todos os teatros de estudantes. Por êsse tempo, o Teatro do Estudante começava uma obra que me parecia bem norteada: queria ir ao povo e, pelos caminhos que lhe abria a farsa de Garcia Lorca, poderia chegar até êle, com relativa facilidade, não, aliás, com a "barraca", que eu disse que nunca daria certo – e não deu. (Os que, naquele tempo, viam, em meu ceticismo quanto à malfadada barraca, uma forma de combater o Teatro do Estudante, estão hoje convencidos da verdade e, pois, dos bons propósitos que me animavam). Mas, o TEP se voltou para *A casa de Rosmer* e todos nós estavamos vendo a infelicidade da escolha, dentro, do programa a que inicialmente êles se propunham. Já com *Édipo rei* foi outra coisa; a tragédia grega tem outro conteúdo e nunca deveremos desdenhar que um conjunto teatral se abalance a montar originais de tão alta qualidade artística como êsse. Mas, se já tínhamos o Teatro do Estudante, visando a planos tão elevados, se se definiam, seus componentes, por uma diretriz tamanhamente ortodoxa, mal não seria que o segundo grupo amado-

Édipo-Rei

rista estudantil se dedicasse a um teatro que, sem deixar de ser respeitável, permitisse, pelo menos, emoções de outra natureza, menos fortes e, nem por isso, menos artísticas. [...] O propósito "cultista" é que estraga certas iniciativas teatrais. Seria ótimo que o Teatro Universitário enveredasse por caminhos mais claros, mais simples – quase diria, menos pretensiosos.

Ocupando o Teatro do Dérbi dois dias depois desta crítica, o Teatro do Estudante de Pernambuco estreou no dia 26 de novembro de 1949, novamente com cobrança de ingressos, uma outra peça de Henrik Ibsen, *Quando Despertarmos de Entre os Mortos*, em tradução de Vidal de Oliveira, numa série de representações marcadas como as últimas daquele ano. O cenário e os figurinos foram criações de Aloísio Magalhães, o mesmo cenógrafo de *A Casa de Rosmer*, com direção de Hermilo Borba Filho e "ilustração musical" de Capiba. No elenco, Maria Teresa Leal, Genivaldo Wanderley, Ana Canen, Clênio Wanderley, Dulce de Holanda Cavalcanti e Marco Aurélio Borba. Os espetáculos contavam, mais uma vez, com a "cooperação" (patrocínio) da Diretoria de Documentação e Cultura e da Fábrica

Quando Despertarmos de Entre os Mortos

Quando Despertarmos de Entre os Mortos

Fratelli Vita. Uma das sessões foi dedicada ao Serviço Social da Indústria (SESI), não havendo ingressos à venda. Valdemar de Oliveira escreveu para o *Diario da Noite* (29 de novembro de 1949):

> O original do dramaturgo norueguês vive mais pela palavra do que pela ação. [...] A orientação que o Teatro do Estudante imprime às suas atividades se define, eloquentemente, com a escolha de *Quando despertarmos de entre os mortos*, distanciando-o, cada vez mais, de qualquer outra forma teatral que não seja profundamente intelectualizada. Não há motivos para censura. Somente, não sei se será êsse o melhor caminho, numa campanha de catequese de um público naturalmente inclinado para as manifestações menos nobres da arte de representar. Tereza

Henrik Ibsen

> Leal fez uma estréia muito promissora. [...] Pareceu-me, ela, mais dentro do tipo do que as demais personagens. [...] Os dois outros principais personagens – Genivaldo Wanderlei (sic) e Ana Canen – já são nossos conhecidos. Suas possibilidades – e também suas impossibilidades – ficaram bem à mostra.[...] Um grande elogio merece Aloísio Magalhães que idealizou o cenário, valorizado por alguns efeitos de luz – não todos, porque, nesse particular, nem tudo saiu a contento. Êsse cenário, de persuasivo traço estético, dificultou a marca do ensaiador Hermilo Borba Filho, aqui e ali lutando com a falta de espaço e com a ausência de móveis.

Naquele mês, faziam sucesso as novelas transmitidas pela Rádio Jornal do Commercio, *Tudo Por Um Amor* e *História de Um Fidalgo*, duas obras de Raimundo Lopes, cada qual com meia hora de duração, sob direção de Joel Pontes, também um dos intérpretes elogiados. Ainda trabalhavam como radioatores June Sarita, Alberto Lopes, Amarílio Nicéias, Djalma Miranda, Alberto Lopes, Maria José e Geraldo Lopes. Já um outro programa, *Vamos ao Teatro?,* todas às sextas-feiras, 19 horas, na mesma emissora, apresentava uma peça completa em vinte e cinco minutos de duração. *Os Sonhos Também Renascem* foi um dos trabalhos divulgados. Ao final de novembro de 1949, o Teatrinho de Bonecos de Catende veio ao Recife, para sessão no Clube Internacional, com as peças *O Boato*, de Pelópidas Soares, *Chapeuzinho Vermelho*, adaptação de Wilmar Mayrinck, diretor do conjunto, e *Haja Pau*, de

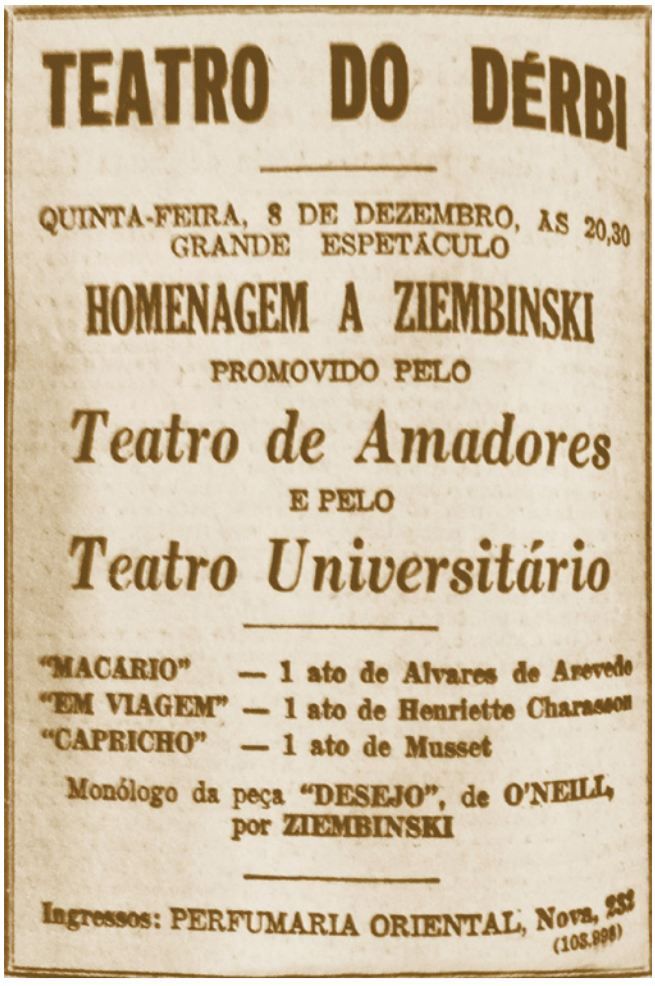
June Sarita

José de Morais Pinho; e o Grupo Cênico do Centro Educativo Operário de Água Fria apresentou a comédia *O Filho Não é Meu*, no Centro Educativo Operário de Areias.

A 1 de dezembro saiu o 11º número da revista *Contraponto*, periódico de arte e cultura sob a direção de Valdemar de Oliveira, ao mesmo tempo em que crescia a campanha pelo Natal das Crianças Pobres dos Centros Educativos Operários. E a partir do dia 6, no Teatro de Emergência Almare, foi a vez da Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior lançar *O Marido Nº 5,* de Paulo Magalhães, "uma bomba atômica de gargalhadas", sempre atraindo ótimo público. No elenco, Barreto Júnior, Augusta Moreira, Joval Rios, Elvi Dorly, Waldeck Macedo, Renée Leal, Naná Montez, José Bustorff e Leal Godoy.

A direção era de Lenita Lopes, com cenários de Nestor Ferreira. O crítico Otpavio Cavalcanti sentenciou na *Folha da Manhã – Edição Vespertina* (7 de dezembro de 1949): "é o que se pode chamar de 'teatro ligeiro', somente para rir, matando o tempo nesta epoca de verão".

Depois de quase dez meses de permanência no Recife, Ziembinski voltou ao Rio de Janeiro, mas antes viu uma homenagem preparada para ele no dia 8 de dezembro de 1949, no Teatro do Dérbi, com a representação de três peças em um ato cada: *Macário*, de Álvares de Azevedo, pelo Teatro Universitário de Pernambuco, *Capricho*, de Alfred de Musset, pelo Teatro de Amadores, e *Em Viagem*, de Henriette Charasson, com a participação de elementos dos dois conjuntos. No elenco de Macário, Paulo Alcântara, Hélcio Pires e Salomé Mendonça; no elenco de *Capricho*, Geninha Sá da Rosa Borges, Valdemar de Oliveira e Diná Rosa Borges de Oliveira (esta peça voltou mais à frente em sessão dedicada à Força Policial do Estado), e no de *Em Viagem*, Ziembinski, Alderico Costa e Maria Bernadete. Além dessas três peças, fez parte da programação um dos solilóquios de *Desejo*, de Eugene O'Neill, interpretado pelo próprio Ziembinski. O mês de dezembro ainda marcou o surgimento das peças *Papai Noel*, pelo Grupo Infantil de Comédias, com texto e direção de Waldemar Mendonça, no Centro Educativo Operário do Cordeiro, e *A Honra da Tia*, pelo Grupo Cênico Samuel Campelo, resgatando obra deste



autor, no Cine Olinda, com os atores Wyenne Mary, Eugênia Gama, Nilson Silva, Antônio Guerra, L. Paz, J. Monteiro e Luiz Teixeira, todos sob a direção de Heronides Silva.

Nilson Silva

Mas quem encerrou muito bem o ano de 1949 foi a Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior com a peça história *Carlota Joaquina*, de Raimundo Magalhães Júnior, atraindo enchentes de público ao local, mesmo com os ingressos mais caros devido ao luxuoso figurino usado, em sessões a partir do dia 22 e até na data 31 de dezembro. A montagem adentrou com sucesso o ano de 1950. Nos principais papeis, Augusta Moreira como a protagonista, e Barreto Júnior no papel de D. João VI, "um trabalho inteiramente diferente de todos os seus trabalhos interpretativos", lembrou o *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1949), além de Lenita Lopes (também diretora da proposta), Waldeck Macedo, Leal de Godoy, Luiz

Maranhão, Naná Montez, Heronides Silva, Hélio Lêdo, Mayerber de Carvalho, Renée Leal, José Bustorff, Joval Rios, Alcides Teixeira, Mary Barreto, Elvi Dorly, Oduvaldo Simões, Ademar Ribeiro e Mário Ferreira. O "guarda-roupa" foi assinado por José Costa, com painéis decorativos de Mário Nunes. O crítico C. Silveira, ainda no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1949), pontuou elogios:

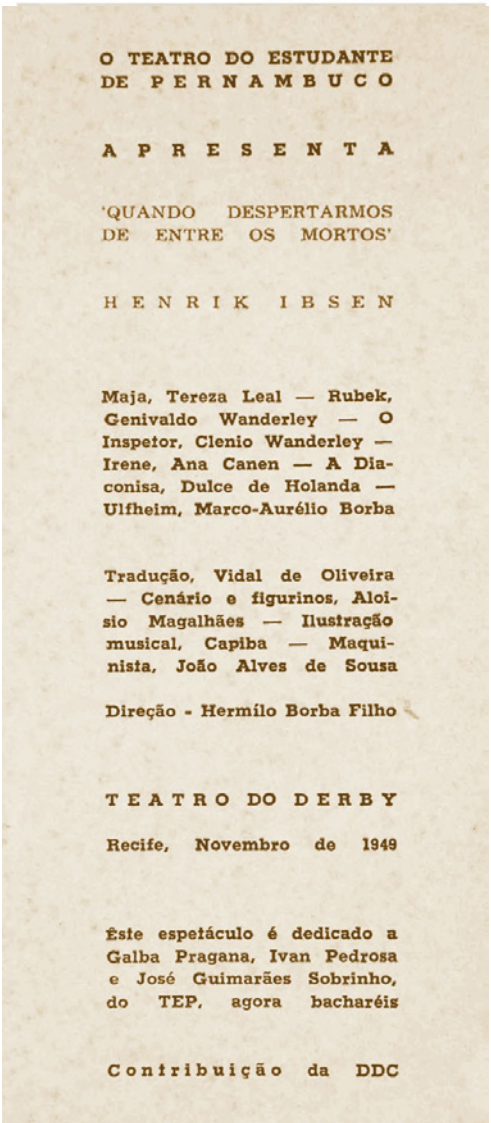
> *Carlota Joaquina* é uma peça a que não devem faltar os aplausos de quantos, gostem ou não gostem do teatro, se dedicam ás coisas do nosso passado, aos acontecimentos culminantes da regencia no Brasil. E' um trabalho de pesquisa historica bem arranjado, recomendando-se ao publico pelo cunho evidente neste educativo que encerra. [...] Barreto Junior ofereceu um bom presente de Natal á platéia pernambucana. Seu trabalho está agradando, se bem que se afaste, um pouquinho, da verdadeira personalidade de Dom João VI. [...] O papel da sra. Lenita Lopes é digno dos mais justos elogios. Sua dição (sic) maravilhosa, nos poucos minutos em que aparece em cena, empresta ao seu trabalho muita vida, muito entusiasmo, muita dramaticidade.

Para o crítico J. B., a peça tinha exageros por demais. Foi que lembrou no *Diario de Pernambuco* (4 de janeiro de 1950):

> [João Banana] E' assim que Carlota Joaquina chama D. João VI duas vezes seguidas, conforme a rubrica do autor da peça que Barreto Junior está encenando no *Almare*. Acho que

> Augusta Moreira vai além do que está escrito pela pena de Raimundo Magalhães Junior nessa peça historica em que se mostram fragmentos da vida intima dos principes regentes do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. O autor, como se vê de seu trabalho, não se atém aos fatos historicos propriamente ditos; desce aos detalhes intimos, familiares, para mostrar que as castas nobres jamais deixaram e nunca deixarão de ser estritamente humanas, com todos os defeitos da especie; ás vezes até exageradamente ampliados pelas circunstancias que as rodeiam.

Atento ao movimento de teatro daquele ano, mesmo sem fazer qualquer referência aos trabalhos de Barreto Júnior, o maior "construtor" de teatros no Recife até hoje, e praticamente entrando no rol dos críticos que sonhavam na criação de uma associação que os



O TEATRO DO ESTUDANTE
DE PERNAMBUCO

APRESENTA

'QUANDO DESPERTARMOS
DE ENTRE OS MORTOS'

HENRIK IBSEN

Maja, Tereza Leal — Rubek, Genivaldo Wanderley — O Inspetor, Clenio Wanderley — Irene, Ana Canen — A Diaconisa, Dulce de Holanda — Ulfheim, Marco-Aurélio Borba

Tradução, Vidal de Oliveira — Cenário e figurinos, Aloisio Magalhães — Ilustração musical, Capiba — Maquinista, João Alves de Sousa

Direção - Hermilo Borba Filho

TEATRO DO DERBY

Recife, Novembro de 1949

Êste espetáculo é dedicado a Galba Pragana, Ivan Pedrosa e José Guimarães Sobrinho, do TEP, agora bacharéis

Contribuição da DDC

Édipo-Rei

congregasse, algo que vai acontecer em 1955 com o surgimento da ACTP – Associação dos Cronistas Teatrais de Pernambuco –, Júlio Barbosa não se furtou a listar (*Nossa Cidade*, *Pais e Filhos*, *Esquina Perigosa*, *Édipo-Rei*, *Quando Despertarmos de Entre os Mortos*, *Além do Horizonte*, *Fim de Jornada*, *A Tempestade* e *A Indesejável*) e escolher o melhor espetáculo de 1949 no *Diario de Pernambuco* (27 de dezembro de 1949):

> *Édipo-Rei* foi, em verdade, o maior, melhor e mais belo espetaculo teatral do ano findante,

sob todos os aspectos. Hermilo Borba Filho, com a ajuda decisiva de Eros Gonçalves, produziu um grande espetaculo, em cujo desempenho se destacou de maneira impressionante o jovem ator Genivaldo Wanderley, seguido muito de perto por Gastão de Holanda, que vestiu impecavelmente o cégo Tirésias.

Numa nova crônica, continuou a listar os melhores em sua ordem de preferência, inclusive sobre os intérpretes do ano, diretor e cenógrafo. Publicou no *Diario de Pernambuco* (30 de dezembro de 1949):

> No meu entender, o maior do ano foi o de *Édipo-Rei*, pelo Teatro do Estudante, seguido de *Fim de Jornada*, pelo Teatro Universitario, e *Nossa Cidade*, pelo Teatro de Amadores. Daria ainda o quarto lugar ao trabalho do T.A. P. em *A* (sic) *Esquina Perigosa*. [...] Quanto aos interpretes, o caso é mais complexo, porque houve realmente grandes interpretações. Mesmo assim, não tenho o menor receio em proclamar Genivaldo Wanderley o melhor. [...] O segundo e terceiro lugares daria, respectivamente, aos srs. Gastão de Holanda, por seu trabalho no cégo Tiresias, e Otavio Rosa Borges, por seu André, em *Além do Horizonte*. A melhor atriz do ano, segundo entendo, foi a sra. Diná da Rosa Borges por seu desempenho em *Nossa Cidade* e *Esquina Perigosa*. A sra. Carminha Carvalho merece a 2.ª colocação devido á sua atuação segura – aliás sempre assim – na peça de Priestley. Como revelação, faz jús a uma mensão (sic) honrosa Norma Corrêa Lima, por seu trabalho magnífico em Nossa Cidade, ao lado de Oscar Cunha Barreto e sob a direção de Ziembinsky (sic). Dos diretores de cena, diria que o melhor foi Hermilo Borba Filho, por causa do espetaculo de *Édipo-Rei*. E como cenarista. Eros Gonçalves, no mesmo espetaculo. Acho que neste cômputo Ziembinsky (sic) não deve entrar devido ao carater transitorio de sua permanencia entre nós. Se isto não vem ao caso, então teremos que dividir o primeiro lugar entre Hermilo e ele. Veja-se que estou dando palpite; mas se tivessemos uma sociedade de críticos teatrais, em linhas gerais este seria o meu voto.

Naquele momento, era intenso o trabalho de Valdemar de Oliveira e equipe para recolher dados sobre o Teatro de Santa Isabel, mexendo em seu acervo e preparando edições especiais da revista *Contraponto*. Aquela casa de espetáculos, prestes a completar cem anos, estava à espera de melhoramentos na reforma já iniciada, como foi citado por Valdemar de Oliveira no *Boletim Teatral* de *Contraponto* (abril de 1949, s. p.):

> Centro de tôda a vida musical e teatral do Recife, o santa Isabel continua a não dar para as encomendas, de onde a campanha em favor da construção de um novo teatro. Enquanto êsse movimento se alastra, angariando novos

Édipo-Rei

prosélitos, vai a velha casa de Vauthier se preparando para solenizar o seu primeiro centenário, em 1950. [...] Um funcionário especial foi posto á disposição da diretoria do Santa Isabel para a cópia, na Biblioteca Pública e nos arquivos de diversas repartições oficiais, de documentos relativos à história do Teatro. Esses documentos deverão ser publicados à época do centenário de que nos estamos ocupando. Aproveitando-se a presença, no Recife, de um técnico em iluminação teatral como é Ziembinski, está o Teatro Santa Isabel sendo provido de moderno aparelhamento elétrico, constante de baterias completas de refletores, aparelhos de resistência elétrica, etc. – material êsse que tem feito imensa falta ao nosso melhor Teatro e que consta dos melhoramentos a ser introduzidos ali, por ocasião da passagem do seu 1.° centenário. Diante da impossibilidade de acabar totalmente com os bondes em volta do Teatro, tem-se cogitado da instalação de ar refrigerado, naquela casa de espetáculo. As casas especialistas esperam, apenas, a planta do Teatro para pedir orçamento às matrizes, nos Estados-Unidos. A instalação de ar refrigerado atingiria, ao mesmo tempo, dois objetivos: o calor e o ruído que tanto perturbam a audição, no Santa Isabel.

No entanto, o ar-condicionado só foi instalado em 1977, com o Teatro de Santa Isabel, como sempre, reclamando atenção do poder público. Se ainda em 1949 aquela casa de espetáculos foi tombada pelo seu valor histórico pelo Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), a festa do seu centenário aconteceu gloriosa em 1950, com polêmicas, claro, e muita celebração. Mas esta é uma nova história mais à frente, num outro período que também não pode mais ser considerado de "um teatro quase esquecido"... Por isto a existência desta pesquisa e de outras futuras. Viva a nossa memória teatral pernambucana e brasileira! Até a próxima...

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz

UM TEATRO QUASE ESQUECIDO

Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Leidson Ferraz
- Recife, junho de 2015 -

Um Teatro Quase Esquecido –
Painel das Décadas de 1930 e 1940 no Recife

Pesquisa, textos e organização geral
Leidson Ferraz

Assistentes de pesquisa
Kátia Ivo e Cleide Silva

Secretariado
Elivânia Araújo

Revisão
Leidson Ferraz e Rodrigo Dourado

Projeto gráfico e diagramação
Claudio Lira

Proponente do projeto cultural ao FUNCULTURA
Paulo André Viana

Elaboração de projeto e administração
Laurecilia Ferraz

Todas as imagens utilizadas nesta pesquisa são do acervo *Projeto Memórias da Cena Pernambucana* ou *Teatro Tem Programa!*, sendo que muitas das fotos e anúncios foram extraídos de jornais antigos. Caso algum fotógrafo, instituição ou empresa jornalística queira ter o seu registro, estamos abertos a fazê-lo.

SUMÁRIO

Capítulos:

Ano 1930 ..... pág. 02
Ano 1931 ..... pág. 26
Ano 1932 ..... pág. 58
Ano 1933 ..... pág. 73
Ano 1934 ..... pág. 98
Ano 1935 ..... pág. 116
Ano 1936 ..... pág. 132
Ano 1937 ..... pág. 146
Ano 1938 ..... pág. 164
Ano 1939 ..... pág. 184
Ano 1940 ..... pág. 212
Ano 1941 ..... pág. 229
Ano 1942 ..... pág. 252
Ano 1943 ..... pág. 269
Ano 1944 ..... pág. 285
Ano 1945 ..... pág. 304
Ano 1946 ..... pág. 328
Ano 1947 ..... pág. 354
Ano 1948 ..... pág. 371
Ano 1949 ..... pág. 422
Referências ..... pág. 475

Referências

Livros, pesquisas e dissertações:

ARRAIS, Isabel Concessa. *Teatro de Santa Isabel*. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Cultura, Turismo e Esportes/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2000.

BARROS, Souza. *A Década 20 em Pernambuco – Uma Interpretação*. Coleção Recife – Vol. XLII – 2ª edição. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/Secretaria de Educação e Cultura/Conselho Municipal de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

BASTOS, Elide Rugai. A revista Cultura Política e a influência de Ortega y Gasset. *Intelectuais: Sociedade e Política*. Elide Rugai Bastos, Marcelo Ridenti, Denis Rolland (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2003.

BORGES, Geninha da Rosa. *Teatro de Santa Isabel: Nascedouro e Permanência*. Recife: CEPE, 2000.

BRAGA, Claudia. Em Busca da Brasilidade: Teatro Brasileiro na Primeira República. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, MG: FAPEMIG; Brasília, DF: CNPq, 2003.

CADENGUE, Antonio Edson. *TAP: Sua Cena & Sua Sombra – O Teatro de Amadores de Pernambuco (1941-1991)*. Recife: SESC Pernambuco/Companhia Editora de Pernambuco, 2011.

CARVALHEIRA, Luiz Maurício Britto. *Por Um Teatro do Povo e da Terra – Hermilo Borba Filho e o Teatro do Estudante de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE/ Diretoria de Assuntos Culturais, 1986.

CARVALHO, Martinho de; DUMAR, Norma (Org.). *Paschoal Carlos Magno: Crítica Teatral e Outras Histórias*. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.

CIRANO, Marcos; ALMEIDA, Ricardo; MAURÍCIO, Ivan (Org.). Hermilo Vivo – Vida e Obra de Hermilo Borba Filho. Recife: Editora Comunicarte Produções Jornalísticas, 1981.

COSTA, Selda Vale da; AZANCOTH, Edineу. *Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968)*. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2001.

DIAS, Leda. *Cine-Teatro do Parque: Um Espetáculo à Parte*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

FERRAZ, Leidson. *Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX*. Recife: edição do autor/FUNCULTURA, 2013.

FERRAZ, Leidson; DOURADO, Rodrigo; JÚNIOR, Wellington (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 01*. Recife: edição dos organizadores/FUNCULTURA, 2004.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 02*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2005.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 03*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2006.

FERRAZ, Leidson (Org.). *Memórias da Cena Pernambucana – 04*. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2008.

FERREIRA, Adriano de Assis. Teatro Ligeiro Cômico no Rio de Janeiro: A Década de 1930. São Paulo: tese da Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas/ Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, 2010.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *Barreto Júnior, o Rei da Chanchada*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O Teatro em Pernambuco*. Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2003.

FRANCO, Aninha. O Teatro na Bahia Através da Imprensa – Século XX. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado/Comitê de Fomento Industrial de Camaçari/Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1994.

GALVÃO, Claudio. *Theatro Carlos Gomes – Teatro Alberto Maranhão: 100 Anos de Arte e Cultura*. Natal: Editor, 2005.

GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de (orgs.). *Dicionário do Teatro Brasileiro – Temas, Formas e Conceitos*. São Paulo: Perspectiva/SESC São Paulo, 2006.

GUZIK, Alberto; PEREIRA, Maria Lúcia (Org.). *Dionysos – Especial: Teatro Brasileiro de Comédia*. N° 25. Rio de Janeiro:

Ministério da Educação e Cultura/SESC – Funarte/Serviço Nacional de Teatro, 1980.

KAUFMAN, Tânia Naumann. *O Teatro Iídiche: Âncora e Plataforma da Identidade Judaica – Décadas: 1930 e 1940*. Recife: Réptil, 1993.

LIMA, Marcondes. *Antônio de Almeida, Zezinho do Santa Isabel*. Recife: Secretaria de Cultura e Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.

MACHADO, Juanita. *TEATROLOGIA. Para uso das escolas primarias*. Recife: M. Campos & Cia. Ltda, 1937.

MAGALDI, Sábato. *Panorama do Teatro Brasileiro – 6ª edição*. São Paulo: Global, 2004.

MAGALDI, Sábato; VARGAS, Maria Thereza. *Cem Anos de Teatro em São Paulo (1875-1974)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

MARANHÃO FILHO, Luiz. *Hoje Tem Espetáculo: Contos das Coxias*. Olinda: Editorial Jangada, 2014.

MARTINS, Rose Mary de Abreu. *A Voz e a Palavra na Cena do Recife Hoje*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2004.

MICHALSKI, Yan. *Ziembinski e o Teatro Brasileiro*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Hucitec/Minsitério da Cultura/Funarte, 1995.

MIRANDA, Ana Carolina. *O Grupo Gente Nossa e o Movimento Teatral no Recife (1931-1939)*. Recife: dissertação do programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

MIRANDA, Ana Carolina. *Samuel Campelo e o Grupo Gente Nossa*. Recife: Prefeitura do Recife/Secretaria de Cultura/Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2003.

OLIVEIRA, Reinaldo de. *O Palco da Minha Vida*. Recife: Bagaço, 2013.

OLIVEIRA, Valdemar de. *Mundo Submerso (Memórias)* – 3ª edição. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1985.

OLIVEIRA, Valdemar de (org.). *Samuel Campelo (1889-1939)*. Recife: Maio de 1942. p. 7 e 8.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *Viva o Rebolado!: Vida e Morte do Teatro de Revista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. Tradução para a língua portuguesa sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PONTES, Joel. *O Teatro Moderno em Pernambuco* – 2ª edição. Recife: FUNDARPE/Companhia Editora de Pernambuco, 1990.

PRADO, Décio de Almeida. *O Teatro Brasileiro Moderno: 1930-1980*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Editora Perspectiva, 1988.

PRADO, Décio de Almeida. *Procópio Ferreira – A Graça do Velho Teatro*. São Paulo: Editora Brasiliense/Encontro Radical, 1984.

REIS, Carlos; REIS, Luís Augusto. *Luiz Mendonça: Teatro é Festa Para o Povo*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des)Encantos Modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SANDRONI, Dudu. *Maturando: Aspectos do Desenvolvimento do Teatro Infantil no Brasil*. Rio de Janeiro: edição do autor, 1995.

TEIXEIRA, Flávio Weinstein. *O Movimento e a Linha: Presença do Teatro do Estudante e d'O Gráfico Amador no Recife (1946-1964)*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007.

VAREJÃO, Lucilo (FILHO, Lucilo Varejão. Org.). *Teatro... Quase Completo*. Coleção Recife 3. Recife: Prefeitura Municipal do Recife/Secretaria de Educação e Cultura/Conselho Municipal de Cultura, 1979.

Revistas e outras documentações:

Anuario do Grupo Gente Nossa. Recife, 1940.

A Ribalta. Recife, 5 de novembro de 1926.

A Ribalta. Recife, 3 de setembro de 1927.

A Ribalta. Recife, 5 de novembro de 1927.

Boletim Teatral de Contraponto. Recife, abril, 1949. N. 1.

Branca de Neve e os Sete Anões levada no Santa Izabel. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

CAMPELO, Samuel. Theatro em 1824 (Exceptos de um trabalho sobre "O Theatro em Pernambuco"). *Revista do Instituto Archeologico Histórico e Geographico Pernambucano*. Recife, 1924. Officinas Graphicas da Repartição de Publicações Officiais. Vol. XXVI. Ns. 123 a 126.

Contraponto. Recife, agosto, 1946. Ano I, N. 2.

Contraponto. Recife, março, 1947. Ano I, N. 4.

Contraponto. Recife, junho, 1947. Ano II, N. 5.

Contraponto. Recife, julho, 1948. Ano II, N. 8.

Contraponto. Recife, outubro, 1948. Ano II, N. 9.

Contraponto. Recife, abril, 1949. Ano III, N. 10.

Contraponto. Recife, dezembro, 1949. Ano IV, N. 11.

Contraponto – Edição Especial Centenário do Teatro Santa Isabel. Recife, dezembro, 1950. Ano V, N. 12.

Contraponto – Edição Especial Centenário do Teatro Santa Isabel – 2º volume. Recife, dezembro, 1951. Ano VI, N. 13.

Entrevista de Waldemar de Oliveira ao Museu da Imagem e Som da EMPETUR em 21 de janeiro de 1975. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Em Marcha, Brasil! – Novo grande êxito de Waldemar de Oliveira. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

FERRAZ, Leidson. Uma Radiografia de Valdemar de Oliveira. *Continente Multicultural*. Recife, abril, 2007.

FERRAZ, Leidson. Gente Nossa – Teatro Feito Para Divertir. *Continente*. Recife, agosto, 2011.

Nosso Boletim. Recife, abril, 1936. Ano 1. N. 2.

Nosso Boletim. Recife, maio, 1936. Ano 1. N. 3.

Nosso Boletim. Recife, junho, 1936. Ano 1. N. 4.

Nosso Boletim. Recife, julho, 1936. Ano 1. N. 5.

Nosso Boletim – Suplemento ao Numero 5. Recife, julho, 1936. Ano 1.

Nosso Boletim. Recife, agosto, 1936. Ano 1. N. 6.

OLIVEIRA, Valdemar de. *A Princesa Rosalinda*. Texto Teatral. Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

OLIVEIRA, Valdemar de. O Teatro Infantil, no Recife. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O Rio conhecerá o teatro infantil de Pernambuco – O que se vem fazendo no Recife, em prol da educação, pelo teatro, da meninada. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

O Que Disse Valdemar de Oliveira – A Importância do Teatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Retrospectiva "Grupo Gente Nossa"/Teatro. Recife, 1940.

O teatro carioca a vôo de passaro. Recife, 26 de julho de 1936. p. 24. Acervo de Valdemar de Oliveira/Fundação Joaquim Nabuco.

O theatro carioca. Recife, 20 de setembro de 1936. Acervo de Valdemar de Oliveira/Fundação Joaquim Nabuco. s. p.

Teatro Infantil. Documento pertencente ao Acervo do Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d.

Referências online:

Alda Verona (Celeste Coelho Brandão). s. d. Disponível em: http://www.cantorasdobrasil.com.br/cantoras/alda_verona.htm. Acesso em: 8 de janeiro de 2015.

ARAÚJO, Luciana Corrêa de. O Cinema Silencioso Pernambucano e Suas Histórias. Disponível em: http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/25-historia-no-cinema-historia-do-cinema/118-o-cinema-silencioso-pernambucano-e-suas-historias. Acesso em: 7 de maio de 2014.

BEZERRA, Ivis. A Insurreição Militar e Comunista de 1935. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/livros/70anos_depois/05_ivis_bezerra_insurreicao_1935.htm. Acesso em: 8 de maio de 2015.

CAFU. Lucília Peres (1882 – 1962). Disponível em: http://blogIn.ning.com/profiles/blogs/lucilia-peres-1882-1962. Acesso em: 9 de maio de 2014.

CAMAROTTI, Marco. História do Teatro Para Crianças em Pernambuco. s. d. Disponível em: http://cbtij.org.br/historia-teatro-para-criancas-em-pernambuco/. Acesso em: 16 de junho de 2013.

CANNIZZARO, Paulo. Os Cinemas de Recife. s. d. Disponível em: http://www.paulocannizzaro.com.br/post.asp?id=35&t=os-cinemas-de-recife. Acesso em: 24 de junho de 2014.

Cleto da Costa Campelo Filho. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cleto_da_Costa_Campelo_Filho. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

Diario de Pernambuco e sua formidável história. s. d. Disponível em: http://www.old.pernambuco.com/diario/historia.shtml. Acesso em: 21 de março de 2015.

GASPARETTO JÚNIOR, Antônio. Golpe de 1937. s. d. Disponível em: http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/golpe-de-1937/. Acesso em: 6 de maio de 2015.

Histórico do Teatro Deodoro. 2014. Disponível em: http://www.teatrodeodoro.al.gov.br/institucional/historico-do-teatro-deodoro. Acesso em: 30 de maio de 2015.

Homenagem à Família Cazarré. 2010. Disponível em: http://folhas-de-almanaque.blogspot.com.br/2010/02/homenagem-familia-cazarre.html. Acesso em: 2 de fevereiro de 2015.

Joracy Camargo. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Joracy_Camargo. Acesso em: 30 de janeiro de 2015.

JORDÃO, Lia. Sobe o pano! Manuel destinado a crianças aproveita a linguagem do teatro para transmitir valores morais. 2012. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/por-dentro-do-documento/sobe-o-pano. Acesso em: 16 de junho de 2013.

Juarez Távora. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/ Juarez_T%C3%A1vora. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

MACHADO, Regina Coeli Vieira. Cinema Pernambucano. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.ph?option=com_content&view=article&id=520:cinema-pernambucano&catid=38:letra-c&Itemid=1. Acesso em: 7 de maio de 2014.

MEDEIROS, Elen de. O Teatro Brasileiro e a Tentativa de Modernização. 2008. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol14/TRvol14d.pdf. Acesso em: 16 de junho de 2013.

OLIVEIRA, Fernando de. Memória do Teatro Infantil de Pernambuco e sua ligação com o Teatro de Amadores de Pernambuco. s. d. Disponível em: www.tap.org.br/htm/historia/teatroinfantil.htm. Acesso em: 11 de novembro de 2011.

PANDOLFI, Dulce Chaves. A revolta comunista de 1935. s. d. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/RevoltaComunista. Acesso em: 8 de maio de 2015.

Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Pessoa_Cavalcanti_de_Albuquerque. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

Revolução Constitucionalista de 1932. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Constitucionalista_de_1932. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

Revolução de 1930. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_de_1930. Acesso em: 18 de junho de 2014.

SAMPAIO JR. José Wilson Vilar. Vamos ao Teatro? 2007. Disponível em: http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=43818&cat=Artigos. Acesso em: 16 de junho de 2013.

Samuel Campêlo. s. d. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa516633/samuel-campelo. Acesso em: 6 de fevereiro de 2015.

Tenentismo. Wikipédia, a Enciclopédia Livre. s. d. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Tenentismo. Acesso em: 29 de dezembro de 2014.

VAINSENCHER, Semira Adler. Agamenon Magalhães. 2003. Disponível em: http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=339&Itemid=180. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013.

WORCMAN, Susane; RIBEIRO, Paula (Org.). *Drama & Humor – Teatro Ídiche no Brasil*. Disponível em: http://www.chagall.org.br/arquivodoc/Drama%20e%20Humor%20-%20teatro%20idiche%20no%20Brasil.pdf. Acesso em: 15 de janeiro de 2015.

Programas e panfletos de espetáculos:

1830, Teatro do Estudante de Pernambuco. 1940.

A Barreira, Núcleo Theatral Getúlio Vargas. 1939.

A Bela Adormecida No Bosque/O Retrato Misterioso/Tudo é Brasil!, Festival Artístico Infantil, 1948.

Abnegação, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1927.

A Capital Federal, Grupo Gente Nossa. s. d.

A Casa de Rosmer, Teatro do Estudante de Pernambuco. 1948.

A Casta Suzana, Grupo Gente Nossa. 1937

A Comédia do Coração, Teatro de Amadores. 1944.

A Dama da Madrugada, Teatro de Amadores. 1945.

A Dictadora, Grupo Gente Nossa. 1937

A Evasão, Teatro de Amadores. 1943.

A Exilada, Teatro de Amadores. 1942.

A Gota Dágua/Interior/Capricho, Teatro de Amadores. 1945.

A Louca do Jardim, Gremio Dramatico Olindense. 1942.

Alto Mar, Teatro de Amadores. 1942.

Amigos, Núcleo Theatral Getúlio Vargas. 1939.

Amor, Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. 1949.

A Morgadinha de Valflor, Teatro dos Bancários. 1945.

A Pensão de d. Stela, Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. 1944.

A Princesa Rosalinda, Ginásio Evangélico Agnes Erskine. 1946.

A Princesa Rosalinda, Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. 1939.

As Férias de Apolo, Teatro Universitário de Pernambuco. 1948.

As Laranjas da Sicília/O Homem da Flor na Bôca/O Azarento, Teatro de Amadores. 1948.

A Sombra, Teatro dos Bancários. 1949.

A Tempestade, Teatro Experimental do Recife. 1949.

Canção da Felicidade, Teatro de Amadores. 1942.

Deus Lhe Pague..., Teatro Pernambucano. 1949.

Em Marcha, Brasil!, Teatro Infantil de Pernambuco. 1941.

É *Proibido Suicidar-se Na Primavera*, Teatro Universitário de Pernambuco. 1948.

Escola de Maridos, Teatro de Amadores. 1948.

Esquina Perigosa, Teatro de Amadores. 1949.

Era Uma Vez Um Vagabundo..., Teatro do Estudante. 1944.

Festival Artístico em Benefício do Hospital Evangélico de Pernambuco, Mocidade Congregacional/Mocidade Batista/Mocidade Presbiteriana. 1948.

Grande Festival Artístico Infantil, Educandário Jesus Crucificado. 1949.

Leilão da Felicidade, Grupo Cênico Samuel Campêlo. 1949.

Maldição Paterna, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1927.

Mater Dolorosa, Companhia Carmem Ribeiro. 1942.

Neve ao Sol, Teatro dos Bancários. 1943.

Nossa Cidade, Teatro de Amadores. 1949.

O Amigo da Paz, Associação da Mocidade Evangélica. 1945.

O Caminho do Céu, festa artística de Leopoldo Cunha. 1942.

O Casaco Encantado, Os Artistas Unidos (RJ). 1948.

O Casaco Encantado, Os Artistas Unidos (RJ) em temporada no Teatro de Santa Isabel. 1949.

O Diabo Enlouqueceu, Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. 1946.

O Dr. Knock ou O Triunfo da Medicina, Teatro de Amadores. 1941.

O Grande Marido, Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. 1947.

O Instinto, Teatro de Amadores. 1943.

O Leque de Lady Windermere, Teatro de Amadores. 1943.

O Pequeno Polegar, Teatro Infantil do Grupo Gente Nossa. 1939.

O Presente de Noiva/O Médico de Cabrobó, Teatro dos Estudantes. 1945.

O Processo de Mary Dugan, Teatro de Amadores. 1941.

Oriente e Ocidente, Teatro de Amadores. 1943.

O Segredo do Cofre, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1926.

O Segredo/O Urso, Teatro do Estudante de Pernambuco. 1946.

O Sindicato dos Mendigos, Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior. 1945.

Pais e Filhos, Teatro de Amadores. 1949.

Panorama do Brasil, Escola de Especialização. 1948.

Pão Duro, Teatro Pernambucano. 1947.

Pedro o Idiota, Sociedade Dramatica do Feitoza. s. d.

Planície, Teatro de Amadores. 1948.

Por Causa de Você..., Teatro de Amadores. 1941.

Primerose, Teatro de Amadores. 1941.

Primerose (remontagem), Teatro de Amadores. 1944.

Procura-se Um Filho/Ato Variado, Núcleo Theatral Getúlio Vargas. 1939.

Quando Despertarmos de Entre os Mortos, Teatro do Estudante de Pernambuco. 1949.

Regeneração, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1927.

Senhora de Engenho, Teatro dos Bancários. 1943.

Teatro Universitário/Homenagem ao T. E. U. C., s. d.

Temporada no Teatro Carlos Gomes, Natal (RN), Teatro de Amadores. 1949.

Temporada Oficial em Salvador (BA), Teatro de Amadores. 1944.

Tinha de Acontecer..., Teatro de Amadores. 1947.

Tio Mozes, Zygmunt Turkow. 1942

Towie o Leiteiro, Zygmunt Turkow. 1942

Última Edição do Diabo, Teatro de Amadores. 1946.

Uma Mulher Sem Importância, Teatro de Amadores. 1941.

Um Dia de Outubro, Teatro de Amadores. 1946.

Um Emigrado Politico, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1927.

Um Erro Judicial, Sociedade Dramatica do Feitoza. 1927.

Um Escorrêgo, Teatro dos Estudantes. 1945.

Um Século de Glória, Teatro de Amadores. 1950.

Vou Entrar na Família/Elle... e a Milionaria, Companhia de Comedia Palmeirim-Cecy (RJ). 1939.

Periódicos:

Parque/Companhia Independencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1920. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Theatro Moderno/João Bozan e Tampinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1920. p. 10.

Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1920. Scenas & telas. p. 3.

Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1920. Scenas & telas. p. 1.

Anúncio Theatro Moderno/Os Garridos. *A Provincia*. Recife, 11 de abril de 1920. N. 98. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/Grande Circo (Exposição Zoologica). *A Provincia*. Recife, 11 de abril de 1920. N. 98. p. 8.

Anúncio Theatro Moderno/Companhia de Comedias e Vaudevilles. *A Provincia*. Recife, 2 de abril de 1921. N. 87. p. 8.

Moderno/A ilha do terror/Helvetica/Companhia regional/Theatro Victoria. *A Provincia*. Recife, 3 de abril de 1921. N. 88. Theatros e Cinemas. p. 2.

O. B. Theatro. *A Provincia*. Recife, 12 de abril de 1921. Vida Artistica. N. 97. p. 1.

Theatro Santa Isabel/Moderno. *A Provincia*. Recife, 13 de abril de 1921. N. 98. Theatros & Cinemas. p. 3.

Anúncio Theatro do Parque/Companhia Nacional de Operetas e Revistas/Excursão Ba-Ta-Clan/*Cruzeiro do Sul*. *A Provincia*. Recife, 20 de março de 1924. N. 67. p. 6.

Anúncio Theatro do Parque/Grande Companhia Hespanhola de Revistas e Operetas Velasco/*Arco Iris*. *A Provincia*. Recife, 30 de julho de 1924. N. 175. p. 8.

Anúncio *Antarctica*. *A Provincia*. Recife, 31 de janeiro de 1926. N. 26. p. 1.

Berenice. *A Provincia*. Recife, 3 de fevereiro de 1926. Vida Artistica. N. 28. p. 1.

Berenice. *A Provincia*. Recife, 4 de fevereiro de 1926. Vida Artistica. N. 29. p. 1.

Theatro Santa Izabel. *A Provincia*. Recife, 6 de fevereiro de 1926. Theatros e Cinemas. N. 31. p. 3.

Anúncio *Berenice*. *A Provincia*. Recife, 6 de fevereiro de 1926. N. 31. p. 3.

Theatro Santa Izabel/Berenice. *A Provincia*. Recife, 9 de fevereiro de 1926. Theatros e Cinemas. N. 33. p. 1.

Parque/Companhia nacional de operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira. *A Provincia*. Recife, 9 de julho de 1926. Theatros e Cinemas. N. 156. p. 1.

Anúncio Theatro do Parque/Companhia Nacional de Operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira/*Aves de Arribação*. *A Provincia*. Recife, 9 de julho de 1926. N. 156. p. 3.

Parque/Companhia nacional de operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira. *A Provincia*. Recife, 11 de julho de 1926. Theatros e Cinemas. N. 158. p. 11.

Santa Izabel/Parque/Companhia nacional de operetas Vicente Celestino-Ary Nogueira. *A Provincia*. Recife, 16 de julho de 1926. Theatros e Cinemas. N. 162. p. 5.

Anúncio Theatro do Parque/Ba-Ta-Clan/*Cachez-ça*. *A Provincia*. Recife, 16 de setembro de 1926. N. 213. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/O Ba-Ta-Clan/*Cachez-ça*. *A Provincia*. Recife, 17 de setembro de 1926. N. 214. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/Ba-Ta-Clan/*Cachez-ça*. *A Provincia*. Recife, 18 de setembro de 1926. N. 215. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/Ba-Ta-Clan/*C'est Paris*/*Oh... lá... lá... A Provincia*. Recife, 26 de setembro de 1926. N. 222. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/Ba-Ta-Clan/*Oh... lá... lá... A Provincia*. Recife, 28 de setembro de 1926. N. 223. p. 8.

Anúncio Theatro do Parque/*A Rosa Vermelha*. *A Provincia*. Recife, 1 de fevereiro de 1927. N. 26. p. 8.

Santa Izabel/Companhia Vicente Celestino-Ary Nogueira/Parque. *A Provincia*. Recife, 2 de fevereiro de 1927. N. 27. Theatros e Cinemas. p. 1.

A "Mascara do Tempo". *A Provincia*. Recife, 22 de abril de 1927. N. 92. p. 1.

Anúncio The Pernambuco Amateur Entertainment Society/*Nothing But The Truth*. *A Provincia*. Recife, 29 de abril de 1927. N. 98. p. 3.

Helvetica/"Club Democraticos do Recife". *A Provincia*. Recife, 5 de maio de 1927. N. 103. Theatros e Cinemas. p. 3.

Parque/Companhia Nacional de Revistas do Rio de Janeiro/*Sae, cartolla!*. *A Provincia*. Recife, 19 de junho de 1927. N. 141. p. 7.

Anúncio Theatro do Parque/Companhia Nacional de Revistas/*Meu bem, não chora.../Numero, faz favor?*. *A Provincia*. Recife, 19 de junho de 1927. N. 141. p. 8.

Moderno/Parque/Sae, cartolla!. *A Provincia*. Recife, 21 de junho de 1927. N. 142. Theatros e Cinemas. p. 5.

Anúncio Theatro do Parque/Companhia Nacional de Revistas/*Sae, Cartola!... A Provincia*. Recife, 21 de junho de 1927. N. 142. p. 8.

Parque/Sae, cartola/Ideal/Diversas/Festival em beneficio da matriz de Belem. *A Provincia*. Recife, 22 de junho de 1927. N. 143. Theatros e Cinemas. p. 5.

Anúncio Theatro do Parque/Companhia Nacional de Revistas/*Sae, Cartola!... A Provincia*. Recife, 22 de junho de 1927. N. 143. p. 8.

Companhia Nacional de Revistas – Sae, Cartola/Ideal. *A Provincia*. Recife, 23 de junho de 1927. N. 144. Theatros e Cinemas. p. 5.

"Tuna Portugueza". *A Provincia*. Recife, 8 de abril de 1928. N. 82. p. 1.

Anúncio Rosas/*O 21*/Grande Companhia de Operetas e Vaudevilles BrandãoSobrinho-Vicente Celestino/*Os Gaviões*. *A Provincia*. Recife, 25 de outubro de 1929. N. 246. p. 5.

Clara Weiss. *A Provincia*. Recife, 1 de janeiro de 1930. Theatros & Cinemas. N. 1. p. 2.

Anúncio Theatro Moderno/De Chocolat. *A Provincia*. Recife, 1 de janeiro de 1930. N. 1. p. 5.

Companhia Italiana de Operetas. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 18.

Companhia Clara Weiss. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 6.

Companhia Clara Weiss/Julio Villar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Os "films" sonoros no Brasil. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 3.

Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 12.

Companhia Clara Weiss. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Troupe Rio/Theatro Santa Izabel/A Rosa Vermelha, no Ceara'. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Scugnizza*. *A Provincia*. Recife, 7 de janeiro de 1930. N. 5. p. 5.

M. Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Scugnizza*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1930. p. 6.

M. Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Jornada de Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Princesa das Czardas*. *A Provincia*. Recife, 9 de janeiro de 1930. N. 7. p. 5.

Recital Elyette Pereira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1930. Artes & Artistas. p. 3.

M. Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Bayadera*. *A Provincia*. Recife, 10 de janeiro de 1930. N. 8. p. 5.

M. Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Orloff*. *A Provincia*. Recife, 11 de janeiro de 1930. N. 9. p. 5.

Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Bayadera*/*Geisha*. *A Provincia*. Recife, 12 de janeiro de 1930. N. 10. p. 5.

O Dybuk (A obcessão). *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 11.

M. Theatro Santa Isabel/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Theatro Moderno/Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Frasquita*. *A Provincia*. Recife, 14 de janeiro de 1930. N. 11. p. 5.

M. Theatro Moderno/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Theatro Moderno/Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Eva*. *A Provincia*. Recife, 15 de janeiro de 1930. N. 12. p. 5.

M. Theatro Moderno/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Theatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Theatro Moderno/Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Eva*. *A Provincia*. Recife, 16 de janeiro de 1930. N. 13. p. 5.

M. Theatro Moderno/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Theatro Moderno/Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Duqueza de Bal Tabarin*. *A Provincia*. Recife, 17 de janeiro de 1930. N. 14. p. 8.

M. Theatro Moderno/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Theatro Moderno/Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Si*. *A Provincia*. Recife, 18 de janeiro de 1930. N. 15. p. 5.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Sonho de Valsa*. *A Provincia*. Recife, 19 de janeiro de 1930. N. 16. p. 4.

M. Theatro Moderno/Companhia italiana de operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Grande Companhia Italiana de Operetas Clara Weiss/*Si*. *A Provincia*. Recife, 21 de janeiro de 1930. N. 17. p. 5.

Theatro Moderno/Companhia Italiana de Operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

A festa da Casa do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 10.

Circo Internacional/Companhia de Comedias Palmeirim Silva. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 14.

Concerto de electrola no Theatro do Parque/Circo Internacional/Centro Dramatico Israelita/Companhia Palmeirim Silva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de janeiro de 1930. Telas e Palcos. p. 10.

As depredações no Santa Izabel. *A Provincia*. Recife, 1 de fevereiro de 1930. N. 27. Vida Politica. p. 2.

O repertorio da Companhia Palmeirim Silva/Circo Internacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Companhia de Comedias Palmeirin Silva/*Oh!... As Mulheres!... Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1930. p. 7.

Santa Isabel/Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de fevereiro de 1930. Telas e Palcos. p. 12.

O elenco da Companhia Palmeirim Silva/"A Rosa Vermelha", no Maranhão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 6.

Companhia Palmeirim Silva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Companhia de Comedias Palmeirim Silva/*Oh!... As Mulheres*. *A Provincia*. Recife, 4 de fevereiro de 1930. N. 29. p. 5.

Anúncio Companhia de Comedias Palmeirim Silva/*Oh!... As Mulheres*. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de fevereiro de 1930. p. 12.

Santa Isabel/Parque. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de fevereiro de 1930. Telas e Palcos. p. 12.

Companhia de Comedias Palmeirim Silva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Companhia de Comedias Palmeirim Silva/*Oh!... As Mulheres*. *A Provincia*. Recife, 5 de fevereiro de 1930. N. 30. p. 5.

M. Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Moderno. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de fevereiro de 1930. Telas e Palcos. p. 8.

Companhia Palmeirim Silva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Scenas & Telas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de fevereiro de 1930. p. 1.

Anúncio Companhia de Comedias Palmeirim Silva/*Oh!... As Mulheres*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de fevereiro de 1930. p. 4.

Theatro Moderno/Uma Senhora Viuva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Paulo e Violeta Ferraz/Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 1.

Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

M. Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 6.

Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Festival Palmeirim Silva. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

De Chocolat/A industria do film. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 6.

Anúncio inauguração do cinema sonoro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de fevereiro de 1930. p. 8.

De Chocolat. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de fevereiro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Parque/Cinema sonoro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1930. p. 8.

Anúncio Theatro Parque/*A Divina Dama*/*Broadway Melody*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1930. p. 8.

O recital do pianista Arnaldo Rebello, hoje, no Santa Izabel/Concertos de Musica de Camera/Sociedade de Concertos Populares. *A Provincia*. Recife, 18 de março de 1930. Theatros & Cinemas. N. 64. p. 2.

O cinema sonoro no Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de março de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Parque/*A Divina Dama*/*Broadway Melody*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1930. p. 12.

O cinema sonoro no Theatro do Parque. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de março de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Parque/*A Divina Dama*/*Broadway Melody*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de março de 1930. p. 8.

"Broadway Melody". *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de março de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 29 de maio de 1930. Theatros & Cinemas. N. 122. p. 2.

Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 30 de maio de 1930. Theatros & Cinemas. N. 123. p. 2.

Companhia de Operetas e Vaudevilles Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 31 de maio de 1930. Theatros & Cinemas. N. 124. p. 2.

Companhia de Operetas e Vaudevilles Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 1 de junho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 125. p. 2.

Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 3 de junho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 126. p. 2.

Sociedade de Cultura Musical/Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 4 de junho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 127. p. 2.

Companhia Brandão Sobrinho-Vicente Celestino. *A Provincia*. Recife, 8 de junho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 131. p. 2.

Inaugura-se hoje o Cine-Theatro Nossa Senhora da Paz, de Afogados. *A Provincia*. Recife, 6 de julho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 154. p. 2.

Theatro N. S. da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de julho de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Cine-Theatro N. S. da Paz. *A Provincia*. Recife, 9 de julho de 1930. Theatros & Cinemas. N. 156. p. 2.

Festival no Cine-Theatro da Paz/Circo Holdelm. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Lucilia Peres. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de agosto de 1930. Artes & Artistas. p. 2.

Recital Lucilia Peres/Izette Fernandes – pianista de 7 annos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de agosto de 1930. Artes & Artistas. p. 4.

Lucilia Peres e a "Ceia dos Cardeaes"/Ivette Fernandes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de agosto de 1930. Artes & Artistas. p. 4.

O festival em beneficio das escolas parochiaes no Cine-Theatro da Paz/Sociedade de Concertos Populares. *A Provincia*. Recife, 13 de setembro de 1930. Theatros & Cinemas. N. 212. p. 2.

S. C. A crise e o theatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de setembro de 1930. Telas e Palcos. p. 3.

P. G. Theatro da Paz. *A Provincia*. Recife, 16 de setembro de 1930. Theatros & Cinemas. N. 214. p. 2.

S. C. Gente Nova. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de setembro de 1930. Telas e Palcos. p. 6 e 8.

Theatro da Paz. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de setembro de 1930. Telas e Palcos. p. 3.

Cine-Theatro N. S. da Paz. *A Provincia*. Recife, 28 de setembro de 1930. Theatros & Cinemas. N. 225. p. 2.

No Scenario da Vida/Cine-Theatro da Paz/Theatro Santa Izabel – Côro dos Cossacos de Don. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de setembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Izabel/Coro dos Cossacos do "Don" Platoff. *A Provincia*. Recife, 28 de setembro de 1930. N. 225. p. 5.

Theatro da Paz/No Scenario da Vida. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de setembro de 1930. Telas e Palcos. p. 8.

Anúncio *No Scenario da Vida*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de setembro de 1930. p. 10.

Theatro N. S. da Paz/Coro dos Cossacos do "Don"/A "Fox" e o novo salão do "Moderno". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

A grande semana do "Moderno". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

As vesperaes e os premios infantis do Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Coro dos Cossacos do Don/Platoff. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1930. p. 8.

Moderno – Côro dos Cossacos do Don. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

O Coro dos Cossacos do Don no Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Moderno/A caixa da Revolução e a empresa Avelino & Cia./Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

A semana do Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Grupo Cine Theatro/*O Amor Faz Coisas... Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1930. p. 6.

O Grupo Cine-Theatro no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Theatro Moderno/Grupo Cine-Theatro/*O Amor Faz Coisas... Diario da Manhã*. Recife, 29 de outubro de 1930. p. 8.

No Theatro Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Gremio Litero Theatral D. Pedro II/Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

O "Apa-Jazz" no Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Theatro Moderno/Cine Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

24 de Outubro/"Rapa-Côco"/Cine-Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*Um Beijo na Face*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1930. p. 6.

Anúncio Theatro Moderno/Companhia Procopio Ferreira/*Um Beijo na Face*. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de novembro de 1930. p. 10.

Gremio Familiar Magdalenense/A Revista "Rapa-Côco"/24 de Outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Theatro Moderno/Companhia Procopio Ferreira/*Um Beijo na Face*. *Diario da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1930. p. 8.

24 de Outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*Um Beijo na Face*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1930. p. 8.

M. Theatro Moderno/Companhia Procopio Ferreira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*Que Noite Meu Deus! Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1930. p. 8.

Lucilia Peres no Santa Isabel/A Revista Rapa-Coco/Gremio Litero Theatral D. Pedro II. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

M. Theatro Moderno/Companhia Procopio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*Carta Anonyma*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1930. p. 8.

Theatro Moderno/Companhia Procópio/A peça 24 de Outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*Eu Sou de Circo! Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1930. p. 8.

Theatro Santa Isabel/Lucilia Peres e a Peça 24 de Outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Lucília Peres/*24 de Outubro*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1930. p. 8.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*A Mulher do Juca*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1930. p. 8.

Lucilia Peres e a peça 24 de Outubro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

M. Theatro Moderno/Procopio Ferreira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Companhia Procópio Ferreira/*O Canario*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1930. p. 12.

Anúncio Lucília Peres/*24 de Outubro*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1930. p. 12.

Gremio Familiar Magdalenense/A Revista Rapa-Coco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

A Revista "Rapa-Côco". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 4.

Gremio Litero Theatral D. Pedro II/*Prompto Soccorro!*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 3.

Theatro Moderno/Companhia Procopio/Festival no Cine--Elite/A estreia de Aurora Aboim Seus Artistas e Seu Jazz amanhã no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Aurora Aboim Suas Artistas e Sua Orchestra Jazz--Brasil/*Arca de Noé*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1930. p. 8.

Anúncio Theatro Moderno/Aurora Aboim Seus Artistas e Sua Orchestra Jazz Brasil/*Arca de Noé*. *Diario da Manhã*. Recife, 19 de dezembro de 1930. p. 8.

No Theatro Santa Izabel/Moderno/Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 5.

Tuna Portugueza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1930. Scenas & Telas. p. 6.

Gremio Familiar Magdalenense. *Jornal do Recife*. Recife, 4 de janeiro de 1931. Theatros e Cinemas. p. 4.

Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

"A Jornada do Natal". *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Festival artistico em Olinda. *Jornal do Recife*. Recife, 11 de janeiro de 1931. p. 4.

Gremio Litero-Theatral D. Pedro II/Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

O "Rapa-Coco", no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Rapa-Coco no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Anúncio Theatro Moderno/*Rapa-Côco*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1931. p. 10.

Rapa-Côco, hoje no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Moderno/*Rapa-Côco*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1931. p. 8.

Rapa Coco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Moderno/*Rapa-Côco*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1931. p. 8.

Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de fevereiro de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de fevereiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Gremio Familiar Magdalenense/Theatro da Matriz do Barro/Gremio Litterario Theatral D. Pedro II. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de fevereiro de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Gremio Familiar Magdalense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

O festival de hoje do Gremio D. Pedro II/Theatro da Matriz do Barro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Theatro Moderno/Companhia Mulata Brasileira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Companhia Mulata Brasileira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 março de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

A estréa da Companhia Brasileira, no Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 março de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

M. Theatro Moderno/Companhia Mulata. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

A matine'e infantil do Theatro Moderno/Companhia Mulata Brasileira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Gremio Familiar Magdalenense/Companhia Mulata Brasileira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

M. Theatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de abril de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Grupo Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de abril de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Cine-Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 abril 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Gremio Theatral Olindense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Tuna Portugueza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de abril de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

O Festival de Hoje do Gremio D. Pedro II/Matinée Infantil/Theatro da Matriz do Barro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Theatro Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

A vesperal do Grupo, Arts Nouveaux/Festival em beneficio das creancinhas pobres do Instituto P. São Jose'/pobres Gremio Litero Theatral D. Pedro II. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Festival artistico em favor da caixa escolar "Amaury de Medeiros". *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Uma Senhora Viuva, na Magdalena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Tuna Portugueza. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Uma "Senhora Viuva" no Gremio F. Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Festival artistico em beneficio da Caixa Escolar Amaury de Medeiros/Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Matine'e infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de maio de 1931. Scenas & Telas. p. 5.

Uma Senhora Viuva, na Magdalena/Elpidio Camara. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Repetição de "Uma Senhora Viuva". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de junho de 1931. p. 10.

Tuna Portugueza/Cine-Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1931. p. 8.

Gremio F. Magdalenense/Festival Elpidio Camara. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Um festival de arte patrocinado pela A. S. D. T./Cine Theatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 2.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de junho de 1931. p. 8.

Melhoramentos no Theatro Santa Isabel/Um grandioso festival de arte da actriz Lelia Verbena/ Festival Elpidio Camara/Thehatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1931. p. 8.

Festival Lelia Verbena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 6.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de junho de 1931. p. 10.

Troupe Bibelots. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Theatro Moderno – Uma iniciativa feliz/Troupe Bibelots. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 3.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1931. p. 8.

Festival de Elisa Mattos/Festival Elpidio Camara. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Festival Elisa Mattos/Grande matine'e infantil no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1931. Scenas & Telas. p. 4.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1931. p. 12.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1931. p. 8.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de junho de 1931. p. 10.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1931. p. 8.

A festa artistica da actriz Lelia Verbena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de junho de 1931. Scenas & telas. p. 6.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de junho de 1931. p. 10.

Theatro Santa Isabel/Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de junho de 1931. Scenas & telas. p. 5.

Anúncio Troupe Bibelot. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de junho de 1931. p. 14.

S. C. O teatro no interior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

Teatro Santa Isabel/A festa de hoje – os novos cenarios do teatro/Teatro da Paz/Tuna Portuguêsa/Elpidio Camara. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

A estréa do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

O Grupo Gente Nossa e a Escola do Padre Machado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Agora vai? *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" no Ideal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" no Feitosa, no "Cinema Ideal", e em outros arrabaldes/Centro de Cultura de Palmares/

Cartazes do Amôr. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" hoje no "Ideal"/Festa Ara, em Afogados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

Anúncio Ideal-Cinema/Grupo Gente Nossa/*Mamãe Quer Casar*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de agosto de 1931. p. 4.

No Recife/"A Honra da Tia" pelo "Grupo Gente Nossa", hoje no Ideal/Em Plamares/Os espetaculos da Sociedade de Cultura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

Anúncio Ideal-Cinema/Grupo Gente Nossa/*A Honra da Tia*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de agosto de 1931. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" no Feitosa/Gremio Artistico da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 4.

"A Honra da Tia", hoje no Feitosa, pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Frente única. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" no Feitosa/Uma peça de Lucilo Varejão/"Variações do Verbo Amar" – De Samuel Campelo/Gremio Artistico da Paz/Em beneficio do Hospital Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" e o seu regimento interno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de agosto de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" ira' sempre ao Feitosa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1931. Cenas & Télas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" no Feitosa e no Ideal/Um beneficio ao Hospital Infantil/"Cartazes do Amor", no Gremio Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

Festa "Ara"/Festival em beneficio da Matriz da Torre no "Cine-Elite", das Graças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" com "A Honra da Tia" no Feitosa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Teatro nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de setembro de 1931. Cenas e Télas. p. 8.

No Recife – Em beneficio do Hospital Infantil/O "Grupo Gente Nossa" hoje no Ideal, com "Engano da Peste"/Os ensaios do "Grupo Gente Nossa"/"A Honra da Tia", hontem no Feitosa/"Cartazes do Amôr", dos Irmãos Valença/Em Palmares – O teatro da Sociedade de Cultura/No Rio Grande do Sul – Uma peça pernambucana em Porto Alegre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de setembro de 1931. Cenas e Télas. p. 8.

O "Grupo Gente Nossa" fecha contrato com o "Ideal Cinema". *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 6.

Festival em prol do estudante pobre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 6.

Gremio Familiar Madalenense/Anúncio Ideal-Cinema. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

O programa de hoje no Ideal/Anúncio Ideal-Cinema. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

S. C.Vida Teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1931. p. 4.

Os espetaculos do "Ideal"/As treze peças de Samuel Campelo/Em beneficio da Casa dos Estudantes Pobres/Um espetaculo do ator Barreto Junior/No Gremio Madalenense, hoje/Festa para o Hospital Infantil/A Sociedade de Cultura de Palmares/Um festival dos alunos do Liceu de Artes e Oficios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1931. p. 4.

Anúncio Ideal-Cinema. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1931. p. 9.

S. C. Cartazes do Amor, no Gremio Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 6.

A repetição de "Cartazes do Amor", no "Madalenense"/O "Grupo Gente Nossa" nos arrabaldes/Em beneficio do Hospital Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

Em beneficio da Matriz do Barro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de setembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

"Cartazes de Amor", em repetição no Madalenense/No "Santa Isabel" – Em beneficio do Liceu de Artes e Oficios/Em beneficio da Matriz do Barro/O "Grupo Gente Nossa" nos arrabaldes/O "Grupo Gente Nossa" vai crear um corpo de sócios/Em beneficio do Hospital Infantil/Os espetaculos da Sociedade de Cultura, de Palmares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de setembro de 1931.Vida Teatral. p. 9.

S. C. Teatro para todos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de setembro de 1931.Vida Teatral. p. 9.

"Mariana", do sr. Luiz Pinto Lapa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de setembro de 1931.Vida Teatral. p. 9.

"O Interventor", pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1931. Cenas & Telas. p. 6.

"Sangue Gaucho", pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

"Cala a Boca, Etelvina!", pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de novembro de 1931.Vida Teatral. p. 8.

S. C. "As Trancinhas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de novembro de 1931.Vida Teatral. p. 8.

"Muralhas de Jerico'" pelo "Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de novembro de 1931. Vida Teatral. p. 8.

"Variações do Verbo Amar", de Samuel Campêlo, pelo "Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de novembro de 1931. Cenas & Telas. p. 5.

A proxima festa da Tuna Portugueza/Festival no Cine-Theatro Elite, das Graças. *Diario da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1931. Theatros. p. 2.

Box – Não se realizará o choque David Dias – "Panthera Negra"/Doloroso accidente determinou essa medida da comissão organisadora. *Diario da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1931. Vida Sportiva. p. 4.

O festival da Tuna Portuguêza no dia 29 de novembro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

"Onde Canta o Sabiá" pelo Grupo Gente Nossa/Repetição hoje de "Onde Canta o Sabiá". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

N. B. Em torno do Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1931. Cenas & Telas. p. 4.

"Graças a Deus", pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1931. Vida Teatral. p. 5.

M. Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1931. p. 3.

Os autores do Rio e o "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1931. Vida Teatral. p. 5.

Little Ester/A pequenina bailarina negra vai apresentar-se domingo proximo ao publico do Recife/Valdomiro Lobo/"Pelo Telefone", hoje, no Cine da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 5.

Little Esther e o seu grupo de "Breakaway Jazz"/A sua estrea amanhã no Santa Izabel/Ano Novo/A primeira vesperal do "Grupo Gente Nossa", hoje, no Santa Izabel/Os espetaculos de janeiro do "Grupo Gente Nossa"/Maria Amorim/Ator Otavio Matos/Gremio Familiar Magdalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 5.

O espetaculo do "Gente Nossa" hoje a's 20 e 45. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A hora certa/Little Esther e seu "Breakway Jazz"/A Rosa Vermelha, em festival de Maria Amorim/Um apelo ao "Grupo Gente Nossa"/Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 5.

Os ultimos espetaculos de Little Esther, a irrequieta bailarina negra, hoje, no Teatro Santa Izabel/Amanhã – Festival de Montez Galvão/Teatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 4.

"Casa de Gonçalo", pelo Grupo Gente Nossa/"Casa de Gonçalo" vai ser repetida amanhã/A procura de bilhetes para "A Rosa Vermelha" no dia 21. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Maria Amorim. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 4.

O festival de hoje no "Santa Isabel"/A Encenação da opereta pernambucana "A rosa vermelha". *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 4.

Teatro Santa Isabel/O 3° espetaculo social do "Gente Nossa", amanhã/"A Rosa Vermelha", em vesperal, domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

JASSELI, Miguel. Rosa Vermelha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 4.

"A Rosa Vermelha" hoje, em vesperal/O 3.° espetaculo social do "Gente Nossa" terça-feira/O festival do ator Elpidio Camara foi transferido. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 4.

Hoje, o 3° espetaculo social do "Gente Nossa"/"Não Me Conte Esse Pedaço" na quinta-feira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Amanhã, "Não Me Conte Esse Pedaço"/A "Rosa Vermelha", em vesperal, domingo com abatimento para os socios do "Gente Nossa"/"O Interventor" sera' no dia 1 de fevereiro/O "Grupo Gente Nossa" recebe mais uma peça do Rio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A Descoberta da America, de Armando Gonzaga/Hoje – "Não Me Conte Esse Pedaço, no Santa Isabel/Uma tabela de louvores do "Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Uma peça musicada em espetaculo social do "Gente Nossa"/"A Rosa Vermelha", em vesperal, com abatimento para os socios do Gente Nossa/"A Tarde Regional" no Santa Isabel, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Hoje – "Cartazes do Amor" – Peça musicada/Amanhã, em vesperal, a "Rosa Vermelha"/Um festival de Little Ester, no Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de janeiro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Mesma gente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 5.

"A Rosa Vermelha" hoje, em vesperal, com abatimento para os socios do "Gente Nossa"/Amanhã – Festival de Elpidio Camara com "O Interventor"/Nestes dias uma peça carnavalesca.../Os cartões de socios do "Gente Nossa" vão ser distribuidos/Cartazes do Amor. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1932. Vida Teatral. p. 5.

"Cabocla Bonita", sera' encenada sabado, em festival da atriz Lelia Verbena. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Hoje "Luar do Norte" a preços populares/"A Rosa Vermelha" dedicada ao belo sexo/"Cabocla Bonita" vista por um jornalista carioca/Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Domingo – "A Rosa Vermelha" em espetaculo de gala/Os cartões de socios do "Gente Nossa"/A linda noite regional com "Cabocla Bonita", amanhã, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Gremio Dramatico do Barro/Amanhã a' noite, "A Rosa Vermelha" em espectaculo de gala. *A Provincia*. Recife, 5 de março de 1932. De Arte. p. 8.

"Cabocla Bonita", hoje, no Santa Isabel, em festival de Lelia Verbena/Amanhã a' noite, "A Rosa Vermelha" em espetaculo de gala. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. O Tele-Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

Hoje – Em vesperal – "A Cabocla Bonita". *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

O festival de hoje no "Santa Isabel" foi transferido/Zuila Teixeira e o festival do dia 15/A festa de Luiz Carneiro com "Casa de Gonçalo"/Barreto Junior promove uma festa de arte. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

S. C. Leopoldo Fro'es e a Casa dos Artistas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

A vesperal de hoje no Teatro Santa Isabel/O grandioso festival artistico do ator Barreto Junior/No dia 15 – O festival de Zuila Teixeira/Hoje a' noite, "Casa de Gonçalo", no Santa Isabel/"Gente Rustica", peça de costumes pernambucanos/A peça "Bodas de Prata" vai receber musica. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

Hoje no "Santa Isabel", um lindo festival com "Gente Rustica"/Sabado, espetaculo social do "Grupo Gente Nossa"/O festival dos bilheteiros Jose' Vaz e João Evencio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Depois de amanhã – Primeiro espetaculo social do "Gente Nossa"/Um pedido aos autores/Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Festival dos bilheteiros Jose' Vaz e João Evencio/Amanhã – "Gente Rustica", em espetaculo social/A repetição de "Agite-se", no domingo a' noite, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Na Floresta Encantada/A repetição de "Agite-se".../"Gente Rustica", em espectaculo social/O festival dos bilheteiros Jose' Vaz e João Evencio. *A Provincia*. Recife, 18 de março de 1932. De Arte. p. 3.

Boris Sapiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de março de 1932. Artes & Artistas. p. 3.

SAPIRO, Boris. Teatro, imagem da vida. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

Terça-feira, 2° espetaculo social "Gente Nossa"/Companhia Jaime Costa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de março de 1932. Vida Teatral. p. 7.

Hoje – Segundo espetaculo social do "Gente Nossa"/Qual deve ser a peça do terceiro espetaculo social?/Vai ser procedida outra votação/Peças que vão ser repetidas a pedido/Uma comedia de Celio Meira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1932. Vida Teatral. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" pretende fazer uma excursão/"A Rosa Vermelha" novamente sabado no "Teatro Santa Isabel" – homenagem a' memoria de Leopoldo Fro'es. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" vai ser remodelado creando um conselho julgador/Hoje – "A pena do Frango"/"A Rosa Vermelha" e a homenagem a Leopoldo Fro'es. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A ultima representação d'"A Roda Vermelha", hoje/A homenagem do "Grupo Gente Nossa" a memoria de Leopoldo Fróes/Os ultimos espetaculos do "Grupo Gente Nossa"/A excursão a Palmares e João Pessoa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de abril de 1932. Vida Teatral. p. 6.

Anúncio Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa/*Feitiço*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de abril de 1932. p. 6.

Companhia Jaime Costa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 6.

Ainda sobre a peça "A Pena do Frango". *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de abril de 1932. Vida Teatral. p. 6.

J. Companhia Jaime Costa/O Feitiço, 3 atos de Oduvaldo Viana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Anúncio Grande Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa/*O Adorável Barcellos*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de abril de 1932. p. 4.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"O adoravel Barcelos", 3 atos de Fernando Lacerda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Anúncio Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa/*O Divino Perfume*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de abril de 1932. p. 4.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"O Divino Perfume", 3 atos de Renato Viana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Anúncio Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa/*Um Pulo no Casamento*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de abril de 1932. p. 4.

J. Companhia Jaime Costa/"Um pulo no casamento", 3 atos de Max Ratmann e Otto Schuartz, adaptação de Mateus da Fontoura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" vai hoje a Palmares – A excursão a João Pessôa, terça-feira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Amanhã "Bombonzinho"/Vesperal das normalistas/Um gesto altruista de Jaime Costa/A esperada reprise do "Feitiço". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Anúncio Grande Companhia Brasileira de Comédia Jayme Costa/*Feitiço*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de abril de 1932. p. 4.

O Teatro Nacional e Jaime Costa/A segunda recita de arte, vesperal das normalistas e soire'e de elite com "Pierrot"/Para as vitimas da sêca/Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 6.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"O bombozinho", 3 atos de Viriato Correia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A excursão do "Grupo Gente Nossa"/Maceió e João Pessôa/Segundo dia de teatro-arte no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"Pierrot", 3 atos de Pascoal Carlos Magno premio da Academia Brasileira de Letras. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Ideal Cinema. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" vai hoje a' Maceió. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"O amado das pequenas", 3 atos de Carlos Arniches, tradução e adaptação de Joraci Camargo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo gente Nossa" em Maceio'/Um telegrama de felicitações/A reentrada do "Gente Nossa" em maio no Santa Izabel/O quadro de socios está sendo organizado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

J. Teatro Santa Isabel/Companhia Jaime Costa/"Chauffeur", 3 atos de Joraci Camargo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 7.

A excursão do "Grupo Gente Nossa"/O sucesso de "Gente Rustica" em Maceió/O quadro de socios espectadores do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1932. Cenas & Telas. p. 7.

Ultima representação hoje de "Aves de Arribação", no "Santa Isabel". *Diario da Manhã*. Recife, 29 de maio de 1932. Theatros. p. 4.

Uma carta de Renato Vianna a Samuel Campello – O autor do "Divino Perfume" promete uma peça para o "Grupo Gente Nossa"/Hoje – Vesperal no Santa Isabel, com o "Meu Bebê"/No Santa Isabel, hoje a' noite, repetição de "Uma Senhora Viuva"/"Os Rosas" e o seu espectaculo no dia 5, no Theatro Santa Isabel/No dia 11 sera' o espectaculo dedicado a' colonia israelita/Um grande drama, a 31 de julho, no "Gremio Dramatico do Barro"/Cartões de socios a 10$000 por mez ("Grupo Gente Nossa")/"O Tio Salvador"/ O 1.° espectaculo d'Os Rosas, no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de julho de 1932. Theatros. p. 4.

O festival d'"Os Rosas", hoje, no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de julho de 1932. Theatros. p. 7.

"O Gato Escondido", dos Irmãos Valença, pelo "Grupo Gente Nossa"/A sua repetição hoje no "Santa Isabel". *Diario da Manhã*. Recife, 31 de julho de 1932. Theatros. p. 16.

Uma data feliz para nosso teatro/O primeiro aniversario, hoje, do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Gremio Dramatico do Barro. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de agosto de 1932. Theatros. p. 4.

Festival em beneficio da familia do ator Luiz de França. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O anniversario do "Grupo Gente Nossa"/Festival em beneficio da familia do ator Luis de França. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de agosto de 1932. Theatros. p. 8.

A vesperal das normalistas, amanhã/2° espetaculo social do dia 10 do corrente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A vesperal de hoje, das normalistas/Quarta-feira – 2.° espetaculo social. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

A Companhia Lison Gaster estreara' no dia 9 do corrente, no Teatro Moderno/A domingueira de hoje, do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 4.

A estrea da Companhia Lison Gaster, hoje, no Teatro Moderno/Amanhã – 2° espetaculo social do "Gente Nossa"/"O Idolo das Meninas" em 3° espetaculo social. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

M. No Teatro Moderno estreiou ontem a Companhia Lison Gaster. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

Hoje – 2° espetaculo social do "Grupo Gente Nossa"/O "Cinema S. Miguel" vai construir palco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

Sabado – Vesperal das normalistas no "Santa Isabel"/A vesperal de domingo no "Santa Isabel" com uma peça musicada/Vai ser repetida a linda comedia "L0nge dos Olhos"/A apresentação de uma atriz carioca/Em beneficio da família de Luiz de França/A estrea do palco do "s. Miguel" sera' no dia 18. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

Hoje – Sabatina das normalistas no "Santa Izabel"/Amanhã – Dois grandes espetaculos no "Santa Izabel"/O "Gato Escondido" e "Longe dos Olhos". *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 4.

S. C. Ha ou não ha? *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 4.

Dois atraentes espetaculos do "Grupo Gente Nossa" hoje no Santa Isabel/Transferido o espetaculo em beneficio da familia de Luiz de França/"Uma Senhora Viuva" vai voltar ao cartaz/Teatro-Cine S. Miguel, de Afogados/Gremio Familiar Madalenense (Teatro "Leopoldo Fróis"). *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 4.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" inaugura hoje o palco do "S. Miguel"/A empresa do Teatro Municipal de Jaboatão fecha contrato com o "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

Um festival de arte em beneficio da Maternidade do Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

O festival de Lison Gaster no Moderno/Vesperal do "Gente Nossa" hoje no "Santa Izabel"/O "Grupo Gente Nossa" hoje a' noite no "S. Miguel", em Afogados/Um espetaculo da "Tuna Portuguesa" no "Santa Izabel"/Festival em beneficio da Maternidade do Recife/O festival do ator Elpidio Camara sera' no dia 26/"A Noite do Riso" sexta-feira próxima no Moderno, com o festival do ator Viviani. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 6.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 6.

Teatro Moderno/Um festival de arte em beneficio da Maternidade do Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

O espetaculo de hoje do "Grupo Gente Nossa" em Afogados/Amanhã – "Uma Senhora Viuva" no "Santa Izabel" em festival de Elpidio Camara. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

"Uma Senhora Viuva" vai ainda, a pedido, amanhã em vesperal/Amanhã, 2 sessões do "Grupo Gente Nossa" em Afogados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

A ultima vesperal de agosto hoje no "Santa Isabel"/A pedido: "Uma Senhora Viuva"/Hoje, em Afogados, duas sessões do "Grupo Gente Nossa"/Uma placa no Teatro Municipal de Jaboatão/O 4.° espetaculo social do "Grupo Gente Nossa" sera' no dia 30. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de agosto de 1932. Vida Teatral. p. 4.

M. Teatro Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Hoje – 4° espetaculo social do "Grupo Gente Nossa"/O "Grupo Gente Nossa" dara' seu 2° espetaculo em Jaboatão no dia 2 de setembro/O "Grupo Gente Nossa" não dara' espetaculos sociais em setembro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de agosto de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

A Companhia Jaime Costa fara' sua reentrada amanhã no "Santa Izabel"/A presente temporada será a preços populares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1932. Cenas & Telas. p. 2.

O "Gente Nossa" dara' hoje um interessante espetaculo no "S. Miguel", em Afogados. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de dezembro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

Um festival de Lelia Verbena hoje, no "Santa Izabel"/A vesperal de domingo do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1932. Cenas & Telas. p. 4.

JASSELLI, Miguel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1932. Vida Teatral. p. 7.

Os espetáculos sociais do "Grupo Gente Nossa" – "O Outro André" no dia 6 do corrente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"O Outro André", sexta-feira, no Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A Vesperal de amanhã do Grupo Gente Nossa/A reentrada do "Grupo Gente Nossa", amanhã, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A volta dos espetaculos sociais do "Grupo Gente Nossa", hoje, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1933. Vida Teatral. p. 4.

Cine-Teatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Os espetaculos do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A ultima do "O Outro André" pelo Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O 2° espetaculo social do Grupo Gente Nossa, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 6.

A noite de hoje no Santa Izabel – O 2° espetaculo social de janeiro, do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Os espetaculos de amanhã do Grupo Gente Nossa – Vesperal no "Santa Isabel" e saráu no "São Mguel". *Diario de*

Pernambuco. Recife, 14 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A vesperal no "Santa Isabel" e á noite no Largo da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de janeiro de 1933. Vida Teatral. p. 10.

O espetaculo de hoje do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"Uma Senhora Viuva", depois de amanhã, em 3° espetaculo social. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A noite de amanhã no Santa Isabel – O Grupo Gente Nossa realiza o 3° espetaculo social de Janeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 6.

O 3° espetaculo social de janeiro do Grupo Gente Nossa – Uma senhora viuva, hoje, no Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A vesperal de amanhã do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A vesperal de hoje do Grupo Gente Nossa – A ultima representação d'"O Amigo Tobias" no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de janeiro de 1933. Vida Teatral. p. 6.

Os espetaculos do Grupo Gente Nossa, na presente semana – Amanhã em Tigipió – Sexta-feira em Limoeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" trabalha, hoje, em Tejipio' – "O Interventor", em Limoeiro – O 4° espetaculo social de janeiro sera' sabado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" vai a Limoeiro – O 4° espetaculo social, amanhã, no Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Cine Teatro do Pina – "A noite rosea" de hoje – Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A vesperal de hoje do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1933. Vida Teatral. p. 6.

O 1° espetaculo social de fevereiro do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"O Ministro do Supremo" sera' repetida amanhã no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O 1° espetaculo social de março com "Bombonzinho" – O "Grupo Gente Nossa" em Limoeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 2.

O "Grupo Gente Nossa" trabalha hoje em Limoeiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"Bombonzinho" amanhã em 1° espetaculo social de março. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Teatro Moderno – "Olha a curva" – "Bombonzinho" hoje em vesperal no "Santa Isabel" – "Uma Senhora Viuva" a' noite no São Miguel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de março de 1933. Vida Teatral. p. 4.

As mensagens da Sociedade Brasileira de Belas Artes e do "Grupo Gente Nossa", por intermedio de Itala Ferreira – Grupo Gente Nossa – O 2° espetaculo social será amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Grupo Gente Nossa – O 3° espetáculo social de março. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O 3° espetaculo social do Grupo Gente Nossa, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O Grupo Gente Nossa dara' hoje 2 espetaculos – Uma recita em homenagem á mulher pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de março de 1933. Vida Teatral. p. 8.

Grupo Gente Nossa – O 4° espetaculo social de Março – Gremio Familiar Afogadense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

Grupo Gente Nossa/"Coração de Violeiro", hoje em 4° espetaculo social de março. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Grupo Gente Nossa/A vesperal de amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de março de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de abril de 1933. Vida Cinematografica. p. 6.

A comedia "Tão facil a felicidade sera' repetida/O primeiro espetaculo social de maio, com "Greve Geral". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"Tão Facil a Felicidade" ira' novamente, domingo a' noite, no "Santa Isabel"/ "Cala a Boca, Etelvina" em vesperal no domingo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

A vesperal de amanhã no "Teatro Santa Isabel" – A repetição de "Cala a Boca, Etelvina..."/A 2.ª representação, amanhã a' noite de "Tão Facil a Felicidade!... Uma tabela do autor ao "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de maio de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

L. L. Tão Facil, a Felicidade!... *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1933. Vida Teatral. p. 7.

Os dois espetaculos de hoje no "Santa Isabel"/Vesperal: "Cala a boca, Etelvina"... – Saráu: "Tão Facil a Felicidade".../"Tão Facil, a Felicidade"... em segunda representação hoje a noite. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1933. Vida Teatral. p. 7.

"Tão Facil, a Felicidade" ira' ainda a cena depois de amanhã no "Santa Isabel"/Frisas que serão reservadas por maior preço/Um espetaculo do "Gente Nossa hoje em Tejipio', com "A Mulher do Trem"/Circo Irací. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de maio de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

M. "Ninho Azul". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de agosto de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

M. "Ninho Azul". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de agosto de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" vae dar uma vesperal em homenagem a' "Escola de Bellas Artes"/Uma peça nova, de autor novo, na segunda-feira, no "Santa Isabel"/"Aves de Arribação", em festival de Vicente Cunha e pedido para a volta de "Cartazes de Amor" dos Irmãos Valença. *Diario da Manhã*. Recife, 19 de agosto de 1933. Theatros. p. 10.

O "Grupo Gente Nossa", hoje, no Theatro Arruda/Gremio Familiar Magdalenense – Theatro Leopoldo Fróes/Sargento seductor. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de agosto de 1933. Theatros. p. 20.

O "Grupo Gente Nossa" dara' espectaculo hoje no "Theatro da Paz", em Afogados. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de setembro de 1933. Theatros. p. 20.

Um espectaculo do "Grupo Gente Nossa" em Victoria sob o patrocínio do "Gremio Leopoldo Fro's"/"O Sargento Seductor" ate' o fim do mez estara' provavelmente em csena/O "Grupo Gente Nossa" não distribuira' cartões em setembro/Gremio Familiar Magdalenense. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de setembro de 1933. Theatros. p. 12.

O "Grupo Gente Nossa" vae a Victoria. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de setembro de 1933. Theatros. p. 12.

Um passeio do "Grupo Gente Nossa" a' cidade da Victoria/O espectaculo de hoje no Arruda. *Diario da Manhã*. Recife, 9 de setembro de 1933. Theatros. p. 5.

MANOEL, Manoel Antonio. "A Senhorita Gata". *Diario da Manhã*. Recife, 27 de setembro de 1933. Theatros. p. 5.

MANOEL, Manoel Antonio. Da 1.ª fila aos bastidores. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de outubro de 1933. Theatros. p. 19.

OLIVEIRA, Valdemar de. "Senhorita Gata" pelo Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

"Ninho Azul" hoje em espetaculo de gala, no "Teatro Santa Isabel" – O espetaculo é dedicado ao interventor de Pernambuco solenizando o aniversario da Revolução – Os espetaculos de assinatura em outubro – Feitiço! Feitiço!. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

Grupo Infantil. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de outubro de 1933. Theatros. p. 12.

O "Grupo Gente Nossa" dara' o seu primeiro espetaculo de assinatura no dia 9 do corrente – "Pano Vêrde", comedia de Carlos Medina e outras peças – A vesperal de domingo com "Senhorita Gata" – A Companhia Israelita dara' hoje seu segundo espetaculo no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de outubro de 1933. Cenas & Telas. p. 7.

Tuna Portugueza/A sua festa artistica de amanhã, no Theatro Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de outubro de 1933. p. 4.

"Senhorita Gata" hoje, em vesperal, no "Teatro Santa Isabel"/A festa artística de hoje na "Tuna Portuguesa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1933. Suplemento aos Domingos/Vida Teatral. p. 3.

"Ninho Azul", domingo a noite, no "Teatro Santa Isabel" – No dia 18 do corrente – "O Sargento Sedutor", em festival do ator Ilidio Amorim – "A Rosa Vermelha", a 22, em homenagem ao "Radio Clube" e dedicada á "Nova Aurora". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de outubro de 1933. Cenas & Telas. p. 5.

"Companhia Argentina de Espectaculos Typicos – A sua estréa, hoje, no Moderno. *Diario da Manhã*. Recife, 29 de novembro de 1933. p. 10.

O festival de hoje no "Santa Isabel" com a burleta "Noites de Novena"/Será cantada a marcha "Esbagaça, morena", do concurso do "Diario da Manhã". *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Um ator pernambucano que esta' fazendo nome. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Os escandalos das cortes do Imperio e da Sideria – ("A Madrinha dos Cadetes"). *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O "Grupo Gente Nossa" dara' hoje dois espetaculos no "Teatro Santa Isabel", com "A Madrinha dos Cadetes". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1933. Vida Teatral. p. 8.

O "Grupo Gente Nossa" dara' hoje novamente "A Madrinha dos Cadetes", a preços populares/Grupo Gente Nossa/Oficial. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

A Madrinha dos Cadetes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

"A Madrinha dos Cadetes" amanhã em 5ª representação a preços populares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

Companhia Israelita de Operetas. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de dezembro de 1933. Theatros. p. 5.

"A Madrinha dos Cadetes" no "Santa Isabel"/"A Madrinha dos Cadetes" – A grande operêta-fantasia pernambucana ira' hoje novamente a' cena, no "Santa Isabel", a preços populares. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1933. Cenas & Telas. p. 4.

O 4.° espectaculo de assignatura com Azougue. *Diario da Manhã*. Recife, 23 de dezembro de 1933. Theatros. p. 7.

O Teatro Nordestino/O "Grupo Gente Nossa" ultima negociações para visitar o Rio Grande do Norte/Um autor potiguar/Uma atriz natalense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1933. p. 5.

"A Madrinha dos Cadetes" amanhã, em beneficio das creanças neuro-psychopathas/"Tem de Casar, Casa..." em ultimo espectaculo de assinagtura/O espectaculo de hoje, no "Santa Isabel" dedicado ao Centro Dramatico Israelita. *Diario da Manhã*. Recife, 29 de dezembro de 1933. Theatro. p. 4.

"A Madrinha dos Cadetes" sera' levada, hoje, em beneficio das creanças neuro-psychopathas/"Tem de Casar, Casa..." em ultimo espectaculo de assignatura de dezembro. *Diario da Manhã*. Recife, 30 de dezembro de 1933. Theatro. p. 5.

O "Grupo Gente Nossa" seguira' hoje para Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

M. Teatro Santa Isabel/Companhia de Revistas e Sainêtes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster e Sua Brilhante Companhia de Revistas e Sainetes/*Tudo Pode o Amor/ Rosas Vermelhas/A Mulher Que Deus Esqueceu*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1934. p. 8.

Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de janeiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster e Sua Brilhante Companhia de Revistas e Sainetes/*Rancho Fundo/Ouro Sobre Azul/Sorris/Café'... Pequeno/Minha Casa e' um Paraizo*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1934. p. 7.

Companhia Lyson Gaster/Dois dias de movimento no Santa Izabel/Os espetaculos de amanhã/Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1934. Suplemento N. 4/Vida Teatral. p. 4.

O festival de Lelia Verbena no Cine Teatro da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster/Os Trez Mosqueteiros/*Maravilhas/Quer Um Conselho?... Chispe!!... Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1934. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster/*Quer Um Conselho?... Chispe!!.../Risos e Guizos/Frou-Frou/Milhoes D'Arlequim*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1934. p. 8.

Gremio Artistico da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1934. Cenas e Télas. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster e Sua Companhia/*Monstro de Olhos Verdes/Feira de Alegria/Sorris e Café... Pequeno*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1934. p. 8.

1.ª Feira de Amostras do Recife/O Teatro de Variedades. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1934. p. 12.

Gremio Familiar Afogadense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1934. Suplemento N. 10/Vida Teatral. p. 2.

L. C. I. Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de janeiro de 1934. Suplemento N. 10/Vida Teatral. p. 2.

1.ª Feira de Amostras do Recife/O Teatro de Variedades. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1934. p. 4.

A proxima estre'a no "Moderno" da Companhia de Grandes Atrações "Vilar-Azevedo"/O "Grupo Gente Nossa" chegou de Natal e reentrara' por estes dias no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1934. Cenas & Telas. p. 4.

O mal do Brasil e' a tristeza/Assim diz Alda Garrido no manifesto que faz através da peça "Vote em mim d. Xandoca" hoje no Moderno/As comedias do "Grupo Gente Nossa", em fevereiro/O festival de Leticia Flora hoje no "Santa Isabel"/Uma grande peça pelo "Grupo Gente Nossa" antes do fim do mês. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1934. Cenas & Telas. p. 5.

M. Teatro Moderno/Companhia Alda Garrido. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1934. Cenas & Telas. p. 5.

Anúncio Moderno/Alda Garrido e Sua Companhia de Comedias e Burletas/*Luar de Paqueta'/Uma Mulher Complicada*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de fevereiro de 1934. p. 7.

Anúncio Moderno/Alda Garrido e Sua Companhia de Comedias e Burletas/*Luar do Paqueta'/Uma Mulher Complicada/O Dote de Nhá Josepha*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de fevereiro de 1934. p. 9.

M. Teatro Moderno/Companhia Alda Garrido. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de fevereiro de 1934. Cenas & Telas. p. 10.

O "Grupo Gente Nossa" dara' amanhã vesperal no "Santa Isabel" com uma peça musicada/No Teatro Arruda amanhã a' noite. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de fevereiro de 1934. Cenas & Telas. p. 10.

O "Grupo Gente Nossa" da' hoje dois espetaculos: vesperal: no Santa Isabel; sarau: no Teatro Arruda/A estréa do ator parense Arlindo Costa/"O Mimoso Colibri" entrou em ensaios do "Grupo Gente Nossa"/O "Grupo Gente Nossa" prepara a encenação de uma grande comedia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1934. Suplemento/Vida Teatral. p. 4.

Anúncio Moderno/Alda Garrido e Sua Companhia de Comedias e Burletas/*Vote Em Mim D. Xandoca/O Dote de Nha' Josepha*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1934. p. 7.

M. Teatro Moderno/Companhia Garrido. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de fevereiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

Uma peça carnavalesca no "Santa Isabel" amanhã (quarta-feira)/Gremio Familiar Afogadense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de fevereiro de 1934. Cenas e Télas. p. 4.

Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de abril de 1934. Cinematografia. p. 6.

Grupo Gente Nossa/A vesperal de hoje no Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de abril de 1934. Artes & Artistas. p. 6.

Grupo Gente Nossa/Teatro Pernambucano/"O Bom Ladrão"/O primeiro espetaculo social do "Grupo Gente Nossa"/Gremio Familiar Afogadense/Festa de Aniversario.

Diario de Pernambuco. Recife, 3 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 8.

A grande vesperal de hoje, do "Grupo Gente Nossa", com a comedia "Tem de Casar, Casa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de abril de 1934. Vida Teatral. p. 2.

Grupo Gente Nossa/Deus Lhe Pague. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 4.

Finalmente amanhã (segunda-feira) a grande comedia social "Deus Lhe Pague"/O 1° espetaculo social do "Gente Nossa" em abril. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de abril de 1934. Vida Teatral. p. 5.

Grupo Gente Nossa/Deus lhe pague. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 4.

Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1934. Cenas e Telas. p. 4.

M. Deus Lhe Pague. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1934. Cenas e Telas. p. 4.

O Duplo Mauricio/O espetaculo de amanhã no Teatro Arruda/A vesperal de domingo, com "Deus Lhe Pague"/O 3.° espetaculo social de abril/"Ninho Azul" vai voltar ao cartaz/Um festival no Cine-Teatro São João de Tejipio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1934. Cenas e Telas. p. 4.

Grupo Gente Nossa/O 2° espetaculo social no dia 26 do corrente/"Ninho Azul"/O espetáculo de hoje no Teatro Arruda/O 1.° espetaculo social de abril/Gremio Familiar Madalenense. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de abril de 1934. Vida Teatral. p. 6.

"Grupo Gente Nossa"/O 2.° espetaculo social/Festival Luiz Moreno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 6.

Grupo Gente Nossa/O espetaculo de hoje com uma grande peça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 2.

Grupo Gente Nossa/O 3.° espetaculo social/Ninho Azul. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 7.

Uma peça de Luiz Iglezias no 3.° espetaculo social de abril do Grupo Gente Nossa/Continuam os ensaios da opereta "Ninho Azul"/O Gente Nossa trabalha hoje em Tejipió/Uma peça cantada no Arruda/Os apreciados duetistas "Os Rosas" estão no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 5.

O grande festival artistico do ator brasileiro Z. Tamberlyck, no Teatro Santa Isabel/O Duplo Mauricio", em vesperal amanhã, no Teatro Santa Isabel/O proximo festival de Luiz Carneiro e Luisa Oliveira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de abril de 1934. Cenas & Telas. p. 8.

Uma grande peça, na vesperal do Grupo Gente Nossa, hoje, no Teatto Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de abril de 1934. Cinematografia. p. 8.

A opereta "Ninho Azul" hoje em vesperal no "Santa Isabel", com a soprano Lucina Soeiro/Hoje, a' noite, primeiro espetaculo social com "O Dote", de Artur de Azevedo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 10.

C. C. "O Dote" – Artur Azevedo, pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 5.

"Deus Lhe Pague" amanhã em vesperal, no "Teatro Santa Isabel"/"O Divino Perfume". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 5.

A proxima temporada no Santa Isabel, da Companhia de Comédias Modernas/A ultima representação de "Deus Lhe Pague", hoje, em vesperal, no "Santa Isabel"/Hoje a' noite, em 2° espetaculo social, uma peça de Jose' de Alencar/"A Madrinha dos Cadetes" vai inaugurar a grande temporada de operetas do Teatro Recreio, do Rio/A ação do "Grupo gente Nossa" repercutindo na capital do país. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1934. Vida Teatral. p. 8.

O aniversario da inauguração do primeiro edificio do Santa Isabel sera' comemorado com um grande espetaculo do Grupo Gente Nossa/A vesperal de domingo sera' com "Ninho Azul"/"Deus Lhe Pague" sera' representada mais uma vez. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1934. Cenas & Telas. p. 5.

O espetaculo do dia 18 para festejar a inauguração do primitivo "Teatro Santa Isabel"/Uma linda peça e numeros de canto pelo tenor potiguar Mario Paiva/A ultima representação de "Deus Lhe Pague"/"O Divino Perfume" no Santa Isabel/Um espetoculo dedicado ao jornalista Aimbire' Kanimura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 5.

Hoje no "Santa Isabel" a grande comedia de Renato Viana: "O Divino Perfume"/A festa de amanhã no "Grupo Gente Nossa" com o tenor Mario Paiva/O 84.° aniversario do primitivo "Teatro Santa Isabel"/Sabado, a pedido, em ultima representação, a comedia "Deus Lhe Pague"/Gremio Artistico da Paz. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de maio de 1934. Cenas & Telas. p. 4.

A festa de hoje em solenização ao 84.° aniversario da inauguração do primitivo "Teatro Santa Isabel"/O Grupo gente Nossa dara' um espetaculo em homenagem a data com escolhido programa/Amanhã: ainda a comedia "Deus Lhe Pague" no "Teatro Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 2.

O "Grupo Gente Nossa" dará hoje, pela ultima vez, a grande comedia "Deus Lhe Pague"/"Ninho Azul" em vesperal amanhã, no "Santa Isabel, pelo "Gente Nossa"/A Companhia Teixeira Pinto passa hoje pelo Recife com destno ao Pará/Gremio Familiar Madalenense/Um festival em beneficio da Cruzada de Educação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de maio de 1934. Cenas e Telas. p. 4.

O espetaculo do "Grupo Gente Nossa" depois de amanhã com a grande comedia "Amor"/A peça de Oduvaldo Viana é uma maravilha de tacnica, enredo e graça. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de setembro de 1934. Cenas & Telas. p. 3.

"O Grupo Gente Nossa" festeja amanhã a data de 7 de setembro e o seu terceiro aniversario/A comedia "Amor" é um mimo de literatura teatral. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de setembro de 1934. Cenas e Telas. p. 3.

OLIVEIRA, Valdemar de. "Amor" de Oduvaldo Viana pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de setembro de 1934. p. 2.

Ultima representação hoje da grande comedia "Amor" pelo "Gente Nossa"/O espetaculo será a preços populares/A Comp. Lirica Italiana volta ao Recife/A estre'a do Conjunto Nosso no Teatro S João, em Tigipio'. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de setembro de 1934. Cenas e Telas. p. 5.

Companhia Lirica Italiana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de setembro de 1934. Cenas e Telas. p. 2.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia Lyrica Italiana/ *Lucia de Lammermour*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1934. p. 7.

M. Companhia Lirica Italiana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de setembro de 1934. Cenas e Telas. p. 2.

Tuna Portuguêsa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de setembro de 1934. Cenas & Telas. p. 2.

"Agite-se" sobe a scena, em festival de Teixeira Pinto e despedidada companhia/O Theatro no Interior/O espectaculo de quinta-feira ultima, no "GremioPolymathico de Ribeirão"/Santa Isabel/"Quem manda aqui sou eu", 3 actos, de Paulo Magalhães/"Um caso de policia", 3 actos, de Eurico Silva/Conjunto Nosso. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de novembro de 1934. Vida Artistica/Notas de Arte. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. Santa Isabel/"Agite-se"!, 3 actos de Samuel Campello. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de novembro de 1934. Vida Artistica/Notas de Arte. p. 12.

O Theatro-Escola de Renato Vianna. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 8.

Companhia Teixeira Pinto/Gremio Polymathico de Ribeirão/Conjunto Nosso/Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1934. Vida Artistica/Movimento Artistico. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de novembro de 1934. Vida Artistica/Notas de Arte. p. 6.

Gremio Artistico da Paz. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1934. Vida Artistica/Movimento Artistico. p. 4.

A remodelação do "Grupo Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de novembro de 1934. p. 6.

Gremio Artistico "Nós Vamos" – Conjunto Nosso. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1934. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1934. Notas de Arte. p. 3

Gremio Familiar Afogadense. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1934. p. 9

Uma iniciativa interessante/A sra. Juanita Machado nos fala da criação de um theatro infantil, entre nós/Movimento Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 8.

Conjunto Nosso. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1934. p. 14.

Gremio Familiar Magdalenense. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1934. p. 14.

Gremio Familiar Afogadense. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1934. p. 14.

Fastos artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1934. Vida Artistica. p. 8.

Conjunto Nosso. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1934. p. 6.

Festival Leticia Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1934. p. 4.

Conjunto Nosso/Festival Lecticia Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1934. p. 7.

Fastos artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de dezembro de 1934. Vida Artistica/Notas de Arte. p. 3.

O "Grupo Gente Nossa" volta a actividade – Os seus proximosespectaculos. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de novembro de 1934. Vida Artistica/Movimento Artistico. p. 3.

Fastos Artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

Gremio Artistico da Paz. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de dezembro de 1934. p. 11.

O anniversario do "Theatro Santa Isabel"/O "Grupo Gente Nossa" representará uma peça de Silvino Lopes. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de dezembro de 1934. p. 14.

Fastos artisticos do Recife/"A Madrinha dos Cadetes" vai voltar ao cartaz/Um novo triumpho para o "Grupo Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

A Madrinha dos Cadetes sobe, amanhã, á scena do Santa Isabel/Maria Carolina e Vicente farão os principaes papeis. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de dezembro de 1934. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de dezembro de 1934. p. 14.

O Grupo Gente Nossa estreará varios elementos novos. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de dezembro de 1934. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de dezembro de 1934. p. 18.

Um pedido á directoria do "Grupo Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de dezembro de 1934. p. 18.

Grupo Gente Nossa/Domingo, haverá dois espectaculos. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1934. p. 14.

"A Madrinha dos Cadetes" volta hoje á scena. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1934. p. 14.

W. [Valdemar de Oliveira]. Notas de Arte. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1934. p. 3.

Retrospecto artistico de 1934/O anno de 1934 foi de intensa actividade theatral. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

JASSELI, Miguel. Sociedade de amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

Fastos artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1934. Vida Artistica. p. 9.

"A Madrinha dos Cadetes", em vesperal, hoje, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1934. Telas e Palcos. p. 20.

Uma vesperal do "Grupo Gente Nossa", hoje, no Theatro Santa Isabel, em festa do anno bom/A comedia "Deus lhe pague? e numeros de variedades. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de janeiro de 1935. Scenas& Telas. p. 8.

Fastos Artisticos do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de janeiro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Na vesperal de domingo, no Santa Isabel, sera' levada a comedia "Deus Lhe Pague". *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1935. Theatros. p. 5.

Companhia Israelita de Dramas e Operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de janeiro de 1935. Theatros. p. 4.

Amanhã, no Theatro Santa Isabel, uma peça musicada dos Irmãos Valença. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1935. Theatros. p. 2.

Circo Norte-Americano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1935. Artes & Artistas. p. 4.

O espectaculo que deveria realisar-se hoje no Santa Isabel foi transferido para domingo, em vesperal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

Um interessante concurso cinematographico. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de fevereiro de 1935. Mundo de Luz e Som. p. 4.

"O Gato Escondido" amanhã, em vesperal, no Theatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 5.

"O Gato Escondido" hoje em vesperal no Theatro Santa Isabel/Circo Norte-Americano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

A festa de hoje no Santa Izabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de fevereiro de 1935. Artes & Artistas. p. 5.

No dia 9 sera' o primeiro espectaculo de assinatura do "Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 5.

O primeiro espectaculo de assinganturado "Gente Nossa" sera' amanhã/Companhia Israelita de Dramas e Operetas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

A última representação d'"A Cabocla Bonita" hoje, em vesperal, no Theatro Santa Isabel/Theatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de fevereiro de 1935. 2ª Secção. p. 3.

Circo Norte-Americano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

Sera' amanhã o 2° espectaculo de assinatura do "Grupo Gente Nossa"/"O herdeiro do throno", de Filgueira Filho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

O terceiro espectaculo de assignatura com uma peça musicada dos Irmãos Valença, no "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 4.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de fevereiro de 1935. Theatros. p. 7.

A Vesperal de hoje no Santa Izabel, dedicada ao Gymnasio do Recife/Repetição da comedia "Mimosa" de Leopoldo Fro'es. *Diario da Manhã*. Recife, 31 de março de 1935. Vida Artistica. p. 19.

Conjuncto Barreto Junior. *Diario da Manhã*. Recife, 13 de julho de 1935. Theatro, Musica e Cinema. p. 12.

O 4.° anniversario do Grupo Gente Nossa/A primeira representação da opereta Boby e Bobette. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1935. Notas de Arte. p. 12.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 14.

Sonegado o imposto de caridade, pelo grupo "Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1935. p. 3.

2 de agosto de 1931 – Data de fundação do "Grupo Gente Nossa"/Uma estatistica curiosa da actividade do conjunto pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Opiniões valiosas sobre o Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 13.

O "Grupo Gente Nossa" e o imposto de caridade. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de agosto de 1935. p. 14.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 20.

"É Preciso Casar Theresa". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 5.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 14.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de agosto de 1935. Telas e Palcos. p. 14.

Festival do actor Carlos Torres/Grupo de Amadores "Samuel Campello". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 6.

A estreia, em Jaboatão, do Grupo de Amadores Samuel Campello. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 20.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 10.

SETTE, Mario. Theatros. (do "Maxambombas e Maracatús") – Tempos em que ir ao theatro era um grande acontecimento domestico. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Trio Max. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 4.

Santa Isabel/"A Jurity" amanhã, no "Santa Isabel"/"O Homem Bom", pela ultima vez, no "Santa Isabel"/Companhia Jardel Jercolis. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 12.

Santa Isabel/Trio Max. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de setembro de 1935. Notas de Arte. p. 16.

SETTE, Mário. Theatros. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de setembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de setembro de 1935. Telas e Palcos. p. 20.

"Cabocla Bonita", amanhã, em vesperal, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1935. Telas e Palcos. p. 6.

Anúncio filme Cabocla Bonita. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de outubro de 1935. P. 12.

Santa Isabel/Exhibir-se-á, em breve, o grande ilusionista Cantarelli. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de outubro de 1935. Telas e Palcos. p. 20.

Um banho/Royal Bsiar. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1935. p. 5.

Anúncio. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1935. p. 4.

Coroada de exito a experiencia publica de Cantarelli, hontem feita. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de outubro de 1935. p. 3.

A temporada do "Grupo Gente Nossa", em Garanhuns. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

O theatro carioca a vôo de passaro... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de dezembro de 1935. Vida Artistica. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Retrospecto artistico de 1935/Theatro/No interior do estado. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de janeiro de 1936. Vida Artistica. p. 8.

O primeiro espectaculo do Conjuncto Barretto Junior, no dia 11 do corrente. *Diario da Manhã*. Recife, 8 de janeiro de 1936. Musica, Theatro e Cinema. p. 9.

A estre'a do "Grupo Gente Nossa" no dia 12 na Magdalena/"O Outro André" em scena no "Auditorium" da Brigada Militar, pelo Conjucto Barretto Junior. *Diario da Manhã*. Recife, 9 de janeiro de 1936. Theatro. p. 4.

A estréa, amanhã, da Companhia de Comedias e Vaudevilles/O espetaculo será no "auditorium" da Brigada Militar. *Diario da Manhã*. Recife, 10 de janeiro de 1936. Theatro. p. 12.

O espetaculo de hoje, no "auditorium" da Brigada Militar/Em scena "O outro André" pela Companhia de Comedias e Vaudevilles/O "Grupo Gente Nossa' estre'a amanhã na Magdalena. *Diario da Manhã*. Recife, 11 de janeiro de 1936. Theatro. p. 12.

Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1936. Vida Artistica. p. 8.

O "Grupo Gente Nossa" fara' sua estréa hoje na Magdalena/Os projectos do conjuncto pernambucano para antes e depois da volta ao Theatro Santa Isabel/Ao director geral do "Grupo Gente Nossa" e' conferido o titulo de socio honorario da União de Carpinteiros Theatraes. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de janeiro de 1936. Theatros. p. 29.

Companhia de Comedias e Vaudevilles/Segue, hoje, para Natal o conjuncto recentemente organizado pelo actor Barretto Junior. *Diario da Manhã*. Recife, 15 de janeiro de 1936. Theatro. p. 12.

Um mausoléo para artistas no cemiterio de Santo Amaro. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de janeiro de 1936. p. 16.

"A Cabocla Bonita" amanhã na Magdalena pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario da Manhã*. Recife, 18 de janeiro de 1936. Theatro. p. 16.

"A Cabocla Bonita" hoje na Magdalena pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario da Manhã*. Recife, 19 de janeiro de 1936. Theatro. p. 6.

A grande matinée chic, de quarta-feira no Moderno. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de fevereiro de 1936. Musica & Cinema. p. 32.

"Rosas de Nossa Senhora", hoje, na Magdalena, pelo "Grupo Gente Nossa"/Depois de um acto de carnaval/Theatro do Barro. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de fevereiro de 1936. Theatro. p. 32.

O "Grupo Gente Nossa" dara' hoje mais um espectaculo na Magdalena/"Guerra a's Mulheres", peça para rir/Vae

reunir no Recife um "Congresso de Amadores Theatraes". *Diario da Manhã*. Recife, 9 de fevereiro de 1936. Theatros. p. 30.

O "Grupo Gente Nossa" dará hoje, na Magdalena, o ultimo espectaculo de fevereiro/"O gato Escondido", peça musicada dos Irmãos Valença/"Mulato" já' se acha a' venda em nossas livrarias/Companhia Brasileira de Comedias/Um apello. *Diario da Manhã*. Recife, 16 de fevereiro de 1936. Theatro. p. 31.

Um novo theatro para o Recife. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de fevereiro de 1936. 2.ª Secção. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa", hoje, na Magdalena com uma peça musicada/Poltronas numeradas e cadeiras avulsas/As edições do "Grupo Gente Nossa"/A proxima reunião do Congresso de Amadores Theatraes. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de março de 1936. Theatros. p. 6.

O espectaculo de hoje, do "Grupo Gente Nossa", na Magdalena. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de março de 1936. Telas e Palcos. p. 18.

Theatro Pernambucano/Ruben Gill, escrevendo sobre a comedia "Mulato" de Samuel Campello, faz referencias ao "Grupo Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de março de 1936. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 22.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de março de 1936. Notas de Arte. p. 16.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de março de 1936. Notas de Arte. p. 14.

"Um Rapaz de Posição", amanhã, no "Theatro Leopoldo Froes"/Theatro do Barro. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de março de 1936. Telas e Palcos. p. 8.

"Um Rapaz de Posição", hoje, na Magdalena, pelo "Grupo Gente Nossa". *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de março de 1936. Telas e Palcos. p. 20.

Hoje, na Magdalena, a comedia "Um Rapaz de Posição", de Waldemar de Oliveira/A reunião do "Congresso de Amadores Theatraes", no dia 29 do corrente, nesta cidade/"O Martyr do Calvario" ira' na Semana Santa, no "Theatro da Magdalena"?/Companhia Brasileira de Comedias/Theatro do Barro. *Diario da Manhã*. Recife, 8 de março de 1936. Musica e Cinema. p. 32.

A inauguração do mausoléo dos artistas de Theatro, hoje, no Cemiterio de Santo Amaro/A transladação dos ossos da actriz Luiza Cunha e dos actores Manoel Mattos e Luiz de França. *Diario da Manhã*. Recife, 11 de março de 1936. p. 5.

Panorama artistico do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1936. Vida Artistica. p. 24.

A opereta regional "A Jurity", hoje, na Magdalena/O tenor Vicente Cunha foi quem, pela primeira vez, cantou a parte do "Corcundinha" nesta cidade/A imprensa sergipana occupa-se do "Nosso Theatro" sob o titulo: "Um gesto louvavel do sr. Prefeito do Recife"/O Congresso de Amadores Theatraes que se reuniara' no dia 29 do corrente nesta cidade. *Diario da Manhã*. Recife, 15 de março de 1936. Theatros. p. 33.

FRIRE, Affonso. Theatro Pernambucano/Um jornalista carioca que escreve sobre "Mulato". *Diario da Manhã*. Recife, 15 de março de 1936. Theatros. p. 33.

Violentamente agitados os meios theatraes paulistas. *Diario da Manhã*. Recife, 17 de março de 1936. Theatros. p. 12.

Um problema/O "Gente Nossa" dara' hoje, na Magdalena, uma peça para rir/"Casa de Gonçalo", comedia de Lucillo Varejão/O "Congresso de Amadores Theatraes", no dia 29 do corrente. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de março de 1936. Theatros. p. 14.

MACHADO, Juanita Borel. Escola de Theatrologia Infantil. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de abril de 1936. p. 16.

Os classicos/Procopio/O espectaculo do "Grupo Gente Nossa" hoje na Magdalena/Uma comedia para rir e um acto de variedades/Ainda o "Congresso de Amadores Theatraes"/O "Grupo gente Nossa" recebe convites para cidades do interior/Espectaculos em Goyanna e Limoeiro – A "Tuna Portugueza". *Diario da Manhã*. Recife, 5 de abril de 1936. tHeatros. p. 5.

PEREIRA, Ribamar. Companhia Brasileira de Comedias. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de abril de 1936. theatros. p. 5.

O espectaculo do "Grupo Gente Nossa", hoje, na Magdalena/A opereta pernambucana "Aves de arribação"/Coisas de Theatro. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de abril de 1936. Theatro/Informações de toda a parte. p. 6.

PIO, Fernando. Carlos Gomes no Recife. *Diario da Manhã*. Recife, 16 de abril de 1936. p. 8.

CAMPELLO, Samuel. "Onde era o theatro Capoeira?". *Diario da Manhã*. Recife, 16 de abril de 1936. p. 62.

Companhia Brasileira de Comedias. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de abril de 1936. Theatro. p. 11

O "Grupo Gente Nossa" vae hoje a Goyanna. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de abril de 1936. Theatro. p. 11.

As excursões do "Grupo Gente Nossa"/O espectaculo de Goyanna no dia 21/Um convite para Escada/A repetição de "Aves de arribação", domingo na Magdalena. *Diario da Manhã*. Recife, 24 de abril de 1936. p. 12.

Informações/O espectaculo do "Grupo Gente Nossa" hoje na Magdalena, com a opereta "Aves de Arribação"/A próxima visita á cidade de Escada. *Diario da Manhã*. Recife, 26 de abril de 1936. Artes & Artistas. p. 20.

O theatro como diversão e cultura/Trabalho de Samuel Campello apresentado ao Congresso das Academias, a realizar-se em maio, no Rio de Janeiro. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de abril de 1936. p. 11.

O "Grupo Gente Nossa" na Magdalena/O espectaculo de hoje com uma comedia para rir – "Ladra", nestes dias/Renato Vianna re-organizou o "Theatro Escola?"/O excellente conjuncto pretende vir ao norte. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de maio de 1936. Theatro. p. 7.

Informações/Carneiro. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de maio de 1936. Artes & Artistas. p. 22.

Confederação Theatral Pernambucana/A sua installação no dia 21 do corrente/O "Gente Nossa" vae realizar vesperaes na "Tuna Portugueza"/A primeira será domingo com "A Guerra ás mulheres"/A burleta "Luar do Norte" domingo, a' noite, na Magdalena – Dia 12, espectaculo na cidade de Escada/Amanhã, festival do actor Prysthon, com a alta comedia "Ladra". *Diario da Manhã*. Recife, 5 de maio de 1936. Theatro. p. 8.

O "Grupo Gente Nossa" dara' hoje dois espectaculos/Vesperal na "Tuna Portugueza" – A' noite na Magdalena/A "Companhia Brasileira de Comedias" e as peças "O Outro André" e "O Amigo Tobias"/Ary Guimarães vae realizar um festival. *Diario da Manhã*. Recife, 10 de maio de 1936. Theatros. p. 34.

Os dois espectaculos de hoje, pelo "Grupo Gente Nossa"/Vesperal na "Tuna Prtugueza" e saráu no Theatro da Magdalena. *Diario da Manhã*. Recife, 17 de maio de 1936. Theatros. p. 7.

CAMPÊLLO, Samuel. O primitivo Theatro Santa Isabel/"O dia 18 do corrente. *Diario da Manhã*. Recife, 17 de maio de 1936. p. 10.

O "Theatro-Escola", de Renato Vianna, vae voltar á actividade/Companhia Brasileira de Comedias/O Theatro no Rio de Janeiro. *Diario da Manhã*. Recife, 24 de maio de 1936. Artes & Artistas. p. 12.

Os dois espectaculos de hoje do "Grupo Gente Nossa"/Vesperal na "Tuna Portugueza" e saráu na Magdalena. *Diario da Manhã*. Recife, 31 de maio de 1936. Theatros. p. 33.

REIS, Fabio Aarão. O Theatro no Brasil. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 20.

Informações/O centenario de Carlos Gomes. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 20.

PONTES, Eloy. Mulato. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 20.

O espectaculo de hoje na Magdalena/O "Gente Nossa" levará á scena uma comedia. *Diario da Manhã*. Recife, 14 de junho de 1936. Theatros. p. 5.

Decorreu brilhantemente o festival da Escola Normal, hontem, no Theatro do Quartel do Derby. *Diario da Manhã*. Recife, 14 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 8.

O theatro no Rio Grande do Sul/O intercambio entre o "Centro de Cultura Theatral" e o "Grupo Gente Nossa" – "Federação Brasileira de Amigos de Theatro"/Um expressivo telegramma dirigido ao "Grupo Gente Nossa"/Informações/Carlos Gomes. *Diario da Manhã*. Recife, 14 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 19.

Para festejar o centenario do nascimento de Carlos Gomes/Informações. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de junho de 1936. Artes & Artistas. p. 19.

Hoje, na Magdalena, mais um espectaculo do Grupo Gente Nossa/Uma comedia musicada dos Irmãos Valença/Confederação Theatral Pernambucana/Tuna Portugueza. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de junho de 1936. Theatros. p. 35.

Confederação Theatral Pernambucana/A installação hoje, a' tarde, na Tuna Portugueza/O espectaculo a' noite, na Magdalena/O espectaculo do "Grupo Gente Nossa", hoje, na Magdalena/A primeira representação de uma peça musicada de Miguel Jasselli e Gaspar Moura. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de junho de 1936. Theatros. p. 33.

O espectaculo do "Grupo Gente Nossa" hoje na Magdalena/A repetição de "Rosas de Nossa Senhora", a pedido/Festival da Turma e Grupo X/Abelardo Cavalcanti ("Colleguinha")/Companhia Brasileira de Comedias/Lecticia Flora chegou hontem ao Recife. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de julho de 1936. Theatros. p. 7.

Pelo brilho verdadeiramente excepcional que as animaram, as commemorações do genial compositor Carlos Gomes, promovidas hontem, á noite, no "Theatro Santa Isabel", pelo governo do Estado, constituiram o maior acontecimento registrado, nestes ultimos tempos, na vida artistica de Pernambuco/Como o prefeito Pereira Borges se manifestou sobre as commemorações. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de julho de 1936. 5ª. Secção. p. 1.

O Recife aguarda uma magnifica temporada de comedias/O decimo anniversario de "Aves de Arribação"/O "Grupo Gente Nossa", em Goyanna, no dia 21, representou a opereta. *Diario da Manhã*. Recife, 24 de julho de 1936. Theatro. p. 9.

MITCHELL, MillY B. O Theatro Infantil no estrangeiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1936. Vida Artistica. p. 24.

Como se faz theatro em Pernambuco/Passa hoje o quinto anniversario do "Grupo Gente Nossa", fundado no "Theatro Santa Isabel a 2 de Agosto de 1931/O acontecimento será festejado com a representação da opereta "A rosa vermelha", na Magdalena/Informações. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de agosto de 1936. Artes & Artistas. p. 18.

Companhia Jayme Costa/"O Feitiço", domingo, na Magdalena, pelo "Grupo Gente Nossa". *Diario da Manhã*. Recife, 5 de agosto de 1936. Theatro. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grande Companhia Brasileira de Comedias Jayme Costa/*O Homem da Cabeça de Ouro*/*Bombonzinho*. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de setembro de 1936. p. 7.

As impressões de viagem do actor Luiz Carneiro/Em torno da excursão da Companhia Brasileira de Comedias ao extremo norte/Esperanças para o Theatro Nacional/Apparece, no Rio, a revista "De Theatro"/Uma nota sobre o "Grupo Gente Nossa"/A Escola de Theatrologia e a Commissão do Theatro Nacional do ministerio da Educação. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de setembro de 1936. Artes & Artistas. p. 18.

O "Grupo Gente Nossa" vai voltar ao "Theatro Santa Isabel"/ "Ninho Azul", "Boby e Bobette" ou "A madrinha dos cadetes"?/A festa de Jayme Costa, hoje, a' noite. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de outubro de 1936. Theatros. p. 2.

A re-entrada do "Grupo Gente Nossa" hoje no "Santa Isabel"/A opereta "Ninho Azul" de Waldemar de Oliveira. *Diario da Manhã*. Recife, 15 de outubro de 1936. Theatros. p. 16.

Repetição hoje da opereta "Ninho Azul" no "Santa Isabel"/ Companhia Brasileira de Comedias/Festival artistico no Theatro do Barro/"Feitiço", hoje, na Encruzilhada. *Diario da Manhã*. Recife, 17 de outubro de 1936. Theatro. p. 4.

Gente Nossa – Barreto Junior e Jayme Costa/Uma carta do actor Ramos Junior/Companhia Brasileira de Comedias/Em vesperal, no Santa Isabel, o "Gente Nossa" enscenará pela ultima vez, hoje, a opereta "Ninho Azul", letra e musica do dr. Waldemar de Oliveira. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de outubro de 1936. Artes & Artistas/De Theatro. p. 14.

Festa da Mocidade/Companhia Brasileira de Comedias/Sua estréa, amanhã, no Theatro Santa Isabel com a maravilhosa peça Pense Alto – Conversando com Lenita Lopes. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de outubro de 1936. p. 2.

Anúncio Theatro Santa Izabel/Companhia Brasileira de Comédias/*Pense Alto*. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de outubro de 1936. p. 11.

Chega, hoje, a esta capital, o ministro Agamemnon Magalhães/Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de outubro de 1936. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia Brasileira de Comedias/*Pense Alto*. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de outubro de 1936. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia Brasileira de Comédia/*O Outro André*. *Diario da Manhã*. Recife, 23 de outubro de 1936. p. 9.

Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 25 de outubro de 1936. p. 33.

Companhia Brasileira de Comedias/A matinée de hoje no Theatro Santa Isabel/O "Grupo gente Nossa" da' hoje dois espectaculos/Na Encruzilhada: "A Cabocla Bonita" – Na Magdalena: "A Rosa Vermelha". *Diario da Manhã*. Recife, 25 de outubro de 1936. Theatros. p. 33.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Ninho Azul*. *Diario da Manhã*. Recife, 29 de outubro de 1936. p. 7.

Companhia Brasileira de Comedias/Em vesperal, hoje, ás 15horas, o harmonico conjuncto levará á scena a comedia "Em nome de Deus"/Tres actos de gargalhadas/O "Grupo Gente Nossa" vae voltar aos espectaculos de assinagtura, no "Santa Isabel", em novembro/"A Mulher do Trem", domingo no Theatro da Magdalena. *Diario da Manhã*. Recife, 30 de outubro de 1936. Theatros. p. 4.

Companhia Brasileira de Comedias/Dois espectaculos serão realizados, hoje, no "Theatro Santa Isabel"/Theatro do Barro/O "Grupo gente Nossa" dará hoje dois espectaculos. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de novembro de 1936. Theatro. p. 7.

Companhia Brasileira de Comedias/"Onde estás, felicidade?" domingo próximo no "Santa Isabel"/Actor Renato Marques/Jayme Costa no Maranhão. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de novembro de 1936. Theatros. p. 13.

Os dois espectaculos de hoje da Companhia Brasileira de Comedias/Onde Esta's Felicidade?/Os dois espectaculos de hoje do "Grupo Gente Nossa"/Espectaculos sociaes no "Santa Isabel". *Diario da Manhã*. Recife, 8 de novembro de 1936. Artes & Artistas. p. 15.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1936. Vida Artistica. p. 25.

Federação Theatral Pernambucana/A sua actividade artistica, em 1936/Grupo Scenico Espinheirense/Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de dezembro de 1936. Vida Artistica. p. 25.

A Festa da Mocidade será inaugurada no dia 12 do corrente. *Diario da Manhã*. Recife, 6 de dezembro de 1936. p. 28.

"Grupo Gente Nossa"/Vesperaes no "Santa Isabel" e Encruzilhada – Sarau na Magdalena/Vicente Cunha. *Diario da Manhã*. Recife, 20 de dezembro de 1936. Artes & Artistas. p. 12.

Grupo Gente Nossa/O anno de 1936 foi a "prova de resistencia"/Os espectaculos de hoje no "Santa Isabel", na Encruzilhada e na Magdalena/Os sociaes de Janeiro/Uma visita a Limoeiro. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de dezembro de 1936. Artes & Artistas. p. 13.

Grupo Scenico Espinheirense/Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de dezembro de 1936. Vida Artistica. p. 29.

No Santa Isabel, hoje, á noite/O "premiere" da peça Tufão, em festival de Elpídio Camara, dedicado ao "Instituto da Ordem dos Advogados. *Diario da Manhã*. Recife, 30 de dezembro de 1936. p. 12.

Festa da Mocidade/Promette grande brilhantismo a noite do Anno Bom/Peixes electricos. *Diario da Manhã*. Recife, 31 de dezembro de 1936. p. 16.

Anúncio Grande Circo Athayde Hermanos. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de janeiro de 1937. p. 4.

Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1937. p. 6.

Prossegue, com franco êxito, a "Festa da Mocidade". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de janeiro de 1937. p. 3.

Os espectaculos, de hoje, do Grupo Gente Nossa/Ratinho no Cine Encruzilhada. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de janeiro de 1937. Telas e Palcos. p. 9.

Notulas de arte/Theatro pernambucano – Em lisonjeiro destaque, nesta capital e no sul do país, varias peças theatraes de autores pernambucanos. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de janeiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 26.

A estréa, na proxima quinta-feira, de Ratinho e Sua Companhia de Burletas e Comedias. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de janeiro de 1937. Theatros. p. 6.

Anúncio Atayde Circo mexicano. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de janeiro de 1937. p. 6.

Grupo Gente Nossa. *Diario da Manhã*. Recife, 10 de janeiro de 1937. Artes & Artistas. p. 12.

Panorama do Recife Artistico, em 1936. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de janeiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 23.

Notulas de arte/Pela grandeza do theatro brasileiro – Subvenções e concursos diversos entre os projectos da "Commissão Permanente do Ministerio da Educação"/ Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de janeiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 25.

O "baile dos canastras", hoje á noite, no "Santa Isabel". *Diario da Manhã*. Recife, 6 de fevereiro de 1937. 2.ª Secção/ Carnaval. p. 7.

Anúncio Theatro Santa Izabel/Companhia de Revistas Portuguezas Eva-Stachino/*Pérola da China*. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de fevereiro de 1937. p. 11.

Estréa, hoje, no "Santa Izabel" a Companhia Portugueza de Revistas. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de fevereiro de 1937. Theatro. p. 12.

R. G. [Rubem Gil]. O caso da subvenção a entidades theatraes e uma lembrança á Commissão Permanente do Ministerio de Educação. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de fevereiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 26.

Notulas de arte/Gente de theatro da nossa terra – Luisa de Oliveira. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de fevereiro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 26.

Anúncio Theatro Santa Izabel/Eva-Stachino/É do Loré. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de março de 1937. p. 11.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Cia. de Revistas Portuguezas Eva-Stachino/É do Loré. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de março de 1937. p. 11.

Notulas de arte. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de março de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 24.

J. C. O theatro carioca a vôo de passaro... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de março de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 24.

Chegou ao Recife, hontem, a "Companhia de Comedia Moderna". *Diario da Manhã*. Recife, 12 de março de 1937. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Comedia Moderna/*Bazar de Brinquedos*. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de março de 1937. p. 11.

Gente de theatro de nossa terra – Raul Pryston/Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de março de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 24.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Comedia Moderna/*Caturrita*. *Diario da Manhã*. Recife, 16 de março de 1937. p. 15.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Comedia Moderna/*A Queridinha de Todos*. *Diario da Manhã*. Recife, 20 de março de 1937. p. 11.

M. Santa Isabel/Companhia de Comedia Moderna. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1937. Telas e Palcos. p. 4.

M. Santa Isabel/Companhia de Comedia Moderna. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1937. Telas e Palcos. p. 12.

O theatro carioca a vôo de passaro... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1937. Segunda Seccção/Vida Artistica. p. 24.

O Grupo Gente Nossa vai representar a comedia "Silêncio", de Hermogenes Viana. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de abril de 1937. Telas e Palcos. p. 19.

O theatro carioca a vôo de passaro... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de abril de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 24.

Companhia de Comedia Moderna/Alma Flora, figura destacada no theatro, dará, no proximo dia 20, o seu festival/A vesperal infantil, hoje/"Não sejas, mentirosa!". *Diario da Manhã*. Recife, 17 de abril de 1937. Theatro. p. 12.

A festa de Palmeirim no dia 22/"Não sejas mentirosa" será a peça/Uma carta sobre autores nortistas/O "Grupo Gente Nossa" dá vesperal hoje no Cinema Encruzilhada. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de abril de 1937. Artes & Artistas. p. 9.

Sob o alto patrocinio do Governador Lima Cavalcanti, Alma Flora, artista de merecimento, dará, no dia 20, o seu festival. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de abril de 1937. Theatro. p. 26.

Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1937. Segunda Secção/ Vida Artistica. p. 24.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de maio de 1937. Notas de Arte. p. 16.

A alta comedia "Mulato", no dia 13, no Santa Isabel/Festival no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de maio de 1937. Theatro. p. 4.

"Mulato", hoje, no Santa Isabel/O espectaculo de hoje, no Theatro Santa Isabel, com a comedia "Mulato". *Diario da Manhã*. Recife, 13 de maio de 1937. Theatro. p. 7.

Notas & noticias/Grupo Gente Nossa/Mais uma festa com uma nova peça: "Silencio"/"Mulato" sera repetida, a pedido. *Diario da Manhã*. Recife, 16 de maio de 1937. Artes & Artistas. p. 14.

Tentou contra a propria vida/É grave o estado da victima. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de maio de 1937. Na Policia e Nas Ruas. p. 9.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia Alvaro Pires/*Os Direitos da Saude*. *Diario da Manhã*. Recife, 20 de julho de 1937. p. 11.

Volta ao cartaz, hoje, "A Madrinha dos Cadetes", no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de julho de 1937. Theatro. p. 12.

A estréa da Companhia Alvaro Pires/Theatro é theatro/ Amanhã, o 6.° anniversario do "Grupo Gente Nossa"/A data foi festejada anteriormente este anno. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de agosto de 1937. Theatro. p. 20.

Panorama do Recife Artistico/O sexto anniversario do Grupo Gente Nossa/Uma synthese das suas realizações artisticas, no norte do país. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de agosto de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 24.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia Alvaro Pires/ *Quem Po'de Com o Amor?... Diario da Manhã*. Recife, 13 de agosto de 1937. p. 11.

Companhia Italiana de Opereta. *Diario da Manhã*. Recife, 31 de outubro de 1937. p. 20.

Um actor pernambucano victorioso nos palcos do Sul. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de novembro de 1937. Theatro. p. 12.

Companhia Italiana de Opereta Bertini-Boni. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de novembro de 1937. p. 12.

A proxima estre'a da Companhia "Bertini-Boni"/II Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de novembro de 1937. p. 12.

A festa de Jupyra Nadyr, domingo proximo/O "Grupo Gente Nossa" voltou de Maceio'. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de novembro de 1937. Theatro. p. 12.

Companhia Italiana de Opereta Bertini-Boni/A sua estréa, no dia 12. *Diario da Manhã*. Recife, 9 de novembro de 1937. Theatro. p. 10.

Companhia Italiana de Opereta/A sua estréa, amanhã, com A Viuva Alegre/II Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 11 de novembro de 1937. p. 10.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grande Companhia Italiana de Operetas Bertini-Boni/*A Viuva Alegre*. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de novembro de 1937. p. 11.

Franca Boni/Festas de fim de anno/As solennidades do encerramento do ano lectivo em diversos estabelecimentos de ensino do Recife. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de novembro de 1937. p. 16.

Companhia Italiana de Opereta "Bertini-Boni". *Diario da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1937. Theatro. p. 10.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grande Companhia Italiana de Operetas Bertini-Boni/*Eva*/*Sonho de Amor de Liszt*. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de novembro de 1937. p. 15.

L. T. [Luiz Teixeira]. Companhia Italiana de Opereta "Bertini-Boni". *Diario da Manhã*. Recife, 28 de novembro de 1937. Theatro. p. 16.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1937. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 26.

"Cousas do Meu Brasil"/Será novamente enscenada, domingo, essa applaudida revista infantil. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de dezembro de 1937. p. 10.

Anúncio II Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de dezembro de 1937. p. 6.

Foi inaugurada, hontem, a "II Festa da Mocidade". *Diario da Manhã*. Recife, 5 de dezembro de 1937. 2.ª Secção. p. 9.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1937. Vida Artistica/Segunda Secção. p. 26.

CAMARGO, Joracy. Plano para a Organização do Theatro da Criança Brasileira. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1937. Segunda Secção, Vida Artistica. p. 26.

Gremio Dramatico do Barro/Festival do actor Raul Pryston/Actor Jose Pezzoli. *Diario da Manhã*. Recife, 19 de dezembro de 1937. Theatro. p. 16.

II Festa da Mocidade. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de dezembro de 1937. p. 10.

Troupe da Bôa Vontade. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de dezembro de 1937. Theatro. p. 10.

Serviço Nacional de Theatro/Importante decreto do presidente da Republica na pasta da Educação. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1938. Vida Artistica. p. 26.

Panorama do Recife Artistico em 1937/Mais movimentada do que em 1936, a vida artística/Theatro Declamado. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de janeiro de 1938. Vida Artistica. p. 26.

Troupe da Bôa Vontade/Festival de Gerson Vieira. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de fevereiro de 1938. Theatro. p. 4.

Uma festa no Theatro Santa Isabel/Espectaculo de athletismo em beneficio dos lazaros. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de fevereiro de 1938. p. 10.

Vesperal, hoje, do "Gente Nossa", no "Santa Isábel"/A soprono Thereza Moreira estreará hoje, no vesperal do "Santa Isabel". *Diario da Manhã*. Recife, 6 de fevereiro de 1938. Theatro. p. 5.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de fevereiro de 1938. Vida Artistica. p. 24.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Lyzon Gaster/*Felicidade e' Quasi Nada*/*Socéga Leão*. *Diario da Manhã*. Recife, 5 de março de 1938. p. 9.

VIANNA, Renato. Mensagem a Pernambuco. *Diario da Manhã*. Recife, 13 de março de 1938. Theatro. p. 16.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Cia. Lyson Gaster/*Que Noite Meu Deus*/*Ta' Bom!... Deixa*. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de março de 1938. p. 9.

Renato Vianna e seu theatro/Em homenagem a um theatrologo pernambucano/"Ladra", no dia 22, no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 18 de março de 1938. p. 10.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Cia. Lyson Gaster/*Rancho Fundo*/*Rosas Vermelhas*/*Soberana do Mundo*/*Quem Quebrou Meu Violão*. *Diario da Manhã*. Recife, 20 de março de 1938. p. 10.

Em homenagem a um theatrologo pernambucano/Na historia do theatro em Pernambuco, terá marcante significação a temporada Renato Vianna. *Diario da Manhã*. Recife, 20 de março de 1938. p. 16.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Renato Vianna e Seu Teatro/ *Deus*. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de março de 1938. p. 9.

LAPA, Luís. Uma Temporada Interessante. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de março de 1938. Telas e Palcos. p. 2.

Companhia Lyson Gaster/Theatro pernambucano/Uma recita de autor, hoje, no "Santa Isabel", em homenagem ao escriptor Silvino Lopes. *Diario da Manhã*. Recife, 22 de março de 1938. Theatro. p. 5.

"Renato Vianna e Seu Theatro"/Coma peça de grande espectaculo "Deus", estréa, hoje, no "Santa Isabel", a companhia do notavel dramaturgo. *Diario da Manhã*. Recife, 26 de março de 1938. Theatro. p. 10.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Renato Vianna e Seu Teatro/ *Cumparcita*. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de abril de 1938. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1938. Notas de Arte. p. 12.

Theatro Universitario/Lançadas as bases, na reunião de hontem, para a sua realização. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de junho de 1938. p. 10.

A festa do programma juvenil de hoje no Santa Izabel. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de julho de 1938. p. 8.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de julho de 1938. Vida Artistica. p. 8.

Troupe da Boa Vontade. *Jornal Pequeno*. Recife, 14 de julho de 1938. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de julho de 1938. Notas de Arte. p. 12.

Grupo Gente Nossa/O vesperal amanhã, com "Si Deus Quiquer..." – Um attractivo acto de variedades. *Jornal Pequeno*. Recife, 30 de julho de 1938. p. 3.

Improprio para maiores... *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de julho de 1938. Vida Artistica. p. 8.

C. M. Grupo Gente Nossa/O 7.o anniversario de sua fundação. *Jornal Pequeno*. Recife, 1 de agosto de 1938. p. 4.

Completaramse, a 2, sete annos de existencia do "Grupo Gente Nossa"/Solennizando a data, "Noites de Novena" de Samuel Campelo. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1938. Vida Artistica. p. 8.

"Noites de Novena" hoje, no "Santa Isabel"/Festa do 7.° anniversario do "Gente Nossa"/Companhia Teixeira Pinto. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de agosto de 1938. Theatro. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1938. Notas de Arte. p. 14.

Companhia Teixeira Pinto. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de agosto de 1938. Theatro. p. 4.

Rapida Resenha de Julho Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de agosto de 1938. Vida Artistica. p. 8.

Grupo Gente Nossa. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de setembro de 1938. Theatro. p. 5.

No Theatro Santa Isabel/Um festival em beneficio das victimas da malaria/Vesperal domingo no "Encruzilhada" pelo "Gente Nossa". *Diario da Manhã*. Recife, 9 de setembro de 1938. Theatro. p. 4.

"Uma Canção Para Você"/A interessante opereta de Antonio Rodrigues subirá, hoje, á scena, no "Santa Isabel", pelo Gremio Scenico Espinheirense. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1938. Vida Artistica. p. 8.

"Branca de Neve e os Sete Anões" – Uma pellicula fadada a grande êxito. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de setembro de 1938. Segunda Secção/Cinematographia. p. 7.

Companhia Renato Vianna/Festival artistico da Tuna Portugueza/Festival de Aucelia de Souza/Grupo Amadores do Pilar/Gremio de Comedias Cruzeiro. *Diario da Manhã*. Recife, 1 de outubro de 1938. Theatro. p. 4.

"Branca de Neve e os Sete Anões" – Uma pellicula fadada a grande êxito. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de outubro de 1938. Segunda Secção/Cinematographia. p. 7.

Anúncio Parque/*Branca de Neve e os Sete Anões*. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de outubro de 1938. p. 16.

Companhia Renato Vianna/Sua estréa, amanhã, no Santa Isabel, com S. O. S. *Diario da Manhã*. Recife, 6 de outubro de 1938. Theatro. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Renato Vianna e Seu Teatro/*S. O. S. Diario da Manhã*. Recife, 6 de outubro de 1938. p. 6.

Estre'a, hoje, a Companhia Renato Vianna com a peça Salome', a "ballada do ultimo romantico"/"Gremio Dramatico Samuel Campello". *Diario da Manhã*. Recife, 7 de outubro de 1938. Theatro. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Renato Vianna e Seu Teatro/ *Salome'*. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de outubro de 1938. p. 7.

"Branca de Neve e os Sete Anões", amanhã, no Cine-Theatro Moderno. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1938. Segunda Secção/Cinematographia. p. 7

ANDRADE, Gilberto Osório de. Porque fracassou o Teatro Universitario. *Diario da Manhã*. Recife, 19 de outubro de 1938. p. 8.

ANDRADE, Gilberto Osório de. Cartão de parabens. *Diario da Manhã*. Recife, 21 de outubro de 1938. p. 8.

CAMPELLO, Samuel. Theatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1938. Theatro p. 7.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de outubro de 1938. Vida Artistica. p. 8.

ANDRADE, Gilberto Osório de. O "Ultima Palavra". *Diario da Manhã*. Recife, 23 de outubro de 1938. p. 18.

ANDRADE, Gilberto Osório de. La'pide. *Diario da Manhã*. Recife, 25 de outubro de 1938. p. 8.

ANDRADE, Gilberto Osório de. Transcripção. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de outubro de 1938. p. 1-2.

VAREJÃO, Lucillo. Samuel Campello. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de outubro de 1938. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Panorama do Recife Artistico/"Recreio Benjamin". *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1938. Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grande Companhia Brasileira de Operetas "Irmãos Celestino"/*Jurity*/*Passaro Branco*.

Diario da Manhã. Recife, 18 de dezembro de 1938. p. 19.

Centro Cultural Israelita de Pernambuco. *Diario da Manhã*. Recife, 31 de dezembro de 1938. Theatro. p. 4.

Anúncio Encruzilhada/Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro/*Fazenda dos Amores*/*Romance de Amor*/*Flor de Manacá*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1939. p. 9.

Realiza-se, amanhã, no Santa Isabel, o festival das alumnas de Miss Gatis. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 3 de janeiro de 1939. p. 8 e 2.

Gremio de Comedias Cruzeiro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 4 de janeiro de 1939. Theatro. p. 6.

Anúncio Encruzilhada/Ratinho e Sua Companhia de Revistas, Burletas e Sainetes do Rio de Janeiro/*Meu Brasil*/*Salve-se Quem Poder?.../Rancho da Serra*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1939. p. 8.

Ratinho e sua Companhia. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 7 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

J. C. O theatro carioca a vôo de passaro... *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

M. J. "Honra ao merito!". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

A Inauguração do Jardim Zoo-Botanico. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1939. p. 1.

O novo diretor do Theatro Santa Isabel. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 14 de janeiro de 1939. p. 2.

Samuel Campello. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

AUSTRO-COSTA. Companheiro morto. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

Companhia Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 17 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

Companhia Genesio Arruda. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 19 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

III Festa da Mocidade/O expresso infantil/Theatro ao ar livre/Temporada carnavalesca. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 19 de janeiro de 1939. p. 8.

Companhia de Comedias Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 20 de janeiro de 1939. Theatro. p. 2.

Anúncio Encruzilhada/Genesio Arruda e Sua Cia de Disparates Comicos/*Titan dos Ares*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de janeiro de 1939. p. 8.

Companhia de Comedias Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 23 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

Com "A Marquesa de Santos", de Viriato Correia, estreiará, na sexta-feira proxima, no Sta. Isabel, a Companhia Dulcina de Moraes-Odilon de Azevedo/Samuel Campello/Theatro Sta. Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Artistas portuguezes de passagem pelo Recife. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de janeiro de 1939. p. 8 e 3.

Temporada de Genesio Arruda no Cine Encruzilhada. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1939. p. 8.

Companhia de Comedias Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 26 de janeiro de 1939. Theatro. p. 2.

Nucleo Theatral Getulio Vargas. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 27 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

Gremio de Comedias Cruzeiro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 28 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

O ultimo urso sobre a terra. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 28 de janeiro de 1939. Carnaval. p. 5 e 6.

Festival em beneficio da Capella de Santa Therezinha – A Representação Theatral de Miss Gatis. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1939. p. 3.

Adiada, por motivo superior, a estreia da Companhia Dulcina-Odilon, para sexta-feira proxima/Samuel Campello, a sua vida e sua obra/Com a morte do escritor pernambucano, perde, o theatro brasileiro, uma de suas brilhantes expressões/Theatro Santa Isabel/Como foi recebido, no Rio, a nomeação do seu novo diretor/A homenagem do Radio Clube de Pernambuco á memoria de Samuel Campello. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de janeiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Theatro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 30 de janeiro de 1939. p. 4.

Companhia Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 31 de janeiro de 1939. Theatro. p. 4.

Festival de Roberto de Andrade/Festival artistico de Menaris Ribeiro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 1 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 4.

Companhia Dulcina-Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 2 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 5.

Fazer theatro é assim... *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 3 de fevereiro de 1939. p. 8 e 3.

Companhia de Comedias Dulcina Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 4 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 6.

Vesperal Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de fevereiro de 1939. p. 8.

O theatro, em Pernambuco/Repetem-se do sul, os pedidos de peças pernambucanas/Homenagens, no Rio de Janeiro, a Samuel Campello/Fala, na Academia Brasileira, o escriptor Viriato Correia/Novos testemunhos da imprensa carioca sobre o grande admirador do theatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de fevereiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

O. W. A Proposito... *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*.

Recife, 8 de fevereiro de 1939. p. 5.

Companhia de Comedias Dulcina-Odilon/Associação Aurora de Artistas Amadores. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 5.

Perspectivas promissoras para o theatro em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 14 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 8 e 3.

Festival de Leopoldo Cunha/Gremio Familiar Afogadense/Companhia de Comedias Dulcina Odilon. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 15 de fevereiro de 1939. Theatro. p. 6.

O "Grupo Gente Nossa" reaparecera', no proximo dia 4 de março, no Theatro Santa Isabel/Um grande esforço para manter de pe' a obra de Samuel Campello/"Onde Estás, Felicidade?" será a peça de estréia. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Onde Esta's, Felicidade?/Branca de Neve e os 7 Anões*. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 2 de março de 1939. p. 4.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Matinal Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Onde Esta's, Felicidade?/Branca de Neve e os 7 Anões*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de março de 1939. p. 8.

Rehabilitação do theatro/A reentrada, hoje, do Grupo Gente Nossa no Santa Isabel e a primeira matinal infantil, amanhã, ás 10 horas. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 4 de março de 1939. p. 8.

A reentrada do Grupo Gente Nossa, no Santa Isabel/O espectaculo de hontem – A 1.a matinal infantil, hoje, com o concurso do Grupo Scenico Espinheirense – Em vesperal: "Onde Estas, Felicidade?". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de março de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Branca de Neve e os 7 Anões/Onde Esta's, Felicidade?*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de março de 1939. p. 11.

Theatro para creanças todos os domingos. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 6 de março de 1939. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*O Hospede do Quarto N.° 2. Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de março de 1939. p. 8.

Espectaculos do Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*O Hospede do Quarto N.° 2/Branca de Neve e os 7 Anões*. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 10 de março de 1939. p. 6.

A Troupe da Bôa Vontade/Grupo Gente Nossa. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 10 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Grupo Gente Nossa. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de março de 1939. Theatro. p. 2.

Os espectaculos do Grupo Gente Nossa/A apposição, no gabinete da administração do Sta. Isabel, de uma placa em homenagem a Samuel Campello/A matinal e a vesperal marcadas para hoje. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de março de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Aventuras de Um Rapaz Feio*/Matinal Infantil – *O Prisioneiro de Guerra/A Hora do Calouro*. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 15 de março de 1939. p. 6.

A terceira matinal infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. Theatro. p. 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Aventuras de Um Rapaz Feio*/Matinal Infantil – *O Valente e o Inteligente/O Prisioneiro de Guerra/A Hora do Calouro*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de março de 1939. p. 8.

Tamanho não é documento.../Declarações de Walter, o pequeno tenor da P. R. A. 8. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 18 de março de 1939. p. 8 e 3.

Cartaz. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de março de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Theatro Santa Isabel/Os proximos espectaculos do Grupo Gente Nossa/Gremio de Comedias Cruzeiro. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 21 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Um Caso de Policia.../A Princesa Rosalinda*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de março de 1939. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Um Caso de Policia.../A Princesa Rosalinda*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de março de 1939. p. 8.

Matinal e vesperal hoje no Santa Isabel. Anúncio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de março de 1939. Theatro. p. 6.

Em primeira representação subirá á scena do Santa Isabel, hoje, em matinal, a opereta infantil "A Princesa Rosalinda"/Os espectaculos de hoje, do Grupo Gente Nossa/Em primeiro, a opereta infantil "A princesa Rosalinda". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de março de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Victorioso o theatro infantil/Declarações do professor Waldemar de Oliveira. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 27 de março de 1939. p. 8, 3 e 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Compra-se Um Marido/A Princesa Rosalinda/Um Caso de Policia*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de março de 1939. p. 10.

O Grupo Gente Nossa enscenará, durante a Semana Santa, a peça sacro "O Martyr do Calvario"/O dia de hoje, no Theatro Santa Isabel/Em matinal infantil: "A Princesa

Rosalinda"; Em vesperal: "Um Caso de Policia"; Em sarau, "A Patrôa", em festival do actor Barreto Junior/Maria Helena Coelho, em visita ao Recife/Uma nova peça pernambucana/"Méa Culpa" vai ser representada pelo corpo scenico da Tuna Portuguesa. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

O Grupo Gente Nossa enscena, hoje, a' tarde, "A Princesa Rosalinda" e, a' noite, em ultima representação, "O Martyr do Calvario"/Honra ao Merito!/Como se pronuncia sobre esse original pernambucano, a "Revista das Academias das Letras". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

LOPES, Waldemar. Continuidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Maria Helena Coelho e o theatro infantil em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 10 de abril de 1939. p. 1 e 3.

Garotos que cantam no Radio e actuam no Palco/Paulo Bezerra – o sambista do naipe juvenil da P. R. A. 8 fala a esta folha. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 10 de abril de 1939. p. 8 e 3.

Palavras de estimulo para o theatro em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 11 de abril de 1939. p. 8 e 6.

Grupo Gente Nossa/Compra-se um marido/Em ensaios a burleta "Nhá Moça"/Domingo proximo haverá matinal/Grupo Artístico do Recife/Nucleo Theatral "Getulio Vargas"/Theatro para operarios. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 13 de abril de 1939. Theatro. p. 4.

Microphone. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 15 de abril de 1939. p. 7.

Romulo Paiva – o cantor de 11 annos. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 19 de abril de 1939. p. 8 e 3.

"Zézé", no Eldorado/"Compra-se um marido", no Theatro do Feitosa. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 24 de abril de 1939. Theatro. p. 2.

"Branca de Neve e os Sete Annões". *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 24 de abril de 1939. p. 8 e 3.

Vocação para o theatro. *Folha da Manhã – Edição das 16 horas*. Recife, 27 de abril de 1939. p. 8.

Matinal Infantil no Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 6.

"Jesus", peça sacra do maestro Caparrós, será o grande espectaculo oferecido aos membros do Congresso Eucharistico, a reunir-se, em setembro./Neste país, tradicionalmente catholico vemos coisas.../Um justo commentario acerca das representações do Grupo Gente Nossa, durante a Semana Santa/Cartaz/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de abril de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*A Princesa Rosalinda/O Ultimo Guilherme!/Onde Estás Felicidade?*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1939. p. 11.

A ultima representação de "A Princesa Rosalinda". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

A matinal de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1939. p. 2.

Matinal, hoje, ás 10 horas, com a "Princesa Rosalinda" – "Um rapaz de posição", em vesperal – O inicio dos espectaculos no "Torre". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

O parecer da commissão Julgadora do Serviço Nacional de Theatro/Classificadas 7 companhias, sendo 4 de theatro declamado e 3 de theatro musicado/Auxilio ao theatro/O "Grupo Gente Nossa" realizou, em abril passado, 26 espectaculos theatraes. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*A Princesa Rosalinda/Um Rapaz de Posição*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1939. p. 11.

"O Pequeno Polegar", em matinal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1939. Theatro. p. 5.

"O Pequeno Pollegar" será dado em primeira, amanhã. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

As actividades do Grupo Gente Nossa/A matinal infantil de hoje, com o lançamento do "O Pequeno Polegar" – A vesperal com a comedia "Quando o Amor Vem" – Em sarau, a "Boby e Bobette"/Os espectaculos no Eldorado e no Torre. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Os tres espectaculos de hoje no Santa Isabel – Festival de Alfredo de Oliveira, no dia 20 do corrente/"Quando o Amor Vem", em vesperal/"Bobby e Bobette" sera' repetida, hoje a' noite/Festival de Alfredo de Oliveira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1939. Theatro. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*O Pequeno Polegar/Quando o Amor Vem.../Boby e Bobette*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1939. p. 11.

Estreou, hontem, no Santa Isabel, a Companhia de Comedias Palmeirim Silva, que promete fazer, ali, uma brilhante temporada/Um decreto que concede novos favores ao Grupo Gente Nossa/Revela, o prefeito Novaes Filho, uma alta compreensão da utilidade do "Grupo". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de maio de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Em benefício da Matriz de São José. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio de 1939. p. 2.

"Nucleo Theatral Getulio Vargas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1939. De Olinda/Theatro. p. 2.

Os proximos espectaculos do "Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1939. Theatro. p. 2.

O "Grupo Gente Nossa" embarca, na proxima quinta-feira, para Fortaleza, devendo ali realizar uma temporada de comedias no Theatro José de Alencar. *Jornal do Commercio*.

Recife, 4 de junho de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

O Grupo Gente Nossa embarcou para o Ceara'/Um elenco de 18 figuras e um interessante repertorio. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de junho de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

O Grupo Gente Nossa no Ceará/Commentarios da imprensa de Fortaleza, sobre a estreia do conjunto local. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de junho de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1939. p. 6.

O cartaz de domingo proximo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de julho de 1939. Theatro. p. 2.

Haverá matinal, hoje, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de julho de 1939. Theatro. p. 7.

Anúncio Teatro "Santa Isabel"/Grupo Gente Nossa/*Mocambo*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de julho de 1939. p. 8.

No dia dois, completa oito annos de existencia o Grupo Gente Nossa/A data sera' solennizada com a enscenação da peça pernambucana "Mocambo"/Antes do espectaculo será inaugurado, no salão nobre do Santa Isabel, o busto de Samuel campelo, fundador do Gente Nossa/Com "Mocambo", que é dedicada á Liga Social Contra o Mocambo, o grupo collabora na campanha iniciada pelo Governo do Estado/Theatro para o povo/Como se expressa "A Tarde", da Bahia, sobre as atividades theatraes, no Recife/Theatro de amadores/Uma nota de "O Imparcial", da Bahia, acerca do movimento theatral, no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de julho de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Do snr. Abbadie Faria Rosa, director de Serviço Nacional de Theatro, recebeu a directoria do Grupo Gente Nossa, o seguinte despacho telegraphico: "Communico snr. presidente Getulio Vargas concedeu ao Grupo Gente Nossa uma subvenção de quinze contos de réis. Saudações"/O anniversario do Grupo Gente Nossa/Cartaz do "Gente Nossa"/Palavras de Filgueira Filho, no dia do anniversario do Grupo Gente Nossa, no Santa Isabel/Deixa a secretaria do "Grupo Gente Nossa", o snr. Hermogenes Vianna/A fim de substitui-lo, foi designado o senhor Augusto Wanderley. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de agosto de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Anúncio Teatro "Santa Isabel"/Grupo Gente Nossa/*Mocambo*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de agosto de 1939. p. 11.

A Companhia Jayme Costa estreara', no palco do Santa Isabel, no dia 15 do mes de setembro proximo/"O Sonho de Yara"/Em ensaio, essa interessante revista-escolar, a cargo de alumnas da Escola Normal Pinto Junior. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de agosto de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Companhia Jayme Costa/A estréa com Carlota Joaquina, no dia 15 do corrente/A primeira representação de "Jesus", amanhã, no Santa Isabel. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de setembro de 1939. Theatro. p. 4.

Em primeira representação, sobe hoje a' scena, no Santa Isabel, o melodrama sacro "Jesus", do maestro F. Caparro's/Uma montagem inedita, para o Recife/A confecção dos scenarios – A numerosa massa coral – A orchestra de 40 professores/O Santa Isabel se apresentara' ornamentado – Diversos melloramentos, no velho theatro? *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 8.

Brilhante estreia assignalou Jayme Costa, no Santa Isabel, com a peça "Carlota Joaquina"/"O Sonho de Yára"/O Concurso de Peças para Operarios, da Directoria de Reeducação Social/Quinze originaes concorreram ao referido certame. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de setembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 5.

Anúncio Moderno/Grande Matinal Infantil/Tarzan Moderno. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1939. p. 7.

A temporada triumphal de Jayme Costa, no Sta. Isabel/O Grupo Gente Nossa visitará João Pessôa/A estreia está marcada para o proximo dia 29. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de setembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Sera' proximamente, no Santa Isabel, a enscenação da revista "O Sonho de Yara", de Candido Duarte, pelas alumnas da Escola Normal Pinto Junior/As excursões artisticas do Grupo Gente Nossa/Expressivo exito em João Pessôa – A estréia em Caruarú – Visita a Goyanna e a Paudálho. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

DUTRA, Maria de Lourdes. "O Sonho de Yara". *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

"Grupo Gente Nossa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de outubro de 1939. De Olinda/Theatro. p. 2.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Revista do Theatro Recreio do Rio de Janeiro/*O Gordo e o Magro*/*O Gury*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de outubro de 1939. p. 7.

"Sonho de Yára" só subirá á scena em novembro. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de outubro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Sera' no dia 10, no Santa Isabel, a enscenação de "O Sonho de Yara", pelas alumnas da Escola Normal Pinto Junior/As atividades do Grupo Gente Nossa/"Mocambo", hoje, em vesperal no Santa Isabel/Julgadas, as peças para operários da Directoria de Reeducação Social/Classificada em 1.° lugar, "Conflicto", de Fernando Mota/Panorama do Recife Artistico/"O Sonho de Yara". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de novembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Santa Isabel/A peça "Mocambo" nos cine-theatros da cidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1939. Telas e Palcos. p. 2.

Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de novembro de 1939. p. 3.

Repete-se, no dia 15, em "matinée", no Santa Isabel, a preços reduzidos, "O Sonho de Yara", pelas alumnas da Escola Pinto Junior/Homenagem a Samuel Campello/Concurso de peças theatraes/Um honroso documento para o Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

M. H. M. "O Sonho de Yara". *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

"O Sonho de Yara", amanhã, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1939. Telas e Palcos. p. 2.

"O Conflicto", de Fernando Mota – 1.° premio do Concurso de Peças Para Operarios – subirá á scena hoje, em espectaculo de gala, no Santa Isabel, pelo Grupo Gente Nossa/Para a recita de hoje, que sera' offerecida pela Prefeitura do Recife, não havera' venda de ingressos/O Sonho de Yara/Panorama do Recife Artistico/Um depoimento honroso. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Anúncio Encruzilhada/Grande Companhia de Revistas e Sainetes "Tatuzinho"/*O Petroleo do Lobato*. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de novembro de 1939. p. 8.

Estreia, hoje, a Companhia Tatuzinho/"Camões", em primeira, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1939. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Encruzilhada/Grande Companhia de Revistas e Sainetes "Tatuzinho"/*Por Que Bebes Tanto Assim?/Eu Quero é Casar/Lição Domestica*. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1939. p. 8.

Grupo Gente Nossa/As representações de peças para operarios/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Anúncio Cine Encruzilhada/Grande Companhia de Revistas e Sainetes Tatusinho/*A Derrota do Campeão/Aparicio Apareceu*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1939. p. 7.

"O Sonho de Yara" voltara a scena no dia 8 do corrente. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Theatro Educativo – Uma palestra com D. Maria Rosa, do Theatro para Menores, do Rio de Janeiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de dezembro de 1939. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

O espectaculo de hoje, no Eldorado. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 8 de janeiro de 1940. Theatro. p. 4.

Retrospecto artistico de 1939/373 representações theatraes, no Recife – 23 concertos – 12 festas de arte, Matinais infantis, recitas para operários, espectaculos sacros/A actuação da Sociedade de Cultura Musical, do Radio Clube, do Grupo Gente Nossa e da Escola de Bellas Artes. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de janeiro de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Actividades do Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de janeiro de 1940. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Eldorado/Grupo Gente Nossa/*Era Uma Vez Um Vagabundo*. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de janeiro de 1940. p. 8.

Anúncio Torre/*Presepio de 1865*. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de janeiro de 1940. p. 8.

Festival de Gerson Vieira/Presepio de 1865. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de janeiro de 1940. Telas e Palcos. p. 4.

No cartaz do "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1940. Telas e Palcos. p. 11.

Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de janeiro de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Com a revista "Lero-Lero", estreiará na proxima semana, o Grupo Gente Nossa no Theatro da Exposição/A reentrada definitiva, do Grupo, no Theatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de fevereiro de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 2.

Anúncio Exposição Nacional de Pernambuco/Festa da Mocidade. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 21 de fevereiro de 1940. p. 4.

A matinal de domingo proximo no Santa Isabel/Guerra a's Mulheres, domingo, em vesperal. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 21 de fevereiro de 1940. Theatro. p. 4.

A primeira representação da peça "Terra Adorada". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 21 de fevereiro de 1940. p. 16.

Reiniciam-se, hoje, no Santa Isabel, as matinaes infantis – Subira' a' scena, em primeira representação, a revista "Terra Adorada" – A matinal terá inicio ás 10 horas. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de fevereiro de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 12.

"Terra Adorada" vae ser repetida. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 27 de fevereiro de 1940. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Terra Adorada!*. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 1 de março de 1940. p. 7.

O espectaculo de amanhã em homenagem aos Interventores do Nordeste/Homenagem aos Interventores do Nordeste/Almoço no palacio do governo e representação de "Terra adorada". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 2 de março de 1940. p. 8.

A organização do theatro infantil em Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de março de 1940. p. 1 e 3.

A revista "Terra Adorada" vae ser novamente enscenada. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de março de 1940. p. 8.

MAGALHÃES, Agamemnon. Theatro infantil. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de março de 1940. p. 3.

"Terra Adorada!". *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de março de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4

Vae ser repetida, amanhã, "A Capital Federal"/"Terra Adorada!", pela ultima vez, em vesperal. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 13 de abril de 1940. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/*Terra Adorada!/A Capital Federal*. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 13 de abril de 1940. p. 7.

O festival de Maria Celeste, hoje, no Santa Isabel/A festa de Kalu'a/Nucleo Theatral Getulio Vargas. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 16 de abril de 1940. Theatro. p. 4.

Um espectaculo em homenagem ao presidente Vargas/"A Capital Federal", no domingo, a' tarde/"Mentirosa" no Santa Isabel. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 17 de abril de 1940. Theatro. p. 2.

"Terra Adorada", amanhã, no Santa Isabel/A vesperal elegante de domingo. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de abril de 1940. Theatro. p. 6.

Em vesperal, hoje, no Santa Isabel: "A Capital Federal", de Arthur Azevedo/As actividades do Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de abril de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

Xere'm e Bentinho, amanhã, no Sant Isabel/"A Princesa Rosalinda" vae voltar ao cartaz/"A Capital Federal", em vesperal elegante, domingo proximo/"Mentirosa", ainda este mez. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de abril de 1940. Theatro. p. 6.

Proximos espectaculos, no Santa Isabel: hoje: "A Princesa Rosalinda". No dia 13 de maio: "Ze' Mariano"/"Zé Mariano" é o titulo do novo cartaz do Grupo Gente Nossa/O original de Waldemar de Oliveira e Walter de Oliveira/Subirá á scena no dia 13 de Maio próximo/A leitura da peça, terça-feira ultima, no Sta. Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

Hoje, no Santa Isabel: em vesperal, "A Princesa Rosalinda". Em sarau, "Ze' Mariano". *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de maio de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

"A Princesa Rosalinda" subira', hoje, em ultima representação, em vesperal, no Theatro Santa Isabel/Os espectaculos de hoje, do Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de junho de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

"A Princesa Rosalinda". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de junho de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4

Anúncio Theatro Santa Isabel/Luiz Iglezias/*O Carneiro de Batalhão*. *Diario da Manhã*. Recife, 2 de julho de 1940. p. 5.

Gremio de Comedias Cruzeiro. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de julho de 1940. Theatro. p. 4.

Companhia Luiz Iglesias. *Diario da Manhã*. Recife, 6 de julho de 1940. Theatro. p. 4.

Companhia Luiz Iglesias. *Diario da Manhã*. Recife, 7 de julho de 1940. Theatro. p. 4.

Companhia Luiz Iglesias/"Terra Adorada", no Santa Isabel/O espectaculo do Gente Nossa, hoje, no Eldorado/Os espectaculos de domingo proximo/Theatro para operarios. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de julho de 1940. Theatro. p. 6.

A vesperal, amanhã, no Santa Isabel/Em sarau, amanhã, a opereta "A Casta Suzana". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 1 de junho de 1940. Theatro. p. 4.

Mais uma representação de "A Casta Suzana"/"Ze' Mariano", domingo, no Santa Isabel/Festival de Jorge Netto/Uma vesperal em beneficio do Abrigo Christo Redemptor. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 6 de junho de 1940. Theatro. p. 4.

A excursão do theatro infantil de Pernambuco á metropole/No intervallo do primeiro acto/Apoio do interventor Agamemnon Magalhães/Um elenco de treze adultos e vinte creanças/Repertorio e montagem/A repercussão no Rio. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de junho de 1940. p. 1 e 6.

Os espectaculos de domingo no Santa Isabel/Companhia Luiz Iglezias/A Companhia Marquize Branca. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de junho de 1940. Theatro. p. 6.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Luiz Iglezias/*Levadinha da Bréca/O Carneiro de Batalhão/O Trophéo/Feia*. *Diario da Manhã*. Recife, 4 de julho de 1940. p. 5.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Festa artística de Eva Todor/*Aonde Vaes, Coração?/O Garcon do Casamento*. *Diario da Manhã*. Recife, 10 de julho de 1940. p. 5.

Os espectaculos do Gente Nossa, amanhã. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 27 de julho de 1940. Theatro. p. 4.

Theatro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 29 de julho de 1940. O que o povo vê na rua. p. 2.

O Gente Nossa trabalha, hoje, no Cinema Eldorado/O anniversario do Gente Nossa, amanhã/Os espectaculos de domingo proximo. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 1 de agosto de 1940. Theatro. p. 4.

Companhia de Comedias Barretto Junior/Companhia Renato Vianna/Grupo Gente Nossa. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 20 de agosto de 1940. Theatro. p. 6.

Companhia Barretto Junior. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 31 de agosto de 1940. Theatro. p. 4.

Activam-se os ensaios da peça "1830", com que o Theatro do Estudante estreara' em outubro, no Santa Isabel/Grupo Gente Nossa/Vesperal, hoje, com "A volta do nenem" peça nova/Outros espectaculos programmados para setembro – As actividades do Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1940. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

Cartaz. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 11 de outubro de 1940. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Companhia de Comedia Luiz Iglezias/*Chuvas de Verão/Feia!*. *Diario da Manhã*. Recife, 13 de outubro de 1940. p. 9.

Anúncio Ideal e Eldorado/Companhia de Comedias Barreto Junior/*A Flôr da Familia*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1940. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Os Piccoli de Podrecca. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1940. p. 10.

1830/A peça de estréa do Theatro de Estudantes. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de outubro de 1940. p. 1 e 3.

A mais original companhia do mundo exhibindo-se no Recife/Os Piccoli" de Podrecca consagrados pela platéa pernambucana/Impressões dos "Piccoli" de Podrecca/Poucos dias no Recife. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 26 de outubro de 1940. p. 8, 3 e 6.

Theatro de Estudantes/Ensaiada, hontem, no Santa Isabel, a peça "1830". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 6 de novembro de 1940. p. 8.

Theatro de Estudantes. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de novembro de 1940. p. 1 e 3.

O ultimo espectaculo da Companhia Os "Piccoli de Podrecca"/O espectaculo de amanhã no Santa Isabel/Uma peça infantil, amanhã, em Olinda. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de novembro de 1940. Theatro. p. 2.

MARANHÃO, Jarbas. Theatro do Estudante de Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de novembro de 1940. p. 3.

Uma grande iniciativa universitaria/A estréa, hoje, do Theatro de Estudantes de Pernambuco com a peça "1830" de Paulo Gonsalves. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de novembro de 1940. p. 8.

A ultima representação da peça "1830". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 29 de novembro de 1940. Theatro. p. 6.

Cento e vinte creanças numa linda revista escolar/"Coisas de Meu Brasil", amanha, a' noite, no Santa Isabel, numa festa promovida pelo Instituto Pestalozzi – O sucesso da peça da sra. Maria Elisa Viegas/Apreciando um ensaio/Um festa de caridade/"Coisas de Meu Brasil". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 21 de dezembro de 1940. p. 8 e 3.

MAGALHÃES, Agamemnon. Cousas do Meu Brasil. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de dezembro de 1940. p. 3.

VAREJÃO, Lucillo. Uma revista. *Diario da Manhã*. Recife, 8 de janeiro de 1941. Theatro. p. 4.

Marcada para hoje, a' tarde, no Santa Isabel, a repetição do lindo espectaculo das alumnas do curso infantil de "Miss" Gatis/Uma rapida palestra com Miguel Jasseli/A excursão do Grupo Scenico Espinheirense, a Palmares/Perspectivas de novas visitas ao interior do estado/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 4.

Dr. Knock ou o triunfo da medicina. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de janeiro de 1941. p. 2.

MELO, Mário. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de janeiro de 1941. Crônica da Cidade. p. 2.

Retrospecto do Recife Artistico, em 1940/Actuação das sociedades locaes e das companhias itinerantes/328 espectaculos theatraes – 27 exhibições musicaes – 35 peças irradiadas – espectaculos para crianças e para operarios/Resumo do movimento teatral/Theatro/Diversos/As atividades do Theatro Santa Isabel/As atividades do Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Hoje, no Santa Isabel: Em matinal, a's 10 horas: "Coisas do Meu Brasil"/Em vesperal, a's 15 horas: "Meu Natal"/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Entrou em ensaios, no Theatro Santa Isabel, a nova peça com que, em breve, voltara, ao proscenio o Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

GILL, Ruben. "Mocambo". *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Em Marcha, Brasil", e' o titulo da nova peça do Theatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de março de 1941. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de março de 1941. Notas de Arte. p. 2.

"Em Marcha, Brasil!", a reentrada do Theatro Infantil no Santa Isabel, domingo próximo/Companhia Delorges Caminha/Sua estreia sera' com "Caminho do Ce'u". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

ROCHA, Leduar de de Assis. "Dr. Knock ou o Triumpho da Medicina"/Um elenco de medicos para representar a comedia de Jules Romains – O autor e a peça – Espectaculos de cartaz em Paris, com applausos da classe medica. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Theatro Santa Isabel/*Em Marcha, Brasil!*. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. p. 7.

A primeira representação de "Em Marcha, Brasil". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de março de 1941. Telas e Palcos. p. 8.

Quarenta crianças numa peça teatral/Domingo, no palco do Santa Isabel. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de março de 1941. p. 1 e 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/*Em Marcha, Brasil!*. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de março de 1941. p. 2.

"Em Marcha, Brasil!", domingo, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de março de 1941. Telas e Palcos. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de março de 1941. Notas de Arte. p. 4.

"Em marcha, Brasil"! será representada no próximo domingo. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 19 de março de 1941. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de março de 1941. Notas de Arte. p. 4.

"Em Marcha, Brasil!", domingo proximo, em vesperal. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de março de 1941. Telas e Palcos. p. 2.

A primeira, amanhã, de "Em Marcha, Brasil". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 22 de março de 1941. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de março de 1941. Notas de Arte. p. 6.

Reentra, hoje, no Santa Isabel, o Theatro Infantil/"Em Marcha, Brasil!" e' a peça de estre'ia/Uma carta de Candido Duarte. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Observando os ensaios da peça que encerrara' as festas centenares da Sociedade de ROCHA, Leduar de Assis. Medicina/Impressões sobre os interpretes de "Dr. Knock ou o Triumpho da Medicina" comedia de Jules Romains. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Em Marcha, Brasil!", voltará, domingo, ao Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de março de 1941. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de março de 1941. Notas de Arte. p. 2.

Reentrou, ante-ontem, o Teatro Infantil. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 25 de março de 1941. Teatro. p. 4.

"Em marcha, Brasil!" voltará ao cartaz, amanhã. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 29 de março de 1941. Teatro. p. 4.

"Em Marcha, Brasil!", hoje, em segunda representação/O espectaculo começara' a's 15 horas/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de março de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

O espectaculo infantil de domingo, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1941. Notas de Arte. p. 7.

Encerram-se, hoje, as comemorações do centenário da Sociedade de Medicina. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 5 de abril de 1941. p. 8.

Anúncio Theatro Santa Isabel/*Em Marcha, Brasil!*. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1941. p. 9.

Novo espectaculo do theatro infantil/"O Triumpho da Medicina"/O espectaculo de hontem, no Santa Isabel/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

O encerramento, ante-ontem, das comemorações da Sociedade de Medicina. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 7 de abril de 1941. p. 2.

"Em Marcha, Brasil!" sera' representada, domingo, pela quarta vez. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 8 de abril de 1941. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1941. Notas de Arte. p. 4.

Grêmio João Caetano/"Em Marcha, Brasil!" – Em 4.ª representação. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 9 de abril de 1941. Teatro. p. 4.

Teatro do Estudante de Pernambuco/Manifesto dirigido a's classes universitarias do Recife. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de abril de 1941. p. 2.

COSTA, Pereira da. Coisas de teatro. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 12 de abril de 1941. p. 4.

Dr. Knock ou o triunfo da medicina. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de abril de 1941. p. 2.

Haverá espetáculo do "Gente Nossa", hoje, no Santa Isabel/Mais uma representação de "Em marcha, Brasil!". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 15 de abril de 1941. Teatro. p. 4.

"Em Marcha, Brasil!" sera' encenada, mais uma vez. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 16 de abril de 1941. Teatro. p. 2.

"Em Marcha, Brasil!", em suas ultimas representações. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 4.

"O Dr. Knock", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Theatro Santa Isabel/*Em Marcha, Brasil!*. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de abril de 1941. p. 6.

"Em Marcha, Brasil!" novamente em scena, no proximo domingo. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 7.

"Em Marcha, Brasil!" amanhã á tarde, no Santa Isabel. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 19 de abril de 1941. Teatro. p. 4.

Vesperal infantil, amanhã, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 7.

"O Dr. Knock" em segunda e ultima representação, quinta-feira, em beneficio da futura sede da Sociedade de Medicina/Novamente em scena, "Em Marcha Brasil!"/A mesma montagem e a mesma distribuição das representações anteriores/Panorama do Recife Artistico/Um theatro de cultura sera' tentado, no Recife, unicamente por amadores theatraes. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Em Marcha, Brasil!" pela ultima vez, em cena, domingo. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 23 de abril de 1941. Teatro. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1941. Notas de Arte. p. 7.

"Em Marcha, Brasil!", domingo, em ultima representação/ Temporada da Companhia Caminha, nesta capital. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 7.

W. [Valdemar de Oliveira]. A proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de abril de 1941. Notas de Arte. p. 4.

Hoje, no Santa Isabel, a comédia "Dr. Knock" ou o Triunfo da Medicina"/Domingo, a' ultima representação de "Em Marcha, Brasil!". *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de abril de 1941. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Dr. Knock. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 24 de abril de 1941. p. 7.

"Em Marcha," Brasil!", amanhã, em matinal. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 2.

Mais uma vez, no Theatro Santa Isabel, "Em Marcha, Brasil!"/O espectaculo de hoje sera' em matinal, a's 10 horas/Panorama do Recife Artistico/"Yaya' Boneca" sera' o cartaz de estre'ia da Companhia Delorges Caminha/O repertorio e o elenco do festejado conjunto, *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Mais uma enscenação de "Em Marcha, Brasil!". *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de abril de 1941. Telas e Palcos. p. 4.

Estre'ia, amanhã, a Companhia Delorges Caminha/"Ya'ya' Boneca" e' a peça escolhida para a apresentação do conjucto. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de maio de 1941. Notas de Arte. p. 7.

Anúncio Theatro Santa Isabel/Delorges e Sua Companhia de Comedia/*Yayá Boneca*/*Pertinho do Céu*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de maio de 1941. p. 9.

O Theatro Infantil homenageia os seus collaboradores/ As festas de hoje, na Escola Modelo e no Theatro Santa Isabel/"Honra ao Merito!". *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de maio de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de maio de 1941. Notas de Arte. p. 4.

Companhia Joracy Camargo em transito para o Para' occupara' de volta, o Santa Isabel/A festa offerecida as crianças do Theatro Infantil/Um donativo ao Pavilhão Provisorio de Menores/O movimento financeiro do Theatro Infantil/Theatro de Amadores/A sua proxima exhibição, a favor da Maternidade do Hospital Pedro II. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

FILGUEIRA-FILHO. Actores e actores. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica/ Panorama. p. 5.

O theatro infantil e o seu movimento financeiro/Colleção "Theatro Brasileiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de junho de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Primerose", sabbado proximo, no Theatro Santa Isabel/ O desempenho esta' a cargo do "Theatro de Amadores"/ Revertera' o producto do espectaculo, em beneficio da maternidade do Hospital Pedro II/Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de junho de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

FILGUEIRA FILHO. O bom theatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de junho de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica/ Panorama. p. 5.

Teatro de Amadores – Primerose sobe, hoje em vesperal, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de junho de 1941. p. 5.

P. C. M. [Paulo do Couto Malta]. Theatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de junho de 1941. p. 7.

MELO, Mário. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1941. Crônica da Cidade. p. 2.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 20 de junho de 1941. O que o povo vê na rua. p. 2.

Grêmio Artistas Unidos/Teatro da Mustardinha/A estréia de Mesquitinha, quarta-feira próxima. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 20 de junho de 1941. Teatro. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de junho de 1941. Notas de Arte. p. 7.

VASCONCELOS, Sanelva de. Primerose pelo Teatro de Amadores. *Jornal Pequeno*. Recife, 26 de junho de 1941. p. 2.

Teatro Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de julho de 1941. A semana do Rio artístico/Especial para o *Jornal do Commercio*. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Mesquitinha e Sua Companhia de Comédias/*Vesperal Chic*/*Ciumenta*/*Era Uma Vez Um Vagabundo*. *Diário da Manhã*. Recife, 6 de julho de 1941. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Mesquitinha e Sua Companhia de Comédias/*Herdeiro na Hora H*/*Não Te Conheço Mais*/*Costas Largas*. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de julho de 1941. p. 5.

Companhia Mesquitinha – Companhias que ocuparão o "Santa Isabel" – Nos subúrbios. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de julho de 1941. Teatro. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Mesquitinha. *Diário da Manhã*. Recife, 11 de julho de 1941. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de julho de 1941. Notas de Arte. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de julho de 1941. Notas de Arte. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de agosto de 1941. Notas de Arte. p. 2.

TEIXEIRA, Luiz. "Uma mulher sem importância". *Diario da Manhã*. Recife, 3 de agosto de 1941. Teatro. p. 4.

Jaime Costa, cênografo/Grêmio Lítero Teatral de Beberibe/Grêmio Artistas Unidos. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de agosto de 1941. Teatro. p. 4.

Panorama do Recife Artistico. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de agosto de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

LOPES, Silvino. Teatro de amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 5 de agosto de 1941. p. 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Jayme Costa e Sua Grande Companhia de Comédias/*Nossa Gente é Assim... Diário da Manhã*. Recife, 6 de agosto de 1941. p. 7.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Jayme Costa e Sua Grande Companhia de Comédias/*Pensão de D. Estela/Médico á Força/Uma Mulher Infernal!. Diário da Manhã*. Recife, 15 de agosto de 1941. p. 7.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

A Proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de setembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

O Teatro de Amadores dara', no dia 11, sábado, a grandiosa peça "O Processo de Mary Dugan", em beneficio do Instituto dos Cegos/A Propósito.../"O Processo de Mary Dugam"/Mais de 30 elementos do amadorismo teatral se apresentam, na grande peça norte americana/Uma carta do prefeito Novaes Filho. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

FILGUEIRA-FILHO. Teatro, fator de educação. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

A Proposito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

N. de H. Teatro infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de novembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica/Rio Artistico. p. 5.

Diverte-se a cidade com a V Festa da Mocidade/Enquanto isto, está sendo esperado o "Trem-fantasma". *Diário da Manhã*. Recife, 21 de novembro de 1941. p. 8.

A Proposito... Recife, 23 de novembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro de Amadores/Excursionara', a Natal e Fortaleza, sob o patrocinio oficial/O elenco e o reperto'rio/O auxilio do Governo de Pernambuco/Em Natal/Em Fortaleza/O elenco do Teatro de Amadores/O repertório/A organização geral/A obra do Teatro de Amadores/Coitadinho do teatro... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de dezembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Alcançou grande sucesso a apresentação de "Rítmos e Sons", ontem, no Santa Isabel/A "feerie" será novamente apresentada hoje/Notavel demonstração de arte. *Diario da Manhã*. Recife, 12 de dezembro de 1941. p. 8.

V Festa da Mocidade. *Diário da Manhã*. Recife, 13 de dezembro de 1941. Teatro. p. 4.

Grupo Infantil de Comedias. *Diário da Manhã*. Recife, 13 de dezembro de 1941. Teatro. p. 4.

Ritimos e Sons/Amanhã, em vesperal no Teatro Santa Isabel, em benefício da Sociedade de Combate á Lepra. *Diário da Manhã*. Recife, 20 de dezembro de 1941. Vida Artística. p. 4.

O espetáculo do "Grupo Infantil de Comedias" em homenagem a José Felisola. *Diário da Manhã*. Recife, 20 de dezembro de 1941. Teatro. p. 4.

A arte integrada às nossas escolas/Esplêndida festividade, a de ontem, no "Santa Isabel", pela Escola Pinto Junior. *Diário da Manhã*. Recife, 21 de dezembro de 1941. 2ª. Secção/Arte e Literatura. p. 7.

MACIEL, Aurino. Samuel Campelo/Discurso de posse na Academia Pernambucana de Letras (continuação). *Diário da Manhã*. Recife, 21 de dezembro de 1941. 2ª. Secção/Arte e Literatura. p. 7.

Aconteceu no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de dezembro de 1941. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Grande ou pequena, uma atriz é sempre uma atriz/Lélia Verbena, enquanto não realiza o seu festival, recorda a figura de Samuel Campelo/Ligeiro depoimento sôbre uma organização teatral. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de janeiro de 1942. p. 1 e 5.

Os autores mais representados no Brasil em 1941/Paulo Magalhães continuou em 1.° lugar/Mais uma representação do Grupo Gente Nossa. *Diário da Manhã*. Recife, 10 de janeiro de 1942. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1942. Telas e Palcos. p. 9.

Festival de Lélia Verbena/Festa artística de Marilda Castro. *Diário da Manhã*. Recife, 14 de janeiro de 1942. Teatro p. 4.

Teatro Santa Isabel/Grêmio Lítero-Teatral Dom Pedro II. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de janeiro de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

Festival do ator Batista Teixeira. *Diário da Manhã*. Recife, 24 de janeiro de 1942. Teatro. p. 4.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de janeiro de 1942. Telas e Palcos. p. 14.

2. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de fevereiro de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 3.

Retrospecto do Recife Artistico, em 1941/Atuação das sociedades, conjuntos locais e companhias itinerantes/268 espetaculos 25 recitas musicais 39 peças irradiadas atividades do "Grupo Gente Nossa"/Em 1941, o Teatro Santa Isabel abriu suas portas 215 vezes/O teatro no Recife, em 1941/Resumo do movimento artístico geral/Balanço financeiro do T. de Amadores.. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de fevereiro de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro Santa Isabel/Festival das alunas de "Miss" Gatis/ Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de fevereiro de 1942. Telas e Palcos. p. 14.

A Propósito.... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Alto Mar", pelo Teatro de Amadores, vai constituir um espetáculo original. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de março de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Companhia Eva Todor/O Hospede do Quarto n.2, hoje no Santa Isabel/O espetáculo de segunda-feira no Santa Isabel. *Diário da Manhã*. Recife, 1 de abril de 1942. Teatro. p. 4.

A Propósito.... *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

O proximo espetáculo do Teatro de Amadores/"Alto Mar" será estreada no dia 19 do corrente em benefício da Casa do Jornalista. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de abril de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Moderno/Alvarenga e Bentinho/*Tá Sôrto!*. *Diário da Manhã*. Recife, 14 de abril de 1942. p. 5.

Será repetida, no dia 30, a peça "Alto Mar", pelo Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de abril de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Os autores brasileiros mais representados/O estudo mandado realizar pela S. B.A.T. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de maio de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de maio de 1942. Notas de Arte. p. 6.

Grêmio Teatral Dom Pedro II. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 14.

"Alto mar", em terceira representação, no dia 23/Nesta capital, "Os Rosas". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

OLIVEIRA, Valdemar de. Uma conquista dificil. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1942. Segunda Secção/ Vida Artistica. p. 5.

ASSIS, Hildebrando. A reentrada dos "Amadores". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1942. Segunda Secção/ Vida Artistica. p. 5.

Panorama do Recife Artístico. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"Alto mar" em terceira representação, no dia 23/O Festival D"Os Rosas", na terça-feira próxima. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 7.

Teatro Santa Isabel/Conjunto Cênico de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

O festival dos Rosas, hoje, no Santa Isabel/Conjunto Cenico de Amadores/Grupo Artistas Unidos/"Ladra", em benefício da Associação dos Jornalistas. *Diário da Manhã*. Recife, 12 de maio de 1942. Teatro. p. 4.

"Bombonzinho", no Olinda-Feitosa. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

"Bicho Papão", no Eldorado/Nova representação de "Alto Mar". *Diário da Manhã*. Recife, 17 de maio de 1942. Teatro. p. 4.

Começaram, ontem, os ensáios de "Ladra"/O espetáculo terá lugar no próximo dia 26/"Alto Mar" no proximo sábado/Mais um espetáculo em São Lourenço. *Diário da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1942. Teatro p. 4.

"A Exilada", de Kistemaeckers, sera' o pro'ximo cartaz do Teatro de Amadores em beneficio do Preventorio Para o Filho Sadio do La'zaro/Um Teatro de Amadores/ Sobre o Teatro de Amadores escreveu:/Um concurso de romance e come'dia trabalhistas. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de maio de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Festival de Linda Paz/Núcleo Teatral Fetúlio Vargas. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 5.

"Bicho Papão", amanhã, no "Eldorado". *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

"Ladra", amanhã, em benefício da A. P. J. P. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Santa Isabel/"A Exilada", brevemente, no Santa Isabel, numa "avant-première" de gala. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

A "Festa do Rubí"/Arraial da Roça/Teatro de Variedades/O Parque de Diversões. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de junho de 1942. p. 10.

No dia 16, a 1.ª representação de "A exilada"/Festival Leopoldo Cunha. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

Teatro do Barro. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

A Propósito.../Teatro de Amadores/"A Exilada", no dia 16/ Sobre o Teatro de Amadores escreveu: *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

HOLANDA, Nestor de. Problemas do teatro no Brasil. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro Santa Isabel/Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

"A Exilada", brevemente, no Santa Isabel, numa avant-premiere de gala/Festival de Raul Priston. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

Em benefício do Instituto Guararapes. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de junho de 1942. Crônica da Cidade. p. 2.

A "Festa do Rubí"/Será inaugurado, sãbado próximo, o certame/O "Arraial da Roça". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de junho de 1942. p. 10.

A "Festa do Rubí"/Será inaugurado, hoje, à noite, o certame/O "Arraial da Roça". *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1942. p. 3.

Teatro do Barro/Festival de Raul Priston/Grêmio Lítero-Teatral Pedro II. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"A Exilada", em primeira, depois de amanhã/Esgotadas, cadeiras, frisas e camarotes. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

A "Festa do Rubí"/Foi inaugurado, sábado, o certame, e vem decorrendo animadamente. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de junho de 1942. p. 4.

S. [Sibila Odenheimer]. A "avant première" da "Exilada". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

Em nova representação, "A Exilada", no sábado/Festival de Raul Priston. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

Espetáculo de requinte social. *Folha da Manhã – Edição das 16 Horas*. Recife, 18 de junho de 1942. p. 1 e 6.

"A exilada", amanhã, em segunda representação/Festival artístico em Olinda. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

Teatro Leopoldo Machado. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Amadorismo teatral. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Festa artistica de Raul Priston/"A Exilada" novamente em cena, nos primeiros diás de julho. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

A Festa do Rubí/Prenuncia-se muito animada, a noite de hoje. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de junho de 1942. p. 4.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de junho de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

"A Exilada" subirá á cena, mais uma vez, sábado próximo, pelo Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A Propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

N. de H. Teatro Brasileiro/Como se refere "braislidade" ao Teatro de Amadores de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de junho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Alma de Marinheiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de julho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Profissionalismo teatral. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de julho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Hoje, a ultima representação da "A Exilada"/Grupo Gente Nossa. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de julho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

HOLANDA, Nestor de. Amadorismo teatral. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de julho de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Voltará a ser encenada no domingo, "A exilada"/Em benefício da Escola Paroquial de Salgadinho. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de julho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

Vesperal do Teatro de Amadores, no domingo. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de julho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

"A Exilada", em vesperal, no domingo. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de julho de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

A última representação de "A Exilada", amanhã/Conjunto Cênico "Vera-Cruz". *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de agosto de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

Ultima e definitiva representação da "A Exilada" hoje, em vesperal/Grupo Gente Nossa/Honrosa distinção da A. I. P. ao Teatro de Amadores/Alma de Marinheiro/Pelo Teatro do Brasil. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de agosto de 1942. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Festa do Rubí/Será hoje, à noite, o pastoril dos estudantes. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de agosto de 1942. p. 4.

L. T. [Luiz Teixeira]. Escola de Belas Artes de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de agosto de 1942. p. 2.

A Escola de Belas Artes e sua atuação em nosso meio artístico/A exibição, pela primeira vez, do Teatro Escola de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de agosto de 1942. p. 2.

"Deus lhe pague", domingo, no "Santa Isabel". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de agosto de 1942. Notas de Arte. p. 8.

"Quando a Vida Sorrí", hoje, à tarde, no Santa Isabel, em nova representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de setembro de 1942. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 8.

O próximo espetáculo do Teatro de Amadores/Campanha Pró-"Carlos Chagas". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro de Amadores/*Em Marcha, Brasil/Canção da Felicidade*. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de novembro de 1942. p. 2.

"Quando a vida sorrí", domingo, no Santa Isabel/O V aniversário do Estado Novo. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 8.

"Quando a vida sorrí", hoje, no "Santa Isabel"/"Alma de marinheiro", em ensaio, no Sta. Isabel/O espetáculo do Teatro de Amadores, terça-feira/Espetáculo do Teatro Infantil, hoje, em matinal. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro de Amadores/*Canção da Felicidade*. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1942. p. 2.

Espetáculo do Teatro de Amadores, hoje, à noite. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

A 2.ª representação de "Canção da Felicidade". *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

"Canção da Felicidade", em nova representação/Cine Pajeú. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

"Canção da Felicidade", em nova representação/Circo Nerino. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 3.

"Alma de marinheiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 8.

O próximo espetáculo do Teatro de Amadores/Festival de miss Gatis. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 8.

"Alma de Marinheiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

"Alma de Marinheiro"/Última representação de "Canção da Felicidade". *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

Grupo Artístico Pernambucano/Última representação de "Canção da Felicidade". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1942. Notas de Arte. p. 8.

Última representação de "Canção da Felicidade"/"Presépio de 1865". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 2.

"Alma de Marinheiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1942. Telas e Palcos. p. 7.

"Alma de Marinheiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de dezembro de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de dezembro de 1942. Notas de Arte. p. 4.

"Alma de Marinheiro". *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de dezembro de 1942. Telas e Palcos. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de dezembro de 1942. Telas e Palcos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de dezembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1942. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1942. Notas de Arte. p. 8.

Circo Nerino. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de janeiro de 1943. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de janeiro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

Companhia Heros Arruda/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.

Teatro Operário/Circo Garcia. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 14.

Neve ao Sol. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de fevereiro de 1943. Teatro. p. 4.

Teatro de Amadores "Samuel Campelo"/A estréia do Teatro dos Bancários/Centros Educativos Operários. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de fevereiro de 1943. Teatro. p. 6.

Estréia, hoje, o Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

VI Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 26 de fevereiro de 1943. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

Prossegue a sétima Festa da Mocidade/A Noite da Cidade, amanhã, em homenagem ao prefeito Novais Filho. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1943. p. 8.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 27 de fevereiro de 1943. Teatro. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1943. p. 3.

Atividades artísticas da "Tuna Portuguesa". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 6.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1943. p. 2.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1943. Telas e Palcos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 2.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 2.

TEIXEIRA, Luiz. Três personagens encontraram seus intérpretes. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de abril de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de maio de 1943. Teatro. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de maio de 1943. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de junho de 1943. Notas de Arte. p. 8.

Espetáculo de variedades, no "Santa Isabel"/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

Núcleo Teatral Getúlio Vargas. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 8.

Espetáculo de variedades, no "Santa Isabel"/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

Teatro dos Bancarios. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de junho de 1943. Teatro. p. 4.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de junho de 1943. Teatro. p. 12.

Espetáculo da Tuna Portuguesa, hoje. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 12.

Teatro dos Bancários/Núcleo Artístico de São José. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de junho de 1943. Telas e Palcos. p. 3.

MELO, Mário. O Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de junho de 1943. Crônica da Cidade. p. 2.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de agosto de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de agosto de 1943. Notas de Arte. p. 10.

"A Evasão", em novo espetáculo. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1943. Telas e Palcos. p. 2.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de agosto de 1943. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1943. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de setembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de setembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

Senhora de Engenho. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1943. Telas e Palcos. p. 2.

VIANA, Humberto. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de setembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1943. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 5.

O leque de Lady Windermere, em récita de gala/Um "show" caipira no "auditorium" da Fôrça Policial/Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.

Anúncio Festa da Mocidade/Prossegue com pleno êxito a sétima Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1943. p. 12.

BANDEIRA, Manuel. Vestido de Noiva. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1943. Segunda Secção/Vida Literária. p. 4.

TEIXEIRA, Luiz. "Luz e Sombra". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 5.

TEIXEIRA, Luiz. "O Leque de Lady Windermere". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 5.

Prossegue com pleno êxito a sétima Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1943. p. 5.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 4.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 4.

Teatro de Amadores/"Luz e Sombra", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 5.

Teatro de Amadores/"Um Dia no Brasil", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 8.

"O Leque de Lady Windermere", em segunda representação, pelo Teatro de Amadores, terça-feira/"Luz e Sombra", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 14.

A próxima estréia do "Teatro de Guerra", nesta cidade//"Luz e Sombra", em segunda representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Prossegue com pleno êxito a sétima Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1943. p. 3.

"O leque de 'lady' Windermere", pelo Teatro de Amadores, em vesperal, amanhã, no Santa Isabel/Teatro de Guerra. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

"O leque de 'lady' Windermere", pelo Teatro de Amadores, em vesperal, amanhã, no Santa Isabel/Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

"Ritmos e Sons", de 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

O "Teatro de Guerra"/"Um Dia no Brasil"/Teatro de Amadores. Recife, 30 de novembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1943. Notas de Arte. p. 14.

Teatro de Amadores/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

Teatro de Guerra/Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1943. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Teatro de Amadores/Teatro dos Bancários/"Um Dia no Brasil". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de dezembro de 1943. Telas e Palcos. p. 5.

"Teatro de Guerra"/Teatro Educativo Samuel Campelo/"Ritmos e Sons de 1943". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de dezembro de 1943. Telas e Palcos. p. 10.

Anúncio Cinema Moderno. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de dezembro de 1943. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de dezembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Ritmos e Sons de 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de dezembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Império/Centro Educativo de Água Fria/*Presepio de 1888*. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de dezembro de 1943. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de dezembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1943. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1943. Notas de Arte. p. 10.

Na Igreja Batista da Capunga/Outras Festas. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1943. p. 10.

Anúncio Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1943. p. 11.

Retrospecto do Recife Artistico, em 1943. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de janeiro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

G. "Baile dos Artistas". *Diário da Manhã*. Recife, 6 de fevereiro de 1944. 2.ª Secção/Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias/Companhia Barreto Júnior. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de fevereiro de 1944. Teatro. p. 6.

Teatro Operario. *Diário da Manhã*. Recife, 13 de fevereiro de 1944. Teatro. p. 4.

Um velho pardieiro, com o titulo de cinema, afronta o progresso da cidade/Urge uma providência por parte da Prefeitura. *Diário da Manhã*. Recife, 19 de fevereiro de 1944. p. 1.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*O Hospede do Quarto N. 2*/*Pertinho do Céu*. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1944. p. 10.

Uma entrevista de Santa Rosa sobre "Os Comediantes"/O "Serviço Nacional de Teatro" deveria intitular-se "Serviço Carioca de Teatro"/A Cruz Vermelha Pernambucana e o Teatro de Amadores/A arte teatral, em Pernambuco/Representações. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de abril de 1944. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Circo Garcia/*O Martyr do Calvario*/*Paixão de Cristo*. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1944. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*Deus Lhe Pague... Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1944. p. 11.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de abril de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Centros Educativos Operários. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1944. Associações. p. 9.

CAMARGO, Joraci. O Teatro da Criança, na Russia Soviética. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1944. Vida Artistica. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*A Ditadora. Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1944. p. 13.

Em récita de gala, o próximo espetáculo do teatro de amadores/"A comédia do coração" subirá em fins deste mês. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de abril de 1944. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de abril de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Barreto Júnior/*A Flor da Familia/Deus Lhe Pague/Tudo Pelo Amor. Jornal do Commercio*. Recife, 16 de abril de 1944. p. 8.

O Teatro de Amadores e a "A comédia do coração"/Notulas de Arte de Perto... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

OLIVEIRA, Valdemar de. A falta de teatros, no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*O Marido N. 5/A Cigana Me Enganou. Jornal do Commercio*. Recife, 18 de abril de 1944. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de abril de 1944. Notas de Arte. p. 12.

O próximo espetáculo do Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de abril de 1944. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*A Cigana Me Enganou/O Hospede do Quarto N. 2. Jornal do Commercio*. Recife, 19 de abril de 1944. p. 8.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*Canario/O Hospede do Quarto N. 2. Jornal do Commercio*. Recife, 20 de abril de 1944. p. 8.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*A Ditadora/Canario. Jornal do Commercio*. Recife, 21 de abril de 1944. p. 8.

"A comédia do coração", em espetáculo de gala. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de abril de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de abril de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*A Flor da Familia/Deus Lhe Pague. Jornal do Commercio*. Recife, 22 de abril de 1944. p. 8.

Anúncio Boa-Vista/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*Deus Lhe Pague/O Amigo Tobias. Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1944. p. 10.

Um acontecimento artístico, a encenação da "A comédia do coração", pelo Teatro de Amadores/Nótulas de Arte de Perto.../Zygmunt Turkow. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

"A comédia do coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1944. Telas e Palcos. p. 4.

A Campanha do Ginasiano Pobre. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1944. p. 6.

Nótulas de arte de perto. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de abril de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de maio de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Comédia do Coração. Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1944. p. 4.

"A comédia do coração", em récita de gala, hoje no "Santa Isabel", pelo Teatro de Amadores/"Um Mundo Que Desaba". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1944. Notas de Arte. p. 12.

TEIXEIRA, Luiz. A Comédia do Coração. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1944. Notas de Arte. p. 10.

MELO, Mário. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1944. Crônica da Cidade. p. 2.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

A "première" de "Um Mundo Que Desaba". *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 3.

Quinta-feira próxima, em terceira representação, "A Comédia do Coração", pelo Teatro de Amadores/Notulas de Arte/Um "Serviço Carioca de Teatro". *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 6.

A 3.ª representação da "A comédia do coração"/Teatro dos Bancários/"Um Mundo Que Desaba", em première, domingo. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1944. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1944. Notas de Arte. p. 10.

TEIXEIRA, Luiz. Turkow. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de maio de 1944. p. 4.

Anúncio *Um Mundo Que Desaba. Diário da Manhã*. Recife, 13 de maio de 1944. p. 2.

A primeira exibição, amanhã, de Um Mundo Que Desaba – Montagem luxuosa e desfile de vinte artistas. *Diário da Manhã*. Recife, 13 de maio de 1944. Teatro. p. 6.

BORBA JÚNIOR, Hermilo. A comédia do coração. *Diário da Manhã*. Recife, 14 de maio de 1944. 2.ª Secção. p. 1.

Em 4ª representação, domingo 21, à noite, "A Comédia do Coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1944. p. 6.

AUSTRO-COSTA. Em 4ª representação, domingo 21, à noite, "A Comédia do Coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1944. p. 6.

O grande espetáculo de hoje no "Santa Izabel"/Em "premiere" a revista simbolica "Um Mundo Que Desaba". *Diário da Manhã*. Recife, 14 de maio de 1944. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudantes. *Diário da Manhã*. Recife, 16 de maio de 1944. 2.ª Secção/Teatro. p. 2.

Teatro de Amadores/Teatro dos Bancários/"Um Mundo Que Desaba". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 8.

Teatro dos Estudantes/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de maio de 1944. Telas e Palcos. p. 8.

Teatro de Amadores – A Comédia do Coração/Teatro dos Bancários/Teatro dos Estudantes. *Diário da Manhã*. Recife, 20 de maio de 1944. Teatro. p. 6.

AUSTRO-COSTA. Movimento Teatral. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de maio de 1944. p. 2.

Teatro dos Bancários. *Diário da Manhã*. Recife, 25 de maio de 1944. Teatro. p. 4.

TEIXEIRA, Luiz. "A Comédia do Coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1944. p. 2.

Nova represntação de "A comédia do Soração". *Diário da Manhã*. Recife, 26 de maio de 1944. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 27 de maio de 1944. Teatro. p. 4.

Teatro de amadores – A Comedia do Coração. *Diário da Manhã*. Recife, 31 de maio de 1944. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores – "A Comédia do Coração"/Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 2 de junho de 1944. Teatro. p. 5.

Teatro Infantil/Grupo Infantil de Comédias. *Diário da Manhã*. Recife, 3 de junho de 1944. Teatro. p. 2.

Uma festa de irmãos/Como decorreu a homenagem da colônia pernambucana ao T. A. P. *Diário da Manhã*. Recife, 12 de julho de 1944. Teatro. p. 2.

O encerramento da temporada do Teatro de Amadores de Pernambuco/O agradecimento da Fundação Santa Terezinha. *Diário da Manhã*. Recife, 14 de julho de 1944. Teatro. p. 4.

Recife artistico de ontem... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de outubro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

A Festa da Vitória. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1944. p. 6.

Recife artistico de ontem.../Companhia Barreto Junior/Vitorioso, o Teatro Escola do Amazonas. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

A Festa da Vitória. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de outubro de 1944. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1944. Notas de Arte. p. 12.

"Pimpinela" virk ao Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de outubro de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de outubro de 1944. Telas e Palcos. p. 4.

A Festa da Vitória. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de outubro de 1944. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Barreto Júnior e Sua Companhia de Comédias/*As Três Helenas*. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de outubro de 1944. p. 9.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Barreto Júnior e Sua Companhia de Comédias/*A Família Lero-Lero*. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de outubro de 1944. p. 11.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de outubro de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de outubro de 1944. Notícias do Interior – Caruarú. p. 6.

Recife artistico de ontem... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de outubro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/*O Mundo é Uma Bola*. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de outubro de 1944. p. 11.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de outubro de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*Por Causa do Lulú*. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de outubro de 1944. p. 7.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*Por Causa do Lulú*/*A Família Lero-Lero*. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de outubro de 1944. p. 13.

Recife artístico de ontem/Por essa época.../Silvino Neto vem ao Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de outubro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Teatro Santa Isabel/A estréia de Silvino Neto no palco do "Boa Vista". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 3.

Festa da Vitória/Matinée Infantil, hoje, com um programa especial. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de novembro de 1944. p. 2.

HOLANDA, Guerra de. Os "amadores" de Caruarú. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de novembro de 1944. Segunda

Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Boa-Vista/Silvino Neto (Pimpinela). Recife, 7 de novembro de 1944. p. 10.

A Festa da Vitória. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1944. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1944. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1944. Notas de Arte. p. 5.

Teatro Leopoldo Machado. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Barreto Júnior/*A Cigana Me Enganou*. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1944. p. 9.

A Festa da Vitória. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de novembro de 1944. p. 9.

Concurso de romance e teatro operário. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de novembro de 1944. p. 2.

As atividades do Teatro Santa Isabel/Recife artistico de ontem. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Encerra-se, hoje, a Festa da Vitoria. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de novembro de 1944. p. 10.

Concurso de romance e teatro operário. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de novembro de 1944. p. 16 e 9.

Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de novembro de 1944. p. 5.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de novembro de 1944. Teatro. p. 8.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 10.

Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de novembro de 1944. p. 2.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de novembro de 1944. Teatro. p. 10.

Ritimos e Sons de 1944. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1944. p. 16.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 26 de novembro de 1944. Segunda Secção/Cinema-Radio-Teatro. p. 4.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 7.

Companhia Brasileira de teatro musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

"No País do Sonho". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1944. Telas e Palcos. p. 7.

No país do sonho. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de novembro de 1944. Teatro. p. 11.

Anúncio VIII Festa da Mocidade/Moreira da Silva. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1944. p. 10.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de novembro de 1944. Teatro. p. 10.

Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1944. p. 7.

Centros Educativos. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de dezembro de 1944. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1944. Notas de Arte. p. 10.

Recife artístico de ontem/Por estes dias... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de dezembro de 1944. p. 2.

Companhia Brasileira de Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1944. Telas e Palcos. p. 4.

Recife artístico de ontem/Por estes dias.../"Em cada educandário, um grupo dramático É a palavra de ordem de Pascoal Carlos Magno, fundaçor do Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 10 de dezembro de 1944. p. 10.

Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 12 de dezembro de 1944. p. 12.

Festa da Mocidade/Novos artistas para o Teatro de Variedades/A matinée infantil de hoje. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de dezembro de 1944. p. 9.

BORBA FILHO, Hermilo. "À procura do tempo perdido". *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de dezembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Revistas do Teatro Carlos Gomes do Rio/*O Aparício Apareceu*. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de dezembro de 1944. p. 11.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de dezembro de 1944. Notas de Arte. p. 12.

Festa da Mocidade/As comemorações do Natal/Senhas especais/Grande "Matinée" Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1944. p. 6.

Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1944. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de dezembro de 1944. Notas de Arte. p. 12.

Companhia Brasileira de Teatro Musicado. *Folha da Manhã*. Recife, 31 de dezembro de 1944. Teatro. p. 5.

Companhia Brasileira de Teatro Musicado/Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 3 de janeiro de 1945. Teatro. p. 5.

Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de janeiro de 1945. p. 9.

A encenação de "A Comédia do Coração" pelo Teatro de Amadores, em homenagem a Pascoal Carlos Magno/ Companhia Brasileira de Teatro Musicado. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de janeiro de 1945. Teatro. p. 14.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Comédia do Coração*. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de janeiro de 1945. p. 13.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Brasileira de Teatro Musicado/*Vai Ser de Colher/Qué Matá Papai Oião?*. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de janeiro de 1945. p. 10.

NUNES, Mário. Teatro para o operariado. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de janeiro de 1945. Suplemento Ilustrado/Cinema-Radio-Teatro. p. 5 e 7.

Companhia Brasileira de Teatro Musicado. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de janeiro de 1945. Teatro. p. 10.

Companhia Brasileira de Teatro Musicado/Presépio de 1865 em Vitória. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de janeiro de 1945. Teatro. p. 10.

Anúncio Cine Encruzilhada/Companhia de Revistas João Fernandes/*Fóra do Eixo/Qué Matá Papai Oião?*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1945. p. 9.

Um espetáculo carnavalesco do Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de fevereiro de 1945. Teatro. p. 7.

Há, na Paraíba, estimulo para o teatro/Govêrno e povo se entendem, de maneira absoluta, no apôio que se deve aos homens de boa vontade. *Diário da Manhã*. Recife, 11 de fevereiro de 1945. p. 1.

Construção de um novo teatro nesta capital. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de fevereiro de 1945. p. 9.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de fevereiro de 1945. Teatro. p. 4.

Teatro dos Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de fevereiro de 1945. Teatro. p. 14.

Centros Educativos. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de março de 1945. p. 12.

Estréia dos comediantes uruguaios, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de março de 1945. Teatro. p. 9.

Centros Educativos/Teatro em Santo Amaro. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de março de 1945. p. 7.

Hector Cuore e Zelmira Daguerre. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de março de 1945. Teatro. p. 7.

Pernambuco revive os seus grandes dias de exaltação cívica. *Folha da Manhã*. Recife, 27 de março de 1945. p. 1.

Inaugura-se, sábado, a Grande Feira de Atrações/Estréia da Companhia Brasileira de Comédias e Revistas. *Folha da Manhã*. Recife, 27 de março de 1945. p. 2.

O Martir do Calvario, hoje, no palco do Cine-Teatro Olinda do Feitosa. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de abril de 1945. Teatro. p. 5.

Sucessivos êxitos da Grande Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de abril de 1945. p. 8.

Grande Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de abril de 1945. p. 2.

Centros Educativos/Teatro. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de abril de 1945. p. 4.

Círculo Operário do Recife. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de abril de 1945. p. 6.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Gota Dágua/Interior/Capricho*. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de abril de 1945. p. 2.

Teatro de Amadores/Repete-se, hoje, no Santa Izabel, o magnífico espetáculo de ontem á noite. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de abril de 1945. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5

Completo êxito a estreia de Arí Guimarães, na Grande Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 29 de abril de 1945. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de abril de 1945. Notas de Arte. p. 14.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de maio de 1945. Notas de Arte. p. 4.

TEIXEIRA, Luiz. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de maio de 1945. Notas de Arte. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de maio de 1945. Telas e Palcos. p. 12.

O momento teatral, do Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1945. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5

Anúncio Teatro de Amadores/*A Gota Dágua/Interior/Capricho*. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de maio de 1945. p. 2.

Companhia Barreto Júnior. *Jornal Pequeno*. Recife, 11 de maio de 1945. p. 6.

O Teatro de Amadores, a Sociedade Pro-Musica e a "Cultura Musical" festejam a data da vitoria/"Capricho", "Interior" e "A Gota Dágua" ontem, em homenagem á vitória. Recife, 13 de maio de 1945. Segunda Secção/Vida Artistica. p. 5

BORBA FILHO, Hermilo. Três Peças de Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de maio de 1945. Segunda Secção/ Vida Artistica. p. 5.

Teatro de Amadores, única vesperal, no domingo. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de maio de 1945. p. 2.

Negligência e cumplicidade da policia com os assassinos de Demócrito e de Elias/"Palavras que se lêem na conclusão do relatório do presidente do inquérito". *Jornal Pequeno*. Recife, 1 de julho de 1945. p. 1.

Negligência e cumplicidade da polícia com os assassinos de Demócrito e de Elias. *Jornal Pequeno*. Recife, 2 de julho de 1945. p. 1.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Iracema de Alencar e Sua Cia. de Comedias/*A Mulher Que Veio de Londres*. *Jornal Pequeno*. Recife, 5 de julho de 1945. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de julho de 1945. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Iracema de Alencar e Sua Cia./ *Berenice*. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de julho de 1945. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Iracema de Alencar e Sua Cia. de Comedias/*Das Cinco às Sete*. *Jornal Pequeno*. Recife, 2 de agosto de 1945. p. 2.

Anúncio Boa Vista/Curtel/*Uma Hora No País dos Mistérios*. *Jornal Pequeno*. Recife, 6 de agosto de 1945. p. 2.

Companhia Barreto Junior. *Jornal Pequeno*. Recife, 7 de agosto de 1945. Teatro. p. 3.

Companhia de Comédias Barreto Júnior. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Ideal/Curtel/*Uma Noite Com o Diabo*. *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de agosto de 1945. p. 2.

"O Homem Que Não Viveu", pelos "Amadores". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Anúncio Teatro de Amadores/*O Homem Que Não Viveu* (*Jazz*). *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de agosto de 1945. p. 4.

A estréia de hoje, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 10.

Reentra, hoje, o Teatro de Amadores. *Jornal Pequeno*. Recife, 11 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 3.

Vesperal infantil e juvenil. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de agosto de 1945. p. 5.

2.ª representação, hoje, de "O Homem Que Não Viveu". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 5.

Companhia de Comedias Barreto Junior/Monsieur Curtel, novamente, no palco do Ideal. *Jornal Pequeno*. Recife, 14 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Sansão*. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1945. p. 9.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Barreto Júnior/*Sansão*. *Jornal Pequeno*. Recife, 16 de agosto de 1945. p. 2.

Sansão será o cartaz de estréia da Companhia de Comédias Barreto Junior. *Jornal Pequeno*. Recife, 16 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Festival de arte. *Jornal Pequeno*. Recife, 17 de agosto de 1945. p. 2.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

A estreia, hoje, da Companhia de Comédias Barreto Junior. *Jornal Pequeno*. Recife, 18 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 3.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/Circo Alegria. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

C. L. Companhia Barreto Junior. *Jornal Pequeno*. Recife, 20 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

"Sindicato dos Mendigos"/Amanhã, em "prmiére" no Teatro Santa Isabsl. *Jornal Pequeno*. Recife, 20 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de agosto de 1945. p. 3.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/Teatro de Amadores. *Jornal Pequeno*. Recife, 21 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 10.

C. L. Sem título. *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Companhia de Comedias Barreto Junior/Santa Isabel. *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Companhia de Comedias Barreto Junior/Alcançou, ontem, outro grande sucesso, no Teatro Santa Isabel, a comédia "Sindicato dos Mendigos"/4 a respresentação de "O homem que não viveu", pelos "Amadores"/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 23 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 6.

Anúncio Teatro de Amadores/*O Homem Que Não Viveu* (*Jazz*). *Jornal Pequeno*. Recife, 24 de agosto de 1945. p. 2.

C. L. Sem título. *Jornal Pequeno*. Recife, 24 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/Última representação, no "Santa Isabel", de "Sindicato dos Mendigos"/Amanhã, a "premiere" da comédia Tudo Pelo Amor. *Jornal Pequeno*. Recife, 24 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 2.

Companhia de Comédias "Barreto Júnior". *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 6.

Tudo Pelo Amor em "premiere", no Santa Isabel/O maior cartaz da Companhia de Comédias Barreto Júnior. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 3.

IX Festa da Mocidade. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de agosto de 1945. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 10.

Companhia de Comédias "Barreto Júnior"/Circo Alegria. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*O Sindicato dos Mendigos*/*Tudo Pelo Amor*. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de agosto de 1945. p. 11.

Hoje não haverá espetáculo no Santa Isabel, da Companhia de Comédias Barreto Júnior/Amanhã, "A mulher que passa...". *Jornal Pequeno*. Recife, 27 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 4.

L. T. [Luiz Teixeira]. O Homem Que Não Viveu. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Companhia de Comédias "Barreto Júnior". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de agosto de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Teatro Santa Isabel/Ainda no cartaz "A Mulher Que Passa...". *Jornal Pequeno*. Recife, 29 de agosto de 1945. Teatros e Cinemas. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de agosto de 1945. Notas de Arte. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de setembro de 1945. Notas de Arte. p. 10.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de setembro de 1945. p. 8.

Teatro dos Bancarios. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

"A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de setembro de 1945. Telas e Palcos. p. 5.

Conjunto Amadorista do Clube "Almirante Barroso"/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1945. Notas de Arte. p. 11.

"A Dama da Madrugada", pelo Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*, Recife, 23 de setembro de 1945. Telas e Palcos. p. 16.

"A Dama da Madrugada", pelo Teatro de Amadores/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 de setembro de 1945. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Dama da Madrugada*. *Jornal do Commercio*, Recife, 28 de setembro de 1945. p. 2.

"A Dama da Madrugada"/Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 4.

Estréia, hoje, da "A dama da Madrugada"/Teatro dos Bancários/Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 6.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de outubro de 1945. p. 3.

Em 2.ª récita, hoje, "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 8.

TEIXEIRA, Luiz. "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 4.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1945. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 10.

TEIXEIRA, Luiz. "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 10.

VAREJÃO, Lucillo. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 2.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Dama da Madrugada*. *Jornal do Commercio*, Recife, 12 de outubro de 1945. p. 4.

MELO, Mário. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*, Recife, 14 de outubro de 1945. Crônica da Cidade. p. 2.

4.ª representação da "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 5.

AUSTRO-COSTA. "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de outubro de 1945. p. 7.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 12.

Repetição, amanhã, da "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 12.

Anúncio *A Dama da Madrugada*. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de outubro de 1945. p. 4.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de outubro de 1945. p. 4.

Hoje, em homenagem a Marinha, "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 4.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1945. p. 4.

"A Dama da Madrugada", domingo, em vesperal. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de outubro de 1945. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Cleópatra e Sua Companhia/*A Mulher Demônio*. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de outubro de 1945. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de outubro de 1945. Notas de Arte. p. 4.

Experiências com o Raio da Invisibilidade. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de novembro de 1945. p. 9.

Cleópatra, desde ontem, no Recife. *Folha da Manhã*. Recife, 2 de novembro de 1945. Teatro. p. 4.

Última exibição das "Dorian Sisters". *Folha da Manhã*. Recife, 4 de novembro de 1945. p. 5.

Amparo ao Teatro Pernambucano. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de novembro de 1945. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Cleópatra, a Mulher Demônio e Sua Companhia. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de novembro de 1945. p. 10.

"A Dama da Madrugada" em 7.ª representação. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de novembro de 1945. Teatro. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 10.

"A Dama da Madrugada", em 7.ª representação. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Dama da Madrugada*. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de novembro de 1945. p. 2.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Dama da Madrugada*. *Folha da Manhã*. Recife, 13 de novembro de 1945. p. 2.

Formidáveis trabalhos de ilusionismo. *Folha da Manhã*. Recife, 13 de novembro de 1945. p. 5.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Dama da Madrugada*. *Folha da Manhã*. Recife, 15 de novembro de 1945. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 5.

PINTO, Otávio. "A Dama da Madrugada". *Folha da Manhã*. Recife, 18 de novembro de 1945. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 7.

"A Dama da Madrugada" em 8.ª representação. *Folha da Manhã*. Recife, 22 de novembro de 1945. Teatro. p. 5.

Anúncio *A Dama da Madrugada*. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1945. p. 2.

Teatro Operário do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de novembro de 1945. p. 2.

Teatro da Penha. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1945. Telas e Palcos. p. 10.

Grande espetáculo, hoje, na Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1945. p. 2.

A "Dama da Madrugada" em ultimo "sáráu" pelo "Teatro de Amadores". *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1945. Suplemento Ilustrado/Cinema-Teatro-Radio. p. 5.

Programa de palco e tela no "Cinema Boa Vista", amanhã. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1945. Segunda Secção/Cinematografia. p. 6.

8.ª récita da "A Dama da Madrugada". *Folha da Manhã*. Recife, 25 de novembro de 1945. Teatro. p. 13.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1945. p. 13.

A Ditadora no Cine Olinda. *Folha da Manhã*. Recife, 27 de novembro de 1945. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 3.

Último sarau da "A Dama da Madrugada". *Folha da Manhã*. Recife, 29 de novembro de 1945. Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1945. Notas de Arte. p. 12.

Em 9.ª récita, "A Dama da Madrugada". *Folha da Manhã*. Recife, 5 de dezembro de 1945. Teatro. p. 4.

Continua instalada no Parque 13 de Maio a Nona Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de dezembro de 1945. p. 5.

"A Dama da Madrugada"/Companhia Alma Flora. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de dezembro de 1945. Suplemento Ilustrado/Cinema-Teatro-Radio. p. 3.

Ultima representação da "A Dama da Madrugada"/Companhia Alma Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de dezembro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Anúncio *A Dama da Madrugada*. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1945. p. 4.

Hoje, última representação da "A Dama da Madrugada". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1945. Telas e Palcos. p. 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Serão Homens Amanhã... Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1945. p. 11.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1945. p. 3.

M. Teatro Santa Isabel/Companhia Alma Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1945. Telas e Palcos. p. 12.

Lançamento do Teatro do Estudante, em 1946. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1946. p. 3.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Gente Honesta*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de janeiro de 1946. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Gente Honesta /Um Beijo Na Face*. *Jornal Pequeno*. Recife, 2 de janeiro de 1946. p. 2.

Elpídio Câmara e Lourdes Monteiro na Companhia Alma Flora. *Jornal Pequeno*. Recife, 5 de janeiro de 1946. Teatro. p. 2.

Companhia Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de janeiro de 1946. Teatro. p. 2.

"Vila Rica", amanhã, pela Cia. Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

"Vila Rica", hoje, pela Companhia Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

Alma Flora e elementos de sua Cia. visitaram o tumulo de Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

"Vila Rica", pela Companhia de Comedias Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

Hoje, em vesperal e a' noite, "Vila Rica", pela Companhia Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal Pequeno*. Recife, 16 de janeiro de 1946. p. 2.

Hoje, ultima representação de "Vila Rica", pela Companhia Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

"O Pai Que Eu Inventei", hoje, em primeira, pela Cia. Alma Flora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de janeiro de 1946. Teatro. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*O Pai Que Eu Inventei*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de janeiro de 1946. p. 6.

Cinco estréias, hoje, na Festa da Mocidade/Temporada carnavalesca, em fevereiro próximo. *Jornal Pequeno*. Recife, 23 de janeiro de 1946. p. 2.

Hoje, no "Santa Isabel" a comedia "Gente Honesta". *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

Hoje, no Santa Isabel, "Serão Homens Amanhã", em festa artistica de Milton Carneiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de janeiro de 1946. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de janeiro de 1946. Notas de Arte. p. 12.

No bar do Teatro Santa Isabel/Hoje, festa artística da atriz Solange França, da Companhia Alma Flora/Iracema de Alencar e Sua Companhia/Quinta-feira próxima a sua estréia no Santa Isabel. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de janeiro de 1946. Teatro. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de janeiro de 1946. Notas de Arte. p. 12.

O próximo cartaz de Iracema de Alencar. *Jornal Pequeno*. Recife, 2 de fevereiro de 1946. Teatro. p. 2.

Descanso semanal/Amanhã, "Veneno de Cobra"/Uma peça de Pernambuco/Aguarda Jaime Costa a sátira Marmiteiros. *Jornal Pequeno*. Recife, 4 de fevereiro de 1946. Teatro. p. 3.

O Teatro Santa Isabel foi lavado terça-feira/Homenagem clandestina. *Jornal Pequeno*. Recife, 4 de fevereiro de 1946. A Mão do Finado. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Iracema de Alencar e Sua Cia. de Comédias/*Veneno de Cobra*. *Jornal Pequeno*. Recife, 6 de fevereiro de 1946. p. 2.

Hoje, "Blusa de Chita", de Edgar Proença, no Santa Isabel. *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de fevereiro de 1946. Teatro. p. 2.

Ultimos dias da Festa da Mocidade/Despedem-se do Recife as "Dorian Sisters". *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de fevereiro de 1946. p. 2.

L. T. "Casanova", em homenagem a Gilberto Freyre. *Jornal Pequeno*. Recife, 20 de fevereiro de 1946. Teatro. p. 3.

X. "Casanova", sábado, no Santa Isabel/Em homenágem ao escritor Gilberto Freyre/O Festival de ontem de Maria Amorim. *Jornal Pequeno*. Recife, 21 de fevereiro de 1946. Teatro. p. 3.

Gilberto Freyre homenageado/O espetáculo de sábado, no Santa Isabel, com a comédia "Casanova". *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de fevereiro de 1946. p. 6 e 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de fevereiro de 1946. Notas de Arte. p. 14.

"Melpomene Pernambucana". *Folha da Manhã*. Recife, 8 de março de 1946. Teatro. p. 4.

Abertura da feira de atrações no Parque 13 de Maio. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de março de 1946. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 19 de março de 1946. Teatro. p. 2.

Grande "Matinée" Infantil, hoje, na Feira de Atrações. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de março de 1946. p. 6.

Teatro de Amadores/Melpomene Pernambucana. *Folha da Manhã*. Recife, 2 de abril de 1946. Teatro. p. 9.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

"Um Dia de Outubro" pelo Teatro de Amadores/"Cock-Tail" oferecido á imprensa. *Folha da Manhã*. Recife, 3 de abril de 1946. Teatro. p. 7.

Amanhã, o 5.º aniversário do Teatro de Amadores/Uma Obra Artística e Social de grande Relevância. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de abril de 1946. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de abril de 1946. Notas de Arte. p. 11.

Anúncio Teatro de Amadores/*Um Dia de Outubro*. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1946. p. 2.

Reentra, hoje, o Teatro de Amadores/5.o aniversário de sua fundação/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal Pequeno*. Recife, 4 de abril de 1946. Teatro. p. 2.

Anúncio Teatro de Amadores/*Um Dia de Outubro*. *Jornal Pequeno*. Recife, 4 de abril de 1946. p. 2.

5.º aniversário do Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de abril de 1946. Teatro. p. 2.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de abril de 1946. Teatro. p. 11.

Reentra, hoje, o Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1946. Notas de Arte. p. 12.

"Um Dia de Outubro", pelo Teatro de Amadores/Homenagem ao Teatro de Amadores/Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 6.

Voltará a funcionar, amanhã, a "Feira de Atrações". *Folha da Manhã*. Recife, 5 de abril de 1946. p. 6.

5.º aniversário do Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de abril de 1946. p. 12.

100.º espetáculo do Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1946. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de abril de 1946. Notas de Arte. p. 5.

Vai haver teatro para o povo/Renovação artística e cultural em palcos ambulantes/O'Neill para analfabetos/Impressões da reportagem do Jornal Pequeno. *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de abril de 1946. p. 6 e 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Chang/*Uma Viagem ao Inferno*. *Jornal Pequeno*. Recife, 12 de abril de 1946. p. 2.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal Pequeno*. Recife, 12 de abril de 1946. p. 4.

Teatro do Estudante/Chang estreia, hoje, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de abril de 1946. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudantes/Estréia, amanhã, no salão de leitura da Faculdade de Direito. *Folha da Manhã*. Recife, 12 de abril de 1946. p. 6.

Hoje, na Feira de Atrações/Dois novos elementos no Teatro. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de abril de 1946. p. 2.

X. Teatro/Chang/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de abril de 1946. p. 2.

Teatro do Estudante/ Chang, no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de abril de 1946. Teatro. p. 5.

"Avant-premiére" do Teatro do Estudante/Duas peças serão encenadas, hoje, na Faculdade de Direito: "Um Segredo", de Ramon Sender e "O Urso" de Tchekov. *Jornal Pequeno*. Recife, 13 de abril de 1946. p. 6 e 5.

Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

J. Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

Centro Educativo de Campo Grande. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de abril de 1946. p. 2.

Três espetáculos de Chang hoje, no Santa Isabel. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de abril de 1946. Teatro. p. 11.

Teatro do Estudante. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de abril de 1946. p. 1 e 5.

Chang no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de abril de 1946. Teatro. p. 6.

Chang, no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de abril de 1946. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de abril de 1946. Notas de Arte. p. 10.

Chang continua aplaudido, mesmo sem as escamoteações do bilheteiro/Últimas representações de "Uma Viagem ao Inferno". *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de abril de 1946. p. 2.

RIOS, Airon. Teatro de Estudantes. *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de abril de 1946. p. 3.

Ilusionista Chang. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de abril de 1946. Teatro. p. 6.

Serviço Social Contra o Mocambo/Teatro no Cordeiro – Reunião do Conselho na segunda-feira. *Folha da Manhã*. Recife, 10 de maio de 1946. p. 2.

Companhia Teatral de Comédias Déa-Cazarré. *Folha da Manhã*. Recife, 10 de maio de 1946. Teatro. p. 4.

Centro Educativo do Cordeiro/Exibição, hoje, do "Teatro do Estudante" – Convidado de honra o interventor Jose' Domingues. *Folha da Manhã*. Recife, 12 de maio de 1946. p. 2.

Luiz Maranhão e o Rádio-Teatro em Pernambuco. *Folha da Manhã*. Recife, 12 de maio de 1946. Cinema-Teatro-Radio. p. 8.

Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 15 de maio de 1946. Teatro. p. 2.

O "Grupo Infantil de Comédias" comemora, hoje, o 5.º aniversário. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1946. p. 8 e 10.

Maridinho de Luxo/Chuvas de Verão. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de junho de 1946. Teatro. p. 4.

Mais um espetaculo do Teatro do Estudante. *Jornal Pequeno*. Recife, 8 de junho de 1946. Artes. p. 2.

BELTRÃO, Luiz. Teatro para o povo. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de junho de 1946. Literatura. p. 7.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de junho de 1946. Teatro. p. 8.

Encerra-se, hoje, a primeira temporada do Teatro do Estudante/"Um Segredo" e "O Urso", em Largo da Paz/ Algumas noticias sôbre a vida do conjunto. *Jornal Pequeno*. Recife, 12 de junho de 1946. p. 6 e 4.

Teatro do Estudante/Ultimas representações do "Segredo" e do "Urso". *Folha da Manhã*. Recife, 12 de junho de 1946. Teatro. p. 9.

Anúncio Teatro de Amadores/Última Edição do Diabo. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de junho de 1946. p. 4.

Festival no Salão Pio X, em Olinda. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de junho de 1946. Teatro. p. 11.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de junho de 1946. Teatro. p. 4.

Interessantes festas joaninas na "Feira de Atrações". *Folha da Manhã*. Recife, 18 de junho de 1946. p. 5.

Teatro de Amadores/Amanhã a primeira representação de "Última Edição do Diabo". *Folha da Manhã*. Recife, 19 de junho de 1946. p. 5.

Anúncio Teatro de Amadores/Última Edição do Diabo. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de junho de 1946. p. 2.

Primeira representação de "Última Edição do Diabo", pelo "Teatro de Amadores". *Folha da Manhã*. Recife, 20 de junho de 1946. p. 5.

Animado show no Teatro da "Feira de Atrações". *Folha da Manhã*. Recife, 21 de junho de 1946. p. 2.

TEIXEIRA, Luiz. "Última Edição do Diabo". *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1946. Notas de Arte. p. 10.

2.ª representação da "Ultima Edição do Diabo". *Folha da Manhã*. Recife, 22 de junho de 1946. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1946. Notas de Arte. p. 10.

Atitude extranhavel da direção do Santa Isabel. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de junho de 1946. Teatro. p. 3.

"Ultima Edição do Diabo". *Folha da Manhã*. Recife, 25 de junho de 1946. Teatro. p. 4.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 26 de junho de 1946. p. 13.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 28 de junho de 1946. p. 13.

Anúncio Boa-Vista/Chang/*Flores do Pó*. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de junho de 1946. p. 10.

Teatro de Amadores/5ª representação da peça de Casona. *Folha da Manhã*. Recife, 2 de junho de 1946. p. 8.

Anúncio Boa-Vista/Chang. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de julho de 1946. p. 8.

Anúncio Teatro de Amadores/Última Edição do Diabo. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de julho de 1946. p. 9.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de julho de 1946. p. 2.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 3.

BORBA FILHO, Hermildo. **Última Edição do Diabo.** *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de julho de 1946. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de julho de 1946. Notas de Arte. p. 10.

Teatro de Amadores/"Ultima Edição do Diabo". *Folha da Manhã*. Recife, 7 de julho de 1946. p. 9.

O preço de um copo dágua. *Folha da Manhã*. Recife, 13 de julho de 1946. Teatro. p. 2.

"Tarzan e Sua Companheira" na "Feira de Atrações". *Folha da Manhã*. Recife, 13 de julho de 1946. p. 2.

"Filhos de Ningues" – Cartaz de Estréia da Companhia Alma Flora. *Folha da Manhã*. Recife, 14 de julho de 1946. Teatro. p. 2.

Teatro de Amadores/6ª récita de "Última Edição do Diabo". *Folha da Manhã*. Recife, 14 de julho de 1946. p. 8.

Teatro. *Folha da Manhã*. Recife, 16 de julho de 1946. p. 4.

"Os Dez Mandamentos" pelo Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 18 de julho de 1946. Teatro. p. 4.

"Show" Artistico no Cine Casa Forte/Companhia Alma Flora – Salu Carvalho/Estreia com "Filhos de Ninguem"/ Peças ineditas. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de julho de 1946. Teatro. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Filhos de Ninguém*. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de julho de 1946. p. 5.

Companhia Alma Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Filhos de Ninguém*. *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de julho de 1946. p. 2.

Festival da "Melpomene Pernambucana". *Jornal Pequeno*. Recife, 23 de julho de 1946. Teatro. p. 2.

Sol da Primavera. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de julho de 1946. Teatro. p. 9.

Chegara', hoje, a Companhia Alma Flora-Salu Carvalho/ Melpomene Pernambucana. *Folha da Manhã*. Recife, 25 de julho de 1946. Teatro. p. 4.

Somente amanhã estreiará, no Santa Isabel, a Companhia Alma Flora. *Jornal Pequeno*. Recife, 25 de julho de 1946. p. 6.

Melpomene Pernambucana. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 8.

Companhia Alma Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédia Alma Flora/*Filhos de Ninguém*. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de julho de 1946. p. 9.

Companhia Alma Flora. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

M. Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de julho de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

Limitadas as lotações do Teatro Santa Isabel/Portaria nêsse sentido do govêrno municipal. *Jornal Pequeno*. Recife, 1 de agosto de 1946. p. 3.

"Ser Ou Não Ser", no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de agosto de 1946. Teatro. p. 6.

"O Ultimo Lord", hoje no Sta. Isabel, pela Companhia de Comedia Alma Flora/Déa-Cazarre' e Sua Companhia de Comedias no Teatro Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1946. Teatro. p. 6.

"O Ultimo Lord", hoje, em vesperal e a' noite, no Santa Isabel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de agosto de 1946. Teatro. p. 5.

"Quero Ser Feliz" o novo cartaz da Companhia de Comedia Alma Flora hoje no Santa Isabel/Companhia de Comedias Déa-Cazarre' , no Teatro Santa Isabel, no proximo dia 15. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de agosto de 1946. Teatro. p. 6.

Festa das Rosas. *Folha da Manhã*. Recife, 7 de agosto de 1946. p. 2.

Em Pernambuco/Companhia Alma Flora/Déa-Cazarré/Festival artistico. *Jornal Pequeno*. Recife, 8 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

X. Elpidio Camara. *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

"Neto de Deus"/Déa-Cazarré. *Jornal Pequeno*. Recife, 9 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

Comissão de Censura das Casas de Diversões Públicas. *Folha da Manhã*. Recife, 9 de agosto de 1946. p. 2.

MENDONÇA, Waldemar. Grupo Infantil de Comédias. *Jornal Pequeno*. Recife, 10 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

Estréia/Cia. Alma Flora/Rádio-Teatro/Curiosidades/Simões Coelho/Centro Cultural Israelita/"A Divina Labareda". *Jornal Pequeno*. Recife, 14 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

Grêmio Dramatico do Sancho. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de agosto de 1946. Teatro. p. 8.

"A Mulher do Seu Adolfo"/Circo/Amadores em cena. *Jornal Pequeno*. Recife, 22 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

Teatro. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de agosto de 1946. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de agosto de 1946. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Déa-Cazarré e Sua Companhia de Comédia/*A Mulher do Seu Adolfo*. *Jornal Pequeno*. Recife, 27 de agosto de 1946. p. 2.

X. O teatro ligeiro e o teatro pesado. *Jornal Pequeno*. Recife, 29 de agosto de 1946. Teatro – Musica e Cinema. p. 2.

"Companhia Brasileira de Comédias "Barreto Júnior". *Folha da Manhã*. Recife, 29 de setembro de 1946. Cinema-Teatro-Radio. p. 9.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 12.

Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 6 de outubro de 1946. p. 7.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1946. Notas de Arte. p. 4.

Parada das Estações/Revista Infantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de outubro de 1946. Notas de Arte. p. 5.

Anúncio Circo Teatro Sá/*Um Erro Judiciário*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1946. p. 2.

Companhia Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de outubro de 1946. Teatro. p. 6

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*O Grande Marido*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de outubro de 1946. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*O Grande Marido*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1946. p. 11.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 10.

Anúncio Circo Teatro Sá/*Biriba a Procura de Casamento*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de outubro de 1946. p. 9.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*O Grande Marido*. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de outubro de 1946. p. 11.

Companhia Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1946. Teatro. p. 6

Grupo Artistas Unidos. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 4.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de outubro de 1946. Telas e Palcos. p. 4.

No Mundo das Artes. *Diario da Manhã*. Recife, 30 de outubro de 1946. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Barreto Júnior e Sua Companhia de Comédias/*A Mulher Sem Pecado*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de outubro de 1946. p. 9.

Anúncio Circo Teatro Sá/*Santa*. *Diario da Manhã*. Recife, 3 de novembro de 1946. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*A Mulher Sem Pecado*/*O Diabo Enlouqueceu*... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de novembro de 1946. p. 8.

Anúncio Circo Teatro Sá/*O Interventor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1946. p. 11.

Anúncio Circo Teatro Sá/*O Interventor*. *Diario da Manhã*. Recife, 14 de novembro de 1946. p. 4.

Anúncio Encruzilhada/Companhia Nacional de Comédias/ *Compra-se Um Marido*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1946. p. 9.

Anúncio Encruzilhada/Companhia Nacional de Comédias/ *Compra-se Um Marido*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1946. p. 13.

LIMA, Vanildo de Andrade. São honestos os propositos da U. B. C. *Diario da Manhã*. Recife, 28 de dezembro de 1946. p. 2.

Teatro Infantil de Olinda. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1947. Notícias de Olinda. p. 5.

X Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de janeiro de 1947. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Déa-Cazarré/*A Idade do Amor*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1947. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Déa-Cazarré/*A Idade do Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de janeiro de 1947. p. 8.

X Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de janeiro de 1947. p. 8.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de janeiro de 1947. Telas e Palcos. p. 8.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de janeiro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de janeiro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Razões de um fracasso. *Diario da Noite*. Recife, 28 de janeiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

GONÇALVES, Jaques. Garcia Lorca pela primeira vez no Norte do Brasil. *Diário* da Manhã. Recife, 29 de janeiro de 1947. p. 2.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de janeiro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro de Estudantes/O Teatro de Amadores em Maceió. *Diario da Noite*. Recife, 31 de janeiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro do Estudante de Pernambuco/Hoje, no palco do Derbi "A Sapateira Prodigiosa"/Garcia Lorca, pela primeira vez no Norte/Espetaculos gratuitos. *Diário* da Manhã. Recife, 31 de janeiro de 1947. No Mundo das Artes. p. 5.

VAL. Teatro. *Diário* da Manhã. Recife, 31 de janeiro de 1947. No Mundo das Artes. p. 5.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de janeiro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro do Estudante. *Diario da Noite*. Recife, 1 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Novo sucesso da Troupe Pan-Yan-Chuin. *Folha da Manhã*. Recife, 1 de fevereiro de 1947. p. 7.

L. L. Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de fevereiro de 1947. p. 5.

J. G. Ainda sobre "A Sapateira Prodigiosa". *Diario da Manhã*. Recife, 4 de fevereiro de 1947. No Mundo das Artes/ Teatro. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A indiferença dos mestres. *Diario da Noite*. Recife, 5 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de fevereiro de 1947. Teatro. p. 6.

O Teatro do Estudante volta com Garcia Lorca/Grupo Cênico Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de fevereiro de 1947. Teatro. p. 7.

"Amanhã o festival do Grupo Cênico Samuel Campelo". *Folha da Manhã*. Recife, 7 de fevereiro de 1947. Teatro. p. 4.

Encerramento da Festa da Mocidade, hoje, com um programa gigante. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de fevereiro de 1947. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Os Estudantes e "Gonzaga". *Diario da Noite*. Recife, 11 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Cinema da Polícia Militar/Teatro do Estudante/Festival da Troupe Pan-Jan-Chuin. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de fevereiro de 1947. Telas e Palcos. p. 6.

Os Estudantes e "Gonzaga"/Nota oficinal do Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1947. p. 4.

Um repertório interessante. *Diario da Noite*. Recife, 13 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Hoje, a's 20 e meia horas, o Teatro do Estudante encenara' "A Sapateira Prodigiosa de Garcia Lorca, na Escola Tecnica do Derbi, gratuitamente/"Os Estudantes e "Gonzaga" – (Nota oficial do Teatro do Estudante). *Diário da Manhã*. Recife, 13 de fevereiro de 1947. No Mundo das Artes/Teatro. p. 5.

Iracema de Alencar. *Diario da Noite*. Recife, 14 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Festival de Poliana. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de fevereiro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de fevereiro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Companhia Iracema de Alencar. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de fevereiro de 1947. Telas e Palcos. p. 10.

Abre-se a temporada teatral. *Diario da Noite*. Recife, 21 de fevereiro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Estréia da Companhia Iracema de Alencar-Rodolfo Arena. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de fevereiro de 1947. Teatro. p. 9.

Teatro do Estudante/Companhia Iracema de Alencar-Rodolfo Arena. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de fevereiro de 1947. Telas e Palcos. p. 4.

A 28 deste mes, a estreia de Renato Viana no Recife. *Diário da Manhã*. Recife, 4 de março de 1947. No Mundo das Artes. p. 5.

Val. Teatro. *Diário da Manhã*. Recife, 8 de março de 1947. No Mundo das Artes. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Iracema de Alencar-Rodolfo Arena/À *Sombra dos Laranjais*. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de março de 1947. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comédias Iracema de Alencar-Rodolfo Arena/*Dona e Senhora*/*Luz de Gás*. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de março de 1947. p. 6.

O Teatro do Estudante em Areias. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1947. Telas e Palcos. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de março de 1947. Notas de Arte. p. 12.

HOLANDA, Guerra de. O povo julga o Teatro do Estudante. *Diário da Manhã*. Recife, 19 de março de 1947. No Mundo das Artes. p. 2.

De Renato Viana à platea recifense/Cia. Iracema de Alencar Rodolfo Arena. *Diário da Manhã*. Recife, 19 de março de 1947. Teatro. p. 2.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de março de 1947. Telas e Palcos. p. 4.

Pauta do Santa Isabel/A novidade do dia. *Diario da Noite*. Recife, 21 de março de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Renato Viana e o seu teatro. *Diário da Manhã*. Recife, 27 de março de 1947. No Mundo das Artes/Teatro. p. 2.

Grupo Infantil de Comedias. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1947. De Olinda. p. 5.

Os "Amadores" aniversariam! *Diario da Noite*. Recife, 7 de abril de 1947. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de abril de 1947. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1947. Notas de Arte. p. 10.

M. Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de abril de 1947. Telas e Palcos. p. 10.

GONÇALVES, Jaques. A proposito do Teatro de Estudantes. *Diário da Manhã*. Recife, 6 de abril de 1947. p. 3.

Os "Amadores" aniversariam! *Diario da Noite*. Recife, 7 de abril de 1947. p. 4.

S. [Sibila Odenheimer]. Uma temporada de critica. *Diário da Manhã*. Recife, 16 de abril de 1947. Teatro/Cinema/Radio. p. 6.

GONÇALVES, Jaques. A influencia do palhaço de circo no teatro brasileiro. *Diário da Manhã*. Recife, 16 de abril de 1947. Teatro/Cinema/Radio. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1947. Notas de Arte. p. 5.

PONTES, Joel. Ibsen, pelo Teatro Anchieta. *Diario da Manhã*. Recife, 27 de abril de 1947. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro de Bonecos. *Diario da Noite*. Recife, 29 de abril de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

"Pense Alto – Hoje no "Santa Isabel". *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Pense Alto. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Anúncio Renato Vianna e Seu Teatro Anchieta/*Pense Alto*. *Diario da Noite*. Recife, 8 de maio de 1947. p. 4.

IGLEZIAS, Luiz. Um homem de teatro. *Diario da Noite*. Recife, 8 de maio de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Crime e Castigo/Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Novo chefe do Serviço de Teatro da Prefeitura do Distrito/Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de maio de 1947. De Olinda. p. 5.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

Festival em benefício da Escola Anchieta da Paróquia de São José. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1947. p. 3.

Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1947. p. 6.

Anúncio Renato Vianna e Seu Teatro Anchieta/*Sexo*. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1947. p. 10.

Teatro Anchieta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de maio de 1947. Teatro. p. 6.

"Divino Perfume" no Salão Pio X – Em cena os amadores da Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de maio de 1947. De Olinda. p. 5.

Festival. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de junho de 1947. Telas e Palcos. p. 4.

Festival no Cine-Elite. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de junho de 1947. Telas e Palcos. p. 10.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1947. Notas de Arte. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*Tinha de Acontecer... Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1947. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Reentrada. *Diário da Noite*. Recife, 17 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

Teatro de Amadores. *Diário da Noite*. Recife, 18 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

Os "Amadores" outra vez, no Santa Isabel. *Diário da Noite*. Recife, 18 de junho de 1947. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*Tinha de Acontecer... Diário da Noite*. Recife, 18 de junho de 1947. p. 4.

Grupo Infantil de Comédias/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de junho de 1947. Telas e Palcos. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. Soberania da Arte. *Diário da Noite*. Recife, 19 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

A novidade do dia/Teatro de Amadores. *Diário da Noite*. Recife, 19 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

Uma volta pela caixa do palco. *Diário da Noite*. Recife, 19 de junho de 1947. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de junho de 1947. Notas de Arte. p. 12.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de junho de 1947. Telas e Palcos. p. 3.

Anúncio Teatro de Amadores/*Tinha de Acontecer... Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1947. p. 2.

Teatro de Amadores/"Contraponto"/A novidade do dia/Grupo Infantil de Comédias/Um espetáculo em homenagem ao ministro Clemente Mariani. *Diário da Noite*. Recife, 21 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de junho de 1947. Notas de Arte. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Carlos e Ana. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1947. Notas de Arte. p. 6.

Anúncio Teatro de Amadores/*Tinha de Acontecer... Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1947. p. 6.

Teatro de Amadores de Aliança/"Os Amigos do Teatro". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de junho de 1947. Teatro. p. 8.

A. L. F. [Andrade Lima Filho]. Tinha de Acontecer. *Diário da Noite*. Recife, 23 de junho de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Profissionais e amadores. *Diário da Noite*. Recife, 25 de junho de 1947. Artes e artistas. p. 4.

Parque de Diversões de Beberibe. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de julho de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

"Teatro Pernambucano". *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de julho de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de julho de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de julho de 1947. Notas de Arte. p. 9.

MELO, Mário. Recordação do "Jahú". *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de julho de 1947. Crônica da Cidade. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de julho de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro "Samuel Campelo". *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de julho de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Iniciara' suas atividades o Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de julho de 1947. Teatro. p. 6.

Circo Fekete. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de julho de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

J. G. Bom dia. *Diário da Manhã*. Recife, 27 de julho de 1947. No Mundo das Artes. p. 2.

Primeira representação do "Teatro Pernambucano"/Grupo de Amadores de Aliança. *Diário da Manhã*. Recife, 27 de julho de 1947. Teatro. p. 2.

Hoje, o espetaculo inicial do Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de julho de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de agosto de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Teatro Pernambucano/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de agosto de 1947. Teatro. p. 6.

Circo Nerino/Teatro do Estudante/Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante/Circo Nerino/Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de agosto de 1947. Teatro. p. 4.

Teatro Pernambucano. *Diario da Noite*. Recife, 16 de agosto de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de agosto de 1947. Notas de Arte. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

Teatro Pernambucano/Circo Nerino. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

A novidade do dia/Teatro Pernambucano. *Diario da Noite*. Recife, 23 de agosto de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de agosto de 1947. Teatro. p. 6.

Pão Duro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

Circo Nerino/Teatro Pernambucano/Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano/A novidade do dia. *Diario da Noite*. Recife, 26 de agosto de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

E. R. Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

Pão Duro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de agosto de 1947. Teatro. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. Que venham! *Diario da Noite*. Recife, 27 de agosto de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

"A Comédia do Coração"/Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de agosto de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Pernambucano/Circo Nerino/Teatro Beberibe. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de agosto de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano/Os intérpretes d'"A Comédia do Coração"/I – Geninha Sá. *Diario da Noite*. Recife, 30 de agosto de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Comédia do Coração*. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de agosto de 1947. p. 4.

Os intérpretes d'"A Comédia do Coração"/II – Snra. Maria de Lourdes de Oliveira/O espetáculo do dia 7. *Diario da Noite*. Recife, 1 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Os intérpretes d'"A Comédia do Coração"/III – Denise Albuquerque. *Diario da Noite*. Recife, 2 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Baby Cinema Sonoro. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/IV – Snra. Maria do Carmo Napoles de Carvalho/Teatro de Amadores. *Diario da Noite*. Recife, 3 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/V – Diná Rosa Borges de Oliveira. *Diario da Noite*. Recife, 4 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/VI – Alfredo de Oliveira/"A Comédia do Coração", novamente em cena. *Diario da Noite*. Recife, 5 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Circo Nerino/Cine Teatro "Samuel Campelo"/Festival da atriz Lourdes Monteiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/VII – Alderico Costa/Os "Amadores" em cena, amanhã. *Diario da Noite*. Recife, 6 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Inauguração hoje do Cine-Teatro Samuel Campelo. *Diário da Manhã*. Recife, 7 de setembro de 1947. p. 6.

Inauguração do Cine-Teatro "Samuel Campelo" em Jaboatão. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de setembro de 1947. p. 7.

Segunda récita da "A Comédia do Coração"/Festival de Lourdes Monteiro. *Diario da Noite*. Recife, 8 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Amanhã, 14a. representação da "A Comédia do Coração". *Diario da Noite*. Recife, 9 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

"A Comédia do Coração", pelo Teatro de Amadores. *Diario da Noite*. Recife, 9 de setembro de 1947. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Comédia do Coração*. *Diario da Noite*. Recife, 9 de setembro de 1947. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Comédia do Coração*. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de setembro de 1947. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 12.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/VIII – Adelmar de Oliveira. *Diario da Noite*. Recife, 10 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

"A Comédia do Coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Festival de Lourdes Monteiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Os intérpretes da "A Comédia do Coração"/IX – Walter de Oliveira. *Diario da Noite*. Recife, 11 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Estréia da Companhia Barreto Júnior/Festival de Lourdes Monteiro. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias/Teatro de Amadores/Festa de Lourdes Monteiro. *Diario da Noite*. Recife, 12 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

"A Comédia do Coração". *Diario da Noite*. Recife, 13 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

A Comedia do Coração/Companhia Nacional de Comedias Barreto Junior/"Teatro Pernambucano". *Diário da Manhã*. Recife, 14 de setembro de 1947. No Mundo das Artes/Teatro. p. 3.

Última representação da "A Comédia do Coração". *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 14.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Os Maridos Atacam de Madrugada*. *Diario da Noite*. Recife, 15 de setembro de 1947. p. 4.

Companhia Barreto Júnior/Circo Nerino. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Companhia Barreto Júnior. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Os Maridos Atacam de Madrugada*. *Diario da Noite*. Recife, 19 de setembro de 1947. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Aplausos que não podem ser negados. *Diario da Noite*. Recife, 20 de setembro de 1947. p. 4.

Teatro dos Comerciários/Companhias de Comédias Barreto Júnior. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Reunião estudantil, hoje, no Teatro Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 22 de setembro de 1947. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Os Maridos Atacam de Madrugada*. *Diario da Noite*. Recife, 22 de setembro de 1947. p. 6.

Pauta do Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 23 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 12.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de setembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 24 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Sintonização. *Diario da Noite*. Recife, 24 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Amadores. *Diario da Noite*. Recife, 26 de setembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*O Direito de Ser Feliz/Onde Estás, Felicidade?*. *Diario da Noite*. Recife, 26 de setembro de 1947. p. 4.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de setembro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

A semana da criança. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de setembro de 1947. p. 3.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/Teatro do Estudante/"As Mulheres Não Querem Almas". *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1947. Teatro. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*O Direito de Ser Feliz/Onde Estás, Felicidade?*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de outubro de 1947. p. 9.

Diversas. *Diario da Noite*. Recife, 2 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Escolar "Amaurí de Medeiros". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de outubro de 1947. Pela Instrução. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. Circo. *Diario da Noite*. Recife, 3 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Festival em beneficio da matriz de São José. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de outubro de 1947. Teatro. p. 4.

Cia. de Comedias Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro. *Diário* da Manhã. Recife, 5 de outubro de 1947. No Mundo das Artes/Cartaz do Dia. p. 4.

Grupo Escolar "José Maria". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de outubro de 1947. Pela Instrução. p. 6.

Teatro do Estudante/Espetáculo do Teatro Pernambucano, em Paulista. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Cia. Barreto Junior/Teatro do Estudante/Cine-Teatro de Paulista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

"As Mulheres Não Querem Almas"/Espetáculo do Teatro Pernambucano, em Paulista. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

A semana da criança no Grupo Escolar "Pedro Celso". Recife, 8 de outubro de 1947. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 12.

Anúncio Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*A Pensão de Dona Stela/O Marido N. 5*. *Diario da Noite*. Recife, 10 de outubro de 1947. p. 4.

Cine-Teatro Municipal de Paulista/Companhia Barreto Junior/Teatro Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Companhia de Comédias Barreto Júnior/"As Mulheres Não Querem Almas". *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 14.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*A Pensão de Dona Stela/Dia de Eleição*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1947. p. 15.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 14.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 10.

Cia. de Comedias Barreto Junior/ Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de outubro de 1947. Notas de Arte. p. 12.

Cartaz do dia/Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 17 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Dia de Eleição". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro Paroquial do Barro. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de outubro de 1947. Telas e Palcos. p. 4.

Anúncio Barreto Junior/*Dia de Eleição*. *Diario da Noite*. Recife, 18 de outubro de 1947. p. 4.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Anúncio Grande Circo Nerino/*Maria Joana ou Meu Filho Meu Filho*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1947. p. 9.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*Dia de Eleição*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1947. p. 9.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Desinterêsse. *Diario da Noite*. Recife, 25 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Diversas. *Diario da Noite*. Recife, 25 de outubro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Cia. Barreto Junior/Teatro de Bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de outubro de 1947. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Vicente Celestino. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de novembro de 1947. p. 8.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Pernambucano. *Diario da Noite*. Recife, 14 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

XI Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de novembro de 1947. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Os "Amadores". *Diario da Noite*. Recife, 17 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Festival Missionário. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Colégio Americano Batista. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1947. p. 6.

Grupo Cenico Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de novembro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1947. Notas de Arte. p. 12.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Infantil de Comédias. *Diario da Noite*. Recife, 22 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 7.

Flora Matos e Isaurinha Garcia, terça-feira, na Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1947. p. 9.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1947. Telas e Palcos. p. 2.

Cartaz do dia. *Diario da Noite*. Recife, 26 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Preventório "Bruno Veloso". *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1947. Pela Instrução. p. 2.

Na Casa do Estudante. *Diario da Noite*. Recife, 27 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro dos Bancarios/Concursos de frases sobre teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de novembro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro dos Bancários. *Diario da Noite*. Recife, 29 de novembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Estréia dos cômicos "Los Colegiales", na Festa da Mocidade/Na vesperal infantil de hoje, será apresentado o programa "Expresso Azul". *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de

novembro de 1947. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Espectros. *Diario da Noite*. Recife, 3 de dezembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. *Diario da Noite*. Recife, 4 de dezembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Circo Garcia/*Cumparsita*. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de dezembro de 1947. p. 4.

Sabatina sobre teatro/Teatro dos Bancarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

IX Festa da Mocidade. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de dezembro de 1947. p. 2.

Sabatina sobre radio-teatro/Concurso de frases/Espetaculo de Natal. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Festa da Mocidade. *Diário da Manhã*. Recife, 13 de dezembro de 1947. p. 8.

Sabatina sobre radio e teatro/Presepio de 1888. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Pascoal Carlos Magno no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Recepção a Pascoal Carlos Magno no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comédias/Companhia de Operetas Pedro Celestino/Orfeão Infantil Mexicano. *Diario da Noite*. Recife, 19 de dezembro de 1947. Artes e Artistas. p. 4.

Sabatina do T. E. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

XI Festa da Mocidade/O imitador Januário de Oliveira fará a sua primeira exibição, no dia 30. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1947. p. 3.

Sabatina/Concurso de frases/Concurso de peças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

Orfeão Infantil Mexicano. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1947. p. 16.

Sabatina. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1947. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1947. Notas de Arte. p. 7.

Festa da Mocidade. *Diário da Manhã*. Recife, 1 de janeiro de 1948. p. 4.

O nono aniversario do falecimento de Samuel Campelo. *Diário da Manhã*. Recife, 11 de janeiro de 1948. p. 1.

Teatro. *Diário da Manhã*. Recife, 17 de janeiro de 1948. No Mundo das Artes. p. 11.

O sucesso de "Ritmos e Canções". *Diário da Manhã*. Recife, 20 de janeiro de 1948. No Mundo das Artes. p. 8.

Um Beijo Na Face. *Diário da Manhã*. Recife, 3 de março de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Adacto e os Amadores. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de março de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 1 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

V. B. [Vanildo Bezerra]. Fundado o Teatro Universitário do Recife. *Diário da Manhã*. Recife, 2 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 2.

Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 2 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro Universitário. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 2 de abril de 1948. Fora de Cena. p. 5.

PANSA, Sancho. O Teatro Universitario do Recife. *Diário da Manhã*. Recife, 3 de abril de 1948. Homen,s Ideias e Fatos. p. 4.

Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 3 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

Os "Amadores reentram com "Planicie". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 3 de abril de 1948. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Hoje tem espetáculo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 3 de abril de 1948. Fora de Cena. p. 5.

G. H. "A Caravana da Alegria". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de abril de 1948. Teatro. p. 5.

A noite de hoje, no Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 16.

Teatro de Amadores/Conjunto Teatral Estudantil. *Diário da Manhã*. Recife, 4 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Planície. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de abril de 1948. Fora de Cena. p. 9.

LIMA FILHO, Andrade. "Tierra Baja" e a pequena Nuri. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 2 e 4.

BEZERRA, Vanildo. Os "Amadores" voltam a' ribalta. *Diário da Manhã*. Recife, 6 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

V. B. [Vanildo Bezerra] "Planície", Adacto e os Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 7 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Teatro de Amadores/Planície. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de abril de 1948. p. 10.

Teatro dos Universitários. *Diário da Manhã*. Recife, 7 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

3.ª récita de "Planície"/Teatro Universitário do Recife. *Diário da Manhã*. Recife, 8 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

"Sinos de Olinda". *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de abril de 1948. De Olinda/Teatro. p. 5.

"Planície" pelo Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

Teatro de Amadores. *Diário da Manhã*. Recife, 9 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 16.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Um teatro popular. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 27 de abril de 1948. Fora de Cena. p. 5.

"Planicie"/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diário da Manhã*. Recife, 28 de abril de 1948. No Mundo das Artes/Teatro. p. 4.

Homenagem ao Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de abril de 1948. Notas de Arte. p. 10.

A Casa de Rosmer. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de abril de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante. *Diário da Manhã*. Recife, 29 de abril de 1948. Notas de Arte/Teatro. p. 6.

"A Casa de Rosmer", pelo Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Amanhã, "A Casa de Rosmer", pelo Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 12.

Teatro do Estudante/Campanha do "Teatro ao Ar Livre", na Vila dos Industriários. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 4.

"Escola de Maridos"/"Planicie" outra vez. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. "A Casa de Rosmer" pelo T. E. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

"Escola de Maridos". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Mais dois espetáculos do Teatro de Amadores/Mais dois espetáculos do Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 10.

"A casa de Rosmer"/"Escola de Maridos", amanhã/"Planicie", hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Falta de teatros no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1948. Teatro. p. 2.

"Planicie", ontem/"Escola de Maridos", hoje/"A Casa de Rosmer", hoje e amanhã/"Teatro ao ar livre"/Homenagem a Eva Tudor. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1948. Teatro. p. 2.

Discussão sobre teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de maio de 1948. Teatro. p. 5.

ANDRADE, Carlos Luiz de. As duas estrelas. *Jornal Pequeno*. Recife, 10 de maio de 1948. Teatro-Musica-Cinema. p. 2.

Mais um espetáculo do Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Discussão sobre teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. No "Horto dos Oliveiras". *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

BELTRÃO, Luiz. Teatro Popular I. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 13 de maio de 1948. Em Dia Com o Povo. p. 3.

Teatro Universitario/Escola de Maridos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

"Escola de Maridos" voltara á cena, amanhã, pelos "Amadores"/"A Casa de Rosmer" para os soldados da Brigada. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 14 de maio de 1948. Belas Artes. p. 5.

BARROS, Regino. Uma opinião sôbre o Teatro do Estudante. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 14 de maio de 1948. Belas Artes. p. 5.

Hoje, novo espetaculo do T. E. P./Estreia do Teatro Universitario/Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

BELTRÃO, Luiz. Teatro Popular (Continuação). *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de maio de 1948. Em Dia Com o Povo. p. 3.

BORBA FILHO, Hermilo. "Amadores" e "Estudantes". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5

Mais uma vez, Molliere em cena. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de maio de 1948. p. 5

MELLO, Lordello de. O Teatro do Estudante, Ibsen e "A Casa de Rosmer". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de maio de 1948. p. 5.

FONSECA, Edson Nery da. "A Casa dos Romers" e o Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio 1948. p. 4 e 2.

HOLANDA, Guerra de. "Casa dos Romers". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio 1948. Teatro. p. 8.

Teatro ao ar livre. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de maio 1948. Teatro. p. 8.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Para o subúrbio. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5

GUIMARÃES, A. Fala o povo sôbre o TEP/Mais um depoimento sôbre "A Casa de Rosmer", de Ibsen. Recife, 18 de maio de 1948. p. 5

Teatro do Estudante/Festival de Luiz Maranhão. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de maio 1948. Teatro. p. 6.

LIMA FILHO, Andrade. Molière e os "Amadores". *Diario da Noite*. Recife, 20 de maio de 1948. Para o *Diario da Noite* Escreve. p. 3.

BORBA FILHO, Hermilo. Dois espetáculos. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 3.

SETTE, Mário. "Planície". *Diario da Noite*. Recife, 20 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Pirandello, pela primeira vez, no Recife/Os "Amadores" lançam um programa de três peças em 1 ato: "O Homem da Flor na Boca" – "O Azarento" – "As Laranjas da Sicília"/"As Férias de Apolo" para estréia do Teatro Universitário/ Como falam os novos amadores/"Escola de Maridos" volta à cena/Será domingo, em vesperal, no "Santa Isabel"/O sétimo aniversário do Grupo Infantil de Comédias. Recife, 20 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

GONDIM FILHO, Isaac. "Escola de Maridos" volta à cena, será domingo, em vesperal, no Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 20 de maio de 1948. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro – Arte do povo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Teatro, arte do povo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. p. 5.

Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de maio de 1948. Folha Nos Teatros. p. 5.

Teatro da Mocidade Evangélica/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Pirandelo no Recife/Teatro Universitario/Grupo Infantil de Comedias/União da Mocidade Presbiteriana/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de maio 1948. Teatro. p. 6.

"Estou de bem com o meu teatro"/Luiz Maranhão manda dizer a Hermilo que o seu "Teatrinho" vai sair – Um Treino para voltar á antiga forma/Em Casa Amarela, o 1.° espetáculo popular do TEP. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 22 de maio de 1948. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Subvenções. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 22 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de maio de 1948. Teatro. p. 5.

Escola de Maridos/Ferias de Apolo/Teatro dos Bancarios/ Teatro do Estudante/Homenagem a Luiz Carneiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de maio de 1948. Teatro. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. Festival de Luiz Maranhão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1948. Teatro. p. 3.

Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1948. Teatro. p. 3.

Anúncio Teatro de Amadores/*O Homem da Flor na Bôca*/*O Azarento*/*As Laranjas da Sicília*. *Diario da Noite*. Recife, 25 de maio de 1948. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 9.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 9.

HERVIN, Claude. Teatro Universitário/Sua primeira aparição, depois de amanhã, no Santa Isabel/Como nasceu "As Férias de Apolo". *Diario da Noite*. Recife, 26 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

VAREJÃO, Lucillo. "Planície" e "Escola de Maridos". *Diario da Noite*. Recife, 26 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Pirandello, em cena, no Santa Isabel/Teatro do Estudante/ Carbel estréia, mesmo, a 4 de junho/O Santa Isabel não dá para quem quer. *Diario da Noite*. Recife, 26 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*O Homem da Flor na Bôca*/*O Azarento*/*As Laranjas da Sicília*. *Diario da Noite*. Recife, 26 de maio de 1948. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. Pirandelo no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/"As Ferias de Apolo"/O Teatrinho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Estréia de um novo programa dos "Amadores"/Teatro do Estudante/Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 10.

De Hollywood para o palco do Teatro Santa Isabel/Fu-Manchú, em carne e osso, no Recife – Fretado todo um navio para trazer a sua bagagem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de maio de 1948. Teatro. p. 2.

Fu-Manchu no Recife. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

"As Ferias de Apolo"/Teatro do Estudante/Estréia de Carbel/Teatro dos Bancarios/Teatrinho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Festival promovido pela Escola "D. Bosco"/Diversões. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1948. Notícias do Interior/Cabo. p. 11.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 16.

Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 16.

M. Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Estréia, hoje, o "Teatro Universitáio"/Teatro de Amadores/Três espetáculos de despedida. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 28 de maio de 1948. Folha Nos Teatros. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Pirandello. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 28 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. Pirandello pelos "Amadores". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Estréia do Teatro Universitario/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de maio de 1948. Notas de Arte. p. 12.

Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de maio de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Estréia do Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de maio de 1948. Teatro. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. "As Férias de Apolo". *Diario da Noite*. Recife, 29 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Universitário/Conjunto Teatral Estudantil/Pirandello, novamente em cena. *Diario da Noite*. Recife, 29 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. As Férias de Apolo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 29 de maio de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Teatro de Amadores/Conjunto Teatral Estudantil/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de maio de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Ainda "As Ferias de Apolo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1948. Teatro. p. 8.

Teatro Universitario/Teatro de Amadores/Conjunto Teatral Estudantil/Teatro do Reservista/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1948. Teatro. p. 8.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Fun-Manchu. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1948. p. 13.

J. B. [Júlio Barbosa]. Ainda "As Ferias de Apolo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de maio de 1948. Teatro. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. "As Férias de Apolo". *Diario da Noite*. Recife, 31 de maio de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

O TUP atende á crítica/Cortes e alterações feitas na peça "As Férias de Apolo". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 31 de maio de 1948. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. "As Férias de Apolo". *Diario da Noite*. Recife, 1 de junho de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Amanhã, no Santa Isabel, despedida dos "Amadores"/A novidade do dia/Teatro Universitário/Fu-Manchú, sexta-feira, no Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 1 de junho de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Fu-Manchu e Sua Companhia de Mágicas e Maravilhas/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de junho de 1948. Telas e Palcos. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Uma Mulher Inteligente". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1948. Teatro. p. 5.

Teatro Universitario! A proposito do T.U.P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1948. Teatro. p. 5.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Homenagem a Adacto Filho/*Escola de Maridos*/*As Férias de Apolo*. *Diario da Noite*. Recife, 1 de junho de 1948. p. 5.

Empossou-se, ontem, o novo diretor da Escola de Belas Artes. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de junho de 1948. p. 7.

Teatro Universitário de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de junho de 1948. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Fu-Manchú/*O Dragão de Fogo*. *Diario da Noite*. Recife, 2 de junho de 1948. p. 2.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de junho de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Homenagem a Adacto Filho/*Escola de Maridos*/*As Férias de Apolo*. *Diario da Noite*. Recife, 2 de junho de 1948. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Melhorou muito! *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/O Teatrinho/Companhia Barreto Junior/Gremio Recifense de Comedias/Ziembinsky no Recife?/Grupo Infantil de Comedias/Carbel não vira' mais/"Escola de Maridos"/Fú Manchú no Recife/Conjunto Teatral Estudantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Fu-Manchú, amanhã, no Santa Isabel/Homenagem a Adcato Filho/A "tragédia" de ser um só o "Santa Isabel". *Diario da Noite*. Recife, 3 de junho de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

"A Casa de Rosmer", ontem, no "Rivolí"/Teatro ao ar livre na Vilas dos Industriários. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de junho de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. Saudação. *Diario da Noite*. Recife, 4 de junho de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. Exito retumbante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro dos Bancarios/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Estréia de Fú Manchú, hoje. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Fu-Manchú/*O Dragão de Fogo*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1948. p. 9.

M. Teatro Santa Isabel. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de junho de 1948. Telas e Palcos. p 2.

Teatro do Estudante/Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de junho de 1948. Telas e Palcos. p 2.

Nota oficial do Teatro do Estudante. *Diário da Manhã*. Recife, 5 de junho de 1948. Notas de Arte. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Barreto Junior/O Simpático Jeremias. *Diario da Noite*. Recife, 6 de junho de 1948. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. A estréia de Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Nota oficial do "Teatro do Estudante"/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Teatro dos Bancarios/Gremio Recifense de Comedias/O Teatrinho/Conjunto Teatral Estudantil/Fú Manchú no Recife/Companhia Barreto Junior/Cana Brava/Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Amparo ao teatro provinciano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1948. Teatro. p. 7.

Companhia Fú Manchú/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Noticias ligeiras/Em favor do Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de junho de 1948. Teatro. p. 7.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro para o povo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

O T. E. P. na Base Aérea/Companhia Fú Manchú/Gremio Recifense de Comedias/Correspondencia/Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. A critica e os criticos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

O T. E. P. hoje na Base Aérea/Teatro Universitario/Companhia Fú Manchú/O Teatrinho/Teatro dos Bancarios/Conjunto Teatral Estudantil/Grupo Infantil de Comedias/Ultima hora. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Febre de teatro. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 10 de junho de 1948. Fora de Cena. p. 4.

O T. U. P. na Base Aerea/Teatro Experimental/Teatro Universitario/"A Casa de Rosmer" no Rivolí. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Exemplos frisantes e opostos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario/Grupo Dramatico Israelita/Teatro Experimental/Teatro do Estudante/Companhia Barreto Junior/Viviani-Lyson Gaster/Teatro Mauricéia/Companhia Eva Tudor/O Teatrinho/Gremio Recifense de Comedias/Grupo Infantil de Comedias/Conjunto Teatral Estudantil/Teatro dos Bancarios/Companhia Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Anúncio Fú Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1948. p. 9.

Teatro Universitario/Teatro Experimental/Teatro dos Bancarios/Fú Manchú no Santa Isabel/Viajara' 2.ª feira. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

BRANDÃO, Roberto. Autores atores, diretores e casas: falta tudo ao Teatro Nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de junho de 1948. Suplemento do *Diario de Pernambuco*. p. 1 e 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. Movimento teatral intenso. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de junho de 1948. Notas de Arte. p. 16.

Conjunto Teatral Estudantil/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Teatro dos Bancarios/Teatro Mauricéia/Grupo Infantil de Comedias/Companhia Barreto Junior/Viviani-Lyson Gaster/Companhia Eva Tudor/Fú Manchú/Companhia Mesquitinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Junior/*Bombonzinho*. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de junho de 1948. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. Ausencia de teatros no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro Universitario/Companhia Barreto Junior/Fú-Manchú/Viajou no "Pedro I". *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Barreto Junior no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro dos Comerciarios/Teatro dos Bancarios/O Teatrinho/Companhia Barreto Junior/Viviani-Lyson Gaster/Fú-Manchú/Grupo Dramatico Israelita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Grupo Teatral Samuel Campelo/Teatro Pernambucano/Gremio Recifense de Comedias/Companhia Barreto Junior/Teatro Mauricéia/Companhia Mesquitinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de junho de 1948. Teatro. p. 7.

J. B. [Júlio Barbosa]. O teatro dos Bancarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias/Companhia Barreto Junior/Companhia Fú-Manchú/Teatro dos Bancarios/Conjunto Teatral Estudantil/Teatro Experimental. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Atriz Lenita Lopes/Companhia Barreto Junior/Companhia Fú-Manchú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de junho de 1948. Teatro. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*Bombonzinho*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de junho de 1948. p. 15.

Estréia, amanhã, no Santa Isabel, a Companhia Barreto Júnior. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 21 de junho de 1948. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. A subvenção dos Bancários. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 21 de junho de 1948. Fora de Cena. p. 4.

A estréia de hoje/Teatro do Estudante/Teatro Universitario/Gremio Recifense de Comedias/Teatro dos Bancarios/Teatrinho/Teatro Experimental/Grupo Dramatico Israelita/Teatro Mauricéia/Viviani-Lyson Gaster/Companhia Mesquitinha. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de junho de 1948. Teatro. p. 8.

J. B. [Júlio Barbosa]. A estréia de Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Gremio Recifense de Comedias/Teatro do Estudante/Teatro dos Bancarios/Conjunto Teatral Estudantil/Grupo Dramatico Israelita/Companhia Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Companhia Barreto Junior/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Teatro dos Bancarios/Gremio Recifense de Comedias/Teatro Experimental/Teatro dos Comerciarios/Conjunto Teatral Estudantil/Viviani-Lyson Gaster/Companhia Eva Tudor/Teatro Mauricéia/Grupo Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de junho de 1948. Teatro. p. 8.

BORBA FILHO, Hermilo. Peço a Palavra. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 26 de junho de 1948. Fora de Cena. p. 3.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Companhia Barreto Junior/Teatro do Estudante/Gremio Recifense de Comedias/Prugos teatrais recifenses. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1948. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*Bombonzinho*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1948. p. 9.

J. B. [Júlio Barbosa]. Firme, o Teatro do Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Companhia Barreto Junior/Viviani-Lyson Gaster/Companhia Mesquitinha/Palmeirim Silva/Companhia Eva Tudor/Gremio Recifense de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comedias Barreto Junior/*Bombonzinho*/*Acontece Que Eu Sou Ladrão*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de junho de 1948. p. 15.

J. B. [Júlio Barbosa]. Amparo ao teatro nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

A "premiere de hoje"/Teatro do Estudante/Teatro Universitario/Conjunto Teatral Estudantil/O Teatrinho/Teatro dos Bancarios/Teatro Experimental. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1948. De Olinda/Teatro. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. O movimento teatral em Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Companhia Barreto Junior/Teatro Universitario/Teatro do Estudante/Grupo Dramatico Israelita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1948. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Nacional de Comédias Barreto Junior/*Acontece Que Eu Sou Ladrão*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1948. p. 11.

Valdemar de Oliveira/Adacto Filho/Teatro Profissional/Teatro Amadorista/"Contraponto", em seu 8. número. *Diario da Noite*. Recife, 1 de julho de 1948. Artes e Artistas. p. 4.

Grupo Infantil de Comedias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de julho de 1948. Folha Nos Teatros. p. 7.

Anúncio Teatro de Santa Isabel/Companhia de Comedias Barreto Junior/*O Simpático Jeremias*. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de julho de 1948. p. 7.

Anúncio Teatro de santa Isabel/Companhia Barreto Júnior/*Sonho-(de)-Noiva*. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de julho de 1948. p. 5.

Anúncio Teatro de Santa Isabel/Lyson Gaster/*Não Há Sogra Igual a Minha*. *Diario da Noite*. Recife, 20 de julho de 1948. p. 5.

Anúncio Teatro de Santa Isabel/Lyson Gaster/*A Gilda do Gaspar*. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 6 de agosto de 1948. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Bonecos. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 6 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Festa Infantil promovida pelo "Rádio Jornal do Commercio"/Milhares de crianças pobres estarão amanhã, à tarde, no Parque de Santana. Jornal do Commercio. Recife, 14 de agosto de 1948. p. 10.

Haja Pau. Folha da Manhã. *Recife, 15 de agosto de 1948. 2ª Secção. p. 1*.

Anúncio Teatro de Santa Isabel/Mesquitinha e Seus Artistas/*O Pae de Minha Filha*. *Diario da Noite*. Recife, 16 de agosto de 1948. p. 5.

Sob a direção de Valter de Oliveira, os "Universitários" estarão, hoje, á noite, no Santa Isabel/Noticias diversas/Alejandro Casona. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de agosto de 1948. p. 8.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro Universitário. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 8.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro Universitário. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Muito bem, Mesquitinha. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 20 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de agosto de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Carta a Joel Pontes. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 27 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.

"É Proibido Suicidar-se Na Primavera", pelos Universitários, na próxima 2ª. feira/Inveja, hoje, pelo "Grupo Infantil

de Comedias"/Mesa Redonda de Teatro. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 27 de agosto de 1948. p. 5.

Hoje, á noite, no Santa Isabel, mais uma apresentação do Teatro Universitário/"É Proibido Suicidar-se Na Primavera" de Casona, para novos aplausos/Seja franco!/Noticias diversas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 30 de agosto de 1948. p. 5.

BORBA FILHO, Hermilo. Mesquitinha, intolerante. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 30 de agosto de 1948. Fora de Cena. p. 5.

MARANHÃO FILHO, Luiz. Carta a Hermilo Borba Filho. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 30 de agosto de 1948. p. 5.

Os "Estudantes" inauguraram, amanhã, a sua Barraca de Arte. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de setembro de 1948. p. 2.

Lançamento da Barraca do TEP/Hoje, á noite, no 13 de Maio, num grande espetáculo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de setembro de 1948. p. 1.

Teatro do Estudante/Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de setembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. A vitoria da Barraca. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.

MAGNO, Paschoal Carlos. "Cantam as Harpas do Sião". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de setembro de 1948. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de setembro de 1948. Notas de Arte. p. 14.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de setembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de setembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Cênico Estudantil/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Figuras. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante/Departamento Teatral do "Atletico"/Conjunto Teatral da Base. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Teatro do Estudante/Teatro de Marionetes. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 4.

Grupo Infantil de Comedias/Conjunto Teatral Estudantil/Teatro de Marionetes/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Marionetes/Gremio Recifense de Comedias/Conjunto Teatral da Base/Departamento Teatral do "Atletico". *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.

Revista Infantil/Matinal em benefício da Merenda Escolar. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Bonecos do Teatro de Marionetes. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1948. Segunda Seção. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1948. Notas de Arte. p. 10.

Teatro Universitário. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1948. Teatro. p. 6.

"No País do Sonho"/Departamento Teatral do "Atletico"/Gremio Recifense de Comedias/Conjunto Teatral da Base. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1948. Teatro. p. 9.

Recital artístico/Um espetáculo em favor da criança/Audição de piano. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1948. p. 9.

J. B. [Júlio Barbosa]. Três faltosos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Gremio Recifense de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de dezembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Teatral de Amadores/Grupo Cenico do Colegio Marista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

A estréia, hoje, de "A Casa de Bernarda Alba"/Somente personagens femenina no drama de Lorca. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de dezembro de 1948. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Louvação a Garcia Lorca. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de dezembro de 1948. Fora de Cena. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Dura Lex Sed Lex". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1948. Teatro. p. 9.

J. B. [Júlio Barbosa]. A Casa de Bernarda. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario/Grupo Teatral de Amadores/Teatro do Estudante/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. A Casa de Bernarda Alba. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 9 de dezembro de 1948. Fora de Cena. p. 5.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Casa de Bernarda Alba*. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 10 de dezembro de 1948. p. 2.

MACHMAN, Flora. "Bernarda". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 10 de dezembro de 1948. Chuva Miuda. p. 3.

Teatro do Estudante/Conjunto Teatral da Base Aérea. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1948. Notas de Arte. p. 12.

Teatro de Amadores/Grupo Infantil de Comedias/Teatro Universitario/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Grupo Infantis de Comedias/Conjunto Teatral da Base/Teatro Universitario/Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de dezembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Opinião de mulher. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Gremio Recifense de Comedias/Teatro de Amadores/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Notas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de dezembro de 1948. Fora de Cena. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1948. Notas de Arte. p. 14.

J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo da Base Aérea. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Amadores/Grupo Teatral de Amadores Ressunção. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Encerramento. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias/Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Domingo, a última apresentação, êste ano, do Grupo Infântil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de dezembro de 1948. p. 7.

J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Gremio Recifense de Comedias/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Figuras. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de dezembro de 1948. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Gremio Recifense de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Ladra". *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1948. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1948. Notas de Arte. p. 7.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 10.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 10.

Anúncio Rádio Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de janeiro de 1949. p. 16.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de janeiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

A novidade do dia/Domingo, a reentrada dos "Bancários". *Diario da Noite*. Recife, 4 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 12.

Abriu-se, o Santa Isabel, 293 vezes em 1948/A novidade do dia/O teatrólogo José Wanderley na terra. *Diario da Noite*. Recife, 7 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Presépio à moda dos fins do século XIX. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Encerra-se amanhã, a Festa da Mocidade. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de janeiro de 1949. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 16.

Anúncio Teatro de Amadores/A Casa de Bernarda Alba. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1949. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 12.

"A Casa de Bernarda Alba" novamente em cena. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 12.

O Teatro de Amadores e Pascoal Carlos Magno/As novidades do dia/Volta à cena "A casa de Bernarda Alba"/Hoje, a repetição de "A Sombra", de Nicodemi. *Diario da Noite*. Recife, 12 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Teatro de Amadores/*A Casa de Bernarda Alba*. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de janeiro de 1949. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Contribuição valiosa. *Diario da Noite*. Recife, 14 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 10.

A Casa de Bernarda Alba, domingo. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 10.

Teatro dos Bancários. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

"A Casa de Bernarda Alba", amanhã à noite. *Diario da Noite*. Recife, 15 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Última representação da "A Casa de Bernarda Alba". *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

"A Casa de Bernarda Alba". *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Anúncio Teatro de Amadores/A Casa de Bernarda Alba. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1949. p. 14.

Anúncio Rádio Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de janeiro de 1949. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Perspectivas. *Diario da Noite*. Recife, 18 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... I. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Vesperal de "A Casa de Bernarda Alba". *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... II. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 7.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 21 de janeiro de 1949. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Programa para 1949. *Diario da Noite*. Recife, 22 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Grupo Infantil de Comédias/A novidade do dia/A última récita da "A Casa de Bernarda Alba". *Diario da Noite*. Recife, 22 de janeiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Anúncio Boa Vista/Mesquitinha e Seus Artistas/*Uma Vez Na Vida*. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de janeiro de 1949. p. 12.

BORBA FILHO, Hermilo. Aluísio Magalhães. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 26 de janeiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Anúncio Boa Vista/Mesquitinha e Seus Artistas/*O Folgado*. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de janeiro de 1949. p. 10.

BORBA FILHO, Hermilo. Perspectivas para 1949. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 27 de janeiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Anúncio Boa Vista/Mesquitinha e Seus Artistas/*Herdeiro na Hora "H"*. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de janeiro de 1949. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de janeiro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

BORBA FILHO, Hermilo. Operetas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 28 de janeiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Anúncio Boa Vista/Mesquitinha e Seus Artistas/"*O Biriba*". *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de janeiro de 1949. p. 8.

MACHMAN, Flora. Othelo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 29 de janeiro de 1949. Chuva Miuda. p. 3.

Anúncio Boa Vista/Mesquitinha e Seus Artistas/"*O Biriba*". *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de janeiro de 1949. p. 10.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro de Emergência. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 3 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Teatro de Emergência II. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Teatro Espírita. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de fevereiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. O Teatro dos Bancários. *Diario da Noite*. Recife, 7 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Festival de Elpídio Câmara e Lourdes Monteiro. *Diario da Noite*. Recife, 7 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro Universitário. *Diario da Noite*. Recife, 8 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Henriette Morineau, no Recife. *Diario da Noite*. Recife, 8 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Duas grandes notícias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 9 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 7.

Anúncio Spadoni Real Circus. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de fevereiro de 1949. p. 10.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia Brasileira de Operetas Irmãos Celestino/*Frasquita*/*Mazurca Azul*. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de fevereiro de 1949. p. 10.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro do Estudante. *Diario da Noite*. Recife, 11 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Festival de Elpídio Câmara/Teatro Mauricéia/A novidade do dia/"Frasquita" e "A Duquesa do Bal Tabarien". *Diario da Noite*. Recife, 11 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Conjunto Teatral Castro Alves. *Diario da Noite*. Recife, 12 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Festival de Elpídio Câmara. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de fevereiro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. Conjunto Teatral Estudantil. *Diario da Noite*. Recife, 14 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Festival de Elpídio Câmara e Lourdes Monteiro. *Diario da Noite*. Recife, 14 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Elpídio Câmara. *Diario da Noite*. Recife, 15 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Festival. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de fevereiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

De um para outro teatro o Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de fevereiro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

BORBA FILHO, Hermilo. Elpídio Câmara. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 8.

Sessões passatempo, emtretenimentos, "shorts" teatrais no Teatro de Emergência/Barreto Júnior deixou de fazer castelos nas aguas do Capibaribe e vai dar teatro ao recifense pelo preço do cinema. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 8.

M. Teatro Santa Isabel/Companhia dos Celestinos. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de fevereiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Festival do ator Elpídio Câmara. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de fevereiro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro Infantil. *Diario da Noite*. Recife, 21 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Elpídio Câmara, mais uma vez, no Santa Isabel. *Diario da Noite*. Recife, 21 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

O. C. [Otávio Cavalcanti]. "Deus Lhe Pague". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 22 de fevereiro de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 4.

SALDANHA, Rivaldo Martins. Um esclarecimento. *Diario da Noite*. Recife, 25 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Epistolario/Fundados mais dois conjuntos, no Recife/Despedida da Companhia dos Irmãos Celestino. *Diario da Noite*. Recife, 25 de fevereiro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

"Os Artistas Unidos". *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Estréia, amanhã, de "Os Artistas Unidos". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de março de 1949. Notas de Arte. p. 12.

"Os Artistas Unidos". *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Um repertório. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Os Artistas Unidos/*Frenesi*/*O Casaco Encantado*. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de março de 1949. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Os Artistas Unidos/*Frenesi*. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de março de 1949. p. 16.

O. C. [Otávio Cavalcanti]. "Frenesi". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de março de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 6.

CAVALCANTI, Otávio. Sôbre Samuel Campelo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de março de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Frenesi. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 8 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Os Artistas Unidos/*O Pecado Original*/*O Casaco Encantado*. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de março de 1949. p. 10.

"Os Artistas Unidos"/"Sinos de Olinda". *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Algumas notícias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 10 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

"Os Artistas Unidos". *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de março de 1949. Notas de Arte. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. "O Casaco Encantado". *Diario da Noite*. Recife, 15 de março de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Continua "O Pecado Original"/Ziembinsky, em atividade. *Diario da Noite*. Recife, 15 de março de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de março de 1949. Notas de Arte. p. 7.

BORBA FILHO, Hermilo. Mêsa redonda. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 2.

MACHMAN, Flora. Mêsa redonda. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 16 de março de 1949. Espetáculos/Chuva Miuda. p. 3 e 6.

Comunicação do diretor do Teatro do Estudante de Pernambuco à imprensa. *Diario da Noite*. Recife, 17 de março de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Voltarão, domingo, á ribalta, as crianças do Grupo Infantil de Comédias/Noticias diversas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de março de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 9.

BORBA FILHO, Hermilo. O Casaco Encantado. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 17 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 9.

Agora só com "gaita". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de março de 1949. Espetáculos. p. 9.

BORBA FILHO, Hermilo. Um pedido, uma recusa. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 9.

Hoje, em premiére, "A Governanta"/Noticias diversas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 18 de março de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de março de 1949. Notas de Arte. p. 16.

BORBA FILHO, Hermilo. Um mecenas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 26 de março de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

"Os Artistas Unidos"/Grupo Teatral de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de março de 1949. Telas e Palcos. p. 2 e 9.

Elizabeth de Inglaterra/Artistas Unidos de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

"Fim de temporada"/"O Casaco Encantado". *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Noticiais teatrais do Rio. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de abril de 1949. Teatro. p. 6 e 8.

"Teatro dos Três". *Diario da Noite*. Recife, 9 de abril de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro Operario/Teatro do Estudante/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de abril de 1949. Teatro. p. 6 e 13.

J. B. [Júlio Barbosa]. Perseverança dos Bancarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores/Melpomene Pernambucana/Teatro do Estudante/Artistas Unidos de Pernambuco/Conferencia sobre teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. "À Margem da Vida". *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Ziembinsky fala do espetaculo de "nossa cidade". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de abril de 1949. Teatro. p. 3.

Conferencias sobre Edipo/O teatro e suas coisas/Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/"A Pedra no Lago"/"Sinos de Olinda"/Festival artistico infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Ziembinski. *Diario da Noite*. Recife, 25 de abril de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Amadores. *Diario da Noite*. Recife, 25 de abril de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Our Town". *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de abril de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Nossa Cidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Nossa Cidade. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 29 de abril de 1949. Fora de Cena. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Grover's Corner's. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de abril de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Os interesses de "Our Town". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores/Teatro de Emergencia/Conferencia/Teatro de Amadores/Teatro Operário/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

LIMA FILHO, Andrade. "Our Town" e meu vizinho na platéia. *Diario da Noite*. Recife, 2 de maio de 1949. Para o Diario da Noite Escreve. p. 3 e 7.

Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de maio de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

O tema de "Nossa Cidade". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Novidades dos Estudantes/Teatro para crianças/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. "Nossa Cidade", o êxito do momento. *Diario da Noite*. Recife, 4 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

ELLIOT, Berguedof. "Our Town". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Melpomene Pernambucana/"O Anel Magico"/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

Ainda "Nossa Cidade"/Melpomene Pernambucana/Teatro de Amadores/Teatro Operario do S. S. C. M./Teatro do Estudante/Gremio Recifense de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 14.

"Nossa Cidade", a preços populares/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 14.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

"Édipo-Rei", pelo Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Conversa com Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 11.

Teatro do Estudante/"Nossa Cidade", hoje em vesperal. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 11.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 9.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "Chanchadas". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Companhia Nacional de Comedias/Teatro de Amadores/Teatro Operario/"Edipo-Rei". *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

VASCONCELOS, Carlos. Teatro de Amadores/Nossa Cidade – peça em 3 atos de Thornton Widler. *Diario da Noite*. Recife, 12 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

"Édipo-Rei", a grande estréia de hoje – O Teatro do Estudante, no Teatro Santa Isabel/Ainda êste mês, nova peça do Teatro de Amadores/Bernard Shaw, pela primeira vez no Recife/Teatro Operário do S. S. C. M. *Diario da Noite*. Recife, 12 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "Édipo, o Rei". *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Teatro de Brinquedo/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro Operário. *Diario da Noite*. Recife, 14 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. A Tragedia Grega. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Com a palavra Barreto. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

ELLIOT, Berguedof. Edipo-Rei. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Operario/Teatro de Brinquedo/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. "Edipo-Rei". *Diario da Noite*. Recife, 16 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Os intérpretes de "Édipo Rei". *Diario da Noite*. Recife, 17 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Amadores/"Édipo-Rei", novamente em cena. *Diario da Noite*. Recife, 17 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "Gota D'Agua". *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Sesi/Teatro dos Bancarios/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 7.

LIMA FILHO, Andrade. Édipo-Rei. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de maio de 1949. p. 3.

MORAIS, Otávio. "Édipo-Rei" e a festa do Estudante. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de maio de 1949. Teatro. p. 5.

Uma peça de Bernard Shaw/"Pais e Filhos" – Pelo Teatro de Amadores. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de maio de 1949. Teatro. p. 5.

ELLIOT, Berguedof. Ainda "Edipo-Rei". *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

LIMA FILHO, Andrade. Teatro Operário. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1949. p. 3.

O novo original do Teatro de Amadores/"Pais e Filhos", de Bernard Shaw – Reminiscências de "Nossa Cidade"/Mais um aniversário do Grupo Infantil de Comédia. *Diario da Noite*. Recife, 19 de maio de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

O oitavo aniversário do "Grupo Infantil de Comédias"/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1949. Teatro. p. 5.

LOPES, Silvino. Teatro Operário. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de maio de 1949. De Vagar e Sempre. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 10.

Revista "Contraponto"/Movimento teatral/Ultimas representações de "Édipo-Rei". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

O Teatro do Estudante. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de maio de 1949. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 7.

Teatro Operário. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de maio de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Fala, Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro dos Bancarios/Leitura de uma peça de Ariano Suassuna. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

CARVALHO, A. Mosca de. O "Édipo-Rei" de Sófocles. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de maio de 1949. p. 7 e 10.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Um autor brasileiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Exposição de Eros Gonçalves. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Companhia de Revistas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 12.

JUREMA, Aderbal. "Édipo-Rei". *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de maio de 1949. Segunda Secção/Canto de Página. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Barreto e a "chanchada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 16.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro do Sesi. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de maio de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de maio de 1949. Notas de Arte. p. 7.

Artistas Unidos de Pernambuco/Festival de Luiz Maranhão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

"A Indesejavel", pelos Bancarios. *Folha da Manhã*. Recife, 2 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 12.

M. Teatro de Amadores/"Pais e Filhos". *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de junho de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Pais e Filhos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

O. C. [Otávio Cavalcanti]. Em grande exíbição, ontem, pelo Teatro de Amadores, a comédia "Pais e Filhos" de Bernard Shaw. *Folha da Manhã*. Recife, 4 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

Conjunto "Ars Artis"/Diretoria de Documentação e Cultura. *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Interpretes e cenarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Grupo Teatral de Amadores/Teatro para os detentos/Teatro para Afogados/"Esfinge"/Teatro de Amadores/Mayerber e seu teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Volta "Pais e Filhos" à cena. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 10.

CAMARA, Baltazar da. Edipo-Rei. *Folha da Manhã*. Recife, 5 de junho de 1949. p. 12 e 11.

Anúncio Teatro de Amadores/*Pais* e *Filhos*. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de junho de 1949. p. 16.

BORBA FILHO, Hermilo. Pais e Filhos. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 6 de junho de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 6.

MELO, José Laurênio de. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 6 de junho de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Enfim, o Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro da Base/Teatro Experimental/Teatro de Emergencia/Festival de Luiz Maranhão/Teatro dos Bancarios/Historia do Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. O teatro de Shaw. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Grupo Infantil de Comedias/Teatro Experimental/Teatro dos Bancarios/Curso de Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Os experimentais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 16.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro no Recife. *Diario de Pernambuco*. Recife, 10 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral de Amadores/Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de junho de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Voltará o T. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de junho de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro para rir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 7.

Hoje à noite, a 4a. récita de "Pais e Filhos", de Bernard Shaw. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 7.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Critica honesta. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Pernambucano/Teatro Operario/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

No Centro Educativo do Cordeiro o Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 15 de junho de 1949. p. 6.

"Pais e Filhos" volta ao cartaz/Curso sobre Teoria e Prática do Teatro. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 7.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. A Indesejavel. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 4.

Teatro de Amadores/Teatro Experimentar. *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. O elenco dos Bancarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

LOPES, Silvino. Bernard Shaw. *Folha da Manhã*. Recife, 17 de junho de 1949. De Vagar e Sempre. p. 16.

LIMA FILHO, Andrade. Pais e Filhos. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de junho de 1949. p. 3.

O. C. [Otávio Cavalcanti]. Os Bancários. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

Teatro de Revista/Teatro Pernambucano/Grupo Gente Nossa. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. O autor nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario/Teatro Pernambucano/Teatro Experimental/Teatro de Emergencia/Teatro dos Bancarios/Teatro de Revista/Curso de Historia do Teatro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Vesperal de "Pais e Filhos"/Curso de História de Teatro/Teatro Pré-Universitário/Teatro Experimental do Recife/Festa artística de Luiz Maranhão. *Folha da Manhã*. Recife, 19 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro-Escola. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro dos Bancarios/Teatro Musicado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Noticias da semana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 4.

Companhia de Comédias Mário Salaberry. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 4.

Reaparecimento do Teatro Pernambucano. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de junho de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

A. T. [Aristófanes Trindade]. Teatro Experimental/Um Pouco de Teatro. *Folha da Manhã*. Recife, 23 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

"Bombonzinho"/"Teatro Pernambucano"/Fundada, ontem, a "Associação dos Artistas e Cenotécnicos de Teatro". *Folha da Manhã*. Recife, 23 de junho de 1949. Teatro. p. 5.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "A Tempestade". *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Amadores/Teatro Pernambucano. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. A peça de Brasini. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Pernambucano/Festival de Luiz Maranhão/Teatro de Amadores/Teatro dos Bancarios/Teatro Experimental/Companhia Mario Salaberry/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Luiz Maranhão. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Recife teatral/Teatro Pernambucano/Teatro dos Bancarios/Teatro dos Amadores/Festival de Luiz Maranhão/Grupo Teatral de Amadores/Companhia Mario Salaberry/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 11.

Anúncio Teatro de Amadores/*Pais e Filhos*. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de junho de 1949. p. 14.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro de Revistas. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Experimental/Teatro dos Bancarios/Teatro Universitario/Teatro de Emergencia/Grupo Teatral de Amadores/Companhia Mario Salaberry. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

"Teoria e Prática de Teatro"/Companhia de Comédias Mário Salaberry. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de junho de 1949. Notas de Arte. p. 12.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro ou galinheiro. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de junho de 1949. Teatro. p. 6.

"A Tempestade". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Mario Sallaberry/*Quando Elas Querem*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de julho de 1949. p. 11.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Mario Sallaberry/*O Noivo de Luisa*. *Folha da Manhã*. Recife, 8 de julho de 1949. p. 7.

Teatro do Estudante/Teatro Universitario. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Santa Isabel/Companhia de Comedias Mario Sallaberry/*O Perfume de Minha Mulher*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de julho de 1949. p. 11.

J. B. [Júlio Barbosa]. Conversa com Waldemar. Diario de Pernambuco. Recife, 28 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

Waldemar Mendonça e seu teatro infantil/A. P. A. T. C. C. E. P./Festival de Lisboa/Companhia Mario Salaberry/Teatro Universitario/"Leilão da Felicidade"/Gremio Recifense de Comedias. Diario de Pernambuco. Recife, 28 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Não viajará mais. Diario de Pernambuco. Recife, 30 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

Nota oficial do Teatro do Estudante de Pernambuco/Teatro de Revista/Teatro de Emergencia/Companhia Mario Salaberry/Gremio Recifense de Comedias. Diario de Pernambuco. Recife, 30 de julho de 1949. Teatro. p. 6.

"Além do Horizonte". *Folha da Manhã*. Recife, 9 de agosto de 1945. Teatro. p. 5.

Estreará brevemente o "Teatro de Brinquedo" – O novo conjunto desta capital – "Na Côrte do Rei Bolão", de Luiz Maranhão Filho. *Folha da Manhã*. Recife, 11 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 7.

CAVALCANTI, Otávio. "Não deixe morrer o grêmio Samuel Campêlo; foi a palavra de órdem" *Folha da Manhã*. Recife, 14 de agosto de 1949. p. 5

"Além do Horizonte", pelo Teatro Universitário. *Folha da Manhã*. Recife, 18 de agosto de 1945. Teatro. p. 4.

Teatro Universitário. *Folha da Manhã*. Recife, 21 de agosto de 1945. p. 6.

Teatro Universitário/"Leilão de Felicidade"/Concurso de peças teatrais. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de agosto de 1945. Teatro. p. 5.

Grupo Infantil de Comédias. *Folha da Manhã*. Recife, 24 de agosto de 1950. Teatro, Rádio e Cinema. p. 12.

J. B. [Júlio Barbosa]. Espetaculo para rir. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de agosto de 1949. Teatro. p. 6.

"A Esquina Perigosa"/"Deus Lhe Pague" de novo/Teatro Universitario/"Fim de Jornada"/"Leilão da Felicidade"/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Um teatro pelo amor de Deus. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

Uma compreensão mais larga do teatro/O teatro amadorista é inimigo declarado e impiedoso do profissionalismo, afirma o ator Elpidio Camara no Santa Isabel/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. "...E podia continuar". *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Universitario/Teatro de Amadores/Teatro Musicado/Isaac Gondim Filho. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

"A Esquina Perigosa"/O diretor do S. N. T. no Recife/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. A primeira de ontem. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

LIMA FILHO, Andrade. Uma sátira de Priestley. *Diario da Noite*. Recife, 19 de setembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Volta à cena, "A Esquina Perigosa"/A visita do diretor do Serviço Nacional de Teatro. *Diario da Noite*. Recife, 19 de setembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro do Estudante de Pernambuco/"Amor", cartaz de estreai do Teatro de Emergencia/Volta a' cena "A Esquina Perigosa"/A visita do diretor do Serviço Nacional do Teatro. *Folha da Manhã*. Recife, 20 de setembro de 1949. Teatro. p. 5

O. C. [Otávio Cavalcanti]. "A Esquina Perigosa". *Folha da Manhã*. Recife, 20 de setembro de 1949. Teatro. p. 5

J. B. [Júlio Barbosa]. "A Esquina Perigosa". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

Resposta a Hermilo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

Visita do diretor do S. N. T./Não se realizou a mesa redonda/Resto do programa/Teatro Universitario/Teatro Pernambucano/Reinaldo de Oliveira/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Ultima reincarnação de Edipo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

SOUZA, Sotéro de. Fora da gravação. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

A visita do diretor do S. N. T./"Deus Lhe Pague...", hoje/"Leilão da Felicidade"/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de setembro de 1949. Teatro. p. 6 e 8.

J. B. [Júlio Barbosa]. Lembrete. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. O Teatro Nacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de setembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro no interior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

"Amor" no Emergencia/"Fim de Jornada" pelo T. U. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

A festa de hoje em Catende/Teatrinho de bonecos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro Musicado/Sessões Passatempo/Teatro Universitario/Teatro Escolar. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Infanto Juvenil da Melpomene. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1949. De Olinda. p. 5.

Teatro do Estudante/Teatro de Amadores/Teatro em Tegipio'. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Inauguração do Teatro de Emergencia/Grupo Teatral de Amadores/Natal do G.T.A. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. O fato da semana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Lenita Lopes fala sobre o Teatro de Emergencia "Almare"/Um pouco da vida de Lenita. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante/ Teatro Universitario/Teatro Musicado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de outubro de 1949. p. 15.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de outubro de 1949. p. 11.

Inauguração do Emergencia, hoje/Teatro do Derbi/Ibsen novamente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Afinal, o Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

"Amor", no Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de outubro de 1949. p. 13.

J. B. [Júlio Barbosa]. A Comedia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 16 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

"Amor", no Emergencia/Teatro Universitario/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de outubro de 1949. p. 15.

Teatro de Emergência/Teatro de Brinquedo. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de outubro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

N. "Amor", no Almare. *Jornal Pequeno*. Recife, 19 de outubro de 1949. Teatros e Cinemas. p. 4.

"A Hora da Tia". *Jornal Pequeno*. Recife, 19 de outubro de 1949. Teatros e Cinemas. p. 4.

Grupo Cenico Samuel Campelo/Teatro de Brinquedo/Concurso de Peças/Aniversario/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Aberto o Concurso de Peças Teatrais. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de outubro de 1949. p. 14.

Anúncio Rádio Jornal do Commercio. Recife, 20 de outubro de 1949. p. 5.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*Amor*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de outubro de 1949. p. 13.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "Amor". *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de outubro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro Universitario/Teatro de Brinquedo/Teatro Musicado/O Rei dos Maridos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro Musicado/Um telegrama de Catende. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

"Quando Despertarmos de Entre os Mortos"/Teatro de Amadores/Grupo Samuel Campelo/Entradas para estudantes secundarios. *Diario de Pernambuco*. Recife, 28 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro Infantil no Pio X. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1949. De Olinda. p. 5.

Teatro de Emergencia/Sessões "Vermouth"/Teatro Musicado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de outubro de 1949. Teatro. p. 6.

No Recife, Jorací Camargo/Teatro de Emergencia/Teatro Musicado/Teatro de Amadores em Natal/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de outubro de 1949. Teatro. p. 6 e 8.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Sessões "Vermouth". *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Teatral Estudantil. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de novembro de 1949. Noticias do Interior/Caruaru. p. 10.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Barreto Junior e Sua Companhia de Comedias/*O Rei dos Maridos*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 1 de novembro de 1949. p. 15.

A maior propaganda de teatro que já se fez, em todo o país. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de novembro de 1949. p. 16.

"Cidade Maravilhosa" no "Almare". *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergência Almare/Joracy Camargo e Hekel Tavares/*Cidade Maravilhosa*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de novembro de 1949. p. 11.

Anúncio Teatro de Emergência "Almare"/Juracy Camargo e Hekel Tavares/*Cidade Maravilhosa*. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de novembro de 1949. p. 12.

Teatro de Emergência/"Cidade Maravilhosa"/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro de Emergência "Almare"/Joracy Camargo e Haeckel Tavares/*Cidade Maravilhosa*. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de novembro de 1949. p. 2.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 5 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro de Revista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro Musicado/Festival de Joracy Camargo/Não houve espetaculo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 5 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Grupo Infantil de Comedias/Joracy na U. E. P. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Baby Cinema/Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Auditório Rádio Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de novembro de 1949. p. 4.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 9 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Teatro Musicado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 9 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 4.

Reabre-se o Teatro do Derbi/Sábado, 12, o Teatro Universitário, domingo, 13, o Teatro de Amadores/A temporada dos "Amadores" em Natal. *Diario da Noite*. Recife, 10 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Universitario/Teatro de Emergencia/Outro teatro no Recife/Teatro de Catende. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante/Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

"Acontece Que Eu Sou Bahiano"/Uma peça de Ibsen/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 12 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado/Teatro Universitario/Teatro de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 13 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 13.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 13.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de novembro de 1950. Notas de Arte. p. 8.

Teatro do Estudante de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Fim de Jornada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergência Almare/Companhia Nacional de Comédias Barreto Junior/*Acontece Que Eu Sou Baiano*. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de novembro de 1949. p. 18.

G. S. "Esquina Perigosa". *Diario da Tarde*. Recife, 16 de novembro de 1949. Pelas Artes. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 17 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 5.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Arte e imoralidade. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro Universitario/Grupo Teatral de Amadores/Teatro Musicado. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergência Almare/Companhia Barreto Junior/*Acontece Que Eu Sou Baiano*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de novembro de 1949. p. 13.

B. Duas magníficas novelas/Vamos ao teatro? Jornal do Commercio. Recife, 18 de novembro de 1949. Radiocultura. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Proximos lançamentos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência/Teatro Musicado/Teatro do Estudante/Grupo Teatral de Amadores/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Radio Jornal do Commercio/*Vamos ao Teatro*. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. p. 12.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... II. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 19 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Atualidade da Revista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Estréia de Luz Del Fuego/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 19 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência/Luz Del Fuego/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Ibsen novamente. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Luz Del Fuego/"O Mundo é Uma Bola"/Teatro do Estudante/"A Honra da Tia". *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... III. *Jornal do Commercio*. Recife, 20 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Gremio Dramatico/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

A peça de Sheriff. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Companhia Barreto Junior/*O Mundo é Uma Bola*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de novembro de 1949. p. 15.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Fim de Jornada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Luz Del Fuego/Teatro do Estudante/Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Visita, hoje, a cidade do Cabo, o Teatro de Amadores de Catende. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1949. Noticias do Interior. p. 9.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Companhia Barreto Junior/*O Mundo é Uma Bola*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de novembro de 1949. p. 15.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Os demais interpretes/Bonecos de Catende/Sua proxima exibição no "Clube Internacional do Recife"/Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante/"A Trovoada". *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de novembro de 1949. Notas de Arte. p. 16.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. Nova peça no Teatro do Dérbi. *Diario da Noite*. Recife, 25 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Luz Del Fuego. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Revista/A novidade do dia. *Diario da Noite*. Recife, 25 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante/Grupo Samuel Campelo/Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de novembro de 1949. Teatro. p. 8.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 26 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante/Teatro para o povo. *Diario da Noite*. Recife, 26 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. "O Mundo é Uma Bola". *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/George Boulanger/Clube Internacional/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Diario de Pernambuco*. Recife, 26 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

BORBA FILHO, Hermilo. Hoje tem espetáculo. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 26 de novembro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 7.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Diversos assuntos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de bonecos no Clube Internacional. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Almare/Barreto Junior/*O Mundo é Uma Bola*. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de novembro de 1949. p. 18.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

FILHO, Isaac Gondim. Com o Grupo Infantil de Comédias. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de novembro de 1950. De Teatro. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Um grande espetaculo. *Diario da Noite*. Recife, 28 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Emergência Almare/Teatro do Estudante/Homenagem a Ziembinski. *Diario da Noite*. Recife, 28 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

"A Honra da Tia"/Teatro do Estudante. *Jornal Pequeno*. Recife, 29 de novembro de 1949. Teatros e Cinemas. p. 4.

BORBA FILHO, Hermilo. Diversas. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 29 de novembro de 1949. Espetáculos/Fora de Cena. p. 4.

Grupo Cênico Samuel Campelo/"O Mundo é Uma Bola". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 29 de novembro de 1949. Espetáculos. p. 4.

W. [Valdemar de Oliveira]. Ibsen, no Teatro do Dérbi. *Diario da Noite*. Recife, 29 de novembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

L. M. F. [Luiz Maranhão Filho]. Mais assuntos. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante/Grupo Teatral de Amadores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de novembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Almare/Barreto Junior/*O Mundo é Uma Bola*. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de novembro de 1949. p. 14.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro do Dérbi/Homenagem a Ziembinski/*Macário*/*Em Viagem*/*Capricho*/*Desejo*. *Diario da Noite*. Recife, 30 de novembro de 1949. p. 2.

Teatro Centrista/Teatro do Estudante de Pernambuco. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 30 de novembro de 1949. Espetáculos/Teatro. p. 4.

Grupo Cênico Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de novembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

Natal das crianças pobres dos Centros Educativos Operários. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de novembro de 1949. Desportos. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 1 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Um grande espetáculo, no Teatro do Dérbi/O Teatro de Amadores e o Teatro Universitário homenageiam Ziembinski – Três peças em um acto e o monólogo de "Desejo"/Mais uma vez, "Fim de Jornada"/Em benefício do Hospital Evangélico/Grupo Cênico Samuel Campêlo. *Diário da Noite*. Recife, 1 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

J. M. Teatro Infantil. *Diário da Noite*. Recife, 1 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

Teatro Infanto-Juvenil/Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

Zbigniew Ziembinsky/Grupo Cenico Samuel Campelo/Ibsen para os estudantes/Despedida de Ziembinsky. *Diario de Pernambuco*. Recife, 2 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 2 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 7.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro do Estudante de Pernambuco/"O Rei dos Maridos"/Teatro de Emergencia/Teatro Centrista. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6 e 8.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 3 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 12.

Teatro de Marionetes "Monteiro Lobato". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de dezembro de 1949. Suplemento do *Diario de Pernambuco*. p. 2.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 4 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

"O Marido N°. 5" e "O Rei dos Maridos", no Teatro "Almare". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de dezembro de 1949. Espetáculos. p. 4.

"O Almare". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 5 de dezembro de 1949. Com a Bôca No Mundo. p. 5.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 6 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Companhia de Comedias Barreto Junior/*O Marido N. 5*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 6 de dezembro de 1949. p. 15.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Invadido o Teatro de Emergencia/"Papai Noel", a próxima peça do Grupo Infantil de Comédia no Cordeiro. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de dezembro de 1949. p. 4.

O. C. [Otávio Cavalcanti]. "O Marido N°. 5". *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 7 de dezembro de 1949. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Currente Calamo". *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/Teatro do Estudante/Teatro de Amadores/A peça de Ibsen. *Diario de Pernambuco*. Recife, 7 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Almare/Cia. Barreto Junior/*O Marido N° 5*. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de dezembro de 1949. p. 14.

Teatro de Amadores. *Jornal do Commercio*. Recife, 7 de dezembro de 1949. Registro. p. 16.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro Infantil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

Anúncio Palco-Auditório do Rádio Jornal do Commercio/*Rapsodia Universal*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de dezembro de 1949. p. 5.

Homenagem a Ziembinsky/Teatro do Estudante/Grupo Infantil de Comedias. *Diario de Pernambuco*. Recife, 8 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro do Dérbi/Homenagem a Ziembinski/*Macário*/*Em Viagem*/*Capricho*/*Desejo*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de dezembro de 1949. p. 10.

Anúncio Teatro Almare/Cia. Barreto Junior/*O Marido N° 5*. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 de dezembro de 1949. p. 11.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 10 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Papai Noel no Cordeiro. *Diário da Noite*. Recife, 10 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 4.

Teatro de Emergência/Teatro do Estudante. *Jornal do Commercio*. Recife, 11 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro em Caruarú. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia/"Carlota Joaquina"/Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 11 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

CÂMARA, Baltazar da. Como se faz a Escola de Belas-Artes de Pernambuco. *Jornal do Commercio*. Recife, 12 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 9 e 10.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 13 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 14 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Grupo Cênico Samuel Campelo. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

"Carlota Joaquina"/Despede-se Ziembinsky/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 14 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 15 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Sociedade de Criticos Teatrais. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro do Estudante. *Diario de Pernambuco*. Recife, 15 de dezembro de 1949. Teatro. p. 8.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Natal das crianças. *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1949. Notas avulsas. p. 3.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 16 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Teatro do Estudante de Pernambuco/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 17 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Contraponto. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. Segunda Seção. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Carlota Joaquina" no Teatro de Emergencia "Almare"/Confecção do guarda-roupa/Os preços de entrada/Os quadros da peça/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Eleições no Teatro Universitário/Domingo, no Dérbi. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 8.

Anúncio Teatro de Emergencia Almare/Companhia de Comedias Barreto Junior/*Os Maridos Atacam de Madrugada*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 18 de dezembro de 1949. p. 15.

Anúncio Auditório Rádio Jornal do Commercio. *Jornal do Commercio*. Recife, 18 de dezembro de 1949. p. 16.

J. B. [Júlio Barbosa]. O velho Fagundes. *Diario de Pernambuco*. Recife, 20 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Almare/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Carlota Joaquina*. *Diário da Noite*. Recife, 20 de dezembro de 1949. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 21 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. Os melhores de 49. *Diario de Pernambuco*. Recife, 21 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

"Carlota Joaquina" hoje no Almare. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Almare/Companhia Nacional de Comedias Barreto Junior/*Carlota Joaquina*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 22 de dezembro de 1949. p. 13.

Natal e Ano Bom/No Centro Diversional da Mangabeira. *Jornal do Commercio*. Recife, 22 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 14.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 23 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Teatro para crianças. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 23 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

"Capricho". *Diário da Noite*. Recife, 23 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 24 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro infanto-juvenil. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

J. B. [Júlio Barbosa]. "Carlota Joaquina". *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

"Capricho"/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 24 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência. *Diário da Noite*. Recife, 24 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 25 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Anúncio Teatro Almare/Companhia Nacional de Comédias Barreto Júnior/*Carlota Joaquina*. *Jornal do Commercio*. Recife, 25 de dezembro de 1949. p. 16.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

J. B. [Júlio Barbosa]. Os espetaculos de 49. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

SILVEIRA, C. Um bom presente de Natal à plateia pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

O sucesso de "Carlota Joaquina". *Diario de Pernambuco*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. Teatro infantil e teatro de revista. *Diário da Noite*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Artes e Artistas. p. 6.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 27 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 28 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 29 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Melpomene Pernambucana. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1949. De Olinda/Teatro. p. 5.

SILVEIRA, C. Uma sugestão a Barreto Junior. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 29 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

BORBA FILHO, Hermilo. Melhoria de repertório. *Folha da Manhã – Edição Vespertina*. Recife, 30 de dezembro de 1949. Espetáculos. p. 4.

J. B. [Júlio Barbosa]. Os melhores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

"Samuel Campelo"/Teatro de Emergencia. *Diario de Pernambuco*. Recife, 30 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

Campanha Pernambucana Pró-Infância. *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1949. p. 8.

W. [Valdemar de Oliveira]. A propósito... *Jornal do Commercio*. Recife, 30 de dezembro de 1949. Notas de Arte. p. 14.

Teatro de Emergência. *Jornal do Commercio*. Recife, 31 de dezembro de 1949. Telas e Palcos. p. 2.

Anúncio Teatro Almare/Cia. Barreto Junior/*Carlota Joaquina*. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1949. p. 11.

J. B. [Júlio Barbosa]. II/Os melhores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 31 de dezembro de 1949. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. Ainda os melhores. *Diario de Pernambuco*. Recife, 3 de janeiro de 1950. Teatro. p. 6.

J. B. [Júlio Barbosa]. "João Banana". *Diario de Pernambuco*. Recife, 4 de janeiro de 1950. Teatro. p. 6.

Do mesmo autor, Leidson Ferraz:

Memórias da Cena Pernambucana – 01. Em parceria com Rodrigo Dourado e Wellington Júnior (Org.). Recife: edição dos organizadores/FUNCULTURA, 2004.

Memórias da Cena Pernambucana – 02. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2005.

Memórias da Cena Pernambucana – 03. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2006.

Memórias da Cena Pernambucana – 04. Recife: edição do organizador/FUNCULTURA, 2008.

Teatro Para Crianças no Recife – 60 Anos de História no Século XX. Recife: edição do autor/FUNCULTURA, 2013.

Panorama do Teatro Para Crianças em Pernambuco (2000-2010). Recife: edição do autor/FUNCULTURA, 2015.

Teatro Tem Programa! (projeto de salvaguarda de programas de espetáculos do Recife e Olinda no século XX – a concluir em 2016).

O Teatro Em Preto e Branco nas Memórias da Cena Pernambucana (projeto de salvaguarda de fotos P/B de espetáculos do Recife e Olinda no século XX – a concluir em 2016).

O Teatro no Recife dos Anos 50 – Tentativas de Reafirmação da Modernidade (pesquisa – a concluir em 2016).